



REVISTA DO MUSEU PAULISTA

(SÃO PAULO)

1937

v.21

S A Í D A

ENTRADA

12/1004 Manoel Dias de Mattos 25/5/1941

REVISTA DO MUSEU PAULISTA

(SÃO PAULO)

1937

v.21









REVISTA

DE SAO PAULO

1950

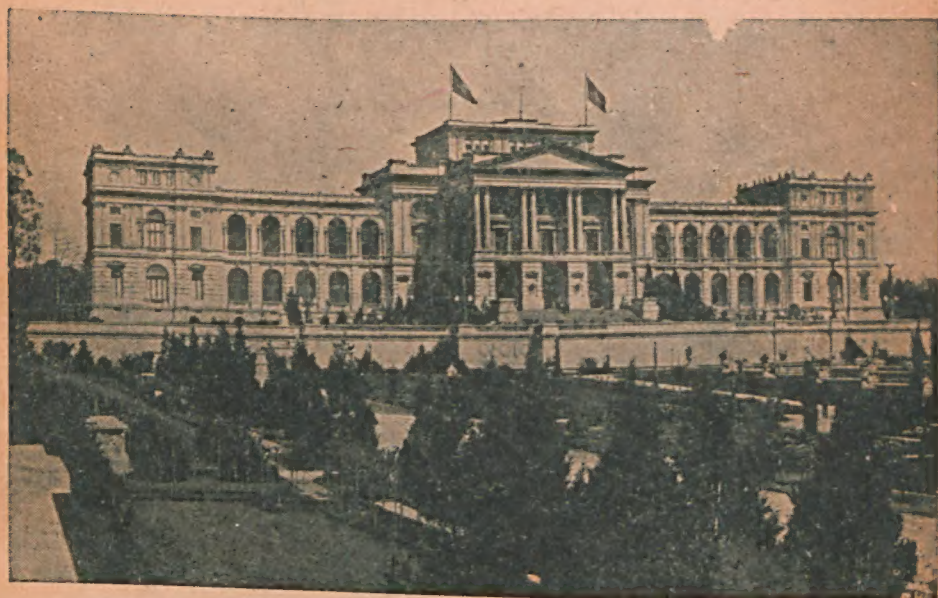




UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

REVISTA
DO
MUSEU PAULISTA

TOMO XXI - 2042



1937
IMPrensa OFFICIAL DO ESTADO
SÃO PAULO



UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

REVISTA
DO
MUSEU PAULISTA

TOMO XXI

2042



1937
IMPrensa OFFICIAL DO ESTADO
SÃO PAULO

ATZINER

ATZINER J. SUM

1911-1912



Pags.

MORAES REGO, Luiz Flores de.

Notas sobre a Geologia do Estado do Maranhão

1— 30

(13-III-1935) (1)

TAUNAY, Affonso de E.

In Memoriam: Hermann Luederwaldt....

31— 48

(13-III-1935)

AYROSA, Plinio.

O Caderno da Lingua ou Vocabulario Português-Tupi, de Frei João de Arronches

49— 322

(21-XII-1935)

OLIVEIRA-CHINA, José B. d'

Os Ciganos do Brasil

323—670

(6-VII-1936)

CAMARGO-ANDRADE, Carlos Amadeu.

Índice das formas novas e novos nomes técnicos vindos a lume na "Revista" e nas outras publicações do Museu Paulista desde sua fundação até Junho de 1936.....

671— 838

(4-IX-1936)

(1) A data que leva cada artigo, corresponde a impressão da respectiva separata.

SOUZA-LOPES, H. de.

- Sobre alguns paratipos de Sarcophagidae, Conservados no Museu Paulista (Dipt.)..* 839— 862
(4-IX-1936)

GUILHERME, Barão de Eschwege.

- Diario de uma viagem do Rio de Janeiro a Villa Rica, na Capitania de Minas Geraes, não anno de 1811* (Tradução da Exma. Snra. D. Lucia Furquim Lahmeyer, Bibliothecaria do Instituto Histórico Brasileiro. 863— 902
(3-XI-1936)

MARCUS, Dr. Ernst.

- Um Onychophoro novo, Peripatus (Epipe-ripatus) evelinae spc. nov., de Goyaz....* 903— 910
(16-I-1937)

TAUNAY, Affonso de E.

- Monstros e monstrengos do Brasil.....* 911—1048
(12-II-1937)

TAUNAY, Affonso de E.

- Um amigo do Museu Paulista, Dr. Alberto Penteado (1872-1934)* 1049—1056
(12-II-1937)

TAUNAY, Affonso de E.

- João Leonardo de Lima, Naturalista do Museu Paulista (1874-1935)* 1057—1062
(12-II-1937)

P R E F A C I O

Entregando ao publico o tomo XXI da *Revista do Museu Paulista* venho realizar a grata resenha das materias contidas no decimo terceiro volume da serie do velho orgão do Museu que me coube o prazer de redigir e apresentar, de 1917 a esta data

O nosso provecto e erudito collaborador Prof. Dr. Luiz Flores de Moraes Rego, de que ainda ha pouco publicámos bella monographia sobre o Rio de S. Francisco reaparece em nossas paginas com umas *Notas sobre a geologia do Estado do Maranhão* nova contribuição de sua grande e prestigiosa bibliographia geologica e sciencia das cousas brasileiras.

O Snr. Prof. Plinio Ayrosa, com a mestria com que versa os assumptos de sua especialidade, publica extensos e valiosos commentarios sobre um velho vocabulário da lingua geral de lavra do missionario setecentista Fr. João de Afonches.

Extensa memória, referta de erudição, e reveladora de tão aturado quanto consciencioso trabalho é a do Sr. Oliveira China, fructo de longos annos de estudo: *Os ciganos do Brasil*, a que tivemos a honra de prefaciár. Esclarece numerosos assumptos de ethnographia, linguistica dialectica de folk-loré brasileiro ainda pouco ventilados.

Dos provectos zoologos Snrs. Prof. Dr. Ernest Marcus e Dr. H. de Souza Lbpes occorrem em nosso volume duas pe-

quenas monographias sobre assumptos attinentes aos grupos zoologicos de sua predilecção.

Além desta collaboração de cientistas e especialistas, extranhos ao pessoal do Museu, ha a notar o longo, attento e meticoloso *Indice das formas novas e novos nomes technicos vindos a lume na Revista do Museu Paulista e nas outras publicações do Museu Paulista, desde sua fundação até junho de 1936*, da autoria do Snr. Carlos A. de Camargo Andrade, o zeloso naturalista colleccionador do nosso Estabelecimento.

E' uma resenha que, pelo volume das indicações deixa patente a valia da contribuição scientifica do Museu Paulista e a sua publicação merece vivos applausos pela iniciativa e o esculpulo de sua factura.

Da Exma. Snra. D. Lucia Furquim Lahmeyer, digna bibliothecaria do Instituto Historico Brasileiro, insere-se excellente versão de uma das monographias jámais traduzidas, do illustre Eschwege, em seu precioso *Journal von Brasilien*. E' mais uma prova da erudição linguistica da digna traductora das viagens de Spix e Martius e de *Historia de Handelman*.

Do signatario destas linhas imprimiram-se singelos e sinceros artigos consagrados á memoria dos Snrs. Hermann Luederwaldt, antigo assistente do Museu, Dr. Alberto Penteado, generoso e illustrado doador da bibliotheca do Estabelecimento e João Leonardo de Lima, naturalista e preparador do Museu.

Da mesma lavra é uma monographia: *Monstros e monstrenhos do Brasil*, continuação de outra já publicada pela Companhia Melhoramento de São Paulo: *Zoologia phantastica do Brasil*.

Antes de terminar esta apresentação do volume que agora

VII

o Museu edita cabe-me agradecer ao Snr. Carlos A. Camargo Andrade o desvelo com que acompanhou a factura do tomo.

Assim tambem aos Exmos. Snrs. Dr. Maercio P. Munhoz, J. B. de Oliveira China, dignos directores em commissão, da Imprensa Official, ao Snr. A. de Andrade Netto, João Guilherme Pauli, dignos chefes das officinas de impressão e encadernação de obras o empenho com que procuraram servir o Museu Paulista e o fizeram com tanto serviçalismo.

Affonso de E. Taunay,
Director do Museu Paulista

S. Paulo, 29 de abril de 1937.



o Museu com o intuito de estabelecer no S. Paulo
desse o com que se compoem a fabrica do tombo.

Em 2 de Maio de 1871, o Sr. A. de

Igreja de S. Paulo, ao Sr. A. de

para o com o intuito de estabelecer no S. Paulo

Igreja de S. Paulo, ao Sr. A. de

Affonso de
Diretor do Museu Paulista

1.º de abril de 1871

LUIZ FLORES DE MORAES RÊGO

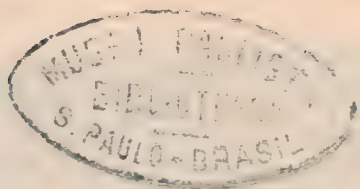
NOTAS SOBRE A GEOLOGIA DO
ESTADO DO MARANHÃO



LUIZ FLORES DE MORAES RÉGO

ALVARO DE MORAES RÉGO
ALVARO DE MORAES RÉGO





NOTAS SOBRE A GEOLOGIA DO ESTADO DO MARANHÃO

LUIZ FLORES DE MORAES RÊGO

A geologia do Maranhão é, sem duvida, uma das mais interessantes do norte do nosso Paiz. Não só numerosas formações sedimentares têm nesse Estado desenvolvimento notavel como também ahi se encontra o élo, de um lado entre as formações do nordeste do paiz e as da Amazonia e de outro entre estas e as do centro do Brasil.

As primeiras notas scientificas sobre a geologia do Maranhão são devidas aos sabios naturalistas Martius e Spix e ao viajante inglez Wells que, pelo interior do Paiz, attingiu o extremo sul do Estado, atravessando-o até o littoral.

O conde de Castelnau, em sua grande viagem pela America do Sul, tocou terras maranhenses, á margem do Tocantins.

Varias investigações têm sido feitas a proposito das minas de ouro do norte do Maranhão; entretanto, sobre o assumpto, só foi publicado um trabalho.

Burlamaqui trata dos mineraes do Estado em geral e do encontro de ossadas fosseis na ilha de S. Luiz.

Os primeiros trabalhos modernos sobre a geologia do interior são devidos ao Dr. Arrojado Lisboa que, numa grande viagem iniciada no Pará e terminada no Ceará, perlustrou quasi todo sertão do Estado. Teve então esse geologo oportunidade para derimir questões importantissimas taes como a das rochas onde ocorrem os troncos silicificados; estabeleceu uma discriminação das formações do Estado. Posto que, actualmente, sejamos obrigados a introduzir na columna geologica do Maranhão modificações importantes, é de toda a justiça dizer que, são devidas ao Dr. Arrojado Lisboa as bases dos conhecimentos sobre a geologia maranhense.

Outra contribuição importante é devida ao Dr. Gonzaga de Campos, que estudou a bacia do rio Itapicurú e fez algumas excursões no valle do Parnahyba. Infelizmente não foi publicado o relatório de taes trabalhos, cujos resultados mais importantes foram condensados por seu autor na nota inserida como "addendum" á obra da Dra. Carlota Maury sobre os fosseis terciários do Brasil.

Mais modernamente, o Dr. Antonio Dias, commissioned pelo Governo Estadual, realizou uma longa excursão pelo interior maranhense, tendo especialmente em vista a geologia; o seu relatório foi publicado com o titulo "O Sertão Maranhense".

Diversos paleobotanicos têm estudado as plantas fosseis do Maranhão: Brogniart, Zeiller, Solms-Laubach e Pelourde. A Dra. Carlota Maury estudou alguns fosseis terciários do Estado.

No desempenho de commissões do Serviço Geologico e Mineralogico do Brasil, temos percorrido, em diversas viagens, quasi todo o Estado do Maranhão.

Dos nossos e dos trabalhos anteriores, concluimos uma discriminação das formações geologicas que nos parece completamente de accôrdo com os phenomenos. Procuramos estabelecer a chronologia mediante dados paleontologicos, correlações com as formações de outras regiões do Brasil e considerações de ordem geral.

Já nos é possivel representar com relativa fidelidade em quasi todo o Estado a distribuição horizontal das unidades assim estabelecidas.

Taes resultados temos exposto parcelladamente em differentes relatorios apresentados ao Serviço Geologico. Folgamos agora em poder, graças á gentileza do sr. Dr. Affonso de Taunay, publicar as notas que se seguem, em que tentamos descrever, em conjuncto, porém, de maneira resumida, a geologia do Maranhão.

Aproveitamos a oportunidade para, publicamente, encarecer o interesse que têm tomado pelo desenvolvimento dos estudos geologicos e o conhecimento dos recursos mineraes do Estado, eminentes personalidades, taes como: o fallecido Dr. Urbano dos Santos, o Cte. Magalhães de Almeida e o Dr. Araujo Castro. Agradecemos-lhes o prestimoso apoio que nos prestaram, agradecimentos que estendemos a innumeradas pessoas do interior do Estado, entre as quaes pedimos venia para destacar os srs. coroneis Nava e Figueira, da Barra do Corda.

Não são abundantes os documentos cartographicos de valor sobre o Maranhão. O engenheiro Dodt executou levantamentos bastante rigorosos de grande numero de rios. Castelnau, no seu

relatório, publicou o levantamento do trecho do Tocantins que interessa o Maranhão. Modernamente, as contribuições mais valiosas são os levantamentos do Dr. Arrojado Lisboa, da E. F. S. Luiz a Therezina, do Dr. Gonzaga de Campos e do Dr. Palhano de Jesus. De nosso lado, não deixamos de levantar todos os nossos itinerários. Como mappas de conjunto, citaremos: o da Inspectoria de Estradas de Ferro, a Carta Geral do Brasil de 1922 e o mappa do Dr. Abranches.

ARCHEANO

São escassamente representadas no Estado do Maranhão as rochas do complexo archeano do Brasil.

Perto da estação de Rosario, da E. F. S. Luiz a Therezina, á margem do rio Itapicurú, ha um affloramento de gneiss a biotita, com o aspecto classico dos gneiss do complexo brasileiro; emerge do quaternario, formando uma pedreira, que tem sido aproveitada.

No valle do rio Munim, encontra-se uma rocha eruptiva leucocrática que parece um syenito. Essa rocha possivelmente pertence ao complexo archeano, podendo, porém, ser mais moderna.

Nos valles dos rios do norte do Estado, encontram-se, relacionados com as rochas de uma série antiga, granitos e gneiss. Assim, notadamente, no rio Gurupy. Á vista do que observamos na formação analoga do rio Tocantins, consideramos alguns granitos paleozoicos. Quanto aos gneiss, é possível que alguns não sejam mais do que granitos laminados, ao passo que, outros podem pertencer ao complexo archeano, tendo penetrado, em cunha na série paleozoica que se lhes sobrepõe, por ocasião dos intensos movimentos.

Wells referiu a existencia de um ilhote de rochas crystallinas, perto da cidade de Grajahú, rochas que Branner colloca no archeano. Não conhecemos pessoalmente esses afloramentos que, segundo informações do Dr. Antonio Dias, são de schistos crystallinos, possivelmente pertencentes á série que descrevemos em seguida.

SÉRIE DO TOCANTINS

Nos valles dos rios do norte do Estado, taes como o Gurupy, o Maracassumé e o Tury-Assú, apresenta-se um conjuncto de rochas muito perturbadas, em que dominam phyllitos de cor verde escura.

Comquanto tal formação ainda não tenha sido estudada devidamente na região, pelo que sabemos, é quasi possível garantir sua identidade com a que afflora na região accidentada do rio

Tocantins até a bocca do Araguaya, e por este rio acima até muito longe. A constituição lithologica das duas é completamente identica; ambas, muito perturbadas e cortadas por eruptivas, jazem em posições homologas, recobertas por camadas muito mais modernas.

Por esses motivos, designamos, no presente trabalho, a série antiga dos rios do norte do Maranhão pela denominação "série do Tocantins", que já applicamos ás formações correspondentes do rio desse nome.

Como dissemos, as rochas dominantes são os phyllitos; ao lado e concordantes existem quartzitos e conglomeratos, alguns destes possivelmente de cimento eruptivo, breccias, como em Bella Aurora.

Da mesma maneira que no rio Tocantins, as rochas que ora descrevemos, estão profundamente perturbadas, offerecendo fortes inclinações, dobras pronunciadas e falhas, formando estruturas complexas. A ellas se relacionam numerosas rochas igneas, umas acidas, granitos, outras basicas identificadas genericamente como dioritos. A esses phenomenos eruptivos ligam-se transformações das rochas sedimentares, como a origem das breccias já citadas. Á mesma ordem de factos, pertencem os veieiros de quartzo, bastante frequentes.

Não se encontram fosséis na formação em apreço. Entretanto, a identidade lithologica e a posição geographica dos affloramentos permittem correlaciona-la com as formações que apparecem em grande numero de rios da Amazonia, particularmente no Xingú, e que, em alguns dellés, como no Trombetas, collocam-se immediatamente abaixo dos sedimentos que contêm uma fauna siluriana superior (gothlandiana), separadas por uma nitida discordancia angular. Attribuiremos a taes formações a idade siluriana inferior (ordovinciana) provisoriamente, porquanto não é impossivel que sejam cambrianas ou mais antigas. A série do Tocantins é comparavel ás formações antigas do sul e do centro do Brasil, representadas no nordéste e que, pelo centro, se estendem no Estado de Goyaz até muito ao norte. Ha presumpções para a continuidade sob o recobrimento moderno, semelhanças lithologicas e estructuraes. Algumas formações antigas do sul e do centro do Brasil são referidas ao siluriano, ao passo que a maioria é considerada algonkiana.

A série do Tocantins afflora no Maranhão nos rios Gurupy, Maracassumé e Tury-Assú até certa altura, recoberta depois pelos arenitos mesozoicos. Lateralmente, nesses valles, estende-se em geral até distancia limitada, succedida pelos arenitos meso-

zoicos ou pelo terciario. Entretanto, ás vezes, constitue o proprio divisor, como entre o Gurupy e o Maracassumé, na altura de Montes Aureos.

SÉRIE DO PARNAHYBA

No valle do rio Parnahyba e, a partir de certa altura, no do Tocantins, observam-se, sob a série das Barreiras, sob a série cretacea ou sob o quaternario, camadas que, devido a uma franca discordancia angular e a outros motivos, devem ser separadas. É a formação que o Dr. Lisboa chamou série do Parnahyba, denominação muito appropriada, dado o seu grande desenvolvimento no valle do rio desse nome.

São folhelhos, arenitos e calcareos, dominando os primeiros. Os folhelhos, dispostos em leitos de pouco mais de uma pollegada de espessura, são de diversas côres, roxos, brancos e vermelhos, sendo frequente e caracteristica a presença de manchas brancas e verdes. São, quando frescos, bastante resistentes; alterados offerecem a peculiaridade de se fragmentarem em grãos do tamanho de uma ervilha, caracter que se denomina pisolithico. Por vezes, esses grãos são concreções de limonito, tendo-se então o caracter siderolithico.

Os arenitos são rochas compactas, formadas de grãos de quartzo ligados por um cimento argillo-silicoso. Suas côres são: branco, roseo e vermelho purpura, frequentemente mosqueadas.

Os calcareos formam lentes intercalladas nos folhelhos; são brancos e esverdeados, bastante argillosos.

Em toda a série do Parnahyba ocorre com frequencia o sílex, algumas vezes em camadas; possivelmente, origina-se da transformação de calcareos pela acção de aguas silicosas.

Certos leitos de folhelhos contêm materias betuminosas. Si bem que a proporção dessas materias seja, pelo menos onde podemos observar, escassa, são folhelhos betuminosos; a sua espessura é reduzida e a extensão horizontal limitada, como que em bacias.

Associada ao calcareo ocorre, com alguma frequencia, a gypsita.

Constituida da maneira que fica exposta, a série do Parnahyba é um conjuncto lithologico assás homogeneo e bem caracterizado.

No contacto da série das Barreiras com a do Parnahyba, que se observa, por exemplo ao longo da E. F. S. Luiz a Therezina

proximo a Caxias, é clara uma discordancia angular. Da mesma maneira, em relação ás formações quaternarias, como se verifica no baixo curso do Parnahyba.

Em algumas secções, arenitos pertencentes á série cretacea, se sobrepõem á série do Parnahyba, tambem em franca discordancia angular. Assim no Morro do Chapéu, arredores de Carolina. Em outras secções essa discordancia não é tão nitida. No Piauihy, os arenitos da série Araripe, cretacea, são substituidos por camadas pertencentes á série do Parnahyba, collocadas abaixo, sem que se possa fixar o limite entre as duas, fora da zona duvidosa perfeitamente caracterizadas, a não ser pela camada de conglomerato que indicaria a discordancia.

Não se observa no Estado do Maranhão a base da série do Parnahyba. No Piauihy e em Goyaz, a parte superior, transgressiva, assenta sobre o archeano ou sobre calcareose phyllitos de uma série antiga.

O Dr. Arrojado Lisboa estabeleceu na série do Parnahyba a seguinte divisão:

- Folhelhos verdes, calcareos e arenitos brancos;
- Arenitos de S. Bartholomeu;
- Rochas pisolithicas, arenitos brancos;
- Arenito do Jaboty;
- Arenito da Grotta do Mendes;
- Folhelhos cinzentos;
- Discordancia;
- Folhelhos betuminosos;

Os folhelhos betuminosos são os de Codó e Barra do Corda. Consideramos tal horizonte cretaceo, pelos motivos que serão expostos adeante.

Não nos parece que essa divisão estratigraphica tenha caracter geral, applicavel á maioria das secções da série em apreço. De nossas observações não só no Estado do Maranhão como no Piauihy, concluimos as rochas terem os caracteres indicados na columna citada, sem se cingirem, comtudo, á ordem de successão ali estabelecida, que se nos affigura local. A successão das camadas, sob o ponto de vista lithologico, não é de maneira alguma uniforme. Varia, mantendo-se, porém, o aspecto bem definido, que caracteriza a série do Parnahyba.

O horizonte de folhelhos betuminosos da série do Parnahyba, foi apontado primeira vez pelo Dr. Gonzaga de Campos que o distinguiu do horizonte analogo, de idade cretacea. Não podemos garantir si o Dr. Lisboa, em seu trabalhos, já conhecia a sua existencia nos Estados do Piauihy e Maranhão. Entretanto,

o sr. Baumann, nesse tempo ajudante do Dr. Lisboa, observou o horizonte em questão no rio Sereno, em Goyaz. No seu relatório, o Dr. Lisboa correlaciona-o com os horizontes betuminosos cretáceos de Codó e Barra do Corda, referindo todos ao systema permiano. A distincção entre os dois horizontes betuminosos é, todavia, uma das chaves da geologia de que tratamos.

Os fosseis mais abundantes na série do Parnahyba são vegetaes. Em grande parte troncos silificados, classificados no genero *Psaronius*, que têm sido estudados por paleontologistas notaveis, taes como Brogniart, Derby, Zeiller, Solms-Laubach, e Pelourde. São fosseis dos mais interessantes, que constituem a especie *Psaronius brasiliensis* e outras mais recentemente descriptas. Não temos duvida que a matriz dessas silificações, encontradas com frequencias soltas, seja o silex da série do Parnahyba. Outros troncos têm sido colleccionados, si bem que com menos frequencia, classificados como de coniferas e bem assim impressões referidas a lycopodiaceas do genero *Sigillaria*. Os troncos do genero *Psaronius* são excessivamente abundantes em toda a área de affloramento da série do Parnahyba, constituindo um guia seguro, conhecido mesmo pelos habitantes, que os denominam "car-naubeiras" petrificadas.

A fauna fossil da série do Parnahyba é mais resumida que a sua flora. Apenas até agora têm fornecido restos de vida animal os folhelhos betuminosos, principalmente os que affloram no correjo das Almecegas, nos arredores de Floriano, Estado do Piahy. São peixes, que se affiguram pertencer a uma unica especie; alguns autores os tem classificado no genero *Lepidotus*. O Dr. Euzebio de Oliveira chamou a nossa attenção para a sua semelhança com typos do triassico americano, do genero *Semionotus*. Junto se encontram impressões talvez de algas.

São bastante complexas as condições de sedimentação da série do Parnahyba. A existencia da abundante flora evidencia condições nitidamente terrigenas, não totalmente aridas, circumstancia que, entretanto, em certas épocas prevalece, dando origem aos arenitos vermelhos. As condições mais geraes, que deram origem ao facies com a flora fossil, são, presumivelmente, a sedimentação de vasa em parte calcarea, com pequena espessura de agua, que, de vez em quando, seccava completamente.

As camadas da série do Parnahyba são, em geral, pouco perturbadas, si bem que sempre estejam inclinadas; sua inclinação nunca excede 15°.

Rochas eruptivas basicas, diabases e augito-porphyritos, formam numerosos dykes que cortam a série do Parnahyba. A acção

metamorphisante de taes rochas é exigua; entretanto, é possível que, a essas erupções se possa ligar a origem das aguas silicosas.

O Dr. Lisboa, tendo em vista algumas affinidades da flora fossil e, tambem, semelhanças com as camadas permo-carboníferas do sul do Brasil, collocou a série do Parnahyba no systema permeano e suggeriu a correlação entre as duas formações. Comquanto não deixemos de reconhecer quanto é interessante a ligação entre as duas ordens de phenomenos de sedimentação e o alcance do conceito á vista dos factos conhecidos na época em que foi emittido, somos forçados, actualmente, a não acceital-o "in totum".

As formas vegetaes da formação de que tratamos, distribuem-se, na columna geologica, desde o paleozoico superior até o jurassico. Devemos assim, pela força desse argumento, referir a série em apreço ao permeano, ao triassico ou ao jurassico, concordando com a posição das camadas sob uma série cretacea.

Os peixes são, provavelmente, triassicos ou eo-jurassicos. A disposição stratigraphica indicando não ser consideravel o intervalo que medeia entre as épocas de deposição da série do Parnahyba e da série Araripe, esta de idade cretacea, é mais plausivel a idade triassica, quiçá eo-jurassica, para as camadas superiores da primeira.

O Dr. Gonzaga de Campos encontrou nos peixes fosseis uma suggestão para referir o horizonte dos folhelhos betuminosos ao andar rhetico. É um conceito que concorda com as ponderações acima.

A série do Parnahyba, no Estado do Maranhão, afflora no valle do Tocantins, acima da villa de Porto Franco, estendendo-se desde o rio até a base das elevações que constituem o divisor. O valle do Parnahyba é quasi todo nessa formação; exceptuam-se a parte superior e o delta.

FORMAÇÕES CRETACEAS

A certa distancia da costa, as formações sedimentares litoraneas, são substituidas pelos arenitos consistentes, que, continuando para o sul, vão formar o Planalto Maranhense. É evidente a discordancia entre esses arenitos e as camadas da série das Barreiras, discordancia ás vezes chronologica, bem indicada pela presença de testemunhos do arenito cretaceo emergindo no meio das camadas da série dos Taboleiros, outras vezes angular, como bem observou o Dr. Arrojado Lisboa na barranca do rio Itapicurú, em Remanso da Marianna.

Em diversas localidades, sob os arenitos apparecem camadas de calcareo, de espessura não muito consideravel, frequentemente acompanhados de folhelhos betuminosos. Assim: na Barra do Corda, em Codó, no Curador e na serra da Desordem. Ha visivel concordancia entre os arenitos e o calcareo, exposto este ultimo mercê da erosão e talvez das dobras. Essas dobras permitem que, em alguns pontos, se observem sob os calcareos, concordantemente, outras assentadas de arenito, perfeitamente identicas ás superiores. Temos assim, uma série composta de tres andares concordantes, a saber

Arenitos;

Calcareos;

Arenitos.

Por motivos que veremos mais tarde, adoptamos a denominação série Araripe.

Os arenitos são rochas bastante duras, formadas de grãos de quartzo de tamanho médio ou finos, mais ou menos arredondados. Raramente se encontram grãos de tamanho maior que uma ervilha, facto sempre de caracter muito local. Em geral são os grãos bem classificados, de diametro inferior a 1mm. O cimento é silicoso, o que, por vezes, dá grande consistencia á rocha. São relativamente frequentes pintas de argilla branca, alteração de feldspatos. Ao microscopio, observa-se o inter-crescimento dos grãos de quartzo devido á circulação de aguas silicosas. O mesmo phenomeno é responsavel pelas concreções de silex. A cor mais commum nas regiões de menor altitude é o amarello claro, ao passo que, no alto do planalto é o roseo. É frequente a falsa estratificação bem pronunciada, evidenciando a acção do vento nos phenomenos de sedimentação.

Intercalados aos arenitos, occorrem folhelhos amarellos, roxos e vermelhos, bastante consistentes, em leitos de cerca de 1 decimetro de espessura.

No Maranhão, não ha conglomeratos associados aos arenitos supra descriptos; apenas, localmente, os seixos já referidos. No Piahy, no contacto com o gneiss archeano, ha uma camada de conglomerato grosso.

Não se evidenciam absolutamente differenças lithologicas entre os arenitos superiores e inferiores.

Os calcareos formam um horizonte de distribuição restricta, cuja espessura não podemos precisar, provavelmente inferior a cem metros; são brancos ou amarellos. Offerecem dois aspectos: um compacto e outro em leitos relativamente delgados, de textura muito fina, rocha a que denominam localmente "marabá".

O teor em magnesia é quasi sempre inferior a 2 % ; localmente se eleva a perto de 10 %. Attribuimos esse phenomeno á diagenesis, causado pela circulação de aguas.

Associadas aos calcareos observam-se: concreções de silex; camadas de gypsita e folhelhos betuminosos.

As camadas de gypsita são lenticulares. Em algumas a espessura é relativamente grande, com estrutura compacta ou mostrando vestigios da fôrma lanceolada caracteristica. Outras, muito delgadas, occorrem no meio do calcareo ao par da calcita fibrosa.

As camadas de folhelhos betuminosos parecem formar bacias, no meio do calcareo. São pretos esverdeados, ás vezes papyraceos, com um teor consideravel de materias betuminosas. Contêm nodulos de pyritas, naturalmente devido á redução de soluções sulfatadas. Não é conhecida ainda a sua espessura. Possivelmente, formam varias camadas alternadas com outras de calcareo.

A série em apreço é sem duvida posterior á do Parnahyba. Distingue-se da segunda sob o ponto de vista lithologico pelos seguintes caracteres: uniformidade relativa das camadas; continuidade do calcareo; ausencia de camadas definidas de silex; e falsa estratificação mais notavel dos arenitos. Em certas secções ha entre as duas franca discordancia angular, como no morro do Chapéu; outras vezes a discordancia não é muito nitida, posto que leitões de conglomerados estejam collocados plausivelmente no contacto.

Os calcareos do andar médio e os arenitos superiores têm produzido fosseis.

Nos calcareos occorrem peixes, provenientes dos arredores de Codó, do povoado do Curador e de Barra do Corda, encontrados com frequencia em blocos rolados. Classificam-se nos generos: *Tharrias*, *Diastilbes* e *Vinctifer*, todos communs ao calcareo de Sta. Anna, da série Araripe, no Estado do Ceará.

Em Codó, além dos peixes, ha um crustaceo e troncos silicificados de coníferas.

Os fosseis dos arenitos superiores, obtidos nos arredores de Grajahú, são troncos silicificados de plantas phanerogamas dicotyledoneas de diferentes familias que incluem as fôrmas mais precoces das dicotyledoneas. Fosseis identicos apresentam-se no valle do Parnahyba, em elevações de arenito, testemunhos da erosão.

O Dr. Arrojado Lisbôa, naturalmente, collocou os arenitos com plantas fosseis no cretaceo. Entretanto, separou os calcareos com os folhelhos betuminosos e tambem os arenitos cortados pelas eruptivas para considera-los triassicos.

O Dr. Gonzaga de Campos, encontrando pela primeira vez, os peixes fosseis nos calcareos de Codó, reconheceu sua idade cretacea.

Não podemos separar os arenitos posteriores ás eruptivas basicas dos que contêm as madeiras fosseis, porquanto são perfeitamente continuos, não sendo possivel absolutamente observar discordancia ou mesmo differenças lithologicas.

A separação feita pelo Dr. Lisbôa foi, sobretudo, devida á idéa geral de referir a erupção ao triassico, que dominava. Os presentes factos mostram quanto insustentavel é tal conceito, por se collocarem claramente as camadas cortadas pelas eruptivas acima das que contêm as madeiras fosseis, em sequencia de sedimentação.

Desta maneira, incluimos os arenitos cortados pelas eruptivas na série que descrevemos, composta dos tres andares citados, todos concordantes.

A semelhança lithologica da formação que descrevemos com a série Araripe do Ceará e Piauhý e, sobretudo, a identidade dos peixes fosseis, conduzem synchronizar, pelo menos em parte, as duas formações, tomando como referencia o calcareo que, no Ceará, recebe a denominação Sant'Anna. A fauna desse horizonte é considerada de idade mesocretacea.

Dada a concordancia dos tres andares, adoptamos para a formação descripta, que, como annunciamos, chamaremos de Araripe, a idade cretacea.

A presença da flora de dycotilédoneas mostra que, as camadas superiores attingem pelo menos a base do neocretaceo.

É difficil precisar o limite inferior da idade dos arenitos subjacentes. No Ceará, presumivelmente, estão acima da série do rio do Peixe, de idade cretacea inferior, de sorte que poderão incluir apenas camadas da parte superior do eocretaceo.

Entretanto, mais para o sul, em arenitos que continuam a série Araripe, existem camadas fossilíferas, com uma fauna eocretacea, sinão jurassica. De uma maneira geral, queremos crêr que desde a época jurassica até os fins da cretacea, se processaram os phenomenos de sedimentação terrigena que deram lugar aos arenitos mesozoicos do interior do norte do Brasil.

É possivel que, alguns arenitos do Piauhý, assentados sobre a série do Parnahyba sem pronunciada discordancia, representem a sedimentação processada desde a epoca jurassica até o periodo neocretaceo.

As camadas da série Araripe, na região que descrevemos, são, por vezes onduladas. São diastrophismos reflexos contemporaneos ou mesmo anteriores ás erupções.

Os caracteres dos arenitos mostram que sua sedimentação se processou em condições semi-áridas, sob pequena altura d'água, tendo parte activa os phenomenos eolicos; é a sedimentação sub-aerea. Esse facies modificou-se na época da deposição do calcareo, talvez uma transgressão do mar, com phenomenos lacustri-nos que deram origem aos folhelhos betuminosos.

Os arenitos da série Araripe affloram em uma vasta área do Estado do Maranhão. Formam as terras elevadas que constituem a parte central do Estado e que recebem o nome de "Planalto Maranhense" e bem assim as serras, prolongamentos desse planalto, que dividem os valles dos rios em sua parte superior.

Os calcareos e os arenitos inferiores só são expostos mercê da desnudação; assim em Codó e em Barra do Corda. Entretanto, na serra da Desordem, que divide as aguas do Tocantins, e as do Grajahú, observa-se o horizonte calcareo em nivel bastante elevado, devido ao dobramento das camadas.

A série Araripe afflora, no Tocantins, desde perto da bocca do Araguaya, até proximo de Carolina, sendo que os calcareos estão expostos na barranca em Imperatriz. Na cachoeira de Santo Antonio, abaixo da cidade de Boa Vista, é possivel vêr claramente a eruptiva cortando esse horizonte.

No Parnahyba, os arenitos da série Araripe apparecem muito acima, adiante da barra do rio das Balsas, salvo alguns testemunhos.

ERUPTIVAS MESOZOICAS

Por todo o sertão do Estado, existem rochas igneas basicas que podem, na maioria, ser identificadas como augito-porphyritos.

Observamos essas rochas em relação com a série cretacea e a série do Parnahyba; nunca as encontramos cortando rochas terciarias.

Até pouco tempo, era opinião geral a ausencia no Brasil de actividade ignea post-triassica, salvo raras excepções. Considerada triassica a erupção das rochas igneas da serra Geral do sul do Brasil, a tendencia era synchronizar-lhe as eruptivas identicas, encontradas no norte. Assim fez o Dr. Lisboa no seu trabalho, sendo para isso obrigado, como já explicamos, a separar da série cretacea os arenitos cortados por essas eruptivas, para considera-los triassicos. Tem sido provada, particularmente pelos trabalhos do Dr. Luciano de Moraes, a existencia de rochas eruptivas de idade cretacea superior, posteriores ás camadas do nordeste do Brasil com *Tylostoma*, camadas referidas ao turo-niano; ha mesmo uma tendencia para considerar as eruptivas do sul do Brasil posteriores ao triassico, réticas.

As eruptivas do Maranhão, cortando a série Araripe, devem ser consideradas de idade cretacea superior, no minimo. A ausencia, em todo o Brasil, de phenomenos eruptivos terciarios, justifica que adoptemos esse limite para idade dessas eruptivas.

Offerecem essas rochas dois aspectos: na série do Parnahyba, dykes mais ou menos largos, de rochas compactas, ao passo que, junto ás camadas cretaceas, são derrames de rochas amygdaloidaes, claramente effusivas, com amygdalas cheias de mineraes secundarios, principalmente zeolithos, formados pela circulação de aguas, que alteraram os elementos originaes em outros taes como delessita e pinguito.

Os elementos essenciaes dos dois typos de rochas são os mesmos: plagioclasio e augito. Differem apenas as texturas: nas primeiras ophitica e nas outras porphyritica. Em geral as rochas em dyke são diabases, ao passo que, nos derrames são augito-porphyríticos. A differença de textura explica-se naturalmente pelas circumstancias diversas de consolidação do mesmo magna. Aliás, são os mesmos phenomenos que se observam no sul do Brasil.

FORMAÇÕES TERCIARIAS ANTERIORES Á SÉRIE DAS BARREIRAS

Em differentes pontos da costa do Maranhão, observam-se affloramentos de calcareos que têm fornecido alguns fosseis.

O Dr. Arrojado Lisboa observou formações dessa natureza em Carutapéra, na extremidade septentrional do Estado. O Dr. Gonzaga de Campos as assignalou na costa da ilha de S. Luiz, no local denominado Ponta Grossa entre Olho d'Agua e Araçajy, onde tivemos oportunidade de examina-las. Affloramentos da mesma natureza têm sido assignalados em Alcantara e ao norte da barra do Tury-Assú.

Os calcareos, mais ou menos argillosos, em geral de côr crême, apparecem em nivel inferior ao da preamar, na base de escarpas formadas pela série das Barreiras.

Em Carutapéra intercallam-se leitos de folhelhos.

A differença de character lithologico e a natureza do contacto separam os calcareos em apreço da série das Barreiras. Ha discordancia, mais sensivel em Carutapera, onde os calcareos inclinam-se de 8° a 10° para sul, ao passo que os sedimentos superiores são horizontaes.

Não têm sido ainda colleccionados e estudados convenientemente os fosseis da formação de que ora tratamos. O Dr. Lisboa organizou uma collecção em Carutapéra de especies comparaveis ás de Pirabas e da Estação Agronomica no Pará. O Dr. Gonza-

ga de Campos identificou genericamente os fosseis por elle encontrados em Ponta Grossa, na ilha de São Luiz: são gasteropodos do genero Harpa e pelecypodos dos generos Pectens e Cardium, communs na fauna de Pirabas.

A pezar dos documentos paleontologicos obtidos nesses calcareos serem ainda bastante escassos, julgamos muito provavel tratar-se do mesmo horizonte que afflora em Pirabas e na Estação Agronomica. A isso conduzem não só as identificações dos fosseis como a semelhança de caracteres lithologicos e de posição estratigraphica.

Até certo tempo era doutrina geralmente acceita a separação das formações cretaceas e terciarias por uma discordancia angular; ficavam no cretaceo as camadas mais ou menos inclinadas, ao passo que eram consideradas terciarias as horizontaes. Nessa ordem de idéas, as camadas de Pirabas foram consideradas cretaceas superiores, senoneanas como diziam os autores. Um melhor conhecimento das faunas e, sobretudo, a sua comparação com outras terciarias derogaram esse criterio. As faunas alludidas foram consideradas miocenias, idade que aceitamos para os calcareos versados.

A SÉRIE DAS BARREIRAS

Grande parte da superfície do Estado do Maranhão é coberta pelas camadas de areias e argillas, que se estendem continuamente na região littoranea do Brasil, desde o extremo norte até o Espirito Santo, e que têm recebido a denominação de série das Barreiras ou dos Taboleiros.

As argillas formam leitos de certa espessura, macissos, não continuos, encurvados, e que terminam em cunha; ligam-se e dividem-se de maneira caprichosa. As suas côres mais communs são: vermelho, roxo, branco, verde, frequentemente variegadas. Apesar de não muito duras, sustêm as camadas nas secções expostas.

As areias são inconsistentes, formadas de grãos de quartzo a que se juntam, ás vezes, pequenas palhetas de mica alterada; o conjuncto offerece côr parda ou amarellada. É patente a falsa estratificação devida a acção eolica, a qual se deve, tambem, a curvatura das camadas argillosas.

No meio das areias encontram-se concreções ferruginosas, isto é, blocos onde os grãos de quartzo são consolidados por um cimento de limonita e que devem ser considerados como a rocha para a qual é acceita a denominação canga. Sua formação é devida naturalmente á circulação de aguas nas areias, concentrando o oxydo de ferro, phenomeno que se passou talvez depois da sedimentação.

São raros os conglomeratos. Exceptuada a canga, podemos citar apenas a observação do Dr. Gonzaga de Campos, em Coroa-tá, onde uma camada de conglomerato parece marcar o contacto da série das Barreiras com as camadas subjacentes, cretaceas e talvez crystallinas.

O mesmo observador, nos seus levantamentos do valle do Itapicurú, indica uma estreita camada de calcareo que, pela sua posição, deve ser comprehendida na série das Barreiras. Em Pirapemas, os folhelhos são calcaríferos.

É muito variavel a distribuição dos sedimentos arenosos e argillosos nas diferentes secções da formação de que tratamos. Em pontos muito proximos observam-se secções completamente diversas. É este um phenomeno muito geral e até certo ponto caracteristico. Como exemplo de uma secção citaremos a seguinte na ilha de S. Luiz, entre Olho d'Água e Arassajy:

Argilla rosea	8,0 metros
Argilla arenosa rosea	2,0 "
Argilla variegada	8,0 "
Areia amarella	2,0 "
Argilla amarella	0,2 "
Areia amarella	5,0 "
Argilla amarella	0,1 "
Areia amarella	1,5 "
Argilla amarella	0,1 "
Argilla roxa	0,3 "
Areia vermelha	3,0 "

As camadas das Barreiras são encontradas no Maranhão recobrimdo as formações paleozoicas, a série do Parnahyba, a série do Araripe e os calcareos da costa. É sempre notavel a discordancia.

As relações da série das Barreiras com as camadas que se lhe sobrepõem são menos claras. Comtudo, parece certa a discordancia entre essa série e as formações quaternarias do curso inferior dos rios e, bem assim, com as argillas onde se encontram ossadas de mammiferos fosseis.

Um ponto duvidoso é a relação entre a série das Barreiras e um arenito bastante consolidado da bahia de Tury, onde existem ossos de Mastodon e valvas de molluscos. É possivel haver tambem ahi uma discordancia, ou, esse arenito, presumivelmente quaternario, representa o fim da sedimentação da série das Barreiras.

Os sedimentos que ora consideramos são muito pouco perturbados, posto que, no Maranhão, se possam observar ligeiras

inclinações geraes, particularmente ao longo do rio Mearim, onde parece existir um leve synclinal. Taes inclinações são naturalmente devidas a movimentos epirogenicos.

Como ficou dito, as camadas da série das Barreiras são as mesmas que apparecem na costa septentrional do Brasil desde o Espirito Santo até a Amazonia. Não fôra a continuidade evidente, levadas em conta as desnudações, a completa identidade lithologica já constituiria presumpção valiosa nesse sentido.

São raros os fosseis na série das Barreiras. No Maranhão, na estação de Pirapemas, da E. F. S. Luiz e Therezina, á margem do rio Itapicurú, foram encontrados nos folhelhos calcareos, restos de vida. Os fosseis são valvas do gen. *Anomia* e dentes de um crocodilo, descriptos pela primeira vez no trabalho da Dra. Carlota Maury. Em todo o Brasil, a série das Barreiras só produziu fosseis ahi e no Estado da Bahia: em Ouriçanguinhas, proximo de Alagoinhas, e em Marahú, onde são principalmente impressões de vegetaes, tambem já descriptas.

A ausencia quasi completa de fosseis, as evidencias de acção eolica, a natureza lithologica e o arranjo das formações mostram que os sedimentos da série das Barreiras foram depositados numa época em que predominava o facies denominado sub-aereo, aguas rasas, de forte correnteza, condições pouco favoraveis ao desenvolvimento da vida. Em alguns lugares, "verbi gratia" Ouriçanguinhas, dominou o facies lacustrino, que permittiu o desenvolvimento de vegetação; em outros, transgressões marinhas produziram estuarios, como em Pirapemas.

Devido mesmo á escassez de fosseis, a determinação da idade da série das Barreiras é um problema bastante difficil. Entretanto, actualmente, todos os autores accórdam em considera-la pliocenica. A sua posição sobre as camadas que contêm uma fauna havida como miocenica, é uma das maiores presumpções para esse conceito. Demais, está provado que a flora de Ouriçanguinhas tem um aspecto nitidamente pliocenico, si bem que os vegetaes dessa época não sejam frequentes no globo. Quanto aos fosseis de Pirapemas, força é confessar que o seu valor stratigraphico é reduzido.

Si o limite inferior da idade da série das Barreiras é o inicio do pliocenico, o superior não pôde ser definido com tanta segurança. Haja vista o arenito de Tury, possivelmente incluido nessa série, com ossos do genero *Mastodon*; pôde ser encarada a hypothese das camadas superiores de série das Barreiras serem pleistocenicis, embora o genero *Mastodon* já appareça no pliocenio.

A série das Barreiras afflora em uma faixa bastante larga ao longo da costa, encoberta no baixo curso de alguns rios pelas formações quaternarias e desnudada em outros, deixando apparecer camadas mais antigas.

FORMAÇÕES PLEISTOCENICAS

Em alguns lugares da ilha de S. Luiz, têm sido encontradas ossadas de grandes mamíferos. O exame perfunctório diagnostica a existencia do genero *Mastodon*. Taes ossadas occorrem em argillas vermelhas, que parecem occupar depressões cavadas nos sedimentos pertencentes á série das Barreiras.

A fauna mammalogica a qual pertence o genero *Mastodon* tem sido considerada como caracteristica do quaternario mais antigo do Brasil, um dos criterios que existem para dividir esse *systema*, dada a falta da glaciação moderna no nosso Paiz. É a fauna das formações esparsas pelo centro do paiz, para as quaes propuzemos a denominação de "formação das cacimbas" e que podemos observar, no Estado da Bahia, francamente discordantes da série das Barreiras. O mesmo, a nosso parecer, se passa no Maranhão, onde as camadas de argilla com os ossos de *Mastodon*, que consideramos pleistocenicas, separam-se, pelo menos na ilha de S. Luiz, das camadas pliocenicas da série das Barreiras.

Na bahia de Tury-Assú, o arenito já citado, a par de molluscos muito modernos, actuaes, dos generos *Mytilus*, *Modiola*, *Leda*, *Chione* e *Donax*, contem ossos de mamíferos, particularmente do genero *Mastodon*, que suggerem fortemente a idade pleistocenica. Não conhecemos pessoalmente tal formação e não podemos dizer si está ou não em discordancia com a série das Barreiras.

Na costa do Maranhão existem recifes formados pela acção dos coraes, mesmo no porto de São Luiz. Esses recifes devem ser considerados como pleistocenicos, incluindo talvez uma parte mais antiga, pliocenica.

FORMAÇÕES HOLOCENEAS

Dentre ás formações conhecidas no Maranhão, as mais jovens são as areias e a vasa, ainda movimentadas actualmente, das praias da costa e de alguns rios.

Na costa, é claro o trabalho actual de erosão da série das Barreiras, no qual intervem largamente o vento; é o phenomeno de formação das dunas, particularmente notaveis na costa septentrional da ilha de S. Luiz.

A vasa, cuja composição necessita ainda estudos, fórma os leitos dos rios em sua parte baixa e o fundo das bahias. Assim na bahia de S. Marcos e na bahia de S. José, incluindo o canal do Mosquito, onde sua espessura revelou-se de algumas dezenas de metros nos trabalhos das fundações da ponte Benedicto Leite. Por ocasião da baixa-mar, é exposta no fundo das bahias e, mesmo na preamar, fórma algumas ilhas e as zonas côsteiras, cobertas pela vegetação dos mangues.

No delta do rio Parnahyba, as areias têm grande desenvolvimento, attingindo muitos kilometros para o interior.

Ao longo dos rios até muitos kms. das embocaduras, as barancas são formadas por camadas de argilla arenosa, de aspecto differente do da série das Barreiras; não só a consistencia das argillas é differente como não ha uma separação nitida da areia e da argilla. Demais, é possivel observar em diversos pontos a discordancia. Outro caracter distinctivo reside nos leitos de terra humica, ausentes na série das Barreiras.

Não se encontram nessas argillas as ossadas dos grandes mammiíferos fosseis, razão pela qual as referimos ao holocenio.

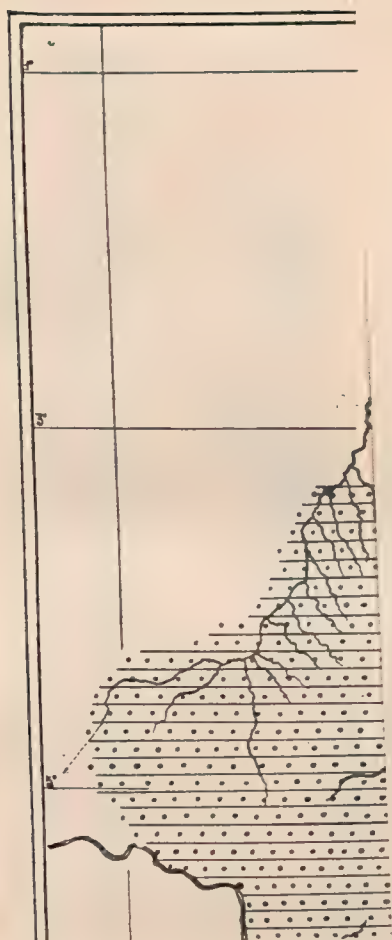
Collocamos no inicio do holocenio um abaixamento de nivel do continente, com o represamento das aguas interiores, motivando a sedimentação fluvial. É um conceito apoiado pela ausencia da fauna mammiologica nos depositos resultantes, criterio habíl, na falta da glaciación moderna, para dividir o quaternario. Não é impossivel, porém, que o phenomeno se tenha passado no fim do pleistocenico. Os mammiíferos seriam peculiares ao inicio do periodo ou a formações de outro facies.

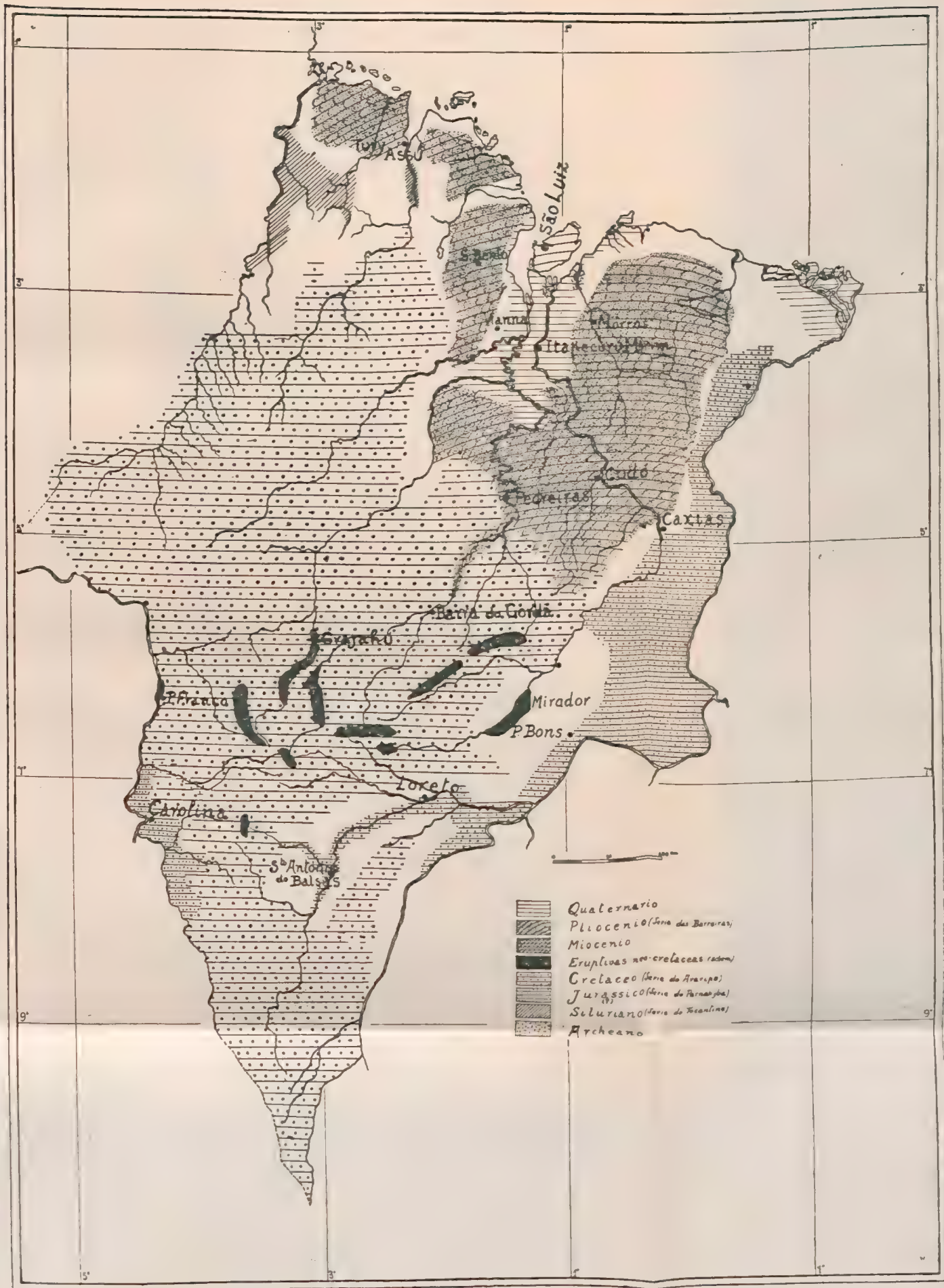
A área de occorrecia dessas argillas holoceneas limita-se ao eixo dos valles até certa distancia do mar.

IDÉA GERAL SOBRE O CONJUNTO DOS PHENOMENOS GEOLOGICOS

Os phenomenos geologicos do Maranhão, dividem-se em duas grandes phases: de um lado phenomenos antigos, que se processaram antes dos meados da era paleozoica; de outro, phenomenos ligados ás transgressões que se deram a partir do neopaleozoico.

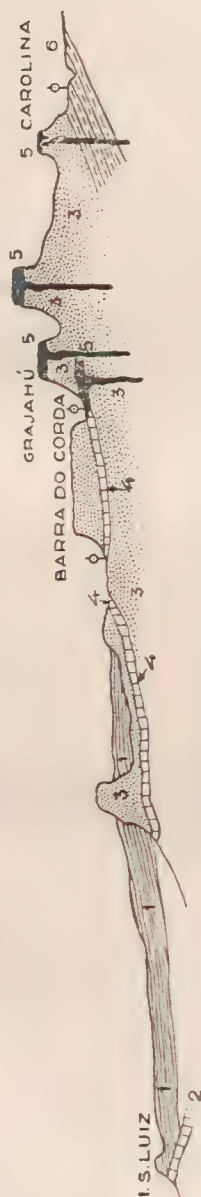
Os phenomenos da primeira cathegoria formaram o embasamento, chamado escudo brasileiro, emerso durante longo periodo. A nucleos archeanos juntaram-se estruturas algonkianas e eo-paleozoicas. A deposição da série do Parnahyba parece ligar-





Esboço Geológico do Estado do Maranhão





SECÇÃO GENERALISADA ATRAVEZ DO MARANHÃO

- 1-SERIE DAS BARREIRAS
- 2-CALCAREO MIOCENIO
- 3-ARENITOS CRETACEOS
- 4-CALCAREO CRETACEO
- 5-ERUPTIVAS
- 6-SERIE DO TOCANTINS



SciELO

SYNOPSIS DAS FORMAÇÕES GEOLOGICAS DO MARANHÃO

CENOZOICO	Quaternario	Holoceno	Vasa, arelas e cascalhos		
			Argillas e arelas		
	Terciario	Pleistoceno	Arenito Tury	Camadas com mamíferos	Recife de coral
		Plioceno		Serie das Barreiras e camadas de Pirapemas	
		Mioceno	Calcareos da costa		
MESOZOICO	Cretaceo	Neocretaceo	Eruptivas		
			Serie Araripe	Arenitos superiores	
		Mesocretaceo		Calcareos e folhelhos	
		Eocretaceo		Arenitos inferiores	
	Jurassico				
	Triassico	Serie do Parnahyba			
	PALEOZOICO	Siluriano inferior ?		Serie do Tocantins ??	
AZOICO	Archeano				



se ás transgressões responsaveis pela deposição do systema de Santa Catharina no sul e que, em sua ultima phase, se teriam extendido para o norte.

A transgressão miarinha cretacea é um phenomeno de caracter muito geral, que deu origem ao Atlantico Sul. Na costa do Brasil, os primeiros indícios dessa transgressão datam do inicio do periodo cretaceo.

Os phenomenos de sedimentação da série Araripe são relacionados a essa transgressão: represamento das aguas no interior, com ingressões episodicadas do mar.

As camadas miocenicas do Maranhão e do Pará indicam outra transgressão do mar, a principio brusca, permittindo a formação dessas camadas de facies marinho e depois mais gradual, de sorte a provocar o deposito das camadas de facies sub-aereo da série das Barreiras.

O periodo pleistocenico foi sobretudo uma phase de desnudação, como aliás em todo o Brasil. No fim desse periodo, ou no inicio do holocenio, produziu-se novo abaixamento, menos amplo e demorado; logo depois começou movimento em sentido contrario.

A topographia actual já se esboçava pouco depois do pliocenio. As transgressões posteriores, sem alterar as linhas geraes do systema hydrographico, fizeram desaparecer sua parte inferior, onde existia um rio principal, ligado presumivelmente ao Amazonas.

PHYSIOGRAPHIA

Tendo, até agora, procurado discriminar as differentes formações constituintes do sub-sólo do Maranhão, tentaremos, de uma maneira rapida e summaria, descrever como se modelam na superficie essas formações para dar origem á topographia actual da região.

Logo depois da faixa de quaternario que, salvo nos valles, tem uma extensão reduzida, o terreno se eleva de uma dezena de metros em média sobre o nivel da preamar, quasi sempre em escarpa abrupta. Iniciam-se as terras planas da série das Barreiras que constituem boa parte do Estado. Formam um grande taboleiro, no qual estão cavados os valles inferiores e médios dos rios tributarios directos do Atlantico, pelos quaes se estendem, na parte inferior, as camadas quaternarias. A abertura desses valles expoz, mais acima, os arenitos cretaceos. No norte do Estado, onde apparece a série do Tocantins, a exposição das rochas antigas torna accidentados os cursos.

Os cursos inferiores dos rios tributarios do Atlantico, salvo o Parnahyba, comprehendem dois patamares: um inferior, de quaternario, que se vae estreitando para cima; outro de terciario, cujos prolongamentos formam os divisores mais abaixo.

O taboleiro, da série das Barreiras, é assim cortado por numerosos cursos dagua. Limita os valles, que, na parte inferior, formados pelo quaternario, offerecem pequeno declive, permitindo o acesso da maré e o phenomeno da pororóca. Uma matta luxuriante domina, salvo proximo a costa, onde se estendem campos e mangues.

Tal aspecto geral é perfeitamente o mesmo que o da Amazonia, semelhança que permite denominar a região Sub-Amazonia, lembrando, aliás, a topographia antiga, na qual os rios maranhenses eram tributarios do grande rio.

Todos os rios importantes têm as suas cabeceiras no planalto, o Planalto Maranhense, que fórma a parte central do Estado, do qual descem, formando cachoeiras e rapidos, até o curso inferior.

Esse planalto, coberto de campos, resolve-se em diversos degraus, de escarpas mais ou menos abruptas, sobretudo os mais elevados, que constituem cordões de largura reduzida, elevando-se das soleiras planas dos anteriores. São esses cordões denominados serras; nelles se evidencia o aspecto physiographico geral, com a conformação em mesa, lembrando bem a topographia triassica do sul do paiz. A feição é devida á consolidação dos arenitos pelos derrames eruptivos. Ramificações do planalto dividem os valles superiores dos rios maranhenses e ligam-se, pela cabeceira do Parnahyba, ao grande planalto que separa os valles do S. Francisco e do Tocantins.

Ao sul, cahe o planalto docemente para o valle do Tocantins, onde se observa uma topographia ondulada, com morros isolados, testemunhos da erosão. Analogamente no valle do Parnahyba, rio que, descendo muito cedo do planalto, differe de setis pares dirigidos tambem para o norte.

OS RECURSOS MINERAES DO MARANHÃO

Cômquanto pouco se conheça ainda sobre o assumpto, já se podem apontar diversas occorrencias mineraes de interesse economico. Releva notar que ha ainda muito que pesquisar, e que justamente a região mais promissora, o norte do Estado, onde afflora uma formação na qual actuaram agentes metallizadores de certa intensidade, é pouco conhecida e de difficil accesso. Não é impossivel que essa região seja um districto metallifero de valor.

Faremos ligeira resenha dos depositos mineraes capazes de oferecer interesse economico conhecidos até agora. Em sua maioria ainda não têm sido devidamente aproveitados.

Ouro.

Ha muito tempo é conhecida a occorrença do metal precioso nos valles dos rios Gurupy, Tury-Assú e Maracassumé, onde têm trabalhado de maneira irregular garimpeiros. Houve duas tentativas de lavra em escala industrial, a da **Montes Aureos Gold Company**, companhia ingleza que pretendeu lavar uma jazida em Montes Aureos, e a da **Companhia Maranhense de Mineração**. Infelizmente ambas não lograram exito.

As occorrencias primarias de ouro são veieiros de quartzo, encaixados nos phyllitos da série do Tocantins. Possivelmente, em alguns conglomeratos brechiformes dessa série ha impregnações filonianas com ouro e, talvez, algumas eruptivas basicas sejam auríferas.

A erosão das jazidas primitivas formou os depositos modernos, no leito actual dos igarapés ou em terraços de cascalho aurífero. São esses os depositos que têm sido trabalhados pelos garimpeiros.

São ainda muito mal conhecidas as jazidas auríferas do Maranhão; devido ás incursões dos selvicolas têm sido menos trabalhadas que as congeneres do outro lado do Gurupy, no Estado do Pará, sobre as quaes disponio de alguns informes technicos do mais alto valor. É muito provavel que, no districto aurífero do Maranhão se encontrem muitas jazidas dignas de toda attenção e que, pela riqueza do seu minerio e volume das reservas, possam remunerar a lavra.

Minerios de ferro.

Alguns autores referem a occorrença desse minerio no Maranhão. Trata-se da canga da série das Barreiras que já versamos. Essa rocha, em nosso Paiz, difficilmente poderá ser considerada como um minerio de ferro.

Minerios de manganéz.

Tem sido assignalada a existencia de importantes depositos desses minerios na região norte do Estado, no valle do rio Turyassú; relacionam-se com a série do Tocantins. O mais importante localiza-se a 9 kms. de São José, no rio Piracuaa, onde são conhecidas varias camadas com espessuras que variam de 2 a 3 metros. Ahi, parcialmente, foram computadas 300.000 tons. de minerio com mais de 48 % de manganéz. A analyse de varias amostras deu os seguintes resultados:

Manganéz	37,90 a 51,20 %
Ferro	6,50 a 9,30 %
Silica	4,00 a 5,10 %
Phosphoro	0,04 a 0,20 %

Minerios de cobre.

Data de muito o conhecimento do minerio de cobre em Gra-jahú, no alto sertão do Estado. A occorrença é do typo bem co-nhecido nos trapps do sul do Brasil: jazida de zeolitização re-lacionada com o augito porphyrito amigdaloidal, que fórma um enorme derrame nos arredores dessa cidade. O cobre apresenta-se nas amygdalas sob a fórma de metal nativo em pequenas pa-lhetas e de sulfuretos, estes mais raros; associa-se aos zeolitos, á delessita e á pinguíta. Na superfície ha alteração em malachita. In-felizmente são muito escassos os mineraes de cobre, o que tira todo interesse economico á occorrença descripta.

Fomos informados da existencia de chalkopyrita em abun-dancia em um veieiro de quartzo da série do Tocantins, no norte do Estado.

Minerios de aluminio.

Informam a existencia de jazidas de bauxita na costa norte do Estado, particularmente no local denominado Ingлезes. Não co-nhecemos o local nem temos dados seguros sobre a occorrença. Parece-nos, comtudo, que se trata da laterização de rochas anti-gas. As occorrencias de bauxita no extremo norte do Brasil são muito provaveis; a julgar pela semelhança de condições com as Guyannas, actualmente grandes productoras desse minerio. Só não são conhecidas devido á falta de pesquisas aturadas.

Minerios de chumbo.

Vimos em S. Luiz, uma amostra de galena, rotulada como proveniente do Estado, sem ser precisada a localidade. Possivel-mente a amostra é proveniente de algum veieiro de quartzo da série do Tocantins, no norte do Estado, onde não é impossivel a existencia de jazidas valiosas desse minerio.

Barytina.

O Dr. Gonzaga de Campos assignala a occorrença desse mi-neral nos calcareos de Guimarães.

Gypsita.

No Maranhão encontram-se as maiores jazidas de gypsita do Brasil. Como ficou dito, esse mineral é encontrado associado aos calcareos da série Araripe e na série do Parnahyba. As jazi-das mais conhecidas são as da série Araripe, situadas na Barra

do Corda e no rio Grajaú, pouco abaixo da cidade do mesmo nome. No ultimo local a espessura da camada, exposta na barranca do rio, é consideravel.

As jazidas de gypsita são um dos recursos mineraes mais interessantes do Estado e o seu aproveitamento immediato só encontra impecilho na distancia á costa e na difficuldade de transporte.

A composição centesimal de uma amostra de gypsita dos arredores de Barra do Corda é:

Agua total (H_2O)	22,35
Oxydos de ferro e aluminio ($Al_2O_3 + Fe_2O_3$)	0,72
Magnesia (MgO)	0,41
Cal (CaO)	30,21
Anhydrido sulfurico (SO_3)	44,22
Silica (SiO_2)	1,09
Alcalis, perdas e n. d.	1,00

Sãos diversos.

Nas areias quaternarias dos arredores de Tutóya encontram-se efflorescencias de diversos saes.

O caracter da sedimentação da série do Parnahyba suggere a possibilidade de existencia de jazidas de sal gemma e de saes de potassio, assumpto sobre o qual ha informes vagos, talvez merecedor de attenção.

Calcareos.

Encontram-se estas rochas na série miocenia inferior da costa, na série Araripe e na série do Parnahyba. Os calcareos terciarios são muito impuros e mal expostos, de sorte que não são aproveitados, a não ser em Alcantara. Os outros são utilizados localmente para o fabrico de cal, sempre de excellente qualidade.

As composições centesimales de alguns calcareos do Maranhão são:

	1	2	3	4
Alumina (Al_2O_3)	4,45	4,25	2,90	3,78
Oxydo de ferro (Fe_2O_3)	1,75	4,25	2,90	3,78
Cal (CaO)	40,74	49,95	44,53	40,87
Magnesia (MgO)	1,77	0,75	9,07	0,72
Silica (SiO_2)	15,90	2,85	1,32	23,80
Anhydrido carbonico e agua ($CO_2.H_2O$)	33,88	42,00	42,28	30,66
Alcalis e perdas	1,59	0,20	—	0,55
	100,00	100,00	100,00	100,00

- 1 — Marávilha perto de Carolina, série Parnahyba.
- 2 — Barra do Corda, cretaceo.
- 3 — Facões (Barra do Corda), cretaceo.
- 4 — Santa Maria (Barra do Corda), cretaceo.

Ocres.

Na série das Barreiras occorrem argillas coloridas pelos oxydós de ferro e manganez, que talvez possam ser aproveitadas como pigmentos.

Pedras de construcção.

Na costa do Estado não abundam rochas adequadas a esse fim. É interessante apontar que, na construcção da cidade de S. Luiz do Maranhão foram importadas pedras de Portugal. Só muito mais tarde foram aproveitadas as pedreiras de Rosario e depois as do rio Munim. No interior do Estado são utilizados para construcção os arenitos cretaceos e da série do Parnahyba.

Pyrites.

Nos sedimentos cretaceos e da série do Parnahyba, principalmente nos folhelhos betuminosos, encontram-se nodulos de pyrites que, a nosso conhecimento, nunca chegam a formar massas de interesse economico.

Argillas.

São communs nas formações sedimentarias do Estado argillas plasticas adequadas á ceramica.

Carvão.

Falla-se em affloramentos de carvão minéral na região fronteira com o Piahy. Na série do Parnahyba ha sem duvida possibilidades. O seu facies e a flora abundante já são indicações. Accresce a presença de depositos bem conhecidos em formações que nos parecem comparaveis da Indo China, da Australia e de outros paizes da America do Sul.

Folhelhos betuminosos.

Dois horizontes geologicos contêm folhelhos betuminosos no Estado de Maranhão: a série do Parnahyba e o andar médio da série do Araripe.

Os folhelhos betuminosos da série do Parnahyba são, pelo menos no Estado do Maranhão, destituídos de importancia economica, não só pela sua pobreza em materias betuminosas como pela espessura reduzida e pelo desenvolvimento horizontal escasso.

O mesmo não se dá em relação aos folhelhos betuminosos cretaceos, dos mais interessantes do Brasil. Como já ficou dito, essas rochas occorrem nos arredores de Barra do Corda e de Codó, intercaladas nos calcareos; possivelmente foram formadas em bacias isoladas. Não se conhecem ainda as espessuras totaes das camadas de folhelhos. Em Barra do Corda estão expostas espessuras de mais de 1 metro. Em Codó, no Igarapé do Inferno, são maiores as espessuras nos afloramentos e estamos informados de que, uma sondagem, realizada sob a direcção do Dr. Gonzaga de Campos, atravessou muitos metros de material betuminoso. Tudo leva a crêr que, em ambas as bacias, a espessura total será respeitavel. Posto que a camada de folhelhos betuminosos não acompanhe sempre o calcareo cretaceo, o desenvolvimento horizontal dos folhelhos é consideravel nas duas bacias conhecidas.

Varios ensaios têm sido realizados em amostras de folhelhos betuminosos do Maranhão, sobretudo de Codó. O Dr. Gonzaga de Campos realizou até experiencias industriaes. De todos os resultados já é possivel concluir bom rendimento em oleo pesado e grande producção de gaz.

Os folhelhos betuminosos cretaceos do Maranhão affiguram-se-nos capazes de offerecer real interesse economico. Apenas duas difficuldades: a precariedade das communicações, aliás não muito grande, e as condições da mineração que deverá ser abaixo do nivel das aguas, exigindo esgotamento intenso.

Os resultados centesimaeos dos ensaios de alguns folhelhos betuminosos do Maranhão são:

	1	2	3	4	5	6
Agua.....	4,00	3,20	2,00	5,20	9,40	4,26
Oleo.....	6,51	5,88	11,10	10,48	3,32	14,56
Não cond. e perda....	3,49	41,12	74,00	6,32	6,88	67,00
Coke.....	86,00	49,80	13,00	78,00	80,40	17,15
	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00

- 1— Lopes, Barra do Corda.
- 2 — Suspiro, Barra do Corda.
- 3 — Ponte, Barra do Corda.
- 4 — Serra do Bravo, Barra do Corda.
- 5 — Rocha, Barra do Corda.
- 6 — Igarapé do Inferno, Codó.

Possibilidades da existencia de petroleo.

Ha algum tempo fallã-se da existencia do combustivel liquido no Maranhão, o que não deixa de ser possível nas séries sedimentares, tão desenvolvidas nesse Estado.

Um dos indícios que têm sido allegados é a presença dos folhelhos betuminosos. Julgamos que, as condições de sedimentação productoras desses folhelhos são menos aptas para gerar o petroleo. Entretanto, não é absurdo, em outros pontos do horizonte calcareo, as circumstancias terem sido mais favoraveis.

A série do Parnahyba talvez seja mais attractiva sob este ponto de vista, pela sua variedade de facies e pelos esforços maiores que soffreu.

De qualquer maneira, a existencia do petroleo no Maranhão é questão que merece ainda um exame meticoloso.

S Ó L O S

Embora este assumpto não se inclua estrictamente na geologia, constituindo hoje uma technica especial, a pedagogia, não podemos deixar de procurar descrever, ainda que superficialmente, os solos a que dão origem as differentes formações geologicas.

Não é fóra de proposito lembrar que, a natureza dos solos sob o ponto de vista agricola não depende apenas das rochas de que se originam, mas também das condições de alteração.

Os solos derivados da série das Barreiras e do quaternario, talvez os mais aproveitados até agora, não differem essencialmente dos solos da Amazonia. Nada melhor podemos fazer do que nos reportar aos excellentes trabalhos dos Drs. Marbut e Avelino de Oliveira. Apenas lembraremos o valor de taes solos.

Os solos resultantes da alteração dos arenitos cretaceos são completamente arenosos e bastante pobres. Nelles se encontra a vegetação dos campos. Podem ser aproveitados para pastagens.

Os calcareos cretaceos alterados, mercê do clima no qual não escasseiam as chuvas, dão origem a um excellente sólo, de alto valor agricola, especialmente adequado á cultura da canna de assucar.

Da mesma maneira, as eruptivas produzem pela sua decomposição solos ricos em substancias fertilizantes, que formam manchas no meio de vastas áreas de campos.

A série do Parnahyba, devido á mistura de substancias arenosas e argillosas e sobretudo aos calcareos, dá, em geral, solos bastante aproveitaveis.

Muitos solos provenientes da alteração da série do Tocantins são excellentes, si bem que pouco aproveitados.

B I B L I O G R A P H I A

- Anonymo: "Mines d'or. près de Saint Louis de Maranhão";
Nouvelles Ann. des Voyages, volume II, 1885.
- Castelnau, Francis et Osery, Eugène: — "Expédition dans les parties centrales de l'Amerique du Sud".
- Derby, Orville A.: — "Observations on the crown structure of *Psaronius brasiliensis*"; American Journal of Science, n.º 224, 1914.
- Dias, Antonio: — "O Sertão Maranhense".
- Gonzaga de Campos, Luiz Fellipe: — "Notas sobre algumas localidades da costa norte e nordeste do Brasil onde se encontram os fosseis terciarios referidos na presente monographia"; nota em Monographias do Serviço Geologico do Brasil vol. IV.
- Jordan, D. S.: — "Peixes Cretaceos do Ceará e do Piauhy"; Monographias do Serviço Geologico e Mineralogico do Brasil, vol. III.
- Krasser, F.: — "Konstantin von Ettingshausen's Studien uber die fossile Flora von Ouriçanga in Brasilien"; Sitzungsberichen Akademie der Wissenschaften, CXI Wien, 1903.
- Lisbôa, Miguel Arrojado Ribeiro: — "The Permean geology of northern Brasil"; American Journal of Science, 1914.
- Maury, Dra. Carlota Joaquina: — "Fosseis terciarios do Brasil"; Monographias do Serviço Geologico e Mineralogico do Brasil, vol. IV.
- Pelourde, Fernand: — "A propos des Psaroniées du Brésil"; Comptes Rendus de l'Association Française pour l'Avancement des Sciences, 1914.
- Spix und Martius: — "Reise in Brasilien"; volume II, 1828.
- Small, H. L.: — "Geologia e supprimento de agua subterranea no Piauhy e parte do Ceará"; Publicação n.º 25 da Inspectoria de Obras Contra as Seccas.

Oliveira, Avelino Ignacio de: — "Relatorio da Commissão Brasileira junto á Missão Official Norte Americana de Estudos no Valle do Amazonas".

Wells, J. W.: — "Exploring and travelling three thousand miles through Brasil from Rio de Janeiro to Maranhão"

Wells, J. W.: — "Notes of a journey... to the city of Maranhão"; Journal of the Royal Geographical Society, volume XLVII, 1876.

Woodward, A. Smith: — "On some upper cretaceous fishes of the family of *Aspidorhynchidæ*"; Proceedings of the Zoological Society of London, 1890.

AFFONSO DE E. TAUNAY

IN MEMORIAM

HERMANN LUEDERWALDT

Assistente de Zoologia do Museu Paulista

(1865-1934)



AFONSO DE E. TANAY

MEMORIA

HERMANN LUEDERWALDT

Assistente de Zoologia do Museu Paulista





HERMANN LUEDERWALDT

Assistente da Secção de Zoologia do Museu Paulista

* Gollnow, 23 de janeiro de 1865.

† S. Paulo, 5 de agosto de 1934.



HERMANN LUEDERWALDT

Assistente do Museu Paulista na Secção de Zoologia (Invertebrados)
(1865-1934)

POR
AFFONSO DE E. TAUNAY

Pel'O Estado de S. Paulo e o Jornal do Commercio, pude offerecer publico testemunho de apreço á memoria de um servidor prestantissimo do Museu Paulista, do Estado de São Paulo e das Sciencias Naturaes, ha pouco desaparecido: Hermann Luederwaldt.

Não me foi dado, então, comtudo, impôr ao meu escorço biographico o desenvolvimento que merecia. E' que quando elle falecera me achava enfermo. Assim tive de me restringir a uma noticia deficiente. Quero agora amplial-a, largamente, parecendo-me elementar obra de justiça recordar o nome e a obra de um homem modesto, modestissimo mesmo inteiramente alheio ás instigações da vangloria e da vaidade e a quem adornavam muitas qualidades de alto quilate. E cujos serviços ás sciencias naturaes foram realmente dignos da mais elevada nota e de rememoração justiceiramente elogiosa.

Ao levar ao Sr. Secretario da Educação do Estado de São Paulo, a noticia official do quasi subitaneo passamento deste indefesso e competentissimo trabalhador, com a maior exacção delle pude dizer: "Naturalista de notaveis conhecimentos, especialista de larga reputação, dentro e fóra do paiz, foi, durante trinta annos, um dos mais efficientes elementos do Museu. Trabalhador infatigavel inexcelsivelmente consciencioso, estimadissimo de seus companheiros de trabalho, nelle perde o Estado de São Paulo, certamente, um de seus melhores servidores".

"Valoroso etomologo e botanico, senhor de bella cultura especialisada, além dos largos dotes intellectuaes, ainda se destacava pelo mais aprimorado caracter ■ uma série de qualidades que delle faziam nobre individualidade".

Nestas palavras não havia a abundancia cordis da amizade e sim simplesmente, as instigações da justiça.

Dezeseite annos e meio convivemos quasi diariamente e deste contacto me fica a maior saudade e nem um só motivo do mais leve dissabor.

Subordinado ás instigações de formidavel vida interior escoou-se a existencia de Hermann Luederwaldt entre a admiração da Natureza e verdadeira volupia do trabalho.

Prussiano, nascido a 23 de janeiro de 1865, em Gollnow, pequena cidade da Pomerania, filho do Professor primario Hermann Luederwaldt e de sua esposa D. Augusta Luederwaldt, veio, já homem para o Brasil, fixando-se no anno de 1897 em Blumenau onde residia e clinicava o seu cunhado Dr. Kubel.

Filho de paes muito pobres, mas muito dedicados, depois de frequentar a Escola Publica Superior de Gollnow, seguiu o curso do Gymnasio de Stettin concluindo-o com distincção.

Desde menino, contou-me, amára apaixonadamente as sciencias naturaes, interessando-se sobretudo pela entomologia, na parte referente aos lepidopteros e coleopteros. Desejava, immenso, tomar conhecimento de uma grande fauna e de uma grande flora exotica já estando as de sua patria estudadas a fundo.

Desde mocinho pensára sempre em emigrar para uma região tropical onde achasse campo largo para as observações e pesquisas.

Mas os recursos financeiros lhe eram sobremodo escassos. Assim, só passados alguns annos pôde realizar a transmigração que tanto almejava indo installar-se no Valle do Itajahy, perto da residencia da irmã e do cunhado.

Tinha o verdadeiro culto da independencia da vida sobre si não querendo, de todo, pesar sobre quem quer que fosse e ancioso por dever a si proprio tudo quanto poudesse realizar.

No Brasil, apenas chegado, trabalhou como derrubador de matta. Foi depois agricultor, simples loteiro de pequenino campo. Já então dispunha de assaz desenvolvida cultura, ledor infatigavel que sempre se mostrára.

Apaixonadamente poz-se a observar as coisas da Natureza brasileira, tão diversas das de seu paiz, absorto, encantado com o que a nossa fauna e a nossa flora lhe iam desvendando.

Nos lazeres que lhe deixavam o machado e a foice, a enxada e o arado, punha-se embevecido, a estudar a vida dos animaes e a colleccionar.

Grandes sacrificios lhe impunham este pendor; tão pobre era, a principio, que mal tinha como se sustentar; margem alguma lhe sobrava para a satisfação do pequeno e tão acariciado desideratum.

Homem de optima saúde, e sobriedade extrema, assim mesmo tão escasso lhe era o salário, que nenhum dinheiro lhe restava para adquirir os elementos indispensaveis ao augmento das incipientes collecções.

Passados alguns annos de rude vida, lembrou-se de offerecer os serviços a um estabelecimento scientifico, onde tivesse o ensejo de satisfazer as tão vehementes inclinações intellectuaes. Assim, em 1905, pediu trabalho ao Dr. Hermann von Ihering, então, e desde 1893, director do Museu Paulista.

Procedendo com a maior modestia, não pensou de todo, em encarecer a valia de sua collaboração. Aceitou o que o Dr. Ihering lhe pôde offerecer, um logar de simples jardineiro auxiliar com o salário de mil réis diários. Com a maior philosophia e confiança no futuro poz-se a executar o serviço que lhe era commettido, trabalhando, de enxada e alfange, como qualquer jornaleiro braçal, no amanho do Horto do Museu.

Calado, mas não taciturno, alegre sempre, gozando de invejavel equilibrio de genio, e de character, pagava-se, nas horas de folga, com a satisfação de se sentir envolto pela solidão da Natureza.

A uma legua do Museu Paulista, em ponto então quasi que deshabitado, começava a pequena floresta das cabeceiras do Ypiranga, a chamada Mata do Governo, mais de trezentos alqueires de capoeiras e capoeirões, que hoje constituem o Parque do Estado.

Aos domingos, com verdadeira delicia, embrenhava-se Luederwaldt por aquella mataria, verdadeiro refugio da avi-fauna, dos arredores e habitada por muitos pequenos mamíferos.

Explorou-a a fundo, esquadrinhou-a em todas as direcções e poz-se a remover, para o Horto Botanico do Museu, dezenas e centenas de plantas dignas de transporte, apanhou largas quantidades de insectos, tomou innumeras e preciosas notas ecologicas, etc.

Sentia-se em verdadeiro Eden, insensivel ao ataque dos mosquitos e dos carrapatos, alheio aos perigos do ophidismo.

Dentro em breve pôde o Dr. Ihering melhorar-lhe a situação. Assim, a 1 de abril de 1906, contractou-o para preparador auxiliar do Museu, interinamente, com os vencimentos, ainda parcos, mas já incomparavelmente melhores, de 150\$000 mensaes.

Angariara o mais proficuuo collaborador para o estabelecimento que dirigia, pois era Luederwaldt, inexcivelmente correcto, timbrando em ser, como sempre foi, escrupulosissimo no emprego do tempo consagrado aos deveres officiaes.

Homem methodico, como raros, ia com a immensa paciencia de que dispunha, angariando material para a confecção de trabalhos de largo folego, que tinha em mira realizar opportunamente.

Apassionadamente estudava, assumptos de entomologia e de botanica. A's formigas, aos coleopteros, assim como a certos grupos botanicos, como os filicineos, consagrava toda a attenção.

Em 1911, pela primeira vez, appareceu-lhe o nome entre os dos collaboradores da "Revista do Museu Paulista", com duas pequenas notas sobre "Lamellicornideos novos" e "Insectos necrophagos paulistas".

Era mais que quadragenario, pois, quando, pela primeira vez, poudera imprimir alguma coisa de mais solido.

Até então se limitára a publicar um ou outro pequeno artigo em revistas allemãs especializadas.

Em 1916, ainda, divulgou pequenas notas sobre coleopteros do genero "Pinotus", a que mais tarde deveria dar enorme extensão.

No estrangeiro tambem continuava a imprimir alguns artigos e notas preliminares em revistas, sobretudo allemãs.

E como o Dr. Ihering houvesse organizado a Estação Biologica do Alto da Serra, hoje dependencia do Instituto Biologico de S. Paulo, reserva florestal de seus duzentos alqueires de mata, alli encontrou Luederwaldt largo campo para a ampliação de seus trabalhos.

Infatigavelmente, procedeu como se habituara com a Mata do Governo, naquellas terras accidentadas e cobertas de vegetação virgem. Acompanhado pelo admiravel caçador que era Ernesto Garbe, naturalista colleccionador do Museu Paulista, e outros amantes das coisas da Natureza, passou Luederwaldt dias e dias felicissimos naquelle trato de serra florestado, a dar largas á paixão essencial de seu feitio.

Quantas vezes me recordou aquelles instantes de ventura intensa!

Quando, a 26 de fevereiro de 1917, assumi a Directoria do Museu Paulista encontrei a Luederwaldt no cargo de entomologo contractado, interino, com os pequenos vencimentos de 250\$000

mensaes. Causou-me logo a melhor das impressões pela singeleza e naturalidade do tracto, a seriedade com que expoz os seus trabalhos e planos de estudo.

Com o decorrer dos annos de convivencia cada vez maior apreço votei a este prestantissimo companheiro, cuja bagagem scientifica notavelmente se avultava com o aproveitamento que ia realizando do material de estudos, pertinaz e infatigavelmente accumulado.

Era homem perfeitamente educado, sobrio de maneiras e palavras, cheio de deferencia e alheio ao cortezanismo. Com a maior distincção de gestos e conceitos, apresentava-se com certa timidez, o que era natural em quem tanto amava viver isolado.

Mas sabia conversar com desembaraço muito embora estimasse incomparavelmente mais ouvir do que fallar. Verdade é que não tinha o dom das linguas. Comprehendia perfeitamente o portuguez, quando porém proferido lentamente, e fallava-o bastante correctamente, mas com difficuldade de expressões.

Alargando a área das observações ia também fazendo estudos sobre vertebrados, tomando notas valiosas sobre a vida das preguiças, versando a systematica dos chelonios e saurios brasileiros, etc., etc.

As observações sobre as preguiças tomaram-lhe bastante tempo e deram-lhe grande prazer.

Pedi-me que lhe comprasse uma a que baptizou Tupy e a que chamava Túpi. A ella se afeiçoou bastante. Era uma preguiça do planalto, grande, e parecia velhusca. Pedi-me depois que lhe arranjasse mais umas tres ou quatro, de ambos os sexos. Queria ver como se comportavam em liberdade, na capoeira do horto do Museu.

Consegui-lhe nada menos de sete, obtidas em Santos, de meu bom primo e amigo, o Dr. Francisco da Silva Telles, então director das Obras Municipaes da grande cidade portuaria. Ficou Luederwaldt entusiasmado e gastou semanas a espiar a vida das suas oito preguiças.

Ao raiar do dia lá estava elle a surprehender-lhes e despertar. Trazia-as sob a mais severa fiscalização.

— Então Sr. Luederwaldt que novidades ha em materia de preguiças? perguntava-lhe eu a cada passo.

— Poucas, por enquanto, redarguia com a inabalavel fleugma.

Contou-me então as impressões de Tupy ao avistar as preguiças de Santos, narrando-as com muito colorido.

Algum tempo mais tarde entusiasmou-se assistindo terrível duello entre Tupy e uma rival em materia amorosa. Descreveu-me este prelio narrando que elle se passára ás bofetadas e abraços, com fins **unhatorios**, se é possível assim dizer, além de dentadas reciprocas nos pulsos dos encarniçados contendores.

Ao cabo de algum tempo trouxe-me interessante estudo, **Observações sobre a preguiça em liberdade e no cativeiro** em que ha muita coisa nova e curiosa sobre a ecologia dos bradypodideos.

Durante o seu trabalho occorrera uma época de grandes frios. De uma noite para outra achou cinco das preguiças, a morrer ao pé das embaubas de que tinham cahido. Pareciam, pneumonicas, arfavam desesperadamente. Tratou-as Luederwaldt com verdadeira dedicação, pol-as num quarto envidraçado, fez-lhe innumeras injectões de oleo alcamphorado mas debalde. Mórreram todas com sincera magua do naturalista.

Dera o seu estudo a imprimir quando a agradecer lhe recordei que se achava incompleto. Não verificára se as preguiças sabiam nadar.

— E' verdade! exclamou entusiasmado. Os autores jámais explanaram este ponto.

— Então vamos atirar Túpi ao tanque, para ver como se comporta.

Pedi-me que se fizesse a experiencia com duas das outras preguiças. Podia Túpi apanhar pneumonia. Assim escapou a predilecta dó observador ao mergulho e ás provas em que cabalmente demonstraram saber nadar. Em segundo artigo, na "Revista do Museu Paulista", descreveu o bom Luederwaldt esta experiencia pela qual se interéssou vivamente.

Do volume XI da nossa "Revista" em deante, começam a apparecer os seus trabalhos de largo folego, como as monographias sobre os Manguezaes de Santos, as Observações biologicas sobre as formigas brasileiras, o "Estudo faunistico da Ilha dos Alcatrazes, os resultados de sua excursão scientifica á ilha de São Sebastião, a grande monographia sobre os Passalideos do Brasil, isto de envolta com grande profusão de artigos, maiores e menores, sobre a entomologia, os chelonios, crocodilideos, crustaceos, observações sobre a botanica, considerações sobre a defesa da Natureza, notas preliminares com a descripção de fórmulas novas, etc., etc.

Para escrever os seus relatorios sobre as regiões estudadas não se poupava Luederwaldt a trabalhos rudes, senão frequentemente muito rudes.

Leia-lhe alguém a monographia sobre os "Manguezaes de Santos" e verificará de prompto quanto se expoz para estudar a flora e a fauna daquella zona pantanosa.

Contrahi o impaludismo e adoeceu seriamente.

Nos Alcatrazes para onde levou optimo auxiliar, o apaixonado naturalista que é Pinto da Fonseca, arriscou-se aos maiores perigos tentando attingir as regiões inaccessiveis da ilha, escalando-lhes os penhascos e ameaçado de quedas que seriam fatalmente mortaes.

Admirou-se Fonseca da agilidade que desenvolvia e da pertinacia em chegar aos pontos collimados afim de desvendar os mysterios recessos da rochosa ilha. Tremendos tombos levou e milagre foi, declarou-me o companheiro que tivesse voltado integro após tamanhas imprudencias.

Como o interpellasse a tal proposito, respondeu-me rindo: "Mas Sr. director, se o Sr. soubesse o que levei horas a ver deante de mim! trepado a uma altura de trezentos metros e abrangendo o mais maravilhoso panorama maritimo, dominando enorme trato da costa e da Serra do Mar!

Ahi, Sr. director, nunca o esquecerei em "dia nenhum!" que "marravilhoso", que maravilhoso! Dei por bem empregados os tombos e as esfoladuras".

Algum tempo depois de sua volta foi o Sr. Julio Conceição outro apaixonado da Natureza e da Zoologia, aos Alcatrazes e ouviu de pescadores numerosas referencias admirativas ao zelo e actividade do naturalista incansavel.

Na ilha de S. Sebastião, onde se demorou a colleccionar especimens da fauna marinha e costeira, em companhia do distincto scientista norte-americano, Dr. Waldo Schmidt, realizou tambem prodigios de acrobacia e de resistencia escalando montanhas e penhascos ou demorando longamente dentro dagua. E, no entanto, já então era sexagenario.

Effectuou igualmente, depois de pertencer ao Museu Paulista, diversas viagens de collecta de material ao Estado de Santa Catharina nas grandes matas a sudoeste de Blumenau.

Trabalhador que não conhecia descanso, quando em São Paulo, dividia as horas entre os deveres officiaes, como chefe da secção de invertebrados do Museu e a prosecução de seus grandes estudos entomologicos sobre certos grupos, sobretudo coleopteros e hymenopteros.

Centenas e centenas de paginas de grande formato da "Revista do Museu Paulista" occupou-as o propecto naturalista com as suas produções sempre tão proficientes, quanto honestas e

criteriosas. Não só publicou immenso, quer no Brasil, nos "Archivos" e "Boletim do Museu Nacional" e na "Revista de Entomologia", e quer ainda no estrangeiro, em diversos órgãos consagrados á sua especialidade. Pude acompanhar de perto o cuidado, a consciencia com que effectuava pesquisas e averbava observações, quando compoz a tão estimada monographia sobre a biologia das formigas brasileiras. Com que paciencia estudou a vida destes hymenopteros, absorto, inteiramente, dias, mezes, senão annos a fio, no exame das nossas formigas!

Por vezes para lhe provocar as respostas, perguntava-lhe: — Então, Sr. Luederwaldt, quando fica prompto o seu trabalho? Olhe que preciso muito de originaes para a "Revista!"

Com impassivel serenidade respondia-me, a sorrir, em seu portuguez pitoresco: "Um estudo destes, Sr. director, quando rapido, não "ha valor!" Não póde ir "depressamente"; tem que ser feito bem "devagarmente".

Em outra occasião como lhe lembrasse a famosa phrase de velho naturalista: "ou os brasileiros acabam com as formigas ou as formigas acabam o Brasil", redarguiu-me jovial: "Qual, Sr. director!, esta phrase "não ha valor!" No dia que os brasileiros acabassem com as formigas os grillos, e outros insectos, com elles acabariam". Não violentemos demais a Natureza! já se tem feito tanto abusos neste particular!"

Esta questão das transformações violentas impostas ás condições naturaes pelo accrescimento da população elle a verberava energicamente, e a cada passo.

— Que futuro se está creando para este paiz! exclamava; com esta inconsciente devastação das mattas e esta dendroclastia furibunda que por toda a parte se nota!

A tal proposito escreveu as mais judiciosas considerações num pequeno artigo inserto na nossa "Revista".

O seu "reliquat" scientifico é volumosissimo. Estava dando a ultima demão a uma monographia extensissima sobre os "Lucanideos", esgotando o assumpto, até a presente data. Ao mesmo tempo já quasi concluiu numerosos artigos sobre muitos grupos descrevendo numerosos generos e especies novas.

Penso poder aproveitar grande parte de todo este acervo que representa prodigioso trabalho, diuturno, de vinte annos.

No tomo XIX da "Revista do Museu Paulista" que vae entrar em composição deverá apparecer a monographia dos Lucanideos, contando eu com a collaboração dos entomologos amigos do recém-desapparecido especialista para o aproveitamento do que deixou por imprimir o nosso saudosissimo companheiro.

A 28 de janeiro de 1920, tive a felicidade de poder obter-lhe a nomeação de Custos do Museu. Afinal com a reforma do estabelecimento, a 8 de julho de 1925, foi nomeado assistente de Zoologia para a sub-seção de invertebrados, cargo em que a morte o veio encontrar, trabalhando, sem descontinuidade, até a antevespera de seu fallecimento a 5 de agosto.

Della tinha o presentimento e sereno referia-se ao fim proximo.

E no entanto sentia-se venturoso. Edificara uma casinha e divertia-se a tratar de uma chacinha que era pequeno jardim zoologico e horto botanico.

Frequentes vezes me disse: Ah, Sr. director, sinto-me bem feliz! O principio da vida foi duro mas o fim muito bom!"

A disposição constitucional da compulsoria dos funcionarios não o impressionou. Continuará a mesma vida de estudos sem ter de cumprir a exigencia dos horarios, era o seu programma.

Mas tudo isto elle o dizia, muito scepticamente, porque sentia a morte proxima, pelos symptomas cardiacos que lhe causavam indisposições repetidas.

Grande repercussão terá a noticia da morte de Luederwaldt nos meios entomologicos do Universo.

Era o nosso assistente tido á mais alta conta, entre os seus confrades, em virtude dos estudos sobre formigas e coleopteros.

Mantivera, e mantinha, activa correspondencia com numerosos entomologos de muitos paizes, sobretudo com myrmicologos illustres como Emery e F. Santschi. E a sua autoridade fizera com que, de todos os cantos, lhe affluisse material para a determinação e rectificação, provindo, frequentemente dos maiores museus do Universo e seus especialistas.

Tambem era muito consultado sobre molluscos, crustaceos e oligochetas brasileiros, embora não tivesse sobras de tempo para aprofundar-se no estudo destes grupos.

No caberia dentro dos limites deste artigo mais dizer da bibliographia e da obra de tão insigne trabalhador.

A outro collaborador da Revista do Museu Paulista caberá fazer a resenha completa de sua obra como homenagem do estabelecimento ao servidor que apaixonadamente por elle se dedicou.

O que me resta exprimir é o unanime pezar, o profundo pezar que attingiu a todos os companheiros de Hermann Luederwaldt. Sua alma candida, e feittio de perfeito gentleman, suas maneiras, cortezes como raras, sua benevolencia continua e ausencia absoluta de inveja, seu servicalismo e cordialidade, fazem com que a

sua memoria seja acompanhada pela mais suave e sentida saudade. No trato intimo era o mesmo homem, sereno, risonho, e gentil.

Irmão generoso dava, a cada passo, testemunho dos sentimentos fraternos. E como soubesse que um antigo socio de seu pae, em mal succedido negocio estivesse em grande penuria na Allemanha, mandou-lhe subsidios assaz avultados para as suas posses. Porque, dizia elle, fôra este homem prejudicado por uma especulação infeliz devida ao seu socio.

Um conceito que frequentemente repetia dá flagrante ideia da elevação de seus sentimentos de cordura: — Um dos maiores erros da Humanidade é tanto exaltar a Intelligencia e tão pouco a Bondade.

Na lista dos estrangeiros illustres, benemeritos do Brasil, no catalogo dos scientistas germanicos, amigos de nossa terra, encabeçada pelos appellidos immortaes de Eschwege e Martius, Spix e Wied, Pohl e Natterer, figurará sempre — com o destaque que, com a maior justiça, conquistou — figurará o nome de Hermann Luederwaldt, verdadeiro ornamento de sua nação, brasileiro adoptivo que soube ser um servidor incomparavel do Estado de São Paulo, na orbita elevada de suas attribuições de naturalista e assistente do Museu Paulista.



BIBLIOGRAPHIA DE HERMANN LUEDERWALDT

Organizada por Carlos Amadeu de Camargo Andrade
naturalista do Museu Paulista.

- 1897 — Eine neue Psammophila — Art und eine neue Varietät des Hydrous caraboides F. (Hymenoptera). Stett. entomol. Zeit. 1897, pp. 125-126.
- 1909 — Beitrag zur Ornithologie des Campo Itatiaya. Zoologische Jahrbücher. Abt. f. Syst., pp. 329-360.
- 1910 — Die Frassspuren von Cephaloldia deyrolley Baly. Zeitschrift für wissenschaftliche Insektenbiologie — 1910, Heft, 2, pp. 61-63.
- — Sphex striatus Sm. (Prionyx johannis Fabr.) bei seinem Brutgeschäft. 1. c. Heft-5, pp. 177-179.
- — Insektenleben auf dem Campo Itatiaya. 1. c. Heft 6-7, pp. 231-235.
- — Zur Biologie zweier brasilianischer Bienen. 1. c. Heft, 8-9, pp. 297-298.
- — Vergiftungserscheinungen durch Verletzung mittels haariger oder dorniger Raupen. 1. c. Heft 11, pp. 398-401.
- — Kleinere Original-Beiträge, 1. c. Heft 12, pp. 451-452.
- — Termitenhügel als Brennmaterial und Herd (nota), 1. c. Heft 12 pp. 451-452.
- — Actinobulos trilobus n. sp. (Col. Dynastin.) Deutsch. Ent. Zeitschr. 1910, pp. 95-96.
- — Quatro Lamellicorneos Termitophilos. Revista do Museu Paulista, vol. VIII, pp. 405-413.
- — Os Insectos Necrophagos Paulistas. L. c. vol. VIII, pp. 414-433.
- 1911 — Nestbau von Neocorynura erinnys Schrottky. Zeitschrift für wissenschaftliche Insektenbiologie, 1911, Heft 3, pp. 94-96.
- 1912 — Zur Biologie von Stenoma dissimilis Kearfott. Fam. Tineidae (Kearfott det. 1911.) 1. c. 1912, Heft 1, pp. 5-6.
- 1914 — Biologia de varias especies de Pinotus de São Paulo. Revista do Museu Paulista, vol. IX, pp. 365-370.

- — Verzeichnis der in Jaraguágebiet gesammelten bezw. beobachteten Farne, Hedwigia Band LV, 1914, pp. 79-81.
- 1915 — Zur Lebensweise brasilianischer Cicindeliden. Zeitschrift für wissenschaftliche Insektenbiologie — 1913, Heft 1-2, pp. 25-27.
- — Insekten-und sonstiges Tierleben an brasilianischen Bromeliaceen, l. c. 1915, Heft 3-4, pp. 78-84.
- 1916 — Biologische Notizen über brasilianische Coleopteren. l. c. 1916, Heft 11-12, pp. 293-298.
- 1917 — Biologisches über brasilianische Staphyliniden. l. c. 1917, Heft 1-2, pp. 9-14; Heft 3-4, pp. 44-47.
- — Bibliographia (1917 a 1921). Revista do Museu Paulista, vol. XV, 2.^a parte, pp. 129-130, 137, 162, 172-174, 176-200.
- 1918 — Notas Myrmecologicas — 1.^o) Lista das formigas do Estado de São Paulo; 2.^o) Novas formigas; 3.^o) Nidificação, etc.; da *Atta göldii*, *luederwaldtii* e *nigrosetosa*. L. c. vol. X, pp. 29-64.
- — O Herbario e o Horto Botânico do Museu Paulista, l. c., vol. X, pp. 289-311.
- 1918 — Observações sobre a Preguiça (*Bradypus tridactylus* L.) em liberdade e no cativeiro. l. c. vol. XI, pp. 311-408.
- 1919 — Os Manguesaes de Santos — l. c. vol. XI, pp. 311-408.
- — Lista dos Crustaceos superiores (Thoracostraca) do Museu Paulista que foram encontrados no Estado de São Paulo., l. c. vol. XI, pp. 429-435.
- — Observações sobre as consequencias da geada sobre a flora indigena e estrangeira, representada no Horto Botânico do Museu Paulista e sua immediações. L. c. Vol. XI, pp. 439-450.
- — Sobre a Biologia de *Tanaphysa adornatalis* Warrem (Lepid.) L. c. Vol. XI, pp. 461-462.
- 1920 — Neue Brasilianische Ameisen. — Weiszflög Irmãos — S. Paulo e Rio, 1920.
- — Chave para determinar os Dorylineos brasileiros. Revista do Museu Paulista, vol. XII, II parte, pp. 231-257.
- 1921 — Neue brasilianische Pinotus-Arten. 1921 — São Paulo — Typographia Brasil de Rothschild & Cia.

- — Zur Lebensweise des “Lagarto” (*Tupinambis teguixim* L.) Deutscher Verein für Wissenschaft und Kunst in S. Paulo. 1921, Jahrg — II. pp. 47-51.
- — Kleine Mitteilungen und Besprechungen. I. c. 1921 — pp. 117, 277.
- — Ein Riesenwespennest. I. c., 1921, pp. 270-271.
- 1921 — Missbildungen bei einer Palme, *Euterpe edulis* Mart. L. c. Tafel XIII, 1921, p. 221.
- 1922 — Die Cyathaceen aus der Umgebung der Stadt S. Paulo. I. c. Jahr. 1922, pp. 83-118.
- — Ein Canthon (Coleopt. Lammell. Coprinae) auf Affen. L. c. 1922, p. 226.
- 1923 — Fonseca (José Pinto da) — A Ilha dos Alcatrazes. Revista do Museu Paulista — Vol. XIII, pp. 440-509.
- 1925 — Novas especies do genero *Pinotus*. Boletim do Museu Nacional, vol. II — 1925, pp. 67-69.
- 1926 — *Cyclocephala cribata* Burm (Lam. Dyn.) Habitante Legal das Bromeliaceas. Revista do Museu Paulista, vol. XIV, pp. 129-132.
- — Novas especies do genero *Pinotus*. (Col. Lamell. Coprinae). L. c., vol. XIV, pp. 135-138.
- — Observações Biologicas sobre formigas brasileiras, especialmente do Estado de São Paulo, I. c. Vol. XIV, pp. 187-303.
- — Chave para determinação dos crocodelideos brasileiros com uma lista de especies do Museu Paulista. L. c. Vol. XIV, pp. 387-392.
- — Mais algumas observações sobre a Preguiça (*Bradypus tridactylus* L.), I. c. Vol. XIV, pp. 395-396.
- — Addenda á memoria “A Ilha dos Alcatrazes”, do tomo XIII, 1923, da Revista do Museu Paulista. I. c. Vol. XIV, pp. 397-401.
- — Os Chelonios Brasileiros. I. c. Vol. XIV, pp. 405-469.
- 1927 — A Collecção de Minhocas (Oligochetae), do Museu Paulista. L. c. Vol. XV, pp. 543-556.
- — Cinco novas especies da familia dos passalideos (Col. Lamell.) — Boletim do Museu Nacional, vol. III, fasc. II. 1927, p. 37.

- — *Passalus tetraphyllus* Esch. l. c. Vol. III, Fasc. III — 1927, p. 65.
- 1928 — Novas espécies do gênero *Pinotus* (Col. Lamell). l. c. Vol. IV, Fasc. II — 1928, pp. 63-65.
- 1929 — *Passalus Zikani* n. sp. (Col. Lamell. — Passalidae) — l. c. Vol. V, 1929, p. 31.
- — Tres novas especies do gênero *Bolboceras* (Col. Lamell. — Geotr.). l. c. Vol. V, pp. 71-72.
- — Resultados de uma excursão científica á Ilha de S. Sebastião no litoral do Estado de São Paulo em 1925. — Revista do Museu Paulista, vol. XVI, pp. 2-80.
- — As especies brasileiras do genero *Pinotus*. l. c. Vol. XVI, pp. 605-775.
- — Errata, addições, e modificações aos "Resultados de uma excursão científica á Ilha de S. Sebastião em 1925. — l. c. Vol. XVI, pp. 1.013-1.019.
- 1930 — As especies novas de *Ontherus* (Coleopter., Scarab. Coprinae); Archivos do Instituto Biológico — Vol. III, 1930, pp. 105-108.
- — Novas especies brasileiras do genero *Pinotus*, grupo de *Fissus* (Col. Lamell. — Copridae). Boletim do Museu Nacional, vol. VI, 1930, pp. 119-122.
- — Novos *Lucanideos* brasileiros (Col.) — l. c. Vol. VI, 1930, pp. 123-127.
- 1931 — Monographia dos *Passalideos* do Brasil (Col.) — Revista do Museu Paulista, vol. XVII — 1.^a parte — 1931, pp. 1-262.
- — Tres novas especies de *Pinotus*. l. c. Vol. XVII — 1.^a parte — 1931, pp. 353-361.
- — O Genero *Ontherus* — l. c. Vol. XVII — 1.^a parte, 1931, pp. 363-422.
- — Duas especies novas Brasileiras da Família dos *Lucanideos* (Col.) — l. c. Vol. XVII — 1.^a parte, 1931, pp. 423-426.
- — As especies Sul-Americanas de *Bolboceras* — l. c. Vol. XVII — 1.^a parte, pp. 427-454.
- — Notas sobre *Passalideos* Americanos (Col. Lamell). — Revista de Entomologia, vol. 1. Fasc. 1, 1931, pp. 62-65.

- — Novos subsidios para o conhecimento do genero *Pinotus* (Col. Lamell. — Copridae). l. c. Vol. I. Fasc. III, pp. 298-301.
- 1934 — Novos Lucanideos brasileiros — Revista de Entomologia. Vol. IV, pp. 388-391.
- — O genero *Publius* com uma chave para a classificação dos generos da sub-familia *Proculinae*. (Col. Lamell. — Passalidae) — Revista do Museu Paulista, vol. XVIII.
- — Revisão do genero *Paxillus* — L. c. Vol. XVIII.
- — Corrigenda e Supplemento á Monographia dos Passalideos do Brasil — Revista do Museu Paulista — Vol. XVII — 1.^a parte, p. 1 — l. c., vol. XVIII.

A PUBLICAR:

Novos Passalideos Americanos — Boletim Biologico (do Club Zoologico do Brasil). 1934.

Pinotus, novas especies. — “Revista de entomologia.

Monographia dos Lucanideos Brasileiros.

— Novos leões para o continente —
 Pinotus (C. Lamell. — Coprida: Rev. Vol. I. fasc.
 III, pp. 298-301.
 — Lucanides Brasileiros — Revista de Entomologia
 Vol. IV, pp.
 — (1) gênero *Publius* com uma
 dos gêneros da sub-família — (Col. Lamell. —
 Passantes — Revista Museu Paulista, vol. XVIII.
 — Revisão do gênero *Paxillus* — L. c. Vol. XVIII
 (Lamell. — Revista Museu Paulista, vol. XVIII)

A PUBLICAR:

Novo I leões-Ameri — Bol. Bol. Biológico
 Club. Xéol.
 Monographia des Lucanides Brasileiros

PLÍNIO AYROSA

O

CADERNO DA LINGUA

OU

Vocabulario Portuguez-Tupi

DE

FREI JOÃO DE ARRONCHES

— 1789 —

NOTAS E COMMENTARIOS Á MARGEM
DE UM MANUSCRITO DO SEC. XVIII



PLINIO LAFRANC



ANNO AD DOMINUM

INDICATO DE JESUS CHRISTI

ANNO DOMINI

PLINIO LAFRANC

PREFAÇÃO

A cathedra de lingua tupi-guarani, creada recentemente em nossa Universidade, dará, certamente, aos estudos linguisticos americanos, não só vida nova, mas a continuidade necessaria e o estimulo imprescindivel. Até agora, os que se dedicavam a esse ramo importantissimo da ethnographia brasileira, sentiam-se isolados n'um ambiente de indifferentismo, desajudados de toda e qualquer collaboração, desalentados pela falta quasi absoluta de material de estudo. As obras classicas da lingua estão, em geral, exgotadas ha longos annos; os manuscriptos dos primeiros seculos da colonisação, esquecidos no immenso acêrvo da Bibliotheca Nacional ou nos archivos particulares, e as publicações especializadas insertas em Revistas carissimas, são quasi inacessiveis, quando não exgotadas tambem. Assim, só o immenso amor ao estudo e a tenacidade heroica de alguns brasileiros excepcionaes, permittiram que se não abandonassem de vez as pesquisas linguisticas e se não esquecesse completamente no Brasil o dever patriotico de cuidar com carinho da lingua que mais contribuiu para a toponymia nacional. A' influencia pessoal de Pedro II devem-se, evidentemente, um certo periodo de entusiasmo pelo tupi-guarani e a publicação de uma série pequena, mas brilhantissima, de trabalhos originaes e de reimpressões valiosas. Varios escriptores estrangeiros, allemães sobretudo, seguindo os passos de Martius, dedicam-se á ethnographia brasilica e contribuem generosamente para o melhor conhecimento da lingua geral. Valle Cabral, em 1880, organisa uma Bibliographia das obras tanto impressas como inéditas, existentes ou não na Bibliotheca Nacional, evidenciando o grande contingente documental inexplorado ainda. E é nessa Bibliographia que apparece o manuscripto inédito da 2.^a parte do Diccionario Brasiliano publicado por nós no vol. XVIII da "Revista do Museu Paulista". Lá estão, no entretanto, outros valiosissimos papeis, graphados por antigos missionarios e por alguns sabios estrangeiros, á espera, até hoje, de quem se aventure a dar-lhes vida e publicidade. Claro que não se pôde attribuir esse abandono aos estudiosos e nem aos funcionarios en-

carregados da guarda dos Archivos e Bibliothecas; o abandono e o desinteresse decorrem naturalmente da falta de apoio official, do desdém que os mentores de nosso ensino publico sempre votaram a esses estudos. Varnhagen, Ramiz Galvão, João Ribeiro e outros sabios patricios, tentaram, por vezes, incluir nos programas do ensino official uma aula de tupi-guarani, mas, lamentavelmente, jámais foram attendidos. Faltando esse apoio, faltando um centro irradiador continuo de actividade escolar, embóra modesto; crescendo cada vez mais as difficuldades na acquisição de obras indispensaveis, logico éra que os estudiosos, em numero regular durante o segundo império, fôsssem tambem se desinteressando da empreza áspera, e volvendo as suas actividades mentaes para sectores mais productivos e menos ingratos. Do indianismo de Alencar e Gonsalves Dias, viemos ao regionalismo quasi sempre inexpressivo e falso de muitos de nossos escriptôres actuaes.

O Governo Paulista, ao crear a Universidade, luminosamente inspirado, rompeu com todas as praxes utilitarias, pôz á margem todos os tolissimos argumentos dos que consideram nullas as iniciativas de ordem puramente cultural, e nos seus cursos incluiu a cadeira de estudos tupi-guaranis. Está o Brasil, agóra, nas condições que ha quasi um seculo aspirava; pôdem, agora, os cultores da lingua geral, ter certeza de que as suas pesquisas e os seus labores encontrarão eco e estímulo na Universidade de São Paulo; podemos, todos nós, trabalhar convictos de que não cessará jamais a marcha em direcção ao completo conhecimento do idioma que Figueira achava ser "elegante sim; e suave, mas extranho e copioso."

Provavelmente formar-se-á uma elite culta e desinteressada, capaz de manter sem solução de continuidade, a tarefa de reunir as fontes documentaes; de systematizar as pesquisas; de promover a reimpressão de obras exgotadas; de vulgarizar os inéditos e de tornar accessiveis os trabalhos esparsos em revistas, jornaes e folhetos, de toda especie, escondidos e mal conservados nas Bibliothecas e nos Archivos, peças soltas da desmantellada estrutura bibliographica tupi-guarani. Não mais se assistirá, por certo, ao triste espectáculo, commum e periodico, de enterrar-se com o estudioso morto, o entusiasmo fulgaz pela lingua geral.

A tupimania deixará de existir, os "curiosos" sem compostura não mais terão publico para suas acrobacias etymologicas, e os devotados ao tupinismo, si quizerem, terão onde se aprofundem e aperfeiçoem, sem os inconvenientes da desorientação geral, e sem os riscos de perder longos annos na collecta do material indispensavel aos seus labores. A cadeira de tupi-guarani da Universidade, ha de ser, primeiro, o ponto de convergencia de tudo quanto se relacione com os estudos de sua especialidade para ser, depois, o foco irradiador de pesquisas e de obras de vulgarisação.

Sem que pudessemos prever tão notável iniciativa do Governo de São Paulo, n'um ambiente igual ao que se vinha desdobrando desde o desaparecimento dos grandes tupinólogos do 2.º Imperio, sabendo de antemão que o nosso ideal feneceria no dia em que deixássemos de alimentar-o com nosso esforço precario e pequeno, tentamos a realisação de um curso elementar de tupi no Centro do Professorado Paulista, empenhamo-nos na espinhosa tarefa de publicar integralmente o Diccionario Brasiliano e, ousadamente, começamos a occupar a tribuna do nosso Instituto Historico, com dissertações e leituras sobre o idioma dos brasis. Si essas tentativas tiveram o dom de suggerir e justificar a creação daquella cathedra, não nos interessa averiguar; interessa-nos, sobretudo, cooperar no preparo do material de que vão ter necessidade os futuros alumnos do novo curso, como nenhum outro, desprovido ainda de elementos de trabalho.

A reimpressão da primeira parte do Diccionario Brasiliano de Frei Onofre, tal como fôra dada á luz em 1795, e a publicação da segunda, que se conservava inédita na Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro, podem ser tidas como bôa contribuição ao estudo do tupi, principalmente por que esse Diccionario fixa uma etapa na evolução da lingua, e caracteriza o linguajar dos catechistas em dada região do Paiz. Claro que a evolução não se processou no sentido do aperfeiçoamento da lingua, mas, ao contrario, no sentido da deturpação progressiva á que fatalmente se teria de sujeitar o tupi em face, principalmente, do castelhano e do portuguez.

Obra considerada de valor real por todos os tupinólogos, citada constantemente em escriptos especializados, está hoje ao alcance de todos, tal qual se encontrava nos manuscritos.

Agora vamos publicar o Caderno da Lingua, de Frei Arronches, baseados nos papeis originaes que pertencem ao Archivo do Museu Paulista. Muito menos vultuoso que o de Frei Onofre, não deixa este vocabulario de ter também grande importancia para os estudiosos, pois fornece uma série de dados interessantes sobre a lingua. Analyse-mol-o rapidamente. Consta elle de 26 folhas de optimo papel escriptas de ambos os lados, em duas columnas, e traz, na ultima pagina os seguintes informes valiosos: — 1739, Frei João de Arronches —. Com tinta diversa da usada em toda a obra, mas com a mesma calligraphia, vem ainda esta nota: filho do medico de Arronches. E' certo, portanto, que o vocabulario data de 1739 e que, si não é da autoria de Frei Arronches, a elle pertenceu, positivamente. A nota — filho do medico de Arronches — pôde fornecer á quem um dia quizer reunir dados biographicos desse provável catechista, interessante esclarecimento e, quicá, optimo ponto de partida para estudos posteriores. Arronches, como se sabe, éra denominação de uma velha aldeia do Ceará, hoje chamada Porangába. Lembrava, naturalmente, a villa de Arron-



ches em Portugal, de onde teriam vindo os seus fundadores, ou pelo menos de onde seriam filhos os primeiros habitantes da homonyma cearense. Como aconteceu com Frei Onofre, sobre Frei João de Arronches nada conseguimos que sirva á sua biographia. Em verdade, não pudemos nós dedicar a pesquisas dessa ordem, mas em obras que tínhamos á mão, e que poderiam trazer algum informe util, nada, absolutamente nada, encontramos. A letra do manuscrito, a qualidade do papel filigranado, o uso de certas expressões portuguezas, confirmam insophismavelmente a data inscripta na pagina final. Temos sem duvida alguma, ao nosso dispôr, papeis originaes de 1739.

Mas o vocabulario em si será de autoria de Frei Arronches? Teria elle mesmo colhido, na pratica diuturna da lingua, as palavras e phrases registradas no Caderno?

Cremos firmemente que não; cremos que o Caderno não é mais que uma copia resumida do Diccionario Brasiliano de Frei Onofre. Em primeiro lugar é preciso não esquecer que aos catechistas sempre foi indispensavel um vocabulario da lingua em que deviam propagar a fé e converter o gentio. Os que succediam aos seus irmãos na labuta de todos os dias, valiam-se naturalmente dos vocabularios já organizados e em uso, copiando-os por suas proprias mãos, quando não os recebiam promptos, generosamente, de quem delles não mais necessitasse. Assim, facilitava-se enormemente o trabalho de aprendizagem da lingua, e dava-se, ao novo-rijo na terra, os elementos essenciaes para seus primeiros passos na catechese. A "Arte" de Anchieta, sabe-se, era conhecida por toda a costa, muito antes de ser dada á publicidade em 1595. Dezenas de copias, talvez centenas, desse precioso livrinho, serviram a numerosos religiosos á modo de vademecum que cada um trazia comsigo, para as necessidades de momento e para estudo nas horas de lazer. De um vocabulario organizado pelo mesmo Anchieta, fala-se constantemente, sem que se tenha positivado a sua existencia, sem que se tenha indicado ao menos onde param os seus originaes. Provavelmente, por não ter sido impresso, correu de mão em mão, fragmentando-se por exigencias locaes, e servindo á organização desses varios outros contradicções de norte e sul do Brasil.

Com o Diccionario da Lingua Geral, de Frei Onofre, o intitulado Brasiliano por Frei Velloso, ter-se-ia dado exactamente aquelle facto; não fôra impresso, e por isso serviu, através de copias numerosas, aos catechistas todos que missionaram, após a sua feitura, no Maranhão e nos Estados visinhos. Estamos convictos de que o Caderno da Lingua que óra publicamos, não passa de uma dessas copias do Brasiliano.

Demais, como largamente expuzemos no Prefacio do Brasiliano, é quasi certo que Frei Onofre devêra ter vivido em época

muito anterior a 1751. Agora, é quasi possível affirmar-se que o seu Dicionario foi composto antes de 1739, ou antes da data authentica registrada por Frei Arronches. Uma rapida analyse dos dois vocabularios permite verificar, desde logo, que o Dicionario de Frei Onofre é muitissimo mais extenso que o de Frei Arronches: que todas as palavras registradas pelo segundo, estão tambem no primeiro; que o de Frei Onofre esclarece os verbetes com exemplos e com variantes não só vocabulares como phraseologicas; que termos especiaes e de uso restricto, consignados no Brasiliano, repetem-se no Caderno de Frei Arronches, etc., etc. Facil é verificar-se, tambem, que palavras tupis correctamente escriptas no Brasiliano, apparecem em Frei Arronches graphadas erradamente, demonstrando com evidencia, descuidos de copia: trocas de letras, fraccionamentos de vocabulos, confusões relativas ás formas activa e passiva dos verbos, communs no Caderno, são repetições das mesmas falhas do Brasiliano. Emfim, taes e tantas são as coincidencias, taes e tantos são os pontos de contacto entre um e outro, que a ninguém será permittido negar a estreita ligação existente entre os dois, e, consequentemente, a certeza de que um proveio do outro, ou melhor, que um é copia melhorada ou resumida do outro. Infelizmente, o Dicionario Brasiliano não traz data alguma; sabe-se d'elle apenas que é, como dissemos, anterior a 1751. Horacio de Carvalho, a quem meu presado amigo Dr. Affonso de E. Taunay ha annos incumbira de estudar o Caderno de Frei Arronches, em dez ou doze linhas apenas, sem justificação alguma, affirmou que o Brasiliano era uma simples copia... Mas affirmou sem conhecer uma série preciosa de documentos e de noticias que demos á publicidade sómente em 1934, quando aquelle dedicado e culto estudioso já havia fallecido. Si elle tivesse podido consultar os manuscriptos que tivemos a felicidade de lêr; si houvesse recorrido ás fontes existentes na Bibliotheca Nacional: si tivesse tido tempo para cotejar, como fizemos exhaustivamente, um com outro; si a sua saude precaria não o inhibisse de, pacientemente, organizar quadros comparativos, é possível, teria chegado á concluir que, si se não consegue provar que Frei Arronches copiou o Brasiliano, sente-se, em todo caso, percebe-se, vislumbra-se nas entrelinhas, nos erros graphicos, nas syntheses, nas falhas, nas confusões de Frei Arronches, a copia do Brasiliano.

Quem estudou o Brasiliano, ao ler o Caderno não deixará de sentir que relê o primeiro em resumo. Nós, pelo menos, tivemos essa impressão, clara, positiva, immediata.

Póde-se affirmar, em verdade, que é tambem possível ser o Brasiliano uma copia muito ampliada e cuidadosa do Caderno de Frei Arronches, uma como que nova edição correcta e augmentada... Póde-se, não ha duvida, mas apenas pelo facto occasio-

nal de não se ter encontrado nos manuscriptos de Frei Onofre data anterior á que, também occasionalmente, apparece em Frei Arronches. Serão supposições, essa e outras, que não invalidam a constatação real e insophismavel: Frei Arronches assigna um simples Caderno, resumido em cincoenta e poucas paginas de formato pequeno, sem commentarios de qualquer especie, tão secco e tão frio quanto é possível imaginar; Frei Onofre, mesmo sem levar em consideração a segunda parte do seu Brasiliano, vasta e detalhada, dá-nos o dobro das palavras annotadas pelo Caderno, muito mais de accôrdo com as regras da lingua, muito mais minucioso, evidentemente mais rico, e sem indício capaz de fazer suppôr uma collaboração de extranhos.

Baseados nessas considerações e nesses factos é que nos convencemos da cópia, feita por F. Arronches, do Diccionario Brasiliano.

E' possível que estejamos enganados...

No prefacio que achamos necessario dar á reimpressão do Diccionario Brasiliano, declaramos que innumeras notas haviamos composto para esclarecer o texto, para corrigir pequenos enganos e para indicar ao leitor fontes novas de estudo; dissemos mais, que deixavamos de as incluir naquelle trabalho para evitar augmento demasiado do volume. Realmente assim procedemos. Agora, porém, parece-nos opportuno aproveitar parte dos apontamentos tomados, adaptando-os, com pequenas variantes, ao texto deste Caderno. São simples notas rapidas, sem pretensão alguma, redigidas ao correr das paginas originaes do manuscripto; lembretes que pôdem levar o estudioso á pesquisas mais sérias e á conclusões mais acertadas. Para facilidade, fizemol-as seguir immediatamente ás palavras de Frei Arronches, certos de que assim não deixará o consulente de as lêr e de as criticar. O vocabulario, extremamente synthetico, ganha com essas notas mais elasticidade, e se põe em contacto directo com o Brasiliano e com outras obras de valor indiscutivel, antigas e modernas. As constantes referencias ao Diccionario de Frei Onofre, justificam-se pela já mencionada semelhança dos dois trabalhos. De uma certa maneira, podemos dizer que a publicação deste vocabulario completa a do Brasiliano; as notas destinadas ao segundo servem para ambos sem discrepancia alguma.

Para que os leitores tenham em mãos o vocabulario de Frei Arronches tal como elle o graphou, não fizemos alteração alguma no texto, sob qualquer ponto de vista. A desordem alphabetica do manuscripto, a extranha graphia das palavras portuguezas, a acentuação exigua dos termos tupis, tudo reproduzimos com o maximo cuidado, religiosamente. Quando quizemos corrigir, quando quizemos ordenar e esclarecer, fizemol-o em notas, exclusivamente

em notas que se acham, entre parenthesis, da primeira á ultima pagina, e que são de nossa exclusiva responsabilidade. Reconhecemos que o trabalho annotado tomou um vulto talvez demasiado, dadas as pequenissimas proporções do original, mas não cremos que alguém nos critique por isso, mesmo porque só adicionamos observações que suppuzemos uteis, e redigidas sempre em estylo puramente telegraphico.

Visando dar aos curiosos e estudantes do tupi-guarani mais uma prova de nosso profundo amôr á lingua dos antigos donos de nossa terra, dispômo-nos, gostosamente, a receber e tomar em consideração respeitosa qualquer objecção ou critica com que os conhecedores dos assumptos nós queiram honrar.

Ao Dr. Affonso de E. Taunay, o incansavel Director do nosso Museu Paulista, amigo dos melhores e dos mais queridos, deixamos aqui consignados os nossos agradecimentos affectuosos pela oportunidade que nos deu de estudar, commentar e publicar os velhos manuscriptos de Frei Arronches.

Plinio Ayrosa.



E R R A T A

Pag.	Linha	Onde se lê	Leia-se
59	—	Franca	França
67	34	XVII	XVIII
70	23	mbaé, rupi	mbaé rupi
70	37	poã ou poán	poã—poan—
71	6	a jár	ajár
71	8	a jepoitic	ajepoitic
77	17	formar	compor
78	6	ocorre	occorre
79	18	F. A.	F. O.
79	21	ocorre	occorre
83	36	Teçó	Tecó
93	4	deve	póde.
96	1	F. A. com	F. A. e

SciELO

ABREVIATURAS USADAS NOS COMMENTARIOS

- F. O. — FREI ONOFRE, autor do Diccionario Brasiliano-Portuguez.
- F. A. — FREI ARRONCHES, autor do Caderno da Lingua.
- D. B. — Diccionario Brasiliano, publicado na Rev. do Museu Paulista, Tomo XVIII.
- Ms. — Manuscripto.
- Ms. de F. A. — Manuscripto de Frei Arronches.
- Ms. de F. O. — Manuscripto de Frei Onofre.
- Ms. do M. B. — Manuscripto do Museu Britannico, impresso por Ferreira Franca em 1859, vol. II, da Bibliotheca Linguistica. Ed. Brockhaus.
-



ABREVIATURAS USADAS NOS COMENTARIOS

— FRIE VOFKE, autor do Dicionário Brasil-

lingua.

Manuscrito de Frei Atanásio.

crítico de Frei Onofre.

CADERNO DA LINGUA

A antes do B

ABAFAR — mokék. (No D. B. vem pokék, que é o mesmo mokék com a simples permuta da labial m por p: O D. B. esclarece que pokék diz, não apenas abafar de forma geral, mas abafar embrulhando, isto é, que pokék tanto pôde significar abafar como embrulhar).

ABAFAR, cobrindo — jaçui. (No D. B. vem sempre graphado jacui. Gonsalves Dias que organisou o seu Dicionario baseado no D. B., tambem escreve o termo com c, registrando iacui. Stradelli dá iacuy, e traduz: embarreado, enchido o taipuma com terra. Baptista Caetano registra acui (de cui, pó e o prefixo a) com a significação de accumulado, amontoado, embora de accordo com Montoya cite açoi que diz: tapar, cobrir, encobrir, etc. A differença entre jaçui e jacui, apezar de pequena, é sensivel; jacui será cobrir ou tapar com terra, com areia, com farinha, ao passo que jaçui é cobrir de uma forma geral ou vaga, abafar sem enrolar ou embrulhar. Parece-nos, por isso, que realmente deve ser jaçui e não jacui como vem no D. B.. Aliás, no Ms do M. B., estudado por Ferreirã França, está tambem aiaçui e no moderno dictionario castelhano-guarani de Bottignoli (Ed. de Turim, s/d) occorre ayajoi. O j empergado pelos paraguayos corresponde approximadamente ao nosso ç).

ABAFADURA — jaçuicába. (No D. B. não encontramos abafadura, mas abafamento, que ali se traduz por caneónçába. Esta expressão, em rigor, não significa abafamento, o acto de abafar cobrindo, mas o canção, o esalfamento, a falta de ar, a oppressão produzida pelo excesso de movimentos. Caneónçába e jaçuicába têm, portanto, significações diversas).

ABAIXAR — mogib. (Na 1.^a parte do D. B. vem mogyb. No Ms. do M. B. apparece aimoybykóc. E' interessante notar

que assim vem também na 2.^a parte do mesmo D. B., porém correctamente interpretada a expressão: fincar no chão, enterrar no chão. Só por analogia de idéas poder-se-á dar á **aimoybykóc** o sentido de abaixar).

ABALAR — **mocatác**. (O D. B. dá **mokatác**, accôrde, portanto, com o de F. A.).

ABALIZAR — **moabá**. (No D. B. **moabaetê**; no Ms. de F. A. realmente parece estar graphado apenas **moabá**, mas um exame cuidadoso faz perceber que o suffixo **etê** lá está, embora encoberto por uma das muitas manchas do papel. **Moabá**, que Horacio de Carvalho por não distinguir o accento do **a** final transformou em **moába**, diz somente: personalisar, tornar homem, etc. Abalisar deve ser positivamente **moabaetê**, isto é personalisar de fôrma notavel, fazer com que alguém se torne distinto, idoneo, honesto, etc.).

ABALIZAR — **moerakéne**. (F. A. quiz por certo precisar as duas accepções do verbo abalisar; tornar-se idoneo e crear fama, tornar-se notavel, accepções, aliás, não muito claras em portuguez. **Moerakéne**, que também se grapha **moerakoéne**, exprime correctamente: fazer correr o nome, dar fama ou nomeada. No D. B. vem, não só abalisar como ainda afamar, **mocéra coéne**. F. A., como se verá, traduz afamar sob outro ponto de vista, isto é, fazer grande, engrandecer, e diz: **mogoacû**).

ABALIZAR-SE — **jemoabaetê**. (No D. B. vem **ojemoabáetê**.)

ABALIZADO — **abaetê**. (Ainda aqui F. A. demonstra que ha a distinguir entre abalisado, no sentido de idoneo, verdadeiro, superior, e abalisado como synonymo de afamado, conhecido, etc. **Abaetê** é o homem superior moralmente, a pessoa de saber, respeitavel. Vide o termo seguinte).

ABALIZADO — **cerakéne**. (Vide o anterior. Abalisado aqui deve entender-se como afamado, renomado, celebrado, com exclusão da idea de idoneidade, de respeitabilidade, etc. Vem também no D. B.).

ABANAR — **pejú**. (No D. B. **pejú** e no Ms. do M. B. **aipejú**. O termo em rigor significa assoprar, produzir movimento de ar. Não se deve confundir com **mokatác**, que se traduz por abalar, sacudir, mover. Nos vocabularios apparecem, ás vezes:

abandar a arvore e abandar o dente, por abalar a arvore e abalar o dente. Vide o D. B. 1.^a parte).

ABANAR, as moscas — mopú merú. (**Mopú** ou **mupú**, conforme o D. B. significa enxotar, espantar, pôr fóra).

ABANADOR — tapecoába. (E' nome de um certo instrumento de abanar, como esclarece o D. B. No Ms. do M. B. vem: abano para o fogo. E' interessante notar que **tapecú** exprime também abanar).

ABANADOR — peijuçába. (**Peijuçába**, suffixado como está, é o objecto qualquer que serve para abanar, aquillo que abana ou o lugar de abanar, o abanadouro).

ABANADOR — peijuçára. (No D. B. **peijuçára**. E' a pessoa que abana, que exerce a acção de abanar).

ABASTADO — cetá mbaé rerecoára. (A traducção ao pé da letra dará: o senhor, o regedor de muitas cousas. No D. B. encontra-se: **abâ opabinhê mbaê oericô oaê**, e para abastança: **cetá mbaê**).

ABARROTAR — motinicém. (No D. B. lê-se **motericémo**. Em Montoya encontra-se frequentemente **amoynyhê** e **amoy nihen**. Em Stradelli vem **muterecémo**).

ABATER — morib, moceráne. (No D. B. **moceráne** tem a significação de abater moralmente, isto é, abater fazendo pouco caso, vencer por palavras, etc.).

ABATER-SE — jemoarib. (E' a forma passiva de morib. No D. B. vem **jemoceráne**. Vide o anterior).

ABELHA — irapáya. (**Irapáya**, sendo **páya** simples tupinisação de pae, diz: o pae do mel. No D. B. vem **iramáya**, a mãe do mel; no Ms. do M. B. apparece **yrazúba**, corruptela evidente de **iraçuba**, o pae do mel, a abelha mestra do mel; em Stradelli **iracy**, a mãe do mel. No guarani moderno diz-se **eirarúa**. o pae do mel, pois **eira** ou **ira** é o mel e **rúa**, relativo de **túa**, pae, que por sua vez é apócope de **tuva** ou **tuba**).

ABELHA NEGRA — irapáya úna.

ABENÇOAR — mongaraib. (Na accepção de benzer vem **mongarayb** no D. B. No Ms. do M. B. encontra-se **açobaçabá**, isto é, fazer o signal da cruz, lançar a benção. **Mongaraib** em rigor exprime: fazer ou tornar semelhante aos christãos. **Carayb** ou **caraib**, explica Montoya, é "vocablo con que honraron a sus

hechizeros universalmente; y assí lo applicaron a los Españoles y mui impropriamente al hombre christião y a cósas benditas”.

Mongarayb, emfim, com maior justeza traduzirá baptisar e não apenas abençoar. Em guarani generalisou-se a idéa, e empregou-se o termo para exprimir — christianizar —. Em tupi, **caraiba** significa de um modo geral: santo, beito, abençoado).

ABERTURÁ — jicaçaba, bocaba. (**Jicaçaba** é a fenda, a racha, a trinca; **bocaba**, de **bóg** ou **mbóg**, relaciona-se directamente ao que é ou está arreventado, estalado, rompido. Claro que na pratica confundem-se as duas expressões, pois os significados são realmente correlactos).

ABERTA, cousa — cekendabóc. (No D. B. vem **çokenda-bóca**, desaferrolhada, destravada).

ABERTURÁ, da terra — ybycaba. (Deve ser contracção de **ybyjicaçaba**).

ABESPORA — cába. (No D. B. vem **Abespa**. A' abelha chamavam **ira** ou **eira**; **cába** deriva-se do verbo **cáb** que diz: ferir, offender, picar, e, portanto, **cába** ha de significar: o que fere, o que pica, o ferretoante, o picador, etc.).

ABELITAR — moaê catú. (Horacio de Carvalho que estudou apenas as primeiras paginas do dictionario de F. A. leu **mooê catú**; cremos que deve ser **moaê**, contracção de **mo-mbaê**, isto é, fazer cousas, apreciar, estimar, enriquecer e, portanto, **mo-mbaê-catú**, enriquecer bem, obrar bem, fazer apreciar bem, habilitar).

ABELITAÇAM — tecóaba, tecóçaba. (**Tecóaba** é contracção de **tecóçaba**, participio absoluto de **tecô**, lugar, tempo ou modo de ser: estado, officio, profissão).

ABELITADA, cousa — tecóçaba pyra. (**Pyra** é um suffixo de participio passado).

ABITAR — cecóçáb. (Vide **tecóçaba** no verbete **Abelitaçam**; é o modo ou o lugar de ser, de existir).

ABITADOR — tecóçara. (**Ára** ou **çara** é suffixo que indica o agente do verbo).

ABITADOR, da terra — ybypóra. (**Póra**, de uma forma geral exprime o morador, o que vive dentro de alguma cousa; **yby** é a terra, o chão).

ABITADOR, dos mattos — caápóra. (Caá é o matto. Vide — póra — no verbete anterior. O D. B. acrescenta: o rustico, o agreste, o selvatico).

ABITO, de frade — payóba. (Páya ou páy é a palavra portuguesa pae, tupinizada; era a designação generica que os catechumenos davam aos padres catechistas. No D. B. ha innumeras palavras compostas em que entram páy e páya).

ABITO, de Christo — óba cruçá. (Cruçá deve ser corruptela de curuçá, neologismo que os padres introduziram na Lingua Geral para significar a Cruz. Os guaranis dizem curuzú).

ABITUAR — jepocuáb. (No D. B. vem jepocoáub).

ABITUAR-SE — mojepocuáb. (Nem esta expressão e nem a antecedente constam do Ms. do M.B.).

ABITO, OU COSTUME — cecó abinhé. (No D. B. vem tecô tenhê).

ABILIDADE — i: acangatú. (No D. B. lê-se acánga atû, aliás sem razão alguma, pois acánga catû, cabeça bôa, ao contrahir se em uma só palavra dará naturalmente acangatû, como está em F. A. O i que precede acánga, o autor o collocou alli talvez como simples lembrete; é um relativo que, na phrase — cabeça delle bôa — ou — habilidade delle — ficará annexo a acangatú, isto é, iacangatú).

ABALANÇAR — atinóng. (Mojatinóng, abalançar-se, vem no D. B.).

ABALANÇAR-SE — jeatinóng.

ABOBARA — jeremú. (O Ms. do M. B. grapha geremú com as seguintes notas: "ha de varias castas, geremú, geremú-guassú, geremú-mirim, geremú-péba, moránga, etc.).

ABOBARA CABAÇO — cabaçú. (Evidentemente cabaçú é tupinisação de cabaço).

A BOCCA DA NOITE — petunapú. (No D. B. vem pitúna ipy. Não ha divergencia porque o som da vogal especial tupi que correntemente se representa por y, ás vezes era graphado com u).

ABOCANHAR — çuú-çuú. (O D. B. registra da mesma forma. Çuú é verbo transitivo que significa morder. Parece, ao

contrario do que supõem alguns tupinologos, não ser verbo rigorosamente onomatopaico, mas apenas um frequentativo de *ú*, comer. **Çuú-çuú** ha de ser, portanto, um frequentativo duplo. No Ms. do M. B. vem: abocanhar mordendo, **açuá**; abocanhar sem morder, isto é, chupar como criança, **apytér**, beijar).

ABOLORECER — moçabê. (O D. B. registra a mesma expressão. **Moçabê** é apenas **mbô-çabê**. **Çabê** é um relativo de **abê** que diz: moçar, exhalar mau cheiro. Logo, **moçabê** exprimirá com rigor: tornar-o moçento, tornar-o ou fazel-o bolorento, etc., como se encontra em Baptista Caetano).

ABOLORECER-SE — jemoçabê.

ABOMINAR — roirôn, çobaçáb. (**Roiron** vem no D. B. com a significação de aborrecer, que F. A. annota linhas abaixo. **Çobaçáb**, parece-nos, diz: mostrar cara feia, ou figuradamente, torcer o nariz).

ABOMINAVEL — ceroirombúra. (Vide Aborrecer, etc.).

ABONDAR — oicô goaçu. (**Oicô** é o verbo, muito usado no D. B. como correspondente dos verbos ser, estar e existir. **Oicô goaçu** diz, portanto: existir em grosso, em abundancia, etc.).

ABORRECER — roirôn, jamotereyma. (Vide Abominar. **Jamotareyma** vale dizer: querer mal, odiar, como vem no D. B.).

ABORRECEDOR — roironçara.

ABORRECIDA, cousa — roiron pyra. (**Pyra** é suffixo de participio passado).

ABORRECIMENTO — roironçaba.

ABOTOAR — motáca mondê. (**Motáca** ha de ser o verbo **mbotág**, pregar, fincar, tocar. **Motáca mondê** ou **mondê**, como se grapha no D. B. dirá: recolher preso, metter na prisão).

ABRAÇAR — juban, jajumâne. (O D. B. em lugar de **jajumâne** dá apenas **jomâne**, reservando para **jajumâne** o significado: arcar na lucta. **Juban**, **jubâ** ou **jybâ** é o braço, a manga do vestido ou da camisa, como diz Frei Onofre).

ABRAÇO — jajumâne. (Vide o anterior).

ABRANDAR — momembéc — (**Mô-membéc** ou **mbô-membéc** fazer tenro, tornar delgado, fraco, molle, etc.).

ABRAZAR — çapy, ocái. (Çapy é forma relativa de apy, queimar, abrásar; ocái é a terceira pessoa do singular do indicativo de cái, isto é, elle se queima, queima-se. Na Conquista de Montoya encontra-se ocáy).

ABRAZAR-SE — jemoçapy.

ABREVIAR — eré catú, moajúê. (No manuscrito não estão bem legíveis as palavras tupis. Horacio de Carvalho leu eré catú e moátúca; concordamos com a primeira leitura mas discordamos da segunda que, parece, aquelle estudioso fez com auxilio do D. B. Vê-se, no entanto, no manuscrito, as letras moau... que impossibilitam a acceitação de moátúca. Trata-se, naturalmente de moajúê que rigorosamente vale: abreviar, encurtar, etc. Os paraguayos dizem moaugué. Eré catú, F. A. empregou por certo figuradamente, pois não passa de uma interjeição: eil-o! eis ahi! ahi está!).

ABRIGO — coaraçú pupé. (No D. B. vem picyronçába, evidentemente em accepção diversa da de F. A. Coaraçú pupé diz: no buraco grande, no esconderijo grande. Aqui é a idéa material do abrigo, é o lugar que abriga, que esconde ou protege, ao passo que no D. B. a expressão picyronçába sugere idéa de protecção moral, de abrigo no sentido figurado. Horacio de Carvalho leu pepé em lugar de pupé).

ABRIR — apirar, cekendáb. (No D. B. apenas pirár. Apirár é forma também corrente em Figueira, que prefere sempre juntar ás vozes verbaes as particulas a ou xe para indicar a primeira e segunda conjugações dos verbos tupis. Apirár e cekendáb ou cokendáb como vem no D. B., tem empregos adstrictos a certos casos especiaes. A proposito do verbo pirár ou apirár é interessante o estudo do Sr. Oliveira Chima, inserto na "Revista do Arquivo Municipal de São Paulo", n. 2. Esse philólogo affirma que pirár no sentido de fugir, abrir carreira, etc., é de origem puramente cigana. Não temos elementos para contestar-lhe os argumentos: notamos apenas o facto de figurar esse verbo no D. B., que deve datar dos começos do século XVII, e neste vocabulario de F. A., cujos manuscritos trazem a data de 1739).

ABRIR PINDOUA — mopic pindoñá. (No D. B. além de mopóc na accepção de arrambar, rachar, estalar, vem também a

phrased — abrir ou rachar palmeira — isto é, **pindoba mopic**. F. A. em lugar de palmeira poz **pindoua**, o que demonstra ter sido corrente na linguagem popular dos colonisadores a palavra tupi designativa da palmeira. A forma **pindoua** é característica do tupi amazonico; no sul diz-se **pindoba**).

ABRIR, a flor — **opóc bupira**. (No D. B. encontra-se: abrir a flor ou o fructo — **poróc**. **Poróc** e **opóc** são vozes onomatopaias. Na 2.^a parte do mesmo D. B. apparece tambem **opóc** para traduzir a idéa geral da abertura expontanea, para explicar que alguma cousa abre-se ou fende-se por si mesma, sem a intervenção de força extranha, tal como a flor, o fructo muito maduro, etc. A forma **bupira** para designar a flor não é commum no sul do Brasil, onde se diz correntemente **potyra**. Aliás, não ha a extranhar essa divergencia tendo em vista a facilidade com que se permutavam labiaes e se adulteravam certas consonancias).

ABRIR, a mão — **poir ixui**. (Os accents tonicos devem cahir: no i de **poir** e no segundo i de **ixui**. No Ms. vem uma outra traducção — **cejár nhóte** ou **cejár inhóte** — que suppomos corresponder a abrir a mão no sentido de abandonar, de desprender-se de interesses, etc.).

ABRIR, a boca — **apirár jerú**. (**Jurú** em lugar de **jerú** seria mais correcto, como vem em todos os vocabularios. O D. B. dá **jurujái** para exprimir: o bocca aberta, o pasmado, o abobadô).

ABRIR-SE, a boca — **jerú pirár**. (Vide antecedente)..

ABSOLVER — **robaçáb**. (Ha no Ms. uma segunda palavra como traducção de **absolver**, mas está inteiramente illegivel).

ABSTER-SE — **poire**. (Nos varios vocabularios antigos são correntes as graphias **poir**, **puir** e **puyr**.)

ABSTINENCIA — **jerocéma**.

ABUNDANTE, cousa — **oacú mbaé**. (Não parece correcta esta expressão. O D. B. dá **cetá mbaê**, isto é, muita cousa, muitos objectos).

ABUZO — **purú aiba**. (**Jurú aiba**, como Horacio de Carvalho leu, em rigor diz a bocca ruim, a bocca ou lingua má. a pessoa que pronuncia improprios ou espalha calumnias, etc. Vide acima o verbete — **Abtir** a boca).

A antes do C

ACABAR — mombáo. (E' o verbo mombáb de Montoya).

ACABOU-SE — opáo áne. (No D. B. vem: acabou-se já — opáo oáne).

ACALCAR — çocóc. (O D. B. dá çocóc com os significados de pilar, calcar quebrando, esmigalhar, etc. Çocóc ou çocóg, como frequentativo de çóg, diz com maior propriedade: partir-se em pedaços, espatifar-se. Çóg, simplesmente, é que corresponde aos significados de F. A. e aos registrados por Baptista Caetano).

ACALCAR, com as mãos — popúc. (No D. B. lê-se popyc que equivale ao popúc tendo-se em vista a frequente permuta de y em u).

ACALCAR, com os pés — purúng. (No D. B. pyron. Purúng é forma alterada de pyron; ambos dizem pôr os pés, pisar).

ACALENTAR — mó'oaribe.

ACALENTAR, a outrem — monguér abá. (Monguér não é sinão mô ou mbô, fazer, e quér ou kér, dormir; abá é apenas a pessoa, a gente, outrem. A expressão significa: fazer dormir a outrem, fazer uma pessoa dormir).

ACALMAR, o vento — opaituú ybetú. (No D. B., 2.^a parte, vem amainar o vento, opetuú ybytú; na 1.^a acalmar o vento, ybytú ocanhemo. A graphia ybetú está claramente deturpada).

ACAMAR — mombéc. (Mombéc significa brando, tenro, molle, delgado, etc. No D. B., acamar vem com o sentido de sobrepôr, de formar camadas ou mojeciár).

ACANHAR — mopitúb. (Acanhar, acóvardar, diz o D. B., é mopytúba).

ACANHADO — mopitúba. (No D. B. vem pytúba com o sentido de covarde, medroso, e teitê ayra para traduzir a idéa propria de acanhamento, de embaraço, etc.).

ACANHAR-SE — jemopitúb, jerotim. (Jemopitúb é apenas a forma passiva de mopitúb. A palavra jerotim não se encontra entre os termos da letra A do D. B., mas lá está na letra I, como significado de — ignominia —. Horacio de Carvalho, que não conhecia a 2.^a parte do Dicionario de Frei Onofre, e nem a

reversão de Platzmann, onde seria facil encontrar o termo **jerotim**, affirmou, de boa-fé, que essa expressão era das muitas não consignadas no D. B. Verifica-se facilmente que mesmo na primeira parte ella se encontra, apenas servindo á interpretação de vocabulo portuguez diverso).

ACANTOAR — anóng canto pupé. (No D. B. vem **canto pupê enóng**. Nessa phrase a palavra canto é portugueza. A forma **enóng** consta de Montoya e de Baptista Caetano).

ACARRETAR — cegí.

ACARRETADEIRA — cegitára. (Corresponde exactamente ao D. B., sendo que neste figura acarretador. Por evidente engano typographico, sahiu acarretado por acarretador).

ACAZO — jepe. (No Ms. não vem accentuado o e final, portanto é a conjunção que significa: segundo dizem, conforme, contudo, etc. O D. B. dá **aroaneyma**).

ACATAR — mogoacú, moeté. (**Mogoacú** significa fazer grande, grosso, engrandecer, augmentar, sempre no sentido material: **moeté**, no sentido moral, corresponde a fazer verdadeiro, tornar legitimo, honrar, reverenciar. O D. B. consigna as duas accepções).

ACATADA, cousa — jemogoacú pyra.

ACATADAMENTE — jemoetéçába rupi.

ACAUTELADO — jemoçacui mbaé. rupi.

ACAUTELADO — jemoçacui mbaé. (No D. B., vem **ojemoçacui oaê**. **Oaê** é a mesma palayra **mbaê**).

ACAUTELAR-SE — jemoçacui.

AÇAM — teco tēcócába. (**Teco** no D. B., equivale á condição de genio, estylo, lei, natureza, modo, obrigação, preceito, poder, indole, etc.).

A CADA HUM — jepé jepé. (Rigorosamente é: um a um, um por um, um de cada vez. F. A. registra tambem **jabiôn**).

ACAUTELAR-SE — jepean. (Linhas acima vem **acautelar-se, jemoçacui**. Na verdade essas duas expressões tupis não são synonymas; **jemoçacui**, forma passiva de **moçacui**, pôde ser **je-moça-cui**, isto é, fazer-se de olhos, tornar-se todo olhos, estar de olhos abertos, vigilantes, **acautelar-se**, emfim. **Jepean**, **iepoáme** ou **iepuáme**, não são sinão variantes da voz passiva de **poã** ou **poán** que significa: erguer, levantar, aprumar, etc., logo, erguer-se, pôr-se de pé.

levantar-se. E' com esse sentido que se deve entender o **jepean** de F.A.).

ACENDER — **mondic**. (No Ms. do M. B. lê-se **aimondic**, **accender** fogo ou candeia; no D. B. vem: **accender** fogo, **tatá mondic**. Correspondem-se perfeitamente).

ACEITAR — **jár**. (No Ms. do M. B.: **a jár**).

ACENAR — **jepoitica**. (No D. B. lê-se **poetyc**, isto é, **acce-**
nar com o dedo; no Ms. do M. B. encontra-se **a jepoitic**, **accenar**
com a mão).

ACENO — **poitic**. (Vide D. B. **pô etyc**, 2.^a parte).

ACENAR — **j**: **jepotíc**, **poái**. (O **j** separado por dois pontos deve ser apenas um lembrete para a formação da voz passiva. F. A. já havia registrado **acenar**, **jepoitica**, linhas acima; agora **ac-**
crescentou poái e variou a graphia do primeiro verbo. **Pôái**, como
está no D. B. refere-se exclusivamente ao **acceno** com a mão).

ACENAR, com a cabeça — **jeacaitic**. (Deve ser **jeacãitíc**,
porque a cabeça é **acã**, contractamente. No D. B. vem claro —
acãnga etyc.—).

ACERTAR — **oár çangába recé**. (A traducção literal será:
cahir no lugar marcado, **ir** pela indicação. No D. B. encontra-se
tambem **nitio ojaby**, não errar).

A CERCA — **recé**.

ACENDER, fogo — **mondic tatá**. (Linhas acima já está an-
notado o verbo **accender**. Como vimos, o D. B. dá **tatá mondyca**.
F. A., lembra ainda uma outra forma de traduzir essa mesma ex-
pressão: **çapú tatá**. Não nos parece que seja boa traducção; será
quando muito, phrase **acceitavel** em sentido figurado. **Çapú** ou
çapy correspondem aos verbos portuguezes **cauterisar**, **escaldar**,
abrazar, etc.).

ACHAR — **oacéme**. (No D. B., **oacémo**).

ACCIDENTE — **omanó manó**. (O D. B. dá **manô ayba**,
isto é, morte má ou morrer mal).

ACCIDENTE — **jekii teón ára**. (**Jekyi** no D. B. é: estar
morrendo, estar agonisante).

ACIMA — **ybaté kiti**.

ACINTE — jemoputá pába. (No Ms. a primeira palavra está illegivel, mas com auxilio do D. B., vê-se logo que se trata de jemoputá. Vide D. B., termo Agastamento).

ACLAMAR — çapocái. (Horacio de Carvalho não encontrou este vocabulo no D. B., no entanto, facil teria sido verificar a sua existencia ali, si procurasse clamar em vez de aclamar. F. A., nota-se logo, abandonou muitas vezes expressões correlactas em portuguez registradas por F. O., averbando somente as que lhe pareciam mais uteis, naturalmente).

ACLARAR — jemoçameng.

AÇO, metal — itá eté. (Vem tambem no D. B.. Itá eté, significa a pedra verdadeira, a pedra legitima, a pedra realmente dura. E' muito commum o emprego da palavra itá, pedra, na composição dos nomes dos metaes que a colonisação veio revelar ao selvicola, pelo menos quanto ao valor commercial. Itájúba é o ouro, itátunga a prata, itáuina o ferro, e assim muitos outros).

ACOLHER-SE — jabáo. (No D. B., jabáo serve para traduzir o verbo ausentar como mojabáo para ausentar a outrem, isto é, fazer ausentar).

ACOMETER — pocóc cecê. (No D. B.. oçô cecê. No Ms. do M. B., vem: acometer, v. g. com os inimigos — açopenhá. A traducção de oçô cecê dá: elle vae á, vae á, etc. Pocóc cecê diz: avançar para, em direcção á, avançar contra, etc.).

ACOMODAR — moingó catú. (No D. B. mocicô nhóte e moingê, a primeira para accomodar e a segunda para recolher).

ACOMODAR-SE — jemoingó catú.

ACOMPANHAR — oçó irunámo. (No D. B. a phrase vem em ordem inversa: irunámo oçô. Ambas dizem, porém: ir junto, ir em companhia. No Ms. do M. B. encontra-se tambem: acompanhar, v. g. ir de camarada — açó irunámo. Açó em lugar de oçó nada tem de notavel; a é apenas, a letra indicativa da primeira pessoa do singular, e, para alguns autores indicativa tambem da forme infinitiva dos verbos chamados do artigo. O o indica a terceira pessoa, ainda do singular, empregada nas phrases verbaes de sentido geral).

ACOMPANHAMENTO — jeroatá (Horacio de Carvalho, parece, não conseguiu ler a palavra tupi no manuscripto e, em lugar

de jeroatá optou por *jeroriya*, inspirado certamente pelo D. B., que cita *mirareiya*, isto é, reunião ou bando de gente. Jeroatá póde, de facto, suggerir reunião de gente, bando de pessoas, mas desde que esse bando esteja em movimento, andando, acompanhando alguém ou alguma cousa que ande ou se mova. *Atá* ou *atár* é verbo que significa andar, caminhar, seguir andando, etc.).

ACONCELHAR — *motecó cuáb*. (No D. B., vêm varias expressões com *moteô cuáb*. O Ms. do M. B., dá *aimotecô cuáb*, preferindo usar da particula *ai*, como aliás Frei Onofre também em dezenas de verbos).

ACONCELHAR — *monghetá cecó ráma recê*.

ACONCELHADOR — *mombéuçára*. (*Mombeú* exprime: referir, dizer, contar, ensinar, etc., portanto, *mombéuçára* dirá: o contador, o explicador, o aconselhador).

ACONCELHAR-SE — *jemonghetá abá irunámo*. (E phrase que não vem no D. B.).

ACONTECER — *jemonhang*. (*Jemonhang*, do verbo *monhang*, vem no D. B. com os seguintes significados: medrar, brotar, surgir, apparecer).

ACONTÉCER — *çuívé, oár*. (Horacio de Carvalho leu no Ms., *xueire*; nós lemos *çuívé* como está no D. B.. Aquelle estudioso não percebeu que a cedilha do *c*, deslocada, deu á essa letra o aspecto de *x*. A falta de accentuação o levou também a confundir as expressões. *Çuívé* diz: desde que, desde, etc.; *oár* traduz a idéa de *cahir*, nascer, apparecer, succeder, etc.).

ACONTECIMENTO — *mbaéçára*. (Parece-nos um tanto arbitraria a formação desse vocabulo. Não vem nos dictionarios que consultamos, embora seja verdade que com a palavra *mbaé* formaram, os catechistas, innumeradas outras nem sempre de accordo com as regras da lingua. Não achamos também regular o uso do suffixo *çára*; na melhor da hypotheses deveria ser *çába*).

ACORDAR, por si — *opác*. (Horacio de Carvalho leu *opúc*, mas por evidente engano, pois está bem clara a graphia *opác*. No Ms. do M. B. encontra-se “*apác*, acordado estar”, e a nota seguinte: “*a jubé*, pôr acordado estar. non est in usu”. O D. B., dá também *opác* e traduz: acordar do somno. Stradelli registra *mpáca*).

ACORDAR, a outrem — mombác. (Mo-mbác ou mo-mpác. O D. B. traz emombác e o Ms. do M. B. aimombác).

ACORDAR, do somno — opác topiciá çui. (Topiciá deve ser termo dialectal ou corruptella, talvez de tepocy, o somno, ou ainda de tepocyá que diz, o tirado do somno, o que vem do somno, o que acaba de accordar).

ACODIR — picirón, cepúc. (No D. B., pycyrón).

ACOTILAR — moapixába. (No D. B., vem japixão).

ACRECENTAR — moapyr. (Em 'geral a pronuncia dos termos acabados em r exigia uma vogal muito branda final; por isso, em alguns vocabularios encontram-se pyr e pyre, moapyr e moapyre como é o caso do D. B. nesta passagem. Moapyr ou moapyre não é sinão mo-apyr ou mo-apyre, fazer mais, crear mais, etc.).

ACRECENTADOR — moapyrchára.

ACREDITAR — arobiár.

ACUNHAR — poteçóc, i:acamarón. (Não conseguimos entender a segunda expressão; cremos traduzir apenas algum sentido figurado do verbo acunhar. O i seguido de dois pontos, como já fizemos notar em paginas anteriores, deve ser apenas um lembrete do relativo).

ACUMULAR — moapyre. (Vide — Acrecentar — . Aqui justifica-se o que affirmamos, linhas acima, sobre as palavras terminadas em r. F. A., que annotára moapyr, agora annóta moapyre, com o e final característico).

ACUZAR — mombeú aib. (Mombeú, dizer, referir, relatar, contar, etc. e aib, aiba ou ayba, mal, mau, ruim. Portanto: referir mal, relatar mal, etc.).

ACOSTUMAR — mojepó cuáb. (O D. B., registra mojepo-cuáb, mojepecoáub, dando mais alguns significados).

ACOSTUMAR-SE — jepocuáb.

ACUGULAR — moturucéme. (No D. B., está poracár etê, mas em — Abarrotar — vem moteicémo e motericémo. Veja-se neste vocabulario o termo Abarrotar, motinicém. As divergencias de graphia e as duplicações de significados são evidentes).

A antes do D

ADAM — jané páya ypú. (No D. B., da mesma forma se diz: jandê Páya ipy, isto é, o primeiro pae de nós todos. E' phrase característica do tempo da catechese. Páya é apenas uma forma tupa da palavra portugueza pae, escripta quasi sempre páia. A forma **nheêngatú** segundo Stradelli, teria sido **tyua**, de onde proviria **tubá**, **rubá**, conforme a pronuncia portugueza do tupi da costa. Nos velhos catechismos o Padre-Nosso óra se inicia com **Iané Paia**, óra com **Iané rubá**, diz ainda aquelle autor. No Compendio da Doutrina Christã de Fr. João F. Betendorf encontramos, entretanto, o Padre-Nosso começado por **Oré rûb**, onde **rûb** é prova de que não era geral a alteração de **túb**, **rûb**, em **tubá** e **rubá**. O emprego do pronome **oré** em lugar de **iané** é tambem muito interessante; **Iané**, como se sabe, é pronome que se poderia chamar de accumulativo, porque exprime a idéa de — nós todos — isto é, abrange a pessoa que fala e aquellas ás quaes fala. **Oré**, ao contrario, é restrictivo, correspondendo exactamente ao nós outros do hespanhol, e exclue sempre uma ou mais pessoas. **Iané Paia** será: Pae de nós todos; **Oré Paia** ou **Oré rûb** será: Pae de nós outros).

ADAGIO — **nheénga imán**.. (No Ms. está illegivel a segunda palavra).

ADELGAÇAR — **mopui**, **momboi**. (No D. B. **mopoi**, isto é, fazer fino. **Mopui** ou **mopoi** é o mesmo **momboi** com a permuta das labiaes **p** e **b**).

ADELGAÇAR-SE — **jemopui**.

ADELGAÇADA, cousa — **ipoi etê**. (No D. B. vem **mbaé poi oaê**. E', praticamente, a mesma cousa. **Ipoi etê** diz: cousa fina realmente, verdadeiramente fina ou delgada).

ADERENCIA — **mbaé catú**. (Em rigor, **mbaé catú** exprime: cousa boa, cousa honesta, cousa util, como vem no D. B.).

ADERENCIA — **pepybonçába**. (Deve ser o **pitybonçába** do D. B., na accepção de ajuda, auxilio, alliança, etc.).

ADEVINHAR — **jémopajé mbaé recé**.

ADEVINHAÇÃO — **ipajé oupi**.

ADMINISTRAR — **monháng mbaé**. **Monháng mbaé** é phrase que se póde traduzir de muitas maneiras. **Monháng** tem

significados variados, embora todos correlactos, isto é. todos ligados á idéa de fazer, compôr, preparar, etc. **Mbaê**, de forma geral, diz: a cousa, o objecto, a materia. Assim, **monhâng mbaê** dirá: fazer cousas, obrar, trabalhar).

ADMIRAÇAM — **cemopiring**. (**Piring** no D. B., significa embair, enganar, engodar).

ADMIRAR-SE — **anhépacó roám**. (Nô Ms. do M. B. vem **anhemopytubáb**, aliás como no catechismo annexo á Chrestomatia de Ferreira França, pag. 138. No D. B., o verbo admirar é traduzido por **jurujái**, ficar de bocca aberta).

ADMIRAR-SE — **jemocanhémê**. (F. A., com esta segunda traducção, quiz naturalmente registrar nova accepção do verbo. **Jemocanhêmo**, que vem no D. B., diz apenas: ,esperdiçar-se, turvar-se, tresmalhar-se).

ADMITIR — **moingué**. (No D. B. **omoingê çokópe**, admitir, recolher. **Moingê** é que significa recolher; **çokópe**, é phrase: **çô-kópe**, isto é. ir á roça, ir em a roça. A expressão **omoingê çokópe** dirá, portanto, recolher indo á roça, admitir na roça alguém que vinha vindo. O sentido em portuguez não traduz realmente o enunciado pelas palavras tupis).

ADMOESTAR — **momorandúb**. (**Mo-morandúb** é: fazer lembrar, fazer recordar. No D. B. traduz-se por **mombeûcatû**, isto é. dizer bem, ou melhor, contar bem).

ADOÇAR — **moceém**.

ADORAR — **aimoeté**. (Na 1.^a parte do D. B., vem tal como F. A. annotou, mas na 2.^a encontram-se novas variantes para expressar os vários aspectos que o verbo adorar pôde suggerir. Assim: **aimoeté**, **aimoabâetê**, **aimoetêcatû**, engrandecer-se de boa gente, reverenciar, prestar homenagem, respeitar, presar, venerar, etc.).

ADORADA, cousa — **moetécába**.

ADORADOR — **moetécára**.

ADORNAR, alguma cousa — **mongaturám**. (**Mongatirón**, como vem no D. B., é termo que se emprega em varias accepções. Tanto vale remendar, assear, preparar, armar, como ornar, enfeitar, adornar, compôr, etc. Para o verbo ornar ou adornar, ha

um outro em tupi, talvez preferível a mongatirón: moporáng. (que diz exactamente, enfeitar, fazer ou tornar bonito, adornar).

ADONDE — máme.

ADIANTE — tenondé keti. (No D. B., está apenas tenondê. Como keti ou kiti significa: a, em, para, etc., entende-se que tenondé keti vale: adiante mais, para adiante, etc. Vid. o seguinte).

ADIANTE MAIS — amongheti mirim. (No D. B., á — adiante mais — corresponde cenondê merim).

ADORMECER, a outrem — monguéra. (Evidentemente é verbo composto de mo, fazer e kér, dormir: fazer dormir).

ADORMECIMENTO — imonguércába. (Como está graphado pode-se entender — o adormecimento d'elle, sendo o i inicial o relativo conhecido).

ADRO — teonguéra túpe. (A traducção ao pé da letra dará: no pouso dos cadáveres, no jazigo dos defuntos. Não existindo na lingua termo que correspondesse a adro, os missionarios procuraram formar expressão que de alguma fórma traduzisse a palavra portugueza, e não podiam fazer de outra maneira sinão lembrando os mais evidentes caracteristicos de um adro. Sendo o adro um páteo annexo á igreja, acharam alguns que Tupána óca rocára daria em tupi perfeita idéa d'elle, pois essa phrase se traduz: páteo da casa de Deus. Outros, porém, como F. A., viram no adro um caracteristico que lhes pareceu mais saliente: logar em que se enterram os mortos. Na verdade, em quasi todos os templos antigos, os pateos ou adros eram verdadeiros cemiterios. Dahi a traducção de F. A.: pouso dos mortos, jazigo dos cadáveres, dos corpos mortos).

ADVERTIR — momaenduár. (Mo-maenduár, fazer lembrar, chamar a attenção).

ADVERTENCIA — anheéng ybyre.

ADULTERAR — momoxi. (Mo-moxi ou mo-poxi, fazer máu, tornar ruim, arruinar, etc.).

ADULTERIO — mendára guéra momoxi. (A traducção, em rigor, será: matrimonio antigo arruinado, isto é, o matrimonio que deixou de existir, que se tornou máu, que foi feito máu. No D. B., vem apenas mbaê puxi, cousa má, acto feio, cousa indecente).

A antes do E

Á ELLE — ixupé.

Á EITO — bapê rupi. (No D. B. vem *iepê oçueraçô*).

Á ESTAS HORAS — nanemé. (O D. B., dá: á estas horas aqui — *quiabê famê ikê*).

A antes do F

AFADIGAR-SE — jecanéón. (Em outros vocabulários ocorre *jemocanéón*. Afadigar a outrem, isto é, cansar ou provocar fadiga em outrem, diz-se *mocanéón*).

AFAGAR — mojarú catuçára. (No D. B. vem apenas *mojarú*. Catuçára é o agente da bondade: o bemfeitor, o bondadoso, aquelle que faz o bem. Na phrase de F. A. serve apenas para reforçar o sentido de *mojarú*. No Ms. do M. B. encontram-se mais algumas expressões que são interessantes: afagar com a mão — *aiapixib*; afagar, absolutamente — *ârecô catuába*. Vide o seguinte).

AFAGAR — morib morib. (Morib; propriamente, exprime alegria, ser alegre, alegrar-se. Morib ou *toryb* é o absoluto de *oryb* que, como substantivo, apparece graphado *toryba*. Ora, *toryba* em tupi significa o facho, razão pela qual Baptista Cactano suggere a possibilidade de uma relação entre alegria e aquillo que clareia, que allumia, o facho. Não deixa de ser engenhosa a suggestão, embora pouco provável).

AFAGOS — jemorib. (Vide seguinte).

AFAGOS — mojarú catuçábá rupi. (Palavra por palavra dar-á alegrar pela bondade, acariciar com bondade).

AFAMAR — mogoaçu. (No D. B. occorre: *motéra coéne catú*. Já tivemos occasião de estudar essa expressão. Vide Abalizer).

AFASTAR-SE — jepeá. (Com pequenas variações de graphia, é como se encontra nos vários vocabulários. O Ms. do M. B. dá *aipeá*).

AFASTAR-SE de alguém — gigi. (No D. B. vem *gygy*).

AFEAR — memóxi. (Deve ser *momoxi*, fazer feio, fazer mau ou mal. No D. B. vem *momoxi*).

AFEADA, cousa — memoxiçaba. (Deve ser momoxiçaba).

AFEADOR, — memoxiçara. (Deve ser momoxiçara).

AFEIÇOAR-SE — jememotár. (No D. B., vem jemimotár com a seguinte significação: desejo ou apetite torpe, apeteecer no mau sentido. Diz ainda F. O., que também se pôde graphar jememotár).

AFEITE, do rosto — çobá moatironçaba. (No Ms. de F. A., as palavras afeite e moatironçaba estão realmente illegíveis. Horacio de Carvalho, por isso, não conseguiu recompô-las em seu estudo; com auxilio do D. B., porém, foi muito facil verificar que são taes como registramos. Afeite, ou enfeite, esclarece esse dictionario. Apenas em lugar de moatironçaba dá mongatironçaba).

AFEITE, das mulheres — jenioporangaba.

AFEMINADO — cunham rapixára. (Exactamente como ocorre no D. B.).

AFEMINAR — mocunham. (Mo-cunham ou mocunhã, como usa F. A., vale dizer: fazer mulher).

AFIAR — moçaimbé. (Mo-çaimbé é fazer gume, fazer quina, tornar cortante. Assim vem também no D. B. e com pequena variante no Ms. do M. B. Neste ultimo ocorre: afiar a faca — amoçaimbé).

AFIADA, cousa — çaimbé pura. (No D. B., diz-se çaimbé oaê; no Ms. do M. B., vem çaimbé uân).

AFILHADO, do homem — taira angába. (No D. B. tayra angába e em outros vocabularios taiyra angába. Taira, ou como se encontra na Conquista de Montoya, tàyra, é absoluto, de ayr, o emanado, o derivado, o filho do homem: angába, rangába ou aangába é a figura, o feitio, o aspecto. Taira angába vale, portanto, dizer: a figura do filho, o que tem aspecto do filho, o que lembra o filho, o afilhado. Também se usava dessa mesma expressão para designar o enteado do homem. Na lingua geral ha vocabulos especiaes para indicar o afilhado do homem e o afilhado da mulher. Todos os vocabularios consignam essa distincção que nos parece muito interessante).

AFILHADO, da mulher — membyra angába. (Mem-byr, como participio passado diz: engravidado, gerado, produzido: é o filho gerado pela mulher. Angába, já vimos no verbete ante-

rior, é a figura, a sombra, o aspecto. Logo, *membyra angába*, vale: a figura do gerado, o que tem aspecto ou que é semelhante ao produzido pela mulher, o afilhado da mulher).

AFILAR — *moyarón*. (No D. B., vem *monharón*).

AFILAR — *monharónçára*. (Vê-se por esta traducção que a palavra anterior *moyarón* foi mal escripta ou mal copiada; devêra ser, conforme o D. B., *monharón*. Cremos que, tambem, não deve ser *afilar*, mas *afilador*, pois *afilador* é o que significa *monharónçára*).

AFIRMAR — *çupi catú*. (No Ms. do M. B., vem *aimoçupi* e no D. B., *moçupi*. *Çupi catú* está na 2.a parte do D. B., com os significados: certamente, com certeza, na verdade, assim é, de certo. Tambem se diz *titubê*).

AFOGAR, outrem — *mojepopúe*.

AFOGAR-SE — *jepopúe, jebúi*. (No D. B. *jepypyca* é o naufragio, o sossobro).

AFOGUEAR — *çapy çapy*. (*Çapy* significa escaldar, cauterisar, queimar. *Çapy çapy* é um frequentativo que vale: queimar queimar, queimar queimando).

AFROXÁR — *apopór*.

AFONGENTAR -- *mojabáo*.

AFRONTAR — *mondó aiba* (*Mondó* significa despachar, despedir, impôr, ordenar; *mondó ayba* dirá naturalmente: ordenar mal, impôr com maldade. É como vem no D. B., e em outros dictionarios).

AFUNDAR — *motipi*. — (No D. B. *motepy*).

AFUNDIR-SE — *ipúpe oçó*. (Deve ser *oçô ipype*, ir ao fundo, afundar, sumir-se.)

AFREGUEZAR-SE — *jemotapejára*.

A antes do G

AGARRAR — *picic catú*. (*Picic* ou *pycyc* significa pegar, segurar o que foge, prender. *Picic catú* será pegar ou segurar bem, prender com segurança. No D. B. vem *pycyca çantám*, isto é, segurar duro, pegar fortemente).

AGAZALAR — mombutá. (Agazalar é o mesmo verbo agazalhar. No D. B., encontra-se: Agazalhar, fazer ficar, — mopytã. Vê-se logo que mombutá e mopytã se correspondem perfeitamente; ambos são: mombutá e mo-pytã. A permuta do p em b acarretou o som nasal mb, e a má pronuncia do y a existencia, em F. A., do u. A accentuação do a final reflecte apenas modo pessoal de pronuncia).

AGAZALAR-SE, — jemombutá.

AGASTAR, a outrem — mopotupáo.

AGASTAR-SE — potupáo. (Cremos que aqui o verbo deverá estar na voz activa — Agastar — e não — Agastar-se).

AGASTAMENTO — potupába.

AGUA — yg. (Talvez seja a palavra tupi que mais tem soffrido alterações graphicas. O facto de ser o y uma vogal especial, de difficil pronuncia para os colonisadores e catechistas, vogal que, segundo testemunho dos proprios jesuitas que melhor conheceram a lingua, só com muita pratica era possivel perceber, levou os que precisaram escrever textos, grammaticas e catechismos, a usar de varios recursos para interpretar-a. Assim, é vulgar encontrar-se graphada, para designar a agua, o liquido, etc., das seguintes maneiras: yg, yi, hi, hy, i, y, u, û, etc.. Claro que, tratando-se de um som todo especial, mixto de guttural e nasal, desconhecido para a maioria dos que vieram ao Brasil, fosse representado de accôrdo com as possibilidades auditivas de cada um, e mais, representado graphicamente de accôrdo com os valores sonicos das letras alphabeticas de cada lingua. O missionario francez usou do u de sua lingua, cuja pronuncia mais se approximava do y tupi; o allemão do û germanico, pela mesma razão. Anchieta empregou ig, dizendo "que em muitos vocabulos se pronuncia aspero com a garganta, e bem se lhe pôde estrever g in fine: in medio dictionis não se soffre, — o g — porque quem não sabe a lingua pronuncia muta cum liquida, ut imondopira dirá imondopigra. E encontrando-se com qualquer consoante no meio ou no fim, fará um concurso muito aspero de consoantes, ut tigrá, etc.". "E nem com isso, continúa o sabio jesuita, o ha de saber pronunciar de qualquer modo que se escreva, se não fôr ouvindo-o viva voce". Outros autores adoptaram ainda o i tarta-

rico para representação do **y** tupi, como o General Couto de Magalhães).

AGUA ARDENTE — caoim tatá. (Caoim éra a bebida fermentada dos indigenas: tatá é o fogo. Logo, caoim tatá exprime a agua que queima como fogo, especie da nossa agua ardente).

AGUA ARDENTE DO REI — caoim çobaiguára. (Não deve ser — do Rei — mas do Reino. Çobaiguára diz: da outra banda, natural da parte de além, o que vive nas terras fronteiras, em Portugal ou no Reino. Dizia-se: pimenta do Reino. Caoim çobaiguára seria a agua ardente ou a bebida alcoolica importada, que vinha de Portugal).

AGUA QUENTE — yg acú. (No D. B. yg acúb).

AGUA FRIA — yg oroçang.

AGUA BENTA — yg caraiba. (Vide Abençoar).

AGUAS VIVAS — ygapóaçú. (Apó, apô ou apú significa cheio, repleto, etc. Yg apô açú dirá, portanto, a agua cheia grande, a enchente grande, etc. Realmente yapó ou igapó, segundo Stradelli, designa os “logares baixos ao longo dos rios e no interior das terras, á margem dos lagos e igarapés que, em tempo de enchente, costumam ir ao fundo”. Chama-se igapó tambem á floresta innundada ou sujeita a o ser periodicamente).

AGUAS MORTAS — ygapó ypáo. (No D. B. vêm: ygapôpáo).

AGUA SALGADA — yg ceémbúe. (E' a — agua salobre do D. B. — yg cymbéca).

AGORA — cóur. (E' tambem usual a forma coyr).

AGORA Á POUCO — curutém ramó.

AGOURO — maranguigoán... (O final do termo tupi está realmente illegivel. O D. B., não o consigna, mas encontramos em Baptista Caetano marangiguá, adjectivo que significa: desordeiro, bulhento, destroçador. Como nome de um espirito máu tambem são encontradiças as formas maraniguára e marangiguára. Que espirito máu seja symbolo de agouro é muito natural, e por isso supponmos, baseados nas primeiras syllabas legiveis, que se trata realmente de maranguigoána. Horacio de Carvalho não tentou resolver o caso).

AGOUREIRO — maranguigoána cua... (O final das palavras tupis estão tambem illegiveis. Quanto á primeira, vimos

linhas acima, deve ser como graphamos baseados em Baptista Caetano; quanto á segunda, tudo induz a se aceitar a expressão **cuapára** que diz: o familiar, o conhecedor, o camarada. **Marangui-goána cuapára** será: o familiar do agouro, o que tem o agouro consigo, o agoureiro como quer F. A.. Horacio de Carvalho não conseguiu ler a ultima palavra).

AGRA, cousa — çái.

AGRADAR — mopicic. (No D. B., vem moapicic).

AGRADAR — moorib. (**Moorib** deve ser composição de **mo**, fazer, e de **orib**, aprasível, risonho; logo, fazer ou tornar alegre, aprasível, etc.).

AGRADAR-SE, de alguma cousa — jemoapicic. (Vê-se, aqui, que F. A., óra escrevia **mopic** e óra **moapicic**, como no D. B.).

AGRADECER — cobé catú. (No D. B., lê-se **mocubé catú**, mas na parte inédita, estudada por nós e publicada na "Revista do Museu Paulista", encontra-se **cubécátú** e mesmo **cobécátú**, tal como em F. A.).

AGRAVAR — jemotim. (O verbo **motim** tanto pôde ter o significado de envergonhar como de aguçar, apontar, fazer ponta. E' provavel. que se trate de um simples engano, e que em lugar de **motim** seja **moti**, que exprime: picar, ferir levemente, etc.. Assim, **jemoti** diria: picar-se, ferir-se e, naturalmente, aggravar-se).

AGRESTE, cousa — caápóra. (**Caápóra**, como geralmente se sabe, significa: o morador do matto, o que vive no matto, dentro do matto. Sendo assim, pôde-se, em verdade, dizer que **caápóra** é o agreste, o selvático).

AGRAVAR-SE, a ferida — jemoaib meréb. (**Jemoaib** diz fazer-se mal, tornar-se ruim; **meréb**, **peréb** ou **beréb** é a ferida, o córte, a fistula; é a **peréba** ou **beréba** de nossa linguagem popular).

AGUÇAR — moçatim. (**Mo-çantin**, fazer agudo, tornar agudo, pontudo, etc.. E' como vem em muitos vocabularios).

AGUÇADA, cousa — moçantim pyra.

AGUDEZA — tecó cuáb eté. (No D. B., vem **jecoáub** etc. A alteração de **cuáb** em **coáub** é commum em varios vocabularios. **Tecó cuáb eté**, palavra por palavra, diz: ter conhecimento verdadeiro, etc.).

AGULHA — aui. (Este aui é o mesmo abi do D. B.. De uma forma ou de outra, deve ser contracção de ábai, o cabello pequeno, o tabellino, o que é fino como cabello).

AGUILHAM DE FERRO — itatim açú. (Itatim é a pedra ou o ferro pontudo, logo, itatim açú dirá a ponta de ferro grande, o aguilhão. No D. B., vem cotucába que vale: cotúc-cába).

AGUARDA — maranhé. (Aguarda, aqui, vale o guarda, o vigia, o sentinella. No D. B., para traducção de — vigia — vem manháne goére, sendo manháne o verbo vigiar).

AGUARDAR — açaron. (No D. B., lê-se çarón, esperar. Na "Conquista" de Montoya vem harón, mas ahí o h funciona com o valor de h aspirado; é o mesmo çarón dos tupis).

A antes do I ou J

AI! — acá. (E' uma interjeição de dôr. No D. B. vem acái. As mulheres, em geral, diziam acaigoé).

AHI — aé cecoi, oime. (No D. B., vem: alli, oime; aqui, eis aqui, cá está, ikê cecói; aqui, simplesmente, ikê).

AI DE TI — teité indé.

AINDA AGORA — curutém ramó, angaramó. (Curutém ramô vale tambem: agóra ha pouco, ha instantes, ha poucos momentos).

AINDA BEM — jamorú catú. (Exactamente como no D. B.).

AINDA NÃO — ndeyranhé, tiranhé. (Ndey é a 3.^a pessoa negativa do verbo ê: não diz, não cabe, não serve, não convem. Como se vê em Baptista Caetano, funciona como adverbio para dizer: ainda não. Ranhé vale: em primeiro lugar, primeiro, entretanto. A combinação ndey-ranhé valerá: entretanto ainda não, não convem entretanto, etc. Por ndey usa-se tambem ndaêi e ndei. Tiranhé, provavelmente é tairanhé, sendo tei, 3.^a pessoa absoluta de ê ou equivalente a: embóra, deixa, seja, etc.).

AINDA MAIS — amohé. (No D. B. vem amô vê, mas o correcto deve ser amobé).

AINDA COM ISSO — aipó pupebé. (Horacio de Carvalho leu as ultimas palavras que, realmente, estão um tanto confusas

no Ms. A phrase pôde ser, em ultima analyse, decomposta assim: ã-ipó-pupé-bé, isto ha em ainda, ou em forma mais clara: ainda ha nisto, etc.).

AINDA QUE — aujebeté. (Horacio de Carvalho leu aujeboté, mas é evidente **aujebeté**. No D. B., vem **ajubeté**).

AINDA QUE TE PEZE — aujebeté çacy jepaindé. (No D. B. vem aujebeté çacy indébo, isto é, ainda que dóa á ti).

AINDA TE AMO — aujebeté nderauçúb. (Horacio de Carvalho leu ainda quando em lugar de ainda te amo. Realmente, á primeira vista, parece que está escripto ainda cuando, mas um exame mais attento desfaz a apparencia. Demais, nderauçúb, eu te amo, confirma o que o exame das palavras portuguezas deixa perceber. A phrase, talvez, devêsse ser: **ainda que te ame**, isto é, apezar das sympathias, etc.).

AIO — rerecoára. (**Recóára**, requára ou recohára é um participio de **recô**, ter, que recebe os pronomes prepositivos **te**, **re**, **gue**, exprimindo — aquelle que tem, o que tem, o tenedor, como se poderá dizer n'um portuguez pouco usado. Na composição de outras palavras mantem sempre a idéa de posse, guarda, vigia, etc. Os jesuitas crearam, como essa expressão, innumeradas outras extranhas á indole dos indios, como se vê na Conquista de Montoya, estudada e traduzida por Baptista Caetano: **guay haci-baê rerequára**, o que foi enfermeiro (o guarda do doente) de seu filho enfermo: **chê rerequára**, meu guia, meu mestre, meu cura, meu doutrinador; **okéna rerequára**, o tenedor da porta, o porteiro, etc.).

AJOELHAR — piandi, jenepoaim. (No D. B., vem **jenepyân**, ajoelhar-se, pôr os joelhos em terra).

AJUDAR — pytibón. (No D. B., como em outros vocabularios, ha uma enorme confusão na graphia dessa palavra: **petibón**, **pitibón**, **pytibon**, **pitybón** e **pytybón**. Segundo licção de Baptista Caetano, **pytimbô** ou **pyti-mbô**, é verbo que significa: fazer firme, firmar. **suster**, **manter**, isto é, **pytib**, pés firmes; como **potib**, mãos firmes, e **mô** ou **bô** ou **mbô**, fazer).

AJUDADOR — pytibónçára.

AJUDAR-SE — jepytibón.

AJUNTAR — çainháng. (Na 1.^a parte do D. B. vem erradamente **canhána**, mas na 2.^a encontra-se, porém, **çanhána**. Parece-nos que **ajuntar**, aqui, está na accepção de economisar, prover.

acautelar, etc. Nesse caso deverá ser **çaenána**, de **çá-enána**, aquelle que está com os olhos em, o precavido, o acautelado, etc.).

AJUNTADOR — **çainhangoára**. (Vide anterior).

AJUNTAR, alguma cousa, — **mojár catú**. (**Mojár** corresponde a ajustar, juntar uma cousa á outra, achegar).

AJUSTAR-SE — **jemoatirón**. (**Moatir** é amontoar, accumular).

A antes do L

ALABARDA, de gente — **pope oára**. (Horacio de Carvalho extranhou a expressão — alabarda de gente —. F. A. quiz, no entanto, apenas distinguir o bastão, a alabarda manual de outras hastes ou varas. Nós diríamos, talvez, a lança).

ALACRÃO — **jabagira**. (No D. B., vem **iaguajira**).

ALAGAR — **mojepupúc**. (A troca do **y** por **u**, em consequencia do vicio de pronuncia, deu **mojepupúc** quando devêra ser **mojepypyc**, como vem no D. B., e no Ms. do M. B. Este, aliás, varia noutro sentido a graphia registrando **moiepykyc**).

ALAGAR-SE — **jepupúc**. (Vide anterior).

ALAGADA, cousa — **igapó açú**. (No D. B., e no Ms. do M. B., vem **alagadiço**, **ygapó**. Vide — **Aguas vivas**).

ALAGOA — **igapó, yg pába**. — (**Yg pába** diz apenas: o pouso ou a pousada da agua. E' commum tambem dizer-se **ygapába**).

ALARGAR — **moquepir**. (No D. B., — **motepypyr**; no Ms. do M. B. — **aipopirár**. Encontra-se ainda **motepopyr**).

ALARGAR, afrouxando — **moapopóc**. (E' interessante notar que **moapô** significa tornar gordo, engordar, fazer inchar ou alargar).

ALARGAR, o tempo — **mopocú ára**. (**mbo-cú** ou **mo-cú**, fazer longo, estender, alargar no sentido do comprimento., dilatar, **ára** é o tempo. **Pucú** ou **pocú**, diz, tambem: comprido, extenso, longo. **Cú**, ou melhor **cúm**, como substantivo significa a lingua, e como adjectivo, longo. Baptista Caetano lembra que, em Chili, a lingua diz-se **queún**, e que em Kechúa, longo, comprido, etc., é **suní**).

ALARIDO — **pocé pocéma**. (Talvez seja contracção de **poracé**, o bailado, a dansa, etc., como vem no D. B.).

ALARIDO — jemoaiba. (Não percebemos em que sentido F. A., empregou o termo alarido para lhe dar a traducção que deu: jemoaiba. Esta palavra, como se vê facilmente, diz: fazer-se mal, corromper-se, estragar-se).

ALARVE — çoó nongára. (A traducção literal dá: semelhante a animal, parecido com bicho. A palavra — alarve — está aqui usada como synonymo de brutal, selvagem, etc. No D. B., vem tiára oçú).

ALCANÇAR, com rogos — jururé catú rupi ogoár. (No D. B., vem: oericó jururéçába rupi. Horacio de Carvalho em lugar de catú leu no Ms. cahi, transformando completamente o sentido da phrase. Realmente a palavra não está muito claramente escripta, mas permite reconhecer logo catú, mesmo porque a occorrença jururé catú — para significar pedir muito, solicitar com razão, etc., é communissima).

ALCANÇAR, com afagos — imorib catú ogoár. (A palavra catú nesta phrase foi lida também cahi por Horacio de Carvalho. Não ha a menor duvida quanto á verdadeira graphia: é positivamente, catú).

ALCOVITEIRO, a — amanajé. (O D. B., annota para alcoviteiro — amanajê — e para alcoviteira — cunhã çapixá meéngára).

ALCASÚS — cepoém. (O D. B., dá cipó ém. Cipó é a fibra, o liame, o nosso mesmo cipó; ém ou eén significa doce, agradável, sapido, saboroso).

ALCANÇAR — jecoçúb. (No Ms., do M. B., vem: alcançar o que muito se deseja — auçoçúb —. Na oração Salve Rainha, do Compendio da Doutrina Christã, de Betendorf, encontra-se essa forma verbal que não ocorre em varios vocabularios. Lá está: "Santa Maria Tupã cy, toré-angaturáne Christo remienioingoéra recé, oré iecoçúba goâmari. Amen". Iecoçúb ou jecoçúb, equivale, nos catechismos a: rogar, pedir com humildade, alcançar uma graça, um favor, uma esmola).

ALDEYA — taba.

ALDEYA VELHA — tapéra. (Tapéra é o preterito de tába, e vale. o povoado que foi, a casa que foi, que já não é, a casa em ruínas. Diz-se também taguér ou tacuér, contracções de tabacuér,

assim como tapér é contracção de tabarér, que ainda se diz taperér. Vide Baptista Caetano).

ALHO — iguaréma. (Em quasi todos os vocabularios vem ibaréma ou ybaréma. E' interessante o registro da pronuncia iguaréma, pois confirma o que muitos estudiosos têm notado em seus trabalhos: a transformação de ybá em yguá ou simplesmente guá. Iguaréma que equivale exactamente a ibaréma ou ybaréma, diz a arvore de mau cheiro, a arvore ou fructo fedorento. E' o alho para os tupis).

ALEGRAR — morib. (Morib ou torib).

ALEGRAR-SE — jemorib.

ALEGRIA — morib. (Torib, que se transforma correntemente em morib, é o absoluto de orib, verbo adjectival que exprime: ser alegre, alegrar-se. Dá o substantivo toriba, a alegria, a satisfação. Em tupi toriba, ou simplesmente tori ou tury, significa o facho, o luzeiro. Lembra Baptista Caetano que talvez seja isso uma translação de: o que alegra, o que allumia).

ALFAIATE — óba monhangára. (Óba, ou melhor, ób, como verbo, vale tapar, cobrir, forrar, etc., como substantivo é designativo da folha, naturalmente porque a folha é que tapa, cobre, etc. Por extensão, os colonisadores usaram desse vocabulo para denominar a roupa, as vestes em geral. Monhangára, de monháng, é o fabricante, o que executa, o official).

ALGUIDAR — nhaém.

ALEIJADO, das mãos, — pó apára. (Pô apára, ou pô apár como vem no D. B. significa: mãos tortas).

ALEIJADO DOS PÉS — pû apára. (Pû vale py, o pé, os pés: logo, os pés tortos).

ALEIJADO DAS PERNAS — cetumã aután. (Cetumã ou cetymã, como está no D. B., é a perna, as pernas. Tendo F. A. usado apára para indicar o aleijamento das mãos e dos pés, era natural que tambem dissesse cetumã apára, perna ou pernas tortas; preferiu dizer aután que significa fôrte, duro, rijo, etc. Naturalmente, aqui é preciso entender pernas dâras, pernas sem movimento, para que se não inverta o sentido da phrase).

ALEMBRAR — momanduár. (Rigorosamente, momaenduár, vale: fazer lembrar, provocar a lembrança. Maenduár, sem o verbo

coercitivo *mô* ou *mbô*, dá perfeita traducção á lembrar ou alembrar).

ALEMBRAR-SE — *jemomaenduár*.

ALEM — *amongheti*. (Deve ser corruptela de *amô-ngoti*, adverbio, que significa: para lá, para longe, para logar distante).

ALENTAR — *momorantám*. (No D. B., vem *mopyrantám*. Corresponde a: fazer forte, tornar rijo, etc.).

ALEVANTAR, alguma cousa — *çupir*. (No D. B., por engano, vem *copir* em logar de *çopir*).

ALEVANTAR, o que está assentado — *moapuáme*. Exactamente como consignam varios vocabularios).

ALEVANTAR-SE — *puáme*. (*Puã*, *muã* ou *puám* é o verbo que diz: levantar-se, alçar-se, erguer-se).

ALFINETE — *arapinéta*. (Evidentemente é o termo portuguez adaptado á pronuncia tupi. A substituição do *l*, que não existe na lingua geral, por *r* brando, é muito commum mesmo em toponymos brasileiros).

ALGEMAS — *itápó mondé*. — (O D. B., consigna tambem a expressão. *Itápó* deve ser contracção de *itapór*, o que contem pedra, o pedregoso. Como *itá*, visivelmente, está aqui empregado para designar o ferro, é natural que se entenda: ferreo, de ferro, etc. *Mondé* é a prisão, a armadilha; *Itápó mondé* será a armadilha ou a prisão ferrea, ou de ferro. *Pó* não póde, neste caso, significar a mão, as mãos, pois posposto a *itá* daria mão de pedra ou de ferro que o sentido da phrase não admitte).

ALGODÃO — *amanajú*. (São numerosas as variantes da denominação do algodão: no D. B., vem *amanyú*; no Ms. do M. B., encontram-se *amanijú* e *amydú*; Stradelli dá *amaniú*; Baptista Caetano, *amandiyú*; Martius, *amaniú*; Marcgravio e Piso *aminiú*, *aminuú* e *amaniú*; Gabriel Soares, *manym*; Tastevin dá *amaniú* e *amauiú*; Bottignoli registra *mandyyú*; Theodoro Sampaio, *amandiyú*, *maniú* e *amaniyú*. Póde-se dizer que cada autor escreve de uma fórma diversa a mesma palavra. A mais correcta, parece, é a de Montoya, *amandiyú*, que vale dizer: o que dá ou tem rolo, novello, etc. Baptista Caetano, pelo menos, assim interpretou o vocabulo).

ALGODOAL — *amanajútúba*. (*Túba* funciona como suffixo, dando a idéa de quantidade, ou melhor, de local que produz

em abundancia, que tem capacidade para produzir em abundancia. Em muitos casos vale o nosso suffixo *al*).

ALGODOEIRO — *amanajuúba*. (E' o *amanajuyba* de outros vocabularios e o *amanigúyba* do Ms. do M. B.).

ALGOZ — *pórojucação*. (*Póro*, *móro*, *bóro* designa a gente, a pessoa. Baptista Caetano não concorda com a simplesa dessa significação achando que, si se attender aos diversos sentidos a que se presta essa dicção, ver-se-á que diz: aquillo que faz a gente ser, aquillo que faz uma cousa qualquer ser... *Pórotinga* ou *mórotinga* é o que torna a cousa branca; *póroiuhú*, o que faz a gente amar ou ter amôr. Lembra ainda esse sabio autor que o verbo — andar — exprime bem a significação de *póro*; *póro echág* diz andar olhando; *póro aihúb*, andar amando; *mórotinga*, andar alvejando, etc.. Vide Baptista Caetano, — Vocabulario —. *Pórojucação* será, conforme essas considerações: ser matador, andar sendo matador. Nos vocabularios antigos, porém, o significado éra: matador de gente, algoz).

ALGUNS — *ojepé jepé*. (*Ojepê*, *iepê* e *yepê* significam um; *ojepé jepé* não é mais que o frequentativo).

ALGUM — *amó*.

ALGUMAS VEZES — *amoramé*.

ALHEYA COUSA — *amó abá mbaé*. (E' como vem no D. B., e em outros livros).

ALONGAR, alguma cousa — *mopocú*. (Já tivemos occasião de fazer notar que *mopocú* ou *mopucú* exprime a idéa de alongar, fazer comprido, distender, espichar).

ALI — *oime*. (*Oime*, em rigor, diz: elle está, elle é).

ALIMENTAR — *jepoi*. (*Jepoi* ou *iepó*, *iepór* como está em Montoya, exprime: haver no ventre, ter na barriga, estar cheio, ter o ventre cheio. Por extensão de sentido significa tambem alimentar-se).

ALIMENTO — *tembiú*. (*Tembiú* é o absoluto de *mbiú*, que por sua vez é participio passado de *ú*, comer, alimentar-se; logo, a comida, o sustento, etc.).

ALIMPAR — *jocib*, *petéc*. (*Jocib* no D. B., traduz um modo especial de limpar; limpar esfregando. *Petéc* no mesmo D. B., exprime: limpar se fôr panno. O verbo *cib* ou *cyb*, só deve ser empregado quando a limpadura se fizer esfregando, alisando,

polindo; quando, como no caso da lavagem dos pannos, a limpeza se processar batendo, o verbo proprio é **petéc**. No D. B., vem ainda: alimpar lavando — **cotúc**; alimpar varrendo — **pyire**; alimpar espanando — **tybyróca**; alimpar, desferrujando — **ke-tingóca**, etc.).

ALIMPAR ARROZ — paraboi abatii. (E' como está no D. B., **Abatii** diz o milho pequeno, o milho miudinho).

ALMA — ánga. (**Ánga** exprime tambem o vulto, a sombra, a consciencia, o espirito. Éra essa qualquer cousa de indefinivel que, de alguma forma, se parecia com a sombra, com uma idéa passageira. **Áng** pôde significar, tambem, apparecer, crescer, avultar, etc.).

ALMOÇAR — aramoçára. (É evidente tupinisação de almoçar. O **l** trocava-se sempre por **r** brando seguido de vogal si a letra seguinte fosse consoante. Neste caso, **ra**, e isto para evitar a reunião de duas consoantes, contraria ao genio da lingua).

ALMOFADA — acángapába. **Acánga** é a cabeça, **pába** o pouso, a pousada: o pouso da cabeça).

ALMOFARIZ — induá mirim. (**Induá** é o pilão, o que bate. **Induá mirim** é o pilãosinho. Em alguns vocabularios encontra-se **induai** ou **indoain**).

ALPENDRE — copiára. (No norte do Brasil ainda se usa dessa expressão para designar o terraço, a varanda dos predios. Os dictionarios portuguezes já registram o termo com essa mesma significação).

ALQUIME — itajúbarána. (Alquime vale alquimia do D. B., ou alchimica, como querem alguns philologos. **Itájúba** é a pedra amarella, o ouro; **rána**, como suffixo, dá idéa de semelhança, de parecença. **Itajubarána** é, portanto, o ouro semelhante, o que se assemelha ao ouro, o ouro falso).

ALTA NOITE — pyçajé. (Talvez seja **pihá**, **pyçá** ou **pyár**, a noite, as trevas, a fundura; **jé** ou **ié** pôde ser o ventre, o de dentro. Assim, a phrase será: no ventre da noite, dentro da noite).

ALTAMENTE — ibaté. (**Ibaté** ou **ibeté** que vem, ás vezes, graphado com **y**, diz: erguido, muito elevado, alto. **Ib** é alto, **eté** é suffixo).

ALTAR — altára, tupána rendába. (**Altára**, com **l** não é possivel que fosse pronuncia do indio; elle diria **atára** ou **aratára**, com

r brando em lugar do I. **Tupána rendába** significa : o lugar de Deus, o pouso de Deus).

ALUCIAR — **cenapúc, kitingóc.** (Horacio de Carvalho extrahiu o vocabulo **aluciar**, e tratando de estudal-o, concluiu que provinha do latim **allucere**, luzir, resplandecer, brilhar. Mais tarde, encontrou em Moraes e em Candido Figueiredo o verbo **aluziar** com os significados: fazer luzidio, nitido ou nedio. Em hespanhol existe tambem **aluciar**, dar lustre, polir, etc. E' exactamente a isso que correspondem **cenapúc** e **kitingóc.** Vide Alimpar).

ALIZAR — **amocime.** (No D. B., **mocyme**, fazer liso).

ALUMIAR — **mocendi.** (**Mo-cendy**, fazer luzir. fazer brilhar).

A antes do M

AMAÇAR — **cambric.** (**Cambric** deve ser corruptela de **cam-bic**, magoar, offender, expremar, amassar, etc. No D. B., vem **cameryc**).

AMA, senhora, — **máytinga.** (**Máy**, como **páy**, é palavra portugueza introduzida no falar tupi. **Máytinga**, diz: a mãe-branca, a senhora branca, a européa. Mãe, em tupi, é **cy**, mas em todos os vocabularios apparece **máy**, naturalmente para distinguir a mãe indigena, considerada como escrava, da mãe branca tida por senhóra...).

AMO, senhor — **páytinga.** (Vide Adam).

AMA, que cria — **cunhán cambuçára,** (No D. B. está apenas **cambyçára.** **Camby** ou **cambú** significa agua de peito, o leite; **cambuçára**, de **cambú + çára**, não tem, parece-nos, um correspondente exacto em portuguez, pois **çára**, como suffixo, indica o agente do verbo. Si considerarmos **cambú** como verbo, que significa mamar, **cambuçára** dirá: mamador ou mamadora, a que máma, e não a que dá de mamar, como indica a palavra **ama** em portuguez. A traducção rigorosa para o caso deve ser **lactora**, a que aleita ou amamenta. **Cunhám cambuçára**, grosseiramente, poderia ser traduzido: mulher leiteira, a femea leiteira. Em alguns autores encontra-se **cambyiára**, com o suffixo **iára** que exprime: dono ou dona, possuidor ou possuidora. E' mais proprio para designar

a ama, a dona do leite, a que possui leite, a que cria ou amamenta).

AMADOR — *çaucúpára*. (No D. B., vem também *çaucupára*, mas deve ser *çaucupóra*, o que anda amando, o amador. Vide termo — *Algôz*—).

AMADURAR — *motiarón*. É mais ou menos complexa a formação desse vocabulo. Para melhor entendimento pôde ser considerado como composto de *yb-moty-arón* ou *yb-poty-arón*, a flôr da arvore, resolucta, isto é, terminada a flor da arvore, acabou o florescer. *Motiarón* indicando o termo do florescimento, indica consequentemente o inicio da fructificação).

AMADURECER — *jemotagoá*. (*Tagoá* ou *taguá* diz amarello, amarellado, referindo-se em geral ao barro. *Jemotagoá* exprime: fazer-se amarello, amarellar-se).

AMAGO — *çoó motéra*. (*Çoó* designa o animal em geral, a caça, a fêra, o que dá sustento, etc. *Motéra* deve ser alteração de *mbitéra* ou *pitéra*, o meio, o centro, o âmago. *Çoó motéra* dirá: o amago do animal, talvez o coração. No D. B., vem *coá mitéra* para indicar o cêrue da madeira. *Coá* ou *cuá* diz apenas: o meio, a metade, o que fica equidistante de dois extremos, a cintura, e, figuradamente, o meio do corpo).

AMALDIÇOAR — *mongaraib aiba*. (No D. B., vem: *nheénga ayba etê*, isto é, dizer ou falar realmente mal, com maldade. F. A. registra ainda *joaçáb aiba*).

AMANCEBADO — *agoaçábóra*. (Quer no D. B., quer no Ms. do M. B., a traducção é a mesma, com pequenas variantes de graphia. *Aguaçá* é a amasia, a concubina).

AMANCEBAR-SE — *jemogoaçá*.

AMANCEBAMENTO — *jemogoaçá*. (F. A., registra a mesma expressão para amancebar-se e amancebamento. Será talvez uma simples confusão ou engano de copia. O D. B. dá *aguaçabóra*).

A MANEIRA — *i:abé catú*. (Deve ser como vem no D. B. *jabé catu*. F. A., dá também *i:abé nhóte* ou *jabé nhóte*, isto é atabalhoadamente, sem ordem, á granel, etc.).

AMANHÁ — *oirandé*. (*Oirán*, futuro de *ir* e de *in*, diz: para se desprender, para ser. Em tupi *oirán* funciona como adverbio e significa: amanhã).

AMANÇAR — *mombúc*. (No D. B. vem *mojepocoáub*. **Mombúc** ou *momby* é furar, penetrar, etc.).

AMANÇAR-SE — *jemombúc*.

AMANTE — *moripára, çaçupára*. (**Mory** e **sory** significam alegre, satisfeito; *moripára* dirá o alegrante, o que satisfaz, o que produz alegria. **Çaçu**, **çaucú** ou **çaucúb** é amar, querer bem, estimar. Em quasi todos os vocabularios as vozes verbaes vêm sempre precedidas de **a** ou **xe** para indicar o typo de conjugação a que pertencem. Assim, muito raramente se encontra **çaucúb**, mas **açaucúb**).

AMAR — *açaucúb*. (No guarani é mais commum a forma *aihú, aihúb*. O **h** equivale, mais ou menos, ao nosso **ç**, porém aspirado).

AMARELA, cousa — *tagoá*. (**Tagoá** ou **taguá** é propriamente o barro amarellado).

AMARELECER-SE — *jemotagoá*.

AMARGAR — *irób, çaçy*. (**Irób** é o relativo de **rób**, amargo, o amargor; refere-se ao amargor revelado pelo sentido do gosto. **Çaçy**, que talvez se derive de **acy**, doer, o que faz dôr, etc., refere-se ao amargor moral, ao soffrimento, á magua, etc.).

AMARRAR — *apecoár*. (No D. B. vem **pocoár**, com mais precisão, porque **pô** é que significa a mão. **Pocoár** diz: pôr a mão, deitar a mão, agarrar, prender com a mão).

AMBOS DE DOIS — *mecoibé catú*. (Deve ser **mocói**, fazer par, emparelhar. Como adjectivo, **mocói** significa — dois —).

AMEIGAR — *mojarú catú*. (No D. B. vem **mojarú** e **moryb**).

A METADE — *putéra rupi, coára rupi*. (Vide termo — **Amago**).

AMIGA — *çaçupára, moripára, camarára*. (**Camarára** é a pronuncia tupi de **camarada**. Vid. — **Amante** —).

AMIGAR — *monhirón* o... (A ultima palavra está illegivel no Ms. O D. B. dá: **amigar** — **jemocamarár** — isto é fazer-se ou tornar-se camarada, acamaradar-se. **Monhirón** significa: tirar as rugas, aplacar, abrandar. Só em sentido figurado pôde exprimir **amigar** ou **amigar-se**).

AMIGO DE MULHERES — *cunhám ropiára*. (Não é facil a comprehensão exacta do sentido expresso por essas duas palavras, *ropiára* ou *rupiára*, como adjectivo, significa contrario, adverso, hostil, damnoso, segundo Baptista Caetano; *ropiára*, como derivado do verbo *ropiá* dirá: o que se arreda com, o que se afasta com, o removedor, o retirante. Si, ainda, fôr proveniente de *ropiã*, teremos novos significados, taes como: o encobridor della, o que a occulta, aquelle que a resguarda. Admittindo-se o primeiro caso pôde-se entender que *cunhám ropiára* significa o inimigo das mulheres, o individuo perigoso ás mulheres honestas, exactamente por ser elle amante de mulheres. Na segunda hypothese é admissivel que a phrase queira dizer: o que se afasta com mulheres, o que retira ou desencaminha mulheres e, finalmente, si acceitarmos *rupiára* como termo formado com auxilio de *ropiã*, claro que a interpretação será: o occultador de mulheres, o que resguarda as mulheres para o seu gôzo, o que as occulta para si).

A MIM — *ixébo*. (*Ixébo* ou *ixébe* é o chamado dativo de *ixé*, *iché* ou *ché*, eu. Em geral, para a formação do dativo dos nomes, basta accrescentar a preposição *pe* ou *çupé*. Os pronomes seguintes, segundo ensinam os velhos grammaticos, têm dativos proprios: "*Ixé*, ego, no dativo tem *ixébe*, vel *ixébo*, mihi; *ndê*, tu, no dativo faz *ndébe* vel *ndébo*, tibi; *oré*, nós outros, *orébe* vel *orébo*, nobis; *iandé*, nós todos, no dativo é *iandébe* vel *iandébo*, nobis omnibus; *peê*, vós outros, no dativo *peême* vel *peêmo*, id est vobis omnibus. A estes se ajunta *acê*, que significa homem, neste sentido: diz homem, faz homem; e no dativo tem *acébe* vel *acébo*". Vid. Figueira — Arte de Grammatica da Lingua Brasilica).

AMO OU SENHOR — *jára*. (E' tambem corrente *iára*).

AMOESTAR — *monghetá cecé*. (No D. B., vem *mombeû catú*).

AMOFINAR — *moteité*. (Horacio de Carvalho leu *mobeité*, mas sem razão, pois está bem legivel no Ms. O D. B., na 1.^a Parte registra *jucácy* mas na 2.^a dá *moteité* — apoucar).

AMOLAR — *moçaimbé*. (*Mo-aimbê*, tornar afiado, fazer cortante).

AMOLECER, amolentar — *monembéc*.

AMONTOAR-SE — *jemoatire* — (E' como vem no D. B. O Ms., do M. B., tambem dá *aimoatyr*, *amontoar*).

AMOR — çaucúba. (F. A., como o autor do D. B., quizeram distinguir o amor honesto, çaucúba, do amor deshonesto, póropotára. Vid. seguinte).

AMOR, deshonesto — póropotára.

AMORTALHAR — mokeca. (Mokéca ou pokéca significa embrulhar, envolver).

AMOSTRAR — comeéng. (Comeéng, segundo Baptista Caetano, é quabeén ou quámeén. Quab, onde é; meén, fazer sahir, ou quáb, saber, moén, fazer sahir. E' verbo transitivo e significa: dar a saber, mostrar. Póde ser considerado como composto de quá, o dedo, e meén, fazer sahir, isto é, indicar, apontar com o dedo, indigitar.)

AMUAR-SE — nhemoirón. (No D. B. vem mojemoirón. F. A. cita também jemoyrón).

AMUAR A OUTREM — monhemoirón.

A MUITO TEMPO — erimbaê. (Vale também: antigamente, do tempo antigo, de outr'ora, etc.).

A MUITO TEMPO — cetá ára oçaça oáne. (Muitos dias passados já, diz a phrase).

AMOR DE DEUS — Tupána recê. (Tupána recê é simplesmente: por Deus).

AMOROSA, cousa — iporauçúba mbaê. (Poraihub vem na Conquista significando o amante, o amoroso, o carinhoso. Mbaê é a cousa, o objecto).

A antes do N

ANCIAM, pessoa — cacuá. (No D. B. vem cacoáu).

ANCIADA, dos rios — çabaá.

ANDAR — oatá, goatá. (Atá ou atár é o verbo intransitivo andar, caminhar, avançar. E' também usado na forma guatá, goátá ou goatár, e por isso dá a atá ou a goatá, eu ando, re atá ou re goatá, tu andas, o atá ou o goatá, elle anda).

ANDAR Á RODA — jatimán. (No Ms. do M. B. vem: andar ou voltar á rôda — anhatimã).

ANDAR PERDIDO — çopár. (**Opá** ou **opár** significa: perdido, vago, errante, andar ás tontas, errado; e tambem perder-se, errar, ir sem caminho, etc. No absoluto é **topár**, com **t** mudavel em **r**, **ç**, **gu**.)

ANDAR, de gatas — ogoatá opóbo. (Andar de gatas é o andar de gatinhas dos outros vocabularios. No D. B. encontra-se **ponhé** ou **otiryca** e no Ms. do M. B. **apunhé**. **Ogoatá**, já vimos linhas acima, vale — elle anda — ou simplesmente — anda; **opóbo** é **o-pó-bo**, mão delle por, por suas mãos. A phrase **ogooatá opóbo** exprime pois, com rigor: andar por suas mãos, andar de mãos, de gatinhas.)

ANDORINHA — majoi. (No Ms. do M. B. vem **taperá**; no D. B., **majoi**; em Stradelli. **maioí**, tida como a **Hirundo taperá**. Rodolpho Garcia, que estudou com grande proficiencia os nomes de aves em lingua tupi, não cita **majoi**, e dá á **Hirundo taperá** a designação de **taperá**. Parece-nos que **majoi** e **taperá** são nomes diversos da mesma casta de andorinhas. A primeira, diz Stradelli, escava o ninho nos lugares arêentos, nos barrancos e nas praias altas. A segunda, **taperá** ou **taperá uirá**, móra de preferencia nos barrancos ou nos lugares abandonados.)

ANÉL — anéra. (E' palavra portugueza adaptada á pronuncia do indio; o **l** final transformou-se em **r** brando seguido, como é da indole da lingua, de vogal branda tambem.)

ANGUSTIA — anglicó aiba. (**Anglicó**, está no Ms.; deve ser, provavelmente, **ang tecó** ou **anga tecó**, a alma ter, ter a alma. **Aib** ou **aiba** significa má, mal, ruim, etc. F. A. usa da mesma expressão para traduzir — angustiado — **anglicó aib**.)

ANGUSTIAMENTO — jemoanglicó aiba. (Vide o antecedente.)

ANGUSTIAR-SE — jemoanglicó aib. (Apenas variação em **aiba** que, aqui, é graphado **aib**.)

ANJO — caraibabé. (**Caraibebé** é uma das muitas expressões imaginadas pelos catechistas para traduzir ideas e factos do christianismo. Perspicazes, perceberam logo que, ao indio seria muito mais facil a comprehensão dos mysterios religiosos, si explicados em sua propria lingua. Dahi a formação de uma série de palavras engenhosas que se vulgarisaram por entre as tribus, e que hoje fazem parte integrante dos vocabularios tupis. **Carai**, já

o dissémos. designava simplesmente o branco, o europeu, ou melhor, o christão. No tupi da costa, carai ou caraiba passou a significar o abençoado, o santo, etc. Bêbê, verbo intransitivo, é voar, pairar, fluctuar no espaço. Caraibêbê ou caraibabê, como grapha F. A., dirá: o abençoado que vôa, santo voador o anjo).

ANJINHO — caraibabê mirim. (Caraibabê ou caraibebê-mirim, anjo pequeno. Vide o antecedente.)

ANIMAL — çoó aiba. (Çoó, segundo Baptista Caetano, como substantivo quer dizer o animal em geral, a fêra, o bruto, a caça, a carne, etc; como verbo significa: dar de comer, dar sustento, alimentar. Aiba é mau, ruim, feroz, etc. Essa palavra çoó, tem servido á varios estudiosos como prova de uma relação entre o tupi e o grego... José Oiticica, n'um longo trabalho — Do methodo no estudo das linguas sul-americanas — mostra a improcedencia de muitas das suggestões apresentadas por espiritos cultos de homens como Couto de Magalhães, Porto Seguro, Padre Degenettes, Julio Platzmann, Ulysses Pennafort, Martius e Theodoro Sampaio. A parecença de çoó com zoôn, grego, não passa de méra apparencia; o vocabuio zoôn com o sentido de "ser vivo, animal", é post-homerico, e só appareceu em grego, segundo Curtius, no tempo de Platão. Todavia, continua o Snr. Oiticica citando Curtius, provem do verbo záo por djáu, e filia-se á raiz "gi", viver.)

ANIMAR ALGUEM — jemomorantán abá. (No Ms. do M. B. vem: animar, id dar vida — atecóbeineéng — e animar id. esforçar — aimopyántán.)

ANIQUEILAR — memoâng.

ANNO — acajú. — (Acajú é o nome generico dos anacardios. Baptista Caetano entende que o termo se compõe de acã, caroço, e jú, suffixo, como em amandiyú. Nos dictionarios tupis designa a estação, o anno. No vocabulario de Stradelli encontram-se estas notas: "acaiú significa o anno, e mais raramente a fructa do cajú. O nome dado ao anno parece que lhe veio pelo facto de contarem os mezes, que o formam. de um amadurecimento a outro do cajú selvagem. O anno, ainda hoje, em muitas tribus é dividido em luas, designadas pelo nome da fructa que nella amadurece, da arvore que nella florece, do peixe que nella apparece. Embora conheçam com agrupamentos e nomes diversos as con-

tellações zodiacaes, todavia nunca ouvi servirem-se dellas para indicar o mez ou a estação; servem-se dellas exclusivamente para regular-se e conhecer as horas da noite”. O D. B. traz interessantes informes a respeito do acajú, descrevendo pitorescamente cada uma de suas variedades. Vide D. B. 2.^a parte pags. 139-142.)

ANOJAR A OUTREM — mopyáiba. (Pyá ou mbiá, que significa as entranhas, o estomago, a ventrecha, é em geral usado para designar o coração. Mopyáiba vale dizer: fazer o coração ruim, tornal mal o coração. E’ o molestar, aborrecer, o entristecer.)

ANOJAR-SE — jemopyáiba.

ANOYTECER — jemopetúne. (Pytún, escurecer, ser noite, a noite. Py designa o fundo, o interior, e tún, negro, escuro, etc.)

A NÓS OUTROS — oré (Correctamente deve-se dizer orébo ou orébo, forma regular do dativo pronominal. O D. B. dá tambem jandébo, á nós todos.)

ANTA — tapiyra. (No D. B.; além de tapiyra vem, tambem, caápoára e icuré.)

ANCIA — moacanión. (Deve ser mocáneón como está no D. B.; mo-caneón, fazer cansaço, causar afflicção, causar fadiga. Diz-se ainda: tecô tembém.)

ANTES — eymebé. (Em alguns vocabularios grapha-se eymevê. No Ms. do M. B. está tenondé.)

ANTECEDENTE — tenondé ogoára.

ANTECEÇOR — cecóbyaréra. (No D. B. vem cenondé goára. Tecobiár ou cecobiár, segundo lembra Baptista Caetano. pôde ser contracção de tecohab-i-ar, aquelle que o posto, de outro. toma.)

ANTEMÃO — eymebé, ranhé. (Ranhé significa ainda: de antemão, primeiro lugar, primeira cousa, etc.)

ANTEPÔR — tenondé nóng. (No D. B. antepôr, no sentido de preferir ou dar preferencia é: cenondé ranhé enóng.)

ANTEONTE — coicé coicé. (Cuehé, de cuér ou cuéra, passado, ido, e hé, diz que. A expressão vale por: ha dias, ha tempos, hqntem, etc. Como o h deve ser muito aspirado, a pronuncia pode levar á coecé ou coicé. Coicé coicé é phrase que

exprime, hontem, hontem, isto, é dois dias passados, dois “hontens” por assim dizer; dois dias que já são “hontens”).

ANTEPARO — miaçába, piaçába. (**Piaçába**, na 2.^a parte do D. B. não só significa o anteparo como uma cêrca qualquer, qualquer tapume. **Piá**, com a longo, ensina Baptista Caetano, tem diversas significações mais ou menos correlactas. Como verbo intransitivo diz: tomar caminho diverso, apartar-se, ir apartado, e se conjuga — **a piá, re piá, o piá**, etc. Si funcionar como verbo transitivo, conjugar-se-á: **a yo piá**, etc., eu o faço ir por outro caminho. Ambos tem o gerundio **piábo**. Ha ainda o transitive **peá** ou **peár**, com e longo e a accentuado, significando: arredar, afastar, desterrar. Confunde-se, ás vezes, com **piá** intransitivo.)

ANTEPORTA — okéna piaçába, okéna tenondeçába — (**Okéna** ou **oquém** é palavra de difficil decomposição, embóra seja certo que contem em si a idea de casa, coberta, etc., **óg, óc, óca**. Talvez, suggere Baptista Caetano, seja **óg** e **cém**, sahir de casa, ou melhor, por onde se sahe de casa. **Okéna piaçába** traduz-se: a separação da porta, a cerca da porta, isto é, a cerca que impede chegar-se á porta, um tapúme qualquer situado fronteiro á porta; **okéna tenondeçába** diz a mesma cousa, pois **tenondeçába**, exprime. dianteiro, adiantado, o avanço de uma cousa, o adiantamento.)

ANTEQUANDO — corutém nhóte. (**Ante quando**, é adverbio desusado, explica o dictionario de Moraes, e vale por: o mais cedo que fôr possível, num momento. Horacio de Carvalho, não percebemos por que, leu **coruteri** em lugar de **corutém**, claramente escripto. **Corutém** ou **curutém**, como está no D. B., é: cêdo, de pressa, brevemente, em poucos instantes. **Nhóte**, que significa só, somente, só pois, etc., nessa phrase serve para reforçar a idea expressa por **corutém**; **corutém nhóte** — somente n’um momento, só brevemente pois, só o mais cedo que fôr possível.)

ANTES DA MEYA-NOITE — piçajé eymbé.

ANTECIPAÇAM — tenondeára. (O suffixo **ára**, empregado aqui, não o está com propriedade. **Tenondeára** ou **tenondeuára**, como quer Stradelli, diz o antecipante, o antecipador. Antecipação devêra ser **tenondeçába**, isto é, o modo de chegar antes, de ser antecipado.)

ANTIGAMENTE — erimbaê. (E’ como vem no D. B., F. A. dá ainda **coicéyme**. Vide termo — Anteonte —.)

ANTIGUIDADE — erimbaé goéra.

ANTIGOS — abá erimbaé goéra.

ANEMURES — nitíu máme. (*Anemures* deve ser *anhenures* ou *nhenures*, nenhum lugar, contrario de *algures*. No D. B., como em outros, não se grapha *nitíu*, mas *nítio*.)

Á NOYTE — petúna ramé. (*Petúna*, ou melhor, *pytúna*, é a noite, a escuridão. Vide. — *Anoytecer* —)

ANULAR — moigoáne, moaib.

ANZÓL — pindá. (*Pindá* significa, realmente, o *anzól*, aquillo com que se fiska, agarra ou engata; o gancho, etc. Baptista Caetano lembra que em *kichúa* *pintá* é o *anzól*.)

A antes do O

AO. AOS Á. AS — çupé, pé, ixupé. (*Ixupé* ou *ichupé*. *Ichú* é a forma do pronome da 3.^a pessoa, quando regido de posposição: *gui*, *upé*, *pé*, etc. *Ichupé* vale, portanto, á elle ou ella, á elles ou ellas, para elle, perante elle, etc.)

AO CONTRARIO — arameyma rupi. (*Rupi* significa pelo, pela, por, etc.)

AO COMPRIDO — pucú rupi. (*Pucú rupi*, pelo comprido.)

AO ENCONTRO — çobáitim. (*Tobái* é o absoluto de *obái* que, como posposição, significa: em frente, defronte, frenteiro. Como substantivo pode significar: a parte fronteira, a fronteira. Em tupi da costa, *çobái* foi muito empregado para designar o reino de Portugal, isto é, o que ficava defronte ou em frente ao Brasil. *Tobáitim* ou *çobáitim* pode ser um verbo, e vale dizer: fazer frente, oppôr-se, contrastar, etc.)

AO DIANTE, tempo — coromó cori. (*Horacio de Carvalho*, por evidente engano leu *coromé cari*. A phrase vem no D. B., 2.^a parte, e diz: pelo tempo adiante, ao correr do tempo, pelo tempo em fóra.)

AO LONGO — yby rupi, ibúre. (*Yby* é a terra, o solo, o chão; logo, *yby rupi* quer dizer: por terra, pelo chão, etc. *Ibúre* deve ser a posposição adverbial *ybyri*, ao longe de, ao lado de, a par de, etc.)

AO LONGE — aepé catú çui. (No Ms. a palavra *aepé* tem,

realmente, accento na ultima syllaba, embóra pela forma graphica pareça tratar-se de aépe, paroxytono. Em tupi dizia-se aépe, ahi, lá, etc., e a phrase aépe catú cui, poderia significar: de bem longe, bem de lá, lá ao longe, etc. Sendo oxytona, seria mais correcto dizer apé, caminho, em lugar de aepé. O D. B. dá apécátú cui, de longe, isto é, de bom caminho.)

AO MENOS — aujébeté. (No D. B. ajubeté.)

AONDE — máme. (Os guaranis preferiam mamô, composto da interrogativa ma e dô adverbio mô, lá, longe, etc. Máme tinha uso mais corrente entre os tupis.)

AO PERTO — iké nhóte, coçui.

AO REDOR — jatimán. (No D. B., 1.^a parte, vem: çobaké rupi, mas na 2.^a encontra-se jatumáne, significando rodear, andar em roda, rodeio, rodeamento, etc.)

AO REVÉZ — araneyma rupi.

AO PÉ, junto — çoaké. (Deve ser çobaké, cujo absoluto é tobáiké, apezar de existir tambem çoáke, perto, proximo.)

AO DEPOIS — ariré (No D. B. areiré.)

A OUTRA PARTE — amó çobaxára. (O D. B. e outros vocabularios dão çobaixára e çobaindába, como si fossem synonymos ou, pelo menos, duas formas de uma mesma palavra. Çobaixára ou çobaiguára é o fronteiro, a pessoa que vive em frente, aquelle da banda de lá; çobaindába é o lugar fronteiro, a zona, o local fronteiroço, que fica em frente, da outra banda.)

AOS COUCES — pyrú purúng cecé. (No D. B. encontra-se pyrón pyrón.)

A antes do P

APAGAR — movéob. (No Ms. do M. B. vem aimogoêb, apagar, como o fogo. Stradelli registra apagar, soprando: mbueú ou mueú, e Tastevin mueú ou muweú.)

APADRINHAR — jepáyangába. (Payángába ou páyaan-gába, apparencia de pae, vulto de pae, o que se parece com o pae, o padrinho. Páya, já vimos em outro lugar, é a palavra portugueza pae adaptada á pronuncia tupi. O D. B. registra pycyrón que vale auxiliar, ajudar, etc.)

APAIXONAR-SE — jemopyáiba. (Pyá, aqui, deve significar o coração, e a phrase diz: tornar-se de coração ruim, isto é, fazer-se de coração dolorido, maguado, etc.)

APALAVRAR — imonghetá.

APANHAR ALGUÉM — picic. (Picic ou pycyg, exprime com maior precisão: alcançar, agarrar o que foge, pegar, etc.)

APANHAR, de repente — pocuçu. (Tambem se escreve pocogúb e pocohúb. E' verbo que significa: achar toque ou péga, segundo Baptista Caetano.)

APANHAR FRUITA — poó. (Poóg, colher, apanhar. Montoya dá: colher com a mão, fructos, raizes, o que se acha por ahi, etc. Faz o gerundio em óca, poóca.)

APARAR, as unhas. — pôampim mondár. (Poapê é o esquinado, o agudo da mão, ou o encascado da mão, as unhas, e dahi, diz Baptista Caetano, poapê-apim, as extremidades das unhas. Mondár ou mundá, como se diz em guarani, significa furtar, tirar, etc.)

APARATO — abetécába. (O D. B. não dá aparato, mas dá pompa, guaçuçába. São palavras que se correspondem, embora com pequena divergencia de sentido fundamental.)

APARECER — jecameéng. (Na Conquista vem quameéng, quabeén ou quabeéng, mostrar, indicar, determinar, apparecer.)

APARELHAR-SE — jemoçacui.

APARENTAR-SE — jemoanáme. (No D. B. jemoanáma. Moaná ou moanáme significa: tornar ligado, conjunto, fazer alliado.)

APARTAR — mojepeá. (No D. B. mojaóca, que F. A. dá como traducção do termo seguinte. Mojepeá decompõe-se em moi ou moy e peá. Moi, moy ou mboy significa: fazel-o, tornal-o, etc. E' inicio dos verbos do prefixo mo, intercalando a pronominal y, do mesmo modo que em outros intercala h. Peá ou peár, literalmente exprime — tomar o caminho — mas significa tambem atravessar, arredar, afastar, empurrar. Ypeá ou jepeá diz: afastar-se, arredar-se, separar-se. Mojepeá será, finalmente: fazer afastar-se, fazer com que se arrede, etc.)

APARTAR, dividindo — mojaóc.

APARTAR, afastando — moteric. (Tambem occorre moteryc, no D. B.)

APAZIGUAR — moingó catú. (No D. B. vem mopotuú. **Moingó** ou **mboecó** significa também: fazer ser ou estar, pôr, estabelecer, ordenar. **Moingó catú** dirá, portanto, ordenar bem, estabelecer-se bem, etc.)

APAZIGUAR-SE — jemoingó catú.

APALPAR — pocóc, çungá. (**Pocóc** ou **pocóg** corresponde, exactamente, á: pôr a mão, encostar a mão, tocar, apalpar, etc. Como verbo transitivo pôde significar: dar a mão, ajudar, guiar, etc. **Çungá**, que em guarani se escreve **hungá**, é o verbo **ungá** ou **ungár** que diz palpar, sondar, tentar, etc.)

APARECER — jecuá. (No D. B. vem: apparecer o que estava perdido — **jecuáub**.)

APEDREJAR — japi api. (No D. B. está **japi japi**, frequentativo de **japi**. No Ms. do M. B. encontram-se **aiapiapi** e **aiapi iapi**.)

APEGADO — ojár. (**Ojár**, como se vê na 2.^a parte do D. B., significa: acostar, andar pelas praias.)

APEGAR, alguma cousa — mojar, mojepecic.

APEGAR-SE — jepecic.

APEGAR-SE, ao bordam — jecóc pococába recê. (No D. B. vem: ojepecyca epococába recê. **Jecóc** ou **jecóg** é suster-se, manter-se, arrimar-se; **pococába** vale: o em que se toca, o em que se apoia a mão, o pegadouro, o bastão, o esteio, etc.; **recê** como se sabe, é posposição: com, em, sobre, pelo, etc., que também se grapha **rehé**, na Conquista.)

APERFEIÇOAR — moporang. (**Moporáng** significa, propriamente, fazer bonito, tornar bonito, enfeitar, engrajar, etc.)

APERFEIÇOAR — mombáo catú. (E' como se traduz aperfeiçoar no D. B. **Mombáo** é o verbo **mombáb**, dar fim, pôr termo, acabar, consumir; **mombáo catú** será: acabar bem, consumir com perfeição, etc. Na Conquista vem: orô mombá **Sacramento ypycypábo**, consumimos o S. Sacramento tomando-o todo.)

APERTAR A MAM — popúc, jupúc.

APERTAR — jubúc. (No D. B. apertar pegando é **jebic**.)

APERTO, aflicam — anglicó aiba. (Vide — **Angustia** --).

APERTO, perigo — marána aiba.

APETECER — jememotáre. (**Motár**, **mbotár** ou **potár**, significa querer, desejar, aspirar, amar, estimar.)

APETITE — jememotára.

APETITE TORPE — jememotára puxi. (No D. B. diz-se: **jememotára abâ recê**, evidentemente torpe, ao passo que **jememotára puxi** significa vagamente: desejo feio, apetite mau ou perverso.)

APIEDAR-SE — poreauçúba. (Tambem ocorre **morauçúb**, isto é, andar amando, amar a gente, o povo, as pessoas.)

APLACAR — aimonhirón, moaribe. (No D. B., 2.^a parte, encontra-se **aimonhirón**, pacificar, fazer pazes, reconciliar-se com outrem, etc., embóra na 1.^a esteja **potuú**. O sentido de **moaribe** deve ser figurado, pois **mo-aryb** corresponde a: fazer cacho, fazer penca, reunir em cachos.)

APLAINAR — jupen, mocime. (**Mocime** é fazer liso, tornar brunido, lustroso, alisar. **Jupén** corresponde ao **jopáne** e ao **jo-pine** da 2.^a parte do D. B., que valem: falquear, lavar, desbastar com o enxó, e faspas, tosquiar, etc. Nessa mesma 2.^a parte, ocorre ainda **jupáne**.)

APLICAR — mingó. (Vide — **Apaziguar** —.)

APLICAR-SE — jemoingó.

APOUCAR — mopitúb. (**Mo-pytubár**, fazer descahir, tornar desmerecido, fazel-o arquejante, cansado, exanime.)

APODRECER — jemotijúco. (**Tijúc** ou **tyyúc** é o liquido pôdre, a lama. Tambem apparecem, nos textos e vocabularios, **tuyú**, **tuyúc**, **tyuúc**, etc.)

APOLGAR — çánga, pocóc. (No D. B. vem **apolegar**, **pokóc**, talvez no sentido de empolgar, agarrar, etc.)

APONTAR — moapúc, coameéng. (No D. B. vem **moapyc**. Vide — **Aparecer** — onde F. A. graphou **cameéng** em lugar de **coameéng**.)

APONTAR A BARBA — océne tinimbába. (No D. B. está: **ciniçába ochenhiim**.)

APORTAR — ojepotár.

A PONTO, estar — aicó catú. (No D. B. vem **aicô catú cecê**. **Aicô** está funcionando como verbo, com o significado de **ser** ou **estar**: estou bom, sou bom. A' proposito do verbo **aicô**, diz o sabio Padre Figueira: "não ha nesta lingua verbo algum

particular, que propriamente responda ao verbo *sum*, *es*, *fui*, latino; mas esta falha se supre bem com o pronome *xe*. Tres são as significações do verbo *sum*; *sciliut*: *ser*, *estar*, *ter*: *ut sum*, eu sou, ou estou, e também *est mihi pater*: eu tenho pai. Para significação de *estar*, temos nesta lingua o verbo *aicó*, de que fizemos menção entre os irregulares; o qual também significa *ser*, e também o seu composto *aicobé*, que significa: *estou vivo*, *estou são*, *estou presente*, *tenho ser*, etc.”

Para melhor esclarecimento do leitor, achamos conveniente transcrever também as palavras do não menos sabio Baptista Caetano: “*tecó*, ou *ticó*, absoluto de *icó* ou *ecó*, verbo intransitivo *ser* ou *estar*, ou antes: o *ser*, o *estar*, em absoluto, que também é substantivo: lei, regra, norma estado condição, modo de *ser*, etc. Em *icó* vem a conjugação com os pronomes *a*, *re*, *o*, e esta conjugação é a mesma para todos os compostos que são verbos intransitivos como a *icobé*, sou, o *icobé*, elle é differente; quando o composto é transitivo, a conjugação é como a que vem em *ecoár*, que faz a *hecoá*, *re hecoá*, eu o imito, tu o imitas, etc., isto é, põe-se *he* em lugar de *i*, ou antes, muda-se *i* em *■* e se *lhe* prepõe o paciente *h*. Demais, transitivos e intransitivos admittem todos a forma absoluta *tecó*, a qual subsiste para outros compostos ainda que não se conjuguem como os intransitivos nem como os transitivos, mas só com os pronomes pacientes na forma da conjugação dos verbos adjectivos: *ché recó ori*, alegre sou, *nde recó ori*, és alegre, *hecó ori*, é alegre; estes ultimos são usadissimos com o prefixo *nhembó* tornar-se, e assim cojuga-se: a *nhembó ecó ori*, eu me torno alegre.)

APOZENTAR — *mombutá*. (*Mombutá* é *mo-mbutá* ou *mo-potá* ou, ainda, *mo-potár*, fazer colher, tornar recolhido, resguardar, aposentar, dar aposento ou pouso.)

APOSTEMAR-SE — *jemomungá oçú*. (No D. B. vem *oje-moayb*. *Mungá* ou *pungá* é o inchaço, o bubão, a inflamação que se arredonda ou que se torna encaroçada. *Momungá oçú* será: fazer ou provocar inchaço ou inflamação grande, volumosa, etc. *Je* ou *ie* é simples signal da forma passiva.)

APOSTOLO — *boiá*. (Parece-nos que F. A. enganou-se na copia; só forçando muito o sentido de *boiá* poderá-se-á admittir essa palavra com a significação de *apostolo*.)

APOUCADO — moánga. (Moánga ou mó-ánga, em rigor, diz apenas: pensar, cuidar, imaginar, fazer sombra, etc.; para significar apoucado é preciso que se diga moánga-aib ou moan-gaib, pois estas expressões é que valem: apoucar, diminuir, aniquilar, enfraquecer, consumir. F. A., naturalmente por descuido, não concluiu a palavra que pretendia escrever.)

APREÇAR ALGUEM — eré catú, moçapuã. (Eré catú é uma interjeição que corresponde ás nossas: eil-o! eia! olá! vamos!.)

APREGOAR — çapocái. (Çapocái, ou melhor çapucái, tanto significa apregoar como gritar, clamar, acclamar, bradar, apupar; etc. A' todas essas palavras deu F. A. a traducção çapocai. Segundo lição de Baptista Caetano, çapucai é verbo composto de çá ou eçá, olhos, pucá, salto, saltamento, e i, por, com, etc: literalmente, portanto, exprimirá: com os olhos saltados, com os olhos fóra das orbitas, com os olhos pulados. A phrase descreve o aspecto de quem grita, de quem abre muito os olhos para gritar.)

APRENDER — jemboé. (Stradelli, que estudou o nheengatú amazonico, registra iumbué.)

APRESENTAR — coameéng.

APRESENTAR-SE — jecoameéng.

A PONTA DO MATTO — çapequám. (No D. B. vem: ponta de terra — çapicón —. Çapicáng ou eçapicáng, applica-se a yby, terra, e a outros substantivos para traduzir a idéa de altos e baixos; diz-se ybyçapicáng, terra accidentada, cheia de altos e baixos, etc.)

APROFIAR — ceki ceki. — (Ceki, como vem na 2.^a parte do D. B., significa: attrahir, puxar, tirar por força. Ceki ceki, forma frequentativa, exprimirá: puxar muito, puxar continuamente, o que puxa apesar de tudo.)

APROVAR — çaáng catú rupi. (No D. B. está jabé icatú.)

APROVEITAR — mogoaçú.

APREMIAR — meéng mbaé abá. (Ao pé da letra será: dar objectos ou cousas á pessoa, offerecer-lhe cousas, offertar cousas á alguem.)

APRENDIZ — cenimbaé.

A' PULOS — opopóre. (Vide — Apurar.)

APURAR — çapocái, pocéme. — (Vide — Apregoar —).

APURAR — mopopóre. (Como bem fez notar Horacio de Carvalho, F. A. evidentemente enganou-se dando a traducção mopopóre para apurar. Mopopóre, rigorosamente, é mo-popóre, fazer saltar, obrigar a pular, fazer ir aos saltos ou aos pulos. Popóre é o frequentativo de pór. Talvez em lugar de apurar, quizesse anotar a pular.)

A antes do Q

A QUAL, o qual — aé, aebaé. (No D. B. aé ou imoaé, aquelle. Abá, em certos casos vale também qual, o qual, etc.)

A' QUALQUER — umabaé çupenhóte. (No D. B. encontra-se: abá çupé nhóte. A primeira palavra de F. A. está illegivel; parece ser umbaé.)

A' QUE — mbaé recé. (Este-á que-corresponde a ad quid dos latinos. No D. B. vem mbaê ráma.)

AQUELLE — coaé, oimaé.

AQUELLE OUTRO — coaé amó.

A QUAL — omabaé çupé.

A' QUE FIM — mbaé ráma. (No D. B. vem: mbaé ráma recé tã.)

AQUI DEL REY — cepicyrón jepé Rey... (O final da ultima palavra está illegivel.)

AQUENTAR — moacú. (Mbo-acú ou mbo-acúb, tornar quente, dar calor, excitar, inflammar.)

AQUENTAR-SE — jemoacú.

AQUI — iké. (Assim vem em Figueira. Baptista Caetano dá iqué. No guarani diz-se mais communmente ape, ko-ape ou kyvó.)

AQUI ESTÁ — cocecói (No D. B. vem iké cecói.)

AQUENTAR ROUPA — moçacú. (Tambem pode ser moacú.)

AQUENTAR AGUA — moacú yg. (Yg é a agua, etc.)

AQUI PERTO — iké nhóte.

AQUIETAR — icónhóte. (No D. B. está mooicó nhóte.)

AQUOLA' — oime: (Aquilá é acolá. Oime, como phrase vale: elle está, elle é.)

A antes do R

AR OU VENTO — ybetú. (Ybytú, segundo a opinião de alguns tupinologos se decompõe em **yby**, a terra, o chão, e **tú** o sopro, o halito, o efflúvio, etc. Dessa forma, **ybytú** dirá: o halito da terra, o efflúvio da terra. Outros, porém, como Baptista Caetano, preferem decompôr em **y**, a agua, e **pytúb**, o sopro d'agua, o halito da agua. Preferimos a primeira fórma.)

ARAME — itá inimbó. (Inimbó ou ynimbó é o fio, a linha, o barbante, logo: o fio de pedra. E' sabido, porém, que a expressão **itá** não só denominava a **pedra**, mas qualquer objecto duro como a pedra, o ouro, a prata, ferro, etc. **Itá inimbó** vale perfeitamente o arame.)

ARANHA — jandú.

ARANZÉL — çangába. (Horacio de Carvalho, em nota á margem do dictionario de F. A., escreve o seguinte: "creio que o autor deu a aranzel o sentido brasileiro de chavascal, charravascal, etc., correspondente a maranha que por sua vez nos vem de **maram** tupi, que deu **maranan**, desordem, confusão, etc., isto é, emaranhado." Çangaba, entretanto, quer dizer: logar, tempo ou modo de ser estendido. Em outro vocabulario, aliás muito mal copiado e extremamente reduzido, vem **cangába** que, em verdade, exprime: quebrar ossos ou os ossos.)

ARCA — patuá.

ARCO DE FLEXA — gorápára. (No D. B. vem **uirá pára**. Ambos significam a madeira ou o páo torto, arcado, etc.)

ARDER — cendi, ocái. (Na 2.^a parte do D. B. está **cendyi**. De uma forma ou de outra, **cendi** significa arder, queimar, reluzir, etc. **Ocái** exprime tambem arder, mas no sentido figurado: a pimenta arde, a queimadura arde, etc.)

ARDER A BOCCA — táya. (**Táya**, **táy** ou **tai** é o absoluto de **cái** ou **ocái**. Vide — Arder —.)

ARDOR DO CORPO — çakibóra. (Provavelmente deve ser çapibóra, o calor de dentro, o queimor interno.)

ARDIL — enganandába. (No D. B. vem: ardil para enganar — **jacuaub eté oenganáne oaráma**. Enganandába é evidente hybridismo: **engano**, palavra portugueza, e **dába**, o logar em que, o lugar do, etc.)

AREA — ybycui. (Cui é o pó, a farinha, o moido, etc.; ybycui diz, portanto, o pó de terra, a farinha de terra, a arêa.)

AREAL — ybycuitúba. (Túba exprime de uma certa forma: quantidade, porção, muito, etc. Com maior rigor dirá: o lugar, a zona que produz, ou géra em quantidade.)

A' REDEA SOLTA — cemimotára rupi. (Cemimotára como vem na 2.^a parte do D. B. significa: liberdade, livre alvedrio, etc.)

ARREDONDAR — moapuá. (Mo-apuã, fazer redondo, tornar redondo.)

ARGOLA — itá piunha. (No D. B. vem apenas namby, que significa orelha.)

ARGUEIRO — corêra.

ARGOIR — mopuáme. (Mopuáme vale: levantar, erguer, constituir, etc.)

ARMAÇAM — moatirónçába. (No D. B. vem mongatironçába, equivalente á expressão de F. A.).

ARMADILHA — juçána. (Juçána não é propriamente designativo generico de armadilha; é o nome de uma dada especie de armadilha, o laço, a laçada.)

ARCO DA VELHA — guaimim gorapára. (Guaimim ou guaibim é a velha, a mulher idosa; gorapára deve ser corruptela de guirapá ou guirapára, arco de flexa. Stradelli, para arco da velha ou arco iris, dá: uaymy-apára e anauaneri.)

ARMAR — moáme. (Moáme, fazer ficar em pé, pôr em pé, pôr erguido, pôr alerta. E' como vem no D. B.)

ARPAM DE TARTARUGA — jurará cotuçába. (Jurará, segundo informa Stradelli, é designação da femêa da Emys amazonica. A sua carne, diz esse autor, é a base da alimentação de parte do Estado do Amazonas, onde é ainda relativamente facil obter-se, embóra já não haja a quantidade que houve, e o numero das tartarugas trazidas ao mercado diminua cada anno, devido sobretudo á caça desapiedada e irracional que lhes é feita. O mâcho chama-se capitari, e é menos perseguido que a femêa, não tanto por ser mais pequeno como pelo facto de ser sua carne menos apreciada, — como de resto em geral é aquella de todos os machos, com poucas excepções talvez.)

ARPAM DE PEIXE BOI — oiçâma. (Oi deve ser ui, a flexa. Oiçâma, uiçama, uixâma, etc., valem todos: a corda da flexa, o fio da flexa, ou melhor, a flexa encordada. E' o arpão que leva uma corda destinada a puxar o peixe para junto do barco.)

ARVORE — úba. (No D. B., e em quasi todos os vocabularios, a forma preferida é yba ou iba. A's vezes confundem-se com ymirá. Yba significa realmente a arvore, a que está em pé. á prumo, tesa, erguida, etc.; ymirá é o páu, a madeira, etc.)

ARRÁIZ — jucumayba. — (Jucumã deve ser jacumã ou yacumã, o leme; yba, segundo opinião de Theodoro Sampaio não vale aqui — arvore — mas apenas erguido, elevado, chefe, etc. Jacumãyba será o chefe do leme, o que está erguido dirigindo o leme, o piloto, emfim. A' proposito disso achamos razoavel lembrar umas palavras de Sampaio sobre a suggestão de Tastevin.

Diz esse tupinologo: "uma observação do autor da Grammatica da Lingua Tupi, o Padre Tastevin, não póde aqui passar sem reparo, e é quando elle diz, a pagina 88: — é curiosa a identidade de awá (abá), homem, com ywa (yba), arvore, que se reproduz em myrá, madeira, e mira, gente —. O Padre Tastevin julga então encontrar apoio, a confirmar essa identidade, nos seguintes compostos vocabulares em que entra o termo ywa (yba): yganti, prôa, ygantiyúa, proeiro; yacumã, leme, yacumãywa, o piloto ou popeiro, maramonhã, guerra, maramonhãywa, o guerreiro, por onde se vê que o suffixo ywa (yba) tem aqui o sentido de homeri awá (abá). A identidade, porém, não existe nem entre ywa e awá, nem entre myrá e mira. O suffixo ywa ou yba não tem, de facto, naquelles exemplos, o significado de arvore ou homem; elle vem de yw ou yb, elevar-se, erguer-se; donde ywa (yba) erecto, alto, guia, chefe. Os exemplos apresentados não identificam portanto, ywa, arvore, com awá, homem; traduzem-se simplesmente ygantiywa, o guia da prôa; yacumãywa, o guia ou chefe do leme: maramonhãywa, o chefe da guerra."

ARRAIA — jabebúra. (No D. B. vem: jabibúra ou ari-nairi. Stradelli diz que, na Amazonia, o nome generico da ar-
raia é iauyra.)



ARRANCAR — moçác, çác. (Horacio de Carvalho leu moçáe e çái, mas no manuscrito está moçác e çác, como no D. B.)

ARRANCAR-SE — çác. (No D. B. vem jemoçác que é o correcto.)

ARRANHAR — caránhe. (Tambem é usual a forma caraên.)

ARRAM — jui. (Este arram de F. A. é simplesmente **an** ran, a rã. Jui ou iui, casta de rã, muito commum junto ás bananeiras, diz Stradelli. No D. B. vem yui ou tatáca.)

ARRAZAR — mongui. (No D. B. está: monjojabê.)

ARRASTAR — motiriric.

ARREMEÇAR — oéne (?) — (A palavra está quasi illegivel, mas parece ser como annotamos, embóra oéne nada signifique no caso. Só com muita vontade de acertar seria possível admittir que oéne fosse oém ou oé, isto é, elle sahe, reçuma, põe-se fóra, etc.)

ARREBENTAR — oçóc. (Çóc ou cóg, partir-se, moer-se.)

ARREBENTAR A OUTREM — mopóc. (Vide o seguinte.)

ARREBENTAR — póc. (Póc é o verbo póg ou mbóg do guarani, evidentemente onomatopaico. Significa, tambem: disparar, rebentar, estallar, etc.; no gerundio dá póca e no participio pocáb. Como adjectivo vale: rachado, fendido, estallado; como substantivo, segundo Baptista Caetano, designa a bexiga do peixe.)

ARRECADAR — mongatú.

ARRECADAS — nambipóra. (Nambi ou namby é a orelha, e nambipóra será, portanto, aquillo que anda na orelha, o que existe na orelha, os brincos ou as arrecadas.)

ARRECEAR — nheengá, jeangá, cekijé. (Nheengá talvez seja, aqui, o participio de nheéng, o lugar, tempo ou o modo de fallar, isto é, o conselho, o estribilho, etc. O D. B. dá moaúb na 1.^a parte, e cekijé rupi, medo, temor, á medo, etc., na 2.^a).

ARRECEAR-SE — jemocekijé.

ARREDAR — moteric. (No D. B. vem moteryc.)

ARREDAR-SE — gigi. (Tal como no D. B. Este accrescenta que ainda se pode dizer oteryc.)

ARREFECER — jemoroíçang. (Jemoroíçang, em rigôr, exprime: arrefecer-se, esfriar-se, refrescar-se. No D. B. vem

correctamente: **moroycáng**. **Roycáng**, como substantivo, significa frieza, frialdade. Quando se diz **chê roycáng**, quer-se dizer: estou muito frio, aliás, apanhei frio ou apanhou-me o frio; como é mais usado **chê roycáng** do que **chê roy**, estou frio, induz-se que **roy** é substantivo, o frio, e **roycáng** um verbo, cahir ou apanhar o frio, tanto mais quanto ha o gerundio **roycámo** e o participio **roycabáb**. Vide Baptista Caetano, Vocabulario, pag. 457).

ARREGAÇAR — pupire.

ARREGAÇAR-SE — jepupire.

ARREGOÁR — mobóc. (**Mo-bóc**, isto é, fazer rachas, abrir fendas, etc. **Arregoár** é abrir regos.)

ARREMATAR — iapotim, pocoár.

ARREMEÇAR — itic. (No D. B. está **ityc**.)

ARREMEDAR — çaáng. (No Ms. do M. B. vem **açaaáng**.)

ARRENEGAR — roirón (**Roiron** ou **royrón** equivale a: ter-se irritado com, despresar, odiar, detestar, leval-o a mal, tel-o em pouco, etc. conforme tradução de Baptista Caetano.)

ARRENEGADO — roirón Tupána recó cui. (A phrase traduzida, dá: ser despresado de Deus, detestado de Deus.)

ARREPENDER-SE — jemoaii, jepeá. (**Jemoaii** deve ser **jemoayb**, como vem na 2.^a parte do D. B. **Jepeá** deve ser **jepyá**, mesmo porque no D. B. **arrepender-se** está traduzido **jepyá rojeybr**.)

ARREPIAMENTO DOS CA... — itira. (No Ms., realmente, a palavra final não está completa. Horacio de Carvalho não conseguiu descobrir qual fosse. Parece-nos que deve ser **cabellos**. Teriamos assim: arrepiamentos dos cabellos, que de alguma forma pode ser **itira**. Com mais propriedade dir-se-ia **cabellos em pé**, etc. No D. B. encontram-se: arrepiar-se o corpo de medo — **piring** — e arrepiamento antes da febre — **tuy** —. No Ms. do M. B. vêm: arrepiamento — **moacypába** —; arrepiamento, ter arrepiamentos de frio, doença — **aiépoca** —; arrepiamento da carne — **tatépiringa** —; arrepiamentos ter — **xepiringa** — isto é, eu me arrepio de medo, e arrepiamentos causar a si — **aimopiring**.)

ARREZOAR — rangáo. (No D. B. vem: **onheéng nheéng** e **jacá jacáo**; no Ms. do M. B. : **aimonghetá**.)

ARREPIAR-SE O CORPO — piring. (Vide Arrepiamento.)

ARRIBA — ibaté kití. (No D. B., 2.^a parte, está ibaté keti, significando: para cima, para o alto, etc.)

ARRIMAR-SE — jecóc. (No D. B. jokóc por evidente engano de impressão.)

ARRIMAR — jecóc. (No D. B. mojekóc.)

ARRUAR — ucára monhangára. (Ucára ou ocára é o terreiro, a rua, a praça, o espaço fronteiro á casa, á óca.)

ARRUFAR-SE — nhemoirón. — (Nhemoirón ou ojemoirón.)

ARROZ — abatii. (Abati ou abaty é o milho; abatii será o milho pequeno, o milhoso, etc.)

ARTERIA — çagica oçú. — (Çagica, aqui, significa a veia; çagica oçú será a veia grande, grossa, a arteria.)

ARTELHO — pinhoá. (Baptista Caetano registra pinhuã, o tornozello, os malleolos.. Literalmente diz: o talo dos pés ou o excrecido dos pés.)

A antes do S

AS AVESSAS — araneyma rupi. (No D. B. vem: epykety e amôrupi; no Ms. do M. B. coypy coty e icopé coty. Araneyma significa: sem dia certo, talvez, sem hora marcada, etc.)

AS VEZES — amoramé. (E' como está no D. B., amô ramê.)

ASADURA — mexira. (Mixira, como vem no D. B., não significa propriamente assadura, mas fritura, em geral de peixe. Stradelli informa que a "mixira é a fritura do peixe e de carnes, muito torrada e conservada em vasilhas na gordura que serviu para preparal-a. Bem preparada se conserva por muito tempo e já foi industria muito explorada, especialmente no Solimões. A mixira mais commum é a do peixe-boi e de tartaruga; mais rara a de tambaqui e outros peixes, assim como de caças.")

ASAR — mexir. (Tambem occorre mixir.)

ASCO — jebarú. (No D. B. vem jeguarú.)

ASMA — agoarána (No D. B., averána. Stradelli dá aue-rána como significando: tisico, tuberculoso.)

ASPERA COUSA — çantám mbaê.

ASASOADA COUSA — itiarón. (No D. B. vem geayrón.)

ASEGURAR — pecic catú. (No D. B. vem ainda: assegurar que não fuja, pecyca catú; assegurar a verdade, moçupi.)

ASENTAR-SE — apúc, goapúc. (No D. B., assentar-se, **oapycá**; fazer assentar-se, **moapycá**; assentar no ról ou papel, **moapycá papéra pupê**; assentar-se á meza, **oapycá umauçápe**. No Ms. do M. B.: assentar, **aimoguapyc**, **aimopyc**; assentar em ról, **aimoguapyc**; assentar-se, **aguapyc** ou **agaopyc**. Stradelli dá assentar, **uapica**; fazer assentar, **muapica**.)

ASENTAR-SE Á MEZA — apúc mbaéuçápe. (Vide o anterior.)

ASENTAR A OUTREM — moapúc. (Vide anterior.)

ASETIAR — jabón.

ASIM FOI — çupi catú.

ASENTO — apycába.

ASIM HÉ — anhé. (Anhé significa também: somente, pois, basta que sim, certamente, etc., segundo Figueira, 139.)

AS ESCONDIDAS — gemima rupi. (No D. B. vem: ás furtadelas, **jemima rupi**.)

Á CENTURA — cuá. (Já vimos em paginas anteriores que **cuá** significa: o meio, a metade, o meio do corpo.)

AS CLARAS — jecuába rupi.

AS ESCURAS — petúna ajupupé. (No D. B. está: **pytuna oçû rupi**.)

AS COSTAS — copé kiti. (Na segunda parte do D. B. encontra-se: **copê**, as costas; **copê rupi**, pelas costas, por traz, por de traz, á falsa fé, em ausencia, etc.)

ASIM DIGO EU — iabé ixé neéng. (Iabé, jabé ou iaué, valem todos: assim. **Neéng** é o verbo **nheéng**, fallar, dizer, expressar.)

ASIM É BOM — iabé catú.

ASIM MESMO — iabé catú. (A phrase, aqui tem o sentido de **aprovação**, de **accôrdo**; corresponde realmente á **assim é bom**.)

ASIM HADE SUCEDER — iabé ipóne. (No D. B. vem: assim deve ser; **jabé ipô**.)

ASIM MESMO — iabé nhóte. (Iabé nhóte será, com maior rigor: assim somente, apenas assim. Cremos tratar-se de um lapso de F. A., pois linhas acima já havia registrado phrase identica.)

ASISTENCLA — tapejára. (**Tapeyár** ou tapeyára significa: aquelle que toma o caminho, o dono do caminho, o sabedor do caminho, o vaqueano, como diz Baptista Caetano. **Tápe**, no logar, ao logar, pode ser contracção de **tába**, e **opé** ou **pe** que vale **a**, **in**, etc.)

ASIGNAR — moçangáb. (**Mo-çangáb** significa: fazer marca, fazer risco, marcar, etc.)

ASIM DEVE SER — anhé ipó. (No D. B. vem: **jabé ipô**.)

ASISTIR — oiçó çoaké. (No D. B. vem: **amby óca**, com o sentido de viver, permanecer n'um logar, etc.)

ASOALHAR — moçái.

ASOAR — i:ambúbe. (**Ambú** significa sonóro, bulhento, ruidoso, que faz ruido, etc. Baptista Caetano concordando com a derivação de **pu** com o prefixo **a**, lembra entretanto que pode prover de **émb**, **ôco**, e **pu**, soar.)

ASOAR-SE — jeambúbe.

ASOCEGAR — moangapyc. (No D. B. vem: **socegar**, **moricô nhóte**, evidentemente exprimindo a mesma cousa por forma negativa.)

ASOMBRAR — jemopocuçúb.

ASOPRAR — peijú. (No D. B. está peijú.)

ASOVIO — temonheénga. (Deve ser **timonheénga**, **timo**, apertado e **nheéng**, fallar, isto é, fallar pelo nariz, produzir sons como que apertados, assobiar. No D. B. vem **tomunheéng**.)

ASOVIADOR — temonheéngoéra.

ASOUTAR — ceicoára petéc. (**Ceicoára petéc** traduz melhor a ideia de dar palmadas, de bater nas nadeegas, como se faz ás crianças. **Teicoára** ou **teiquar** é o rectum, o anus. Em guarani antigo dizia-se **tebiquár**, absoluto de **ebiquár**.)

ASOUTE — nupañába. (No D. B. vem **nupán** para açoutar e **nupañába**, como em F. A. para designar o açoute.)

ASUSTAR-SE — jemocanhéme.

ASULAR, o cão. — mojarón jaguára.

ASUCAR — açukiri. (E' palavra portugueza tupinizada.)

A antes do T

ATABAFAR — cuacú, jemime. (Na primeira parte do D. B. não vem **atabafar**, o que levou Horacio de Carvalho a supôr que F. O. não tivesse registrado as expressões **cuacú** e **jemime**; na 2.^a parte, porém, está: “**cuacú**, cobrir, abafar, atabafar, encobrir. Dizem tambem **jumime**”. Ainda na 2.^a parte vem “**jumime**, negar, occultar, esconder, etc.”)

ATACA — pecoçába. (A expressão — ataca — vale aqui atacadura, ou melhor, **atadura**.)

ATALHAR — poçanóng. (**Poçanóng**, como se lê na 2.^a parte do D. B. significa curar, atalhar a doença, etc. Horacio de Carvalho tomou a palavra com o seu sentido mais corrente, isto é. de dar talho, de cortar, e dahi a sua supposição da divergencia dos dois vocabularios. Realmente o D. B. dá para atalhar a traducção **çobaitim**, mas registra tambem **poçanóng** com o sentido figurado.)

Á TARDE — carúca ramé.

ATADURA DAS PERNAS — tapecoçába.

ATARRACAR — judúc.

ATAR — apotim. (No D. B. vem **pocoár** ou **japoty**. Em Baptista Caetano encontra-se **apitim**, amarrar as pontas, atar dando voltas, etc.)

ATAR-SE — jeapotim.

ATAVIAR — moatirón. (**Moatirón**, rigorosamente vale: ajuntar, accumular, ordenar, arranjar, preparar, etc. A ideia de ataviar, enfeitar ou ornar, traduzir-se-ia melhor usando as expressões **mongatirón** e **moporáng**.)

ATADURA — apotincába. (Evidentemente é palavra formada com o verbo **apotim**, atar, citado pouco acima.)

ATÉ — até. (Em alguns dos vocabularios não vem o correspondente tupi de **até**; empregam a propria expressão portugueza. Nem mesmo o vocabulario de Stradelli, na parte portugueza, registra a preposição. F. O. e F. A. estão no mesmo caso.)

ATÉ AGÓRA — até couír. (No D. B. está: **atécuyr**.)

ATÉ QUANDO — até maianué ramé. (No D. B. vem: **até mbaêremé catú tâ**.)

ATEMORISAR — mocikigé. (Tambem ocorre mocekygê.)

A TEMPO — ára pupé catú. (No D. B. está: aracatú pupé.)

ATENDER — jepyá monghetá.

ATENTAR — moacangaib. (A tradução ao pé da letra dará: fazer a cabeça mal, ou então, dar dôr de cabeça, figuradamente.)

ATENTAR — maém. (Attentar, aqui, deve valer: prestar atenção, firmar a vista, examinar, etc.)

ATENTAR POR SI — joecé. (No D. B. vem tambem — attentar por si — jemocaeui.)

ATILHO — çáma, tupaçáma. (Çáma e tupaçáma significam: a corda, o barbante, o cordel, etc.)

ATINAR — goacéme. (No D. B. oacéme.)

ATIRAR — japi.

ATOCHAR — mojar, moatambúc. (Mojár vem na 2.^a parte do D. B. com os seguintes significados: chegar uma cousa a outra, chegar, ajuntar. Tambem se diz mocyca. Moâtam ou moantã significa: tornar duro, rijo, tenaz, fortificar, esticar etc.)

ATOLAR — mopoáma. (O D. B. registra mopoáme, fazer alguém levantar; mopuáme, levantar á quem está sentado, fazer erguer, desencostar, erguer. Isto na 2.^a parte. Na 1.^a, para atolar, vem: oçôipype e tijúcapupê. Oçôipype, literalmente se traduz: ir ao fundo; tijúcapupê não é sinão tijuca e pupê, ou, no barro, na lama, no lamaçal. Mopoáma, de forma alguma poderá servir como tradução de atolar; cremos tratar-se de mopaânia que vale: fazer engasgar, estorvar, embaraçar, engatar, etc. Embora com pouca precisão, adapta-se melhor ao sentido geral.)

ATOLAR-SE — jemopoáma. (Vide anterior).

ATOLEIRO — tejucópáo. (No D. B. vem correctamente graphado tyjucopába. Tyjúc, tyiúc, tiyúg ou tyyúg é o liquido podre, a lama. Em alguns vocabularios encontram-se ainda: tuyù e tuyúg sempre com o mesmo significado. Foi de tyjúc que veio a nossa palavra tijuco ou tijuca. Pába exprime: o pouso, a zona. o lugar.)

ATRAZ — çaquikéra. (No D. B. vem çakaquéra.)

ATIÇAR O FOGO — moçapuitatá. (No D. B. vem: atear o fogo — capytatá —.)

ATRAVESSAR — çação. (Açá e açáb é que correctamente exprimem atravessar, ir de travez, traspassar, passar em cruz, etc. O D. B. dá também çação.)

ATRAZAR — moжебúre.

ATREIÇAM — içupé rupi. (No D. B. está eçupê rupi.)

ATROAR — apuçá mocanhéme. (No D. B. diz-se: iapyçã mocanhémo.)

A TODOS — ojepé açú. (Na letra A do D. B. não vem esta locução, mas na letra I está: Todos juntos em um corpo — jepé oçú.)

ATROPELAR — pyrú pyrúng. (Pyrúng póde significar: arrepiar-se o corpo de medo, como se lê na 2.^a parte do D. B.)

ATULHAR — moturúceme.

A antes do V e U

AVALIAÇAM — cepú onóng.

AVALIAR — cepú onóng. (Como se vê, F. A. dá a mesma expressão para significar *avaliação* e *avaliar*, o que não é razoavel em vista das facilidades que a lingua apresenta para a traducção exacta das ideias. Basta uma rapida consulta ao vocabulario de Stradelli; alli encontram-se: *avaliação*, *mucepysáua*; *avaliado*, *mucepyua*; *avaliador*, *mucepysára*; *avaliante*, *mucepyuára*; *avaliar*, *mucepy*; *avaliavel*, *mucepyuéra*. *Mocepy* ou simplesmente *cepy* é *avaliar*; *enóng* corresponde ao nosso verbo *pôr*.)

AVANTE — tenondé kiti. (No D. B. está *nondé kety*.)

AVAREZA — cecateyma. (No Ms. do M. B. vem: *tecoa-teyma* e no D. B. *cecateyma* serve para traduzir *avarento*. Stradelli registra *sacatéyma* — *avarento* e *sacatéymasáua* — *avareza*. *Sacaté*, segundo esse mesmo autor, diz largueza, generosidade, etc. Como *eyma* é uma restrictiva, *cecateyma* ou *sacateyma* dirá: sem generosidade, sem largueza, sem liberdade, etc.)

AVARENTO — cecateyma.

AUDACIA — cekijeyma. (*Cekujé* ou *cekygé* significa: medo, temor, fraqueza moral, etc. *Cekijeyma* dirá: sem medo, sem temor e, portanto, *audacia*, *destemôr*, *valentia*, etc.)

AVE — guirá. (No D. B. vem graphado: *guyrã*. A' proposito de *guirá* vale a pena lembrar as palavras de Baptista Cae-

tano: “guyrá, ave, passaro. Relaciona-se com **uy**, e note-se que tendo **y** a significação de elevar-se, pode-se, conceber em **o-yrá** ou **guyrá** um participio modificado — aquelle que se eleva — o que se eleva; tem grande numero de compostos, mas não vêm muitos na Conquista que só traz **guyrá-guaçú**, passaro grande. Entretanto apresento alguns compostos nos quaes se vê o que foi exposto na grammatica. Vide Vocabulario pags. 143 e seguintes. Tambem se escreve **oyrá**, **oirá**, **uirá**, **virá**, **urá** **hurá** e **huirá**, com **y** e com **i**.”)

AVE DE RAPINA — guirá açú.

AVELAR — motining. (**Motining** significa seccar, murchar, etc. E’ o avellar portuguez.)

AVENTURA — araneyma rupi.

AVENTURAR — çaáng eté.

AVENTURADA COUSA — tecó catú rerecoára.

AVER MISTÉR — oicó temé. (No D. B. vem: haver mister — oicó tembé.)

AVER FRIO — tigui, tuig. (Pode ser **tig** ou **tyg**, tremer, palpar, bater os dentes, etc. ou então **tui**, como vem na 2.^a parte do D. B.: **ryry tui çui**, tremer de frio. Em verdade, **tui** ou **tuy** significa **sentir frio** em tupi moderno, como faz notar Baptista Caetano, mas nos obriga a reconsiderar a formação de **roy**, frio, cujo **r** se vê que é relativo.)

AVER-SE BEM — oicó catú.

AVER-SE MAL — nitio oicó catú cecé.

AVEZAR — jepocuáb.

AVEZO — jepocuába.

AUMENTAR — moapyr. (O D. B. dá **moapyr** e **moapyre**.)

AVIAR-SE — jemoçaináng. (No D. B. vem: **ojemoçaináne imbaê recê**.)

AVIAMENTO — moatironçába.

AVISTAR — cepiáca. (**Epiác** ou **epiág** é o verbo transitivo — ver — usado pelos tupis em lugar do **echág** dos guaranis.)

AVIZAR — momorandú. (No D. B. vem apenas **morandúb**, noticiar, lembrar, historiar. **Momorandú** diz naturalmente: fazer lembrar, etc.)

AVESPORA — cába. (Cába é o infinitivo de cab que vale: ferir, offender, picar, cortar, etc. Serve para denominar a vespa, exactamente porque pica ou fere. Entra em varios compostos taes como: cabatim, a vespa esbranquiçada; cabobi, a vespa verde etc.)

AVENÇAR — pocóc. (Avençar ahi está por Avançar.)

AVÔ, homem — tamunha. (O D. B. dá tamuya. O Ms. do M. B. registra tamyia e acrescenta: "tamyia, segundo a arte, mas vulgarmente tamunha", Stradelli dá tambem tamuia e tamunha. Baptista Caetano annota: tamôi, absoluto de amôi, verbo transitivo, fazer nascer; propriamente t inicial e i final são demonstrativos, de maneira que a-mô é que é o verbo — fazer nascer — e t-a-mô aquelle que faz nascer; como substantivo significa o avô, os avós, os antepassados; dizem em tupi tamui e tamuia ou tamoia. Em composição dá tu-ramôi e tamôi-rúb, avô paterno, cy-ramôi e tamôi-cy, avô materna.)

AVÓ, mulher — aría.

AVOGAR — jururé cecé. (Avogar está por advogar.)

A VÓS OUTROS — penhémo.

AUZENCIA — jepeacába. (O D. B. dá cupé rupi e çaka-quéra; o Ms. do M. B. dá tecôiyma.)

AUZENTAR-SE — jepeá, jeropeá. (Jepeá é o jepeáb ou yepeá dos guaranis. Significa realmente arredar-se, separar-se, ausentar-se. E' interessante notar que yepé ou jepé é o adjectivo: só, simples, um, puro, etc.)

AUTENTICAR — moçupi catú.

AUTORIZAR — moeté. (Moeté é apenas mo-eté, fazer ou tornar verdadeiro.)

AVULTAR — jemococé.

AUXILIOS — pitibonçába. (A graphia desta palavra, como já tivemos occasião de mostrar, varia em todos os vocabularios. Os i são arbitrariamente substituidos, óra por y, óra por e.)

A antes do Z

AZA — pepó.

AZA DE PASSARO — guirá pepó.

AZA DE POTE — camotí namby. (Namby significa ore-

lha. Nas vazilhas, os pegadores realmente assemelham-se á orelhas. A expressão **camoti namby** diz orelha do pote ou aza do pote.)

AZEDA COUSA — çái.

AZIA DO ESTOMAGO — potiá çái. (No D. B. vem **pyâ çái**.)

AZIA — carucába çáy. (Não está claro o sentido dessa phrase. **Carucába**, segundo o D. B. significa o bacio, o ourinol, pois **carúc** é a ourina.)

AZORRAGUE — nupançába. (**Nupan** diz: espancar, disciplinar, dar pancadas, castigar, etc. **Nupançába** é aquillo com que se espanca, se castiga.)

AZUL — çuguy, pixúna. (**Çuguy**, **tuguy** é o sangue que, em certos casos, nas veias por exemplo, póde dar a impressão de ter a côr azul. Cremos, entretanto, que **çuguy** é **uguy**, ás vezes empregado em lugar de **oby** ou **uby**, que diz verde, azul, ou ainda verde azulado ou azul esverdeado. **Pixúna** significa escuro, negro. Só em casos muito particulares poderá servir para substituir o **uby**.)

NOTA

Horacio de Carvalho, que teve oportunidade de estudar as primeiras paginas do Ms. de Frei Arronches, convenceu-se desde logo, por motivos que não conhecemos, de que o Dicionario Brasileiro de Frei Onofre éra copia deste. Essa convicção, levou-o a escrever as seguintes palavras no final da relação dos termos da letra **A**, nota que, sem commentários transcrevemos integralmente. Ella demonstra, parece, o contrario do que affirmou o illustre e saudoso cultor da lingua geral. Eil-a:

“Aqui termina o **A** de Frei Arronches, com 505 vocabulos (afóra as phrases e locuções proprias de cada vocabulo e que nelle se encontram). Contados os vocabulos do **A** do Dicionario Brasileiro, achei 642 (ou mais 137) afóra phrases e locuções. ordem seguida, os vicios de alphabetação as explicações entre parenthesis, tudo claramente indica que o D B foi decalcado sobre o de Frei Arronches. Os 137 vocabulos a mais devem correr por conta de synonymos, o que não quer dizer que não tenha

o Brasiliano muita cousa que não se encontra no Fr. Arronches. Para um juizo seguro é preciso, como preliminar, separar em ambos, alphabeticamente, de um lado o portuguez, do outro o tupi, para procurar pelos synonymos o que num e noutro falta aqui e acolá. E' trabalho facil que só depende de tempo e de paciencia."

Sem desejar commentar essa nota, chamamos a attenção dos nossos leitores para as palavras que gryphamos.



191. In tutto questo è compreso il costo di trasporto, e separatamente con

— B —

BABA —cendi çururú. (O D. B. traz apenas **tendy**. **Tendy** é o absoluto de **endy**. E' interessante notar que **endy** tanto significa luzir, fulgir, a luz, o lume, como a saliva, o cuspe ,etc. Talvez seja uma composição de **en**, sahir e **ty**, liquido que, na expressão de Baptista Caetano, se adapta de um lado a expandir-se, flamejar, e de outro a salivar, cuspir, etc. **Çururú** significa escorrer, donde a expressão **cendi çururú**, saliva que escorre, saliva que sahe da bocca, a baba.)

BABAR-SE — cendi oçururú.

BACHAREL — nheengaoéira. (Horacio de Carvalho leu **nheengabeira** quando é evidente tratar-se de **nheéngoéra**, o fallador, o que falla muito, o arremgador, o que falla por qualquer motivo.)

BACIA — carucába rerú. (O D. B. dá apenas **carucába**.)

BACIO — caáopába, caáorendába. (O D. B., na sua 2.^a parte dá: **caá caáo**, cursos, evacuação do ventre, caganeira; **caápába**, secreta, o bacio, a latrina, o lugar em que se evacua. Deve-se notar que **caá** significa, de forma geral, o matto, e que para os habitantes das florestas, o matto éra de facto, a **caápába** no sentido dado, provavelmente, pelos jesuitas.)

BAÇO — peré.

BADALO DO SINO — tamaracá pecon, tamaracá raconha. (Tamaracá é simples contracção de **itamaracá**, isto é, a pedra barulhenta, a pedra que sôa como o **maracá**, o sino dos jesuitas. **Raconha**, **taconha** ou **tacôí** é o membrum genitale.)

BAFO — jurú timbóra. (No D. B. vem **jurú pitucéme**.)

BAFEJAR — peijú jurú timbóra.

BAFIO — timbóra aiba.

BAGO — óba akira.

BAINHA — cerú.

BAINHA DA COSTURA — cembeúba manána. (No D. B. está: **cemeyba mamána.**)

BALA — mocába rainha. (**Mocába** é a designação da espingarda, e diz: o que dispara ou que fére; **rainha, raynha** ou **rain** significa o grão, os grãos. **Mocába rainha** dirá: o grão de espingarda, ou bala. Claro que essas expressões são posteriores ao início da colonisação.)

BALANÇA — çangába. (**Çangába** diz: a sombra, a marca, o signo, etc. Por suggestão dos jesuitas, naturalmente, foi o termo empregado para designar a balança.)

BANCOS DA CANOA — igapitá. (Na 2.^a parte do D. B. vem: **igára ropitá**, pôpa da canôa. Horacio de Carvalho extranhou a expressão porque em lugar de **igapitá**, leu **igaritá**. No Ms. está bem claro — **igapitá.**)

BANDA DALÊM — çobandápe.

BANDA DALÊM — çobaxára. (Provavelmente F. A. quiz dizer **banda daquém**, como está no D. B.)

BANDO DE PASSAROS — guirá reí. (No D. B. vem **guyrá reya**, mais correcto.)

BANHAR-SE — ojeketúc. (O D. B. registra **ojemoaçúc.**)

BANQUETE — mbaéuaçú. Essa palavra significa: cousa grande. **Tembiú oçú**, o comer farto; a comida grande, como está no D. B., é muito mais expressivo.)

BARATA — arabé.

BARATA, cousa — cepú mirim.

BANCO — pocába pecú.

BAILHE — poracé. (**Poracé** no sentido figurado significa, realmente, baile.)

BAILHAR — oporacéi.

BARBA — cenimbába. (Varios vocabulos são empregados para designar a barba; o D. B. dá **ciniçába** e **cinoába**, evidentemente identicos; Stradelli registra **tymoáua**, **cembesaua**, **icuaúua**, **icuausáua**, graphados segundo a pronuncia amazonica.)

BARBEAR — cenimbábaóc. (**Óc** é verbo que diz: cortar, aparar, separar, etc.)

BARBEIRO — cenimbába monhangára. (**Monhangára** significa: o que faz, o que executa alguma cousa, o official, o manu factureiro.)

BAIXA COUSA — atúca. (No D. B. vem itúca.)

BARRA DE FERRO — itá pecú.

BARREIRA VERMELHA — yby pirâng. (Yby é a terra, o chão, o solo.)

BARREIRA BRANCA — tabatinga.

BARRO AMARELLO — yby tagoá.

BARRO VERMELHO — cori (?)

BAIXO DOS RIOS — tejucoopáo. (Tejucoopáo é o atoleiro, o lamaçal; aqui deve significar os baixos alagadiços, o lamaçal formado pelas enchentes dos rios.)

BACORINHO — tajaçú raira. (Horacio de Carvalho, por descuido lamentavel leu **Bolorinho** e affirmou, em consequencia, que o D. B. somente registrava **Bolôr** e **Bolorecer**! Confundiu, assim, o filhote dos suínos com bolôr. **Taiaçú** ou **tajaçú**, é o porco e **raira** o filho; **tajaçú raira** ha de ser o filhote de porco, o leitão, o bacorinhô.)

BARRIGA — marica.

BASTA — aujé.

BARRO — tejuco.

BARRETE — acánga óba. (Óba significa o envoltorio, a cobertura, a roupa, a bainha, etc. **Acánga óba** vale, portanto, a cobertura da cabeça, a veste da cabeça.)

BASSOURA — tapixába.

BASBAQUE — acángaiaba. (A traducção literal dará: a cabeça ruim, a cabeça má, o adoudado, o leviano, etc.)

BASTAM — pococába.

BATALHAR — goarani. (No D. B. vem **marámonhang**, fazer briga, fazer guerra. **Goarani** ou **guarani**, realmente significa guerrear, pelejar, combater. Como substantivo pode valer: a guerra, a peleja, etc. O Rev. P. Horacio Mossi, citado por Baptista Caetano, á proposito do vocabulo **huara**, calções em **kechúa**, diz: **huarayóc**, el que trae pañetes; de aqui el nombre de los **guarayos** o guaranis, tomada esta del aymará; **ni** en aymará equivale al **yóc** de la **kechúa**; **huarani** e **huarayóc** son lo mismo y conviene muy a los indios que vivian desnudos y no levaban mas que el taparabo ó pañetes bajos).

BATALHA — maramonháng. (F. A. aqui volta a seguir F. O.)

BATATA — *jética*. (O D. B. dá *jetyca*.)

BATECŪ — *ceicoára motáca*. (*Ceicoára* é o trazeiro, o orifício anal, o anus).

BATER — *motác, petéc*. (*Motác* indica com precisão o que cahe ou bate fazendo rumor; *petéc* é propriamente golpear ou bater com a mão, dar palmada, etc.)

BAUTIZAR — *ceróc, mojaçúc*. (No D. B. vem *caróc*.)

B antes do E

BEBADO — *çobaipóra*. (No D. B. vem *çabaipór*.)

BEBEDOR — *cauçára*. (*Caú* é a bebida.)

BEBERONIA — *cauçába*. (*Cauçába* corresponde á bebedice do D. B.)

BEBER — *caú*. (*Caú*, ás vezes, contrahia-se em *aú* e até em *vú*, como vem no D. B. Baptista Caetano diz: *caú*, beber vinho e *caaú*, beber herva. Óra, ha tambem *yú* ou *ygú*, beber agua, e considerando-se que *ygá* tambem significa — ensopado — imagine-se *ygáú*, beber vinho: a quêda do *y* inicial é mais que frequente. Demais, como se tem *u*, comer, e *ui* farinha, tambem é possível *caú*, beber vinho, *caui* vinho. Quem é, porém, diz o mesmo autor, que sabe porque tão pequenas diferenças de sons constituem tão grandes diferenças de significado?)

BEBERAM — *çobaipóra açú*.

BEIÇO — *cembé*. (No absoluto é *tembé*.)

BEIÇUDO — *cembé açú*.

BEIJAR — *jurúpytér*. (*Jurú* é a bocca e *pytér* é o meio, • centro, o amago. Comprehende-se claramente o que pretendem o vocabularista significar com a justa reunião dos dois vocabulos. No D. B. vem apenas *pytér*.)

BEIJOS — *jurupytér*. (Vide o anterior.)

BEIJOS — *urupytér*. (Vide o anterior.)

BELDROEGAS — *caárerú*.

BELLA COUSA — *iporanga ira*. (No D. B. está *poranga cté*, realmente bonita, verdadeiramente bella).

BELISCAR — *pixáme*. (No Ms. do M. B. vem *apixám*, mas no D. B., como no de F. A., *pixáme*.)

BEM Á VISTA ESTÁ — *ceçápe catú oicó*. (O D. B. registra a mesma phrase e dá a mesma traducção).

BEM AVENTURADOS — tecó catú eté rerecoára. (No D. B., 1.^a parte, diz-se: **Tupána recô monhangára**. Na 2.^a apparece **tecô catú**, paz, socego, calma, etc.)

BENTA COUZA — morongaraiba puri. (O D. B. dá benzer — mongér aiba; benzer-se — jemocuruçá, isto é, fazer cruz em si, fazer o signal da cruz.)

BENZER — mongaraib. (Já vimos em paginas anteriores que mongaraib deve corresponder a mo-caraib, isto é, fazer-se christão, fazer-se egual aos brancos europeus.)

BENZER-SE — jeoboçáb. (É apenas no sentido figurado).

BERRAR, gritando — çacéme.

BEXIGA — carúca rerú. (A traducção literal dá: o continente da ourina, o recipiente da ourina, etc.)

BEXIGAS — peréba aiba. (Bexiga, aqui, valê empola, borbulha, etc.)

BEM EMPREGADO SEJA — jemorú catú. (No D. B. vem: bem empregado — jamarú catú.)

BESTA — cuáyma. (Coáub eyma diz: não saber, não ter conhecimento, ser ignorante.)

BELIDA DO OLHO — ceçatinga. (Ceçatinga significa: olho branco ou o branco do olho.)

antes do I

B antes do I

BICHO DOS PÉS — tumúra. (No Ms. do M. B. vem tunga e tumbúra. O D. B. registra **tumbyra**.)

BICHO QUALQUER — taperú. (Taperú ou taporú é o bicho, o verme, o insecto. Baptista Caetano diz que, assim como taçóg ou taçóca é o bicho que corta a lan, taporú é o que come ou devóra a lan ou felpas.)

BICHO DA MADEIRA — çaçóca. (No D. B. vem yçaçóca ou yçóca.)

BICHO DE CONTA — curoi.

BICO — çatim. (Tim exprime a ponta, o nariz, o bico, a cousa aguçada. No Ms. do M. B. vem: "bico, tim, enquanto está no passaro; e cortado, timbuéra" Timbuéra, realmente.

segundo regra da lingua, é uma especie do preterito de **tim**, isto é, vale dizer: o bico que foi, o bico morto, o bico que já não exerce as funções de bico.)

BICO DO PÉ — çacapúra. (No D. B. **çacapyra** significa a extremidade de qualquer cousa, o "bico de qualquer extremidade" como lá se diz.)

BIZAVÓ — iria máya. (**Máya**, como já tivemos oportunidade de dizer, é a palavra mãe, portuguesa, tupinizada.)

BISCOUTO — miapé. (O D. B. dá **meapé antan**, isto é, o pão duro, o pão endurecido.)

BISPO — páy abaré açú. (**Páy** é tupinisação de **pae**. No D. B. está: **Pay abaré guaçu**.)

BIZARRIA — porangatú.

BIGODES — motába. (No D. B. está **amotába**. No Ms. do M. B. lê-se: bigodes ter — **xeapyaába** ou **xeapoaába**.)

BICO DE PASSARO — guirá retim.

B antes do O

BOA COUZA — mbaé catú.

BOA CRIAÇAM — mocacuába catú.

BOA CONDIÇAM — angaturáma. (**Angatú**, de **angcatú**, pode ser um adverbio: agora bem, agora sim, bem, está bem, e pode ser ainda **anga catú**, alma boa, bom homem, boa pessoa, o homem sereno de espirito, etc.)

BOCA DOS RIOS — tumaçá.

BOCA — jurú.

BODE — cuaçumé. (O D. B. dá **çuaçumé apyába**, isto é, **çuaçumé** macho, porque **çuaçumé** é a cabra.)

BOFES — pyã bebuia — (O D. B. dá também **pyã bubui**. **Pyá** é o coração propriamente dito, e **pyá bebuia** dirá o coração leve, fluctuante. Em todos os vocabularios, porém, encontra-se a expressão **pyá**, não só designando o coração, mas também outras varias visceras: os pulmões, o estomago, os bñes, etc. Não se registram termos especiaes para designar esses orgams internos.)

BOFETADA — çobá petéc. (Çobá ou çobã é o rosto, a face, a cara; petéc significa bater ou golpear com a mão.)

BOLIR — aboki. (No D. B. vem **auky**.)

BOLIR ALGUMA COUZA — catác. (O D. B. registra: bolir, fazer alguma cousa, **mokatác**, e bolir de per si, **katá-katác**.)

BOLOR — çabé.

BOLORENTA COUZA — moçabé. (Moçabé em rigor exprime: fazer bolor, criar bolor, embolorecer.)

BOLÇO — mbaé rerú. (A expressão significa, o continente de cousas, o que contem cousas, o recepiente de objectos.)

BOM — catú.

BOM TRATO — cerecó catú. (No D. B. está: **oericó catú**.)

BONDADE — tecó catú.

BONINA — botyra. (São usaes tambem as fórmās: **potyra** e **mbotyra**.)

BORDA — cembeúba. (Tambem occorre **cemeyba** e **cem-beyba**. O D. B. dá **cemeyba**.)

BORNIR — kitic, mocime. (**Mocime**, com mais propriedade, significa fazer liso, alisar, amaciar, etc.)

BORRAS — cepoticoéra. (**Cepoty**, **repoty** ou **tepoty** tem os seguintes significados: esterco, excremento, sarro, ferrugem, fuligem, sujeira, borra, pé de algum liquido, etc.)

BOA FORTUNA — tecó poráng eté. (A phrase diz: ser realmente bonito.)

BONS DIAS — jáne coéma. (No D. B. vem **enecoéma**.)

BOAS TARDES — jáne carúca. (No D. B. vem **enecoaruca**.)

BOAS NOITES — jáne petúna. (No D. B. vem: **enepytúna catú**.)

BOI — tapiyra. (**Tapiira** é como se escreve correntemente. Sendo o boi um animal exotico no Brasil, recebeu do aborigene a denominação de **tapiira**, devido naturalmente a certas semelhanças com a anta, o animal de maior vulto no Paiz. Quando foi preciso distinguir um do outro, passou o boi a denominar-se **tapyiraçuúacauára**, isto é, anta que ruma, com chifres, vinda de fóra, ou palavra por palavra: anta-ruma-chifres de fóra. Vide Affonso de Freitas — Dic. de S. Paulo).

BOUBAS — peám' peám. (No D. B. vem pynhám.)

BOUBENTO — peám peám. (F. A. repete aqui as mesmas expressões anteriores quando, com um simples suffixo, daria perfeita tradução).

BODAS DOS MATOS — gibaác. (Horacio de Carvalho notou o evidente engano de Frei Arronches que escreveu **bodas dos mattos** quando devera ter escripto **bordas dos mattos**. Naturalmente, ao copiar ou ao passar a limpo as suas notas juntou involuntariamente duas expressões seguidas, **bodas** e **bordas dos mattos**, resultando **bodas dos mattos**; ao escrever os correspondentes tupis, tomou apenas o significado de **bodas** — **gibaác**, criando uma certa confusão ao consulente de seu vocabulario. Pode-se rectificar o engano facilmente assim: **Bordas dos matos** — **cemeyba** e **Bodas** — **gibaác**.)

BOMBA — urikitába. (Horacio de Carvalho extranhou a expressão por suppor talvez tratar-se de bomba, artefacto explosivo. Cremos tratar-se de bomba de água, de aparelho aspirador de água.)

BORBOLETA — panáma. (F. A. accentua o segundo a, quando o correcto seria accentuar o ultimo; **panamá** vem no D. B.)

BORRIFAR — cepui.

BORRALHO — taninbúca.

BORRAR-SE — jemokiá (Jemokiá equivale a fazer-se sujo, tornar-se immundo.)

BÔTO, peixe — pirá jaguára.

BORRUGAS DO ROSTO — unhé. (Evidentemente trata-se de **verrugas**.)

BOTICA — moçánga rendaba. (Moçánga ou poçanga é a medicina, o remedio, etc. **Rendába** indica collecção, quantidade, etc.)

B antes do R

BRACOS — jubá, juman. (No D. B. está **jybá** que corresponde a **jubá** dada a facilidade com que se substituiu o **y** pelo **u** e vice-versa.)

BRADAR — çapocái. (Çapocái, çapucái, é empregado por Frei Arronches para traduzir: apregoar, acclamar, apupar, gritar e bradar. E' interessante notar que, no D. B., exactamente esses mesmos verbos se traduzem por çapucái.)

BRANCA COUZA — morotinga, tinga. (Morotinga propriamente significa: muito branco, alvo, alvissimo.)

BRANCO — caraiba. (Branco, neste passo, está por homem branco, o europeu, o christão, o colonizador.)

BRANQUEAR — momoroting. (Momoroting vale: fazer alvo, tornar muito branco, alvejar muito, etc.)

BRAZEIRO — tatá púnha rerú. (No D. B. está: tatá pynha rerú, isto é, deposito de fragmentos de fogo).

BRAZA — tatá púnha. (Tatá púnha diz: resto de fogo, fragmentos de fogo.)

BRABA COUZA — unharón. (O. D. B. dá, para bravejar, monharón; para braveza — nhoronçába.)

BRAVEJAR — jemonharón.

BREAR — mocic. (No D. B. está moacyca, isto é, fazer ou tornar resinoso, passar resina ou outra substancia semelhante.)

BREU — cicatán. (Cicatán é a resina dura, rija, etc. A palavra deve ter sido formada pelos catechistas.)

BREDOS — carerú. (No D. B. diz-se beldroegas — caárerú. Carerú e caárerú significam a folha grossa ou a herva inchada, a folha mucilaginosa.)

BRIGAR — maramonháng.

BRIGA — maramonhangába.

BRIGAR — jangáo.

BRINCAR — jemoçarái.

BROTAR — póc, poróc. (O D. B. registra poróc.).

BRUXA — marikimbára. (No D. B. está maraçaimbára. Stradelli registra tambem maracaimbára e diz que significa feitiço, sendo ainda denominação de certo veneno preparado pelos pagés).

BRUXO — pajé.

B antes do U

BURACO — coára, puçá. **Coára**, corresponde ao guarani guár ou guára que, como substantivo, significa o furado, o furo, o buraco, o vasio, etc.).

BUZINA — mimbú, jumiá. (O D. B. dá memby e jombyá).

BUZINAR — jepú mimbú.

BUSCAR — ceçar.

BUXO — cepoti açú. (O D. B. dá cigié oçú. **Cepoty** açú dirá o excremento grande, a quantidade de fezes, etc.: Vê-se que não é propria a expressão para designar o buxo).

C

CABEÇA — acánga. (**Acánga**, **acáng** ou **acã** é o osso da cabeça, a cabeça, o craneo, a parte ossea. Emprega-se, às vezes, para designar o caroço da fruta, a bóla, etc.).

CABEÇA DE ALHOS — igoaréme acánga. (O D. B. dá **ibaréma acánga**).

CABECEIRA — acángapába. (**Acángapába** exprime o pouso, o lugar em que repousa a cabeça, a cabeceira, o travesseiro, etc.).

CABELO — ába. (No guaraní encontra-se apenas **áb**, e no tupi amazonico, ou **nheégatú**, **áua** e **áwa**. **Ába**, além de cabelo, significa também o pello, a lã, a pennugem, as felpas, as plumas, etc. Montoya dá **áb** para designar o cabelo da cabeça e **táb** o cabelo do corpo, a lã, a pluma, etc. Baptista Caetano procura estabelecer certas ligações entre os verbos **yáb**, brotar, nascer, abrir; **áb**, torcer, quebrar, partir, ferir; **hab**, cortar; **cáb**, ferir, picar e **áb**, cabelo, o brotado; **táb**, o pêlo, o brotado, ou o aberto, dividido ou multiplicado, e afinal **tá**, radical de **etá**, muito).

CABER ALGUMA COUZA — ojão.

CABO DE QUALQUER COUZA — úba. (No D. B. vem **yba**. A proposito de **úba**, **yba** ou **ymb** diz o traductor da "Conquista": verbo intransitivo, elevar-se, erguer-se, pôr-se em pé, apunhar-se. Como adjetivo: erguido, erecto, á prumo, perpendicular, direito, teso; para traduzir a idéa de alto, usa-se o vocabulo **ybaté**. Como substantivo significa: arvore, fuste, haste, caule, pé, tronco, mastro; fuço, perna, coxa, cabo de instrumento ou ferramenta, verga, vara, guía, cabo, chefe, principal).

CABRA — çuaçumé. (**Çuaçú** ou **guaçú** é a designação do veado, designação essa que se generalizou, com a addicção de um qualificativo, applicando-se á cabra, ao carneiro, ao bóde, etc.).

CALDO — jekici. (No D. B. jekycy).

CALOS — piruá. (No D. B. puruã. *Puruã*, realmente, significa prenhe. É adjectivo, sugere Baptista Caetano, alterado de *burihá* ou *purihá*, cujo participio exprime: o que emerge ou exeresce. Confunde-se, às vezes, com *piruá* que significa o um-ligo).

CALOTE — perim perim. (O D. B. também registra a mesma expressão. *Perim*, ou melhor, *pyrim*, significa de modo geral: tremendo, palpitante, tiritante. Como verbo vale: falhar, mallograr-se, etc., donde *mopyrim*, lograr, enganar e também fazer tremer, assustar, etc.).

CAMALIAM — cenambú.

CAMINHO — pé. (A forma absoluta deve ser *tapê*, embora seja corrente, nos compostos, a forma simplificada. Também se diz *apê*, que recebe *t*, *r*, *c* ou *h* e *gu*, relativos).

CAMINHEIRO — oataçára. (*Oatá* é andar, *oataçára* será o andador, o andarilho).

CAMINHAR — oatá oatá. (A repetição do verbo serve para dar intensidade maior á acção; corresponde a andar andar, andar sem fim, andar muito).

CAMPANARIO — tamaracá óba. (Já vimos que *tamaracá* é contracção de *itamaracá*, o sino. *Óba* é o que cobre, o que protege, o que resguarda. Assim, *tamaracá óba* diz: a protecção do sino, o resguardo do sino, o campanario).

CAMARAS — tiputi aiba. (*Tiputi*, graphado desta ou daquella forma, é vocabulo que exprime: excremento, sujeira, ferrugem, púz, etc.; *tiputi aiba dirá*: o púz maligno, a materia má, a evacuação anormal).

CAMARAS DE SANGUE — tiputi piráng. (*Piráng* é vermelho, avermelhado, sanguineo. *Tiputi piráng* é a evacuação sanguinea, etc. Vide anterior).

CAM — jaguára.

CAMPINA — nhúm. (*Nhúm* é a designação geral dos campos, das regiões de campos).

CAMARADA — moripára, cuapára. (Tambem ocorre em varios vocabularios *camarára*, tupinisação da palavra portugueza).

CANTAR — *nheéngár*. (Ocorre também *nheéngáre*).

CANTADOR — *nheéngaçára*.

CANTIGA — *nheéngára*.

CANTO — canto pupé. (Canto é palavra portuguesa e pupé diz: á, em, ao, etc.).

CANHOTO — *iaçú*. (No D. B. está: *jaçú oaê*).

CANAL DE AGUA — *yg çururúcába*. (No D. B. vem: *yg cererúcába*. *Çururú*, verbo de origem onomatopaica, significa manar, verter, vazar, correr, fluir, etc. Assim, *yg çururúcába* vale: lugar de verter agua, o vertedouro de agua, etc.).

CANÇAR A OUTREM — *jemocanión*. (No D. B. está: *cançar a outrem* — *mocaneón* e *cançar-se* — *jemocaneon*).

CAPAR — *çopiáóc*. (No D. B. lê-se: *çapiá jóca*; no Ms. do M. B., *capiá óc*. *Tapiá*, absoluto de *apiá*, significa os testículos. Baptista Caetano diz o seguinte: *tapiábae*, o que tem testículos, *apiáymbae*, o que é sem testículos, o que é castrado: parece que *apiábae* sem a preposição *t*, é o *apiába*, macho, da lingua do Amazonas, não obstante também significar circuncizo).

CAPADO — *çopyayma*. (Vide anterior).

CAPINAR — *capir*. (No D. B. vem: *caá pyir*).

CAPRICHAR — *jemoporáng eté*. (A tradução rigorosa daria: fazer-se bonito realmente).

CANÓA — *igára*.

CARA — *çobá*.

CARA DE CÃO — *jaguára robá*.

CARAÇA — *çobá oaçú*. (F. A., como F. O., usa indiferentemente as formas: *açú*, *oçú*, *oaçú*, etc.).

CARA DE MORTO — *teongoéra robá*. (No D. B. vem *çobá júba*, isto é, *cara amarella*).

CARANGUEJO — *oçá*. (No D. B. está *uçá*. *Uçá* póde ser decomposto em *u*, perna, coxa, e *çá*, o olho, os olhos. Teremos, então: olhos de perna ou olhos de pernas, o que poderia parecer absurdo si não estivesse o caranguejo exactamente nessas condições, isto é, si não desse a impressão de ter os olhos nas pernas. Baptista Caetano lembrou até uma designação apropriada: *podo-phthalmos*).

CARNE — çoo. (Vide o termo — Animal.).

CARCERE — mondé róca. (Mondé significa prender, segurar, etc.; logo, mondé róca, vale: casa de segurar, lugar de prender, etc.).

CARGA — pocietába. (No D. B. vem: pocyçába).

CARIDADE — çauçúba, joaçába. (O Ms. do M. B. dá: rauçupába ou joauçúpába. O D. B. registra: morauçúba).

CAROÇO DE FRUITA — rainha.

CARAPINTEIRO — carapina. (Carapin é o verbo que exprime: raspar a casca grossa ou a escama, descascar, lavar, cortar. Como adjectivo vale: aparado, cortado, cerceado, etc.).

CARPIR — jació, çapirón. (No D. B. está: carpir, prantear, — çapirón).

CARVUAM — tatá púnha. (Carvuam é carvão e tatá púnha ou tatá pyinha, como vem no D. B., é resto ou fragmento de fogo).

CARUNCHO — taçoca.

CARA COUZA — oaçú.

CARICIAS — moçariba. (No D. B. vem moryçába, correctamente).

CARECER — orécó-teméi. (No D. B. está oicó tembém).

CARACÓL — eporizité. (A graphia dessa palavra é claramente arbitraria. Carocól, no D. B., é japuruxité. Stradelli registra: tapurucité, uruá e uruai).

CARREIRA — ceii. (Horacio de Carvalho leu ceci, quando é evidente tratar-se de ceii, cujo absoluto é teii, e vale: multidão, quantidade, bando, etc.).

CARRANCA — çohácy. (A traducção rigorosa daria: cara de dôr, cara de quem soffre dôr, etc.).

CARRAPATO — atibúca. (No D. B. jatiúca).

CARREGADO ESTAR — ipocietába.

CASCA — piréra. (No D. B. vem em farelagem ou fareio, coréra. Horacio de Carvalho disse que piréra se decompõe em pir, pelle e oéra, pluralisante. Nesse caso teríamos pelles, muitas pelles e só em sentido figurado, casca. Em verdade, é possível tomar-se oéra como pluralisante, mas nem sempre. Aqui, por exemplo, oéra indica apenas o preterito de pir para dizer: a pelle antiga, a pelle morta, a pelle que já não é mais pelle, a pelle arrancada, a casca da ferida, etc.).

CASTIDADE — moropotár eyma. angatúrâma. (Moropotár eyma equivale a dizer: não desejar ao proximo; angatúrâma é a bondade, a alma bôa, a virtude, etc.).

CASTIGAR — nupân. (Nupân exprime também açoutar, bater, chicotear).

CASTIGO — nupançába.

CASTIGADOR — nupançára.

CASPA — apicui. (No D. B. vem apecui. Cui é o farelo, a farinha, o moido).

CASCAVEL — tamaracá bóya. (No D. B. diz-se apenas: maracá bóya, cobra de chocálho, cobra de guizo).

CASTIÇAL — candeya rerú. (Candeya é termo portuguez. No D. B. está iratim rendába).

CATARRO — uú. (Uú também significa tosse e tossir. Escroce-se, ás vezes, vú).

CATAR A CABEÇA — cekibá. (Horacio de Carvalho leu cekiba, mas realmente está cekibá).

CATIVO — meaçába.

CAZA — óca. (Og, que em tûpi se pronuncia óca, significa o que cobre, o que resguarda, o que tapa, encerra, etc.: a casa).

CAZAR — mendár.

CAZAR A OUTREM — momendá. (Mo-mendár, fazer casar, promover o casamento, fazer com que se realise o matrimonio).

CAZAR-SE — jemomendár. (As palavras mendár, momendár e jemomendár, como todas as que terminam em consoante, eram pronunciadas como si terminassem em vogal brevíssima; assim, em lugar de mendár, dizia-se mendâre ou mendára com e e a quasi-imperceptíveis).

CAZADO — mendaçára.

CAZAMENTO — mendaçába.

CAZEIRO — óca póra. (Óca póra vale: o que anda em casa, o que vive em casa, etc.).

CAZA DE FEITICEIRO — tacáya. (Provavelmente tocáya).

CAXIMBO — petibáo.

CAVAR — çapocoém. (No D. B. está çabicón).

CAVACOS — amburá coréra. (Horacio de Carvalho confundiu cavacos com cavalos, apesar das palavras correspondentes em tupi. Suppondo tratar-se de cavalos, designação vulgar de certo cancro, aquelle estudioso annotou da seguinte fôrma o etymo: “—Talvez amburá por emboá, ferir, donde ferida. Coréra ou peréra, cascão. Parece uma allusão ao cancro duro”. — E’ interessantes esta nota, pois revela a facilidade com que se ageitam as expressões tupis ás conveniencias do momento. De cavacos, amburá coréra, Horacio de Carvalho chegou a cancro duro, alterando as expressões tupis e acceitando, sem mais exame, uma suggestão occasional. Além do mais, lá está no D. B.: cavacos, imyrá coréra, restos ou fragmentos de madeira).

C antes do E

CEGAR — ceçá canhéme. (Ceçá canhéme corresponde a: privar da vista, tirar os olhos, sumir-se a visão, etc.).

CEGO — ceçáyma. (Ceçayma é: sem vista, sem olhos).

CELEBRAR — tupána moeté. (Tupána moeté vale dizer: glorificar a Deus, erguer glorias a Deus, etc.).

CEMITERIO — teongoéra túpe. (No D. B. occorre tambem: tupan óca rocára, adro da egreja, logar contiguo á egreja, destinado a enterramentos).

CENREIRA — jemotár eyma. (Horacio de Carvalho, em suas notas, duvidou da exactidão do termo cenreira, preferindo passar adiante sem dar explicação alguma. Cenreira, no entanto, vem nos Dictionarios portuguezes com o significado de teimosia, birra, etc., satisfazendo perfeitamente ás palavras jemotár eyma que valem, com rigor: sem vontade, sem desejo, etc.).

CENTOPÉA — japeoá. (No D. B. vem: jurupari kibába ou japegoá).

CÊU — ibác. (No D. B. ybáke).

CENTURA — cuá. (Vide — Amago).

CEÇAR — putuú.

CERCAR — ciicime. (?) (A palavra está illegivel).

CERA — iraitic. (*Ira* é o mel e, também, a propria abelha).

CERTAMENTE — çupi catú.

CERTAM — agapúra, tapuaretámem. (No D. B. vem **tapuy-tama**, isto é, **tapuy-retáma**, a patria dos **tapuyas**, dos inimigos, dos estranhos, etc.).

CERTEZA — çupicába.

CERTIFICAR — moçupi.

CESTO — urú.

C antes do H

CHAGA — peréba. (Tanto se diz **peréba** como **meréba** ou **beréba**, porque as labiaes **p**, **m** e **b** permutam-se communmente no fallar dos tupi-guaranis).

CHAGA VIVA — peréba piráng. (**Peréba piráng** é a ferida vermelha, sanguinolenta, rubra).

CHAMA — tatá cendi. (**Cendi** e **cendy** significam: luz, claridade, fulgor, etc., e, portanto, **tatá cendi** dirá: o brilho do fogo, a claridade do fogo, etc.).

CHAMUSCAR — çabarég. (No D. B. vem: **çabaréc** ou **çapéc**).

CHAPA — itápéba. (**Itápéba** não só serve para designar a **chapa**, como qualquer outro objecto duro e chato, uma lage, por exemplo; **itapéba**, de fôrma geral, vale: pedra chata).

CHATA COUZA — ipeba mbaê.

CHAMAR — jóre. (No D. B. vem: chamar-**cenói**; chamar por alguém — **jóre**; chamar nomes — **curá curáo**).

CHAMAR POR OUTREM — acenói. (Vide anterior).

CHAMAR NOMES — curá curá. (Vide — Chamar).

CHEGAR — ocic. (No D. B. está: **cyca** ou **úr**).

CHEIA COUZA — turucéme.

CHEIA — ipóra.

CHEIRAR — çaquéne, cetúma. (No D. B. vem: cheirar tomando o cheiro — **cetúma**; cheirar bem — **ceaquéne**; cheirar mal — **enéme**; cheiro de peixe que se assa — **pixê**; cheiro de peixe — **pitiú**).

CHEIRAR A RAPOSINHOS — catinga.

CHEIRAR A QUEIMADO — pixé. (Vide — Cheirar).

CHEIRA A PEIXE — pitiú. (Vide Cheirar).

CHEGAR A CANOA — ojeopotár igára.

CHEIRAR MAL — inémai. (Vide Cheirar).

CHORAR — jació. (O D. B. dá jaceón).

CHOVER — okir. (No D. B. amánaokir. Amána significa a chuva).

CHOCALHEIRO — marandujára. (Tambem' occorre marandugoéra).

CHRISTO — tupána taira. (Tupána taira significa: filho de Deus, sendo Tupána considerado como o Deus dos christãos).

CHUÇO — itámina. (O D. B. registra itácantim).

CHUPAR — putér, jubán. (No Ms. do M. B. está: aiepytéd e no D. B. simplesmente pitér).

CHUMBO — mocába rainha. (Vide Bala).

CHUVA — amána. (Baptista Caetano informa: amã ou aman, verbo transitivo; cercar, rodear, envolver, circumvolver, circuncidar, de mã com o prefixo a. Tambem' significa, como substantivo, a nuvem, o rodeio, etc., e, em tupi, a chuva).

C antes do I

CIAR — mondiár. (O D. B. traz: ciar, ter ciumes — toyron. Cremos que é o mesmo verbo guarani mundár que significa: suspeitar, schismar, conjecturar, accucar, etc.).

CIDADE — mauri. (Em outros vocabulários vem: mayri ou mairy. O Ms. do M. B. dá tabaucû, taba grande ou tabatéi, taba verdadeira).

CINCO VEZES — cinco i. (Para a possível intelligencia dessa expressão é preciso suppor que o i funcione como verbo, significando soltar-se, desprender-se, despegar-se, etc. (ainda assim não estará clara a phrase).

CINGIR — cuá mamáne. (No D. B. está melhor traduzida a phrase tupi; diz elle: cingir a cinta — cuá mamáne, pois, realmente, cuá diz a cinta, a cintura, o meio do corpo).

CINGIDOURO — cuá pocoaába.

CIUMES — mondiár cecé. (Vide Ciár).

CINZA — tanambúca. (No D. B. está tanimbúca).

C antes do L

CLARA — morotinga, tinga. (Morotinga significa com maior precisão: muito alvo, alvo bastante).

CLARA DE OVO — çopiá tataçára. (No D. B. está çopiã tacáca).

CLARIDADE — cendi. (Tambem occorrem cendy, cendyi e cendii).

C antes do O

COADA — imogoába. (O D. B. registra: mbaê moguáb oaê).

COADOR — mogoapába, oropéma. (O D. B. dá tambem: monguapába e jurupéma ou simplesmente, urupéma).

COADURA — jemogoába.

COAR — mogoáb. (Mogoáb, moquáb, mboquá e monguáb, variantes todas de uma fórmula unica, significam: fazer passar, filtrar, coar, joeirar, peneirar, etc.).

COALHAR — moantán. (Mo-antan, fazer duro, tornar duro, consistente, etc.).

COALHAR-SE — jemoantán.

COBARDE — abá petúba. (No D. B. apenas pituba).

COBRIR — jaqui. (Vide Abafar).

COBERTURA — jaquiçába. (Vide Abafadura).

COBERTURA — cequendapába. (Cequendá ou çokendá, como está no D. B., significa: fechar cerrando, tapar, obstruir, fechar, etc.).

COBFA — bóya.

COMEÇAR — jepurúng. (No D. B. jepirúng).

COMPADECER-SE — teité.

COMER — mbaéú, abáo. (Comer é apenas ú; mbaéú corresponde a: comer cousas, comer alimentos; etc.).

COMUNGAR — tupanrár. (E' expressão composta, em que o primeiro termo, tupán, traduz a idéa de Deus).

COMUNHAM — tuparára. (No D. B. está tupanrára).

COMUNICAR-SE — jemonghetá.

COMUNICAR, dizer — mombeú.

COMPADRE — atuaçába. (No D. B. apenas toaçába).

COMADRE — atuaçába. (Como se vê, F. A. não faz distinção entre compadre e comadre).

COMO — marám, mbaé taé. (No Ms. do M. B. vem: como id de que maneira ou de que sorte, **marámpé**; **mayabépe** significa também: qual cousa, que dizes?)

COMICHAM — juçára.

COMO DIZES ISSO — marán eré.

COMUMENTE — opabinhé rupi.

COMIDA — tembiú.

COMPRIMENTO — pocurçába. (E' evidente o engano de graphia; deve ser **poçuçába** ou **pecuçába** como está no D. B.).

COMPRIDA, couza — pocú mbaé. (No D. B. está: mbaé **pecú**).

COMPANHOM — çapiá. (Horacio de Carvalho, por falta de paciencia, não pôde perceber que F. A. havia escripto **compañhom** e não **companheiro**. Em verdade, **compañhom**, ou **compañhão**, é termo portuguez antigo e quasi desconhecido, mas a traducção dada, **çapiá**, tudo poderia esclarecer facilmente. **Çapiá** significa **testiculos**. . . Ora, os dictionarios portuguezes registram: **compañhão** — o mesmo que **testiculo**. Não ha pois duvida e nem razão para hypotheses inuteis).

COMPRAR — ajár, porupána.

COMPRAR CARO — cepú açú.

COMPRAR BARATO — nitíu cepú açú. (Esta phrase formou-se pela negativa da anterior. **Nitíu cepú açú** vale por: não comprar caro).

COMPRIR — poracár. (No D. B. vem: cumprir o desejo — **poracár cemimotára**).

CONVERÇAR — monghetá (Vide Comunicar-se).

CANSAGRAR — mongaraiba. (**Mongaraib** significa: fazer christão, tornar christão, etc).

CONCERTAR — mongaturám. (No D. B. vem: **mongatirón**).

CONTRATAR — purúpuáne.

CONTENDER — ceki ceki, joerecó. (A segunda expressão está illegivel, mas deve ser **joerecó**).

CONTENDA — joerecóçába.

CONFIAR-SE — jerobiár.

CONFERIR — jemonghetá. (Vide Converçar e Comunicar).

CONFITOS — ceém kitán kitán. (Ceém kitán significa: doce duro, o adoçado duro).

CONCHA — itám.

CONCIENCIA — jepiá monghetá.

CONCLUZAM — moagé.

COCHO — paréparim. (No D. B., 2.^a parte, vem: **parim-parim** — coxear, manquejar. Na 1.^a parte encontra-se ainda: coixo das pernas — **cetyma iapára**).

CONCUPICENCIA — nhemomotára.

CONDENADOS — jorupi ratá póra. (No D. B. está: condemnado ao inferno — **jurupari ratá póra**, isto é, o que anda pelo fogo do Diabo, o mettido no fogo infernal. Condemnado ao castigo, ainda no D. B., é: **tecó ayba póra**).

CONDIÇAM — puaiba, tecô.

CONDUTO — tira, tura. (No D. B. está: **tyra**).

CONFIÇAM — nhemombeuçába, jemombeuçába.

CONFESAR-SE — jemombeú.

CONFESSOR — nhemombeuçára.

CONFIAR EM ALGUEM — jerobiár cecé.

CONFORMAR-SE — jemoingó.

CONFORME — rupi, iabé.

CONFORTAR — moporantán. (No D. B. vem: **mopirantán**, tornar rijo, fazer forte).

CONFUNDIR — motim. (Horacio de Carvalho leu **confondir**, e á proposito fez as seguintes considerações que transcrevemos na integra: “o autor do Dicionario Brasiliano recuou diante deste vocabulo. Não o quiz transcrever, devido naturalmente á sua formação suspeita. O frade Arronches devia saber o latim. E’ possível que elle tenha tirado esse termo de **confremere**, bramir, murmurar, caso, porém, em que não caberia a traducção **motim**, a não ser por confusão mental. E’ possível ainda que ao latim **frondere** tenha elle prefixado **cum**, para dar ideia de simultaneidade do **borbulhar** ou **frondejar** das plantas, caso em que a traducção **moti** (de mó, e este de mbó, fazer) terá talvez cabimento, dado que **ti** (de tim) é ponta, e que o vocabulo signifi-

caria então brotar, borbulhar, repontar, em relação as folhas das arvores. Mas será isto? Fica aqui aberto um espaço para pesquisas posteriores”.

A palavra graphada por Fr. Arronches, realmente não está muito legível, mas não nós parece que o copista tenha escripto propositadamente **confrondir**; ao contrario, parece-nos que escreveu **confunndir** com dois **nn**, naturalmente por um descuido, e dahi a supposição de Horacio de Carvalho e a sua nota).

CONHECER DE VISTA — cuá, capiaçába rupi. (No D. B. está: conhecer — **coáub**; conhecer de vista — **coáub cepiacába rupi**).

CONHECIDA COUZA — icuá púra. (No D. B. vem: mbaé ojecuáub oaé).

CONSEGUIR — jár.

CONFIADO — icuaymoçú.

COLHER — poó. (No D. B. poóca; colher de repente pucuçú).

CONTAR — papár.

CONTAS COM ALGUEM — papaçába.

CONTAS, de rezar — poira cruçá. (Cruçá por **curuçá** é commum encontrar-se nos vocabularios. O D. B. dá **muyra curuçá**).

CONTRA — çobaixára.

CONTRA PEÇONHA — mbaé aiba çobaixára. (A peçonha é traduzida por mbaé aiba, cousa ruim, cousa má).

CONQUE — mbaé pupé.

CONCELHO — moacuába.

CONSELHEIRO — motecócuába.

CONSIDERAR — jepyá monghetá.

COMPRIR — mopór.

CONSIDERAÇAM — jepyá monghetá. (Vide Considerar).

CONCUBINA — cemimojarú. (Tambem ocorre agoaçába).

CONCEBER — jemopuruá. (No D. B. vem: conceber affecto — jemoporoá. Mopuruã, de mo-puruã, significa: tornar pre-nhe, fazer grávida, ficar com barriga. Jemopuruá valerá: fazer-se grávida, emprenhar-se etc. Vê-se que a expressão — conceber affecto — não póde traduzir sinão figuradamente jemopuruá).

CONTRARIO — çobájána. (No D. B. vem: çobayána).

COM ELLE — irunámo. (Irunámo significa: junto, em companhia, etc. O D. B. dá: xé irunámo, commigo).

CONSENTIR — morib, opotár.

CONSENTIDOR — potaçára.

CONSENTIMENTO — cemimotára rupi.

CONCLUZAM — jemopyá catú. (F. A. já havia registrado esse termo, traduzindo-o por moagé).

CONSOLADOR — mopyá catúcára.

CONSTRANGER — moacângai. (Mó-acângai, fazer ou tornar ruim a cabeça, perturbar a cabeça, etc.).

CONSTITUIR — tecómonháng. (Tecó ou ticó é o absoluto de icó ou ecó, verbo que traduz a idéa de ser ou estar, ou antes o ser, o estar. Como substantivo vale: lei, regra, norma, estado, condição, modo de ser, etc. Monhang significa crear, produzir, fazer, etc. Tecómonháng dirá, portanto, conforme Baptista Caetano, fazer o ser ou dar o estado, dar a lei, ordenar, mandar, legislar, governar. Esse mesmo autor distingue os verbos, tecómonháng e tecómoáng, dando a este ultimo os significados: cogitar, meditar sobre, suspeitar, conjecturar de, apprehender sobre, etc.).

CONSULTAR — jemonghetá.

CONSUMAR — moaugé. (Pouco acima, ao registrar — concluzam —, F. A. escreveu moagé).

CONTENTAR — moarib. (Moarib vale, também, fazer alegre, tornar alegre, dar prazer, festejar, etc.).

CONTENTAMENTO — toribe.

CONTRA — cecé. (Cecé, em rigor, não exprime contra, em contrario, etc.; significa apenas: á, ás, por amor, por amor disso, por isso, portanto, a tanto, etc. O D. B. com estes significados é que o registra).

CONTUDO — aipó pupé. (No D. B. está epupé vé).

CONVALECER — jemoporatám. (No D. B. vem correctamente graphado jemopirantám, isto é, fazer-se de pelle rija, tornar-se forte, resistente, etc.).

CONVENCER — mojerérágáia. (No D. B. está: jere-ragoáya).



CONVERÇAR — póromonghetá. (F. A. já havia registrado a mesma palavra traduzindo-a apenas por monghetá).

CONVERTER — mohebúre.

CONVITE — mbaéú açú. (Mbaéú vale tembiú, isto é, alimento, iguaria, comida. Tembiú açú e mbaéú açú significam comida grande, alimento farto, banquete, etc.).

CONVOCAR — cenói, çainhang. (Cenoi, no D. B. serve para significar: convidar, chamar, etc.).

COITADO — teité.

COFO — urú, cerú. (Urú é o cesto tecido com talas de taquára).

COEGAS — pokari. (No D. B. vem: fazer coegas, mopokeryc).

COIZA — mbaé.

COADRIL — cenapiá. (No D. B. está: quadril, cuácanga, isto é, osso da cintura, osso do meio do corpo).

CONTO — cemigoába. (Para traduzir conto, historia, lenda, etc., também occorre porandúba).

CÔR — cepiacába.

CORAÇAM — pyá.

CORADA COUZA — mbaé piráng. (No D. B. está: mbaé piránga oaé).

CORAR-SE — jemopirang.

CORCOVADO — copé apára, copé candira.

CORDA — tupaçáma, çáma. (No D. B. encontra-se: tupaçáma e xáma).

CORDA DA VELLA — çotinga çáma.

CORDÃO — tupaçáma, çáma (Baptista Caetano dá tupaçáma com os seguintes significados: cordas do leito, da rede de dormir, porque tupá, de pouso, passou a designar redê de dormir).

CORISCO — tupân.

CORNO — áca. (O áca tupi, vale o áqua guarani, da "Conquista", ou aquáb que significa: passado, que passa ou ultrapassa, que excede, saliente, proeminente, avançado, prolongado, alongado. Como substantivo diz: ponta, saliencia, proeminência, alongamento, focinho, de quá com o prefixo a. Vide. Baptista Caetano).

CORNUDO — ácajára, tibi-ro.

COROA — aputéra. (No D. B. vem: coroa de pedra, páy apitéra, e coroa de areia, ybycui oğú).

CORPO — ceté. (Tetê é o corpo, o real, o que é. Montoya dá também: o rijo, o forte, o grosso. O t é variavel em r, c e gu).

CORPO MORTO — teongoéra.

CORVO — urubú. (Urubú, diz Baptista Caetano, é nome generico dos abutres e principalmente dos cathartes).

CORVO MARINHO — miguá. (Miágua ou biguá).

CORTIÇA — mototi. (No D. B. está: motuty).

CORTAR — mondóc, mondaçóc.

CORTAR-SE — jemondaçóc.

CORRER — nháne. (No D. B. vem: correr, nháne; fazer correr, monháne; correr o licor, caryca ou tykyr).

CORRER O LICOR — tukir. (Vide antecedente).

CORUJA — jacurutú. (Jacurutú é a *Bubo magelanicus*, Gm. Fam. Bubonidae. Também occorre jucurutú).

CORTADURAS — coréra, poçanguéra. (Cortaduras, aqui, significa: restos, farellos, raspas, cavacos, etc.).

CORRIMENTOS — coroára. (No D. B. está: caruára).

CORRENTEZA DE AGUA — tipú akéna: (No D. B. vem: tipaquena).

COZER AO FOGO — mimói.

COZIDA COUZA — ojió membéc reté.

COZER COM AGULHA — jemombúc.

COZER A BEBEDICE — mojió caoim.

COSTAS — copé.

COSTELLAS — jerucáng. (O D. B. dá: orucánga).

COSTUMAR — jepecuá. (No D. B. vem: mojepocuáub; acostumar-se, ojepocuáub).

COSTUME — tecó.

COÇAR — caránhe.

COVA DA TERRA — iby coára.

COVA — coára.

COVOS DE PESCAR — jekiá.

COTOVELLO — jubá pendába. (No D. B. vem: jybá moa-pyreçába e jybá rupytyá).

COTILADA — apixába.

COXA DA PERNA — naúra.

COUVES — tajóba. (Horacio de Carvalho confundiu-se, e leu couces em lugar de couves. Tajóba é simplesmente tayaóba, folha do tayá, ou dos calladium e colacasia, segundo Baptista Caetano).

C antes de R

CRER — arobiár.

CREATURA — timimonháng.

CREADOR — monhangára. (Monhangára significa: o que faz, o que crea, o que executa, o artifice, o official de algum officio, etc.).

CRECENÇA OU SOBRAS — cembúra. (No D. B. está cembyra).

CRECENTE DA MARÉ — oiké paranám. (O D. B. dá: paranám oiké).

CRECER — jemoturuçú. (Jemoturuçú vale: fazer-se grande, tornar-se grande, grosso, volumoso).

CRAVO — amburá cainha.

CRAVAM — tatápúnha. (Cravam é carvão).

CRESPA COUZA — apixaim. (O D. B. dá: japixaim; fazer cresso, mojapixaim).

CRECER O CAPIM — cenhém.

CREPUSCOLO — coéma piráng. (Coéma piráng, em rigor significa: o vermelho da manhã, o rubor da aurora, o avermelhado do começo do dia, o clarão avermelhado da madrugada).

CRIADO — rerecoára. (No D. B. ocorre ócapóra, isto é, o domestico, o que vive em casa, etc.).

CRISTAM — mongaraiba pyra.

CRIME — tecó aiba. (Tecó aiba significa: o procedimento máu, a acção má, etc.).

CRIAR — mocacoá. (No D. B. ocorre ainda: criar, moturuçú; criar, fazer criação, póromonháng; criar raizes, jemocapô oâne; criar alguma cousa, monháng; criar materia, jemopéba).

CRIANÇA — taina, pitánga. (No D. B. tayna e mitánga).

CRUZ — cruçá, joaçába. (No D. B. **curuçá**).

CRUCIFIXO — tupána rangába. (A expressão vale: a imagem de Deus, o symbolo de Deus).

CRUCIFICAR — mojár cruçá recé.

CRUZAR — mocruçá. (**Mo-cruçá**, fazer cruz, passar em cruz. **Curuçá** é termo formado do portuguez-cruz-.)

CRUEL — abá angaipába. (No D. B., 2.^a parte, encontra-se: **abá angaipába**, homem ruim, pessoa que não merece fé ou confiança, desprezível; **abá angaipába oçú**, pessoa terrível, homem que amedronta, perverso; **abá angaipába oçú eté**, homem tyranno, pessoa extramamente má e violenta. Vide — Culpa).

C antes do U

CUIDAR — moaú, aimoáng, jepyá monghetá.

CULPA — angaipába. (**Angaipába**, **angaipáb** ou **angaypáb**, é o participio de **angaib**. Como substantivo significa: maldade de alma, ruindade, crueldade, etc., e também: crime, peccado, culpa).

CULPAR — mombeú aiba.

CULTO — moeté. (No D. B. vem **emoetéçába**).

CUNHADO — cerebejára, cerebáia.

CUNHADA DE FEMEA — keij.

CURVAS — cetumá roó.

CUSPIR — tomung. (No D. B. **tumúne**).

CUSPO — tendi. (Tambem ocorre para traduzir **baba**).

CULPADO — tecó aiba. (Vide Crime).

CÚ — ceicoára. (No D. B. está **teicoára**. Deve ser tebi, absoluto de **ebi**, que significa a parte posterior do corpo, o assento, as nadegas. **Tebicoára** será o orificio das nadegas, o furo ou buraco posterior, etc.).

CUSTAR MUNTO — oaçú.

CUTELLO — kicé oçú. (**Kicé** é a faca, a navalha; logo **kicé oçú** dirá: a faca ou a navalha grande.)

CURAR — poçanóng.

CUSPINHAR — nhémúnhemúne.

CUSTODIA, vigia — manhançára. (No D. B. vem: **manháne**.)

D

DA, DE, DO — çui. (Na Conquista hui, que equivale a çui e a gui.)

DADIVA — potába. (No D. B. occôrre potába e meén-gába.)

DAQUI — iké çui. (No D. B. vem: dahi, de lá, aê çui; dalli por diante, aê rirê; daqui a pouco, corimerim ou coromô cori.)

DACOLA' — aê çui.

DAHI — aê çui.

DAQUI A POUCO — coromô cori. (Vide antecedentes.)

DALEM — aê çui.

DA ONDE — mançui. (No D. B.: donde, maçui.)

DONDE ÉS — máme oára taé indé.

DANÇA — monçaraitába. (No D. B. vem poraceya. e tambem moçaraitába, na 2.^a parte.)

DANÇADOR — monçaraitára.

DA OUTRA PARTE — amó çobaixára.

DA OUTRA PARTE DO RIO — çobandápe.

DANTE MÃO — ranhé, eymebé ranhé.

DANTREMEIO — putéra rupi.

DAR — meéng. (Meéng ou meê, de eng. em, com o prefixo mo, segundo Baptista Caetano, vale dizer: seguido sahe, ficar sabê, ou diz. Significa dar, entregar, offerecer, confiar, encomendar, cometter, indicar, mostrar.)

DAR CONTA DE SI — mombeú cecó recé.

DAR DE COMER — jepói.

DAR A' VELLÁ — ceki çotinga. (No D. B. vem: pirár çotinga ou ceki çotinga.)

DAR A' COSTA — canhéme. (No D. B., ocanhémo.)

DAR ENCONTRO — jepi cecé.

DAR CONSELHO — mombeú mbaé ixupé. (No D. B. vem: monghetá catú ixupé, e no Ms. do M. B. aimotecocuáb.)

DAR DE BEBER — mocaú. (No D. B. occóre também meéngyg, isto é, dar agua.)

DAR DE BEBER AGUA — meéng yg ixupé.

DAR DE OLHO — ceçá pomi.

DAR NÓ — mokitám.

DAR A CONHECER — jecuá ucár.

DAR DE MAMAR — mocambú. (No D. B. está mocamby. Mocambú exprime: fazer mamar, amamentar, criar ao peito.)

DAR BOFETADAS — çobá petéc. (No D. B. vem: çobá petéca e no Ms. do M. B., açobapetéc. Çobá é o rosto, a cara, a face e petéc ou petég, cujo gerundio é petéca, é verbo que significa bater. Parece verbo onomatopaico, diz Baptista Caetano, e tem analogos em pepég, bebé, pererég. Dá compostos como: popetég, bater as mãos; yepopetég, dar palmadas; hobápetég ou çobápetég, bater-lhe na cara, esbofeteal-o; mbopetég, fazer bater, que se confunde com p^opetég, dar punhadas ou soccos, etc.)

DAR COUCES — ipurúng purúng.

DAR PALMATOADAS — popetég. (Pó é a mão, contracção de mbó, a que faz, a efficiente.)

DAR MURROS — tucá tucá.

DAR URROS — pocém.

DAR SIGNAL — cuapába meéng.

DAR PANCADA — nupán.

DAR TRAQUES — pinó pinó.

DAR RAZONS — maran maranei. (No D. B. vem: nheéng nheéng ou nheénga robaixára.)

DAR BOAS NOITES — mopetúme.

DAR O JUÍZO VOLTA — jemoacângaiiba. (No D. B. vem também a mesma construcção: dar o juízo volta; jem^oa-cangaiba vale dizer: fazer-se de cabeça ruim, tornar-se de cabeça fraca; adôudar-se, abobar-se.)

D antes do E

DEBALDE — tenhé. (O D. B. dá: panémo, teém e jabé nhóte.)

DEBAIXO — gúra cui. (No Ms. está realmente cui, por engano; deve ser çui. O D. B. dá ybyra çui e o Ms. do M. B. traduz: guyripe ou ghyripe.)

DE BEM PARA MELHOR — icatunhé oicó.

DEBILITAR — momembéc. (No Ms. do M. B. está aimomambéc. A palavra significa: fazer molle, tornar fraco, sem consistencia.)

DE BOA MENTE — catunhóte. (O D. B. dá, com mais precisão: pyá rupi catú. O Ms. do M. B. registra: cemimó tararupi, isto é, de sua propria vontade.)

DEBUXAR — çair, moçangáb. (O D. B. dá: moçangab ou çangába monháng e coatiár. Çair, de air, que recebe t, r, ç e gu, significa riscar, lanhar, raspar e, portanto, só figuradamente pode servir para traduzir a ideia de debuxar, desenhar, esboçar, etc. Moçangáb compõe-se de mo, fazer, executar, crear, etc., e çangáb ou aangáb que recebe tambem t, r, ç, gu e vale: imagem, figura, copia, retrato, signal, etc. Assim, moçangáb traduz perfeitamente debuxar, desenhar, etc.)

DEBUXO — çangába.

DE CABEÇA ABAIXO — açánga iby keti.

DE CÁ PARA LÁ — iké çui amongheti.

DECER — guegib. (No D. B. está goejib.)

DECERTO — çupi catú.

DECIDA — guigipába. (F. A. em linhas acima escreveu guegib; aqui deveria, portanto, escrever guegi-pába.)

DE CIMA — ibaté çui.

DE CIMA DO RIO — gapurá çui.

DE BAIXO DO RIO — tumaçá çui.

DE DENTRO — ocapú çui. (Horacio de Carvalho accusa o autor do D. B. de ter trocado a expressão — Do centro — por — De dentro — e “mantido a seu modo o ocapy çui”. Verificamos cuidadosamente, e não encontramos razão alguma para

essa accusação. No D. B. está bem claro: De dentro — ocapy çui, sem confusão com outra qualquer expressão.)

DE CONTINUO — nhé nhé.

DEDO DAS MÃOS — pó acánga. (Pó acánga significa: osso saliente da mão, ossos salientes das mãos. Tanto pode valer dedos, como o punho, o pulso, etc.)

DEDOS DOS PÉS — pú acánga. (Pú ou py é o pé, os pés.)

DEDO POLEGAR — poám.

DE DIA — arébo, áraramé. (Arébo é dativo de ára.)

DE COSTAS — oatucupé. (Oatácopé, como occorre no I). B. exprime: andar de costas.)

DECLARAR — mojecuá, coameéng. (No D. B. vem: declarar de vista, mojecoáub; declarar de saber ou por saber, coameéng.)

DE FÓRA — ocára çui.

DEFENDER — picyrón, peá.

DEFENÇOR — picyronçára.

DEFAMAR — cerakéna óc.

DEFINAR-SE — jemaraár. (No D. B. está: definir, fazer definir, momaraár; definir-se, jemomaraár.)

DEFRAUDAR — enganáne. (Enganáne parece palavra portugueza.)

DEFRONTA — roaké, çoaké.

DEFUNTO — anibúra. (No D. B. está ambyra, e defunto, corpo de morto, teOngoéra.)

DEFUNTOS — angoéra.

DEFUMAR — motimbóri. (No D. B. motimbóra.)

DEFENDER-SE — jepicyrón.

DE GALOPE — opopóre. (Tambem se diz apenas popóre.)

DE GATINHAS — opóbo ogoatá. (F. A. em — Andar de gatas — escreveu ogoatá opóbo. Vide — Andar —.)

DEGRADADOS — jepeá pyra.

DE GRAÇA — cepy eyma. (A expressão traduz-se: sem preço.)

DE UMA A OUTRA PARTE — amó çui amó çuibé.

DE HUM E HUM — ojepé jepé.

DEITAR FÓRA — mombóre.

DEITAR NO CHÃO — itic.

DEITAR-SE — jenóng. (O D. B. accrescenta: deitar-se, á má parte, moaúb ayba.)

DEITAR A OUTREM — mojeróng.

DEITAR DE MOLHO — morerú.

DEIXAR — cejár.

DEIXAR, largando — poir. (No D. B. poir vale tambem largar, abandonar, etc.)

DEIXA — poir ixui.

DEIXA ESTAR — tinhé nupan.

DEIXA-TE ESTAR — iconhóte, nhemaránhe. (No D. B. vem: oicó nhóte.)

DE ILHARGA — oikéo (?) (lharga é iké.)

DELA — aé çui.

DE LONGE — apé catú çui.

DELE — ixui.

DELEITAÇAM — jemoririba catú.

DELGADA COUZA — mbaépoi.

DELIR — moticú. (Tambem ocorre muticú.)

DELIDA COUZA — muticú pyra.

DE MÁ MENTE — cemimotárayma.

DEMARCAR — moçangáb. (Vide — Debuxar —.)

DEMINUIR — mutucucúr. (Horacio de Carvalho disse que o autor do D. B. “corrigiu para — Diminuir —, que traduziu por mojearóca”. Não é verdade que F. O. tenha “corrigido”, pois innumerados são os casos que comprovam o contrario...)

DEMONIO — jurupari.

DE MUNTAS MANEIRAS — cetá rupi.

DE NOITE — petúna rupi.

DENTES — çánha. (Correctamente deve ser çáinha, de tã ou tain, o dente. Baptista Caetano faz as seguintes observações, aliás interessantes: ãi ou ain, aspero, ouriçado, hirto, que confundem com ái, aspero, acre, azedo e ái appendice; ãi, alem de hirto, significa crespo, mas fica-se na duvida si é ai, com i nasal, pois tem-se aimbé afiado, pichain, pelle crespa e cabello grenho; ãi aguçado, afiado, pode significar dente, mas como recebe t r, h ou ç e gu, ve-se que vae ter a um verbo — morder ou agarrar

— e na forma **tâi** é comparavel com **tár**, colher, tomar. Como compostos ha **pindá**, anzól, o que agarra a pelle; **potâi**, móla, **potáb**, junta e **tiâin**, gancho. Logo que se admitta que todos os radicaes tem uma significação transitiva, acha-se um **ãi**, morder, susceptivel das diversas significações mediante os pronominaes **t**, **r**, **h** ou **ç**, **gu**, **y** e **o**, dos quaes logo que alguns se fixam tem-se **çãi** o que morde — aspero, rude —, **yãi**, o que morde ou engata, gancho; **ycãi**, o que morde arvore, uma especie de formiga.)

DENTRO — **ipupé**.

DE NEM HUM MODO — **anangaité**.

DEOS — **tupána**.

DE PERTO — **ikenhóté çui**. (No D. B. vem: **çobaké çui**.)

DEPENDURAR — **mojaticó**, **jaticó**.

DEPENAR — **çábaóc**. (**Çaba**, de **ába**, é o cabello, a pennugem, as pennas, etc. **Óc** é verbo que significa cortar, tirar, arrancar, etc.).

DE PALAVRA — **nhéng pupé nhóte**. (E' rigorosamente como vem no D. B.)

DEPOIS — **riré**.

DEPOIS DISTO — **coaé riré**.

DEPRECAÇAM — **jurureçába**.

DE QUALQUER MODO — **maiabé nhóte**.

DE QUE MODO — **maiabé**, **mbaé taé**.

DERREPENTE — **corutém nhóte**.

DERRADEIRA — **çakiquéra oára**. (No Ms. está, segundo parece, **çakiquêira** em lugar de **çakiquéra**.)

DERRAMAR — **jocéne**.

DERREAR — **mopéne copépe**.

DERRETER — **muticú**.

DERRETER AO FOGO — **mopupüre**.

DERRUBAR — **aitic**. (Horacio de Carvalho, não percebemos por que, leu **aitié** quando está perfeitamente legivel a palavra no Ms.)

DERRUBAR ALGUMA COUZA — **mongui**.

DESDE — **çuibé**, (No D. B. vem **cuivé**, evidentemente por erro do copista ou de typographia. Não era possivel naquelle Dicionario o emprego do **v**, inexistente na lingua, como declara

por varias vezes o seu autor. Uma palavra ou outra foi graphada com essa letra, não por ignorancia do dictionarista, mas apenas em respeito á pronuncia geral dos colonos portuguezes.)

DESCOBRIR — jaçuióc, pitucéme.

DESACOMPANHAR — oçó ixui.

DESAFEIÇOADA COUZA — nitiu catú. (Nitiu, já fizemos notar, vem sempre graphado **nitio** no D. B. Nitiu catú vale: não bom, não agradável, não serviçal, etc.)

DESAFORADO — abatimymaçú.

DESAFRONTAR-SE — jepúc. (No D. B. está **jepyca**.)

DESAMARRAR — jeráo.

DESBASTAR COM A INXÓ — jopán. (No D. B. está desbastár de enxó, **jupáne**.)

DESBOCADO — jurú aiba. (Jurú aiba significa: a bocca ruim, a bocca má, perversa, etc.)

DESCABEÇAR — acánga óc. (A expressão significa: cortar ou arrancar a cabeça.)

DESCANÇAR — putuú. (No D. B. vem ainda: fazer descançar, moputuú.)

DESCULPA — jekitingóc.

DESCARREGAR A CANOA — poróc. (O D. B., além dessa mesma phrase, dá ainda: descarregar a consciencia, **jucyb ánga**.)

DESCASCAR — piróc. (Pir é a pelle, óc significa cortar, arrancar, cortar.)

DESCOMPOR — moingó aiba.

DESDOBRAR — mamánóc. (Mamáne, vem no D. B., 2.^a parte: dobrar, embrulhar, enrolar, trançar; óc, como já vimos, é verbo que exprime: cortar, arrancar, etc. Horacio de Carvalho diz que o D. B., para traduzir desdobrar, dá **pirár**. Dá, de facto, mas em outro sentido. Mamánóc ou mamáne óc é desdobrar no sentido de desfazer dobras, desfazer embrulho, de desembaraçar fios ou destrançar; **pirár** está no D. B. empregado no sentido geral de largar, soltar, pôr-se em liberdade, etc.)

DESVIAR — jepeá.

DESCONFIAR — jemoirón.

DESMENÇAR — mocurui.

DESMOER ALGUMA COUZA — mboi mboi. (Mboi, con. accento tonico no i, significa: tirar, separar, apartar, cortar, etc. A repetição do vocabulo dá ideia de continuidade de acção expressa pelo verbo.)

DESMOER — jereragáya. (No D. B. vem: desmentir alguma parte do corpo, **purúc**; desmentir alguém, **mojereragoáy**. Horacio de Carvalho achou extranha a phrase do D. B. — desmentir alguma parte do corpo — e, por isso julgou de bom aviso annexar á margem do vocabulario umas notas explicativas. Infelizmente nada se aproveita de suas palavras, inteiramente dispensaveis no caso. Desmentir, segundo os Dictionarios portuguezes, significa no Brasil, alem de **contradizer**, tambem: **deslocar**, **entortar** uma articulação, **desconjuntar**, etc. Ora, **purúc**, como se vê na 2.^a parte do D. B., exprime justamente isso: **desconjuntar**, **deslocar**, **desmembrar**, etc. Está, pois, bem empregada a phrase em portuguez e justa a sua traducção.)

DESMOER — moaiba. (**Mo-aib**, fazer mal, tornar ruim, etc.)

DESMOER — mombúc. (O D. B. registra **mombyc**, **moayb** e accrescenta: desflorar por força, **moayba** ou **oacype mombyc**. **Mo-mbúc** é: fazer furo, fazer rombo, buraco, fazer quebra, etc.)

DESMOER — moaib. (Vide — Desconcertar — e Desflorar.)

DESMOER — jepyá monghetá.

DESMOER — eré catú.

DESMOER — moci óc.

DESMOER — mocambú óc.

DESMOER — maraár.

DESMOER — moetéyma.

DESMOER — oirárandé.

DESMOER — cepoti óc. (No D. B. está: desenferujar, **kitingóc** ou **cepoti óca**. **Cepoti**, **tepoti**, significa o excremento, a sujeira, a ferrugem, a fuligem, etc.)

DESMOER — mongui.

DESMOER — mopyáib. (**Mo-pyá-ayba** significa: fazer coração ruim, tornar o coração amargurado, etc.)

- DESGOSTAR-SE — jemoapyáiba.
DESHONRAR — motim, momoxi.
DESMANCHAR — moaib. (Vide: Desconcertar, Desflorar, etc.).
DESMENTIR O PÉ — purúc. (Vide — Desmentir.)
DESPARAR A ESPINGARDA — mopóc mocába.
DESPEDIR — mondó.
DESPEDIR-SE DE ALGUEM — taço ranhé.
DESPEDAÇAR — mboi mboi. (Vide — Desfiar.)
DESPEGAR — moçac.
DESPEJAR — çacabóca. (No D. B. vem: despejar, vasar, çacabóca; derramar, juçâne; descarregando, despejando, poróc, como por ex: poróc oâne ygára, descarregar ou despejar a canoa.)
DESPERTAR A OUTREM — jemombác. (No D. B. está mombác.)
DESPERTAR POR SI — pác.
DESPOR, plantar — jotime. (Jotime na 2.^a parte do D. B. tem os seguintes significados: plantar, semear, dispôr, enterrar, sepultar, etc.)
DESPREZAR — jemonçarái cecé. (Desprezar já havia sido registrado acima com a versão moetéyma. No D. B. a versão é. roiron nitio moeté.)
DESTILAR — motikire. (No D. B.: distilar, tykyr; fazer distilar, motykyr.)
DESTROCAR — pomambúc óc. (Horacio de Carvalho não conseguiu ler a versão tupi; suppoz que fosse pomanducóc. Não ha duvida alguma que é pomambúc óc, pois um pequeno exame permite ler claramente o texto de F. A.)
DESVIAR ALGUEM DO CAMINHO — peapé çui.
DETER A OUTREM — coingó pecú.
DETER-SE — jeopecú.
DEVAGAR — megué megué. (No D. B. está: megoé megoé rupi.)
DEVE DE BASTAR — augé ipó.
DEVERAS — çupi titué. (No D. B. çupi ou titubé.)
DEZEJAR — jucei, jememotár. (No Ms. do M. B. vem anhemotár, e desejar comer, ajucei.)

DEZAPARECER — canhemi, perecoã. (No D. B. está canhême e no Ms. do M. B. vem: naiecuáb.)

DE SUBITO — pocoçú. (No D. B. pucuçú rupi.)

DEZEMBARALHAR — mamán óc.

DEZATINAR — jemoacánguib.

DEZENCOSTAR-SE — jemopuáme.

DEZENQUIETAR-SE — mojerũ.

DESENQUIETO — putuúyma.

DEZENQUIETAR-SE A OUTREM — moacánguib.

DEZONESTIDADE — mopotára, mbaé puxi.

D antes do I

DIA — ára. (Ára significa também o tempo, o mundo, a claridade, a vez, a ocasião, a época, a idade, etc. Vide — verbo ar, em Baptista Caetano — Vocabulário, pag. 46.)

DIA GRANDE — ára eté. (Ára eté significa, em rigor: dia verdadeiro, dia solemne, dia faustoso, etc.)

DIA SANTO — ára moeté pyra, mutuú. (No Ms. do M. B. vem: ára mutuú e, segundo o catecismo, ára imoepyra.)

DIA DE PASCOA — mutuú açú. (No D. B. está mutuú ocú e no Ms. do M. B. mutuú vaçú.)

DIA DE NATAL — missa petúna. (No D. B. lê-se também missa pytúna, isto é, missa nocturna, missa da meia noite.)

DIA DE FINADOS — tibupoia. (No D. B. está: tyjupoi ára.)

DIA DE CINZA — tanambúca ára. (O D. B. dá: tanimbuca ára.)

DIA DO JOIZO — ára papaçába. (No D. B. vem mais correctamente papaçába ára, isto é, dia das contas, dia da prestação de contas.)

DIA BRUSCO — amána ára. (Amána pôde significar a chuva, a nuvem, etc.)

DIABO — jurupari. (O Ms. do M. B. registra: diabo, anhangá, jurupari ou curupira.)

DIABO QUE APPARECE NO MATTO — curupira. (Phrase absolutamente identica vem no D. B.)

- DIANTE — tenondé.
DIANTE DE MIM — cerenondé.
DIANTE DE TI — ndé renondé.
DIANTE DELLES — oám renondé.
DIANTE DISSO — umaé renondé.
DICIPLINAS — nupançába. (Nupançába é o açoite, o chicote.)
DICIPOLO — cenimboé.
DICIPOLOS DE CHRISTO — boyá. (No D. B. vem: iandeára I. Christo yby aikuéra etá).
DIDAL — abirára. (Horacio de Carvalho leu adirára, mas deve ser abirára, pois abi é a agulha, o que é como um cabellino.)
DILATAR — moingó pucú.
DILATAR-SE — jemombutá pucú.
DILAÇAM — oicó pucú.
DINHEIRO — itájúba. (Itájúba significa a pedra amarela, o metal amarello, o ouro.)
DIRIGIR — moingó catú.
DISCRETO — tecó cuáb. (No D. B. está: discreto, sabedor, cuápára.)
DISTAR — oicó apecatú.
DISTANTE — apecatú oára.
DISTRIBUIR — meéng meéng. (Meéng é dar, offerecer etc.)
DIVERTIR — peá.
DIVINDADE — Tupána. (No D. B. vem: tupána igoaçúcába.)
DIVIDIR — mojaóc.
DIZIMO — tupána potába. (Tupána potába traduz-se por esmola de Deus, dadas de Deus, isto é, pertencentes a Deus.)
DIZER — mombeú.
DIZEM — paé. (?) (A palavra está quasi illegível no Ms.)
DIZER MISSA — missa monháng. (Monháng é fazer, crear, executar, etc.)
DIREITA COUZA — çantambúe mbaé. (No D. B., por evidente erro typographico, está cantambúca em lugar de çantambúca. Tantan, que é absoluto de antan ou antã, como adjectivo

significa: forte, duro, rijo, teso, resistente etc. Funciona também com adverbio.)

DIREITO — catambúc. (F. A., aqui, não usa também o ç, e grapha diversamente a palavra. Vide o antecedente.)

DIPREÇA — corutém.

DIPREÇA, sem detença — çapuá. (O D. B. dá: depressa, curatém oaráma ou çapyá.)

DIZ — paé.

DISUADIR — jóc ixui. (O D. B. registra: ojóca iacánga qui.)

DISTINGUIR — kitingóc. (Ketingóca, na 2.^a parte do D. B. é: limpar esfregando, desenferrujar.)

DISTINGUIR-SE — jekitingóc. (Vide o antecedente.)

D antes de O

DO, DA, DE — çui.

DOBRAR — mamáne. (O D. B. dá ainda: dobrado estar, ojemamáne oicó; dobrar, entortar-se, ojemoapár; dobrar o sino, mopú reté tamaracá.)

DOBRAR O SINO — moapú tamaracá. (Vide antecedente.)

DOCE — ceém.

DOENTE — macibóra. (No D. B. vem: mbaé acycába.)

DOER — çaci. (Stradelli dá mumacy. O verbo é acy, que pode também ser empregado como adjectivo, e vale: doido, penado, doente, etc.)

DOIDA COUZA — açंगाiba.

DOIDO — acंगाiba.

DOM — temimeéng.

DOMAR — nharonçába, mojepucuáb.

DOMINGO — mutuú. (No D. B. está: motuú ára.)

DO MESMO MODO — iabé catú.

DONDE — máme catú. (No D. B. maçui.)

DONZELLA — ababigoérayma, angaturáma. (Os significados dessas duas expressões indicam claramente o sentido com que devem ser empregadas. No D. B. vem cunhã muçú, isto é, moça, mulher moça.)

DOR DE DENTES — ránha çaçi. (Ránha ou ráinha.)

DOR DE CABEÇA — acánga ci.

DOR DE OLHOS — ceçá iba. (Ceçá iba, olhos ruins, olhos maus.)

DORMIR — okér. (No D. B. vem apenas kér.)..

DOUS — mocói. (Mocói corresponde a: faz par.)

DOS, DAS, DE — póra.

DOCE — doceçába. (?) (Evidentemente houve engano do F. A.)

DOUTRINA — emboéçába.

DOUTRINAR — motecó çuáb.

DOUTRINEIRO — emboéçára.

D antes do U

DURA COUZA — mbaé çantam.

DURAR — oicó pucú. (Oicó pucú corresponde a: ser longo, ser comprido, etc.)

DUVIDA — nitíu acuáb.

DUVIDAR — jepyá monghetá.

DOR DE DENTES -- tánnh-cáq (Ránsa-ón tánnh-cáq)
DOR DE CABEÇA -- acansa ci.
DOR DE OLHOS -- cecá íba. (Cecá íba, cecá íba, cecá íba)

mans.
DORMIR -- okér. (D. B. vermpens kér.)
DOUS -- mocó. (Mocó. resdóde -- ías par.)
DOS, DAS, DE -- póta.
DOCE -- doceçába. (?) (E) idêntemente hóu'e engano do
F. (F. a)
DOUTIN -- embocá ba.
DOUTINIRO

D antes do U

DURA COUZA -- mbáé cantam.
DURAR -- oicé, pucú. (Oicé pucú, oicé pucú, oicé pucú)

DUIDA -- nítu acubá.
DUIDAR -- ías

E

E, conjunçam — bé, abé.

ÉCO OU ESTRONDO — tiapúçába.

ÉCO DE VOZ — japuçába.

EDIFICAR — moáme, monháng. (Moáme é o mesmo verbo moã ou moáng que significa: pôr em pé, erguer e, também, idear, imaginar, fazer sombra, abrigar, amparar, proteger, etc. Monháng ou moñan, significa gerar, engendrar, crear, formar, fazer, fabricar, dar á luz, etc. Em geral confundem-se esses verbos.)

ELEGER — moingó.

EM ALTO — ibaté.

EMBASBACAR — mocanhéme. (Mocanhéme, ou mocanhim, como vem em Montoya, significa: fazer fugir, fazer desaparecer, obrigar a sumir-se. Claro que só em sentido figurado significará embasbacar.)

EM BAIXO — ibúpe. (Ibú, ipú ou ypy é o principio, a base, o fundamento, a origem; pe vale em, no, na, em o, etc. Ibúpe diz, portanto, no principio, no fundamento, na base, etc.)

EMBARCAR — roár.

EMBRUSCAR-SE O TEMPO — ára jemopetúne. (Petúne significa escuro, negro, encoberto; mopetúne, tornar ou fazer escuro, e jemopetúne fazer-se ou tornar-se escuro. Ára é o tempo, a época, as nuvens, etc.)

EMBRULHAR — mamáne, pokéc.

EMBALANÇAR A OUTREM — mojatinóng.

EMBALANÇAR-SE — jamotinóng. (F. A. enganou-se. provavelmente. Embalançar é jatinóng ou como registra Stradelli, iatinúm.)

EMBORA — ajubéte.

EMBEBEDAR, a outrem — mocaú, moçabaipóra. (Caú é verbo que significa: beber vinho, ingerir bebida fermentada. Mocaú diz, portanto, fazer beber vinho, dar á beber vinho ou outra bebida.)

EMBEBEDAR-SE — jeçabaipór, acaú.

EMBIGO — peruã. (Peruã ou piruã significam a excrescencia, a pelle erguida, o empolamento.)

EMBRULHO — mokéca. (Tambem occorre pokéca.)

EMBAIR-SE — acanhéme. (Vide — Enbasbacar.)

EMBORCAR — mojaréo.

EMBIRRAR-SE — çuí pupúr.

EMBOSCADA — cotúba. (Cremos tratar-se do verbo coty-hú, procurar o lado, buscar o pouso ou a casa, etc.)

EMCOBRIR — cuacú, jaçui. (No D. B. vem: cuacú ou juméme. Encobrir-se será: jejuméme.)

EM — pupé.

EM PODER — popé.

EMPRESTAR — purú. (Provavelmente porú.)

EMPRENHAR — mopuruã. (Mo-puruã, fazer excrescencia, tornar empolado, tornar a pelle como que levantada.)

EMPRENHADA COUZA — mopuruãbóra.

EMPURAR — imoinháne. (No D. B. vem apenas monhá-ne.)

EMPULHAR — mojarú, xerigár. (Empulhar tem aqui o sentido de zombar, escarnecer, metter a ridiculo.)

EMMUDECER — nitíu jurú. (Nitio jurú vale dizer: sem bocca, sem falla, sem vóz.)

EMPANEIRAR — çopár. (Çopár ou hopar, como se escreve em guarani, significa andar errado ou errante. Segundo parece, empaneirar aqui está em sentido figurado, pois só assim é comprehensivel como correspondente de çopár. Vide Enceirar.)

EMMENDAR — jurunhéne.

EMPEDIR — moingó, çobaitim.

EMMANQUECER — jemopari parim. (Horácio de Carvalho leu emmagrecer, e por isso disse que o D. B. registrava jemoaingaigoára que nada tem a ver com jemopari parim. Jemopari parim corresponde a tornar-se coxo, fazer-se manco, coxe ante.)

EM PEDAÇOS — poçanguéra pupê.

EMPINGEM — ourána, oabirána. (No D. B. está vaurána. Aú significa marca, mancha, etc. e rána o que é semelhante, parecido, etc.)

EMPECER — recó aib.

EM PÉ — poam puáme.

EM PEZO — oetépe.

EMPISCAR OS OLHOS — ceçá pomim.

EMPOBRECER — jemoporeauçúb. (No D. B. está: momoriauçúb.)

EMPOLA — piroá. (Piroá, piruã ou puruã, como também ocorre no vocabulário, vale: excrescência da pelle, levantamento da pelle, etc. Nos dicionários tanto significa empola como callo, gravidez, umbigo, etc.)

E antes do N

ENCAMINHAR — motecó cuáb, mocameéng pé.

ENCARCERAR — mondé.

ENCHER A MARÉ — oiké paraná. (No D. B. vem: paraná eviké.)

ENCHER QUALQUER COUZA — aporacár. (Poracár ou poracá, de póro-ecá, também significa: colher, colligir, apanhar, carregar, ganhar.)

ENCHER MUNTO — turucéme.

ENCHER-SE DE PO' — mokiréra, ybytibóra. (No D. B. está: encher-se de pó, tybuyra pupê ojeporacár.)

ENCACHAR — periperim.

ENCRESPAR — moapixaim. (Mo-apixaim é fazer crespo, encaracolado.)

ENCAMINHAR — imboé pé recé.

ENCARECER — moporáng nheéng. (**Moporáng** significa: fazer bonito, tornar bonito, elegante, etc.; **nheéng** é fallar, dizer, expressar, etc.)

ENCARECIMENTO — moporáng nheéng. (Vide o antecedente.)

ENCARNAR — mopiráng. (No D. B. vem: encarnar a ferida, **ojemopiranga peréba**.)

ENCARAR — maém eté abá recé. (No D. B. está apenas: **maém eté**.)

ENCERAR — cequendá. (Pela palavra tupi verifica-se que F. A. quiz dizer **encerrar**, fechar, tapar, ou obstruir, e não **encerar**, passar cêra, tornar liso, etc. Vide **Empaneirar**.)

ENCEIRAR — çopar. (**Enceirar** é vocabulo do portuguez antigo, e vem no Moraes como correspondente a — recolher em ceira — e **ceira** é o vaso de esparto para figos e outras passas.)

ENCETAR — iabyki, japerúng.

ENCARNIÇAR-SE — pytupáo.

ENCORCOVAR-SE — ojabúc.

ENCONTRAR — çobaitim. (**Çobaitim**, na 2.^a parte do D. B. significa tambem: atalhar, impedir, sahir ao encontro, encontrar alguém, topar, etc.)

ENCOLHER — moatúc.

ENCOSTAR-SE — agicóc, mojecóc. (No D. B. vem: **ojocóc** e **encostar** alguma cousa, **mojokóc**.)

ENDURICER — moçantam. (**Moçantam** corresponde a: fazer duro, tornar rijo, etc.)

ENFADAR-SE — jemopytupáo.

ENFEITAR — moporáng. (**Mo-poráng**, fazer bonito, tornar bonito. No D. B. tambem occorre **mongatirón**.)

ENFEITAR-SE — jemoporáng.

ENFORCAR-SE — jabubúc, jaticó. (No D. B. está: **iybyca**, **enforcar**, e **jejybyca**, **enforcar-se**.)

ENFORCAR — jabubúc.

ENFORMAR-SE — porandúb. (No D. B., 2.^a parte, vem: **porandúb**, perguntar, tirar informação, procurar saber, indagar.)

ENFIAR AGULHA — ecimibón. (No D. B. vem apenas: **enfiar**, **oçacibô**.)

ENFRAQUECER — jemomembéc. (Jemomembéc vale: fazer-se molle, tornar-se tenro, etc.)

ENGOLIR — mocóne. (No D. B. está também mocóne. Cong ou con, diz Baptista Caetano, é adjectivo onomatopaico, e vale: engolido, tragado, deglutido — imitando a deglutição; é mais usado o derivado mocóng, tragar.)

ENGASGAR-SE — jebúc.

ENGANHAR — enganáne. (Horacio de Carvalho e outros. quizeram ver na expressão uma simples tupinisação do verbo portuguez enganar.)

ENGEITAR — potár eyma, cejár nhóte.

ENGROÇAR — mopoacú.

ENGANXAR — jemopecic. (Com mais propriedade deveria ser, como o registra o D. B., mopopecyc, pois jemopecic, abstracção feita da graphia, significará enganchar-se.)

ENGORDAR — mokirá. (No D. B. vem mokyrã. Mokirá ou mukirá significa fazer engordar, tornar gordo, o cevado, o gordo, etc.)

ENGRANDECER — moturuçú.

ENDIREITAR — moçantambúc.

ENDIREITAR AO FOGO — moagé penegóc.

ENJURIAR — motim motim.

ENOJAR-SE — ipyaiba. (Tambem occorre no D. B. jegoarú.)

ENQUERIR — porandúb. (Vide — Enformar-se —.)

ENQUENTE (?) — iatiró.

ENRROLAR — mamán. (No D. B. mamána.)

ENRREDADOR — marandújara.

ENSINAR — emboé. (Mboé significa: fazer dizer, declarar, mandar, ensinar, adextrar, afeioar, adubar, ornar, compôr, afiar, etc.)

ENLUGAR — çocobiára. (?)

ENTORNAR — jocéne, çacabóc.

ENTOPIR — moturucéme.

ENTERTER — moingó, moputá. (No D. B. vem: entreter alguns a ficarem, mopytã; entreter-se, oicópecú.)

ENTENDIMENTO — tecó cuapába.

ENTRANHAS — inhaúra, righé.

ENTRADAS, do rio — tumaçába.

ENTRUDO — jamotinga.

ENTEIRO — oetépe.

ENTRAR — aiké. (No D. B. está eiké; fazer entrar, jemoeiké.)

ENTREGAR-SE — jemeéng. (No D. B. encontra-se: entregar, enóng ou omeéng abá popé; entregar-se, jemeéng.)

ENTRECEDER — monghetá. (No D. B. vem: interceder, jururé cecé.)

ENTORTAR — moapár.

ENTERRAR — jotime.

ENTENDER — cendú.

ENTENDER COM ALGUEM — pocóc cecé.

ENVEJAR — jememotár. (No D. B., 2.^a parte, está: jemimotár, desejo ou apetite torpe, apetecer no mau sentido. Também ocorre jememotár.)

ENVERGONHAR — motim motim.

ENVERGONHAR-SE — jemotim.

ENXO' — pororé.

ENXOFAR — jurupari repoty. (Enxofar é o enxofre. Jurupari repoty significa o excremento do diabo, a sujeira do demônio. A proposito de jurupari ou iurupari diz Stradelli: iurupari é o demônio, o espirito mau, segundo todos os dicionários e os missionários, excepção feita do Padre Tastevin. A palavra jurupari parece corruptela de jurupoari, escreve Couto de Magalhães em nota da 2.^a parte do "Selvagem", que ao pé da letra traduziríamos: bocca, mão sobre; tirar da bocca. Montoya traz esta phrase — ché jurupoari, tirou-me a palavra da bocca. Baptista Caetano traduz o termo assim: ser que vem a nossa rede, isto é, ao lugar onde dormimos. Seja ou não corrupta a palavra, qualquer das duas traduções está conforme a tradição indigena e, no fundo, exprime a mesma ideia supersticiosa dos selvagens, segundo a qual este ente sobrenatural visita os homens em sonho e causa afflicções tanto maiores quanto, trazendo-lhe imagens de perigos horríveis, os impede de gritar, isto é, tira-lhes a faculdade da voz. Vide Stradelli, termo Iurupari.)

ENTAM — aeramé.

ENXOTAR — mopú.

ENXUGAR — moticáng.

ENXOVALHAR — momoxi abá. (Momoxi abá diz: fazer suja a pessoa.)

ENXADA — pororé.

ENZOL — pindá. (Enzól é Anzól.)

ENXOGAR ROUPA — mocaçóc. (Esta phrase foi escripta posteriormente a feitura geral do “Caderno”; a tinta é evidentemente diferente. Enxogar roupa vale o enxagoar do D. B., que traduz: mokoçóc.)

E antes do R

ERGUER-SE — puáme. (O D. B. dá: erguer, fazer erguer, mopuáme; erguer-se, jemopuáme.)

ERGUER A OUTREM — mopuáme.

ERVA — capim. (Capim é caá pii, matto fino, folha delgada, etc.)

ERVA DE PASSARINHO — guirá repoty.

ERRAR — jabúi. (No D. B. vem jaby e mais: fazer errar, mojaby.)

ERVILHAS — gandú. (No D. B. está: ervilha, goandú.)

E antes do S

ESCAÇO — cecatyma.

ESCONDER — jomine, cuacú. (No Ms. do M. B. vem: aicuacúb, e numa passagem de catechismo diz-se: aré cuá cúpe abá mbaé.?, escondeste alguma cousa do teu proximo?)

ESCONDER-SE — jomine. (No Ms. do M. B. está anhemime; no D. B. jejomine.)

ESCALDAR — ocái.

ESCALFAR — mocanión aquí.

ESCARAVELHO DE VISTA (?) akitica. (A primeira parte da versão está illegivel.)

ESCALDAR-SE — ocái eté.

ESCALAR PEIXE — imboi pirá. (No D. B. vem: escalar peixe: mobóc.)

ESCAMA DE PEIXE — pirápireira. (Pirá piréra é o correcto, e como vem nos vocabulários. Piréra é a forma preterita de pir ou pira, a pelle.)

ESCARRAR — tenón.

ESCANDALIZAR — mopuaiba abá. (No Ms. do M. B. está: aimoyrón.)

ESCOLHER — parabóc.

ESCREVER — cotiár. (No D. D. e em outros dictionarios está coatiár. O Ms. do M. B. dá: escrever ou pintar, acoatiár ou guatiar; outros dizem aicotiár, sed non bene.)

ESCURECER — mopetúne.

ESCURECER-SE — petúna açú.

ESCORREGAR — ciric.

ESCAPAR — tecó poráng. (Tecó poráng, vem na 2.^a parte do D. B., como traducção de fortuna. Realmente não parece que essa expressão possa significar escapar.)

ESCARAVELHO — enéma, auá.

ESCRAVOS — meaçúba.

ESCAPOLA — itá tiánha.

ESCADA — mutá mutá. (No Ms. do M. B. vem: mytá mytá.)

ESCUMA — tigiá. (No D. B. tyjú.)

ESUTAR — japuacá. (No Ms. do M. B. lê-se: aiepuacá.)

ESCAMAR — piróc. (Piróc significa tirar a pelle, esfolar, descascar.)

ESCASCAR — piróc.

ESCODEIRO — moaçára.

ESFORÇAR — momorantám.

ESFREGAR — cenapúc, kitic.

ESFRIAR — moroiçáng.

ESFOLAR — piróc. (Vide — Escamar —.)

ESGALHO DE ARVORE — çacáng coéra.

ESCARAVATADOR — çánha kiaçába óc.

ESMOLA — tupána potába.

ESMOER — mojió timbú coréra.

ESMORECER — ceonár. (No D. B. vem eacanhémo.)

- ESMEUÇAR — mocurui.
ESPANTAR-SE — canhéme.
ESPARECER — pyá moçaim.
ESPIAR — manhána.
ESPIRRAR — iaçámo.
ESPINHAL — jútúpe.
ESPANTALHO — mocekijéçába.
ESPORAM — çatim pocú.
ESPADA — itangapéma.
ESPERAR — açarón.
ESPREMER — jamin.
ESPALHAR — moçacém, mocém.
ESPREGUIÇAR-SE — ateúng.
ESPINHAÇO — copé cangoéra.
ESPINGARDA — mocába.
ESPINHO — jú.
ESPEQUE — kitám.
ESPELHO — oaruá.
ESPERAR — maranhi.
ESPINHA DE PEIXE — pirá cangoéra.
ESPETO — cešetú. (Evidentemente é tupinisação da pa-
lavra portuguesa.)
ESPERTAR POR SI — opác.
ESPERTAR A OUTREM — mombác.
ESPOZADO — méma potaçába.
ESPOZADA — cemiricó potaçába.
ESPADOA — cembúra tiapé. (No D. B. vem jibá can-
goéra.)
ESPANTAR — mojabáo.
ESCALAVRAR — moperéb. (Mo-peréb, fazer feridas.)
ESQUECER — cecarái.
ESQUECER-SE — jecarái.
ESQUENTAR — moacú.
ESQUIFE — teongoéra rerú.
ESQUADRINHAR — cecár catú.
ESTRABOUXAR — jekii.
ESTORAR — motining.
ESTALO — tiapú.

- ESTÁ BEM FEITO — catú eté.
ESTAMPA — çangába.
ESTILAR — tukir.
ESTENDER — moçaái. (No D. B. vem mocém.)
ESTIMAR — moeté.
ESTIMAR-SE — jemoeté.
ESTRALAR — popóc.
ESTEIRA — peri.
ESTRONDO — tiapú.
ESTERCO — tipoticoéra.
ESTRADA — pé açú.
ESTRELLA — jacitatá. (Jaci é a lua; jacitatá dirá: fogo da lua, fagulhas da lua.)
ESTE — coaé.
ESTE MUNDO — coára úrpe.
ESTALAGEM — óca tembiú meéngába. (A tradução ao pé da letra dará: casa ou local em que se dá comida.)
ESTUDAR — jamboé.
ESTIVE — aicó.
ESTAR OU SER — aicó.
ESTREITAR — moatúc.
ESTURRAR — mopixé.
ESTIO — coaraci ára.
ESTIMAÇAM — moetéçába.
ESTORIA — morandúba.
ESTRANHO — tapijárayma.
ESTREMECER — jemocanhême.
ESTRIPAR — cepoti óc.
ESTRONCAR — purúc.
ESTUDANTE — jemboéçára.
ESTAR BEM — aicobé, aicó catú.
ESTAR MAL — aicó aib.
ESTAR AFLITO — anglicó aib. (O I não existia no tupi, mas foi empregado por alguns vocabularistas por influencia da pronuncia portugueza de termos da lingua geral. Estar afflicto seria ang aicó aib, a alma ter má, ter a alma perturbada, etc.)
ESTAR DOENTE — imaci aicó.

- ESTAR COM CUIDADO — anglicó aicó (?)
ESTAR DESFALLECIDO — maraár aicó.
ESTAR QUIETO — aicónhóte.
ESTAR INQUIETO — çuicuirá.
ESTAR ÇOCEGADO — keririm.
ESTAR ENCALMADO — ceriái eté.
ESTAR SUADO — ciái.
ESTAR FARTO — oapúng.
ESTAR ACENTADO — oapúc.
ESTAR TRISTE — çobáci, apuaiba. (Çobá é o rosto, a face; ci é a dôr, a magua, etc.)
ESTAR ALEGRE — çorib.
ESTAR CANÇADO — conión.
ESTAR BEBADO — çobaipóra.
ESTAR PODRE — tejúco. (Ocorre tambem tyjúco).
ESTADO — tecó.
ESTAR EM PECADO — angaipába pupé.
ESTAR BRAVO — onharón aicó.
ESTAR CHEIO — turucéme.
ESTAR FRIO — çuçáng.
ESTAR EM PÉ — puampuáme.
ESTAR DEITADO — ajenóng.
ESTAR COM SAUDE — aicobé.
ESTAR ROUCO — atimgoáni.
ESTAR ROTA A ROUPA — çororóc.
ESTAR DE ACORDO — jemoçaçui.
ESTAR PENDURADO — nhemojaticó.
ESTRADA DE S. TIAGO — tapirapé.
ESTAR DE JOELHOS — jerupoaim. (No D. B. vem: ojekyi oicó).
ESTAR PRESENTE — roaké.
ESTAR ENFADADO — akeirá.

E antes do T

- E TAMBEM — abé.
ETERNAMENTE — aujeramanhé.
ETERNIDADE — aujeramanhé.

E antes do U e do V

EU — ixé.

EVANGELHO — tupána nheénga. (Tupána nheénga se traduz por: a palavra de Deus, a falla de Deus.)

EVANGELISTA — tupána nheénga cotiaçára. (A tradução dessa phrase será: o que escreve ou registra a palavra de Deus.)

EVAPORAR — pitucéme.

EUCARISTIA — tupána piá. (Tupána piá vale dizer: o coração de Jesus.)

EVIDENCIA — jecuába, cepiáca.

EVITAR — moabáibe.

E antes do X

EXZALTAR — moáme.

EXCOMMUNGAR — joaçáb aiba.

EXZAMINAR — çaáng.

EXPRIMENTAR — çaáng.

EXCAROUÇAR — çainhaóc.

EXTRAMAUNÇAM — jandi caraiba rára. (Extrema unção, no D. B., é apenas jandycaraiba, óleo santo.)

EXORTAR — mombeú catú.

EXCITAR A OUTREM — moacángaiç.

EXEMPLO — paraboçába.

EXEQUIAS — teongoéra moeté.

EXPECTAÇAM — çaronçába.

EXPOR — coameéng.

EXPOR-SE — jecoameéng.

EXTENÇAM — pucurçába. (Deve ser pucuçába.)

F

FABRICAR — monháng, moáme. (Monháng tem innumeros significados no portuguez, dentre os quaes os mais usados são: gerar, engendrar, procrear, crear, formar, fazer, fabricar, produzir, dar á luz, promulgar, proferir, infundir, etc.)

FACA — kicé. (Em textos guaranis vem graphado quicé; é a faca, o instrumento cortante. Baptista Caetano suggere que se componha o termo de quir e hé, isto é, aguçado sahe ou sahido.)

FACAM — kicé açú. (Kicé açú diz: a faca grande, a espada, o facalhão.)

FACADA — cutužába kicé pupé. (Horacio de Carvalho extranhou a phrase tupi porque leu picé em lugar de kicé.)

FACES DO ROSTO — catipú.

FACILITAR — momogoacüeyma. (O sentido do verbo é expresso pela negativa, isto é, fazer grande ou difficil não, não diffcultar.)

FADIGA — anglicó aiba. (Ang aicó aib, a alma ter má. a alma ter maguada.)

FAGULHA — tatá peiá.

FACHO — tori. (Toryb, absoluto de oryb, verbo e adjectivo; ser alegre, alegrar-se. Como substantivo significa a alegria. Em tupi, diz Baptista Caetano, significa o facho, a tocha, etc., e parece ser translação de — o que alegra, clareia, allumia.)

FALA — nheénga.

FALAR — nheéng, monghetá.

FALAR MAL — nheéngaiba.

FALAR POR DETRAZ — nheéngáo.

FALAR LEVIANDADES — nheénga puxi.

FALAR ALTO — nheénga açú.

FALECER — maraár, manó.

FALECIMENTO — teón.

FAMA — cerakéna.

FAMINTA COUZA — kiabóra.

FAMILIA — çocapóra. (Çocapóra vale dizer: os que andam em casa, os que vivem em casa. O D. B. distingue: familia de escravos, ócapóra; familia sem ser de escravos, abá. Realmente abá, além do significado geral — homem — significa também a gente, a pessoa, as creaturas, etc.)

FARINHA — ui. (Tambem occorre cui para significar o moído, o pilado, etc.)

FALTAR — otár.

FALAR GAGO — nheénga puytá puytá.

FABOLA — tenheá.

FAVAS — comendá açú.

FATEIXA — pindá oaçú, tiánha. (Pindá oaçú é o anzól grande, o anzól forte, a fateixa, o arpão, o gancho grande.)

FARTAR — moapúng.

FATO — óba. (O'ba é o que cobre, a roupa, a folha, etc.)

FAVO DE MEL — ira rerú.

FAVORECER — pytibón. (Pytibon, ajudar, auxiliar, proteger.)

FAZER — monháng. (Monháng tanto vale fazer como crear, obrar, edificar, fabricar, etc. Vide D. B. 2.^a parte.)

FAZER A BARBA — cenimbába óc.

FAZER EM PEDAÇOS — mondó mondóc.

FAZER EM PEDACINHOS — mboi mboi.

FAZER EM PO' — mocui. (Mo-cui, fazer pó, pulverisar. E' como vem no D. B.)

FAZER CHORAR — mojaceó.

FAZER FOGO — çapy tatá. (Ferir fogo, como vem no D. B.)

FAZER BEM — recó catú.

FAZER FESTA — monháng toriba. (Mo-t-orib, fazer alegria, tornar alegre, etc.)

FAZER PERDER A OUTREM — moapár. (Mo-apár, fazer torto, tornar torto, entortar.)

- FAZER POUCO CAZO — monçarái. —
FAZER ORAÇAM — tupána monghetá.
FAZER ALEVANTAR — mopuáme. (Mo-puã, fazer alto, elevado, tornar erguido.)
FAZER BRANCO — momorotinga. (Mo-morotinga, como vem em varios vocabularios.)
FAZER NEGRO — mopexúna. (Mo-pexuna, fazer ou tornar preto, escuro. Occorre tambem mopixúna.)
FAZER RIR — mopocá.
FAZER ZOMBARIA — jemonçarái. (Vide — Fazer pouco cazo —.)
FAZER MAL — monháng aib. (Monháng é o verbo fazer, crear, architectar, etc.)
FAZER COMPRIDO — mopocú. (Pocú ou pucú, comprido, longo, estirado, etc. No D. B. é mopecú.)
FAZER TORNAR — moжебúr. (Mo-жебúr, mo-jebyr, fazer voltar, fazer vir para traz, retornar, etc.)
FAZER O GOSTO — cemimotára monháng.
FAZER MOMOS COM A BOCA — momú momúca.
FAZER MOMOS COM O NARIZ — jetimonhi monhinna.
FAZER COCEGAS — mopokeric.
FAZER ANDAR Á RODA — moabác. (Bág é virar, re- virar, etc.)
FAZER-SE VELHO — jemutubaé.
FAZER-SE FORTE — jemocarimbábo.
FAZER GRITAR — moçacéme.
FAZER RELAMPAGOS — tupan ueráb. (Tambem ocorre tupan beráb.)
FANTASMA — tágoaib.
FAZER VERMELHO — mopiráng. (Piráng significa vermelho, avermelhado.)
FAZER LUZIR — mócenapúc.

F antes do E

- FÉ — tupána rerobiaçára. (No D. B. vem: fé catholica, Jesus Christo rerobiaçára.)



FEBRE — tacúba. (Tacúba diz também: o calor, a quentura, etc.)

FEBRE MALIGNA — tacúba aiba.

FECHAR — cequendá. (O D. B. dá: fechar, cerrando, çokendá; fechar atrancando, moantám; fechar os olhos á miud çapomim.)

FECHAR Á CHAVE — mochavi. (Mo-chavi é um hybridismo, pois chavi não é mais que a palavra chave muito mal adaptada á pronuncia tupi.)

FEDOR — inéma. (O D. B. registra: feder, anême; fedor da bocca, jerunéme.)

FEDOR DA BOCA — jurú inéma. (Vide o antecedente)

FEIJAM — comendaí.

FEITICEIRA — maracaibára. (Vide — Bruxa —.)

FEITICEIRO — pajé. (Tambem occorrem as graphias paié, pagé, payé. A's vezes transforma-se em magé e bagé.)

FEITIÇARIA — pajé remimonhángá.

FECHAR OS OLHOS — ceçá pomi. (Vide — Fechar —.)

FEITOR — mbaé monhangára. (Mbaé monhangára é o fazedor de cousas, o artifice de cousas, o creador, etc.)

FEITORIA — mbaé monhangába.

FERIDA — peréba, meréba. (A facilidade com que se permutavam as labiaes p, m e b provocou as formas peréba, meréba, e beréba, correntemente encontradas nos vocabularios.)

FERIR — moapixába.

FEIXE — mamán. (Mā significa atar, ligar, amarrar, enfeixar; rolo, liame, feixe, etc.)

FENDA — jicaçába, bocába. (Bóc ou bóg significa abrir, rachar, fender, rasgar, etc.)

FÉL — pyá piára. (O D. B. dá: pyápegoára ou pyápoára.)

FEMEA — cunhám. (E' o designativo geral do sexo feminino.)

FENDER COM CUNHAS — mobóc cunha pupé. (A palavra cunha, interposta entre as outras tupis, é, como se vê, palavra portugueza.)

FERIR FOGO — moár tatá. (Mo-ár significa fazer nascer, provocar a vinda, a ecclosão, etc.)

FERREIRO — peireirú. (E', evidentemente, tupinisação da palavra ferreiro.)

FERRO — itá. (Itá, de uma forma geral, corresponde ao objecto duro, á cousa rija, etc.)

FERRO DE CANOAS — itacira. (O D. B. dá tacyra.)

FERVER — pupúr. (Pupúr é verbo onomatopaico, e vale ferver, borbotar, etc. Diz-se: y opupú, a agua ferve; i pupú, o ferver ou o ferver della; opupú, seu ferver.)

FERMOZA — poráng.

FERRAR O AGUILHAM — japi. (O D. B. dá também: ferrar o aguilhão, japy ou cotúc.)

FERRUGEM — cepoti, itakiá.

FESTA — ára moeté pyra.

FESTEJAR — morib cecé.

FESTA GRANDE — toriba açú. (Toriba vâle: a alegria, a satisfação, etc.)

FERVEDOURO — ipupure. (Vide — Ferver —.)

FERROLHO — okéna moantançába. (A phrase equivale a: o modo de tornar a porta forte.)

F antes do I

FIADO — nimbó. (Fiado no sentido de tecido, feito de fios.)

FIADO FINO — nimbó poi. (Nimbó ou inimbó, fiô, barbante, cordel, etc.)

FIADO GROSSO — poaçu.

FIAR — pomâne.

FINA COUZA — poi catú.

FICAR — putá. (Pytá e mbitá significam ficar, restar, ficar, e provem, segundo Baptista Caetano, de py, os pés, e táb, pousar. Como substantivo pode significar o calcanhar.)

FIDALGO — moacára eté.

FIDELIDADE — cerobiáçaba.

FIGADO — pyá coréra.

FIGURA — çangába. (Çangába significa também o signal, a marca, a sombra, o lembrete, etc.)

FILEIRA — tici.

FILHO DO HOMEM — taira. (Taira ou tair, como vem na Conquista, é o absoluto de ayr, o emanado, o derivado, o fluído. Significa também o filho, do homem. Como adjectivo vale: pequeno, tenro, etc. O futuro e o preterito eram usados em dizeres como: che rayré-rirú ou cheray-rirúcué, a que foi mãe de meu filho. Vide Baptista Caetano, Vocabulario, 476.)

FILHA DO HOMEM — tagira.

FILHOS DA MULHER — membúra. (No D. B. vem membyra. Membyr participio passado, vale: introduzido, impregnado, gravidado, gerado, produzido. Como substantivo significa o filho, em relação a mulher, que diz: ché membyr, o gerado em mim.)

FIM — cicába, papába. (Papába, a conta, a numeração, a contagem. Também occorre papaçába.)

FINALISAR — mombáo.

FINAR-SE — maraár.

FINCAR — jaticá.

FINCADA COUZA — jaticá pyra.

FINGIR — moáng. (Mo-áng, fazer signal, fazer marca, etc.)

FINALMENTE — coité.

FITA — pitá. (E' palavra portugueza tupinizada. A troca do f por p é natural, pois o primeiro não existia na lingua geral.)

FITAR OS OLHOS — ceçá cyca.

FIGUEIRA BRAVA — imbáiba. (Este verbete foi accrescido ao Ms. após a sua conclusão: a tinta e o talho da letra divergem do conjuncto.)

F antes do O

FOGAREIRO — tatá púnha rerú. (No D. B. vem: tatá-pynha rendába.)

FOGO — tatá.

FOGUETE — tatá çururúca. (Çururúca, de çururúc, verbo evidentemente onomatopaico.)

FOGIR — jabáo.

FOGITIVO — jababóra. (Jababóra é o que tem o habito de fugir, o que foge continuamente. Tambem occorre canhem-bóra.)

FOI AO FUNDO — oçó ipupe.

FOI-SE — oçó áñne.

FOLGAR — jemorib. (Jemorib vale dizer: alegrar, divertir-se.)

FLOR — botira, putira. (Botira, potyra e putira são formas correntes nos vocabularios.)

FOLGO — pitucême. (Folgo está por Folego.)

FOLGO, ainda bem — jamurú catú. (O D. B., 2.^a parte, registra: jamurú catú, bem empregado, ainda bem que assim te succedeu, foi muito bem empregado, etc.)

FOLHA DE ARVORE — çóba. (De óba, a veste, a cobertura, a bainha, etc.)

FOME — jemaeci.

FORTE — ygpe. (Ygpe ou ype significa na agua, em a agua, no rio, na fonte, etc.)

FORA DE CASA — ocára çui. (Ocára é o pateo, o terreno junto á casa.)

FORA — ocára. (Vide antecedente.)

FORNO — japúna.

FORNALHA — tatá coára. (Tatá coára significa o buraco do fogo, o lugar do fogo, o abrigo do fogo.)

FORÇA — parantám. (No D. B. vem pyrantança.)

FORÇA — porojucaçára. (Porojuçáçara diz: o matador de gente, o algoz, etc.)

FORTALEZA DOS SOLDADOS — mocabóca. (Mocáboca, casa das espingardas, deposito de espingardas.)

FORTALECER — jemoporantám.

FORMIGA — taciba.

FORMIGAM — çaúba.

FORNICAR — minón.

FORNICADOR — minonçára.

FORNICADOR — cunham ropiára. (No D. B. minonçára apenas; cunham ropiára traduz F. A.; em outro passo, por amigo de mulheres.)

FORRO — tagoára.

FORCADO — amburá combú. (Ybyrá camby, páus em forquilha.)

FORTUNA — tecó poráng. (Tecó poráng, em rigor, exprime: situação bonita, condição bonita, etc.)

F antes do R

FRACA COUZA — membéc. (Membéc é molle, fragil, tenro.)

FRADES — páy. (Vide — Adam —.)

FRADE LEIGO — páy apina. (Apina significa raspado, liso, etc; allusão por certo, ao corte especial dos cabellos. Vide — Leigo —.)

FRADE DE S. FRANCISCO — páy tocúra. (Tocúra ou tucúra, o gafanhoto, allusão ao capuz do habito.)

FRAMENTOS — cembúra. (No D. B., fragmentos, cembyra.)

FRANCELHO — guirá açú, caboré. (Guirá açú vale o passaro grande; caboré ou caburé é o *glauclidium brasilianum*. Gm. Fam. Bubonidae.)

FRACO — petúba.

FRANCEZ — tapyá tinga. (Essa expressão deve-se traduzir por: estrangeiro ou inimigo branco.)

FRANZIR — móapixaim. (Mo-apixaim, fazer crespo, tornar encaracolado, enrolado.)

FRAUTA — mimbú mirim. (Tambem occorre memby.)

FREXA — úba.

FREXAR — jabón.

FREXA ERVADA — úbaci. (Uba-cy, frecha que magôa, que faz doer, que provoca a dôr.)

FREXEIRO — jabonçára.

FRIO — toig, tiguí, çoçáng.

FRIA COUZA — roiçáng.

FRIGIR — mopiriric. (Mo-piriric, fazer frigar, torrar, tornar crepitante.)

FRITA COUZA — piririca eté. (Piririca, de piriric, verbo onomatopaico.)

FRONHA — acangapába rerú. (Acangapába é o travesseiro, o pouso da cabeça. Rerú é o continente, o que guarda o que supporta.)

FRUITA — iá, uuá. (Tambem ybá, de yba á, que vem da arvore.)

FRUITO TER — iá.

FRIO DE FEBRE — tetic.

F antes do U

FUMO — tatátinga. (Tatátinga é o fogo branco, a fumaça, o fumo.)

FUMEGAR — tatátinga. (Vide antecedente.)

FUNDO — tipú. (De ypy, a base, o fundo, a raiz.)

FUNDO FAZER — motipú. (Mo-tipú, fazer fundo.)

FUNDO DE AGULHA — aui apuçá. (Aui ou abi é o cabellino, a cousa fina como cabello, a agulha.)

FUNIL — çururúçaba.

FURAR — mombácába. (Linhas abaixo F. A. escreve mombucába, mais correctamente. Furar deve ser mombúc.)

FURO — apúc, mombucába. (Vide — Furar —.)

FURADA COUZA — mombúc pyra. (Pyra é suffixo de participio.)

FURADOR — mombuçára.

FUZILAR — moartatá. (Mo-ár-tatá, fazer nascer fogo, ferir fogo, como vem no D. B.)

FURIA — nhemoirón, maramotára.

FURIOZO — maramotára, angaiba. (Angaiba e a alma má, a alma doente, maguada, etc.)

FURTAR — mondá.

FURAR — mombúc. (Mo-mbúc, fazer furo, tornar furado.)

FURTO — mondá coéra.

FURUNCHO — itii, cuniba (?). (A segunda palavra tupi está illegivel; parece ser cuniba ou curiba.)

FUZIL — tatá móacába. (Talvez tatá móacába, fogo que faz disparar ou fogo que faz ferida.)

FUZO — uyma.

FUSCO — pexúna catú. (Pexúna significa escuro, ennegrecido, etc.)

FRUITA — il nu. Também yba de yba é, que vem de

(arvore)

FRUTO TIA — ia.

FRIO DE FEBRE — tene

F antes de U

FUMO — tatáinga. (Tatáinga é o fumo branco, fumada.

FUMEGAR — tatáinga. (Vide antecedente.)

FUNDO — yba. (De yba, o fundo.)

FUNDO FAZER — motá. (Motá, fundo.)

FUNDO DE AGULHA — ani apuá. (Ani ou ani é o co

bellinho a cores, fins como cabelo, a

FURAR — has apaxo T. (Fur

ombucába. (Fur, corretamente, furar, o furar, o furar.)

FURO — yba, momincába. (Vide - Furar)

FURADA COUZA — momé é yba. (Fura é couza)

(participio)

FURADOR — momincába.

(Mo-á-tatá, fazer nascer fogo.

fur logo, como vem no D. B.)

FURIA — nhemoitón, m

FURIO — mártototá, angáiba. (Angáiba é a alma má,

a alma doente, marta

FURTAR — momé.

FURAR — momé. (Mo-mé, fazer

fur

FURUNCHO — itil, curúba (?). (A segunda curúba, itil)

está ilegível; pai : set curúba ou curúba.)

GABAR — *nheénga catú cecé*. (A phrase corresponde a: fallar com palavras boas, fallar por bem, de modo agradável.)

GADANHO — *tiápha*.

GAFANHOTO — *tucúra*. (Tambem occorre *tocúra*.)

GAFEIRA DE CAM — *jaguára curúba*.

GAGUEJAR — *nheénga putá putá*.

GAITA — *mimbú*. (Tambem occorre no D. B. *memby*.)

GAITEIRO — *mimbúcara*.

GAIVOTA — *aty aty*.

GALA DE OVO — *çopiá táira*.

GALANTARIA — *nheénga poráng*. (*Nheénga poráng*, falla bonita, palavreado agradável, etc.)

GALANTEAR — *mojarú*.

GALARDAM — *cepy meéngába*. (A phrase vale: dação do preço, pagamento do preço, a dadiva correspondente ao preço.)

GALO — *çopocáia apuába*. (No Ms. está realmente escripto *çopocáia*, graphia confirmada pela versão que vem em seguida para gallinha. E' sabido, porém, que a designação do gallo foi pelos tupis tirada do verbo *çapucái*, gritar, clamar, etc. *Çapucáia* corresponde a gritador, o gallo propriamente, e não a gallinha. Para evitar confusão é habito dizer-se *çapucáia apyába* e *çapucáia cunhã*, gallo macho e gallo femea.)

GALINHA — *çopocáia*. (Vide o antecedente.)

GALINHEIRO — *çopocáia róca*. (*Çopocáia róca* é: casa de gallos ou, de forma geral, casa ou abrigo de gallinhas. Vide — Galo —)

GALO DE CABEÇA — *acánga pungá*. (*Pungá* é a excrescencia, a protuberancia, o callo, o caroço, etc.)

GANHAR — jár.

GANHO — joapira joréb. (No D. B. vem morepy.)

GALANTE — iporáng.

GARGANTA — ajúra.

GARGANTILHA — ajúra oára.

GANIR — çacéme, jaceó.

GARÇA — oaçára. (O D. B. dá Acará.)

GANCHO — tiánha.

GASTAR — mombáo.

GATO — bixána. (No D. B. vem pixána. Parece ser tupinisação da palavra portuguesa bichano.)

GAVIAM — guirá açú. (Guirá açú diz apenas o passaro grande; ha, no entanto, innumeras designações especiaes para indicar os varios gaviões do Brasil.)

GARGALEJAR — mococaoaçára.

GASTAR — mococáb. (Linhas acima F. A. havia registrado mombáo. O D. B. dá: gastar, mombáo; gastar desperdiçando, mococáo; gastar mal o tempo, teém ára omombáo.)

GASTAR MAL O TEMPO — mombáo tenheté ára.

GASTO — mococába.

G antes do E

GEAR — yçapú.

GEMA DE OVO — çopiá tagoá. (No D. B. está: çopiá taguá.)

GEMEOS, irmãos — icóin mandú.

GEMER — çacéme. (Vide — Ganir —.)

GEMIDO — ambú. (Talvez de emb e bu, o som do ôco. do nariz, da bocca, etc.)

GENTE — mira. (No D. B. vem myra.)

GENGIBRE — mangaratáia.

GENRO DE MULHER — peyma.

GENRO DE HOMEM — tagyra ména. (O D. B. dá: genro de varão, tayumena.)

GENTIO — tapúa etá. (O D. B. dá: tapya caá póra, isto é, inimigos do matto, inimigos moradores do sertão. Tapyiyi,

diz Baptista Caetano, exprime: multidão das choças, o vulgo das choças, plebe; os escravos ou prisioneiros de guerra, os inimigos, os selvagens; **tapy**, participio de **tár**, **tomar**, **comprar**, **colher**, **eyi**, **multidão**, **turbã**. Logo, a turba dos apanhados, dos prisioneiros. Em tupi **tapuya** diz o gentio, o selvagem, etc.)

GENGIVAS — cemuiira.

GENERAL — moroxába oçú. (O D. B. dá: general, **morobixába oçú**.)

GERAÇAM — poromonhanga. (O D. B. dá: geração ou linha, **japycá**; geração, multiplicação, **póro monháng**.)

GESTOS — mocatác catác.

G antes do I

GIBAM — garina. (No D. B. **guarina**.)

GINETA — pococába.

GIOLHO — cenapuá.

G antes do L

GLORIA — tupána reroriba. (Tupana reroriba vale: alegria de Deus, alegria divina.)

GLORIAR-SE — morib. (Morib significa também tornar alegre, tornar festivo, etc.)

GLORIOSO — toriba jára. (A expressão tupi significa: dono da alegria, senhor da alegria.)

GLORIA, fama — cerakéna.

G antes do O

GOLOZO — tiára.

GOLOTAM — tiára oçú. (Tiára oçú, o guloso grande, o que come muito.)

GOLPE — mondocába.

GOMA — cica. (No D. B. vem **ycyca**.)

GORDURA — cába.

GORDA COUZA — kirá (Kirá, ou melhor, quyrán significa: gordo, viçoso, reluzente, nedio. Mbaéquyrán é a manteiga, o sebo, a gordura, a banha.)

GORGOMILHO — curucába pói. (No D. B. está: curucába ipui oaé.)

GORGALEZAR — çororóng. (Evidentemente onomatopáico.)

GORGULHO — taçóca, corém. (O D. B. registra apenas çaçoca.)

GOSTAR DE COMER — cé catú.

GOSTAR DO COMER — çaáng.

GOSTO — cé. (O D. B. diz: gosto, hum dos cinco sentidos çaáng.)

GOVERNADOR — moroxába açú. (Vide — General —.)

GOVERNO — tecó arecó.

GOVERNAR O LEME — ojecó jacumá.

GOVERNAR-SE — jemocoár.

GOVERNAR — goerecó.

G antes do R

GRAÇA — çobá catú. (A phrase diz: rosto bom, face boa, boa apparencia, etc.)

GRAÇAS A DEUS — cobé catú tupána çupé. (Cobé catú, ou, como vem no D. B., cubé catú, vale gratificar, dar graças, etc. A phrase cobé catú tupána çupé diz, portanto, graças dar Deus a, ou, dar graças a Deus.)

GRAÇA DA ALMA — ánga recobeçába.

GRAÇA NO FALLAR — nheéng poráng.

GRACEJAR — mojarú.

GRAL — induá. (O D. B. dá: enduá merim, isto é. pilão pequeno.)

GRATIFICADOR — cobécatuçára.

GRETAR — bók. (Bók, rachar, fender, abrir, rachar, etc.)

GRETAS DOS PÉS — py bók.

GRELHA — itá giráo.

GRITAR — çacéme.

GRITAR, chamando — çapocái. (Tambem occorre çapucaí.)
GRILHAM — itá mondé. (Vide — Algemas —.)
GRILLO — ikijú. (No D. B. okyjú.)
GRANJEAR A VONTADE — mopiá catú. (O D. B. dá:
granjear a vontade a alguém, mopyá catú abá çupé.)
GRANDE COUZA — turuçú mbaé.
GROSSO — pó açú, anamoçú.
GRUDE — mocicába. (Cica é a resina, a colla, o adherente.)
GRUDAR — mocic. (No D. B. mocyca.)

G antes do U

GUARDA — manhana, çaronçára.
GUARDAR — mongatú.
GUARDA ROUPA — mbaé mondepába.
GUARDAR-SE — jepeá.
GUERRA — goarani.
GUERREIRO — goaranoára.
GUARDANAPO — pocipába.
GULA — mbaé úeté (?) (A segunda palavra está quasi illegivel; ueté é como vem no D. B.)
GUIA — pé caneonçára. (Vide, linhas abaixo, — Guia —.)
GUELLA — curucába.
GUIA — pé jára. (Pé jára significa: o senhor dos caminhos, o conhecedor dos caminhos.)
GUIAR — emboé pé. (Emboé ou mboé é ensinar, explicar, etc; pé é o caminho.)
GUELRAS DE PEIXE — cenacuiira. (No D. B. está: guelras de peixe, pyrá curucába.)



H

HAI -- acá. (O D. B. dá: hai!, interjeição dolorosa; acái ou acagoá ou acá.)

HE POSSIVEL -- tecatunhégui.

HE ZOMBARIA -- anheraupé.

HE VERDADE -- çupi, anhé.

HADE ÇOCEDER -- xoéri.

HA JÁ MUNTO TEMPO -- erimbaé oáanna.

HIPOCRIZIA -- angaturáma moáng.

HISTORIA -- morandúba. (Tambem ocorre **porandúba**.)

HOJE -- ogi. (**Ogi** é evidentemente adaptação da palavra portugueza -- hoje -- ao tupi.)

HOJE, de presente -- cuúr.

HOJE, de preterito -- ogi. (Vide -- Hoje --.)

HOJE DE FUTURO -- caúr cori. (**Cori** ou **curi**.)

HOJE DE LA MANHAN -- ogi bé. (Hoje de manhã.)

HOJE Á NOITE -- cori petúnaramé.

HOMBROS -- atiyba. (No D. B. vem tambem **jubã pe-cânga**.)

HUM -- ojepé. (O D. B. registra **iepé** e **ojepé**.)

HUMA VEZ -- ojepei. (No D. B. está: **jepé yi**.)

HUM SOMENTE -- ojepénhó.

HOMEM -- apyába. (**Apyába** com mais propriedade significa o macho.)

HOMEM NOBRE -- moacára eté. (O D. B. dá abá moacára.)

HOMEM VIL -- abá imoetéyma.

HOMEM SEM VERGONHA -- abá timyma.

HOMEM RICO -- tajúba jára. (**Tajuba jára**, isto é, **itajúba jára**, significa o senhor do ouro, o dono do ouro, o que possui ouro.)

HOMEM SOLTEIRO — mendaçárayma. (Mendaçarayma vale por: homem casado não.)

HOMEM CAZADO — mendaçára.

HOMEM TOLO — cuáyma. (Cuáyma diz: sem entendimento, sem sabedoria, ignorante.)

HOMEM VELHACO — abá puxi.

HOMEM MÁO — abá aiba.

HONRRAR — amoeté. (Mo-eté, fazer verdadeiro, tornar legitimo, dignificar, etc.)

HONRRADA COUZA — moeté pyra.

HOSPEDE — piregoára, mombác. (?) (A segunda palavra está quasi illegivel; parece-nos ser mombác.)

HOMECEIDA — pórojuçáçára.

HOMECIDIO — porojucá.

HONESTA COUZA — poráng.

HONRRAR OS DEFUNTOS — teongoéra moeté.

HONTE — coicé.

HORA — ára rangába. (Ára rangába é a marca do tempo, o signal do tempo.)

HIR — açó. (No infinito có ou ho como dizem os guaranis.)

HIR BUSCAR — açó piarámo.

HISOPE — yg cariba çuputáb. (No D. B. está: yg caryba cepuitába, isto é, borrifador de agua benta.)

HUM QUASI NADA — mirinhóte.

HUM DE NOS — ojepé iandéçui.

HUMORES — çuguú aiba. (No D. B. está: tugui ayba.)

HUMILDADE — jemoetéyma.

HUMILHAR-SE — jemoetéyma. (Jemoetéyma, sem honrar-se, sem dignificar-se, etc.)

J ou I

JÁ — oáñne.

JÁ AGORA — curi oáñne.

JÁ HA PEDAÇO — ogibemirim.

JÁ HA MUNTO TEMPO — erimbaé oáñne.

JÁ ME VOU — jaçó áñne, taçó ranhé.

JÁ FOI — oçó áñne.

JÁ NAM QUERES — nitiu áñne repotár.

JANELLA — janéra. (Janéra é simples tupinisação de janella.)

JANTAR — janára. (E palavra portugueza.)

JARDIM — botira túpe. (Em outros vocabularios occorrem expressões diversas. Stradelli dá **potyra tendáua** e **potyra-tyua**; Sampaio dá **potyra rendába**, collecção de flores, etc.)

JAZER — jenóng.

JAZIMENTO — jenongába.

JAZIMENTO DE MORTOS — teongára túpe.

IÇAR — ceki ibaté keti.

IDA OU PARTIDA — jepabóca, çoçába. (No D. B. está: ida. partida, **japabóca**, çó.)

IDADE — cetá acajú. (No D. B. vem: **acajú cetá**, isto é. muitos cajús, muitos annos. A' proposito diz Stradelli: **acajú** ou **acaiú** significa o anno e mais raramente a fructa do cajú. O nome dado ao anno parece que lhe veio pelo facto de contarem os mezes, que o formam, de um amadurecimento a outro do cajú selvagem. O anno, ainda hoje, em muitas tribus é dividido em luas, designadas pelo nome da fructa que nella floresce, do peixe que nella apparece. Embora conheçam com agrupamentos e nomes diversos as costellações zodiacaes, todavia nunca ouvi servirem-se dellas para indicar o mez ou a estação; servem-se dellas exclusivamente para regular-se e conhecer as horas da noite.)

IDÉA — çangába.

IDIOTA — coáb yma. (A expressão traduzir-se-á melhor por ignorante, bronco, etc. Também ocorre cuáyma.)

JEJUM — jecuacúba.

IGNOMINIA — cerakéna aiba, jerotim.

IGREJA — tupána róca. (Tupána róca, casa ou abrigo de Deus.)

IGUARIA — tembiú.

ILHA — campán. (No D. B. vem caápoám.)

ILHO — coára. (Coára é o furo, o buraco, o esconderijo.)

ILHARGA — opém, uikéo. (O D. B. dá: ilharga, iké; ilharga de qualquer cousa, çobaixára.)

IGNOURANTE — coáb yma. (Vide — Idiota —)

IGUALAR — mojababé. (No D. B. está mojababé.)

aj phoobosakí

JEJUM & STENEL

I antes do M

IMAGEM — çangába. (Para designar a imagem sagrada ocorre tupána çangába, imagem de Deus.)

IMAGINAR — jepyá monghetá.

IMAGINAÇÃO — jepyá monghetaçába.

IMBIGO — piruá. (No D. B. vem poruam.)

IMITAR — çaáng. (Imitar, fingir, figurar, apparentar.)

IMPACIENCIA — coçangeyma.

IMPOSSIVEL — jejumá eyma.

IMPINGEM — oaurána.

IMPUTAR — jamondár.

IMPOR — ytic cecé.

IMPORTUNA COUZA — moajupára.

IMPORTUNAR — moajúc.

IMPREMIR — mojár. (Mo-iár significa: fazer encostar; fazer unir, juntar, etc.)

IMPRUDENCIA — ácuáb yma. (Vide — Idiota —).

IMPIEDOZA COUZA — moreauçába.

IMPEDIMENTO — moabaipába.

I antes do N

INCENDIO — tatá oacú puáme. (O D. B. dá apenas: tatá açú, fogo grande, fogueira, etc. **Tatá oacú puáme** vale dizer: fogo grande erguido, chammas que se levantam, etc.)

INCERTA couza — maiané oicó, araneyma... (A segunda palavra da segunda phrase está illegível.)

INCHAÇO — pungá. (O D. B. dá inchaço e inchação, istz é, pungá oçú.)

INCLINAR-SE — moapáre. (Mo-apára significa, fazer torto, entortar, encurvar, etc.)

INDURECER — moatán. (Mo-atân, fazer duro, tornar rijo, etc.)

INDUZIR — moacángaiib. (Mo-acáng-aib, fazer a cabeça má, tornar má a cabeça, transtornar a cabeça, virar a cabeça, etc.)

INFERNO — jurupariratá, anhangaratá. (O D. B. registra apenas **jurupari ratá**, isto é, fogo do 'diabo. E' interessante o registro dessas duas expressões por F. A.)

INFERNAES — anhangaratá póra. (A phrase diz: o habitante do fogo do diabo, o que vive nas **chammas infernaes**.)

INGULIR — mocóne. (E' como vem no D. B.).

INFIAR AGULHA — cecegón. (O D. B. dá: enfiar, oçacibón.)

INJURIA — momoxicába. (Injuria traduz-se por momoxi, isto é, fazer maldade, tornar feio, etc.)

INJURIAR ALGUEM — jemotimçába. (Motim significa envergonhar, fazer envergonhar-se, corar, etc.)

INJURIA — jemotimçába. (F. A. já havia registrado o termo linhas acima, mas evidentemente com outro sentido.)

INCREDOLO — jerobiár eyma. (Jerobiár, na 2.^a parte do D. B., apparece com os seguintes significados: presumpção, soberbia, jactancia, etc. **Jerobiár eyma** dirá: sem soberbia, sem presumpção, etc.)

INOCENTE — maram eyma. (Marã eyma significa: sem macula, sem mal, sem doença, intacto, virgem, etc.)

INVEZIVEL — jecuéb eyma.

INVERNO — amána ára. (Amána ára traduz-se por: tempo de chuva, época das chuvas.)

INVEJA — mbaé catú moaci.

INIMIGO — çobajána. (O D. B. traz çobayána; Stradelli registra: suanhána, suainhána e suaiána.)

INQUIETAR — moacánguib. (Mo-acáng-aib, fazer mal a cabeça, transtornar a cabeça. Vide — Induzir —.)

INTEIRA COUZA — oetépe.

INTELIGENCIA — tecó coáb. (Tecó coáb exprime: estado de sabedoria, consciencia, etc.).

INXO' — pororé.

INCHADA — pororé. (Inchada é enxada.)

INTEIRIÇADO — çantambúc.

INTERCEDER — monghetá, jururé.

INDULGENCIA — tupána nherónçába. (Nhironçába é o perdão, a remissão. Tupána nherónçába vale, pois: o perdão de Deus, etc.)

J antes do O

JOELHO — jenupyá.

JOGO — jemonçaraitába.

JORNADA — oatácába. (Atá é andar, caminhar, oataçába diz a caminhada, a andadura, etc.)

JORNAL — porepy. (Jornal vale aqui diaria, dia de trabalho.)

JORNALEIRO — moraubickiçára. (No D. B. vem: moraukyçára, isto é, o trabalhador, o operario, etc.)

I antes do R

IR — açó. (Çó é a forma nua do verbo.)

IR TER COM ALGUÉM — açó abá puri. (No D. B. está: ir ter com alguém, açó abá pyr.)

IR Á PÉ — pé rupi açó. (Evidentemente houve engano de F. A.; a phrase deverá ser ypy rupi oçó como vem no D. B.)

IR DE DIANTE — tenondé oçó.

IR ATRAZ — çokakeira oçó. (Deve ser çokakéra, pois çokakeira já é aportuguezamento da palavra.)

IR AO FUNDO — oçó ipúpe. (No D. B. vem: ypype oçó. Ypype ou ipúpe.)

IRA — nhemoironçába. (No D. B. está nharonçába.)

IRAR-SE — nhemoirón.

IRMAM A IRMÃO — kibúra. (No D. B. vem kevira, isto é, irmão da mulher. Os vocabulários fazem uma verdadeira confusão quando querem precisar as denominações empregadas para distinguir as relações que existem entre irmãos. O Ms. do M. B. registra o seguinte: irmão da mulher, **cuyra**; irmã do varão, ou prima, **tendyra** v. g. **xerendyra** minha irmã; irmão do varão, **mú**, v. g. **xemú**, meu irmão; irmã da mulher, **amú**; v. g. **xeamú**, minha irmã. O D. B. dá: irmã de femea, **amú**; irmão de varão, **tendyra**; irmão da mulher, **kevira**; irmão, **mú** ou **cemú**. Stradelli dá: irmã, **rendyra**; irmã da irmã, **ikiuira**; irmão, **mú**. Barbosa Rodrigues, estudando os graus de parentesco por consanguinidade, registra: irmão, **tikeyra**, de **yké**, ou **ykey**, lado flanco, etc.; irmã, **tendyra**, de **tendy**, a que está junto: irmão, **mú**, irmã, **tikéra**, de **yké-ikér**, a que procedeu. **Tikeyra** e **tendyra** referem-se ao ramo paterno, e **mú** e **tikéra** ao ramo materno.)

IRMÃO A IRMAM — cerandira. (Vide antecedente.)

IRMAM A IRMAM — amón. (Vide antecedente.)

IRMÃO A IRMÃO — amón. (Vide antecedente.)

IRRA — cúc.

IRREVERÊNCIA — jemoetéyma.

IRRITADA COUZA — monharómbyra. (Byra, ou melhor: **pyra**, é suffixo de participio passado.)

IR POR FORÇA — açóacirupi. (Aci que F. A. emprega com o sentido de força, significa dor, magua, doença, etc.)

I antes do S

ISCA DO ANZÓL — pindá potáua. (Pindá potáua exprime realmente a isca. **Potába** é a dadia, a efferta, o presente, etc; **potáua** é a forma característica do tupi amazonico.)

ISCA DO FOGO — tatá potáua. (Tatá é o fogo. Vide anterior.)

ISSO DESSA SORTE NÃO PRESTA — aé nongára nitíu catú.

ISSO ASSIM HE — anhé racó, aeipó.

ISSO NAM — aé nitíu. (No D. B. vem: aé nitio.)

ISSO MESMO — aé intinhé. (O D. B. dá: imoaé tenhé.)

ISSO ASSIM — aé tinhé.

J antes do U

JUBILO — toriba. (O D. B. registra turyba. Oryb é alegrar, festejar, clarear, dar brilho, etc.)

JUIZ — tecómonhangára. (Tecó monhangára equivale a: official da lei, o autor das leis, etc.)

JUIZO — acánga catú. (Acánga catú, cabeça boa, intelligencia, sizo, etc.)

JUNTA — jepotaçába.

JUNTAR — çainháng.

JUNTO — çoaké.

JUNTURA — jepotaçába. (Vide — Junta —.)

JURAR — tupána renói. (O D. B. dá: tupána réra ocenói.)

JURAR FALSO — tupána renói jereragoáia. (No D. B. lê-se: jurar falso, **jereragoáya rupi tupán réra ocenói.**)

JUNTAMENTE — irunámo.

JUSTAMENTE — çupi rupi.

JUSTIFICAR — moçupi catú. (No D. B. vem apenas moçupi.)

L

LÁ MESMO — aépe. (Baptista Caetano diz: aépe ou épe, adverbio, em outro, lá, no mesmo, na mesma. Como tem-se ã, este, épe, tu, comprehende-se como em tupi dizem aépe ahi, onde dizes ou estás.)

LÁ DESSA PARTE — aé çui.

LABAREDA — tatá cendi. (A expressão diz: fogo brilhante, fulgurante, resplandecente.)

LABÉO — meoçába. (No D. B. vem moryçába.)

LABREGO — caápóra. (Caápóra, como já tivemos occasião de dizer, vale por: morador do matto, que anda pelo matto, rustico, selvatico. etc.)

LAÇO — juçána. (Çã e çam, como substantivo, significam: corda, liame, articulação, juntura, fio, seguimento, etc. Como adjectivos dizem: amarrado, preso, ligado, continuo consecutivo.)

LAÇADA — i: apotimçába.

LACRÃO — jabagira. (Em Stradelli vem: yauyra, yauaieira e suraiú. Esta ultima designação está alterada na 2.ª parte do vocabulario, onde se lê surain.)

LADO — çobaixára.

LADINO — coápára. (Coápára significa o que sabe, o sabedor, o sabido. Tambem occorre cuápára.)

LADRAM — mondábóra. (Mondar, furtar, provêm ou do verbo transitivo tár, com o prefixo mo, ou desse mesmo verbo suppondo-se mó — pó, mão, paciente, isto é potár colher a mão. E' no tupi, diz Baptista Caetano, que se acha mondár; em guarani mundá.)

LADEIRA — ybytúra, ybyáma. (Ybytúra ou ybytyr é a terra levantada, a serra, o monte, montanha. Ybyáma diz, tambem, terra erguida, barranco, ladeira, terra a pique.)

LADRAR O CAM — çacéme jaguára.

LAGARTO — je... arú, carúarú. (O final da primeira palavra está illegível. No D. B. encontram-se: lagarto, tejú; lagarto grande que come ovos. **jacaré arú**; lagarto dos braços, **jubá goabyrú**.)

LAGO — ygpáo. (Vide — Aguas Vivas —).

LAGOA — **ygpába** é o pouso, a pousada da agua, o lugar em que a agua se accumula.)

LAGRIMA — ceçáy. (**Caçá** é o olho, os olhos; **y** a agua, o liquido, o summo, etc. **Ceçáy** diz: agua dos olhos.)

LAGRIMEJAR — ceçá tukire. (No D. B. lê-se: **ceçá ryçururú** ou **uçá tykyr**. **Tukire** e **tykyr** significam mamar, distillar, gottejar, correr, pingar, etc.)

LAMA — tejúco. (No D. B. e em outros vocabularios occorre tambem **tyjúca**, isto é, a agua estragada, pôdre, etc.)

LAMBER — ceréb.

LAMBIQUE — motykiçába. (Lambique por alambique. **Mo-tykyrçába**, isto é, lugar de fazer distillar, onde se distilla, onde se faz pingar, etc.)

LAMENTAR — çapirón.

LAMENTAR-SE — jeçaipirón.

LANÇA — itámina. (A palavra está mal graphada; deve ser **itácamin** como se encontra no D. B., 2.^a parte.)

LANÇADA — cotuçába miná pupé. (?) (Em lugar de miná deveria estar, naturalmente **itámina**, a lança segundo F. A.)

LANÇAR FÓRA — momboré, mocéme. (No D. B. **moni-bóre**.)

LANCETA — çuguyóc çába. (A expressão significa: o modo de cortar a veia, o objecto com que se cortam ou abrem veias, arterias, etc.)

LANCETADA — çuguyóc rendába.

LÁ MESMO — aépe. (F. A. já havia registrado a phrase logo no começo dos termos iniciados por **L**.)

LÁ VAI — abucói

LANÇAR POR TERRA — aitic. (No D. B. encontram-se as seguintes expressões: lançar fôra, **mombóre**; lançar por terra, **ytyc**; lançar em rosto, **çobápeoitica**; lançar a bem, **nitio ojemoirón cecé**.)

- LANÇOL — jaçuicába. (Jaçui é cobrir, abafar, etc.)
- LAPA — yby coára. (Yby coára significa o buraco da terra, o vão da terra.)
- LÁ PELO TEMPO ADIANTE — amó ára pupé.
- LAR — tatá rendába. (E' mais commum as expressões tatá upá e tatá upába para dizer o pouso do fogo, a cama do fogo, o fogão, a lareira, o lar.)
- LARGAR — poir. — (No D. B. vem poyr.)
- LAÇAR — popóc.
- LARGO — tibipyra. (No D. B. está tepopyr: ybypyra pede significar o aterrado, o terreiro e, talvez, o largo, a praça, etc.)
- LARGURA — tibipyçába. (No D. B. vem tepopyreçába.)
- LATEJAR — titic. (Titic é o verbo onomatopaico, tic-tic.)
- LAVANCA — itápecú. (O D. B. traz também: lavanca, itápecú ou itárupiára; itá, pedra, objecto duro e pecú ou pucú, comprido, alongado.)
- LAVAR LOUÇA — cutúc, juci.
- LAVAR O CORPO — jaçuça.
- LAVAR A ROUPA — petéc. (Petéc é bater, golpear, dar pancada com a mão, etc.)
- LAVAR AS MÃOS — pó juci, cutúc.
- LAVADEIRA — óba petecára. (O D. B. dá: pána petéca, isto é, bater pannos, tecidos, etc. Pána é palavra portugueza adaptada á pronuncia tupi. Óba petecára é a batedora de roupas, de vestes, etc. No D. B. encontra-se ainda: lavar, enxaguando, — mokoçóc.)
- LAVATORIO — pó cutucába. (A phrase diz: lugar de lavar as mãos.)
- LAVRAR OU DESBASTAR — jopán. (Tambem occorre no D. B. a graphia jopane.)
- LAZEIRA — meréba aiba. (Meréba, peréba e beréba são uma mesma palavra que significa: a ferida, a fistula, a cicatriz, etc. Meréba aiba será: a ferida má, a chaga ruim.)

L antes do E

LEAL — abá jerobiaçára.



LEI — **tecó!** (Sobre essa expressão escreve Baptista Caetano: **tecó** ou **ticó**, absoluto de **icó** ou **ecó**, verbo transitivo ser ou estar, ou antes, o ser, o estar, em absoluto, que também é substantivo — lei; regra, norma, estado, condição, modo de ser, etc. **Em icó** vem a conjugação com os pronomes **a, re, o**, e esta conjugação é a mesma para todos os compostos que são verbos intransitivos como **a icobé**, sou; o **icó**, elle é diferente. Quando o composto é transitivo a conjugação é como a que vem **ecoár**, que faz a **hecoá**, **re hecoá**, eu o imito, tu o imitas, etc., isto é, **poe-se he** em vez de **i**, ou antes, muda-se **i** em **e** e **se** lhes pospõe o paciente **h**. Demais transitivos e intransitivos admittem todos a forma absoluta **tecó**, a qual subsiste para outros compostos ainda que não se conjuguem como os intransitivos e nem como os transitivos, mas só com os pronomes pacientes na forma da conjugação dos verbos adjectivos: **che recó ory**, alegre sou; **ndé recó ory**, alegre és, etc. Vide Baptista Caetano — Vocabulario — 494.)

LEI FALSA — **tecó rána**. (**Rána** exprime: falso, parecido, semelhante, imitativo, etc.)

LEIGO — **apina**. (**Apin**, de **a** e **pin**, significa cortar o cabelo, raspar a cabeça, tosquiar, etc. Dahi, por certo, a denominação de **apina** dada aos irmãos leigos de certas ordens religiosas.)

LEITE — **cambá**. (No Ms. está realmente **cambá**, mas deve ser **cambú** ou **camby** como vem no D. B.)

LEITO — **cama rendába**. (**Cama** sendo palavra portugueza, não se presta para formar phrase que traduza a ideia de **leito**. **Cama rendába** seria de alguma forma o dormitório, a alcova, etc.)

LEICENÇO — **atei**, **jataim**.

LENCENÇO, do pestoso — **toacurúba**.

LEITAM — **tajaçú reira**.

LEMBRAR — **maenduár**.

LEMBRANÇA — **maenduaçába**. (**Maenduár**, lembrar, recordar e **gába**, suffixo que indica o modo, o tempo ou o lugar.)

LEMBRAR-SE — **jemaenduár**. (E' a forma passiva do verbo **maenduár**.)

LEME — **jacumã**. (Vide — Arráiz —)

LENÇO — **lenço ambú oára**. (**Lenço** é palavra portugueza;

ambú ou amby é o ranho, o múco, o defluxo; ambú oára é o buraco do ranho, o nariz, as ventas, etc.)

LENDIA — kyba ropiá. (No D. B. vem keyba ropiã.)

LENHA — japiába. (No D. B. está jepyába.)

LENHA MIÚDA — cecai. (No D. B. está: lenha de São João, çacai.)

LENTA COUZA — akime. (No D. B. iakyme.)

LEPRA — meréba aiba. (Meréba aiba significa a ferida má, a ferida brava, etc. Também ocorre pyra ayba, a pelle ruim, como vem no D. B.)

LER — jemboé. (O D. B. registra: jimboé papéra recé, isto é, saber, pelo papel, conhecer ou aprender pelo papel.)

LETRA — cotiaçára. (No D. B. vem coatiaçába com mais propriedade, pois cotiaçára, ou mesmo coatiaçára, seria o fazedor de letras, o escriptor, o escrivão, etc. Quatiar e quatiá significam riscar, pintar, gravar, etc.)

LEVANTAR A MAJORES (?) — puáme abá recé.

LEVANTAR — cupir.

LEVANTAR-SE — puáme.

LEVAR BOA VIDA — icó catú. (Icó catú diz apenas existência, vida boa, ser bom, etc.)

LEVAR — araçó.

LEVANTAR ALEIVES — puáme marandúba.

LEVE COUZA — bebuia. (Do verbo bebuí vem bubuia e bubuiar, ser leve, fluctuar, sobrenadar, etc.)

LETRADO — coapára etê. (Mais correctamente dir-se ia cuapára etê, o sabedor verdadeiro, o que sabe verdadeiramente, realmentê, etc.)

LEVAR POR FORÇA — çaci rupi. (A primeira expressão da parte portugueza está illégivel. E. A. já havia registrado ir por força, açó aci rupi.)

LEVANTAR ALGUEM — mopuáme. (Mo-puáme, fazer levantar.)

LEVANTAR ALEIVES — temoém. (F. A. linhas acima já havia registrado essa phrase.)

LEVEMENTE — bebuia rupi. (Bebuia rupi, com leveza, de leve.)

ESTO LOMTE

L antes do I

(D)

/ 25 / 1761 0

LIBERAT — nitiu çecáteyma.

LIÇAM — jemboeçábá. (Mboé é ensinar, instruir, doutrinar.)

LICENÇA — licença. (F. A. não dá palavra alguma para traduzir — licença —. Oti realmente não encontrou a correspondente tupi, ou, por engano repetiu o termo portuguez. No D. B. não vem esse vocabulo.)

LIMA — itá kitiçába.

LIMADURAS — coi coéra.

LIMBO — yby coáraçú. (E' muito interessante a explicação que o D. B. dá á limbo: ybycoára oçú yby apitérpe máine pytúna oçú oicó nhiné tayna ánga cerayma pupé omanó oaé etá rendába.)

LIMITAÇAM — çangába rupi.

LIMPA COUZA — kiayma. (Kiáyma vale a: não suja.)

LINDA COUZA — iporánga aira.

LINGUA — apecón. (No D. B. vem iapycón; no Ms. do M. B. está apecú.)

LINGUAREIRO — marandujára.

LINGUA MÁ — jurú aiba.

LIGEIRO — iakéna.

LINHAS — nimboi.

LINHA DE PESCAR — pindáčama. (Pindáčama traduz-se por: linha de anzól, cordel do anzol, etc.)

LICOR — tig, ticoéra. (O D. B. dá apenas ty.)

LIDAR — jabuki.

LIQUIDA COUZA — ticú.

LIVRAR — picirón. (No Ms. do M. B. está: aypycyrô.)

LIVRAR-SE — jepicirón. (E' a forma passiva do antecedente.)

LIVRE OU FÔRRO — tagoára.

LIVRO — papéra, librú. (Essas palavras são simples adaptação das palavras — papel e livro — á feição tupi.)

LIVRARIA — librú etá rendába. (Librú etá será, um: forma de plural; rendába ou tendába designa o lugar, tempo ou

modo de ser ou estar, logô: lugar de muitos livros, lugar onde ha livros.)

LIZO — mocime.

LIZONJA — poité.

L antes do O

LOGO — coromó cori.

LOGO DEPOIS DISTO — aé coéra bé.

LOGO, DAQUI A POUCO — cori mirim.

LOGRAÇAM — murú, purú.

LOMBO — çoó pucú. (Çoó é o animal a caça, o bicho grande que serve como alimento.)

LOMBRIGAS — ceboi.

LONGO TEMPO — ára pucú. (Ára é o dia, o tempo, a época; pucú significa comprido, longo, extenso.)

LONGA COUZA — pucú.

LONGE — apecatú.

LONTRA — jacacáca. (No D. B. vem jagoacacáca.)

LOURA COUZA — tagoá.

LOUCO — acangaiba. (Acánga aiba, cabeça ruim, cabeça má, desmiolado.)

LOUVAR — mombeú catú.

LOUVAR-SE — jemombeú catú. (Jemombeú é a forma passiva de mombeú.)

L antes do U

LÚA — jaci. (Iá ou yá, fructo; ci ou cy, mãe: jacy, mãe dos fructos.)

LÚA NOVA — jaci peçaçú.

LÚA CRESCENTE — jemoturuçú.

LÚA CHEIA — robá oaçú. (Robá ou çobá é a face o rosto, etc.)

LUAR — jaci cendi. (Cendi ou cendy, o brilho, o fulgor, o clarão, etc.)

LUZ — cendi. (Cendy é o brilho, o fulgor, o clarão, etc.)

LUGAR — cendába. (Tendába, rendába.)

LUME — tatá.

LUMINARIA — tatá cendi.

LUZIR — beráb, cendi.

LUGAR DO DESTERRO — jepeágoéra.

LUGAR ONDE SE ESPALHA — moçaidába. (Tambem
ocorre moçaindába.)

LUXURIA — poropotára, moropotára.

M

MÁ COUZA — mbaé aiba.

MÁ INCLINAÇAM — abá recé oára.

MÁ SORTE — tecó poráng aiba. (A phrase tupi só servirá para dar ideia de má sorte si suppuzermos que **tecó poráng** equivale a — **sorte** —. Sendo assim, a phrase dirá sorte má, sorte ruim, etc.)

MAÇAROCA DE TABACO — petúma antán. (Petúma antán é o tabaco duro, o tabaco em corda, endurecido.)

MAÇAROCA DE MILHO — abati membúra.

MADURA COUZA — tirón, tagoá. (Madura cousa equivale a **cousa amarella**, conforme a interpretação. Naturalmente com referencia a certas fructas.)

MACHO — apyába. (Apyába é o macho de qualquer animal.)

MADRE DAS MULHERES — membúra rerú. (Membúra ou **membyra** é o filho, o gerado, etc. **Membyra rerú** será o continente do filho, o depósito de filhos, isto é, o utero, o ventre das mulheres.)

MACILENTO — çobá júba, tagoá. (Çobá júba é o rosto amarello, face pallida.)

MACHADO — gi. (No D. B. gy.)

MAGRA COUZA — angaiábára.

MAGOAR A FERIDA — jepoxi peréba.

MAGOA — pnaiba, çaci.

MAÇO — motaçaba. (Talvez **mo-atyr-çába**.)

MADRASTA — máya recobiára. (Máya é simples tupinisação da palavra portugueza — mãe —.)

MADRINHA — máyangába. (Máyangába equivale dizer: sombra, a visão, o reflexo da mãe, a que é como mãe, a que substitue a mãe, etc.)

MADRUGADA — coéme piránga. (Coém piranga, o vermelho da manhã, do nascer do dia.)

MAGINAÇAM — jepyá monghetá. (No D. B. vem: imaginar, jepyá monghetá.)

MADURECER — jemotagoá. (Jemotagoá significa: fazer-se amarello, amarellecer, etc.)

MAGINAR — moaú, jepyá monghetá. (Vide — Maginaçam —.)

MAGOADO — moaciçára. (No D. B. está: magoador, moacyçára. Houve engano de F. A.)

MAYORMENTE — memeté ipó.

MAIS — amó, pyrib. (No D. B. está apenas: pyr.)

MAIS OUTRO — amó abé.

MAIS RIJO — amó cantám.

MAIS PEQUENO — mirim pyrib.

MAIS GRANDE — turucú pyrib, turucú ruçú.

MAIS DENTRO — óca púpe catú.

MAIS ALTO — ibaté keti.

MAIS BAIXO — iby keti. (Yby é a terra, o chão, o solo, etc.)

MAIS PERTO — ikenhóte.

MAL — aib. (Aib, ayb, ayba, aiba, mal, máo, ruim, imprestavel, etc.)

MALES — aiba. (Não ha razão, para estabelecer distincção entre mal e males attribuindo-lhes termos proprios em tupi. Aiba, quando, não seja aib, será uma como que contracção de aibae, o que corta, o que fere, etc.)

MAY — máya. (É simples tupinisação de mãe.)

MALICIA — puxiçaba. (Puxi significa feio, desagradavel, etc.)

MALDIZENTE — maram maranei. (No D. B. vem jurú puxi, isto é, bocca ou lingua feia, suja, etc.)

MALFEITOR — momoxiçára. (Mo-moxi-çára, o que faz cousas feias, aquelle que pratica acções indignas.)

MALDADE — angaipába.

MALDIÇAM — joaçáb aibá. (No D. B. encontra-se monguér aiba.)

MALDIÇAM — *nheénga aiba*. (*Nheénga* significa a falla, a linguagem, etc.; *nheénga aiba* será: a falla má, ruim, etc.)

MALEITAS — *tacúba aiba*. (*Tacúba* significa febre, calor, do corpo, etc. O. D. dá: *tacúba ayba*, febre maligna; *tacúba ryry*, maleitas, febre que produz tremores, que faz tiritar.)

MALANCOLIA — *hakiririmçába*. — (*Kiririm* significa silencio, mudez, tristeza, etc.)

MAL ENCARADO — *çobá.onsi* — *ANJO. / V*

MALHADA DE CORES — *pinim-pinima*. (A expressão *tupi* equivale também a *salpicado*, *pintalgado*, etc.)

MALICIAR — *pyá monghetá aiba*.

MAL SIM — *mombeú aipára*.

MAMAR — *mocambú*. (*Cambú* ou *camby* é o leite.)

MÃO DIREITA — *pó icatú*.

MÃO ESQUERDA — *pó açú*.

MÃO CERTA — *pó catú cuába*.

MÃO DE GRAL — *indua ména*. (O D. B. dá: *indua merim ména*.)

MAMAS — *câma*. (*Câma*, o seio, o peito, a teta, ubre, etc.)

MANCEBA — *agoaçá, remimojára*.

MANCEBIA — *patakeçába*. (O D. B. registra *agoaçabóra*.)

MANCHA — *aipába* (?) (A palavra *tupi* está quasi illegivel.)

MANHA — *jepocoába*.

MANJAR — *tembiú*.

MASTIGAR — *çuú çuú*. (*Çuú* significa morder, triturar, mastigar. *Çuú çuú*, como frequentatiyo, dirá: remastigar, remoer, ruminar, etc.)

MANIFESTAR — *xoameengli* — *ANJO. / V*

MANQUEIRA — *oatá pari*. (*Oatá* é andar, caminhar, etc.)

MANTA — *jaçuicába*. (*Jaçui* significa cobrir, abafar: *jaçuicába* será a cobertura, a coberta, o abafadouro, etc.)

MANTEIGA — *cába, jandi*. (*Cába* é a gordura, a materia gorda: *jandi* é o óleo, o azeite, etc.)

MANDAR — *mondó*.

MÃOS — *pó*.

MANHAM — coéma. (O D. B. dá também: manhã cedo, madrugada, coéma piránga.)

MANDRIAM — manémo. (Não é commum encontrar-se nos vocabularioss. manémo; em geral todos escrevem panémo, que significa ruim, imprestavel, despresivel, etc.)

MANTIMENTO — tembiú. (Tembiú diz também: comida, alimento, etc.)

MANÇA COUZA — iacoáb.

MANÇO — megué megué. (O D. B. grapha megoé. A expressão megué megué em rigor diz: pouco a pouco, de vagarinho, passo a passo, etc. O D. B. dá ainda: megoé megoé rupi, vagarosamente, de pouco em pouco, a modo de formiga, devagar; megoé rupi enheéng, fallar baixo, ciciadamente.)

MANGA — jubá. (Jubá é o braço. O D. B. dá: manga da camisa, jubá.)

MANHAN CLARA — coéma eté. (E' como vem no D. B. Coéma eté, sendo coéma a manhã, dira: a manhã verdadeira a manhã real, etc.)

MANHAN ROMPENDO — coéma piránga. (Coéma piránga significa a manhã avermelhada, isto é, o vermelho, o clarão da madrugada, a aurora, o amanhecer dos dias claros, etc.)

MANEIRA — nongára.

MANTER — jepoi. (O D. B., na 2.^a parte, registra: jepoi, cevar, alimentar, sustentar, etc.)

MANTO — juçuiçába. (Vide — Abafar —.)

MÃO — engaipába, aiba. (Angaipába significa, segundo o D. B.: culpa, agastamento, crueldade, crimie, malvadeza, peccado; culpado, agastadiço, cousa má, etc. Aiba ou ayba diz: mão, sem prestimo, perverso, azedo, ruim, etc.)

MÃO CHEIRO — inéma. (No D. B. vem inéme.)

MÃO ENSINO — acoábyma. (Acoáb-yma, sem ensinar, não ensinar.)

MAQUINA — ati atire. (O D. B. dá ceyya.)

MAR ALEVANTADO — pororóca. (Pororóca é voz onomatopaica. pó-ró-ró, que traduz a ideia do crepitar ou rebentar de alguma cousa. Vide Revista do Arquivo Municipal de São Paulo, vol. XI.)

MARANHAS — iapatúca.

MARAVILHAR-SE — jemoacanhéme. (O D. B. dá: maravilhar-se, jacanhémo. No Ms. do M. B. vem: maravilhar-se, anhémo pytupáo; xepytuáb recé, eu me enfadei, agastei.)

MARCA — çangába. (Çangába é o lembrete, a indicação, a marca, o estigma, o signal, etc. No Ms. do M. B. está: marca, ou instrumento de marcar, icoapomoindába; marcar, id. pôr marca, ou signal acuapomim.)

MARCAR — moçangáb. (Mo-çangáb, fazer marca.)

MARÉ — paranám. (Paranam ou paranã, para muitos vocabularistas, é apenas o mar ou também o rio grande que se assemelha ao mar. Ha uma certa confusão no emprego das palavras pará e paranã, proveniente, parece, do uso que dellas fizeram tribus do sertão interior desconhecedoras do mar, e tribus do litoral.)

MARÉ CHEIA — paranám oikê. (O D. B. dá, 2.^a parte, paranã-oiké, encher-se a maré; o Ms. do M. B. registra: paranã oiké guaçu.)

MARÉ VAZIA — ociric. (No Ms. do M. B. está: maré vazia de todo, typacatú paranã.)

MARCAR — pyá jabarú.

MAR LARGO — paranám açú. (Paraná açú é o mar grande, o mar largo, o oceano. Diz-se também paraguaçu.)

MARMURAR — nheéngáo. (Nheéng, fallar, dizer, exprimir-se.)

MARIDO — ména. (No D. B. vem iména. Stradelli registra também ména.)

MARGULHAR — jeapomin. (No D. B. occorre também oçoipype ou oçoyyppe, isto é, ir ao fundo.)

MARTELLO — motucába. (Stradelli dá: petecauára, e martello para pregos itapoã-petecauára. Petéc e motúc correspondem-se de forma geral.)

MARRALHEIRO — petúba, ateyma. (O D. B. não registra o termo na primeira parte, mas na segunda dá: ateyma, preguiça, vicio, e ateyma oçu, preguiçoso, mandrião.)

MAOS HUMORES — tuguú aiba. (Tuguú ou tugui é o sangue. Na 2.^a parte do D. B. está: tugui ayba, sangue ruim, humores máos.)

MATERIA — ipéba.

MATRIMONIO — mendára. (Baptista Caetano dá mendár, párticipio, o que introduz, o que produz; preterido pelo verbo intransitivo **men ár**, receber o que produz, emprenhar-se, casar-se. Montôya diz que é impropriamente usado pelos homens, mas é que **men** também diz — ser ligado — e **mendár**, cahir ligado, donde — **casar-se** para ambos os sexos —. **Mendár**, como substantivo, vale dizer casamento, o casar-se, o ligar-se, o tomar liga ou ficar ligado. Como adjectivo significa: casado, casada, casados, casadas. Neste sentido, confirma Baptista Caetano, é mais usado o preterito **mendarér** e o futuro **mendarám**, noivo, noiva; os que se hão de casar.)

MATO — caá. (**Caá**, o matto, a folha, a herva, etc.)

MATADOR — jucáara. (**Jucá** significa matar; **ára** é sufixo que indica o agente do verbo.)

MATADOR DE GENTE — poropitioára. (A palavra não está legível.)

MATAR — jucá.

MASCAR — çuú çuú. (**Çuú**, propriamente, diz morder, dentear; **çuú çuú**, forma frequentativa de **çuú**, dirá: remorder, remastigar, mascar, e mesmo ruminar.)

MASTIGAR — çuú çuú. (Vide anterior.)

MAS — motucába? (Parece que houve aqui engano de F. A.)

MASCARA — jurupari rangába. (**Jurupari** é o diabo o genio mau; **rangába** é a feição, figura, etc.)

MASCARA — tapeúba.

MASTRO DE CANOA — çotinga úba. (**Çotinga úba** ou **çotinga yba**, como vem no D. B., não é mastro de canoa, mas apenas mastro de vela.)

MATAGAL — caápéba. (**Caápéba** é matto baixo, matto rasteiro.)

MATAPASTO — caá nêma.

MATINADA — tiapú. (**Tiapú** é o som vibrante, o estalar, o estalo, etc.)

MATINADA COM OS PÉS — pú ambú. (**Pú** ou **py** é o pé.)

ETIMOLÓGIA

M antes do E

DE

(isto é: o que se chama de)

ESTADO

DO O DE

MEYA COUZA — putéra rupi, coára rupi. (Pyter rupi, cuá rupi.)

MEYA NOITE — piçajé eté. (No D. B. está apenas piçaje. E. A. accrescentou eté como que para precisar melhor a meia noite, isto é, para indicar a meia noite real, horaria, etc.)

MEYO DIA — ára puteripe. (Ára e o dia, o tempo; putéra diz o meio, o centro, o amago: pe é uma posposição que vale: em, no, na, etc. Logo teremos: no meio do dia, na metade do dia.)

MEDIANEIRO — jururecára. (Jururecára equivale também a pedinte, pedinchão, etc., como vem no D. B. 2ª parte.)

MEDICO — poropoçanongára. (Póro, diz Baptista Caetano, que também se grapha móro e mbóro, é proposição que torna os verbos absolutos e serve também para formar adjectivos ou substantivos abstractos, e faz, ás vezes, função de superlativo com os adjectivos: ayhúb amar, póro ayhú o amar, o amor, amavel; ting branco, moroting muito branco, e também a brancura, o branquear. Attribuem-lhe a significação de — gente — mas attendendo-se aos diversos sentidos a que se presta esta dicção, vê-se que diz: aquillo que faz a gente, ou a cousa em geral, ser. Poroayhú o que faz a gente amar ou ter amor, moroting o que torna a cousa branca, poropór o que faz a gente ter, o que faz a cousa haver, a abundancia ou a fartura. O verbo andar exprime bem o significado de póro; por exemplo: póro echág, andar olhando; póro ayhú, andar amando; moroting, andar alvejando; póroquer, andar dormindo. Sendo assim, poropoçanóng dirá: andar curando, andar administrando remedio; ára é apenas o suffixo indicador do agente do verbo.)

MEDIR — çangába. (Çangaba exprime também: marca, signal, etc. No D. B. vem, correctamente, çangáb.)

MEDROSA COUZA — cekijé pyrib.

MEDO — cekijé.

MEDITAR — jepyá monghetá.

MEIGUICES — jurú catú. (A expressão, equivale a: palavras doces, muito doces, etc.)

MEIRINHO — amburá rerecoára. (No D. B. vem: ymirá rerecoára, isto é, o senhor da vara, o que tem a vara, etc.)

MEL — ira. (No D. B. diz-se yra. Tanto vale o mel como a própria abelha.)

MEL DE PAU — amburá ira. (Amburá por ybyrá, a árvore.)

MEMBRO VIRIL — tacónha. (Em guarani apparece a expressão **taquãi**, absoluto de **aquãi**, em ponta, aguçado, alongado, segundo Baptista Caetano. Como substantivo dirá: a vêrga, a vara, o membro viril, o penis.)

MENDIGAR — óca rupi jururé. (A expressão significa: pedir pelas casas, pedir de casa em casa, etc.)

MENINA — pitángá, cunhatém. (O D. B. dá: menino ou menina, **tayna** ou **mitánga**.)

MENINA DO OLHO — ceçá rainha. (Rainha é o grão, o bago, o caroço, etc.)

MENINO — coromiin, pitanga. (Pitanga é a mesma palavra **mitánga**.)

MENOS — merinhóte. (No D. B. está: merim poryb.)

MENTIR — jereragoáia.

MEMORIA — maenduacába. (Maenduár significa: lembrar, recordar, etc.)

MEZA DE COMER — mbaé uçába.

MERCAR — pyripán.

MERCAR CARO — cepy-oaçu rupi. (A phrase traduz: por preço grande.)

MERDA — tiputi. (Tambem occorre tepoty.)

METER — mondé.

METER MEDO — mocikijé.

METER DENTRO — mondé, moingué.

MESTRE — emboeçára. (Emboeçára, o ensinador, o que ensina.)

MESTURAR — mocejar, monâne.

MEZ — jaci. (No D. B. grapha-se mais correctamente — jacy — a mãe dos fructos, a lua, etc.)

MEZ DAS MULHERES — jaci çuguú. (Çuguú ou çuguy é o sangue, etc. Jaci çuguú, o sangue da lua, o corrimento mensal, o menstruo.)

MEZ DAS RAPARIGAS — jamondiar. (O D. B. dá: me:z das mulheres — **jemondyára** —.)

MEXER — pebúre. (No D. B. está **mopobúre**.)

MEXEDOR — peburçára. (O D. B. registra **pobureçára**.)

MEUDA COUZA — poi, mirim.

MEU — cé. (As graphias mais communs são: **ché**, **xé** e **iché**.)

MEU ACHADO — cé oacéme.

MÉZINHA — poçanga, moçanga. (**Poçanga**, o remedio, o medicamento caseiro.)

MEXERICAR — mombeú aiba.

MEXERICOS — poromombeú aiba. (Vide — Póro —.)

M antes do I

mutuq

MIGALHA — coréra, peçangoéra, cembúra. (O D. B. dá: migalha, peçangoéra; migalha da meza, tembiú coréra; migalhas, accrescimoó, **cembyra**.)

MILAGRE — mogoeráo.

MIJO — carúca.

MIJADEIRO — carucába. (**Carucába**, onde se mija, o urinól.)

MILHO — abati. (O D. B. dá **abaty antán**, isto é, milho duro, milho rijo. No **nheengatú** da Amazonia diz-se **auati**.)

MIMO — potáua. (**Potáua** é forma do tupi amazonico; no sul a pronúncia é **potába**. Significa a dadiua, a esmola, o presente, etc.)

MINGUAR — moticúr, tiópáo. (No D. B. vem também **jearôca**.)

MINHA COUZA — ce mbaé. (Cé equivale a che, de mim, meu, meus, minha, minhas; che ou ce mbaé se traduz por cousa de mim, cousas de mim, minha ou minhas cousas.)

MINHA CAÇARIA — cerembiára. (Vide seguinte.)

MINHA PESCARIA — **cerembiára**. (**Ce** ou **che**, de minha; **rembi** ou **remi** é o relativo do participio passado da proposição **mi** ou **mbi** que, com os pronomes, faz **tembi**, **rembi**, **hembi**, **guembi**. No absoluto é **tembi** ou **temi** que funciona como

participio (passado com o prefixo absoluto *te*. Diz-se *che rembi ár*, o que eu tomo, o que é tomado por mim; *nde rembi ár*, o que tomas, o que é tomado por ti, etc.

Assim, as expressões *minha caçaria* e *minha pescaria* estão traduzidas perfeitamente: o que eu tomo ou caço, o que eu pesco, etc.)

MINHA — *ce*. (*Ce* equivale a *che*, que Baptista Caetano chama pronome paciente: *me*, *mim*, de *mim*.)

MINHOCA — *ceboi*. (No D. B. vem apenas *aboy*.)

MINISTRO QUE AJUDA A MISSA — *missa petibonçava*.

MIOLOS — *apeteyma*. (O D. B. dá: *miollos da cabeça apytiúma*.)

MIZERICORDIA — *poreauçúba*.

MILHOR — *catú púrib*.

MITIGAR — *moputuú*.

MITIGAR — *moputuú*.

MISSÃO — *jemondaçába*.

MIZERA COUZA — *poreauçúba*. (Vide *Mizericordia*.)

M antes do O

MOCETONA — *cunham mucú*. (*Cunham*, *cunhã* ou *cuyã*, é designativo geral da fêmea. E' notavel. diz Baptista Caetano, este nome porque se lhe pode dar muitas derivações: de *cõy*, par, pôde ser *coyar*, a que faz par, a companheira; de *cun*, alimentar, concebe-se *cun-yã*, a que alimenta, e ainda outras. Em *kechúa ccoya* exprime rainha, princeza, deusa das minas; *ccuyan* amar, ter compaixão; *ccuyak* amante; em *chili conin*, parir; *cuye*, velha; *cujam*, ovo. A melhor interpretação parece levar a *co*, o ser, *yang*, anima, ou *yab*, nasce. *Cunham mucú* ou *cunham mbucú* é a mulher adulta, crescida, moça, mulher feita.)

MOCETAM — *coromim oaçú*. (*Coromim* ou *curumim* é o menino, o rapaz, etc. *Coromim oaçú* diz: o menino crescido o rapagão, etc.)

MOÇO DE RECADOS — *rerecoára*.

MOCEGAR — pipina. (**Mocegar** é o mesmo que morsegar, partir com os dentes, morder. O termo tupi exprime, exactamente isso.)

MODERAÇAM — çangaba rupi. (**Çangaba** é a marca, o signal; **çangaba rupi** valerá: segundo as marcas, com regra, pelas determinações, conforme as normas, etc.)

MODERNA COUZA — peçaçú mbaé. (O D. B. dá também: moderna cousa, **pyçaçú**.)

MOFINO — petuba. (No D. B. vem **pytuba** e no Ms. do M. B. está: **pytuba** ou **manéma**.)

MOER — moçui. (**Mo-cui**, fazer farinha, fazer pó, esfarelar, reduzir a pó.)

MOIDA COUZA — mocui pyrib.

MOLEIRA DA CABEÇA — çobá apyra. (No D. B. está moleira da cabeça, **apytére**, isto é, o meio, o centro, o amago. A expressão de F. A. só será comprehensivel si se admittir **çobá** com o significado generico de cabeça, e não de rosto, cara, face etc.)

MOLHAR — moakyme. (No Ms. do M. B. está: **aimoia-kym** e **aimorurú**. O D. B. dá também **moakyme**.)

MOLHAR-SE — jemoakime. (E' a forma passiva do antecedente.)

MOLHO DE MANDIOCA — tocopi. (No D. B. encontram-se: molho, **ay** ou **manána**; molho de mandioca, **ay copy**; molho de tabaco, **pytyma antám**. No Ms. do M. B. vem: **movy** ou **tagi**.)

MOLHO OU FEIXE — mamán. (**Amandáb**, circulo, rôda, reunião, novello, rôlo, etc.)

MOLHO — apocoára.

MOLHO DE AGUA — cekici.

MOMOS — jurú mocatác catác, jetímonhi monhima.

MONARCA — moroxábo aquí eté. (No D. B. está: **morobixábo oçú**, isto é, o chefe grande, o chefe principal.)

MONTE — ybytura. (**Ybytura**, **ybytyra** ou **ubytyra**, como vem no D. B., significa a terra erguida, a terra levantada.)

MORADOR — oára, tapijára. (O D. B. dá também **oca-póra**, o que vive em casa, o que habita uma casa. No Ms. do M. B. encontra-se **igoára** e **ekégoára**, isto é, o morador daqui.)

MORADOR AQUI — ikéoára. (Vide antecedente.)

MORADOR DA ALDEYA — tabapóra. (Taba é a aldeia a reunião de ranchos, etc.)

MORADOR DOS MATOS — caápóra. (Caá é o matto, a floresta: caápóra é o agreste, o selvatico, o que vive nos mattos. Vide Rev. Archivo Municipal de São Paulo, n.º 10.)

MORCEGO — andirá. (No D. B. e no Ms. do M. B. vem andyra sem a accentuação do a final. Baptista Caetano registra, porém, andyrá, embora faça notar que também se acha andyra por atyrá.)

MORNA COUZA — çacú mirim. (Çacú mirim exprime: calor pequeno, pouca quentura, etc.)

MORTALHA — teonguéra pukéca. (Essa phrase traduz naturalmente ideia de um objecto extranho ao indio. Teonguéra pukéca diz o envoltório do defunto, o que enrola ou embrulha o cadáver.)

MORDER — çuú. (Vide — Mascar — e — Mastigar —.)

MORRER, estar a — maraár. (No D. B. vem: morrendo estar maraár ou jekyi.)

MORRER DE TODO — omanó ueté. (O D. B. e o Ms. do M. B. dão manó e amanó. Ueté, ou simplesmente eté, vale: realmente, legitimamente, etc.)

MORRER DE FOME — maraár jemaeci çui. (Jemaeci é a fome.)

MORTÉ — teón.

MORTA COUZA — jekü baé coéra. (No Ms. do M. B. vem morta cõusa, mbaé manópyra.)

MORDEDURA — çuúçába.

MORTOS — manócoéra.

MORTUARIO — teongoéra.

MOSQUITO — carapaná. (O D. B. dá as varias denominações de mosquitos que F. A. cita separadamente: meruim, jatiú, piúm, carapanã, moroçoca, motuca, etc.)

MOSQUITINHO — merui. (E' simplesmente o diminutivo de merú; merú mirim ou merui.)

MOSCA — merú.

MOSCA MORTA — metúca.

MOSTEIRO — pay róca. (Pay, já vimos em — Adam — éra a designação generica dos catechistas, evidente adaptação da palavra pae. Pay róca diz, por isso, a casa dos padres, a residencia dos catechistas.)

MOSTRAR — coámeéng. (A expressão embóra deturpada, diz: dar a conhecer, dar a saber, etc.)

MOSTRAR-SE — jecoámeéng. (E' a forma passiva do antecedente.)

MOUER — akirár. (Mouer por mover. No D. B. vem ainda: mover o coração, pyá membéca; mover, abortar a criança, akirár ou membykirár.)

MOUCA COUZA — apuçáyma. (No D. B. está: mouco, nitio oapya oaé.)

MOUQUICE — apucayma. (Vide antecedente.)

MOUXO — morucututú. (Exactamente como registra o D. B.)

M antes do U

MUDAR — cegi.

MUNTOS — cetá. (No D. B. está por evidente engano ceté em lugar de cetá.)

MULAS — toconó. (Parece que mulas é simplesmente a designação vulgar de certa doença. No D. B. vêm taconó, mukã e pungã; tacónha, no tupi, éra o membrum genitale).

MULATO — mulatú. (No D. B. está muratú, mais conforme com a norma de adaptação das palavras portuguezas á pronuncia tupi.)

MULTIDAM — cetá eté.

MULHER — cunham. (Vide — Mocetona —.)

MULHER LEGITIMA — cemiricó. (No D. B. está teiniricó.)

MULHER VIRGEM — abábigagoerayma. (No D. B., 1.ª parte, está: cunhã coára eyma, cuja traducção é um tanto grosseiro; na 2.ª parte do mesmo D. B. vem: abábucagoérayma, donzella, virgem, não forçada ou violentada pelo homem.)

MULHER CAZADA — mendaçára. (Menda, ména, marido, esposo, casado.)

MULHER SOLTEIRA — mendaçárayma. (A expressão vale: sem esposo, sem marido.)

MULHER DO MUNDO — potakeira. (O D. B. dá: puta, potakéra ojemonhang. E' evidente a influencia portugueza no final de potakeira.)

MULHER VELHA — goamin. (No Ms. do M. B. vem vaomi, pelo abrandamento conhecido do g, ou antes, do ng.)

MULHER ANCIAM — cacuáo. (No D. B. ha tambem a distincção entre mulher velha e mulher anciã, cunhã goaimin e cunhã cacuáo.)

MULHER VIUVA — anhangaticoéra.

MUNTAS VEZES — cetai.

MUNTO PEQUENO — mirim aira.

MUNTO GRANDE — turucú eté. (Turucú eté vale: realmente grande, verdadeiramente grande.)

MUNTO EMBÓRA — ajubéte.

MUNTO TEMPO — ára pecú rupi.

MUNTOS TEMPOS — cetá ára. (Ára é o dia, a epoca, a occasião, o tempo, o mundo, etc.)

MUNTOS MEZES — cetá jaci. (Cetá jaci diz: muitas luas. Jacy designava tambem o mez.)

MUNTOS ANNOS — cetá acajú. (Vide — Anno —.)

MUNTOS DIAS — cetá ára. (Linha acima F. A. deu cetá ára como equivalente a muitos tempos. Os significados de ára permitem a composição dessas phrases.)

MUNIÇAM — mocába rainha. (Mocába ráinha, os grãos da espingarda, o chumbo para carga das espingardas.)

MUNDO — ára, coára gúrpe.

MUSICO — nheéngára. (Nheéngára diz: o fallador, o orador, o cantor, etc.)

MURAR — cekendá. (No D. B. está: çokendáb yby óca pupé, isto é, fechar em abrigo de terra, fechar com taipa, etc.)

MURXA COUZA — tining. (Tining, secco, fanado, mirrado, etc.)

MURXAR-SE — jetining. (E' a forma passiva do precedente.)

MURMURAR CONSIGO — corú corúc. (No D. B. ocorre ainda angau.)

N

NA — pupé, pé, mé. (Pupé, como se lê em Figueira, é o mesmo que **in** latino, com ablativo: **xérôca pupé**, em minha casa. Também significa **com**, como com algum instrumento fazer ou obrar alguma cousa: **ainupã xerayraybyrá pupé**, açoutei meu filho com uma vara ou páo.)

NACER GENTE — ár. (**Ar** é verbo intransitivo, nascer, vir, ocorrer, succeder, cair, e, em compostos, succéptivel de significados transitivos. Vide Baptista Caetano. **A ár, re ár, o ár, eu nasço, tu nasces, elle nasce, ou, che ár, nde ár, yy ár, o meu, o teu, o nascer delle.** Como verbo transitivo pode significar colher, tomar, apanhar, receber, agarrar, prender, etc.)

NACER PLANTA — çoenhém.

NACIDA — mungá (Tambem occorre **pungá**.)

NACIMENTO — açába potaçara.

NADA — nitiu, nitiu maram. (No D. B. vem regularmente **nitio**.)

NADAR — jabutá. (No D. B. occorre ainda **vitábo**.)

NADEGAS — cereuira. (No D. B. vem **mikyra**.)

NAM — nitiu.

NAM HA NADA — nitiu angaité.

NAM CEÍ — cé, nitiu ixéo coáb. (No D. B. está: **nitio xacoáub**. F. A. em expressões seguintes escreve **Nam sei** com s.)

NAM PRESTA — nitiu catú.

NAM OUVES — nitiu recendú. (No D. B. está: **nitio erecendupe?**)

NAM TEM REMEDIO — nitiu poçanga. (**Poçanga** é o remedio, a mézinha, o xarope.)

NAM FALTA NADA — nitiu otár mbaé.

NAM SEI NADA DISTO — uma é nitiu ixéo coáb. (Vide seguinte.)

NAM SEI NADA DISSO — cé maram ipó. (Vide antecedente.)

NAM SEI PARA QUE — maram pacó.

NAM FALTA TEMPO — nitíu otár ára.

NAM POSSO — acanhepé.

NAM HA DE SUCEDER — nitíu xoéri.

NAM SEJAS LOUCO — maram marantinhéte reicó.....

(As palavras finaes da phrase estão illegiveis.)

NAM SEI QUANDO HA DE VIR — nitíu ixéo coáb moram... (As ultimas palavras da phrase estão illegiveis.)

NAM SEI PARA ONDE FOI — nitíu ixéo coáb maranáme.

NAM HE ASSIM — nitíu iabé. (No D. B. está: nitio jabé.)

NAM CEI — cei ita coáb. (F. A. já havia registrado essa expressão linhas acima escrevendo **sei** com s. Não comprehendemos que função possa ter aquelle **ita** no meio da phrase Provavelmente, por um lapso, F. A. escreveu as palavras tupis em lugar das portuguezas, baralhando o sentido. Suppômos que o verbete seja: Nam desejo saber — **na-cei coáb.**)

NAMORADO — cunham çaçúpára. (**Çauçúpára**, como está na 2.^a parte do D. B., vale: amante, apaixonado, amator, querido, estimador, etc. **Cunham çaçúpára** deve significar naturalmente a namorada, a amante, etc.)

NAQUELLA PARTE — oime.

NARIZ — tim. (**Tim** exprime, de forma geral, a ponta, o aguçado, etc. No D. B. diz-se: nariz do mar, **paratim.**)

NASTROS — apecoaçába.

NAVIO — maracantim açú. (Vide D. B. 2.^a parte.)

NA VERDADE — çupi catú, çupi catuçába rupi.

NAVEGAR — goatá. (**Goatá** vale tambem: andar, marchar, caminhar, etc.)

NAVEGAÇAM — goatáčába. (**Goataçába** exprime o acto ou a acção de andar, de navegar, etc.)

NATUREZA DO HOMEM — tacónha. (**Tacónha** como já tivemos oportunidade de notar, é o **membrum genitale.**)

NATUREZA DE MULHER — tamatiam. (Em guarani antigo, a vagina era **tambaquár**, d'onde provinham **tambaquaré**,

almiscar, amavio, e o nome dado á lagartas, a balsamos e arvores de balsamos. Vide **Baptista Caetano.**)

NAUFRAGIO — jepypúca. (No D. B. está: jepypyca.)

NATURAL COUZA — cecó abinhé.

NATAL — missa petúna. (Missa petúna é phrase evidentemente creada pelos catechistas, e vale: missa nocturna, missa do gallo, como dizemos correntemente, a missa que se realiza á meia noite.)

NARRAÇAM — mombegoába.

N antes do E

NECESSIDADE — tecó temécába. (No D. B. está: tecó tembém.)

NECESSARIAS — caáo pába. (Caáo apparece no D. B. como traducção de evacuar, exonerar os intestinos, etc. Caáo pába dirá o lugar, o recanto em que se evacúa, o lugar de evacuar, etc.)

NECIO — acoábyma — (Acoábyma vale dizer: sem sabedoria, privado do saber, etc.)

NEFANDO — tibi-ro. (No D. B. está **tiviro, tebirón**, abso-luto de **ebirón**. Significa, segundo Baptista Caetano, o de nade-gas rotas, o sodomita, o vil, o infame, e, tambem, a prostituta, a mulher devassa.)

NEGAR — cuácú.

NEGADOR — cuácúpába. (Seria mais correcto dizer **cuá-cúpára.**)

NEGAR-SE — jecuacú. (E' a forma passiva de cuacú.)

NEGOCIAR — jepurupána. (O D. B. registra **jepyri-pána.**)

NEGOCIAR — jemocoár mbaé recé. (No guarani actual diz-se **anhemú.**)

NEGRA COUZA — pexúna, úna.

NEM — ni. (No D. B. vem apenas: nem mais nem me-nos — **jabé tenhé**; o Ms. do M. B. dá: nem mais nem menos — **icatúnhé**, e tambem: nem porisso se lembra — **ndaerviai ima-enduavi** — evidentemente mal graphados.)

NEM CHEIA — ni ipóra.

NEM POR ISSO — ni oimbaé recé.

NEM HUM — ni ojepé.

NEM HURES — nitiu máme.

NEM MAIS NEM MENOS — jabé catunhé. (Vide — Nem —).

NERVOS — çagica. (O D. B. dá çajúca; o Ms. do M. B. registra tagicá, v. g. xeragicá, meu nervo. O moderno Dicionário de Bottignoli, guarani-castelhano, dá: tembó, tayy e tayy-gué.)

NESE LOGAR — có cendápe. (O D. B. dá: coaé rendápe.)

NESTE DIA — coára pupé. (O D. B. dá: coaé ára pupé.)

NESTE MUNDO — çoára gúrpe.

NETOS DO HOMEM — cemianino. (O D. B. dá: neto ou neta de varão, temiminó. O Ms. do M. B. registra também: neto ou neta do varão, temimirô, mas no final do vocabulário, quando trata dos “nomes de parentesco” dá: neto ou neta do varão, temimenó.)

NETOS DA MULHER — cemiarirón. (No Ms. do M. B. vem temiariró e no D. B. temiarirón. Stradelli dá: temiarerú.)

NEVOA — yby tinga. (F. A., provavelmente por descuido, registrou apenas yby por ybytú. Iby tinga dirá a terra branca, e ybytú tinga, o vento, o vapor, a emanação esbranquiçada, a nevoa, etc. Vide o seguinte.)

NEVOEIRO — yby turane. (Segundo se induz F. A. quiz escrever ybytú rána, como vem no D. B.; isto é, o vento falso, o vento e o vapor que não o são, que parecem ser apenas. Vê-se por esta phrase que a antecedente devera realmente ser ybytú tinga.)

N antes do I

NINGUEM — nitiu abá. (Nitiu abá vale: pessoa alguma, homem algum.)

NINHO — çobaiti. (O D. B. dá çobatim e guirá róca, isto é, casa de passarinho. O Ms. do M. B. registra apenas nabá e niti abá.)

NISTO — coaé pupé. (O D. B. dá apenas: copupé.)

N antes do O

NÓ — kitám. (O Ms. do M. B. registra: nó, fazer em fio ou corda, aimopokitá; nó, ter o fio ou corda, po kytá; nó, pokytá; nó de cipó ou vara ou páo, kytá; nó da garganta, aceón kytá. Notam-se, na mesma linha daquelle manuscripto, duas graphias diversas da mesma palavra: kitá e kytá.)

NO CAM — ybype. (Yby é a terra, o chão, o solo, pe é a posição que vale: em, á, por, com, sobre.)

NO CABO — coité.

NOCIVA COUZA — ni catú. (Ni catú, nem bôa, não bôa.)

NODOA — kiaçába. (Kyáb e quyáb significam sujo, im-mundo, pegajoso, viscoso, etc., como também quyb vale: piolho, sujo, sujeira, immundice, etc.)

NOJO OU ASCO — jebarú.

NOJENTA COUZA — jebarúçába.

NOITE — petúna. (Pytúna como verbo significa escurecer, ser noite; como substantivo vale: a noite, a escuridão. Talvez de py, interior, fundo, espaço, e tun, negro, preto.)

NOITIBÓ ave — oacoráu.

NOIVA — mendára potaçára. (A expressão diz: a promet-tida em casamento, a que vae ser dada em casamento.)

NOME — céra, réra. (Réra, téra, de ér, nome, ou de é, dizer.)

NOMEAÇAM — cenoietára. (No D. B. vem: nomear, cenói céra rupi, chamar pelo nome.)

NOMEAR — cenói.

NO MESMO LUGAR — cendápe itinhé. (O D. B. dá: no mesmo lugar, cendápe catú.)

NO MESMO TEMPO — aeramé catú. (O D. B. dá: aé ramevécatú.)

NÓS TODOS — jandé. (E' o pronome chamado inclusive.)

NÓS, SEM VOS — oré. (E' o pronome chamado exclusivo.)

NOSSA COUZA — jandé mbaé. (Cousa de todos nós.)

NOTAVEL — etétecatunhé.

NOTICIA — marandúba. (Tambem occorre **porandúba**, o relato, a informação, etc.)

NOVAS — marandúba. (**Novas**, aqui, corresponde á notícias, novidades, informes, etc.)

NOVA COUZA — peçáçú mbaé.

NOVELO — nimbó pyá. (**Nimbó** é o fio, o barbante, a corda, cordel, etc.)

NOTIFICAR — momarandúb. (**Mo-marandúb**, fazer, saber, dar a conhecer notícias, fazer relatos, etc.)

N antes do U

NŨ — óbayma, nitiu óba. (**Óbayma** vale: sem roupa, e nitiu **óba**, nenhuma roupa, etc.)

NUNCA — neiranhé, anné. (O D. B. dá apenas **ané**.)

NUVEM — ybyturána. Vide — Nevoeiro —.)

NUVEM — ybák tinga, ybyturána. (O D. B. dá: **ybytú** tinga, ybaketinga e ybyturáne.)

O

OBEDECER — arobiár. (O Ms. do M. B. diz: obedecer, açapiar, vulgarmente arobiár; aimo por *nheénga*; v. g. *erero-biárpe* ou *ereimoporpe* *nde máy* *nheénga*? fazes o que te manda tua mãe?)

OBEDIENCIA — arobiaçába.

OBEDIENTE — arobiaçára. (O obedecedor, o que obedece.)

OBRA — temimonhánga. (No Ms. do M. B. vem *xeremimonhánga*.)

OBREIRO — porakiçára. (O D. B. registra *moraukyçára*, e o Ms. do M. B. dá: *morabykyára* e *mauraubyçára*. São variantes da mesma palavra devidas, naturalmente, á má audição.)

OCAZIAM — ára catú. (O D. B. dá apenas *ára*, tempo, dia, epoca, etc. *Ára catú* diz: o tempo bom, a boa época, o dia propicio.)

O SEU OU A SUA COUZA — imbaé.

OCIOSA COUZA — putuú inhóte.

OCULOS — ceçá oára. (No D. B. está: *ceçá roá*; no Ms. do M. B. vem: *oculos*, id. de *olhos*, *teçá guaruá*, v. g. *xereçá guaruá*, meus *oculos*.)

OCULOS DE VER DE LONGE — ceçá oára pecú. (*Pecú* diz: longe, comprido, extenso, etc.)

OCULTAR — jomime. (No D. B. está: *jumime* ou *cua-cúb* e *jaçui*. Já tivemos oportunidade de estudar separadamente essas expressões.)

OCULTAMENTE — jomima rupi. (No D. B. *jemima rupi* quando, evidentemente, devêra ser *jumime rupi*, de accordo com o verbo occultar, registrado linhas acima.)

ODIO — jemotareyma. (No D. B. *jamotareyma*.)

ODIOZA COUZA — jamotareyma. (Como se vê, F. A. repete a palavra tupi dada como tradução de odio.)

OFENÇA — recó aiba monháng. (O D. B. dá mbaé ayba, cousa má, cousa ruim; o Ms. do M. B. registra: offensa, id. culpa, ou peccado, angaypába ou tecó angaypába, isto é, ter a alma ruim, ser de espirito máu, etc.)

OFERECER — cocecói. (O D. B. dá coameéng e o Ms. do M. B. acrescenta: aitanongába, aimeéng, meéng çupé, ixupé.)

OFERTA — potába.

OFUSCAR — mopexúme. (Mopexúme vale dizer: fazer noite, fazer escuro, etc. O D. B. dá mokyá, sujar, manchar, etc.)

OLEIRO — camoti monhangára. (A expressão traduz-se: o fazedor, o fabricante de vasilhas, de cantaros.)

OLFATO — mbaé retúna. (E' como vem no D. B.)

OLHAR — maém, cepiáca. (Cepiáca, propriamente significa ver, perceber, avistar, etc.)

OLHOS — teçá. (De eçá, olho, olhos.)

OLHAR PARA DIANTE — maém tenondé keti. (No D. B. está: tenondé kety omaém.)

OLHAR PARA TRAZ — maém, ... (As palavras seguintes estão destruídas pela traça; deve ser, entretanto, de accordo com o D. B., maém çakaquéra kety.)

OLHAR PRIMEIRO — maém ranhé.

OLHOS ENCOVADOS — ceçá coaréra. (No D. B. está: ceçá tepy tepy.)

OLHOS AZUIS — ceçá ogoú.

OLHOS TORTOS — ceçá iapára. (F. A., por engano, em lugar de escrever as palavras tupis, escreveu apenas **torto**; corrigimol-o baseados em F. O.)

O MAIS QUE PUDER — xerecó jabinhóte.

O MESMO — aebinhé, aenhóte. (No D. B. está aé tenhé.)

ONDA — japinónnga.

ONDEAR — mojpapenong. (Pela graphia desta e da palavra antecedente, vê-se quanto irregular éra o processo gráphico de F. A.)

ONDE — máme, máme catú taé.

ONTE — cocécé.

OPASSADO — mbaé coéra. (Cousa que foi, cousa de outr'ora, cousa que já não existe.)

OPERAR — monháng. (Monháng, como já vimos, significa fazer, construir, fabricar, etc. etc.)

OPÔR — çobajár. (No D. B. vem çobaixára.)

OPILAÇAM — marica pungá. (Marica pungá diz: barriga empolada, ventre estufado, etc.)

O POSSUIDOR — cerecoára. (Vide — Aio —)

OPRIMIR — japipúc.

ORA DO DIA — ára rangába. (Ára rangába é a marca, o signal do dia, do tempo, etc. Os catechistas assim denominaram o relógio, a marca do dia, etc.)

ORA, DA-SE CAZO — marám teipó.

O QUE BUSCAS — mbaé taé rececár.

ORAÇAM — tupan monghetá. (Tupán monghéta, conversa de Deus, fallar com Deus.)

ORDIR — jepyrúng.

ORELHA — nambi. (Tambem occorre namby com os significados de aza, alça, pegadouro, etc.)

ORFANS — paya yma. (Payayma, sem pae.)

ORDENHAR — jami cambú. (Cambú é o leite. No . B. vem camby.)

ORDINARIO DAS MULHERES — jemondiár. (E' o menstruo.)

OURIVES — itájúba monhangára. (Itájúba, pedra amarella, designa o ouro. Itájúba monhangára lirá o artifice do ouro, o manipulador do ouro, etc.)

ORTIGAS — punón punón. (No D. B. vem pinâ pinâ.)

ORTELAM — caákéna.

ORVALHO — capúg, iapúg. (No D. B. está yg apy.)

OS DA POPA — çoputá oára. (Pôpa da canôa, no D. B., énygára ropytá.)

OS DIAS TRAZ — coécé eymebé.

OS DIAS PASSADOS — coecé coecé.

OSSADA — cangoéra etá. (Cangoéra ou canguér é o preterito, tanto do adjectivo como do substantivo. Como substantivo vale ossada, o osso sem carne, o osso fóra do corpo, o caroço fóra da fructa, etc., e como adjectivo significa: fraco ou enfra-

quecido. **Etá** é particula de plural. Também ocorre **cangoéra atire**. Vide Baptista Caetano.)

ONÇA — jaguareté. (**Jaguár etê**, o jaguár verdadeiro, legítimo.)

OLIO — tig.

OSSOS — cangoéra. (Vide — **Ossada** —.)

OU — coépe. (No D. B. vem **coipe**. E' interessante notar que Couto de Magalhães, no "O Selvagem", 1.^a ed. pag. 23, confessou ignorar "qual éra a forma primitiva de **ou**, e declarou que a usada em **nheengatú**, no seu tempo, éra mesmo o **ou** portuguez. No guarani moderno diz-se **tenrán**.)

OSGA — tracaçáca, tarapapéba.

OVEIRO — çopiá rerú. (**Çopiá rerú**, o continente de ovos. o deposito dos ovos, a ova, etc.)

OU... — **mo...** (Tanto a palavra portugueza como a correspondente em tupi estão illegíveis. O dilaceramento da pagina não permite qualquer reconstituição.)

OURIÇO — candú. (No D. B. vem: ouriço cacheiro — **enandú**.)

OURO — tajúba eté. (**Tajúba** por **itájúba**, pedra amarelia. **Eté** significa legitima, verdadeira, real, etc.)

OS MORTOS — manó coéra.

OS VIVOS — oicobé.

OUTRO — amó.

OUTRO MAIS — amó abé.

OUTRA VEZ — amó abé, abinhé.

OUVIDO — apuçá. (No D. B. está: **apyçá coára**.)

OUVINTE — cendupára.

OUVIR — cendú.

OUVIDOR — amburá rerecoára açú. (**Ouvidor** aqui se refere ao homem que exercia o cargo de ouvidor. **Amburá** por **ybyrá**, a arvore, a vara. A phrase diz: o grande senhor da vara, o juiz principal, etc.)

OVOS — çopiá.

OVO GORO — çopiá inéma. (Ovo gorado, ovo pôdre.)

OVO SEM GALA — çopiá tairayma. (Ovo que não dá pin-to, ovo não fecundo.)

OVO COM GALA — çopiá taira oé.

OUTROS TANTOS — amó jabibé. (O D. B. dá: outro tanto, amó jabé.)

OUTRO DIA — amó ára pupé.

OVAS DE PEIXE — pirá ropiá.

OUXALÁ — tomarámo. (No D. B. está: temomâ.)

O ULTIMO — tiambór.

OSTIA — tupána piá oáramo.

OSTIA CONSAGRADA — tupána piá.



OSI
OSTIA - - - - -
O ÚLTIMO - - - - -
OUZAI A - - - - -
OVAS DE PEIXE - - - - -
OUTRO DIA - - - - -
OUTROS TANTOS - - - - -
OVO COM GAL - - - - -

P

PACEAR — jebúr jebúr. (No D. B. ocorre: passeio da porta, **jeby jebyre**. Em Stradelli **ieuire**, outra vez, e **ieuri** voltado, repetido, arribado. No Ms. do M. B. está: passear, **ieby iebyr**. Está evidente, nesses autores, que não se trata de andar, caminhar, passear ao longo de caminhos; **jebúr jebúr** de F. A. deve corresponder ao ir e voltar n'um limitado espaço, á marcha e contra-marcha, ao passeio da porta, como diz Frei Onofre.)

PACIENCIA — toçanga. (No Ms. do M. B. vem também **toçanga**, e a seguinte nota: **não se usa**. Stradelli registra **poraresáua**. Em Baptista Caetano: **reçoçang**, padecer.)

PACIFICA COUZA — ipyá catú. (**Ipyá catú** vale: de animo bom, de coração ou de intimo pacífico. O D. B. acrescenta: pacificamente, **catú rupi nhóte**; paciente, **çoçanga oaé** e pacífico, **pyá catú**.)

PACIFICAR — monhirón. (**Monhirón**, em rigor, diz: tirar as rugas, aplacar, abrandar, domesticar, etc. No D. B.: pacificar, **mopyár catú**, isto é, fazer coração bom, tornar-se de animo bom.)

PADECER — porará. (No Ms. do M. B. vem com o índice dos verbos em **a**, **aiporará**. Quer **mará**, quer **pará**, diz Baptista Caetano, em compostos com o verbo **tár**, colher, tomar, etc. — no relativo **rár** — dão **parará**, colher mal, ou apanhar damno.)

PADRINHO — páya angába. (A phrase equivale a: imagem do pae, visão do pae, aquelle que é como pae, que representa ou lembra o pae. **Páya** é tupinisação da palavra portugueza pae. No Ms. do M. B. vem as seguintes notas: padrinho da pia, de pai para pai, **atuaçába**; de padrinho para afilhado, diz o varão — **xerayra angába**; e a madrinha diz — **xemembyra angába**.)

PAI — páya. (*Páya* apparece em varios vocabularios da epoca da catechese traduzindo o pae, o padre, o catechista.)

PADRE — páy. (Vide antecedente.)

PADRES DA COMPANHIA — páy abúna. (E' como vem no D. B. Dizem varios autores que essa denominação dada aos catechistas da Companhia de Jesus lembra as suas vestes negras.)

PADRES DE SANTO ANTONIO — pay tucúra. (*Tucúra* é o gafanhoto, o que tem pernas compridas segundo Baptista Caetano, *tu-ucú* ou *t-ub-ucú*. Stradelli diz: *pai-tucúra*, franciscano frade, capucho. Literalmente, padre gafanhoto — da semelhança, que parece ter impressionado o indigena, entre a cabeça do gafanhoto e o capucho do frade.)

PADRES DAS MERCES — páy tinga. (*Tinga* significa branco, alho, claro. Cremos que o adjectivo quer lembrar as vestes brancas desses religiosos. o habito branco que usam.)

PADRE LEIGO — páy apina. (*Apin* é tosquear, cortar o cabello, raspar a cabeça, etc. *Pay apina* será o padre de cabeça raspada, etc.)

PAGA — cepy. (No Ms. do M. B. está *purepy*, v. g. *xepurey*, *ndepurepy*, *cepy*, terceira pessoa. *Porepy*, absoluto de *tepy* servindo de adjectivo, diz: caro, de alto preço, custoso. o preço, o custo. donde *porepyá*, tomar preço, mercar, comprar. — Baptista Caetano, 416. Stradelli dá: *cecuíara* e *merepyua*.)

PAGAR — cepy meéng. (*Cepy meéng* é: dar ou offerrecer paga, dar pagamento, etc.)

PAGAMENTO — cepy. (Vide — Paga —.)

PAGEM — rerecoára. (Vide — Aio —.)

PAIXAM — apyaiba. (No D. B. vem: *ánga coaiba*. Stradelli dá *sacysáua*, isto é, *çaçyçába* ou *hacyháb*, como grapha Baptista Caetano. Essa expressão significa: a pena, a dor, a difficuldade, etc. *Pyá*, *mbyá*, entranhas, coração, etc. *Apyaiba* deve ser: coração máu, coração dolente, etc.)

PALAVRA — nheénga. (No D. B. ainda *iicába* que Stradelli tambem registra — *yisáua* — attribuindo-a a Martius.)

PALEAR — jaçui, cuacú. (Vide — Abafar —. O verbo *palear*, ao qual os dictionarios portuguezes dão significações diversas. taes como patentear, divulgar e conversar sobre cousas

futeis, não deve ser o registrado por F. A. Os correspondentes tupis, **jaçui** e **cuacú**, fazem suppôr outro significado ou a corrupção de algum verbo portuguez que possa traduzir o acto de abafar, de encobrir, etc. Cremos tratar-se de uma forma popular do verbo **empalhar**, contracto talvez em **palhar**, cobrir ou proteger com palhas. De **palhar** F. A. fez provavelmente **palear**. De momento não nós occorre outra explicação.)

PALMO — poçangába. (**Poçangága** diz claramente: o signal, a marca da mão.)

PALMA DA MAM — apó pitéra. (**Pó pitéra** é o centro, o meio da mão.)

PALAVRA DEZONESTA — nheénga puxi.

PALPAR — popóc. (**Pocó** ou **pocóg**, pôr a mão, encostar a mão, tocar, agarrar, etc. Também pôde significar: dar a mão, guiar, conduzir, apoiar. Baptista Caetano, 404.)

PALPITAR — titic.

PALRRADOR — nheéngara. (No D. B. vem **nheéngoára**. Stradelli registra as duas formas: **nheéngara**, canto, cantiga e **nheéngauára**, fallante, etc.)

PALMATORIA — pó petéca. (No D. B., 2.^a parte, vem **pô petéc**, dar palmadas, dar batidas ou golpes com a mão.)

PANELA — nhaém popó. (No D. B. está **nhaém pepô**. Stradelli dá: **nhaembé**, vasilha de beiços, alguidar; **nhaém**, panella de barro; **itánhaém**, panella de ferro e **nhaém pupure**, vasilha que vae ao fogo. **Popó** ou **popór**, como frequentativo de **pór**, cujo significado será saltar, pular, etc. não pôde servir no caso: **pepô** que vale aza de vaso, alça, borda, etc. também não se adapta ao significado pela sua situação na phrase. Cremos tratar-se de **popú**, que em tupi, sob a forma de **pupúr**, diz **ferver**. **Nhaempopó** de F. A. deve corresponder ao **nhaempopú** ou **nhaempupú** que Stradelli escreve **nhaempupüre**, isto é, panella que vae ao fogo, panella de ferver, etc. E isto para distinguir de outras panellas, **nhaém**, que não vão ao fogo, que se não prestam á esse mister de ferver.)

PANO DE LINHO — pána çobaigoára. (**Pána** é tupinisação de **panno**; **çobaigoára** é o fronteiro, o que fica em frente, etc. Neste, como em alguns outros casos, **çobaigoára** vale: de Portu-

gal. do reino, etc. do paiz que ficava para além-mar, em frente. Pána çobaigoára éra o panno ou o linho importado, que vinha de Portugal.)

PANO FINO — pána poii. (Poin e poim significam: em fio, em fibra sendo in posposição; ou fiosinho, sendo in diminutivo: de forma geral, diz: fino, delgado, elegante, etc.)

PAM — miapé. (No D. B. vem meapé. No guarani diz-se mbuyapé, que, segundo Baptista Caetano, pode ser palavra composta de mbiú apé, comida chata, ou de mboyoy apé, assado chato, assado torto, como a rosca, etc.)

PÁO — amburá. (Amburá deve ser o mesmo ymyrá do D. B. e myrá do nheéngatú moderno da Amazonia.)

PÁO CURTO — amburá atúca. (Atú e atur significam curto, pequeno, abbreviado, etc.)

PÁO COMPRIDO — amburá pecú. (No D. B. ymirá pecú.)

PÁO DELGADO — amburá i. (No D. B. está: páo delgado ou vara, ymirái.)

PÁO DE ANGELIM — pupubúra. (No D. B. pubúra.)

PÁO DE CEDRO — acáia acáa. (No D. B., 1.^a parte, está acayacá; na 2.^a parte vêm as seguintes notas: acayacá ou acaiacá, cedrella odorata, L.; cedro do Brasil para os portuguezes, talvez pela semelhança da sua madeira, ou no todo, ou em alguma de suas propriedades. Os francezes nas Antilhas o appellidam Acajou ou Acajú. Pensa Miller que se os proprietarios americanos fossem tão generosos que tivessem em vista beneficiar a sua posteridade, deveriam ter plantado e cultivado esta tão bella e interessante arvore. Taes são as suas razões: 1.^o — porque unicamente requer terrenos seccos estereis, cobertos de rochedos e que para mais não servem; 2.^o — porque crescem muito dentro de pouco tempo, pois tendo-se plantado em Inglaterra, clima tão opposto ao seu, e por semente, em quatro annos tinha dez pés de altura. Ora, quantos não teria em seu clima natal e plantada por estaca! 3.^o — pelo grande consumo que sua madeira teria na America e Europa; 4.^o — pela formosura de sua copa que dá uma sombra saudavel á todos que se acolhem debaixo della; 5.^o — pela corpulencia enorme a que chega o seu tronco, pois que de nenhuma outra arvore americana se conta subir a tanta altura

e o corpo a tanta grossura como esta. Prova esta asserção o que diz M. Le Point das canoas dos indios occidentaes que tem 40 pés de comprimento e seis de largo: que as dos caraybas levem 50 homens; que as taboas levadas á França são de seis pés de largura e dão mesas inteiriças. Além disso, as historias do Brasil affirmam que a Matriz da freguesia de Meam (sic.) na capitania de Ilheos, fôra toda feita de um só páu, apanhado nas correntes do rio, em uma cheia, e que não tendo peça alguma a sobre dita igreja que fosse feita de outra madeira, ainda sobejou muito. Conserva-se na ilha de São Sebastião, ao sul do Rio de Janeiro, um **acajacá** ou cedro, marcado para sua Majestade, que tem 39 palmos de circunferencia, o que daria o vão de uma canôa de 11 palmos de largura. Do dito conclue o sobre dito autor, que não precisaria muitos annos para formar corpos lenhosos uteis aos seus creadores.)

PAO DE LOURO — anhé uba. (O D. B. na sua 2. parte traz anhuiba ou anhuaiba, cancella do Brasil.)

PAPA — pay abaré goaçu eté. (Pay abaré ou simplesmente abaré era a designação corrente dada ao catechista. Pay abaré goaçu eté dirá: o sacerdote realmente grande, grandissimo, nobilissimo, o papa, como dizem os vocabularios da epoca.)

PAPEL — papéra. (Papéra é simples tupinisação da palavra portugueza — papel —.)

PARABENS — tecobé catú. (No D. B. está: cubécátú.)

PARAR — putuú, iaputá. (No D. B. vem: parar, socegar, oicó nhóte; parar descansando, putuú; parar, ficando, pytá.)

PARA DENTRO — óca pupé keti. (No D. B. encontra-se: ócapy kety.)

PARA VIR LOGO — corutím oáramo.

PARTIR — japabóc. (Partir está na accepção de quebrar, romper, separar. O D. B. dá mojaóc, e partir, cortar, mondóc.)

PARTIR-SE — japabóc.

PARTICOLA — acicoéra.

PARAISO — ybák toriba. (O D. B. registra: paraíso celestial, ibaképe turyba, e paraíso terreal, jande páia Adão rendába quéra.)

PATRIA — ceretáme. (O D. B. dá: cetáma. Retám, diz Baptista Caetano, é o relativo de etám, no absoluto tetám, patria.)

paiz, terra, etc. **Ceretáme** provavelmente é che **retáme**, a minha patria, o meu paiz; **cetáma** ou **cetáme**, será, por certo, na terra delle, na patria delle, etc.)

PARENTE — anáma. (O D. B. acrescenta: parentella, anáma etá, isto é. muitos parentes.)

PARA SEMPRE — aujeramanhé. (No D. B. vem: aujêra manhé oaráma.)

PARA ISSO — aé ráma.

PARA QUE — mbaé ráma. (No D. B. vem mais: para que fim, mbaé ráma recé té.)

PARA ALEM — amonkiti. (No D. B. está **amonghty** por **amongkety** que será mais correcto.)

PARA AQUI — ikekiti.

PARA ONDE — mankiti.

PARA FÓRA — ocára keti. (F. A. variava constantemente a graphia das palavras tupis; linhas acima escreve **kiti**; nesta escreve claramente **keti**.)

PARA CIMA — ybaté keti.

PARA BAIXO — gúra keti. (A palavra gúra deve ser corruptela de outra empregada pelo gentio da Amazonia. Em Stradelli encontram-se: baixo, **yuype** que corresponde ao **ybype**, em terra, na terra, em baixo; **iuérupe**, em baixo; em baixo da terra, **yuyrupe**, etc.)

PAREDE — taipára. (No D. B. vem **taipába**, e mais: parede de terra, **yby óca**; parede de pedra, **itá óca**.)

PARCEIRO — çapixára. (O D. B. dá na 1.^a parte: parceiro, companheiro. **irunámo goára**; na 2.^a registra: **çapixára**, proximo, visinho, confrontante.)

PARCEIRA — cerapi. (Esta expressão deve equivaler á: de nome igual, parecida pelo nome, etc. **Éra** é o nome.)

PARTIR ALGUMA COUZA — ambui.

PARA DIÇAM — ráma. (Para dicção: deve-se entender que **ráma** é particula que se pospõe ás dicções, taes como as que exprimem o infinitivo, os participios dos verbos. **Ráma** é um suffixo de futuro.)

PATARATAM — gereragoáia aquí eté. (No D. B. vem: **pataráta**, **gereraguáya**; **pataratear**, **gereraguáy** ou **poité monhâng**.)

PARTIDA — çoçába, jepabóca. (Çoçába diz realmente a ida,

a partida, o caminharmento; jepabóca refere-se a partida, a quebradura, ao espedaçamento, etc.)

PARIR — memburár. (No D. B. está: **membyrár**, isto é, **membyrá** ou **membyrár**, cahir o filho, nascer o filho, produzir o filho.)

PARTEIRA — membúra mocoacá. (No D. B. vem: **partejar**, **omembyrár** **oaé** **pitibonçára**.)

PARTIR PELO MEIO — mombóc putéra puri. (**Putéra**, o meio.)

PARDIEIRO — óca aiba, óc aimán. (Casa má, casa ruim.)

PARECE QUE SIM — aé cerá, aipó.

PARELHA — jojabé, cecoçába.

PÁRRECO — pay morerecoára. (Candido de Figueiredo diz que **pároco** é forma popular de **párocho**. E' interessante notar que F. A. escreve claramente **párreco**. No D. B. vem: **paroch**, **páy móro rerecoára**.)

PARTIÇAM — mojacóc çába. (Em outros vocabularios occorre **mojacoçába**.)

PARTIR ALGUMA COUZA — mondóc.

PARTO DE MULHER — memburár. (Vide — Parir —.)

PARVO — acangaibóra. (No D. B. vem apenas **acangaiba**, a cabeça ruim, o cabeça-dura, o cabeça de vento, como dizemos na linguagem popular.)

PASCOA — mutuú açú. (Na 2.^a parte do D. B. vem: **mutuú oçú**, dia de Paschoa. **Mutuú** é o dia santo.)

PASAR — çação. (E' como está no D. B. Ahi encontram-se ainda: **passar de largo**, **çação nhóte apecatú rupi**; **passar pelo entendimento**, **çação iacánga rupi** e **passar a vão**, **vitábo açação**.)

PASMAR — canhémi. (Tambem occorre **canhémo**.)

PASSARO — guirá. (No D. B. vem **graphado** mais correctamente **guyrá**.)

PAS — jemberúba, tecó catú. (A ultima palavra está illegivel no Ms. Não póde, porem, deixar de ser **tecó catú**, como vem, aliás, no D. B., significando paz.)

PASSAGEIRO — oatáçara. (Melhor seria dizer, o andejo, o andarilho, o caminharante.)

PAREA — atyra.

PATIFE — puxi, aiba.

PATO — ipéca. (Ypég é o nadador, o pato. No D. B. vem por engano ipecú.)

P antes do E

PÉ — py. (Py, pé, base, fundamento, assento, o fundo o interior, o alicerce, etc.)

PÉ DE VENTO -- ybetú açú. (Ybitú, sopra, halito da terra; ybytú açú, vento grande, vento forte, vendaval.)

PEYA — pocoacába.

PEAR — cetumá apotim.

PÉ DORMENTE — py jeciá. (No D. B. está: py jicéi.)

PEÇA DE ARTILHARIA — mocába açú. (Mocába açú é a espingarda grande, o fusil grande.)

PECADO — angaipába. (No D. B. vem: pecado, tecó angaipaba; pecado mortal, tecó angaipába oçú; pecado venial, tecó angaipába merim.)

PECADOR — angaipabóra. (Angaipabóra, o que tem o habito de peccar, que pécca continuamente.)

PEÇONHA — moropiára. (No D. B. ocorre tambem mbaé çacy oaé.)

PECAR — jabúi tupana... (Ha no Ms. signal de que a phrase se completava com outra palavra, illegivel, porém.)

PEDAÇO — poçangoéra. (No D. B. está pyçangoéra e acyquéra. O Ms. do M. B. registra tambem pecenguéra, jaceguéra e jacegoéra.)

PEDAÇO — aciqueira. (Deve ser o acyquéra do D. B. Vide antecedente.)

PEDRINEIRA — tatá oána. (Pedrineira é a pederneira, pedra durissima que, ferida pelo fusil, produz fogo.)

PEDRA — itá.

PEDRA DE AFIAR — mocembába. (No Ms. do M. B. vem: pedra de amolar ou de aguçar, itá ky. Mocém deve ser na graphia de mocym, tornar liso, alisar, etc.)

PEDRA DE AMOLAR — itaki. (Vide antecedente.)

PEDRA A UME — itáém. (No Ms. do M. B. está: pedra hume, itâ ê; no D. B., itaém.)

PEDIR — jururé. (Jururé, pedir, solicitar, implorar, etc.)

PEDIR DE PORTA EM PORTA — jururé okéna rupi. (No D. B. vem — pedir de porta em porta, **abá etá okéna rupi tupána potába ojururé**, o que equivale dizer: ir-se pelas portas pedindo esmola para Deus, pedir esmolas para Deus, de porta em porta, etc. O Ms. do M. B. dá apenas: pedir esmola — **aieruré tupán potába**.)

PEDRADA — japi. (O D. B. dá: pedrada, **japy apyxába**; no Ms. do M. B. encontra-se: dar pedrada, **aia pi**.)

PEDACINHO — acicoéra. (Vide — Pedaço —.)

PEDREIRO — taipára monhángára. (O fazedor de taipas, de paredes, etc.)

PEDREGULHO — itá túpe. (No Ms. do M. B. vem: pedregulho, **itá corubi** ou **itá corúba**.)

PEGADA — py póra.

PEGADA COM OUTRA — jepicic.

PEGADO, E JUNTO — çobaké. (Tambem ocorre **tobaké** no Ms. do M. B.)

PEGAR DE ALGUEM — picic catú.

PEGAR COM GRUDE — mocic.

PEGAR O PEIXE — pindá ú. (No D. B. está: pegar o peixe na isca, **pindáu**.)

PEGAR-SE — jepicic.

PEGAR-SE O FOGO — jepicic tatá.

PEJO — poçúb, otim. (O D. B. registra: peijo, **pouçú**.)

PEIXE — pirá. (O D. B. dá **pyrá**.)

PEIDO — pinón. (No D. B. vem **pinô** e no Ms. do M. B. **pyngnô**.)

PEITO — putiá. (Tambem ocorrem **potiá** e **motiá**.)

PEIXE BOI — guraná. (O D. B. dá **goarabá**.)

PELEJAR — maramonháng. (**Mára-monhang**, briga fazer, guerra fazer, etc.)

PELEJA — maramonháng.

PELEJAR... — jacáo. (Ha uma palavra após o verbo que não conseguimos ler. O D. B. distingue **maramonháng** de **jacáo**; **maramonháng** é **pelejar** brigando e **jacáo** **pelejar** simplesmente.)

PELLE — piréra. (O Ms. do M. B. estabelece a differença que ha entre pira e piréra; “pelle nossa, vem naquelle vocabulario é jandé pyra, enquanto está no corpo; fóra do corpo, v. g. esfolada. piroéra, pyroéra ou piréra”. Piréra é apenas a forma preterita de pira, a pelle que foi, que já não é pelle, que já não está no corpo.)

PELLA MANHAM — coéma ramé.

PELLO DIÇAM — rupi. (F. A. quer dizer: pelo, dicção, isto é, preposição que vale por, pelo, através de, etc.)

PELLO MEYO — coára rupi, putéra rupi.

PELLO RIO ACIMA — gapurá keti.

PELLO RIO ABAIXO — tumaçá keti.

PELLO AMOR DE DEUS — tupána recé. (Tupána recé, por Deus.)

PELLO MESMO PREÇO — cepyrupi itinhé.

PENA TER — çaçi. (Ter dó, ter compaixão.)

PENA DE AVE — pepó. (Tambem occorre guyrá pepó, penna ou aza de passaro.)

PENUGEM — çába. (O Ms. do M. B. esclarece: penugem de passaro, tába; terceira pessoa çába.)

PENEIRA — orupéma. (No D. B. está gurupéma, mas tambem occorre urupéma.)

PENEIRAR — moáo. (No D. B. moguáb e no Ms. do M. B. amogoáb.)

PENITENTE — jemombeuçára.

PENITENCIA — jemombeuçába.

PENHASCO — ybupába.

PENDURAR — mojaticó.

PENDURA — mojaticoaçába.

PENDENCIA — maramonhángá. (Pendencia no sentido de desavença, de lucta, de guerra, etc.)

PENDENCIAR — maramonhángára. (F. A. evidentemente enganou-se ou saltou uma linha na cópia. Maramonhángára é o pendenciador; pendenciar é maramonháng. O D. B. registra o verbo e todos os seus derivados.)

PENÇAMENTO — jépyá monghetaçába. (No D. B. vem menduaçába e no Ms. do M. B. puánhe monghetá.)

PENTE — kibába. (O D. B. registra essa mesma forma, mas no Ms. do M. B. encontra-se **kyvába**.)

PENTIAR — mocapúc. (No D. B. **capyc**.)

PÊNTIAR-SE — jeacapúc.

PENTENHO — tacuába. (Nos dictionarios portuguezes, de que dispomos no momento não encontramos a expressão **pentinho**.)

PEQUENO — mirim.

PEQUENINO — mirim aira.

PERCEBER — cendú catú.

PERDA — moaiba.

PERDER O JUIZO — canhéme tecó cuába. (A phrase em rigor diz: fugir o estado de conhecimento, perder a consciencia.)

PERDER-SE — jecanhéme, çopár.

PERSINAR-SE — jeobaçaba, jemocruçá. (No D. B. vem: persignar-se, **jemocuruçá**, isto é, fazer-se cruz, fazer cruz em si, etc.)

PEREGRINO — oataçára. (**Oataçára** diz tambem: o andejo, o caminhante, o andarilho, etc.)

PERGUIÇA — ateyma.

PERGUIÇOSO — ateyma. (O D. B. dá: preguiça, vicio, **ateyma**, e preguiçoso, **ateyma oçú**.)

PERDIZ — nambú. (O D. B. registra **inamby**. A' proposito dessa ave diz Rodolpho Garcia: nome commum a diversas aves da familia Tinamidae, especilmente as do genero *Crypturas*. Etymologicamente esse nome pode se decompor em **y**, demonstrativo — o que, aquelle que — **am**, em pé, e **bur**, emergir: a que emerge em pé, a prumo; ou em **y-am**, a que se levanta, mais **bu**, estrondando; ou ainda **emy-nambú**, o que corre surdindo, ou emergindo, ou o que levanta o vôo rumorejando. A segunda decomposição é a registrada por Baptista Caetano; a terceira vem em Theodoro Sampaio. As alterações do nome são varias, taes como: **inamu'**, **inhambu'**, **enambu'**, **nambu'** e **nhambu'**. Entre as especificações das variedades dessa mesma familia cita o mesmo autor, Rodolpho Garcia, as seguintes: **inambú-anhánga**, **inambú carapé**, **inambú-chintam**, **inambú-chororó**, **inambú-guacu'**, **inambúi**, **inambú-pixúna** e **inambu-quiá** que é a mesma **inambu'-sujo**.)

PERNAS — cetumá. (No D. B. **cetymá**.)

PERPETUA COUZA — anjeramanhé.

PERTENCENTE — noára.

PERDOAR — inherón. (No D. B. vem **nhyrón**.)

PERDAM — nheronçába.

PERDISTINADO — ibák poráma. (Ibak poráma diz: o que ha de morar no alto, o que viverá no céu, etc.)

PERTURBAR-SE — jemoacanhéme.

PERZUNÇAM — moapába.

PERGUNTAR — porandú.

PERGUNTA — porandúba.

PERZENÇA — púri.

PERFUMAR — motatáting. (Mo-tatáting vale dizer: fazer fogo branco, fazer fumaça, fazer fumo, enfumar, enfumaçar, etc.)

PERFUMAR — motimbóre. (No D. B. vem: **mocoaquéne** ou **motimbór**.)

PERLADO — páy oaçú. (Páy oaçú, o pae grande, o padre distinto, o prelado.)

PERSUADIR — moacangaib.

PESCAR — penaitic. (Quasi todos vocabularios registram expressões derivadas de **pindá**, gancho, anzól, etc. especificando, por termos propios, quando a pesca é feita á rede ou por outro qualquer processo. No D. B. vem: pescador de linha, **pindá itycára**; pescador de rede, **pyçá itycára**; pescador de pari, **pary itycára**.)

PESCADOR — **penaiticára**. (Vide antecedente.)

PESCADOR — paranam oára.

PESCADOR — porojucaçára. (Parece que houve engano de F. A. **Porojucaçára**, como vem no D. B., 2.^a parte, é o matador de gente, o que anda matando, o homicida. E' provavel que quizesse escrever **peccador**.)

PESCARIA — cembíara. (No D. B. vem tambem: **pescaria**, **pyrá monhangába**, e **pescaria**, **cêrco**, **pyraiqué**.)

PESCADA — oatucupá. (No D. B. o nome desse peixe vem graphado **oatocupá**.)

PESCOÇO — ajúra.

PÊS — cicantam. (Cyca e ygcyca são designações da resina, da materia pegajosa, etc: antám corresponde a duro, consistente, forte, etc.)

PESTANAS DOS OLHOS — ceçátitic. (O D. B. dá jandê reça çabâ na 1.^a parte, mas na 2.^a corrige çabâ para çába consignando jandê reçaçába.)

PESSIMA COUZA — mbaé iba eté. (Mbaé iba ou mbaé aiba é a cousa má, ruim, estragada; eté, como sufixo, reforça a ideia de maldade indicando que a maldade é real, é positiva, é grande, etc.)

PESQUEIRO — pirá tupe. (No Ms. não vem accentuada a palavra tupe. Si a considerarmos paroxytona poderá ser uma variante de tópe e dirá: em casa, etc.; pirá tópe ou pirá túpe poderá exprimir: na casa do peixe, no pouso dos peixes, no abrigo dos peixes. Si, porem, tupe fôr tupé, significará o cesto de cannas, o cesto raso em forma de prato, segundo Baptista Caetano. Pirá tupé dirá: o cesto de peixes, etc. No D. B. vem pyrá tyba, isto é, lugar dos peixes, a zona em que abundam os peixes, o trecho do rio ou mar em que vivem em quantidade os peixes, proprio á pescaria. Tupe provavelmente é alteração de tuba ou tyba, consequente á facilidade com que se permutavam p e b.)

PESCAR DE REDE — pyçá atic. (No D. B. vem: pescador de linha, pindá itycára; pescador de rede, pyçá itycára e pescador de pari, pary itycára.)

PEZOS DE BALANÇAS — çangába pycitába. (No D. B. está pucytába.)

PESSOA — abá. (Abá significa tambem: homem, gente, ser humano, o indio; como adjectivo serve para designar o genero masculino; como pronome significa: quem, alguem, uma pessoa; com as particulas pa, pe, panga vale por pronome interrogativo: quem; qual? que pessoa? Vide Baptista Caetano. Vocabulario pag. 15. No nheengatú amazonico pronuncia-se auá, e no Paraguay avá. Tastevin preferiu graphar awá.)

PESSOA FIEL — abá jerobiaçára.

PESSOA SEM VERGONHA — abá timyma. (Tym é o verbo intransitivo que exprime: envergonhar-se, ser envergonhado, ter vergonha, etc. Yma ou eyma é particula de negação. Occorre tambem no D. B. eyme.)

PESSOA INFIEL — abá jero**bia**çárayma. (Vide — Pessoa fiel —.)

PESSOA COBARDE — abá peçubára. (No D. B., 2.^a parte, vem abâecoatey**ma**, é covarde, medroso, etc.)

PESCOÇADA — atuatucába.

PETISCAR FOGO — moár tatá. (Moár ou mbo-ár vale dizer: fazer nascer, ocorrer, produzir. Assim, ambuae o mboá tatá, Baptista Caetano traduziu: outros ateam fogo, fazem nascer fogo.)

PETIÇAM — jurureçába.

PEZADA COUZA — puci. (No Ms. do M. B. vem: pe-sada cousa, id est grande peso, mbaé poci; terceira pessoa ipocy.)

PEZAR COM BALANÇA — moçangáb.

PEZAR TER — çaci, jemoaci. (Çaci ou hacy significa: o que doe, elle dóe, etc.)

PELLA QUAL RAZAM — aé baé recé. (Aé recé vem no D. B. traduzindo a expressão pelo que, pela qual. Baé é mbaé, cousa, etc.)

PELLO CONTRARIO — amó rupi.

P antes do I e do L

PIA DE BAUTISAR — cerúc çába. (Cerúc, ou mocerúca, significa baptisar: çába o lugar, o tempo ou o modo de realizar a acção expressa pelo verbo; logo, a expressão cerúc çába define claramente a pia de baptisar, o lugar de baptisar. O D. B. dá pia de baptisar, mitánga jero**cá**ba rerú.)

PIA DE AGUA BENTA — yg caraiba rerú. (O D. B. regista: tupá yg rerú, depósito de agua benta, de agua de Deus, e carayba rerú, depósito ou vaso sagrado.)

PIEDOZA COUZA — porauçúbóra.

PIAR — çacéme.

PICAR — cutúc, ajecóc. (O D. B. dá: pīcar, cutúca; picar-se, jecutúca; picar o peixe, pindá uú; picar a ave na fructa, opypyne; picar a abelha, pim, e, picadura, cutucába. No Ms. do M. B. vem ainda: picar, v. g. a vespa ou ortiga, aiapi; picar como a boi, com o aguilhão, aiocóc.)

PICO — çatim. (Çatim ou çantim exprime a ponta, a cousa apontada, aguçada, etc. Stradelli grapha **santim**, e traduz: agudo, ponta, a prôa da canôa.)

PICADA DE ARRAIA — jababúra cutucába.

PICAR-SE — jecóc. (Vide — Picar —.)

PICAR O PEIXE — pindáu. (Vide — Picar —.)

PICAR A ABELHA — japi. (Vide — Picar —.)

PIEIDADE — morauçúba. (No Ms. do M. B. vem: **merc-rauçubára**, e no D. B. **moreaucúba**.)

PIFIA COUZA — moánga. (No D. B., 2.^a parte, está: **moáng**, afigurar-se, ter para si, fingir, cuidar, ter suspeita, e **moánga**, fingimento.)

PILOTO — jacumaúba. (No Ms. do M. B. diz-se **jacumayba** tal como no D. B. Stradelli dá **iacumã-yua**, **iacumãiára**.)

PILAM — induá. (Embóra graphada de varias maneiras, essa palavra apparece em todos os vocabularios traduzindo **pião**. Occorrem: **indué**, **indoá**, **indoã**, etc.)

PILHAR OU FURTAR — mondá.

PILHAGEM — mondaçába.

PIMENTA — cainha. (No D. B. vem **kyynha**; no Ms. do M. B. **kyynha** e, em Stradelli, simplesmente **kinha**. A pimenta grande chama-se na Amazonia, **kinhauçú**; o pimentão doce, **kinhauçú-cêen**; a pimenta malagueta, **kinha auy**; a pimenta comprida, **muruarú**; a pimenta vermelha grande, **muacára**; a pimenta secca em sal, **iukitáia**; a pimenta em molho de peixe, **kinha pirá**; pimenta do reino, **kinha suaiauára**.)

PIMENTA DO REINO — cainha çobaigoára. (Cainha çobaigoára ou suaiauára, como diz Stradelli, é a pimenta de além, da parte fronteira, do reino de Portugal, etc., a pimenta importada parte fronteira, do reino de Portugal, a pimenta importada que vinha da outra banda.)

PINCEL DE PINTOR — mbaé cotiaçába. (Mbaé cotiaçaba significa: cousa ou objecto de riscar, de pintar, de escrever, etc.)

PINGAR — tukir, tikéne. (Tambem occorrem: **tikir**, **tykir**, **atykir**, etc.)

PINTAR — cotiár. (No D. B. está **coatiár**.)

PINTOR — coatiçára. (No D. B. está **coatiaçára**.)

PINTURA — coatiçába. (No D. B. está coatiçába.)

PINTADA DE CORES — pinin pinima. (No Ms. do M. B. vem: pintada, cousa pintada, jecoatiaripyra; no D. B. lê-se; pintada com cores diversas, jepará parábo ou pinipinima.)

PIOLHO — kyba.

PIOLHO LADRO — mokyrána. (O D. B. traz também: piolho ladro, kiyba rána.)

PIOR — iaiba purib.

PISCAR OS OLHOS — ceçá pomim. (No D. B., 2.^a parte, vem: ceçá pomim, dar de olho, pestanejar.)

PITA — corauá. (O D. B. dá caraoá. Stradelli registra também caraoá. E' a planta também chamada caróba.)

PIZAR CALCANDO — purúng.

PIZAR BATENDO — moçoçóc. (O D. B. dá: pisar com os pés, piróng; pisar com as mãos çoçóc. Pisar, naturalmente, no sentido de moer, bater, esmagar, etc.)

PLANA COUZA — péba. (Montoya usa sempre péb. Em Baptista Caetano encontram-se as seguintes notas: péb, plano, chato, chão; o sentido de adjectivo se confunde com o do substantivo e parece preferível considerá-lo substantivo, pois que ha também apéb que traduzem por — superfície — mas que bem considerado deve ser o aplanado, o achatado, e sendo assim, não se desvia de outras dicções que se adjectivam mediante o prefixo a)

PLANICIE — yby péba. (Yby péba é a terra chata, a terra plana.)

PLANTAR — jotime.

PLEITO OU DEMANDA — tecó recé.

PICA-PAU, passaro — arapáço. (No D. B., 2.^a parte, está: arapaço, certc picapáu, ave. Rodolpho Garcia cita arapaçu, e explica: nome commum a algumas aves da familia Dendrocolaptidae, de guirá, avis, pã, tundens, açú, valde, conforme Platzmann — Das Anonyme Wörterbuch Tupi-Deutsch und Deutsch-Tupi —; melhor, porém, de ybyrápár por ybyrá-apár, pau arqueado, arco de madeira, e açú, grande; allusão á forma do bico dessas aves, grande e arqueado.)

P antes do O

POBRE — moreauçubára. (O D. B. dá moreauçubóra. O Ms. do M. B. registra apenas moreauçúb.)

POBREZA — moreauçúba.

PÓ — tibúra. (No D. B. tibuyra. Stradelli dá as seguintes variantes: puyra, yuypui ou ybypui, tyuyra ou tybyra.)

PODER — coáb coáb. (No D. B. é tecô. Coáb, ou coáub, como vem na 2.^a parte do mesmo D. B., vale: conhecer, saber, reconhecer, perceber, tomar conhecimento.)

PODE SER QUE ASSIM SEJA — iabé cêra corini.

PODRE — tejuco. (No D. B. tyjuca, e no Ms. do M. B. mbaé tujuc, cousa podre.)

POEIRA — tibúra. (Vide — Pó —.)

POITA — bebitába. (No D. B., 2.^a parte, vem: bebitába, a boia, o fluctuador, o que se mantém na agua como signal.)

POIS — pois. (F. A. não traduz a palavra; talvez por engano repetiu o termo portuguez. No Ms. do M. B., é interessante notar, transparece também a duvida no registro do termo que corresponde ao vocabulo portuguez. Diz o Ms.: pois, id. por ventura, ipó. O D. B. dá, no entanto: pois, anhé, e pois nao, anhé reá. Em Baptista Caetano encontra-se: anhé, assim, de aye phrase que se decompõe em a y e, isto elle diz, e que corresponde ás expressões: sim, é certo, assim é, realmente, devéras, sem duvida.)

POIS POR VENTURA — pacó.

POIS QUE VAI — maram ipó.

POIS QUE TE DISSE EU — irón.

POIS QUE — mantépe.

POTUÇAM — raipóre, jemotaipór. (No D. B. vem taypór.)

POLVORA — mocába cui. (Mocába é o fusil, a espingarda; cui o pó, a farinha.)

POMBA — pecá açú. (No D. B. diz-se pycaçú.)

POMPA — aoçúçába. (No D. B. está guaçuçába, grandeza, fausto, etc.)

PONTA D EQualquer couza — çacapúra. (Vide o seguinte.)

PONTA DE TERRA — çapequâm. (O D. B. traz as seguintes expressões: ponta, çacapyra; ponta aguda, çacapyra çantim; ponta do pé, py raçapyra; ponta da terra, çapycón.)

POPA DE CANOA — çopoitá. (No D. B. igára ropytã e no Ms. do M. B. çopytá.)

POR AMOR — recé, rupi. (Recé ou rehé. Pablo Restivo informa: rehé, posposicion del ablativo cuyo relativo es hecé, el reciproco guecé l. potius oyeké, el reciproco mutuo es oyoehé, significa — por —: apypobaé rehé por isso, nderehé ayú, vengo por ti, por tu causa, Recé, corresponde ao latim propter, por causa de, por amor de, á vista de, com, a. para, etc. Rupí vale as preposições latinas per, cum, in, etc.)

POR — nóng. (Pôr é verbo. No D. B. vem enói e enóng.)

POR APARTE — nóng catú moi... (A ultima palavra está illegivel.)

POR INFILEIRA — cecerúng.

POR ISSO — coaé recé. (O D. B. dá apenas cecé. Em Figueira vem: recé ou, no relativo, cecé, significa o mesmo que propter. Tupã recé, por amor de Deus, ou por Deus, e assim se jura por Deus. Também é o mesmo que cum, com; abá omendár cunhã recé, um homem casa com uma mulher. Também se diz mui elegantemente, naxerúb potári de recé, não te quero ter por filho. Atupã mong-etá de recé, roguei a Deus por ti, ou encomendei-te a Deus, etc.)

POR AQUI — iké rupi.

POR SUA CAUZA — cecé. (E' o relativo de recé. Vide — Por isso —.)

POR FORÇA — caci rupi.

POR FÓRA — ocára rupi. (Ocára é o terreiro fronteiro á casa, o pateo, etc.)

POR ONDE — man rupi. (Man é máme no D. B.)

POR AGÓRA — aujé ramó.

PORQUE — mbaé recé.

POR VENTURA — aipó.

POR DE JOELHOS — jenepuaim.

POR AONDE — jemoketi.

PORMEÇA — mombeúpyra. (Pormeça é promessa.)

PORQUE NAM — nitiu mbaé recé.

PORTAL — okéna rendába.

PORCO MANSO — tajaçúbáia. (No D. B. está tajaçúáya.)

POR AMOR DE SI — ojeocé.

POR DE TRAZ — çakiqueira rupi. (Em outros vocabulários vem çakaquéra rupi. O D. B. dá copé rupi e também: atraz, çakaquéra; atraz tornar, çakaquéra rupi ojebyr. Deve ser çakiquéra.)

POR ESTA PARTE — corupi.

POR DERRADEIRO — aé riré.

POR DE ESGUELHA — moápe.

POR HUMA VEZ — ojepé recé.

PORFIA — nheénga poipyçába. (No D. B. está apenas: porfiar, nheéng nheéng.)

POR AMOR DISSO — aé recé, joecé.

POR-SE EM PÉ — jeropyáme.

POR-SE O SÓL — ocanhéme coaraci.

PORTADOR — rerecoaçára. (Vide — Aio —.)

POR VERDADE — çupí catú.

POSPOR — nóng rakiquéra.

POSUIR — cerecoáramo.

POSTA DE CARNE — çoó pocanguéra. (No D. B. vem posta, que por engano typographico sahiu porta, pyçangoéra.)

POSTA DE PEIXE — pirá pocanguéra.

POSTEMA — mungá.

POSUIDOR — rerecoára. (Vide — Portador — e — Aio —.)

POUCO — mirim. (Mirim, em rigor, é um diminutivo. e vale: pequeno, mesquinho, etc.)

POUCOZINHO — mirinhote.

POUCO ANTES — tenondé mirim.

POUCO A POUCO — megué megué. (No D. B. vem: megoé megoé.)

POUPAR — jemocecatiyma. (No D. B. está: cecateyma rupi merim.)

POUZAR — putá. (O D. B. dá: pouzar a ave, oapycá. Pytá, ou mbitá, significa: restar, sobrar, ficar, calcar, etc.)

POUZADA — mombutaçába.

POTRA — çapiá oacú. (Potra, aqui, está significando a hernia, a quebradura. Çapiá oacú diz-se o testículo grande, inchado, etc. No Ms. do M. B. vem: potra, tapyá guaçu e potroso ser, xerapyá guáçu.)

POTROZO — çapiá oacú. (Vide — Potra —.)

POR EM MONTE — imoatire.

P antes do R

PRAGANA — coréra.

PRAGAS ROGAR — curá curá.

PRAIA — yby cui açú. (Yby cui açú vale: areia grande, pois yby cui é a terra moida, a terra como farinha, a areia.)

PRATA — itajúbatinga. (Itájúba significa a pedra amarela, e serviu para designar o ouro. Itájúba tinga seria o ouro branco... mas a palavra composta itajúba, perdendo o significado restricto de ouro, passou a significar de modo geral, o dinheiro, a moeda, etc. Assim, itajubatinga corresponde ao dinheiro branco, a moeda branca, á prata.)

PRATICA — monghetá. (Pratica na accepção de sermão, discurso, braço, etc.)

PRATA FALÇA — itájúba rãna. (Itájúba exprime o dinheiro, a moeda, etc. Prata falsa vale, também, dizer: o dinheiro falso, a moeda falsa.)

PRATO — pratú. (E' evidentemente palavra portugueza tupinizada.)

PRANTIAR — çapirón. (No D. B. vem çapyrón. Çapyrón, ou hapyrón, como vem na Conquista, tanto vale chorar, prantear, como lamentar-o relacionando-se ao verbo apirón, que recebe t, r, h, gu.)

PRACEIRO — rapixára. (No D. B. vem: parceiro, companheiro, irunámo goára; amigo de mulheres, cunhán rupiára. Rapichár, como se vê em Baptista Caetano, vale: semelhante, igual, parecido, etc.)

PRACEIRA — cerapi. (Cér significa querer, gostar de, ser amigo de, etc. Cerapi dever ser cerapyr, participio que significa-

rá: o querido ou querida de, o amigo ou amiga de, etc., a parceira, a companheira.)

PRAGUEJAR — jurupari renói. (Jurupari é o demônio.)

PRAZER — toriba. (No D. B. está turyba, mas em outros vocabularios vêm toriba e toryba. Lucien Adam registra: ory-h a, joie, se rejouir, e cita as variações não só no guarani como em seus dialectos. Em guarani de Montoya e Pablo Restivo, t-oryb, s-, g-, r-, joie; mbo-ory, rejouir; em chiriguano r-ory; no Bras. s-ory, m-oryb, rejouir; em Ferreira França t-oryba; em Henri Coudreau, Vocabulaire méthodique de la langue Oyampi, 1892, ori-katú, bien content et er-urú, je suis content; em Couto de Magalhães se-r-uri, mu-r-ori; em Barbosa Rodrigues, s-uri, r-uri, s-uré e em tupi austral xe-r-erú.)

PREGO — itá pyá. (No D. B. está étápuã, mas devêra ser itápuã ou itápoan, como vem em Stradelli.)

PREGAR — mojatíco.

PREGUNTAR — porandú. (No D. B. porandúb; no Ms. do M. B. aporandúb.)

PRECEITO — tecó monhangába.

PRESENÇA — puri, cepiacába.

PRENA COUZA — muruabóra.

PREÇA — curutém rutém.

PREÇA — çapuá. (Stradelli dá: pressa, sanhém, ranhên, sapuá.)

PREPARAR — moçacuí. (No D. B. encontra-se: preparar, mongatirón.)

PREGAÇÃO — tupána nheénga. (Pregação está por sermão, doutrinação, etc. Tupána nheénga traduz-se: palavra de Deus, voz de Deus, etc.)

PREGAR — nheénga monhang. (Pregar ou fazer fallar, doutrinar, orar, discursar.)

PRENDER — apotim, pococáb.

PREZIDIO — mocabóca.

PRESTIMO — catuçábacatú.

PREZUNÇAM — moaupába.

PREVER — cepiáca tenondé. (A phrase diz: ver em frente, ver com antecedencia, etc.)

PRINCIPIO DO: ... — nhemondiár. (A última palavra portugueza inteiramente illegivel.)

PRIMEIRO — ranhé. (No D. B. vem: primeira cousa. ranhé. Ranhé, ou melhor, rangé, significa: antes, em primeiro lugar, primeiramente, etc.)

PRIMEIRAMENTE — ipy ranhé. (Ipy, ou ypy, segundo o D. B., indica a origem, o fundo, e por isso ypy ranhé dirá: a antiga origem, o primeiro motivo, etc.)

PRINCIPIO — ipy. (Tambem ocorre ypy. Vide antecedente. Ypy significa ainda, como adjectivo e adverbio, junto, ao pé, contiguo, ligado, etc.)

PRINCIPAL — toroxabo (?) (A palavra tupi está quasi illegivel.)

PRIVILEGIADO — abaeté, moacára. (Abaeté é o homem verdadeiro, superior, sabio, etc.; moacára, segundo Stradelli, é o commandante, o superior, o conselheiro. No D. B. vem moaçára, mas, parece, devêra ser moacára.)

PRINCIPAES — jejuróng.

PROA DA CANOA — agatim. (No D. B. ygatim.)

PROEIRO — agatim úba. (Vide termo — Arraáz —.)

PROXIMO — çapixára. (Vide — Praceiro —.)

PROMETER — mombeú.

PROVAR O COMER — çaáng.

PROFANAR — momoxi. (E' como vem no D. B.; mo-moxi. fazer ruim, fazer mal, etc.)

PROFUNDA COUZA — tipú eté. (Vide — Primeiro — e — Principio —.)

PROFUNDEZAS DO INF. — jurupari ratápe. (Como é evidente, F. A. diz: profundezas do inferno. Jurupari ratápe, palavra por palavra dirá: Diabo fogo no. no fogo do Diabo. nas fogueiras do inferno.)

PROLAXIDADE — nheénga pucú. (Prolaxidade por prolixidade. Nheénga pucú significa: falla comprida, falla longa. conversa interminavel.)

PROLONGAR — mopucú. (Mi-pucú, fazer comprido.)

PROVER-SE — jemoçacui.

PRUDENCIA — tecoráma reré.

P antes do U

PUBLICA COUZA — icoáb purib.

PULAR — pôre. (No D. B. vem opóre. Em guarani diz-se apenas pôr, e é como que contracção de um frequentativo ou reiterativo de pôr, haver; e tanto que diz Baptista Caetano, no sentido de pular usa-se mais frequentemente popór. Este conjuga-se após, repó, opó, etc.)

PULÇO — pó apú. (No D. B. está jaby rajyca. Em Stradelli encontra-se yyua-raica, veia do braço. A parte logo em seguida á mão, sobre mão, é pourpe. Esta expressão usa-se quando, no sentido figurado, pulso funciona como synonymo de força, violencia, etc. O mesmo autor cita a phrase seguinte: aé oiké nunto pourpe rupi, elle somente entrou á pulso. Na phrase: o medico lhe tomou o pulso, pusanungára osaan y yyua-raica, como se vê. apparece a primeira forma.)

PURGATORIO — tupána ratá. (E' como vem no D. B. e em varios vocabularios, inclusive no de Stradelli. Este acrescenta: tupána-tatá-reudáua. As expressões tupána tatá, fogo de Deus, tupána tatá catú, bom fogo de Deus, purgatorio, e tupána tatá puxi, máo fogo de Deus ou inferno, são, é claro, expressões caracteristicas do tempo da catechese.)

PULGA — tumúra. (F. A. realmente escreveu tumúra, termo que não encontramos em outros vocabularios. No D. B. vem: tendy e jagoára kiyba, esta ultima phrase significando propriamente *piolho de cão*; no Ms. do M. B. está tunguçu, vulgarmente *iagoorakyba*. E' evidente, em *iagoorakyba*, um erro de copia ou typographico, pois esse vocabulo deve ser *iagoarakyba*, correspondente ao *jagoárakiyba* do D. B.; em Stradelli vem: pulga, commum, tendy, coipé, kéua e, pulga dos pés, *teni*, forma usada no Solimões.)

PUNHADA — potucába. (Punhada vale, aqui, golpe com o punho, sôcco, punhaço, etc. Potucá, significa bater palmas, e portanto, potucába dirá o acto, o modo de bater palmas. Baptista Caetano diz: po-tucá, bater roupa para lavar; parece ser um participio de mbotú, bater, do qual se fez verbo, como se vê em acatuáb e outros. Por outro lado porém, como significa bater palmas e como além disso éra substantivo designando uma dança

em que havia continuo e compassado bater de palmas, parece que o verbo vem directamente do participio **tucáb** — **tú**, soar — com o prefixo **po** ou **mbo**.)

PURGA — **moçanga**. (**Moçanga** ou **poçanga**. No Ms. do M. B. vem: **purga**, **moçanga**; **purga**, dar a doente, **aimopoçanguú**, purgação de mulheres, **gemondeára**; purgações terem as mulheres, **aiemondear**.)

PURIFICAR — **keáóc**. (No D. B. é **kytingóc**.)

PUTA — **patakara**. (O D. B. registra: **potakéra** **ojemonháng**; Stradelli dá: **patacú** **patacuéra**; o Ms. do M. B. diz: **puta**, id est meretrix, **patakéra**.)

PUTARIA — **moropotára**. (**Moropotár** e **poropotár** significam querer, mas com a particularidade de querer mulher ou querer homem, ciar, ter apetite ou desejos carnaes, requestar. **Moropotára** pode significar, como diz F. A., devassidão, luxuria, perdição, etc. Vide Baptista Caetano, Vocabulario.)

PUXAR — **ceki**. (E' como vem no D. B. No Ms. do M. B. diz-se **acykyi**.)

PUXAR PARA TRAZ — **ceki copé keti**.

PUXAR PARA BAIXO — **ceki yby keti**. (**Yby** é a terra, o solo, o chão.)

PUXAR PARA CIMA — **ceki ibaté keti**. (**Ibaté** é o alto, o de cima, o superior.)

PUEIRA — **ybytibóra**. (No Ms. do M. B. está: **pó**, **cui**, absolutamente na composição se applica depois; v. g. **ybycui**, **pytuma cui**, etc., pó de tabaco. Ao pó que se levanta da terra, chama-se **ybytimbóra**. E' á esta ultima expressão que se refere F. A.)

Q

QUAL — umabaé. (No D. B. vem: qual? abá?; qual será? abá taé?; qual de nós?, abá tá jánde cui goára? No Ms. do M. B. está: qual delles?, vmambaé?. A palavra umabaé annotada por F. A. é composta de **úma**, adverbio, que significa como, onde, o que, etc. e de **mbaé**, cousa, objecto. **Úma** vem, na Conquista, graphado **húma** em forma interrogativa o que dá, em composição, **humabaé**, qual, o qual, quaes; Também occorre **mabaé** com funções de pronome, valendo: qual, quem, que pessoa, quaes, etc.)

QUAES — umabaé taé.

QUARTA-FEIRA — morák moçapúr. (A primeira palavra tupi está evidentemente mal escripta; deve ser **morauky**, como vem no D. B., em Stradelli e em outros vocabularios. **Moçapúr**, também, correctamente seria **moçapyr**. **Morauky moçapyr** vale: tres trabalhos, isto é, o terceiro dia de trabalho, a quarta-feira portanto. Por esse mesmo processo formaram, os catechistas, as denominações de todos os dias da semana: a segunda-feira era **morauky iepé**, o primeiro dia de trabalho, a terça-feira era **morauky mocoin**, o segundo dia, etc.)

QUARESMA — jecuacúba açú. (No D. B. está: jecuacú oçú. Em Stradelli, iucuacú ára. Iucuacú e jecuacúba exprimem: o jejum, o jejuado, etc. F. A. e F. O. dão, portanto, a quaresma como o jejum grande; Stradelli, que reflecte o fallar do indio moderno da Amazonia diz: dia de jejum. A' proposito de jejum são interessantes estas notas: o indigena, pode-se dizer, passa uma grande parte de sua vida a jejuar. Começa a jejuar quando chega á puberdade, jejua nas vespersas das festas instituidas por jurupari, o legislador indigena; jejua antes de casar; e casado, jejua todas as vezes que a mulher é menstruada; quando esta pare e durante o resguardo a que elle fica submettido; quando os filhos estão doentes, e não sei mais em que ou-

tras circunstancias. Si aos jejuns rituaes, porem, juntarmos os forçados, que tambem não são poucos, é preciso convir que não exagere dizendo que passa a vida a jejuar. Disso pois, talvez, a razão por que, quando tem, come á tripa fôrra; é para refazer o tempo perdido. Vide Stradelli, Vocabulario, pag. 483.)

QUANTO QUIZERES — maiané repotár. (No D. B. vem: quando quizeres, arepotár ramé.)

QUANTO MAIS — memeté. (No D. B. está memeté ipô.)

QUANDO SE ENCONTRA — çabaitim.

QUANDO — maiané ramé. (No D. B. vem mbaé ramé. Maiané de F. A. deve ser mairamé.)

QUANDO SE VAE O LUME DOS OLHOS — cecá... (A segunda palavra da phrase tupi está illegivel.)

QUANDO, EM QUE TEMPO — erimbaé. (No Ms. do M. B. está: quando, em que conjunção de tempo? erimbaé?)

QUANTAS VEZES — mbour taé. (No D. B. lê-se: moby. ei, e no Ms. do M. B. mobype?, vulgarmente mobyrytaé?)

QUANTOS DIAS — mbour ára. (Ára é o tempo, a época, a occasião, o dia, etc.)

QUANTOS MEZES — mboúr jaci. (Jaci, iacy, jacy e yaci são variantes de graphia, mas todas significam a lua. Mboúr jaci? diz, portanto, quantas luas?)

QUANTOS ANNOS — mboúr acajú. (Vide — Anno —.)

QUANTAS SEMANAS — mboúr semana. (A falta de palavra propria para indicar a semana, obrigou o neologismo na lingua geral.)

QUANTOS — mboúr taé. (No D. B. occorre tambem mobyr.)

QUAZI TODOS — opabinhé. (Opabinhé significa todos, todos juntos, etc.)

QUATRO — quatro i. (F. A. provavelmente enganou-se ao escrever a palavra tupi; não é possível que desconhecesse o termo significativo de quatro. Quiz, por certo, escrever irundi, como faz suspeitar aquelle i isolado.)

QUE — maiané, taé. (Que interrogativo traduz-se no D. B. por mayabé. Vide D. B. 1.ª parte, pag. 95.)

QUE QUERES — mbaétaé repotár. (A phrase vale: que cousas queres?)

QUE FAZES — mbaé taé remonháng.

QUERER — apotár. (Potár, de po-tar, colher a mão, ou que colhe a mão, colher o que ha; significa: quèrer, desejar, intentar.)

QUE TENS — marám taé reicó.

QUE COUZA — marám.

QUERIDO — çauçupára. (E^o como vem no D. B. Em nheengatú ou tkpi moderno, diz-se apenas xaisuá, como grapha Stradelli.)

QUEBRAR — opéne, jucá. (O D. B. registra: quebrar pão, mopéne; quebrada cousa, v. g. pão, péne; quebrado, v. g. prato, jicá; quebrado, homem, çacamby péne; quebrantar ou debilitar, momembéca; quebrar a lei, jaby tecó. Jucá é matar.)

QUEBRANTAR — jubui. (F. O. dá momembéca, isto é, fazer ou tornar molle, inconsistente, flaccido, etc.)

QUERER MAL — jemotareyma. (Eyma, ey, eym, yma, etc., são formas graphicas diversas da negativa que, junta aos verbos, vale não, e junta-aos nomes, substantivos e adjectivos vale sem.)

QUEIMAR — çapú. (Çapú é o çapy do D. B.)

QUEIMAR-SE — oçái. (Hapy, ou melhor apy, significa queimar, abraçar, incendiar, etc.; nos dictionarios modernos apy e cái figuram como synonymos.)

QUEM ÉS TÚ — abá indé. (Abá vale, aqui, as interrogativas: quem? qual? que?)

QUEM TU DISSE — abá taé ápoi indé. (Quem te disse, ou quem t'o disse, interrogativamente.)

QUEM TE DEO — abá taé ndé nupán. (Dar, neste caso, deve ser entendido como espancar, bater, etc.)

QUEM É AQUELLE — abá taé oimaé.

QUE TE DISSE — marám taé. (Marám, de ma, como é ram, assim, significa em rigor: como assim?, como é que?, como que?, o que assim?, o que parece?, conio isto?, etc. Serve para interrogar, mas entra tambem nas respostas, admittindo no primeiro caso a interrogativa, e em ambos os casos pronomes, posições e adverbios. Vide Baptista Caetano — Vocabulario — 219.)

QUEIJO — cambú. (**Camby** como substantivo significa leite, agua do peito, como se interpreta correntemente o termo; **cambú**, verbo, traduz a ideia de mamar. O D. B. dá **cambyantán**, isto é, leite duro, leite consistente, etc. E' forma muito mais adequada.)

QUEIJO FRESCO — cambú peçacú.

QUEIRA DEUS — tupána opotár ram. (**Ram** é particula de futuro.)

QUERENDO DEUS — tupána opotár ram. (E' a mesma phrase anterior.)

QUENTE COUZA — çacú eté. (**Çacú eté** diz: realmente quente, verdadeiramente quente, etc.)

QUEIMADURA — çapúcâba. (**Çapú**, queimar, e o suffixo **caba**: o tempo, o modo ou o lugar de queimar.)

QUEDO OUTRO — mápa amó. (F. A. escreve **quedo outro** em lugar de **que é do outro**. **Mápa**, ou melhor **mápe** é um adverbio interrogativo que corresponde ao nosso **onde**, em que lugar, etc.)

QUEBRAR — ojucá, opéne. (F. A. já havia registrado, linhas acima, este verbete.)

QUERER BEM — nde rauçúb catú. (Vide — **Querido** —.)

QUEIMAR — táya. (**Tái** pode exprimir a ideia de queimar, em sentido figurado, como em portuguez. A significação verdadeira é: azedo, acre, picante, etc.)

QUIETAR — iconhóte. (**Icó nhóte**.)

QUINHAM — potáua. (A graphia de F. A. denuncia claramente a permuta do **b** pelo **u**, corrente hoje no nheengatú amazonico. No D. B. e em outros vem **potába**, a dadiva, o presente, a esmola, etc.)

QUINTA-FEIRA — çoó papáo. (**Çoó** é o animal, a fera, a a carne, etc.; **papáo**, de **papár**, é o fim, o termo, etc. A expressão **çoó papáo** que tambem ocorre no D. B. talvez valha: o fim da carne, isto é, o ultimo dia em que se come carne, a vespéra da sexta-feira, em que não se deve comer carne.)

QUEIXO — ragiba, cerembiu... (A ultima palavra está quasi illegivel.)

QUEIXA — morandúba. (**Morandúba** é a referencia, a noticia, a historia, etc.)

R

RAM — jui, tatáca. (No D. B. vem yui e tatáca. Stradelli diz que a iui é casta de rã muito commum junto às bananeiras, e que a tatáca é arborea.)

RABO — çoaiá. (No D. B. vem çobáya. Tastevin registra suaya, ruaya e diz também que suaya é nome familiar e pittoresco da coca; Stradelli, da mesma forma, dá suaia, e acrescenta: cauda, rabo, pendão, terra de além mar. Baptista Caetano dá hobái como adverbio e posposição com os significados: em frente, em face delle, e, como substantivo: a frente, a fronte, o lado fronteiro, o opposto. Destas ultimas expressões proveio o designar-se Portugal ou o reino por çobai ou çobaixára como registra F. O. Nenhuma dessas palavras parece-nos servir claramente á comprehensão de çobáya com a significação de rabo, a não ser que se lhe attribúa a propriedade de estar no lado opposto, no outro lado... relativamente á cara ou ao focinho... Çobáya, çoaiá, suaia, hobái e hobáy são apenas variantes de tuguái, de tuguá com o suffixo i. Tuguá é o assento, o fundo, a parte posterior, a culatra, a base. Pode ser, diz Baptista Caetano, tub regido do participio equáb, lugar, ou é talvez alterado do participio tuháb, pois em tupi se acha çubá ou çobá, que reporta a tupáb, participio de túb, que muda o t em r, h, gu. Bem verificado que guã possa ser designativo de futuro, como rã, tuguã seria simplesmente o futuro de túb, exprimindo: para estar sentado ou assente, o pousadouro. Tuguái designa realmente a cauda, o rabo, o appendice da parte posterior, mudando-se o t em r, h, gu.)

RADIAR — mocatác catác. (Mocatác segundo o D. B. é: fazer ranger, bolir produzindo o som de cousa que balança ou que range encostada á outra.)

RACHAR — mbóc. (Bóc e bóg dizem: rebentar, ranger, estalar, partir; mbóc dirá: fazer rebentar, fazer estalar, etc.)

RASGAR-SE — iambui, ceróc

RASGAR — ambui. (Talvez de ambú, sonoro, soante, estrondejante, que faz ruido, que faz rumor. Em guarani moderno diz-se: amondoró e amondyry.)

RASGAR-SE — iambui ceróc.

RACHA OU FENDA — bocába, jicaçába. (O D. B. dá jicaçába. Bóc é partir, abrir, rachar.)

RAIS — çapô. (O D. B. dá cepô. No guarani actual diz-se: tapó, japó, rapó.)

RAIS DE ARVORE — çapópema. (A sapupéma, como grápha Stradelli, é a raiz chata, a raiz que sahe da terra formando saliência em forma de escora achatada em roda do tronco, fazendo-lhe de contraforte e dividindó-o em compartimentos, muitas vezes sufficientemente espaçosos para servir de abrigo momentaneo, depois de ter uma ligeira cobertura de folhas de palmeira ou uma simples mytú-ruaia, a sete ou oito pessoas, permitindo fazer fogo e preparar comida. Vide Stradelli — Vocabulario — pag. 641.)

RAIO — tupan, ibak itapóra. (Tupan, aqui, para designar o raio, tem um sentido figurado. Ibák itápóra dirá a pedra que salta de cima, do céu, etc.)

RAIO DO SOL — coaraci berába. (Coaraci é o sol: berába de beráb, o brilho, o lume, resplendor, etc.)

RAIVA — maramotára.

RAIVOZO — maramotáre.

RALAR — ketic. (No D. B. vem: ralar, fazer liquido. motycú. No Ms. do M. B. lê-se aketyc.)

RALHAR — corurúc.

RALO — uacém. (No Ms. do M. B. está: ralo de ralar mandioca, etc., ybecém; o D. B. diz: ralo de relar, ybucêi.)

RALHAR DE ALGUEM — iangáo. (O D. B. dá angáu.)

RAMA DE ARVORE — caá. (Caá é designação geral de matto, hervas, folhã, etc. O D. B. explica melhor dizendo: ramo das arvores, caá róba, isto é, vestimenta, cobertura das arvores, das plantas; ramo ou esgalho de arvore, cymyrá racánga.)

RAMELOZO — ceçá peyma.

RANHO — iambú. (No D. B. vem: amby ou uú.)

RANHOZA COUZA — iambúoára.

RAPAZ — coromim. (Tambem occorre curumim.)

RAPARIGA — cunhatém. (No D. B. cunhã tém. O Ms. do M. B. diz: rapariga, cunhatei, antes da puberdade, e cunhaã mocú depois. Por desprezo diz-se cunhaã aúba.)

RAPOZA — oabará. (O D. B. dá avará.)

RAPAR — iapin. (O D. B. dá: rapar a cabeça, jopine. No Ms. do M. B. ha as seguintes notas: rapar com a navalha, anhopin; e se he o cabeello da cabeça humana, aiopin. Vulgarmente, porem, confundem estes dois verbos e empregam o segundo da mesma sorte que o primeiro havendo, entretanto, distincção nos significados, a saber: o verbo anhopin de rapar qualquer cousa, como v. g. o carapina alimpa a taboa com a plaina; o mesmo he limpar com faca qualquer páo, etc.; o verbo aiopin, significa propriamente rapar a cabeça ou cortar o cabello.)

RAPAR-SE — japine.

RASTO — pypóra. (Pypóra pode valer o signal do pé, a marca dos pés, etc.)

RATO — oabirú. (O D. B. dá: rato, goabyrú; rato que se come çabujá.)

RATOEIRA — oabirú motaçába. (O D. B. quando traduz ratoeira, dizendo junçána e mondé, evidentemente não determina a armadilha especial para ratos, mas as armadilhas em geral. O Ms. do M. B. explica: ratoeira com que matão ratos, guabyrú rupiára; este nome rupiára he commum a todo o instrumento com que se apanha qualquer cousa. E' o caso do junçána e mondé de F. O.)

RAZAM TER — çupi nheénga.

RAZAM DAR — mombeú.

R antes do E

REAL COUZA — catú eté. (Catú eté, vale dizer: muito boa, realmente boa, verdadeiramente boa. No D. B., mais correctamente, vem mbaé catú, cousa boa, cousa util, etc.)

REALMENTE — tecó rupi. (Tecó é o estado, a lei, a condição, a norma, etc.; logo, a expressão equivale a: normalmente, legalmente pelas condições. Rupi indica o meio com que a cousa

é feita, o caminho para chegar a um fim determinado, a duração, a continuação da acção, e torna adverbial a palavra á que é posto. Vide Stradelli, Vocabulario, 633.)

REBEÇAR — oêne. (O Diccionario de Candido de Figueiredo não registra o termo **rebeçar**. Encontramol-o em Moraes, edição de 1813, com o significado de **vomit**ar. O D. B. dá vomitar. **goêne**.)

REBENTAR — póc. (E' verbo de origem onomatopaica. O D. B. diz que rebentar de modo geral é póc e rebentar a corda é çóc.)

REBOCAR — moxime. (Provavelmente trata-se de **mocime**, ou melhor, **mocyme**, tornar liso, alisar, etc.)

REBOLO — itacui itakibába. (Itacui diz o pó de pedra. O D. B. dá itá **babóca**, talvez por itábabác, a pedra gyratoria a pedra que vira ou revira, etc., sendo **babáca** gerundio de **babág**, verbo formado pelo frequentativo de **bág**, revirar-se, virar de um lado para outro.)

REBELDE — arobiaçárayma.

RECREAR-SE — jepyá moçain. (A ultima palavra está quasi illegivel; parece, no entanto, que F. A. a graphou tal como a registramos. E' possivel que em lugar de **moçain** quizesse o autor escrever **moçarai** que, como vem no D. B., 2.^a parte, significa: triumphar, folgar, brincar, zombar, galantear, etc.)

RECOLHER — moingé, iroiké. (No D. B. vem **moingé** e **mondé**. No Ms. do M. B. está: **recolher**, hospedar, **airoiké**; **recolher** o que ha de entrar por seus pés, como o gado, **aimonghé**.)

RECOLHER-SE — jeroiké. (E' simplesmente a forma passiva de **iroiké**, annotado no verbete antecedente.)

RECONCILIAR — mocamarár jebúre. (Jebúr e jebyr, como grapha F. O., valem: segundar, tornar, voltar, repetir, etc. **Mocamarár** é provavelmente hybridismo, pois **camarár** denuncia forma tupica de **camarada**, termo portuguez, e **mo** ou **mbo** é o verbo tupi que vale: fazer, executar, etc. Assim **mocamarár jebúre** dirá: fazer camaradagem de novo, tornar-se camarada segunda vez, ou reconciliar.)

RECONCILIAR-SE — jemocamarár jebúre. (E' a forma passiva. Vide antecedente.)

RECUAR — jebúr. (Vide — Reconciliar —. O D. B. dá çakiquéra jebyr; o Ms. do M. B. dá: recuar atrás, açyryc.)

RECEBER — jar. (O D. B. registra também jar e accrescenta: receber em sua casa, omoingé çocópe. O Ms. do M. B. diz: receber, o que se dá, aiár. Jar ou yár, do verbo ár, colher, tomar, receber, acolher, prender, etc.)

RECEBER-SE — jemendár. (O D. B. dá: receber-se, casar-se, jemomendar. Mendár significa o casamento, o casar-se, o tomar liga ou ficar ligado. Como adjectivo, diz Baptista Caetano, traduz-se: casado, casada, etc., mas neste sentido é mais commum dizer-se mendarér. Para traduzir noivo, noiva, a pessoa que vae casar, diz-se mendarám, fórma de futuro. Gonsalves Dias registra: abá mendaçára casado, e abá mendaçáreyma, solteiro, não casado.)

RECEAR — cekijé. (O D. B. dá rocekyjé e moáub.)

RECORDAR — maenduár jebúre. (Maenduár significa lembrar; maenduár jebure dirá: lembrar novamente, lembrar segunda vez, etc.)

RECONHECER — coáb jebúr. (Coáb, cuáb cuáu, etc. são formás gráphicas diversas de quaáb, saber, conhecer, entender, perceber, comprehender. Em tupi, diz Baptista Caetano, são usuaes as formas coáub e cuáb; có, infinito, o ser, quáb, quá ou cuá por ecoháb, participio, o estado, o modo de ser; ab, ou o verbo partir, abrir, ou agglutinado de aháb participio, o acto de tomar, ou ainda simplesmente suffixo háb de participio, produzem quá-áb, o ser ou o estado da coisa tomar ou partir. Vide Baptista Caetano, 429.)

RECADO — marandúba. (No Ms. do M. B. vem: recado que se manda a alguém, nheénga; o D. B. dá morandúba. Sradelli registra também marandú, mas o correcto deve ser morandúba, o fazer saber, o fazer sentir, o aviso, o annuncio, o conselho, a indicação, etc.)

RECADO — nheénga. (Nheénga é a falla, a exhortação, o discurso, a pregação, etc. Vide o antecedente.)

RECIOSO — cekijé purib.

RECOSTAR-SE — jenóng. (No D. B. está: reclinar-se jenóngcerâne.)

RECOMMENDAR — jemocoár cecé.



RECADAR — nongatír. (E' como vem no D. B.)

RECOMPENÇAR — cepy meéng. (Cepy meéng equivalem a: dar pagamento, dar preço, dar compensação. No Ms. do M. B. vem: aimeéng cypyráma, sendo cypy a recompensa.)

REDENTOR — moropícion ána. (No D. B. vem poropycyronçára, isto é, o auxiliador, o que ajuda ou ampára, o que anda auxiliando, etc. Segundo Barbosa Rodrigues, Vocabulario Indígena com a Orthographia Correcta, a palavra deve ser escripta: môropyciyrõ.)

REDE DE DORMIR — kiçába. (Em Montoya vem quyháb, sem duvida, diz Baptista Caetano, do participio de quéháb ou queriháb, o em que se dorme.)

REDE DE PESCAR — puçá. (No D. B. e em outros vocabularios vem pyçá. A rede de mão, a rede pequena de pescar chamam pyçámirim.)

REDONDEAR — moapyrá. (Redondear, redondar e arredondar valem todos moapuã.)

REDONDA COUZA — iapyá. (Iapyá ou iapuã.)

REFEIÇÃO — moaú. (No D. B. está: mbaé uú, cousa de comer, comestivel.)

REFEITORIO — mbaé uçába róca. (A phrase diz: casa em que se come cousas, lugar das refeições, onde se tomam refeições.)

REFORÇAR — mopirantam. (E' como vem no D. B.; mopirantam, fazer forte, tornar rijo, etc.)

REFRESCAR — moroiçang. (Moroiçang é tornar frio, resfriar. O D. B. dá: refrescar, moroyçang; refrescar a memoria, jemomanduár cecé.)

REFUGIO — jepycironçába. (Jepycironçába traduz-se por: lugar de refugiar-se, lugar de abrigar-se, lugar em que se encontra auxilio, etc.)

REFREAR-SE — jeronhún. (A palavra tupi está quasi illegivel. O D. B. dá puyr.)

REGALAR-SE — jemoriba. (Jemoriba é tornar-se alegre, fazer-se satisfeito, divertir-se. O D. B. dá: açação catú ára, passar tempo bom, passar bons dias, etc. Vide seguinte.)

REGALAR-SE — jerecó catú. (Esta expressão corresponde a: estar bem, sentir-se bem, sentir-se em bom estado ou em boas condições.)

REGATO — igarapé mirim. (Igarapé é o riacho navegável por pequenas embarcações; igarapé mirim será o riachinho. Igarapé significa o caminho da canôa, o canal, etc.)

REGEDOR — rerecoára. (Vide — Aio —.)

REGULAR — çangába rupi. (Regular, aqui, está na aceção de nortear, normalisar, accertar, etc.; çangába é a marca, o indício, a indicação. Çangaba rupi vale dizer: pela marca, pela indicação, segundo as normas, etc.)

REINO — çobái. (Çobái, que em guarani se diz hobái, significa: em frente, em face, a frente, o lado fronteiro ou opposto. Assim diziam de Portugal, o Reino, por estar do outro lado do oceano, em opposição ás terras do Brasil.)

REINOL DO REINO — çobaigoára.

RELAR — kitic. (O D. B. dá: relar, *ketyc*; relar esmigalhando, *mocurui*; relar mandioca, *ketyc*.)

RELAMPAGO — tupán berába. (A expressão diz: brilho ou fulgor de Deus, scintillação de Deus.)

RELOGIO DO SOL — coaraci rangába. (Rangába é a marca, a sombra, a indicação; coaraci é o sol.)

RELAR — moapypóc. (Vide — Relar — linhas acima.)

RELEUAR — nhiron nhóte.

RELIGIAM — tupána moetéçába. (Tupána moetéçába significa: o ensinamento de Deus, as doutrinas de Deus, etc. O D. B. dá *tupána recó*, lei de Deus.)

RELIQUIAS OU SOBRAS — cembúra.

RELUZIR — cenapúc. (O D. B. dá: *cendy púca*, isto é, o brilho, o clarão que rebenta, que apparece de improviso, que surge bruscamente.)

REMOÉR — çuú çuú. (Çuú é morder, mascar, dentear. Parece onomatopaico, diz Baptista Caetano, mas póde reportar-se a ú, comer, morder, etc. Çuú çuú, como frequentativo exprime: morder morder, remorder, morder mordendo, ruminar, remôer, remastigar.)

REMAR — apecui. (No D. B. vem *japecui*.)

REMAR MEUDAMENTE — mopopic. (No D. B. mopypyc.)

REMAR AS VESSAS — pitiár.

REMORDER A CONCIENCIA — angaci. (Angaci é a dor da alma, a dor íntima, o mal interior.)

REMO — apcuitába. (E' como vem no D. B. Na Amazonia diz-se hoje iapucuitá.)

REMEIRO — apcuitára.

REMENDAR — óba coára cequendá. (A phrase não é mais que traducção de outra, portugueza: fechar os buracos da roupa.)

REMATE — cicába. (Cycába significa, como derivado do verbo cyg, logar, tempo ou modo de chegar, de attingir o alvo, de terminar ■ acção de chegar, a chegada.)

REMELA — peya. (Parece-nos extranha essa traducção. O D. B. dá touma.)

REMETER — nhirón.

REMEXER — monáne. (Monã significa fazer misto, mesclado, mesclar, misturar, confundir, borrar, apagar.)

REMIR — mocéne.

REMIÇAM — nhirón. (O D. B. dá, mais correctamente, nhironçába.)

REMIÇA COUZA — petúba, menbéca. (Membéca, significa molle, tenra, sem consistencia, amollecida, etc.)

REMOQUE — apyçacá. (No Ms. do M. B. vem: remoquear, aimopyçacá, isto é, fazer remoques.)

REMUNGAR — cururúc. (Provavelmente resmungar.)

RENACER — çaenhém jebáo.

RENDER — meéng. (Meéng significa dar, offertar, oferecer.)

RENDER-SE — jemeéng inhóte.

RENOUAR — mopeçaçú. (E' como vem no D. B.)

REPARTIR — mojaóc.

REPICAR O SINO — moçorib tamaracá. (Moçorib itamaracá vale: fazer-se alegre o sino, tornar-se festivo o sino.)

RESPOSTA — çobaixari, çocobiára. (No D. B. vem: replica, nheénga robaixára, e resposta, cecobiára.)

REPREENDER — jacáo. (Jacáo é o ayaó dos guaranis.)

REPONTA DO MATO — çapecam. (E' interessante notar que o D. B. dá ponta da terra, çapycón.)

REPLICAR — nheénga çobaitim. (Vide — Resposta —.)

REPOUZAR — putuú. (No D. B. está: potuú merim.)

REPREMIR — mopytaçóc.

REPRIMIR-SE — jeronhé nhé.

REPROVAR — roirón. (Reprovar não vem na 1.^a parte do D. B., mas roirón está na 2.^a com os seguintes significados: aborrecer, despresar, arrenegar, recusar, vituperar, etc.)

REPUDIAR — jemembóre, jemoire. (No D. B. diz-se apenas mombóre.)

REPUTAR — moanghité. (Deve ser mo-ang-etê. O D. B. não registra o termo, mas dá moáng, afigurar-se, ter para si, cuidar, ter suspeita, etc. O suffixo etê serve assim para confirmar o significado de moanghité.)

REQUEBROS — nheénga puxi puxi. (Requebros naturalmente na falla, na pronuncia, no modo de fallar.)

REQUENTAR — moacú jebúre. (Moacú significa esquentar, aquecer, dar ou fazer calor; jebúre, ou melhor jebyre vale: pela segunda vez, voltar, revirar, etc., logo: esquentar outra vez, voltar a aquecer.)

REQUEIMAR O SOL — mixir mixir. (Mixir é, com mais propriedade, fritar. Mixira, diz Stradelli, é a fritura de peixe e de carnes muito torrada, conservada em vasilhas na gordura que serviu para preparal-a. Bem preparada se conserva por muito tempo e já foi industria muito explorada, especialmente no Solimões. A mixira mais commum é a de peixe-boi e de tartaruga; mais rara a de tambaqui e outros peixes, assim como de caças.)

REQUERENTE — tecó recé jemocoaçára.

RESCALDO — tenambúca. (O D. B. dá tanimbúca çacúoaê.)

RESPLANDECER — baráo. (Naturalmente de beráb. O D. B. registra cendypúca, rebentar o clarão, surgir o brilho, etc.)

RESURGIR — cecobé jebúr.

RESMUNGAR — corurúc. (Evidentemente verbo originario de sons onomatopaicos. Vide Remungar.)

RESTETUIR — moжебúre. (Mo-jebyr, fazer voltar, fazer retornar, revirar-se, revoltar-se, etc.)

RESPEITAR — moetê. (Mo-etê, tornar verdadeiro, tornar digno. E' como vem no D. B.)

RESPEITAR-SE — jemoetê. (E' a forma passiva do anterior.)

RESPEITADA COUZA — moetê pyrib.

RESGATAR — purupána. (O Ms. do M. B. dá: resgatar, acepymeéng, e resgate, mbaérepyráma. Acepymeéng vale: dar o preço, offerecer o preço, o pagamento.)

RESGATE — purupú. (Vide anterior.)

RESFRIAR — moroiçang. (E' como vem no D. B. Stradelli dá muirusánga.)

RESPIRAR — putucéme. (Putucéme é o mesmo pytucéme de outros vocabularios.)

RETROCEDER-SE — jemopocá pocá. (Jemopocá deve ser je-mopocáb; je signal de forma passiva; mo o verbo fazer, tornar, etc.; pocáb, de pocár, significa torcer, vergar, comprimir, etc. A repetição de pocá exprime apenas continuidade da acção, ou reforço da ideia expressa pelo verbo. Gonsalves Dias registra: mué mué muéca.)

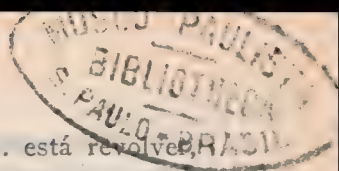
RETRATO — çangába, cepiacába. (Çangába é relativo de angába, que significa: apparencia, o vulto, a visão, o apparecimento, etc. Cepiacába, de epiág mais o suffixo ába ou hába. Epiág, diz Baptista Caetano, significa ver, e foi usado pelos tupis em vez de echág dos guaranis. Tem, portanto, a mesma applicação que çangába.)

RETABOLO — tupana rendába. (Tupána é a palavra tupi escolhida pelos catechistas para traduzir a ideia de Deus; rendába, de tendáb ou tendá, participio de lugar, de tempo ou de modo de ser ou estar. Tupána rendába vale pois: o pouso de Deus, o throno de Deus, o sacrario, etc.)

RETALHAR — ikitic.

RETALHO DE PANO — pano poçangoéra. (Pano é palavra portugueza; poçangoéra, piçangoéra, peçanguéra ou pysauéra, valem todos, restos, pedaços, retalhos, etc.)

RETER — moingó pucú.



REVOLVER-SE — jaréo, jaréo. (No D. B. está revolver, pobyre. Occorre também jebyre).

REZA — imboécába. (O D. B. dá jimboécába; Stradelli registra tupána-mbuésáua, isto é, ensinamento, relato de Deus. Também ocorre mboécába).

REZAR — tupána monghetá. (O D. B. dá apenas jimboé).

REVEZAR — cecobiára. (O D. B. registra jecobiár).

REVIRAR A' RODA — mobác. (Mo-bác, fazer virar, tornar volteante, etc.).

REZINA — cica. (No D. B. vem igcyca, e no Ms. do M. B. ycyca, evidenciando o elemento líquido ou fluido pelo y ou yg. Stradelli dá icyca, resina, visgo, colla mais ou menos consistente: icycaiba é a árvore conhecida vulgarmente por pau-de-breu, árvore que fornece uma resina especial).

REZINA DE CAJÚ — cajú cica.

REZINA DA LOUÇA — jetaí cica. (Stradelli dá as seguintes notas interessantes: iutai-icyca, resina de jutahy. Exsudação natural do jutahyseiro, usada pelas louceiras indígenas para envernizar ou vidrar a parte interna da louça, obtendo uma camada de verniz que, quando nova, imita perfeitamente o vidro).

REZISTIR — jepicyrón.

REZOLVER — mojecoáb. (Vide — Revelar).

R antes do I

RIBEIRA — igarapé. (O D. B. dá ribeiro, igarapé merim. Stradelli registra: riacho, yarapé-miri, yngarapé-miri. Igarapé diz, o caminho de canôa).

RIBEIRO — igarapé, gapó. (Gapó deve ser igapó ou yapó, lugares baixos ao longo dos rios, e no interior das terras á margem dos lagos e igarapés que, em tempos de enchente costumam ir ao fundo, floresta inundada ou sujeita a ser inundada periodicamente. Stradelli, Vocabulário, 715).

RICA COUZA — catú eté. (O D. B. dá: rica cousa, de muito feito, catuetê).

RICO — itajúbajára. (Itajúba é a pedra amarella, o ouro; itajúbajára é o dono do ouro, o senhor do ouro).

RIJO — çantán.

RIO — paranám. (Em certos vocabularios vale também o mar, o rio muito grande).

RIO DAS ALMANZONAS — paranám pitinga. (O D. B. dá: Rio das Amazonas, paranã pytinga. Strabelli diz: paranã pitinga, rio entupido, de má navegação).

RIPA — juçára.

RIQUEZA — itajúba eté. (O D. B. registra mbaé catú; o Ms. do M. B. dá: riquezas ou fazenda, mbaé, itajúba. Itajúba eté, em rigor, significa apenas ouro verdadeiro, ouro legitimo).

RIR — pocá.

RIR-SE — jepocá. (No D. B. rir ou rir-se, pucá; fazer rir, mopucá).

RIM — pirikitiim. (E' como vem no D. B. embóra com graphia diversa).

RISONHO — pocaçára. (Pocaçára, o que ri, aquelle que ri, o que tem habito de rir).

RISCAR — çair.

RISPIDA COUZA — çaci. (Çaci vale, também, dolorida, pungente, dolorosa, etc.).

RISCAS DAS MÃOS — çairçába pó çui. (Çair, riscar).

R antes do O

ROÇA — copixába. (No Ms. do M. B. vem: roça de qualquer mantimento, cô, vulgarmente copixába. Baptista Caetano registra: cóg, sustentar, alimentar, sustento, ajuda, colheita, roça).

ROÇAR MATO — copir. (O D. B. dá: roçar mato para a roça, copyr. Pequenas alterações graphicas podem acarretar grandes alterações de sentido: copei, copeir, varrer a roça, limpar a roça, alqueivar; copi, picar, cortar a roça, roçar, fazer roçadas; copyr, o que é roçado, o que é cortado, etc.).

ROÇADOURA — kicé apára. (Kicé apára é a faca curva, encurvada, a foice, o alfange, a faca que serve para roçar, a roçadora).

RODAR — pubúre.

RODEAR — cicime, jatimáne. (O D. B. dá: rodeiar, jatymáne).

RODEAMENTO — jatimáne. (Vide anterior).

RODELA —oaracapá. (O D. B. dá: rodela de canôa, oára-capá; o Ms. do M. B. registra guaracapába e ombyracapá).

RODEIO DO CAMINHO — pé jatimána. (O Ms. do M. B. dá: rodear, cercar, anhaman; rodear, andando, como quando se perde ou busca alguma cousa, anhatimantiman. O D. B. dá: rodeiamento, jatimána. Pê jatimána é, portanto, o rodeiamento do caminho, o desvio, o atalho).

RODILHA — pána aiba. (Pána aiba significa: panno máu. panno imprestavel, trapo, etc. O D. B. confirma o emprego do trapo como rodilha, dizendo: rodilha ou trapo, pána ayba. O Ms. do M. B., mais razoavelmente, diz: rodilha da cabeça, para levar peso, apyterendába).

ROCHEDO — itá antán guaçu. (Itá antán guaçu traduz-se por: pedra dura grande, grande pedra rija, etc. O D. B. registra: rochedo, itátyba, o que vale dizer: pedregal, lugar em que abundam as pedras, etc.).

RODOLHO — tairéra. (Rodolho, o mesmo que redolho, diz Candido de Figueiredo, é provincianismo beirão e transmoutano, e significa: cordeiro serodio, feno outoniço, e, como adjectivo empregado, na agricultura vale: entanguido, pêco, fallando-se de fructos. Tayr é o filho em relação ao homem, logo tayloréra, figuradamente pôde significar o filho enfezado, mirrado, etc.).

ROER — çuú. (Çuú, já vimos em paginas anteriores, significa tambem, morder, mastigar, dentear, etc.).

ROEDOR — çuúçara. (Çuúçara é o que morde, o que rói, o que mastiga).

ROGAR — jururé, monghetá.

ROGAR PRAGAS — curá curá. (No D. B. vem: rogar pragas, nheéngayba eté, isto é, fallar mal realmente, dizer muitissimo mal, dizer com muita maldade, etc.).

ROGAR MAL — nheénga aiba. (Vide antecedente).

ROGAR BEM — nheénga catú.

ROIDO — jambú. (No D. B. está tyapú. Ambos com o sentido de furado, cavado, vazio, etc.).

ROIDO — jambú. (No D. B. está tyapú. Ambos com o sentido de furado, cavado, vazio, etc.).

ROIM COUZA — mbaé aiba.



ROLIÇA COUZA — apuá. (O D. B. dá: mbaé puám, cousa redonda).

ROLHA — cequendápába. (Cequendá, çokendá e çoquendá valem fechar, cerrar, tapar; cequendapába dirá: o fecho, a fechadura, o tapume, etc.).

ROLO DE TABACO — petúma apecoaçára. (O D. B. dá: rôlo de qualquer cousa, pacoára).

RONCAR DORMINDO — kér ambúc. (Kér, quér, é o dormir, o somno; ambúc, amby, roncar, O D. B. dá: roncar dermin-do, cararang ou akér amby; o Ms. do M. B. dá: roncar como o cão, ou como o porco, xeambú; roncar o que dorme, xekérambú).

ROMPER — mondaçóc.

RONCOLHO — çapiáyma. (Roncolho, o que tem um só testículo, mal castrado. Çapiáyma exprime: sem testículo, etc.).

ROÇA ANTIGA — capueira. (No Ms. de F. A. está, realmente, capueira; deve ser capuéra, a mata antiga, a mata que existiu, etc.).

ROLO DE PANO — pána mamána. (Pána é simples tupinisação de *panno*; mamána é corruptela de *amam*, enrollar, envolver, etc.).

ROUCO — cororó. (Palavra evidentemente onomatopaica).

RONDAR — manhána. (Talvez de *aniam-nhân*, correr em volta, correr envolvendo, circundando, correr em torno de alguma cousa).

ROZALGAR — ropiára.

ROSNAR — corurúc.

ROSTO — çobá. (Çobá, tobá, rosto, face, cara).

ROSTO AMARELLO — çobá tagoá.

ROTA COUZA — çoróc. (Çoróc, significa rasgar, partir, estrassalhar, etc.).

ROUQUIDAM — cororonçába. (Vide — Rouco).

ROZARIO — poira cruçá. (O D. B. dá: moyra curuçá. Poy é a semente, a conta, a pevide, o caroço; cruçá ou curuçá parece ser um hybridismo — cruz-açá, passar em cruz, cruzar, etc. A palavra cruz naturalmente devêra ser pronunciada curúz pois não é da indole da lingua a occorrecia cr.).

ROUBAR — cembaóc. (O D. B. dá também pycyron, não com muita justeza).

S

SABADO — çabarú. (Simples tupinisação da palavra portuguesa).

SABER — coáb. (No D. B. ocorre coáub. No Ms. do M. B. vem: saber, sciencia natural, **tecocuába**, **mbaé cuába**; saber fazer, absolutamente, de qualquer sorte que seja, **aicuáb**. Em Montoya vem **quaáb**, saber, conhecer, entender, perceber, mostrar. Em tupi são communs as formas **coáub** e **cuáb**. Có, diz Baptista Caetano, é infinitivo, o ser; **quáb**, **quá**, **cúa**, por **ecóhab** — participio — o estado, o modo de ser; **ab**, ou o verbo partir, abrir, ou agglutinado de **aháb**, participio, o acto de tomar, ou simplesmente o suffixo **háb** de participio, produzem **qua-ab**, o ser ou o estado da cousa tomar ou partir, distinguir. Vide Baptista Caetano — Vocabulario — pag. 429).

SABEDOR — coábpára. (Tambem ocorre **cuapára**).

SABEDORIA — coábpába. (Tambem **cuapába**).

SABOR — cecába. (No D. B. vem: saborosa cousa, **mbaé cé catú**, cousa doce bem, cousa bem doce, etc.).

SACERDOTE — páy abaré. (Em algumas regiões a pronuncia era pay).

SACERDOCIO — abaré cacú.

SACRAMENTAR — tugarár. (Tugarár vale dizer: tomar Deus, recolher Deus, etc. No D. B. vem: sacramentar, **aáng poçanóng Santa Madre Igreja sacramento etá pupé**).

SACRARIO — tupána piá rendába. (A phrase traduz-se: pouso do coração de Deus, lugar em que está o sagrado coração).

SACRILEGIO — tupána moeteyma. (Tupána moetéyma, não honrar a Deus, não respeitar a Deus, etc.).

SACUDIR — motimúme. (No D. B. **motemúng**).

SACUDIR-SE — jemotimung. (E' a forma passiva do antecedente).

SAGAS — apigoára. (F. A. quer dizer sagaz).

SALEIRO — jukira rerú. (Jukira é o sal; jukira rerú é o depósito do sal, o que contem sal).

SAL — jukira. (Em tupi amazonico diz-se iukyra; os guaranis dizem yuquy).

SALGADA COUZA — caembúc. (No D. B. vem ceembúca).

SALUÇO — gióc, japóca. (Stradelli registra: soluço, iuiocasáua).

SALUÇAR — gióc. (Stradelli dá: iuióca, ioiόca, e fazer soluçar, muiuiόca. O D. B. dá tambem jojocô).

SALTAR — póre. (Saltar, no D. B., é popór, e salto é póre. Occorre tambem pór).

SALGAR — moém, moçaém. (O D. B. dá mocém).

SAFRA — itá monhagába. (Itá monhangába significa lugar que faz pedra, lugar em que surgem pedras. Por isso se vê que F. A. quiz dizer sáfara e não safra no sentido vulgar).

SALMOURA — jukira ticoéra. (A phrase equivale a: agua salgada, etc. Stradelli dá: salmoura, iukyra iukicé, iukyra póra; salmoura de peixe, pirá-iukira-póra; salmoura de carne de vacca, tapyira-iukyra-póra).

SALTAR DENTRO — póre ipúpe.

SALÇA PARRILHA — cipoém. (O D. B. diz: salsa do certão, parrilha, xipoém. Em nheengatú diz-se iusapú, iusapó. Stradelli annota: iusapú, salsa, salsa parrilha, smilax salsapparilha. Literalmente significa raiz de espinho, talvez por ter o caule espinhoso e sarmentoso despido de folhas. E' cipó commum em todas as mattas de terra firme, mas especialmente nos pequenos outeiros e cabeceiras de igarapés. O D. B., 2.^a parte, diz: cipóem, xipoém, alcaçuz).

SACO — cerú. (Tambem occorre rerú. No D. B. vem, ainda: saco do mar, guá).

SAHIR — océme. (Océme, océm, elle sabe. Cêm é o verbo sahir).

SAHIR A SEU ENCONTRO — có baitim. (Ir ao encontro, enfrentar, ir contra).

SANGUEXUGA — cebui péba. (Sanguexuga é sanguexuga. Cebui é a lombriga, minhóca; cebui péba será a minhóca chata,

a lombriga de forma achatada).

SANTOPÉA — jepeoá. (O D. B. dá também: santopéa, ja-poaguá, e accrescenta: jurupari kybáte. Stradelli dá jurupary-kiiua, isto é, pente de jurupari, pente do demonio).

SANTOS OLEOS — jandi caraibarára. (O D. B. dá apenas: jandy carayba, oleo christão).

SANGUE — çuguú. (Tambem çugui, tugui).

SANGRAR — çuguúóc. (Çuguúóc significa tirar sangue. O D. B. dá çugui jóca).

SANGRIA — çuguúçába.

SANGRADOR — çuguáçára.

SAPO — cururú. (Cururú apparece nos vocabularios designando uma casta de sapo e uma arvore. Ambos, arvore e sapo, têm a caracteristica da rugosidade, das asperesa, etc., como indica o adjectivo cururú).

SARAMPO — bitatá. (Talvez seja pitatá que de alguma forma pôde indicar a pelle afogueada, a pelle febril e vermelha lembrando o fogo. O D. B. dá sarampão, mixúa rána).

SARRALHEIRO — pererú. (E' evidente tupinisação de ferreiro).

SARGENTO — çorára rerecoára. (Çorára é tupinisação de soldado).

SARNA — curúba. (Vide — Sapo —. Lembra aspereza, rugosidade).

SARTAM DE FRIGIR — piriricába. (No Ms. parece estar escripto sertam, mas pelo sentido verificamos ser sartam, termo pouco usado hoje; designa uma especie de vaso largo, redondo e de pouco fundo, que serve para frigar ovos, peixes, etc. E' a frigideira. Provêm, diz Candido de Figueiredo, do latim sartago, sartaginis).

SAUDAR — momoráng. (E' como vem no D. B.).

SAUDADES — aúb. (Aúb, de ã sombra, alma e úb ser ou estar; um modo de sombra, diz Baptista Caetano. Aúb significa, de modo geral, phantastico, illusorio, apparencia, etc.).

SAUDE — icobé catú. (O D. B. dá catuçába, isto é, bondade, bem-estar, etc.).

S antes do E

SE — çaé, ramé.

SECA COUZA — tininga. (Tining é seccar, mirrar, muchar, etc.).

SECAR-SE — jetining.

SECAR ALGUMA COUZA — motining, motic... (A segunda palavra tupi está illegivel. Mo-tining, fazer secco, tornar secco).

SECRETAMENTE — jomima rupi. (No D. B. vem jemi-ma rupi).

SECRETA — caápába róca. (O D. B. dá apenas caápába, referindo-se naturalmente ao lugar de dejecções no matto. Caápá-ba róca diz: coberta ou abrigo do lugar de dejecções, a "casinha" feita no matto).

SÊDE — juceia, ceucéi. (O D. B. registra apenas yg jucei).

SEGO — ceçáyma. (Çeçáyma, sem vista, sem olhos para ver, desprovido da vista).

SEGAR — ceçáeyma. (E' a mesma palavra anterior).

SEGUIR — oçó pypóra rupi. (A phrase traduz-se: ir pelo signal dos pés, ir pelas pegadas, ir pelos rastros).

SEGURAR ALGUEM — pecic catú.

SEGUNDA FEIRA — morak mopy. (F. A. enganou-se evidentemente: deve ser morauky py, como vem no D. B. Morauky py vale dizer: começo do trabalho, início do trabalho, o primeiro dia de trabalho, a segunda feira, naturalmente. E' uma das muitas expressões formadas pelos catechistas).

SEJA EMBÓRA — ajubéte. (No D. B. encontram-se: seja como fôr, ajubéte mayabé nhóte, e seja embóra, ajubéte).

SELO — çangába. (Çangáb é a marca, o signal, a indicação, etc.).

SEM — eyma. (Eyma, que apparece graphado de varios modos, é particula de negação. Em certos casos vale — não).

SEM LEI — tecó eyma. (Tecó é a lei, o estado, a condição, a norma, etc. Vide anterior).

SEM FALTA — intinhé.

SEM VERGONHA — otimyma. (Tim, verbo intransitivo, significa envergonhar-se, ter vergonha, etc.; yma é a particula de negação).

SEMENTE— çainha.

SEMPRE — nhé nhé. (O D. B. dá **ninhê**).

SEMELHANTE — nongára.

SEMANA — cemána. (Evidentemente é a mesma palavra portugueza graphada com c).

SEM HONRA — moeté yma. (**Mo-eté** é fazer verdadeiro, tornar verdadeiro, legitimo, honrar, etc. **Yma** é a particuia de negação).

SEM OLHOS — ceçáyma. (Vide — Sego).

SENDO DEUS SERVIDO — tupána opotár ramé. (A phrase póde ser traduzida assim: quando Deus quizer ou ao tempo em que Deus quizer, etc. **Ramé** significa: quando, ao tempo em que, etc.).

SENSUAL — poropotára. (**Poropotár** significa querer e, especialmente, querer mulher ou querer homem no sentido de sensualidade; ter apetites ou desejos carnaes, diz Baptista Caetano. Póde significar tambem o devasso, o lascivo, o luxurioso, o viciado, etc.).

SENTIMENTO — mbaéciçába. (O D. B. dá **moacycába**, isto é, o modo ou o tempo de tornar doloroso, de produzir magua, etc.).

SENTIR — moaci, çaci. (**Moacy**, tornar doído, fazer magua, causar dores. O D. B. dá: sentido, aggravado, **moacy**).

SENHÔR — jára. (Tambem occorrem **iára**, **yára**, etc. E' palavra empregada para designar o dono, o possuidor, e naturalmente decorrente do verbo **yár** que, por sua vez, se deriva de **ár**, colher, apanhar, tomar, receber, agarrar, prender, etc.).

SENDO — ramé. (Vide — Sendo Deus servido).

SENDO ASSIM — cymeté, iabéramé.

SENTAR ALGUEM — moapyc. (**Mo-apyc**, fazer sentar, obrigar a sentar, forçar alguém a que sente).

SENTAR-SE — capúc. (Seria melhor, para estar de accôrdo com a graphia do antecedente, escrever-se **capyc**).

SENAM — çae nítiu.

SEPULTURA — jotimebába, tibycóára. (O D. B. dá: **ybycoára**, buraco da terra; **jotyme**, que vem na 2.^a parte do D. B., significa: plantar, semear, enterrar, sepultar).

SEPULTAR — jotime. (Vide antecedente).

SEPULCRO — caramemoán. (?)

SEPARAR — mojaóc, mojepeá. (**Mojaóc**, fazer separação, vem no D. B. **Peá** significa atravessar, arredar, afastar, empurrar; **yepéá**, **jepeá**, arredar-se, afastar-se, separar-se; **mojepeá**, fazer afastar-se, fazer separar-se, etc.).

SETRO — pococába Reia. (F. A. quiz naturalmente dizer: bastão de rei, o arrimo de rei, o sceptro, etc.; nesse caso teria sido preferível que invertesse a ordem dizendo **réia pococába**).

SERAFIM — caraibabé. (**Caraibebé**, o christão que vóa, voador, o anjo, o ente que sóbe aos ares).

SERA' POSSIVEL — anhetétubé cerá.

SERMAM — tupána nheénga. (**Tupána nheénga** exprime: palavra de Deus, voz de Deus, doutrina de Deus, etc.).

SERPENTE — bóya açú. (**Bóya** é designativo generico de cobras; **bóya açú** é a cobra grande, volumosa; cobra longa, a serpente segundo F. A.).

SERVO — meaçúba. (O D. B. dá **meauçúba**).

SER AFAVEL — çobá catú abá çupé. (Literalmente a phrase diz: rosto bom a todos, mostrar bôa cara a todos, etc.).

SER LUXURIOSO — poropotára. (Vide — Sensual).

SERRA — amburá kitiçába. (O D. B. diz: serra de serrar, **kytyçába**; **amburá** por **ybyrá**, a arvore, a madeira).

SERRAR — amburá kitic.

SERVIDOR — caápába. (**Caápába** seria o término do matto, o fim do matto; F. A., parece, emprega o termo para designar o lugar do matto usado para exonerações do ventre, etc.).

SESTA FEIRA — jecuacúba. (**Cuacúb** signiifica: o que está de lingua quente ou secca, o que não come, o que jejúa; **jecuacúba** dirá seccar-se a lingua, deixar-se em jejúm. Sendo a sexta-feira dia de jejúm para os christãos, é natural que a esse dia dessem os catechistas o designativo de **jecuacúba**).

SETE ESTRELO — ceguú, cejiçú. (O D. B. dá **cejuçú**. Stradelli dá **ceucy**. E' o grupo das **Pleiades**).

SEZAM — tacúba aiba. (**Tacúba aida** é a febre má, a febre perniciosa, a sezão, etc.).

S antes do I

SIGARRA — iakirána. (A cigarra tem na Amazonia diversas designações; chamam-na **aracy**, **aranianha**, **coaracycy**, **coara-**

cymanha e iakirána. Iakirána ou iaki-rána, o grillo falso, o que parece grillo, é uma das especies de cigarra. Stradelli dá as seguintes notas que nos parecem interessantes: iakyrána-mbóia, jakirána-boia, cobra-cigarra, é um pobre insecto calumniado como muito perigoso por ser a sua ferroada venenosissima, quando não é uma innocua cigarra. Apesar disso, e porque tenho sempre encontrado no indigena um eximio observador da natureza, si foi elle que lhe deu o nome e lhe fez a fama de que goza, alguma razão deve haver. A iakirána, como cigarra que é, tem uma especie de ferrão por meio do qual se nutre, fincando-o na casca das arvores, especialmente dos ramos novos, para sugar-lhes a seiva. Este ferrão, todavia, quando o animal está em repouso ou vôa, e delle não se serve para a sucção, fica recolhido ao longo do ventre e não parece que com elle possa ferir alguém, mesmo no caso de vir o insecto a bater sobre alguma parte descoberta do corpo. Si o pudesse fazer, porem, então talvez poder-se-ia haver uma explicação do nome e da má fama. Seria fazer a hypothese de ter-se a jakirána-boia nutrido do summo de alguma planta venenosa, — e ha abundancia destas na floresta — e de ter vindo nestas condições bater contra alguém, ferrando-o com o ferrão envenenado, hypothese que, apesar de tudo, não parece admissivel. Vide Stradelli, Vocabulario, pag. 451).

SILENCIO — kiririm.

SIMPLES — acoábyma. (Simples no sentido de ignorante, de simplorio, de bôbo. Acoábyma exprime: sem saber, sem conhecimentos, sem instrucção, etc.).

SIM — hem hem. (O D. B. dá eém. Tambem occorrem outras formas).

SINAL — çangába, jecupába. (O D. B. dá: signal, çangába; signal, lembrança, moçangába ou enóng çangába. Çangába, já vimos em varias occasiões, é a marca, a indicação, etc.).

SINALAR — moçangáb. (Mo-çangáb, fazer signal, tornar visivel, fazer marca, etc.).

SINTINELA — manhançára.

SINAL DO ROSTO — jaci repoti. (No D. B. vem: signal do rosto, çobá kitam).

SIRRO NA GARGANTA — cororó curucába.

SITIO — cecoába. (Cecoába, de tecoába, a estada, o pouso, a pousada, etc.).

SINO — tamaracá. (Em outros vocabularios vem tambem itámaracá, isto é, maracá de pedra, de metal; o maracá, como se sabe, é o chocalho, a cabaça com contas ou pedrinhas para chocalhar).

SISCO — ytic.

SIUMES — mondár. (E' interessante a traducção de F. A.: mondár significa furtar, roubar, etc.).

S antes do O

SÓ — anhô. (E' como vem no D. B. O Ms. do M. B. dá: só, sem companheiro, oiepenhó ou anhô).

SOMENTE — anhóte. (O D. B. dá anhê).

SOBRINHO DA MULHER — pénga. (O D. B. diz: sobrinho ou sobrinha da mulher, pénga. Stradelli registra o mesmo termo. Baptista Caetano diz: peng, sobrinho em relação á mulher; che peng, meu sobrinho, filho de minha irmã, o quebrado de mim, do verbo pen, quebrar-se, ser quebrado, torcido, etc.).

SOBRINHO DO HOMEM — cunham membúra. (No D. B. vem cunhám membyra, isto é, filho da mulher. Stradelli dá cunhambyra).

SOÁR — tiapú. (No D. B. tyapú).

SOBEJOS — cembúra. (O D. B. dá cembyra, que é a mesma palavra cembúra).

SOBRAR — cemburár. (Tambem ocorre pitá).

SOBRAS — cembureira. (Com mais propriedade deveria F. A. dizer cemburéra).

SOBERBA — mororobiaeyma. (Moro-robiár-eyma, não obedecer aos outros, não dar credito aos outros, etc.).

SOBRE NOME — céra púra. (No D. B. vem: céra árpe guéra).

SOBRE — çocé.

SOBRE SALTAR-SE — jemocanhéme.

SOCEGAR — kiririm, moarib.

SOCORRER — petibón. (Já mostramos, em paginas anteriores, como são variaveis as graphias dessa palavra: petibon,

pitibon; pytibon, pytybon, etc. Correctamente deve escrever-se **pytimbô**).

SOFRER — porará, çoçánga.

SOGRA — taxó. (No Ms. do M. B. vem **taixó**. Nos — Nomes de Parentesco — annexo ao Ms. impresso por Ferreira França lê-se: sogra da mulher, **mendy**, v. g. **xemendy**, minha sogra ou **xemenacy**; sogra do varão, **taixó** ou **taixú**, v. g. **xeraixó** ou **xerai-xú**, minha sogra. Tenorio de Albuquerque registra: minha sogra, dito pelo genro, **xe rayxó**; minha sogra, dito pela nóra, **xe mendy**, **ména cy**. No D. B., por engano, em lugar de sogra do homem e sogra da mulher, vem sogro do homem e sogro da mulher).

SOGRO — taúba. (Tenorio de Albuquerque dá: meu sogro, dito pelo genro, **xe ratiú**; meu sogro, dito pela nóra, **xe mendúba**).

SOBRANCELHAS — ceçápecánga. (E' como etá no D. B.).

SOL CRIS — coaracy manó. (**Coaracy manó** é o sól morto, morte do sól. No D. B., 1.^a parte, vem: **coaracy omanó**, eclipse do sól, offuscamento do sól. **Cris** é termo portuguez antiquado que significa realmente eclipsado, pardacento, etc.).

SOL — coaraci. (**Coaracy**, literalmente — a mãe do dia, a mãe deste dia -- segundo Stradelli. **Coá**, este, **ára** — dia, **cy**, mãe).

SOLDADO — çurára. (E' simples tupinisação da palavra soldado).

SOLDO — cepy meengába. (**Cepy meengába** traduz-se por: dação do preço, paga do preço, etc.).

SODOMIA — cei coára minonçára. (A phrase em tupi é extremamente grosseira. **Ceicoára**, ou melhor, **tebiquár** e **teiquár**, em tupi, valem o rectum, o anus; **minonçára** ou **menúsára**, como vem em Stradelli, é o fornicador).

SOLEDADE — cecó abeyma.

SOLTEIRO — mendaçarayma. (**Mendaçarayma**, sem ser casado, sem casamento, não casado).

SOLTEIRA — mendaçarayma. (Vide antecedente).

SOLA DO PE' — py piréira. (Deve ser **piréra** em lugar de **pireira**, isto é, a pelle encascada, casca, couro, a pelle como que sem vida, endurecida. **Py piréra** vale pois: a pelle dura do pé, o couro do pé, etc.).

SOLINIZAR — moeté. (**Mo-etê**, tornar legitimo, verdadeiro, digno; honrar, dignificar, etc.).

SOLICITA — mapiá aiba.

SOLITARIO — cecó abeyma. (O D. B. dá: **anhã ayra oaê**. Vide — Soledade).

SOL POSTO — coáraci ocanhéme. (**Coaracy** é o sól, **ocanhéme**, elle fuge, elle desaparece, etc.).

SOLTAR DA PRIZAM — mondé qui óc. (A phrase traduz-se: tirar da prisão, arrancar da armadilha).

SOMBRA — ánga. (**Ang**, segundo Baptista Caetano, é o que escurece, o que faz sombra, o que cresce, o que avulta, o vulto, o espirito, a consciencia).

SOMERGIR — mondó ipúpe. (**Ipúpe**, **ypype**).

SONHAR — poçaucúb. (E' como vem no D. B.).

SONHO — poçaucúba.

SONO — tipeci, tapeciá. (O D. B. dá **pucei**).

SONHO MÃO — akér aiba. (**Akér** é dormir; **akér aiba** dormia, com mais propriedade, dormir mal).

SOPORTAR — porará. (E' como está no D. B. Vide — Suportar — 1.^a parte).

SOPRAR — pejú. (**Pejú**, soprar, abanar, assoprar. Tambem occorrem **peíú** e **peyú**).

SORRIR — pomi.

SORRIR-SE — pocá pocá.

SORVER — putér. (No D. B. **pytér** e **pitér**. **Pytér**, como substantivo, significa o meio, o centro, o amago; como verbo diz varar pelo meio, atravessar. Só em caso especial, **putér** e **pyté**, podem significar chupar, sorver. Vide Baptista Caetano, Vocabulario, pag. 298).

SORUMBATICO — ceçá iby kiti. (A phrase traduz-se por: olhos voltados para o chão ou olhos baixos, olhos semi-cerrados, etc.).

SOSPEITAR — moaúb. (**Mo-aúb**; **aúb** significa: vão, phantastico, illusorio, falso, erroneo, despresivel, etc.).

SOCEGADO — oiconhôte. (E' como vem no D. B.).

SOCEGAR ALGUEM — moapyc. (O D. B. dá: socegar, **morico nhôte**).

SOSTENTAR — jepoi. (O D. B. dá **jopói**).

SOSTER-SE — jemoingó.

SOSTER — moingó.

SOTILEZA — anámeyma.

SORVERTER — mocanhéme. (Mo-canhéme, fazer fugir, fazer desaparecer, offuscar, etc.).

SOMA — papaçába. (Papaçába é a conta, a contagem).

S antes do U

SUAR — ciáa. (O D. B. dá: ciáya. Tyá, tyár, nascer, ou cair líquido, crescer líquido; tyái, tyáy, suór, absoluto de yái, suar).

SUOR — ciáia. (No D. B. está tyába).

SUBIR — jeopir. (No tupi amazonico diz-se: eatire, yapire, eupire, etc.).

SUBIDA — jeopirçába. (Jeopirçába exprime o modo, o tempo ou o lugar de subir).

SUBIDA — jeopira. (Aqui é o participio de jeopir).

SUJA COUZA — kiá. (E' como vem em quasi todos os vocabularios. Quayáb, sujo, immundo, pegajoso, viscoso, ser sujo. Quy ou quyb é o piolho).

SUJAR -- mokiá. (Mo-kiá, mo-quiá, fazer sujo, tornar sujo).

SUJIDADE — tepoti. (Tepoti, absoluto de epoti ou poti, excremento, fezes, ferrugem, fuligem, etc. Potí não se deve confundir com potim, pois este termo significa aspas, farpas, antenas dos insectos, camarão, etc.).

SUMO — tig. (O D. B. dá ty. E' o liquido, o licor, a agua, o sumo, etc.).

SUBITAMENTE — corutem' nhóte.

SUBDITOS — boyá. (Diz Baptista Caetano: boyá, boyár, subdito, vassallo, escravo, servo; che boyá — che pó y á, na minha mão que cáe — ou — che mo yár, o que me faz senhor ou o que me faz tel-o. Tambem se póde suppor participio alterado de bór, ter, donde boyá, tido meu servo, meus subditos).

SUSPIRAR — nheénga erúr, jejeki. (No Ms. do M. B. vem: suspirar, anheáng herúr recé; id. topinabár. O D. B. dá pitucéme).

SUSQUINAR — moapar. (Moapár significa entortar, fazer torto, encurvar, etc. Moraes registra o verbo *susquinar* dando preferencia á graphia *sosquinar*, adoptada tambem pelo dictionario de Candido de Figueiredo; *sosquinar* significa fazer inclinar, etc.).

SURDO — apucáyma. (O Ms. do M. B. dá *apyçacayma* e surdo ser, *naxeapyçaçái*; o D. B. registra: surdo, *nitio iapycá oaé*. *Apucáyma* é simplesmente: não ouvir).

SUMIR-SE — jetucucúre. (Tambem occorre *canhéme*, isto é, desaparecer, fugir, etc.).

SUS AO CÃO — mocéme. (Mocem significa fazer sahir, expellir, expulsar, mandar embóra, etc. F. A. registra, parece, como equivalente a: *sáhia! arreda! passa!* etc.).

SURGIAM — poçanongára. (Poçanongára é o que dá remedios, o que administra medicamentos, o medico, o cirurgião).

SUSPENDER — nóng cecobiára.

SUSTITUTO — cecobiára. (Tecobiár, o que substitue, o que toma o posto de outrem).

T

TÁ — cáca. (O D. B. dá: tá! não mates, **tenhé**; ta! não bu-las, **cáca!**)

TABACO — petúma reté. (No nheéngatú diz-se **pityma** e **pytyma**. No guarani é corrente **petym**).

TABACO DE PÓ — petúma cui. (**Petúma** cui significa pó de tabaco, tabaco moido, etc.).

TABACAL — petúma rendába. (Tambem occorre **petuma-tyba**, a zona do tabaco, o lugar em que ha quantidade de pés de tabaco, o tabacal).

TABOA — amburá péba. (No D. B. vem **ymyrápéba**, a ma-deira chata, a madeira plana, a taboa).

TAINHA — parati. (O D. B. dá **paraty**. **Parati** natural-mente por **pirati**, peixe branco, um dos nomes dados ao Mugil, vulgo tainha. Vide Baptista Caetano, pag. 380).

TAL COMO ESTE — cuá, nongára.

TALVEZ — araneyma. (Provavelmente de ára **eyma**, sem dia, sem época, sem occasião, sem dia certo, etc.).

TABOLEIRO DE TABOLAS — moncaraitára.

TANGER — mopú.

TANGEDOR DE VIOLA — guarápéba mupú. (Na linha antecedente F. A. escreveu mopú, agora mupú. Deve ser mopú. O D. B. dá **moapy**. **Guarápéba**, é a madeira chata, plana, sendo guará alteração de **ybyrá**).

TAMBEM — abé.

TAMBORETE — apycába. (**Apycába**, o lugar de sentar, o assento).

TANTO QUE — rupibé. (O D. B. dá **rupivé**, apresentando a mudança de b em v).

TANTA COUZA — cetá mbaé. (**Cetá**, de **etá**, muito, mui-tos, etc.; **mbaé**, cousas, objectos).

TANTO TEMPO — cetá ára. (Ára é o dia, o tempo, a época, a oportunidade, etc.).

TAPAR — cequendá. (Tambem occorrem çoquendá, ceken-da, etc. Não só significa tapar, como tambem fechar, cercar, impedir, etc.).

TAPAR A RESPIRAÇAM -- pytibúca, mojobúc. (O D. B. dá pytucémo ojekendáo).

TARDE — carúca. (E' commum a confusão entre caárúca, tarde, e carúca, mijada).

TARTARUGA — jurará. (Stradelli diz que a iurará é a fêmea da grande tartaruga do Amazonas, cujo macho é o capitary, e acrescenta as seguintes notas: a sua carne é a base da alimentação de parte do Estado do Amazonas, onde é ainda relativamente facil obter-se, embóra já não haja a quantidade que houve, e o numero das tartarugas trazidas ao mercado diminúa cada anno, devido sobretudo á caça desapiedada e irracional que lhes é feita).

TAVERNA — caoim meéngába. (Caoim é a bebida fermentada, o vinho, a aguardente. Caoim meéngába traduz-se: lugar em que se dá vinho, em que se offerece aguardente, onde se encontra aguardente).

T antes do E

TEA DE ARANHA — jandú kiçába. (No D. B. vem jandú keçába, o pouso, o ninho da aranha).

TEAR — pána pembába. (No D. B. está: pána monhangába, onde se tece o panno. Pembába ou melhor, pemambáb é o participio de pem, trançar, tramar, atravessar, tecer, etc.).

TECER — jopén. (Do mesmo verbo referido acima, pem).

TECELAM — pána monhagára. (Pána monhangára significa o fazedor de pannos, tecedor de pannos, o tecelão).

TEMOR — cekijé aiba. (O D. B. dá: temer, çakyjé).

TEM MAM — tinhé. (Parece tratar-se de uma interjeição. O D. B. dá: tenhé! deixa! larga!)

TEMPERAR — moatirón. (No D. B. está: temperar o comer, mongatyrón tembiú; temperado com tudo, çangába rupi oaè. Moatyrón significa ajuntar, accumular, ordenar, compôr, arranjar, preparar. Corresponde mais ou menos a mongaturón).

TEMPO — ára. (Ára, de forma geral, significa: o dia, o tempo, o mundo, a claridade, a vez, a época, a ocasião, a idade, etc.).

TEMPO DE VERAM — coaraci ára. (Coaraci ára é o dia de sól, o tempo de calor).

TEMPO DE INVERNO — amána ára. (Amána é a chuva, a nuvem; amána ára dirá: o tempo de chuva, o dia chuvoso, etc.).

TEMPO DE CHUVA — amána ára. (Vide antecedente).

TEMPO BOM — ára catú.

TEMPERAMENTO — moigó catú.

TEMPESTADE — ybytú aiba. (Ybytú, o halito da terra, o sopro da terra, é o vento; ybytú aiba será o vento mau, o vento forte, desagradavel, damnoso, etc.).

TENDA OU CAZA — óca porakiçába. (Óca porakiçába traduz-se: casa em que pousa a gente, em que dormem as pessoas; é como que a hospedaria, onde pousam os que querem, os viandantes).

TENRRA COUZA — membéca. (E' como vem no D. B. Membéca, é tambem: molle, amollecido, flacido, derreado; etc.).

TENTADA COUZA — moacangaiba. (A expressão diz: fazer a cabeça má, tornar a cabeça ruim, transtornar a cabeça, perturbar o racciocinio).

TER — arecó. (Recó, ter, ter consigo, conter, reter, deter, etc. Arecó é a primeira pessoa do singular indicativo, eu tenho, eu contengo, etc.).

TER ASCO — jabarú. (No D. B. jeguarú).

TER ODIO — jemotár eya. (Jemotar eya, não querer, não desejar, não amar).

TER FEBRE — tacúba aporára. (No D. B. está porará, correctamente).

TER NECESSIDADE — temé, poreauçúba.

TER CEDE — yg jucei, ceucei. (Yg jucei equivale a: agua desejar, agua apetercer, etc.).

TER FOME — jemaeci. (No D. B. jemoacy).

TER MEDO — cekijé.

TER FOLGO — çaçang. (Folgo evidentemente por folego).

TER NOJO — jabarú. (Vide — Ter asco).

TER PEJO — poçúb. (No D. B. vem: ter respeito com pejo, pouçú).

TER RESPEITO — moabáeté. (O D. B. dá apenas moeté, isto é, honrar, dignificar, etc.).

TER FORÇA — parantam.

TER VERGONHA — otim. (Tim, envergonhar-se, ser envergonhado, ter vergonha, ser corrido ou fugidio, etc.).

TER CATARRO — úú. (Termo claramente de origem onomatopáica).

TER BÔA MEMORIA — acáng catú. (Acánga catú é a cabeça bôa, o espirito arguto, o racciocínio facil).

TER PENA — moaci, çaci. (Moaci, fazer-se doer, maguar-se, sentir-se, etc.).

TER GOSTO — jamurú catú.

TER SUSPEITA — moaú. (Moaú, fazer ou crear visões, phantasiar, imaginar, etc.).

TER VONTADE DE MIJAR — carúca ci. (Carúca significa mijado no nheéngatú amazonico. E' interessante notar que no guarani moderno diz-se kuarú. Baptista Caetano registra quarúg, ourinar; gerundio quarúca e participio quarúcáb, Em tupi carúc, ourinar; tycarúc, ourina; tycarúcáb, ourinól).

TER FRIO — tiguí, tuíg.

TERÇA FEIRA — morak mocói. (Como já vimos em outro lugar, morak deve ser morauky. A phrase diz: segundo trabalho, isto é, segundo dia de trabalho).

TERCEIRA COUZA — moçapyrçába. (Moçapyr é o adjectivo numeral — tres).

TERRA — yby. (Yby é a terra, o chão, o solo, etc.).

TERRA ALTA — y'ytúra. (Tambem occorre ybytyra).

TERRA FIRME — ybyetê. (Ybyetê, terra legitima, terra verdadeira, terra real. A terra dura, batida, é ybyantán ou ybytantán, a taipa, etc.).

TERRA BRANCA — tabatinga. (E' a tauatinga da Amazonia, o barro branco, a tabatinga).

TERRA VERMELHA — yby piránga. (Piranga significa vermelho, avermelhado, etc.).

TERRA AMARELA — tagoá. (Tagoá ou tauá, amarello côr de barro, o próprio barro).

TERRIVEL COUZA — angaipába aé. (No D. B. mbaé ayba).

TENTAR — çaáng. (No D. B. vem: tentear, çaáng).

TERREIRO — ocára. (Ocára é o pateo, o quintal, a praça, etc.).

TESTA — çobá apira. (Çobá apira vale: o alto do rosto, a parte superior do rosto, etc.).

TESTO — cequendápába. (E' o fecho, a cousa de cobrir. O D. B. dá: texto de cobrir, jacuçába, naturalmente por jacuiçába).

TESTEMUNHA — mombeuçára. (Mombeuçára, o sabedor, o sabido, o que conhece ou sabe, etc.).

TETO — ócapiára.

TETUBIAR — nheénga putá putá. (A phrase traduz-se: fallar parando, parando; fallar parar parando, gaguejando, com interrupções, aos poucos, etc. No D. B., na 1.^a parte, vem jaca-nhémo, fugir-se, furtar-se, esquivar-se).

T antes do I

TIA SER DO PAY — aixé.

TIA SER DA MAY — ciúra. (O D. B. diz: tia, assim de homem como de mulher, aixé. No Ms. do M. B. encontram-se: tia, irmã ou prima do pai, aixé e tia, irmã ou prima da mãe, cyyra).

TIÇAM — tatá cica. (No D. B. está: tição, tatá pynha oçú, isto é, braza de fogo grande, ou melhor, braza grande).

TINTA VERMELHA — cori, uricú, cajurú. (Curi é uma especie de terra vermelha; chama-se cori também á tinta que com ella se obtém. Urucú, ou como escreve F. A., uricú é uma fructa que consta, diz Stradelli, de uma capsula oblonga e coberta de espinhos molles a modo de ouriço, cheia de pevides envolvidas numa polpa corante, de sabor levemente acidulo, que tornece uma côr avermelhada do mesmo nome da fructa. O urucú é usado na cosinha para dar côr ás comidas, e algumas tribus indígenas com ella se pintam. Carajurú, ou caraiurú, é um cipó de raizes bulbosas e de cujas folhas se extrahe materia corante usada pelos indígenas dos rios Japurá, Uaupés e alto rio Negro e seus affluentes, para se pintarem nos dias de suas fes-

tas. Chama-se também **carajurú** a materia corante extrahida que é vermelho sangue. E' obtida pela maceração das folhas em vasilhas proprias e repetidas lavagens, ficando depositada no fundo como um pó impalpavel. Secca ao sól vem ao mercado em sacco-sinhos de turi. Os pagés usam do **carajurú**, especialmente asso-prado por elles, em muitas das suas festas e pagelanças. Quem fôr pintado de **carajurú** assoprado, ou como também o chamam, de **carajurú** da lua, não tem medo de nada. Si não houver alguma cousa mais forte que lhe destrua os effeitos, póde arrostar tudo — não ha mal nem doença que lhe entre. Vide Stradelli, Vocabulario, pag. 398).

TINTA AMARELA — tagoá.

TINGIR DE PRETO — mopixúne. (Mo-pixúne, fazer preto, tornar preto).

TINTA DAS CUIAS — comati. (Comati, diz Stradelli, é uma resina de uma especie de Asclepiadacea, com que se envernizam de preto as cuias para tornal-as impermeaveis aos liquidos, que são destinadas a conter. Para applical-a, depois de secca e bem limpa a cuia, se usa de um pincel feito de qualquer cousa. Logo applicado, o **cumati** é de côr avermelhada e sem nenhum brilho. Para ficar preto luzente de um bello polimento, a cuja pintada de **cumati** deve ficar exposta aos vapores de fermentação de uma forte camada de folhas de mandioca molhada com urina velha, repetindo a pintura e a exposição quantas vezes forem necessarias para obter uma superficie perfeitamente homogenea e polida).

TINTEIRO — cotiaçába rerú. (A phrase diz: deposito de pintura, da cousa que serve para pintar ou escrever. Não nos parece regular a composição da phrase).

TINHOZO — kitinga. (O D. B. dá: tinha, doença, apeke-xinga).

TINHA — apikixinga. (Vide antecedente).

TIO, IRMÃO DO PAY — tuúra.

TIO, IRMÃO DA MAY — tutira. (O D. B. diz: tio. de huma e outra parte, tutyra).

TIRAR — jóca. (Tambem occorre ióc. O D. B. registra jóca e mocéme; mocéme, entretanto, significa fazer sahir, obri-gar a sahir, etc.).

TIRAR POR FORÇA — jóca çaci rupi. (No D. B. *ceky*).

TIRICIA — tigiúba. (Tiricia deve ser ictericia, e tigiúba deve ser *tyg-iúba* ou *tyjúba*, a urina amarella. Stradelli dá *carúca-itaúá*, isto é, *carúca-tagoá* que diz também urina amarella).

TIRAR O SONO — tiopecái óc (?) (A phrase está quasi illegível).

TIRAR A CASCA — mopóc.

TIRAR OS OLHOS — ceçáóc. (Ceçá, os olhos, óc, arran-car).

TISNADA COUZA — tining eté.

TIZOURA — piránha. (E' nome de certo peixe).

I antes do O

TOALHA DE MEZA — pana mbaé uçába.

TOALHA DAS MANS — pocipába. (Pô, mão, mãos).

TODOS OS DIAS — árajabé.

TUDO O DIA — ára etépe. (No D. B. vem: ára oetépe).

TODOS — opabinhé, opacatú. (O D. B. dá: opabinhé e pabé).

TODOS JUNTOS — ojepé oaçú. (O D. B. dá: todos juntos em um corpo, jepé oçú).

TODAS AS VEZES — jabinhé binhé.

TODA A NOITE — petúna etépe.

TODAS AS NOITES — petúna jabé.

TOLO — acoáyma. (Acoáb *eyma*, não saber, ignorar, sem conhecimento, sem orientação).

TOCIR — vú, jemoú. (No Ms. do M. B. encontram-se: *tosse*, vú; ter *tosse*, *xevú*; *tossir*, *xevú*).

TOLHER — moabaib. (No D. B. vem ainda: *tolher-se* dos membros, *cetê omanó manó*).

TOMAR — ajar. (O D. B. dá sómente *jár*. E' o verbo *ár*, tomar, colher, recolher, receber, etc. O Ms. do M. B. traz varias applicações do verbo *tomar* em suas muitas accepções: *tomada*, ou presa qualquer, *mbiára*; sendo a presa pessoa, também se diz *tembiára*, e debaixo deste nome, *mbiára*, *biára*, *mbiancéra* (?) se comprehende tudo o que se toma, ou vivo ou morto; ou caça, ou ave, ou peixe, como: *xerembiára* minha caça, ou meu peixe tomado. Tomar, como que ferrando, *opycyc*; tomar de qualquer sorte,

aiár; tomar com o anzol, *acekyi*; tomar com rêde ou laço, *aimoár*; tomar as mãos, *aipycyc*; tomar, como por força o alheio, *aipycyron*; tomar emprestado, *aipurú*; tomar, ás costas, *açupir*; tomar mal, com pezar, *aimboacy*; tomar por si o que se diz, *aiár*; tomar ou levar ao hombro *atiybári*; tomar, na empresa, ou com o furto nas mãos, *aipocaçú*; tomar, como o filho as feições do pai, *aiár*; tomar-se com alguém, *aicó recó* ou *aimomburú*).

TOMAR ANIMO — *jemopyá açú*.

TOMARA — *tomáramo*. (Não crêmos que *tomáramo* fosse termo da lingua geral; suppomos que é uma extensão de *áramo* subjunctivo de *ár*, como *occorra*, como *succeda*, que *occorra*, que *aconteça*, etc.).

TOMAR CONCELHO — *jepyá recó*.

TOMAR GOSTO — *caáng cecé*.

TOPAR-SE — *çobaitim*. (*Çobaitim* tambem significa: encontrar, ir de encontro, chocar, etc.).

TORNAR — *jebúr*. (No D. B. vem *jebyr*, revolver, revirar, retornar, etc.).

TORNAR A PEDIR — *jururé jebúr*.

TORNEAR — *moababác*. (*Mo-ababác*, fazer virar, gyrar, torcer, correr em rôda, etc.).

TORRADA COUZA — *tiric*. (Tambem occorre *purúrúc*.)

TOSQUIAR — *japin*. (No D. B. vem *jupine*).

TOSQUIADA COUZA — *japina*.

TORTA COUZA — *apára*. (*Apára* significa ainda vergado, torcido, retorcido, virado, etc.).

TORTO — *tortó* (?) (F. A. enganou-se evidentemente; *tôrtó*, deve ser como vem no D. B. *iapára*).

TORVAM — *tupan*. (No periodo da catechese *tupan* passou a designar o Deus christão. F. O., como F. A., dá tambem *trovão*, *tupã*).

TOSTAR — *motining*. (*Mo-tining*, fazer secco, seccar, tornar secco, etc. O D. B. dá ainda *çapéke*).

TOUCA — *acangatára*. (*Acangatára* é o enfeite, o ornato de cabeça).

TOUTIÇO — *atuá*.

TORRESMO — *manteiga raticoéra*. (*Manteiga*, está claro, é termo portuguez).



T antes do R

TRABALHAR — porabiki. (No D. B. vem morauky. A troca de p por m é commum, mas F. A. escreve abiki e F. O. auky. Baptista Caetano registra: porabyquyb, trabalhar, fazer serviço ou obra; em tupi este verbo é porauky como em muitos vocabulos nos quaes o b se muda em u).

TRABALHO — morabikiçába. (Note-se que aqui F. A. substituiu o póra do antecedente por móra).

TRABALHADOR — porabikiçára.

TRABALHAR DE SOLDADO — porabiki tenheté.

TRABALHOS — porará pyra.

TRAÇA, bixo — taperú. (O D. B. diz: traça, bicho, taperú pána mboiçára, taperú furador de pannos).

TRAGAR — mocóne. (No Ms. do M. B. está aimocón e no D. B.: tragar, bebendo, tucucúr).

TRAMPA — tepoti. (Tepoti é o excremento, a sujeira, a ferrugem, a fuligem, etc.).

TRAZER — erúre. (Tambem occorre arúr. O verbo em sua fórma mais simples é rúr).

TRATAR — mocoár.

TRAÍÇAM — mbaé aiba eté. (A phrase diz: cousa realmente má, acção positivamente detestavel, etc.).

TRANQUEAR A PORTA — moantan okéna. (Mo-antán fazer forte, tomar resistente, reforçar, etc.).

TRAQUE — pinó.

TRASBORDAR — jocéne. (No D. B. jucéne).

TRATAR MAL — moreauçúb. (E' como vem no D. B.; no Ms. do M. B. está: arecó ayb. Mboriaçúb, como adjectivo, significa pobre, necessitado, miseravel, infeliz, triste, etc. F. A. registra com o significado — tratar mal — provavelmente no sentido de: fazer infeliz, tornar miseravel, desgraçar, etc.).

TRAVERSEIRO — acangapába. (Acangapába é o pouso, o encosto da cabeça).

TRAZEIRO — ceicoára. (Ceicoára é o orificio anal, o ilhó trazeiro como diz o D. B.).

TREMER — oreri. (Ryry, como vem no D. B. é mais correcto).

TREMOR — reriá.

TREMOR DA TERRA — çuçúng. (Tambem occorre ybyryry, o tremor da terra).

TRES VEZES — moçapyr. (Vide seguinte).

TRES — moçapyr.

TREMPE — itá curúba. (O D. B. dá: cambucy rendába, o suporte, o apoio da panella, do pote, etc.).

TRILHAR — pyrúng. (Pyron, pyrún, pôr pé, pisar, calcar; pyrúnga, pisando, ou para pisar pondo o pé).

TRINCAR — mondóc çánha pupé. (A phrase diz: pelos dentes tirar, arrancar com os dentes, estraçalhar com os dentes ou por meio dos dentes).

TRINCHEIRA — cainçára. (E' a palavra caicára, corrente em outros vocabularios; o cercado de varas ou de paus, a mangueira, o tapume de talas, etc.).

TRIPAS — cepoticoéra. (Cepoti, tepoti, repoti: o excremento, a sujeira, etc.).

TRISTEZA — çobaci, pauiba. (Çobacy é o rosto maguado a face de aspecto doloroso, o olhar sentido, etc.).

TROVEJAR — tupan tiapú. (Tupã era o trovão; tiapú o estrondo, o rumor, a batida, a quéda, etc.).

TROCAR — cecobiár.

TROMBETA — jomiá. (No D. B. vem memby que é uma especie de flauta. Jomiá talvez seja jumã, torcido, dobrado, enro lado. F. A. quiz assim, possivelmente, lembrar a trombeta).

TRONCO — mondé. (Tronco no sentido de prisão, de armadilha feita de um tronco que ao cahir prende a caça).

TROCIER LINHAS — pomambúc.

TROCIER QUALQUER COUZA — jamim, japoçá.

TROCIER O PE' — ipurúc, ipyjavéo.

TROCIER FIADO — pomambúc. (Vide — Trocier linhas).

T antes do U

TÚ — indé. (Tambem occorre ndé, dé, né).

TUDO — opabinhé.

TUMBA — teongoéra rerú. (Teongoéra é o defunto, o corpo que foi, o corpo extinto. Teongoéra rerú é o depósito, o pouso dos defuntos, etc.).

TUA COUZA — ndé mbaé. (Ndé mbaé, a cousa de ti, a cousa que te pertence).

TUBAROS — çapiá. (O Ms. do M. B. dá: tubarás de qualquer animal, çapyá; e se he o grão se diz: çapyá ynha).

TUTANO — apytuyma. (O D. B. registra também cangoéra póra, o que está dentro do osso, o que existe no interior do osso).

TUTOR — mbaé rerecoára Pay. (A phrase traduz-se: o que tem os poderes do pae, o que guarda os direitos de pae, etc.).

V

VANGLORIA — toriba moáng.

VAM MENTE — tenhé, tenhé eté.

VANGLORIAR-SE — jerobiár ojocécé. (No D. B. está: jero-
robiár eté cecé).

VACA — tapeira. (E' a tapyira, a anta, o tapyr. Para não
haver confusão pôde-se dizer tapyira cunhã, tapyr femea, a anta
do sexo feminino).

VACILAR — catá catác. (Catá catác, oscillar, balançar,
etc.).

VAQUEAR — oatá oatá nhóte. (Oatá, andar, caminhar,
etc.; oatá oatá nhóte vale dizer: andar á tóa, andar sem destino,
andar andando, etc.).

VAI — equem. (O D. B. dá ecoém).

VAI COELLE — equém irunámo. (Equém irunámo vae
junto com, vae em companhia de, vae com elle).

VAI CLAMAR — equém cenói.

VAI BUSCAR — equém piámo.

VAGADO — maraár, manó manó. (O D. B. dá: ceçá beryb).

VAI TE DAHI — equém né çui.

VAI TE DAQUI — equém iké çui.

VALIA OU PREÇO — cepú.

VALIA — oaçúçába.

VALOR — cepy oaçú. (Cepy oaçú, preço grande, alto valor).

VALER CARO — oaçú. (Vide antecedente).

VALE — yby pegoaia. (O D. B. dá: ybytygoaya, isto é, na
baixada da terra, etc.).

VALENTE — carimbábo. (O D. B. dá: valente, são, oicó
catú; valentão, abá carimbáb oçú).

VAPORAR — tibóra, pitucéme. (O D. B. dá apenas pytu-
céme).

VAMONOS EMBÓRA — jaçó áne.

VAMOS SAHINDO — jaçó aicó.

VAMOS ABREVIANDO — eré catú.

VAMOS DIPREÇA — jaçó curutem.

VARINHA DAMAM — amburá i. (E' o diminutivo de amburá que tambem se diz ymyrá, ybyrá).

VARANDAS DA REDE — kiçába rembiába. (O D. B. dá: varanda da rêde: kyçába remeyba, isto é, bórdas, franjas da rêde de dormir).

VARA DE MEDIR — çangába. (Çangába é a marca, o signal, o sello, a marcação, etc.).

VARRER — apyr.

VASADO — papegoára.

VASCOLEJAR — çoçóc. (O D. B. dá: vascolear, moçoçóc).

VASCALHO — apíxába.

VASOURA — tapixába.

VAZAR — çacabõra, jocém. (O D. B. dá: vasar-se, jepocóaub); vasar a maré, caryca; vasar botando fóra, juçáne; vasar despejando, çocabóca; vasar vertendo, çururú).

VAZAR A MARÉ — ceric. (Vide antecedente).

VAZIA COUZA — iporayma. (Ipórayma, sem nada dentro, aquillo que não tem conteúdo).

VAZAR-SE — çururú. (Vide antecedente).

VAZO — rerú. (Rerú, o continente, o que contem, o suporte, a vasilha, o andor, etc.).

V antes do E

VEADO — çuaçú. (Çuú é morder, dentear, mastigar; çuú çuú, que se contrahiui em çuaçú, será morder morder, morder ou mastigar muito, ruminar emfim. Provavelmente dahi a designação çuaçú dada ao veado, unico ruminante conhecido dos indigenas. Vide Affonso de Freitas — Diccionario do Municipio de S. Paulo).

VEAS — çagica.

VELLA DA CANÔA — çotinga. (O D. B. dá: vela de canôa, ygoára retinga).

VELHA — goaimim. (No D. B. está guaimim. Baptista Caetano registra guaibim e guaimim, a velha, a mulher idosa; também é voz de carinho do marido para com a mulher).

VELHA COUZA — imána.

VELHO — taibaé. (O D. B. dá: tijuaé; Stradelli tuiué e cuiumy acánga, cabeça de kujubi, isto é, cabeça branca em allusão á brancura das pennas do passaro kujubi).

VELHACARIA — mbaé puxi. (Mbaé puxi diz: cousa feia, cousa indigna, isto é, acção feia, acto indigno, etc.).

VENCEDOR — apipyára.

VENDER — meéng cepú rupi. (A phrase traduz-se: dar pelo preço, offerecer segundo o preço, etc.).

VENDER CARO — meéng cepú caçú. (Meéng, dar, offer-tar, offerecer; cepú, que também apparece graphado cepy, é o preço, a paga, a vingança, o pagamento; oaçú, grande, vultuoso, etc. Assim, a phrase exprime: dar preço grande, ou melhor, dar por preço grande, etc.).

VENDER BARATO — meéng cepú oaçú eya. (F. A. se-gundo o mesmo processo de formação usado no antecedente, po-deria ter dito meéng cepú merim; preferiu, no entanto, dizer oaçú eya que é a negativa de oaçú. Como está redigida, a phra-se diz: offerecer preço grande não ou sem, isto é, offerecer por preço sem ser grande).

VENENO — moropiára. (Talvez correlacto de poroapyár, o abrazador, o incendiario, o destruidor, o queimante, etc. Stradelli dá: veneno natural. acy; veneno preparado maracaimbára).

VENERANDA COUZA — moeté pyra. (Mo-eté, tornar digno, fazer veneravel; pyra é apenas suffixo de participio).

VENTO — ybetú. (Correctamente dever-se-á escrever yby-tú, yby, terra, tu, contracção provavel de pytú ou pytúb, o halito, o bafo, o sopro, o follego, etc. Assim, yby-tú deve ser o halito da terra, o sopro da terra, o bafo da terra. Baptista Caetano suggere a possibilidade de yby-tú porvir de y pytúb, halito, sopro d'agua).

VENTO CONTRARIO — ybetú agatim rupi. (Vide ante-cedente).

VENTURA — moránga. (Moráng significa bello, lindo, for-moso. E' a mesma expressão poráng. Em outros vocabularios en-contram-se porangába, catuçába e marangatuába).

VENTRE — reghé. (No D. B. vêm: ventrexa, maryca e çacapém; em Stradelli, marica e ciyé irerú, ventre, sacapéma, ventrecha; em o Ms. do M. B., teghé, ventre, també, se he humana e tacapé, ventrecha si é de animal. Vide seguinte).

VENTREXA — çacapé. (Çacapé, racapé, tacapé. Vide antecedente).

VENTAS DO NARIZ — apúnha. (O D. B. dá: ventas, os narizes, apynha).

VEM CÁ — joré iké.

VER — cepiáca. (Epiág, ver, é a forma mais commum entre os tupis; os guaranis sempre preferiram dizer echág. Cepiáca, como F. A. annota, traduz-se melhor por vista, a vista, o ver, a visagem, etc.).

VER OU ATENTAR — maém. (Maém significa propriamente olhar, deitar os olhos, pousar a vista).

VERDE COUZA — akira. (Akira pôde significar verde no sentido de tenro, molle, brando, fresco, novo, nascido de pouco. Diz-se em geral dos brótos dos vegetaes, dos rebentos, dos renovos, etc.).

VERMELHA COUZA — piranga. (Piranga, vermelho, avermelhado, de côr tendente a vermelho).

VERDADE — çupi catú. (O D. B. dá çupicába).

VERDADEIRO — etéramo. (O D. B. dá: abá çupé rupi oaé).

VERDURA — akira. (Vide — Verde couza).

VERAM — coaraci ára. (Coaraci, coaracy, o sol; ára o dia, o tempo, a época, etc.).

VERGAM — nupancába coéra. (Nupancába é o castigo, a penalidade, o açoitamento, vergastamento).

VERGALHO DE BOI — tapeira raconha. (Tapeira deve ser tapyira, a anta ou o boi; racónha é o membro genital).

VERGASTADA — mopim.

VERGONHA — otim, jorotinçába. (O D. B. dá simplesmente tim. O Ms. do M. B. annota: vergonha ter, atim; vergonhas de homem e mulher, as partes genitae, tynçába).

VERIFICAR — moçupi. (Mo-çupi, fazer verdadeiro, tornar verdadeiro, attestar, comprovar, etc.).

VEROZIMELMENTE — çupi ipó, anhé ipó.

VERTER — çururú. (E' verbo de origem onomatopaica).

VERRUGAS — tuá curába, kitám. (Kitám, kitanga, é verruga; tuá póde ser participio contracto, isto é, tuháb, o que cresce, o que emerge. **Curúba** significa rugoso, aspero, etc. Assim, tuá curúba póde valer: o que nasce rugoso, o que vem cheio de asperesas, verruga possivelmente).

VERRUMA — mombúc çára. (Mo-mbuçára, o que taz furros, o furador).

VESGO — ceçá pára. (Ceçá apára, diz-se tambem, é o olho torto, o olho torcido, a vista torta).

VESTIA — goarina. (Vestia, vestido, roupa, óba; não encontramos uma explicação plausível para esta palavra).

VESTIR — óba mondéo. (Óba mondéo, prender-se na roupa, enroupar-se, etc.).

V antes do I

VIA — pé, tecó. (Pé é o caminho, a passagem, a estrada, etc. Tecó é o estado, a condição, a norma, a lei, etc.).

VIAGEM — oatácába. (Oatácába, de oatá e çába, o modo, o tempo ou o lugar de andar, de caminhar, percorrer, a caminhada, a peregrinação, a viagem).

VIADO — çuaçú. (Vide — Veado).

VIANDA — miú.

VICIAR — moaib, momoxi. (Mo-aib, fazer mal; mo-moxi, fazer feio).

VIDA — tecobé. (Tecobé, como verbo, significa viver e como substantivo a vida, a existencia).

VIDA TORPE — tecobé puxi. (Tecobé puxi é a vida feia, a vida despresivel, a vida indigna).

VIDROS — oaroá. (Stradelli registra itá-ueráua, isto é, pedra-luz, pedra-luzente; corresponde ao itá-berába do tupi do sul).

VIGIAR — manhána. (O D. B. dá manháne).

VIGOR — pyrantán.

VILA — tába oçú. (Tába é a povoação, o arraial, o pouso, o lugar de pousar, a aldeia. Tába oçú será a aldeia grande, o povoado desenvolvido, o agrupamento numeroso de pousos, etc.).

VINGAR — mojepúc. (No D. B. está apenas jepyca; no Ms. do M. B. aiepyc recé).

VINGAR-SE — jepúc.

VINGANÇA — jepúca.

VINAGRE — caoim cái. (Caoim é a bebida fermentada, o vinho, a aguardente; cái significa acre, azedo, etc.).

VIOLA — goára péba. (No D. B. vem guararapéba).

VIOLAR — momoxi. (Momoxi, fazer mal, causar mal, realizar cousa feja, indigna, etc.).

VIOLENTA COUZA — cemimotára eyma rupi.

VIRAÇAM — ybetú mirim. (Ybetú, ou melhor, ybytú, é o vento. Ybetú mirim será o vento agradável, a viração).

VIRAR-SE PARA ALGUEM — jatibáe cecé.

VIRAR DE COSTA — mojaréb, robác.

VIRAR A' RODA — moabác.

VIRAR — erebác. (No D. B. ocorre também mojeré).

VIRAR-SE — jerebác. (É a forma passiva do antecedente).

VIR — úr. (Úr, no absoluto tûr, verbo intransitivo, vir).

VIR SEM NADA — ipanêmo. (Panem traduz-se por: corrido, mal sucedido, infeliz, falho, pobre, minguado, sem valia, imprestável, inútil, etc.).

VIRTUDE — angaturáma. (Angaturam vale, como adjectivo: bello, formoso, virtuoso, etc. Baptista Caetano suggere a possibilidade de ser angatú, alma bôa, bom homem, pessoa pacífica, de bom genio, etc., suffixado por râm).

VIRTUOSA COUZA — abá angaturáma. (Não nos parece razoavel a traducção; abá angaturáma diz melhor: virtuoso, pessoa virtuosa. O D. B. dá tupána recó poracaçára).

VIR DE CIMA — gapúra çui. (Gapúra talvez seja corruptela de guapyr, a parte mais elevada, o cume, o apice, etc.).

VIR DE BAIXO — tumaçá çui. (Tomaçaba, diz Stradelli, é a foz, a bocca do rio, a parte baixa do rio. Tomaçaba çui, da foz, desde a foz, etc.).

VINHO — caoim piranga. (Caoim é a bebida fermentada; caoim piranga será a bebida vermelha, avermelhada, o vinho, etc.).

VILHACO — tibiró. (Tebi é a parte posterior do corpo, o assento, as nadegas; tebirón dirá: o de nadegas rotas, o sodo-

mita, o vil, o infame, a prostituta, a mulher devassa. Em tupi diz-se também tebiró e tebira. Vide Baptista Caetano — Vocabulário — 103).

VIL PESSOA — abá puxi. (Puxi significa feio, desprezível, ruim, etc.).

VIRGEM — ababicagoér eyma, (O D. B., 2.^a parte, dá: abábúca-goéreyma, donzella, virgem, não forçada ou violentada pelo homem, abábóca-goér-eyma).

VIVER — aicó, aicobé. (Icó, ser ou estar; icobé, ser permanente, ficar a ser, viver, persistir, etc.).

VIVER BEM — tecó catú. (Vide — Vida).

VIVER EM PAZ — aicobé catú pupé.

VIVER MAL — aicó aiba.

VIUVA — anhangaticoéra.

VIUVO — anhangaticoéra.

VIVEZA — catú eté. (Catú eté, realmente bom, muito bom, etc.).

VISTA — ceçá pucá. (Pucá, significa abrir-se, expandir-se e também risonho, agradável, etc.).

VISTA CURTA — nitio ceçá pucá. (A phrase traduz-se: não ter vista larga, sem visão aberta, etc.).

VITUPERAR — roirón. (O D. B. dá royrón).

VIZINHO — royké oára. (Royqué, fazer entrar comsigo, recolher, trazer comsigo, etc.).

VIZITAR — moryb. (O D. B. traz pyr, que deve ser corruptela talvez de peyi, caminho batido, caminho usado, de onde mbopeyi, seguir ou bater o caminho, frequentar os caminhos, andar pelos caminhos, etc.).

VIZITAR ALGUEM — açó abá puri.

VIZAM — mbaé repiáca. (Mbaé repiáca, a vista de cousas, a aparência, a visagem, a aparição de cousas, etc.).

UNÇAM — jandi caraiba. (Jandi, iandy, é o óleo, o azeite; caraiba, santo, christão, sagrado, etc.).

UNGIR — mongaraib. (Mo-caraib, fazer ou tornar santo, christão, sagrado, etc.).

UNGIR — pixió jandi pupé. (A phrase traduz-se: untar com óleo, passar azeite, em óleo banhar, etc.).

UNTAR — pixió. (Pichyb, esfregar pelle, esfregar, friccio-
nar, untar, ungir, etc.).

UNTO — cába. (Cába, gordura, banha, manteiga).

UNTAR-SE — jepixió. (Vide — Untar. E' simplesmente a
forma passiva).

UNIAM — ojoecé, jemojeceorára (?) (A segunda palavra
está quasi illegivel. O D. B. dá mojepé oçú).

UNIR-SE — ojeceár. (Vide — Unir, ajuntando).

UNIR — mojeceár.

UNIR, — ajuntando — mojár catú. (Mbo-yár, fazer pegar,
unir, juntar, collar, grudar, encostar, approximar, comparar, con-
trontar, referir, reportar, etc. Vide Baptista Caetano — Vocabu-
lario — 259).

UNHA DOS PÉS — py ampén. (Ampén deve ser apê, en-
cascado, com casca, côdea, crosta, etc. Py é o pé, os pés).

UNHAS DAS MANS — pó ampén. (Vide antecedente. Pó
é a mão, as mãos).

U e V antes do I, do L, do O, do R e do Z

ULTIMO — tiambúr.

ULTIMAMENTE — coité.

VOAR — ueué. (No D. B., como em quasi todos os outros,
bébe. Bébé, verbo, significa voar; como adjectivo vale: pairante,
volante, etc.).

VOLTA OU TORTURA — mojeapáre. (Mo-jeapár, fazer
torto, entortar-se, ser torto, volteado, ter tortura).

VOLTA OU REDONDO — ejatimandába. (Amán é o
circulo, o circuito, o rodeio, o envolvimento, etc.).

VOLTAR OU TORNAR — jebúr. (Occorre tambem jebyr,
isto é, voltar, rodar, volver, revirar, etc.).

VOLTAR, virar — mojaréb, robác.

VOLVER — iapopúc.

VOLVER-SE — jerobác. (Vide — Voltar, virar).

VOMITAR — aéne. (O D. B. dá goéne. O Ms. do M. B.
registra: vomitar, aguem ou aimojebyr, vulgarmente auén).

VOMITO — aéne coéra.

VONTADE — cemimotára. (O D. B. dá: vontade, jemo-tára; vontade de alguma cousa, jemimotár mbaé recé).

VÔO — uéué. (Vide — Voar).

VOS OUTROS — penhémo. (No Ms. do D. B. vem: vos outros, peé; também occorre penhé).

VÓS — nheénga. (Nheénga é a vóz, a falla, a expressão oral, etc.).

VODAS DOS MATOS — giaác. (Vodas por bódas, O D. B. dá: bodas ou danças jybabác ou bábác, isto é, revoltaios, re- viravoltas, reviradas, etc.).

VOLORIO — poira. (Volorio deve ser velorio ou avelorio, contas, sementes, missangas).

VOU — açó. (E' a primeira pessoa do singular do indica- tivo de çó, ir).

VOU-ME — taçó ranhé, jaçó.

VOUZARIA — çapocá pocáia. (Çapucái significar gritar, clamar, bradar, etc.).

URDIR — jepurúng.

URBANIDADE — tecó coába.

VIRILHA — cecambú. (No D. B. vem: verilha, çacamby. Naturalmente de tacamby, a forquilha, a cousa de duas pernas, absoluto de acamby, esgalhado, ramificado, etc.).

VULGALMENTE — abá recó rupi.

UZAR MAL — tecó aib. (Tecó é a lei, o estado, a norma, a condição, existencia, etc.).

UZAR BEM — tecó catú. (Catú, bom, util, distinto, no- bre, etc.).



- OLTADE — commutante (...)
 - voutade de alguns consas, jennimotir mpa (...)
 VOO — mênê (Vide — Mear).
 - VOS OUTROS — penhino. (No Ms. do D. B. vem: ...)
 outros, pes; tamhem occorre penhe).
 VOS — rhénera. (Nheenga a a voz, a falta, a expressao
 oral, etc)
 B. dá: bodas ou cascas, tybal — ou bái e rato e revólucio, re-
 viravoltas, reviradas, etc.)
 Isto deve ser velorio ou velório.
 contas, sementes, mas
 - asô (E's primeira pessoa do singular do verbo)
 tivo de cõ, ir).
 MOUNE — teco, mênê, jado.
 VOUZARIA — ... catoca, parcia. (Gênêci significar)
 amas, bradas, etc)
 URDIR
 URBANIDADE —
 VIRIHA — ... (Vide — Mear).
 Naturalmente e tacomby, a for
 consas de du a perna.
 absolv — de acampy, esgalhado, taminhado, etc)
 VUIGALMENTE — — abá ter? rûpi.
 ...
 ... (condições, etc.).
 USAR BEI — teco catu. (Catu, hom. util. d'água, no

X

XAMUSCAR — cabaréc. (Tambem occorre çapéc).

XAMISSOS — cecáni. (No D. B. está: chamissos, cecai).

XICORIA — caákéra. (Caákéra póde ser a planta que dorme, a dormideira).

XOSSA — tocáia. (Tocái é o tapume, a cerca, o curral, o cercado, a armadilha para caçar).

XOUPANA — óca aiba. (Óca aiba, a casa má, a coberta ruim, o abrigo mau).

XUÇO — mina. (Mim é a lança, a púa, a azagaia).

XUMBO — mocába rainha. (Rainha, com accento no i é o grão, a semente; mocába é a espingarda, logo, grão da espingarda, semente da espingarda. Refere-se F. A. evidentemente aos grãos de chumbo com que se carregam espingardas).

XUPAR — puter, ajubam. (Puter ou pytér).

XAMUSCAR -- capatec. (Tambem ocorre gapéc).
 XAMISSOS -- cecani. (No D. B. esta: chamissos, cecai).
 XICORIA -- casáketa. (Casáketa pôle ser a planta que dor-
 me, a dor de deita
 XOSSA -- (Tocai o tapume a cetera m curral,
 cercado, a armadilha para caçar).
 XOUPIANA -- oca sida. (Oca sida, a casa m... a cometa
 trun, o adigo mên).
 XUÇO -- mên. (Mim e... a pús, a asa...)
 XUMBO -- mocáda rainha. (Rainha, com accento no i o
 ...: moc... a espina... da... ge... espina...
 ... e da espingarda. Refer o P... evidentemente
 ... de chumbo com que se carregam espingardas).
 XUTAP -- puter, aipam. (Puter ou pyter).

Z

ZELAR — jemotayrón. (O D. B. dá apenas royrón).

ZELO — mbaé jemotayrón.

ZOAR — tiapú. (Tiapú ou tyapúg. Baptista Caetano diz: de ty, corrente, rio, apúg, sonante, ou tya participio de ty e púg, romper; é o estrondo, o fragor da agua; rumor da corrente: redomoinho, torvelinho, também de pó, haver, o que conduz a ty, cisco. Emprega-se também no sentido geral: rumor, estrondo, barulho e como verbo: estrondar, soar, zunir, retumbar. Póde ser tuapú, composto de tu, batido, opú elle sôa).

ZOMBADOR — jemonçarai. (Tambem póde significar gracejador, chasqueador, brincalhão; etc.).

ZOMBARIA — puité.

ZONIDO — tiapú. (Vide — Zoar).

ZORRA — oabará. (Oabará, deve ser guarará, o manhoso, o ardiloso, etc. Dahi talvez a denominação da zorra).

F I M

ZELAR -- jernostavón. (O D. B. de apenas
 ZRI O -- jernostavón.
 ZOAR -- tiapá. (Tiapá ou tianá. B. e jernostavón diz:
 de ty, corrente rio, zpuq, sonar e, ou tyá partindo de ty e púq.
 set; e est. o, o itagor a água; tnn da corrente; re-
 torvelinho, também de po, haver, o que condu a ty.
 tudo e como verbo: estrondar, soar, zunir, retumbar. Póde
 tianá, composto de tui, de água, ou tui
 ZOM /DOR -- jernostavón. (Também póde
 Z. LARI -- jernostavón.
 -- tianá. (Vide -- Zoar).
 ZORRA -- oz'ará. (Ozará, deve ser gaurá, o m
 o ardiloso, etc. Dahi a de ação d' zôra).

F I M

BIBLIOGRAPHIA

Obras de interesse geral, consultadas pelo autor dos
commentarios ao "Caderno da Lingua"

- ADAM (Lucien) — Materiaux pour servir a l'établissement
d'une Grammaire Comparée des dialectes de la Fa-
mille Tupi. Paris, 1896.
- ALBUQUERQUE (Miguel Tenorio de) — Apontamentos para
a Grammatica Avañeê. Rev. Museu Paulista.
Tomo XVI.
— Lingua Geral Tupi-Guarani. Rev. Museu Pau-
lista. Tomo XVI.
- ALENCAR FERNANDES (Aauto) — Grammatica Tupi.
Ceará. Fortaleza, 1924.
- ANCHIETA (P. Joseph de) — Arte de Grammatica da lingua
mais usada na costa do Brasil. Ed. Platzmann.
Lipsia, 1874.
- ARAUJO (P. Antonio de) — Catecismo Brasilico da Doutrina
Christã. Lisbôa, 1686. Publicado de novo por Julio
Platzmann. Leipzig, 1898.
- AYRES DO CAZAL (P. Manoel) — Vocabulos da Lingua Ge-
ral e do Idioma Guaycurú. Corographia Brasilica,
1845.
- BAPTISTA CAETANO — Vocabulario das palavras usadas
pelo traductor da "Conquista Espiritual" do Padre
A. Ruiz de Montoya. Annaes da Bibliotheca Nacio-
nal. Rio de Janeiro. Vol. VII, 1879.
— Esboço grammatical do Abañeênga ou Lingua
Guarani. Annaes da Bibliotheca Nacional. Rio
de Janeiro. Vol. VI, 1879.
— Apontamentos sobre o Abañeênga. Ensaio de
Sciencia. Rio de Janeiro, 1876. Fasc. I.
— O Dialogo de Lery. Ensaio de Sciencia. Rio de
Janeiro, 1876. Fasc. II.

- BARBOSA RODRIGUES — Vocabulario Indigena comparado para mostrar a adulteração da Lingua. Annaes da Bibliotheca Nacional. Rio de Janeiro. Vol. XV. 1892.
- Poranduba Amazonense. Annaes da Bibliotheca Nacional. Rio de Janeiro. Vol. XIV, 1890.
- Vocabulario Indigena com a orthographia correcta. Complemento da Poranduba Amazonense. Annaes da Bibliotheca Nacional. Rio de Janeiro. Vol. XVI, 1894.
- BERTONI (Moisés S.) — La Lengua Guarani como documento historico. Puerto Bertoni, 1920.
- BETENDORF (P. João Filippe) — Compendio da Doutrina Christã na lingua Portuguesa e Brasilica. Reimpresso por Fr. José Marianno da Conceição Velloso. Lisbôa, 1800.
- BOTTIGNOLLI (J. Justo) — Diccionario Guarani-Castellano y Castellano-Guarani. Turim, S[d.].
- CAVALCANTI (Amaro) — The Brazilian Language and its Agglutination. Rio de Janeiro, 1883.
- CORRADO (P. Maria) — Catecismo de la Doctrina Cristiana com varias oraciones y praticas devotas en la lengua Chiriguana, 1871.
- COSTA RUBIM — Vocabulos Indigenas e outros introduzidos no uso vulgar. Rev. Inst. Brasileiro. Tomo XYV.
- COUDREAU (Henri) — Vocabulaire methodique de la Langue Oyampi, 1892.
- COUTO DE MAGALHÃES — O Selvagem. Curso de Lingua Geral pelo methodo de Ollendorf. Rio de Janeiro, 1876.
- DOMINGUEZ (Manoel) — Raices Guaranies. Buenos Aires, 1912.
- FERREIRA FRANÇA (Ernesto) — Chrestomathia da Lingua Brasilica. Bibliotheca Linguistica. Vol. II. Leipzig, 1859.
- FIGUEIRA (P. Luiz) — Arte de Grammatica da Lingua Brasilica. Ed. Emilio Allain. Rio de Janeiro, 1880.

- FREI ONOFRE — Dicionario Portuguez-Brasilião e Brasilião-Portuguez. Reimpressão integral ordenada e prefaciada por Plinio Ayrosa. Rev. Museu Paulista. Tomo XVIII, 1934.
- FREI PRAZERES MARANHÃO — Poranduba Maranhense ou Relação Historica do Maranhão. Dicionario abreviado Tupinambá-Portuguez. Rev. Inst. Hist. Brasileiro. Tomo LIV.
- Collecção de etymologias brasilicas. Rev. Inst. Hist. Brasileiro. Tomo VIII.
- FREITAS (Affonso A.) — Dicionario do Municipio de S. Paulo. Tomo I, 1929.
- GABRIEL SOARES — Tratado descriptivo do Brasil em 1587. Rev. Inst. Hist. Brasileiro. Tomo XIV, 1851.
- GONSALVES DIAS (Antonio) — Vocabulario da Lingua Geral usada hoje em dia no Alto Amazonas. Rev. Inst. Hist. Brasileiro. Tomo XVII.
- HORACIO DE CARVALHO — Notas manuscriptas á margem do "Caderno da Lingua" de Frei Arronches. Archivo do Museu Paulista.
- JOÃO RIBEIRO — O Fabordão. Ed. Garnier, 1900.
- LUCCOCK (John) — A Grammar and Vocabulary of Tupi Language, partly collected and partly translated from the works of Anchieta and Figueira noted brasilian missionarys. Rev. Inst. Hist. Brasileiro. Tomos XLIII e XLIV.
- MARCOY (Paul) — Vocabulaire Tupi, 1844.
- MARTINEZ (T. Alfredo) — Origenes y leys del Language applicadas al Idioma Guarani. Buenos Aires, 1916.
- MARTIUS (Carl F. P. von) — Wörtersammlung Brasilianischer Sprachen. Leipzig, 1867.
- MILLER (Philippe) — Dictionaire des Jardiniers. 1785-1788.
- MONTOYA (P. Antonio Ruiz de) — Vocabulário y Tesoro de la Lengua Guarani. Vienna-Paris, 1876.
- OLIVEIRA CHINA (J. B.) — Estudos linguisticos in Revista do Archivo Municipal de São Paulo.

- PENNAFORTE (Ray. Ulisses de) — *Philologia comparada. Estudos sobre a palingenesia da Lingua Tupi. Rev. Academica Cearense. Tomo VIII, 1903.*
- PLATZMANN (Julius) — *Das Anonyme Wörterbuch Tupi-Deutsch und Deutsch-Tupi. Leipzig, 1901.*
- RESTIVO (Pablo) — *Arte de la Lengua Guarani por el P. Antonio Ruiz de Montoya, de la Compañia de Jesus, com los Escolios, Anotaciones y Apêdices, sacados de los papeles del P. Simon Bandine y otros. Ed. Seibold, 1892.*
- RODOLPHO GARCIA — *Glossario das palavras e phrases tupis contidas na Histoire de la Mission des Pères Capucins en l'Isle de Maragnan et Terres circonvoisines, de Claude D'Abbeville. Rev. Inst. Hist. Brasileiro. Tomo XCIV.*
— *Nomes de Aves em lingua Tupi. Boletim do Museu Nacional do Rio de Janeiro. Vol. V, n.º 3. 1929.*
- SAMPAIO (Theodoro) — *Da influencia do tupi na lingua portugueza fallada no Brasil. Rev. Centro de Sciencias, Letras e Artes de Campinas, n.º 6.*
— *O Tupi na Geographia Nacional, 3.ª Edição. Bahia, 1928.*
- STRADELLI (Conde Ermano de) — *Vocabularios da Lingua Geral portuguez-nheêngatú e nheêngatú-portuguez, precedidos de um esboço de Grammatica nheêngasáua-miri e seguidos de Contos em Lingua Geral nheêngatú poranduua. Rev. Inst. Hist. Brasileiro. Tomo CIV.*
- SYMPSON (Luiz) — *Grammatica da Lingua Brasileira (Brasilica, Tupi ou Nheêngatú). Ed. da Commissão Brasileira de Estudos Patrios, S/d.*
- TASTEVIN (P. Constantino) — *Nomes de plantas e animaes em lingua tupi. Rev. Museu Paulista. Tomo XIII.*
— *Grammatica da Lingua Tupi. Rev. Museu Paulista. Tomo XIII.*

JOSÉ B. D'OLIVEIRA CHINA

OS CIGANOS DO BRASIL

(Subsidios historicos, ethnographicos é linguisticos)



US CIVILIAN BOATWRIGHT



DUAS PALAVRAS

Pede-me o prezado e erudito amigo sr. José B. de Oliveira China, algumas palavras de apresentação para o prestante trabalho com que vai honrar as paginas deste tomo da Revista do Museu Paulista.

Apresentação desnecessaria e sobretudo pouco prestigiosa por se tratar de quem tem o seu campo de estudos em região inteiramente diversa daquella em que fecundamente trabalha o apaixonado e erudito paulista, estudioso da philologia e de questões de ethnologia.

Ha longos annos que o convívio frequente com o sr. Oliveira China me levou a verificar a consciencia, a pertinacia, a acuratéz e a intelligencia do seu labor profundo em reunir elementos para a presente memoria. Apaixonou-se pelo assumpto do cigano no Brasil, tão escassamente provido de bibliographia, de exegese tão minguada, reduzido quasi, por assim dizer, aos aliás valiosos depoimentos de Mello Moraes e ás contribuições fragmentarias esparsas, de meia duzia de curiosos.

O sr. Oliveira China verificou a riqueza do material brasileiro e com inalteravel paciencia sobre elle colligiu dados e mais dados.

Alargando o plano de sua obra, adquiriu forte bibliographia exotica do que de mais notavel se tem publicado no Universo sobre os calons. Não se limitou a Portugal e Hespanha, enfro-nhou-se da questão com infatigavel curiosidade, realisou estudos acurados de linguistica comparada de que, desde muito, nos tem dado numerosas provas, pelas columnas dos jornaes e revistas das mais acreditadas do Brasil. Entreteve larga correspondencia com especialistas de diferentes pontos e vem agora, nesta monographia, apresentar ao publico a condensação de seus esforços intelligentes, bem coordenados e meritorios.

Modestamente declara que realisou um ensaio enormemente ampliavel. Pelo que o leitor poderá de relance apreciar se deduz que se, com effeito, apenas se trata de merço ensaio foi

este, em todo o caso, executado sob a inspiração da mais intensa vontade de acertar, da honestidade das referências ás fontes e do escrupulo da analyse.

Alarga-se, de modo notavel, com esta monographia, o campo dos conhecimentos sobre o cigano no Brasil. Podemos agora allegar quanto os nossos calons já mereceram, de um erudito, a attenção que em larga escala lhes deve ser dispensada tratando-se de um factor ethnico da importancia desse como o cigano para a formação do tão heterogeneo povo brasileiro.

Errar é dos homens da maior boa fé. O sr. Oliveira China, de tal posso dar testemunho, como quem muito o viu lavrar o campo extenso e arduo de sua monographia, pode ter incidido em erro, ao recolher a larga messe que se armazena nas paginas desta sua contribuição.

Mas se tal se deu ninguem, a meu ver, poderá negar ao seu livro o orgulhoso e consciencioso attributo com que Miguel de Montaigne epigraphou os seus immortaes Ensaaios.

E estou certo de que os cultores das nossas letras ethnographicas e dos nossos estudos philologicos acolherão, com real apreço, o apparecimento deste bello trabalho com que se abri-lhantam as paginas do tomo XXI da Revista do Museu Paulista.

AFFONSO DE E. TAUNAY.

S. Paulo, 20 de março de 1936.

PREFACIO

Infelizmente, pouca coisa sabemos sobre os ciganos que, em bandos mais ou menos numerosos, vêm, ha mais de dois seculos, cortando, em todas as direcções, o immenso territorio brasileiro e bem assim sobre os que, nos tempos passados, formaram pequenos nucleos sedentarios em diversos pontos do paiz.

De trabalhos especiaes que até agora foram escriptos sobre o assumpto, só temos conhecimentos de dois, elaborados por Mello Moraes Filho: o "CANCIONEIRO DOS CIGANOS" ("Poesia popular dos ciganos da Cidade Nova") e "OS CIGANOS NO BRAZIL" ("Contribuição ethnographica").

Ambos foram impressos no Rio de Janeiro (o primeiro em 1885 e o segundo 1886) e tratam quasi que exclusivamente da comunidade cigana que outrora houve nessa cidade e cujos componentes, descendiam, segundo averiguações do autor, de algumas familias de ciganos que, degredados de Portugal, teriam nella desembarcado em 1718.

O "CANCIONEIRO" é um trabalho pouco volumoso e consta dum estudo sobre a poesia popular dos ciganos da Cidade Nova.

Mas, ao contrario do que se espera, os versos ou quadras dessa poesia estão escriptos em muito bom portuguez e não no "calôn", que, segundo nos informa o proprio M. Moraes, era o nome que tinha o dialecto falado pelos ciganos brasileiros.

Exceptuam-se, porém, cinco quadras registadas a titulo de "specimens do dialecto calôn" e que vêm seguidas de traducções, livres ou ao pé da letra, feitas pelo autor.

Notaremos, por fim, que além da parte poetica, ha no "CANCIONEIRO" algumas informações sobre o modo de vida e os costumes dos ciganos da Cidade Nova e bem assim a citação de alguns termos de seu dialecto.

O outro trabalho de M. Moraes, isto é, "OS CIGANOS NO BRAZIL" é muito mais desenvolvido que o anterior, visto que em sua "Primeira Parte" ("Actualidade e tradições"), elle, após fazer algumas compilações sobre as primitivas migrações de ci-

ganos na Europa, dá-nos, informações relativas aos primeiros grupos desses nomades que, nos tempos coloniaes, foram degredados de Portugal e chegaram ás nossas plagas.

Essas informações são, quasi todas, tiradas das partes da legislação portugueza que regulavam o caso.

Em seguida, o A. trata dos locaes em que foram alojados os primeiros ciganos que chegaram ao Rio de Janeiro, dos bairros em que primitivamente residiram seus descendentes, de suas moradas, de seus usos e costumes, de suas crenças religiosas e superstições, de sua organização social, etc.

A “Segunda Parte” e a “Terceira Parte” do trabalho, que têm por titulos, respectivamente, “Trovas Ciganas” e “Novo Cancioneiro” comprehendem uma série de versos, com a qual, ao que parece, M. Moraes pretende dar-nos uma amostra da “veia poetica” dos “calôns” ou ciganos brasileiros.

Mas tambem aqui, como se dá com relação ao “CANCIONEIRO”, tudo vem escripto em nossa lingua, pois apenas em quatro quadras encontrámos, de permeio com o elemento portuguez, algumas palavras de origem cigana.

A “Quarta Parte” (“Vocabulario”) consta duma relação de 253 termos pertencentes ao dialecto dos ciganos brasileiros, a qual, embora pequena, constitue uma valiosa documentação para provar-se a relativa pureza do lexico de tal dialecto, ao menos até ao tempo em que o escriptor patricio organizou a sua obra.

Realmente, esses termos, em sua grande maioria, correspondem, phonetica e semanticamente, a outros existentes nos diversos dialectos em que se divide a lingua geral dos ciganos, além do que muitos delles apresentam certas particularidades ou peculiaridades phoneticas que attestam o seu uso antigo e frequente por parte dos “calôns”.

E', sem duvida, uma prova não só de sua authenticidade como de que a linguagem cigana já ia tomando um cunho especial nesta parte da America.

Quanto aos caracteres physicos dos ciganos sedentarios do Rio de Janeiro, é lamentavel que, apesar do trabalho em questão ter por sub-titulo “Contribuição ethnographica”, M. Moraes pouco ou nada nos diga a esse respeito.

Assim, após notar que “essa raça que tem vivido entre nós desde os primeiros periodos de nossa existencia colonial” não despertou “a curiosidade de um sabio, que sob qualquer ponto de vista a contemplasse nas suas investigações”, elle proprio se limita a nos dar algumas rapidas informações sobre seu typo physico, e isto mesmo baseado em simples observações praticas.

Quanto á fusão do elemento cigano com outros elementos ethnicos que entram na formação de nosso povo, diz simplesmente que “o cruzamento com as tres raças existentes effectuouse, sendo o cigano a solda que uniu as tres peças de fundição da mestiçagem actual do Brazil”.

Eis ahi um resumo das partes mais importantes que ha nos dois trabalhos de M. Moraes, especialmente escriptos sobre os ciganos brasileiros e que no genero são, como já dissemos, os unicos de que temos conhecimento.

De estudos relativos ao assumpto e que estão intercalados em outras obras, em revistas ou publicações de qualquer especie, tambem muito pouco sabemos.

Até este momento encontrámos, como mais importantes, algumas referencias que, sobre os ciganos nomades, foram feitas em “FACTOS E MEMORIAS” (Rio de Janeiro, 1904), que é uma outra obra de M. Moraes Filho, e um artigo que, sob a epigraphe “Os Ciganos Brasileiros” foi publicado no n.º 63 da “Revista do Brasil”, de março de 1931.

Em “FACTOS E MEMORIAS” ha um estudo intitulado “Quadrilhas de Ciganos”, no qual o A. trata dos bandos que eram pelos nossos sertões, descrevendo o seu modo ou genero de vida, os seus acampamentos ou ranchos, as suas “manhas e patranhas”, etc. e aproveita o ensejo para tambem falar sobre os ciganos sedentarios que antigamente habitavam o bairro de Santo Antonio da Mouraria, na cidade da Bahia; na referida obra, ha ainda algumas descrições que, na “Quarta Parte”, intitulada “Memorias do Largo do Rocio”, o autor faz sobre os ciganos do Rio de Janeiro (V. nos respectivos summarios: I “O campo dos Ciganos” — “Ciganos constructores” — II “Casinhas de ciganos” — “Dentro e fóra das habitações” — “Bailados de ciganos” — “Um bazar do Oriente” — “Os ciganos da Cidade Nova”).

Em “Os Ciganos Brasileiros”, que, conforme se diz numa apreciação preliminarmente feita, é um escripto inedito de Augusto de Oliveira e Sousa, ha diversos apontamentos sobre as condições actuaes dos bandos de ciganos nacionaes que ainda vagam por nossas terras interiores.

Mas, na opinião do proprio autor da referida apreciação, o que mais importa em tal escripto é a idéa que, pela primeira vez, se vê aventada, da encorporação do cigano ao regimen social commum.

Pois bem: admittindo-se que haja outras obras ou monographias escriptas sobre o assumpto e de que não temos noticia, mesmo assim podemos dizer que até este momento a ciganologia está atrazadissima entre nós, apesar de constituir um campo que,



explorado e cultivado, poderá revelar-nos coisas muito interessantes para elucidação de algumas de nossas questões ethnographicas e philologicas sobre as quaes ainda pairam duvidas e vacillações.

Foi, pois, nessa supposição que resolvemos sair de nossa obscuridade e pouca competencia para tambem dizer alguma coisa sobre os ciganos que, ha seculos, vêm percorrendo o vasto territorio brasileiro.

Como fazê-lo, porém, baseado unicamente nos livros de Mello Moraes e no escripto de Oliveira e Sousa que, como já dissemos, são os unicos trabalhos de **autores nacionaes** de que dispomos para iniciar tão ardua tarefa?

De começo, tivemos de consultar uma obra de **autor estrangeiro** e que, embora a opinião pareça paradoxal, deve ser até agora a mais copiosa fonte de informações para esclarecimentos da questão cigana no Brasil, principalmente quanto á sua parte historica e, subsidiariamente, quanto á ethnographica.

Referimo-nos á magistral obra do philologo e ethnologo portuguez A. Adolpho Coelho, intitulada "**OS CIGANOS DE PORTUGAL**" (Lisboa, 1892), da qual o APPENDICE I ("Documentos") é quasi todo destinado á transcripção, na integra, de documentos da legislação portugueza contra os ciganos.

Realmente, foi em tal legislação que encontrámos nada menos de cinco actos officiaes (provisões, decretos e alvarás) relativos ao desterro ou degredo dos ciganos, da Metropole para o Brasil, sendo o primeiro ou mais antigo a Provisão de 1574, pela qual a pena de galés imposta ao cigano João de Torres foi commutada em desterro para o Brasil, podendo elle ir acompanhado de sua mulher e de seus filhos; e o ultimo o Alvará de 1760, cujo conteudo mostra que, por esse tempo, os ciganos já se haviam multiplicado em nossas terras de modo tal que constituíam numerosos bandos que, armados, andavam pelas estradas commettendo furtos e praticando violencias; pelo que o governo portuguez recommendava ás autoridades da colonia que usassem de medidas repressivas contra elles.

De posse pois, dessa preciosa documentação obtida "no trabalho dum autor d'além mar", tomamól-a para base de elaboração dum resumo historico sobre os ciganos nacionaes, a começar pelas primeiras informações que ha relativamente á chegada de seus ascendentes portuguezes ás nossas terras.

E então, graças ao auxilio e boa vontade de diversas pessoas, cujos nomes vão adeante mencionados, pudemos amplial-a em parte com alguns outros documentos governamentaes refe-

rentes á questão e que desta vez foram colhidos nos proprios archivos brasileiros da época colonial.

Assim, ao erudito dr. Affonso de E. Taunay, director desta Revista e ao culto dr. Mario Torres, residente na Bahia, devemos o conhecimento de documentos interessantes relativos á chegada, em 1718, dos primeiros ciganos á cidade da Bahia, bem como sobre a sua subsequente e rapida multiplicação em toda a Capitania, confôrme se vê do teor de duas cartas datadas de 1761 e dirigidas por seus governadores ao conde de Oeiras,.

E ao conhecido intellectual sr. Nuto Sant'Anna, encarregado da secção historica do Archivo Municipal de S. Paulo, devemos as cópias de tres actas do Senado da Camara de S. Paulo, respectivamente, de 1726, 1760 e 1768, todas relativas a medidas a serem tomadas contra os ciganos que, por esses annos, appareceram na cidade, sendo que os de 1760 formavam um grande bando procedente de Minas Geraes, donde haviam sido expulsos.

Ora, addicionando a isto tudo o que, por sua vez, M. Moraes colligiu a respeito e publicou em "OS CIGANOS NO BRAZIL" (V. pags. 22 e 23), conseguimos obter a primeira e melhor documentação, isto é, — a governamental, para dar inicio á historia dos ciganos brasileiros, antecedendo-a, porém de indispensaveis informações acêrca da chegada de seus antepassados ás nossas plagas.

Entretanto, como bem se comprehende, essa fonte, constituida pela legislação referente aos ciganos, não é, por si só, sufficiente para esclarecer a sua historia.

Eis porque, para lhe dar maior desenvolvimento, fomos buscar em outros mananciaes novas informações acêrca da diffusão desses nomades pelos sertões, da formação de seus nucleos sedentarios em algumas de nossas cidades e, por fim, de seu modo especial de vida em relação ao das demais populações do Brasil.

Essas novas informações constam de referencias ou noticias que sobre elles vão apparecendo, desd' o sec. XIX, em diversas obras escriptas por viajantes estrangeiros que estiveram entre nós e tambem em revistas, jornaes e outras publicações nacionaes: umas encontradas por nós mesmo e outras fornecidas ou indicadas por nossos gentis informantes.

Não desprezámos tambem, como aproveitaveis em nosso caso, diversas noticias que, sobre o assumpto, nos foram transmittidas por particulares e que desde logo percebemos que se revestiam de criterio e exprimiam a verdade; os nomes desses novos collabores serão opportunamente citados.

E assim, após haver reunido e colleccionado chronologicamente todos esses documentos, pudemos obter alguns subsidios historicos que, por trazerem a lume muita coisa até agora desconhecida sobre os ciganos do Brasil, resolvemos incluir neste modesto trabalho, do qual constituem a PARTE I.

Consultando-os, verão que ás vezes nellas incluimos informações e noticias mais ou menos longas e minuciosos, as quaes, no emtanto, tratam apenas de simples familias, de casaes e até particularmente, de individuos da raça cigana que, por circumstancias especiaes, ficaram perdidos ou isolados em diversos pontos de nosso immenso territorio.

Verão mais que doutras vezes recortámos e transcrevemos dos jornaes noticias detalhadas que narram uma ou outra falcatrua de ciganos e que tambem incluimos em taes subsidios historicos.

Este facto que, certo, causará estranheza a muitos, decorre da propria difficuldade que em toda parte tem havido e ainda ha de traçar-se, embora approximadamente, a historia dos ciganos, bem como de seus principaes caracteres moraes, sociaes e psychologicos: isto por falta de documentação directa ou, para melhor dizer, fornecida por elles proprios.

Povo illetrado, sem personalidade historica e, portanto, sem tradições, a sua marcha ou antes "a sua triste odysséa" através dos povos europeus nos tempos antigos só póde ser conhecida, e muito imperfeitamente, pelo conteudo das leis e decretos contra elles expedidos pelos governos dos diversos paizes por elles trilhados ou atravessados; os seus usos e costumes só nos têm sido communicado por alguns autores ou escriptores que, movidos por simples curiosidade, têm conseguido delles se approximar; e, enfim, as suas condições actuaes e as suas "actividades" nas sociedades modernas entre as quaes elles vivem, têm-nos sido, na maior parte das vezes, transmittidas por activos e diligentes "reporters", cujas noticias sobre o assumpto, uma vez estampadas nos jornaes, são, sem duvida, os melhores informes para o proseguimento dos estudos relativos á ciganologia.

Ora, como tivessemos verificado que varias informações colhidas em todas essas fontes, de formação tão diversas, foram aproveitadas em obras escriptas sobre os ciganos europeus por autores de nomeada, resolvemos seguir, neste modesto trabalho, a mesma orientação no que diz respeito aos ciganos brasileiros.

E assim ficam explicados os motivos por que nelle incluimos as longas e minuciosas informações e noticias a que atraz nos referimos; e quanto á sua vantagem ou utilidade para es-

clarecimento da questão, expô-la-emos em occasiões opportunas e no decorrer dos diversos capitulos de que se compõem os nossos "Subsidios historicos".

Uma outra tarefa mais penosa que a precedente foi a que emprehendemos de colligir alguns dados sobre os caracteres physicos dos ciganos brasileiros, visto que desta vez o terreno é ainda mais esteril que o precedente.

Realmente, si rareiam os escriptos de autores nacionaes relativamente á historia desses nomades patricios, que diremos de trabalhos onde possamos colher os referidos dados?

Das descripções que, em "OS CIGANOS NO BRAZIL", M. Moraes nos dá sobre o typo physico dos "calôns" do Rio de Janeiro pouco ou nada podemos deduzir, visto que ellas, além de serem muito rapidas não têm o menor cunho scientifico.

E como, fóra disso, até agora nada encontrámos a respeito a não ser uma ou outra referencia feita em obras de viajantes estrangeiros que, estando entre nós, attentaram para os nossos ciganos, juntámos ás observações que nellas ha as de M. Moraes e, por fim, ampliamos tudo com mais algumas informações que, a pedido, recebemos de alguns particulares curiosos do assumpto.

Obtidos, pois, esses "minguados e imprecisos apontamentos ethnographicos" feitos sobre elles, resolvemos, não obstante, pôl-os em confronto com os resultados de alguns estudos anthropologicos que se têm feito na Europa sobre os ciganos em geral.

E então, repetindo o que já havíamos feito com relação aos subsidios historicos, recorreremos primeiramente á obra de A. Coelho "OS CIGANOS DE PORTUGAL", na qual ha um esboço historico e ethnographico (V. Parte III) e um estudo sobre o typo physico dos ciganos (V. Appendice III), referindo-se ambos tanto aos ciganos portuguezes em particular como aos ciganos em geral.

Colhidas nessa primeira fonte as informações que mais convinham ao noso confronto, procurámos amplial-as com outras que encontrámos em alguns trabalhos que possuímos não só sobre os gitanos ou ciganos hespanhoes como sobre os ciganos extra-ibericos.

Em seguida, fazendo um resumo de tudo quanto apurámos tanto sobre os caracteres physicos dos ciganos europeus como dos brasileiros, organizámos um quadro comparativo que, embora pequeno e deficiente, nem porisso deixa de provar que nesse particular ha uma singular semelhança entre uns e outros.



E essa, naturalmente, é a base sobre que se assentam os subsidios ethnographicos que incluimos na Parte II destes estudos.

Mas para que estes não fossem de todo incompletos, tivemos que augmental-os com informações de outra especie, mas que nelles se enquadram, taes como ás relativas a um possivel cruzamento entre ciganos e brasileiros e estranhos á sua raça, á provavel existencia entre nós de numerosos descendentes seus, que hoje estarão perdidos ou confundidos na massa heterogenea de que se compõe a nossa população, etc.

Tambem, a titulo de curiosidade, fizemos uma longa exposição acêrca da incorporação do elemento negro aos bandos de ciganos, a começar do periodo colonial, e ainda do papel que em nosso paiz esses nomades tiveram como senhores, traficantes e revendedores de escravos: será, talvez, um episodio de nossa historia desconhecido de muitos e que só pudemos revelar com certas minucias, após uma fatigante série de investigações e compilações.

E, finalmente, enxertámos tudo isso com algumas considerações acêrca dos caracteres psychicos, intellectuaes e moraes dos ciganos brasileiros, das quaes, pensamos, muito poderão deduzir os que, com mais competencia, queiram desenvolver a questão.

Como veremos na "Introducção geral" (V. Parte IV), que antecede nossas investigações sobre os ciganos brasileiros, foi graças á conjugação de estudos historicos, ethnographicos e linguisticos que se poudo comprovar que os ciganos vieram da India e que, ethnicamente falando, pertencem á raça aryana.

Ora, como em nossos subsidios ethnographicos procurámos demonstrar que os ciganos brasileiros são, por seu typo physico, muito semelhantes aos ciganos em geral, resolvemos completar este trabalho com alguns subsidios philologicos relativos á sua linguagem para ver até que ponto ella se approxima da lingua geral dos ciganos da Europa e mesmo da lingua madre indiana.

Em outros termos: para melhor aclarar as questões aventadas neste livro, intentámos nelle fazer, de modo restricto, uma conjugação de subsidios historicos e ethnographicos e amplial-a depois com algumas investigações de ordem philologica, as quaes, sem duvida, poderão ainda mais nos levar á convicção de que, ao menos por algum tempo, os ciganos patricios conservaram com relativa pureza não só a raça como a linguagem de seu antepassados.



Mas, também aqui, perguntamos-nós, como fazê-lo si para tal não dispunhamos de outro material a não ser o exiguo, que encontramos nas obras de M. Moraes e ao qual já nos referimos atrás?

Não precisamos expôr ao leitor as dificuldades que, nesse particular, havíamos de superar para obter alguma coisa por insignificante que fosse.

Mas, apesar disso, resolvemos organizar, para constituir a **Parte III** deste trabalho, alguns subsidios linguisticos que, até certo ponto poderão concorrer para esclarecimento do obscuro dialecto falado pelos ciganos do Brasil.

Entretanto, pelos motivos já conhecidos esses subsidios, que não comprehendem questões grammaticaes, se limitarão a provar: a) que os ciganos brasileiros continuaram a falar um "dialecto cigano" e não, como geralmente se pensa, uma "gíria", ou "uma linguagem convencional", tal como a de que fazem uso os delinquentes de diversos paizes; b) que o nome "calôn", com que elles designam a si mesmos e também o seu dialecto, é tirado dum dos nomes genericos da nação dos ciganos, isto é, de KALO, KALA, que, propriamente, quer dizer **negro, os negros**; c) que a palavra "**ron**", que entre elles significa homem, deriva dum outro nome nacional dos ciganos, isto é, de ROM, cujo plural ROMA' significa os homens, os varões, os maridos; d) que a palavra "**gajão**", com que elles designam o brasileiro ou qualquer pessoa estranha á sua raça, reflecte fórmulas semelhantes existentes em quasi todos os dialectos falados pelos ciganos da Europa e que estes igualmente empregam quando se referem "a qualquer individuo que não é cigano"; e) que a palavra "**chibe**" de que usam com os significados de lingua (anat.) e, por extensão, com os de lingua (linguagem), palavra, vocabulario, pertence ao stock basico da lingua geral, visto que corresponde a fórmulas existentes em varios dialectos ciganos da Europa e até mesmo em alguns idiomas neo-hindús; f) que os termos do vocabulario cigano-portuguez organizado por M. Moraes, são, em sua grande maioria, de origem genuinamente cigana.

Ora, a existencia, ainda em 1886, desse vocabulario e principalmente a conservação por parte dos ciganos do Brasil dos nomes que indicam ou designam a sua nação ou casta ("**calôns**"), o "homem cigano" ("**ron**") e o "homem não cigano" ("**gajão**"), e ainda a sua lingua ou dialecto ("**calôn**", "**chibe**"), são mais que sufficientes para comprovar que elles aqui continuaram a constituir bandos ou grupos ethnicamente independentes e, portanto, inconfundiveis com as demais populações do paiz.

E assim, as investigações etymologicas que, sobre o cigano-brasileiro vamos fazer nos "**Subsidios linguisticos**", que darão



fecho a este modesto trabalho, aproveitarão, também, implicitamente, aos "Subsidios ethnographicos".

Quanto á "Introdução geral" com que precedemos os nossos estudos sobre os ciganos do Brasil, facil será explicar os motivos por que resolvemos fazê-la.

Realmente, como demonstrar que os remanescentes desses nomades que vivem entre nós descendem, ainda que remotamente conforme vimos affirmando, de aryas saídos das baixas classes da população indiana e que seu dialecto reflecte, embora pallidamente, um idioma neo-hindú?

Os unicos meios são estes:

1 — Primeiramente, compillar dados que, de modo positivo, possam provar que o verdadeiro berço dos ciganos está na India (investigações de ordem historica, ethnologica e philologica) e em seguida averiguar sobre a data provavel em que elles saíram desse paiz, e caminharam em direcção ao occidente (marcha através da Asia Central e occidental) até á passagem de alguns de seus bandos para o territorio europeu.

2 — Reunir documentação relativa: á época de seu apparecimento na Europa (em 1417, segundo opinião geral) e á primeira região dessa parte do mundo por elles attingida (um indeterminado ponto da península balkanica); aos caminhos por elles seguidos em direcção á Europa central, septentrional e occidental até á penetração de alguns de seus bandos na península iberica (em 1447) e consequente diffusão pelas terras hespanholas.

3 — Obter informações sobre a sua passagem da Hespanha para Portugal provavelmente no começo do seculo XVI, e bem assim sobre o degreço successivo de seus bandos desse ultimo paiz para o Brasil, a começar do ultimo quartel desse mesmo seculo.

Pois bem: após uma extenuante série de compilações e investigações, conseguimos fazer tudo isso, mas mesmo assim dum modo muito incompleto ou imperfeito, devido á extrema pobreza de material de que dispomos sobre a questão: apenas algumas obras especializadas, taes como "LOS ZINCALI" ("Los gitanos de España"), traducção hespanhola, por Manoel Azaña (Madrid, 1932), da obra original de George Borrow, "THE ZINCALI; OR AN ACCOUNT OF THE GYPSIES OF SPAIN" (London, 1843); "LES TSIGANES", por C. J. Popp Serboianu (Paris, 1930); "HISTORIA Y COSTUMBRE DE LOS GITANOS", por F. M. Pabanó (Barcelona, 1915); "HAMPA" ("Antropologia picaresca"), por Rafael Salillas (Madrid, 1898), obra em que ha preciosissimas informações sobre os ciganos em geral; "OS CIGANOS DE PORTUGAL", obra de Adolpho Coelho a que já nos referimos, e alguns outros trabalhos de menor vulto.

Não ficámos, porém, ahí: em vista dessa deficiência de material, procurámos reforçar nossas investigações, consultando varias encyclopedias e dictionarios historicos, geographicos e ethnographicos escriptos em inglez, francez, italiano, hespanhol, etc. (V. BIBLIOGRAPHIA, no fim deste trabalho), em que ha noticias e informações mais ou menos desenvolvidas sobre os ciganos, das quaes seleccionámos as que mais convinham ao nosso estudo para nelle aproveitá-las e inseril-as em occasiões oppor-
tunas.

Foi, pois, com taes subsidios que conseguimos organizar a "Introduccção geral" que, seja dito de passagem, "constitue uma verdadeira monographia sobre a raça cigana", e cujo conteudo nos habilita dizer, com certa segurança: a) que os ciganos, ao tempo em que entraram na Europa, conservavam, intactas, a sua raça e lingua; b) que cruelmente perseguidos pelos governos dos diversos paizes dessa parte do mundo e desprezados e vilipendiados pelas populações através das quaes passavam ou entre as quaes estanciavam, não poderiam, por esses mesmos factos, ter-se approximado dos europeus para com elles cruzar, a não ser em casos muito excepçionaes; c) que, consequentemente, os que, em (1447) entraram na Hespanha ainda deveriam conservar com toda a pureza a sua raça e lingua, visto que haviam saído ha muito pouco tempo dos focos europeus de irradiação cigana (situados na península balkanica e na Hungria), nos quaes, segundo as melhores presumpções, elles continuavam a manter a sua integridade ethnica; d) que em vista de ter sido a Hespanha um dos paizes da Europa onde os ciganos soffreram maior perseguição e desprezo, o natural é que os que della foram enxotados para Portugal, apenas meio seculo após o apparecimento dos primeiros bandos na península, constituissem grupos de "puros ciganos" e não, como ás vezes se diz na legislação hespanhola, "conjuntos de vagabundos e delinquentes de todas as procedencias"; que em Portugal, os ciganos, devido a differenças de raça e lingua, continuaram a ser encarados como "gente estranha ás populações ibericas" e tão indesejavel que ainda dentro do seculo de seu apparecimento no paiz, começaram a ser desterrados para o Brasil, onde, portanto, ao chegarem, traziam ainda em suas veias o sangue de seus antepassados remotos que, seculos atraz, haviam saído da India.

E assim pensamos haver fundamentado os motivos por que havemos de considerar os ciganos brasileiros como originariamente saídos das baixas classes da população indiana.

Aliás, "não contamos uma novidade", visto que essa é a opinião generalizada.

A differença que ha é que a maioria diz “por ouvir dizer” e nós affirmamos baseado em factos positivos.

*
* *
*

Estamos num momento em que se agitam no Brasil varias questões anthropologicas, ethnologicas e philologicas relativas a dois elementos ethnicos importantes que entram na composição de nosso povo: o tupy-guarany e o afro-negro.

Numerosas obras a esse respeito têm sido lançadas recentemente á circulação, esforçando-se os seus autores por esclarecer os pontos mais obscuros e problematicos de taes questões.

Pensamos, pois, ser de grande oportunidade o apparecimento deste modesto trabalho em que tratamos dos ciganos brasileiros, dos quaes uma parte tambem se teria fundido em nossas populações, accentuando assim, ainda mais, o seu cunho de heterogeneidade.

E' certo que não podemos calcular com segurança até que ponto chegou a influencia desse terceiro e pouco numerozo indigene ethnico na formação da nacionalidade.

Mas, por pequena que ella tenha sido, o caso é que o seu estudo ainda merece a attenção dos curiosos do assumpto e dos especialistas na materia.

Foi, pois, nessa supposição, que, meio seculo depois da publicação das obras de Mello Moraes Filho, incontestavelmente o precursor da ciganologia entre nós, resolvemos elaborar este trabalho que, por seu desenvolvimento será, no genero, o segundo que se publica no Brasil.

Quanto ao seu valor e utilidade fica a avaliação a cargo duma critica imparcial, que apontará os seus erros e lacunas que, sem duvida, serão muitos.

Mas, de qualquer fórma é preciso que os julgadores tenham sempre em vista a escabrosidade e esterilidade do terreno em que nos propuzemos a trabalhar....

Terminando estas linhas, agradecemos cordialmente a todas as pessoas que, com o fornecimento de documentos, noticias e detalhes, concorreram para a elaboração d“OS CIGANOS DO BRASIL”.

Os nomes de algumas dessas pessoas já foram mencionados e os de outras irão sendo citadas no decorrer do estudo.

Entretanto, sem que queiramos nem de leve diminuir o valor da contribuição dos demais collaboradores, havemos de manifestar aqui, em particular, a nossa gratidão aó erudito dr. Affonso

de E. Taunay, membro da Academia Brasileira de Letras e director do Museu Paulista, pela boa vontade com que acolheu os nossos despretenciosos escriptos, permittindo que elles figurassem na Revista que com tanta proficiencia dirige.

Foi, pois, devido a essa boa vontade partida dum homem que allia á sua grande illustração um excepcional cavalheirismo que resolvemos publicar este trabalho.

São Paulo, março de 1936.

José B. d'Oliveira China



rector do Museu Paulista para nos fornecer uma
nossa despretenciosos escritos, permitindo que eles fiquem
na Revista que com tanta prolicidade dirige.
Foi pois, devido a essa boa vontade partida dum
que aliás a sua grande ilustração um excepcional, cavalheiro

José B. W. Oliveira Costa

José B. d'Oliveira China.

OS CIGANOS DO BRASIL

(Subsidios historicos, ethnographicos e linguisticos)

INTRODUÇÃO GERAL

I

"BOHÉMIENS. Il est peu de questions anthropologiques, géographiques et ethnographiques, qui aient, plus occupé les philosophes, les géographes et les historiens, que celle que nous soulevons ici: elle est aussi une des plus curieuse et des plus importantes. Un peuple qui présente les phénomènes sociaux les plus extraordinaires, dispersé sur le globe, nomade depuis près de quatre siècles, de mœurs à peu près, encore inconnu. Ni le temps, ni le climat, ni la politique, ni l'exemple, n'ont pu rien changer dans leurs institutions, leurs mœurs, leur langue et leurs idées religieuses. Ce sont les hommes connus en France et dans une partie de l'Europe, sous le nom de Bohémiens et Egypticiens. Le peuple israélite est le seul qui ait conservé, comme eux, mais avec une netteté bien moins grande, son caractère primitif sur la terre étrangère". (Du "Dictionnaire usuel et scientifique de Géographie", par M. L. Domeny de Rienzi. (Quatrième édition, Paris).

"J'ai rapproché les Juifs des Tsiganes..." — "Tous deux partis d'Asie; tous deux errent de par le monde, chacun à sa manière; tous deux sont partout répandus..." — Mais les contrastes sont plus grands que les points communs. Le Tsigane pauvre-né par goût, peu soucieux du bien-être, du confort, le Juif y mettant son idéal et croyant y avoir la bénédiction de Dieu". — "Un peuple que mendie pour vivre, un autre qui amasse pour dominer. Un peuple sans doctrine, sans foi ni culte déterminés; un autre qui prétend avoir reçu, de Dieu même, sa loi et en fait le fondement de la pureté de sa race et de la suite de sa vie nationale, par ses dogmes, son culte, et ses traditions. Cependant, le seul fait que les Tsiganes, après tant de siècles, gardent encore, avec une persistance et une intégrité aussi accentués le type de leur race, leur langue, leurs traditions et maintes costumes ancestrales, sans graviter autour d'un foyer commun de caractère national ou d'un centre religieux quelconque, doué d'une organisation unifiante, — ce seul fait, dis-je, montre qu'ils forment un peuple plein, de vitalité et explique l'inanité des efforts fait par les Etats où ils se trouvent pour les assimiler complètement."

"Ce que l'illustre savant roumain Bogdan Petriceicu Hajdeu entendait dans sa terminologie par: "Le peuple énigmatique", c'était le peuple tsigane, celui, qui encore longtemps sera pour nous, Européens, une des plus curieuses énigmes historiques. Et ceci est la cause de la non-coordinations des recherches des savants qui se sont occupés d'eux". (Da obra intitulada "**Les Tsiganes**", por C. J. Popp Serboianu, — Payot, Paris, 1930).

Desconhecemos o anno da impressão do Dictionario de Geographia, de Rienzi, atraz citado, e do qual transcrevemos o trecho relativo aos bohémiens ou ciganos. Mas, a calcularmos pelas ultimas datas historicas que nelle ha, tal impressão deve ter-se dado anteriormente a 1850. Entretanto, como sabemos que a obra "**Les Tsiganes**", de Serboianu, foi impressa em 1930, é curioso e mesmo admiravel, que o conteudo dos trechos que della acima transcrevemos demonstre, embora com phraseado differente, que até hoje, em nossos dias, os usos e costumes dos ciganos, as suas condições sociaes e instituições primitivas, e, sobretudo, a sua rebeldia á civilização, são os mesmos descriptos, pelo menos ha 80 annos atraz, por Dominy de Rienzi. (1)

Esse facto, por si só, é o bastante para mostrar que o povo **enigmatico**, na expressão de uns, ou **raça mysteriosa**, na expressão de outros, ainda merece, em toda parte, estudos especiaes quer sob o ponto de vista historico, quer quanto a seus caractéres physicos, intellectuaes, religiosos e moraes.

E é nessa supposição que damos inicio ás compilações que, sobre o assumpto, conseguimos fazer e de cuja imperfeição ou deficiencia já procurámos nos desculpar com palavras incluídas no Prefacio.

(1) Por citação de outros sabemos que de Rienzi ha um trabalho intitulado "**De l'origine des Tzengaria**", publicado em 1832 na "Revue Encyclopédique". E, por suas proprias palavras existentes no texto do titulo "**ASIE**" do seu Dictionario Geographico, sabemos que elle, em época que ignoramos, fez uma "**Dissertation sur les Bohémiens**", que foi publicada na obra intitulada "**Congrès historique de Paris**".

Como vemos, Rienzi designa os ciganos ora por **bohémiens** ora por **tzengaria**. Nos trechos em francez transcriptos no começo deste estudo, esse ciganologo tambem os chama de **égyptiens**, ao passo que Serboianu os chama de **tsiganes** que, aliás, é a fórma actualmente preferida pelos escriptores francezes.

E por aqui começa a espantosa multiplicidade de nomes com que os ciganos em toda parte, são designados e da qual trataremos desenvolvidamente em outro ponto destas compilações.

A ORIGEM DOS CIGANOS — OPINIÕES E HYPOTHESES

O problema relativo á origem dos ciganos tem desnortado os historiadores, ethnologos e philologos. Muito se tem escripto sobre sua patria primitiva, mas em geral, dum modo confuso, visto que as opiniões e hypotheses a respeito, muitas das quaes são absurdas, variam de escriptor a escriptor.

Para uns, p. ex., elles seriam asiaticos, tendo vindo duma das seguintes regiões: Tartaria, (1) Cilicia, Armenia, Caucaso, Phenicia, Mesopotamia, Assyria, Persia ou India.

Para outros, seriam africanos, procedendo do Egypto, da Tunisia, da Nubia e até do Zanguebar...

Não faltaram tambem autores que os julgaram naturaes de certas regiões ou paizes da propria Europa, taes como da península iberica, dos confins da Hungria e Turquia, da Grecia e até da Allemanha ou da Bohemia. (2)

E houve mesmo alguns que chegaram a ver nos ciganos uma raça mista de mouros e judeus emigrada da Hespanha!

A esse respeito convem transcrever aqui o que, no Cap. I de seu discurso dirigido a Felipe III, diz o dr. Sancho de Moncada, conforme vemos em "LOS ZINCALI", de Borrow:

"Los escritores comunmente dicen que la primera vez que se vieron gitanos en Europa fué el año de 1417, que era en el tiempo del Papa Martino V y del señor Rey Juan el Segundo y otros dicen que los tuvo el Tamerlan en su campo el de 401, siendo su capitan Cingo, de donde se llaman cingaros. Pero hay infinitas opiniones acerca de su origen. La primera

(1) Os suecos chamam os ciganos de *taten*, isto é, *tartaros*. E com tal designação elles foram conhecidos em algumas regiões da Allemanha, desde os primeiros tempos de seu apparecimento. Na Noruega e na Dinamarca tambem lhes dão o nome de *tatars*.

(2) A hypothese que faz os ciganos originarios da Bohemia é das mais absurdas, tanto que Rienzi, em seu Dictionario (V. "BOHÉMIENS"), tratando da questão, diz o seguinte: "Les Français leur donnèrent d'abord le nom de *Egyptiens*, e plus tard celui de *Bohémiens*, parce que les premiers hommes de cette caste qu'on vit en France arrivaient de Bohême (le nom de Bohémiens ne doit être appliqué qu'aux Tzengaris: c'est outrager une honorable nation que de le donner aux habitants de la Bohême, dont le véritable nom est bohêmes)".

Documentos antigos provam que, ás vezes, os francezes davam tambem aos ciganos a designação de *sarrasins* (sarracenos); designação esta tão impropria como a de *bohémiens*, visto que, como veremos mais tarde, os ciganos não tinham nenhuma relação com os sarracenos.

es que son extranjeros y hay gran variedad entre los escritores en la provincia de donde vinieron. La mayor parte dice que son de Africa, que vinieron con los moros quando se perdió España, o tártaros, persas, cícicos, nubianos de Egipto inferior, de Suria o de otras partes de Asia e Africa y algunos los tienen por descendientes de Chus, hijo de Cain; otros dicen que son de Europa, Bohemia, Alemania y de otras naciones de ella”.

Por se relacionar com a questão, merece também ser transcrito aqui o seguinte trecho, que tirámos da obra de F. M. Pabanó, já citada no Prefacio:

“El río Ciga en España, de que habla Lucano, ha hecho suponer a algunos disparatadamente, que aquél riega la patria original de los gitanos. Otros les hacen oriundos de la provincia Zeugitana, en Africa: varios encuentran admisible la procedencia en la palabra *Singara*, ciudad de la Mesopotamia; y no falta quien los cree originarios de *Zigera*, pueblo de la Tracia. Sin buscar punto determinado, las interpretaciones se han ido a fijar en apelativos más generales, como los de la *Mauritania Tingitana*, en Africa; con la comarca de *Zigier*, en el Asia Menor, o con los herejes griegos Atinganes”.

Mas, como era natural, quasi todas essas opiniões foram, por insubsistentes, abandonadas e dellas apenas duas continuaram a merecer o exame dos ciganologos dos tempos modernos: a que acreditava serem oriundos do Egypto e a que affirmava que procediam da India.

Até este momento parece estar vencedora a corrente que abraça a ultima opinião.

Não obstante, como a questão da origem egypcia dos ciganos ainda tem muitos adeptos, della trataremos primeiramente para, em modestas compilações, provar que são muito frageis os argumentos com que se pretende sustental-a.

I I I

SUPPOSTA ORIGEM EGYPCIA DOS CIGANOS

Embora não se possa marcar com segurança a data da entrada dos ciganos na Europa, a verdade é que foi só no começo do seculo XV que a sua presença foi assignalada no centro e no occidente dessa parte do mundo.

Sobre esse acontecimento, diz o historiador bavaro J. Aventino: (1)

“Nesse tempo (isto é, depois do anno de 1400), aquelles homens, fêzes de varios povos que habitam os confins da Turquia

(1) Sobre o trabalho de Aventino, encontrámos na “Bibliographie”, que ha na obra de Serboianu, o seguinte: “*Aventin et Turmeyer — Annales Boiarum Ingolst 1554, in fol.*”.

e Hungria, aos quaes chamamos Zínganos, começaram com o rei Zindelón a vagar por nossos paizes, buscando impunemente seu sustento em furtos, rapinas e adivinhações. Entre outros embustes, dizem que são do Egypto e que estão obrigados por Deus a viver desterrados; e fingem que com o desterro de sete annos fazem penitencia devido ao peccado de seus antepassados, que não quizeram hospedar a Virgem Maria com seu Santissimo Filho”.

Graças a isso e devido, sem duvida, ao fanatismo religioso da época, os que primeiramente chegaram á Hungria, em 1417, foram bem recebidos e conseguiram mesmo captar a sympathia do imperador Sigismundo, que lhes forneceu salvo-conductos e cartas de protecção.

Com relação ao facto, diz um autor: “Os primeiros ciganos, em numero de 3.000, que em 1417 appareceram na Hungria, reinando o imperador Sigismundo, se estabeleceram na Moldavia com permissão do voivode deste paiz. E nos annos immediatos, outros numerosos bandos de aventureiros ciganos entraram na Valachia, na Transylvania e na Hungria”.

Com os documentos que lhes havia fornecido o imperador Sigismundo, bandos de ciganos entraram na Allemanha e, no mesmo anno de 1417, subitamente appareceram nas proximidades do Mar do Norte, não longe da embocadura do Elba.

O facto é assim narrado por Krantz: (1)

“Appareceram no anno de 1417, nos paizes do Mar Germanico, homens disformes por sua côr escura: o vulgo os chama tartaros e na Italia se chamam cianos”.

E Munster faz-nos saber que “no anno de 1417 começaram a apparecer na Allemanha homens disformes por sua pretidão, queimados pelo sol e cobertos de andrajos; que suas mulheres se occupam, principalmente, em furtar, mantendo-se os homens com o producto dos furtos dellas. O vulgo os chama tartaros ou pagãos e na Italia se chamam cianos. Têm seus chefes, condes e soldados; trazem cartas de Sigismundo, rei da Bohemia, e de alguns principes para que se lhes permita passar livremente”.

A começo, os allemães os trataram com certa benevolencia, mas depois os enxotaram violentamente, o que os obrigou a procurarem outros paizes.

Ao que dizem, ainda no territorio germanico, alguns de seus bandos teriam estado, entre 1417 e 1419, em Lubeck, Rostock,

(1) Sobre o trabalho de Krantz encontramos na Bibliographie de Serbojanu o seguinte: “Krantz Albert (mort le 7 décembre 1517). — Saxonia, Francfort, 1621 in-fol. (ce livre fut édité pour la première fois à Cologne en 1520).”

Hamburgo, Meissen, Leipzig, Hesse e Augsburg, tendo antes passado por Budapest e Praga.

Em 1418 ou 1419 estiveram na Suíça e em 1422 appareceram em Bolonha, na Italia, tendo antes passado por Brescia.

Referindo-se á sua chegada em Bolonha, Muratori, na "CRO-NICA DI BOLOGNA", diz "que os primeiros egypcios ou zingari que chegaram a essa cidade, em 1422, declararam que fazia cinco annos que erravam pelo mundo". Eram cerca de cem pessoas, dirigidas por um chefe, a que chamavam o "duque André do Egypto". Dahi se dirigiram para Roma, onde iam, segundo declaravam, se confessar com o Papa.

Realmente, ainda nesse anno, chegaram a essa cidade, tendo antes passado por Forli.

Dahi se dirigiram para Paris, onde chegaram em 1427, segundo uma noticia dada por Pasquier, escriptor do Sec. XVI, e que é a seguinte:

"Em 17 de abril de 1427, appareceram em Paris doze **penanciers** (penitentes), como elles proprios o declaravam, principaes do Egypto, entre os quaes se contavam um duque, um conde e dez homens a cavallo, que se diziam christãos expulsos de seu paiz pelos sarracenos: diziam mais, que haviam se dirigido ao Papa afim de confessar seus peccados e que este lhes havia imposto a penitencia de andar errantes pelo mundo durante sete annos. Sua comitiva se compunha de umas cento e vinte pessoas entre homens, mulheres e creanças, restos de mil e duzentas de que constava aquella expedição ao sair de sua patria..."

Tinham cabellos pretos e crespos, usavam argola de prata nas orelhas; as mulheres eram feias, porcas, ladras. Eram, além disso, bruxas e prediziam o futuro.

Alojados em La Chapelle, perto de Paris, uma multidão de curiosos que os queria ver affluia ao local. Mas, como desde logo comesçassem a pôr em pratica as suas artimanhas, o bispo de Paris os expulsou da cidade e excomungou a todos os que os haviam consultado e extendido as mãos para conhecerem sua sina.

Nesse mesmo anno chegou a Amiens, sob a direcção de Thomaz, "conde do Pequeno Egypto", um bando de ciganos que, parece, era o mesmo que havia sido expulso de Paris; isto porque tambem traziam cartas do Papa e repetiam a mesma historia "de haverem sido expulsos do Egypto por se terem convertido ao christianismo".

Em 1447, um outro bando, sob a designação de sarracenos, appareceu em Orleans.

E' para notar que, segundo alguns autores, já em 1417, e, portanto, dez annos antes de seu apparecimento em Paris, os ci

ganos em bandos numerosos, procedentes do N. E. da Europa, já haviam penetrado na França e rapidamente se espalhado por grande parte do paiz.

Assim, diz-se que em 1419 um delles passou por Sisteron, na Provença, e os seus componentes receberam do povo o nome de **sarracenos**, que então era synonymo de **egypcios**, **turcos**, etc.

Nesse mesmo anno um grupo teria estado em Mâcon, sob a chefia do duque André do Egypto e dahi seguiu para o N., apparecendo em 1420 em Deventer, na Hollanda.

A cidade de Deventer, em vista das cartas de recommendação apresentadas por André, “duque do Pequeno Egypto”, inclusive uma do imperador Sigismundo, forneceu-lhe dinheiro e provisões.

Ainda na Hollanda: em 1429 os chamados **egypcios** estiveram em Utrecht e traziam cartas de recommendação do Papa; em 1429 ou 1430 appareceram em Arnheim, na Gelderland, sob a direcção dum conde do “Pequeno Egypto” e ahi foram bem recebidos pelas autoridades e obsequiados pelo povo.

E em 1445 a cidade de Zutphen favoreceu os ciganos que nella appareceram.

A Belgica tambem teria sido visitada em 1421 por um “principe do Egypto”, que, com seus **egypcios**, esteve no Hainaut.

No que diz respeito á Inglaterra, pensam alguns autores que já em 1430 ou 1440 alguns bandos de ciganos, deixando o continente, teriam conseguido desembarcar nesse paiz.

Emfim, no anno de 1447 os ciganos, em grande numero, penetraram na Hespanha pela extremidade oriental dos Pyreineus, chegaram a Barcelona e depois se espalharam por todo o paiz.

Tambem aqui, vinham sob a direcção de duques e condes, traziam salvo-conductos emanados do Papa, e foram chamados “egipcianos” e depois “gitanos”, que é um encurtamento da fórma hespanhola antiquada “egiptanos”.

Pois bem: embora os ciganos não tivessem vindo do Egypto para a Europa, conforme mais tarde se verificou, a verdade é que, como vimos, os primeiros historiadores e chronistas que delles se occuparam, baseados certamente em suas falsas affirmações, faziam-n’os procedentes daquelle paiz; e dahi o facto de ficarem sendo popularmente conhecidos por **egypcios**, na Grecia e em diversos paizes do centro e do occidente europeu.

Attestam-n’o as fórmas que damos em seguida, usadas nas linguas de diversos povos e que são correspondentes do gentilico **egypcio**.

Os gregos modernos, p. ex., os chamam **gyptos** (pronuncia-se **guifto**, fórma que está por **aígyptios** (pron. **aígyptios**): os francezes, que tambem a começo os chamaram “egyptiens” e

"gyptiens" lhes deram depois, conforme já vimos, a denominação de "bohémiens"; entre os inglezes são conhecidos por gypsies (ou gipsies), que é plural de gypsy ou gipsy, sendo esta fôrma uma contracção de *egyptian* — *egypcian*, através de * *gyptian*; os hespanhoes, primeiramente lhes deram a designação de *egipcianos* e depois de "gitanos", que, é abreviação de "egiptanos".

Em alguns outros paizes, embora sejam hoje conhecidos por nomes diferentes, foram a principio tambem chamados *egypcios*, constatando-se assim as seguintes fôrmas correspondentes, antiquadas ou hoje pouco usadas: na Hungria, *egiptener*; na Hollanda, *egyptenaer*, *egyptenaren*, *gyptenaer*; na Escossia *gip*, etc.

Outras vezes, os ciganos são designados como sendo *egypcios*, mas por outras fôrmas que constituem variantes relativas á sua supposta origem *egypcia*: na Hungria, p. ex., são tambem chamados *faraó-nepek* ou povo de Pharaó; e na Turquia *fara-wani* e ainda *qibtí*, isto é, *copta*.

Não é demais transcrevermos aqui o seguinte trecho que ha na obra de Pabanó e que diz respeito a tal designação:

"Los autores que buscan su procedencia en Egipto, se apoyan en que las palabras *gitano*, *egipciano*, *gipsies*, *egiptener*, *egiptiens*, *egiptens*, *pharaok-nepek*, *faroner* y otras, son variantes, las primeras del vocablo Egipto, y las dos ultimas de los reyes Faraones; y esto le hace fijar su origen en la famosa región que el Nilo baña".

E' para notar que até no Brasil, pelo menos em algumas regiões do norte, os ciganos foram ou ainda são chamados "ciganos do Egypto", como si procedessem desse paiz.

Informações a esse respeito, dá-nos Mello Moraes, nos trechos que transcrevemos em seguida e que são tirados de seu trabalho "FACTOS E MEMORIAS", Parte III ("*Quadrilhas de ciganos*"):

"Na Bahía, nossa provincia natal, um bairro existe outr'ora denominado de Santo Antonio da Mouraria. Habitado em geral por ciganos, correspondia no todo á Cadela Nova nesta cidade (o A. falava do Rio de Janeiro), onde durante longos annos se estabeleceram de preferencia os ciganos fluminenses".

Na comprehensão dos primitivos colonos, de que eram mouros os estranhos hospedes, e dahi a origem denominativa, os ciganos da Mouraria professavam a religião christã, de mistura com superstições absurdas, com praticas insensatas.

Mais tarde, conhecidos por *ciganos do Egypto*, os furtos nas casas particulares, nos estabelecimentos commerciaes, os embustes de toda casta, manifestaram-se-lhes privativos".

Pois bem: passemos agora, a demonstrar que, apesar de tudo isso, os ciganos não procediam do verdadeiro Egypto e sim dum supposto ou imaginario Egypto, nome que, por uma confusão qualquer, se pretendeu dar tambem a uma região da Grecia e, portanto, da propria Europa.

Como vimos, os primeiros ciganos que appareceram no centro e no occidente da Europa, diziam que andavam errantes por penitencia e declaravam que tinham vindo do Egypto, ou, mais frequentemente, do **Egypto Menor** ou **Pequeno Egypto**.

Entretanto, quando inquiridos a respeito, não sabiam informar onde ficava essa região.

Em vista disso, na opinião de muitos autores, o tal **Egypto Menor** não passava duma simples criação imaginaria e maliciosa dos proprios ciganos, que, se dizendo christãos dalli enxotados, procuravam, por esse meio, captar a sympathia e a commiseracão das populações dos paizes por elles percorridos, o que, como vimos, conseguiram, ao menos nos primeiros tempos de seu apparecimento.

Outros, porém, procuram explicar as cousas de outro modo e dizem que **Egypto Menor** teria sido uma designação medieval, que se applicava, primeiramente, á Syria, e depois á Grecia e as ilhas de Rhodes, Chypre e Malta.

Alguns, entretanto, affirmam que o chamado **Egypto Menor** era, na realidade, o Epiro.....

E, por fim, ha historiadores que procuram provar que houve uma confusão entre o Egypto e o Peloponeso admittindo-se então que os ciganos, embora com o falso nome de egypcios, já haviam chegado ha tempos nessa região grega.

Seja como fôr, tudo leva a crêr que os ciganos não procedem do **Egypto** e que as hypotheses a esse respeito nasceram da confusão de que acabamos de tratar.

E como ha escriptores que pensam que elles vieram para a Europa juntamente com os turcos, Rienzi, mui judiciosamente, diz, em seu já citado "Diccionario de Geographia": "A despeito da respeitavel autoridade de Grellman, de nossa parte não cremos que os turcos tenham transportado os *tzengaris* (ciganos) do Egypto para a Europa. E ainda que seja difficil explicar-se por que lhes deram em alguns paizes o nome de egypcios, o certo é que elles não eram de origem egypcia nem vieram do Egypto para a Europa, conforme o provaram Krantz e Münster.

E' provavel, porém, que elles se tenham feito passar por christãos do Egypto, perseguidos pelos sarracenos, exclusivamente para obterem salvo-conductos e permissão para exercerem sua industria nos paizes europeus".

Entretanto, contrariando esta ultima hypothese, Borrow pretende que a designação de egypcios não partiu dos ciganos e sim dos proprios europeus e, procurando explicar as coisas, diz o seguinte:

"Difficil es determinar dónde assumió por primera vez ese pueblo el nombre de egipcios o dónde se le otorgó por primera vez; acaso en la parte oriental de Europa, donde la gran masa de esta nacion hizo, al parecer, un alto por tiempo considerable, y donde aún hoy abunda como en ninguna otra parte. Lo cierto es que cuando por primera vez entraron en Alemania, donde con rapidez se esparcieron, ya ostentaban el carácter de egipcios que hacian penitencia por el pecado de haber rehusado hospitalidad a la Virgen y a su Hijo, y, por tanto, el de creyentes en la fe cristiana, no obstante que vivian de cometer toda suerte de robos y violencias."

Em seguida, diz que tal designação provavelmente surgiu entre os clerigos e a parte illustrada do Oriente da Europa, que, assustados ante a subita apparição de gente tão extranha por seu idioma e seu aspecto, versada nas artes occultas e de adivinhação, procuraram na Escripura a explicação do phenomeno, isto é, nos capitulos de Ezequiel que prediziam a dispersão dos egypcios pelo mundo.

E assim, conclue, os Romas (ciganos) do Hindostão se transformaram de repente em penitentes egypcios, nome por que, desde então, foram conhecidos em varias partes da Europa.

Pabanó, desenvolvendo essa questão, diz:

"Pero... quien los hizo pasar como egipcios y por qué se les aplicó tal nombre? No es fácil averiguarlo. Como no sea tomando por base los versiculos de Ezequiel (cap. XXIX y XXX) que los asimilaron a los antiguos egipcios, cuando el profeta israelita les vaticina la destrucción de sus ciudades durante cuarenta años, la dispersión del pueblo y su reunión al término de esa fecha en su patria asolada... Quien tuvo interés en inventar y extender la noticia de que los gitanos vinian de Egipto a Europa condenados a esparcirse por los demás países durante siete años, en penitencia de haber negado hospitalidad 1400 años antes (!) a la Virgen y su Hijo, cuando de la persecución de Herodes?"

...Sea como quiera; pero esta tradición, falsa a todas luces, y las demás opiniones que tratan de corroborarla, ni si quiera merecen refutarse. La admitida hoy y la que se tiene por verdadera, es la que determina la procedencia india."

Além dessas considerações de ordem historica, ha, como vamos ver, certas questões philologicas e ethnographicas que tam-
bem provam que os ciganos, ao penetrarem na Europa, não vieram do Egypto.

E' sabido que o copta (transformação da velha lingua egypcia) era o idioma do Egypto quando, na primeira metade do sec. VII de nossa éra, os árabes conquistaram o paiz.

Ao lado do arabe, o copta teria subsistido, como lingua falada, até ao sec. XVI ou XVII, época em que, suplantado pelo primeiro, passou a ser lingua morta.

Nesse caso, si os ciganos, ao chegarem á Europa, no sec. XIV, ou no sec. XV, tivessem procedido do Egypto, é claro que a sua lingua já deveria estar enxertada de elementos tomados tanto do copta como do arabe.

Entretanto, investigações philologicas feitas a respeito, notaram a ausencia absoluta de taes elementos nos dialetos dos ciganos europeus. (1)

Ao contrario, a existencia de elementos do grego moderno em todos elles, sem excepção alguma, prova que os ciganos ao passarem da Asia, e não do Egypto, para a Europa, estiveram primeiramente em territorio de lingua grega.

Quanto a questões ethnologicas, parece que até hoje ninguém poude, com bons fundamentos, approximar os ciganos das primitivas populações khamiticas do N. da Africa ou das semiticas que posteriormente ahi se estabeleceram.

Demonstrado, pois, que os ciganos não são originariamente egypcios, passemos agora a examinar a opinião dos que os consideram como um povo procedente da India.

I V

CONFIRMA-SE A ORIGEM INDIANA DOS CIGANOS, GRAÇAS A' CONJUGAÇÃO DE ESTUDOS HISTÓRICOS, LINGUISTICOS E ETHNOGRAPHICOS

Estudos historicos feitos nos tempos modernos, conjugados com investigações de ordem ethnologica e philologica têm comprovado que a patria primitiva dos ciganos está numa região da India, donde, em época ainda não bem determinada e por motivos puramente accidentaes, elles se teriam deslocado para o Occidente.

(1) Tratando d'"EL DIALECTO DE LOS GITANOS", diz Pabanó: "El insigne Cavarruvias (don Sebastian) adelantaba la idea de que "los gitanos hablan una lengua que tira a esclavona; aunque además tuvieron otra ficticia con que se entendian, llamada *gerigonza*", palabra que él traducía por *cingerionza* o dialecto de *zingaros*. Por aquella época suponian tambien algunos que el dia'ecto hablado por los gitanos n *zingaros* era derivado del egypcio; pero pronto se cayó en la cuenta de que el *caló* nada tiene que ver con tal idioma; puesto que en el no se encuentran elementos del árabe antiguo o moderno".

Realmente, verificou-se que, por seus caracteres physicos, por sua lingua e por algumas de suas crenças religiosas, ainda que fracamente conservadas, elles são estreitamente aparentados com os hindús.

Qual será, pois, a região indiana que lhes serviu de berço?

Ha controversias a respeito.

Para alguns ciganologos ella está nas terras que margeiam o Indo ou Sindh (1) e, portanto, ao N. O. da India; (2) para outros, porém, elles procedem do paiz dos mahrattas ou ainda de outros pontos. (3)

A primeira hypothese parece estar satisfactoriamente fundamentada graças aos estudos de abalisados philologos que, tendo comparado a lingua geral dos ciganos da Europa com certos prakritos ou linguas neo-hindús faladas no Sindh e no Pandjab (ou Pendjab) descobriram que entre a primeira e as ultimas ha frisantes analogias, quer sob o ponto de vista grammatical quer pela similhança ou correspondencia de vocabularios.

Taes analogias são offerecidas, principalmente, por um dialecto do sindhi falado em Tatta ou Tattah, divisão do paiz de Sindh, á margem direita do Indo, e pelo multani, que é um dialecto do pandjabí.

(1) Em certos pontos da Europa os ciganos chamam a si mesmos *sindes* ou *sintes*, palavra que parece lembrar o rio Sindh, de cujas margens teriam vindo esses nomades.

Na ilha de Lemnos elles ainda se dão, entre si, os nomes de *sindi* ou *sinti*, fôrmas que, como vemos, são leves alterações das precedentes.

(2) O jesuita Hervás affirmava, em 1802, que a linguagem dos ciganos, a julgar-se por sua estrutura, era hindostanica; e, acrescentava, parece que elles por seu idioma procedem do Hindostão.

Em "LES TSIGANES", de Serboianu, ha, na pag. 16, a seguinte annotação: "Fleisch, orientaliste de Leipzig, écrivait en 1850: "Bataillard... a, avec l'aide de Rainaud (un savant français) amené à une grande vraisemblance l'hypothèse que les Tziganes descendent des G'at ou G'et, les plus anciens habitants du Nord-Ouest de l'Inde".

(3) Rienzi quer que os *tzengaris* tenham vindo do paiz dos mahrattas e procurando fundamentar a sua hypothese diz mais ou menos o seguinte:

"Nós não conhecemos sinão tres autores que collocaram a questão em seu verdadeiro ponto de vista: os dois primeiros, cuja opinião é acceita pelos scientistas, são Grellmann (*Essai sur les Bohémiens*) e Dav. Richardson (*Asiaticques recherches*, vol., p. 9).; o terceiro é o abba-de Dubois (*Mœurs des peuples de l'Inde*). Grellmann e Richardson, consideram a India como o berço dos *tzengaris*; mas fixaram como seu ponto de partida as bocas do Sind (Hindus) ou as provincias que lhe são estranhas. O abba-de Dubois o collocou entre os Kouravers do Mahissour (Myssore); e, de nossa parte, pensamos que elle está mais proximo da verdade que seus antecessores. Quanto a nós, vamos nos esforçar para provar que a sua origem está no paiz dos mahrattas e que foi dahi que se deu a sua primeira emigração; e que é nesse paiz que elles ainda se encontram reunidos em tribu".

Averigou-se também que o cigano-europeu (1) apresenta algumas particularidades que o approxima da lingua dos Kafirs Syapoches (a O. dos Dardis, no Kafiristan), a qual, também é considerada como um **prakrito**.

Convem transcrever aqui o que, nesse particular, diz Adolpho Coelho em "OS CIGANOS DE PORTUGAL" (pag. 44). Depois de notar que em certos paizes da Europa "os tsiganos (2) falam verdadeiros dialectos ou antes sub-dialectos particulares aparentados com os dialectos neo-hindús, saídos da mesma base popular de que o sanskrito se elevou á categoria de lingua litteraria"; termina elle dizendo que esses dialectos tsiganos apresentam algumas peculiaridades phoneticas archaicas que os approximam especialmente de linguas ainda pouco conhecidas do noroeste da India, do Kafiristão e do Dardistão (Miklosich, Beiträg, IV, pag. 287 segs.)". (3)

(1) Como cigano-europeu havemos de comprehender o conjunto de dialectos falados pelos ciganos em diversos paizes da Europa.

Na Europa, esses dialectos têm o nome geral de ROMANI' ou ROM-MANY, e ainda se mantém com relativa pureza em alguns paizes da península balkanica, bem como na Transylvania e na Hungria porque nessas regiões os ciganos, vivendo em massas compactas, têm podido conservar as principaes regras de sua grammatica, o seu rico systema flexivo e também grande parte de seu vocabulario primitivo.

E foi exactamente devido a essa conservação que os ciganologos e os philologos indianistas, fazendo estudos comparativos, puderam estabelecer um estreito parentesco entre ella e certas linguas modernas da India, falladas principalmente nas regiões do N. O.

Quanto aos dialectos do occidente da Europa, onde os ciganos, tendo-se espalhado por varios paizes, vivem em grupos isolados uns de outros, estão, como é natural, muito alterados ou corrompidos devido aos fortes influxos que sobre elles têm exercido as diversas linguas estrangeiras falladas em taes paizes.

Mas, apesar disso, ainda conservam certos traços communs que os ligam aos dialectos do extremo oriente europeu e, portanto, á lingua madre indiana.

(2) Adolpho Coelho usa a fórma **tsigano** quando trata dos "ciganos em geral"; não obstante, emprega a fórma portugueza **cigano** quando se refere particularmente aos "ciganos portuguezes".

Nós, entretanto, em nossos estudos não faremos tal distincção que, parece, é inutil e pôde dar logar a confusões. Diremos, pois, **ciganos** romenos, turcos, portuguezes, brasileiros, etc.

(3) O Kafiristan, isto é, o **Paiz dos Infieis** (não musulmanos) está situado na Asia Central (Afghanistan); ao S. do Indo-Kuch. E o Dardistan está situado a N. O. do Himalaya e ao S. do Pamir.

Os indigenas **Syapoches** (ou **Syah-Poch-Kafira**), do Kafiristan, e os demais, do Dardistan, são considerados como de origem aryana. E os seus idiomas representarão, na opinião de alguns philologos indianistas, **typos primitivos das linguas arycas, anteriores mesmo ao periodo em que ellas floresceram na India**. Si pois, a **lingua geral dos ciganos** com ellas se relaciona, é claro que também a poderemos considerar como um ramo muito antigo da familia de linguas indo-arycas.

Tem-se também relacionado os dialectos ciganos não só com o hindi, importante lingua neo-aryca do centro da India, como com o hindustani, que para uns é simples dialecto do hindi e para outros é lingua independente.

A tudo isso vamos ainda juntar outras informações que provam o parentesco entre os dialectos ciganos e as linguas arycas da India.

Em "LOS ZINCALI", p. ex., Borrow, (1) sob o titulo "Del lenguaje de los gitanos", diz o seguinte:

"Durante la última parte del siglo pasado (o A. falava no sec. XIX), la curiosidad indujo a algunos doctos, particularmente a Grellman, Richardson e Marsden a recojer muchas palabras del lenguaje **rommany**, como se habla en Alemania, Hungría e Inglaterra, y analizándolas descubrieron que, en general, eran vocablos sánscritos e hindotánicos puros, o modificados de ellos. El resultado de tales investigaciones, continuadas hasta el presente tiempo por hombres de curiosidad igual y no menor condición, ha sido establecer como hecho que los gitanos de aquellos países descienden de una tribu de hindos que, por alguna razón particular, abandonó su país natal".

Em outro ponto de seu estudo, Borrow, depois de notar as intimas relações que têm com o sanscrito o bengali, o alto hindustani, as linguas de Multan, etc., assim se manifesta com relação á lingua cigana:

"En la misma analogia con el sánscrito que los dialectos hindostánicos mencionados, encontramos el **rommany** o habla de los **Roma** o **Zincali**, como así mismo se llaman, conocidos en Inglaterra y en España por "gypsies" y **Gitanos**."

Outros esclarecimentos que, embora dados de segunda mão, colhemos em differentes trabalhos:

O capitão austriaco Scekely de Doba, muito dado a investigações linguisticas, publicou em 1763, na "Gazeta de Vienna", uma curiosa noticia sobre a lingua dos ciganos.

Diz elle que estando o pregador protestante Estevam Vali cursando estudos superiores na Universidade de Leyde, ahi conheceu uns jovens estudantes naturaes do Malabar aos quaes frequentemente ouvia falar a lingua de seu paiz. E como tivesse achado certa semelhança entre ella e a linguagem dos ciganos de

(1) Sobre Borrow e suas obras, diz Pabanó: "El sabio literato inglés J. Borrow, que vivió con los gitanos en España durante algunas semanas, hablaba su lenguaje con bastante facilidad. Al regresar a Londres publicó una obra en dos tomos, titulada **Los Zingaros** (1841), y, animado por la buena acogida que tuvo el libro, dió a luz otro em 1843. **La Biblia en España**, en el cual, y en el **caló** de los gitanos españoles, tradujo el evangelio de San Lucas, con exacta y verdadera concisión de gramática".

sua terra natal, que era Almash, na Hungria, a qual lhe era familiar, communicou esse facto aos referidos jovens indianos e com elles conversando a respeito obteve cerca de mil vocabulos que tinham correspondentes phoneticos e semanticos na lingua-gem dos ciganos hungaros. (1)

Contaram-lhe então que muito proximo de sua provincia, no Malabar, havia um districto conhecido por **Zigania**, nome muito parecido com o de **Zigeuner** que os allemães dão ao **gitano**".

Por sua vez, Miklosich, incontestavelmente um dos mais abalizados ciganologos, tendo encontrado flagrantes analogias entre os dialectos ciganos da Europa e as modernas linguas arycas da India, affirma que o fundo de taes dialectos, grammatica e lexico, é absolutamente hindostanico.

E Ascoli assegura mesmo que "o humilde dialecto zingaro excede em nobreza á propria lingua **palica**, e que, portanto, é o que mais se approxima do **sanskrito**".

Completemos agora tudo isso com certos informes que se relacionam com o assumpto e que colhemos em o "**GLOSSARIO LUSO-ASIATICO**", por monsenhor S. R. Dalgado (Coimbra, 1919).

No tomo I de tal Glossario, p. ex., tratando da significação de **GAROPEIRO**, diz o autor: "Encantador e exhibidor de cobras na India; pelotiqueiro. O termo é corrente em Goa. Do conc. gârodi (do sansc. **gâradika**). Os garopeiros que veem frequentemente do Balagate para Goa são uma especie de ciganos, oriundos uns e outros da tribu nómada dos **venezeras**. Rienzi coloca a sede primitiva dos ciganos europeus, que são conhecidos por diversos nomes, no país dos **maratas**".

E tratando de **VENEZARAS** (tomo II), diz Dalgado que estes são "comerciantes nómadas. de raça especial, que abundam no Decão. Do mar. **vañjârâ**, hindust. **banjârâ** (do sansc. **banij**, commercio). Supõe-se que grande parte dos ciganos da Europa procedem desta gente".

Em seguida, entre outras documentações, transcreve a seguinte: "1825. De toutes les castes nomades qui errent dans le pays, la plus connue, la plus répandue, et la plus odieuse est celle des **lambadys**, ou **soukellers**, ou **bendjârys**" — P. Dubois, Mœurs, I, pag. 78."

(1) Pertence á obra de Pabanó o seguinte trecho relativo á origem indiana dos ciganos da Hungria: "M. Beudant en su obra parece haber seguido la opinión del erudito Grellman, añadiendo que deben ser los **Zigeuner** de Hungria y de Transilvania los descendientes de la casta depreciada de los **suddera**, expulsada de India; y el príncipe de Ligne también se adhiere a la misma opinión".

Pondo-se agora de parte tudo que ha de confuso e de contradictorio nas informações até aqui dadas sobre a lingua dos ciganos, a verdade é que o restante confirma que ella é de origem indiana, sendo o seu fundo absolutamente hindú: é um prakrito que, na Europa, se scindiu em diversos dialectos, na maioria muito alterados e mesmo desfigurados devido á influencia sobre elles exercida pelas linguas faladas nos paizes em que os ciganos têm vivido mais ou menos sedentariamente.

Fecharemos estas questões philologicas com as seguintes palavras de Pabanó: "De qualquer modo, o innegavel é que, por sua derivação, directamente do zend, lingua madre e sagrada do persa, ou por mais ou menos directa analogia com o sanskritto, a origem do dialecto usado pelos ciganos remonta á antiga lingua dos Brahmanes ou á sua precedente, — o prákritto; e, por conseguinte, sua linguagem não póde ser mais nobre e esclarecida, e a sua procedencia é, esclarecidamente, indica, pouco importando que os primeiros ciganos tenham emigrado deste ou daquelle ponto da India".

E si para provar que os ciganos vieram da India, não bastar o que se disse sob o ponto de vista philologico ha as compilações de ordem ethnographica que damos em seguida e que attestam de modo decisivo que elles se relacionam intimamente com as populações aryanas do Hindostão, das quaes representam um ramo destacado e que, não podendo, por circumstancias especiaes, tomar pé em parte alguma para formar uma nacionalidade independente, foi compellido a adoptar o mais franco nomadismo.

As descripções que temos encontrado em diversos trabalhos sobre os caracteres physicos dos ciganos se baseiam, a maior parte, em observações praticas, e muito poucas em estudos rigorosamente scientificos.

Não obstante, como vamos ver, todas ellas tendem a confirmar a origem indo-aryca desses nomades.

Relativamente ao assumpto, começaremos por tirar da obra já cit. de Pabanó, os seguintes apontamentos, que traduzimos do hespanhol para o portuguez.

"Segundo Bataillard, que é o anthropologo que inaugurou o estudo sobre os ciganos, estes procedem da Asia, da parte conhecida por Xungaria ou Dsungaria. Para explical-o, diz que da Dsungaria (Mongolia) e tambem das regiões limitrophes, surgiram grandes frequentes e varias invasões: uma dellas veio á Europa, a qual presumo ser a dos ciganos. Mas ao estudar-se a Dsungaria, viu-se que alli se falava um idioma agglutinante, e que é mongolico o typo daquelle paiz;" facto este que deu por

terra a theoria, visto que o dialecto cigano é flexivo e os homens que o falam não são, absolutamente, de raça mongolica”.

Destituída, pois, de fundamento a hypothese que dá origem mongolica aos ciganos, Pabanó faz diversas compilações favoráveis à **origem indiana**, dentre as quaes destacámos as seguintes, que mais convêm ao nosso caso:

— “Ihering é outro escriptor que fala dos ciganos, fazendo um minucioso estudo das tribus e familias aryas; e, consequentemente, se occupa tambem desta raça, dizendo dos tchinganes ou ciganos indios, que a sua discutida origem está não longe das margens do Sindh ou Indo, na peninsula hindostanica”.

— “Consigna o abbade Hervás que na desembocadura do Indo vivem as tribus de **Zinganes**, cujos individuos têm todos os caracteres physicos dos ciganos. Parece, pois, diz elle, que estes, por sua lingua, nomes e costumes infames, são hindostanicos e descendem determinadamente dos **Zinganes** do rio Indo”.

— “Escreve outro autor que os ciganos, que alguns propriamente chamam **gitanos**, são hindús emigrados, grande numero dos quaes conservam o bello typo de sua raça; isto é, rosto oval, olhos negros, nariz saliente, cabello preto ondulado, feições finas e delicadas; seu craneo é oblongo, com um indice médio de 77° e a estatura é mediana. Diz mais que no Hindostão ha milhares de homens que falam idiomas indicos; e demonstram, pela cor de sua tez, que pertencem a uma raça mista, producto do cruzamento dos conquistadores **aryas**, com os indigenas mais escuros: um exemplo é dado pelos ciganos, casta inferior de vagabundos”.

— “Blumenbach assim descreve o typo cigano: têm a tez mais ou menos escura, os cabellos e os olhos negros como o azeviche, o rosto comprido e estreito na altura dos pomulos, a fronte estreita e saliente, o nariz um pouco agudo, o intervalo orbital um tanto reduzido, um pouco de prognathismo, a bocca pequena e os dentes brancos, pouco sujeitos á carie”.

Referindo-se particularmente ao **gitano** ou cigano hespanhol, diz o A: “Os gitanos pertencem á raça branca, porém a sua tez é um tanto bronzada e reluzente, e em alguns azeitonada escura; seu cabello é muito preto, comprido, liso, caído e brilhante: os pomulos volumosos, labios grossos; a physionomia, em geral, é bastante impressionante e expressiva, manifestando uma mescla de soberbia, baixeza e astucia. São, em sua maioria, de boa estatura, bem conformados, esbeltos, ageis e galhardos: de complexão robusta, forte e sa”.

Passemos agora ás seguintes informações que, sobre o assumpto nos da Sallias, em seu trabalho **“HAMPA”** na parte intitulada **“Psicologia gitanesca”**.

Tratando da "*Origen de los zingaros*", assim começa o autor: "Que origem têm os ciganos? Donde procedem? De que paiz, de que nação, de que raça? A philologia, sobretudo nas investigações de Ascoli e Miklosich, franqueou o caminho descobrindo as analogias entre o tsígano e as linguas neo-arycas da India. O segundo desses autores não pensa que elle possa ser assimilado a nenhuma das sete linguas neo-indicas, e prefere accrescental-a ao catalogo como uma oitava lingua".

"A historia pouco tem podido fazer, e todas as numerosas theorias historicas referentes á origem desse povo errante têm tanto de engenhosas como de positivas".

.....
.....
"O povo zingaro, que mais que o qualificativo de mysterioso merecia o de embusteiro e astuto, não tem personalidade historica, e esta falta de personalidade implica absoluta carencia de tradições. Tão pouco tem personalidade literaria, sendo, como é, um povo essencialmente illetrado. Não tem, por assim dizer, mais que personalidade-anthropologica, e por um dos caracteres dessa personalidade, a linguagem, pôde ser, proveitosamente, estudada. Os demais caracteres, ou não têm sido estudados com igual proveito ou não têm até agora alcançado a mesma utilidade".

Num outro periodo pertencente á parte intitlada "*Recapitulación psicológica*", diz Salillas:

"A anthropologia zingara, no que respeita ao typo physico, dispõe de muito pouco material positivo de investigação. Talvez o unico estudo concreto seja o que consta da excellente obra "*OS CÍGANOS DE PORTUGAL*", (Lisbôa, 1892), de F. Adolpho Coelho".

Pois bem: já que possuímos essa obra, vejamos o que nella se diz sobre esse particular.

Ha dois estudos bem distinctos: um, baseado em descrições meramente praticas, que se vê na parte III, intitulada "*Esboço historico e ethnographico*"; e outro, baseado em observações scientificas, que se vê no Appendice III com o titulo "Typo physico dos ciganos".

Pertencem ao primeiro os seguintes detalhes, que damos resumidamente e sem obediencia á ordem estabelecida pelo autor.

Diz A. Coelho (V. pag. 181) que "o estudo anthropologico e ethnographico dos ciganos offerece grandes difficuldades, em consequencia do character desconfiado e supersticioso dessa gente". E adiante diz que, pelo que respeita ao typo physico, — havia de se contentar com os dados obtidos pela simples vista, tanto por elle como por algumas pessoas que collaboraram em sua obra.

Em seguida, fornece varios apontamentos relativos aos seus caracteres anatomicos e morphologicos, dentre os quaes destacamos os seguintes: estatura regular ou alta; magro, comquanto de apparencia robusta, quando novo; a tez é trigueiro-palida nuns, quasi negra noutros, já por ser côr natural, já pelo effeito do ardor do sol, a pelle é aspera, apparecendo excepcionalmente alguns mais claros; cabello, na mocidade, farto, negro como azevi-che, não ondulado, perfeitamente semelhante ao dos canarins e que elle usa bastante comprido; barba cerrada ou em patilhas, negra como o cabello e as sobrancelhas, que são bem accentua-das; a fôrma da cabeça não dá a impressão da franca do lichoc-ephalia, nem da franca brachycephalia, o que não destôa da obser-vação dos anthropologos que põem o craneo cigano nos limites da mesaticephalia e da sub-dolicocephalia e, apesar do cabello, não se apresenta essa cabeça em geral como grande, antes produz a impressão contraria; o rosto é comprido, de maçãs geralmente um tanto salientes: o mento em geral arredondado, mas em al-guns exemplares um tanto agudo; os olhos são muito negros e vivos e nas mulheres justificam ás vezes o que se diz do tom mys-terioso, alternativamente melancholico e alegre dos olhos das ciganas em geral; o nariz é aquilino ou recto, não muito salien-te, de dorso ora agudo, ora um pouco achatado e a bocca, pouco rasgada, deixa ver duas fileiras de dentes bem conformados e dispostos, de grande brancura; os pés e as mãos são pequenos segundo alguns observadores e grandes segundo outros.

Essas informações, conforme declarações do proprio A. Coe lho, se basearam, em grande parte, em materiaes reunidos pelo folk-lorista de Elvas, A. Thomaz Pires, que, a seu pedido, inves-tigou a lingua e a ethnographia dos ciganos do Alemtejo, já di-rectamente, já com auxilio de outras pessoas.

Diz ainda o mesmo informante (pag. 184) que o typo do-gitanos é o mesmo dos ciganos portuguezes e que o typo de uns ciganos húngaros, caldeireiros, vistos por elle, em 1883, perto de Borba, era mais fino que o dos primeiros e segundos.

E como Hovelacque distinguio dois typos de ciganos "l'un fin, au visage plus allongé, plus ovale, aux traits plus concentrés. au nez plus aquilin; l'autre grossier, aux traits plus ramassés. au regard moins perçant", A. Coelho pensa que os ciganos da peninsula iberica representam esse segundo typo (V. anotação 2, na pag. 184).

No outro estudo, diz A. Coelho que desejando tornar menos imperfeitos, na medida de suas forças, os dados sobre o typo physico dos ciganos, procurou e teve occasião de examinar, ainda que em más condições e mui rapidamente, alguns ciganos domi-



ciliados em Lisbôa e de até tomar algumas medidas em seis delles — duas mulheres e quatro homens.

De tal exame resultou que a coloração da pelle era trigueiro-pallida nas mulheres; mais carregada nos homens, excepto num que era bastante clara.

O cabello era castanho escuro num, claro noutro e preto nos demais.

Os olhos castanhos em todos, excepto numa mulher, em que eram esverdeados.

O nariz em todos moderadamente saliente e seu plano inferior horizontal, differindo assim do "nariz de dorso agudo, nunca achatado, dos tsiganos de Blumenbach".

O rosto em todos era moderadamente comprido, não apertado á altura das maçãs, ao contrario bastante salientes nos homens.

E depois dá os seguintes resultados das medições:

1. Altura total — (estatura):

Mulheres	Homens	
1. ^a . 1m,62	1. ^o 1m,73	
2. ^a . 1m,63	2. ^o 1m,69	média, 1m,715
	3. ^o 1m,74	
	4. ^o 1m,70	

2. Indice cephalometrico:

	Diam. ant. post. max.	Diam. trans. max.	Indice
1. ^a mulher	180 mm.	144 mm.	80
2. ^a mulher	191	145	79,91
1. ^o homem	194	147	75,77
2. ^o homem	189	148	78,30
3. ^o homem	186	150	80,65
4. ^o homem	201	150	74,62

Média dos indices cephalometricos: 77,54.

3. Indice nasal. A altura do nariz é medida da espinha nasal á raiz do nariz. A largura é a maxima na base.

	Altura	Largura	Indice
1. ^a mulher	43 mm.	35 mm.	81,39
2. ^a mulher	50	29	58
1. ^o homem	49	39	79,59
2. ^o homem	48	29	60,41

3.º homem	50	29	58
4.º homem	47	36	76,59

Média dos índices nasaes: 68,98.

4. Dimensões do rosto

	Distancia do mento á raiz do cabelo	Distancia zygomática. max.
1.º homem	188 mm.	138 mm.
3.º homem	180	135
4.º homem	189	126

5. Distancia dos olhos.

	Distancia en- tre os angu- los internos das palpebras	Distancia en- tre os angu- los externos das palpebras	Abertura palpebral
1.ª mulher	34 mm.	94 mm.	30 mm.
2.ª mulher	30	89	29
1.º homem	32	94	31
2.º homem	30	86	28
3.º homem	34	84	25
4.º homem	34	88	27

Em anotações, A. Coelho dá os seguintes esclarecimentos:

1.º — Quanto ao rosto dos ciganos: “Blumenbach dá o rosto dos tsiganos como estreito á altura das arcadas zygomáticas; ao contrario, G. Lagneau, falando de bohemios dos Vosges, diz: “figure régulièrre maigre, mais assez courte, e large au niveau des pommettes”. Art. cit., pag. 21”.

2.º — Quanto á média dos índices cephalometricos (ou médias cephalometricas?) de 13 tsiganos, dada por Topinard, *Eléments*, pag. 409, é de 79,7. Dois tsiganos da Alsacia medidos por Broca deram as seguintes cifras:

Um homem — Diam. ant. post. max., 191 mm.; Diam. trans. max., 147 mm.; Indice, 78,96.

Uma mulher — Diam. ant. post. max. 177 mm.; Diam. trans. max., 146 mm.; Indice, 82,48.

“Segundo a nomenclatura dada por Topinard, ob. cit., pag. 371, o indice da dolichocephalia vae até 69, o da sub-dolichocephalia de 70 até 74, o da mesaticephalia de 75 a 79, o da brachycephalia de 80 a 90 e mais. Os nossos 6 ciganos apresentam índices cephalometricos do limite da sub-dolichocephalia e mesaticephalia até ao minimo da brachycephalia. Kopernicki achou o indice médio 77,40 em craneos de tsiganas. O indice cephalico

médio de 10 craneos, medidos por Welcker, foi de 76,4; o de 9 craneos, medidos por A. Hovelacque, foi de 77,45”.

3.º — Quanto ás dimensões do rosto: “Nos dois bohemios da Alsacia medidos por Broca a “*largeur des pommettes*” era no homem 133mm., na mulher 121mm.; a distancia do mento á raiz do cabello no homem, 178mm., na mulher, 159mm.”.

4.º — Quanto á distancia dos olhos: “Blumenbach achou estreito o intervallo das orbitas dos tsiganos que observou”.

Juntamos a tudo isso, algumas informações que, sobre os hindús e os ciganos nos dá Louis Figuier, em “AS RAÇAS HUMANAS” (Versão da 4.^a ed. franceza por Abilio Lobo — Lisboa, 1881).

Eil-as, com conservação da orthographia original:

“Tem-se muitas vezes classificado como pertencentes á raça branca os povos que formam o ramo indo. Com effeito apresentam semelhanças de fórmãs, de lingua e de instituições com os europeus e os persas, mas a sua côr mais accentuada, e algumas vezes mesmo negra, ditingue-os dos europeus”.

Pag. 344: “A familia indo fórma a grande parte da população do Indostão septentrional.

Os dialectos falados nesta região teem relação com a lingua sãoskrita. Nas castas superiores a côr da pelle dos indos é bastante clara. Nas castas inferiores a pelle é mais escura”.

Pag. 366: “Guillaume Lejean suppõe ter encontrado no Indostão os “Aryas”, isto é, o povo primitivo de que descende a raça arjana ou caucasica. As feições destes povos, nossos verdadeiros antepassados, são regulares e teem o caracter europeu. A côr mesmo não é mais trigueira do que a dos provençaes, dos sicilianos ou dos habitantes do sul da Hespanha. Não nos referimos aqui ás castas inferiores, cuja côr attinge o negro fuliginoso dos nubios. Os aldeões teem cabellos compridos, ligeiramente ondados, de um negro mais puro e mais brilhante do que o do azeviche”.

Por fim, falando dos ciganos na pag. 369, diz L. Figuier: “Depara-se-nos agora o ensejo de citar um povo, que parece descender dos indos das classes inferiores emigrados de sua patria. Esse povo fórma esses grupos isolados que percorrem toda a terra sem jamais se fixar em parte alguma e sem perder os seus caracteres particulares. Referimo-nos ás tribus errantes, que na Europa se denominam em linguagem vulgar: “Bohemios”, “Egypcios”, “Ciganos”, “Zingaros”, etc., e que percorrem o mundo já mendigando, já exercendo algum ramo de industria vulgar.

Estes bohemios, estes ciganos, que se encontram sobretudo no sul da França, grandes tosquiadores de mulas, grandes cal-

deireiros, ladrões algumas vezes e vagabundos sempre, parecem provir dos indos das castas inferiores. São parias viajantes. E' esta pelo menos a opinião d'alguns ethnologistas modernos”.

São esses, pois, os apontamentos e documentos que conseguimos reunir para provar-se de modo mais ou menos seguro a origem indiana dos ciganos; apontamentos que, aliás, poderão ser melhor apreciados e até mesmo aproveitados pelos ethnologos ou ethnographos que queiram fazer estudos de sua especialidade, não só sobre os ciganos estrangeiros que neste momento vivem entre nós como sobre os ciganos brasileiros, remanescentes dos antigos bandos que, degredados de Portugal, nos tempos coloniaes, vieram para as nossas terras e, durante seculos, as cortaram em todas as direcções.

Trataremos em seguida dos caminhos trilhados pelos ciganos ao sairem da India em direcção ao Occidente.

V

OPINIÕES CONTRADICTORIAS SOBRE A VERDADEIRA
ÉPOCA DA SAÍDA DOS CIGANOS DA INDIA —
HYPOTHESES SOBRE OS CAMINHOS POR ELLES
TRILHADOS EM SUA MARCHA DO ORIENTE PARA
O OCIDENTE — NOMES COM QUE SÃO DESIGNA-
DOS NOS PAIZES DA ASIA — ESTABELECIMENTO
DE ALGUNS DE SEUS GRUPOS NAS ILHAS DO
MEDITERRANEO.

Provado, pois, que os ciganos são originarios da India, examinemos agora as differentes opiniões que ha sobre a época em que elles deixaram esse paiz e vejamos quaes os motivos por que o fizeram.

Falemos tambem sobre os caminhos que, na opinião dos historiadores, elles teriam trilhado em sua marcha pelo centro e sul da Asia, até attingirem o Egypto, por um lado, e a Europa, por outro

* *

O periodo em que os ciganos deixaram sua patria primitiva e iniciaram suas longas e infindas emigrações para as regiões do occidente não póde ser precisamente determinado porque as informações a esse respeito ainda são muito falhas e confusas.

Tratando do caso, diz Serboianu (obr. cit.): “Bataillard, que como Pott, resumiu tudo que se havia escripto sobre os ciganos até a sua época, diz que a sua emigração começou entre o VII e o VIII seculo de nossa era”...

“Candrea, por sua vez, baseando-se nas diferenças linguisticas que ha entre os dialectos dos ciganos emigrados e os dialectos falados em sua patria primitiva, e tambem em algumas razões historicas, quer que a emigração tenha começado, mais ou menos, no anno 1.000”.

Outros, porém, procuram provar que a partida desses nomades se iniciou nos fins do sec. XV, logo após a invasão da India pelas hordas mongolicas de Tamerlão (1398-1400), cuja crueldade teria obrigado numerosos habitantes do Sindh principalmente das classes mais baixas (sudras e paríás) a deixarem o paiz. (1)

Aliás, esta hypothese é acceita e sustentada por muitos ciganologos contemporaneos.

Veamos agora qual a róta que, provavelmente, elles seguiram dentro da propria Asia, em sua marcha de O. para L., até chegarem, uns ao isthmo de Suez e outros á Asia Menor.

* * *

Suppõe-se que as hordas ciganas ao deixarem a India, dividiram-se em dois grandes grupos: um que avançou pelas terras interiores e outro que caminhou ao longo das costas.

O primeiro, após ter atravessado successivamente o Afghanistan e a Persia, attingiu a Armenia, onde estanciou por algum tempo.

Posteriormente, um de seus ramos se encaminhou para o Caucaso e um outro, atravessando a Asia Menor, conseguiu passar-se para a Europa.

O segundo grupo, descendo pelo Belutchistan, attingiu o Mekran, entrou no sul da Persia e em sua marcha para o occidente,

(1) Acérca das suppostas relações chronologicas que ha entre a invasão da India por Tamerlão e a saída dos ciganos desse paiz, diz Pabanó: “La fecunda imaginación de algunos ha encontrado también que cierta horda del campo del Gran Temerlán que se acaba de citar, habia de cierta astucia empleada por lo dicho emperador del Mogol, para deshacerse en su ciudad de Samarkanda de los zingaros revoltosos; cuya descripción correspondiente a la de los gitanos actuales; y cuyo incidente tuvo lugar antes de 1401, época de la invasión del Indostán”.

Entretanto, em outro ponto de sua obra, transcreve a seguinte opinião do Fr. Paulino de Bartolomé: “Convengo con Grellman en que los gitanos son verdaderamente indostanos fugitivos en tiempo de la formidable invasión de Timur Leng con cien mil jinetes en las Indias” — Añade que pertenecían a la clase de los parías, la mas infame y viciosa del Indostan. Conjetura que huyendo de los tártaros, que invadían aquella península por el año 1398, debieran emigrar hacia Persia, de cuyo país también los expulsaron, viniendo entonces a manifestarse en la Europa oriental”.

passou successivamente pelo Kirman, Farsistan e Khuzistan, em territorio persa.

Dahi se passou para o Irak-Arabi e, atravessando a Mesopotamia, a Syria, a Palestina e a Arabia Petrea, chegou ao Egypto, através do isthmo de Suez. (1)

A este respeito diz Rafael Salillas, em seu trabalho "HAMPA" (El delincunente español", Madrid, 1898), na parte em que trata de "Origen de los zingaros":

"Las vías emigratorias de los zingaros son dos: una litoral, otra interna. La litoral debió seguir el rumbo de la gran arteria de las emigraciones árias, las costas del Belucistán, Golfo Persico, Arabia, Mar Rojo y Siria, encaminándose al archipiélago helénico. Está demostrado que en los primeros años del siglo XIV aparecen difundidos en las islas del Mediterráneo. La interna parece seguir el rumbo de Persia, Mesopotamia y Asia Menor, hacia el Mar Caspio y el Mar Negro, donde pudieron encontrarse con los que emigraban por el litoral, desviándose entonces al Nord-Este para remontarse á las provincias septentrionales de Rusia y á Siberia".

A' mingua de documentação historicas positivas, essa marcha ou trajetoria dos ciganos para o occidente foi, em parte, determinada pelas investigações dos philologos modernos, que, estudando os dialectos ciganos da Europa, encontraram em seu

(1) Relativamente aos ciganos que, através do isthmo de Suez, se passaram para a Africa, diz Serboianu (obr. cit.): "À ce groupe appartiendraient les Tsiganes nubiens et égyptiens, les Ragari, les Elebj et les Muri qui ont été trouvés dans l'île de Crête (et non à Chypre) en 1422 par Simon Simeonis".

E na "HAMPA", de Salillas, encontramos o seguinte trecho, que se refere estritamente aos ciganos egypcios: "Según el capitán Newbold viven en este país divididos en tres castas: los **elebj**, los **gagaros** y los **nuros** o **nawers**. Los gagaros son los más numerosos, los elebj los mejor acomodados, siendo sus mujeres las únicas que dicen la buenaventura, y los nuros ó nawers, los más ladrones. Son los elebj corredores de caballos, y los gagaros caldereros, herreros, saltimbanquis, exhibidores de monas amaestradas, y sus mujeres bailarinas y tocadoras. Se dividen en clases llamadas Romaní, Meddhain, Ghurradin, Barmeki, Waled Abu Tenna, Beit er Rifái Hemmeli, etc. Los elebj desprecian á los gagaros, y los nuros apenas se relacionan con unos y con otros. En resumen, ya que no se haya demostrado que los gitanos procedan del Egipto, se ha demostrado que allí estan como en tantas otras partes".

De nossa parte, nada sabemos sobre os dialectos ciganos da Africa, isto é, sobre os falados pelos ciganos do Egypto e pelos que, desse paiz, se irradiaram pela Nubia e pelo littoral dos paizes barbarescos.

Entretanto, podemos suppôr que nelles, ao contrario do que se dá com relação aos dialectos europeus, haja numerosos elementos tirados da lingua arabe, a qual, como sabemos, é falada na immensa área geographica percorrida por taes ciganos africanos.

vocabulário básico numerosas palavras pertencentes ao afghã, ao persa moderno (1) e ao armenio, o que prova que ellas penetraram em tal vocabulário durante a sua passagem pelos paizes em que se falam essas linguas.

Ao inverso, verificou-se que a existencia de numerosas palavras ciganas que, como elementos peregrinos, existem na lingua armenia, é um indicio de que elles, antes de se passarem para a Europa, estanciaram por algum tempo na Armenia.

Conclue-se, pois, de tudo isto "que os ciganos europeus procedem do grupo que, saindo da India, passou pelo Afghanistan, pela Persia, Armenia e Asia Menor".

Informações a esse respeito serão dadas quando, em capitulo especial, tratarmos duma supposta entrada na Hespanha de ciganos procedentes do N. da Africa.

Entretanto, a titulo de curiosidade, citaremos aqui um facto que se refere especialmente aos ciganos da Nubia.

Commentando os erros de alguns philologos que, baseados em certas analogias de vocabularios, pretendem ter achado a patria primitiva dos ciganos, diz-nos Serboianu (obr. cit., pag. 20): "Si deux ou trois mots tsiganes sont semblable à des mots appartenant à certaines langues d'Asie ou d'Afrique on s'en approche, on croit immédiatement avoir découvert l'origine des Tsiganes".

E, para exemplificar, annota que o philologo J. Scaligero, tendo encontrado na lingua da Nubia as palavras *dad*, pai, *maron* ou *mauron*, pão, *yag*, fogo, que têm fórmulas mais ou menos identicas e os mesmos sentidos em diversos dialectos ciganos da Europa, concluiu dahi que os ciganos eram originarios dessa região.

Ora, perguntamos nós, podendo-se provar que essas palavras pertencem ao stock básico da lingua cigana, não é mais provavel que, ellas, ao contrario da opinião de Scaligero, tenham sido introduzidas nesse região pelos ciganos africanos?

Parece-nos mais racional.

Eis, para confronto com o nubio, algumas fórmulas ciganas que conseguimos compilar: nubio *dad*, pai; cigano romeno e turco "*dád*"; cig. hesp. "*dada*", pai. Da mesma raiz ha as seguintes fórmulas femininas: cig. rom. "*dái*", cig. hesp. "*dai*", "*day*", cig. port. "*dai*" e cig. brasileiro "*dai*", mãe. Nubio *maron*, *mauron*, pão; cig. rom., grego, hesp. e port. "*man-rô*"; cig. inglez "*morro*"; cig. brasileiro, "*marrão*", pão. Nubio *yag*, fogo; cig. rom., "*iág*"; cig. hesp., "*yaque*", — cig. hungaro "*yag*", fogo; cig. brasil. "*águi*", fogo, sol. E' para notar que estas ultimas fórmulas podem ser relacionadas com o sanskritto "*agnis*" (cfr. lat. "*ignis*") e com o hindustani "*ag*", fogo.

Convém esclarecer que a obra de Scaligero é assim registada na "Bibliographie" que ha no fim do trabalho de Serboianu: "Scaliger Joseph (né à Agen en 1540, mort en 1609). — De lingua Nubiorum".

As fórmulas do cigano brasileiro são tiradas do vocabulário que ha em "OS CIGANOS NO BRASIL", de Mello Moraes.

(1) Borrow falando na parte III de "LOS ZINGALI", sobre a existencia de elementos do neo-persa na lingua cigana, pretende que tais elementos já existiam nessa lingua quando os ciganos saíram da India. Realmente, conhecendo-se a influencia que o neo-persa exerceu sobre as lin-

* * *

Os ciganos são chamados *nuts* ou *djats*, na Índia, *kauli* no Afghanistan, e *luri* no Belutchistan.

Na Persia dão-lhes os seguintes nomes: *luri*, *karatchi*, *zanghi* (negro) e também *hindû karatchi* (no Aderbaidjan) e *siyâh hindû*. (1) Estas duas ultimas denominações, que significam “hindû — negro”, contribuem, sem duvida, para confirmar a origem indiana dos ciganos.

Entre os turcos são conhecidos por *tchinghiane* e entre os kurdos por *luli*.

Nos paizes de lingua arabe têm os seguintes nomes: *naûariy* (pl. *naûar*), vagabundo; *hharamiy*, ladrão, velhaco, vadio; e *qir-bâtiy*, cigano. (2)

*

No proximo capitulo trataremos da passagem dos ciganos para a Europa continental. Antes de fazel-o, porém, e como com-

guas arycas desse paiz, em seguida á invasão mahometana, muito anterior ao exodo daquelles nomades, não admira que também nos dialectos falados por estes já existissem muitos dos elementos em questão.

Os seguintes trechos, que tiramos do trabalho de Borrow, e que transcrevemos na integra, esclarecem melhor o caso: “No puede sorprender, por tanto, que en el habla de los *gitanos*, en general, que con toda probabilidad se fueron del Hindostán mucho después de las primeras invasiones mahometanas, abundan, como en otros dialectos hindos, palabras puramente persas o ligeramente modificadas para adoptarlas al genio del idioma. Que los *rommany* primitivamente formasen parte de los naturales de Multán o Guzerat y abandonasen la tierra natal por huir de la tea y la espada de Tamerlán y sus mongoles, como Grellman y otros han supuesto, o que, como es más probable, fuesen una casta de malhechores, como otros que aún se encuentran en el Hindostán, que huyó a Occidente, ya por librarse de la justicia, ya en busca de botín, en ambos casos se explica satisfactoriamente que hablan el persa”.

(1) Serboianu dá-nos noticia da existencia na Romenia da tribu dos *netotsi*, ciganos semi-selvagens, nomades por excellencia e que, por não possuírem carros nem barracas, dormem ao relento ou se abrigam nas ruínas. Vivem exclusivamente do roubo e se alimentam de coisas immundas, sendo porisso detestados até pelos ciganos de outras tribus.

Periodicamente fazem incursões na Hungria e na Russia, regressando depois á Romenia.

Mas, devido ás suas rapinas e aos seus crimes, as autoridades não lhes permittem estanciar numa localidade mais que tres dias.

Os *netotsi* se distinguem dos outros ciganos por serem *negros* ou *quasi negros*.

Parece, pois, que são os remanescentes dos *puros ciganos* que penetraram na Europa e que, por sua côr, representam nessa parte do mundo as avançadas daquelles que os persas chamam *zanghi*, negro, ou *siyâh hindû* e *hindû karatchi*, hindû negro.

(2) Relativamente aos ciganos asiaticos e africanos, diz Mayo (Informação tirada da obra de Pabawó): “Quanto aos ciganos do Oriente, aos que habitam a Turquia asiatica, o norte do Egypto e a Persia, e que des-

plemento desta parte de estudo, vamos colligir alguma coisa sobre seu estabelecimento em algumas ilhas do Mediterraneo, o que, provavelmente, se teria dado logo depois que suas hordas attingiram as costas occidentaes da Asia Menor. A esse respeito, convém transcrever aqui os seguintes trechos que ha na obra de Serboianu:

“Segundo Bataillard, os ciganos se teriam espalhado, desde os primeiros tempos, pelas grandes ilhas do Mediterraneo oriental”. — “Frank Sébastien, um autor do sec. XVI, diz que os ciganos se espalharam pela Europa, parte na Lombardia, parte em Creta e uma ultima parte na ilha de Candia. (1) Nada se sabe sobre a ilha de Chypre antes do meado do sec. XVI”.

Em outro ponto de sua obra, diz Serboianu que ao grupo de ciganos que se passaram da Asia para a Africa “pertenceriam os ciganos nubios e egypcios, os *ragari*, os *elebj* e os *muri* que foram encontrados na ilha de Creta (è não em Chypre) em 1422, por Simon Simeonis.”

Tambem nas ilhas de Lemnos e Chypre ha ciganos, sendo que, na primeira, conforme já foi dito em outro ponto deste estudo, elles se chamam entre *sindi* ou *sinti*, nome que alguns ciganologos procuram relacionar com *Sindh*, rio indiano de cujas margens teriam partido os primeiros ciganos que iniciaram a marcha para o occidente.

E' possivel que em outras ilhas do Mediterraneo, além das já citadas, tenha havido ou ainda haja ciganos. Assim, por exemplo, para os que admittem que esses nomades vieram para a Europa antes do sec. XV, elles já estariam estabelecidos desde 1370 na ilha de Corfú.

V I

APPARECIMENTO DOS CIGANOS NO CONTINENTE EUROPEU E PRIMEIRAS REGIÕES POR ELLES ATTINGIDAS — CAMINHOS SEGUIDOS POR SEUS BANDOS, EM DIRECÇÃO AO NORTE, ATÉ SUA PENETRAÇÃO NA HUNGRIA E SUBSEQUENTES DESLOCAMENTOS PARA OS PAIZES DA EUROPA CENTRAL E OCCIDENTAL.

Conforme já vimos no capitulo anterior, está mais ou menos provado que os primeiros ciganos que appareceram na Europa

cendem dos mesmos que procederam de Multan e Gudjerate no tempo de Bajazet e Tamerião, ou, posteriormente, do mesmo berço nas margens do Indo, têm egual character, costumes e qualidades de seus irmãos da Europa”.

(1) Evidentemente, ha engano da parte do autor quando estabelece differença entre Creta e Candia, como si se tratasse de duas ilhas differentes. Pois, como é sabido, Candia nada mais é que o nome moderno da propria ilha de Creta.

pertenciam aos bandos que, saindo da India, se encaminharam pelo centro da Asia e, através do Afghanistan, da Persia e da Armenia, conseguiram chegar á Asia Menor.

Quanto ás vias por elles seguidas para se passarem para o continente europeu ha, como vamos ver, opiniões muito variadas

Rienzi, p. ex., admite que os ciganos foram trazidos para a Asia Menor e para as margens do Mar Negro pelos exercitos turcos, dos quaes elles seriam “espiões e fornecedores”, durante as guerras contra o Imperio Grego. E então, da Asia Menor elles se passaram para os territorios europeus já conquistados pelos turcos e dali para a Valachia, Moldavia e Hungria, onde chegaram em 1417.

Outros affirmam que os ciganos entraram na Europa pelos paizes das costas do Mar Negro e que a Bulgaria, a Valachia, a Moldavia, a Bessarabia e a Transylvania foram, em grande parte, povoadas por elles.

Ha outras hypotheses que, por serem mais ou menos absurdas, deixamos de citar.

Seja, porém, como fôr, a verdade é que, ainda aqui, as investigações dos philologos conseguiram resolver pelo menos uma parte dessa questão.

Realmente foi graças a ellas que se verificou que em todos os dialectos dos ciganos europeus, sem excepção alguma, ha, conforme já dissemos em outro ponto deste estudo, numerosas palavras tomadas do grego moderno; facto este que prova que os primeiros pontos da Europa atingidos por esses nomades estariam, ou na Grecia ou nas regiões de lingua grega, a S. E. dessa parte do mundo.

Dessas regiões, elles, caminhando para o N., estiveram na Thracia, na Macedonia, na Rumelia e na Bulgaria. E depois, transpondo o Danubio, se passaram para a Romenia (Valachia e Moldavia), paiz então ainda escassamente povoado, e que, por isso mesmo, lhes offerecia ambiente propicio ao seu genero de vida, instinctivamente nomade, e onde elles puderam se multiplicar de modo consideravel.

Da Romenia, facilmente se passaram para as montanhas da Transylvania e planicies da Hungria, onde os seus bandos tambem encontraram grandes areas para um novo estacionamento

Eis porque a Romenia, primeiramente, e a Hungria, depois, se tornaram os principaes focos de irradiação dos ciganos pelas regiões da Europa central e occidental.

Aliás, a marcha por elles seguida na peninsula balkanica, de S. para N., desde as regiões de lingua grega até a Romenia, através das terras povoadas por povos slavs, tambem ficou provada por estudos philologicos, que descobriram que nos dialectos

ciganos da Europa ha, ao lado dos já referidos elementos de origem grega, outros elementos peregrinos tomados do bulgaro, do servio e do romeno.

Pois bem: uma vez chegados á Hungria, em 1417, os bandos ou grupos ciganos se foram espalhando por outros diversos paizes europeus, confôrme já vimos nas detalhadas descrições feita na parte III, intitulada SUPPOSTA ORIGEM EGYPCIA DOS CIGANOS, as quaes vão' até 1447, data de sua entrada na Hespanha.

Confôrme tambem já vimos, dentro desse periodo, em que se deu o primeiro deslocamento dos ciganos para a Europa central e occidental, elles foram geralmente conhecidos por egypcios ou, ás vezes, por "povo de Pharaó".

Sobre a marcha dos bandos de ciganos no periodo em questão, diz Salillas, na "HAMPA". (V. "Origen de los zingaros"):

"Según el mapa de Colocci, los que se internan en Europa penetran, yendo junta la gran banda, compuesta de las del rey Sindel y duques Mibali, Andrash y Panuel, por la Valaquia, remontando el Danubio, fijándose y difundiéndose en Hungria á Viena e desciendo atravesando el Norte de Italia y internándose en Suiza. En Zurich se fracciona. Unos se remontan á Alemania, y otros siguiendo su rumbo descendente penetran en Francia hacia Marsella, atraviesan el Ródano, no muy lejos de su desembocadura, y entran en Cataluña, llegando á Barcelona el 11 de Junio de 1417".

Esses bandos, diz Serboianu, "indifferentes ás apreciações da multidão e dos sabios, percorriam a Europa, enganando os reis com suas mentiras, baseados numa supposta perseguição, provendo-se assim de salvo-conductos e conseguindo mesmo ser recebidos em audiencia pelo Papa, que reconheceu o seu duque e lhes deu cartas de protecção validas em todos os paizes".

E depois, mui espirituosamente, termina Jizendo:

"Si les tsiganes avaient une organisation sociale, leurs savants sans aucun doute auraient beaucoup à écrire sur la naïveté des Européens du XV siècle, qui ont pu se laisser duper par quelques nomades ayant comme toute idéal le vol et la rapine, et pour toute patrie une feuille au soufflet du vent!..."

Pois bem: os ciganologos, baseados em pacientes pesquisas, pensam que esses bandos ou grupos de ciganos que foram assinalados nos diversos paizes europeus, no referido periodo comprehendido entre 1417 e 1447, eram divisões e sub-divisões de bandos maiores que desde o primeiro desses annos começaram suas marchas da Europa oriental para a occidental.

Pensam também que, posteriormente, numa nova invasão, os ciganos se espalharam por toda a Europa, chegando desta vez a paizes onde até então eram desconhecidos.

Damos em seguida, algumas noticias a respeito.

V I I

SEGUNDO E GRANDE DESLOCAMENTO DOS CIGANOS PARA A EUROPA CENTRAL E OCCIDENTAL

Diversos escriptores pensam que em 1438 houve uma outra invasão de ciganos nas regiões da Europa central e occidental, muito mais importante que a iniciada em 1417.

Desta vez, porém, elles teriam vindo da Turquia, através da Hungria.

Os seus bandos começaram então a apparecer não só nos paizes já percorridos pelos da primeira invasão como em outros onde a raça cigana ainda era desconhecida.

Essa nova diffusão teria se effectuado durante todo o resto do sec. XV e continuado mesmo no sec. XVI.

Quanto aos motivos que determinaram essa segunda irradiação dos ciganos, alguns autôres, com certo fundamento, procuram explical-os como sendo o resultado da pressão exercida pelos turcos que, occupando successivamente a Rumelia, a Bulgaria e a Servia, iam, pelo terror que infundiam, determinando o exodo duma parte da população das terras conquistadas.

Nesse caso, o primeiro elemento a movimentar-se em busca de novas plagas teria sido, naturalmente, o nomade, isto é, o cigano.

Ora, coincidindo esse avanço ou progresso dos turcos na Europa com o apparecimento de novos bandos de ciganos em diversos paizes, o facto fez com que estes, em alguns lugares, fossem tomados **como espiões dos turcos**.

E então grandes perseguições se desencadearam sobre elles e ás vezes o assassinio dum cigano era tido como um acto innocente, sinão legal!

Encarada as cousas sob outro ponto de vista, curioso é notar que agora, nesta nova invasão, nem sempre os ciganos são, como primeiramente, chamados **egypcios** ou designados por certos gentilicos que indicam uma origem egypcia, taes como "**faraon**", **copta**, etc.

Pois realmente vão tendo novas designações que variam de povo em povo e que se baseiam em outras suppostas nacionalidades ou que são tiradas de seu genero de vida, de suas profissões predilectas, etc.

E' o que vamos ver, a começar pelo proprio foco da irradia-

ção de 1438, isto é, pela Turquia da Europa, incluindo-se naturalmente, os territorios de lingua grega e slava que della já faziam parte naquella época.

Entre os turcos, ao lado dos antigos nomes de *farawani* e *qibt* (copta), apparece a nova designação de *tchinghiane*; e entre os bulgaros e servios são chamados *tsiganin*.

Na Hungria, onde já eram conhecidos por *egiptener* (fôrma antiga) e *faraó-nepek* (povo do Pharaó), tomam nome de *cigány* (pron. *tsigány*).

Tambem entre as populações de certos paizes vizinhos da Turquia e da Hungria os ciganos começam a ser designados por nomes correspondentes ou co-radicaes de *tchinghiane*, *tsigánin* e *cigány*.

Os romenos, p. ex., adoptam *tsigan* ao lado de "faraon", que já existia; e os slovenos e tchêques os chamam *tsigán*.

Os gregos, além de *gyphtos* (guiftos), empregam tambem, para designal-os, as fôrmas *athinganos*, *atsinganos* ou *tsinganos*. E, ás vezes, tambem os denominam *katsivelos*, que significa — que lê a sina, que diz a "buena-dicha".

Passemos agora aos outros paizes que teriam sido visitados pelos ciganos da segunda invasão, e vejamos quaes os differentes nomes que elles por ahi vão recebendo.

Na Allemanha são chamados *zigeuner* e na Italia *zingaro* ou *zingano*.

Na França, tendo caído as antigas designações de *égyptiens* e *sarrasins*, prevaleceu a de *bohémiens*, que, como já vimos, é absurda e resulta duma falsa hypothese que os fazia oriundos da Bohemia.

Na Hespanha, entretanto, continuaram a ser chamados *gitanos*.

Mas, na Hollanda, onde a começo, havia, para designal-os as fôrmas *egyptenaer*, *gyptenaer*, etc., appareceu a nova designação de *heiden*, isto é, pagão, idolatra.

Na Inglaterra, os *gipsies* recebem os novos nomes de *tinkers* ou *tinklers*, que significa caldeireiros, concertadores de tachos, panellas, etc.

Na Escossia, onde, segundo uns, appareceram, pela primeira vez em 1492 e, segundos outros, em 1502, deram-lhes o nome de *cairds*.

Na Dinamarca, a sua presença foi assinalada em 1505, e foram chamados *tatars*, (tartaros ou, melhor tataros), como si tivessem vindo da Tartaria...

Na peninsula scandinava, segundo boa documentação, teriam apparecido de 1512 a 1514. Ahi os chamam de fante ■ tambem de *tatars*.

Na Russia e na Polonia, onde entraram mais ou menos no começo do sec. XVI, têm, respectivamente, os nomes de tsuigan e "cygan" (pron. tsygan).

Diremos, por fim, que em Portugal, onde teriam chegado nos fins do sec. XV ou, mais provavelmente, no começo do sec. XVI, foram a começo chamados gregos e depois, definitivamente, ciganos. (1)

Como se deduz, tudo quanto atraz dissemos sobre as duas invasões dos ciganos na Europa, abrange quasi que o periodo dum seculo, pois vem desde 1417, anno do apparecimento daquelles nomades na Romenia, até aos principios do sec. XVI em que, pela primeira vez, elles foram assignalados na Escossia, Dinamarca, Scandinavia, Russia, Polonia e em Portugal.

Falando dos primeiros bandos que, guiados pelos "duques" e "condes" do supposto Egypto Menor ou Pequeno Egypto, appareceram na Allemanha, Suissa, Italia, França, Belgica, Hollanda e Hespanha, muito de proposito tratámos de suas marchas só até 1447, anno em que penetraram no ultimo paiz.

Encerramos assim a série de factos, que, parece, se relaciona com os chamados egypcios ou, melhor, com os ciganos que constituiram as primeiras emigrações do oriente para o occidente europeu.

Ora, é logico que a esses bandos ou aos seus remanescentes, vieram juntar-se ou superpôr-se outros da grande invasão de 1438.

De facto, a estada dos ciganos nos diversos paizes atraz citados, em época posterior áquelle anno, é attestada por documentos officiaes de que adeante falaremos.

Entretanto, affirmar-se que este ou aquelle grupo, a que se referiam os actos governamentaes, pertencia aos da primeira ou da segunda invasão ou si representava a fusão de uns e outros, é coisa difficil e mesmo impossivel.

Evitando, pois, quaesquer divagações a esse respeito, passaremos em seguida a tratar especialmente da penetração dos ciganos na peninsula iberica e da subsequente irradiação de seus bandos pelas terras hespanholas.

(1) Como a fórma portugueza cigano (* tsigano, ** sigano, — cigano) é, visivelmente, correspondente de fórmas já por nós citadas e usadas por diversos povos do Oriente e do centro da Europa, taes como tsinganos, por atsinganos (gregos modernos), tsigan (bulgaros e servios), tsuigan (russos), tsygan (polacos), tsigan (romenos), tsigány (hungaros), etc., difficil se torna explicar como ella foi adoptada em Portugal, tanto mais que se sabe que os primeiros ciganos que entraram nesse paiz provinham da Hespanha, cujo povo sempre deu ao cigano a designação de gitano, apherese de * egitano (egiptano — egipcio).

V I I I

APPARECIMENTO DOS PRIMEIROS CIGANOS EM BARCELONA NO ANNO DE 1447 E SUBSEQUENTE IRADIAÇÃO DE SEUS BANDOS PELAS VARIAS REGIÕES DA HESPANHA — CRUEL PERSEGUIÇÃO POR ELLES SOFFRIDAS NESSE PAIZ ATE' AOS TEMPOS EM QUE CARLOS III, COM SUAS LEIS HUMANITARIAS, MELHOROU SUA SITUAÇÃO — CONDIÇÕES ACTUAES EM DIVERSAS PROVINCIAS — NOMES COM QUE OS HESPANHOES CHAMAM OS CIGANOS E NOMES NACIONAES COM QUE ESTES DESIGNAM A SI PROPRIOS

Confórme já vimos nas Partes III e VI deste estudo, em 1447, os ciganos, vindos da França penetraram na Hespanha pela extremidade oriental dos Pyreneus e, pela Catalunha, chegaram a Barcelona em 11 de junho daquelle mesmo anno.

Dahi os seus bandos se foram espalhando por todo o paiz, desde as agrestes montanhas de Viscaya, das Asturias e Gallicia até á Andaluzia (Jaen, Granada e Sevilha), ao territorio da antiga Mancha, á Extremadura, etc.

Confórme tambem já vimos, Salillas, em sua obra "HAM-PA", baseado num mappa de Colocci, diz que os ciganos que, provindo da Europa oriental, penetraram na Hespanha, pertenciam ás hordas que, após haverem se fraccionado em Zurich, entraram na França, desceram em direcção a Marselha, atravessaram o Rhodano, não longe de sua embocadura no Mediterraneo, e, finalmente, ultrapassando as fronteiras francezas, entraram na Catalunha e attingiram Barcelona em 1447.

Em seguida, commentando o caso, esse A. diz o seguinte:

"Y aquí terminan las averiguaciones. Es un hecho que los gitanos aparecen difundidos por casi toda la Península: los itinerarios de difusión se desconocen. Seguirían la línea del litoral por Valencia y Murcia hasta Andalucía, toda vez que aquí debe reconocerse el gran centro de difusión y de caracterización de estas gentes? Clemencín cree que por los años de 1484, es decir, treinta y siete después de su llegada á Barcelona, debieron ser muy poco conocidos en Castilla, y se funda en que no habla de ellos el Ordenamiento Real de Alonso Díaz de Montalvo, que se acabó de escribir en dicho año, ocupándose de propósito de los vagabundos en el título XIV del libro 3.º. Quince años después de ese Ordenamiento, es decir, a los cincuenta y dos de la aparición de los gitanos, su notoriedad es completa. Lo dice la Pragmática de Medina del Campo de 1499: "andals de lugar en lugar, muchos tiempos y años han sin tener oficios ni otra manera de vivir, salvo pidiendo limosnas, é hurtando é trafagando, engañando é faciéndovos fechiceros é adivinos, é faciendo otras cosas no debidas ni honestas".

Entretanto, ao que parece, até então os ciganos eram relativamente tolerados na Hespanha.

Gosavam mesmo de certa consideração por parte dos Reis Catholicos, tanto que, em 1491, os seus artifices foram aproveitados como forjadores de muitas das balas de ferro usadas contra os mouros de Granada.

Accusados, porém, posteriormente, de heresia, bruxaria e até de crimes hediondos que não podiam ter commettido, não tardou que contra elles fossem decretadas e tomadas medidas crueis, as quaes, sem duvida, eram o fructo do fanatismo religioso em que então se achava mergulhado o paiz.

Para que se faça uma idéia do que foi a perseguição soffrida pelos ciganos na Hespanha, damos em seguida, em ordem chronologica e resumidamente, uma série de actos governamentais contra elles expedidos.

Comecemos pelas principaes disposições da referida pragmatica de Medina del Campo, as quaes foram dictadas por instigação do arcebispo Jimenez de Cisneros e assignadas por Fernando e Isabel:

Os egipcianos (ciganos) e caldeireiros estrangeiros deveriam, dentro do praso de 60 dias, após o prégão, tomar assento nas cidades e aldeias e escolher amos a quem deviam servir para ganhar seu sustento; não podiam, pois, mais vagar juntos pelos reinos.

Os que, dentro desse praso, não cumprissem essa disposição, deveriam sair da Hespanha, sob pena de cem açoites e desterro perpetuo, pela primeira vez; si voltassem, "deveriam ter as orelhas cortadas" e desterrados de novo. (1)

(1) Commentando a iniquidade e o absurdo que ha na pragmatica de Medina del Campo, na parte em que ella manda que os ciganos saiam da Hespanha, dentro do prazo de 60 dias, sob penas severas, no caso de desobediencia, diz Borrow:

"No se hace mención del país al cual se contaba con que irían los gitanos en caso de salir de España. Quizá como se llaman egipcios, se deduzo que volverían derechamente a Egipto; pero los autores de la ley no parecen que hayan considerado jamás que medios poseían esos egipcios para transportar sus personas y las de sus familias a tal distancia a través del mar, o si se dirigían a otros países, qué recibimiento le aguardaba a tal hueste de gente, reconocidamente ladrona y vagabunda, o si era justo que dos principes cristianos se librasen de tal plaga a costa de sus vecinos. Tales cuestiones se dejaron, naturalmente, para que las resolviesen los propios gitanos".

Realmente, dada a impossibilidade de partirem, por mar, para o Egipto, seu supposto paiz de origem, em que paizes poderiam se refugiar os ciganos enxotados da Hespanha?

Em 1525, em Toledo, Carlos V renovou a pragmática de Medina del Campo, a qual foi successivamente confirmada em 1528, 1534, accrescentando-se "que si pela terceira vez os egipcios fossem encontrados vagando, ficassem por toda sua vida captivos das pessoas que os prendessem".

Em 1539, D. Carlos e Dona Juana ajuntaram "que aquelles que não deixassem o reino dentro do praso de sessenta dias fossem considerados errantes e porisso condemnados ás galés por seis annos".

Exceptuavam-se, porém, os maiores de 50 e os menores de 20 annos, os quaes seriam castigados de accôrdo com a lei precedente.

Essas medidas, decretadas contra os ciganos não deram o resultados desejados e a esse respeito convem transcrever aqui os seguintes trechos que tiramos da obra de Pabanó:

"No surtieron efecto ninguna de las disposiciones anteriores, durante la primera mitad del siglo XVI; prosiguiendo, al menos en España, trabajando en sus officios de caldereros y herreros algunos gitanos que ya estaban avecinados de antes en ciertas poblaciones.

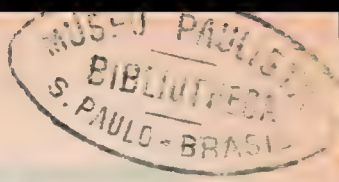
Ni tampoco debieron con posterioridad dar cumplimiento a lo demás mandado, pues el historiador Delrio dice, que hallándose en León em 1581, dos lugares vecinos estaban inundados de gitanos, y que con ellos se habían juntado muchos españoles.

Bien es verdad que algunos años antes, quando Felipe II regresó a España, de los Países Bajos, y celebró en Toledo sus bodas con Isabel de Francia (febrero 1560), formaron parte de los festejos públicos danzas de gitanos; y ese mismo año se dió un decreto moderando el antiguo rigor y estableciendo reglas para que los gitanos morasen de asiento en las villas y lugares. Este decreto fué en cierto modo el origen de las gitanerías o barrios separados habitados por gitanos en las grandes poblaciones, como desde antes ocurría con los hebreos; en cuyos barrios sólo penetraban los muy osados y pendencieros".

Em 1586, o mesmo monarcha, por uma ordenança, lhes prohibiu a vagabundagem, e lhes impôz a vida sedentaria. Além disso, regularizou as formalidades que deviam preencher para poderem vender qualquer coisa dentro ou fóra dos mercados e feiras taes como o testemunho dum escriptão publico que attestasse a sua residencia e a legitima propriedade dos objectos que pretendiam vender, etc.

Naturalmente só nos paizes limitrophes, isto é, na França e em Portugal, mas isso lhes era difficil si não impossivel fazer, devido á repulsa que contra elles havia nesses paizes, principalmente no primeiro, onde, pouco tempo depois de seu apparecimento, começaram a soffrer as mais atrozes perseguições.

Tinham, pois, que continuar a viver, irremediavelmente, nas terras hespanholas, sob a mais dura pressão e reduzidos a uma quasi escravidão!



Não ordenou, porém, a sua expulsão.

Em 1619, Felipe III, que então se achava em Portugal, expediu um decreto no qual mandava que os ciganos saíssem do reino, dentro do prazo de seis mezes, ameaçando com pena de morte aos que voltassem.

Os que quizessem ficar deveriam estabelecer-se em cidades, villas e aldeias povoadas por mais de mil familias. Não poderiam, porém, usar os trajes, nome e lingua dos ciganos, afim de que, tendo-se em conta que não são taes de nação, seu nome e modo de viver possam obliterar-se a olvidar-se para sempre. (1)

Em 1633, Felipe IV mandou publicar diversos regulamentos contra os ciganos.

Depois de declarar que as leis dictadas em 1499 foram até então inefficazes para reprimir seus desmandos, prohibiu-lhes, como já havia feito seu antecessor Felipe III, que usassem seus trajes caracteristicos e a sua lingua.

Foi-lhes tambem prohibido habitarem em grande numero nos arrabaldes; deveriam assim, dentro do prazo de dois mezes

(1) Criticando as disposições da lei de Felipe III, que declara que a gente a que se refere tal lei não é gitana, pergunta Borrow:

"Si no son gitanos, que son? Españoles? En tal caso qué derecho tenía el Rey de España para enviar la escoria de sus súbditos a corromper otras tierras sobre las que no tenía jurisdicción?

Los moros fueron enviados a Africa con cierto viso de justicia, pues eran originarios de aquella parte del mundo; pero qué se hubiese dicho de tal medida si el edicto qué los desterraba hubiese declarado, no que eran moros, sino españoles?"

"El intento de abolir el nombre y modo de vida de los gitanos pudo haberse hecho sin incurrir en tan palpable absurdo".

Carlos III, numa lei de 1783 de que falaremos adeante, tambem pretende contestar a independencia ethnica dos ciganos, quando diz (trechos tirados da obr. de Borrow):

"Declara que los que llaman y se dicen gitanos, no lo son por origen ni por naturaleza, ni provienen de raz infecta alguna. Por lo tanto mando, que ellos y cualquiera de ellos no usen de la lengua, traje y metodo de vida vagante, de que se hayan usado hasta de presente, bajo las penas abajo contenidas."

Entretanto, como já sabemos, estudos scientificos feitos posteriormente, vieram provar que os gitanos da Hespanha não constituíam, como pensavam o povo e os reis desse paiz, bandos ethnicamente heterogeneos e que, para melhor porem em pratica as suas artimanhas, falavam uma jerga ou jeringonza ou, em outros termos, uma lingua artificial por elles inventada e só por elles comprehendida.

Ao contrario, em suas veias, ao menos na época de que tratamos, deveria correr com muita pureza o seu sangue indiano; e, certo, ainda usavam entre si, com pequena alteração o dialecto neo-hindú que falavam por occasião de sua saída da patria primitiva.

afastar-se de seus domicílios, afim de se misturarem com as populações das vizinhanças. Isto tudo sob as mais severas penas no caso de desobediência.

E para extirpar para sempre o nome de gitanos ordenava que lhes não dessem mais tal denominação, declarando-a injuriosa e infamante; devendo ser punidos severamente os que transgredissem essa disposição.

Carlos II seguiu a senda de seus predecessores com relação aos ciganos. Por uma lei de novembro de 1692 prohibiu-lhes viverem em localidades de menos de mil habitantes, devendo buscar seu sustento exclusivamente no cultivo das terras.

Não podiam usar seus trajes nem falar sua jerga ou germania. Era-lhes tambem prohibido trazerem armas de fogo. As infracções eram punidas com pena de galés.

Como taes medidas não tivessem dado os resultados esperados, esse mesmo monarcha em 1695 renovou, com maior severidade, as anteriores pragmaticas e ordenou a sua perseguição afim de evitarem-se os excessos que commettiam nas estradas e pôr termo aos delictos ruraes e transacções fraudulentas praticadas, com notavel prejuizo, nas feiras.

Essa nova lei consta de 29 artigos, sendo que em muitos delles se renovavam disposições das leis anteriores.

Em outros, porém, havia novas determinações taes como: as que designavam as unicas cidades em que os ciganos pôdian viver; as que mandavam punir com pena de morte todos os individuos pertencentes aos bandos que fossem surprehendidos com armas de fogo; as que estabeleciam penas para as pessoas, de todas as classes e condições, que dispensassem protecção aos ciganos, etc.

Uma Real Cédula de setembro de 1708, em confirmação á de agosto de 1705, dispensou as justiças locaes de recorrerem ao Conselho de Castilha para facilitar a execução da pragmatica de 1695.

Felippe V, vendo que, infringindo as leis, até a Côte estava cheia de ciganos de costumes dissolutos, expulsou-os de Madrid e decretou novas e crueis leis contra a infeliz raça.

A de 1745, por exemplo, ordenou que fossem perseguidos "a ferro e fogo" e impôz a pena de morte aos componentes dos bandos errantes, taxando-os de "rebeldes e incorrigiveis"; além do que retirou ás egrejas o direito de refugio em favor dos proscriptos.

Em 1746 e 1749 reiteraram-se essas terriveis ordens, havendo prohibição de falarem sua jeringonza.

Em 1775 foram condemnados ao serviço militar da America todos os individuos presos como vagabundos.

Esse decreto foi ampliado com novas disposições de fevereiro e agosto de 1779 e de julho de 1780.

Dahi por deante, a começar do reinado de Carlos III, as condições sociaes dos gitanos foram pouco a pouco melhorando, graças ás medidas discretas, sabias e generosas que foram adoptadas em seu beneficio.

Em 1783, esse monarcha decretou uma lei, que se intitulava "Reglas para contener y castigar la vagancia y otros excesos de los llamados gitanos".

Differia muito das leis anteriores que haviam prevalecido, a começar pela famosa pragmatica dictada em 1499 pelo arcebispo Jiménez de Cisnerós, pois embora, mantivesse, em grande parte, as disposições ou regulamentos dessas leis, visava, por outro lado, melhorar a sorte dos ciganos, franqueando-lhes mesmo, pela primeira vez, os caminhos da sociedade.

A esse respeito, convem transcrever aqui o que, em "LOS ZINCALI", diz G. Borrow:

"Los autores de las leyes precedentes hicieron invariablemente cuanto pudieron para estampar un sello de infamante sobre la casta gitana, y para aquellos de sus individuos que veniesen a abandonar los usos gitanos, trazaron un plan de vida mucho más aborrecible que la misma muerte.

No se les permitía hablar unos con otros ni casarse entre sí, aunque por considerárseles de raza impura, no era muy de esperar que los otros españoles quisieran establecer con ellos relaciones de amistad o de amor y se les excluía del ejercicio de cualquier oficio u ocupación, salvo la dura labranza, para la que, ni por naturaleza ni por hábito, eran aptos. La ley de Carlos Tercero, por el contrario, les abrió de par en par el camino de las artes y de las ciencias y los declaró aptos para seguir cualquier oficio o profesión, a los que los pluguiera dedicarse".

Depois, Borrow cita alguns trechos tirados da referida lei, os quaes, resumidamente, contêm as seguintes e principaes resoluções: declara que os que se chamam e se dizem gitanos, não o são por origem nem por natureza, nem provêm de nenhuma raiz infecta; manda, portanto, que elles não usem a lingua, os trajes e methodos de vagabundagem que até então usavam; prohibe-se chamal-os de **gitanos** ou **castellanos nuevos**, sob pena dos que injuriam a outrem com palavras ou por escripto; declara que é vontade do rei que os que abandonarem sua vida errante, seus trajes, sua lingua ou **geringonza**, sejam admittidos em quaesquer officios ou destinos a que se applicatem, como tambem em qualquer gremio ou communidade, sem que se lhes opponham obstaculos, em juizo ou fóra d'elle; concede-lhes a faculdade de, dentro do praso de 90 dias, se avizinhareem e estabelecerem sedentariamente nas povoações que escolherem, para nellas se applicarem a qualquer officio ou occupação honesta; passados os 90

dias do referido praso, a Justiça procedería contra os desobedientes, perseguindo-os e condemnando-os como vagabundos, etc., exceptuando-se, porém, os menores de dez annos, de ambos os sexos, os quaes, embora filhos legitimos, seriam separados de seus paes e collocados em institutos de caridade ou casas de ensino; manda, emfim, que os desobedientes sejam avisados de que, em caso de reincidencia, soffrerão, irremediavelmente, a pena de morte.

A execução dessa lei foi de novo ordenada pela "Real Cédula" de março de 1787; cap. XXXIV, de "la Instrucción de Corregidores" de maio de 1788; pela "Real Cédula" de agosto de 1814 e, emfim, recordada pela "Real ordem", de 11 de janeiro de 1827.

* * *

Segundo a pragmatica de Carlos III, os ciganos hespanhoes não mais deveriam ser considerados como pertencentes a uma raça estranha, proscripta e amaldiçoada; deveriam, ao contrario, ser acolhidos na sociedade commum com direitos mais ou menos eguaes aos que tinham os demais subditos da nação.

Esses factos concorreram para que, pouco a pouco, se fossem extinguindo o odio e as prevenções que havia contra elles e as leis foram fixando com mais exactidão a sua physionomia moral.

Não tiveram, pois, mais necessidade de buscar, como dantes, refugio nas cavernas e fragosidades das serras e montes para escaparem a perseguição.

Muitos abandonaram a vida errante e passaram a habitar as cidades, em algumas das quaes occupam bairros inteiros chamados "gitanerias".

Por sua vez, os gitanos ou "calós", conforme elles designam a si proprios, vão paulatinamente perdendo a prevenção que ainda têm contra os "busnós", nome que dão aos individuos que não pertencem á sua raça; e é mesmo para notar que já vão enfraquecendo a tradicional repugnancia que entre elles ha em contra-hirem-se enlaces matrimoniaes entre "calós" e "busnós".

Pois, realmente, taes enlaces já vão sendo frequentes, principalmente entre um cigano e uma mulher não cigana.

Não poucos têm renunciado ao gitanismo e deixado seus officios predilectos, taes como os de chalanes (negociantes ou traficantes astutos), que se occupam principalmente na compra e venda de cavallos), tosquiadores de animaes, cesteiros, ferradores, etc., para se dedicarem ás profissões de carnicheiros, estajadeiros, etc.

Quanto ás gitanas, de Hespanha, escusado seria dizer que, como suas irmãs de outros paizes, adoptam de preferencia uma profissão complexa, que é, por assim dizer, caracteristica da raça:

são adivinhas, chiromantes e cartomantes que predizem o futuro ou dizem a “buena-dicha”, através das linhas das mãos ou por meio das cartas do baralho; são feiticeiras que anulam os “maus-olhados”, o quebranto e o encantamento; que preparam philtros de amor e amavios; que curam as molestias com rezas e palavras cabalísticas; que “enxotam o diabo do corpo dos possessos”, etc.

* * *

Para que tenhamos uma perfeita idéa da actual situação dos ciganos hespanhóes, pensamos que o melhor será traduzir em seguida alguns trechos que ha nas partes IV (V. “Mejora de situación”) e V (“Su actual estado”) da obra de Pabanó, que, como já sabemos, é de publicação relativamente recente (1915). Eil-os:

“Em todas as provincias da Andaluzia e em outras muitas de Castilha-a-Nova, no reino de Murcia e outros pontos da Hespanha se vêem muitos gitanos dedicados a certas occupaões diferentes das que antigamente costumavam ter.

Em Granada e Sevilha e nas povoações de certa importancia do sul da península, se occupam em forjar ferraduras e guarnições de cravos; e tambem já ha alguns que se dedicam á cultura das terras e á horticultura. Estes ultimos têm grande amor aos seus affazeres e julgam que com elles estão regenerados e que se tornaram superiores a “los de la vara”, como desdenhosamente designam os seus irmãos de raça que ainda são “chalanés”, (traficantes ou intermediarios em negocios de animaes).

Mas, a despeito do tempo transcorrido e de haver-se ao menos na apparencia, posto de lado as antigas prevenções contra os gitanos, em algumas povoações, especialmente no reino de Castilha-a-Velha e nas provincias do Norte, embora não sejam elles perseguidos abertamente como nos tempos passados, ainda prevalecem as referidas prevenções, tanto que lhes não permitem pernoitar no interior das localidades nem em suas immediações. Admittem sómente que transitem sem deter-se, podendo estanciar unicamente durante as feiras e pelo tempo estrictamente necessario. Essa má vontade contra elles persiste e não ha esperanças de desaparecer tão cedo”.

.....

“No Alto Aragão, alguns gitanos continuam todavia a viver em furnas (socabar an turní), da mesma fórma que em alguns pontos das Alpujarras, em Guadix e na propria Granada; porém não vagam como hordas errantes nem se dedicam a commercios illicitos ou ao roubo; ao contrario, se occupam em profissões honestas. Mesmo nas provincias do Norte, nas de Castilha-a-Velha, das Asturias e da Gallicia, onde até ha pouco tempo elles

eram odiados e temidos, vão frequentando mais a miude que antes as povoações, nellas parando e trabalhando; e pelo menos nas grandes localidades já começam a ser olhados com pouca estranheza e já lhes permittem que tomem assento”.

* * *

Como já sabemos, os hespanhóes entram no grupo de povos europeus que chamam **egypcios** aos ciganos.

A esse respeito, em seu “Catálogo de las Lenguas”, diz o abbade L. Hervás: “Na Hespanha, a começo, e na antiga provincia de Roussillon, os gitanos foram chamados **egipcianos** ou **bohemianos**; e accresce que a palavra **gitano**, segundo os eruditos hespanhóes, significa **egipcio** ou **egipciano**”.

Entretanto, mais tarde, na Hespanha lhes deram outros nomes, taes como os de **Castelhanos Novos**, **germanos** e **flamencos**.

Borrow, procurando explicar a origem das duas ultimas designações, diz em “LOS ZINCAI.I” (pag. 72), o seguinte:

“Que fuesen llamados Germanos, puede explicarse, o por la suposición de que su nombre generico de **Rommany** fué mal entendido y mal pronunciado por los españoles entre quienes se hallaron, o por el hecho de haber pasado através de Germania en su camino hacia el Sur y llevar, pasaportes y salvoconductos de varios estados germánicos. El apelativo de flamencos con que actualmente se les conoce en varias partes de España no se les habría dado nunca probablemente a no ser por la circunstancia de llamárseles o de creérceles germanos ya que germano y flamenco son considerados como sinónimos por los ignorantes”.

Mas, ao passo que os hespanhóes lhes dão essas designações, os gitanos têm nomes nacionaes com que designam a si proprios e á sua raça em geral.

São elles: “**zincaló**” ou “**zincalé**” (cigano primitivo), cuja significação será, segundo alguns autores, “homem negro das margens do Sindh ou Indo”; “**caló**” ou “**calé**”; “**calorró**” (cigano moderno); e “**romanó**”.

Ao individuo estranho á sua raça chamam “**busnó**” ou “**busné**”, que significa incivil, selvagem, barbaro, gentio...

Diremos, por fim, que entre elles o cigano da Hungria é chamado “**pindoró**”.

* * *

Para terminar nossas compilações sobre os ciganos da Hespanha, vamos dizer algo sobre uma supposta passagem para esse paiz, de alguns bandos provenientes do norte da Africa.

Realmente, ha escriptores que pensam que os ciganos penetraram na Europa por dois pontos: primeiramente, logo após os

exercitos Sarracenos, que, percorrendo o littoral africano, desde a Arabia e o Egypto, vinham desembarcar na Hespanha em suas periodicas incursões; e depois, acompanhando tambem as hordas invasoras dos turcos, pela Hungria e Bohemia. Daqui terá nascido o facto de chamarem-n'os **egypcios** ou **bohemios**, do primeiro nome com que foram designados, segundo o ponto mais proximo de onde pareciam provir.

Presumem, pois, taes escriptores que antes da entrada dos ciganos na Hespanha, em 1447, através dos Pyreneus, já havia no paiz alguns ciganos confundidos com Sarracenos, os quaes só foram reconhecidos no tempo da conquista de Granada, quando começou a predominar a politica do arcebispo Jimenez de Cisneros.

Esse facto é, entretanto, contestado por muitos historiadores e ciganologos.

E a respeito, diz Salillas na "HAMPA", quando trata da "Origen de los Zingaros":

"En España el libro de Sales Mayo se informa e orienta bien en lo que se refiere al origen: no así en la emigración.

En su concepto, y sin pruebas que los justifiquen, los gitanos entran en España por las costas de Andalucía (pags: 13 y 46). Pudo ser, pero se ignora no solamente si fué, sino el modo y el momento. En cambio la emigración por Barcelona está perfectamente señalada y fechada".

* * *

No proximo capitulo, trataremos da passagem dos ciganos da Hespanha para Portugal.



Atália e o Egípcio, vinham desembarcar na Hespanha em duas
períodos incruentes: e depois, acompanhando também as ondas

o facto de chamarem-n'os egypcios ou bohemios, do primeiro nome
com que foram designados, segundo o ponto mais proximo de onde
pareciam provir.

Resumem, pois, taes escriptores que antes da entrada d'
ciganos na Hespanha, em 1447, os de Pyrenae, já havia

toam reconhecidos no tempo da conquista de Granada, quando
começou a predominar a politica do archiepido Jimenez de Cisneros.
Esse facto é, entretanto, contestado por muitos historiadores

e ciganologos.

E a respeito d'as Salillas, na "HAMBRA", quando trata da
origem de los Xingars

"En España el libro de Salis Nayo se informa e ofienta bien
en lo que se refiere al origen: no así en la emigración

En su concepto, y sin pruebas que los justifiquen, los gitanos
entran en España por las costas de Andalucía (pags. 13 y 40).
Pudo, pero se ignora no solamente si, sino, cuando y de
momento. En cambio la emigración por Barcelona está perfecta-
mente señalada y fechada."

No proximo capitulo, tratam-se da passagem dos ciganos
da Hespanha para Portugal.

DATA PROVAVEL DA ENTRADA DOS CIGANOS EM PORTUGAL E PRIMEIRA REGIÃO POR ELLES ATINGIDA NESSE PAIZ — RESUMO DA LEGISLAÇÃO PORTUGUEZA CONTRA OS CIGANOS, NA QUAL HA VARIAS RESOLUÇÕES RELATIVAS AO SEU DEGREDO PARA O BRASIL — CONDIÇÕES DOS CIGANOS EM PORTUGAL, EM 1892, SEGUNDO INFORMAÇÕES COLHIDAS POR ADOLPHO COELHO — NOME COM QUE OS PORTUGUEZES OS CHAMAM E NOMES NACIONAES COM QUE ELLES SE CONHECEM ENTRE SI.

No capitulo III, d'“OS CIGANOS DE PORTUGAL”, intitulado “Esboço Historico e Ethnographico”, Adolpho Coelho diz o seguinte:

“Um dos melhores conhecedores da litteratura relativa aos tsiganos, Paul Bataillard, citou um documento que se julga ser o mais antigo com respeito aos tsiganos na Hespanha, e no qual se refere á chegada a Barcelona, a 11 de junho de 1447, (1) de uma “multitud de Egypcios”, que dalli se espalharam, segundo a mesma fonte, pelo reino vizinho”.

Esse facto, de que, aliás, já falámos no capitulo anterior, é repetido aqui, embora em outros termos, unicamente para demonstrar que foi da Hespanha que procederam os primeiros ciganos que chegaram a Portugal, isto é, ao reino vizinho a que se allude no final do periodo transcripto.

Quanto á época dessa passagem de ciganos do primeiro para o segundo paiz, diz A. Coelho, que não ha nenhum dado historico ou supposição bem fundada que prove que ella tenha sido anterior de muitos annos ao fim do seculo XV.

E, em sua opinião, o documento mais antigo acêrca dos ci-

(1) Devido, sem duvida, a um lapso de revisão, na obra de A. Coelho saiu 1847 em vez de 1447. Rectificamos aqui esse engano.

ganos em Portugal será uma passagem de Affonso Valente, existente no “Cancioneiro geral”, colligido por Garcia de Rezende, cuja impressão começou em Almeirim, em 1515, e terminou em Lisboa, em 1516.

O segundo é a “Farça das Ciganas”, de Gil Vicente, “representada ao muyto alto e poderoso Rey D. João, o terceiro deste nome, em a sua cidade d’Evora era do Redemptor 1521”.

E’, diz A. Coelho, “o primeiro monumento da litteratura propriamente dita em que figuram tsiganos”.

Nessa **farça** entram quatro ciganas, Martina, Cassandra, Lucrecia e Giralda, e diversos outros personagens que falam um hespanhol modificado na pronuncia, o que prova que os ciganos teriam vindo recentemente da Hespanha, que lá não tinham aprendido a pronunciar bem a lingua do paiz e que tambem, por esse tempo, não tinham chegado a falar o portuguez.

Demonstrado, pois, por esses dois documentos, que os primeiros ciganos que entraram em Portugal vieram da Hespanha, vejamos agora qual a região daquelle paiz que foi por elles primeiramente attingida.

Para isso, valemo-nos, ainda aqui, da seguinte informação dada por A. Coelho:

“Foi muito provavelmente no Alemtejo que Gil Vicente estudou os ciganos: a **farça** transcripta foi representada em Evora, como vimos. Tendo penetrado em Portugal, sem duvida, pela fronteira da Extremadura hespanhola, os ciganos achavam a provincia do Alemtejo excellentemente adaptada ao seu modo de vida, para centro de irradiação de suas excursões. Os grandes espaços despovoados d’essa provincia, os seus matagaes, protegiam-nos contra as perseguições de que em breve se tornaram objecto”.

De facto, como veremos adiante, não tardou muito que em Portugal, como já se havia dado na Hespanha, caísse sobre elles a mais cruel perseguição.

Vamos, pois, conforme já fizemos com relação aos gitanos em face da legislação hespanhola, transcrever, abreviadamente e em ordem chronologica, as partes mais interessantes que ha nos diversos alvarás, actos e disposições legislativas expedidos pelo governo portuguez contra os ciganos e que, colleccionados por A. Coelho, foram por elle reproduzidos em o “Appendice I” de sua obra citada.

* * *

De março de 1526 ha um Alvará “para que não entrem Ciganos no Reyno, e se saião os que nelle estiverem”.

Em 1538, sob D. João III, a “Ley XXVIII (Que os ciganos não entrem no reyno)” manda que dahi por deante não mais entras-

sem ciganos nos “reynos e senhorios”, fossem homens ou mulheres.

Os que transgredissem essa disposição deveriam ser presos e publicamente açoitados com baraço e prégão. Deveriam, outrossim, sair do reino dentro dum certo praso que se lhes marcaria; e aos que voltassem seriam applicadas penas mais severas.

A lei de 17 de agosto de 1557 diz “que não entrem os Ciganos nestes Reinos, em que além do que he mandado no Cap. 138 das Cortes de 1525, e 1535, se accrescentão as penas até galés, a cuja execução se procederá, como for de justiça, dando appellação, e aggravo”.

E’ bom esclarecer que nas côrtes de 1525 e 1535 accusaram nos de “muytos furtos que fazem e feytiçarias que fingem saber”.

Na apostilla de 15 de abril de 1573, ao Alvará de março desse anno, publicado na Chancellaria mór, em Evora, declara-se que como nas mulheres não podia ter logar a pena das galés, ficassem sujeitas ás penas já anteriormente para ellas estabelecidas na Lei 24 das (chamadas das) Côrtes.

De 1574, ha uma resolução de D. Sebastião, pela qual se commuta a pena de cinco annos de galés, a que foi condemnado o cigano João de Torres, em cinco annos de degredo para o Brasil. podendo elle ir acompanhado de sua mulher e de seus filhos.

Num Alvará (“Alluara sobre os ciganos”) de 1579, revivem-se as disposições da provisão de 1573 e manda-se que os ciganos ou ciganas, e quaesquer outras pessoas que andarem em sua companhia saíam do Reino dentro do praso de trinta dias, sob pena de serem presos e publicamente açoitados e degredados para sempre para as galés.

Todavia, os que preenchessem certas formalidades legaes, fossem trabalhadores e vivessem bem, não sendo prejudiciaes, poderiam ficar; não poderiam, porém, viver juntos num mesmo bairro e sim em bairros apartados, usando, além disso, sómente os trajas communs dos portuguezes.

Numa lei de agosto de 1592, aggravaram-se ainda as penas contra os ciganos que dentro de quatro mezes não saíssem de Portugal, ou se não avizinhassem nos logares, visto que não podiam mais andar vagabundos em ranchos ou quadrilhas; tudo sob pena de morte natural, que se faria executar, fazendo-os para isso prender os Ministros das terras, e procedendo contra elles até á execução sem appello nem aggravo.

Nas “Ordenações Filippinas”, Livro V, Titulo LXIX (Que não entrem no Reino Ciganos, Armenios, Arabios, Persas, nem Mouriscos de Granada), ha a seguinte disposição contra os ciganos:

"Mandamos, que os Ciganos, assi homens como mulheres, nem outras pessoas, de qualquer nação que sejam, que com elles andarem, não entrem em nossos Reinos e Senhorios. E entrando sejam presos e açoutados com haraço e prégão. E feita nelles a dita execução, lhes seja assignado termo conveniente, em que se saião fóra delles. E não se saindo dentro do dito termo, ou tornando outra vez entrar nelles, sejam outra vez açoutados, e percão o movel que tiverem, e lhes for achado, ametade para quem os accusar, e a outra para a Misericórdia do lugar, onde forem presos; e sendo algumas das ditas pessoas, que com os Ciganos andarem, nâtureas destes Reinos, não serão lançados delles, mas serão alem das sobreditas penas degradados dous annos para a Africa".

Como essas medidas não tivessem dado os resultados desejados, Felipe III mandou, em janeiro de 1606, passar um Alvará em que havia novas e mais pesadas penas contra os ciganos que iössem achados no Reino vagando em quadrilhas ou nelle residindo.

O conteúdo desse Alvará, que é bastante longo, foi reproduzido numa Lei de outubro de 1613.

Eis alguns trechos desta:

"Ev El Rey faço saber aos que este Aluará virem, que eu sou informado, que a lei que fiz sobre os ciganos declarada na Ordenação do livro 5, titulo 69, imprincipio, se não cumpre, e contra forma della os Corregedores do crime desta cidade de Lisboa, e outros julgadores lhes passam cartas de vizinhança, e os faourecem per outros modos, que não cõuem: e porque tambem tive informação, que as Ordenações, que tratão dos ditos ciganos se não guardão tão inteiramente, nem as penas que nellas se declarão são bastantes para elles se sahirem fora do Reyno, antes continuão em roubos, e danos, que fazem a meus vassallos com geral escandalo, sendo tudo em grande prejuizo seu, e dano do Reyno, querendo nisso prouer. Ey por bem, que todos os ditos julgadores tenham grande vigilancia em cumprir inteiramente a dita Ordenação do livro 5, e não passem as ditas cartas de vizinhança, nem vsem de outros modos; e fazendo o contrario se lhes dará culpa, e eu mandarey perguntar por isso nas residencias. E assi ey por bem, que posto que pellas ditas Ordenações senão dee aos ditos ciganos mais penas que açoutes pella primeira vez que forem achados sejam degradados alem da dita pena, em tres annos para galés, e pella segunda vez sejam outra vez açoutados, e nas mais penas das ditas Ordenações, e no dito degredo de galés em dobro: e pella terceira vez serão açoutados, e encorrerão mais nas ditas penas, e em dez annos para galés; e em todas estas penas os poderão condenar os Corregedores, e Ouidores das comarcas, e os Ouidores das terras dos donatarios em que elles não entrão per via de correição; e as justiçaes lhes darão tẽpo conueniente (que não passará de hum mes) para que se sayão do Reyno: e passado o dito termo tornando a entrar no Reyno se fará nelles a execução pellas ditas penas na forma deste Aluará".

Depois de varias considerações nas quaes o rei se declara informado de que o Alvará de janeiro de 1606 não foi cumprido e executado, ha o seguinte:

"Ey por bem, e não per esta Ley que o Alvará nesta incorporado se cumpra e execute com todo o rigor delle, sem diminuição das penas que nelles se declarão."

"E a todos os juizes de fora, que tanto esta Ley chegar a sua noticia a fação logo publicar em todos os lugares de suas jurisdições, limitando aos ciganos, que neste Reyno residem, assi homens, como molheres, que dentro em quinze dias depois de esta publicada se sayão deste Reyno sem embargo de quaesquer licenças, que tenham para nelle residirem, posto que sejam por mi assinadas, ou que lhes fossem passadas cartas de vizi-
mança; as quaes todas annullo, e as ey por de nenhum effecto".

Felippe III, rei de Hespanha e de Portugal, foi, evidentemente, um dos monarchas que mais perseguiram os ciganos, pois como vimos no capitulo anterior, achando-se elle em 1619 em Lisboa firmou, nessa cidade, um decreto no qual mandava que esses nomades saíssem de toda a península dentro do praso de seis mezes, e não mais voltassem para ella, "sob pena de morte" aos transgressores.

Os que quizessem ficar deveriam, conforme tambem já vimos, preencher formalidades legaes muito rigorosas.

Sacudido o jugo hespanhol e reinando D. João IV, não melhoraram as condições dos ciganos em Portugal.

Assim, de 24 de outubro de 1647, ha o Alvará ("Tresllado da ordem dos siguanos") ao Corregedor da comarca de Elvas, no qual o monarcha, entre outras coisas, determina o seguinte:

a) que dos "gitanos" que mandou prender pelo Reino e que deveriam embarcar "pera as conquistas delle" deveriam ainda ficar na cadeia do Limoeiro dez velhos incapazes de poderem servir, com mulheres e filhos de pouca idade; era-lhes determinado os logares em que deviam residir, dos quaes não podiam sair sem licença das autoridades;

b) não poderiam, outrosim, viver juntamente, falar entre si a sua "geregonsa" nem a ensinarem a seus filhos; nem tambem usar trajes de "siganos";

c) aos impossibilitados de trabalhar por doenças phisicas era permittido pedir esmolos nos mesmos logares em que vivessem, sem comtudo, fazerem uso de suas "trasas e embustes, a que chamão buenas djchas, e jogos de corjolla nem partidos de cavalgadura".

Aos transgressores, seria applicada a pena de açoites e a de galés por toda a vida;

d) mas si fosse mulher, iria degredada, directamente da prisão para Angola ou Cabo Verde, por toda a vida, "sem levar consigo filho ou filha".

Seguem outras disposições que não vêm ao caso transcrever. Fazendo commentarios a respeito, diz A. Coelho:

"O alvará de 24 de outubro de 1647 é o documento legislativo que contém mais particularidades que nos interessam. Nelle se faz referencia ao vestuario, aos habitos de mendicidade, á lingua (geregonsa), á buena dicha, ás trocas de cavalgadas, e aos jogos de corriola. Segundo Moraes e Silva, o jogo de corriola faz-se enrolando uma fita larga dobrada e mettendo nas suas voltas um ponteiro, que, para se ganhar, deve ficar preso ao desenvolver a fita. Este jogo permittia fraudes e deu logar por isso á phrase **cair na corriola**, que significa "cair num logro", deixar-se enganar."

Num Alvará de 1649, renovaram-se as medidas tomadas contra os ciganos no de 1647, mas quanto ao desterro para "as conquistas", exceptuaram-se mais de 250 individuos dessa raça que, alistados no exercito real, prestavam serviços nas fronteiras.

Esse caso é assim commentado por A. Coelho:

"Nem tudo nos documentos que reuni colloca os ciganos a uma luz desfavoravel. A carta do original e energico procurador da corôa, no tempo de D. João IV, Thomé Pinheiro da Veiga, de 1646, e o alvará d'esse rei de 1649 revelam-nos um facto esquecido, embora do maior interesse para a historia e caracteristica dos ciganos.

Mais de 250 homens d'essa raça se acharam alistados no exercito português, desde a restauração do reino, servindo nas fronteiras "com zelo e valor com que já foram muitos apremeados".

Desse mesmo anno ha um Decreto em que se manda lançar fóra do Reino algumas ciganas que nelle andavam, as quaes, posto que dissessem que vinham seguindo seus maridos, não tinham licenças para usarem seus trajes, lingua ou geringonça.

De 15 de julho de 1686, ha o "Registo de húa Provisão de Sua Magestade sobre os Siganos", cujo conteudo é muito interessante para a parte em que, mais tarde, vamos desenvolver sobre o desterro de ciganos para o Brasil.

Nessa Provisão, D. Pedro II recommendava ao corregedor da comarca da cidade de Elvas que não permittisse que os ciganos que estavam sendo expulsos de Castella entrassem no Reino.

E depois de varias disposições em que se regulavam as medidas a serem tomadas contra elles, mandava-se que os que já tivessem entrado deveriam ser presos e desterrados de accôrdo com a lei já estabelecida a respeito "com declaração que os annos que a dita Ley dá para a Africa seyão para o Maranhão".

Aliás, esta ultima disposição foi confirmada em 27 de agosto do mesmo anno pelo "Decreto, em que se mandou commutar o degredo de Africa para o Maranhão", no qual se ordenava que a lei contra os ciganos e ciganas fosse executada tanto na Côrte como nas terras do Reino.

De 1694, ha o Registo duma Provisão de Sua Magestade pelo Dezembargo do Paço ao corregedor da comarca de Elvas para

que os ciganos nascidos no Reino tomassem genero de vida ou fossem “despejados” dentro do praso de dois mezes “com pena de morte e passado o ditto termo serão havidos por banidos, e se praticara com elles a pena do banimento na forma da lei”. E acrescentava-se: “assi e do mesmo modo que tenho rezoluto com os siganos castelhanos que entrarão neste Reino”.

No sec. XVIII os ciganos continuaram a ser perseguidos em Portugal, pois já em 1708 D. João V expediu uma lei contra elles, na qual, entre outras coisas, lhes prohibia o uso de seus trajes caracteristicos, de sua *geringonça* e tambem da “impostura de suas chamadas *“buenas dichas”*; além disso, não podiam andar juntos pelas estradas, occupar-se em vendas, compras e trocas de animaes, “senão que no trage, lingua, e modo de viver”, usassem “do costume da outra gente das Terras”.

Os que transgredissem essas disposições, incorreriam na pena de açoites e seriam degredados pelo tempo de dez annos: “o qual degredo” dizia a lei, “para os homens será de galés, e para as mulheres, para o Brasil”.

Em 1718, um Decreto ordenava que se prendessem os ciganos que andavam pelo Reino, os quaes, juntamente com os que já se achavam recolhidos ás cadeias do Limoeiro, deveriam ser “repartidos por diversas Conquistas; a saber, da India, Angola, São Thomé, Ilha do Principe, Benguella, e Cabo Verde”.

Em 1756, D. José I expediu um aviso ao Duque Regedor de Lisboa, no qual declarava que, por não haver no momento, navio para Angola em que pudessem ser transportados os ciganos condemnados, estes deveriam ser aproveitados nas obras publicas da Cidade.

De 1760, ha um Alvará, no qual se ordenavam varias providencias contra os ciganos que haviam sido degredados para o Estado do Brasil, os quaes ahi já se faziam formidaveis e andavam, em bandos armados, commettendo violencias e depredações.

Os que não respeitassem as diversas disposições estabelecidas no dito Alvará deveriam ser degredados por toda a vida para a ilha de São Thomé ou para a do Principe.

Em 1800 foi expedida uma ordem ao Corregedor da Comarca de Elvas, na qual se determinava que fossem presos todos os ciganos de ambos os sexos que andassem vagando pelo Reino e que lhes tomassem os filhos menores, afim de serem enviados a Lisboa e internados na Real Casa Pia, onde receberiam educação, seriam instruidos nas artes e officios, etc.

Finalmente, falando-se ainda de documentação official, A. Coelho transcreve uma disposição de 1848, extrahida do “*Repertorio Administrativo de Lisboa*”, segundo a qual “Deve cuidadosamente exigir-se passaporte aos bandos de ciganos que transi-

tarem pelo reino, afim de se exercer contra os que não trouxeram a correcção e repressão ordenadas na Lei de 20 de setembro de 1760”.

* * *

A julgarmos por diversas noticias registadas em “OS CIGANOS DE PORTUGAL”, verificamos que no periodo comprehendido entre 1848, anno da publicação do documento official atraz citado, e 1892, data da impressão daquelle obra, as terras portuguezas continuaram a ser frequentadas não só por bandos de gitanos hespanhões como por outros que vinham de além Pyreneus, compostos, principalmente, de ciganos caldeireiros da Hungria, de exhibidores de ursos e macacos da Bukovina, etc.

* * *

Segundo A. Coelho, os ciganos de Portugal não se distinguem por nenhuma particularidade importante dos gitanos da Hespanha, abstrahindo das differenças resultantes de influencias locais, que principalmente se fazem sentir nos gitanos andaluzes.

Com relação ao modo de vida, ás occupações, etc., dos ciganos portuguezes, julgamos util transcrever aqui, embora sem obediencia á ordem em que elles se acham, alguns trechos colhidos na Parte III da já referida obra daquelle autor.

“**Domicilio. Estancias. Viajens.** Muitos ciganos abastados ou remediados, acham-se domiciliados em Evora, Portel, Moura, Estremoz, Vidigueira. Villa Viçosa, em diversas terras da Extremadura e até alguns em Lisboa; dahi partem para as feiras e diversas excursões, como os que teem vida errante. Estes, no Alemtejo, estanceiam nos arredores dos montes (casaes) e ao ar livre”.

.....
“Vagueiam de monte em monte (casaes, no Alemtejo), estacionando junto de cada um algumas semanas seguidas”.

.....
“Em Lisboa residem algumas familias ciganas, no bairro oriental, ha muitos annos; outras vieram fixar aqui, recentemente, de diversos pontos da Extremadura”.

“**Occupações, industrias.** Essas occupações e industrias reduzem-se quasi exclusivamente para os homens á venda, troca e preparação para a venda e troca de gado muar, cavallar e asinino, á venda de fazendas (principalmente na Extremadura), contrabando, á tosquia de gado, e ao roubo. Não são creadores de gado, mas passam por bons conhecedores. São em geral bons cavalleiros. Alguns teem sido toureiros.

Algumas ciganas (e mais raramente ciganos) residentes em Lisboa são negociantes ambulantes de pannos.

.....

“Não consta que os ciganos se occupem nas industrias dos metaes”.

Relativamente a esse facto, ha o seguinte, na pag. 175:

“Nenhum documento legislativo attribue aos ciganos de Portugal industrias de metaes, ou outra qualquer licita, excepto a de contratadores e tratadores de cavalgaduras.

Se os bandos que se estabeleceram em nosso país conheciam a industria de caldeireiros, cedo a perderam. Miguel Leitão de Andrada exprime a respeito d’elles o desejo: “que não fossem ferreiros, que só vsão a fim de fazer gazuas de roubar”.

“Occupações das ciganas. Nenhumas ciganas em Portugal teem por profissão o canto e a dansa. Além dos cuidados familiares, vemo-las commerciareem em fazendas, como os homens, lerem a buena dicha, serem curandeiras (o que parece raro), mendigarem com maior ou menor frequencia, sem viverem exclusivamente da mendicidade, fazerem bruxarias e sobretudo roubarem e burlarem os estranhos por diversos meios.

.....

“As ciganas tambem deitam cartas, modo de divinação em que teem muitas rivaes portuguesas, algumas das quaes teem feito fortuna”.

Falando dos casamentos, diz o autor:

“E’ rarissimo, mas não sem exemplo, casarem ciganos com mulheres estranhas á raça”.

“Ha tambem casos de ciganas casadas com estranhos á raça”.

“Estatistica. E’ impossivel saber, sequer approximadamente, qual o numero de ciganos que ha em Portugal ou em qualquer das suas provincias.

No Alemtejo ha quem calcule existirem alli 2.000 a 3.000.

O informador de Barbacena, assim como o sr. Gabriel Pereira, acham muito exaggerado esse numero, concordando ambos que naquella provincia não haverá mais ou muito mais de 400 a 500. O segundo informador baseia-se na estimativa a olhô (sem contar) dos que concorrem á feira de S. João em Evora, onde como se disse já, se julga reunirem-se todos os ciganos alemtejanos, ainda com alguns de outras provincias.

Pires diz que á feira de Villa Viçosa de 30 de maio de 1883 concorreram mais de 500 ciganos alemtejanos, homens, mulheres e creanças”.

Eis ahi as principaes informações por nós colligidas sobre os ciganos de Portugal, desde fins do sec. XVI até, 1892, as quaes, como já sabemos, foram tiradas da magistral obra de Adolpho Coelho.

E' possível que depois disso se tenham escripto outros trabalhos sobre o assumpto, dos quaes, entretanto, não temos conhecimento.

Diz-nos ainda A. Coelho, que alguns grupos de ciganos extra-ibericos chegados a Portugal teriam embarcado em Lisboa com destino ao Brasil.

Ao inverso, nas "Adições e Correcções" que ha em sua obra, o A. inclue a seguinte noticia:

"Chegou ha alguns dias a Lisboa, vinda do Brasil, uma quadrilha de tsiganos, gregos ou turcos, que parece serem parte dos pretendidos narcotizadores, e terem sido expulsos d'aquella Republica. Eram treze mulheres, sete homens e vinte creanças. Dois dos homens traziam assás consideraveis quantias em oiro. Acamparam na Pórcalhota, a alguns kilometros de Lisboa, onde, diz-se, não commetteram nenhum roubo.

Parece ser a mesma quadrilha que depois appareceu no Estoril, proximo de Cascaes, com mais uns dez individuos e que, mal recebida alli, se internou na direcção de Cintra."

Essa noticia se refere a uma quadrilha de ciganos ladrões e narcotizadores que em 1892 appareceu em Nictheroy e com a qual, na época, muito se preoccupou a imprensa do Rio de Janeiro.

Detalhadamente falaremos sobre ella quando, na parte seguinte deste estudo, tratarmos dos ciganos no Brasil.

Ignoramos qual tenha sido a situação dos ciganos portuguezes, desde o anno de 1892 até aos nossos dias. Mas que elle por lá ainda existem, prova um telegramma de Lisboa estampado em 10 de janeiro de 1935 no "Diario Popular", de São Paulo, o qual, a titulo de curiosidade, passamos a transcrever:

"LISBOA — Falleceu hoje em Mattosinho, aonde chegára ha pouco dias, com o bando de que era chefe, o cigano José Ramon Mondaya, que contava 110 annos de idade.

Mondaya deixa viuva, igualmente centenaria e numerosa descendencia".

O curioso caso desse casal de macrobios vem attestar a espantosa resistencia physica dos ciganos.

O que ainda mais resalta, quando sabemos que em seu infindo nomadismo a vida entre elles se passa, em geral, sem o menor conforto e ás vezes mesmo dentro da maior pobreza e miseria...

* * *

A palavra **cigano** com que os portuguezes designam os nomades de que tratamos é uma leve alteração de uma das seguintes fórmulas usadas, para o mesmo fim, por diversos povos slavos e pelos romenos: "tsiganin" (bulgaros e servios); e "tsigán", (slovenos e tcheques); "tsygan" (polacos); "tsigán" (romenos).

Realmente, na fôrma portugueza ha apenas uma redução da articulação **ts** em **s**, conforme vimos em alguns dos documentos antigos a que nos referimos atraz e nos quaes apparecem as graphias **siganos** e **siguanos**.

Outras vezes, a sibilante **s** é substituida pelas equivalentes **ç** ou **c** (**ci**); e dahi as graphias **çigano**, **çiguano** e **cigano**, o que, como bem se comprehende, em nada altera a hypothese da referida redução de **ts** em **s**.

Finalmente, prevaleceu a graphia com **c**, isto é, **cigano**, que, como sabemos, é a actualmente usada.

Ao mesmo radical **TSIG**, base das fôrmas slavas e da romena, deve prender-se a fôrma allemã "**zigeuner**".

Com a nasalção de **I** em **IN**, appareceu o novo radical **TSING-TZING**, do qual as fôrmas italianas "**zingano**", "**zingaro**".

Os hespanhoes raramente ainda os designam com as fôrmas coradicaes "**cingalo**" e "**zingaro**", talvez por imitação directa do italiano.

Mas, como já sabemos, desde os primeiros tempos de seu apparecimento na Hespanha foram chamados "**egitanos**" e depois "**gitanos**" (**egypcios**), fôrma esta que desde logo se fixou e é até hoje geralmente usada.

Commentando o curioso caso do apparecimento da palavra **cigano** entre os portuguezes, diz A. Coelho:

"Como a forma portugueza se approxima particularmente das formas da Europa oriental e central, é um problema por que caminho ella cá chegou. O mais natural era que imitassemos ou os hespanhoes ou os italianos.

As denominações de **gitano** e de **egypcio** foram sempre entre nós puramente eruditas".

Entretanto, G. Vianna ("**Apostilas aos Dicionários Portuguezes**", Tômoo I, pag. 308), baseado numa publicação feita por L. de Vasconcellos, na "**Revista Lusitana**", dá a entender que em Portugal, popularmente, tambem já se chamou ao **cigano** **ejípcio** e **ejitanato**.

Emfim, não só na Hespanha como em Portugal os **ciganos** foram mui raramente chamados **gregos**.

Relacionam-se com o caso o seguinte trecho da obra de A. Coelho:

"Diversas noticias mostram-nos que os **tsiganos** e em especial os **gitanos** e **ciganos**, isto é, os **tsiganos** de Hespanha e Portugal, foram considerados originarios da Grecia. E' por essa razão que elles são chamados **gregos** nas Constituições da Catalunha".

Pois bem: assim como os **ciganos** hespanhoes desconhecem a designação, para elles estrangeira, de **gitanos**, os portuguezes tambem desconhecem a de **ciganos**.



Entre si, adoptam um dos nomes nacionaes da raça tambem adoptado pelos gitanos, isto é, calés, que é o plural de “caló” ou “calé”.

E assim como os ultimos têm para designar os individuos estranhos á raça, o nome especial de “busnés” (plural de “busnó” ou “busné”), os ciganos portuguezes têm, para tal fim, os nomes de “jambo” e “paio”, que significam, ambos, — homem estranho que não pertence á tribu.

Notaremos, por fim, que “jambo” corresponde ao gitano “hambé”, gente, multidão; e “paio” corresponde ás fórmulas gitanas “pailló” ou “paiyó”, homem, individuo, sujeito.

Borrow, todavia, regista as fórmulas gitanas “hambo” e “paillo” com as significações de “One who is not a Gypsy” — “El que no es Gitano”.

* * *

Conhecidos os principaes factos historicos relativos aos ciganos, desde sua saída da India até sua entrada em Portugal, damos fecho a esta “Introdução Geral”, cuja prolixidade se fez necessaria para que se possa comprehender e acceitar, como fundamentada, muita coisa que em seguida vamos dizer sobre a vinda desses nomades para o Brasil e consequente diffusão de seus bandos por nosso immenso territorio.

OS CIGANOS DO BRASIL

PARTE I

SUBSIDIOS HISTORICOS

CAPITULO I

TERA' SIDO PORTUGAL O PRIMEIRO PAIZ EUROPEU QUE ENVIOU CIGANOS PARA AS TERRAS AMERICANAS? — RESUMO DA LEGISLAÇÃO PORTUGUEZA RELATIVA AO DEGREDO DÊSSES NOMADES PARA O BRASIL, DURANTE OS SECULOS XVI, XVII E XVIII — DOCUMENTAÇÃO GOVERNAMENTAL COLHIDA NOS ARCHIVOS BRASILEIROS DOS TEMPOS COLONIAES, PROVA QUE NOS SECULOS XVII E XVIII, ELLES AQUI JA' SE HAVIAM MULTIPLICADO, FORMANDO GRANDES BANDOS QUE VAGAVAM POR NOSSAS TERRAS.

Ao que parece, as terras brasileiras foram, na America, as primeiras pisadas pelos ciganos.

E' uma supposição que tentaremos fundamentar nas linhas que se seguem.

* * *

Como já sabemos, os ciganos entraram na França no começo do seculo XV, pois já em 1427 foram vistos em Paris.

Em 1447, alguns de seus bandos se passaram para a Hespanha e, em fins do seculo XV ou começo do seculo XVI, attingiram Portugal.

Em 1420, appareceram na Hollanda e em 1430 ou 1440, alguns grupos, deixando o continente, conseguiram desembarcar na Inglaterra.

Ora, após os grandes descobrimentos maritimos e povoamento da America pelos europeus, iniciado no seculo XVI, os paizes que conseguiram formar colonias nesta parte do mundo foram os' atraz citados.

Só elles, pois, poderiam, nos tempos coloniaes, ter encaminhado para aqui os ciganos que nelles havia, quer fossem descendentes dos da invasão do seculo XV, quer fossem recém-chegados.

De nossa parte, não encontrámos nenhum documento que atteste o desterro de ciganos da Inglaterra ou da Hollanda, para as antigas possessões que esses paizes tiveram ou para as que ainda têm na America.

Quanto á França, apurámos apenas que, em 1802, o governo determinou que fossem deportados para a Guyana Franceza, todos os ciganos que habitavam os Baixos Pyreneus, resolução que, aliás, se não levou a effeito devido á guerra com a Inglaterra.

Relativamente á Hespanha, cujo imperio colonial na America foi immenso, é de admirar que para cá não tivesse mandado os gitanos, atrozmente perseguidos por seus governos durante os seculos XVI, XVII e XVIII.

Realmente, entre numerosos actos ou decretos expedidos contra esses nomades não encontrámos nenhum que se refira ao seu degredo para as colonias hespanholas da America.

Apenas lemos em Pabanó (obr. cit.), que em 1775 foram condemnados ao serviço das obras publicas e ao serviço militar de taes colonias todos os individuos presos como vagabundos, entre os quaes, naturalmente, se incluíam os gitanos.

Algumas referencias feitas, por Borrow, em LOS ZÍNCALI, mostram que, em caso de desterro, o governo hespanhol enviava os ciganos para os presidios que havia em suas possessões da Africa septentrional, isto é, para Ceuta, Melilla, etc.

Mas, na maioria dos casos, os que infringiam as leis expedidas contra elles eram, como já sabemos, condemnados á pena de galês.

Entretanto, tratando-se de Portugal, podemos, baseado nos documentos já conhecidos e colligidos por Adolpho Coelho, garantir que os seus reis, desde o seculo XVI, decretavam o desterro dos ciganos para o Brasil, a sua unica e grande possessão americana.

O acto governamental mais antigo a esse respeito é a resolução de D. Sebastião, em 1574, pela qual a pena de galês imposta ao cigano João de Torres (1) foi commutada em desterro para o Brasil, podendo elle ir acompanhado de sua mulher e de seus filhos.

(1) Segundo A. Coelho, essa provisão de D. Sebastião é o documento mais antigo em que figura um cigano com nome portuguez: "Johão de torres", na graphia da época.

Commentando esse acto, diz A. Coelho (obr. cit. **Appendice II — OS CIGANOS DO BRASIL**):

“Não seria naquelle seculo tal caso o unico do genero; mas é só no fim do seculo seguinte, em 1686 que vemos generalizado o desterro para uma parte do Brasil, o Maranhão, confôrme ao desejo que fôra expresso, mais de meio seculo, antes por Miguel Leitão d’Andrada. Emfim, o Alvará de 1760 nostra-nos que no Brasil persistia o modo particular de vida dos ciganos e que, graças ás condições particulares daquella nossa antiga colonia, elles se atreviam a praticar violencias, reunindo-se em numero e com armas”.

Passando em revista os actos e decretos a que se refere o A. e dos quaes, aliás, já falamos quando tratámos dos ciganos em Portugal, relembramos que de 1686 ha uma provisão e um decreto relativos ao degredo para o Maranhão.

Na primeira, lê-se o seguinte:

“E quanto aos que já são naturaes, filhos e netos de Portuguezes (porém com habito, genero e vida de siganos), os obriga-reis a tomarem domisilio serto, donde não poderão sahir nem mudar sem minha espesial licença, nem possam andar vagabundos em quadrilhas pelo Reyno e em aquelles que encontrarem a Ley sobre elles estabelecida a fareis executar na forma que nella se contem, com declaração que a dita Ley dá para Africa seyão para o Maranhão”.

No segundo ha este trecho:

“Tenho resolutu que com os Ciganos e Ciganas se pratique a Ley, assi nesta Corte, como nas mais terras do Reyno; com declaração que os annos que a mesma Ley lhes impõem para Africa, sejão para o Maranhão”.

Em 1708, houve, como já vimos, uma lei na qual se prohibia que não houvesse no Reino pessoa alguma, de um ou outro sexo, que usasse trajas ou **geringonça** de ciganos, etc.

Os transgressores, dizia a lei, “ainda que outro delicto não tenha, incorrerá na pena de açoutes, e será degredado por dez annos: o qual degredo será para os homens de galés e para as mulheres para o Brasil”.

O conteudo do Alvará de 1760 é muito interessante para provar-se como os ciganos já se haviam multiplicado no Brasil no seculo XVIII. Eis porque resolvemos transcrever aqui, na integra, os seguintes periodos:

“Eu El Rey faço saber aos que este Alvará de Ley virem que sendome presente que os Siganos, que deste Reino tem sido degradados para o Estado do Brazil vivem tanto á disposição de sua vontade que uzando dos seus perjudiciaes costumes com to-tal infracção das minhas Leys, causão intoleravel incomodo aos

moradores, cometendo continuados furtos de cavalos, e Escravos, e fazendo-se formidaveis por andarem sempre encorporados, e carregados de armas de fogo pellas estradas, onde com declarada violencia praticão mais a seo salvo os seus perniciosissimos procedimentos; considerando que assim para socego publico, como para correcção de gente tão inutil e mal educada se faz preciso obriga-los pellos termos mais fortes e eficazes a tomar vida civil: sou servido ordenar que os rapazes de pequena idade filhos dos ditos ciganos se entreguem judicialmente a Mestres, que lhes ensinem os officios e artes mecanicas, aos adultos se lhes assente praça de soldados, e por algum tempo se repartão pellos Prezídios, de sorte que nunca estejam muitos juntos, em hum mesmo Prezidio, ou se fação trabalhar nas obras publicas pagando-lhes o seu justo salario; prohibindo-se a todos poderem commerciar em bestas e Escravos e andarem em ranchos: Que vivão em bairros separados, nem todos juntos, e lhes não seja permittido trazerem armas, não só as que pellas minhas Leis são prohibidas, que de nenhuma maneira se lhes consentirão, nem ainda nas viagens, mas tãobem aquellas, que lhes poderão servir de adorno: E que as mulheres vivão recolhidas e se ocupem naquelles mesmos exercicios de que uzão as do Pais; e Hey por bem que pella mais leve transgressão do que neste Alvará Ordeno, o que for comprehendido nella seja degradado por toda a vida para a ilha de São Thomé, ou do Principe, sem mais ordem e figura de juizo.... etc.”.

.....

Pelo que Mando ao Presidente e Concelheiros do meo Concelho Ultramarino, ao Vice-Rey e Cappitão General de mar e terra do Estado do Brazil, e a todos os Governadores, e Cappitães mores delle, aos Governadores das Rellações do Bahia e Rio de Janeiro, Dezembargadores dellas, e a todos os Ouvidores e mais Ministros, e Officiaes de Justiça do dito Estado executem e façam observar sem duvida este meo Alvará, como nelle se contem. o qual se publicará, e registará na minha Chancellaria mor do Reino, e para que venha á noticia de todos, e se não possa alegar ignorancia será tãobem publicado nas Cappitanias do Estado do Brazil e em cada huma de suas camaras e se registará nas ditas Rellações....., etc.”.

Tal é a preciosa documentação official compilada por A. Coelho sobre o desterro ou degredo dos ciganos para o Brasil no seculos XVI, XVII e XVIII.

Reportando, pois, ao que dissemos no primeiro periodo deste Capitulo, podemos garantir que Portugal muito cedo mandou para o Brasil levar e levar de ciganos.

Ao contrario, a não ser que tenham falhado as nossas pesquisas, os governos da Hespanha, da França, da Hollanda e da Inglaterra, não mandaram, nos tempos coloniaes, para as suas respectivas possessões americanas os ciganos que, em maior ou menor numero, existiam nesses paizes.

Eis porque dissemos e agora repetimos que, ao que parece, as terras do Brasil foram, na America, as primeiras pisadas pelos ciganos.

Aliás, esse facto não passou despercebido a Borrow e Rienzi, conforme deduzimos por algumas breves citações que, a respeito, ha em seus trabalhos.

Borrow, por exemplo, na Introducção a "LOS ZÍNCALI", depois de dizer que não ha parte do mundo habitavel em que não se encontrem os Rommany, (nome geral dos ciganos), accrescenta: "lo mismo clavan sus tiendas en las espesuras del Brasil que en la cordillera del Himalaya, y su idioma se oye em Moscú y en Madrid, en las calles de Londres y de Stambul".

Quanto a Rienzi, tratando, em seu já cit. Diccionario de Geographia (V. "Bohémiens"), da diffusão dos ciganos pelo mundo, diz o seguinte:

"Les Tzengaris ont formé des établissements dans tous les royaumes de l'Europe et dans une grande partie des états de l'Asie. En Afrique, on ne les trouve que dans l'Egypte, dans la Nubie, l'Abyssinie, le Soudan et la Barbarie. Nous ne pensons pas qu'ils se soient jamais fixés en Amérique; cependant il peut y en avoir dans l'Amérique méridionale, car une partie de mes honorables collègues, M. d'Araujo y Porto Alegre, m'a assuré en avoir vu au Brésil, sa patrie, où ils sont connus, comme en Portugal, sous le nom de Ciganos".

Ora, sabendo-se que a edição original da obra de Borrow ("The Zincali of Spain"), foi impressa em 1841 e que, segundo calculamos, o Diccionario de Rienzi data mais ou menos desse tempo, podemos concluir que até ao começo do seculo XIX os ciganologos não admittiam a existencia de ciganos na America, a não ser em nosso paiz.

Expostas estas coisas, vejamos agora o que, sobre o assumpto, ha, não só em trabalhos nacionaes como em alguns documentos governamentaes, existentes nos archivos brasileiros e que, graças á boa vontade de collaboradores patricios, conseguimos colligir.

Comecemos pelas informações que, em "OS CIGANOS NO BRAZIL", nos dá Mello Moraes Filho, confrontando-as com as já dadas por A. Coelho e ampliando-as com as que obtivemos.

* * *

No cap. II de seu trabalho, M. Moraes, depois de fazer um resumo historico da chegada, no sec. XV, dos ciganos á Hespa-

nha e da entrada de suas avançadas em Portugal, trata das diversas leis contra elles promulgadas neste ultimo paiz.

E é, diz o A., "pela legislação que vamos surprender as primeiras turmas que aportaram ás nossas plagas, determinando a prioridade das provincias que as receberam".

Proseguindo, faz referencia ao decreto de 27 de agosto de 1685 (1686 na obra de A. Coelho) que commuta aos ciganos o degredo da Africa para o Maranhão.

Depois, collige os seguintes dados: "Nas provisões de 15 de Abril de 1718, 23 de Agosto de 1724, 29 de Maio de 1726 e de 29 de Julho de 1740, lê-se: "Se os ciganos e outros malfeteiros, degradados do reino para Pernambuco, não adoptarem nesta capitania algum modo de vida e continuarem a commetter crimes, serão novamente degradados para Angola". Em 1718, por decreto de 11 de Abril, "foram degradados os ciganos do reino para a praça da cidade da Bahia, ordenando-se ao governador que ponha cobro e cuidado na prohibição do uso de sua lingua e giria, não permittindo que se ensine a seus filhos, afim de obter-se a sua extincção".

Seja dito de passagem que A. Coelho declara que, em suas investigações, não encontrou esse decreto de que fala Mello Moraes.

Entretanto, em apoio da asserção do escriptor patricio, notaremos que, ha pouco tempo, nos chegou ás mãos a cópia dum documento que consta do "RESUMO CHRONOLOGICO E NOTICIOSO DA PROVINCIA DA BAHIA, DESDE O SEU DESCOBRIMENTO EM 1500", (1) que confirma a existencia, não do Decreto em questão, mas de coisa equivalente, isto é, da Carta Régia de 11 de Abril de 1718.

Para maior clareza, eis, transcripta na integra, a referida cópia: "31 de JULHO DE 1718. Chegaram a esta Cidade, durante o Reinado d'El-Rei D. João V, as primeiras familias de ciganos degradados, vindo acompanhados da Carta Régia de 11 de Abril desse mesmo anno de 1718, expedida pelo Conselho Ultramarino.

O Senado da Camara designou para habitação delles o bairro da Mouraria, Freguezia de Sant'Anna, mas augmentando grandemente a procreação da ciganada, foi-lhe designado tambem o bairro de Santo Antonio d'além do Carmo". (2)

(1) O "Resumo Chronologico" a que acima nos referimos é da autoria de J. A. A. (José Alvares do Amaral), tendo sido revisto e annotado por J. Teixeira Barros, socio effectivo do Instituto Geographico e Historico da Bahia.

(2) Em capitulo separado, falaremos sobre a communidade cigana que posteriormente se formou no bairro de Santo Antonio da Mouraria.

Em anotação, M. Moraes faz também referencia ao Alvará de 1760, sobre cujo conteúdo já falámos desenvolvidamente.

Pois bem: juntemos agora a tudo isso outras documentações officiaes que nos foram fornecidas ou indicadas por diversos informantes que, bondosa e obsequiosamente, nos têm auxiliado nestas modestas compilações e cujos nomes já demos no Prefacio.

Começaremos por transcrever dois documentos que, sobre os ciganos na Bahia, ha no Vol. XXXI (1909) dos ANNAES DA BIBLIOTHECA NACIONAL DO RIO DE JANEIRO.

Ambos são de 1761, tendo sido, portanto, elaborados apenas um anno depois do Alvará de 1760.

O primeiro, que, nos referidos ANNAES, tem o n.º 5.350, é uma "carta do Chanceller José Carvalho de Andrade para o Conde de Oeiras, na qual lhe dá informações sobre os ciganos residentes na Bahia, etc.". Eil-a:

"BAHIA, 1 DE AGOSTO DE 1761. Sómente os ciganos, tendo antes de chegar a frota noticia da ley, que lhe dava regularidade, por navios das Ilhas, e de alguns que da frota se adiantayão, foram insensivelmente desertando, o que lhes foi facil por morar em bairros apartados; e por ser gente, que costumava muitas vezes deixar as cazas para irem fazer trocas e vendas pelos certoens. Ficarão poucos na Cidade; logo mandamos ordens a todos os ouvidores, capitães mores, juizes de fóra e ordinarios, que prendessem todos, os que não fossem dessas terras moradores; e ainda a esses os obrigassem á regularidade da dita ley. Escrevemos logo ao Governador do Rio de Janeiro e ao de Pernambuco, para que os não deixassem viver nos mattos. Alguns que nos vieram falar, e são velhos e cazados os mais del es, nos requerem que lhes deixemos arrendar fazendas e viver da la voira, o que lhe facultamos; com tanto que os filhos adultos os entreguem para soldados e os pequenos para se pôrem aos officios. As filhas será mais diff cil accommodalas, porque na Bahia não se querem servir com brancas e menos com filhas de ciganos, temendo que alguma noite se ajustem com os paes para roubar as cazas e sobretudo quererem só servir-se com malatas e pretas. Mas como agora está este negocio no principio, vamos considerando o mais util e seguro, para que os ciganos se não juntem e dêem o traba ho de os ir procurar. Elles se se juntarem serão alguns mil em toda a Capitania, além dos escravos que possuem, taes como elles, e de alguns indios, que poderão coadunar. Por isso lhe temos proposto aos que nos fálão, que delles se não procuro outra coisa mais, do que viver como portuguezes, vassalos de S. M.; que elles mesmos escolhão mestres e officios para os filhos de menor edade e aos adu tos que os tragão para se lhes assentar praça, donde elles elegerem, que os velhos e cazados e as mulheres se firmem em lojas de venda nesta cidade donde lhe parecer, para o que se lhe darão despachos e guias para as justicas das terras. Com isto alguns tem vindo e entregue os filhos para os officios e outros se lhes destina sitio perto desta Cidade para lavouras, depois de trazerem arrendamentos dos senhorios....."

O segundo documento que, nos ANNAES, vem sob ns. 5.671— 5.673, é também constituido por uma "carta dos Gover-

nadores interinos Gonçalo Xavier de B. e Alvim e José Carvalho de Andrade para o Conde de Oeiras, em que se referem á partida da frota, ao Governador de S. Thomé, Lopo de Sousa Coutinho, informando largamente ácerca dos ciganos, etc.”. Damos, em seguida, a sua transcrição:

“BAHIA, 5 DE OUTUBRO DE 1761. Os ciganos vem vindo bastantes a querer tomar vida regulada, porque por todas as partes os prendião, pelas ordens que para isso se passarão para todas as Capitánias, dirigidas aos Capitães mōres, ouvidores, juizes de fóra e ordinarios. Os casados entregão os filhos solteiros aos officiaes mecanicos se são de idade competente e os adultos alguns assentarão praça, mas muito raros, por não apparecerem ou porque esta gente casa logo nestas terras de mui pouca idade. Os mais vão arrendando terras, occupando se com suas mulheres em lavoiras e em abrir terras de novo; deixando totalmente o illicito commercio e o modo libertino que tinham de vida.....”

Passemos agora da Bahia ás terras de S. Paulo e, por tres noticias officiaes do sec. XVIII, veremos que tambem nellas já havia ciganos desde o começo desse seculo.

Essas noticias, que obtivemos na secção de documentos antigos da Prefeitura de São Paulo, constam das Actas da Camara Municipal de São Paulo e são, respectivamente, dos annos de 1726, 1760 e 1768. (1)

* * *

Numa acta do Senado da Camara, de 5 de outubro de 1726, o procurador do Concelho requereu medidas contra “huns siganos” que appareceram na cidade (de São Paulo), os quaes, dizia, “erão prejudiciais a este povo porque andavão com jogos e com outras mais perturbassoins”.

Tendo sido o referido procurador attendido em seu pedido, os ciganos foram notificados para que dentro de 24 horas “despejassem” a cidade, sob pena de prisão, caso o não fizessem.

E’ para notar que esses ciganos eram reincidentes quanto ao seu apparecimento na cidade, pois o requerente dizia que anteriormente o Governador e Capitão General já os tinha mandado “despejar”, mas que elles voltavam para ella assim que presentiram a saída do dito Governador.

Mais importante é o “Termo de vereança”, de 4 de Outubro de 1760, visto que se refere a um grande bando desses nomades que appareceu na cidade.

Assim, entre outras coisas, os vereadores resolveram o seguinte: “e outrosim determinaram que por ser notorio que nesta cidade se acha um bando grande de ciganos composto de homens,

(1) As Actas da Camara Municipal de S. Paulo estão, como publicação official do Archivo Municipal de S. Paulo, enfilexadas em diversos volumes impressos.

múlheres e filhos sendo publico terem sido expulsos de Minas Geraes por serem perniciosos naquellas povoações e assim se vieram acolher a esta cidade aonde já vão havendo algumas queixas ordenaram e mandaram que o alcaide os notificasse para que no termo de 24 horas despejassem e saíssem desta cidade para fóra e todo o seu termo dentro de tres dias e da cidade vinte e quatro horas, etc., ...

Em addendo, o escrivão que lavrou a acta dizia: “declaro que a pena dos ciganos caso não despejem serem presos”.

Finalmente, numa Acta de 22 de Outubro de 1768, do Senado da Camara de São Paulo, ha o seguinte:

“E na mesma vereança ordenaram os officiaes da Camara, e juiz presidente por requerimento do procurador do concelho, ao alcaide Vicente Vieira dos Santos que no termo de vinte e quatro horas notifique a um cigano que se acha na chacara do Aniceto com sua-mulher; e como esta está cheia do mal de São Lazaro e lavando se no rio que corre para esta cidade, e é prejudicial ao povo e moradores da mesma, para que se absteinha de mais não lavar a dita sua mulher, e de botar abaixo um rancho que no mesmo rio fez para os banhos da dita sua mulher pena de que não o fazendo dentro das vinte e quatro horas se preceder contra elle, como fôr de justiça e por não haver mais que prover na presente vereança houveram por acabada e para constar assignaram. Eu João da Silva Machado escrivão da Camara que o escrevi.

— Bueno — Lacerda — Azeredo. — Vaz”

Ora, como vimos atraz, M. Moraes cita um decreto de 11 de Abril de 1718, pelo qual foram degredados ciganos do Reino para a Bahia.

Depois disso, ajunta, em sua referida obra, que, segundo informações verbaes que lhe foram dadas pelo venerando “calôn” (cigano brasileiro) Pinto Noites, de 89 annos de idade e residente no Rio de Janeiro, foi por aquelle anno (1718) que tambem chegou ao Rio um grande grupo de ciganos, expulso de Portugal, no qual, dizia elle, estavam seus ascendentes.

Em outro periodo, referindo-se a esses ciganos, diz o autor: “Qual o rumo posteriormente tomado pelos deportados, quantos internaram-se nas florestas ou permaneceram nos centros colonizados, é uma questão complexa e de resolução difficilima”.

Pois bem: os ciganos que em 1726 appareceram em São Paulo, perguntamos nós, não pertenceriam aos mesmos que, oito annos antes, isto é, em 1718, chegaram ao Rio de Janeiro?

E’ possivel.

E os componentes do grande bando que, provindo de Minas, tambem appareceu, em 1760, em São Paulo?

Não representariam, por sua vez, uma forte irradiação dos que vagavam pelo "Estado do Brazil", "fazendo-se formidaveis por andarem sempre encorporados, e carregados de armas de fogo, pellas estradas", conforme se diz no Alvará do mesmo anno de 1760?

Tambem é possível.

Ora, confrontando o conteudo desse Alvará com os dizeres da carta que, em 1761, o chanceller José Carvalho de Andrade escreveu da cidade da Bahia ao Conde de Oeiras, por nós já transcripta, podemos calcular que foi na segunda metade do sec. XVIII que começou a grande disseminação dos bandos nomades pelas vastas terras interiores do Brasil.

Realmente, na referida carta, Carvalho Andrade, referindo-se á fuga ou deserção dos ciganos daquella cidade para os sertões, após terem conhecimento de certas medidas regulamentares que iam ser tomadas contra elles, diz que mandou ordens a todos os ouvidores, capitães mores, juizes de fóra e ordinarios para que prendessem todos que não fossem moradores das terras que se achavam sob sua jurisdicção e os obrigassem a viver de accôrdo com as disposições da lei.

Isto tudo até aos fins do sec. XVIII e baseado em documentos governamentaes.

Passemos agora ao sec. XIX e compilemos alguma coisa sobre o assumpto e que conseguimos colher em informações particulares, narrações de viagens, noticias de jornaes, etc.

CAPITULO II

SITUAÇÃO DOS CIGANOS NO BRASIL DURANTE A PRIMEIRA METADE DO SECULO XIX — EM 1808 CHEGA AO RIO DE JANEIRO, NA COMITIVA DA FAMILIA REAL PORTUGUEZA, UM GRUPO DE CIGANOS — NOTICIAS DADAS POR VIAJANTES EXTRANGEIROS SOBRE A ABASTANÇA EM QUE, POR ESSE TEMPO, VIVIAM OS CIGANOS DO RIO — CIGANOS TRAFICANTES E REVENDEDORES DE ESCRAVOS — NOTICIA DE HENRI KOSTER SOBRE OS BANDOS NOMADES QUE VAGAVAM PELAS REGIÕES DO NORTE DO PAIZ — CIGANOS RECOLHIDOS A' CADEIA DO ALJUBE — REFERENCIAS FEITAS POR SAINT HILAIRE A UM GRUPO DE CIGANOS QUE, EM 1819, RESIDIA NAS PROXIMIDADES DE MOGYGUASSU' (S. PAULO) — INTERESSANTES APONTAMENTOS RELATIVOS A' COMUNIDADE CIGANA DO RIO ATE' FINS DE 1850.

Valendo-nos ainda de informações dadas, em "OS CIGANOS NO BRAZIL", por M. Moraes, vemos que nos albores do sec. XIX tambem chegou á cidade do Rio de Janeiro um outro grupo de ciganos.

Mas, desta vez não se trata de desterrados como os da leva de 1718 de que falámos no Capitulo antecedente; ao contrario, trata-se de gente que vinha "numa comitiva real".

Transcrevamos, pois, alguma coisa que, em sua obra, diz o escriptor patricio, não só sobre esse facto como sobre a situação "relativamente importante" que os ciganos conseguiram atingir naquella cidade, nos annos que se seguiram ao seu desembarque.

Começa elle pelo seguinte periodo:

"A' ebullição dos elementos disparatados de nossa formação, mais portuguezes e bohemios vieram juntar-se em 1808, em desproveito do negro cujo manancial ia em breve estancar-se com a abolição do trafico". O estado do Brazil nessa época era todo especial; a familia real portugueza traslada-se para a colonia, alterando a physionomia do passado".

Depois disso, o A. historia em breves palavras os principaes episodios das violencias soffridas pela população do Rio de Janeiro e que se succederam á installação na cidade das numerosas pessoas de todas as classes que vieram na comitiva real, da qual, diz, certamente faziam parte os bohemios (ou ciganos) de que se falou no trecho atraz transcripto.

Dez annos depois, isto é, em 1818, por occasião do consorcio de D. Pedro I, com a princeza D. Leopoldina elles teriam tomado parte importante, nas festas que celebravam o acontecimento, já com suas danças originaes e cantigas em sua linguagem especial, já com phantasias a cavallo.

A esse respeito, diz M. Moraes:

"O sr. Pinto Noites, que ainda conserva a lembrança das festas que tiveram logar por occasião dos desposorios do Sr. D. Pedro I com a princeza D. Leopoldina, archiduqueza da Austria, descreveu-nos com clareza e que vira, chamando especialmente o nosso interesse para o "curro no Campo", (1) por isso que aos do seu nucleo couberam as glorias mais vivas. Começaram os festejos a 12 de Outubro de 1818 e terminaram a 15".

"Em frente do palanque real, o rico e humanitario cigano Joaquim Antonio Rabello mandára arranjar, com a maior galhardia imaginavel, um tablado de preciosa madeira, etc.....". "Joaquim Antonio Rabello, a quem a historia nacional talvez um dia considere como uma força nas agitações politicas da Independencia, assim o determinára para o dançado dos ciganos, a quem ensaiára com enthusiasmo artistico e vestira á sua custa. A's quatro horas da tarde rebentam bombas, as girandolas sibillam e um soar de guizos, chocalhando nas cabeçadas e peitoraes de fogosos ginetes, annuncia a cavallhada. Vinte cavalleiros, com seus pagens, convergam exquisitos costumes, symbolisando christãos e mouros".

Flores, triumphos, palmas repetidas... Nisso, um outro grupo salta na lica: — os **Ciganos**. Guiando soberbos cavallos brancos arrelados com igualdade e riqueza, balançando pennachos implantados em discos de forma lunar, luidos criados transpõem, as barreiras. Os balladores trazem as bailladeiras á garupa: morenas, seductores como as prophetizas gentias".

(1) Referia-se o velho cigano ao Campo de Sant'Anna, onde o curro fôra assistido por D. João VI e a sua Córte.

Depois, diz o A., a embaixada cigana dirigiu-se ao palanque real e em seguida ás cortezas da praxe, deu, ao som das guitarras, inicio ao dansado, constituido pelo fandango hespanhol.

Os dansarinos são applaudidos e “D. João VI, participando do agrado geral, fal-os vir á sua presença. Uma banda de musica precede-os na maior ordem. Subindo ao pavilhão, dous camaristas trazem, estendidos n’um coxim de purpura, os premios que lhes eram destinados: patentes militares aos homens e joias ás mulheres”. (1)

.....
“Restabelecido o silencio, voltaram jubilosos aos seus palanques. Pre-ludiam na guitarra uns accórdes casados a vozes de uma cantilena em sua linguagem. — A tradição olvidou a toada e as letras...” (2)

Pois bem: por noticias dadas por tres viajantes estrangeiros que passaram pelo Rio, vamos ver que, por esses tempos, a comunidade cigana dessa cidade não só era, como vimos, tolerada pela côrte, como era abastada, devido, principalmente, aos lucros que tirava do commercio de escravos.

A primeira é de R. Louis Freycinet e consta de seu livro “VOYAGE AUTOUR DU MONDE” (pags. 197-198, annos de 1817 a 1820). Eil-a:

“No numero dos elementos de que se compõe a população do Rio de Janeiro, nenhum sem duvida alguma é mais digno de espicaçar curiosidade do que a presença dos individuos desta nação cosmopolita, em França impropriamente designada por *Egyptiens* e *Bohémiens* e aqui conhecida, como em Portugal, pelo nome de ciganos.

Dignos descendentes dos Parias da India, donde não parece contestado de que se originam, como se esforça o sr. Grellmann por provar com suas curiosas pesquisas, os ciganos do Rio de Janeiro ostentam como elles o

(1) Com relação ás patentes militares concedidas aos ciganos, ha a seguinte annotação: “A Joaquim Antonio Rabello, sargento mór do 3.º regimento de milicias da côrte, foi concedida a mercê de melhoramento de reforma no posto de tenente-coronel; e nomeados alferes aggregados das Ordenanças da Côrte, José Cardoso Rabello, Manoel Laço, Antonio Vaz Salgado, Fernando José da Costa, José Luiz da Motta, Balthazar Antonio Polycarpo e João do Nascimento Natal.

(2) Conforme já vimos, quando tratámos dos gitanos da Hespanha, em 1560 elles tambem tomaram parte nos festejos que, em Toledo, celebraram o consorcio de Felipe II com Isabel de França.

E em 1530, na Escocsia, os *egyptians* dansaram no palacio real de Holyrood.

Deduzimos, pois, que em diversas épocas os ciganos, por suas originalidades, mereceram, a attenção e consideração até de monarchas.

Haverá, talvez, outros casos identicos.

habito de todos os vícios e propendem para todos os crimes. Possuidores de grandes riquezas, em sua maioria ostentam consideravel luxo em roupas e cavallos, sobretudo por occasião de suas bodas que são muito sumptuosas, comprazendo commumente na devassidão crapulosa. Ha ociosidade absoluta. Falsos e mentirosos, furtam quanto podem ao commercio e tambem são subtile contrabandistas. Aqui, como por toda parte onde se encontra esta abominavel raça, suas alianças só se fazem entre elles. Têm sotaque e até mesmo uma gíria propria. Por uma exquêtice absolutamente inconcebivel, o governo tolera esta peste publica; duas ruas privativas até lhes são destinadas na vizinhança do Campo de Sant'Anna, — a rua e a travessa dos Ciganos.

Grellmann, em seu "DIE ZIGEUNER", calculou dentro de limites razoaveis que em 1783 os ciganos europeus não podiam ser menos de 700 a 800.000 individuos. Este enxame de vagabundos começou a se infiltrar na Europa em 1417, isto é, pouco após a famosa e sanguinolenta guerra de Tamerlão na India. Dez annos mais tarde appareceram em França, onde aliás são menos numerosos que alhures, a não ser na Alsacia e sobretudo na Lorena. Sua lingua offerece frísantes similitudes e multiplas com os idiomas hindustanicos".

A segunda noticia, embora laconica, confirma em parte o que disse Freycinet relativamente á riqueza dos ciganos do Rio, pois della deduzimos que elles possuiam escravos, cuja venda faziam abertamente.

Foi dada por Victor Athanasie Gendrin, que residiu nessa cidade, de 1816 a 1821.

Em seu "RECIT DE VOYAGE", diz elle que as ruas da capital brasileira eram percorridas por velhas ciganas vendedoras ambulantes de escravos africanos e depois accrescenta: "Elles percourent les rues de la ville ayant quarante à cinquante nègres, nègresses et enfants de l'âge de huit à quinze ans pour les vendre".

A terceira, enfim, dada em 1818 pelo viajante francez Gabert, companheiro de Freycinet, é a seguinte:

"E' de Cabinda, Angola, Benguela e Moçambique que os brasileiros tiram maior numero de escravos.

Ricos traficantes entregam-se a esse genero de especulação, vendendo carregações inteiras de negros a ciganos revendedores que negociam os captivos com os particulares.

Nada mais hediondo do que o aspecto dos seus armazens, onde se amontoam os escravos, e o regimen mais que deshumano a que os ciganos os submettem.

Vi essas pobres creaturas e senti a alma dilacerada. Vi a comida que lhes era dada! O mais vil dos animais a desdenharla, por ser detestavel e no entretanto os miseros eram obrigados a disputar uns aos outros as migalhas dessa alimentação horriovel!

Ambos os sexos em promiscuidade, estavam completamente nus, e conservando um trapo em torno dos quadris. O' pudor! Nestes antros de abominação ainda temos que enrubecer.

Geralmente sentados no chão, estes desgraçados esperam impacientes e procuram até por todos os meios que algum novo senhor os compre, persuadidos de que só podem ganhar mudando de situação, o que os obriga a mais barbara cupidéz e que ninguem pode contemplar sem verdadeiro horror!"

Deixemos por agora os ciganos do Rio de Janeiro e passemos ás regiões do norte para mostrar, de accôrdo com a ordem chronologica que estamos seguindo, que em 1809, isto é, um anno depois do desembarque naquella cidade do bando que veio com a comitiva real, o viajante inglez Henri Koster iniciou uma viagem pelo norte do Brasil, durante a qual colheu apontamentos para uma obra que publicou mais tarde e na qual ha curiosas noticias sobre os ciganos que então percorriam os sertões de Pernambuco.

Essas informações, que encontramos no Appendice II da obra de A. Coelho, são as seguintes:

"No Brasil, como em Portugal, como nos outros paizes europeus ou da civilisação de origem europea, as medidas legislativas não conseguiram fazer desaparecer os ciganos nem sequer os seus costumes inveterados.

Um viajante inglez que percorreu uma parte do Brasil, no começo deste seculo (1), deu-nos a seguinte noticia que nos mostra bem a persistencia daquella gente (2): "Resta-me ainda fallar de uma raça de homens; mas os individuos que a compõem não são em numero bastante grande para que a classifiquemos entre as grandes divisões da especie humana que formam a população do Brasil; esses homens excitam além disso menos interesse que os outros: *todavia não se pode passar em silencio os ciganos*, (porque é assim que os chamam). Ouvi muitas vezes fallar delles, mas nunca tive occasião de ver um só. Bandos de *ciganos* tinham por costume mostrar-se noutros tempos, uma vez por anno, na aldeia de Pasmado e noutros sitios da provincia (de Pernambuco); mas o governador era inimigo delles, e como fossem feitas tentativas para prender alguns, as visitas acabaram. Pintam-nos como homens bem feitos, de côr acastanhada com feições semelhantes ás dos brancos. Vagueiam em bando, homens, mulheres, creanças; trocando, comprando, vendendo cavallos e joias de ouro e prata. As mulheres jornadeiam assentadas entre os cestos, em cavados albardados; mettem os filhos nos cestos misturados com a bagagem. Os homens são excellentes cavalleiros; quando os seus cavallos de carga

(1) A. Coelho falava, como sabemos, no sec. XIX, pois a obra "**OS CIGANOS DE PORTUGAL**," foi impressa em 1892.

(2) A obra de Henri Koster, tem por título "**Voyages dans la partie septentrionale du Brésil depuis 1800 jusqu'en 1815**" e foi traduzida do inglez por M. A. Jay. Paris, 1818.

Diz A. Coelho que "da curta noticia de Koster é extrahida a que com o título **Zingaris au Brésil** se lê em *Nouvelles annales des voyages*, t. IV (Paris, 1820), p. 474

estão ajouçados sob o peso, contentam-se com abrandar o passo das cavalgadas, sem pensar em se apearem e repartirem as cargas por todos os animaes.

Diz-se que não observam nenhuma pratica religiosa, que não vão á missa nem ao confesso; accrescenta-se que se casam só com pessoas de sua raça”.

Isto em Pernambuco e entre 1809 e 1815, periodo de duração da viagem Henri Koster.

Retornemos agora ao sul para mostrar a existencia, em 1819, dum grupo consideravel de ciganos sedentarios residente em terras paulistas, isto é, em Mogy Guassú.

Delle dá-nos noticia o grande scientista Augusto de Saint Hilaire em sua “VIAGEM NAS PROVINCIAS DE S. PAULO E SANTA CATHARINA” (1.º tomo, pags. 191 a 194).

Em outubro daquelle anno (1819) vinha elle de Casa Branca para Mogy Mirim quando, pousando no lugar chamado Urussanga (certamente, Orissanga, hoje estação da Companhia Mogyana), alli encontrou um bando numeroso de ciganos acêrca do qual assim se exprime:

“Havia em Urussanga, enquanto lá estive, um bando numeroso de ciganos. Estes homens moravam na aldeia vizinha de Mogy Guassú e circulavam pelas vizinhanças para fazerem, de accôrdo com o feitiço de sua gente, berganhas de mulas e de cavalos. Havião construido em Urussanga um casebre e quando não precisavam de seus animaes os deixavam sós em liberdade nos pastos vizinhos que são esplendidos; pareciam extremamente unidos e tiveram para commigo grandes gentilezas.

Não lhes ouvi falar lingua diversa do portuguez. Estavam vestidos como os brasileiros, mas traziam cabellos e barbas compridas.

Perguntei-lhes porque deixavam crescer a barba, contrariando o costume geral do paiz, mas a tal respeito só delles obtive respostas evasivas.

Estavam todos assás bem vestidos, possuíam escravos, cavallos e car guelos, bastante numerosos.

Na época de minha viagem eram os ciganos, sobretudo, que, no Rio de Janeiro, serviam os revendedores de escravos africanos e entre elles havia homens muito ricos. A seu respeito diz o Barão de Eschwege, no “*Brasilien die Neuwelt*” (II, 55):

“Os ciganos foram convidados para as festas dadas na capital brasileira por occasião do casamento da filha mais velha de D. João VI com o Infante hespanhol. Os moços desta nação, trazendo á garupa suas noivas, entraram no circo montando bellos cavallos ricamente ajaezados. Cada par pulou no chão, com incrível agillidade, e, todos juntos, executaram os mais lindos baillados que eu jamais vi. Todos só tinham olhos para as jovens ciganas e os outros baillados que tambem executaram pareceram ter tido por unico fim fazer sobresaír os dos ciganos como os mais agradaveis”.

Os ciganos de Urussanga passaram o dia todo tentando fazer berganha com os tropeiros das duas tropas que commigo compartilhavam o rancho. Em tom de caçoada falei a um delles da pouca probidade de que sua nação é accusada.

— Logro tanto quanto posso, respondeu-me seriamente, mas todos aquelles que negociam commigo fazem a mesma cousa. A unica differença que entre nós existe é que esta gente solta grandes berros quando se vê lograda e eu quando me ludibriam nada digo a quem quer que seja.

O mais velho do bando, soberbo velho, veio á noite consultar-me. — O sr. é medico, não? — De todo não o sou. — O sr. não me quer confessar, mas si não fosse medico não estaria apanhando assim toda especie de hervas.

Escusei-me do melhor modo; foi tudo inutil, precisei resignar-me a aceitar o titulo de doutor.

— Está bem; vamos a ver, qual é a sua doença? perguntel-lhe.

— Outrôra, respondeu-me, era um gozo ver-me galopar por estes campos; o sr. não poderia deixar de me admirar. Hoje nada posso fazer: faltam-me as forças. Esta consulta era exactamente a que Irene fez ao oraculo segundo os caracteres de La Bruyère.

— Respondi como elle: E' que o sr. está envelhecendo!

Não tive contudo a crueldade de acrescentar como o oraculo: E' preciso morrer!

Minha receita foi muito menos severa:

— "O sr. já trabalhou muito. Pois deixe que os seus filhos trabalhem a seu turno. Não lhe digo que fique em repouso absoluto; continue a montar a cavallo quanto fôr bastante para se distrahir e pare quando perceber que o cansaço vai começar. Não tome remedios e sim boa alimentação. E de tempos a tempos beba um pouco de vinho. A receita agradou ao doente. Alguns momentos mais tarde mandou-me um prato de carne, presente tanto mais agradável quanto já havia um mez que eu só comia arroz e feijão preto".

Subamos agora um pouco para o norte e veremos que, por uma noticia de acção policial contra esses nomeades, que nos dá M. Moraes em seu escripto intitulado "**A CADEIA DO ALJUBE**", — **Recordações Historicas** — (Do "Archivo do Districto Federal), em 1823, isto é, ha mais de um seculo, os ciganos já se haviam internado tambem pelo territorio do hoje Estado do Rio de Janeiro.

Assim, o autor, após descrever os horrores que se passavam na referida Cadeia, entre os annos de 1817 a 1825, descreve as levás mais importantes de presos que nella entraram, inclusive as de muitos martyres implicados na heroica revolução de Pernambuco de 1817.

E depois diz: "Ao numero elevadissimo de presos que regorgitavam nos carceres juntavam-se os ciganos, que, no livro das matriculas, estavam especificados. Em 16 de janeiro de 1823, por exemplo, á ordem do corregedor do crime, foram recolhidos ao Aljube 43 ciganos chegados de Campos, dos quaes 10 foram cumprir sentença no arsenal de marinha, e os outros soltos por alvará de 10 de maio seguinte".

A esses ciganos que foram soltos, certamente teria sido facil unirem-se aos que já moravam sedentariamente no Rio de Ja-

neiro e que, conforme ainda nos informa M. Moraes, iam, desde o começo do sec. XIX, formando verdadeiros núcleos em diversos bairros da cidade.

Vejamos o que, no Cap. III da PARTE I d'“OS CIGANOS NO BRAZIL”, diz elle a esse respeito:

“Em 1830, os bairros preferidos pelos **calons** para sua habitação foram o Valongo e a grande área da Cadeia Nova. (1) O commercio de escravos, obrigando-os a fixarem-se naquelle, em consequencia do trafico, a exploração das minas e o negocio de animaes reclamando a sua presença neste, segue-se que havia na escolha uma razão natural. Depois de 1808 a rua dos Ciganos e o campo de Sant'Anna foram-se despovoando desses seus primitivos moradores, que, chamados a outras funcções, distrahidos com o provento do ouro e **o barganha** de cavallos, procuravam as localidades mais proximas das estradas do interior e toda a Prainha e Saude, opulentos emporios dos carregamentos da costa da Africa”.

Ainda consoante ás informações do A., de 1840 a 1850 os calôns já estavam francamente englobados á população nacional do Rio de Janeiro; pois moravam em casas até certo ponto confortaveis e bem mobiliadas, o que prova que levavam vida folgada e prospera.

Eis alguns trechos em que se descrevem taes casas:

“Moravam em casas terreas, gostavam que tivessem tres portas, que conservavam abertas durante o dia e parte da noite. O aspecto daquellas vivendas, que a imaginação popular architectava de superstições, do maravilhoso que incutia o terror, de chimeras diabolicas, afugentava as consciencias credulas e timoratas”.

.....
“A sala da frente de uma casa de ciganos em 1840 era ampla, perfumada de um asselo hollandez. A' direita havia uma cama de jacarandá com escada envernizada, ornamentada de maçanetas douradas, etc...”
.....

“O rigor desta disposição foi mantido até 1850 pelos ciganos do becco do Bem-bom, convertido na estalagem que ora enfrenta com a rua Marquez de Pombal. Era ahí o rendez-vous da elite dinheirosa, o sitio classico de seus folguedos, de seus **brodilos** ruidosos”.

Outras noticias relativas á communitade cigana do Rio de Janeiro até fins da primeira metade do sec. XIX são-nos dadas tambem por M. Moraes, mas desta vez em seu trabalho “FACTOS E MEMORIAS” (H. Garnier, 1904).

(1) Por engano, na obra de M. Moraes safu Cadeia Velha em vez de Cadeia Nova. Mas nas “Notas e Adições”, elle proprio rectifica esse engano, dizendo: “Queríamos dizer — Cadeia Nova e não Cadeia Velha. Foi um lapso de penna”.

Vêm ellas na IV Parte de tal trabalho, sob o título “Memo-
rias do largo do Rocio”, na qual o A. faz referencias ao “Campo
dos Ciganos” e aos seus moradores.

Assim, no Cap. I ha diversos trechos aproveitaveis ao nosso
estudo e que porisso passamos a transcrever:

“Nos fins do sec. XVII existia a celebre Casa dos Passaros, no Governo
de Luiz de Vasconcellos, mais tarde transformada no Real Erario, subse-
quentemente — *Thesouro Nacional*.

Para o lado de terra, prolongando-se até o campo de Sant’Anna, um
trecho foi denominado **Campo dos Ciganos**, em consequencia de levas de
ciganos enxotados de Portugal e da Bahia, que alli acamparam, armando
barracas e vivendo livremente”.

“Com a vinda da familia real para o Brasil, a edificação e o embele-
zamento do Rocio tornaram-se progressivos, a começar pela construcção
do Rea. Theatro de S. João, em 1813, que dominava em grandeza os raras
edificios alli existentes. No centro, entretanto, da desgraciosa praça, já se
elevava de ha muito a repellente **picota**, pelourinho mandado ahí levantar
pelo ultimo governador.

Nesse pelourinho ■ nos demais que contava por essa occasião a cidade,
eram publicamente açoitados os escravos, servindo o dinheiro das surras
para as obras do passeio publico.

Assim descriminado o Rocio, passeiando o olhar no passado, tenue
cortina nos destaca em sombrio fundo as primeiras edificações d’aquella
praça, ainda crepusculada dos tons coloniaes. Devido a seus iniciaes habi-
tadores — os ciganos, é de boa razão aventar que fossem elles que, antes
de quaesquer outros, tivessem alli construido as primitivas casas do lado
do mar.

De evidencia presentemente impossivel, não deixa por isso de ser au-
thentico que o Real Theatro de S. João, quando construido, já encontrára
na localidade alguns predios, d’entre os quaes o aproveitado para um thea-
trinho de associação particular, posteriormente **Theatro Placido**, situado
entre a rua do Piolho e a do Carmo”.

Do Cap. II, que é iniciado com os sub-titulos — “O quadri-
latero do Rocio — Predios Historicos — Casinhas de ciganos —
Dentro e fóra das habitações — Bailados de ciganos”, convem
transcrever o seguinte:

“Perfilado em rompentes construcções o quadrilatero do Rocio, no-
tando-se confortaveis e solidos edificios, a cada banda da praça, entre-
mejavam-os, não obstante, seguidas casinha, de porta e janella, em geral
habitadas por ciganos”.

“Trechos de casinhas de rotula, formando intercalados blocos de tré-
vas, rasgavam no ar nocturnos brancos e afoguelados paineis, talhados em
adelgaçado morim, que rolava em cortinas por traz das vidraças, reverbe-
rando accessas luzernas. Cá fóra vultos de homens e mulheres sentados ao

relento, estendidos em esteiras: e lá dentro, ao sereno dos quintaes, nas salas repletas, sons de viola cantigas monotonas, dansas ao pandeiro, ao estalo das castanholas. — eram os ciganos que carpiam nostalgias de além-mar, eram bailadeiras morenas que quebravam lascivas no fandango, eram esses pariás despertos no exílio, que disfarçavam os rigores da sorte e da vida”.

Dando fecho ao que conseguimos compilar relativamente aos ciganos brasileiros até o anno de 1850, passaremos, no capitulo seguinte, a reunir algumas informações que sobre elles obtivemos desde esse anno até fins do sec. XIX.

CAPITULO III

OS CIGANOS DO BRASIL NA SEGUNDA METADE DO SECULO XIX — CIGANOS MEIRINHOS NO FÔRO DO RIO DE JANEIRO — A COMMUNIDADE CIGANA DES-SA CIDADE DESCRIPTA EM 1886 POR MELLO MORAES — EM 1885 UM GRANDE BANDO ACAMPA EM CAÇAPAVA (E. DE S. PAULO) — BANDOS ERRANTES PELOS SERTÕES DO NORTE — UM NUCLEO DE CIGANOS SEDENTARIOS QUE OUTRORA EXISTIU NA CIDADE DA BAHIA.

Concluimos o Capitulo anterior com descripções relativas aos ciganos sedentarios do Rio de Janeiro até 1850.

E aqui continuaremos taes descripções, que, aliás, levaremos até fins do sec. XIX.

E a ellas juntaremos depois diversas noticias sobre os bandos ou quadrilhas que, no mesmo periodo, erravam por nossos sertões.

* * *

Muito antes do meado do sec. XIX os descendentes dos ciganos que, nos tempos coloniaes, vieram para o Rio de Janeiro já deveriam estar francamente englobados á nacionalidade, sendo, portanto, considerados tão bons brasileiros como os descendentes de portuguezes, de índios e de negros africanos ou como os mestiços que resultavam do cruzamento desses tres elementos ethnicos.

Para proval-o basta um só facto, cujo conhecimento devemos tambem a M. Moraes: é o caso de ter uma parte dos “calôns” conseguido insinuar-se no fôro daquela cidade, como officiaes de justiça e, portanto, como funcionarios publicos.

Eis o que, a respeito, elle nos conta em “FACTOS E MEMORIAS”, no Cap. II da Parte IV, intitulado “Memorias do Largo do Rocio”:

“A datar de 1850 o largo se transformara. O seu crescente embellezamento, o escolhido de seus habitantes, o circulo litterario da officina-editora de Paulo Brito, as boas **prosas da loja do canto**, o Club Fluminense, os ajustes para o voltarete nos salões do Bregare, do Caruette, dos drs. Queiroz e Cordeiro, concorriam a augmentar-lhe a justa nomeada e incontestavel realce. Destacando-se com singular originalidade, engastado naquella praça como um bazar do Oriente, o saguão do theatro S. Pedro, a qualquer hora do dia, povoava-se de um pessoal na realidade bizarro. Homens de côr trigueira ou embranquiçada, de barba á ingleza, barrigudos ou completamente desbarrigados, trajando casaca azul ou côr de rapé com botões de latão, chapéo branco de castor, collete espantado e calça de ganga amarella, alli perambulavam, trocando palavras da gyria (**chibe**), sahindo e entrando, de conformidade com as urgencias do momento. Em grupo de tres ou quatro, empunhando bengalões de canna da India, com os dedos enfiados em aneis, de grossos grilhões de ouro a tombar-lhes do pescoco prendendo o relógio, de argolinha á orelha alguns, e de pulseira de ouro com figas e veronicas, outros, eram elles os velhos ciganos da Cidade Nova, que se exhibiam, os provectos officiaes de justiça, que se installavam em galeria de baixo do terraço, á espera de citações e mandados de penhora. A saborosa pitada de **amostrinha**, servida em calxa de ouro, alegrava-os expectaculosos, não tardando que algum da tribu, visivelmente, e um tanto ebrio, annunciasse o pittoresco do conjuncto, roçando um passante a quem fazia parar.

— Uma palavrinha, por favor, dizia assucadamente o cigano.

— Que me quer? Interrogava o desconhecido.

— Que me empreste 2\$000, e minha madrinha, que é Nossa Senhora, lhe pagará.

E uma phrase de aborrecimento ou quaesquer vintens, cedidos ao importuno, resolviam o incidente.”

Em 1886, data da impressão d’“OS CIGANOS NO BRAZIL”, os “calôns” continuavam a ser meirinhos no Rio, tanto que na pag. 67 desse trabalho, vemos o seguinte:

“Na familia ou na sociedade, essa nação é de uma originalidade palpitante, mas esquiva, por isso que a escondem no seu isolamento.

Os homens empregam-se geralmente no fôro e, fazendo-lhes justiça, são honestos.

Nenhum delles até o presente foi levado á barra dos tribunaes por ladrão.

Durante os vinte ultimos annos de sessão do jury, apenas foram pronunciados dous e cumpriram pena — por ferimentos leves!”

A tudo isso, poderemos juntar agora novas e preciosas informações enviadas do Rio pelo nosso erudito patricio dr. Raul Pederneiras, de quem as solicitámos e a quem pedimos venia para transcrevê-las aqui.

Eil-as, em parte:

“Tivemos aqui um quarteirão habitado por ciganos, quando eu era estudante do Pedro II. A rua principal era a da Constituição (que o povo denominava “Rua dos Ciganos”). Mais tar-

de, quando estudante de Direito, encontrei, nessa mesma rua, muitos ciganos em actividade. Era notavel o numero delles na funcção de "officiaes de justiça", ou meirinhos e, nessa mesma rua, estavam situados os principaes juizados e cartorios forenses".

.....

"Annos depois, alguns elementos typicos, ainda meirinhos (a profissão passava de paes a filhos), ainda resistiam esparsos pelos cartorios e juizados, sendo notavel o caracteristico racial da tez morena bronzeadá e dos olhos garços".

Essas informações, sem duvida emanadas de fonte fidedigna, dão a entender que até aos nossos dias ainda ha remanescentes dos "calôns" trabalhando no fóro do Rio de Janeiro.

E' possivel, pois, que haja outros que possam dizer mais alguma coisa sobre o assumpto.

* * *

Depois das noticias que, em "FACTOS E MEMORIAS", nos dá M. Moraes sobre os ciganos meirinhos que, em 1850, estacionavam no largo do Rocío, de nossa parte nada mais soube-mos sobre o desenvolvimento do nucleo de ciganos sedentarios do Rio, a não ser o que, nos annos de 1885 e 1886, diz esse proprio autor, respectivamente, em seus trabalhos "CANCIONEIRO DOS CIGANOS" e "OS CIGANOS NO BRAZIL".

Mas, como pouco nos adeantam as informações que sobre o assumpto ha no primeiro, vamos transcrever apenas alguma cousa de aproveitavel que ha no segundo.

Assim, p. ex., no Cap. IV (pag. 66) da Parte I, M. Moraes, que falava em 1886, diz, entre outras cousas, as seguintes:

"Entre homens, mulheres e crianças, vivendo retirados, conservando mais ou menos seus usos, costumes singulares, a decadente colonia da Cidade Nova não pôde ser inferior a quinhentos habitantes".

.....

"Os seus modos, as suas expansões, a sua gyria, são exquisitos".

.....

"Sem distincção, reconhecem-se mutuamente parentes: a idade é que determina, pelo gráo de respeito que lhe é inherente, o tratamento. O que é mais moço de dous annos, chama a outro de tio e assim por diante, motivando tal estylo naturaes confusões".

Do Cap. VII, tirámos os seguintes trechos:

"Os desclassificados habitadores da Cidade Nova são na totalidade supersticioso e desconfiados: fógem dos outros homens, mas não lhes votam rancor, sentimentos hostis".

.....

"As mulheres calinas, no infortunio, são sublimes: a sua Fé olha para o

infinito e não impallidece; e a sua Esperança, resguardando a ancora, não recela o abysmo.

Ligando-se em matrimonio **com corpo estranho** são infelizes, vivem descontentes, uma ou outra se prostitue, verificando-se que sempre com pessoas de sua casta".

.....
"Demographicamente falando, não é menos assignalada essa raça que tem vivido entre nós desde os primeiros periodos de nossa existencia colonial, não despertando a actividade de um sabio, que sob qualquer ponto de vista a contemplasse nas suas investigações. Dos poucos que restam, esvaíhados pelas ruas D. Feliciano, Alcantara, Senado, Conde d'Eu, Princeza dos Cajueiros, Aterrado, etc., o que se observa como demographista, o que se obtém como subsidio á ethnographia brasileira?

Concentremo-nos um instante e folheemos as nossas notas. — Os ciganos primitivos eram todos bronzeados, mas de um bronzeado escuro e fixo: de olhos pretos, rasgados e penetrantes, cabellos negros que lhes caíam em ondas, crespos, sobre as espaldas: presentemente o colorido da pelle varia e com elle a nuança dos cabellos e dos olhos".

.....
"Pondo de parte as suas aptidões hereditarias e a sua genealogia, para devassarmos com mais attenção a physionomia de seus costumes, encontramos admittida entre elles uma gíria, por meio da qual se fazem entender em situações anormaes e por habito. Comprehende ella uma correspondencia completa pelo desdobramento de um vocabulo em pensamentos, em phrases inductivas. Essa gente, de uma subtilidade indizível, engendrou todo um systema de communicação reservada, de sorte que, quando dous ou mais encontram-se diante de estranhos, facilmente transmittem-se idéas, conversam despercebidos. Assim, na sequencia do dialogo, pronunciadas a esmo as palavras: **Cabeça** — significa maldade, ruindade, imprestabilidade; **Amaro** — covardia, fraqueza, impostura, mentira; **Topé** — riqueza, luxo, asseio, felicidade; **Caconda**, — longitude, afastamento, escuro, deserto; **Batuera** — tudo que é triste, afflictivo, infeliz, pobre, etc."

.....
"Com mais espirito do que a actual camara municipal, que tem substituido idiotamente nomes historicos de ruas por outros, de estrangeiros que têm enriquecidos com os incendios e as fraudes, a edillidade cigana os troca livremente, antepondo **becco** ás suas substituições.

A rua do Visconde de Itagua é o becco do **Dedeco**, a da Providencia a do **Sapatinho**, o Sacco do Alferes e do Cocó, a travessa das Partilhas o das **Bellezas**, a rua do Riachuelo o dos **Barros**, a de Alcantara o da **Botija**, a rua de S. Diogo o das **Torcidas**, a de S. Leopoldo o das **Gyras**, a do Bom-jardim o das **Viuvas**, a do Porto o do **Quebra-Osso**."

E ahí está um rapido historico da colonia cigana do Rio de Janeiro, que, esboçada no começo do sec. XVIII, com a chegada dos primeiros degredados, se foi desenvolvendo através de todo o resto, desse seculo e, entrou em relativo progresso no sec. XIX.

Realmente, nos albores desse ultimo seculo, os "calôns" já deveriam ser bastante numerosos, e até certo ponto importantes, pois só assim se pôde explicar o facto de apparecerem ora como ricos negociantes ou revendedores de escravos, ora como elementos de realce nos festejos e solemnidades da corte real, ora, enfim, como meirinhos ou funcionarios da justiça...

Mas, como era de esperar-se, com o decorrer dos tempos entraram em declínio, sendo que, segundo o cálculo de Mello Moraes, em 1886 estavam reduzidos a uns 500 indivíduos, agora sem evidencia alguma e vivendo em sua obscuridade, onde, surpreendidos por aquelle esforçado escriptor patricio, serviram-lhe de thema para um de seus mais interessantes e valiosos trabalhos: "OS CIGANOS NO BRAZIL".

E dahi para cá? Qual seu destino ou sua sorte?

Seus descendentes ou parte delles, em estado de pureza ethnica, serão hoje, por adaptação ao meio, confundidos com os indivíduos que constituem a grande massa heterogenea que pesa na população nacional?

Terão, por cruzamento sucessivos, se fundido nessa mesma massa heterogenea?

Haverá ainda na cidade do Rio de Janeiro alguns grupos remanescentes que ainda levam vida apartada, conservando seus usos e costumes característicos?

Terão outros grupos se destacado para o interior, trocando assim a vida sedentaria pelo nomadismo?

São problemas cujas soluções deixamos a cargo de outros, visto não possuímos documentação alguma capaz de elucidal-os

Dando por encerradas as informações relativas á communi-
dade cigana que, pelo menos até 1886, ainda existia no Rio, pas-
saremos agora a compilar alguma coisa sobre os bandos que, na
segunda metade do sec. XIX, erravam pelos sertões.

* * *

Em 1885, um numeroso bando de ciganos cruzou as terras paulistas, tendo acampado na cidade de Caçapava.

Sobre elle falaram os jornaes e as respectivas noticias foram transcriptas por Mello Moraes nas "Notas e Addições", que ha nos "CIGANOS DO BRAZIL"

E, por nossa vez, vamos transcrevê-las aqui.

Eil-as:

"São repetidas as noticias que dão os jornaes da apparição desses ban-
dos, sem que ninguém saiba em definitivo de onde vêm e nem para onde vão.
Vêm do sul e vão para o norte — Viajam!

Por ultimo, **O Paiz** de 29 de Julho de 1885, de empréstimo ao **Pyrilampo**,
transcreve esta noticia, em que o habil publicista exhibe uma tela de effeitos
chromaticos e de costumes pittorescos:

"Esteve acampado em Caçapava um bando de cento e tantos ciganos,
que vinham de Minas e segulam para o norte". — "A proposito escrevem
daquella cidade ao **"Pyrilampo"**, de Jacarehy:

— "Essa gente, cujos costumes são bem differentes dos nossos, acam-
pe-se á margem do Parahyba, onde assentou sua morada, levantando 25

barracas de panno, um dos mistéres de sua provisão de viagem. Era um acampamento de paz, para onde affluu esta população, movida da mais justa curiosidade. E realmente, era de ver tudo aquillo. Dividida a comitiva em famílias, cada uma destas occupava uma barraca. Ahi utensis domesticos, até alguns moveis e roupa, mostravam o capricho dos exquisitos viajantes. Uma tropa cercava a "povoação" dos ciganos, que, parece, têm enriquecido com o negocio de animaes. Vinte e tantos captivos da comitiva lavavam, lenhavam e cozião. Os ciganitos e ciganitas crianças, em brinquedos, ás vezes, reflectiam-se nos raios do sol, porque collares, bichas e aneis de ouro eram em abundancia nos seus corpos. Tambem nem um dos ciganos, de ambos os sexos, deixava de cobrir-se de ouro. Cordões antigos, de enorme grossura e em enorme quantidade, brincos e medalhas de tamanhos despropositaes, uma verdadeira riqueza "embelezava" aquella gente "mysteriosa, de harbas e cabellos demasiadamente compridos".

A usura de certo é que tem feito aquella riqueza ambulante; nem por isso, porém, alguns deixaram de mandar tirar os respectivos retratos "que parecem gente" e deixam de passar bem.

A sua "mesa" é appetitosa, sendo exquisita, "Naquellas moradias tudo é ordem, alegrias, ouro"

"Mas... cousa "notavel". Entre esses ciganos ha uma moça de uma formosura admiravel e uma velha essencialmente feia, que "perscrutam o futuro".

Conhecem e contam a sina boa ou má dos que lhes fizerem um presente — uma bicha de ouro, prata, um bordado, 5\$, 2\$ ou 1\$, conforme dizem. "Aqui de xa-se ver que muitas pessoas de Caçapava sabem o que hão de sofrer, sua felicidade postera e até quando passarão desta para melhor.

"Para finalizar: a comitiva vai de terra em terra negociando com animaes, escravos e com o "futuro" dos que não são ciganos; mas são incautos".

Convem transcrever o que, em seguida á noticia do "Pyri-lampo", diz M. Moraes sobre um outro bando acampado nas terras maranhenses e descripto em verso pelo poeta J. Serra.

Referindo-se ainda ao que appareceu na cidade paulista, continua elle:

"Isto em Caçapava. J. Serra, jornalista e poeta de raro talento, no seu poema *Um coração de mulher*, escripto ha alguns annos, descreve como primoroso artista *Uma partida de ciganos*, acampada nos sertões do Maranhão, nestes versos, que são admiraveis de fórma e de verdade:

Em baixo d'umas mangueiras,
Mui copadas e altaneiras
Distantes da habitação,
Algumas rédes armadas,
Fortemente balançadas,
Presas nos troncos estão.
Nesse sitio, que alvorogo!
O velho, a criança, o moço
N'uma réde, aos dous e tres!...
Que algazarras diversas,
Uma hora alegres conversas,
Gritos, pragas outra vez!

Na areia o menino fola
Trazendo afagos a um cão.
Toca e canta na viola
Mais adiante o seu irmão.
Um papagaio ensinado
Grita e fala esfomeado,
Tornando a bulha maior!
Alforjes, canastras, sellas,
Brides, cilhas e fivelas
Estão esparsos, derredor
Muitas mulheres formosas
De floridas primaveras,
Muitas outras horrorosas,

Avelhantadas megeras!
Com muitas rendas e fitas
Estas se fazem bonitas
No caprichoso trajari
Aquellas, quasi despidas,
No canto estão encolhidas
Ninguém as pôde fitar!
Os homens todos armados,
E' um ambulante arsenal,
De prata e ouro adornados
O clavinote e o punhal!
A mór parte está assentada
Na porteira do quintal;
Pasta solta a cavallhada
No meio da capinzal!

Filhos do sol e serenos,
Rostos queimados, morenos,
A tropa toda é assim....
Mas, que caravana é essa,
Que parece não ter pressa
E vem repousar ahí?
São os errantes ciganos,
Que enfestam o nosso sertão,
Passam-se annos e annos
E sempre em viagem estão.

Terminando, diz o A.: "Fica ao leitor o cuidado do confronto e criterio das analogias".

Pois bem: proseguindo em nossas compilações sobre os bandos erradios, continuaremos a recorrer aos preciosos e pacientes estudos de Mello Moraes, que, ao que pensamos, até esta data pôde ser considerado como o unico cigano logo brasileiro.

Mas, desta vez a fonte de informações é o seu já citado trabalho "FACTOS E MEMORIAS", em cuja Parte III, intitulada "Quadrilhas de Ciganos", elle trata dos ciganos em viagem e acampados pelo interior brasileiro, descrevendo seus usos e costumes.

E como parte do que ahi diz o A. deve referir-se a coisas passadas no fim' do sec. XIX, visto que seu livro foi impresso em 1904, podemos dizer que alguns trechos que adiante vamos transcrever, terminam as informações que, sobre os ciganos brasileiros, conseguimos obter até fins daquelle seculo.

Seja dito de antemão que ao transcrevermos taes trechos contidos em "**Quadrilhas de Ciganos**", não obedeceremos a ordem estabelecida pelo A. nos tres capitulos em que elle as dividiu.

Ao contrario, tirando-os daqui e dalli, os iremos coordenando de modo que, formando sentido, dêem mais força ás descripções.

Em termos mais claros: procuraremos juntar materia esparsa que trata do mesmo assumpto, ao mesmo tempo que deixaremos de lado aquillo que, por agora, não precisa constar de nossas compilações.

Comecemos pelos seguintes periodos do Capitulo I:

"Nos sertões e florestas virgens do Brasil os ciganos viajam em caravanas, em grossos bandos, temerosos como flagellos, persistentes como nevoeiros que se dissipam. Affeitos á voz dos ventos nos arvoredos excelsos, ao éco das cachoeiras que se espadanam em alaridos, ao passo da téra e do gentio nas profundezas barbaras, lá seguem elles contornando cidades e povoados conservando seus costumes e sua gyria, praticando suas superstições e o banditismo tradicional. Obedecendo aos mesmos instinctos, presididos pelos mesmos fados, os ciganos erram incessantes, formando bandos de dez a duzentos, a cavallo ou a pé".

"Elles viajam ao acaso, constituídos em cabildas, congregados em tropas, destacando-se com relevos proprios e costumes singulares".

"O modo de viajar das partidas é curioso de ver; não ha quem tenha perlustrado o interior do Brasil, que não conte havel-as deparado em transito, a pé ou em cavalgadas. Prefazendo grupos bizzaros, os bandos que caminham a pé são precedidos dos chefes que montam lindos cavallos, alongando-se após o sequito de homens e mulheres, de crianças e de alguns cães".

Passemos agora ao Capitulo II:

"Os quadros dos ciganos em transito variam.

Depois dos bandos-cavaleiros, cujos chefes rompem na frente montados em boleadas "**Jarins**" (mulas) ou escarceadores cavallos, luxuosamente arreitados, outras partidas recortam o interior do Brasil, constituindo originaes e pittorescos grupos, que reclamam do artista chromaticas pinturas. A' semelhança daquelles, aos capatazes destes, convenientemente armados, acompanham cargueiros, potros ariscos e cavalhada em pelio. magra como phantasmas apocalypticos, conduzindo, porém, escanchadas mulheres e crianças, sempre ladeadas de outras, que disputam, extenuadas de fadiga, os esfolados espinhaços dos lerdos esqueletos".

"Rapazes carregando tachos de cobre, peças de chita e quinquilharias, fustigando a condução, arrebanhada aqui e alli, furtada nesta ou naquella fazenda, e calculadamente dispostas ás fraudulentas "parrudas" (berganhas), accentuam a perspectiva dessas quadrilhas nomadas, que vivem da velhacaria e da pilhagem".

Outros muitos detalhes sobre os usos, costumes, trajes e character dessa gente são dados pelo A.

No Capitulo I, p. ex., ha os seguintes trechos:

"Os homens geralmente mal vestidos, conduzem objectos de cobre, peças de fazenda e bugigangas variadas, com que negociam nas berganhas e illudem os incautos".

"Trajados mais ou menos como os nossos fazendeiros, os ciganos em marcha constituem grupos de cavalleiros acompanhados de mulheres e crianças, terminando o cortejo por notavel quantidade de animaes de carga, levando em canastras, cestas, cassuás, etc., as bagagens e mercadorias necessarias ao bando".

"Armados de clavinotes e punhaes, de pistolas e facas de ponta, os ciganos percorrem os sertões, acontecendo darem-se entre elles e forças estranhas verdadeiros combates, consideraveis morticínios".

No Capitulo II:

"Diversamente das tribus maltrapilhas, adeante de mulheres com saccoes de roupa a tiracollo, sem defesa e immundas, os homens das precedentes cabildas trazem consigo trabucos e clavinotes, "churins" afilados (facas e punhaes), para a lucta que travam com a fêra, com o inimigo, com a natureza".

No Capitulo III:

"Na apparencia poltrões e formidaveis quando aggredidos, são repetidas em muitissimos pontos do Brasil, sanguinolentas luctas entre elles e aguerridos destacamentos, combates a ferro e fogo com lastro de cadaveres, refens e aprisionados".

Isto tudo, como vimos, descreve os ciganos em viagem. Vejamos agora como é pintada a sua vida nos acampamentos.

No Capitulo I:

"Acampados á vasta copa de seculares ramas, os ciganos sentam-se ou deitam-se em couros que estendem, em redes que armam, descendo os chefes e os mais valentes da turma as facas e as pistolas que trazem á cinta. As mulheres preparam o fogo, tratam da caça, servem a refeição, depois da qual os ciganinhos debandam, ficando mais tarde o acampamento quasi ermo".

"As velhas lá ficam, attraíndo os moradores do termo e os passantes, que lhes compram miudezas e santinhos, trocam, com volta em dinheiro, objectos de latão, que impingem por ouro, rezam de quebranto, de bucho virado, de espinheira caída... Deltando cartas, perscrutando o destino, as horrendas feiteiras fazem tregeitos, acercando se dellas os tabaréus com os filhinhos, para que lhes leiam a sina na mão aberta e pequena. Alguns da tropa mendigam, espíam os engenhos, berganham cousas furtadas, entregando-se indistinctamente a espertezas e á rapina".

"Nos ranchos, comem no chão, em couros ou esteiras que estendem; não usando de talheres, mas dos dedos. Sentados em roda, com as pernas cruzadas, devoram o que encontram, sendo-lhes prato predilecto a carne de porco, geralmente encontrada em suas mesas".

"De ordinario, as partidas quando acampam, permanecem a duas leguas das povoações, indo um ou outro do rancho explorar o theatro da acção".

"Uma vez arranchados, os animaes ficam soltos no pasto, a berganham e os furtos se estabelecem, e os cavallos roubados augmentam a tropa para o commercio em estranhas paragens".

No Capitulo II:

"E' nos sertões do norte, entretanto, que as volumosas e luzentes quadrilhas parecem revestir-se de fórmas cavalleirescas. Lá a imaginação popular torna-se ás vezes épica, idealizando a vida desses salteadores lendarios, desses vagabundos eternos, que ás brumas luminosas dos horizontes estanciam longe dos povoados, armam barracas, semelhando cortina-dos, e que se estendem parallelas como dous muros á distancia".

"Nos arranchamentos de ciganos cavalleiros os vestuarios impressionam bizzaros. A esses califas das solidões, chapéus do Chile ou de feltro sombreiam-lhes o rosto bronzeado, adamascados ponches resguardam-lhes as espadas, e, apeados de seus corcéis, retinem nos terreiros ou nos soalhos "burzecus" (esporas) de prata, afivelladas as botas á mineira".

"Nem sempre os bohemios pouzam ao ar livre.

Quadrilhas ha que se alojam em abandonados pardieiros dos sertões, ou pedem agasalho nas fazendas por onde passam. Especialmente nestas, a rapina é infallivel. Ao alvorecer, o senhor do engenho dá sempre pela falta de um ou outro cavallo de estribaria, de rezes, de arreios, etc., mandando improficuamente no encalço dos singulares hospedes gente armada, valentões de fama".

Dando fecho ás informações que, sobre os bandos errantes pelos sertões, tirámos dos Capitulos I e II de "Quadrilhas de Ciganos", passaremos ao Capitulo III, no qual M. Moraes trata dum nucleo de ciganos sedentarios que existiu no bairro de Santo Antonio da Mouraria, na cidade da Bahia.

* * *

Já vimos, pelo documento transcripto no Capitulo I deste nosso estudo, que em Julho de 1718 chegaram á cidade da Bahia

as primeiras famílias de ciganos degradados de Portugal para alli, as quaes, por designação do Senado da Camara, foram residir no bairro da Mouraria, freguezia de Sant'Anna.

Vimos ainda que augmentando, por procreação, o seu numero, foi-lhes designado tambem, para habitação, o bairro de Santo Antonio d'além do Carmo.

O que se diz nesse documento, que, como vimos, consta do "RESUMO CHRONOLOGICO E NOTICIOSO DA PROVINCIA DA BAHIA, DESDE SEU DESCOBRIMENTO EM 1500", póde agora ser confirmado pelo seguinte, que, embora em outros termos, trata do mesmo assumpto:

"D. PEDRO DE NORONHA, Marquez de Angeja — 1714-1718 — (Governador):

"Governando ainda o mesmo marquez, chegaram a Bahia em Abril de 1718 diversas famílias de ciganos degradados do reino, pelo seu máo procedimento escandaloso, pela provisão de 11 de Abril de 1718, os quaes, por ordem da camara, foram habitar o bairro da Palma, por isso chamado da Mouraria, onde se propagaram tanto, que a camara designou-lhes outro lugar na freguezia de Santo Antonio alem do Carmo".

Esse documento, como o antecedente, foi-nos enviado recentemente da Bahia por nosso gentil collaborador dr. Mario Torres. E, segundo elle proprio o diz, está publicado, na "MEMORIA SOBRE O ESTADO DA BAHIA", feita por ordem do Exmo. Sr. Dr. Joaquim Manuel Rodrigues Lima, Governador do Estado da Bahia — Pelo Director do Archivo Publico — Dr. Francisco Vicente Vianna, auxiliado pelo amanuense da mesma repartição — José Carlos Ferreira". (BAHIA — Typographia e Encadernação do "Diario da Bahia" — Praça Castro Alves — 101 — 1893)".

Como complemento, veio tambem a seguinte nota:

"Aos ciganos aqui recém-chegados era prohibido falarem na sua giria e ensinal-a aos filhos. "Ordem do governador-geral Conde de Vimieiro ao Desembargador geral do crime, em 9-12-1718. — No Livro de Provisões, Cartas e portarias — 1653-1724, mss., existente no Archivo Publico do Estado da Bahia".

E' certo que, em 1761, isto é, quarenta e poucos annos depois, esses ciganos continuavam a permanecer na cidade. Pelo menos assim o attestam alguns dizeres das cartas daquelle anno dirigidas ao Conde de Oeiras pelo chanceller José Carvalho de Andrade e pelos governadores interinos.

Na primeira, por ex., diz-se que elles, ao terem conhecimento das medidas que iam ser tomadas no sentido de regularizar-se a

sua vida — “foram insensivelmente desertando, o que lhes foi facil por morar em bairros apartados; e por ser gente que costumava muitas vezes deixar as cazas para irem fazer trocas e vendas pelos certoens”. Poucos teriam, por esse tempo, ficado na cidade.

Entretanto, medidas coercitivas tomadas contra elles e recommendadas, ás autoridades do interior e mesmo aos governadores de Pernambuco e Rio de Janeiro, fizeram com que muitos retornassem ao nucleo donde haviam saído. Principalmente os velhos e casados, cujos filhos adultos deveriam ser entregues “para soldados e os pequenos para se porem em officios”.

Quanto ás mulheres, por ser difficil o seu emprego nas casas de familia, foi proposto que se firmassem em lojas de venda da cidade e onde bem lhes parecesse para o que se lhes dariam “despachos e guias para as justicas da terra”.

O conteudo da segunda carta confirma, em parte, o que atraz foi dito, visto que nella se declara que os casados já iam entregando seus filhos menores para “officiaes mecanicos” e que os adultos solteiros, si bem que em pequeno numero, já iam assentando praça.

Depois disso, não temos conhecimento de nenhum outro documento official sobre os ciganos sedentarios da Bahia.

Mas, pelo que diz M. Moraes, podemos deduzir que durante todo o sec. XIX os descendentes de taes ciganos continuaram a residir nos bairros já referidos e que foram primeiramente habitados pelos degredados de Portugal.

E’ o que vamos ver nos trechos que passamos a transcrever e que, todos, pertencem ao Capitulo III de “Quadrilhas de Ciganos”.

M. Moraes começa por dizer:

“Na Bahia, nossa provincia natal, um bairro existe, outr’ora denominado de Santo Antonio da Mouraria. Habitado em geral por ciganos, correspondia no todo á Cadeia Nova nesta cidade (o A. falava do Rio de Janeiro), onde durante longos annos se estabeleceram de preferencia os ciganos fluminenses. O que era aquella freguezia na plaga do norte, quaes os usos e costumes de seus moradores, é o que a historia nacional ainda não reivindicou para suas paginas, e o que, valendo-nos de reminiscencias e de fragmentos tradicionaes, vamos aqui descrever.

Sendo incertos e divergentes os documentos e datas relativas ás primeiras levas de ciganos importados no Brazil, o que não vem ao caso aqui averiguarmos, a realidade nos confirma, entretanto, que parte do pessoal bohemio, procedente da Hespanha e de Portugal, deportado para a colonia, foi no mencionado bairro residir, formando florescente nucleo, a que se aggregaram fugitivos de quadrilhas, gitanos erradios. Conservando bara-

lhadas tradições de raça, parodiando sob todas as fórmulas o trabalho, alentando ao fogo de seus lares superstições e preconceitos e absurdos, necessidades que lhes foram impostas pelo meio, coagindo-os a romper até certo ponto com a formal tradição, muito especialmente no tocante ao genero de commercio, ás explorações violentas, ás fraudes ruinosas dos bandos disseminados nos sertões e florestas da patria adoptiva”.

Quanto ás suas profissões diz que os ciganos da Bahia mascateavam dum modo verdadeiramente original:

“Em limitados ranchos, constituídos cada um por tres ou mais mulheres, precedidas de um **bato** (pae de familia) divagavam esses individuos da manhã á tarde, apregoando os objectos da sua vendagem. O cigano ia na frente, em coliete e de manga arregaçada, de calça de ganga amarella ou de riscado, chinellos de couro sem graxa, **dicion** (lenço) espantado de Alcobaga, amarrado á cabeça, ou chapéo de palha, tendo na mão antiga vara de medir, partida no terço superior e unida por dobradiça. As **runins** (mulheres) seguiam-lhes após, vestidas de sala curta, de **yayá de ouro** (chita encarnada com rodas amarellas), ou de **yayá de prata** (chita azul com rodas brancas), descalças, de torço e panno da Costa, como as negras e mulatas bahianas, levando á cabeça, ou caixinhas de miudezas ou atravessadas peças de morim e outras fazendas”.

Escusado seria dizer que as ciganas alli, como em toda parte, exerciam a chiromancia, — profissão preferida e tradicional da raça.

Demos, tambem, neste particular, a palavra ao A.:

“..... e as velhas **kalins** (ciganas), cujos olhos na mocidade dardavam fascinações e volupia, ora horrendas parcas, despediam relampagos propheticos, reviramentos sinistros, lendo a sina na palma da mão ás crianças, immolando animaes á magia, predizendo o futuro das gentes incultas”.

“E como vivamente nos lembramos que a nossa mal tecida sina fôr bem cedo lida por uma daquellas sybillas, descendentes talvez dos reis ou dos patriarchas de Israel e de Judá!...”

Depois de outras considerações, que são verdadeiras digressões, nas quaes o A. fala dos ciganos errantes no Maranhão, de seus logros impingidos ao **gajão** na venda de escravos e animaes e na industria dos metaes, volta elle á cidade da Bahia e nos dá as seguintes explicações: “Abrindo aqui um parentese á descripção de curiosos usos e costumes de parias sedentarios, reconduzimos o leitor ao citado bairro da Mouraria, ha cincoenta annos passados, quando esse povo ainda alli habitava, na plenitude de suas excentricidades intimas, do regimen tradicional de familia. Na comprehensão dos primitivos colonos, de que eram **mouros** os estranhos hospedes, e dahi a origem denominativa, os ciganos da Mouraria professavam a religião christã, de mistura com superstições absurdas, com praticas insensatas. Mais tarde, conhecidos por ciganos do Egypto, os furtos nas casas particulares, nos estabelecimentos commerciaes, os embustes de toda sua casta manifestaram-se-lhes privativos”.

E por fim, commenta o A.:

"Emquanto isso se passava em Sant' Antonio da Mouraria, os ciganos bandoleiros batiam as estradas, perfazendo ranchos de aspecto singular, pilhando, roubando, mendigando. De chapéo e colleta de couro os capatazes, andrajosos na totalidade, homens, mulheres e meninos se asyilavam em derrocadas construcções, á copa de senhoreaes arvoredos, arriando ao sopé alguma das das comitivas esteiras emendadas e cosidas, desdobrando-se em improvisados antros nos quaes promiscuamente pernoltavam. Assim apparelhadas, são vulgarissimas as cabildas que ainda hoje perlustram os nossos sertões, sem o acompanhamento de histero-epilepticas feiticeiras, que projectam sobrenaturaes relevos ao longo dos bandos bohemios, tão acatados pela imaginativa dos poetas, outr'ora tangidos de todas as terras em virtude de leis inflexiveis e barbaras. A um aviso das autoridades locais, as partidas vagabundas retiram-se; este ou aquelle cigano, esta ou aquella cigana, monta em bello laxeiranta cavalgadura, e mulheres e crianças do rancho, fatigadas, e a pé, espietam-se apegadas á cauda de enfileiradas azemolas que as puxam lerdas, ajudando-as na penosa marcha através do desconhecido das brenhas. Até a desgraça tem os seus desgraçados!".

Taes são os principaes topicos da descripção feita por M. Moraes acêrca da antiga communidade cigana da Bahia.

Ora, como a obra "FACTOS E MEMORIAS" foi, já o dissemos tantas vezes, impressa em 1904 e como num dos periodos atraz transcriptos o A. reconduz o leitor ao citado bairro da Mouraria, ha cincoenta annos passados, deduzimos que muitas das observações contidas naquella obra datam mais ou menos de 1854.

Pois bem: no proximo Capitulo completaremos tudo isso com preciosas informações que agora, mui recentemente, nos foram enviadas, da Bahia pelo sr. dr. Mario Torres.

Tendo terminado aqui as nossas compilações relativas aos ciganos do Brasil durante a segunda metade do sec. XIX, passaremos em seguida a tratar da existencia desses nomades em nosso paiz no seculo actual e, portanto, em nossos dias.

CAPITULO IV

NOTICIAS E INFORMAÇÕES SOBRE AS CONDIÇÕES ACTUAES DOS CIGANOS NO BRASIL: CIGANOS BRASILEIROS E CIGANOS EXTRANGEIROS — RECAPITULAÇÕES HISTORICAS RESTRICTAS A CADA UM DOS TERRITORIOS QUE FÓRMAM OS DIVERSOS ESTADOS DA FEDERAÇÃO — CONSIDERAÇÕES FINAES ACÉRCA DOS “SÚBSIDIOS HISTÓRICOS”.

Nos capitulos anteriores, cuidámos, primeiramente, de colligir documentos officiaes existentes nos archivos de Portugal e do Brasil, que se referem ao degredo, nos tempos colóniaes, de ciganos da Metropole para as nossas plagas.

E depois tratámos dos descendentes de taes ciganos, já aqui nascidos, os quaes, embora conservando o genero de vida, o uso e os costumes de seus antepassados, devem ser considerados como **brasileiros**, tão legitimos como os **outros patricios** que trazem nas veias, uns o sangue do indígena americano, outros o do negro africano e outros, enfim, o do branco europeu.

São esses, pois, os que temos chamado e continuaremos a chamar **ciganos brasileiros**, **ciganos nacionaes** ou, de accôrdo com o proprio titulo deste modesto trabalho, **ciganos do Brasil**.

Entretanto, sabido é que depois de nossa emancipação politica, a contar, principalmente, dos ultimos tempos do Imperio até ao momento actual, numerosos bandos ou quadrilhas de ciganos de varias procedencias, aos quaes chamaremos **ciganos estrangeiros**, conseguiram desembarcar em nossos portos, sendo provavel que alguns nelles tenham estanciado por periodo mais ou menos longo em nossas cidades e que outros, em obediencia ao instincto nomade da raça, tenham se dirigido para as nossas terras interiores e mesmo se embrenhado por nossos invios sertões.

E’ provavel tambem que uns, espontaneamente ou forçados pelas autoridades brasileiras, tenham deixado as nossas terras, retornando a seus pontos de partida ou tomado novos rumos; e

tsiganos europeus de diversas proveniências, parte dos quaes tem vindo até embarcar ao Tejo. Na destrição desses elementos tem os ethnographos brasileiros materia para estudo."

Depois disso, vêm diversas noticias que o A. transcreveu de jornaes brasileiros, acêrca duma quadrilha de malfeitores ciganos, a qual, a julgar-se pelo texto das mesmas noticias e pelos processos modernos que eram postos em pratica para consuação de seus crimes, deveria ser composta exclusivamente de ciganos estrangeiros, visto que os nacionaes, evidentemente já muito atrazados, não poderiam conhecer taes processos.

Eil-as, na integra:

"Ultimamente os periodicos portuguezes transcreveram dos brasileiros noticias acêrca d'uma quadrilha de tsiganos ladrões e narcotizadores. Els duas dessas noticias, cuja perfeita veracidade não discutirei:

"Em Nitheroy, Rio de Janeiro, acaba de sêr presa uma quadrilha de bohemios que se dedicavam á pilhagem por um processo deveras curioso e cheio de novidade. Homens, mulheres e crianças, sabendo todos manejar habilmente varios narcoticos, utilisavam-se delles para adormecer as pessoas a quem queriam roubar.

Uma das queixosas chama-se Gustavo Maria da Conceição e conta que á sua porta foi bater uma mulher, acompanhada por uma criança, pedindo esmola. Gustavo ia dar-lhe 100 réis em nickel, mas, subitamente, sentiu fugir-lhe a vista e caiu desmaiada. Quando tornou a si, a turca tinha desaparecido e com ella uma caixinha que a sra. Gustavo tinha sobre uma mesa contendo 84\$000 réis em dinheiro, um alfinete com tres brilhantes, etc.

Outra queixosa é Maria José Nunes. Sentindo-se doente, alguém lhe inculcou uma curandeira, para a tratar. A mulher, para fazer os seus exorcismos, pediu a nota de maior valor que a sra. Maria José Nunes tivesse em casa. Foi-lhe apresentada uma de 500\$000, que a curandeira metheu dentro de um copo. Depois, a cigana deu-lhe a cheirar umas essencias e a sra. Maria José adormeceu profundamente. Quando accordou já não viu a cigana nem os 500\$000.

Ha tambem uma outra queixosa, Arcelina Maria da Conceição, rapariga pernambucana. Foi adormecida e levada em seguida pelos bohemios, sendo obrigada a casar com um dos chefes da troupe.

E' enorme o numero de crimes praticados pela quadrilha, que além de ciganos tem tambem individuos gregos, turcos, etc. Esta associação, porque o é, tem ramificações em todos os Estados do Brazil, obedecendo a um chefe que recebe 40\$000 por mez. O producto dos roubos é reunido em um cofre e distribuido 20 p. c. pela quadrilha e o resto para os chefes.

Os ciganos empregam-se durante o dia em varios misteres ambulantes, concertando louças, etc.; as mulheres fazem sortilegios, magias, etc. Assim conseguem insinuar-se no espirito das pessoas que se aproveitam do seu mister para as roubar. Além de objectos de valor e dinheiro, roubam tambem creanças e adultos, se isso lhes apraz.

A policia prendeu em Nitheroy 10 homens, 10 mulheres e 17 creanças de ambos os sexos; foram todos photographados e os retratos expostos no salão do **Paiz**, onde muita gente tem ido vê-los. A policia apprehendeu muitos valores, pedrarias, adornos de mulher, etc. (**O Dia**, n. 1.489, 25 de junho de 1892).

....Acêrca da quadrilha de bohemios que roubava as pessoas por meio de narcoticos, temos a accrescentar que chegaram no Rio de Janeiro as bagagens dos larapios.

Diz o **Paiz**, referindo-se-lhes:

"Entre o acervo de trouxas fedorentas, cestas e amarrados de todas as formas e volumes, em que repugna até pôr as mãos, ha duas malas, que vieram lacradas e foram abertas na secretaria da policia, á vista do agente que as acompanhou, do thesoureiro da repartição e outros funcionarios.

Dentro d'essas malas foram encontrados 3:945\$500 réis em papel; 1.540 moedas de ouro, sendo libras esterlinas e de outros typos de diversos valores e nacionalidades; 939 moedas de prata, umas perfeitas, outras inutilizadas; um sacco pequeno contendo pó amarello; um pequeno envolvero lacrado, com a declaração "este cordão pertence ao negociante Lazaro", 140 facas, garfos e colheres, grande quantidade de collares de coral com contas de metal amarello e cordões da mesma substancia; dois relógios e correntes de metal branco; tres grandes cachimbos, sendo dois de metal branco; um par de esporas de metal branco; 2\$100 réis em nickels; um pequeno embrulho lacrado, com a declaração "pertence ao marido da pernambucana"; 3 carteiras com papéis, 1 livro e muitas outras bugigangas.

Ficou tudo depositado na mesma repartição, na mão do respectivo thesoureiro.

Antes dessa remessa, já havia a repartição de policia desta Capital recebido, de igual procedencia, uma letra aos mesmos gregos tomada e no valor de 12.000 drachmas, a vencer-se em 8 de fevereiro de 1895, quantia essa que fôra depositada em um banco da Grecia a 8 de fevereiro de 1889 e vencia o juro de 3 1/2 % ao anno. (*Ibidem*, n. 1.394, 1 de julho de 1892)." (1)

São essas as ultimas informações que, sobre os ciganos do Brasil, nos dá A. Coelho, no referido **Appendice II** de seu importante trabalho.

E' possivel que, confôrme já calculámos e elle tambem calculou, algumas levas desses ciganos extra-ibericos que espontaneamente para cá têm vindo, tenham de facto se internado definitivamente pelos nossos sertões, não mais volvendo, portanto, aos seus paizes de origem.

E então, caso haja entre nós alguns de seus descendentes, é claro que elles tambem deverão ser hoje considerados como **ciganos brasileiros**, em tudo comparaveis a seus irmãos de raça, descendentes dos que, da peninsula iberica, para aqui vieram deportados nos tempos mais antigos.

* * *

Na Capital Federal deve haver actualmente muitos ciganos.

Pelo menos é o que se deduz do telegramma que abaixo transcrevemos e que, precedido do titulo "**A policia carioca or-**

-
- (1) Conforme já vimos na Parte IV da "**Introdução Geral**", A. Coelho, nas "**Adições e Correções**" que ha em "**OS CIGANOS DE PORTUGAL**", supõe que uma quadrilha de ciganos que, em 1892, chegou a Lisboa, vinda do Brasil, era a mesma que criminosamente operou em Nictheroy e que, nesse caso, teria sido expulsa do nosso paiz.

ganiza o cadastro dos ciganos residentes no Rio", foi publicado pelo "Diario de São Paulo", em seu numero de 15 de novembro de 1935:

"RIO, 1 — (Da succursal do "Diario de São Paulo") — Pelo telephone — A' delegacia de Furtos chegam constantemente queixas de roubos praticados pelos bandos de ciganos que se installaram nos suburbios e percorrem toda a cidade. Sempre que a policia tem que intervir para a descoberta dos autores de determinados furtos resultam inuteis as diligencias realizadas nos acampamentos dos ciganos. Alli a impressão é a do trabalho honesto. Deante disso, a Secção de Toxicos e Mystificações, da 1.^a Delegacia Auxiliar, resolveu auxiliar, desde hontem, o cadastro dos ciganos residentes nesta capital, afim de passar a ter um fichario que permittirá a identificação dos ciganos que praticarem roubo e já hontem foram fichados por aquella delegacia diversos membros dessa curiosa colonia".

Oxalá a policia do Rio leve avante esse seu intento, sem duvida digno de ser imitado pelas autoridades dos Estados, pois só assim iriamos conhecendo a importancia, maior ou menor, do elemento cigano em nosso paiz.

Da realização desse facto, emanariam novas fontes para estudos desse factor ethnico, que embora mui pequeno, já entrou e certamente continuará a entrar na massa heterogenea de que se compõe as nossas populações.

ESTADO DE S. PAULO

Nos Capitulos I, II e III, mostrámos que as terras paulistas, desd' o sec. XVIII têm sido percorridas ou frequentadas pelos ciganos.

Tal é o caso dos bandos que em 1726 e 1760 estiveram na cidade de São Paulo e que, por decisão do Senado da Camara, foram della expulsos.

E tambem o dos ciganos de Urussanga (Mogy Guassú), ahi encontrados, em 1819, por Saint' Hilaire.

E, por fim, o do grande bando que, em 1885, esteve acampado em Caçapava.

Certamente haverá por ahi outros documentos relativos ao assumpto dos quaes, infelizmente, até agora não temos conhecimento.

Mas os que colhemos e atraz transcrevemos bastam para provar-se que as nossas terras foram sempre procuradas pelos nomades de que tratamos.

Depois da noticia sobre o bando que passou por Caçapava, conseguimos obter apenas as informações que vamos transcrever.

Começaremos pelas que tirámos dum artigo intitulado "QUESTÕES SOCIAES", tendo por sub-titulo "Os Ciganos Brasileiros", publicado na secção "Debates e pesquisas", do n.º 63 da "Revista do Brasil", de março de 1921.

Trata-se, como se diz num commentario preliminarmente feito, dum escripto da lavra de Augusto de Oliveira e Sousa.

Delle transcreveremos aqui apenas o referido commentario e alguns trechos que nos aproveitam no momento, deixando para mais tarde a transcripção de outros, que envolvem questões ethnographicas, e que, a nosso ver, são passíveis de contestação.

Passemos, pois, ao assumpto:

"QUESTÕES SOCIAES"

Os ciganos brasileiros

"O autor deste escripto inedito, o sr. AUGUSTO DE OLIVEIRA E SOUSA, pensa que os chamados "ciganos", que enxameiam pelo interior do paiz, são originarios da propria America — são, como pitorescamente os designa, "um ramo pôdre da nossa arvore ethnica". E' esta uma opinião, pelo menos, um pouco exclusivista, pois o cigano genuino, que aqui existe desde os primeiros tempos da colonisação, constitue mas é um ramo ethnico perfeitamente distincto, antiquissimo na Europa, de onde veio. Entretanto, pode bem ser que nem tudo quanto leva aqui esse nome seja realmente cigano genuino, cigano de raça; e nesse caso a hypothese do autor terá cabimento. Mas o que mais importa, neste artigo, não é este ponto: o que importa é a idea, que pela primeira vez vemos aventada, e com base em excellentes razões, da incorporação do cigano ao regimen social commum. Sob este aspecto, o presente escripto tem muito valor e merece toda a ponderação".

"A corrente historico-sociologica no Brasil, tratou de todas as questões relativas á nossa formação ethnica, analysou todos os aspectos predominantes da nossa "gens", mas deixou á margem, esquecida, pequena parte dessa "gens", um elemento que, embora fragil, concorreu, e concorre ainda, ao cadinho donde ha de surgir o **typo brasileiro**. Esse elemento é o **cigano**.

"Ha poucos lustros, forasteiros que percorressem o interior de S. Paulo, toparia um facto característico, um ponto original, sobresaindo no meio do variado de sua população — as familias de ciganos. Vêl-as-ia a miude. E não fôra mister ser sociologo ou ethnologista, para generalizar logo, indagando:

— Ha muito cigano por cá?

— Se ha! Viaje por essas estradas, para ver... E' um formigueiro. Em toda a parte vêm-se caravanas delles. De dia andam, de noite acampam, pernitando em barracas, á orla dos caminhos".

E viria a nũ toda a sua historia:

"Não trabalham. Pedem. Vivem da esmola dos moradores e viajantes,

furtando quanto podem, sem pejo, propondo negociatas, com o fito de lucrar e até, algumas vezes, extorquindo quasi a força. As mulheres devassam as moradas, enchendo os *sapiquás*; recorrem á *buena-dicha*, ao feitiço, á mandinga, ao encantamento; são curandeiras, sarando feridas bravas com beijar tres vezes os dedos em cruz; algumas, bellas, dançam, dão a felicidade, predizem o futuro. Crianças, turras, choramingam, famintas, malandras, aos furtos, correndo todos os recantos das casas, muito astuciosamente."

.....
"Assim era ha annos. Hoje, é o mesmo. Seus costumes persistem. Apenas mudaram de *habitat*. Alheios á civilização, avessos ao progresso, civilização e progresso expulsaram-nos, com suas violencias iniquas, mais para o fundo, além dos sertões paulistas, para Matto Grosso, para Goyaz, para Minas. Repetiu-se e repete-se ainda, o crime que afugentou, nos tempos da escravidão, do jugo luzitano, fugiram os indios, de medo das cadeias, pos colonias os autochtones para os confins dos sertões..." De medo das brutalidades e maus tratos dos civilizados, fogem os ciganos.

De tempo em tempo, todavia, surge alguma tribu, desgarrada, pelas cercanias das *urbs* paulistas, onde, o progresso implantou a ambição, o luxo, a avareza. E a caravana extraviada, exangue, nada consegue, a não ser odio e desprezo, quando não vae parar ás galés. Ameaçam-na, expulsam-na. Se se não fôr, cadeia, chibata, fome! Regressa, pois, ás profundas do paiz, onde seu ignobil mister é tolerado. Lá, a ingenuidade do caboclo admite os ciganos, ainda que sua presença lhe tire o somno... Afinal, é para elle um sobresalto, matando por um pouco a triste monotonia do sertão. Trata-o bem, todavia, enchendo seus *saccos* e estomago e, em seguida, pedindo-lhe que se vá embora."

.....
"E não é pequeno, desgraçadamente, o numero desse infelizes noma-des que, ao Deus dará, mercê da esmola e do roubo, cruzam os nossos sertões. São aos milhares.

E qual a causa disto?

— As falhas de nossa educação."

Em seguida á transcripção dos principaes topicos do escripto de A. de Oliveira e Sousa, vamos aqui reproduzir, na integra, uns preciosos apontamentos, que acabamos de receber sobre a acção dos ciganos na zona chamada Norte de São Paulo.

São da lavra do sr. Ignacio Cesar, residente em S. Luiz do Parahytinga, e foram-nos obsequiosamente remettidos de Taubaté pelo sr. dr. Alberico Guimarães, lente do Gymnasio dessa cidade.

Eil-os:

"HISTORIA DO NORTE PAULISTA"

Notas e consultas

IX — Ignacio Cesar

(Ao distincto amigo e intellectual Dr. Alberico Guimarães)

Os Ciganos no Norte Paulista.

"Os bandos de ciganos que em outros tempos perlustraram o territorio nacional, em diversas das antigas provincias e depois do advento da Republica ainda foram encontrados em pontos diversos dos territorios dos

Estados da Federação, eram constituídos de um aggregado de familias, organizados para a exploração de negocios de animaes muares e cavallares, em permuas e vendas, muitas vezes impostas aos pobres matutos a quem assediavam, e extorquiam até dinheiro.

Havia-os ciganos nacionaes, que quasi sempre vinham da parte central de Minas Geraes — Congonha do Campo — e havia os estrangeiros que eram quasi sempre providos das regiões balkanicas: gregos — servios — hungaros — bohemios e polacos.

Estes appareciam explorando a arte de caldeireiros — concertando tachos de cobre por um processo muito original, para apanharem os cobres dos incautos:

Esse processo consistia no seguinte: pesavam o objecto antes do concerto, e estipulavam o quanto devia o freguez por cada kilo de cobre que fosse empregado no mesmo objecto.

Calafetavam de qualquer maneira o tacho ou bacia de cobre, alambi-que ou outro qualquer utensilio, e o recamavam com uma enorme quantidade de estanho, sobre o qual davam uma tinta que imitava perfeitamente o cobre novo, e pesavam então o objecto com aquelle accrescimo de estanho e faziam o pobre freguez pagar ao preço de cobre, a tanto por kilo.

Os ciganos nacionaes, então nas barganhas de animaes impingiam aos incautos, burros e cavallos velhos, pintados para parecerem novos, animaes cegos como perfeitos, aleijados como bons. Para isso conseguirem serviam-se de diversos meios, cada vez que entabolavam uma barganha, os demais ciganos rodeavam os que estavam em negocio, e cada um dava uma qualidade do animal em jogo, faziam uma balburdia, para atarantar o roceiro ignorante, e outras vezes até simulavam brigas para que o calpira apressasse a terminação do negocio, que muitas vezes lhe parecia vantajoso, sem ter tempo de poder verificar os defeitos do animal que adquiria. Outras vezes trocavam animaes ou vendiam cavallos roubados em outros municipios, que depois eram reclamados pelos donos, quando já os ciganos estavam muitas leguas distantes, e em lugar ignorado.

Os ciganos estrangeiros falavam a lingua de sua nacionalidade, mas os ciganos nacionaes, tinham um dialecto ou patuá que empregavam quando queriam trocar entre si informações a respeito de negocios ou assumptos de certa importancia.

Andavam sempre em toda a parte ás voltas com a policia por causa dos roubos e das extorsões que praticavam, e quasi sempre eram expulsos dos municipios, pela força armada com a qual travavam conflictos ás vezes.

As mulheres de todos os ciganos, quer nacionaes quer estrangeiros, llam a buena-dicha, ou, por outra, faziam-se cartomantes, para apanharem com mais facilidade alguns cobres.

Como nas caravanas arabes do deserto africano, a primeira virtude dos ciganos de todos os tempos é a resignação, que, obedece ao fatalismo; a sua sobriedade é levada ao extremo, porém hospitaleiros aos amigos, consideram seus hospedes pessoas sagradas, intangíveis como um cavaleirismo rustico de velhas tribus.

Os individuos que as compõem, partem, não sabem se voltarão mais, e assim jámais pensam no céu azul da terra natal, ou nos penates de seus maiores. As provisões que levam, apenas bastas para o primeiro percurso

da jornada bíblica; dahi por diante, entregam-se á aventura. O cigano é estoico e um ente enigmático que marcha para o desconhecido com a bus-sola das noites constelladas.

Nas caravanas de ciganos, temos visto figurar toda aquella gente pastoril da antiguidade: as tendas, os homens de todos os typos, raças de todas as tribus, mulheres e creanças e até animaes de todas as especies conhecidas e presentidas na Arca de Noé.

Para elles, a escravidão é um dogma, a disciplina um código medieval; tudo — pró sociedade —. Para subjugal-os ha um forte contingente de virtudes extranhas, do que fazem seu apanagio sacro.

O amor é obrigatorio, a mulher é escrava da vontade de seus paes. O crime não existe para elles; o cigano nunca repudia sua companheira; a mulher adultera, ou que se casa com homem extranho á sua tribu, é perseguida e afinal, lhe infligem a morte sem mais delongas. Estes os costumes dos ciganos estrangeiros que de vez em quando appareciam por estas paragens.

Quanto aos nacionaes, os seus costumes eram mais dissolutos, viviam em maior promiscuidade, e não primavam pela lealdade.

Muito se tem falado e muito se tem escripto sobre ciganos no Brasil, a respeito de seus dialectos: entretanto, ainda até hoje nada de positivo se poud averiguar porque faziam disso verdadeiro mysterio, não revelando a ninguém as chaves de seus códigos.

Durante o 1.º e o 2.º Imperio, o Rio de Janeiro era considerado a capital da ciganada, a ponto de ter uma rua com o nome e as propriedades delles, — o quarteirão dos ciganos —.

Aqui no norte paulista, ha 40 annos passados, muito sobresahio o famigerado Candido Cigano, o mais habil ladrão de cavallos que accusava a chronica policial da época!

Conheci esse façanhudo individuo; visto de perto era um perfeito cavalleiro de industria, como aquelle cavalleiro negro de que nos fala Alexandre Herculano...

Era um typo alto, desempenado, bastos bigodes e espesso cavagnac, que tratava com cuidado, trajando sempre sobrecasaca preta, e chapéo de pello. Sua residencia habitual era em Pindamonhangaba, e fazia dos municipios vizinhos seu theatro de acção.

Em uma das suas sortidas, que levára a effeito em São Bento de Sapucahy, foi atacado pela policia local e morto por ella num encontro armado que com a mesma tivera.

Os ciganos que por estas paragens têm aportado em diversas épocas, são negociantes de animaes, que exploram com a ingenuidade dos campones. Em 1890, mais ou menos, aqui esteve uma companhia de ciganos, que depois de varias tropelias, foi posta para fóra do municipio, pela força de policia do destacamento local.

Esses tinham por chefes um tal Osorio, e, como sub-chefe, um tal Fernando, e os principaes de seus companheiros eram o Chaninho, o Adolpho negro, de cara queimada e de aspecto de satanaz.

Fazia parte deste bando, o celebre Antonio Cigano, que representava de maluco, todas as vezes que, apanhados nas ladroeiras pela policia, era elle apontado como o autor das proezas.

Foi assim quando naquella época o delegado de então, Cap. Caetano Lopes Soares, com a policia, deu-lhes caça, por terem obrigado um velho a barganhar uma egua nova por uma outra imprestavel, tendo para isso dado uma surra no pobre velho. Logo veio o Antonio maluco, desempe-

nhando perfeitamente o seu papel, mas, dessa vez, safu-lhe o tiro ás aves-sas, porque o delegado não enguliu a pilula e mandou dar ao maluco, uma medicação apropriada seguida de "uma dieta de 8 dias de xadrez." Esses ciganos, segundo elles mesmos diziam, eram do Rio Grande do Sul. Em outra occasião, pelos annos de 1898-900, voltaram elles a S. Luiz, com os mesmos negocios, porém, ahi portaram-se mais commedidos; estiveram hospedados no sitio do Cap. Jordão de Farias, onde permaneceram muito tempo. Depois disso ainda por aqui passaram, ficando nessa occasião domiciliado o capitão delles, José Gaspar, que aqui falleceu ha poucos annos.

Aqui em São Luiz, pelos tempos do Barão de Parahytinga, era conhecido um casal de ciganos, domiciliados: o Moreira e sua mulher, a Justina.

Era o Moreira da Justina e a Justina do Moreira. Ambos já velhos, tinham traços de orientaes, eram muito polidos, humildes, educados e viviam pobremente numa casinha no suburbio denominado "Lava-pés".

A Justina no Moreira era, como todas as ciganas, cartomante, mas como já era muito conhecida no meio luizense, tinha perdido a fama e a influencia, que tem tudo o que vem de fóra, como as pinoias que nos impingem da Europa.

O Moreira era bom trançador de couros, trabalhava em apetrechos de montaria, o que mais nos leva a crêr que fossem orientaes (uruguayos).

Eram, pelos seus modos, estimados na população luizense, que os acolhia benevolamente.

E' o que pudemos investigar através de informações de pessoas desta localidade, que conhecem todos esses pormenores acêrca dos bandos de ciganos que por aqui têm estado em varios tempos."

"Nota: Usavam muito, entre elles, a palavra "parruda", sem que aqui, em São Luiz, se soubesse a significação della entre elles." (1)

(1) A palavra "parruda", que significa berganha, pertence ao dialecto "calôn", falado pelos ciganos brasileiros, e está registada por M. Moraes num dos periodos de "**Quadrilhas de Ciganos**" que transcrevemos no Cap. III: e calculadamente dispostas as fraudulentas "**parrudas**" (berganhas), accentuam a perspectiva dessas quadrilhas nomadas que vivem da velhacaria e da pilhagem".

No vocabulario cigano-portuguez que ha em "**OS CIGANOS NO BRAZIL**" não apparece esse substantivo; entretanto, está incluído o verbo cognato "**parrudar**", com a significação de trocar, berganhar.

"**Parrudar**" corresponde ás formas do cigano-portuguez, "**parrogar**", trocar, e do cigano-hespanhol "**parugar**", trocar, cambiar.

Podemos, pois, affirmar ao sr. I. Cesar e em geral aos moradores de S. Luiz que "**parruda**" é uma legitima palavra cigana deixada na zona pelos ciganos que nella estiveram.

Esse facto, sem duvida insignificante para a generalidade, se reveste de grande importancia para nós, porque vem confirmar a nossa supposição de haver no linguajar brasileiro numerosos termos da origem de que tratamos, e que nelle foram deixados pela ciganada nacional.

Diremos, por ultimo, que na "**GERIGONÇA CARIOCA**", R. Pederneiras inclui "parruda" como termo da gíria cigana do Rio e com as significações de "negocio illicito, barganha".

Como vimos, as informações dadas sobre os **ciganos** pelo sr. Ignacio Cesar abrangem um periodo que vem dos fins do seculo passado e attingem o começo do presente.

Pois bem: ainda por intermedio do dr. Alberico Guimarães, soubemos que o bairro das Perobas, no referido municipio paulista de S. Luiz do Parahytinga foi, de 1900 a 1910, ponto de "operações" dum nucleo de ciganos brasileiros que ahi se estabeleceu, vivendo seus componentes, de preferencia, em abarracamentos. Desse bairro saíam, de vez em quando, alguns de seus grupos que, após mysteriosas excursões, retornavam, trazendo animaes que recolhiam aos esconderijos proximos aos seus acampamentos.

Como na opinião do povo esses animaes deviam ter sido roubados em outras paragens, os moradores vizinhos olhavam os ciganos com desconfianças e mesmo com certo temor.

Ora, como precisassemos de novos esclarecimentos para poder calcular si de facto essa gente era de origem cigana ou si se tratava de simples mestiços, caboclos ou caipiras, que, por circumstancias especiaes, haviam adoptado vida mais ou menos identica á daquelles nomades, recorremos de novo ao dr. A. Guimarães, de quem recebemos a respeito os interessantes informes que vamos passar ao leitor.

Por elles vemos que os habitantes temporarios de S. Luiz eram mesmo ciganos ou que, pelo menos, no nucleo predominavam os individuos dessa raça, tanto que elles conservavam parte de seus usos, costumes e genero de vida caracteristicos.

Assim, por ex., dizem as informações que, em geral, eram vadios e indolentes, dedicando-se os homens quasi que exclusivamente ao commercio de animaes, principalmente ás berganhas, no que, como todos os nossos ciganos sertanejos, eram "habeis e peritos", procurando sempre passar a "manta" no gajão.

As mulheres, escusado seria dizê-lo, praticavam a chiromancia e bruxarias, percorrendo os bairros vizinhos, **lendo a sina** ou **tirando a sorte** aos ingenuos...

Não podemos tambem desprezar os detalhes que vieram sobre os seus caracteres physicos, os quaes, embora descriptos sob simples observações praticas, não deixam de condizer, em certos pontos, com o conhecido typo dos individuos da raça.

Eram, resumidamente, estes: estatura em geral média, havendo, porém, alguns altos: côr morena ou escura; cabellos lisos ou ondulados; olhos pretos ou, excepcionalmente, azues em alguns, mas sempre muito vivos.

Não esquecemos tambem, e como coisa importante, da parte relativa á linguistica e por isso perguntámos si falavam ou não,

particularmente, uma **giria especial**, distincta da dialectação dos luso-brasileiros. E a resposta foi esta: "Sim, tornando-se incompreensíveis quando tagarelavam entre si. Usavam termos desconhecidos, que ficaram no bairro, sem que até hoje os seus moradores conheçam a sua origem ou significação."

O nosso informante juntou ainda os seguintes detalhes: "Tinham por chefe um tal José Gaspar, (sem duvida, o mesmo "capitão" José Gaspar, a que se referiu o sr. Ignacio Cesar e que, domiciliado em S. Luiz, falleceu depois nessa cidade), mais conhecido por José ou Zeca Cigano e, dizendo-se **caipiras de Minas**, eram maneirosos e agradáveis, procurando assim atenuar as suspeitas que sobre elles recaiam.

E foi graças a isso que conseguiram se manter pelo espaço de cerca de 10 annos no bairro das Perobas que, por signal, é hoje conhecido pelos habitantes de S. Luiz por Tapera dos Ciganos, nova designação que recorda a residencia temporaria daquella gente no referido bairro.

Ainda um pormenor curioso: no bando havia alguns negros e entre estes um de alta estatura, horrorosamente feio e que, por ser **valentão**, era capanga do chefe.

Aliás, em capitulo especial tentaremos explicar a razão da existencia do elemento negro não só nesse bando de ciganos como em outros bandos de que já temos falado.

* * *

Taes são as valiosas informações que sobre o assumpto nos forneceu o dr. Alberico Guimarães, para as quaes, conforme elle proprio o diz, muito concorreu a boa vontade do sr. José Bonifacio de Moura, fazendeiro no municipio de S. Luiz.

E agora, para terminar, juntaremos a ellas outras colhidas em fonte diversa e que, embora laconicas, são interessantes porque provam que alguns remanescentes do bando continuaram a viver ou ainda vivem em terras daquelle municipio.

Vieram da cidade de S. Luiz e são subscriptas pelo sr. Ignacio Cesar, o mesmo autor das curiosas e preciosas informações que atraz transcrevemos.

Diz elle que, de facto, por alli residiu temporariamente a tribu de ciganos chefiada por Zeca Cigano e que della ainda existe, em ponto distante 4 leguas da cidade, um grupo remanescente que acompanha a viuva do referido chefe e um filho do casal, chamado "Póem".

E accrescenta que esses ciganos, segundo declarações proprias, são ligados, por laços de familia, aos do Rio Grande do Sul.

Nesse caso, e como elles tambem se diziam caipiras de Minas, é provavel que representassem uma irradiação de algum bando que, em tempo indeterminado, veio do Rio Grande e penetrou em Minas, após haver atravessado as terras dos Estados intermediarios.

E então, andejes como são, do territorio mineiro se teriam passado para a zona a que chamamos — Norte de S. Paulo.

* * *

No Estado de São Paulo ha neste momento numerosos ciganos, estrangeiros em sua grande maioria. Na Capital elles formam pequenos nucleos sedentarios, localizados, principalmente, nos bairros do Belemzinho, Maranhão e Pinheiros.

E no interior os seus bandos percorrem os nossos municipios, acampando constantemente nas proximidades das cidades, villas e povoados.

Ao que nos informam, alguns desses bandos errantes são organizados nos referidos nucleos existentes na Capital e delles saem para mais tarde volverem, após algum tempo de "operações" em nossas terras interiores.

Outros, porém, que ainda levam vida exclusivamente nómade, cruzam o Estado em todas as direcções e, muitas vezes, atravessando as fronteiras, penetram nos Estados vizinhos.

Outros, por fim, vindos do Norte ou do Sul, atravessam as terras paulistas e, sem destino ou rumo certo, caminham, caminham sempre...

Na falta de outra documentação, vamos transcrever uma série de noticias muito recentes, dadas pelos jornaes paulistas sobre a "acção" dos ciganos em nosso Estado, a qual, como vamos vêr, muitas vezes se tem revestido duma audacia verdadeiramente incrível.

Do "Diario de S. Paulo", de 30 de julho de 1935:

"UM BANDO DE CIGANOS ESTA' PERCORRENDO O INTERIOR DO ESTADO"

S. JOSE' DO RIO PARDO, 28 (Do correspondente do "Diario de S. Paulo") — Esta cidade foi ha dias invadida por uma horda de ciganos, que esteve acampada em terras proximas durante dez dias. Durante tesse tempo, esses nomades conseguiram extorquir, por diversos processos do conto do vigario, mais de 3 contos a pessoas de humilde condição.

O sr. José Jacintho da Silva, trabalhador rural da fazenda Grauinha, foi lesado em 3 contos por uma das ciganas. Ella offereceu-se-lhe para "tirar a sorte", e depois de uma série de "passes", para acabar de uma vez o "mal feito", de que elle era possuidor, disse-lhe que eram precisas

algumas cédulas de 500 mil réis. O trabalhador entregou a gatuna seis cedulas de tal importancia. A cigana, após tel-as dobrado cuidadosamente executou um passe de prestidigitação e, fingindo que amarrava o dinheiro em um lenço, entregou o pacote ao incauto José Jacyntho, recommendando-lhe que só depois de 15 dias o deveria abrir. José assim fez e deparou, então, com um "paco" de papeis velhos no logar dos seus tres contos, que eram o fructo de longos annos de trabalho.

A cigana ainda intrujou o pobre homem dando-lhe uma série de algarismos, para que elle comprasse um bilhete de loteria com igual numero, para, assim, obter a sorte grande de 200 contos.

Finalmente, a mesma mulher pediu ainda ao trabalhador 20 mil réis para comprar velas que seriam queimadas por sua intenção.

O bando de ciganos, que tomou rumo ignorado, está sendo procurado pela policia".

Do "Diario da Noite", de 27 de setembro de 1935:

"RAPTADOS SOB MORDAÇA, POR UM GRUPO DE CIGANOS"

"CAMPINAS, 26 (Da Succursal do "Diario da Noite") — Em Limeira desenrolou-se hoje um facto policial revestido, innegavelmente, de circumstancias curiosas.

Os soldados do destacamento local tiveram ordem para prender um grupo de ciganos que, viajando em dois automoveis com chapa de Ibitinga, procuravam agir na "cidade das laranjas".

Encontrando os ciganos, os mantenedores da ordem fizeram deter os carros, dando voz de prisão aos seus occupantes. Os zingaros, sem deixar transparecer suas intenções, não esboçaram sequer um gesto de resistencia. E, com unctuosa amabilidade, convidaram os soldados a entrar nos automoveis para acompanhal-os á sede da Delegacia. Seria mais rapido e confortavel...

O convite foi accedido sem relutancia.

Entretanto, os astuciosos ciganos, com a audacia peculiar á raça, logo que os automoveis ganharam velocidade, arremetteram-se contra os policlaes, conseguindo dominal-os. Os soldados foram amarrados e, para que não dessem com a lingua nos dentes, também amordaçados.

O facto, todavia, não passou despercebido. A autoridade policial de Limeira, sabedora de que os automoveis dos ciganos haviam tomado o rumo de Campinas, communicou-se immediatamente com as delegacias vizinhas, solicitando-lhes providencias. A Regional de Campinas tomou as medidas que o caso aconselhava.

A's 18 horas, a nossa reportagem foi informada de que os audaciosos zingaros foram detidos em Carioba, no municipio de Villa Americana. E os soldados achavam-se ainda em poder dos autores da façanha."

Sob o titulo "COMO NOS FILMS AMERICANOS" e sub-titulos "Os ciganos subjugaram o soldado que os escoltava e trataram de fugir — A movimentada prisão dos zingaros", o mesmo jornal "Diario da Noite" publica, em sua edição de 28 de setembro, a seguinte noticia supplementar:

"CAMPINAS, 23 (Da succursal). — Caso movimentado o que ocorreu ante-hontem.

Movimentado e á "la gangster", não faltando nem a perseguição dos malfetores pelo guarda de motocycleta.

Tudo tal e qual...

Um bando de ciganos estivera acampado em Leme. Depois de alguns furtos, como é de praxe, deixou a cidade, dirigindo-se para Limeira, em cujas proximidades armou suas tendas.

Sabedor do rumo que haviam tomado os meliantes, o delegado de policia de Leme telephonou ao de Limeira, pedindo a prisão do bando, que de facto, logo era detido.

Os ciganos possuíam dois automoveis: um, de Catanduva, chapa 18 e outro, de Ibitinga, chapa 146. Nelles foram embarcados para Leme. Na direcção ia um cigano ■ ao lado do "chauffeur", um soldado do destacamento de policia de Limeira.

LUDIBRIANDO O SOLDADO

Ao passarem pelo posto da Guarda Civil, deram os seus destinos. Iam para Leme, devidamente escoltados... Mas, enquanto o carro da frente enveredou pela estrada certa, o mesmo não fez o outro, que ganhou a de Villa Americana.

Desconfiando, mas querendo crêr que logo verificando o engano voltassem, um guarda civil do posto ficou espreitando. Passaram-se minutos e nada do automovel voltar.

Em vista disso, o guarda saltou para a motocycleta e á toda entrou para a estrada de Limeira, para alcançar o carro que já devia ir longe.

Emquanto isto o outro automovel chegava a Leme, de onde o soldado communicou ao delegado de Limeira que o seu companheiro fôra ludibriado pelos ciganos.

Telephonando para Campinas, o delegado de Limeira pôz a autoridade daqui ao par do que se passava.

Immediatamente, pelo telephone e pelo radio, foram expedidas ordens de apprehensão dos citados carros. E partindo de Campinas, ganharam a estrada de Limeira alguns guardas do nosso destacamento.

A PRISÃO

Emquanto as autoridades de toda a região policial de Campinas se movimentavam para a prisão, o guarda civil do posto de Limeira se dirigia para Villa Americana, pesquisando os arredores da estrada.

A 3 kilometros de Carioba, o militar teve a sua attenção voltada para um carro que alli estava estacionado.

Approximou-se cautelosamente. Proximo do vehiculo, os ciganos luctavam com o soldado, na intenção de amordaçal-o e amarral-o. De revólver em punho, o guarda civil surgiu ante os raptorez, intimando-os a levantarem os braços.

Immediatamente, o soldado se refazia e tambem de revólver em punho garantia a prisão dos ciganos, que foram levados para Limeira. Dahi irão elles para Leme, ajustar contas com a autoridade.

A occorrença tem, como vemos, accentuado sabor de filme americano."

Com relação ás ciganas chiromantes e cartomantes, passamos a transcrever as seguintes noticias:

D“A Platéa”, do mez de de 1935:

“ESTAVA LENDO A BUENA DICHA E FOI PARAR NO GABINETE”;

“Maria Jorge, ou “Madame Diva” são nomes já conhecidos. Pertencem á mesma pessoa; á cigana que se fez “adivinha” para mais facilmente embulhar os “otarios”. E ella tem varias “especialidades”. Tanto escamoteia o dinheiro do ingenuo consulente, como “cura” molestias incuráveis, como lê a “buena dicha”... E’ uma féra, na arte de “tapear” a humanidade!

Hontem ella voltou ao Gabinete. A primeira “cana” foi porque a esperta cigana, mulher de 54 annos, sempre sorridente e com ares de ingenua — fez uma “magica” com dois contos de réis de um padeiro e o dinheiro “virou cinza”... Agora ella foi detida quando “tirava sorte” na rua 25 de Março.

FALANDO COM A CIGANA

Quando chegámos á Delegacia de Repressão á Malandragem. Maria Jorge, que outra não é senão a famosa “Madame Diva”, estava “lendo a mão” de um inspector, que aproveitou a oportunidade para saber de seu futuro...

Ella falava com convicção, seriamente. Pausadamente.

Avizinhamo-nos. E logo entrámos de palestra com a cigana.

Uma outra — a Bella Gaith, presa na mesma occasião — veio fazer parte do grupo. E a “adivinha” falou assim:

FAZENDO O QUE OS OUTROS FAZEM...

— Antigamente — começou ella — eu só lia a “buena dicha”. Mas depois vi que isso não dava nada. Resolvi, então, ser “Madame Diva”. Mudei de nome, fiz grandes reclames e procedi como os outros: embulhei meio mundo! Minha casa vivia chela de gente. Eu receitava. Eu curava. Eu desmanchava e arranjava casamentos. Eu fazia tudo, direitinho... Ganhei muito dinheiro. Comprei até uma casa. Mandeí dois filhos para a Academia. Mas a policia estraga tudo...

O DINHEIRO DO PADEIRO

— Como foi aquella historia do dinheiro do padeiro?

Elle foi consultar-me. Queria ficar bom de uma molestia, que fizera os medicos recuar. Disse-lhe logo que isso era sopa. Precisava, porém, de dois contos de réis para figurar no “trabalho”. Elle foi buscar os “cobres”. Levou-os. Aliás ainda faltavam 15\$000... Ahi fiz o “trabalho”. Mas o dinheiro “virou cinza”...

Ella sorriu.

— “Virou cinza”??

— Tapeação! Fiquei com elle... Qual era o meu?

E depois concluiu:

— Já fui embrulhada, também. Passaram-me o "conto", certa vez. O tal "violino"... Perdi o meu rico dinheirinho e a polícia deu de ombros. Desde então resolvi fazer a mesma coisa, isto é, passar o "cobre" dos outros para as minhas algibeiras...

Sorriu novamente.

— E hoje?

-- Estava lendo uma "buena dicha". Prenderam-me. Foi só.

* * *

Maria Jorge fala bem o portuguez. Usa phrases da gyria. E' o typo da mulher sabida. Não se lamenta. Pelo contrario. Acha graça, allegando que na cadeia não poderá ficar toda a vida. Depois, tem advogado. E hoje mesmo espera estar na rua.

Ella tem razão..."

Da "Folha da Manhã", de 6 de agosto de 1935.

"A Delegacia de Costumes tem detido diariamente ciganas que, vindas do Paraná, de onde foram expulsas pela policia, invadiram a nossa Capital, lendo a "buena dicha" levando a effeito varios furtos.

A Delegacia de Costumes já mandou identificar perto de cem dessas ciganas que exercem a chiromancia e cartomancia."

Tambem é digna de transcripção uma noticia que, sob o titulo "A HISTORIA TRISTE DE UMA CIGANINHA QUE FOI VENDIDA POR TRES CONTOS DE REIS", foi dada pelo "Correio de S. Paulo", de 11 de abril de 1935.

Essa noticia, que tem por sub-titulo "Um fracasso amoroso — Graphologos analphabetos — Outras notas", é a seguinte:

"A graphologia tornou-se, nesta Capital, uma verdadeira fonte de renda. Diariamente, vemos annuncios de "madames" que ganham a vida respondendo ás perguntas que lhe fazem os incautos.

Muitas vezes as "illustres" graphologas nem o nome sabem assignar, e, sendo a graphologia estudada em conjuncto com a Psychologia, como teriam ellas aprendido tal sciencia?

A Delegacia de Costumes, ha tempos, deu inicio a uma campanha, prendendo até um professor muito conhecido que respondia perguntas em troca de bons dinheiros.

Com essa prisão, as "sabidas" deixaram de exercer a profissão, até que voltaram novamente ás actividades.

Averiguando, a nossa reportagem encontrou o seguinte annuncio, publicado num dos nossos diários:

Madame Helena — Professora de Graphologia e Psychologia, etc.

Procurando saber algo a respeito de Mme. Helena, podemos dizer que a mesma é uma menor, quasi analphabeta!

Entretanto, está ganhando rios de dinheiro...

AVERIGUANDO...

Sabendo que a referida menina é cigana, procurámos conhecer os seus serviços, indo ao seu "quartel-general" no Belemzinho.

Visitando varias ruas, levando um bom interprete servio, apurámos que Helena é de facto cigana."

Em seguida, diz o reporter, que alli foi apresentado a um descendente de servios sobre o qual assim se refere:

"Falando muito bem o portuguez, contou-nos que já fôra noivo alguns annos da graphologa em questão, não se tendo realizado o casamento, porque o padastro da noiva, o cigano José Schmidt, conhecido por José Fernandes, queria a importancia de 3:000\$000 para effectuar a entrega da moça!"

Teria conhecido Helena ha quatro mezes mais ou menos, tendo della se enamorado quando a mesma residia em Santos.

Tornando-se noivos, contractou casamento, sendo que a noiva já residia então nesta Capital.

E prosegue:

"Quando José Schmidt, cobrou pela filha os 3:000\$000, achava-se presente o cigano Miguel Vacite, possuidor de mais de 100:000\$000, que, encantado com a filha do vendedor, aproveitou a ausencia do noivo para propôr o pagamento estipulado, desde que Schmidt fizesse Olga ir morar com elle. Casar-se não queria, por ser já casado e por ter abandonado sua esposa em Barretos!

Acontece que o amante de Helena, não mais trabalhou, pois até ha pouco tempo, possuidor daquella quantia, procurou na amante uma nova fonte de rendas, fazendo-a "graphologa".

A transacção do cigano que vendeu a filha foi feita quando elle, o verdadeiro noivo, se achava ausente, no interior do Estado.

Então, continúa a noticia:

"O mestiço relatava tudo isto ao reporter do CORREIO DE S. PAULO, calmamente, mas com o coração apertado pelo odio ao padrasto e amasio da mulher que hoje seria sua esposa.

O CASORIO

Quando o casamento se realizou, houve dois dias de festa.

Morava a ex-noiva e os seus, na avenida Rodrigues Alves, 255, na vizinha cidade praiana.

Foram dois dias de festas."

"A Delegacia de Costumes deve apurar esse caso, pois um pae que recebe a quantia de 3:000\$000, entregando uma filha menor a um homem, é um criminoso vulgar, devendo a policia tomar conhecimento do facto prendendo a menor e o amasio, para presarem declarações."

Vamos, por fim, transcrever uma noticia inserta em "O Dia", do mez de, de 1935, pelo qual deduzimos que a mulher cigana, abandonando certos preconceitos tradicionaes da raça, tambem já se vai modernizando...

Trata-se dum caso de abandono do lar e que, sob o titulo "QUE FIM LEVOU A JOVEN CIGANA?", assim é narrado pelo referilo jornal:

"Laura Stefanovitch tem o appellido de "Vire". E' cigara. Casada. E conta 16 annos de idade. Residiu em São Paulo á rua Padre Adelino n. 2. Desappareceu, porém, ha mais de um mez levando 600\$000 em dinheiro e joias.

Levado o caso ao conhecimento do Gabinete de Investigações, soube-se que Laura se achava em Barra do Pirahy. Não se sabe como, conseguiu fugir para Juiz de Fôra, quando estava para ser conduzida para esta capital.

Os seus parentes procuram-n'a agora por intermedio dos leitores do "O DIA".

* * *

Conforme vemos pelos proprios nomes dos ciganos envolvidos nas façanhas atraz citadas, elles, em sua maioria, são estrangeiros, parecendo que a sua chegada ao nosso Estado deve ser relativamente recente.

Quasi todos procedem, segundo pudemos averiguar, dos paises balkanicos: da Yugoslavia, principalmente; da Grecia, da Turquia, etc. Sobre os ciganos brasileiros, por ventura, ainda haja em nosso Estado, quer vivendo sedentariamente, aqui ou alli, quer percorrendo em bandos os nossos sertões, infelizmente até agora não conseguimos obter nenhuma noticia positiva.

Não sabemos, por exemplo, si o bando que, em julho de 1935, passou por S. José do Rio Preto, com a noticia do "Diario de S. Paulo", que atraz transcrevemos, era composto de ciganos estrangeiros ou de nacionaes, ou si, misturadamente, de uns e outros.

Nesse particular, conseguimos apenas saber, e isso mesmo por informações vagas e imprecisas, que até hoje alguns pequenos bandos de ciganos patricios, vindos de Minas, costumam frequentar os municípios paulistas da zona da Mogyana.

ESTADO DO PARANA'

Nada sabemos sobre a existencia, nos tempos passados, de ciganos nas terras do Paraná.

Actualmente, ao que nos informam, alli vivem muitos.

Aliás, isso é confirmado pelo conteúdo da noticia dada pela "Folha da Manhã", de 6 de agosto de 1935, e que atraz transcrevemos.

Realmente, nella dizia-se que a policia paulista estava detendo numerosas ciganas que, expulsas do Paraná, tinham vindo para a nossa Capital, onde, além de exercerem a chiromancia e cartomancia, estavam praticando varios furtos.

E já era de cem o numero das identificadas!

ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL

Relativamente aos ciganos no Rio Grande do Sul, nos tempos mais antigos, possuímos apenas uma noticia que recortámos dum exemplar do "Almanach das Senhoras", cujo anno de impressão ignoramos.

Não sabemos, pois, si ella, que vem assignada por Sévigné, é do seculo passado ou do actual.

Isso, porém, não tem importancia, porque aqui o nosso unico fito é demonstrar que as terras do extremo sul do paiz tam-bem têm sido cortadas pelos bandos nomades de que tratamos.

O titulo da noticia é "ÓS CIGANOS" e o seu conteúdo é este:

"Em tempos não mui remotos, andavam pelos nossos sertões grupos de egypcios reunidos muitas vezes a outros de diversos paizes, typos verdadeiramente especuladores, a quem davam o nome de ciganos, e que, aproveitando a ignorancia dos incautos sertanejos, tomavam-lhes dinheiro, ouro e muitos outros objectos, sob o pretexto de lhes lerem a *buena-dieha*, ou conhecer o futuro pelas linhas da mão, tirar feitiço, arranjar casamentos e muitas outras bruxarias da mesma especie. Eram estes grupos compostos de homens, mulheres e crianças, tendo um como chefe, a quem davam o nome de Capitão.

Esta gente, além de abusar da impericia deste pobre povo, que se deixava seduzir por suas promessas, commetteu diversos crimes, entre os quaes avultavam os roubos.

Hoje, graças á intervenção dos nossos governos, estão completamente acabados esses grupos, para tranquillidade do nosso caro sertão.

Barra do Rio Grande.

Sévigné."

Entretanto, por uma noticia recentemente dada, em 4 de abril de 1935, pela "Platée", desta Capital, podemos inferir que os ciganos persistiram naquelle Estado, havendo mesmo descendentes seus já alli nascidos.

Refere-se ella á triste odysseá duma ciganhinha brasileira, a qual começou na cidade riograndense de Santa Maria e terminou no Rio de Janeiro.

Tem por título "O COMPRADOR, OUTRO CIGANO, QUERIA EXPLORAR A POBRE MOÇA", e é a seguinte:

"A desventurada ciganinha Esmeralda de Lourdes, apesar de sua tenra idade, pois conta apenas 15 primaveras incompletas, já tem uma historia triste e complicada a contar. Nascida para a dôr e para o infortúnio, em Santa Maria, Estado do Rio Grande do Sul, Esmeralda, desde seus primeiros dias de existência, vem experimentando os rigores da desventura, pois se viu desde logo atirada ao léo da sorte, andando de braço em braço, exposta ao tempo e á fome, dormindo em casas extranhas. Assim viveu a linda Esmeralda a sua infancia, até que se fez moça.

Sua mãe, entretanto, vendo-a sympathica e attrahente, ensinou-lhe os mysterios da chiromancia. Integrando-a nos segredos de sua profissão.

Cigana velha e experimentada, a mãe de Esmeralda não trepidou em atirar a linda menina ao vendaval do mundo, em promiscuidade com gente de toda especie. Em pouco tempo, Esmeralda se tornou o encanto das ruas, dos estabelecimentos commerciaes e até mesmo das casas de familias, onde era vista, diariamente, lendo a mão e dizendo das felicidades que estavam reservadas aos seus innumeros clientes, homens e mulheres, rapazes, moças e crianças!...

Um bello dia, a mãe de Esmeralda apaixonara-se pelo seu patricio Jorge Tam, velho cigano. Tempos depois, a bella Esmeralda, ao regressar da sua constante peregrinação, pelas ruas de Santa Maria, encontrou em casa aquelle cigano, que passou a figurar como seu padrasto.

Desde então a vida da linda ciganinha se tornou mais tormentosa ainda, pois tinha de ganhar diariamente uma quantia elevada que fôra estipulada pelo amante de sua mãe.

Humilde, obediente, não querendo causar desgostos á sua progenitora, Esmeralda, a principio, chegava á casa com o dinheiro exigido, satisfazendo, desse modo, os instinctos interesseiros do seu desalmado padrasto. Esta situação, entretanto, não teve grande duração, naquella cidade gaúcha, porque sua mãe e seu padrasto transferiram residencia para o Rio de Janeiro, indo morar na estação de Cascadura.

A esse tempo, a joven Esmeralda contava 13 annos de idade.

Alli chegados, o padrasto da ciganinha obrigou-a a continuar na sua rendosa profissão. Assim, Esmeralda percorria diariamente as ruas dos suburbios, lendo a mão dos transeuntes. Emquanto de uns recebia alguns mil réis, de outros, entretanto, escutava apenas galanteios e muitas vezes propostas seductoras.

Certo dia, sahindo para a sua faina costumeira, a joven e linda ciganinha teve os seus passos embargados pelas palavras amorosas dum sargento, que costumava fazer ponto no botequim do Amorim, em Cascadura.

A principio, Esmeralda não levou á sério o que lhe dizia o militar. Este, entretanto, apertando cada vez mais o cerco de suas conquistas, conseguiu escravisar o coração da bella ciganinha, que passou a ler unicamente a sua mão...

Não tardou, porém, que o referido militar, aproveitando-se da innocência e boa fé da encantadora Esmeralda, a infelicitasse, após attrahir a para uma casa suspelta de uma tal Nenê, muito conhecida nas rodas dos bohemios retardatarios e residentes naquella suburbio.

Desde então, foi notada a ausência, nas ruas suburbanas, da linda e seductora ciganinha victima da maldade, dos homens e das misérias do mundo.

De alegre e jovial que era, Esmeralda se tornou triste e muito pensativa.

Vivia seus dias recolhida ás quatro paredes de seu quarto, entregue ás leituras romanticas, de preferencia as que mais se assemelhavam com a sua desventura.

Julgando que sua enteada se achava enferma e, mais ainda, por sentir a falta da boa "maquia" que a mesma lhe proporcionava, Jorge Tam, após consultar sua amante, resolveu chamar um medico. Este, então, ao examinar a joven, descobriu o motivo da sua enfermidade, que outra não era senão as tristes consequências daquelle amor mentiroso e fugaz. A joven ciganinha, que soubera encobrir o erro do seu amor leviano, supplicou ao facultativo que este não revelasse o seu estado.

Sciende de tudo, Jorge Tam architectou um indecoroso plano, mas que lhe renderia, por certo, bom dinheiro.

Hontem, enquanto a joven ciganinha procurava reanimar o seu espirito combalido pelos desenganos, o desalmado padraço negociava o seu corpo com o patricio de nome Lino, cigano, e residente á rua Senador Pompeu, na Capital Federal. A transacção, que foi feita e acabada sem prévio conhecimento de Esmeralda, cumulou com a entrega desta ao seu novo explorador e algoz, em troca de uma determinada quantia que seria paga a prestações mensaes, de accôrdo com o credo dos ciganos.

Conservando ainda o mesmo instincto de obediencia cega, a infeliz ciganinha, sem um protesto sequer, passou a residir em companhia do seu comprador. Este, que adquirira a joven ciganinha com o fito de explorá-la, pagava as mensalidades relativas á sua compra com o proprio dinheiro arranjado pela mesma em sua penosa profissão.

Comprehendendo melhor a vida e cansada de ser torpemente explorada, Esmeralda, ha dias, resolveu abandonar Lino, indo pedir pousada á sra. Francisca Palmeira Rodrigues Peres, moradora á rua Julio do Carmo, 213.

Notando a falta de sua escrava, o cigano Lino, que já havia pago varias prestações ao Jorge Tam, foi á casa deste procurar a joven e como não a encontrasse nem lhe fosse dada qualquer noticia a seu respeito, exigiu a restituição do dinheiro das prestações.

Chegando a um accôrdo, Lino resolveu procurar Esmeralda, vindo a descobri-lhe o paradeiro.

Francisca Palmeira Rodrigues Peres, indignada com o assedio do cigano Lino, resolveu apresentar a joven Esmeralda ao commissario Braga Mello, do 9.º districto, o qual tomou todas as providencias exigidas no caso, mandando intimar os "negocistas de carne humana" e bem assim a propria progenitora de Esmeralda, a comparecerem á delegacia, afim de prestarem esclarecimentos no inquerito que alli já se acha instaurado.

A joven ciganinha, que tem orgulho de ser brasileira, está decidida a renunciar á companhia dos ciganos, que só desgostos, tormentos e lagrimas, lhe têm proporcionado."

Com relação aos ciganos já nascidos no Rio Grande do Sul, como, p. ex., a ciganinha Esmeralda de Lourdes e, talvez, seus paes, lembramos aqui que os ciganos que, por diversas vezes es-

tiveram no municipio paulista de S. Luiz do Parahytinga, diziam que eram naturaes daquelle Estado.

E que os que moraram mais ou menos fixamente, pelo espaço de 10 annos, no bairro das Perobas (depois chamado Tapera dos Ciganos), daquelle municipio, se diziam “caipiras de Minas”, ligados por laços de familia aos ciganos do Rio Grande do Sul.

Pasemos agora ás regiões centraes e septentrionaes do paiz para examinar qual a situação actual dos ciganos em alguns Estados situados nessas regiões:

ESTADO DO RIO DE JANEIRO

Si a cidade do Rio de Janeiro está encravada nas terras que hoje constituem o Estado do Rio de Janeiro, é possivel que a entrada dos ciganos nestas se tenha dado pouco tempo depois da chegada naquella dos primeiros ciganos que, em 1718, vieram degredados de Portugal.

Pois é logico que esses ciganos portuguezes ou os seus descendentes brasileiros ao iniciarem as suas partidas para as regiões interiores tinham de attingir primeiramente as referidas terras do hoje Estado do Rio. E uma prova de que elles por ahi viveram e mesmo se multiplicaram é-nos dada pela noticia de Mello Moraes, que transcrevemos no Cap. II, e que se refere ao recolhimento á Cadeia do Aljube, em 1823, de 43 ciganos chegados da cidade de Campos ao Rio de Janeiro.

Depois disso, só obtivemos duas noticias sobre a existencia dos ciganos nas terras fluminenses.

São as que já transcrevemos no Cap. III, dadas em 1892 pel’ “O Dia” e pelo “Paiz” e que descreviam a “acção” da quadrilha de ladrões narcotizadores que naquelle anno appareceu em Nictheroy. Ora, como actualmente ha muitos ciganos na Capital Federal, havemos de admittir que tambem haja na vizinha capital do Estado do Rio; e que alguns grupos ou bandos, destacando-se dos nucleos existentes nessas cidades, se internem, ainda hoje nas terras fluminenses e nellas continuem o seu nomadismo e o seu genero de vida primitivos.

ESTADO DE MINAS GERAES

Sabido é que Minas Geraes tem sido, desde os tempos coloniaes, um dos mais importantes focos da ciganada brasileira.

Assim, é provavel que em seus archivos, em suas bibliothecas e em seus jornaes se encontrem muitos documentos governamentais, muitas chronicas e noticias relativas aos nomades de que tratamos.

Entretanto, infelizmente, até este momento não possuímos, para transcrever aqui, nenhum documento escripto sobre os ciganos de Minas.

Mas que elles sempre foram numerosos nessa região attestam os documentos e noticias que atraz demos, relativamente a bandos que, della provindo, têm entrado nas terras paulistas.

Tal é, p. ex., nos tempos coloniaes, o caso do “Termo de vereança”, de 4 de outubro de 1760, do Senado da Camara da cidade de São Paulo que determinava que fosse della “despejado” — “um grande bando de ciganos composto de homens, mulheres e filhos, sendo publico terem sido expulsos de Minas por serem perniciosos naquellas povoações”. (V. Cap. I).

E tambem, nos tempos do Imperio, o caso do numeroso bando que, em 1885, passou por Caçapava, o qual, segundo diz o proprio noticiario que delle tratou, — vinha de Minas e seguia para o norte. (V. Cap. III).

Relativamente aos tempos mais proximos, vemos que num dos trechos da “Historia do Norte Paulista”, o seu autor, sr. Ignacio Cesar, diz que os ciganos nacionaes que periodicamente appareciam no norte de São Paulo “quasi sempre vinham da parte central de Minas Geraes — Congonha do Campo”.

Finalmente, tambem já sabemos que, consoante ás informações que ao dr. A. Guimarães foram dadas pelo sr. José Bonifacio de Moura, os ciganos que, de 1910 a 1900, residiram num bairro de São Luiz do Parahytinga, se diziam “caipiras de Minas”, “procurando assim attenuar as suspeitas que sobre elles recaiam”.

Ora, assim como de Minas têm vindo para São Paulo tantos bandos de ciganos, é provavel que outros bandos della tambem tenham partido para os demais Estados limitrophes.

São casos, cuja investigação deixamos a cargo de outros.

Seja, porém, como fôr, o certo é que o que se disse com relação ás “entradas” nas terras paulistas é o sufficiente para deduzirmos que os ciganos sempre foram muito numerosos nas terras mineiras.

* * *

Ao sr. Marcellino Machado, proprietario da “Livraria Commercial”, desta Capital, devemos muito boas informações sobre

os bandos de ciganos brasileiros que ha cerca de 40 annos appareciam na zona comprehendida pelo municipio mineiro de Guaxupé, pelos municipios paulistas de Mococa, Caconde e S. José do Rio Pardo e suas cercanias.

Nascido em Minas Geraes, o sr. M. Machado residiu por muito tempo em varios pontos da referida zona e ainda se lembra perfeitamente do que observou relativamente ao typo e aos usos e costumes daquelles nomades, cujos acampamentos, por mera curiosidade, costumava frequentar.

Eis como elle nô-os descreve:

"Vinham do centro de Minas em bandos numerosos, sendo que alguns se compunham de mais de uma centena de individuos. Traziam muita cavallhada, cargueiros, etc.

Eram em geral escuros ou morenos, lembrando o typo commum do nortista. Havia, ademais, entre elles alguns negros e mestigos, sendo que os primeiros se diziam "descendentes de antigos escravos, que, nos tempos passados, os ciganos possuiram".

Seus trajes eram, como o são entre todos os ciganos, espalhafatosos, sobressaindo, principalmente, as camisas de chita de côres berrantes.

O genero de commercio a que se dedicavam se limitava quasi quo ao de animaes, incluindo-se as conhecidas "berganhas", nas quaes eram habeis e astutos..

Entretanto, tambem faziam troca de armas de fogo e vendiam "pedras de cevar", á guisa de talismans, "que seriam valiosos auxiliares para se conseguir casamentos e amores desejados".

Não viu nenhum caldeireiro, o que prova que por esse tempo já haviam abandonado essa profissão predilecta da raça.

As mulheres, entre as quaes havia algumas bem bonitas, diziam a "buena-dicha", annulavam quebrantes, etc.

Chamavam "gajão" a todos que não eram da tribu e falavam o portuguez tal como o falam os nossos sertanejos, isto é, um tanto alterado por comprehensivel e inevitavel dialectação.

Mas quando lhes convinha, falavam entre si uma linguagem ou gíria incomprehensivel para os "gajões".

Atrevidos e ousados, ás vezes entravam em conflictos com os destacamentos policiaes enviados para expulsal-os dos pontos em que se achavam acampados.

Com o decorrer dos tempos e devido sem duvida á maior civilização da zona, esses bandos foram nella rareando. Buscaram talvez as regiões sertanejas mais adequadas ou propicias ao seu genero de vida".

Taes são as informações que sobre os ciganos patricios nos deu o sr. M. Machado, das quaes, por sua firmeza e criterio, não podemos duvidar.

São para nós muito importantes as que se referem aos negros existentes nos bandos e que se diziam descendentes de antigos escravos dos ciganos.

Mais tarde, nos "Subsidios ethnographicos", trataremos desse caso e de outros identicos já citados atraz.

* * *

Ao que nos informam, em Minas, ao menos nos centros mais povoados e civilizados, os ciganos já vão sendo raros e quando por ali apparecem vêm em bandos ou grupos muito menores que os dos tempos passados.

Quanto a um bando de ciganos brasileiros que, segundo declarações de seu proprio chefe, após ter percorrido desde 1909 até 1935 (um quarto de seculo!) todo o territorio mineiro, entrou recentemente no Estado da Bahia e acampou em sua Capital, leia-se a noticia dada por um jornal bahiano, de janeiro de 1935, e que vai adeante transcripta entre as informações relativas aos ciganos nesse ultimo Estado.

* * *

Os sertões de Minas Geraes eram, segundo parece, frequentados, desd' os tempos antigos, por grupos de "calôns" saídos do nucleo sedentario do Rio de Janeiro.

E' o que se deduz dos seguintes trechos tirados de "OS CIGANOS NO BRAZIL".

Na pag. 68, p. ex., falando sobre o uso das alcunhas entre elles, diz M. Moraes:

"Uma das curiosidades mais salientes do seu viver intimo são as alcunhas que, com o habito, degeneram em nomes proprios. Constituindo esses bandos uma tribu, não é difficil desaparecerem os nomes, ficando os appellidos.

Este systema estende-se a toda a casta no Brasil: O "Beijo", o "Rôla", o "Catú", o "Come-polvora", etc.; ciganos celebres das **partidas** de Minas'.

E na pag. 198, ao tratar, nas "**Notas e Adições**", do "Beijo" e do "Rola" assim se expressa:

"Foram de passagem companheiros de barraca do sr. Pinto Noites e tornaram-se notaveis nos annaes do crime.

O "Beijo" teve differentes recontros com Pedro Hespanhol, assombroso chefe da quadrilha de salteadores da Caqueirada, e este humilhava-se ás suas provocações, o respeitava.

Iniciou a sua carreira de malfeditor na idade de 11 annos, matando a seu proprio tio, para vingar-se de ter morto seu pai.

Referiu-nos o Sr. Pinto Noites que o seu **parente** "Beijo" contava mais de vinte mortes e que unicamente accusava remorsos de haver assassinado a uma de suas amantes, porque no momento em que elle, "Beijo", apunhalava o marido na estrada, ella arrastava pelos pés o cadaver, dando-lhe por sepultura o fundo de um charco.

Preso uma vez, conseguiu arrombar a prisão e evadir-se...

Embrenhado nos sertões de Minas, seguiram escoltas ao seu encalço, até que foi victima a tiros de bacamarte, "Rôla" teve igual sorte".

Como vimos, nesses trechos fala-se nas **partidas** de Minas e nos ciganos facinorosos, que dellas fazendo parte, commettiam crimes em seu territorio.

E' possível, sinão provavel que, desd' os tempos coloniaes muitos bandos de ciganos, vindos dos sertões da Bahia tenham successivamente penetrado em Minas, por suas fronteiras do norte.

Realmente, pela carta de agosto de 1761, dirigida da Bahia pelo chanceller José Carvalho de Andrade ao Conde de Oeiras (V. Cap. I), vemos que os ciganos que então residiam naquella cidade muitas vezes deixavam suas casas e se embrenhavam pelos sertões onde iam fazer vendas e trocas.

Facil, pois, seria a alguns de seus bandos abandonar a Bahia para se internar nas terras mineiras.

ESTADOS DE GOYAZ E MATTO GROSSO

Num dos periodos do estudo que fez sobre os ciganos nacionaes que ainda ha poucos annos percorriam as terras de S. Paulo e que, aliás, já transcrevemos atraz, diz seu autor A. de Oliveira e Sousa:

"Assim era ha annos. Hoje, é o mesmo. Seus costumes persistem. Apenas mudaram de HABITAT. Alheios á civilização, avessos ao progresso, civilização e progresso expulsaram-nos, com suas violencias iniquas, mais para o fundo, além dos sertões paulistas, para Matto Grosso, para Goyaz, para Minas".

São essas as unicas informações escriptas que até hoje obtivemos sobre a existencia de ciganos em Goyaz e Matto Grosso.

Vagas e imprecisas, ellas, como se deduz, se referem a tempos muito recentes.

Não sabemos, pois, si nos tempos mais antigos esses nomaes já haviam apparecido por alli.

* * *

Verbalmente, algumas pessoas têm-nos informado que actualmente ainda vagam pelas terras semi-desertas de Goyaz e Matto Grosso alguns grupos de ciganos, que levam vida miseravel.

Essas informações, a serem confirmadas, se revestem de grande importancia em nosso estudo porque, ao que dizem, esses grupos, em sua maioria, são compostos de ciganos brasileiros que, por se tornarem sertanejos, deverão representar nessas paragens parte dos descendentes de nossos antigos ciganos dos tempos coloniaes.

Outros que se interessem pelo assumpto poderão investigar a respeito.

ESTADO DA BAHIA

Por dois documentos por nós já transcriptos nos Caps. I e III, vemos que a Bahia foi uma das primeiras terras brasileiras em que chegaram os ciganos.

Esses documentos, que datam de 1718, se referem, embora

com termos um tanto diversos, a um unico facto, isto é, á chegada áquella cidade, em 1718, das primeiras familias degredadas do Reino, as quaes foram primeiramente habitar o bairro da Mouraria e depois o de Santo Antonio d'além do Carmo.

Ora, sabendo-se que foi só nos fins do sec. XVII que se generalizou o desterro duma parte dos ciganos de Portugal para o Brasil, é claro que os que nos principios do sec. XVIII, isto é, em 1718, chegaram á Bahia pôdem ser incluídos como fazendo parte das primeiras levas desterradas.

E' certo que elles ahi se multiplicaram rapidamente, visto que no documento transcripto no Cap. I diz-se: "O Senado da Camara designou para habitação delles o bairro da Mouraria, Freguezia de Sant'Anna, mas augmentando grandemente a procreação da ciganada, foi-lhe designado tambem o bairro de Santo Antonio d'além do Carmo".

Seja porque essa procreação continuou de modo sensível, seja porque aos nucleos della resultante se aggregaram outros ciganos desterrados da Metropole, o certo é que em 1761, segundo calculava o chanceller José de Carvalho Andrade, em sua referida carta ao Conde de Oeiras, já havia na Capitania cerca de mil individuos dessa raça. Numero esse assás grande e que já deveria salientar-se entre os demais elementos ethnicos que povoavam as terras bahianas e que, por aquelles tempos, eram relativamente pequenos.

* * *

Pelo que nos informa M. Moraes num dos trechos de "Quadrilhas de Ciganos", por nós transcripto no Cap. III, vemos que até meado do sec. XIX, ainda persistia a comunidade cigana do bairro de Santo Antonio da Mouraria.

E como quizessemos saber si dos que a compunham ainda ha descendentes em nossos dias, dirigimo-nos, por carta ao nosso gentil informante, dr. Mario Torres, que, a respeito, assim nos respondeu:

"Não existem fontes de informações reaes e autorisadas acêrca dos antigos ciganos, degredados. O antigo bairro da Mouraria abrigou ciganos e mouros até ao seculo passado, começo e meiado. Hoje o local constitue um bairro composto de varias ruas, no centro da cidade, occupado por moradias de varias familias e repartições publicas, Gymnasio da Bahia, Collegio S. Vicente de Paula, Igreja de Santo Antonio, da Palma e tambem o Quartel General do Exercito. Da antiga occupação por mouros e ciganos não ha nenhum vestigio".

Uma outra pergunta que haviamos feito sobre a existencia actual de ciganos sedentarios naquella cidade, foi assim respondida: "Na capital existe um nucleo de cêrca de trinta pessoas,

localizado na zona suburbana denominada Estrada da Liberdade. Outras vezes se localizam em Agua de Meninos, proximo á feira aill existente”.

Dessa informação deduzimos que, com a transformação sofrida por aquelle bairro nos tempos modernos, desapareceu por completo a lembrança dos ciganos que outr’ora nelle existiam.

Entretanto, ficamos sabendo que em outros pontos da capital bahiana ainda se notam pequenos grupos que nelles residem mais ou menos sedentariamente.

Isto tudo, quanto aos sedentarios.

Quanto aos nomades que actualmente ainda vagam pelos sertões daquelle Estado nortista, formulámos seis quesitos que, com grande firmeza e criterio, foram respondidos por M. Torres, o que prova ser elle um dos poucos que, entre nós, se interessam pela ciganologia.

Perguntámos, pois:

1.º — Ainda ha no interior do Estado da Bahia ciganos descendentes dos que, nos tempos coloniaes, foram degredados de Portugal?

Resposta: Sim.

2.º — Si ha, quaes seus usos e costumes?

Resposta: “Continuam a ser astutos, velhacos, errantes e miseraveis, procurando viver da pirataria, da troca nas feiras, enganando compradores e vendedores. São conhecidos por ladrões de cavallo. A’s vezes se dedicam á confecção de objectos de cobre, que procuram vender nas feiras (caldeireiros).

A principio o bando trazia sempre um urso e macacos que dansavam ao som de pandeiros e meninos que faziam acrobacia.

As mulheres liam, de preferencia, a *buena-dicha*, do que faziam fonte de receita. O roubo entre elles sempre foi praticado como profissão. Cantam modinhas do nosso paiz e fados portuguezes. As mulheres são raptadas e os filhos baptisados, porque isto lhes dá margem a presentes. As vestes são vistosas. As mulheres usam cabellos compridos em uma ou duas tranças que deixam cair pelas espaldas; saias compridas, blusas com mangas compridas e justas, geralmente vermelhas; no pescoço trazem um lenço grande vermelho, correntões com medalhas, anneis e braceletes de ouro.

Os homens usam bigodes e o chefe, respeitavel barba comprida, correntão de ouro com moedas de prata dourada; bengalão com anneis fixos onde estão penduradas medalhas; chapéo de feltro de abas largas, casaco preto ou camisa, calças vermelhas e fôfas, botas pretas e altas.

Os ciganos são excessivamente mentirosos.

As mulheres, quando viajam a cavallo, montam como os ho-

mens, enganchadas. Quando dão á luz, continuam seus trabalhos como se nada houvesse acontecido”.

3.º — Qual seu numero, mais ou menos?

Resposta: “Não ha estatísticas, mesmo approximadas. Ha 30 annos os bandos eram approximadamente de 150 individuos hoje raramente elles attingem de 30”.

4.º — Ainda falam sua lingua especial ou um dialecto mixto?

Resposta: “Falam entre si sua lingua especial; com o publico, um dialecto de sua lingua, aporuguezado mas enxertado de palavras de origem *tzigana*”.

5.º — Ainda conservam intactos ou mais ou menos alterados os caracteristicos primitivos da raça?

Resposta: “Os que restam conservam intactos os caractéres primitivos da raça, havendo raros casos de mestiçagem na tribo”.

6.º — Haverá entre elles ciganos estrangeiros ultimamente chegados ao Brasil?

Resposta: “São raros os ciganos estrangeiros chegados recentemente. Não conheço mesmo qualquer caso a esse respeito”.

Pois bem: depois de tão boas informações, M. Torres ainda nos enviou o recôrde duma noticia dada pelo “Diario da Bahia”, de 3 de janeiro de 1935, na qual, como vamos ver, ha preciosissimos detalhes sobre os ciganos do Brasil nos tempos actuaes.

Tendo por titulo “A VIDA AGITADA DOS CIGANOS” e por sub-titulos “Diario da Bahia” em contacto com varios nomades actualmente nesta cidade — Desprezo aos lugares e admiração á bandeira do Brasil — Amor e Buena-Dicha”, o seu texto é o seguinte:

“A cidade está infestada de ciganos. Grupos e mais grupos são encontrados a todo momento. Ledoras de “buena-dicha” povoam as nossas ruas no afan de conseguirem nickéis á troca de distribuirem illusões. Senhoras e senhorinhas, de muito bom grado, estiram as suas finissimas mãos para que, de palmas abertas, a cigana lhe divise o futuro. Amantes apaixonados, na esperança de realisarem os desejos acarinhados, tambem entregam-lhe as mãos, para ouvir, numa expectativa anciosa, as palavras que brotam dos seus labios. Nos cafés, nos bondes e nos auto-omnibus são vistas essas pythonizas, que na sua peculiar alegria algazarrenta enchem os vehiculos com as suas vozes de cotovia. Com insistencia aproxima-se dos passageiros para, “moeda á vista”, dizerem o que será o porvir.

— “Gajona não quer ler a mão”? — perguntou a cigãzinha á moça que junto a um dos nossos companheiros vinha num omnibus de Itapagipe para o Elevador.

A senhorinha sorridente acquiesce, e então a principia a cigana a lhe ditar a vida de amanhã.

— “Senhorita gosta muito de um rapaz. Elle é bomzinho p’ra você. Muito fiel. Só pensa na senhorita. Deseja se casar, mas as condições não lhe permittiram ainda nem o noivado. Ganha pouco, mas receberá brevemente uma herança”. (A classica embromação).

— “Herança! — exclamou a moça. — Como pôde elle receber herança se não tem parentes?”

A cigana coça a cabeça, pisca o olho e uma risada geral no omnibus faz parar o interessante dialogo.

Mesmo assim uma moeda de \$500 pingou na sacola da nomade que, no Areal das Docas, deu signal de parada e saltou. O reporter inspirado momentaneamente indaga do pouso dos zingaros e consegue saber que uma turma está de barracas armadas na Boa Viagem.

E lhe accorre á mente as palavras de Alexandre Bittencourt em “Rancho de Ciganos”:

“Pára, cigano!... Mas tua estrella é ainda sem casa, sem poiso, sem patria”.

Já no Elevador, retrocedemos e rumamos para Itapagipe.

NA BOA VIAGEM

Logo depois de Roma, vêm-se animadas as barracas dos ciganos. O reporter penetra naquella residencia ambulante e em pleno contacto com os seus habitantes ouve-lhes serenas narrativas.

— Quem é aqui o chefe?

— “Sou eu”.

— Seu nome, amigo?

— “Theodoro Michlos”.

— O que me conta da sua vida de nomade?

— “E’ uma vida triste, muito triste mesmo. Não queria ser cigano por qualquer dinheiro. Trabalhamos muito e não temos nada”.

— Toda a humanidade se queixa do mesmo mal...

— “... mas em compensação tem em seu favor a benevolencia alheia, e nós ciganos, somos olhados com o rancor inexplicavel. Juro que somos pobres. Pertencemos á raça mais civilisada da que em geral nascem os nomades. Somos brasileiros. Eu e o meu irmão Anastacio Michlos, que tambem mora aqui, somos casados e temos filhos. Para que o senhor compreenda melhor o que somos veja que a nossa familia é constituída nos mesmos moldes da familia brasileira. Somos casados no civil e no religioso. Nossos filhos são baptisados na religião catholica. Apenas uma coisa nos faz differente. Não temos poiso. Não temos amor aos logares”.

— Donde vieram agora?

— “Viemos da cidade de Curvello, em Minas Geraes. Percorremos todo o Estado de Minas, desde 1909 até Abril de 1935.

De lá seguimos para Conquista, passando depois por todo sudoeste bahiano. Já estamos aqui desde o mez de Novembro. Quando passar a festa do Bomfim, iremos para Aracajú.

— De que vivem vocês?

— Trabalhamos de ferreiro. Aquelle menino que está ali — e apontou para outra barraca, onde vimos que estava installada uma officina, — é meu filho e está trabalhando.

— Quantas pessoas moram aqui?

— “Dois casaes, minha mãe e os meus filhos e os do meu irmão. Um total de quinze pessoas. Minha mulher que se chama Adelia Michlos, tambem me ajuda”.

Apreciamos a bandeira da terra onde nascemos. Isso aprendi logo em menino. Ainda me lembro estava em minha terra natal, cidade do Crato, e ouvi do meu pae as palavras que lhe disse agora. Nosso procedimento é sempre correcto.

- Essa morada aqui é paga?
 - E'. Pagamos 150\$000 por mez.
 - Pelo inverno alugamos casa. Somos civilizados já lhe disse.
- Com essa resposta, o reporter se deu por satisfeito e foi adiante.

OUTRA FAMILIA DE CIGANOS

O pequeno José Michlos, gentilmente, se offereceu a acompanhar o reporter até a casa de uma outra familia de sua raça.

No trajecto da Boa Viagem até á rua da Imperatriz o cigano contou uma historia amorosa que lhe traz atormentado.

- O que faz você?
- Não tenho feito nada. Estou apaixonado. Amo e soffro. Quero muito bem a Nathalia, e estou zangado com ella.
- Porque?
- Por nada. Nisso avistamos um policial e o cigano grita: um cautana!

— Como é que se chama namorada em sua lingua?

— Gamadi.

— Então a Nathalia é sua Gamadi

Já estavamos na casa do cigano José Ducas e sua mulher Helena Aréstides Ducas, de nacionalidade russa, recebeu-nos um pouco desconfiada. O Michlos explicou-lhe de que se tratava e ella disse: "Boto cartas e tambem sei ler a mão. Minhas cartas não enganam nunca".

— Então lê a minha mão?

A cigana hesitou. Compreendemos. Faltava o dinheiro. Reporter não tem nickel sequer.

— "Posso ler sem dinheiro".

Mão aberta, o reporter ouve uma porção de coisa bonita. Vae ser rico, casar com uma mulher bella e quasi esquece a obrigação.

— Já está aqui ha muito tempo?

— "Cinco mezes. Aliás vamos embora um dia desses".

— Porque? E a mesma resposta ouvimos:

— "Não temos amor aos logares".

— Acredita em Deus?

— "Acredito. Sou espirita".

Sem Deus não é possível se viver.

E' Elle que nos ajuda.

— Ganha muito?

— Ganhamos pouco. Trabalho com a Adeliã Michlos e o sr. que já vem de lá, deve ter ouvido della, que apenas arranjamos uns nickeis.

Os nossos maridos é que trabalham para a manutenção da familia. Cigano não é o que se pensa.

Correçam a accender as luzes e o cigano exclamou: — "momeli".

— Momeli á luz — disse-nos sorridente o José Michlos. (1)

Com um abraço despedimo-nos do pequeno amigo da reportagem que embora pouco, apresenta sempre algo de interessante".

(1) Relativamente ás palavras ciganas "gajonn", (mulher que não pertence á raça cigana), "cautana" (soldado), "gamadi" (namorada) e "momeli" (luz), falaremos no Capitulo seguinte.

Daremos então a origem certa da primeira e da ultima e tentaremos indicar os etymos das outras duas.

Com essas copiosas informações e notícias enviadas por M. Torres, fechamos as nossas investigações sobre os ciganos que percorrem as terras bahianas e certamente as dos Estados vizinhos.

Si fizermos uma recapitulação dos factos atraz expostos, podemos affirmar que elles, em sua quasi totalidade, descendem dos ciganos que vieram deportados de Portugal.

Outros, aqui nascidos, mas cujos nomes levam-nos a crêr que descendem de ciganos extra-ibericos, já residentes ha tempos entre nós, tambem são, naturalmente, **ciganos brasileiros**.

E até é para notar que entre elles não faltam patriotas...

Tal é, p. ex., o caso dos irmãos Michlos, cearenses, naturaes do Crato, mencionados pelo reporter do "Diario da Bahia", os quaes affirmaram a este que, seguindo o exemplo que lhes dera seu pai, apreciavam a bandeira da terra em que nasceram, a bandeira nacional...

E isto, como bem se comprehende, se reveste de magna importancia em nosso estudo, que visa, principalmente, colligir dados sobre os **ciganos nacionaes**, tanto no que diz respeito aos tempos passados como no momento actual.

ESTADO DE ALAGOAS

Até hoje não obtivemos documentação de qualquer especie sobre a chegada dos ciganos nesse Estado.

Todavia, pelo conteudo duma rapida noticia que, em "**Quadrilhas de Ciganos**" (V. pag. 118 de "**FACTOS E MEMORIAS**"), nos dá M. Moraes, vemos que elles têm andado tambem por ahi.

Refere-se ella ás expertezas dos ciganos caldeireiros e é a seguinte:

"Quando caldeireiros, os **kalons** (ciganos) de partida, não levando em conta a resistencia dos metaes a occasionaes ardis, praticam inimaginaveis sortilegios, escamoteando vasilhames perfeitos, pedidos a concerto.

Ha cerca de dez annos, uma leva acampara ás margens de um rio nas Alagoas. Desligando-se um delles do troço, transpoz uma vivenda, offerecendo-se para caldear e soldar objectos de cobre. A dona da casa, desconfiada e desconfiando do **artista**, negou-se a satisfazel-o, mostrando-lhe ao mesmo tempo areiados tachos no melhor uso. O cigano, tomando o primeiro, furou-o solemne com o dedo, demonstrando á evidencia a impertabilidade da espelhante peça.

Repetiu o truque com outros mais, resultando-lhe serem entregues pela inexperiente senhora tres ou quatro grandes tachos de ferver roupa, que tiveram o destino de tudo que pilham os rapaces forasteiros.

ESTADO DE PERNAMBUCO

Conforme já vimos, no Cap. I, M. Moraes, tratando, em "**OS CIGANOS NO BRAZIL**" (V. pags. 23 e 24), da legislação por-

tugueza referente ao degredo de ciganos para o Brasil, cita as Provisões de 15 de abril de 1718, 23 de agosto de 1724, 29 de maio de 1726 e de 29 de julho de 1740, nas quaes se lê:

“Se os ciganos e outros malfeitos, degradados do reino para Pernambuco, não adoptarem nesta Capitania algum modo de vida estavel e continuarem a commetter crimes, serão novamente degradados della para Angola”.

Ora, si tivermos em vista só a Provisão de 15 de abril de 1718 e a confrontarmos com a Carta Regia de 11 de abril desse mesmo anno, que trata do degredo de ciganos para a Bahia, e ainda com as informações verbalmente dadas a M. Moraes pelo velho “calôn” Pinto Noites, segundo as quaes foi tambem em 1718 que chegaram ao Rio de Janeiro os avós e parentes delle informante, deduzimos que só por esse tempo Portugal “despachou” simultaneamente ciganos para as tres cidades mais importantes de sua grande colonia americana.

Parece mesmo que, “para alliviar o Reino de tão maus hospedes” a medida, por essa occasião, se extendeu tambem ás possessões da Africa e da Asia, pois nesse sentido ha o Decreto de 28 de fevereiro de 1718, ao qual, aliás, já nos referimos rapidamente na Parte IX da “Introdução geral”.

Agora, a titulo de curiosidade, vamos transcrevê-lo na integra:

“Decreto, para que se passe ordem nos Governadores das Armas das Fronteiras, para que mandassem prender todos os Ciganos”.

“Por convir á boa administração da Justiça exterminar deste Reyno todos os Ciganos pelos furtos, delictos graves, e excessos, que frequentemente commettem; Fui servido ordenar aos Governadores das Armas das Fronteiras que pelos seus Officiaes os mandassem prender, para serem repartidos por diversas Conquistas; a saber, da India, (1) Angola, S. Thomé, Ilha do Principe, Benguella, e Cabo Verde.

(1) — Si, de facto, o governo portuguez chegou a desterrar ciganos para a India, teriamos ahí um curioso caso a registar-se nos annaes da historia das migrações dos povos.

E' que nelle veriamos Portugal remetter “alguns descendentes daquelles nomades para a propria patria primitiva de seus antepassados”, isto é, para a India.

Pois, como já sabemos, elles procedem do norte desse paiz, donde saíram, em direcção ao occidente, no começo do sec. XV.

Mas, como na época em que foi lavrado o decreto de expulsão (começo do sec. XVIII) ainda estavam muito atrasados os estudos relativos á giganologia, é certo que os proprios sabios de Portugal ignoravam a referida filiação ethnica dos ciganos; e quanto a estes, escusado seria dizer que, por viverem nas trevas da ignorancia, jámais suspeitavam que seus ascendentes haviam saído das baixas classes das populações arianas da India.

Aliás, pode-se affirmar que até hoje os ciganos ignoram qual seja a sua origem ou procedência.

E porque se me fez presente que em execução desta Ordem se achavão nas Cadêas do Limoeiro muitos Ciganos, e Ciganas presos; Hey por bem que o Chancellér da Casa da Supplicação que serve de Regedor ordene se embarquem para as ditas Conquistas os que se acham presos, na forma, que tenho resoluto. Lisboa Occidental 28 de Fevereiro de 1718. Com Rubrica de Sua Magestade”.

Após esses successivos degredos de ciganos da Metropole, ora para o Brasil, ora para outras colonias portuguezas, parece que, por determinação régia, houve alguns casos de transferencia de grupos do primeiro para as segundas e, vice-versa, destas para o Brasil.

Aliás, a propria Provisão de 1718, relativa aos degredados de Pernambuco, declarando que si elles ahi não adoptassem vida honesta — seriam novamente degredados para Angola, dá a entender que elles dahi já tinham vindo.

No Alvará de 1760 (V. Cap. I) em que se tomam varias medidas para conter os grandes bandos que ameaçadoramente percorriam os sertões do “Estado do Brazil”, declara-se que os transgressores deveriam ser, sem mais appello ou agravo, degredados por toda a vida para a ilha de S. Thomé ou para a do Principe.

E’ possivel, pois, que tenham havido muitos casos das transferencias reciprocas a que nos referimos.

Para fechar esta questão e por com ella relacionar-se, relembramos aqui a Lei de 1708, que, resolvendo sobre o degredo de ciganos do Reino, curiosamente os dividia, por sexos, em dois grupos e lhes dava destinos differentes: os homens iriam para as galés e as mulheres para o Brasil...

* * *

Por um dos trechos da já tão citada carta, de 1761, dirigida da Bahia pelo chanceller J. C. de Andrade ao Conde de Oeiras, percebemos que numerosos ciganos que moravam em bairros apartados da cidade, abandonando esta por saberem que iam ser tomadas medidas contra elles, se embrenharam pelos sertões bahianos. Que alguns de seus bandos se passaram para Pernambuco dá-nos prova o conteúdo do referido trecho, que é o seguinte:

“Ficarão poucos na Cidade; logo mandamos ordens a todos os ouvidores, capitães mores, juizes de fóra e ordinarios, que prendessem todos, os que não fossem dessas terras moradores; e ainda a esses os obrigassem á regularidade da dita ley. Escrevemos logo ao Governador do Rio de Janeiro e ao de Pernambuco, para que os não deixassem viver nos mattos”.

E’ natural, pois, que se reunissem aos descendentes dos que, em 1718, chegaram á cidade de Pernambuco, onde deveriam tomar “algum modo de vida estavel”.

Eis ahi o que conseguimos saber sobre os ciganos nas terras pernambucanas durante o sec. XVIII.

No que diz respeito ao sec. XIX apenas obtivemos a noticia dada por Henri Koster em sua viagem pelo norte do Brasil, a qual se deu entre 1809 e 1815 (V. Cap. II).

Diz elle que por essa occasião ouvira falar nos bandos de ciganos que "tinham por costume mostrar-se noutros tempos, uma vez por anno, na aldeia de Pasmado e noutros sitios da provincia (de Pernambuco); mas, prosegue, "o governador era inimigo delles, e como fossem feitas tentativas para prender alguns, as visitas acabaram".

* * *

Ignoramos por completo si actualmente ha ou não no Estado de Pernambuco qualquer nucleo de ciganos sedentarios ou si alguns bandos nomades ainda percorrem o seu territorio.

A outros, que se interessem pela questão, cabe esclarecê-la.

ESTADO DA PARAHYBA

Em "A BAGACEIRA" (5.^a ed. Andersen, editores — Rio de Janeiro, 1933), José Americo attesta-nos a existencia, ainda hoje, de ciganos nesse Estado.

No capitulo "**A Vertigem das Alturas**", p. ex., o A. fala duma feira de cavallos, na cidade de Areia, á qual concorrem esses nomades.

E inclue o seguinte dialogo entre ciganos e sertanejos sobre uma troca de animaes:

"Valentim, curioso, approximou-se com Corisco pelo freio.

— Quer fazer uma barganha? — acudiram os ciganos.

E iam logo desfazendo no bucephalo.

— Cavallo melado mela o dono e o encerado...

— Não é meu e nem que fosse... Mas quando deita a cabeça na anca de uma rez, não ha homem pra esbarrar — accentuou o sertanejo.

E os ciganos, desenganados da troca.

— Está até manteúdo. E não é um mondrungo tungão. Parece quartau de fiança..."

Pelo proprio phraseado do dialogo, vemos que ahi se trata exclusivamente de ciganos brasileiros.

Relativamente ao assumpto, nada sabemos do que, nos tempos anteriores, se tem passado no territorio parahybano.

ESTADO DO CEARÁ

Graças a João do Norte (pseudonymo do apreciado e elegante escriptor patricio Gustavo Barroso) devemos duas rapidas referencias aos ciganos no Ceará.

A primeira está em "**Os Ciganos**", uma das partes de seu trabalho "**AQUEM DA ATLANTIDA**" ("Companhia Editora Nacional", São Paulo, 1931) e a segunda no estudo intitulado "**A Raça**", que se vê na "**SELECTA MODERNA**", organizada por Othoniel Motta ("Companhia Editora Nacional", São Paulo, 1933).

Em "**Os Ciganos**", João do Norte faz uma apreciação sobre os ciganos em geral e, em certo ponto, após descrever o caminho por elles traçado desde sua saída da India até á sua entrada em Portugal, diz:

"Daí passaram para a America e para o Brasil especialmente para o Ceará, onde varias de suas tribus foram despejadas por ordens regias ao tempo do grande Marquês de Pombal. E nesse fato muitos querem ver a fonte do espirito errante, do carater nomade, da alma andeja dos filhos da Terra do Sol".

"**A Raça**", que é um ligeiro estudo ethnographico das populações cearenses, acompanhado de descripções sobre seus usos e costumes, assim começa:

"Na maioria o sertanejo resulta do cruzamento do indio com o portuguez. Alguns traem no gosto pela vida nômade e nas feições as já diminutas parcellas do sangue irrequieto dos ciganos que o governo da Metropole mandou que povoassem o valle do Jaguaribe".

Seguem-se outros commentarios que deixamos de transcrever por não interessarem ao nosso estudo.

Entretanto, após referir-se á arteirice e ás manhas do sertanejo, o A. diz alguma coisa, cuja transcrição é-nos aproveitavel.

E' o seguinte:

"Ninguém o suplanta. Parece que a sua intelligencia se duplica. Felizmente é uma pequena minoria a dos deshonestos.

Furta cavallos e bois, marca-os de novo, recorta signaes de orelhas, com uma habilidade de cigano velho. A's vezes muitos se misturam aos bandos vagabundos de zingaros que vivem á gandaia pelas varzeas, aprendem a sua lingua, vestem como elles, transformam-se".

Ora, pelas palavras de João do Norte, vemos que dos ciganos que, nos tempos coloniaes, foram deportados de Portugal para o Ceará, ainda ha descendentes, levando vida apartada pelos sertões, conservando seus trajes caracteristicos e falando ainda seu dialecto especial.

Com maioria de razão, certo, ainda conservarão também o genero de vida, e os costumes característicos da raça.

São, evidentemente, **ciganos nacionaes**. Ignoramos, porém, si a elles se têm aggregado ultimamente outros ciganos vindos do Estrangeiro.

A este respeito, convem reler o que, ao tratarmos dos ciganos no Estado da Bahia, dissemos sobre os Michlos, ciganos cearenses, que faziam parte do bando que em 1935 esteve acampado na Capital daquelle Estado e do qual o "Diario da Bahia" deu noticia detalhada.

* * *

Ao que nos informam, as terras cearenses foram das que mais receberam ciganos deportados de Portugal.

E, a deduzirmos pelas noticias de João do Norte, atraz transcriptas, elles não só se multiplicaram como persistiram nesse torção brasileiro, tanto que até hoje nelle ha descendentes seus.

E', pois, de calcular-se que nos archivos do Ceará haja, com referencia a esses nomades, uma preciosa documentação, seja dos tempos coloniaes seja dos tempos do Imperio e mesmo do periodo republicano.

Não devemos também excluir a hypothese de haver em muitos trabalhos particulares e até em jornaes outras informações e noticias acérca de sua vida, quer nos sertões, quer nas cidades cearenses.

Mas, infelizmente, até esta data nada conseguimos sobre o assumpto, a não ser as duas rapidas e laconicas noticias de João do Norte.

Neste caso, deixamos o desenvolvimento da questão a outros que se julguem capazes de fazê-lo.

ESTADO DO MARANHÃO

Na Parte IX (trata da entrada dos ciganos em Portugal, etc.) da "**Introducção geral**" e no Cap. I já nos referimos a dois documentos que, por serem dos mais antigos que ha sobre o degredo de ciganos da Metropole para o Brasil, fazem crer que as terras do Maranhão foram das que receberam as primeiras levas de degredados.

Esses documentos datam, respectivamente, de junho e agosto de 1686.

Como já vimos, o de junho é uma Provisão, na qual D. Pedro mandava que se prendessem os ciganos que haviam entrado no Reino, por terem sido expulsos de Castella. Depois, deveriam ser desterrados para o Maranhão e não para a Africa, conforme estava estabelecido por lei.

O segundo confirma esta ultima disposição, visto que seu proprio titulo é “Decreto em que se mandou commutar o degredo de Africa para o Maranhão”.

Eis, na integra, as suas principaes disposições:

“Tenho resolutó que com os Ciganos e Ciganas se pratique a Ley, ass' nesta Corte como nas mais terras do Reyno; com declaração, que os annos que a mesma Ley lhes impõem para a Africa, sejam para o Maranhão; e que os Ministros que assi o não executarem, lhes seja dado em culpa para serem castigados, conforme ao dolo, e omissão, que sobre este particular tiverem; para o que ordenei ao Desembargo do Paço se accrescentasse este Capitulo aos mais do Regimento das Residencias”.

.....
“Lisboa 27 de de Agosto de 1686 — Com Rubrica de Sua Magestade”.

Apesar de não termos obtido outros documentos relativos ao assumpto, é provavel que, ainda dentro dos tempos da dominação portugueza, outros ciganos degredados tenham desembarcado no Maranhão e mesmo se diffundido e multiplicado por suas terras interiores.

Pois segundo nos affirmam, ellas têm sido, desde os tempos antigos até aos nossos dias, frequentadas por esses nomades.

Com relação aos tempos modernos, tambem muito pouco sabemos sobre os ciganos no Maranhão.

No Cap. III já transcrevemos a descripção em verso que o poeta J. Serra fez sobre um bando alli acampado.

Como então dissemos, achamô-la nas “Notas e Addições”, que ha em “OS CIGANOS NO BRAZIL”.

Ao autor dessa obra, M. Moraes, devemos ainda a narração dum caso que se deu no Maranhão e que se refere ao logro passado a um ingenuo “gajão” por um experto “calôn”, negociante de animaes.

Essa narração, que vem na Parte II de “Quadrilhas de Ciganos” (V. pag. 111 de “FACTOS E MEMORIAS”), é esta:

“Os logros por esses vagabundos são de uma habilidade sorprendente.

Uma vez, foi no Maranhão — um cigano de tropa, destacando-se da turma, empavesado em esquipador ginete, porém sem vistosa cauda, atravessou phantastico como um rei de ballada allemã o extenso terreno de uma propriedade rural.

O crepusculo batia claro sobre a esmeralda da plantação longinqua, e os derradeiros orvalhos da noite rolavam faiscantes da camiseta das flores que se abriam.

O fazendeiro maravilhado da estampa, e chamando á falla o cavalleiro, interrogou-o:

— Olá, patricio? Esse cavallo é para negocio?

— E' de minha montaria particular, gajão.

E executando umas piruetas, empinando o bucephalo, que fizera rodar sobre as patas fincadas, ao arrial-o, proseguiu:

— Tal a offerta, e pelas Sete Dores de Nossa Senhora, lhe juro que não deixarei de lhe ser agradável.

Nisso, o apreciador, apuradamente revistando o animal, notou ao erradiceño o grande defeito de curta e falhada cauda, que depreciava em extremo a mercadoria. Ao que o cigano, sem vacillações, retorquiu:

— Não seja esta a duvida: parelhando com este e satisfazendo o requesito, tenho um outro, que á tarde trarei.

E ajustaram-se.

Desempenhando estrictamente a palavra, por volta de Ave-Maria aproximou-se do avarandado o traficante bohemio, fazendo-se annunciar a seu matinal interlocutor.

E o fazendeiro acudiu, fel-o passear o espantadiço ginete, admirou a ondulante cauda, effectuando a exigida e pesada berganha.

Depois de se despedirem, chamou aquelle o moleque, ordenou que dessem ração ao animal, e logo pela madrugada fosse leval-o ao rio.

Alegre da compra, contentissimo com a aquisição, o opulento senhor de engenho, logo depois do café na manhã subsequente, desceu ao terreiro a esperar o pagem.

Eis sinão quando, o moleque, fulto de medo, arrastando alguma cousa, e com o cavallo pelo cabresto, diz sarapantado, mostrando a descoberto o branco dos olhos:

— Meu *sinhô*, o cavallo perdeu o rabo!

E erguendo um talo de folha de bananeira coberto por longas clunas, apresenta-o ao senhor, que exclamou desapontado, furioso como um possosso:

— O cigano me roubou!"

* * *

O telegramma recentemente vindo de S. Luiz e que vamos transcrever adeante, prova que até agora, em nossos dias, os ciganos para alli se encaminham, naturalmente para se reunirem a outros que já residem no Estado.

Foi publicado no "Estado de São Paulo", de 6 de abril de 1935, tem por titulo "Impedidos de desembarcar" e o seu conteúdo é o seguinte:

"São Luiz, 4 (H) — A policia local impediu o desembarque de 12 ciganos vindos do Rio".

Como procediam do Rio, é provavel que se tratasse de ciganos estrangeiros, visto que estes são numerosos naquella cidade.

Si fossem nacionaes, é possivel que a policia maranhense, levando-os a conta de "caboclos brasileiros", os deixasse desembarcar.

São meras conjecturas.

OUTROS ESTADOS

Infelizmente, não temos conhecimento de qualquer documento governamental nem obtivemos informações, escriptas ou verbaes, acêrca dos ciganos nos Estados do Brasil que não foram mencionados atraz, isto é, nos do Amazonas, Pará, Piahy, Rio Grande do Norte, Sergipe, Espirito Santo e de Santa Catharina.

Este facto, porém, não exclue a probabilidade de terem sido as suas terras frequentadas por aquelles nomades, tanto nos tempos antigos como nos modernos.

E' provavel mesmo que em seus archivos haja muita coisa de interessante sobre o assumpto e que, accrescentada a este modesto trabalho, concorreu para que elle se tornasse mais completo e, portanto, mais apreciavel.

Principalmente nos Estados do norte que limitam com o Maranhão, Ceará, Pernambuco e Bahia deve haver muita documentação a respeito.

E' que desses focos septentrionaes de irradiação dos ciganos que vieram degredados da Metropole e tambem dos descendentes destes, teriam saído muitos bandos que, desde logo, attingiram as terras que hoje pertencem aos referidos Estados que lhes são limitrophes.

Os Estados de Santa Catharina e do Espirito Santo tambem devem ter suas historias de ciganos...

Pois bem: já que não temos elementos para preencher tantas lacunas, esperamos que os que se interessarem pela questão as preencham.

Seria tambem para desejar que outros desenvolvessem ou ampliassem as curtas e muitas vezes indirectas noticias que já demos sobre os ciganos em varios Estados do norte, do centro e do sul do paiz.

* * *

Damos por terminados os nossos subsidios historicos para o estudo dos "ciganos do Brasil", isto é, dos "ciganos brasileiros", — designação que, estrictamente, temos dado "aos descendentes dos degredados dos tempos coloniaes", em opposição aos "ciganos estrangeiros" ou "extra-ibericos", que aqui têm chegado depois de nossa emancipação politica, tanto nos tempos do Imperio como nos da Republica.

Mas, por vantagens comprehensíveis, juntámos a taes subsidios varias noticias relativas á existencia e á actuação destes ultimos em diversos pontos do paiz.

E, por varias vezes, dissemos que delles tambem devem haver descendentes que, por já terem nascido no Brasil, podem ser considerados como **ciganos patricios**.

E, por fim, estabelecemos a hypothese, aliás provavel, de haverem muitos individuos dessa "nova camada de ciganos nacionaes" formado bandos ou grupos nomades que, após se embrenharem por nossos sertões, nelles teriam ás vezes encontrado e se reunido com bandos de ciganos pertencentes "á primitiva camada", composta, já o sabemos, de ciganos ibericos degredados.

Dessa questão que, certo, muito complicará um "estudo geral ou completo" sobre os "**ciganos no Brasil**" (brasilheiros e estrangeiros) voltaremos a falar mais tarde.

* * *

Confôrme se viu, o nosso historico sobre os ciganos do Brasil, foi precedido duma "**Introducção geral**", que consiste em compilações relativas á "historia geral dos ciganos", desd' a sua saída da India (ao que dizem, no começo do sec. XV) até a penetração de seus bandos na peninsula iberica, em 1447.

E, como preliminares indispensaveis ao estudo dos ciganos brasileiros, desenvolvemos nas Partes VIII e IX de tal "**Introducção**", a historia particular da diffusão desses nomades, respectivamente, na Hespanha e em Portugal, bem como das vicissitudes por que, nos primeiros tempos de seu apparecimento, elles passaram nesses paizes.

Realmente, desde que pretendemos provar, sob o ponto de vista historico, que elles nos vieram de Portugal, e tambem, sob o ponto de vista ethnographico, que quando aqui chegaram ainda deveriam conservar, por assim dizer intactos, os caracteres physicos das populações aryanas do Hindostão (das quaes são um ramo destacado), como poderíamos fazê-lo sem o concurso das referidas compilações historicas?

Queremos dizer, em outros termos, que conforme se deduz de diversos trechos da "**Introducção geral**", os ciganos sempre foram desprezados e mesmo velipendiados pelas populações europeas que atravessavam em sua marcha, as quaes, por natural escrupulo, evitavam mescla com elles. E como elles, devido ao conhecido preconceito da raça, por sua vez, tambem evitavam tal

mescla, é claro que os que, nos tempos de que tratamos, entraram na Hespanha e depois em Portugal, donde, subsequentemente, foram degredados para o Brasil, ainda eram, como atraz presuppomos, puros descendentes dos hindús que, seculo e meio antes, haviam deixado o N. O. da India e começado, em direcção ao occidente, o seu incessante nomadismo.

Mas como a comprovação deste facto toca mais á ethnographia que á historia, delle trataremos no Capitulo seguinte, que da inicio aos subsidios ethnographicos relativos aos ciganos do Brasil.

OS CIGANOS DO BRASIL

PARTE II

Subsidios ethnographicos

EMBORA BASEADAS EM OBSERVAÇÕES PRATICAS, DIVERSAS DESCRIÇÕES FEITAS SOBRE OS CARACTERES PHYSICOS DOS CIGANOS DO BRASIL COMBINAM COM DESCRIÇÕES MAIS ACURADAS FEITAS SOBRE OS CIGANOS EM GERAL — ALGUNS VIAJANTES EXTRANGEIROS QUE A ELLES FIZERAM REFERENCIAS, OS DISTINGUEM COMO CONSTITUINDO UM GRUPO ETHNICO INDEPENDENTE QUE VIVIA ENTRE NOSSAS POPULAÇÕES — ENCORPORAÇÃO, DESD'OS TEMPOS COLONIAES, DO ELEMENTO NEGRO AOS BANDOS DE CIGANOS: CIGANOS SENHORES E REVENDEDORES DE NEGROS ESCRAVOS — HYPOTHESES SOBRE O CRUZAMENTO ENTRE UNS E OUTROS — NO BRASIL, TALVEZ COMO EM PARTE ALGUMA, OS CIGANOS CHEGARAM A ATTINGIR UMA SITUAÇÃO RELATIVAMENTE IMPORTANTE — CONSIDERAÇÕES DE ORDEM SOCIAL E MORAL — MISTURA PARCIAL, NOS TEMPOS MODERNOS, ENTRE CIGANOS E INDIVIDUOS ESTRANHOS A' SUA RAÇA — PERDIDOS OU CONFUNDIDOS NA MASSA HETEROGENEA DE QUE SE COMPÕE O POVO BRASILEIRO HAVERA' NUMEROSOS INDIVIDUOS DE ORIGEM PURAMENTE CIGANA — CONSIDERAÇÕES GERAES SOBRE OS SUBSIDIOS ETHNOGRAPHICOS.

Na Parte V da "Introdução geral", traduzimos o seguinte periodo que ha na "HAMPÁ", importante obra de R. Salillas, já citada por nós:



“A anthropologia zingara, no que respeita ao typo physico, dispõe de muito pouco material positivo de investigação. Talvez o unico estudo concreto seja o que consta da excellente obra “OS CIGANOS DE PORTUGAL” (Lisboa, 1892), de F. Adolpho Coelho”.

E, em seguida, desenvolvemos tudo quanto a respeito, A. Coelho diz nessa obra, em sua Parte III, intitulada “Esboço historico e ethnographico” e no Appendice III, intitulado “Typo physico dos ciganos”.

Na primeira, a descripção de tal typo se baseia, conforme diz o autor, em observações simplesmente praticas; entretanto, no segundo ella já se apoia em exames scientificamente feitos sobre diversos individuos da raça.

Pois bem: si na propria Europa, os estudos anthropologicos ou ethnologicos sobre os ciganos ainda estão, por falta de material positivo, tão atrazados, a ponto de Salillas indicar como o unico “estudo concreto” o de Adolpho Coelho, que diremos de taes estudos no Brasil, onde até agora, além de Mello Moraes, ninguém tratou de colleccionar nem ao menos dados historicos com relação á chegada dessés nomades ás nossas terras e á sua diffusão por nossos sertões?

Escusado seria dizer que em sua falta absoluta, toda e qualquer tentativa de esclarecimentos ethnographicos acêrca dos ciganos brasileiros tem que se limitar ás observações ou descrições praticas, “baseadas na simples vista” e que, sobre seus caracteres physicos, foram feitas pelos viajantes estrangeiros e informantes nacionaes citados em diversos pontos deste estudo.

Façamos, pois, uma recapitulação a esse respeito, com citação dos nomes das pessoas a quem devemos taes descrições.

E depois, confrontemos tudo, não só com o que já sabemos sobre a ethnographia cigana (V. Parte IV da “Introducção geral”) como com novos detalhes que iremos juntando no decorrer dessa recapitulação.

* * *

A referencia mais antiga que, em nossas compilações, encontrámos sobre o typo physico dos ciganos brasileiros é a que, em rapidas palavras, foi feita pelo inglez Henri Koster num perio da obra que escreveu sobre sua viagem pelo norte do Brasil (1809-1815), o qual, aliás, já transcrevemos no Cap. II.

Repitamô-lo aqui, precedendo-o, porém, de esclarecimentos necessarios:

“Bandos de ciganos tinham por costume mostrar-se noutros tempos, uma vez por anno, na aldeia de Pasmado e noutros si-

tios da provincia (de Pernambuco); mas o governador era inimigo delles, e como fossem feitas tentativas para prender alguns, as visitas acabaram. PINTAM-NOS COMO HOMENS BEM FEITOS, DE CÔR ACASTANHADA COM FEIÇÕES SEMELHANTES A'S DOS BRANCOS". (1)

Sobre os "calôns (2) sedentarios do Rio de Janeiro, já vimos que, em "**Memorias do largo do Rocio**" (V. "**FACTOS E MEMORIAS**"), Mello Moraes, depois de falar das transformações por que esse largo passára em 1850, diz, sobre os ciganos que nelle então se viam, o seguinte:

"**HOMENS DE CÔR TRIGUEIRA OU ESBRANQUIÇADA**, de barba á ingleza, barrigudos ou completamente desbarrigados, trajando casaca azul ou côr de rapé com botões de latão, chapéo branco de castor, collete espantado e calça de ganga amarella, alli perambulavam, trocando palavras da gyria (**chibe**), (3) sahindo e entrando de conformidade com as urgencias do momento".

Eram, conclue o A. em outro periodo, "..... os velhos ciganos da Cidade Nova, que se exhibiam, os propectos officiaes de justiça, que se installavam em galeria de baixo do terraço (do Theatro de S. Pedro), á espera de citações e mandados de penhora".

Sobre o typo dos descendentes desses "homens de côr trigueira ou esbranquiçada", deu-nos, como já vimos no Cap. III, noticias recentes e um pouco mais desenvolvidas o dr. Raul Pedrneiras.

Assim, falando sobre os ciganos que, ainda em seu tempo de estudante e mesmo depois, exerciam as funcções de officiaes de justiça, diz elle que "alguns elementos typicos, ainda meirinhos (a profissão passava de paes a filhos), ainda resistiam esparsos pelos cartorios e juizados, SENDO NOTAVEL O CARACTERISTICO RACIAL DA TEZ MORENA BRONZEADA E DOS OLHOS GARÇOS".

(1) Os typos em "caixa alta" empregados na descripção de Koster sobre os "caracteres physicos dos ciganos do Brasil", e que serão tambem empregados em todas as outras descripções que, a respeito, se seguirem, não existem nos respectivos textos.

Assim, elles aqui têm por unico fim salientar taes caracteres, o que, sem duvida, facilitará, mediante confronto, deducções relativas á questão.

(2) Entre os ciganos brasileiros, a palavra "**calôn**" significa tanto o cigano, — homem da tribu, como o dialecto por elles falado. Sobre este dialecto, bem como sobre a etymologia da propria palavra "**calôn**" falaremos mais tarde.

(3) Entre os ciganos brasileiros, a palavra "**chibe**", significa lingua, palavra, vocabulario. Em occasião opportuna trataremos de sua etymologia e então veremos que a sua origem é genuinamente cigana.

No Cap. IV registámos duas descrições: uma feita pelo sr. Marcellino Machado sobre os ciganos que ha cerca de 40 annos frequentavam certas zonas de Minas e de São Paulo em que elle residiu. Segundo suas observações, ERAM EM GERAL ESCUROS OU MORENOS, LEMBRANDO O TYPO COMMUM DOS NORTISTAS (1).

A outra descrição, que nos veio por intermedio do dr. Alberico Guimarães, trata dos ciganos que, de 1900 a 1910, residiram em S. Luiz do Parahytinga, cujos caracteres physicos eram: ESTATURA EM GERAL ME'DIA, HAVENDO, PORÉM, ALGUNS ALTOS; CÔR MORENA, OU ESCURA; CABELLOS LISOS OU ONDULADOS; OLHOS PRETOS OU, EXCEPCIONALMENTE, AZUES EM ALGUNS, (2) MAS SEMPRE MUITOS VIVOS.

(1) Conforme já dissemos no Cap. IV (V. "ESTADO DE MINAS GERAES"), o sr. M. Machado ajuntava que nos bandos de ciganos que vira havia, além dos individuos que elle julgava serem da pura raça, "alguns negros e mestiços". Como se trata duma affirmacão accetavel, della trataremos adeante, e de modo mais ou menos desenvolvido.

(2) Não é para admirar que entre os ciganos de São Luiz houvesse, como diz o nosso informante, alguns de olhos azues.

Uma tentativa de explicação desse facto, que, embora raro, se estende á raça inteira, é feita por A. Coelho, no final do *Appendice III* ("Typo physico dos ciganos") de sua obr. cit., conforme vemos dos seguintes trechos que passamos a transcrever:

"Ha excepcionalmente ciganos de cabellos loiros, sobranceihas e barbas da mesma coloração. O meu amigo sr. Augusto Neuparth colheu tambem a noticia de ter sido vista no Alemtejo uma rapariga de cabello loiro e olhos azues, que fazia parte de um bando de ciganos, e nota-me que o adolescente do grupo de ciganos da nossa estampa n. 1 tem olhos esverdeados".

.....

"Os dados, por certo insufficientissimos, que reuni, permitem afirmar que os ciganos portuguezes não apresentam um typo perfeitamente unitario; mas não deixam por isso de offerecer dentro de certos limites de variação caracteres raciaes importantes que se reproduzem noutros grupos tsiganos.

Naturalmente os ciganos sedentarios, mais sujeitos a mestiçagem ou modificações resultantes do modo diverso de vida, sobretudo da influencia das cidades, não são os melhores exemplares para estudo, ainda que o proprio estudo d'essas modificações interesse. O exame dos ciganos nomades recommenda-se muito e a existencia de individuos loiros e de olhos azues entre elles excita deveras a nossa curiosidade. Trata-se do resultado de cruzamentos recentes ou ha aqui um phenomeno atavico cujas causas remontam muito alto, isto é, a cruzamentos já no proprio solo indico?

Todas as informações que sirvam para o estudo d'esse problema serão bemvindas".

Juntemos, por fim, a essas “observações praticas”, feitas sobre o typo physico dos ciganos brasileiros, mais as seguintes, que ha em “OS CIGANOS NO BRAZIL”, e que, aliás, tambem já transcrevemos no Cap. IV:

Os ciganos primitivos eram todos BRONZEADOS, MAS DE UM BRONZEADO ESCURO E FIXO; DE OLHOS PRETOS, RASGADOS E PENETRANTES. CABELLOS NEGROS, QUE LHES CAHIAM EM ONDAS, CRESPOS, SOBRE AS ESPADUAS; presentemente o colorido da peelle varia e com ella a nuança dos cabellos e dos olhos”.

Eis ahi as unicas descrições que até este momento conseguimos obter sobre os caracteres physicos dos ciganos brasileiros.

Embora muito falhas e, como dissemos, “baseadas na simples visita”, nem porisso ellas deixam de concorrer para a comprovação duma relativa pureza ethnica dos ciganos patricios, desde que as confrontemos com as observações e estudos geraes feitos sobre a raça cigana e por nós reproduzidos na Parte IV da “Introducção geral”.

Para comproval-o, recapitulemos tudo ligeiramente e façamos o confronto, mas sem a repetição, por desnecessaria, dos nomes já conhecidos dos autores e informantes a quem devemos os referidos estudos e descrições:

CIGANOS EM GERAL

TEZ: mais ou menos escura; ás vezes quasi negra; (1) bronzeada ou azeitonada escura; trigueira pallida; clara em alguns (raramente).

CABELLO: muito preto; liso ou ondulado. (1)

OLHOS: muito negros; ás vezes castanhos ou esverdeados.

ESTATURA E CONFORMAÇÃO: boa estatura (regular ou alta); bem conformados; complexão forte.

CIGANOS DO BRASIL

TEZ: escura; bronzeada ou bronzeada escura; acastanhada; trigueira ou esbranquiçada.

CABELLO: negro, liso ou ondulado; crespos.

OLHOS: pretos, rasgados (vivos e penetrantes); garços; raramente azues em alguns.

ESTATURA E CONFORMAÇÃO: estatura média; alguns altos; bem feitos.

(1) Numa annotação que fizemos na Parte V da “Introducção geral”, demos noticia da tribu dos *netotsi*, ciganos da Romenia, semi-selvagens, nomades por excellencia, e que se distinguem dos outros ciganos por sua cor negra ou quasi negra.

Quanto aos ciganos do Brasil, faltam, para confronto, apontamentos anatomicos importantes, taes como os relativos ao rosto, ao nariz, á bocca, etc., os quaes, como já vimos, nos ciganos em geral, são: rosto oval ou, segundo outros, comprido e estreito na altura dos pomulos (sendo estes um pouco salientes); fronte estreita e saliente; nariz aquilino ou recto; bocca pequena; dentes brancos e fortes.

Ora, esses novos detalhes que, addicionados aos que atraz já foram dados, identificam os ciganos com as populações aryanas da India, provavelmente tambem poderão ser applicados aos ciganos do Brasil, tanto que H. Koster a estes se referindo, diz que eram de côr acastanhada, tendo, porém, FEIÇÕES SEMELHANTES A'S DOS BRANCOS.

A isso tudo poderemos, para provar que os ciganos brasileiros sempre conservaram o typo primitivo da raça, juntar mais algumas palavras que sobre elles têm dito outros viajantes estrangeiros e informantes nacionaes, embora nellas não haja a menor allusão aos seus caracteres physicos. E' que sendo taes caracteres **universalmente conhecidos**, não ha quem, ao mais leve golpe de vista, não reconheça essa gente, differençando-a immediatamente das populações entre as quaes ella vive ou através das quaes ella passa.

Recapitulemos alguma coisa que, a respeito, já vimos no Cap. II. Começemos pelo que, sobre os ciganos do Rio de Janeiro, diz Freycinet em sua obra "VOYAGE AROUND DU MONDE" (1817 a 1820) e que, resumidamente, é o seguinte:

"No numero dos elementos de que se compõe a população do Rio de Janeiro, nenhum sem duvida alguma é mais digno de espicaçar curiosidade DO QUE A PRESENÇA DOS INDIVIDUOS DESTA NAÇÃO COSMOPOLITA, EM FRANÇA IMPROPRIAMENTE DESIGNADA POR "EGYPTICUS" E BOHEMIENS e aqui conhecida, como em Portugal, PELO NOME DE

E accrescentámos que talvez elles representem, na Europa, os remanescentes dos puros ciganos, isto é, daquelles que na Persia são chamados **zanghi**, negro, ou **siyâh hindû**, isto é, — hindû negro; e, ainda, que no Aderbaidjan são chamados **hindû karatchi**, que igualmente significa hindû negro.

Diz A. Coelho: "Não se encontram ciganos de cabellos naturalmente encaracolado ou frisado. Apenas as cigânas solteiras usam caracões artificiaes feitas a mão na testa. Nunca o cabelo do cigano é encarapinhado".

E, em annotação, observa: "Alguns auctores attribuem aos tsiganos cabelo frisado p. ex., Groom in "The Encyclopaedia Britannica", t. X (1879), p. 617".

CIGANOS. "DIGNOS DESCENDENTES DOS PARIA'S DA INDIA, donde não parece contestado de que se originam, como se esforça o sr. Grellmann por provar com suas curiosas pesquisas, OS CIGANOS DO RIO DE JANEIRO OSTENTAM COMO ELLES O HABITO DE TODOS OS VICIOS E PROPENDEM PARA TODOS OS CRIMES".

Aliás, a existencia desses "legítimos descendentes de ciganos", que, naquelles tempos, habitavam o Rio de Janeiro é confirmada pelo que disseram os viajantes A. Gendrin e Gabert.

O primeiro, que viveu nessa cidade, de 1816 a 1821, conta, em seu "RE'CIT DE VOYAGE", que as ruas da capital brasileira eram percorridas POR VELHAS CIGANAS VENDEADORAS AMBULANTES DE ESCRAVOS.

E o segundo, companheiro de Freycinet, após fazer, em 1818, commentarios sobre o commercio de escravos no Brasil, accrescenta que — ricos traficantes entregam-se a esse genero de especulação, vendendo carregações inteiras A CIGANOS RE-VENDEDORES, que negociam os captivos com os particulares.

Isto tudo, que foi dito pelos três viajantes citados, se refere só aos ciganos do Rio e os descreve num periodo que, mais ou menos, vai de 1816 a 1821.

Pois bem: como vimos, ainda no Cap. II, por essa mesma época Saint'Hilaire, em sua obra "VIAGEM NAS PROVINCIAS DE S. PAULO E SANTA CATHARINA", fazia a descripção DUM BANDO DE CIGANOS que, 1819, encontrou acampado num ponto das terras paulistas, isto é, em Urussanga, proximo a Mogy Guassú.

Comquanto desprovida de informações sobre os caracteres physicos de seus componentes, essa descripção, em alguns de seus topicos, deixa transparecer que, tambem aqui, se tratava de lidimos representantes da raça cigana e não de descendentes de individuos pertencentes ás outras conhecidas raças, que então já haviam entrado na heterogenea composição do povo brasileiro.

Pois, na verdade, o grande scientista deveria ter suíficientes conhecimentos ethnographicos acêrca dos ciganos, para não confundil-os com os ultimos.

Assim, diz elle: "havia em Urussanga, emquanto lá estive, UM NUMEROSO BANDO DE CIGANOS. Estes homens moravam na aldeia vizinha de Mogy Guassú e circulavam pelas vizinhanças para fazerem, DE ACCÓRDO COM O FEITIO DE SUA GENTE, berganhas de mulas e de cavallos".

Depois, em outro ponto, continua: "Não lhes ouvi falar lingua diversa do portuguez. Estavam vestidos COMO OS BRASILEIROS, MAS TRAZIAM CABELLOS E BARBAS COMPRIDAS.

Perguntei-lhes porque deixavam crescer a barba, CONTRARIANDO O COSTUME GERAL DO PAIZ, mas a tal respeito só delles recebi respostas evasivas.

Relativamente a esse uso dos antigos ciganos brasileiros de trazerem barbas e cabellos compridos e que, segundo diz Saint Hilaire, “contrariava o costume geral do paiz”, é para notar que, 66 annos depois, isto é, em 1885, o noticiarista do bando que passou por Caçapava (V. Cap. III) fez egual observação, quando disse: “Cordões antigos, de enorme grossura e enorme quantidade, brincos e medalhas de tamanhos despropositaes, uma verdadeira riqueza, embellezava AQUELLA GENTE “MYSTERIOSA”, DE BARBA E CABELLOS DEMASIADAMENTE COMPRIDOS”.

Convem tambem lembrar aqui que M. Moraes, confirmando esse facto, diz que os ciganos primitivos tinham cabellos negros, QUE LHES CAÍAM EM ONDAS, CRESPOS, SOBRE AS ESPADUAES.

Trata-se, como se vê, “dum simples uso” e não “dum novo apontamento anatomico” relativo á raça cigana.

Mas, o certo é que elle vem demonstrar que os ciganos do Brasil por muito tempo timbraram em manter, a par com sua pureza ethnica, certos usos sem duvida tradicionaes de toda a raça, pois tambem em Portugal, ainda em 1892, A. Coelho, dizia que os ciganos portuguezes usavam CABELLOS BASTANTE COMPRIDOS.

E si formos mais longe, aos ciganos da Europa Central, veremos que entre estes se dá a mesma coisa. Assim, por ex., sobre uma caravana de ciganos húngaros que appareceu na cidade de Elvas, ha, na já cit. obra de A. Coelho, uma noticia, da qual destacámos o seguinte trecho:

“O aspecto dessa gente é hediondo: tez morena e afeiada pela habitual falta de limpeza, e BARBA LONGA E ESQUALLIDA, CABELLOS COMPRIDOS E IMMUNDOS, o corpo mal coberto de farrapos e esses sordidos e fetidos”.

Ainda alguns detalhes interessantes a respeito: em “FACTOS E MEMORIAS”, diz M. Moraes que os ciganos meirinhos que, no meado do sec. XIX, estanciavam no largo do Rocio, usavam BARBA A' INGLEZA.

E em duas gravuras de typos ciganos que ha em “OS CIGANOS DE PORTUGAL”, nota-se que um delles usa barba comprida e outro “barba á ingleza”. (1)

(1) Ao que parece, os ciganos tambem usavam *salsas*, pois Pabau (obr. cit.), tratando dos caracteres physicos desses nomades, observa o seguinte:

Ahi estão as informações que conseguimos colher sobre a ethnographia dos ciganos brasileiros, as quaes, embora poucas, falhas e ás vezes indirectas, poderão servir de base para o desenvolvimento da questão.

E então aos que queiram e possam fazê-lo, seria conveniente confrontal-as com os apontamentos que, sobre a raça em geral, compilámos na Parte IV da “Introducção geral”, principalmente com aquelles que se fundam em estudos scientificos.

Apontamentos que, repetindo o que dissemos no final dessa Parte IV, — “poderão ser melhor apreciados e até mesmo aproveitados pelos ethnologos ou ethnographos que queiram fazer estudos de sua especialidade, não só sobre os ciganos estrangeiros que neste momento vivem entre nós, como sobre os ciganos brasileiros, descendentes dos que, degredados de Portugal, nos tempos coloniaes, vieram para as nossas terras e, durante seculos, as cortaram em todas as direcções”.

* * *

Um facto interessante e que não deve passar em silencio neste estudo é a incorporação, nos tempos passados, de elementos da raça negra aos ciganos que, formando bandos, percorriam as nossas terras interiores ou que, sedentariamente, viviam no Rio de Janeiro.

Referimo-nos aos escravos que esses nomades chegaram a possuir no Brasil, conforme nô-lo provam alguns documentos officiaes e diversas narrações feitas sobre o caso por viajantes estrangeiros e escriptores ou informantes nacionaes.

Aliás, esses documentos ou narrações a que fazemos allusão já foram por nós transcriptos nos Caps. I, II e III dos “Subsidios historicos” e agora, para clareza das coisas, vamos, em breve recapitulação, repetir ou commentar aqui apenas alguns de seus trechos que nos aproveitam no momento.

* * *

Dentre os documentos que conseguimos obter, o primeiro que faz referencias á incorporação de negros aos bandos de ciganos é o Alvará de 20 de Setembro de 1760, no qual o rei de Portugal recommendava medidas severas contra os ciganos que tendo sido degredados para o “Estado do Brazil”, ahi viviam em

“La raza degenera a todas luces y en todo sentido; por eso no es raro ver en el día gitanos que lleven bigote; antes ese adorno (?) de la cara era entre ellos desconocido en absoluto; a lo más algunos se dejaban crecer las patillas”.

franca liberdade causando “intoleravel incommodo aos moradores, cometendo continuados furtos de cavalos, E ESCRAVOS, etc”. (1)

A parte curiosa desse documento é a que nos revela que em nossas plagas a “actividade” desses nomades não se limitou ao furto de animaes, na pratica do qual, como é sabido, são useiros e vezeiros; ella foi além, pois estendeu-se tambem ao furto ou roubo de escravos!

Facto, sem duvida, original e que ainda mais resalta a “habilidade”, por assim dizer innata, que elles têm para a rapina, encarada sob todos os seus aspectos e particularidades...

Terminada esta rapida digressão, e voltando ao nosso caso, podemos dizer que o referido Alvará, de 1760, nos dá um primeiro attestado da aggregação do elemento negro ao cigano, embora ella tenha sido feita de modo illicito.

Entretanto, pouco tempo depois, por um trecho da Carta de 1.º de agosto de 1761, que, da Bahia, o Chanceller José Carvalho de Andrade dirigiu ao Conde de Oeiras, vemos que, ao menos nessa parte do Brasil, os ciganos já eram legalmente, “senhores de escravos”.

Assim, depois de communicar áquelle Conde as providencias que havia tomado contra elles, diz o Chanceller: “Mas, como agora está este negocio no principio, vamos considerando o mais util e seguro, para que os ciganos se não juntem e dêem o trabalho de os ir procurar. Elles se se juntarem serão serão mais de mil, em toda a Capitania, ALE’M DOS ESCRAVOS QUE POSSUEM, TAES COMO ELLES, E DE ALGUNS INDIOS, QUE PODERÃO COADUNAR”.

Parece fóra de duvida que depois disso os ciganos brasileiros ou ao menos os componentes de algumas de suas tribus continuaram, ininterruptamente, a possuir escravos, que compravam. revendiam e, talvez, tambem **berganhavam**...

Parece mesmo que houve tempo em que esse vil commercio constituiu uma de suas maiores actividades.

Para comproval-o, passemos ao começo do sec. XIX e á cidade do Rio de Janeiro e repitamos o que, a esse respeito, dizem diversos viajantes estrangeiros, já citados por nós, e que estudaram os usos e costumes dos ciganos sedentarios que então havia naquella cidade.

(1) O typo de “caixa alta” que vemos em “ESCRAVOS” e que vemos adeante em outras palavras e mesmo em trechos inteiros tem por fim, chamar a attenção dos leitores para os pontos que mais nos interessam nesta parte de nosso estudo.

Queremos dizer, em outros termos, que tal typo não está empregado nos textos de que tirámos as respectivas informações.

Comecemos por V. Gendrin, que nos conta que as ruas da capital brasileira (onde elle esteve de 1816 a 1821) eram percorridas por velhas ciganas VENDEDORAS AMBULANTES DE ESCRAVOS AFRICANOS, as quaes percorriam as ruas da cidade, tendo para vender QUARENTA A CINCOENTA NEGROS, NEGRAS E CRIANÇAS DE OITO A QUINZE ANNOS.

Vejamos agora o que, em noticia dada em 1818, diz o viajante francez Gabert: "E' de Cabinda, Angola, Benguela e Moçambique que os brasileiros tiram maior numero de escravos. Ricos traficantes entregam-se a esse genero de especulação, VENDENDO CARREGAÇÕES INTEIRAS DE NEGROS A CIGANOS REVENDEDORES QUE NEGOCIAM OS CAPTIVOS COM PARTICULARES.

Lembremos tambem que Saint Hilaire, falando, em sua obra cit., sobre os ciganos de Urussanga (Mogy Guassú) informa que "estavam todos assás bem vestidos, POSSUIAM ESCRAVOS, cavallos", etc.

E que faz tambem uma referencia aos do Rio, a qual é a seguinte: "Na época de minha viagem ERAM OS CIGANOS, SOBRETUDO, QUE, NO RIO DE JANEIRO, SERVIAM OS REVENDEDORES DE ESCRAVOS AFRICANOS e entre elles havia homens muito ricos".

A tudo isso juntemos o que, no Cap. III d'"OS CIGANOS NO BRAZIL", encontrámos sobre os ciganos do Rio de Janeiro que, em 1830, exerciam a corretagem de escravos, bem como sobre os lugubres locaes em que esta se effectuava.

No Cap. III dos "Subsidios historicos" já transcrevemos um trecho em que M. Moraes diz que naquelle anno o bairro por elles preferido era o Valongo, visto que O COMMERCIO DE ESCRAVOS OS OBRIGAVA A NELLE SE FIXAREM, EM CONSEQUENCIA DO TRAFICO.

Depois, referindo-se AOS OPULENTOS EMPORIOS DOS CARREGAMENTOS DA COSTA DA AFRICA, que havia em toda a Prainha e Saude, assim os descreve:

"Quem, ao escurecer, passava por aquelles armazens, pertencentes a diversos proprietarios, DOS QUAES ERAM COMMISSARIOS OS CIGANOS, sentia desprenderem-se dos salões infectos as exhalações especiaes á raça negra. ensurdecia aos gritos alternados dos escravos que dansavam aos estalos dos açoites, horripilava-se ao ruido de esqueletos humanos, que entrechocavam-se nos pulos choreiformes, baqueando tumultuarios.

A quantas nações, antes de subirem ao patibulo das fazendas, não serviram de horto essas jaulas medonhas!

Só em 1828 o Brazil importou 430.601 escravos, entre Cabindas, Minas-néças, Congos, Cassanges, Moçambiques, Artos, Minas-mahy, Benguelas, Caiovas e Ganguelas!

E era o Valongo o deposito geral da mercadoria dos brigues negreiros. que empanavam com a tanga do Africano os brilhos do estandarte nacional.

OS CIGANOS, COMO UM POVO BANIDO, VILIPENDIADO, ACCEITARAM COM PRAZER UM COMMERCIO QUE AVILTAVA MAIS AO SENHOR QUE COMPRAVA, DO QUE A' FAMILIA, OS FILHOS, OS VENCIDOS, ESCRAVISADOS COM TODA A SUA PROLE, em troca de um fio de missangas, uma faca, um machado, uma bugiganga de theatro ou um trapo velho!

Naquelles bazares da tyrania humana, O CIGANO, REPIMPADO EM SUA POLTRONA, DE CHICOTE EM PUNHO, ERA O MEDIANEIRO DE MA' FE' NAS TRANSACÇÕES DOS DESGRAÇADOS que recebiam o ar e a luz atravez de telha-vã de um sótão, ou das grades de ferro de uma alcova abafada e immunda".

.....
"Na loja, cuja mobília não excedia de algumas cadeiras, uma moringa com agua e um chicote pendurado á parede, o corredor brutal dominava dous longos bancos, em que, cobertos de sarna, encanifrados, nostalgicos, inchados como defuntos, expunha aos compradores os negros novos.

M... depois marquez B... pertencia á raça bohemla.

Sua immensa fortuna proveu de SER MEDIANEIRO, NA COMPRA DE ESCRAVOS PARA MINAS, a Amaro Velho, João Gomes Velho e João Gomes Barroso, dos quaes recebia UMA DOBLA POR CABEÇA.

O REFUGO ENTREGAVA AOS "PARENTES", QUE IAM VENDER NO INTERIOR.

Os calons, adaptados por esse lado á nossa civilisação, mais salientes se tornavam pelos seus costumes e usos, incontestavelmente proprios".

Podemos calcular com certa segurança que, tanto no tempo em que isto se passava na comunidade cigana do Rio como nos tempos posteriores, tambem havia nos bandos que vagavam pelo interior ciganos traficantes e senhores de escravos.

A esse respeito, é muito significativa e positiva uma informação que, embora laconica, nos dá o noticiaria do bando que passou por Caçapava em 1885, isto é, quando a escravidão, — essa nodoa que tanto humilhou a nossa Patria, — estava, para decôr desta, prestes a desaparecer.

Referimo-nos á parte da noticia em que elle, após descrever, em seus varios aspectos, o acampamento dos nomades, accrescenta: "Uma tropa cercava a "povoação" dos ciganos, que, parece, têm enriquecido com o negocio de animaes. VINTE E TANTOS CAPTIVOS DA COMITIVA LAVAVAM, LENHAVAM E COZIAM".

Com isto terminamos nossas compilações feitas acêrca dos negros que, COMO ESCRAVOS, os ciganos brasileiros juntavam a seus grupos sedentarios ou a seus bandos errantes; e tambem acêrca da triste missão que elles tiveram, como "revendedores ou medianeiros", no vil commercio de que aqui, por tanto tempo, foi objecto a infeliz raça africana.

Pois bem: tendo a "Lei Aurea" extincto a escravidão no Brasil, que destino teriam tomado os ex-escravos dos ciganos?

Difficil será respondê-lo.

Podemos todavia suppôr que ao menos alguns delles ficaram entre aquella gente: uns, talvez, porque já se haviam adaptado ao seu genero de vida; e outros, porque já tendo nascido entre ella, estavam, com maioria de razão, identificados com seus usos e costumes.

E' o que nos indicam diversas informações que nos foram dadas por particulares e que já foram incluídas no Cap. IV dos "Subsidios historicos".

Numa dellas, que devemos ao sr. M. Machado e que se refere aos bandos que appareciam na zona mineira em que elle, ha annos atraz morava, os seus componentes são assim descriptos: "Eram em geral escuros, etc.... "Havia, ademais, entre elles ALGUNS NEGROS E MESTIÇOS, SENDO QUE OS PRIMEIROS SE DIZIAM DESCENDENTES DE ANTIGOS ESCRAVOS. QUE, NOS TEMPOS PASSADOS, OS CIGANOS POSSUÍRAM".

Noutra, que é da lavra do sr. I. Cesar e que nos foi enviada pelo dr. A. Guimarães, o autor, falando dum grupo de ciganos que, em 1890, appareceu em S. Luiz do Parahtinga e que dahi logo foi expulso por haver praticado varias tropelias, diz que eram seus chefes um tal Osorio e um tal Fernando, os quaes tinham como principaes companheiros "o Chaninho e o ADOLPHO, NEGRO DE CARA QUEIMADA E DE ASPECTO DE SATANAZ".

Emfim, na ultima, que tambem nos foi remettida pelo dr. A. Guimarães, communica elle, "como pormenor curioso", que, entre os ciganos que, de 1900 a 1910 moraram no bairro das Perobas (depois chamado Tapéra dos Ciganos), do mesmo municipio de S. Luiz, HAVIA ALGUNS NEGROS E ENTRE ESTES UM DE ALTA ESTATURA, HORROSAMENTE FEIO E QUE, POR SER VALENTÃO, ERA CAPANGA DO CHEFE DO BANDO, QUE SE CHAMAVA JOSE' GASPAS.

Si nos bandos ou grupos de ciganos brasileiros que actualmente vagam por nossos sertões ainda ha ou não alguns negros, é coisa cujo esclarecimento não está ao nosso alcance, pelo que o deixamos a outros que se interessem, pela questão.

Seja, porém como fór, o certo é que, recapitulando o que ate agora foi dito sobre o assumpto, podemos acceitar, como facto incontestavel que, no Brasil, os ciganos, "quebrando preconceitos que tradicionalmente já vinham de seus antepassados", acolheram, "por conveniencia", em suas hordas e tribus um elemento ethnico de todo estranho á sua raça: o negro de origem africana.

Mas dahi poderemos inferir que tenha havido mestiçagem entre elles?

Será possível que o cigano que, na Europa, sempre evitou cruzamentos com populações genuinamente brancas, chegasse, no Brasil, a cruzar com individuos da raça negra?

E' problema de solução algo difficil, visto que se trata de nomades, cuja vida intima se passa em mystério, e que systematicamente se negam a dar informações de qualquer especie aos estranhos á sua raça.

Entretanto, por uma razoavel conjectura, podemos suppôr que ao menos nos tempos mais antigos essa mistura teria sido por elles evitada.

Passemos, pois, a fundamentar os motivos de tal conjectura. Embora vilipendiados e perseguidos em toda parte, e a despeito da ignorancia e analphabetismo a que os tem condemnado a sua vida errante, os ciganos continuaram sempre e onde quer que estivessem a conservar a sua raça e bem assim alguns bons caracteres intellectuaes e psychicos que lhes são inherentes; e que tudo tem sido demonstrado por estudos ethnographicos e por diversas observações scientificas que sobre elles fizeram mestre de reconhecida competencia.

Verificou-se, p. ex., que são dotados duma viva intelligencia e actividade, aprendendo com facilidade as linguas estrangeiras, além do que se têm revelado musicos innatos e habeis artistas, principalmente na industria dos metaes.

Não admira, pois, que ao chegarem ao Brasil colonia, elles vissem desde logo elevado o seu nivel social e chegassem mesmo a ter uma certa ascendencia nos nucleos de populações inferiores que aqui encontraram, compostos, em grande parte, de descendentes de indigenas, de negros africanos e duma mestiçagem bastarda saída do cruzamento de uns e outros com brancos europeus.

E', pois, possível e provavel mesmo que a esses **pariás viajantes**, como bem os designou Figuiier, procurassem se reunir espontaneamente, além de aventureiros de toda especie, numerosos negros escravos, fugidos dos eitos e das senzalas, que, assim, ao escaparem das garras de seus algozes, — **os senhores brancos**, — por certo afagavam a esperança de melhores dias na companhia do povo nomade e recém-chegado.

Entretanto, recebidos por elles não "como companheiros de nomadismo", mas sim como "**gente inferior**", esses negros teriam sido tratados como tal e assim de sua aventura teria resultado apenas passarem das mãos dum senhor para as de outro...

E não é absurda a hypothese de haverem os ciganos, empregando as suas conhecidas patranhas e audacia, começado, desde

logo, a commerciar com elles, vendendo-os ou **berganhando-os por qualquer coisa**, principalmente em regiões distantes daquellas em que os acolheram em seus bandos ou **os furtaram**, conforme se deduz dum trecho, já citado, do Alvará de 1760: e ahi viviam (no Brasil) em franca liberdade... "cometendo continuados furtos de cavalos, e escravos", etc.

E assim, iniciado entre elles, desde os tempos coloniaes, o execrando commercio, não tardou que começassem a apparecer publica e, portanto, legalmente como senhores e possuidores de escravos; e conforme o attesta o conteudo de tantos documentos e noticias atraz citadas, isso continuou e se prolongou até á época da extincção da escravidão entre nós.

O que foram os ciganos do Rio de Janeiro como senhores, revendedores, traficantes, leiloeiros e, sobretudo, "algozes" dos escravos, diz-nos, M. Moraes, em linguagem incisiva, nos periodos de sua obra cit. que transcrevemos atraz.

Suas descripções que, por desnecessario, não repetimos aqui, são comparaveis a um quadro tetrico pintado com côres negras.

Aliás, como já vimos no Cap. II dos "Subsidios historicos", muito antes do escriptor patricio, já o viajante V. Gendrin havia se manifestado com indignação sobre a maneira barbara e o desprezo com que os ciganos tratavam seus escravos.

Repitamos aqui, por opportuno,, alguma coisa do que elle disse a respeito:

"Nada mais hediondo do que o aspecto de seus armazens, onde se amontoam os escravos, e o regimen mais que deshumano a que os ciganos os submettem".

.....
"Geralmente sentados no chão, estes desgraçados esperam impacientes e procuram até por todos os meios que algum novo senhor os compre, persuadidos que só podem ganhar mudando de situação, o que os obriga a mais barbara cupidez e que ninguém pode contemplar sem verdadeiro horror!"

Pois bem: por todas essas coisas, e de accôrdo com o que conjecturámos, parece que devemos afastar a idéa dum cruzamento generalizado entre os ciganos e os negros seus escravos.

Si, repetimos, na propria Europa elles sempre evitaram mesclar-se com os brancos, não é admissivel que aqui se mesclassem com taes negros que, além de tudo, tratavam com desprezo e cruel tyrania...

Estamos falando dos periodos em que, no Brasil, os ciganos atingiram uma "importancia", que talvez não tenha simile ou correspondente nas regiões ou paizes do Antigo Continente por

que elles têm passado ou em que elles têm tomado pé, constituindo ás vezes nucleos importantes e mesmo massas compactas.

Para aqui degredados como gente inutil, trapaceira e desprezível, não obstante, os vemos logo transformados em ricos negociantes de cavallos, senhores de escravos, etc. (1)

Freycinet, p. ex., os dá como possuidores de grandes riquezas, ostentando em sua maioria consideravel luxo, sobretudo por occasião de suas bodas, que eram muito sumptuosas.

Koster soube que vagavam em bandos, vendendo cavallos e joias de ouro.

E Saint Hilaire notou que os ciganos de Urussanga estavam assás bem vestidos e possuíam, além de escravos, cavallos e cargueiros bastante numerosos; e accrescentou que entre os que elle viu durante sua viagem ao Rio havia homens muito ricos.

(1) Uma prova do "progresso social" dos ciganos do Brasil em relação aos ciganos de outros paizes é o frisante contraste que, num dado tempo, houve entre a sua situação e a de seus irmãos da Romenia.

Assim, ao passo que em nosso paiz, desde o seculo XVII, elles se iam tornando senhores e traficantes de escravos, os da Romenia gemiam sob o pesado jugo da escravidão.

Chegados a esse paiz (Moldavia e Valachia) em 1417, já no seculo XVI eram as mais tristes as suas condições sociaes, principalmente na Moldavia.

No seculo XVII elles foram francamente escravizados pelo Estado, que os vendia a particulares, tanto na Moldavia como na Valachia.

Os hospodares Basilio Lupu, na primeira, e Matheus Bessarab, na segunda, lhes impuzeram o jugo, no que foram auxiliados pela cupidez do clero grego que para garantir ou legitimar a parte de escravos que lhe era concedida, procurou reaccender contra elles os prejuizos religiosos que, entre o povo, havia desde o seculo XV. "Foram os ciganos, dizia-se, que massacraram os innocentes de Belem, expulsaram a sagrada familia do Egypto, induziram Judas a traír seu mestre e que forjaram os cravos com que Christo foi pregado na cruz..." "E como o Salvador do mundo, ao expirar, os amaldiçoou, era justo que elles passassem a ser escravos".

E de facto, devido a essa "maravilhosa invenção" e, sobretudo, á credulidade do povo, desde esse momento assim se deu, visto que os successores de Basilio e Matheus foram, posteriormente, legalizando as disposições que, de 1638 a 1654, já havia nesse sentido.

Sob o regimen corrupto dos phanariotas, de triste memoria na Romenia, e que durou desde os principios do seculo XVIII até 1821, ainda mais se aggravou a situação boçal dos ciganos.

Isto se prolongou até 1866, data em que a Moldavia e a Valachia se uniram de vez, constituindo um principado sob o nome de Romenia.

Desde então os ciganos foram considerados cidadãos com os mesmos direitos dos romenos. E uma grande parte delles, esquecendo sua lingua e seus costumes foi sendo lentamente assimilada ou absorvida pela população indigena e as estatisticas officiaes não fizeram mais distincção entre romenos e ciganos.

Tambem sob o ponto de vista social e moral, houve tempo em que, no Brasil, os ciganos gozaram duma consideração relativamente grande, pois como já vimos no Cap. II, chegaram mesmo a tomar parte em festas que celebravam acontecimentos reaes.

Em 1818, p. ex., no Rio de Janeiro, seus dansarinos e cavalleiros compareceram aos festejos que tiveram logar por occasião do casamento de D. Pedro I com a princeza Leopoldina. Estavam, como diz M. Moraes, sob a direcção do "rico e humanitario" cigano Joaquim Antonio Rabello e ostentavam grande luxo e riqueza tanto em seus vestuarios como no arreamento de seus ginetes.

Applaudidos e victoriados após as cavalgadas e suas dansas caracteristicas, D. João VI, "participando do agrado geral", fêl-os vir á sua presença, distribuindo-lhe premios: patentes militares aos homens e joias ás mulheres.

Já vimos tambem que Saint' Hilaire intercala em seus commentarios sobre os ciganos de Urussanga, uma noticia em que o Barão de Eschwege, falando dos ciganos do Rio de Janeiro, conta que elles foram convidados para as festas dadas naquella cidade por occasião do casamento da filha mais velha de D. João VI com o Infante Hespanhol, e que os moços dessa nação, trazendo na garupa suas noivas, entraram no circo montando bellos cavallos, ricamente ajaezados; e que, depois de apeiarem, executaram bellissimos bailados.

A isto tudo, que alcança o primeiro quartel do sec. XIX, poderíamos juntar mais alguma coisa para convencer que até então os ciganos do Brasil, já devido ao "orgulho de sua raça", já devido ás suas condições sociaes, relativamente "muito boas", te-

Falando sobre a nefasta dominação dos **phanariotas**, F. V. Ratti, em seu trabalho intitulado "ROMENIA LATINA" ("I Libri d'Oggi" — Firenze), assim se refere com relação á situação dos ciganos da Romenia:

"Il paese già conteso dalla Russia alla Turchia, è diviso in partiti che tengono dall' una o dall' altra, la nobiltà (i **boyardi**) intrigano e gravano crudelmente sui loro soggetti, tanto che in pieno secolo XIX, essi vendono sui mercati intere famiglie di zingari, sottoposti à schiavitù nè più nè meno che i negri d'America".

Vemos, pois, que em questão de liberdade foi bem differente nos tempos passados a situação dos ciganos romenos e a dos brasileiros. visto que estes, talvez até 13 de maio de 1888, ainda possuíam escravos...

Haja exemplo o bando que pouco antes, em 1885, passou por Caçapava e que, sobre cento e tantas pessoas, possuía nada menos de vinte e poucos negros escravos...

riam evitado seu cruzamento com os negros e, mesmo com os gajões (pessoas estranhas á raça) de outras procedencias ethnicas e que já entravam na composição de nosso povo.

E' possível, porém, que com decurso dos tempos e por circumstancias especialissimas, se tenha dado aqui esse cruzamento — de ciganos com individuos de outras raças; não, porém, em grau sufficiente para transformar, como suppõem alguns, os "bandos ciganos" em simples "conjuntos de brasileiros mestiços", taes com os comprehendemos e bem conhecemos.

Pois, na verdade, a basearmos nas noticias e informações que até hoje temos sobre os caracteres physicos, psychicos, e moraes dos componentes dos primeiros, vemos que elles differem tanto dos que se notam nos componentes dos segundos que absurdo seria tentarmos confundir uns com outros.

E' o que, em seguida, tentaremos fundamentar.

* * *

Recorrendo de novo ao estudo que, em março de 1921, Augusto de Oliveira e Sousa publicou na "REVISTA DO BRASIL" sobre os ciganos brasileiros e ao qual já nos referimos no Cap. IV dos "Subsidios historicos", repetiremos aqui o seguinte trecho que inicia tal estudo:

"A corrente historico-sociologica, no Brasil, tratou de todas as questões relativas á nossa formação ethnica, analysou todos os seus aspectos predominantes da nossa "gens", mas deixou á margem, esquecida, pequena parte dessa "gens", um elemento que, embora fragil, concorreu, e concorre ainda, ao cadinho donde ha de surgir o typo brasileiro. Esse elemento é o "cigano".

Num outro trecho, o A., referindo-se a tal elemento, se esforça por explicar a sua origem, empregando para isso os seguintes argumentos:

"Donde proveio elle? A Historia se cala nesse passo. Só delle sabermos por intermedio de um ou outro livro nacionalista, ou quando alguma noticia do interior relata o apparecimento de familia extraviada. Podemos affirmar, todavia, ser originario cá mesmo da America.

E' um ramo retrogado dos elementos constitutivos da raça. Resultante de indios e negros foragidos ou reinos criminosos e bandidos que viviam vagando, soltos ao crime, á custa alheia, jámais o trabalho o preoccupou; jámais soube viver a não ser de pedir".

E ao terminar o seu estudo diz, com relação ao cigano:

"E' um ramo secco, um ramo podre de nossa arvore ethnica, que pede revivescencia para poder fructificar, que exora soccorro, perigando contaminar os outros galhos..."

Entrando agora no assumpto a que nos propuzemos a fundamentar, vamos desenvolvê-lo sobre as diversas afirmações de Oliveira e Sousa, examinando-as uma a uma, para ver quaes as accetaveis e quaes as que pôdem ser contrariadas.

Começaremos por concordar com a sua opinião que admite a entrada do sangue cigano na composição da massa heterogenea de que se compõe o povo brasileiro.

E aliás não o fazemos por "simples espirito de concordancia", mas sim baseado em factos positivos.

Realmente, si a larga documentação e as informações que inserimos nos "**Subsidios historicos**" provam que, desde seculos passados, os ciganos vieram em grandes levadas para as nossas terras, e attendendo-se a que, com toda a probabilidade, em sua grande maioria nellas permaneceram, é claro e mesmo logico que aqui deve haver descendentes seus.

Mas, como se trata duma questão, cuja discussão não pôde ser muito laconica, della voltaremos a falar desenvolvidamente, quando chegar a vez de examinarmos a opinião que sobre ella expende Mello Moraes.

Passando agora a falar sobre a parte do estudo na qual o autor, tratando da procedencia do cigano, diz "**Podemos affirmar, todavia, ser originario cá mesmo de America**", daremos, primeiramente, a palavra ao proprio commentador de tal estudo, o qual, contrariando essa affirmativa, assim se expressa:

"O autor deste livro inedito, o sr. Augusto de Oliveira e Sousa, pensa que os chamados "ciganos", que enxameiam pelo interior do paiz, são originarios da propria America — são, como pitorescamente os designa, um ramo pôdre da nossa arvore ethnica".

E' esta uma opinião, pelo menos um pouco exclusivista, pois o cigano genuino, que aqui existe desde os primeiros tempos da colonisação, constitue mas é um ramo ethnico perfeitamente distincto, antiquissimo na Europa, de onde nos veio".

Quanto a nós, para contestal-a, basta que reportemos o leitor á longa exposição que fizemos na "**Introducção geral**", na qual, baseado em informações de diversos ciganolos, fomos muito além do que, a respeito, diz o commentador do livro em questão, visto que demonstrámos que a patria primitiva desses nomades está numa região do N. O. da India donde, ha seculos, elles se deslocaram e, caminhando para o occidente, penetraram na Europa, provavelmente no começo do sec. XV.

Demonstrámos mais que investigações ethnologicas e philologicas feitas em diversas épocas provaram que, a despeito das vicissitudes por que passaram durante suas successivas caminhadas do oriente para o occidente europeu, elles puderam conservar, não

só os seus caracteres physicos como os seus dialectos: que, como já se disse, se ligam intimamente a certas linguas neo-hindús.

Ora, como aqui tratamos dos primeiros tempos de seu apparcimento na Europa, é muito provavel que os que, em 1447, entraram na Hespanha e os que, desde começos do sec. XVI se foram passando para Portugal deverião estar em identicas condições de conservação de raça e dialectos.

E, por fim, outrotanto podemos dizer com relação aos componentes dos numerosos grupos e bandos que, desde o sec. XVII, o governo de Portugal deportou ou degredou para o Brasil.

E agora, recapitulando, havemos de admittir que os antigos ciganos brasileiros, longe de serem originarios daqui mesmo, da America, descendem, ainda que remotamente, de hindús das castas inferiores e que, após uma triste odysseia e por um singular destino, foram "remettidos" para as nossas plagas.

Entretanto, parece fóra de duvida que nos tempos posteriores elles, ao menos em parte, se mesclaram com individuos de outras raças que admittiram em seus bandos ou tribus; e nós mesmo já o admittimos quando atraz tratámos da existencia do elemento negro entre elles.

E assim, até certo ponto e com certas reservas, tem razão Oliveira e Sousa quando, falando do cigano, — diz que por ser resultante "de indios e negros foragidos ou reinois criminosos e bandoleiros que viviam vagando, soltos ao crime, á custa alheia, jámais o trabalho o preoccupou; jámais soube viver a não ser de pedir".

Examinemos e commentemos os diversos pontos dessa opinião.

Quanto á junção de indios aos ciganos, não encontrámos outra documentação a não ser a vaga referencia feita a respeito pelo Chanceller Carvalho de Andrade, na carta que, da Bahia, em 1761, escreveu ao Conde de Oeiras.

Essa referencia, que aliás já conhecemos, é aquella em que elle, falando dos ciganos, diz: "Elles se se juntarem serão mais de mil, em toda a Capitania, além dos escravos que possuem, taes como eiles, E DE ALGUNS INDIOS, QUE PODERÃO COADUNAR".

Visto, que não sabemos si houve ou não outros casos de terem sido englobados aos bandos ciganos mais alguns indios dos que já estavam "aldeiados" ou, melhor, "escravizados", calamos sobre esta questão.

Sobre a positiva incorporação de negros escravos, e mesmo de alguns foragidos, aos referidos bandos, já falámos desenvolidamente e por isso nos abstemos de fazer aqui repetições inuteis.

Finalmente, sobre a aggragação de “reinois criminosos e bandoleiros que viviam vagando, soltos ao crime”, entre os quaes, deveria haver brancos, taes como os reinos, tambem poderemos admittir a hypothese; pois na verdade só gente dessa especie procuraria, em nossos sertões, fazer vida commum com ciganos.

Ahi já temos, pois, nesses indios (?), negros e brancos, incorporados ou aggregados, elementos que sem duvida concorreram para um começo de mescla entre esses nomades e gente a elles estranha. não, porém, como já dissemos ou calculámos, — em grau sufficiente para transformar, como suppõem alguns, os “bandos ciganos” em “simples conjuntos de brasileiros mestiços”.

Pelo menos até 50 annos atraz, e tomando por base o já referido bando que, em 1885, passou por Caçapava, podemos affirmar-o de modo quasi que categorico.

E’ o caso que o noticiaria que o descreveu, diz que entre as “cento e tantas pessoas que o compunham havia nada menos de “vinte e poucos negros escravos”.

Ora, de fórma alguma podemos suppôr que um grupo erradio e heterogeneo, composto de brancos, negros e mestiços, tivesse a organização necessaria e, sobretudo, força moral para possuir escravos...

Assim sendo, havemos de admittir que só um bando de “puros ciganos” é que, graças á sua organização social “*sui generis*” e ainda á sua intelligencia e “actividade”, seria capaz de possuilos e, de accôrdo com sua vida nomade, conduzil-os de terra em terra.

Entretanto, desses tempos para cá, parece fóra de duvida que a mistura entre elles e pessoas estranhas á raça se foi dando, verdade que de modo mais accentuado em certos bandos e menos em outros, conforme o provam as noticias que a respeito obtivemos e que já inserimos no Cap. IV.

Assim, p. ex., pelas que, sobre os ciganos de Minas, nos deu o sr. M. Machado, vemos que entre elles já havia “alguns negros e tambem mestiços”.

Relativamente aos componentes dos bandos que vagam pela Bahia, diz-nos o dr. Mario Torres que ainda conservam os traços caracteristicos da raça, “havendo raros casos de mestiçagem na tribu”.

Emfim, quanto aos do Ceará, João do Norte dá-nos a entender que admittem em seu convivio os sertanejos delinquentes, pois falando sobre estes diz que ás vezes “muitos se misturam aos bandos vagabundos de zingaros que vivem á gandaia pelas varzeas, aprendem a sua lingua, vestem como elles, transformam-se”.

E dahi, por certo, um cruzamento entre uns e outros.

Pois bem: terminando nossos commentarios sobre essa questão de mestiçagem dos ciganos brasileiros, de que nos fala A. de Oliveira e Sousa, podemos dizer que ella ainda é parcial e não geral, visto que todos os que, embora praticamente, têm procurado estudar a composição ethnica dos bandos, grupos ou tribus remanescentes no paiz, são unanimes, em distinguir individuos que lhes parecem pertencer “á pura raça cigana” (a maioria) de outros (a minoria) que apresentam os variadissimos e bem conhecidos typos physicos de nossos mestiços, tomados em seu conjunto.

Em seguida, vamos abordar uma ultima e importante questão, com a qual daremos fecho aos nossos subsidios ethnographicos sobre os ciganos no Brasil.

E’ a que admite uma provavel existencia em nossa população de numerosos individuos pertencentes á pura raça cigana, os quaes descenderão “em linha directa” dos ciganos que, nos tempos coloniaes, nos vieram da Metropole.

Entremos, pois, sem mais preambulos, no assumpto.

* * *

Por falta de estudos especializados, difficilimo será saber-se ate que ponto o elemento cigano influuiu na formação de nosso povo.

Todavia, pôde garantir-se que elle, por pequeno que seja, constitue um dos ingredientes que veio ainda mais complicar o nosso já complicado conjunto ethnico.

A’ mingua de outros trabalhos sobre a questão, vamos de novo recorrer a “OS CIGANOS NO BRAZIL” para ver como ella é encarada por seu autor, M. Moraes.

E então, de accôrdo com a directriz que temos seguido ate aqui, iremos commentando as suas opiniões, acceitando as que parecerem razoaveis e procurando refutar as que envolverem exageros.

Intercalaremos tambem, em occasiões opportunas, alguns commentarios que a respeito foram feitos por A. Coelho, na parte de “OS CIGANOS DE PORTUGAL” em que elle critica a obra daquelle escriptor nosso patricio.

* * *

Confôrme já vimos nos “Subsidios historicos”, o velho calôn Pinto Noites informou a M. Moraes que os seus ascendentes estavam entre os ciganos que, deportados de Portugal, chegaram ao Rio em 1718.

Além disso, deu-lhe outros detalhes que, por serem aproveitáveis a esta parte de nosso estudo, passamos a transcrever.

Começaremos pelos trechos seguintes, nos quaes o autor se refere ao mesmo Pinto Noites (V. pas. 24 e 25 da obra cit.):

"De sua prodigiosa memoria, archivo inesgotavel da historia de sua nação entre nós, deixou rolar, durante duas horas que com elle conferenciámos, informações admiraveis de criterio e saber tradicional. Dahi a noticia que possuímos de familias importantes do Brazil cruzadas com elles, e a lista nominal das que acima nos referimos, de onde emergem algumas da Cidade Nova, Minas, Bahia, etc.

Na intimidade desse povo intelligente e ás mais das vezes calumniado, conseguimos escrupulosamente verificar que as palavras do discreto ancião ajustavam-se á versão popular dos mais esclarecidos de sua tribu.

O sr. Pinto Noites, dando-nos a relação das nove familias, ou pelo menos o nome dos seus chefes, comprehendidos no decreto de banimento de 11 de Abril de 1718, estabelece a ordem seguinte:

João da Costa Ramos, por alcunha João do Reino, com seu filho Fernando da Costa Ramos e sua mulher D. Eugenia; Luiz Rabello de Aragão; um Ricardo Fraga, que seguiu para Minas; Antonio Laço, com sua mulher Jacintha Laço; o Conde de Cantanhede; Manoel Cabral e Antonio Curto, que foram para a Bahia, acompanhados, além de mulher e filhos, de noras, genros e netos.

— Logo que desembarcaram, terminou o nosso conferente, "alojaram-se em barracas no campo dos Ciganos, enorme e inculta praça que se estendia da rua do Cano até á barreira do Senado".

"Qual o rumo posteriormente tomado pelos deportados, quantos internaram-se nas florestas ou permaneceram nos centros colonizados, é uma questão complexa e de resolução difficilima.

Tropas e tropas vagabundas infestavam o norte e o sul, vivendo na natureza e na natureza, commerciando nos pequenos povoados e pirateando nas estradas. — A reproducção entre si deu-se em grande escala; o cruzamento com as tres raças existentes effectuou-se, sendo o cigano a solda que uniu as tres peças de fundição da mestiçagem actual do Brazil".

Esses trechos d'"OS CIGANOS NO BRAZIL" mereceram por parte de A. Coelho alguns commentarios, que passamos a transcrever.

Assim, p. ex., referindo-se ás informações dadas a M. Moraes por Pinto Noites, diz elle, nas pags. 273 e 274 de sua obra citada:

"Segundo o auctor, esse velho, de prodigiosa memoria, deu-lhe noticias de familias importantes brasileiras cruzadas com os ciganos, e de outras particularidades muito interessantes.

"O auctor pretende que: "A reproducção entre si (entre os ciganos) deu-se em grande escala; o cruzamento com as tres raças existentes effectuou-se, sendo o cigano a solda que uniu

as tres peças de fundição da mestiçagem actual do Brazil". Aqui ha um exaggero evidente. De um lado, suppondo rigorosamente historica a noticia da migração das nove familias, não pode admittir-se que tenham sido as unicas desterradas para o Brasil no seculo XVIII, para onde já anteriormente teriam ido algumas; de outro lado não é facil admittir, sem outras provas, que no brasileiro haja tanto sangue cigano como o auctor parece estar disposto a acceitar".

Sem examinarmos, por agora, esses commentarios de A. Coelho, volvamos de novo á obra de M. Moraes para dellas tirarmos mais alguma coisa que se relaciona com o assumpto, e que vemos de pag. 104 a 106.

Depois de fazer a descripção do typo physico dos ciganos primitivos, sobre a qual já falámos atraz, diz elle ao referir-se ao moral de seus descendentes:

"Eram valentes, como os que descendiam dos Ricardo Fraga, Antonio Laço e Antonio Curto, e esta valentia, se subsiste, é a herança de algum bisneto, que passa obscuro nos sertões de Minas Geraes ou Bahia.

Não conservando os appellidos dos seus chefes, visto como as suas tropelias podiam attingir-lhes nas perseguições da justiça, desquittavam-se do nome de familia, interrompendo assim a mais leve idéa de parentesco.

Por semelhante motivo os desta capital congregaram-se, e, para se destacarem dos que infestavam as estradas, resolveram conservar os appellidos de seus avós, que em nada os comprometiam e que disso se ufanam.

Por isso a descendencia de João da Costa Ramos é conhecida pelos **Costas**, notaveis como cantadores e tocadores de viola, francos e generosos. O velho tronco Luiz Rabello de Aragão perpetuou-se nos **Rabellos** — poetas e litteratos, e entrelaçou-se com a familia Cabral, que nos tem dado oradores parlamentares, officiaes do exercito, homens conceituados no magisterio, no fôro, nos cargos de secretaria e na tribuna sagrada.

Dos **Catannas**, que nos persuadimos serem oriundos dos Laços, Antonio Curto e Fragas, ciganos destemidos e das tropilhas nomades, ha um medico que foi jornalista e a quem consideramos como collega distincto e intelligencia de relevo. Além destas familias uma outra existe — a das **Helennas**. E' de tradição que destas mulheres de belleza adoravel partiu o mestiçamento da casta no Brazil, o máo exemplo no lar domestico. De quem emergem não nos disseram. Que são lindas, podemos affirmar, pois a mais de uma fomos apresentados".

A média de idade desse povo é de 40 a 50 annos.

Bem poucos chegam além, excluindo os Cantanhedes, appropriação (afirmaram-nos depois) do titulo de um conde de Cantanhede, fidalgo portuguez que viajava na não **S. Vicente**, em que vinham os deportados que constam da declaração do sr. Pinto Noites. O pseudo conde chamava-se Peres".

A. Coelho, após commentar cada um desses pontos da obra de M. Moraes, bem como certos trechos que nella existem e que se relacionam com o assumpto em apreço, chega a estas razoaveis conclusões:

“Emquanto uma camada cigana se funde na nacionalidade brasileira, outra extingue-se lentamente na miseria, ao passo que uma terceira se mantem na vida errante”.

Pois agora, tomando por base tudo quanto disse M. Moraes, e ainda o conteúdo das conclusões a que chegou o grande philologo e ciganologo portuguez, pedimos venia para tambem expender opinião acêrca dessa questão da entrada do ingrediente cigano na composição de nosso povo.

Mas, desde que não dispomos de meios para uma verificação positiva, vamos discutir as coisas amparado unicamente “na logica dos factos”: o que, pensamos, já não é pouco em casos desta natureza.

Comquanto M. Moraes affirme que no Brasil a multiplicação dos ciganos se deu em grande escala, e que houve cruzamento entre elles e as tres raças existentes, a verdade é que o escriptor patricio trata dessa importante questão ethnographica com muito laconismo e de modo muito restricto, visto que, como vimos, em sua obra se limita a citar nominalmente algumas familias brasileiras que, a seu ver, descendem daquelles nomades.

Explica-se: é que tratando quasi que exclusivamente dos ciganos do Rio de Janeiro e das “partidas” que delles saíam para o interior, principalmente para Minas Geraes, as suas investigações nesse particular não poderiam mesmo ir muito além.

Todavia, como subsidio importante e aqui aproveitavel é o calculo que fez de ainda em 1886, data da impressão de seu trabalho, existirem naquella cidade cêrca de 500 “calôns”.

Queremos dizer que se admittindo, com grande probabilidade, que dahi para cá muitos desses “calôns” ou ciganos brasileiros, “deixando a vida e os habitos de ciganos”, se fundiram com os “gajões” ou com elles simplesmente “se confundiram”, é logico que na propria capital do paiz deve haver um certo numero de individuos que delles descendem, apresentando uns maior e outros menor grau de pureza ethnica.

Tal é, p. ex., o caso já conhecido dos ciganos officiaes de justiça que “hereditariamente”, vinham exercendo aquella profissão; e dos quaes, ao que dizem, ainda ha alguns remanescentes.

Deixando a outros as pesquisas relativas aos descendentes dos ciganos do Rio, passamos a aventar a hypothese de tambem havêl-os no Estado da Bahia, o que procuraremos fazer, tambem aqui, baseado em calculos acceitaveis.

Por certas referencias que ha no conteúdo das duas cartas de 1761, dirigidas da Bahia ao conde de Oeiras, respectivamente, pelo chanceller Carvalho de Andrade (a de 1 de agosto) e pelos governadores interinos Gonçalo Xavier B. e Alvim, e Carvalho de Andrade (a de 5 de outubro), as quaes já transcrevemos no Cap. I dos "Subsidios historicos", percebemos que já naquelles tempos se esboçavam nas terras bahianas pequenos nucleos de ciganos sedentarios.

Na primeira, p. ex., diz o chanceller Carvalho que os ciganos ao terem conhecimento da "ley que lhes dava regularidade" foram insensivelmente "desertando" da cidade, onde ficaram poucos.

Entretanto' alguns, principalmente os velhos e casados, pediam-lhe que os deixassem ARRENDAR FAZENDAS E VIVER DA LAVOURA, o que lhes foi facultado, comtanto que os filhos adultos fossem entregues para soldados e os pequenos para serem postos nas officinas.

Depois disso, ha uma interessante proposta suassoriamente a elles feita pelo chanceller, a qual, por seus termos, vem reforçar a nossa hypothese sobre a pureza ethnica dos primeiros ciganos que vieram para o Brasil: é a de VIVEREM COMO PORTUGUEZES, VASSALOS DE S. M..

Por ahi deduzimos que, pela raça, uso e costumes, "elles se destacavam dos demais portuguezes", constituindo verdadeiras tribus semi-independentes, embora isso fosse, por motivos especiaes, tolerado pelos proprios governos.

A proposta teria sido acceita, conforme vemos destas proprias palavras do chanceller:

"Com isto alguns têm vindo e entregue os filhos para os officios e outros SE LHES DESTINA SITIO PERTO DESTA CIDADE PARA LAVOIRAS, DEPOIS DE TRAZEREM ARRENDAMENTOS DOS SENHORIOS..."

Na segunda carta ha termos ainda mais positivos relativamente á vida regular ou sedentaria que numerosos ciganos da Bahia foram compellidos a adoptar, pois os governadores após dizerem que uns entregavam os filhos solteiros aos officiaes mecanicos e outros, embora raros, assentavam praça, assim concluem:

"OS MAIS VÃO ARRENDANDO TERRAS, OCCUPANDO-SE COM SUAS MULHERES EM LAVOIRAS E EM ABRIR TERRAS DE NOVO; DEIXANDO TOTALMENTE O ILLICITO COMMERCIO E O MODO LIBERTINO QUE TINHAO DE VIDA..."

Provado, pois, que, em 1761, muitos ciganos da Bahia, deixando singularmente seu genero de vida, se haviam tornado sítios ou lavradores, bem podemos calcular que parte delles já era nascida no Brasil, descendendo dos que ha mais de quarenta annos atraz, isto é, em 1718, tinham chegado áquella cidade como degredados da Metropole.

Aliás, é o que nos indicam os documentos que sobre estes já transcrevemos nos Caps. I e III dos "Subsidios historicos", na parte em que elles dizem que logo que os ciganos chegaram a cidade o Senado da Camara lhes designou para habitação o bairro da Mouraria, MAS QUE AUGMENTANDO POR PROCREAÇÃO O SEU NUMERO, foi-lhes tambem designado, para o mesmo fim, o bairro de Santo Antonio d'Além do Carmo.

A basearmos no que diz M. Moraes, em "FACTOS E MEMORIAS", já sabemos tambem que até um certo periodo do sec. XIX os descendentes desses ciganos continuaram a residir nos referidos bairros.

E, finalmente, com relação a ciganos que ainda vivem sedentariamente na capital da Bahia, ficamos tambem sabendo, por informações recentes que nos enviou o dr. M. Torres, que nella existe um nucleo de cêrca de trinta pessoas localizado na zona suburbana denominada Estrada da Liberdade.

Ora, é claro que os mesmos argumentos empregados para provar-se a existencia de descendentes de ciganos no Rio de Janeiro, pôdem ser applicados com relação á população bahiana.

E aqui com maior extensão, visto que os "nucleos sedentarios" vêm sendo assinalados, desde os tempos coloniaes, tanto na Bahia, cidade, como nas terras interiores que hoje formam o Estado desse nome.

A origem do nucleo do bairro da Mouraria, na cidade, já está sufficientemente conhecido.

Quanto aos nucleos do interior, por pequenos que fossem, teriam sido constituídos pelos que, segundo informavam os referidos governadores da Capitania ao Conde de Oeiras, já em 1761 haviam tomado assento e passado a viver da lavoura, uns porque a isso foram obrigados e outros porque espontaneamente tomaram essa resolução.

E', pois, principalmente desses ciganos que, abandonando o seu nomadismo, se fixaram ao solo, que deve haver descendentes nas populações bahianas, entre as quaes todavia elles só poderão ser encontrados mediante apurados estudos anthropologicos ou ethnologicos.

E' que tendo, como se diz numa das cartas, os primeiros deixado totalmente "o illicito commercio e o modo libertino que:

tinhão de vida”, o natural é que com o decorrer dos tempos se tivesse obliterado a tradição de serem os segundos de origem cigana: confundiram-se, pois, na mestiçagem brasileira, para o que certamente, muito teria contribuído a sua côr escura ou bronzada.

Por falta de documentação relativa a outros Estados do Norte, com que fundamentarmos as nossas hypotheses neste particular, passaremos de salto da Bahia para as terras do Ceará, pretendendo tirar algumas deducções nas rapidas referencias feitas por João do Norte aos ciganos que da Metropole vieram desterrados para ellas, conforme vimos em dois trabalhos seus já citados no Cap. IV dos “Subsidios historicos” (V. “ESTADO DO CEARÁ”).

Numa dellas, diz o escriptor patricio que os ciganos passaram de Portugal para o Brasil, ESPECIALMENTE PARA O CEARÁ, onde varias de suas tribus foram despejadas por ordens regias ao tempo do Marquez de Pombal; e que nesse facto MUITOS QUEREM VER A FONTE DO ESPIRITO ERRANTE, DO CARACTER NOMADE, DA ALMA ANDEJA DOS FILHOS DA TERRA DO SOL.

Numa outra diz que na maioria o sertanejo resulta do cruzamento do índio com o portuguez; mas que alguns TRAEEM NO GOSTO PELA VIA NOMADE E NAS FEIÇÕES AS JA’ DIMINUTAS PARCELLAS DO SANGUE IRRQUIETO, DOS CIGANOS QUE O GOVERNO DA METROPOLE MANDOU QUE POVOASSEM O VALLE DO JAGUARIBE.

E, por fim, falando dos sertanejos cearenses, conta-nos que alguns, quando delinquentes, se MISTURAM AOS BANDOS VAGABUNDOS DE ZINGAROS, QUE VIVEM A’ GANDAIA PELAS VARZEAS. APRENDEM A SUA LINGUA. VESTEM COMO ELLES, TRANSFORMAM-SE.

Baseando-se, pois, nessas palavras de João do Norte, podemos suppôr que no Ceará tambem ha, além de ciganos, “que ainda levam vida de cigano”, descendentes seus, cuja origem só pode ser reconhecida, ou pelas feições, em que ainda se notam alguns traços caracteristicos, ou por seu espirito errante, que é um reflexo do nomadismo, por assim dizer, inherente á propria raça cigana.

Passando agora ás terras de São Paulo, podemos affirmar que nellas já houve pelo menos um nucleo de ciganos sedentarios: era o composto pelos que, em 1829, Saint Hilaire encontrou em Urussanga e que, como elle proprio informa, “moravam na aldeia vizinha de Mogy Guassú e circulavam pelas vizinhanças para fazerem, de accôrdo com o feitio de sua gente, berganhas de mulas e cavallos”.

A julgar-se pela descripção que delles fez o grande scientista, parece que esses ciganos estavam em via de abandonar seus usos e costumes para se englobarem ou confundirem na população commum do paiz, visto que "se vestiam como os brasileiros", e possuíam escravos; além do que elle "não lhes ouviu falar outra lingua diversa do portuguez".

Pois bem: dado que taes ciganos continuassem a viver na zona de Mogy Guassú, não podemos suppôr que nella ou nas circumvizinhanças ainda existam descendentes seus, por poucos que sejam?

Comquanto de difficil comprovação, poderemos admitir a hypothese, tanto mais que Saint Hilaire diz que o bando que elle viu em Urussanga era numeroso.

Dum outro grupo mais ou menos sedentario tambem já démos noticia: é o que agora, em nosso seculo, estanciou pelo espaço de dez annos (1900-1910) no bairro das Perobas, no municipio de S. Luiz do Parahytinga.

Desse grupo, que era chefiado por José Gaspar ou Zéca Cigano, já fallecido, teriam ficado residindo até hoje na zona a sua viuva e um filho do casal chamado Póem e ainda alguns remanescentes que os acompanharam.

E' para notar que, conforme diz o nosso informante, esses ciganos já se iam "abrasileirando" de vez, visto que, embora se dissessem ligados, por laços de familia aos ciganos do Rio Grande do Sul, declaravam ao mesmo tempo que eram "caipiras de Minas"...

E', pois, provavel que tambem naquella zona já haja alguns descendentes de ciganos, cujos filhos e netos daqui a umas decadas não mais serão reconhecidos como taes: serão simples "caipiras de São Paulo".

Ora, como não podemos suppôr que apenas nas populações do Rio de Janeiro, da Bahia, do Ceará e de São Paulo haja descendentes de ciganos, é claro que havemos de admittir que o caso teve character geral, extendendo-se, portanto, ás populações dos outros Estados do Brasil, cujas terras têm sido, desde os tempos antigos, frequentadas por esses nomades. (A este respeito, V. Cap. IV dos "Subsidios historicos"). (1)

(1) Tratando de TUPI-GUARANI, em seu "DICCIONARIO GRAMMATICAL", o grande philologo patricio João Ribeiro, ao referir-se á compozição ethnica de nosso povo diz, numa annotação (V. pag. 373) e relativamente ao elemento branco que nella entrou, o seguinte:

"Os nucleos das povoações brasileiras eram todos mesclados: francezes, hespanhoes em grande numero, judeus que emigravam para escapar

E' verdade que até este momento não obtivemos documentos positivos que provem terem existido em taes Estados, ou em alguns delles, nucleos de ciganos sedentarios, dos quaes, naturalmente, mais que dos bandos nomades, teriam saído os referidos descendentes.

Entretanto, essa ignorancia de nossa parte, quanto á existencia de taes nucleos, não exclue a hypothese de terem elles existido num dado tempo, aqui e alli; é mesmo possível que outros que se interessem pelo assumpto possam melhor esclarecê-lo, ampliando assim a nossa modesta contribuição a elle relativa.

Falando agora dos bandos que continuaram em seu nomadismo, podemos suppôr, com certa segurança, que os seus componentes também têm concorrido, ainda que em muito pequena escala, para a existencia de individuos de origem cigana em nossa nacionalidade.

Realmente, é provavel que, desd'os tempos antigos e por motivos que dispensam explicação, delles se tenham destacado muitas vezes algumas familias ou simples casaes e mesmo individuos isolados que, abandonando o seu genero primitivo de vida, se foram estabelecendo por diversos pontos do paiz, dedicando-se uns á pequena lavoura ou á criação e commercio de animaes e outros ás profissões predilectas da raça. Trata-se agora, logicamente, de pequenas desaggregações e não de grupos sufficientes para constituirem nucleos sedentarios.

Exemplos frisantes desses casos, temôl-os também aqui, nas terras paulistas.

Assignalado nellas o apparecimento dos ciganos desd'o começo do seculo XVIII, os seus bandos continuaram a percorrê-las nos seculos subsequentes, conforme o attestam os documentos e informações insertos nos diversos capitulos que constituem os "Subsidios historicos".

Assim, já sabemos que em 1726 e 1760 a cidade de São Paulo foi por elles visitada. E também que em 1768 havia em suas proximidades, "na Chacara do Aniceto", junto a um rio que corria para a cidade, um casal de ciganos; e como a mulher se achasse "cheia do mal de São Lazaro", o marido, por uma resolução do Senado da Camara, foi notificado para que, dentro de vinte quatro horas, "botasse abaixo um rancho que no mesmo rio havia feito para os banhos da dita sua mulher", sob pena de "se proceder contra elle, como fosse de justiça".

A acção inquisitorial, ciganos depois de 1600, portuguezes e açorianos em maioria: taes eram os elementos do typo **branco**".

Por ahí deduzimos que, desde 1600, os ciganos, também já appareciam nos diversos nucleos de povoação brasileiras.

Ora, a julgarmos pelos proprios termos da referida resolução do Senado da Camara, concluimos que esse casal de ciganos, talvez desgarrado do ultimo dos bandos que passou pela cidade, ficou fixamente residindo nas proximidades desta.

Depois disso, só dos ultimos tempos é que obtivemos noticias semelhantes a essa. São as que nos dá o sr. I. Cesar acêrca dos ciganos que têm estado no Norte Paulista (V. "ESTADO DE S. PAULO", no Cap. IV dos "Subsidios historicos").

Uma é a do casal de velhos ciganos que ha tempos residiu em S. Luiz do Parahytinga, tendo o homem a profissão de trançador de couros e occupando-se a mulher em ler a "buena dicha".

Outra, mais importante é a de que já falámos atraz e que se refere á familia do cigano José Gaspar que ficou morando nas proximidades dessa cidade.

Outra, por fim, é a que tambem nos dá esse informante sobre um cigano valentão que ha cêrca de 40 annos atraz tinha como ponto habitual de sua residencia a cidade de Pindamonhangaba, donde ás vezes saía para praticar as suas façanhas, até que um dia foi atacado e morto pela policia de S. Bento do Sapucahy: este é um dos casos de ciganos que se destacando de seus bandos passam a viver isoladamente em certas cidades, ou zonas, nellas exercendo a sua actividade...

Certamente, em todos os tempos, não só na região paulista como em todas as outras regiões do Brasil se teriam dado innumeros casos identicos aos atraz mencionados: talvez centenas e mesmo milhares.

Quanto ao seu desconhecimento, explica-se já pela falta de importancia de que elles se têm revestido aos olhos de nossas populações, principalmente em se tratando das sertanejas, já pela completa indiferença com que os nossos ethnographos têm tratado a questão cigana no Brasil.

Admittindo-se, pois, que dos ciganos que outrora formavam os nucleos sedentarios, e tambem das familias e casaes que se têm desaggregado dos bandos nomades para tomarem residencia fixa, existam no paiz numerosos descendentes, teremos nestes "a camada cigana que se fundiu na nacionalidade brasileira", conforme uma das conclusões a que chegou A. Coelho, após examinar a obra de M. Moraes, na parte que ella trata deste particular.

E agora fica aos especialistas na materia a ardua tarefa de descobrir tal camada em nosso quasi que inextricavel conjunto ethnographico.

* * *

Sylvio Romero, numa apreciação antecipada que, no fim do "Cancioneiro dos Ciganos" faz sobre o novo livro que Mello

Moraes ia publicar, isto é, "OS CIGANOS NO BRAZIL", começa por dizer: "Todo e qualquer estudo que contribúa para o esclarecimento das populações nacionaes, todo e qualquer esforço para fazer luz sobre as origens, os costumes, a psychologia de nossas classes populares deve ser bem recebido e encorajado".

E depois elogia o trabalho, a ser publicado por Mello Moraes, dizendo que este — "tomou para objecto de suas pesquisas a raça mais ou menos nomade dos ciganos que são mais abundantes no Brasil do que geralmente se pensa".

Entretanto, após a publicação d'"OS CIGANOS NO BRAZIL", A. Coelho, além dos commentarios, favoraveis ou desfavoraveis, que fez sobre suas diversas partes, e que já conhecemos, juntou, numa anotação que se vê na pag. 285 de sua obra cit., a seguinte observação:

"Como se vê dos dados que delle extrahimos, é interessante o livro do dr. Mello Moraes, e mais o fôra se o auctor não preferisse os effeitos litterarios ao rigor scientifico e conhecesse um pouco mais de perto a litteratura ethnographica européa ou, na falta desse conhecimento, não se perdesse em theorias, contentando-se com um esboço puramente descriptivo. E' de lastimar que, sendo elle medico, não aproveitasse os seus conhecimentos especiaes para nos dar um estudo anthropologico dos ciganos brasileiros".

Realmente, a esse respeito pouco ou nada diz M. Moraes, pois como vimos num trecho de sua obra que transcrevemos no Cap. III dos "Subsidios historicos", elle proprio lamentava que essa raça, que vinha vivendo entre nós desd' os primeiros periodos de nossa existencia colonial, não tivesse despertado a actividade dum sabio, que, sob qualquer ponto de vista, a contemplasse nas suas investigações.

Depois, referindo-se aos poucos ciganos que em seu tempo ainda havia no Rio de Janeiro, pergunta: "o que se observa como demographista, o que se obtem como subsidio á ethnographia brasileira?"

Entretanto, como resposta, dá-nos a rapida descripção, que já conhecemos, sobre seu typo physico.

Dahi, certamente, a estranheza de A. Coelho, que viu no caso uma lacuna a ser preenchida em "OS CIGANOS NO BRAZIL".

Pois agora, sem que tenhamos a pretensão de preenchê-la resolvemos reunir estes apontamentos, na esperanza de que elles possam concorrer para maior esclarecimento da questão.

Passaremos em seguida aos "Subsidios linguisticos", que embora muito deficientes, constituem, a nosso ver, um complemento necessario para confirmação de muita coisa que, sobre os ciganos brasileiros, temos dito até aqui.

OS CIGANOS DO BRASIL

PARTE III

Subsidios linguisticos

DEFICIENCIA DE DADOS ACÉRCA DO DIALECTO FALADO PELOS CIGANOS BRASILEIROS — ESCASAS INFORMAÇÕES COLHIDAS E PUBLICADAS POR MELLO MORAES FILHO EM ALGUMAS DE SUAS OBRAS — NO BRASIL, COMO EM TODA A PARTE, OS CIGANOS FALAM UM DIALECTO PROPRIO QUE NÃO DEVE SER CONFUNDIDO COM A GIRIA OU LINGUAGEM CONVENCIONAL DOS DELINQUENTES — ESTUDO COMPARATIVO DOS NOMES QUE OS CIGANOS HESPANHOES, PORTUGUEZES E BRASILEIROS DÃO AOS SEUS DIALECTOS: O "CALÔN", E A "CHIBE" DOS ULTIMOS — O "CALÔ" DOS GATUNOS CARIOCAS — NOMES QUE, ALÉM DE CIGANOS, OS BRASILEIROS DÃO AOS NOMADÊS DE QUE TRATAMOS E NOMES NACIONAES COM QUE, NO BRASIL, ESTES DESIGNAM A SI PROPRIOS — NOME ESPECIAL QUE OS Nossos CIGANOS DÃO AOS BRASILEIROS E EM GERAL A TODOS QUE SÃO ESTRANHOS A SUA RAÇA — OS "CALÔNS" OU "RONS" E OS "GAJÕES" — ETYMOLOGIA DAS PALAVRAS "CALÔN", "RON", "GAJÃO" E "CHIBE" E DE OUTRAS DO CIGANO-BRASILEIRO CITADAS NESTE ESTUDO — CONSIDERAÇÕES FINAES SOBRE O DIALECTO "CALÔN".

Como vimos, foi graças á conjugação de estudos historicos, linguisticos e ethnographicos que se poudo provar a origem indiana dos ciganos.

E agora, restrictamente falando, poderíamos fazer aqui a mesma conjugação relativamente aos ciganos do Brasil, para ainda mais accentuar que elles, por se prenderem ao ramo commum, têm, ainda que remotamente, a referida origem indiana.

Quanto ás partes historica e ethnographica, é certo que, dentro dos limites do possível, já procurámos demonstrar: a) que elles, em sua quasi totalidade, descendem de ciganos ibericos, que, desde seculos atraz, e em levas successivas, para aqui vieram como degredados da Metropole; b) que estes seus ascendentes, ao tempo de tal degredo, ainda deveriam conservar, por assim dizer intactos, os caracteres physicos da raça: c) que no Brasil a ciganada continuou a conservar taes caracteres, conforme nól-o provam as observações anatomicas ou morphologicas feitas “em diversas épocas, em logares diversos e por pessoas differentes” sobre o conjunto de individuos pertencentes a bandos que cortavam as nossas terras ou a grupos que, sedentariamente, residiam em alguns pontos do paiz.

Mas, quanto á philologia, que poderemos dizer aqui, como subsidio importante, acêrca da linguagem especial falada pelos ciganos brasileiros?

Que se ha escripto entre nós a respeito?

De nossa parte, conhecemos apenas alguns poucos apontamentos que, no “CANCIONEIRO DOS CIGANOS” e em “OS CIGANOS NO BRAZIL”, nos dá M. Moraes sobre tal linguagem.

No primeiro desses trabalhos, tudo se resume, conforme já dissemos no **Prefacio**, em algumas quadras que são dadas a titulo de “**Specimens do dialecto Calôn**”, seguidas das respectivas traduções — livres ou á letra.

Entretanto, no segundo ha, além da referencia a uma gíria secreta usada pelos ciganos brasileiros (V. transcripção que fizemos no Cap. III), um vocabulario de 253 termos pertencentes ao mesmo dialecto.

E', como se deduz, muito pouco, pois M. Moraes não nos fala da grammatica ou “restos da grammatica” do dialecto dos ciganos brasileiros, afim de podermos, nesse particular, avaliar, mediante um confronto com os dialectos irmãos da Europa, o seu maior ou menor grau de conservação, ao menos no tempo em que aquelle escriptor patricio imprimiu a sua obra.

Quanto ao pequeno vocabulario do cigano-brasileiro que o autor em boa hora organizou, podemos garantir que os termos que o compoem, em sua grande maioria, correspondem phonetica e semanticamente a outros existentes nos diversos dialectos em que está dividida a lingua geral dos ciganos.

Aliás, essa asserção não é de nossa iniciativa porque, tratando dos ciganos do Brasil, no Appendice II de sua obr. cit., A. Coelho diz a respeito:

“O sr. Mello Moraes falla-nos de uma giria dos ciganos de que nos communica os termos “cabeça”, maldade, ruindade, imprestabilidade... etc.”; “e dá-nos no fim um vocabulario de 253 termos ciganos, que correspondem quasi todos a termos dos ciganos de Portugal ou dos gitanos de Hespanha; mas não nos diz como colheu esse vocabulario, de cuja authenticidade não ha aliás razão para duvidar”.

E depois observa que as palavras ciganas experimentaram no Brasil novas modificações, das quaes a mais geral é a nasalisação das vogaes accentuadas (e ainda diphthongos finaes); que os sons hespanhoes parecem ter desaparecido por completo; e, enfim, que a base do falar não é já o hespanhol como em Portugal, mas sim o portuguez.

Pois bem: mesmo baseado nessas pouquissimas informações que ha sobre a linguagem dos ciganos brasileiros, vamos tentar provar que elles aqui não só sempre constituiram um typo ethnico independente como continuaram a falar o *dialecto* cigano de seus antepassados e não, como geralmente se tem pensado, uma giria, isto é, uma linguagem de convenção ou particular de malandros, gatunos e ladrões, como são, p. ex., o calão dos delinquentes portuguezes, a “jerga” ou “germanía” dos hespanhoes, o “furbesco” dos italianos, o “cant” dos inglezes, o “rothwälsch” dos allemães, etc.

Aliás, não é para admirar que no Brasil se tenha pensado que os ciganos falavam entre si uma giria convencional, visto que essa concepção erronea já se havia generalizado entre todos os povos da Europa, desde os primeiros tempos em que aquelles nomades nella appareceram e, portanto, muito antes delles serem deportados para as nossas plagas.

Restrinjamos, p. ex., a questão aos povos ibericos, que são os que mais nos interessam aqui, e vejamos como elles apreciavam a começo a lingua cigana.

Começando pelos hespanhoes e compilando algumas referencias ou allusões a ella feitas em diversas leis ou em actos governamentaes, veremos que em geral a consideravam como uma giria, uma “jerga”, “jerigonza” ou “germanía”, quando na verdade ella possuia, como já sabemos, uma grammatica especial e um vocabulario proprio.

* * *

Em 1619, houve uma lei de Felipe III que ordenava a expulsão dos gitanos do reino.

Todavia, para os que quizessem ficar se estabeleciam certas condições, inclusive as de “não usarem trajes, nome e lingua de gitanos”, afim de que, dizia a lei, “já que não eram taes de nação, o seu nome e modo de viver pudessem para sempre apagar-se e esquecer-se”.

E num discurso intitulado “A expulsão dos gitanos”, dirigido pelo doutor Sancho de Moncada a esse rei, incitando-o a tomar medidas deshumanas contra os gitanos, diz o seu autor, entre outras cousas, que elles “fazem toda a maldade a seu salvo, combinando entre si, em linguagem com que se entendem sem serem entendidos, a qual na Hespanha se chama “Gerigonza”, que, segundo pensam alguns, quer dizer “Cingerionza” ou linguagem de Cingaros”.

Felippe IV, em 1633, depois de referir-se á má vida e á falta de religião dos gitanos, tambem prohibiu a estes de usarem os seus trajes e a sua “jerga”.

Carlos II seguiu, nesse particular, a senda de seus predecessores, tanto que, por uma lei de 1692, tambem lhes prohibia fazerem uso de seus trajes e tambem de sua linguagem ou “germanía”.

Emfim, em 1783 Carlos III decretou uma lei relativa aos gitanos, na qual declarava “que os que se chamam e se dizem gitanos, não o são por origem nem por natureza, nem provêm de raiz infecta alguma” e que, portanto, mandava “que elles e qualquer delles não usassem a lingua, trajes e genero de vida vagabunda, que até então tinham levado”.

Depois, em outro ponto, declarava ser de sua vontade que os que abandonassem aquelle modo de vida, traje, lingua ou “gerigonza” fossem admitidos em quaesquer officios ou destinos a que se applicassem, etc.

Passando agora em revista a legislação portugueza contra os ciganos, na parte em que ella se refere á lingua por elles falada, verificamos que tambem entre os portuguezes, nos tempos antigos, essa lingua foi tratada como sendo uma *geringonça*, conforme nól-o demonstram os documentos que passamos a compilar.

* * *

Num Alvará de 1647 ao Corregedor da comarca de Elvas, D. João IV ordenava varias medidas contra os ciganos e entre ellas uma que não permittia que falassem sua “gerengonsa”, nem que a ensinassem a seus filhos; não podiam, além disso, usar os seus trajes caracteristicos.

E desse mesmo rei ha um decreto de 1649, no qual se manda avisar os Corregedores do Crime da Corte para que fizessem “despejar” da Côrte algumas ciganas que nella andavam, as quaes posto que dissessem que vinham seguindo seus maridos, não tinham licença para usarem do “traje, lingua, ou giringonça”. Pelo que, dizia o rei, “seria conveniente a meu serviço, e bem da Republica lança-las dellas, e alimpar a Terra”.

Em 1708, D. João V, numa lei que expediu contra os ciganos, dizia: “Hey por bem, e mando que não haja neste Reyno pessoa alguma, de um, ou de outro sexo, que use de traje, lingua ou Giringonça de Ciganos”.

E depois accrescentava “que os chamados Ciganos, ou pessoas, que como taes se tratarem” quando se occupassem em negocios de vendas, compras ou trocas de bestas, não podiam fazer o sinão usando o traje e lingua “da outra gente da Terra”.

Ora, para chegarmos á comprovação do nosso caso, vejamos primeiramente como os dictionarios hespanhoes definem as palavras “jerga”, “jerigonza” e “germania” e os portuguezes a palavra “geringonça”, empregadas, respectivamente, nos antigos documentos da Hespanha e de Portugal para designarem os dialectos dos ciganos que penetraram na peninsula; e depois vejamos como, graças a investigações philologicas posteriormente feitas, essas falsas designações foram substituidas pelas verdadeiras, isto é, pelas que os proprios ciganos lhes davam.

Quanto á lingua hespanhola, o “DICCIONARIO DE LA LENGUA CASTELLANA”, da “Real Academia Española” (14.^a ed.), dá “jerga” como synonymo de “jerigonza”, que, figurada e familiarmente, é “lenguaje de mal gusto complicado y dificil de entender”.

“Jerigonza” é, por sua vez, dada como equivalente a “germania”, cuja significação, segundo o mesmo Dictionario, é “Jerga o manera de hablar de los gitanos, o de ladrones y rufianes. usada por ellos solos y compuesta de voces del idioma castellano con significación distinta de la genuina y verdadera, y de otros muchos vocablos de origen mui variado”.

Quanto á palavra portugueza “geringonça”, Constancio, em seu NOVO DICCIONARIO (10.^a edição), dá-lhe a seguinte significação: “linguagem inventada por ladrões para communicarem entre si sem serem entendidos pela mais gente; it. linguagem inintelligivel, linguagem barbara, corrupta, algaravia, germania, de ciganos”.

Procurando agora explicar os motivos por que os dialectos do cigano-iberico, tomados a começo como simples **gurias convencionaes**, passaram depois a ser designados pelos nomes que



lhes davam os proprios ciganos, havemos de buscar a origem do facto no que, sobre a lingua geral dos ciganos europeus, dissemos na Parte IV da "Introdução geral".

E' que, como vimos, investigações philologicas, feitas nos fins do sec. XVIII por diversos ciganologos, provaram á clarividencia que essa lingua, tanto por sua estructura grammatical como por seu vocabulario basico, se ligava estreitamente a alguns dos **prákritos** ou dialectos neo-hindús falados no N. O. da India.

Essa descoberta, como era natural, despertou a curiosidade de outros philologos e etymologistas que, em diversos paizes da Europa, continuaram os estudos sobre a questão, juntando-lhes pouco a pouco, depois de pacientes pesquisas, novos detalhes e subsidios.

Mas, já que não dispomos de grandes elementos para dar uma idéa dos estudos especiaes feitos sobre os dialectos da lingua geral falados fóra da peninsula iberica, já porque elles não nós interessam no momento, vamos, restrictamente, compilar alguma coisa do que têm dito os philologos sobre os dialectos dos ciganos hespanhoes e portuguezes.

* * *

Referindo-se, na "HAMPA", á bibliographia cigana, diz Salillas:

"A bibliografía zíngara, en la fase que podemos llamar de investigación científica, debe encabezarla para nosotros el libro del inglés Borrow.

Este libro fué conocido por lo menos de dos españoles que sentían la pasión de la historia y de la literatura de su patria, aunque no sé que ninguno de ellos haya escrito de gitanos. En la carta que en 6 de Mayo de 1842 le dirige á Londres D. Serafín Estébanez Calderón á su amigo y coarabista D. Pascual Gayangos, le dice: "Comprame el *Cancionero de burlas de Usoz* y el libro de Borrow sobre los gitanos (*The Zingari* 2 Volúmenes. Londres, 1841)..

La literatura filológico-gitana la inician Trujillo con su *Vocabulario del dialecto gitano* (Madrid 1844), Jiménez (D. Augusto) con otra publicación del mismo título (Sevilla 1846), Campuzano con su *Origen, usos y costumbres de los gitanos y diccionario de su dialecto* (2.ª edición, Madrid, 1851), apareciendo en Barcelona el mismo año de la segunda edición otro *Diccionario del dialecto gitano*, que por ser anónimo, autorisa la creencia de no ser otra cosa que una reimpression de vocabularios anteriores.

Todo este movimiento lo asimila, lo refunde, lo depura, lo completa con ilustraciones e investigaciones propias y le dá sentido, D. Francisco de Sales Mayo (Quindalé) en su *Gitanismo, historia, costumbres y dialecto* de

los gitanos, con un Epítome de gramática gitana y un Diccionario Caló-Castellano, cuya primeira edición fué publicada em 1867, y la segunda en Madrid en 1870.

En esta obra, considerada histórica y filológica, se ven influencias que responden á un movimiento que debemos considerar exótico, atribuible principalmente al libro de Borrow. Anteriormente á éste la personalidad gitana, y sobretudo la lengua gitana, estan sin definir en lo que respecta á los conocimientos peninsulares. A' lo más que havia llegado es á considerar ese lenguaje como una de tantas jergas, indicándolo la definición de Covarrubias y los comentarios de Clemencín, lo general y lo predominante era confundir la sociedad natural de los gitanos con la asociación delincuente de los *germanes*, y una jerga con otra. Borrow es el que niega categóricamente, con informes directos e investigación propia que el vocabulario de *germania* tenga nada de común con el dialecto de los gitanos (*The Zincoli*, t. II, pág. 143). Esta afirmación la repite Sales Mayo "como advertencia importante para los que sólo han tenido ocasión de oír cierta clase de vulgaridades. El caló no es un lenguaje rufianesco; no es como en lo antiguo se llamaba *germania* y cuyas voces se encuentran en el *Diccionario* de la Academia; no es tampoco el habla particular de las cárceles, como muchos creen (página 48)."

Pois bem; já que, como diz Salillas, anteriormente a Borrow a personalidade gitana, e sobretudo a língua gitana, estavam sem definir no que respeita aos conhecimentos peninsulares, visto que apenas se havia chegado a considerá-la como uma de tantas "jergas", como, p. ex., a "germania", vamos transcrever agora alguma coisa do que, sobre a questão, ha na parte intitulada "Del lenguaje gitano" (V. Cap. II de "LOS ZINCALI", — edição recente, feita em hespanhol):

"El habla de los gitanos tal como ahora existe en España, aunque apenas merece el nombre de idioma, fué, no obstante, en un tiempo, el mismo que los primeros nómades de la casta rommany trajeron a Europa desde las remotas regiones del Este. Con más propiedad podría llamársela ahora ruinas de un idioma, que el idioma propriamente dicho: con todo, en su estado actual permite a los gitanos mantener entre sí conversaciones cuyo contenido es completamente oscuro y tenebroso para los que no son de su raza, o no han llegado por algún medio a conocer su vocabulario. Las reliquias de esa lengua, de suyo mui interesantes, deben serlo especialmente para el filólogo anticuario, ya que le permiten llegar á una conclusion satisfactoria respecto de la origen de la raza gitana."

Depois de fazer muitas considerações sobre o dialecto dos gitanos da Hespanha, que relaciona remotamente com o sanskrito e de combater as hypothèses absurdas que attribuíam a taes gitanos procedencia egypcia e até mourisca, prosegue o A.:

"En la misma analogia con el sánscrito que los dialectos hindostánicos mencionados (referia-se ao **bengali**, ao **alto hindostani**, ao **multani** e ao **guzerati**), encontramos el **rommany** o habla de los **Roma** o **Zineali**, como a si mismo se llaman, conocidos en Inglaterra y en España por "gypsies" y **Gitanos**. Esa lengua, dondequiera que se habla es, en lo principal, una y la misma, aunque más o menos corrompida por voces extrañas recogidas en los varios países en que han penetrado los que la usan".

Pasemos agora ao Cap. III de "LOS ZINCALI", no qual o A., sob o titulo "Del lenguaje de los ladrones; o, como se dice en España, germanía", establece, com argumentos irrefutaveis, a differença que ha entre a lingua dos gitanos e as diversas gírias de delinquentes.

Começando por dizer que se tendo esforçado no Capitulo precedente por dar todas as informações necessarias relativas ao **rommany** ou lingua falada pelos gitanos entre si, propunha-se a tratar em seguida da **germanía** ou linguagem dos ladrões, á qual assim se refere:

"En los más de los países de Europa existe, entre los que viven de infringir la ley y de pillar los frutos del trabajo de la parte tranquila y ordenada de la sociedad, una jerga particular o dialecto en que discuten aquellos sus trazos y planes de robo sin que lo entienden los futuros perjudicados. El nombre de esa jerga varía con el país donde se habla. En España se llama "Germanía"; en Francia, "Argot"; en Alemania, "Rothwelsch", o italiano rojo; en Italia, "Gergo"; mientras en Inglaterra recibe varios nombres, por ejemplo: "cant", "slang" ("thieves 'Latin'", etc. La circunstancia más notable relativa a la historia de esta jerga es que en todos los países donde se habla, los autores que han tratado de ella, que son muchos, la han confundido invariablemente con el lenguaje de los gitanos, y aseverado que es el idioma de los nómadas que durante tanto tiempo han infestado a Europa bajo el nombre de **gitanos**, etc."

"Ya hemos dicho lo que es el **rommany** o lengua de los gitanos. Hemos probado que si hablado con propiedad merece plenamente el título de idioma, dondequiera que exista es virtualmente el mismo, etc."

"El dialecto que los ladrones emplean entre sí para sus fines peculiares no merece en modo algun el título de idioma, sino, en toda su plenitud, el de jerga o jeringonza, ya que en su mayor parte está compuesto de palabras tomadas de la lengua nativa de quienes lo emplean, aunque con significación más o menos diferente de la usual y recibida, y en la mayoría de los casos en sentido metafórico".

"Bastará hacer notar aquí que los gitanos no entienden la jerga de los ladrones, mientras estos ultimos, con pocas excepciones acaso, ignoran el lenguaje de los primeros. Ciertas palabras empero, del **rommany**, han hallado acogida en la dicha jerga, lo que puede explicarse suponiendo que los gitanos, ladrones de viso por su cuna, educación y profesión, se han

aliado en diversas ocasiones con los proscritos de los varios países en que al presente se hallan, asociación que puede haber producido el resultado que antes mencionamos; pero no estará mal decir aquí que en ningún país de Europa han perdido o olvidado los gitanos su lengua nativa y adoptado en su lugar la "germanía", "italiano rojo" o jerga de los ladrones; antes bien, conservan su idioma materno con más o menos pureza".

Vamos, por fim, transcrever mais os seguintes periodos com que Borrow termina os seus argumentos tendentes a provar as diferenças que separam a lingua cigana da germania:

"No será menester detenerse más en la germanía, general ni particular: creemos haber cumplido la **tarea** que nos impusimos y dado a nuestros lectores una idéa clara y distinta del asunto. Hemos mostrado que la germanía fué confundida erróneamente con el **rommany** o lenguaje **gitano**, con el que tiene, no obstante, ciertos puntos de semejanza. En el día presente las dos lenguas se usan para el mismo fin, o sea permitir a los habituales quebrantadores de la ley celebrar sus juntas con más secreto y reserva que por los medios ordinarios. Pero no debe olvidar-se que la jerga de los ladrones se inventó para ese propósito, mientras el **rommany**, que primitivamente fué el lenguaje propio y unico de un pueblo determinado, se ha librado de caer por completo en desuso y en el olvido, porque se adaptaba al servir al mismo fin."

Ora, desde que Borrow brillantemente provou que os gitanos (ou ciganos da Hespanha) não falavam, como erroneamente se pensava até então, a "jerga", "jerigonza" ("gerigonza" ou "geringonza", nos documentos antigos) ou "germania" dos delinquentes hespanhoes e sim uma linguagem propria ou, melhor, um dos dialectos da lingua geral dos ciganos da Europa, era natural que o notavel ciganologo nos indicasse de modo directo o nome ou nomes que os gitanos davam a tal dialecto no tempo em que com elles conviveu e elaborou "THE ZINCALI".

Assim, porém, não o fez. Entretanto, graças a diversas referencias indirectas, deduzimos que, quando elle queria chamar "el lenguaje gitano" por seus nomes nacionaes, empregava, variavelmente, tres designações, a saber: "rommany", "caló" e "chipe callí".

Separadamente, passaremos a tratar de cada uma dellas.

* * *

Conforme diz Borrow, **rommany** é a designação que os ciganos em geral dão a si proprios e tambem ao seu idioma.

Entretanto, em "LOS ZINCALI", constantemente elle a applica de modo restricto ao dialecto dos gitanos da Hespanha.

Assim, p. ex., tratando das gitanerías que em seu tempo havia em diversas cidades desse paiz, diz que nesses bairros, onde eram acolhidos os gitanos forasteiros, que chegavam, eram discutidos, em lingua rommany, planos de roubos e pilhagem, etc.

Em outro ponto, descrevendo a sua estada em Badajoz, onde conviveu com alguns gitanos, conta-nos que começou a falar com elles "no dialecto hespanhol de seu idioma, o qual conhecia regularmente" E que então, admirados com esse facto, taes gitanos o deixaram e, presurosos, se foram pela cidade annunciando aos demais que havia chegado um forasteiro que falava rommany tão bem como elles; que tinha cara de gitano e parecia ser do "errate" (do sangue ou da raça).

Rommany é ainda o nome com que Borrow designa o dialecto dos gitanos da Hespanha, na traducção, que nelle fez, do Evangelho de S. Lucas, e sobre a qual diz:

"Completé, la traducción, corrigiendo las deficiencias de mi versión, empezada em Badajoz em 1836. Essa traducción la imprimí en Madrid en 1838; fué el primer libro publicado en Rommany, e se tituló "Embéo e Majaro Lucas", o Evangelio de Lucas el Santo".

Entretanto, nos trabalhos sobre os gitanos da Hespanha, posteriores ao de Borrow, não vimos "rommany" usado como nome de seu dialecto.

* * *

A segunda palavra que Borrow muitas vezes emprega para designar o dialecto gitano é "caló".

Na Parte II do Cap. I de sua obra, p. ex., num dialogo que travou com um gitano, este se queixando do desprezo que os ricos da raça lançavam aos pobres, lhe disse que os primeiros já se mantinham apartados dos ultimos, não queriam mais falar "caló" e só conviviam com os "busné" (hespanhoes e em geral todos os que são estranhos á raça).

Na Parte II do Cap. II, diz o A. que estando em Cordoba, ahi, com auxilio de alguns gitanos, traduziu para o "caló" algumas orações, afim de poder julgar do grau de conservação ou decadencia desse idioma.

E, enfim, na Parte IV, dá-nos conta dum interessante dialogo que, em Madrid, travou com um mestiço, capitão do exercito hespanhol (filho de hespanhol e gitana) acêrca da já referida traducção que em "caló, elle Borrow havia feito do Evangelho de São Lucas.

Por serem curiosos, tanto na parte referente ao idioma "caló" como na em que transparece "o orgulho da raça cigana", vamos

transcrever alguns trechos do referido dialogo, no qual Borrow figura como "YO" e o capitão como "DESCONOCIDO". Procurado por este, que lhe pareceu suspeito, por não trazer apresentação alguma, perguntou-lhe:

— "Puedo saber quién es usted y lo que busca, señor?"

DESCONOCIDO: Mi nombre es Chaleco de Valdepeñas; en tiempo de los franceses, serví como "bragante" (sic) la causa de Fernando VII; ahora soy capitán a media paga al servicio de doña Isabel. Lo que busco es hablar con usted. Conoce usted este libro?

YO: Este libro es el Evangelio de San Lucas en lenguaje gitano; en que puede enterarse a usted este libro?

DESCONOCIDO: A' nadie le interesa más que a mí. Está en el idioma le mi pueblo.

YO: No pretenderá usted decir que es usted Caló?

DESCONOCIDO: Si, lo digo! Soy Zíncalo por parte de madre. Mi padre era de los busné, cierto, pero me glorio de ser caló y no reconozco otra casta.

YO: Entiende usted el libro

DESCONOCIDO: Perfectamente, aunque está escrito en lengua muy cerrada; pero aprendí a leer en caló siendo muy joven. Mi madre era buena Calí y me enseñó desde muy niño a leer y charlar nuestra lengua. Tenía además un gabicote, pero no imprêso, como éste, y trataba de otras cosas".

Ora, ao contrario do que se deu com "rommany", o nome de "caló", dado nas citações atraz feitas ao dialecto dos gitanos, continuou a ser empregado em todas as obras que, depois da de Borrow, têm sido impressas na Hespanha sobre tal dialecto, o que indica que dentre todos os nomes que lhe dão os proprios gitanos, é elle o mais conhecido dos estranhos á raça e, consequentemente, o de uso mais frequente em todos os generos de publicações relativas ao assumpto.

Dahi, talvez, é que decorre o facto muito conhecido de ter sido o "caló" constantemente confundido com a germania ou jerga dos delinquentes hespanhoes.

Confusão que, aliás, Pabanó procura desfazer quando, em sua obra cit., tratando de "El dialecto de los gitanos, diz:

"A pesar de que la Academia de la Lengua define la palabra caló diciendo que es "jerga que hablan los rufianes y gitanos", eso no es cierto: hay una gran diferencia entre el caló puro y la jerga germanesca.

El caló, zíncalé o romané, que con los tres nombres se conoce esta forma de hablar, es el dialecto usado en España por una raza sin hogar, descendiente de las parias indias; y tiene por base otro idioma de los más nobles e ilustres".

Depois, tratando de "la jerga germanesca", diz que esta também se chama "**germania**" (del latin **germanus**, — "hermano"); por la especie de hermandad en que están organizadas aquellas classes sociales; que se componían de rufianes, traine-ícs, izas y de más gentezuela que hablaba el germanesco".

.....
"Aunque sí bien es cierto que los gitanos han mezclado voces de la **germania** con el **caló** primitivo; repito que éste, de insigne linaje, es muy diferente del **germanesco**: ambos dialectos se confunden en infinidad de palabras, aun cuando algunos autores se esfuerzan en sus vocabularios para establecer la oportuna división".
.....

"La actual **germania** ha venido con el transeurso de los tiempos a degenerar en una especie de **jerga carcelaria**, en la que predominan las voces tomadas o derivadas de la lengua zíngara que hablaron los primeros gitanos en España".

Ora, como vimos, Pabanó lamenta que no Dicionario da Academia "**caló**" seja definido como significando "**jerga**" de gitanos e também de rufiões.

Entretanto, ao que parece os revisores desse Dicionario já rectificaram o engano, visto que na 14.^a edição a palavra é dada com a restricta significação de "lenguaje o dialecto de los gitanos". Donde inferir-se que Pabanó havia consultado edições anteriores a essa.

Passemos agora á terceira e ultima designação dada por Borrow ao dialecto dos gitanos.

* * *

Na Parte III do Cap. III de "**LOS ZÍNCALI**" ha uma "**MISCELANEA EN LENGUA GITANA**", a qual tem por subtitulo "**Cotorres on chipe calí**", sendo isto traduzido em hespanhol por "**Trozos en lengua gitana**".

E assim, "**chipe calí**" é uma terceira designação que Borrow dá á linguagem dos gitanos hespanhoes, visto que elle proprio a traduz, literalmente, por "**lengua gitana**".

Visto que não podemos calcular a extensão de seu uso entre os gitanos, limitamo-nos aqui a esclarecer que o "**DICCIONARIO GITANO-ESPAÑOL Y ESPAÑOL-GITANO**" por Tinco de Rebolledo (Barcelona, 1909) dá, como correspondentes, as fórmulas agglutinadas "**chipicallí**" e "**chipicalé**", tendo ambas também a significação de "**lengua gitana**".

Como vemos, nellas o elemento “chipe”, lingua, da fôrma de Borrow, está representado pela variante “chipi”; e na ultima, o subs. “gitana” empregado como adjectivo, está representado por “calé”.

Recapitulando, vemos pelas palavras de Pabanó, atraz citadas, que além de “rommany”, “caló” e “chipe calli” (“chipi-calli”, “chipicalé”), os gitanos usam tambem, como nomes de seu dialecto, as palavras “romanó” e “zincaló”.

E como outros ciganologos ainda accrescentam a essa lista “calé”, “calorró” e “zincalé”, ahi temos nada menos de oito nomes (!), todos, sem excepção alguma, derivados, como veremos em tempo, de raizes puramente ciganas.

Esse facto vem mostrar o quanto era absurda a idéa que, nos tempos passados, se fazia na Hespanha acêrca da lingua dos gitanos, a qual, embora de fundo nitidamente indiano, era tomada como sendo a mesma “jerga”, “jerigonza” ou “germanía” usada por malandros, rufiões, gatunos e ladrões.

E si passarmos agora a Portugal, veremos que tambem aqui se deu a mesma coisa com relação ao dialecto falado pelos ciganos, pois como já vimos nos antigos documentos governamentais atraz citados, elle foi sempre tomado como sendo uma simples giria ou geringonça, comparável á linguagem convencional de que fazem uso os ladrões, malandros, vagabundos, etc.

Quanto á fundamentação da prova em contrario, escusado e redundante seria fazê-la, pois si já sabemos que os ciganos portuguezes descendem dos gitanos que, em fins do sec. XV ou no começo do sec. XVI, foram expulsos da Hespanha e se refugiaram em Portugal, é logico que elles continuaram a conservar o dialecto de fundo neo-hindú falado por seus antepassados, não usando, portanto, uma giria por elles inventada.

Neste caso, de accôrdo com o que fizemos quando tratâmos dos gitanos, examinaremos unicamente os nomes que os ciganos portuguezes têm dado ou ainda não ao seu dialecto.

Pelas referencias que temos encontrado até agora, esses nomes são os seguintes: a) “calão”; b) “romanó”, “romano”, “rumanho” ou “romenho”.

Quanto á palavra calão, que é de origem cigana: pois corresponde á fôrma gitaina “caló”, bem sabemos que passou para a lingua portugueza, na qual é usada como synonymo de giria, tendo como tal um emprego muito extenso: calão dos gatunos, dos malandros, dos vadios, dos fadistas, etc.

Não obstante, a julgarmos pelo que dizem A. Coelho e Gonçalves Vianna, ella continua a ser empregada pelos ciganos portuguezes para designar não só o cigano (homem) como o seu dialecto.

Assim, p. ex., em "OS CIGANOS DE PORTUGAL", na Parte II, intitulada "O Calão e a Língua dos Ciganos", o primeiro desses philólogos tratando da origem de palavra e de suas significações, diz:

"Tem-se confundido muitas vezes a linguagem dos tsiganos, em geral com o calão. Sabemos já o que é a primeira: vejámo-nos o que é o segundo e se entre uma e outro existem quaesquer relações.

Calão, gira, giria ou gerigonça são os termos com que em português se designa o vocabulário especial dos criminosos de profissão, fadistas, contrabandistas, garotos e outra gente de hábitos duvidosos, que por aquelle meio buscam não ser entendidos na sociedade geral. Por extensão dão-se ainda aquelles mesmos nomes á terminologia especial de uma classe, de uma profissão licita, e sobretudo ao conjunto de termos particulares, muitas vezes de character comico, que usam certos grupos sociais, como os estudantes, os actores, os pintores, os pedreiros, os typographos, os soldados.

O calão ou giria não é um dialecto: tem palavras alteradas phoneticamente, sem duvida, mas por processos geralmente distinctos dos que caracterizam a alteração phonetica dialectal; não tem em regra nem morphologia nem syntaxe que o separem da lingua geral em que por assim dizer se encrava.

Uma outra differença fundamental separa demais o calão dos dialectos: naquelles as transformações proprias são geralmente queridas, intencionaes; nestes as transformações são geralmente espontaneas, inintencionaes".

Tendo definido o que deve entender-se por **calão** ou **giria**, examinemos agora a origem d'estas palavras.

Os hispanhoes denominam as mesmas linguagens artificiaes com o termo **germanía**, e tinham o synonymo antigo **gerigonza**, **giringonza**, **xerigonça**; os franceezs com os termos **jargon** e **argot**; os italianos com os termos **gergo** e **lingua furbesca**; os inglezes com o termo **cant**; os allemães com o termo **Rothwelsch** (á letra — italiano vermelho), os hollandezes com a expressão **bargoenssch** ou **diventael** (á letra — lingua de ladrões), os russos com o vocabulo **afinskoe**, os tcheques com a palavra **hartinka**.

Em seguida, o A., falando sobre a significação de **calão**, assim a define:

"O termo **calão**, como synonymo de **giria**, parece não ter correspondente phonetico fóra de Portugal; a sua etymologia é, todavia, muito transparente: **calão**, propriamente, quer dizer **cigano**, **lingua de cigano**; é um termo com que os ciganos de nosso paiz ainda hoje se designam".

Aliás, essa significação de "lingua de cigano", que ainda tem a palavra **calão**, é confirmada pelo segundo philólogo a que nos referimos, isto é, por Gonçalves Vianna, em sua obra "APOSTILLAS AOS DICIONÁRIOS PORTUGUESES" (Lisboa, 1906).

De facto, tratando da palavra (V. pags. 204-205 do **Tomo I**), elle, após refutar a etymologia que lhe dá o "**DICCIONÁRIO CONTEMPORÂNEO**", assim se expressa:

"Na realidade, **calão** é o **caló** hespanhol, que designa "o cigano" (plural **calés**, femenino **callí**, pl. **callias**) e o dialecto d'elles na sua propria linguagem".

Ainda quanto á etymologia, A. Coelho, em sua obra cit., diz-nos o seguinte (V. "**Relações do cigano com o calão**", pags. 153-154):

"**CALÃO**, giria. Em hisp. **caló**, lingua dos gitanos. De um dos nomes nacionaes dos tsiganos **kaló**, que significa propriamente negro. — Origem indiana: sanskrito e pali **kāla**, hindustani **kālā**, sindhi **kārō**. Pott. II, 106. Miklosich, **Abhandl**, VIII, 229" (1).

Recapitulando, pois, o que atraz dissemos, chegamos ás seguintes conclusões:

a) "**calão**" é palavra de origem genuinamente cigana e que os ciganos portuguezes empregam não só, para designar a si mesmos como tambem para designar o seu dialecto ou linguagem particular:

b) "**calão**", na origem — lingua de cigano, tendo passado para a lingua portugueza, nesta foi adoptada como simples synonymo de giria ou geringonça. Essa passagem, ao que parece, não é muito antiga, visto que o registo da palavra está feito somente nos dictionarios de impressão relativamente recente:

c) "**calão**", com o duplo significado de — cigano e — lingua de cigano corresponde, com relação ao dialecto dos ciganos hespanhoes, a "**caló**"; e, por sua vez, tem como correspondente no dialecto dos ciganos brasileiros, a fôrma "**calôn**", que, como já sabemos, entre estes tambem significa tanto homem da tribu (um "**calôn**" — um cigano brasileiro), como o seu dialecto (sobre este caso falaremos depois mais desenvôlvadamente).

Entretanto, é bom lembrar que os ciganos portuguezes, para designar entre si o "homem da tribu" tambem adoptam, como os hespanhoes, a fôrma primitiva "**caló**" (V. final da **Parte IX** da "**Introdução geral**").

Isto posto, passemos a tratar dos outros nomes com que os ciganos portuguezes designam o seu dialecto, os quaes são "**romanó**", "**romano**", "**rumanho**" e "**romenho**".

Vejamos primeiramente o que a respeito diz A. Coelho na **Parte I** (V. c) **Considerações geraes**) e na **Parte III** (V. **Lingua**) d' "**OS CIGANOS DE PORTUGAL**":

(1) Na falta de caracteres apropriados, transcrevemos figuradamente, com "a" e "ô" circumflexos, respectivamente, a longo e o longo das linguas indianas.

DO USO DE SUA LINGUA E GIRIA, NÃO PERMITTINDO QUE SE ENSINE A SEUS FILHOS, AFIM DE OBTER-SE A SUA EXTINCCÃO". (1)

Relacionando-se com o facto, inserimos no Cap. III dos referidos "Subsidios" um outro documento governamental, collido nos proprios archivos da Bahia, pelo qual se vê que realmente em abril de 1718 chegaram a essa cidade os ciganos degredados da Metropole a que se faz allusão no decreto anterior.

E dissemos que esse documento, que nos foi enviado pelo dr. Mario Torres, tinha vindo acompanhado da seguinte nota, em que se confirma a prohibição feita áquelles nomades de usarem sua lingua:

"Aos ciganos aqui recém-chegados era prohibido FALAREM NA SUA GIRIA E ENSINAL-A AOS SEUS FILHOS"

Finalmente, ainda com relação a esses degredados, vamos transcrever alguns apontamentos tirados da obra de Daniel P. Kidder, intitulada "SKETCHES OF RESIDENCE AND TRAVELS IN BRAZIL" (Londres, 1845, vol. II, pag. 41) e que nos foram transmittidos pelo dr. Affonso de E. Taunay:

"Em 1718 chegaram á Bahia varias familias ciganas. A seu respeito, escreveu o Rei de Portugal ao Vice-Rei a seguinte ordem: "Eu, D. João, pela graça de Deus, etc. faço-vos saber que fui servido banir para a sua cidade varios ciganos (homens, mulheres e creanças) devido á sua conducta má e escandalosa neste Reino.

Ordenei que partissem para esse porto em differentes navios e desde que, por meio de recente lei PROHIBI-LHES O EMPREGO DE SUA LINGUA OU PATUÁ, TAMBEM VOS ORDENO REFORCEIS ESTE DECRETO COM A APPLICACÃO DAS PENALIDADES A ELLES COMMUNADAS, NÃO CONSENTINDO QUE ENSINEM TAL LINGUA A SEUS FILHOS, DE MODO QUE O SEU USO E PRATICA VENHA A EXTINGUIR-SE". (1)

(1) Os tipos em "caixa alta" usados nos trechos que fazem referencias á lingua dos ciganos, não existem nos textos de que tirámos estes trechos.

E assim, o seu emprego aqui visa unicamente salientar os pontos que mais interessam aos "Subsidios Linguisticos" e sobre os quaes desejamos, particularmente, chamar a attenção do leitor.

(1) Os apontamentos tirados da obra de D. P. Kidder se completam com certas noticias sobre os ciganos chegados á Bahia, as quaes, embora não aproveitem a esta parte do estudo, interessam muito aos "Subsidios Historicos", pelo que passamos a transcrever as aqui.

São as seguintes:

"Os ciganos no Brasil se mostraram tão indisciplinados quanto haviam sido na Europa: Um dos suburbios da Bahia foi lhes reservado, ainda hoje

Esses documentos que, como se deduz, se referem apenas aos ciganos degredados para a Bahia, são os únicos de origem governamental que conseguimos obter acêrca do uso da lingua cigana no Brasil.

E' logico, porém, que as medidas nelles tomadas pelo governo portuguez, no sentido de restringir-se e mesmo "extinguir-se" tal uso, deveriam ter-se extendido a outros grupos de ciganos que naquelles tempos já havia em diversos pontos da colonia.

E assim, é possível que nos archivos de muitos dos nossos actuaes Estados haja, datando da época das Capitánias, muita coisa que se relaciona com o assumpto.

Seja, porém, como fôr, tudo nos leva a crer que no Brasil, como já se havia dado em Portugal, na Hespanha e nos demais paizes europeus, o "povo enigmatico", a despeito a oppressão que sobre elle sempre pesou, nem porisso deixou de continuar a falar a sua lingua propria.

Passemos, p. ex., ao Rio de Janeiro e, baseado agora em informações de origem particular, veremos que, ainda dentro do periodo colonial, isso se dava entre os "calôns" residentes naquella cidade.

A essas informações, sem duvida fidedignas, já fizemos referencias no Cap. I dos "Subsidios historicos", e agora vamos repetir aqui apenas o que de seu conteúdo nos aproveita no momento.

Uma dellas é a que nós deu o viajante Freycinet, em seu livro "VOYAGE ATOUR DU MONDE" (1817-1820). Tendo estado no Rio de Janeiro, attentou para os ciganos que faziam parte da população da cidade e então, referindo-se a elles, disse, entre outras coisas as seguintes:

"Aqui, como por toda parte onde se encontra esta abominavel raça, suas allianças só se fazem entre elles. TÊM SOTAQUE E ATE' MESMO GIRIA PROPRIA. Por uma exquesitice absolutamente inconcebivel, o governo tolera esta peste publica. etc....".

Outra, vamos tiral-a da parte em que, em "OS CIGANOS NO BRAZIL", M. Moraes, reproduz a descripção que verbalmente lhe fez o velho "calôn" Pinto Noites sobre os festejos que, em 1818, celebraram o consorcio de D. Pedro I com a princeza D. Leopoldina, e nos quaes tomaram parte os ciganos.

chamado Mouraria. Multiplicaram-se tão depressa e applicaram suas industrias tão argutamente que, passados cerca de 30 annos, expediu-se decreto expulsando-os da capitania.

Uma das accusações contra elles levantadas era a da desordem que provocavam nas tropas de cargueiros que vinham das Minás, furtando as cavalgadas á noite, apesar de todas as precauções dos mineiros.

Depois de elogiar os bailados executados por estes, assim conclue:

“As ovações, os vivas a el-rei e as harmonias coroavam os artistas e a festa...

Restabelecido o silencio, voltaram jubilosos a seu palanque.

Preludiam na guitarra UNS ACCÓRDES CASADOS A VOZES DE UMA CANTILENA EM SUA LINGUAGEM
A tradição olvidou a toada e as letras”.

* * *

Vemos, pois, por essas informações, que até às vespervas de nossa emancipação politica não tinha surtido o menor effeito a prohibição feita aos ciganos de falarem a sua lingua.

Ao contrario, elles continuavam a usal-a livremente e, segundo M. Moraes, ella foi até ouvida “numa cantilena”, por occasião duma cerimonia real á qual concorreram os seus cantores...

Uma vez proclamada a nossa independencia, e com esta melhoradas as nossas condições de liberdade, o natural era que os “calons”, agora com maioria de razão, continuassem a falar entre si, sem o menor temor, o seu dialecto.

E foi isso realmente o que se deu, conforme nos conta M. Moraes em sua obra “FACTOS E MEMORIAS” (V. “Memorias do largo do Rocio”), nos trechos que já transcrevemos no Cap. III dos “Subsidios historicos” que se referem aos ciganos meirinhos que, pelo meado do séc. XIX, estanciavam no largo do Rocio á espera de clientes.

Repitamos aqui apenas as partes que esclarecem o caso:

“A datar de 1850, o largo se transformara. O seu crescente embellezamento, o escolhido de seus habitantes, etc... concorriam a augmentar-lhe a justa nomeada e incontestavel realce. Homens de côr trigueira ou embranquiçada, de barba á ingleza, barrigudos ou completamente desbarrigados, trajando casaca azul, etc... perambulavam, TROCANDO PALAVRAS DA GYRIA (CHIBE), sahindo e entrando, de conformidade com as urgencias do momento.”

“... eram elles OS VELHOS CIGANOS DA CIDADE NOVA, que se exhibiam, os propectos officiaes de justiça, que se instalavam em galeria debaixo do terraço, á espera de citações e mandados de penhora”.

A allusão ahi feita por M. Moraes á linguagem dos ciganos se reveste de grande importancia nesta parte de nosso estudo

porque, pela primeira vez, vemos tal linguagem designada por um de seus nomes verdadeiros, isto é, por um dos que lhe dão os proprios "calôns" brasileiros.

Esse nome é "CHIBE", que o autor impropriamente considera como um synonymo de GYRIA, tanto que o põe "entre parentesis", após a citação desta palavra.

Queremos, em outros termos, esclarecer que tambem no Brasil, pelos mesmos motivos que foram expostos quando tratamos dos paizes ibéricos, a fala dos ciganos deve ser considerada "como um verdadeiro dialecto neo-hindú para aqui fortuitamente transplantado" e não "como uma simples giria ou geringonça por elles inventada."

Aliás, o proprio M. Moraes já ia percebendo esse facto, visto que no "CANCIONEIRO DOS CIGANOS", faz referencias ao "dialecto calôn", dando-nos até algumas quadras, a titulo de specimens do mesmo.

Entretanto, incoherentemente, em "OS CIGANOS NO BRAZIL" e em "FACTOS E MEMORIAS" (V. "Quadrilhas de Ciganos") elle volta a dar a tal dialecto a designação de giria.

E' o que vemos em alguns trechos já inseridos no Cap. III dos "Subsidios historicos" e que agora vamos repetir aqui.

Em "OS CIGANOS":

"Entre homens, mulheres e creanças, vivendo retirados, etc... a decadente colonia da Cidade Nova não pôde ser inferior a quinhentos habitantes".

.....
"Os seus modos, as suas expansões, A SUA GYRIA são exquesitos".

.....
"Pondo de parte as suas aptidões hereditarias e a sua genealogia, para devassarmos com mais attenção a physionomia de seus costumes, ENCONTRAMOS ADMITTIDA ENTRE ELLES UMA GIRIA, POR MEIO DA QUAL SE FAZEM ENTENDER EM SITUAÇÕES ANORMAES E POR HABITO."

Em "FACTOS E MEMORIAS:"

"Nos sertões e florestas virgens do Brasil os ciganos viajam em caravanas. etc..... Affeitos á voz dos ventos nos arvoredos excelsos, etc..... lá seguem elles contornando cidades e povoados CONSERVANDO SEUS COSTUMES E SUA GYRIA, praticando suas superstições, etc."

A isto accrescentaremos que, ainda em "Quadrilhas de Ciganos", o autor, falando sobre ciganos estrangeiros que vieram para o Brasil, diz que elles se distinguiam dos ciganos nacionaes,

"não pelas linhas geraes do typo de raça, porém pela variante das superstições, LINGUAGEM E COSTUMES, HAVENDO, NÃO OBSTANTE, ENTRE MUITISSIMOS VOCABULOS DA "CHIBE" (GYRIA) PALAVRAS SANSCRITAS".

Deixando M. Moraes, passemos a recapitular o que a respeito ha em outras informações emanadas de fontes diversas e que se vêm no Cap. IV dos "Subsidios historicos".

Comecemos pelas seguintes que, na "Historia do Norte Paulista", nos dá I. Cesar sobre os ciganos que outrora appareciam nessa zona:

"Os ciganos estrangeiros FALAVAM A LINGUA DE SUA NACIONALIDADE, mas os ciganos nacionaes, TINHAM UM DIALECTO OU PATUÁ QUE EMPREGAVAM QUANDO QUERIAM TROCAR ENTRE SI INFORMAÇÕES A RESPEITO DE NEGOCIOS OU ASSUMPTOS DE CERTA IMPORTANCIA".

Convem repetir, em seguida, a resposta que o dr. Alberico Guimarães deu a uma nossa pergunta sobre os ciganos que, de 1900 a 1910 residiram num bairro da cidade de S. Luiz do Parahytinga, situada, como sabemos, na mesma zona chamada Norte de S. Paulo.

Perguntámos si elles falavam ou não uma linguagem especial, distincta da dialectação dos luso-brasileiros e a resposta foi esta:

"SIM, TORNANDO-SE INCOMPREHENSIVEIS QUANDO TAGARELAVAM ENTRE SI."

Coisa identica nos informa o sr. M. Machado sobre os ciganos que ha cerca de 40 annos atraz elle tinha visto numa zona paulista da Mogyana e numa mineira que lhe era limitrophe.

Realmente, diz elle:

"Chamavam "gajão" a todos que não eram da tribu e FALAVAM O PORTUGUEZ TAL COMO O FALAM OS Nossos SERTANEJOS, etc..... "Mas quando lhes convinha, FALAVAM ENTRE SI UMA LINGUAGEM OU GIRIA INCOMPREHENSIVEL PARA OS GAJÕES".

Repitamos tambem o que, sobre a linguagem dos ciganos que ainda erram pelos sertões bahianos, nos diz o dr. Mario Torres, em resposta a uma informação que lhe pedimos:

"FALAM ENTRE SI SUA LINGUA ESPECIAL; com o

publico, UM DIALECTO DE SUA LINGUA, APORTUGUEZADO MAS ENXERTADO DE PALAVRAS DE ORIGEM TZIGNA”.

E, por fim, lembremos que, com relação ao Ceará, João do Norte, em seu estudo “A Raça”, a que já nos referimos, falando da arteirice e das manhas do sertanejo conta-nos que ás vezes “muitos se misturam aos bandos vagabundos de zingaros que vivem á gandaia pelas varzeas, APRENDEM A SUA LINGUA, vestem como elles, transformam-se”.

Recapitulando, vemos que o idioma falado pelos ciganos que vieram degredados para o Brasil e que aqui continuou a ser falado por seus descendentes, tem sido, confusamente, considerado entre nós, desde os tempos coloniaes até aos nossos dias, ora como sendo uma simples GIRIA ou um PATUÁ, ora como sendo um DIALECTO ou uma LINGUAGEM e ás vezes como uma LINGUA.

Aliás, não é de admirar que no Brasil tenha havido e ainda haja essa confusão a respeito, visto que, como vimos, ella tem exemplo na Hespanha, em Portugal e mesmo nos demais paizes europeus.

E’ um resultado do proprio desprezo com que os ciganos tem sido tratados em toda parte, o qual, naturalmente, implica a indifferença pelos estudos relativos á sua raça, aos seus costumes e á sua lingua.

Assim, mesmo em nosos dias, poucos saberão que esta é um ramo destacado das linguas indianas, scindida na Europa em varios DIALECTOS OU FÓRMAS ESPECIAES, os quaes, portanto, não podem ser confundidos com as GIRIAS, GERIÇONÇAS e PATUÁS existentes nos diversos paizes dessa parte do mundo.

Salillas, na “HAMPA” (V. “Definicion”, pags. 12-13), melhor que nós esclarece a questão, quando, ao lamentar os erros que ha nas diversas edições do “Diccionario de la Lengua”, quanto ás definições de “jerigonza”, “germania” e “caló”, assim se expressa:

“Germania es lo mismo que jerigonza” en la primera edición del Diccionario y en la última, aunque en ésta ya se define el caló, pero equivocadamente, por obedecer a ese prejuicio, á esa confusión, a ese falso concepto del gitanismo, que bien se les puede reprochar á nuestros definidores hoy (que existen) numerosas publicaciones y revistas especiales que se ocupan de origen, costumbres, tradiciones, historia, lengua y lite-

ratura de este pueblo, y hoy que se sabe que su **manera de hablar** es un lenguaje propio, del que se conocen en Europa catorce dialectos principales, llamando-se **tehingiane** el gregoturco, **gipso** el anglosajón, **welso** el gallico y **caló** el que hablan los gitanos **españoles**, sin que ni los ingleses, ni los franceses, ni los italianos, hayan atribuido a sus **gipsies**, **hohe-miens** y **zingari**, los **argots** ó los **gerghi**, nacidos de la lengua nacional."

Voltando agora a falar da linguagem dos ciganos brasileiros, havemos de adoptar o mesmo criterio, para consideral-a como um dialecto da lingua geral e que, como já dissemos, para aqui foi transplantado por um motivo meramente casual: o degredo dos ciganos da Metropole para as nossas terras.

Como, porém, avaliarmos presentemente a seu maior ou menor gráu de conservação da pureza?

E' sem duvida um problema de solução difficil, mas não de todo impossivel, desde que entre nós haja algum especialista ou curioso que queira e possa apanhar da bôcca dos componentes dos escassos bandos remanescentes alguma coisa, por minima que seja, sobre seu dialecto (vocabulario, phraseado especial, um ou outro typo syntactico, etc.). Trazidos á luz da publicidade os respectivos apontamentos, ainda poderiamos, mediante confronto com os dialectos ciganos da Europa, fazer a referida avaliação.

Mas já que nada sabemos sobre as **condições actuaes** do dialecto dos ciganos do Brasil, voltemos a meio seculo atraz para, baseado no pouco que sobre elle escreveu M. Moraes, provar que ao menos por esse tempo **quanto ao vocabulario**, elle ainda se conservava muito fiel aos dialectos irmãos e, portanto, á lingua madre commun.

Começaremos por examinar os nomes que, segundo aquelle escriptor patricio, tinha o referido dialecto.

Faremos assim a mesma coisa que fizemos com relação aos nomes que entre os ciganos hespanhóes e portuguezes têm os dialectos por elles falados.

*
* *

Como já sabemos, "**calôn**" é um dos nomes que os ciganos brasileiros dão ao seu dialecto.

Ora, como se deduz, essa palavra nada mais é uma simples alteração phonetica da pura fórma "**caló**" de que ainda usam os gitanos hespanhóes para tambem designar o seu dialecto.

E assim sendo, havemos de admittir que os primeiros ciganos que aqui chegaram usavam essa fórma **pura ou primitiva**.

E então, congruentemente, havemos tambem de admittir que

foi só depois, quando as palavras ciganas começaram a sofrer no Brasil certas modificações, que o **ó** final **accentuado** da fórmula gitana sofreu a nasalização em **ôn**, que vemos na brasileira.

Passando, pois, a fazer um rapido estudo comparativo entre as significações de "**caló**" e "**calôn**" e de ambos com "**calão**", falaremos ao mesmo tempo sobre esse interessante phenomeno phonetico que, por estender-se a outros casos, constitue uma das particularidades do cigano-brasileiro.

Como já sabemos, "**caló**", sobre ser um dos numerosos nomes que os proprios gitanos dão ao seu dialecto, é um dos mais conhecidos pelos "**busné**" (em geral, todos os individuos estranhos á raça, devido, sem duvida, não só ao facto de ser o geralmente empregado pelos escriptores hespanhóes, quando fazem referencia a tal dialecto, como ao de ser quasi que o unico registado pelos dictionarios.

Nesse caso, é de presumir que os primeiros gitanos que, provindó da Hespanha, entraram em Portugal, e ainda os seus descendentes, continuassem tambem a usar a fórmula "**caló**" para designar a sua linguagem.

Entretanto, conforme já expuzemos, essa fórmula teria, primeiramente, soffrido, na bocca dos gitanos portuguezes, uma modificação identica á que ella soffreu na dos gitanos brasileiros, isto é, a nasalização do "**ó**" final em "**ôn**".

Obteriamos assim, uma fórmula **calôn**; e desta, posteriormente, a actual fórmula portugueza "**calão**", por haver a vogal nasal **ôn** se desenvolvido em nosso diphthongo nasal **ão**.

Recapitulando, vemos que, sob o ponto de vista das alterações phoneticas, a) na Hespanha se conserva "**caló**", que é a fórmula primitiva; b) que em Portugal não se manteve a fórmula intermediária "**calôn**", que, entretanto, appareceu e persistiu no Brasil; c) que em Portugal se fixou a fórmula "**calão**".

Quanto á significação, já vimos que embora na Hespanha se tenha confundido "**caló**" com a **jerga** ou **germanía**, muitos ciganologos já puzeram as coisas em seu verdadeiro logar, provando que o primeiro, apesar de seu alto grau de corrupção, "ainda é um dialecto de fundo neo-hindú", não podendo, portanto, ser comparado á **germanía**.

Coisa identica se dá em Portugal, relativamente á palavra **calão**, empregada como simples synonymo de **giria** (**calão** ou **giria** dos gatunos, dos malandros, dos fadistas, etc.), quando já sabemos que, na origem, significa propriamente cigano, lingua de cigano.

Falando, por fim, de “calôn”, palavra com que os ciganos brasileiros designam o seu dialecto, escusado seria dizer que ella jámais foi usada entre nós como synonymo de *giria* ou *geringonça* como se deu, na Hespanha, com o “caló” e em Portugal, com o “calão”.

Pelo menos é o que pensamos, porque nem mesmo como nome do dialecto de taes ciganos nós a conheciamos antes da leitura das obras de M. Moraes e isto porque não a encontrámos registada nos dictionarios e nos vocabularios de regionalismos brasileiros que temos consultado.

Entretanto, podemos affirmar que uma outra variante de “caló” é usada numa *giria* brasileira de uso bastante restricto, isto é, na dos *delinquentes cariocas*.

Essa variante, ou, para melhor dizer, essa leve alteração phonetica da fórma primitiva é *calô*, da qual nos dão conhecimento Elysio de Carvalho, em seu trabalho intitulado “*GIRIA DOS GATUNOS CARIOCAS*” (Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1912), e R. Pederneiras, em sua “*GERINGONÇA CARIOCA*”, já citada em outro ponto deste estudo.

O primeiro, p. ex., diz sobre ella o seguinte:

“*CALÔ* — Linguagem especial de que usam os *gatunos*, *va-dios* e *prostitutas*. — O mesmo que *giria*, *calão*, *geringonça*”.

E o segundo assim a define:

“*CALÔ* — *Gíria ladra*: vocabulario dos *ladrões* e *gatunos*. Este termo com o mesmo significado encontra-se na *geringonça hespanhola*”.

Ora, como explicar-se a passagem desse termo, “com que os ciganos designam o seu dialecto”, para a *giria* dos *delinquentes* brasileiros e para, entre elles, “designar essa propria *giria*”?

Trata-se sem duvida dum caso curiosíssimo e de explicação ditficilima. Não obstante, sobre elle faremos as seguintes conjecturas:

1 — *Calô*, leve alteração phonetica do gitano, “caló”, poderá ter sido introduzido na *giria* brasileira por ciganos ou por *gatunos* que, procedendo da Hespanha, têm vindo para o Brasil.

Quanto á modificação de sentido aqui soffrida pelo termo, a coisa teria sido simples: de nome do dialecto dos gitanos passou, no vocabulario dos *delinquentes* brasileiros a significar — linguagem especial dos *gatunos*, *ladrões*, *malandros*, isto é, “a linguagem de que elles proprios fazem uso”.

Em termos mais claros: é, entre elles, um verdadeiro syno-

nymo de giria e que, certo, empregam quando querem mascarar ou disfarçar essa palavra. Para elles, pois, — “falar na giria ou no calô” é a mesma coisa.

2. **Calô** poderá ser um reflexo de “calôn”, nome do dialecto dos antigos ciganos da Cidade Nova.

Teríamos então, na giria dos delinquentes cariocas, não um caso de importação estrangeira, mas sim o da passagem directa dum termo da bocca de taes ciganos para a dos refeidos delinquentes.

Mas agora, para explicar este caso, vamos aventar, sob o ponto de vista phonetico, duas hypotheses, a saber:

- a) — os ciganos brasileiros teriam tido e usado até a um certo tempo essa mesma fôrma **calô**, primeira e leve alteração de “**caló**”, por ter havido apenas modificação de **ó aberto final** em **ô fechado**, e foi ella que passou para a giria dos gatunos cariocas, na qual se manteve inalterada;
- b) — teria sido a propria fôrma “**calôn**” que passou para essa giria, na qual, após ter havido desnasalisação de **ôn** em **ô**, ella se encurtou em **calô**.

Todavia, como parece difficil que se tenha dado essa desnasalisação, pensamos que a primeira hypothese é a mais acceitavel, desde que se verifique que de facto se trata da passagem dum termo do dialecto dos nossos ciganos para a giria dos nossos delinquentes e não de elemento nesta introduzido por ciganos ou gatunos estrangeiros.

Dando fecho a esta série de considerações feitas sobre o primeiro dos nomes que os ciganos brasileiros dão ao seu dialecto, passaremos a tratar do segundo, isto é, de “**chibe**”.

* * *

Já sabemos, graças a diversas referências feitas por M. Moraes no texto de suas obras citadas, que os “**calôns** tinham também, para designar a sua linguagem, a palavra “**chibe**”, sobre a qual, aliás, já falámos no **Prefacio**, promettendo provar a sua origem genuinamente cigana.

Antes de fazê-lo, porém, notaremos que de todos os nomes que têm os dialectos ciganos falados na península iberica, apenas “**chipe**” e “**chipi**” que apparecem em “**chipe calli**” e nas agglutinações “**chipicalli**” e “**chipicalé**”, usados pelos gitanos, podem ser relacionadas com o cigano-brasileiro “**chibe**”, visto que todos significam lingua.

E como já sabemos que no “caló” o substantivo “callí” significa cigana, deduzimos que nesse dialecto sempre que se quizer fazer uma referencia especial á lingua cigana é preciso seguir “chipe” ou chipi” daquelle substantivo, que então passa a ser empregado como qualificativo; ao passo que, no cigano-brasileiro”, a julgarmos pelo que diz M. Moraes, o simples substantivo “chibe” por si só já exprime tudo: a “chibe”, — a lingua ou o dialecto dos “calôns”.

Entretanto, no vocabulario desse dialecto, que ha em “OS CIGANOS NO BRAZIL”, elle dá a tal substantivo os significados de — lingua, palavra, vocabulario. E na “GERINGONÇA CARIOCA”, R. Pederneiras tambem inclue “CHIBE”, com a significação de — vocabulario cigano.

Ora, isto tudo está mais ou menos de accôrdo com o que vemos no “Diccionario — Gitano — Germanesco — Español”, existente na já citada obra de Pabanó, no qual a palavra “CHIPÍ” é dada com as significações de “dialecto, lingua, language”.

Entretanto, é para notar que no já referido Diccionario de F. de Rebollo, “chipi” tem unicamente o significado de “lingua”.

E a mesma coisa se dá com “chipé” (“lingua”), variante de “chipí” e que está registada no “DICCIONARIO DE ARGOT ESPAÑOL” por Luis Besses (Barcelona), como termo pertencente ao “argot gitano ó caló”.

No vocabulario do dialecto dos ciganos portuguezes que ha na obra de A. Coelho não encontrámos nenhuma fórma que corresponda ás fórmas gitanas “chipí” e “chipi”.

Não encontrámos tão pouco qualquer outra palavra, provinida de radical differente, com a significação de lingua.

Ora, tratando-se dum termo essencial, visto que designa um organ importante do corpo humano, essa lacuna só pôde ser explicada por um descuido do autor, ou por seu completo desconhecimento do verdadeiro termo que aquelles ciganos dão a tal organ.

Passando agora a examinar esses dois nomes que, segundo M. Moraes, tem o cigano-brasileiro, vemos que num, — “CALON”, apparece o radical KAL-CAL, que é o mesmo sobre que se formam os seguintes nomes que os gitanos dão ao seu dialecto: “CALÓ, — CALÉ, — CALorró”. E que tambem se nota no cigano — portuguez “CALão”.

CAL apparece ainda, como já sabemos nas agglutinações “zin CALÓ” e “zin CALÉ”, tambem usadas pelos gitanos como nome de seu dialecto.

Quanto a “chibe”, é visível que seu radical CHIB deve ser identificado com o radical CHIP das fórmulas gitanas, “CHIPe, CHIPê, CHIPi”.

Mas, como esse radical pertence á **língua geral dos ciganos** e na maioria dos dialectos em que esta se divide elle termina na labial branda B, parece que o radical da fórmula brasileira se mantem com maior fidelidade á língua madre que a das fórmulas gitanas, nas quaes teria então havido reforço de B na homorganica forte P.

Visto que adeante ainda vamos falar desenvolvidamente sobre este caso, cessaremos por agora as nossas considerações sobre a “chibe” dos “calôns” brasileiros.

Vemos, pois, que nas obras de M. Moraes não ha indícios de terem os ciganos brasileiros usado para designar o seu dialecto qualquer palavra formada do radical ROM, como usam os ciganos hespanhoes e portuguezes: “ROManó”, entre os primeiros, e “ROManó”, “ROMano”, “ROMenho”, “RUManho” (alt. de ROM em RUM) entre os ultimos.

Isto posto, passaremos agora a ver quaes os nomes que os brasileiros dão aos ciganos, bem como os que, no Brasil, estes dão a si mesmos e aos estranhos á sua raça:

Faremos assim a mesma coisa que fizemos quando falámos dos ciganos da Hespanha e de Portugal (V. finais das Partes VIII e IX da “**Introdução geral**”), mostrando o tratamento reciproco que, nesse particular, ha entre elles e as respectivas populações desses paizes.

Como é natural, os brasileiros, acompanhando os portuguezes, dão em geral o nome de **cigano** ao individuo pertencente á curiosa raça de que tratamos.

E', como sabemos, a designação de uso commum ou popular.

O motivo da vulgarização da palavra **cigano** entre nós facilmente se explica com o facto de ter sido ella aqui conhecida desde os tempos coloniaes, principalmente através dos textos dos decretos e alvarás lavrados pelo governo da Metropole e relativos ao degredo dessa gente para o Brasil.

Realmente, nos documentos que a esse respeito já conhecemos, podemos verificar que o governo portuguez, sempre que se referia a esses nomades, **lhes dava o nome de ciganos**, é verdade que ás vezes algum tanto alterado quanto á phonetica.



Assim, por ex., no primeiro documento que se conhece sobre o degredo de ciganos para o Brasil, isto é, no de 1574, que se refere a João de Torres e sua família, encontramos a forma **çiguanos**:

“Dom sebastiam, etc. faço saber que Johão de torres, çiguanos preso no lymoeyro... etc.”

Entretanto, na Provisão de 1686, pela qual se commuta o degredo de ciganos da Africa para o Maranhão, bem como no Alvará de 1760 em que se recommendam medidas repressivas contra os que já estavam no Brasil, apparece a forma **Sigano** que, embora graphado inicialmente com s, soa exactamente como a actual forma **cigano**.

E já que estamos falando dessa graphia antiquada (com s inicial), aproveitamos o ensejo para, numa digressão, inserir aqui um outro documento governamental que revela a existencia de ciganos na cidade de S. Paulo desde tempos muito antigos, e no qual tambem é usada tal graphia.

Data elle do começo do sec. XVII e, portanto, é muito anterior aos documentos que inserimos no Cap. I dos “Subsidios historicos” e que se referem á passagem desses nomades pela referida cidade, em diversos annos do sec. XVIII.

Foi-nos enviado pelo prof. Nuto Sant’Anna, quando já estava impressa toda a materia de que consta aquelle Capitulo, e por ahi se explica o facto de não estar elle incluido, como seria mais natural, entre a documentação já compilada e publicada naquelle Capitulo.

Eil-o na integra e com conservação da orthographia original.

“A nove dias do mes dagosto de mil e seis sentos e tres anos nesta vila na caza da camara estando ahi os ofisiaes pa. fazere camara e acordarão o seguinte — q’ era nesesario aver nesta vila hua molher q’ vendese pr. ccanto vinha o sôr don frco. de souza e gente cõ elle e pa. iso lhe pareseo, bem frca roiz sigana q’ o fara mto bem e logo lhe foi dado juramto dos sãtos avãgelhos pr o vreador frco viegas pa q’ he e verdadra mte sirva de vededra tratãdo, verdade da dãdo a cada hu ho seu e levara de premio de cada tostão des reis e ela o prometeo fazr e pr não saber asinar asinei eu tan pr ela a seu rogo âto roiz tam q’ o escrevi — antonio roiz — irco dias pinto — Franco viegas — Juan de santana”. (Actas da Camara da Villa de São Paulo (1596-1622). vol. II, pag. 132).

Datando de 1603, essa Acta, pela qual a sigana Frca Roiz (Francisca Rodrigues?) foi escolhida para vender (?), é, depois da já referida Provisão de 1574, o documento mais antigo que chegou ao nosso conhecimento sobre os ciganos no Brasil.

Por isso, e também porque elle nos dá um exemplo da fôrma *sigano*, resolvemos cital-o aqui.

Terminando, pois, esta digressão, volvemos o nosso assumpto principal para notar que nos documentos posteriores lavrados tanto em Portugal como na propria colonia essa fôrma foi sendo em geral substituida por *cigano*, graphia que a final se fixou na lingua.

E que ella sempre foi a unica conhecida dos escriptores antigos, provam as referencias feitas na primeira metade do sec. XIX por alguns delles e que já vimos em diversos pontos deste estudo.

Freycinet, p. ex., falando sobre os elementos de que se compunha a população do Rio de Janeiro nos tempos em que ali esteve (1817-1820), diz: "nenhum sem duvida é mais digno de espicaçar curiosidade do que a presença dos individuos desta nação cosmopolita impropriamente designada por *Egypticus* e *Bohémiens* e aqui conhecida, como em Portugal, PELO NOME DE CIGANOS".

H. Koster, nas descripções que fez sobre suas viagens pelo norte do Brasil (1809-1815), notando a diversidade de raças que encontrou em nosso paiz, se refere também aos ciganos nos seguintes termos: "...esses homens excitam além disso menos interesse que os outros: todavia não se pode passar em silencio OS CIGANOS (PORQUE ASSIM OS CHAMAM)".

E, por fim, Rienzi, em seu Diccionario de Geographia, tratando da diffusão desses nomades pelo mundo, põe em duvida a sua existencia na America, mas depois faz a seguinte resalva: "cependant il peu y en avoir dans l'Amérique méridionale, car une partie de mes honorables collègues, M. d'Araujo y Porto Alegre, m'a assuré en avoir vu au Brésil, sa patrie, OU ILS SONT CONNUS, COMME EN PORTUGAL, SOUS LE NOM DE CIGANOS".

Ora, pelos motivos expostos, pensamos que *ciganos* é a designação que devemos continuar a dar a esses nomades.

Pois apesar de tudo isso, alguns escriptores brasileiros, acompanhando autores estrangeiros, principalmente francezes, têm dado e ainda dão aos ciganos as falsas designações de egypcios e bohemios.

A falta de fundamento de taes designações, de todo inapplicaveis a esses nomades, já está tão amplamente desenvolvida nas "**Considerações geraes**" que escusado seria repetil-a aqui.

Começaremos por falar do tratamento de **egyptios**, dado no Brasil aos ciganos, o qual, seja dito de antemão, deve ser rarissimo, visto que só o encontrámos na noticia assignada por Sévigné e publicada no "**Almanach das Senhoras**" sobre os ciganos que outrora vagavam pelo Rio Grande do Sul (V. Cap. III dos "**Subsidios historicos**").

Realmente, o autor de tal noticia começa por dizer o seguinte:

"Em tempo não mui remotos, andavam pelos nossos sertões **GRUPOS DE EGYPTIOS** reunidos muitas vezes a outros **DE DIVERSOS PAIZES**, typos verdadeiramente especuladores, **A QUEM DAVAM O NOME DE CIGANOS**, e que aproveitand-o a ignorancia dos incautos sertanejos, tomavam-lhes dinheiro, etc..."

Ora, baseado nessas palavras de Sévigné, deduzimos que, ao menos no Rio Grande do Sul, davam a esses nomades o nome de **egyptios**, sendo então o de ciganos "uma designação secundaria".

Entretanto, elle deveria ter dito ao contrario, isto é, que os grupos eram de **CIGANOS**, a quem davam impropriamente o nome de **EGYPTIOS**...

Correspondendo a esse simples nome de **egyptios**, que terá sido usado no extremo sul do paiz, apparece, desta vez no norte, a expressão equivalente **CIGANOS DO EGYPTO**, que, segundo M. Moraes, tambem é usada na Bahia para designar os ciganos e sobre a qual já falámos por diversas vezes.

Todavia, por conveniencia do estudo, repitamos aqui alguns trechos que se referem ao caso e que ha em "**Quadrilhas de Ciganos**", na parte em que elle descreve a communitade cigana que houve na cidade da Bahia.

Eil-os:

"Abrindo aqui um parentese á descripção de curiosos usos e costumes de parias sedentarios, reconduzimos o leitor ao citado bairro da Mouraria, ha cincoenta annos passados, quando esse povo ainda alli habitava, na plenitude de suas excentricidades intimas, do regimen tradicional de familia. Na comprehensão dos primitivos colonos, de que eram **mouros**, (1) os estranhos hospedes, e dahi a origem denominativa, os ciganos da Mouraria

(1). Não admira que os ciganos ao chegarem á Bahia, tivessem sido tomados por **mouros**, e com tanta convicção que dahi se originou o nome Mouraria, dado ao bairro por elles habitado.

professavam a religião christã, de mistura com superstições absurdas, com praticas insensatas. Mais tarde, CONHECIDOS POR CIGANOS DO EGYPTO, os furtos nas casas particulares, nos estabelecimentos commerciaes, os embustes de toda sua casta manifestaram-se-lhes privativos”.

Essa confusão já tinha havido entre diversos povos da Europa, que falsamente nelles viam uma raga mista de **judeus** e **mouros**, vindos da Hespanha, quando começaram a sua expulsão desse paiz.

Na Escossia, p. ex., onde hoje são chamados “cairds”, houve tempo em que os designaram por “moors”, mouros.

E na França, os que em 1419 e 1447 appareceram, respectivamente, em Sisteron e Orleans, receberam do povo o nome de “sarracins”, sarracenos que, como se sabe, é synonymo de mouros.

O interessante, porém, é que na propria Hespanha os ciganos tambem foram confundidos com os mouros que nella ainda estavam quando chegaram os primeiros.

Desfazendo tal confusão, Borrow (V. na obra cit. — parte intitulada “**Del lenguaje de los gitanos**”) faz os seguintes commentarios:

“La idea que hoy tienen en España de esa raza, es que son descendientes de los Moriscos que permanecen en España, vagando, por montes y despeblados, desde que el cuerpo de la nación fué expulsado del país en tiempo de Felipe III, y que forman grupo distinto, enteramente separado de las tribus errantes que en otros países llevan los nombres de Bohemios, Gypsies, etc. Esta, como todas las opiniones infundadas, nace, claro está, de la ignorancia, que siempre se halla dispuesta a recurrir a las conjeturas, con preferencia a hallar el largo, agrio y pedregoso camino de la investigación paciente; pero es una opinión mucho más absurda y mucho más desprovista de fundamento que la antigua creencia de que los **gitanos** eran egipcios, etc.”.

Depois de adoptar o criterio linguistico para provar a differença, ethnica que separa os **gitanos** dos **moriscos**, citando varios exemplos de palavras, pelos quaes se vê que a lingua dos primeiros, de fundo neo-aryeo, é inconfundivel com a dos segundos, que é semitica, elle assim conclue:

“Creemos que los precedentes ejemplos harán variar de opinión a quienes han recogido la idea de que los **gitanos** de España descienden de los moros y son de origen diferente que las tribus nómades de **rommany** de otras partes del mundo, pues las muestras de los dos dialectos del gitano (o autor faz uma comparação entre os nomes de numeros, de um até dez, entre o cigano húngaro, o hespanhol e o arabe marroquino) tienen semejanza tan fuerte que no dejan duda acerca de su identidad primitiva, mientras, por el contrario ninguna de ellas presenta la más leve similitud o conexión con el marroquí”.

Ora, como os primeiros ciganos que chegaram a Portugal provinham da Hespanha, é possivel que a principio os portuguezes tambem os tivessem confundido com os **mouros**.

E' verdade que até este momento não encontramos documento algum que confirme a hypothese.

Entretanto, lembramos que nas “Ordenações Filippinas”, o Titulo LXIX do Livro V, é o seguinte: “Que não entrem no Reino Ciganos, Armenios, Arabios, Persas, nem Mouriscos de Granada”.

Ora, tudo nos leva a crer que não só esses persas, armenios, **ARABIOS** e **MOURISCOS DE GRANADA**, referidos nas “Ordenações” como os nomades

Aliás, anteriormente, nas “Notas e adições” que ha em “OS CIGANOS NO BRAZIL”, M. Moraes já nos havia dado noticia desse modo do povo da Bahia designar os ciganos, conforme vemos nos seguintes trechos pertencentes a uma dessas notas:

“Na litteratura popular do Norte é vulgar a cigana representando seu papel, nos autos das noites de Natal e Reis, conhecidos sob a denominação de *Ilites pastoris*.

“Entre as familias antigas essas mulheres, que na Bahia eram conhecidas por CIGANAS DO EGYPTO, deixaram lembranças indeleveis e felizes; a joven mãe entregava-lhes o recém-nascido para o apresentarem á lua; e uma figura avelhantada, magra, de côr baça, de panno azul ao hombro, erguia-o nos ares, balançando, seismando, implorando... etc.”

Ao que parece, o proprio M. Moraes, influenciado pelo restrictivo DO EGYPTO, accitou a falsa hypothese da origem egypcia dos ciganos, tanto que, em “*Quadrilha de Ciganos*”, falando das superstições dos ciganos sedentarios do bairro da Mouraria, diz o seguinte:

“Do mesmo modo que no Rio de Janeiro, as borboletas negras e o pio das aves nocturnas presagiavam-lhes acontecimentos funestos. Em familia, aquella gente destacava-se com persistentes vestígios, QUE FIELMENTE RECORDAVAM O REMOTISSIMO EGYPTO”.

Assim, pois, em vista do exposto, é claro que não devemos designar os nomades em estudo nem pelo nome de *egypcios* nem pela expressão *ciganos do Egypto*.

Entretanto, como esta é de uso vulgar ou geral, não só na Bahia como, segundo nos informaram pessoas fidedignas, em outros Estados do norte do Brasil, podemos presumir que ella persistirá por essas regiões; e isto porque, como sabemos, não se extirpa com facilidade aquillo que, por absurdo que seja, cria raizes profundas na *linguagem popular*.

Passaremos em seguida a tratar do segundo e improprio nome que ás vezes se dá entre nós aos ciganos, isto é, o de *bohemios*, que nada mais é que uma traducção do francez “*bohémiens*”.

Nascida entre os francezes unicamente porque os primeiros ciganos que appareceram na França procediam da Bohemia, — o tradicional paiz hoje comprehendido na Tchecoslovaquia, essa

que, a começo foram chamados em Portugal *gregos* e *exypcios*, nada mais eram que os proprios ciganos que aqui, como em outros paizes e regiões receberam os mais variados e absurdos nomes gentílicos, devido á ignorancia que então havia sobre a sua verdadeira origem ou procedencia.

Pensamos, pois, que essa confusão que havia na Metropole, de ciganos com *mouros* ou *Mouriscos de Granada* reflectiu no Brasil, naturalmente por intermedio dos primeiros colonos portuguezes que vieram para aqui.

E um exemplo está nos chamados *mouros* que antigamente habitaram, na Bahia, o bairro da Mouraria.

designação é sem duvida uma das mais absurdas que se lhes tem dado na Europa, visto que os fazia originarios duma propria região europeia, quando depois se soube positivamente que elles vieram da India.

O interessante, porém, é que, como vimos na “Introdução geral”, o primeiro nome que lhes deram na França foi o de “egyptiens” ou, por apherese, “gyptiens”. E como esta já era erronca, resulta que os francezes ao substituil-a por “bohémien” incorreriam num erro ainda mais grave porque a confusão que houve entre ciganos e egypcios num tempo em que os estudos ethnologicos e philologicos estavam atrazadissimos, é coisa admissivel, visto que se tratava de duas raças de tez mais ou menos escura e desconhecidas das populações europeas; mas confundil-os com um povo slavo, como é o bohemio ou tcheque, é, repetimol-o, um dos maiores absurdos.

Não obstante, os francezes tiveram imitadores e assim a palavra “bohémien” foi traduzida ou tomou fórmias especiaes em diversas linguas e foi adoptada como synonymo de cigano.

Assim, p. ex., os belgas flamengos dão ao cigano os nomes de “landlooper” ou “bohemer”; os hespanhoes usaram antigamente a fórmula “bohemiano” e hoje usam “bohémio”, como synonymo de “gitano”, ainda que em sentido figurado (para o natural da Bohemia ha o adj. “bohemo”) (1); a mesma coisa se dá entre os portuguezes que, como sabemos, usam bohemio tanto no sentido de habitante da Bohemia como, figuradamente, no de cigano, vagabundo, etc.

Os italianos usam “boemo”, fórmula que, parece, passou para o grego moderno, no qual ha “boêmôs” (pronuncia-se “boimôs”).

Não admira, pois, que tambem no Brasil alguns escriptores, influenciados principalmente pela leitura de obras francezas, tenham designado os ciganos por bohemios.

Mesmo M. Moraes, em seus trabalhos, usa e abusa dessa falsa designação. E' o que vamos ver em diversos trechos que nelles colhemos a esmo.

Em “OS CIGANOS NO BRAZIL”:

“Paul Bataillard sustenta a theoria de que a EMIGRAÇÃO BOHEMIA, vinda da Europa oriental e da Asia para as regiões occidentaes, constitue uma raça pre-historica, raça dos *Sigynes*, do historiador Herodoto, ou *Sinthies*, mencionados por Homero, população numerosa da ilha de Lemnos” (2).

(1) No Novo Dicionário da Língua Hespanhola da “Enciclopedia Sopena”. vemos: “BOHEMIO, MIA, (del lat. *boheminus*), adj. Bohemio. U. t. c. s. — Gitano. Individuo de cierta raza de gente errante”: “BOHEMO, MA (del lat. *boheminus*), adj. Natural de Bohemia. — ACAD.”

(2) Mesmo que o adj. *bohemia*, que vemos no período transcripto, seja uma traducção literal do fr. “bohémienne”, esse facto por si só vem

.....
"A' elubição dos elementos disparatados de nossa formação, mais portuguezes e BOHEMIOS vieram juntar-se em 1808..., etc."
.....

"M... depois marquez de B... pertencia á RAÇA BOHEMIA."
.....

Em "Quadrilhas os Ciganos:

"E' a partida de ciganos que viaja na escuridão: são os menestrelis e as RUTHES BOHEMIAS que carpem as nostalgias d'alma nas solidões ignoradas de suas tristezas que não findam".
.....

"E as "BABANINS" (formosas) BOHEMIAS, á sombra ardorosa dos arvoredos em flor, peneiram no fandango, arrufam pandeiros, castanhollam com os dedos, etc.... etc."
.....

"Nem sempre os BOHEMIOS pouzam ao ar livre. Quadrilhas ha que se alojam em abandonados pandeiros dos sertões... etc."
.....

"Assim apparelhadas, são vulgarissimas as cabildas que ainda hoje perfructam os nossas sertões, ... "que projectam sobrenaturaes relevos ao longo dos BANDOS BOHEMIOS, tão acatados pela imaginativa dos poetas,... etc."
.....

Tambem na noticia publicada em 1892 pel' "O Dia", do Rio de Janeiro sobre uma quadrilha de ciganos narcotizadores que tinha apparecido nessa cidade (V. Cap. IV dos "Subsidios historicos"), vemos que o reporter que a elaborou tambem chama bohemios a esses nomades.

Assim, ao começar seu relato, diz elle:

"Em Nictheroy, Rio de Janeiro, acaba de ser presa UMA QUADRILHA DE BOHEMIOS que se dedicavam á pilhagem por um processo de veras curioso e cheio de novidade. Homens, mulheres e creanças... etc."

E, ao terminal-o diz:

"Acêrea DA QUADRILHA DE BOHEMIOS que roubava as pessoas por meio de narcotico, temos a acrescentar que chegaram no Rio de Janeiro as bagagens dos larapios".

provar a impropriedade do subs. "bohémien" para designar os ciganos, bem como a confusão que dahi pode se originar.

Que os bohemios tivessem vindo da Europa oriental ou, verdadeiramente, da Europa Central, é coisa que se poderia admittir.

Mas consideral-os como vindos da Asia é absurdo tão grande, que dispensa commentarios...

Melhor, pois, seria que, para evitar confusões, se tivesse logo traduzido "bohémienne" por cigana — "emigração cigana, etc."

Entretanto, em outros trechos da noticia, a designação de bohemio é substituída pela verdadeira de cigano, como vemos no seguinte:

"E' enorme o numero de crimes praticados pela quadrilha, que ALÉM DE CIGANOS, tem tambem individuos GREGOS, TURCOS, etc." (1).

E' certo que haverá outras muitissimas obras e trabalhos escriptos no Brasil em que bohemio é empregado como synonymo de cigano.

Mas, pelo exposto, cremos haver cabalmente fundamentado os motivos por que não devemos fazê-lo.

Aliás, esses motivos ainda mais resaltarão si lembrarmos que de uns tempos a esta parte muitos autores francezes, reconhecendo o erro em questão, vêm substituindo "bohémiens" pelas

(1) Assim como Sévigné se enganou quando disse que aos grupos de egypcios ou ciganos que erravam pelo Rio Grande do Sul se reuniam outros compostos de individuos de diversos paizes, tambem deve ter-se enganado o noticiaria d'"O Dia" quando disse que na quadrilha de ciganos narcotizadores que appareceu em Niteroy havia tambem gregos e turcos.

Todos, tanto os da primeira como os da segunda noticia, deveriam ser ciganos pela raça, visto que, já o sabemos, individuos a ella estranhos, raramente são admittidos nos bandos ciganos.

Nascido embora na Grecia, na Turquia, na França, em Portugal, no Brasil, etc. o cigano sempre se considera e se diz cigano.

Mas, quando interrogado sobre a terra de seu nascimento ou, melhor, sobre a sua nacionalidade politica, elle naturalmente tem que declinal-a, dizendo, por ex., — sou grego, turco, yugoslavo, francez, portuguez, brasileiro, etc.

Assim, não tendo podido, em parte alguma, formar para si uma patria politica, os ciganos, como os judeus, se consideram cidadãos do mundo, o qual é, por assim dizer, a sua Grande e unica Patria.

A esse respeito, convem transcrever, por serem interessantes, os seguintes periodos que ha na obra de Serboianu, na parte em que elle trata da concepção dos ciganos sobre a patria e a religião:

"La patrie des Tsiganes, c'est la terre entière et leur tente est leur foyer. Etant donné cette conception, ils ne peuvent pas comprendre l'existence de frontières entre les divers pays, les différences qui existent entre les êtres humains et les droits de possession qu'ils exercent les uns sur les autres".

Em outro ponto, Serboianu diz o seguinte, que tambem se relaciona com o caso:

"Ce sont eux, les vainqueurs, parce que toute la terre leur appartient, est leur, parce que jamais, ils ne s'attachent à une contrée quelconque, comme nous le faisons, nous les Européens, qui vivons sous le joug des lois confectionnées par nous-mêmes et qui ne parvenons à voir l'avenir qu'à travers le prisme du présent et du passé".

Voltando agora ao nosso assumpto, quasi que podemos affirmar que os gregos e turcos a que se referiu o noticiaria d'"O Dia", eram tão puros ciganos, como o são os ciganos gregos, turcos, bulgaros, yugoslavos, russos, etc., que actualmente vivem entre nós e dos quaes falaremos no "APPENDICE" que dará fecho a este trabalho.

fórmãs "tziganes", "tsiganes" e ainda "tzingaris", naturalmente por julgar-as mais apropriadas para designar os nomades que, em 1427, appareceram pela primeira vez em Paris. (1)

Vamos, por fim, falar sobre um terceiro nome que entre nós ultimamente se tem applicado aos ciganos, isto é, zingaros.

Mesmo neste trabalho (V. Cap. IV dos "Subsidios historicos"), já o vimos usado por diversos escriptores e noticiaristas patricios.

João do Norte, p. ex., em seu estudo "A Raça", publicado na "SELECTA MODERNA" (S. Paulo, 1933), falando sobre os sertanejos cearenses diz que "às vezes muitos se misturam aos bandos vagabundos DE ZINGAROS, que vivem á gandaia pelas varzeas... etc."

E o noticiarista do "Diario da Noite", de S. Paulo, nas duas narrações que, em setembro de 1935, fez sobre as façanhas praticadas por um grupo de ciganos, em Leme e Limeira, tambem emprega ás vezes zingaros em vez de ciganos.

Assim, na primeira diz, entre outras coisas, que "OS ZINGAROS, sem deixar transparecer suas intenções, não esboçaram sequer um gesto de resistencia".

E á segunda, que tem por titulo "COMO NOS FILMS AMERICANOS", elle dá o sub-titulo "A movimentada prisão DOS ZINGAROS".

Da mesma fórma, em noticias deste anno de 1936, e portanto recentissimas, e que serão transcriptas no APPENDICE, vemos que os jornaes do Rio de Janeiro tambem já vão usando zingaro por cigano.

O "Diario de Noticias", p. ex., fazendo commentarios acêrca do "Congresso Internacional de CIGANOS" a realizar-se brevemente na Polonia e ao qual deverão comparecer ciganos do mundo inteiro, annuncia, entre outras coisas, que "nada menos que

(1) O "DICTIONNAIRE DE LA LANGUE FRANÇAISE — "Abrégé du Dictionnaire de E. Littré" (Paris, 1900), regista:

"TZIGANE, sm. Syn. de Tzingari — Langue des Tzingaris".

"TZINGARI, sm. Nom des vagabonds qui marchent par petites bandes, disent la bonne aventure, exercent les petits métiers, et dont l'origine paraît indienne".

Os francezes tambem usam, actualmente, "tsiganes", que é uma variante graphica de "tziganes".

Assim, Gonçalves Vianna, nas APOSTILAS" (V. "Cigano", na pag. 307, do Tomo I) diz que elles já vão usando para designar os ciganos a fórma tsiganes, desde que a palavra "bohémien" adquiriu a accepção de tunante esturdo".

OITO REIS ZINGAROS assumirão a presidência do Congresso, contando-se entre elles o rei brasileiro, O CIGANO Titulesco Kwick, etc.”

E “A Noite”, referindo-se ao mesmo assumpto, dá uma noticia que se intitula “UM REI PARA OS CIGANOS”, mas que tem por sub-titulo “VIDA NOVA PARA OS ZINGAROS DO BRASIL”.

Não só nos livros e nos jornaes: tambem nos dominios do Cinema, zingaro já vai substituindo cigano.

Tal é o caso que vimos no titulo do film “PAIXÃO DE ZINGARO”, recentemente exhibido entre nós.

Entretanto, os traductores resolveram conservar a nossa velha palavra cigano nos titulos dos films “SANGUE CIGANO” e “BARÃO CIGANO”, tambem de exhibição recente.

Sendo que seu uso entre nós só se tem generalizado nos ultimos tempos, zingaro pode ser considerado como um neologismo.

Todavia notaremos que já em 1904, em “FACTOS E MEMORIAS”, M. Moraes empregou uma vez a palavra, referindo-se, porém, unicamente aos ciganos estrangeiros que viviam entre nós. E’ o que vemos no seguinte trecho que tirámos de “Quadrilhas de Ciganos”:

“Tendo vindo do Oriente com a luz, como elles proprios dizem, a quasi totalidade dos bandos é constituída por CIGANOS BRASILEIROS, descendentes de velhos rebentos hespanhões e portuguezes, aos quaes se reuniram ZINGAROS DA HUNGRIA E DE DIVERSAS PROCEDENCIAS, que nunca se extremaram no Brasil”.

Ora, como vimos nas Partes VII e IX das “Considerações geraes”, “zingaro” e “zingano” são duas formas que os italianos usam para designar o cigano.

Neste caso, como explicar-se a adopção da primeira no Brasil?

Evidentemente, trata-se aqui, como já se havia dado com relação á designação de bohemio, duma mera influencia literaria, tendo então alguns de nossos escriptores, ou copiado directamente zingaro de obras italianas, ou imitado certos autores francezes, hespanhoes, etc., que tambem em seus trabalhos fazem uso da fórma italiana.

Os francezes, p. ex., adoptam, si bem que raramente, o pl. ital. “zingari” em vez de “bohémien”. (1)

(1) — No “NOUVEAU LAROUSSE ILLUSTRÉ”, vemos, sob a rubrica “Bohémien”, na parte em que se trata dos ciganos, a seguinte definição:

“Nom donné, en France, à de vagabonds que l’on croyait originaires de la Bohême, et qui parcouraient les villes et les campagnes en disant la

E os hespanhoes, sem duvida porque já vão reconhecendo a impropriedade de "gitano" (abrev. de "egiptano" — egypcio) para designar os nomades em questão, também estão usando, por imitação directa do italiano, o subs. "zingaro" ou sua alteração phonetica "cingaro".

E' verdade que em Portugal também já vão usando as fórmas italianas em vez de cigano. E' o que vemos nos dictionarios de Silva Bastos (1912) e de C. de Figueiredo (4.^a ed. 1925). O primeiro, p. ex., regista ZINGARO e ZINGANO, — o mesmo que cigano (do ital. *zingaro*); e o segundo regista só ZINGARO, que assim define: — m. Um dos nomes, porque se designa o cigano (It. *zingaro*)".

Entretanto, como já dissemos, no Brasil, ao que parece, a existencia desse neologismo se deve mais á leitura de obras italianas que á de obras portuguezas.

Sendo esse, pois, o motivo provavel da adopção da palavra por parte de nossos escriptores, notaremos que, embora se trate dum neologismo ou, melhor, dum italianismo, o seu emprego, como synonymo de cigano, é preferivel ao de egypcio ou de bohemio, que, como ficou cabalmente provado, é de todo absurdo.

E isto porque ao menos zingaro e cigano são, como já sabemos, cognatos, provindo ambos duma mesma raiz de que se teria desenvolvido os radicaes TCHENG, TSING, TZING, TSIG, bases de formação dos nomes que em diversos paizes europeus dão aos ciganos e que, segundo se suppõe, são variantes dum dos nomes ethnicos dos proprios ciganos.

bonne aventure, le plus souvent en mendiant, et même en volant. (Bohème se dit rarement en ce sens) — On a dit plus anciennement égyptien. On se sert aussi, mais plus rarement, du nom italien de *zingari*."

A titulo de curiosidade, diremos que num pequeno dictionario francez-romeno, da collecção "Vocabulaires Garnier", o fr. "zingari" é traduzido em romeno por "tsigan spaniol", como si os francezes usassem essa fórma italiana para designar exclusivamente o cigano hespanhol ou gitano.

Entretanto, para designar o cigano em geral o mesmo dictionario regista o fr. "bohémien" e também "tzigane", que é traduzido simplesmente pelo romeno "tsigan".

Quanto a "zingaro" ou "cingaro" usado pelos hespanhões, assim o define o Dictionario da "Enciclopedia Sopena":

"ZINGARO, RA. adj. Cingaro. U. t. c. s."

"CINGARO, A (del ital. *zingaro*). adj. Gitano. U. t. c. s." — ACAD."

E' para notar que o emprego da palavra italiana "zingaro" está sendo vulgarizada na Hespanha pelos proprios ciganologos modernos desse paiz. taes como Salillas e Patanó, os quaes, em suas obras já tantas vezes citadas, frequentemente della fazem uso como synonymo de "gitano".

Assim, p. ex., de TSING—TZING temos a fôrma do gr. mod. “atsinganos” ou “tsinganos”, a do ital. “zingaro” ou “zingano”, etc.; de TSIG—TZIG, as fôrmas slavas “tsigánin” (bulg. e serv.), “tsigan” (sloveno), “tsygan” (polaco); a fôrma romena “tsigan”, a hungara “tsigány”; a allemã “zigeuner”, etc. E, finalmente, pela redução de TSIG em * SIG—CIG, a fôrma portugueza cigano.

Vejamos agora o que tanto em Portugal como no Brasil se diz sobre a palavra cigano, bem como sobre a antiguidade de seu emprego na lingua, suas significações, etc.

No Tomo I das “APOSTILAS”, sob a rubrica CIGANO (V. pag. 307), G. Vianna, diz o seguinte:

“Este termo é já antigo na lingua, pois o vemos nas Ordenações Felipinas, no Titulo LXIX do Livro V; — “Mandamos que os Ciganos, assi homens como mulheres, nem outras pessoas, de qualquer nação que sejam, que com elles andarem, não entrem em nossos Reynos e Señorios” —.

Gil Vicente, na FARSA DAS CIGANAS, imitou-lhes o falar castelhano andaluzado e estrangeirado, com o costumado primor com que em outras peças remedou a pronuncia mourisca e a dos negros da Guiné, bem como os falares provinciaes”.

Quanto á fôrma da palavra, na pag. 544 do mesmo TOMO, sob a rubrica CIGANO, CIGANA, diz o autor:

“As formas portuguezas dèste nome étnico teem, sôbre as demais usadas por outras nações, mesmo em relação á sua escripta, a vantagem de ser as latinizadas, empregadas por autores que escreveram em latim, como vemos dos trechos seguintes: — “populos Egyptiacos ut vulgariter appelluntur Cigãnos (1)”; — “multa ali similia officia et servitutis ministeria, obeunt Cingani et Cinganæ” —. O segundo trecho é extraído da relação de um missionário italiano (1679)”.

Sobre o primeiro trecho em latim a que se refere a chamada (1), ha no pé da folha a seguinte annotação:

(1). — Matias Corvino (1476), citado por P. Hunfalvy, na sua memoria ETWAS ÜBER DIE UNGARISCHEN ZIGEUNER. in Actes du huitième congrès international des Orientalistes (1893), II Partie, p. 112.”

Quanto á significação da palavra, o dictionario de Moraes assim a define:

“CIGANOS —. s. m. pl. Raça de gente vagabunda, que diz vem do Egipto, e pertende conhecer de futuro pelas rayas, ou linhas da mão: deste embuste vive: e de trocas, e de baldrocas; ou de dançar, e cantar: vivem em bairros juntos, tem alguns costumes particulares, e uma especie de Germania com que se entendem”.

E o dicionario de Constancio, depois de tratar ligeiramente de sua etymologia, dá-lhe a seguinte significação:

“São huma casta abjecta Indiana expulsa da sua patria e que se acolheo á Persia, depois ao Egyp̃to, donde se espalhou pela Europa ha alguns seculos. Dão-se ao trato de bestas, a dizer a sina ou buena dicha, dansar, bailar e tocar pandeiro, etc.; são em geral ladrões astutos, e as mulheres mui dissolutas. Governão-se por chefes que escolhem dentre si, e a quem obêdecem pontualmente. Conservão a sua linguagem primitiva com pouca corrupção”.

As definições que a CIGANO dão os dictionarios da lingua portugueza de elaboração posterior aos de Moraes e Constancio são tão laconicas que, por desnecessarias, deixamos de citá-las aqui.

Transcrevamos agora, as significações que a palavra tem no Brasil e que são dadas no n.º 53 (anno de 1927) da “REVISITA DO INSTITUTO GEOGRAPHICO E HISTORICO DA BAHIA” — “Onomastica Geral da Geographia Brasileira”, pelo prof. Bernardino José de Souza:

“CIGANO: palavra portugueza, usada em geral no Brasil para designar individuos de varias procedências e nações, que, aos grupos, pelos sertões brasileiros, de villa em villa, de povoado em povoado, de fazenda em fazenda, vivem negociando, traficando, trapaceando, tornando-se não raro, um verdadeiro flagello para as populações do interior.

Refere Nelson de Senna que, em Minas Geraes, se designam ciganos ou judeus quaesquer bandos de gente do oriente ou levante”.

A cópia “dessa definição brasileira” de CIGANO, que nos foi enviada, da Bahia pelo nosso dedicado informante, sr. dr. M. Torres, merece as considerações que passamos a fazer.

No que diz respeito ao genero de vida, aos usos e costumes dos ciganos brasileiros, ella não differe do que em geral dizem os dictionarios sobre os ciganos de todo o mundo: nomades, negociantes, traficantes e trapaceiros, perniciosos ás populações por elles visitadas ou frequentadas, etc.

Mas, quanto á composição dos grupos de ciganos, ella não é bem clara quando os considera como formados “de individuos de varias procedências e nações”, visto que isso poderá nos leyar a supôr que entre elles ha gente de diferentes raças (brancos, negros, descendentes de indios brasileiros, etc.) e nacionalidades (brasilieiros, portuguezes, hespanhoes, húngaros, gregos, etc.); quando já sabemos que, com raras e inevitaveis excepções, tães gru-

pos ou bandos, ainda representam, conjuntos ethnicamente homogêneos, isto é, constituídos de indivíduos da pura raça cigana e que, embora nascidos em diferentes paizes, sempre se dizem ciganos.

Entretanto, é-nos muito precioso o conteúdo do ultimo periodo da definição do prof. Bernardino J. de Souza, na parte referente á designação de judeus que, segundo Nelson de Senna, os ciganos têm em Minas Geraes.

E isto porque ali vemos mais um nome imprópriamente dado no Brasil a esses nomades, embora seu uso esteja limitado a uma área geographica de seu territorio.

Realmente, que são esses "bandos de gente do oriente ou levante que em Minas Geraes se designam ciganos ou judeus" sinão os proprios ciganos?

Pois bem: si juntarmos agora essa designação de judeus, ás outras numerosas designações que já conhecemos, vemos que tambem no Brasil tem havido e ainda ha uma grande confusão ou vacillação em torno do verdadeiro nome e da procedencia do povo mysterioso ou enigmatico.

Recapitulemos: ciganos, de uso geral em todas as regiões do paiz; mouros, restrictamente na Bahia; ciganos do Egypto, em certos pontos do norte; egypcios, no Rio Grande do Sul (noticia de Sévigné); judeus, em Minas Geraes; e, finalmente, bohemios e zingaros nos dominios da literatura !

Só faltou, pois, que tambem os chamassemos de gregos, como antigamente os chamaram em Portugal, na Hespanha, na Hollanda e na Escocia, de tartaros ou tataros como foram designados na Dinamarca e na Suecia ("tatern", "tater", "tatars", "tartars", conforme as graphias dos ciganologos), etc.

Ora, compulsando tudo quanto ficou dito, concluímos que no Brasil os unicos nomes que devemos dar aos nomades em questão são: preferivelmente, e em obediencia á tradição, CIGANOS; e, "para floreio de linguagem", ZINGAROS.

Para terminar, vamos agora compilar alguma coisa sobre CINGANIA, nome hypothetico da patria primitiva de taes nomades e de cuja raiz teriam derivado as proprias palavras cigano e zingaro.

* * *

O nome do CIGANO, sob as inúmeras fórmulas já conhecidas e outras ainda não mencionados neste estudo é, como designação dos nomades, de que tratamos, um dos mais antigos e generalizados na Europa.

Assim, em escriptos de autores antigos que pretendem que elles entraram nessa parte do mundo antes de 1417, apparecem fórmulas que podem ser relacionadas, com as que já conhecemos e que são co-radicaes de CIGANO.

Assim, Pray, Sulzer, Grisellini, etc., dizem que os ciganos, sob o nome de *Gingari* (cfr. a forma ital. actual "zingari"), já estavam na Europa desde 1260.

O sabio romeno Hajden afirma que os ciganos chegaram á Romenia antes de 1300. Para fazê-lo elle se baseia num documento datado de 1387 e encontrado nos actos do mosteiro de Tismana (provincia de Oltenia) e que se encontra em Bucarest, nos archivos do Estado.

Nesse documento ha um fragmento em que Mircea o Grande, confirma as doações anteriormente feitas por seus predecessores a Santo Antonio de Voditsa, entre as quaes se incluíram quarenta familias de ciganos.

Nesse fragmento os ciganos pela primeira vez são chamados *Atsingani* (cfr. a forma do gr. mod. "atsinganos"), forma antiga hoje substituida, na Romenia, por "tsigani".

Hajden cita tambem, para provar a existencia de ciganos na Europa antes do Sec. XV os fragmentos extrahidos do "Livro de doação", emanado do imperador servio Stefan Dusan, que data do anno de 1348, e que trata de ciganos doados ao convento dos "Archanjos de Prizren".

Ahi os ciganos são designados por "Cingarif".

A esses informes, que tirámos da obra de Serbolanu, e aos que já conhecemos poderíamos ainda acrescentar outros nos quaes tambem apparecem innumerous nomes que varios autores querem approximar de "atsinganos", "tsinganos", "tsigan", "tchinghiane", "zigeuner", "zingaro", etc.

Mas, como isto seria ir muito longe, vamos terminar com algumas considerações acêrea de CINGANIA, nome imaginario do paiz ou da patria primitiva dos ciganos, de cuja raiz teria derivado o nome ethnico, que posteriormente se alterou nas multiplas formas já conhecidas.

Demos ainda, tambem neste particular, a palavra a Serbolanu que, após se referir a certos investigadores que têm accidentalmente tratado dos ciganos e criticar as opiniões mais ou menos phantasticas por elles emitidas acêrea da historia desse povo, assim as commenta:

"La lutte sourde entamée entre les savants fit que chacun travailla séparément dans son domaine et aboutit souvent à des résultats très bizarres. Certains historiens amateurs sont allés si loin, qu'ils ont fait les Tsiganes les ancêtres de l'humanité entière; ils ont situé leur lieu d'origine à Cinganie dans différents parties du monde (la Mésopotamie, la Cilicie, l'Arménie, l'Assyrie, l'Houdoustan, l'Inde), l'Egypte ou bien la Nubie, l'Ethiopie etc... Ces auteurs nous le montrent comme depositaires de tous les secrets scientifiques d'autrefois et nous amusent avec d'innombrables légendes sur leur origine, et leur dispersion sur toute la surface du globe".

Isto quanto ao hypothetico paiz dos ciganos e á sua não menos hypothetica localização.

Sobre o nome TCHINGHIANE e naturalmente, formas cognatas, achamos opportuno transcrever tambem aqui o que elle diz em sua obra, na parte em que trata da grammatica da lingua dos ciganos:

"Les Tsiganes oubliant leur langue originale sont forcés de tsiganiser les mots des peuples au milieu desquels ils vivent, pour exprimer certaines idées et certaines nécessités.

"L'étude du nom tchinghiané, dit Paspatis — ne sera complète que lorsque l'étymologie comparée aura dit son dernier mot sur l'affinité de plusieurs noms en usage parmi eux, soit avec les langues des Indes, soit avec le persan, soit avec le jargon parlé par les diverses races avec lesquelles les Tchinghianés entretiennent des rapports intimes".

Fôra do terreno historico ou geographico ha uma versão sobre a origem da fórma grega "athinganos" ou "atsinganos", que, por ser muito curiosa, vamos mencionar aqui: é a que pretende que ella deriva de "athin-goí", nome duma seita heretica ou dessidente da Asia Menor e com a qual os ciganos foram popularmente confundidos...

Está visto que de tal versão, poderemos, quando muito, dizer que... "si non e vero, e bene trovato".

Pois bem: em vista de tudo isso, poderemos considerar a palavra CIGANO como derivada dum dos nomes nacionaes usados pelos proprios ciganos? De nossa parte, declaramos que nas obras que temos consultado até agora nada encontrámos que possa confirmal-o. Ha, porém, uma opinião de Hienzi, expendida em seu já citado Diccionario de Geographia (V. "Bo-hémien"), que convem registrar aqui.

Após dar uma relação dos innumerados nomes que os ciganos têm na Asia e na Europa, a maioria dos quaes já conhecemos, diz elle:

"Je n'employerai dans le cours de cette dissertations que le nom de Tzengaria, que je regarde comme leur nom primitif, et qui ils conservent encore aujourd'hui dans leur mère-patrie".

Ora, como essa "mãe-patria" dos ciganos a que Hienzi se refere é a India, concluímos que é dentro dos limites geographicos desse paiz que elle colloca CINGANIA ou.... TZENGARIA.

Tendo terminado nossas considerações relativas aos varios nomes que, no Brasil, têm os nomades em estudo, passaremos agora a ver qual o nome com que elles aqui designam a si proprios.

ORIGEM DA PALAVRA "CALÔN"

Pelas informações dadas por Mello Moraes, já sabemos que os ciganos brasileiros chamavam a si mesmos "calôns".

Assim, no vocabulario cigano-portuguez que ha em "OS CIGANOS DO BRAZIL", vemos: "CALÔN, cigano".

E na "GERINGONÇA". R. Pederneiras regista:

"KALON" — O cigano (gíria cigana).

No texto das obras de M. Moraes ha diversos trechos em que apparece a palavra, taes como os seguintes:

"Foi por essa data, segundo o sr. Pinto Noites, estimado e venerando CALON, de 89 annos, ... etc."

.....
"Para o CALON, o ideal do amor é um batel vagando n'um rio de lágrimas; uma floresta batida de aves nocturnas, ... etc."

.....
"Póde-se observar o que é commum nas crenças dos CALONS, reminiscencias do fetechismo africano, ... etc."

.....
"Entre os CALONS o dominio da igualdade é absoluto."

Entretanto, em “Quadrilhas de Ciganos”, elle adôpta a variante graphica **kalon** que, escusado seria dizêl-o, sôa exactamente como **calon**.

Eis alguns exemplos:

“Em viagem, os **KALONS** (ciganos do Brasil) abandonam os invalidos e os doentes”.

.....
“Quando caldeireiros, os **KALONS** (ciganos) de partida, não levando em conta a resistencia dos metaes... etc.”.

.....
Já sabemos que “**calôn**” é tambem empregado como nome do dialecto dos ciganos brasileiros; e como já tratámos desenvolvadamente desse caso, vamos agora falar sobre a etymologia da palavra.

* * *

Dissemos no Prefacio que o nome “**calôn**” é tirado dum dos nomes genericos da nação dos ciganos, isto é, de **KALO**, no plural **KALA**, que verdadeiramente quer dizer **negro**, — **os negros**.

E agora, para proval-o, buscaremos primeiramente elementos de confronto nos diversos dialectos da lingua geral dos ciganos da Europa: e depois levaremos tal confronto até ás linguas neo-hindús, nas quaes, como veremos, está o seu etymo.

No vocabulario que ha em “**OS CIGANOS DE PORTUGAL**”, A. Coelho assim define “**caló**” e “**calé**”, duas fórmas dum mesmo nome com que os cigs. ports. designam a si mesmos

“**CALÓ**, **CALÉ**, adj. e s. m. Cigano. **Callí**, adj. e s. f. Cigana. Git. **caló**, **callí**. Atezado, moreno, a. **MAYO Caló**, **caloro**, s. m. A **GYPSY**, a black, **callí**, s. f. A **GYPSY woman**. **BORROW**”.

E em outra parte dessa obra, o autor, tratando da palavra **calão**, como synonymo de giria, diz: “**CALÃO**, giria. Em hisp. **caló**, lingua dos gitanos.

De um dos nomes nacionaes dos tsiganos **kaló**, que significa propriamente negro. Origem indiana: sanskrito e pali **kāla**, hindustani **kālā**, sindhi **kârô**”.

Ora, como vimos' atraz, no dialecto dos ciganos portuguezes, a palavra “**caló**” significa unicamente cigano (subst.), ao passo que no gitano ella, segundo Borrow e Mayo, significa, não só cigano, como tambem negro (subst.), “moreno”, e “atezado” (adj. — de côr negra ou muito escura).

Em alguns outros dictionarios ou vocabularios do gitano que temos á mão, “**CALÓ** (subst. e adj.) é, em geral traduzido

em hespanhol simplesmente por “gitano” (cigano); todavia, Pabonó dá-lhe, também, quando empregado como adjectivo, as significações de “atezado”, “moreno”.

Passemos agora ao dialecto dos ciganos da Romenia e vejamos quaes as significações que nelle tem a forma a que correspondem as fórmulas “caló” e “calôn”.

Consultando o vocabulario de tal dialecto que ha na obra de Serboianu, nelle encontramos, acompanhado de traducções feitas em francez, o seguinte:

“KHALÓ, fém. KHALÍ, adj. — noir; adv. — noir, odieux; s. m. — nègre, (homme) noir; le noir, la couleur noir; s. f. — négresse; fig. sale, malpropre; 2. ordurier; adv. salement”.

Por essas significações, que entre os ciganos romenos tem a palavra, vemos que elles a não empregam para designar a si mesmos, como se dá entre os ciganos ibéricos e brasileiros, que, já o sabemos, usam as correspondentes “caló” e “calôn” para designar o homem da raça cigana ou da tribu.

Entretanto, a empregam com o sentido que ella tem na lingua madre, isto é, com o de negro (subs.), — homem de côr negra; “khaló, s. m. nègre, (homme) noir”. Pois de facto ahí temos um outro derivado de KAL, KALA, de que tanto já falámos.

E como a raiz indiana K-L, donde se desenvolve o radical KAL, encerra a idéa primitiva ou principal de — “côr negra, negrume, pretidão, etc., vemos que no dialecto dos ciganos da Romenia essa idéa primitiva ainda está fielmente conservada em “khaló, que significa também — negro, côr negra (“le noir, la couleur noire”, conforme vimos na traducção franceza).

Até ahí nada de mais: o interessante, porém, é que em quanto os ciganos ibéricos e brasileiros julgam a palavra “tão nobre” que chegam a adoptal-a como um de seus nomes nacionaes, os romenos a empregam, figuradamente, nos sentidos pejorativos que já conhecemos, isto é, nos de sujo, immundo, sordido, desmazelado, obsceno, desbocado, etc. (“sale”, “malpropre”, “ordurier”).

Como, pois, explicar-se essa divergencia que ha entre os ciganos da Iberia e os da Romenia em torno da palavra **Negro**, considerada digna pelos os primeiros e depreciante pelo segundos?

E' sem duvida um problema de solução difficil. Não obstante, vamos fazer algumas conjecturas a respeito.

Em duas annotações que ha neste estudo, já fizemos referencias aos “netotsi”, ciganos da Romenia, semi-selvagens e que, por viverem exclusivamente do roubo e por serem immundos,

são detestados pelos proprios ciganos das outras tribus que ha nesse paiz. Notámos tambem **que, por serem negros ou quasi negros**, elles se distinguem dos outros ciganos.

Vejamos agora como, em seu "Dictionnaire", Serboianu os descreve:

"NETÓTO. pl. NETÓTSI — Tsiganes, demi-sauvage et demi-nus toujours errant sans but; ne vivant que de rapines; se nourrissant de toutes choses immondes, couchant sur la terre, s'abritant dans les ruines. Ils n'ont ni tentes, ni chars. Les **Nétotsi** sont noirs et presque nègres. Ils laissent croître leurs cheveux."

Ora, para fundamentar as conjecturas de que falámos, havemos de admittir preliminarmente que a generalidade dos ciganos da Romenia usou nos tempos antigos, o nome nacional KALA, -- os negros.

Mais tarde, porém, talvez esse nome tivesse sido abandonado pelos ciganos de outras tribus "de tez menos escura", para ser, por elles proprios applicado, **como pejorativo**, exclusivamente aos "netotsi", que delles differem não só **pela côr negra ou quasi negra, como por serem sujos e sordidos**.

E por ahi poderá explicar-se a já conhecida translação do sentido primitivo de "khaló", — negro, côr negra, para o de — sujo, immundo, desmazelado, etc., referindo-se, talvez, particularmente, aos "netotsi".

Quanto á hypothese de haverem os ciganos romenos se designado primitivamente KALA, vamos citar um facto que com ella se relaciona e que, embora indirectamente, poderá concorrer para confirmal-a.

Na lingua romena ha a palavra "calâu", de origem cigana, e que significa carrasco.

Em seu "DICTIONNAIRE ROUMAIN-FRANÇAIS" (Bucarest, 1909), Constantin Sainéanu assim a define:

"CALAU" (tzig.) sm. (pl. "calai") bourreau, exécuteur des hautes œuvres".

E Lazare Sainéan, em sua obra intitulada "L'ARGOT ANCIEN" (1455-1850), impressa em Paris, em 1907, falando dos elementos não romanicos que passaram para o argot antigo, diz:

"Tandis que le calò e le calão accusent une influence gitane assez importante, principalement le dernier qui en porte même le nom (calò signifie bohémien) l'ancienne germanie, le fourbesque et l'ancien argot ignorent entièrement toute trace de la langue des Bohémiens ou Tsiganes."

É depois, procurando identificar o hesp. **caló** e o port. **calão** com a referida palavra romena "calâu", diz:

"Le même terme **bohémien** désigne, en roumain, le bourreau (calau). les Bohémiens ayant longtemps été en Roumanie les exécuteurs des hautes oeuvres."

Ora, si os etymologos romenos reconhecem que a palavra "calâu", tem origem cigana e a identificam como o "caló e o "calão", dos ciganos ibericos, é claro que houve um tempo em que tambem na Romenia esses nomades, conforme presumimos, adoptaram o nome nacional KALA, donde a fórmula actual "khaló", no pl. "khalá", com os sentidos que já conhecemos.

Entretanto, como tudo isto não passa do terreno das hypotheses, fica a cargo de outros a solução da questão por nós aventada de haver a maioria dos ciganos que vive nesse paiz abandonado a designação de "khaló", como nome nacional, para applical-a estritamente aos componentes da tribu dos "netotsi", reservando então para si a de "RÔM" ou "ROMĂ", de que trataremos adiante.

Convem esclarecer aqui que a palavra "netotsi" pertence á lingua romena e não á cigana: é o plural de "netot", que significa imbecil, idiota.

E assim, os qualificativos de "imbecis e idiotas, que na Romenia dão aos nomades da referida tribu, bem traduzem o grau de desprezo com que elles alli são tratados.

Visto que não sabemos si KALA é ou não adoptado como nome nacional por parte de ciganos de outros paizes europeus, passaremos a fazer um confronto entre o cigano-brasileiro "calón" e as fórmulas cognatas atraz citadas, o qual comprehenderá não só questões de phonetica como de significações.

I — CIGANOS DA ROMENIA:

"KHALÓ. — Significação principal: negro, preto (homem). Não é, porém, empregado para designar o homem da raça.

Phonetica.

Ao que parece, a articulação inicial de "khaló", que figuramos com **kh** e que corresponde, mais ou menos, ao **khi** ou **k** aspirado do grego, a **la** jota do hespanhol, como em "pajaro", "hijo", "Juan", ou ainda ao **ch** allemão, como em "nach", "doch", "buch", não é a primitiva da raiz indo-aryca K-L, de que tanto temos falado. É antes um reforço phonetico do K dessa raiz, o qual, como veremos mais tarde, é o K ordinario das linguas do occidente e mesmo da generalidade das linguas do mundo.

Nesse caso, como o dialecto dos ciganos da Romenia offerece outros muitos exemplos, em que o K primitivo da lingua geral se reforça em *kh*, parece que esse phenomeno phonetico constitue uma peculiaridade de tal dialecto.

Aliás, esse *k* primitivo está conservado na palavra romena “calâu”, que já conhecemos, e que, significando, primitivamente, cigano, passou depois, por transferencia pejorativa do sentido, a significar carrasco, — executor de altas obras.

II — CIGANOS DA HESPAÑHA:

“CALÓ. — Significação principal: “gitano”, isto é, cigano (homem da tribo). Emprega-se tambem como nome do dialecto (“caló” — “lenguaje gitano”), e ainda, erroneamente, como synonymo de “germania”.

Phonetica:

Aqui a articulação inicial, embora representada graphicamente por *c* guttural, conserva, como se sabe, o som do *k* primitivo (*kaló-caló*).

III — CIGANOS DE PORTUGAL:

1 — “CALÓ”. — Significação: cigano (homem da tribo). Conforme já vimos, os cigs. portuguezes não empregam esta forma como nome de seu dialecto.

2 — “CALÃO”. — Significação principal: cigano (homem da tribo). Tambem é usado como nome do dialecto. Esta palavra de origem cigana passou para a lingua portugueza, na qual é hoje empregada, e mui frequentemente, como synonymo de giria ou geringonça.

Phonetica:

A forma “calão” leva-nos a crer que entre os ciganos portuguezes houve uma forma intermediaria * *calôn*, resultante da nasalisação do *ó* final da forma primitiva “caló”; e então, posteriormente, teria havido um reforço de nasalisação, devido ao desenvolvimento da vogal nasal *ôn* em nosso diphthongo nasalão: “caló” — * *calôn* — “calão”.

IV — CIGANOS BRASILEIROS:

“CALÔN”. — Significação principal: cigano (homem da tribo). Tambem é usado como nome do dialecto.

Phonetica:

“Calôn” é a forma que, falando do cigano-portuguez, hypotheticamente estabelecemos como intermediaria entre “caló” e “calão”.

Aliás, esse phenomeno phonético, que consiste na nasalisação de vogaes finaes das palavras, quando accentuadas, constitue, como já dissemos, uma peculiaridade do cigano-brasileiro, visto que delle ha innumerós outros casos, como, p. ex., os seguintes em que tomaremos para confronto fórmās existentes em diversos dialectos dos ciganós da Europa:

1. — Cig. romeno "matchó"; cig. hungaro e cig. inglez "matcho", peixe; cig. hesp. "machó" (pron. matchó), peixe, pescado; cig. port. "machó", bacalhau; cig. brasil. "maxôn", peixe.

2. — Cig. rom. "tcharó", prato fundo; cig. hesp. e port. "charó", prato; cig. brasil. "xarôn", prato.

3. — Cig. rom. "latchó" ou "laxó" (x. palatal, como em xarope, caixa, etc.); cig. hesp. "lachó", cig. brasil. "laxôn", bom.

Ha muitos outros casos identicos e sobre alguns delles ainda falaremos mais tarde.

Já que no pequeno material bibliographico de que dispomos nada mais encontrámos que possa attestar o uso de KALO-KALLA em outros dialectos ciganos europeus para designar a nação dos ciganos ou mesmo, restrictamente, o homem da raça, damos por terminado o primeiro confronto a que atraz nos referimos e passaremos a fazer o segundo, isto é, aquelle que ha de provar que a raiz do nome "calôn" está numa antiga lingua da India, fraccionada em varios dialectos e entre elles os que, tomados em conjunto, são chamados lingua geral dos ciganos da Europa.

* * *

Dissemos que é duma raiz indiana, constituida dos elementos consonantaes K-L e que encerra a idéa principal de negrume; pretidão (côr negra, ou escura, etc.), que derivam as fórmās "caló", "calão", "calôn", adoptadas como nomes nacionaes pelos ciganos que penetraram na peninsula iberica e também pelos que dahi vieram para o Brasil.

Para proval-o, começaremos por transcrever aqui o que a respeito encontrámos hum antigo trabalho philologico, intitulado "PRINCIPES DE L'ÉTUDE COMPARATIVE DES LANGUES", par le Baron de Merian (Leipzig, 1828).

Tratando de palavras que em diversas linguas significam NEGRO, o A. grupa sob a raiz KL, as fórmās que damos em

seguida, e que são precedidas de esclarecimentos relativos ás linguas a que pertencem;

“N O I R”

“XI. Racine. KL”

Sanskrit	Asie méridionale	Kala
Tsingane	ou Bohémien	Kalo
Mahratte	Asie méridionale	Kal
Loulé	Amérique méridionale	Kelep

Ora, si puzermos de parte a ultima fórma “Kelep”, pertencente ao *loulé* (?), falado na America Meridional (?) e que Merian pretende absurdamente relacionar com as tres fórmas indianas precedentes, é certo que estas, como elementos de comparação, se revestem de grande importancia nesta parte do nosso estudo.

Analysemôl-as uma por uma.

SANSKRITO: *Kala*. Si, de facto, *kala*, com o sentido de “noir” (negro, preto, escuro) existe no sanskritto, poderemos dahi inferir que foi dessa lingua que diversos *dialectos neo-hindús* ou *prakritos modernos*, inclusive o falado pelos ciganos, tiraram a palavra?

Ou, ao contrario, ella já pertencia ao stock basico do vocabulario da lingua popular dos indo-aryas, quando o sanskritto começou a destacar-se como linguagem elaborada por grammaticos e empregada pelos literatos?

Pouco importa sabêl-o porque aqui o nosso unico fito é relacionar o nome “*calôn*” com fórmas existentes em linguas aricas da India. E foi por isso que começámos pelo sanskritto “*KĀ-la*”, em que vemos o mesmo radical de “*KALôn*”.

MAHRATTA: *Kal*. Sobre esta lingua, diz Monsenhor R. Dalgado em seu “*GLOSSÁRIO LUSO-ASIÁTICO*”:

“*Marata* (s. m.). Nome duma raça militar ou de um povo da India meridional, e da sua lingua, pertencente ao ramo indo-ário”.

Quanto á sua area geographica, diz o mesmo philologo, na “*Introdução*” á sua obra intitulada “*INFLUÊNCIA DO VOCABULÁRIO PORTUGUÊS EM LÍNGUAS ASIATICAS*”: “Estende-se desde Goa até o Rio de Damão (*Daman Ganga*), abrangendo uma vasta área e confinando por leste com as linguas telúgu e canaresa”.

Eis mais alguns apontamentos que, sobre o mahratta, tirámos do "DICTIONNAIRE DES LETTRES", de Bachelet et Dezobry. (V. MAHRATTE):

"Adelung l'apparentait aux idiomes málabars; Balbi e Lassen le rattachent avec plus de raison au prácrit. En effet, sous le rapport de la lexicographie et de lá grammaire, le mahratte n'est qu'une mutilation du sanscrit, et peut étre regardé comme frère du bengali. On y trouve un certain nombre de substantifs persans, amenés par la conquête musulmane; mais les adjectifs et les verbes sont sanscrits."

Dada, pois, essa afinidade do mahratta com o sanskrito, não é de admirar que no primeiro também haja *kal*, que é correspondente de *kala* do segundo.

Aliás, como já vimos numa anotação feita na Parte IV da "Introdução geral", Rienzi pretende que o berço dos ciganos ou "tzengaris", como elle os chama, está no paiz dos mahrattas e que foi dahi que elles iniciaram a sua emigração.

Eis alguma coisa que, sobre essa questão, diz elle em seu "DICTIONNAIRE DE GÉOGRAPHIE":

"C'est dans les états de l'ancienne confédération des Mahrattes, et principalement dans la province de Mahrat, que je crois avoir trouvé le véritable berceau de ce peuple. Cette province, située dans les Montagnes des Ghâtes occ., est omise dans toutes les cartes anglaises et françaises."

"Les Tzengaris constituent, comme nous l'avons vu, un peuple à part. Malgré leur origine mahratte, ils sont indépendents de la religion de Brahmá et des lois de Manou, qui a reuni en société politique et religieuse l'immense population des Hindous, et ils vivent disséminés en grand nombre, et sous différents noms, dans diverses contrées de l'Hindoustân, ainsi que nous l'avons dit plus haut."

Ora, como a maioria dos ciganologos já resolveu que a patria primitiva dos ciganos está numa região do N. O. da India, devemos declarar que ao registarmos de novo a opinião de Rienzi, que é contraria áquella these, visámos apenas demonstrar que a existencia de *kal* na lingua dos mahrattas poderá ser explicada unicamente com o auxilio da philologia comparada, isto é, sem que precisemos acceitar a hypothese de procederem os ciganos das regiões occupadas por esse povo indiano.

CIGANO OU BOHEMIO: ("TSINGANE OU BOHEMIEN"): *Kalo*.

Já que Merian não faz restricção alguma, é claro que elle considera *kalo* como pertencente á lingua geral dos ciganos.

Evidentemente, ahi temos a mesma palavra *kaló*, que já conhecemos por intermedio de varios autores, como sendo um dos nomes nacionaes desses nomades.

Ora, como vimos em outra parte deste estudo, A. Coelho identifica com essa palavra, não só o “calão” port. e o “caló” hesp. como, baseado em Pott e Miklosich, com as seguintes formas pertencentes a linguas indianas: *kâla*, do *sanskrito* e *pali*; *kâlâ*, do *hindustani*; *kârô*, do *sindhi*.

Nada mais precisamos dizer sobre o *sanskrito kâla*, já relacionado por Merian com o cigano *kala* (segundo sua graphia).

Tratemos, pois, das outras fórm.

PALI: *kâla*. Antes de tratarmos da relação que ha entre o cigano e o *pali*, vejamos o que dizem os philologos sobre o ultimo.

Dalgado (“GLOSSARIO”):

“**PALI** (s. m.). Lingua sagrada do budismo meridional, isto é, do Ceilão e da Indo China”.

Hovelacque (“LA LINGUISTIQUE”):

“Parmi les idiomes *prākṛits*, les idiomes populaires qui vivaient à côté de la langue littéraire et sacrée, il en est un qui eut une destinée toute particulière. Ce fut le *pāli*. Cet idiome fut celui de la propagande bouddhiste, cet fut la langue spéciale de cette religion doute, comme l'on sait d'une merveilleuse force d'extension”.

Do “Dictionnaire de Bachelet et Dezobry”:

“**PALI** ou **BALI** (idiome), ancien idiome de l'Inde, tombé à l'état de langue morte, mais que subsiste à Ceylan et dans l'Indo-Chine comme langue de la religion et de la science, et qui sert de lien entre des peuples bouddhistes dont les idiomes vulgaires sont souvent très différents les uns des autres”.

Ora, como ha uma theoria que pretende que a lingua cigana é mais antiga que o *pali* e como d'Ascoli assegura que o humilde dialecto zingaro excede em nobreza a lingua palica e que, portanto, é o que mais se approxima do *sanskrito*, poderemos suppor que foi do cigano que o *pali* recebeu *kâla*?

Trata-se, sem duvida, dum problema insolúvel, mas que nós de proposito aqui lançamos unicamente para ir demonstrando, cada vez mais, a importância de que se reveste o estudo da lingua daquelles nomades, sobre cuja classificação genealogica têm vacillado abalisados philologos e etymologos de fama mundial.

HINDUSTANI: *Kâlâ*. Já dissemos, e repetimos agora, que os dialectos ciganos têm sido tambem relacionados com o *hindustani*, que para uns é lingua independente e para outros é um simples dialecto do *hindi* (importante lingua neo-*ārycā* do centro da India).

Não é, pois, de admirar que nelle haja *kâlâ* correspondendo a “*kalo*” — “*kala*” dos ciganos.

Pelos motivos que adeante serão expostos vamos tratar do hindustani com certo desenvolvimentô.

Comecemos por ver o que sobre elle diz Dalgado na "IN-FLUÊNCIA" (V. Introdução):

"Sem entrar na questão de saber se o hindustani é lingua independente ou, antes, um dialeto do hindi, como geralmente se considera, trato-o em separado; pela natureza especial do meu trabalho. Formado do persa, fala dos conquistadores, e do hindi, fala dos indigenas, no seculo XVI. sobre a base gramatical neo-árica, mas escrito de ordinario, no alfabeto árabe-persa modificado, o hindustani tornou-se lingua materna dos mao-metanos de qualquer parte da Índia, e desenvolveu-se em lingua franca nos principaes centros commerciaes da raça arica".

"O hindustani é, diz Beames, de todos os idiomas indianos o mais largamente espalhado e comumente entendido, e é falado como lingua franca por gente cuja lingua materna não é, por toda a India".

"O hindustani ou urdu, observa Curt, não é dialecto territorial... mal se pode dizer com justeza que é a lingua comum dalgum distrito, embora falado por muitas classes".

Mas o Sr. Grierson afirma que é vernáculo do delta gangético superior e da circumvizinhança. Se bem que se empregam promiscuamente as palavras *urdu* e *hindustani*, *urdu* designa, propriamente, a forma da lingua literária e mais pura ou polida, e *hindustani*, a fala vulgar, eivada de exoticismos".

Hovelacque, em "LA LINGUISTIQUE", tratando das linguas neo-hindus, assim se refere ao hindustani:

"On donne le nom d'*hindoui* à un idiome qui eut, au moyen âge des langues d'Inde, une grande expansion littéraire et que represent aujourd'hui encore certains dialectes du nord-ouest de la péninsule.

On a dit avec juste raison que l'*Hindi* n'était que l'*hindoui* modernisé; quant à l'*hindoustani*, auquel, avons-nous dit, on donne également le nom d'*ourdou* "langue du camp", il se forma au onzième siècle de notre ère sous l'influence musulmane.

Son vocabulaire est plein de mots arabes e persans, et, à la différence des autres idiomes neo-hindous dont les alphabets proviennent du devânâgarî sanskrit, il s'écrit avec les caractères persans, c'est-à-dire avec l'alphabet arabe augmenté de quelques signes".

No "Dictionnaire de Bachelet et Dezobry" (V. "Indiennes" -- Langues):

"Depuis le XII siècle, les Hindous musulmanes emploient l'*hindoustani*, qui est mêlé de mots arabes et persans, et dans lequel on distingue deux dialectes principaux, l'*ourdou* (langue des camps), parlé dans le Nord, et le *dakhni*, parlé dans le Sud. L'*hindustani*, adopté à la court. des Grands-Mogols, compris dans presque toutes les grandes villes, est resté sous la domination anglaise, la langue de la diplomatie, de l'administration e du commerce. La grammaire de l'*hindoustani*, dit M. Vaisse, est beaucoup plus simple que celle du sanscrit: on n'y compte que 2 genres, 2 nombres et 6 cas pour les noms, les adjectifs et les pronoms. Dans plusieurs temps de la

conjugaison, on fait usage de deux auxiliaires, dont l'un, qui s'emploie avec la voix passive, signifie **aller**. Chaque voix se conjugue sur un seul paradigme; mais les verbes composés peuvent, d'après la forme particulière que leur donne certaines modifications apportées au sens primitif, être partagés en 10 classes (nominiaux ou adverbiaux, intensifs, potentiels, completifs, inchoatifs, permissifs, acquisitifs désiratifs, continuatifs)."

Pois bem: na "Introduction" que ha num trabalho que posuimos sobre essa lingua e que tem por título "A CONVERSATION — GRAMMAR OF THE HINDUSTANI LANGUAGE", (Heidelberg - Julius Gross, 1911), seu autor St. Clair Tisdall, depois de classificar o **urdu** e o **hindi**, "como principais dialectos do hindustani", diz que o primeiro é falado pelos musulmanos do Hindostão propriamente dito e o segundo pelos hindús.

Em seguida, esclarece que a grammatica dos dois dialectos é praticamente uma unica ou a mesma (de fundo neo-aryco), mas que seus vocabularios differem consideravelmente, e isto porque o **urdu** ou lingua do campo (1), tendo tido seus primordios em Delhi, resulta duma mistura do persa, lingua dos conquistadores, e do "braj-bhashá", dialecto falado pelos hindús conquistados. Mas, prosegue o autor, como pelo tempo dessa conquista o persa já havia assimilado muitas palavras do arabe e do turco, falado na Asia Central, parte dos elementos dessas origens tambem passou, como era natural, para o **urdu**.

Quanto ao **hindi**, tira directamente do sanskritto a maior parte de seu vocabulario, que, entretanto, contem alguns elementos do persa e de outras origens.

Ora, si o proprio Daigado, o grande philologo indianista, esquivou-se de decidir si o hindustani é lingua independente ou dialecto do **hindi**, é claro que a nós, simples curioso destes assumptos, não cabe solucionar esse caso nem tão pouco aplinar as visiveis divergencias que ha entre os diversos autores atraz citados relativamente ás relações ou difereças que ha entre o **hinduí**, o **hindi**, o **hindustani** e o **urdu**.

(1) Como se sabe, **urdu** é o etymo da palavra horda, sobre a qual diz Daigado no "GLOSSARIO":

"HORDA. A palavra turca **ordû** ou **urdû** designa propriamente o "campo ou arraial dum **can** (**Khân**) târtaro ou mongol"; os outros significados são secundários e posteriores. A residência rial do Grão Mogol em Dell era conhecida pelo nome de **urdû-l-mu'alla**, "o Sublime Castro" e a lingua mixta que se formou na sua côrte denominou-se ellipticamente **urdu**, de que o **hindustani** é a forma vulgar. V. **Glossary**, s. v. **ordoo**."

Notaremos todavia, que como muitos ciganologos europeus, quando querem provar a genuína origem indiana duma palavra cigana, citam, e com muita frequencia, uma fôrma que a ella corresponde e que existe “no hindustani”, é claro que elles o consideram lingua independente, ou principal, visto que não fazem qualquer referencia ao **hindi** ou ao **urdu**.

E já que possuímos a referida grammatica do hindustani, de Tisdall, na qual ha um copioso vocabulario dessa lingua, pudemos observar, por investigações proprias, que de facto em tal vocabulario abundam palavras das quaes numerosos elementos pertencentes aos dialectos ciganos da Europa e, consequentemente, ao dialecto dos “calôns” brasileiros, são vivos e incontestaveis reflexos.

Assim, restringindo ás investigações ao nosso caso, consultamos o vocabulario inglez-hindustani que ha na obra de Tisdall e, de facto, nelle encontramos o ingl. “**black**”, que é traduzido por hindust. **Kâlâ**.

Ora, a começo dissemos que, por motivos que mais tarde seriam expostos, iamós tratar do hindustani com certo desenvolvimento.

E agora esclarecemos que assim resolvemos fazê-lo: a) porque os ciganologos reconhecem que elle ainda conserva uma grande affinidade com os dialectos ciganos da Europa, tanto que em seus confrontos o citam frequentemente; b) porque o unico trabalho que, para investigações directas, possuímos sobre as linguas neo-hindús é a referida grammatica de Tisdall; c) porque confrontando esta com a grammatica da lingua cigana que constitue uma das partes da obra de Serboianu e que, por sua vez, é o unico subsidio importante de que dispomos para o estudo da lingua dos ciganos da Europa, verificámos que realmente ainda ha entre ambas as linguas uma flagrante analogia, quer quanto á estrutura grammatical quer quanto ao vocabulario.

E como isto tudo será demonstrado depois, quando tratarmos da etymologia de certas palavras do cigano-brasileiro, que procuraremos identificar, não só com palavras do cigano-romeno como do hindustani, pomos termo a estas considerações e passamos a tratar do correspondente de **kala** que existe no **sindhi**

SINDHI: kârô. Já dissemos por varias vezes que para alguns ciganologos o berço dos ciganos está nas terras que margeam o Indo ou Sindh. Essa hypothese se funda no facto de offerecer a lingua geral dos ciganos frísantes analogias com o **sindhi**, principalmente com um de seus dialectos falado em Tatta (ou Tattah), divisão do paiz de Sindh, á margem direita do Indo.

E', pois, natural que nessa lingua neo-hindú haja um correspondente de *kalo-kala*.

* * *

Como phenomeno phonetico é muito interessante a rhotização do *k* intervocalico que vemos em *kârô*, fôrma do sindhi. Pois devido a isso, fica ella muito semelhante á palavra turca "*kara*", que egualmente significa negro, e que, sem duvida, é a base de *karatchi*, um dos nomes que os persas dão aos ciganos.

Neste caso, tratar-se-á mesmo do referido phenomeno phonetico, ou *kâro*, do sindhi, será uma simples alteração do turco "*kara*"?

Difficil é respondê-lo.

Todavia lembrámos que o reforço dum *i* intervocalico primitivo na homorganica forte *r* se observa, embora raramente, em outras linguas, como, p. ex., no romeno, em confronto com a lingua madre latina. Eis alguns casos: lat. "*sal. sale* (m)", "*sol. sole* (m)", "*pulex. pulece* (m)", "*felix. felice* (m)", — romeno "*sare*", (sal), "*soare*" (sol), "*purece*" (pulga), "*ferice*" (feliz).

Em alguns dialectos italianos nota-se a mesma coisa, Exs.: lat. "*coelu* (m)", genovez "*seru*", (céu); lat. "*filu* (m)", genovez "*fira*", (fio); lat. "*tela* (m), lombardo "*tira*", piemontez "*tiara*", (tela).

Cr., por fim, o ital. "*colonello*", e o fr. "*colonel*" com o hesp. "*coronel*" e port. coronel.

Quanto á raiz K-R -- KH-R, "encerrando a idéa de negro, preto, etc.", curioso é registar que Merian a inclue tambem em seu estudo e a ella subordina fôrmas pertencentes a diversas linguas, inclusivê algumas africanas e americanas. Deixando estas de parte, por não interessarem aqui, notaremos apenas as seguintes (V. "*NOIR*"-III. Racine KR, etc"):

Turc	Asie et Europe	Kara
Mongol	Asie Moyenne	Kara, Khara
Tchouvache	Sur le Volga	Khora
Malabar	Asie méridionale	Karoûat
Sanskrit	Asie méridionale	Krchne, kêrchya.

Ora, como vemos, Merian dá como derivado dessa raiz palavras que pertencem a nada menos de tres grupos distinctos de linguas asiaticas: ao tartaro ou, melhor, tataro (turco, mongol e tchuvache), ao indo-aryco (sanskrito) e ao dravidico (malabar)!

Esse facto, sem duvida, vem complicar ainda mais a questão, visto que poderá nos levar á supposição de que as palavras até aqui citados, como significando "negro, — côr negra", são cognatas, provindo todas duma raiz primitiva, representada por um dos grupos consonantais K L KH-L — K-R ou KH-R, pertencente a uma lingua asiatica antiquissima, que passou para varios idiomas dos referidos tres grupos linguisticos.

Exemplifiquemos a esmo. Isto é, sem obedecer a qualquer classificação systematica:

1 — K-L: sanskr. *kala*; pali *kâla*; hindust. *kâla*; lingua geral dos ciganos *kala-kalo* (cig. hesp. e port. "*calô*"; cig. brasil. "*calôn*").

2 -- KH-L: cig. romeno "*khalô*".

3 — K-R: turco e mongol *kara*; sindhi *kârô*; sanskr. *krchne*; malabar *karoûat*.

4 — KH-R: mongol *khara*; *tehuva* *khora*.

Els ahí um interessante problema que, nesta longa digressão, lançamos para exame dos competentes na materia.

Vamos, por fim, demonstrar que da raiz K-L os povos iranianos (ou eranianos) também usam um derivado com que designam os ciganos.

AFGHÃ e PERSA: *Kauli*, — cigano.

Segundo Rienzi, *kauli* é o nome com que os afghãs designam os ciganos. E segundo Serboianu, os persas também o adoptam para o mesmo fim.

Ao que parece, o radical dessa palavra é o mesmo KAL, de KALO-KALA das linguas indianas e, portanto, da lingua cigana, tendo havido apenas diphthongação de A em AU: KAL-KAUL.

Ora, si isso se confirmar, ahí temos mais uma prova de que os ciganos, ou parte delles, ao saírem da India em direcção ao occidente usavam o nome nacional KALA; e então *kauli* dos afghãs e dos persas representará entre elles uma reminiscencia de tal nome. Posteriormente, os ultimos lhes teriam dado outros nomes que, como KALO (sing. de KALA), significam negro e que são os que já conhecemos: uns tirados da propria lingua persa, como *zanghi* e *siyâh*, sendo este usado em *siyah hindû* (trad. lit. — negro hindú); e outros, segundo presumimos, tirados do turco, como *karatchí* (negro), usado, ou isoladamente ou em *hindû karatchí* (trad. lit. — hindú negro).

* * *

Tendo reunido todos os elementos que conseguimos obter para, num estudo comparativo, provar a origem indiana de "calon", dispô-lo-emos mais tarde num quadro synoptico, pelo qual melhor se apreciará a tenacidade com que nos dialectos ciganos se conservam as principaes palavras herdadas da lingua madre.

Antes, porém, julgamos conveniente fazer um estudo, também comparativo, sobre "calín", fôrma feminina de "calôn" o qual mostrará que mesmo quanto a certos processos morphologicos, aquelles dialectos ainda offerecem uma flagrante analogia.

Tal é o caso da flexão de genero de que vamos tratar.

"CALÍN": FÔRMA FEMININA DE "CALÔN"

No vocabulario que ha em "OS CIGANOS", Mello Moraes, regista:

"CALÍN", cigana.

E na "GERINGONÇA", R. Pederneiras, inclui:

"KALIN" — A cigana (giria cigana).

Eis alguns trechos que se vêem nas obras de M. Moraes e nos quaes apparece a palavra:

Em "OS CIGANOS":

"Pelo que ainda resta, e pela descripção de uma contemporanea CALIN (cigana), restauremos esses quadros do passado. essas pinturas de genero, prestes a desapparecerem, ... etc."

"Neste caso, chamavam uma curandeira — velha CALIN a quem davam o nome de tia — para benzer e rezar suas rezas especificas, ... etc."

"As mulheres CALINS, no infortunio, são sublimes: a sua Fé olha para o infinito e não empalidece; e a sua Esperança, ... etc."

Em "QUADRILHAS DE CIGANOS":

"Quando em transito alguma KALIN (cigana) dá á luz, depois dos cuidados immediatos, a mãe selvagem mette num sacco que lhe pende em testeira ao longo das costas o recém-nascido. ... etc."

"No periodo da escravidão, os pobres escravos soffriam em seu poder (o A. referia-se aos ciganos) torturas inauditas, sendo sem exemplo crudelissimas as KALINS, possuidoras desses infelizes, africanos ou crioulos".

*
* * *

Uma vez conhecida a significação da palavra, estudemô-la agora sob o ponto de vista phonetico e de sua formação.

Phonetica:

Como vemos, M. Moraes grapha indifferentemente "calin" ou "kalin", o que em nada altera a articulação inicial da palavra.

Quanto á terminação **in**, constitúe, ainda aqui, outro exemplo da já conhecida particularidade do dialecto dos ciganos-brasileiros: a **nasalisação das vogaes finaes accentuadas das palavras**.

Quer isto dizer que entre taes ciganos a fórmula primitiva desse feminino deveria ter sido * **calí**, que então corresponderia ás fórmulas não nasalizadas que já conhecemos, como. p. ex., as do cig. hesp. e port. "**callí**" e do cig. romeno "**khali**".

Posteriormente, porém, se deu a referida nasalisação, observando-se assim a mesma alteração que havia transformado o masc. * **caló** em **"calôn"**.

Exemplifiquemos com maior clareza:

	MASC.	FEM.
Cig. romeno	"khaló" , negro (homem)	"khalí" , negra (mulher)
Cig. hesp.	"caló" , gitano	"callí" , gitana
Cig. port.	"caló" , cigana	"callí" , cigana
Cig. bras.	* caló — "calôn" , cigano	* calí — "calín" , cigana

Tendo terminado este **confronto phonetico**, vamos agora dizer alguma coisa sobre a formação do feminino na lingua cigana, tratando principalmente dos femininos terminados em **í**, que são os que aqui nos interessam.

Flexão de genero:

Em geral, na lingua cigana, os nomes terminados em **ó**, fazem o feminino em **í**; é o que vemos em **"khaló** — **"khalí"**, **"caló"** — **"callí"**, etc.

Eis alguns outros exemplos que pomos em confronto com elementos do dialecto **"calôn"**, que encontrámos no pequeno vocabulario organizado por M. Moraes, e pelos quaes verificamos que em tal dialecto a terminação **í**, da lingua geral, se modifica regularmente em **ín**:

	MASC.	FEM.
	Bom	Boa
Cig. romeno	"latchó" , "laxó"	"latchí" , "laxí"
Cig. hesp.	"lachó" (pron. "latchó")	"lachi" (pron. "latchí")
Cig. bras.	* laxó , "laxon"	* laxí , "laxín"
	MASC.	FEM.
Cig. hesp.	"lacró" , criado, moço, servo	"lacrí" , criada, moça, serve
Cig. brasil.	* lacrô , "lacrôn" , rapaz	* lacrí , "lacría" , rapariga.

Aliás, ao que pensamos, **lacró** pôde ser identificado com as seguintes fórmas pertencentes a dialectos do oriente da Europa:

Cig. romeno	"rakhló" , rapaz	"rakhlí" , rapariga, moça, virgem
Cig. turco	"rakló" , rapaz	"raklí" , rapariga

E si quizermos ir além, para provar a origem indiana dessa palavra, cremos que poderemos relacioná-la com o hindustani "lârkâ", rapaz, cujo fem. é "lârki", rapariga; convindo, todavia, notar, desde já, que, do que pudemos averiguar, a terminação ó dos masc. ciganos corresponde, em geral, um â longo do hindustani.

Quanto á significação principal, é clarividente que em todas essas palavras ella é a mesma: rapaz, moço — rapariga, moça.

Pois na verdade, as fórmas do hindust. e do cig. turco, que colhemos em obras escriptas para uso dos inglezes são traduzidas, respectivamente, por "boy" e "girl". E as do cig. romeno, assim são definidas no Vocabulario annexo á obr. de Serboianu:

"RAKHLÓ, pl. RAKHLÉ, sm. — garçon, gars. — (On l'emploie pour désigner les garçons d'autre nationalité)".

"RAKHLÍ, pl. RAKHLIÁ, sf. — fille; jeune fille; vierge. — (On emploie pour désigner les filles d'autre nationalité)".

Entretanto, quanto ás alterações phoneticas, desde que sejam acceitas as nossas hypotheses, havemos de admittir que as fórmas do cig. hesp. e brasileiro estão mais proximas de "lârkâ" que as do cig. turco e romeno. .

Em outros termos: o radical dos primeiros resulta apenas da transposição dos elementos RK de LÂRKâ" em KR: "LAKRÉ — LAKRôn", ao passo que as fórmas do cig. turco "RAKLÓ" e romeno "RAKHLÓ" representam modificações phoneticas mais graves.

Modificações, que, aliás, só poderão ser explicadas por esta complicada evolução: LÂRK — * RALK — RAKL: — RAKLÓ".

Pois bem: já que consideramos todas essas fórmas como cognatas, vamos dispô-as agora num quadro comparativo:

	MASC.	FEM.
Hindust.	"lârkâ"	"lârki"
Cig. hesp.	"lacró"	"lacrí"
Cig. brasil.	* lacró, — "lacrôn"	* lacrí — "lacrín"
Cig. turco	"rakló"	"rakli"
Cig. romeno	"rakhló"	"rakhlí"

E com isto pensamos haver cabalmente provado: a) que, no que diz respeito á flexão de genero, os diversos dialectos ciganos ainda conservam entre si uma flagrante analogia, como, p. ex., com relação aos masc. terminados em ó, que fazem o fem. em í; b) que no dialecto dos "calôns" brasileiros a nasali-

sação desse *í* é de regra, como o *é* a nasalisação do *ó* final; c) que esse *í* característico de muitos femininos ciganos reflecte uma terminação feminina também própria de palavras existentes em dialectos neo-arycos, como, p. ex., no hindustani.

Mesmo no sanskritto muitas palavras terminadas em *í* — *í* são femininas, como, p. ex., “*djaní*”, mulher, esposa, que é o fem. de “*djanas*”, homem, esposo; “*purí*”, cidade, etc.

E vem muito a proposito dizer aqui que nessa lingua o fem. KALI, com a significação de Negra, é, entre os hindús, o nome duma deusa.

Eis como, no Vol. I do “GLOSSARIO”, Dalgado a descreve:

“KALI (sânsc. KĀLI). É a deusa mais popular do hinduismo, chamada, por antonomasia, *devi*, “a deusa”, ou “mahâvedí” “a grande deusa”, e invocada sob vários títulos, indicativos do seu duplo carácter, benigno e feroz, taes como: *Umâ*, “luz”; *Gauri*, “branca”; *Pârvatí*, “montanhosa” (filha do monte); *Bhavaní*, “a mulher de Bhava (epiteto de Xiva)”; *KĀli*, “negra”; *Durga* “inaccessível”; *Bhairaví*, “terrível”.

Dalgado faz seguir sua descripção da deusa KALI de referencias a ella feita por diversos autores, como, p. ex.:

“1906. — No dia seguinte, começava em Maissur a grande festa do Dassará, a mais rica e brilhante que se faz na India, em honra de Darga (Durga), uma das formas de *Kali*, mulher de Siva”. — Hipácio de Brion, *Dois mil leguas*, p. 33”.

“KALI” (proprement *Kali*, la Noire). — Ce nom qui désigne dans les Védas l’une des sept langues de l’Agni, est devenue dans le système brahmanique l’un des noms de *Devi*, l’épouse de Siva, sous sa forme farouche. Comme telle, *Kali* se confond souvent avec *Dourgâ*, autre forme terrible de la même déesse”. — A. Fauche, *La Grande Encyclopédie*”.

Ora, ao nome dessa deusa indiana, evidentemente correspondem não só a fórma fem. do cig. romeno “*khali*”, com a significação primitiva ou original de “negra”, “preta”, como as fórmas “*calli*”, do cig. hesp. e port., e “*calin*”, do cig. brasil., com a significação translata de cigana (mulher da tribu).

Neste caso, perguntamos nós, os ciganos que se passaram para a Europa teriam cultuado, no menos até a um certo tempo, KALI, como divindade indiana?

Não o sabemos porque até este momento nenhuma referencia encontrámos a respeito nos breves estudos que alguns autores têm feito acêrca das tradições religiosas dos ciganos europeus.

Ao menos quanto aos ciganos da Romenia ha, como prova negativa, o caso já conhecido de darem elles a “*khali*”, tanto

a significação original de negra (mulher) como, figuradamente, os sentidos pejorativos de porca, suja, imunda, libertina, os quaes, certo, não podem ser applicados a uma... deusa.

Mas, como já sabemos que outros ciganos europeus, taes como os ibericos e consequentemente os brasileiros que delles descendem, consideram a palavra negra "tão nobre" que a empregam para designar a mulher cigana, — a mulher da raça, não podemos excluir a hypothese de ter havido entre elles um culto a KALI, do qual, como tentaremos demonstrar, ainda ha vagas reminiscencias.

E' possivel mesmo que essa veneração pela côr negra ou escura se extenda a outras tribus da Europa occidental que, como as da peninsula iberica e do Brasil, abraçam a religião catholica.

Pelo menos, parece proval-o o curioso facto de existir na egreja duma localidade franceza uma Santa dos ciganos, á qual se attribue a côr parda e que por elles é visitada annualmente em romarias pomposas.

Eis como Pabanó (obra cit.) descreve as coisas:

"En el fondo de la Camargue (Francia) se alza con aspecto de imponente castillo feudal la iglesia de las Santas, construida por los primeros cristianos de las Galias, y famosa en la literatura contemporánea, porque servió de sepultura idilica a la Mireya de Mistral. En aquella iglesia se reúnen desde tiempo immemorial los gitanos de Francia, de Italia, de parte de España, de Bravante y de otras muchas regiones de Europa. La peregrinación es anual, y su razon es que en la iglesia se encuentra la tumba de Santa de los gitanos, la parda Sara, la sierva de las tres Marías. Allí también eligen los gitanos cada cinco años su terrible rey de Coesre y su reina de Arnac".

"Durante dos dias y una noche los devotos gitanos veneran a su patrona, y cuando se apagan las ultimas velas de la inmensa pirámide de ellas que arman en torno de la sepultura, los congregados llaman a la puerta de hierro, cuya llave conserva el cura. — Acto seguido cada gitano se dirige a su carro o a sua caballería, y por los mismos caminos que trajo se yuelve otra vez a las comarcas donde acostumbra a hacer su vida vagabunda".

"Algunos gitanos españoles concurren habitualmente a esta extraña reunion. Boyen d'Agen los cita; pero debe tratarse de gitanos de Francia de los que merodean por la frontera catalana; porque el gitano español típico se deferencia muchísimo de los individuos de su raza esparcidos por el resto del mundo".

"Mientras el gitano inglés, francés, belga, hungaro o italiano suele permanecer pocas veces quieto en el país que le vió nacer, el español rara vez sale de su patria y aun casi de su región, a no ser contratado en alguna compañía de cante y baile flamenco".

Ainda com referencia a esse facto, vamos transcrever abaixo o ultimo periodo duma noticia intitulada "UM ACONTECIMENTO UNICO NO MUNDO", e que foi publicado no "Diario da Noite" de S. Paulo, em seu numero de 28 de novembro de 1934.

Eil-o:

"O CONGRESSO DE SAINTE MARIE-DE-LA-MER"

E, coisa interessante! Essa raça bronzea, que os francezes chamam de bohemios, são, a seu modo, christãos, na medida em que é possivel conciliar a fé mais intima e subtil com a pratica de um paganismo tenaz.

Nem de outro modo pôde-se explicar — diz o chronista ibero americano Angelo Puga — a grande importância que tem, para o mundo da bohemia errante, o chamado "Congresso annual de ciganos em Sainte Marie-de-la-Mer, junto a Marselha.

E' um acontecimento unico em todo o mundo!

Não se trata de um congresso, no sentido politico ou corrente da palavra; mas de uma reunião, ou concentração, como agora se diz, dos bohemios de varios paizes, principalmente da França, para celebrarem uma ingenua e commovedora festa religiosa, á maneira cigana.

Desde o interior da França ao norte da Hespanha, da Allemanha, Italia e Hungria, centenas de ciganos, acompanhados de mulheres esquelidas e crianças semi-nuas, accorrem annualmente a venerar a Virgem Santa dos christãos... e dos gentios bohemios.

O surpreendente, neste caso, é que não se trata de uma Santa Maria, e sim de duas: as Santas Marias do Mar.

Durante essas festividades bohemias, vêm-se, a massa de pescadores francezes e os ciganos, confundidos no mesmo culto mystico das mais variadas ceremonias.

E é interessante observar que, só nessa occasião sagrada, os ciganos reunidos em Marselha renunciam a seus invenciveis costumes espoliadores.

A cerimonia principal dessa tradicional festa cigana, em territorio francez, consiste numa grande procissão, na qual toma parte o proprio arcebispo de Aix. Nessa occasião, os ciganos, carregando o andor das duas Marias, encaminham-se para a praia, onde, numa barca, os espera o arcebispo de Aix, penetrando mar a dentro, até que as aguas lhes cubram os joelhos.

Terminada a cerimonia da procissão, recolhem-se ás suas barracas, armadas ao ar livre, onde tocam e dançam durante prolongadas horas. E deste modo, harmonizam os ciganos suas almas primitivas, que odeiam as leis e as fronteiras e seu paganismo incorrigivel com a ingenua e commovedora veneração ás Santas Marias do Mar".

Ora, voltando ao nosso assumpto, perguntamos: A designação de parda Sara que esses ciganos europeus dão á sua santa, não representará entre elles uma reminiscencia da deusa KALI, "a negra", que então mentalmente procuram venerar na santa da Igreja Catholica, que existe no Santuario da referida localidade franceza?

E' possível, tanto mais que em materia religiosa é bem conhecida a hypocrisia dos ciganos, que se accomodam a todas as religiões sem que, entretanto, pertençam a nenhuma. Tratando dessa questão, diz Colocci (transcrição feita na "HAMPA", por Salillas):

‘Por commodidade e para não serem molestados ou por conveniencia pessoal, elles se adaptam ao culto do paiz em que vivem, sem intervenção de qualquer parte intima de sua consciencia. Deixam-se baptizar entre os christãos e circuncidar entre os turcos.

Com a mesma astucia contam aos christãos a lenda do menino Jesus e de seus sete annos de perigração, como aos mulsumanos qualquer outra mentira para provar o seu zelo pela religião do Islam.

Na península balkanica se tornam, indifferentemente, segundo os interesses os aconselham, christãos ou mulsumanos.

Talvez o christianismo tivesse sido a primeira religião com que se puzeram em contacto ao entrarem na Europa, si é que se pode chamar religião certas praticas externas, das quaes são os primeiros a rir-se”.

Pabanó, tratando da religião dos ciganos, cita uma opinião expendida a respeito por São Francisco de Salles, nos principios do Sec. XVII. Dizia elle: “Sempre duvidei que os comicos fossem casados, que os sacristães ouvissem missa e que os ciganos fossem christãos”.

Quanto a estes, o bispo saboyano não acreditava no fervor religioso com que os via assistir ás cerimonias do culto catholico na Italia, suspeitando, com razão, que nisso houvesse mais fingimento que verdadeira fé e devoção chistãs.

A mesma coisa se tem observado nos paizes ibericos, nos quaes esses nomades hypocritamente têm abraçado a religião catholica.

Apesar de não ser de nosso escopo tratar desenvolvidamente da questão religiosa entre os ciganos, vamos, não obstante, citar ainda dois casos interessantes e que, embora remotamente, tambem poderão ser tomados como uma pallida lembrança, que entre elles ha da deusa KALI.

Um se passa na Hespanha e outro no Brasil: e ambos offercem muita similitude com o facto já conhecido da parda Sara, a santa dos ciganos.

Num artigo intitulado “LABAREDES ANDALUZAS”, publicado no supplemento literario do “Jornal do Brasil”, de 7 de julho de 1935. Eduardo Dias, descrevendo as pompas religiosas duma sexta-feira santa em Sevilha, dá a entender que os gitanos dessa cidade **consideram gitana** a Virgem de Triana (um bairro por elles habitado).

E' o que vemos num dos trechos de tal noticia e que passamos a transcrever:

"Começa o dia. O barulho cresce. Rufos de tambores e clangores bellos.

— **La Macarena!**

La Virgen de Macarena!

Avança, marcial e arrogante um Christo. Ouve-se uma **saeta**. Quando termina, o andor intenta proseguir a marcha. Avança alguns passos, mas a multidão ulula por **saetas**. O andor recua... **Saeta**. Pretende avançar. Retrocede novamente... Recua e avança constantemente... E então ouve-se, sahida de muitas boccas, applaudida por todos, esta ordem incrível, esta intimação irreverente: — **Baila la carioca!**

O andor dança, recua, avança, pula e vae quedar-se frente ao Sr. Alcaide...

A face de Christo recebe o primeiro beijo do sol, que parece adoçar-lhe a expressão de amargura...

*

* *

Passa a de Triana, já sol nado. A Plaza encheu-se de novo com os seus partidarios, na maioria ciganos. A vozeria, os **olé**s, as palmas, assustam um bando de pombas que fogem espavoridas, num tataral ruidoso. Sobre o telhado do Banco de Espanha, antes pejado, só ha agora, como um corvo solitario, o bicornio de um **guardia civil**. Em baixo, um ébrio, com uma perna de pau, estatela-se, ergue-se comicamente e rugé: — **Yo quiero unir la gitana**

E eu corro tambem para ver a **gitana**, a Virgem de Triana, passar a ponte e visitar os presos.

Na ponte, dominando o Guadalquivir, a Virgem pára horas a ouvir **saetas**. De quando em vez, ha pedidos de dança, e Ella dansa... Depois, imprecções, e a Virgem, cheia de reflexos de azul e oiro, sorri, abengõa...

Lá vai, enfim, até o **carcel**. Um cacho humano espreita e parece despedaçar as grades da prisão. Os **balcões** fronteiros inteiramente plenos. Na rua, ninguém pôde esboçar um movimento.

De uma das grades, um rosto bronzeado de cigana, olhos rasos dagua, labios frementes, tendões e veias dilatadas, numa voz melodiosa, em que ha travos de fel e unção dulcissima, lança a **saeta** aggressiva:

A las rejas de la carcel

Nô me vengas a llorar,

Ya que no me quitas penas,

No me las vengas a dar!

Mas do **balcão** fronteiro, decidida e vibrante, surge a defensora da Virgem, que a consola em pittoresco **argot** sevilhano:

Llora, llora maresita,

tu amor fué crucificado,

tu hijo con su sangresita,

lavará nuestros pecados.

E numa explosão de dôr e de triumpho, num trillo intermittente como uma fleira de soluços: — **Perdona a los que lloran !...**”.

Passemos agora ao Brasil:

Na parte III d’“OS CIGANOS”, M. Moraes fala-nos duma estalagem, pertencente a ciganos, que pelo meado do sec. XIX existia no Rio de Janeiro e que era, então “o **rendez-vous** da élite dinheirosa, o sitio classico de seifs folguedos, de seus **brodios** ruidosos”.

E a respeito diz:

“O proprietario ou arrendatario do terreno e edificações chamava-se José Joaquim Lopes, velho e estimado **chefe**, de reconhecida probidade e honradez. Sua mulher, D. Ignacia de Sant’Anna, corre na lenda como um typo acabado de belleza e virtudes.

No dia da santa de seu nome (Sant’Anna), a quem os ciganos **chris**marãm de “Cigana Velha”, era curioso de ver-se os ranchos que para alli se dirigiam, com suas vestimentas fantasiosas, com seus ornamentos **bizarros**”.

Em seguida o autor faz uma longa descripção das ceremonias religiosas e das festas de caracter intimo com que os “**calôns**” commemoravam o dia da santa de sua predilecção.

Assim, entre outras referencias ás suas dansas e cantigas, ha as seguintes:

“E, lesto, um rapagão de fôrmas athleticas pula no meio da sala e canta:

Sobre mim raios despeje
O céu que nos ouve agora,
Se sobre a minha vontade
Não tens mando a toda hora.

Terminando o verso, quebra o corpo, abaixa-se, ergue-se, puxa a fleira diante de uma moça que levanta-se. Rodam duas vezes, páram de frente um de outro, afastam-se, approximam-se, recuam sapateando, saltando, dansando, cantando:

Nossa Senhora da Gloria
Tem grande merecimento
Mas a Senhora Sant’Anna
Trago mais no pensamento
E’ lá... lá... lá...
E’ lá... e lá...

As dansas fervem no rodopio, o sapateado é mais celere e doces cantigas cantam á porfia”.

Ora, recapitulando, vemos que os ciganos, não tendo uma religião própria, acceitaram, nos tres paizes catholicos de que tratamos, como suas protectoras ou padroeiras, santas da Egreja Romana. Tudo, porém, leva-nos a crer que o fizeram com certas restricções, pois a Santa Maria de La Camargue, a Virgem de Triana e a Sant'Anna do Rio de Janeiro foram, si permitem a expressão, ciganizadas, tanto que entre elles passaram, por antonomasia, a ser, respectivamente, a Parda Sara, La gitana e a Cigana Velha...

Dir-se-ia, pois, que, embora sob a capa dum falso catholicismo, queriam reviver a memoria do culto da deusa KALI...

E si, para terminiar, puzermos em confronto a concepção religiosa dos gitanos de Sevilha e a dos "calôns" do Rio de Janeiro, veremos que ella é entre elles exactamente a mesma.

Assim, ao passo que nós não distinguimos ou não devemos distinguir maior ou menor poder entre as santas da Egreja Catholica, em Sevilha os ciganos mostram uma grande predilecção pela Virgem de Triana (la gitana) em detrimento de La Macarena (a Virgem doutro bairro da cidade); e para os do Rio de Janeiro, a julgar-mos pelo conteudo do verso atraz transcrito. — Nossa Senhora da Glória tem grande merecimento, mas a Senhora Sant'Anna (a Cigana Velha), lhes está mais em pensamento...

Entretanto, curioso é notar que quando as santas predilectas não attendem aos pedidos ou ás promessas dos ciganos, ellas deixam de ser ciganas e então passam a ser por elles injuriadas e insultadas.

Tal é o caso da gitana que das grades da prisão de Sevilha, repelliu, entre imprecações,, a visita da Virgem de Triana porque esta lhe não havia "quitado las penas".

Quanto aos ciganos brasileiros, a deduzir-se do que a respeito nos conta M. Moraes, a coisa vai muito além.

Em "Quadrilhas de Ciganos", p. ex., tratando das idéas religiosas desses nomades, diz esse autor:

"Tendo algum contratempo da sorte ou prevendo imminente revez, os ciganos do Egypto enfeitavam de abundantes lacinhos de fita as imagens de sua invocação, cercavam-n'as de moedas de ouro, suspendiam-n'as a provisórios altares, constantemente illuminados á vela de cêra.

De conformidade com as promessas, evitando desavenças entre potenciaes celestes, fazendo simultaneos rapa-pés, os brodios se iniciavam, á chimbrle (aguardente) que os aquecia, e, aos fandangos, aos sapateados, quadras louvaminheiras improvisavam-se, á porfia, acompanhadas á viola que plangia nos intervalos da dança...

.....

"No caso negativo, porém, si o milagre não se realizava, os pobres santos soffriam desacatos tremendos: eram despojados de seus adornos, cuspiam-lhes na cara, quebravam-n'os blaphesmando, ou então, sem injurias, sem violencias, apenas despidos das suas galanterias do momento, os atiravam a um canto da casa, até que inesperada occasião se deparasse a novas promessas aos mesmos patronos".

Isto tudo, que procurámos relacionar, anda que remotamente, com o culto da deusa KALI, se refere unicamente aos ciganos que, penetrando no mundo occidental, tiveram de se adaptar ainda que imperfeitamente, ás varias civilizações que nelle se desenvolveram.

Quanto aos do oriente, Rienzi pretende ter encontrado vestigios de tal culto entre os ciganos que em seu tempo haveria na ilha de Bornéo ou Kalemantan e que ahi eram chamados biadjaks, isto é, piratas.

Eis como, em seu Dictionario Geographico, elle trata dos referidos ciganos:

"Les Biadjaks-Tzengaris de la côte N. E. de l'île de Kalémantan sont établis sur des barques près de l'embouchure des rivières, et fournissent du riz, des oiseaux, du poisson et autres provisions aux navires étrangers en ayant soin de les rançonner tant qu'ils peuvent".

.....
"Les divinités des Biadjaks-Tzengaris portent le nom de **Dioutas**, ainsi que celles des **Dayas** (principale nation de Kalémantan) se que rappelle le brahmânisme. Leurs rites sanguinaires paraissent être une imitation de ceux de la déesse **Kali**, à laquelle les **Bhindewas**, dans l'Inde, offrent clandestinement des sacrifices humains".

*
* *
*

Ao tratarmos aqui do nome da deusa KALI para juntal-o como cognato, aos innumerados elementos já citados e que derivam da raiz indiana K—L, reconhecemos que ultrapassámos os limites destes subsidios linguisticos para, em longos commentarios, tratar de questões muito differentes e que sem duvida melhor seriam explanadas em estudos especiaes relativos aos caracteres religiosos dos ciganos.

Fizemol-o, porém, muito de proposito, visto que tivemos por principal escopo fornecer alguns dados aos que queiram se aprofundar no assumpto.

E agora, voltando ao exame das fórmas femininas ciganas a que corresponde o cig. brasil. "calín", vamos nellas incluir, para

finalizar, a palavra **calona**, que, embora pertença á giria portugueza, tem, como vamos vêr, origem cigana.

*
* *
*

Tratando, em sua obr. cit., das relações do cigano com o calão (empregado aqui como synonymo de giria), A. Coelho menciona como pertencente ao ultimo, a palavra **calona**, sobre a qual diz: "mulher desprezível; propriamente cigana. De **calão**, cigano. Vid. **calão**".

Na 4.^a ed. de seu dicionario, C. de Fig. tambem regista a palavra como pertencente á giria portugueza e com a mesma significação dada por A. Coelho.

Evidentemente, a formação desse feminino de calão (com a significação primitiva de cigano), mediante a adaptação do suffixo portuguez **ona** ao radical cigano **CAL**, se deu sob a influencia analogica exercida por outros femininos existentes na lingua, que são formados com o mesmo suffixo e que tambem correspondem a masculinos terminados em **ão**.

Para exemplificação, citaremos os seguintes: — ladrão — ladrona, burl., o mesmo que ladra; valentão — valentona; sabichão — sabichona; toleirão — toleirona; — trapalhão — trapalhona; mocetão — mocetona; mulherão — mulherona. E assim, de calão — calona (1).

Como vemos, na maioria, esses casos de flexão generica de **ão** (masc.) em **ona** (fem.) comprehendem a augmentativos empregados em sentido ironico ou pejorativo, o que, todavia, como bem se comprehende, em nada prejudica a nossa comparação, que é toda de ordem morphologica.

Tendo, pois, obtido no vocabulario da giria portugueza mais esse termo, cuja origem remota está na raiz indiana **K—L**, resolvemos incluil-o tambem no quadro comparativo que se vê em seguida e no qual estão systematicamente dispostas todas as palavras que derivam de tal raiz e que até aqui foram por nós citadas.

Como já sabemos, dessas palavras, umas pertencem a linguas indianas, outras a dialectos ciganos e outras, enfim, representam elementos de origem cigana que penetraram em diversas linguas européas faladas em paizes onde os ciganos conseguiram tomar pé ou têm vivido em numero mais ou menos apreciavel.

(1) Como veremos mais tarde, os ciganos brasileiros formaram de "**gajão**" um feminino **gajona**; flexão esta em tudo comparavel á que na giria portugueza tirou de calão o fem. **calona**.

Aliás, essa alteração de **m** final em **n** já se havia dado nos dialectos da península iberica, como o attesta a fôrma “**ron**”, do cig. port. e que tem a mesma significação de “**rom**”.

Conforme vimos, no gitano ha, além de “**rom**”, as fôrmas cognatas: “**romá**”, derivada, como a primeira, do radical **ROM**; e “**ró**” e “**ro**” que, visivelmente, são reduções de “**rom**”.

Uma vez feitos esses confrontos de ordem semantica e phonetica, passaremos á nossa questão principal, que é provar que “**ron**” do cig. brasil., e, implicitamente, todas as fôrmas a que elle corresponde e que pertencem aos dialectos ciganos atraz citados, têm por base um dos nomes nacionaes dos ciganos da Europa.

*

* *

Os ciganos ibericos (e tambem os brasileiros) tiram, como já sabemos, o seu nome nacional da raiz **K-L**, de origem averiguadamente indiana.

Entretanto, a maior parte dos ciganos da Europa tira tal nome duma raiz **R-M**, sobre cuja origem ainda ha, como vamos ver, muitas duvidas e discussões.

VACILLAÇÃO EM TORNO DA ORIGEM DA PALAVRA “ROM”

Tratando da origem dos ciganos, na parte intitulada “**Psicología Gitanesca**”, que é uma das divisões da “**HAMPA**”, Salillas fala dos diversos systemas de investigação que se têm applicado para descobrir a origem mysteriosa desses nomades e inclui entre elles o systema de nomes ethnicos.

E então diz:

“**ROM** es el nombre que se dicen y se dan siempre los zingaros, donde quiera que se encuentren y á cualquier grupo ó familia que pertenezcan. **Rom** denota el pueblo, y significa principalmente hombre por excellencia, por antonomasia. Paspati lo deriva de la voz **Romero**, expresiva de la incesante peregrinación, habiendo propuesto antes la derivación de **Rama**, una de las incarnaciones de la trimurti india.

Micklosich lo hace derivar del **doma** ó **domba** persa, que significa músico popular. La aplicación historica consiste en decir que en Alto Egipto y en el Mar Rojo existe el recuerdo de un pueblo **Rom**, leyenda que no ha sido históricamente confirmada.”

Na Introduction á sua obra “**LES TSIGANES**”, Serboianu referindo-se ás hypotheses que ha sobre o verdadeiro nome dos ciganos, assim commenta as coisas:

*Naturellement, le vrai nom des Tsiganes, ne peut être que celui qu'ils se donnent entre eux jusqu'aujourd'hui.

Tous les Tsiganes du monde se disent entre eux "rom" ce qui signifie dans leur langue "homme" et ils désignent seulement ainsi les Tsiganes, tous les autres hommes sont: "manoush, genré, gagé".

Les femmes tsiganes sont les "romnéa" en opposition avec les autres femmes, qui sont les "gagéa".

E numa anotação relativa á origem da palavra "rom", diz Serboianu:

"Paspati propose le sanscrit Rama — noir, blanc, beau; nom commun aux trois incarnations de Vishnu ou Parasurana".

Borrow (obr. cit.) depois de tratar dos diversos nomes com que os ciganos são conhecidos em diversos paizes, termina com as seguintes considerações:

"Pero, generalmente, se llaman a sí propios y al idioma que hablan *rommany*. Este vocablo, de que he de decir más posteriormente, es de origen sánscrito, y significa Los Maridos, o lo que está bajo su potestad."

Tal denominación, sea qualquiera el motivo que la origine, es acaso más aplicable, que a otra alguna, a la secta o casta de los gitanos, que no tienen amor ni afecto más allá de su propia raza, que son capaces de hacer grandes sacrificios unos por otros y depredan gustosos al resto de la especie humana, a quien detestan, y por quien son, a su vez, odiados y depreciados. Quizás no estará de más hacer notar aquí que no hay razón para suponer que la palabra Roma o Rommany se deriva del vocablo árabe equivalente a Grecia o Griegos, como han imaginado algunas personas poco conocedoras del idioma de la raza gitana." (1)

(1) Borrow não indica o vocabulo arabe a que se refere e que equivale a "Grecia o Griegos"

Entretanto, graças a alguns conhecimentos que temos da lingua arabe, podemos esclarecer que tal vocabulo é "rûm" ou "rûmiy", que significa: a) romano (do Baixo Imperio); b) grego de Byzancio. Esse nome ethnico tem por etymo a palavra Roma, que em arabe tomou a forma "Rûma", devido a alteração do radical ROM em RUM.

Quanto á impropriedade dessa designação dada aos gregos, explica-se com o facto dos arabes haverem considerado, ao menos num certo tempo, como sendo romanas as populações do Imperio Romano do Oriente, embora ellas pertenceassem a elementos ethnicos muito differentes entre si.

E tanto assim é que até hoje elles dão a Grecia o nome de "bilâd ar-rûm", que se traduz por paiz dos Romanos.

Nesse caso, havemos de concordar com Borrow, quando elle diz que não ha razão para suppôr-se que "ROM" ou "ROMMANY", um dos nomes nacionaes dos ciganos, tenha sua origem em "rûm", nome que, embora impropriamente, os arabes dão aos gregos.

Pabáno (obr. cit.) também opina pela origem indiana da palavra, tanto que em sua obra já citada, diz:

"En sânscrito se les dió el nombre de *rom* ou *rommany*, que quiere decir marido o cabeza de familia."

Visto que se relaciona com o caso, convem transcrever aqui uma opinião de Vaillant sobre a origem dos "Rômes", a qual está registada por Serboianu, na *Introduction* a "LES TSIGANES", e é a seguinte:

"Vaillant, sous le charme de tant de légendes et d'hypothèses émises par ses devanciers, arrive à faire partager sa conviction sur la patrie et l'origine des Tsiganes, en disant: Il n'en faut donc plus douter, les Rômes sont Phéniciens et les Phéniciens sont les *Romni* de l'Inde, qui, longtemps *Pélasges* ou *Pelestes*, c'est-à-dire maîtres de la terre qu'ils couraient en tous sens, se sont enfin, fixés sur les côtes de la mer Rouge et le Méditerranée dont ils se sont fait la lumière, le phare, le fanal".

Entretanto, alguns ciganologos, contestando que o etymo de ROM ou ROMA esteja na lingua persa ou em qualquer lingua da India, aventam uma outra hypothese para explicar a verdadeira origem dessa palavra.

Assim, apoiando-se no facto de apenas os ciganos da Europa terem adoptado a designação de ROM, visto que esta é desconhecida dos ciganos extra-europeus (asiaticos e africanos), querem os referidos ciganologos que os primeiros tiraram tal designação do radical de origem latina ROM, isto é, do radical de ROMA, nome da cidade eterna e que, como sabemos, na península balkanica é a base de formação de muitos nomes de paizes, regiões, povos e até de linguas nella faladas.

Exemplifiquemos: *Romania*, designação que teve, no Imperio Romano do Oriente, os territorios colonizados e romanizados pelos conquistadores romanos; *Romenia* (tambem grafado, impropriamente, *Rumenia* e *Rumania*), nome do importante e conhecido paiz latino do oriente europeu; *Rumelia* (mo-

E' preciso, porém, que se busque em outras fontes o etymo do nome cigano.

Apesar de não aproveitarem directamente ao nosso estudo, julgamos conveniente juntar aqui os esclarecimentos que se seguem e que se referem a um outro nome que os arabes dão aos gregos e que entre elles talvez tenha prioridade sobre "rum".

E' "yûnân" ou "yûnâniy", que evidentemente deriva da propria palavra grega "Iônios". Isto é, jonio (lat. "Ionius"), habitante da Jônia (em gr. "Ionia", — lat. "Ionia").

E assim, dão á Grecia o nome de "bilâd al-yunân", cuja traducção é *paiz dos Jonios*.

dificação do rad. ROM em RUM), em turco Rum-ili, (1) isto é, paiz dos Romanos; rhōmaïos", nome ethnico que entre os gregos corresponde a romano, mas que se usa tambem para designar os proprios gregos, sendo, portanto, synonymo de "Hellen") (helleno); rhomaikós ou romaikós, (1) romaico (ital, "romaico", fr. "romainque", ingl. "romaic", romeno "romaic", etc.) denominação dada ao grego moderno (lingua), em opposição a tâ helleniká, que é a designação que se dá ao grego antigo; român, romeno (subs. e adj.), natural da Romenia; limba româna, a lingua romena, etc.

(1) Os turcos do sec. XV, certamente seguindo o exemplo dos arabes que erroneamente consideravam como romanos as diversas populações do Imperio Grego (V. annotação feita numa das paginas anteriores), tambem deram o nome de romanos aos povos por elles conquistados na peninsula balcanica.

E dahi o facto de chamarem, em sua lingua, "Rum-ili", isto é, paiz dos Romanos, a região que conhecemos pelo nome de Rumelia e que comprehende os territorios da antiga Thracia e Macedonia.

Tambem se attribue ao mesmo facto, o apparecimento do nome ethnico "rhōmaïos" ou "rōmeos" (em gr. mod.), com que os gregos são conhecidos e que tem por base o radical ROM de ROMA; e ainda a designação de "rhomaikós" ou "romekós" (em gr. mod.) que se dá á lingua grega moderna.

Entretanto, curioso é notar que com o decorrer dos tempos os turcos da Europa tambem foram tomados como romanos, visto que em certos paizes da Asia foram designados por palavras derivadas de RUM. Tal é o caso da palavra rume, que Dalgado, no "GLOSSARIO", assim define:

"RUME, Turco, em geral no Oriente. Do hindust.-persa-arabe "rûmî", de Rûm, "Turquia" (incluindo a Grecia e a Asia Menor). Nos antigos livros orientais emprega-se o termo, conforme Yule, por "europeu", sendo posteriormente suplantado por farangul ou frangi "franco". Pela queda do império romano, continuou-se a applicar á parte que caiu no poder dos turcos."

Ampliando a sua definição, o A. faz diversas citações nas quaes apparece, ás vezes, a variante Rûmî.

Elas:

— "1333 — "Os Turcos são da provincia de Natolia (que antes se dizia Asia Menor) e os Rumex erão os de Constantinopla e do seu imperio" — Garcia da Orta, Col. II. — "Este nome (Rumex) teve um destino singular. Os primeiros mussulmanos deram em geral o nome de Rumi aos christãos. Por isso que estavam principalmente em contacto com os subditos do Imperio romano do Oriente, e, quando mais tarde distinguiram com o nome de Frangi o christãos do Occidente, conservaram o de Rûmî aos gregos e outros byzantinos. Vindo os turcos a occupar as provincias orientaes d'aquelle imperio, passou para elles o nome de Rûmî." — Conde de Picalho."

— "1602. — Os Rumex são todos aquelles naturaes da provincia de Tracia e daquelle parte de Constantinopla, que se chamou "Romania" — Diogo do Couto, Déc. IV, VIII, 9."

— "1720. He o nome geral, que os povos de Levante dão os Turcos como de Franques, que os mouros dão aos Europeus", — Bluteau."

Nesse caso, os ciganos que se estabeleceram nos territorios do Imperio do Oriente, principalmente na região outrora conhecida pela designação de **Romania**, tambem teriam, segundo a referida hypothese, adoptado, como nome nacional, um derivado de ROMA, isto é. "ROM" a que deram, de accôrdo com o genio de sua lingua, o plural "ROMÁ" (cfr. "KALÓ", pl. KALÁ"), com a significação já conhecida de — Os homens, os varões, os maridos, referindo-se especialmente aos homens da raça cigana.

E assim, enfatuada e vaidosamente, teriam elles procurado se identificar com as populações greco-romanas com que se puzeram em contacto...

Pois bem: sem discutirmos, por agora, a questão de origem desse nome nacional dos ciganos, passaremos a demonstrar que seu uso, longe de se restringir ás tribus que estanciaram na península balkanica, foi adoptado pelos componentes de muitos dos bandos que se deslocaram para o occidente da Europa e se estabeleceram, mais ou menos demoradamente, em diversos paizes.

Como é natural, na exemplificação incluiremos os derivados de ROM, que tambem são empregados para designar, collectivamente, "Os ciganos" ou, individualmente, "o homem da raça cigana".

CIGANOS DA TURQUIA:

"RÔM", cigano, o cigano, pl.: "ROMA", os Ciganos.

CIGANOS DA ROMENIA:

"RÔM", cigano, pl. "RÔM" e "ROMA", os Ciganos. Derivado: "ROMANÓ", adj., — cigano.

"1906. — Rume — Os turcos do imperio ottomano. Rûmî, de Rume, Roma, o imperio romano do Oriente. Mercenarios turcos, renegados levantinos e italianos, eram mandados contra nós das partes do Soldão do Egypto, e com elles combatemos nos muros de Diu" — Alberto O. de Castro, *a Cinza dos Myrtos*, p. 193."

Ora, si acerescentarmos a tudo isso o facto dos egypcios usarem a pal. "rûm" para designar os christãos e os europeus em geral e dos proprios turcos a empregarem para designar os gregos, veremos que esse reflexo do nome de ROMA adquiriu nos paizes orientaes as mais variadas e confusas accepções.

Confusão essa que ainda mais augmenta com a circumstancia dos syrios terem adoptado a formação turca "Rûm-Illy" como nome, não só da Rumelia como de toda a Turquia da Europa; e aos persas modernos darem á Turquia a designação de "mulk i Rûm", que, literalmente, significa Imperio dos Romanos:

Diremos, por fim, que os turcos dão ao "romaikós" ou grego moderno (lingua) o nome de "rumdja".

CIGANOS DA INGLATERRA:

"ROMAN", cigano; "ROMMANY", cigano, — os ciganos.

Como vimos na "Introdução geral". Borrow accelta "ROMA" como nome nacional dos ciganos, tanto que, falando das analogias que ha entre os dialectos neo-hindús e o sanskritto, diz que ellas igualmente se notam "no rommany ou linguagem dos Roma ou Zincali, conforme elles proprios se chamam, etc."

Entretanto, no periodo que atraz transcrevemos, quando tratámos da origem da palavra "ROM", elle proprio dá á nacionalidade o mesmo nome que dá á lingua, isto é, ROMMANY, e tanto assim é que diz: "Pero, geralmente, se llaman a si propios e al idioma que hablan rommany".

Ora, apesar de em todo o decorrer de "LOS ZINCALI", ROM e ROMMANY, apparecem como nome geral da nação dos ciganos, observa-se que Borrow emprega, restrictamente, a ultima fórma como sendo o nome com que os ciganos inglezes designam a si mesmos.

E, a julgarmos por um dialogo entretido por elle e o chefe dum acampamento de ciganos chamado Petulengro, vemos que taes ciganos fazem e a tambem da fórma "ROMAN", que, evidentemente, é, como "ROMMANY", um derivado de "ROM".

E' o caso que Borrow tendo ido a tal acampamento em companhia dum judeu da Fez, quiz fazer com que este passasse por cigano e então apresentando-o a Petulengro, disse a este: Certamente sois irmãos. Immediatamente, porém, o cigano, passando uma das mãos pelo rosto do judeu e após fixal-o demoradamente, disse: "Não somos" "dui palor" (dois irmãos); este homem não é "roman" (cigano). Creio que é judeu, pois de judeu é a sua cara. Além disso, si fosse "rom" (cigano), mesmo de Jerichó, poderia "rokra" (dizer) algumas palavras em "rommany" (lingua cigana)" (1).

CIGANOS DA FRANÇA:

"ROMANICHEL", "ROMANITCHEL", "ROMAMICHEL".

Diversos dictionarios do "argot" que temos consultado registam essas palavras como variantes dum mesmo nome que os ciganos francezes adoptam para designar a si mesmos.

Assim, no "SUPPLÉMENT AU DICTIONNAIRE D'ARGOT FIN — DE SIÈCLE", por Ch. Virmaître, encontrámos:

"ROMANICHEL9": Bohémiens nomades qui parcourent la France, ayant por profession apparente de racommoder les paniers, d'étamer les casseroles ou de prédire la bonne aventure, mais dont la profession réelle est de voler.

Ils viennent du fond de la Hongrie (Argot des voleurs)".

1) Com o dialogo a que nos referimos e que, abreviadamente, tirámos do Prefacio da 2.a edição de "LOS ZINCALI", Borrow quiz certificar-se de modo cabal de que não havia a menor relação, de raza e lingua, entre os ciganos e os judeus, afim de refutar os que o censuravam por não estabelecer tal relação, que, aliás, é de todo absurda.

No "DICTIONNAIRE HISTORIQUE D'ARGOT", de Lorédan Larchey (10.^a ed., Paris, 1888):

"ROMAMICHEL, ROMANICHEL, ROMANITCHEL: Voleur de race bohémienne. De **Romanf**, que veut dire en argot espagnol **gitano**, **bohémien**. — Ils exploitent l'Europe entière sous les allures de marchands forains. Ils se marient entre eux, voyagent constamment sans être réunis en apparence. Leurs femmes, coiffées généralement de madras, vont de porte en porte offrir de la toile et des mouchoirs, elles étudient les lieux et prêtent assistance à leurs complices en cas d'arrestations" (Canler). — Ils en dorment souvent leur victimes en mêlant du **datura stramonium** à leur boisson. De là le nom d'endormeur qui leur est aussi donné".

Na obra intitulada "L'ARGOT ANCIEN" (1455-1850), por Lazare Sainéan (Paris, 1907). Parte em que o A. trata dos elementos não romanicos que penetraram no "argot":

"ROMANITCHEL, bohémien français, diseur de bonne aventure et voleur par occasion (du boh. **romanitcheh**, fils de bohémien), à côté de **romanf**, forain bohémien (Bruand), et **romanigo**, voleur bohémien (Coffignon, 87, dans Larchey, Supp.), du boh. **romanf**, langue des bohémiens (ils s'appellent eux mêmes rom). Ajoutons: **romagnol**, **romagnon**, trésor caché (Vidocq), mot qui dérive du même nom et qui fait allusion au pouvoir magique des bohémiens (cf. Berry **embohemer**, ensorceler, tromper)".

Diremos, por fim, que Albert Dauzat, tratando, em seu trabalho "LES ARGOTS" (Paris, 1929) dos elementos de origem cigana que penetraram no "argot" dos malfeteiros francezes, acha que a importancia de taes elementos tem sido exagerada por muitos autores. E então diz a respeito:

"On ne peut citer que quelques mots d'un emploi limité (quant aux milieux) comme **berge**, anné, **cribener**, voler à la carre; **surlin** ou **chourlin**, couteau, est le seul qui ait connu le succès, avec **romanitcheh**, bohémien, qui n'est pas spécialement un mot de malfaiteur. Ce dernier est intéressant, car il vient d'un mot tzigane mal compris: les Tsiganes s'appellent eux-mêmes rom; **romanf** désigne leur langage, — et **romanitcheh** signifie fils de bohémien".

Ora, tomando-se em conjunto os commentarios feitos por esses dicionaristas e philologos, acerca do nome com que os ciganos francezes se designam, deduzimos:

a) que elles relacionam tal nome com "ROMANI" que, segundo Lorédan, significa, no argot hespanhol, "gitano", "bohémien", isto é, cigano (homem), e que, segundo Sainéan e Dauzat, é o nome que os ciganos dão á sua lingua;

b) que reconhecem (Sainéan e Dauzat), que "ROMANI" deriva de "ROM", nome com que os ciganos em geral dão á si mesmos.

Resta, pois, explicar a origem do elemento "chel", "tchel", que se tendo agglutinado a "ROMANI", deu as fórmãs "ROMANIchel", "ROMANItchel".

Como vimos, para Sainéan e Dauzat a sua significação na propria lingua cigana é filho, tanto que elles traduzem "romani-tchel" por "fils de bohémien", filho de cigano.

Realmente, em alguns dialectos ciganos encontrámos, com a significação de filho (e tambem com as de rapaz, moço, joven, etc.) algumas fórmãs, cujos elementos radicaes TCH e CH visivelmente se relacionam com os de "tchel", "chel". Taes são, p. ex.:

Cig. romeno "tchaó", ou "chaó", e cig. hesp. "chabó" (pronuncia-se tchabó), rapaz, moço, filho; cig. port. "chaborron" e "chaborrilho", menino, filho; cig. brasil. "chavôn", filho.

Entretanto, Borrow (obr. cit.), depois de dizer que os ciganos hespanhoes têm, para designar a si proprios e á sua raça, tres palavras, que são "ZINCALÓ", "ROMANÓ" e "CHAI", pretende que esta ultima é uma modificação da palavra "CHAL" que os ciganos da Extremadura dão ao Egypto.

Eis como elle fundamenta a sua opinião a respeito:

"Chai es una modificación de la palabra chal que los gitanos de Extremadura aplican a Egipto y que en muchas partes de España equivale a Cielo y es, quizás, una modificación de Cheres la palabra que en otros dialectos del lenguaje gitano hay por cielo. Así Chai puede denotar Los hombres de Egipto o Los hijos del Cielo. Debe, empero, hacerse notar que entre gitanos, la palabra Chai no tiene, frecuentemente, otra significación que la de singular de hijos o de mozos".

Ainda com relação á questão, diz elle, num outro ponto de sua obra:

"Los gitanos de Extremadura se dan, en general, el nombre de Chai o Chabós, y dicen que su país es de origen Chal o Egipto. Con frecuencia los pregunté qué razones tenían para llamarse egipcios, y si recordaban los nombres de algunos lugares en su supuesta tierra patria, pero no tardé en descubrir que, al igual de sus hermanos de otras partes del mundo, eran incapaces de dar cuenta racional de sí, y no guardaban memorias de los lugares por donde sus padres habian perigrinado; su idioma, no obstante, en gran parte declara el enigma pues siendo Indo el núcleo principal, denota que la India, es la cuna de la raza, mientras que los abundantes vocablos persas, esclavones y griegos modernos mezclados con él, dicen claramente por qué países anduvo ese pueblo singular antes de su llegada a España.

Ora, falando das perseguições que os ciganos soffreram na Inglaterra e dos dias relativamente felizes que elles tiveram depois que ellas cessaram, Borrow os designa por "Rommany

Chals", em vez de usar, laconicamente, de designação de "**Rommany**", que é a que apparece em todo o decorrer de seu trabalho.

E' o que vemos no seguinte trecho:

"Sf; fueron aquellos tiempos excellentes para los **Rommany chals**, y muy a menudo vuelven hacia ellos los ojos de los viejos, suspirando: los pobres gitanos, dicen, podían entonces sove abri (**dormir a raso**) donde querian, calentar sus calderos al pie de los robles, y nadie rehusaba a la pobre gente al uso de un prado, durante una noche, para dar de comer al ganado".

E visto que "**rommany chal**", por seus elementos phoneticos, muito se approxima de "**romanitchel**" ou "**romanichel**", fórma dos ciganos francezes, esse facto dá ensejo para fazermos alguns commentarios, nos quaes, não só analysaremos a opinião expendida por Borrow sobre a origem de "**chal**", como trataremos a lume a idéa que Rienzi faz sobre tal origem

Realmente "**Chal**" é o nome que os gitanos dão ao Egypto.

Estranho, porém, é que essa palavra, após ter-se alterado, phoneticamente, em "**Chai**", viesse, como quer Borrow, a ser adoptada pelos mesmos gitanos como um de seus nomes nacionaes e com a significação de **Os homens do Egypto**.

Trata-se, como bem se comprehende, duma transferencia de sentido de difficil explicação.

Além disso, elle proprio observa que entre os gitanos "**Chai**" "no tiene, frecuentemente, otra significacion que la de singular de hijos o de mozos".

Entretanto, no vocabulario que ha em "**OS CIGANOS DE PORTUGAL**", A. Coelho regista a palavra "**CHAI**", dizendo que, segundo Borrow, ella, entre os cigs.hesps., significa "**Children, fellows, Gypsies**", isto é, meninos; companheiros ou camaradas; ciganos.

Consultando, porém, os vocabularios do gitano que temos á mão, verificamos que, em todos elles, a palavra "**chai**", em vez de ser um subs. m. pl. com as significações que lhe dá esse notavel ciganologo, é um subs. fem. s., com as signifições de **menina, mocinha** (cfr. o cig. romeno "**tcheái**", "**tchei**" ou "**chei**", filha, menina, rapariga; virgem, donzella).

Este caso vem, por certo, ainda mais complicar a origem que Borrow pretende dar a "**chai**", como sendo uma modificação phonetica de "**Chal**". Egypto.

Realmente, como justificar-se a evolução semantica que transferiu o sentido dum nome proprio de paiz (Egypto) para um nome commum, que então adquiriu os significados de filhos,

moços, meninos, camaradas e, por fim, os de Ciganos, — os homens do Egypto?

Isto sem falarmos da significação de menina, mocinha, etc. que "chai" tem entre os ciganos hespanhoes e que, aliás, parece ser a verdadeira porque tem correspondentes phoneticos e semanticos em outros dialectos ciganos da Europa.

Recapitulando, vemos que, embora seja possível identificar-se, phoneticamente, os elementos finaes tchel, chel, das fórmas francezas, com chal, da ingleza, e ainda com chai, fórma isolada usada pelos gitanos, difficil se torna relacional-os quanto á idéa, visto que nas primeiras tal elemento é traduzido por filho ("romanitchel", "romanichel" — filho de cigano), na segunda elle deverá ser traduzido por Egypto ("rommany chal", por "rommany Chal" — cigano do Egpto) e, finalmente, a terceira significa, segundo Borrow, os homens do Egypto ou os filhos do Céu!

Pois bem: como que para augmentar essa confusão, ha a fórma "Roumma-châl", muito similhante, pela phonetica, ás fórmas precedentes, mas na qual châl significará — que erram nas planicies, errantes nas planicies !

Seu conhecimento devemôl-o a Rienzi que, em seu Dictionario de Geographia, após tratar dos numerosos nomes que os ciganos têm nos paizes asiaticos e europeus, diz:

"J'ai connu, enfin, en Europe, trois de leurs rabels ou chefs, qui m'ont assuré qu'ils se donnent eux mêmes le nom de Roumma-châl. Ces deux mots appartiennent à la langue mahratte, et signifient: hommes errants dans les plaines".

Ora, si analysarmos esse nome composto, vemos que o seu primeiro elemento "Roumma" ou "Rumna" (como devemos pronunciar-o em portuguez), tem por base o proprio radical cigano ROM, que já conhecemos, tendo havido apenas modificação de O em U: ROM — RUM.

De facto, si Rienzi traduz a palavra "Rumnia" por Homens, é claro que, quanto á fórma, ella nada mais é que uma variante do pl. "ROMA" que, tantas vezes já o dissemos, é um dos nomes genericos da nação ou casta dos ciganos.

Impossivel, porém, será approximarmos a significação que elle dá ao segundo elemento "châl", — que erram pelas planicies, das significações já conhecidas que têm "tchel", "chel", "chal" e "chai", respectivamente, das fórmas dos ciganos francezes, inglezes e hespanhoes.

Diremos, por fim, que já encontrámos em alguns escriptos

sobre os ciganos, a fôrma "Romanitchave". seguida da traducção — "Os filhos dos homens" e que tambem será usada por essas nomades como um de seus nomes nacionaes.

Como elemento de comparação, essa fôrma tem aqui importancia especial, porque seu final *tchave*, que está traduzido por filhos, é comparavel á fôrma do cig. romeno "*tchavé*", que egualmente significa filhos, pois é o plural de "*tchaó*", filho, moço, rapaz.

Nesse caso não será absurdo suppôr-se que os finaes *tchel*, *chel*, do cig. fr. "*romanitchel*", "*romanichel*", e *chal* (pron. *tchal*) do cig. ing. "*rommany chal*", correspondam, de facto, a um singular cigano que, com a significação de filho apparece, agglutinado ou juxtaposto, a "*romani*", *rommany*". Assim, teriamos, p. ex.: "*romanitchel*", filho de cigano; "*romanitchave*, filhos de ciganos", ou, como está traduzido, filhos dos homens, subentendo-se ciganos ("*romani*").

Mesmo "*xâl*", de "*Roumna-xâl*", a que Rienzi, ao que parece erroneamente, attribue origem mahratta, poderá ser identificado com os referidos finaes, tendo, portanto, a significação de filho e não de "errantes pelas planicies", como pensa esse ciganologo.

E isto porque não estando provado de modo cabal a origem indiana da raiz R—M, donde os radicaes ROM—RUM, que apparece só nos dialectos ciganos da Europa, o natural é que Rienzi, ao buscar o etymo de "*xâl*" na lingua mahratta, procurasse demonstrar que nella tambem estava o etymo de "*Roumna*" ou "*Rumna*" (os homens.—os Ciganos); o que todavia não fez.

Ora, si a informação de que os ciganos se designam por "*Rumna-xâl*" tivesse sido dada a Rienzi pelos proprios ciganos do paiz dos Mahrattas, poderiamos acceitar a etymologia que elle propõe para a palavra. Mas, si, como elle proprio o diz, tal informação lhe foi transmittida, por tres "*rabers*" ou chefes ciganos da Europa, o provavel é que ali tenhamos apenas mais uma variante das fôrmas já citadas como pertencentes a varios dialectos ciganos dessa parte do mundo, sendo que a fôrma do dialecto inglez "*rommany chal*" é como vemos, a que della mais se approxima.

Uma outra variante póde ser ainda accrescentada a essa já longa lista: é "*rommichal*" que, com a significação de ciganos, é usada por Harriot Staples, em seu trabalho intitulado "*ON THE ORIENTAL ORIGIN OF THE ROMMICHAL*", incluído na Bibliographia que ha na obra de Serboianu, e que teria sido publicado em Londres (1829-1830).

Nella vê-se que **chal** agglutinou-se directamente no radical ROM-ROMM havendo apenas o auxilio dum i euphonico intermediario.

E ao que parece, esse radical ROMM ter-se-á desdobrado em ROMAMI, base de “romamichel” fôrma do cig. fr. registada por Lorédan e que equivale a “romanichel”.

Reconhecendo que nos alongamos muito nesta serie de confrontos e commentarios acêrca do nome que os ciganos francezes dão a si mesmos, declaramos que ao fazêl-o tivemos em mira fornecer novos detalhes aos que, no Brasil, queiram abraçar os aridos, mas interessantes estudos relativos á ciganologia.

CIGANOS DA HESPAÑHA:

Já vimos que os ciganos hespanhoes tiram seus nomes nacionaes, principalmente do radical KAL-CAL: “caló” ou “calé”, “calorró”. (1)

Entretanto, a palavra “rom”, que, como já sabemos, entre elles significa **homem, marido, varão**, é tambem adoptada como nome ethnico, adquirindo então a significação de **cigano**.

Egualmente usam o derivado “romanó” que, como substantivo, significa **cigano**, — de casta cigana; e, como adjectivo, significa **familiar á raça**.

Ora, como essas duas palavras são communs aos ciganos da Hespanha e aos da Romenia, curioso é o facto de uns e outros empregal-as para significar as mesmas coisas, isto é: em sentido restricto, **homem**, — **marido, esposo**, etc.; em sentido lato, **cigano, homem da raça**, etc.

Assim, é que entre os ciganos romenos as palavras “rôm” e “romanó” têm, respectivamente, ambos os sentidos.

Accresce, porém, que em seu dialecto, que incomparavelmente é melhor conservado que o dos ciganos hespanhoes, se fôrma de “rôm” o plural “romá”, os homens, os maridos, empregado tambem para significar **Os ciganos em geral**.

Mas, no cigano-hespanhol, embora haja essa fôrma “romá”, ella tendo perdido o sentido primitivo de pluralidade, passou, como singular, a ser synonymo de “rom”, com a significação restricta de **homem (da tribu), marido, varão casado**, etc.

Quanto á palavra “romanó”, os ciganos da Romenia, como os da Hespanha, além de usal-a com a significação de **cigano**, a empregam tambem como **nome da lingua dos ciganos**.

Notaremos, por fim, que em seu “DICCIONARIO DE ARGOT ESPAÑOL”, L. Besses regista **rumano**, como termo

(1) As fôrmas “caló”, “calé”, agglutinadas ao radical ZINK — ZINC, apparecem em “Zincaló”, “Zincalé”, nomes com que os gitanos tambem se designam.

da giria dos delinquentes hespanhoses e com a significação de "lenguaje jergal", isto é, **linguagem de giria**.

Ora, apesar de na lingua hespanhola commum haver a palavra "rumano" com as significações de romeno, natural da Romenia ("Rumania", em hesp.) e de lingua romena ("lengua rumana", em hesp.), parece que ahi temos, não uma mesma palavra, mas sim simples homophonos, tendo cada um sua origem differente.

O termo da giria será uma modificação do cig. "**romanó**" (**romano, rumano**); e a palavra da lingua commum tem por origem remota o lat. "romanus", alterado pelos proprios romenos em "român", com a significação de romeno (natural da Romenia); "poporul român", o povo romeno. "Român" tem por fem. "româna": "limba româna", a lingua romena.

Aliás, para se provar a origem cigana de **rumano** (t. de giria) ha a fórma quasi homophona "**rumanho**", usada pelos ciganos portuguezes para designar o seu dialecto, da qual já falámos e ainda falaremos adiante. (1)

CIGANOS DE PORTUGAL:

Já sabemos que os ciganos portuguezes usam, como os hespanhoses para designar a si mesmos, palavras derivadas do radical KAL: "**caló**", "**calé**", "**calão**".

No unico vocabulario¹ que sobre seu dialecto possuimos, que é o que ha em "**OS CIGANOS DE PORTUGAL**", não encontrámos qualquer indicio de usarem, para o mesmo fim, palavras formadas do radical ROM.

Entretanto, no texto dessa obra (V. pag. 175), o seu proprio autor, A. Coelho, admite o caso, pois ao tratar da designação de ciganos dada em Portugal a esses nomades, bem como de seus nomes nacionaes, diz o seguinte:

"Em Gil Vicente e nos mais antigos documentos legislativos por mim reunidos em appendice a essa parte, acha-se fixado o nome de **ciganos**, facto curioso, pois em Hispanha **gitanos** é o preferido. Nem um nem outro é nome nacional dos ciganos, que entre nós se chamam **calés** (sing. **caló**, fem. **callé**, vid. VOC.), talvez **rons** ou **rones** (vid. **ron** VOC. e **romf**)."

(1) Merece ser registada aqui a seguinte coincidência: ao passo que os **gatuños hespanhes** dão á sua "jerga" o nome de origem cigana **rumano**, os **gatuños brasileiros** do Rio de Janeiro tambem dão á sua giria um nome da mesma origem, isto é, **caló**, de que já tratámos, e que na "**GIRIA DOS GATUNOS CARIOCAS**". Elysio de Carvalho assim define: "Lingua especial de que usam os **gatuños**, **vadios** e **prostitutas**".

Conforma presumimos, **caló** será, ou uma leve alteração phonetica do "**calé**", dos **gitanos** ou um encurtamento de "**calón**", nome do dialecto falado pelos antigos ciganos do Rio de Janeiro.

Mas, mesmo que o radical ROM não lhes seja base de formação de nomes ethnicos, por outro lado d'elle tiram não só a palavra "ron" (alt. ROM-RON), que já conhecemos, com o sentido restricto de marido, como as quatro fórmãs, que também já conhecemos, com que designam o seu dialecto: "románó", "románo", "romenho" e rumanho" (alt. ROM-RUM).

CIGANOS DE OUTROS PAIZES DA EUROPA:

Não temos conhecimentos directos que provem que os ciganos de outros paizes ou regiões europeus adoptem "ROM" ou qualquer de seus derivados para designar o cigano (homem da tribu) ou, na fórmula do plural "ROMA", os ciganos em geral.

Todavia, num quadro comparativo da declinação dos nomes que ha, como appendice, na obra de Serboianu, pudemos colher informações que, embora indirectamente e sem designação de dialectos, attestam que seu uso é muito generalizado.

Assim, em tal quadro ha a declinação de "ROM", segundo cinco ciganologos (inclusive o proprio Serboianu), os quaes todos traduzem a palavra por **cigano**, **O cigano**.

Como as fórmãs que nos interessam aqui são só as do nominativo vamos dal-as abaixo, no singular e no plural, precedendo cada uma do nome do ciganologo que a adopta:

	Nom. sing.	Nom. pl.
Serboianu	"rom", o cigano	"rom" ou "romă", os ciganos
Graffunder	"róm"	"róm"
Zippel	"rom"	"romma"
Paspati	"róm"	"romă"
Vaillant	"rom"	"rôm"

Apesar de não se declarar a que dialectos pertencem essas fórmãs, podemos garantir que a de Serboianu se refere aos ciganos da Romenia e a de Paspati aos da Turquia. Quanto ás de Graffunder, Zippel e Vaillant, (1) ignoramos si esses auto-

(1) Na "Bibliographia", que ha em "LES TSIGANES", de Serboianu, estão citadas as obras escriptas sobre os ciganos pelos autores referidos na lista acima. Ell-as, pela ordem estabelecida na mesma lista: "Graffunder — Ueber die Sprach der Zigeuner. Erfurt, 1835"; Zippel (Pasteur). — Wörterbuch (tsigane), gram., etc."; "Paspati G. Alex. — Etudes sur les Tschinghianés ou Bohémiens de l'Empire Ottoman, Constantinople, 1870, 8.º"; "Vaillant, — Histoire vrai des vrais Bohémiens. Paris, 1837"; "Vaillant A. J. — Grammaire, dialogue et vocabulaire de la langue des Bohémiens ou Cigains. Paris, 1868, in-8.º, 152".

Mas, nos dialectos da península iberica, nos quaes já desapareceram muitos processos morphologicos e de derivação da lingua primitiva, nota-se muitas vezes o desaparecimento da terminação **ní**, que então, na formação de femininos, é substituída por um simples **i**, adaptado directamente ao puro radical dos nomes masculinos.

Exemplos com o radical ROM e suas alterações RON e RUM (nas fórmas femininas):

	MASC.	FEM.
Cig. hesp.	"rom", gitano; homem, marido, etc.	—"romí" ou "rumí"; gitana; mulher, esposa, etc.
Cig. port.	"ron", marido	"romí" ou rumí", cigana, mulher da tribu.

Evidentemente, em taes dialectos "**romí**" e **rumí**" representam contracções de de"**romní**", fôrma pura ou primitiva, e de ***rumní**", que seria uma leve alteração dessa mesma fôrma.

Falando agora do cig. brasil. "**runin**", podemos, como já dissemos, estabelecer duas hypotheses sobre sua origem, a saber:

- a) ou ella resulta da evolução a que atraz nos referimos e que tem por base o masc. "**ron**";
- b) ou ella ainda é um reflexo directo da fôrma primitiva "**romní**", através de ***ronní** — ****runní** — *****runí** — "**runin**".

Aliás a assimilação de **mn** em **nn**, que, presumimos, se teria dado na fôrma intermediaria ***ronní**, alteração de "**romní**", offerece varios exemplos em outros dominios linguisticos, a começar pelo latim, onde, ao lado de "**solemnis**", ha "**solennis**" (port. **solemne** ou **solenne**, ital. "**solenne**").

Cfr. mais: do lat. "**damnum**", ital. "**danno**", port. **damno** ou **dano**; do lat. "**somnus**", ital. "**sono**", port. **somno** (pronunciado **sono**), etc.

Pois bem: embora mediante uma rigorosa analyse etymologica, pensamos que podemos apresentar mais dois exemplos de palavras femininas do dialecto dos ciganos brasileiros, nas quaes o final **nin** deve estar por **ní** primitivo.

O primeiro é "**guruvinin**". fem. de "**gurú**", palavras que, no vocabulario d'"OS CIGANOS". M. Moraes traduz, respectivamente, por vacca e boi.

Explanemos a questão.

No dialecto dos ciganos da Romenia, o subs. masc. "gurú", boi, fôrma seu fem. com accrescimo da referida terminação ní, obtendo-se assim "guruní", vacca.

De "gurú", ha tambem a variante "guruv", cujo femenino é "gurumni".

Ora, si compararmos essas fôrmas com as do cig. brasil, vemos:

- a) que o masc. "gurú" é commum a ambos os dialectos;
- b) que a segunda fôrma do cig. romeno "guruv" constitue o proprio radical donde derivou o fem. do cig. brasil. "guruvinin";
- c) que o **v** final e primitivo desse radical está substituído por **m** na fôrma fem. do cig. romeno "gurumni"; donde concluímos que a fôrma brasileira, quanto á conservação dos elementos radicaes, é mais pura.

E então, attingindo o ponto principal de nossa questão, podemos suppôr, e com muita probabilidade, que no dialecto dos calôns" brasileiros "guruvinin" é a alteração duma fôrma primitiva *guruvni, através de *guruviní.

E si assim fôr, fica claramente demonstrado que **nin** final da fôrma de tal dialecto é uma modificação de ní, terminação característica de muitos fems. sings. da lingua geral.

Outrotanto podemos dizer do final **nin** de "aranin", palavra de que vamos tratar e que constitue o segundo exemplo a que nos referimos.

No vocabulario d'"OS CIGANOS", M. Moraes regista:

"ARANIN, rainha, fidalga, princeza, etc."

E na "GERINGONÇA CARIOCA", vemos:

"ARANIN, rapariga (gíria cigana)".

Em "Quadrilhas de Ciganos" a palavra tambem apparece, mas com as significações de **mulher** ou **filha de chefe**.

E' o que vemos no seguinte periodo:

"Cães latidores entremeiam-se á tropa, alguns de estimação espicham-se atravessados na frente de raros sellins ou cangalhas occupados por aranins (mulher ou filhas dos chefes), applicando-se as demais viajantes equestres a estalarem os bilros das almofadas de rendas, a tocarem viola e sanfonas, a coserem e remendarem roupa do uso, ao passo desfreiado das discretas alimarias".

Explicação:

Entre os ciganos da Romenia, a pal. "raí" (1) significa nobre, gentilhomem, boyardo, (2) senhor: e a pal. "rán", que, como "rái", tem por base a raiz RA, significa príncipe, boyardo, nobre, fidalgo, gentilhomem, aristocrata, senhor.

"Rái" tem por fem. essa própria fôrma e significa dama (nobre), mulher de boyardo, senhora; e "rán" faz no fem. "raní", princeza, mulher de boyardo, aristocrata.

Essas fôrmas têm as seguintes correspondentes no dialecto dos gitanos da Hespanha: "eray", nobre, cavalheiro, senhor; "erañó", senhor, cujo fem. é "erañi", senhora.

No dialecto dos ciganos portuguezes ha, como correspondente do cig. romeno "rái" e do cig. hesp. "eray", a fôrma "arai", que A. Coelho (obr. cit.) assim define:

ARAI, s. m. Cavalleiro. VASC. Git. eray, s. m. Caballero. MAYO, Gentleman, Knight. BORROW".

No vocabulario dos cigs. ports. não encontrámos a fôrma feminina correspondente ao masc. "arai".

Entretanto, no vocabulario dos ciganos brasileiros, ao passo que não encontrámos um masculino que correspondesse a "rai". "ran", do cig. romeno, "eray", do cig. hesp., e "arai" do cig. port., fomos encontrar o fem. "aranin", que, como vamos ver, corresponde, tanto por seus elementos phoneticos como por suas significações, a "raní", do cig. romeno, e "erañi" do cig. hespanhol, sendo para notar que, ainda neste caso, o *i* final accentuado das fôrmas romena e hespanhola nasalizou-se em in na fôrma brasileira.

* * *

Segundo todas as probabilidades, a fôrma primitiva de "aranín" é * raní, sendo, portanto, simplesmente prothetico o a inicial que ahi se vê.

(1) No dialecto dos ciganos da Turquia "rái" significa senhor, boyardo; e Zippel (sem determinação de dialecto) cita as fôrmas "ray" ou "rei" com as mesmas significações.

(2) A palavra boyardo ou boiardo, nome dos grandes feudatarios da Russia, da Transylvania e dos antigos Principados danubianos, significa nobre, grande, aristocrata.

Deriva do russo "boiarin", e passou para a lingua romena, ua qual ha a fôrma "boier", tendo os significados de nobre, gentilhomem, aristocrata, dignatario do Estado, proprietario, etc.

Está registada nos dictionarios francezes, sob as fôrmas "boyard" ou "boiard", nos hespanhoes sob a fôrma "boyardo" e talvez esteja tambem nos de outras linguas. Entretanto, não a encontrámos em diversos dictionarios portuguezes que temos consultado.

* **Raní**, pois, seria um exacto correspondente da fôrma actual do cigano romeno "**raní**".

Aliás, o referido a prothetico apparece egualmente no cig. port. "**araí**", que deve estar por uma fôrma mais antiga ***rai**, identica á do cig. romeno "**rái**".

Quanto á significação, embora a palavra "**arai**" seja traduzida por cavalleiro, é possível que entre os cigs. ports. ella já tenha significado tambem senhor, principe, nobre, etc.

Visto que não sabemos si no cig. port. ha ou não uma fôrma feminina correspondente do masc. "**araí**", passemos a confrontar "**aranín**" com "**erañí**", do cig. hespanhol.

Preliminarmente, diremos que assim como é prothetico o a da fôrma brasileira, tambem deve ser o e dessa fôrma hespanhola: donde concluir que ella está por uma fôrma mais antiga ***rañí**.

Ora, recapitulando, podemos, a partir do cig. romeno, estabelecer a seguinte evolução phonetica: cig. romeno "**raní**", cig. hesp. ***raní**, ****eraní**, "**erañí**", (eranhi); cig. brasil. ***raní**, ****araní**, "**aranín**".

Identificadas assim as tres fôrmas, sob o ponto de vista phonetico, poderemos tambem identifiical-as quanto ás idéas principais que ellas exprimem e que são as de **realeza** (rainha, princeza) e **nobreza** (nobre, aristocrata, fidalga, senhora).

Resta-nos, pois, provar agora que o elemento final **ní** do cig. romeno "**raní**" é a verdadeira terminação formativa do feminino.

E isto porque, como já sabemos, na lingua cigana muitos femininos são formados com o simples accrescimento dum **í** no masculino.

"**Raní**", porém, deve representar um encurtamento ou, melhor, uma simplificação phonetica, de ***ran-ní**, isto é, do masc. "**ran**", principe, nobre, fidalgo, etc., e da referida terminação **ní** (!), característica de muitos femininos, como, p. ex. "**romní**", mulher (cigana) e "**gurumní**", vacca, de que já tratámos.

(1) A prova de que **ní** do cig. romeno "**raní**" é uma terminação característica do feminino, vamos encontral-a na origem dessa propria palavra, a qual deve estar num dialecto neo-aryeo da India ou mesmo no proprio sanskritto.

Diremos, p. ex., que essa palavra singularmente corresponde ao hindustani "**rānī**", rainha, e que é o fem. de "**rājā**", rei, rajah.

E accrescentaremos que o radical **RAJ** de **rājā** está, nitidamente reflectido no cig. romeno "**rái**", de que já falámos e que, embora não signifique rei, significa, por comprehensivel translação de sentido, nobre, senhor, gentilhomen.

"**Rājā**" e "**rānī**" do hindust. reflectem, por sua vez, repectivamente, o sanskritto "**rājā**", rei, e "**rājnī**", rainha.

E tanto em "**rānī**" como em "**rajnī**" vemos **ní**, que tambem nas linguas arceas da India é uma das terminações do feminino.

Cremos, pois, que tendo provado que o *nin* (com *i* nasalizado) final do cig. brasil. “*aranin*” e “*guruvinin*” corresponde a *nī*, terminação feminina do cig. romeno “*rani*” e “*gurumni*”, reforçamos a hypothese do *nin* de “*runin*” reflectir, através da evolução já estabelecida, o *nī* de “*romni*”, forma primitiva e ainda conservada nos dialectos ciganos da Romenia, da Turquia e talvez em outros falados nos Balkans.

E agora, para finalizar, vamos reunir num quadro comparativo todos os derivados da raiz R-M por nós estudados e com os quaes relacionamos “*ron*” e “*runin*” do dialecto dos “*calôns*”.

Eis alguns exemplos, no hindustani: “*cher*”, leão, “*cherni*”, leoa; “*bhe-riya*”, lobo, “*bherni*” ou “*bhereni*”, loba; “*hiran*”, veado, gamo, “*hirni*”, corça; “*sunâr*”, ourives, “*sunârni*”, mulher de ourives.

Relacionando, pois, “*ranī*” dos cigs. da Romenia com as referidas formas femininas do sanskrito e do hindust., logicamente com ellas tambem relacionamos “*aranin*” dos ciganos brasileiros.

Sanskrit. “*rājnī*” — hindust. “*rāni*” — cig. brasil. “*aranin*” (a-ranī-n), todas com a significação de rainha!

Trata-se, sem duvida, do caso da longa perigrinação duma palavra de origem genuinamente indiana e que, através do espaço e de seculos, foi trazida pelos ciganos da Índia para o Brasil e que aqui persistiu, pelo menos na bocca dos “*calôns*” do Rio de Janeiro e até ao tempo em que Mello Moraes com elles esteve em contacto.

RAIZ CIGANA "R - M"

(Origem duvidosa: encerra a idéa principal de virilidade, varonilidade, masculinidade, referindo-se, porém, especialmente ao homem ou ao indivíduo da raça cigana).

Radical de primeira formação: ROM

Modificações phoneticas ou reduções desse radical: RUM, RON,

RUN, RO', RO

Lingua geral dos ciganos: "ROM" ou "ROMA". Um dos nomes genericos da nação ou casta dos ciganos. Significa propriamente **os homens, os maridos**.

Dialectos

Cig. romeno: "rôm", cigano, — macho, homem, — esposo, marido. Fem. "romni", cigana, — esposa, mulher.

Cig. turco: "rôm", cigano, — marido. Fem. "romni", cigana, — esposa.

Cig. hesp.: "rom", cigano, homem, varão (casado), marido; "ró", "ro", marido, esposo. Fem. "romi" ou "rumi", cigana, — mulher (casada), esposa.

Cig. port.: "ron", marido. Fem. "romi" ou "rumi", cigana, — mulher da tribu.

Cig. brasil: "ron", homem. Fem. "runin", mulher.

Radical de segunda formação: ROMAN, modificado ás vezes em RUMAN

Cig. romeno: "romanó" (adj.), cigano; a lingua dos ciganos. Fem. "romani", cigana.

Cig. hesp.: "romanó" (subs. e adj.), cigano, — de casta cigana, — familiar á raça. Usado tambem como nome do dialecto falado pelos gitanos.

Cig. port.: "romanó", "románo", "romenho", "rumanho", formas usadas como nome do dialecto dos cigs. portuguezes.

Cig. inglez: "roman", cigano; "rommany", cigano. Usa-se tambem como nome da lingua dos ciganos.

Cig. francez: "romanichel", "romanichel", "romamichel", cigano. Traduz-se literalmente por **filho de cigano**.

Gíria dos delinquentes hespanhoes: **rumano**, linguagem de gíria ("lenguaje jergal"); palavra que, evidentemente, tem sua base no radical cigano RUM. Cfr., quanto á phonetica e ao sentido, "**rumanho**", nome do dialecto dos cigs. portuguezes.

ORIGEM DA PALAVRA "GAJÃO"

"Gajão" é, como dissemos no Prefacio, o nome com que os ciganos do Brasil designam o brasileiro ou qualquer pessoa estranha á sua raça.

Eis como no vocabulario d'"OS CIGANOS", M. Moraes define a palavra:

"GAJÃO, brasileiro, senhor, pessoa estranha ou de outra raça".

Na "GERINGONÇA", R. Pederneiras tambem regista:

"GAJÃO — Homem estranho (gíria cigana)".

O exacto emprego que o "calôn" brasileiro dá á palavra "gajão" está claramente expresso no seguinte periodo que transcrevemos de "Quadrilhas de ciganos":

"Alguns da tropa mendigam, espiam os engenhos, berganham cousas furtadas, entregando-se instinctivamente a esperetas e á rapina.

Industriados os pequenos ciganos em negar os furtos e os roubos, quando qualquer victima se approxima, reclamando, uma das ciganas chama pelo filho, affirmando préviamente: "Olhe, gajão, meu filho não rouba"..

E subito num assobio fere os ares e, em seguida, escuta-se:

— Pedro, nega !...

Ao que o rapazinho, tisonado e de cabello crespo, de rosto redondo e olhar obliquo, avulta á distancia, bradando-lhe de novo a cigana:

— Pedro, nega !...

— O que é, mãe dos diabos ? !

— Tu roubaste a este gajão ?

— Raios te partam pelas costas, de semelhante aleive !

— Vê, gajão ? Este meu filho é tão bom, que vou rogar-lhe uma praga: "Filho, que rios de ouro te corram pelas mãos !"

Ao que parece, "gajão" foi a unica palavra do dialecto dos ciganos brasileiros que se tornou conhecida do nosso povo, principalmente das populações sertanejas, que com elles têm estado em frequente contacto.

E é mesmo para notar que Beaurepaire-Rohan a considerou como um **brasileirismo**, quando a incluiu em seu "DICCIONARIO DE VOCABULOS BRAZILEIROS" (Rio de Janeiro, 1889), no qual se vê:

"GAJÃO, s. m. titulo obsequioso de que usam os Ciganos para com as pessoas extranhas á sua raça. Meu gajão equivale a meu senhor, ou cousa semelhante".

Como termo usado no Brasil, **gajão** já está também incluído em diversos dicionários da língua portuguesa como, p. ex., nos de Silva Bastos e C. de Figueiredo (4.^a ed.).

No primeiro: “GAJÃO (ghá-jão), s. m. título amistoso com que os ciganos, no Brasil, tratam as pessoas estranhas á sua raça; (chul.) muito gajo”.

No segundo: “GAJÃO”, m. Título obsequioso, com que os ciganos, no Brasil, tratam as pessoas extranhas á sua raça. Sugeito finório, arteiro, espertalhão: aquillo é que é um gajão! (Cp. gajo)”.

Diremos, por fim, que na parte intitulada “Modismos e adagiário” que ha em “VIOLEIROS DO NORTE” — Poesia e linguagem do sertão nordestino” (S. Paulo, 1925), Leonardo Motta incluye a variante GANJÃO, com a significação de — “tratamento respeitoso dos ciganos aos homens a quem acatam”.

Isto posto, vamos agora demonstrar que essa palavra do cig. brasil., não só corresponde, por seus elementos phoneticos, a formas existentes nos diversos dialectos irmãos como conserva fielmente a significação commum a todos elles.

Exemplifiquemos:

Cig. romeno (segundo Serboianu): “Gagió (et gajó), pl. gagé, s. m. — 1 roumain; 2 paysan, campagnard; 3 serf, corvéable”.

Cig. grego: “Gadjo”, estranho, não cigano, pessoa, homem.

Cig. hesp.: “Gachó, S. individuo que no es gitano” (Pab.).

“Gaché, m. Llamam al hombre que no es gitano” (Reboll.)

“Gachó pop. Hombre”. “Gaché, c. Varón. — Cortejo, querido” (L. Besses). “Gaché, S. Varón, mancebo” (Pab.).

Cig. port. (segundo A. Coelho): “Gajon, s. m. Gajo. Git. gachó. Vid. gaché — “Gaché, s. m. Collega (Um quidam. VASC.). Git. gaché, gachó, s. m. Varón, mancebo. MAYO gachó, s. m. A gentleman. Caballero. — Properly, Any kind of person who is not a Gypsy. Cualquier hombre que no sea Jitáno. BORROW”.

Cig. ingl.: “Gorgio”. A. julgarmos pelo que diz Borrow em “LOS ZINCALI”, essa é a forma usada pelos ciganos inglezes correspondente a “gachó dos cigs. hespanhoes.

Assim, tratando nessa obra duma lei que, em caracter intimo ou privado, ha entre os ciganos, diz elle:

“Por el primer titulo se manda que el Rom o gitano viva con sus hermanos, los maridos, y no con los gorgios o gentiles; que viva en una tienda como es proprio de un rom y de un vagabundo, no en una casa, que le ata a um sitio determinado; en una palabra, que se conforme en todo punto a los usos de su pueblo, y huya de los gorgios... etc.”.

E numa annotação, assim explica o significado da palavra:

"Gorgio (español **gachó**), un hombre que no es gitano; los gitanos españoles llaman a los gentiles **busné**, palabra que, al parecer, no poseen los Rommany ingleses".

Dialectos falados pelos ciganos de outros paizes.

E' provavel que em outros dialectos ciganos tambem haja fórmãs correspondentes ás que atraz citamos para designar o individuo estranho á raça.

Mas, como as não conhecemos, vamos dar em seguida algumas que, sem designação de dialectos, são citadas por diversos ciganologos no já referido quadro comparativo da declinação dos nomes ciganos que vem annexado á obra de Serboianu.

Precedêl-as-emos, porém, dos nomes de taes ciganologos.

	Num. sing.	Num. pl.
	O camponez	Os camponezes
Serboianu	"gageó"	"gagé"
Bischoff	"gájo"	(falta)
Zippel	"gâdscho"	"gâdsche"
Grellmann	"gadzo"	"gadze"

Na "*Bibliographie*" que ha em "*LES TSIKANES*", vemos:

"BISCHOFF FRED., Dr. — Deutsch — Zigeunerisches Wörterbuch. Illmenau, 1827".

"GRELLMANN. — *Historischer Versuch über die Zigeuner*, Dessau und Leipzig, 1783, (trad. franç., par M. J., sous le titre d'*Histoire des Bohémiens*, Paris, 1810, in-8.^o).

Quanto á obra de Zippel já a mencionámos numa annotação feita ao tratarmos da palavra "RON".

Pois bem: passando em revista as fórmãs pertencentes ao cig. romeno, hespanhol e portuguez, que atraz foram citadas, concluimos que algumas dellas têm como radical GADJ, outras GATCH e outras, por fim, GAJ.

Examinemos uma por uma.

I — Radical GADJ. Na lingua romena, o g antes de i sôa, como em italiano, dj e, portanto, as fórmãs do cig. romeno "gagió" (sing.) e "gagé" (pl.), registadas por Serboianu, devem ser pronunciadas, respectivamente, gadjó e gadjé.

A esse radical se prende a fórma do cig. grego "gadjo".

II — Radical GATCH. Como sabemos, no hespanhol ch sôa como tch e nesse caso "gachó", "gaché" são pronunciados gatchó, gatché.

III — Radical GAJ. Visto que o j romeno tem o mesmo som de palatal branda que tem o j portuguez, é claro que havemos de pronunciar o radical GAJ do cig. romeno “gajó” (variante de “gadjó”) exactamente como o radical GAJ do cig. port. “gajon” e do cig. brasil. “gajão”.

Examinando-se agora, sob o ponto de vista phonetico, essa fôrma do cig. brasil. e pondo-a em confronto com as fôrmas dos dialectos europeus, verificamos que ella representa a alteração duma fôrma primitiva *gajó, que ainda se conserva no cig. romeno “gajó”, através duma fôrma intermediaria **gajon, da qual temos exemplo no cig. port. “gajon”.

Podemos, pois, estabelecer a evolução *gajó, **gajon, — “gajão”, em tudo identica á que no cig. port., deu “calão”, através de *calon (cf. cig. brasil. “calôn”): *caló, *calon — “calão”.

Quanto á idéa, é certo que “gajão” conserva as principaes significações que têm as fôrmas dos dialectos irmãos a que corresponde.

Assim, ao passo que os ciganos da Romenia chamam “gadjó” ou “gajó” ao romeno, os da Grecia e os da Hespanha chamam “gadjo” — “gachó”, “gaché”, ao individuo que não é cigano, os do Brasil designam, tambem por “gajão”, o brasileiro ou qualquer pessoa estranha á raça.

E o sentido de senhor (fórmula affectuosa de tratamento) que os ciganos brasileiros dão ás pessoas não ciganas, mesmo ás que lhes são desconhecidas, é o mesmo de “caballero” e “querido” que os ciganos hespanhoes dão tambem a “gachó” e “gaché”.

Resta-nos agora falar de “ganjão”, variante de “gajão”, usada, segundo Leonardo Motta, nos sertões nordestinos, e na qual, como se vê, houve nasalisação do primeiro a da fôrma original.

Tratando-se da nasalisação dum a medial, o apparecimento dessa variante, facilmente se explica porque ella resulta dum phenomeno vulgar e que offerece outros exemplos, não só na dialectação do luso-brasileiro como no desenvolvimento da propria lingua portugueza.

Cfr., p. ex., quanto ao primeiro caso, as fôrmas populares mançã e manjor por maçã e major. E quanto ao segundo: fiandeira ao lado de fiadeira (mulher cujo officio é fiar), de fiar (reduzir a fios); lavandeira ao lado de lavadeira, — de lavar; e ainda lavanderia por lavaderia.

Tendo justificado o apparecimento de “ganjão”, que, dentro dos dominios da lingua cigana, e em relação ao typo primitivo gadjó (ou gajó) póde ser considerado como uma nova fôrma

GAJO. Esta palavra que, como sabemos, é de uso muito frequente tanto em Portugal como no Brasil, pertence á giria portugueza ou **calão** e, visivelmente, é a mesma palavra cigana “**gajó**” apenas modificada quanto á sua accentuação tónica, que se deslocou da ultima para a primeira syllaba.

Quanto á sua origem e significação, começemos por ver o que diz A. Coelho em “OS CIGANOS DE PORTUGAL, na parte intitulada “**Relações do Cigano com o calão**”:

“GAJO, homem, sujeito, o que anda á boa vida, libertino, espertalhão. Cig. **gaché**. VOC. Tsig. grego **gadjo**, estranho, não cigano, pessoa, homem tsig. rumeno **gajó**, homem, hospede, etc. — Origem indiana: sanskrito **gaya**, casa, a gente de casa, etc. **gadjo** é propriamente um homem da casa. Pott, II, 129. Miklosich, *Abhandl.*, VII, 211-212.”

Vejamos agora parte do que, nas “**APOSTILAS**” (Tomo I, pag. 493), diz G. Vianna sobre a palavra:

“GAJO, GAJA, CAJÉ. São termos de **calão** conhecidos, derivados do **caló**, ou dialecto cigano de Espanha, **gachó**, **gaché**, pl. **gachés**. Se aceitarmos, porém, como completamente averiguado que o **ch** ali tem o mesmo valor que nos dialectos castelhanos, nomeadamente o andaluz, visto que é da Andaluzia que para Portugal veem em geral os ciganos, temos que admitir que a forma passou ao português por intermedio de ciganos orientais, pois é aí que nós a encontramos, por exemplo no dialecto dos da Moldo-Valáquia, com uma consoante medial análoga á portugueza de **gajo** (pron. **gadjó**) **labrego**.”

Depois de outras considerações relativas á phonetica da palavra, G. Vianna termina por dizer:

“O significado proprio de **gacho**, femenino **gachi**, em **caló** é “rapaz, rapariga, adultos, não ciganos; e em português a de **gajo** é “qualquer sujeito a quem o fadista se refere com malevolencia: **Vês aquele gajo?**”

Outras definições da palavra:

Em “**A GIRIA PORTUGUEZA**”, por Alberto Bessa (Lisboa, 1901):

GAJO (pop.) — Qualquer homem, mas especialmente o que é fino e audaz. Ex.: **Não que elle é gajo!**”

No dicc. de C. de Fig. (4.^a ed.): “GAJO, m. Chul. Matulão. Sucio; typo. — Qualquer sugeito, de que se não cita o nome: **encontrei um gajo**. Adj. Finório, velhaco. (Do cigano de Espanha, **gachó**).”

O facto de A. Coelho traduzir “**gajon**”, palavra do dialecto dos cigs. ports. simplesmente por **gajo**, termo da giria portugueza,

constitue aqui um facto muito curioso, pois assim o fazendo elle dá a entender que as significações de ambos são as mesmas. Em outros termos: entre os ciganos de Portugal “gajon” terá perdido a significação primitiva de “pessoa estranha á raça cigana”, que ainda é fielmente conservada nas fórmulas correspondentes dos dialectos irmãos, para adquirir os sentidos que transmittiu ao termo da gíria, isto é os de **homem, qualquer homem, falando-se, porém, do que anda á boa vida, do que é fino, espertalhão, libertino, etc.**, e tambem a significação de **pessoa que se não cita o nome: (um gajo, — um typo, um quidam; o gajo, — o tal, o fulano, etc.)**.

Para comproval-o, eis como nesta phrase do “rumanho” (nome do dial. dos cigs. ports.) e em sua traducção, feita por A. Coelho (obr. cit.), ambas as palavras se equivalem pela significação: “**Sonsidela qu’el gajon diquela**”. — Repara que o gajo está olhando.

Ora, uma vez que a pal. “gajon” perdeu, entre os ciganos de Portugal, a sua significação original, elles a substituiram, como já sabemos, por “jambo” e “paio”, a que dão tal significação, conforme vamos ver nas definições seguintes, tiradas do vocabularia organizado por A. Coelho:

“JAMBO, s. m. Homem estranho, que não pertence á tribu. Git. **hambo**, s. m. Gente, muchedumbre. MAYO, **hambo**, s. m. One who is not a Gypsy. El que no es Jitáno. BORROW.”

“PAIO, s. m. Homem extranho, que não pertence á tribu. Compañero. Git. **paillio**, s. m. One who is not a Gypsy. El que no es Jitáno. BORROW. **pailló**, s. m. Indivíduo, sujeito, hombre, jornalero, MAYO”.

GAJÃO. A. Bessa (obr. cit.) regista essa palavra, como usada na linguagem popular portugueza, com as significações de “espertalhão; finorio; velhaco; sabido”.

E, como vimos, Silva Bastos e C. de Fig., depois de darem, em seus dictionarios, a significação que essa palavra tem entre os Ciganos do Brasil, isto é, a de “titulo obsequioso com que elles tratam as pessoas estranhas á sua raça”, dão-lhe mais os sentidos de “muito gajo, sujeito finorio, arteiro, espertalhão”, os quaes ella não tem nem no dialecto dos “calons” brasileiros nem na linguagem popular do Brasil.

E C. de Fig. manda, com razão, que se a compare com gajo: pois de facto, as suas referidas significações se confundem com as desse termo.

Vemos, pois, que, em Portugal, da fórmula “gajó”, que talvez tenha sido a primeira usada pelos ciganos desse paiz, se desenvolveram, por alterações phonetica successivas: a) **gajo**, hoje ter-

mo da gíria: b) “gajon”, fôrma actual usada pelos ciganos: c) gajão, usada na linguagem popular.

Dando por terminados os confrontos do cig. brasil. “gajão” (e “ganjão”) com as fôrmas de diversos dialectos ciganos a que elle corresponde, e ainda com as que existem na linguagem popular e nas gírias de varios paizes, vamos agora tratar de sua fôrma feminina “gagin”.

Ainda aqui vamos fazer o mesmo que fizemos relativamente a “calin” e “runin”, respectivamente, femininos de “calôn” e “ron”.

“GAJIN”: FÔRMA FEMININA DE “GAJON”

No vocabulario do cigano-brasileiro organizado por M. Moraes, vemos:

“GAJIN, brasileira, senhora, pessoa estranha ou de outra raça”.

E na “GERINGONÇA CARIOCA” R. Pederneiras inclui: “GAZIM — Mulher estranha (gíria cigana)”.

Quanto a esta fôrma, é certo que ella está por “GAJIM”, tendo saído, por um descuido da revisão, GAZIM.

Realmente, nesse trabalho, em que os vocabulos estão dispostos em ordem alphabetica, GAZIM vem depois de GAITA, seguindo-se GAIVOTA, GAJÃO, etc. E isto por si só prova que houve o referido descuido, do qual resultou o J da palavra ser substituido por um Z.

Phonetica

Assim como provámos que “calín”, fem. de “calôn”, e “runin”, fem. de “ron”, são, no dialecto dos cigs. brasileiros, modificações das fôrmas mais antigas *calí e *runí, vamos tambem provar, mediante um estudo comparativo, que “gajin”, fem. de “gajão”, está por *gaji, fôrma que, sem duvida, foi outrora usada pelos referidos ciganos.

Primeiramente, notaremos que, ainda aqui, temos mais um caso do interessante phenomeno phonetico peculiar do dialecto de nossos ciganos e que consiste na nasalisação systematica do i final accentuado das fôrmas primitivas: “gají”-“gajin”.

Visto que já demos exemplificação abundante de tal phenomeno, absteemo-nos agora de novos detalhes.

Flexão de genero

De todo o exposto, deduzimos que “gajin”, em sua fôrma original gaji, pertence á classe dos femininos ciganos em í, que correspondem a masculinos em ó.

E' o que vamos ver mediante um confronto entre as fórmulas masculinas dos dialectos da Romenia, da Hespanha e do Brasil e suas respectivas fórmulas femininas.

MASC. EM "O"	FEM. EM "I"
Cig. romeno "gadjó", "gajó"	"gadji", "gaji", romena, camponeza, camponia
Cigano hesp. "gachó"	"gachi", mulher que não é gitana
Cig. brasil. * gajó ** gajon "gajão"	* gaji "gajin", brasileira, senhora, mulher de outra raça.

Provada assim a correspondencia phonetica e semantica que ha entre "gajin" e as fórmulas atraz citadas, pertencentes aos dois dialectos ciganos da Europa, passamos a tratar de "gajona", nova fórmula feminina de "gajão", que, sem duvida, é uma criação dos ciganos brasileiros.

*
* *

Na noticia dada, em janeiro de 1935, pelo "Diario da Bahia", sobre um grupo de ciganos brasileiros que então se achava naquella cidade, a qual transcrevemos no Cap. IV da Parte I dos "Subsidios historicos", ha uma passagem em que o noticiaria diz que uma cigarinha se dirigindo a uma moça lhe perguntou: "Gajona não quer ler a mão?". A formação desse novo feminino de "gajão", por parte dos ciganos brasileiros, é em tudo comparavel á formação de calona, como feminino de calão, e que, como já sabemos, é termo da gíria portugueza, significando, segundo A. Coelho, "mulher desprezível; propriamente cigana".

De facto, ambos os casos resultam da adaptação do suffixo portuguez ona aos radicaes das fórmulas masculinas. Respectivamente, calão-calona, — "gajão"- "gajona".

Os factores que, presumimos, influiram para tal flexão generica na gíria portugueza já foram devidamente expostos quando tratamos de calona, no fim da parte relativa á origem da palavra "CALO" e, como é natural, a elles tambem podemos attribuir o apparecimento de "gajona" no dialecto dos cigs. brasileiros.

Nesse caso, não ha necessidade de expôl-os novamente aqui. Vemos, pois, que o dialecto de nossos "calons", não só já offerecia diversas particularidades phoneticas no tempo em que M. Moraes colheu o precioso contingente vocabular sobre que temos feito nossas investigações, como foi creando, posterior-

mente, novas fórmulas de todo desconhecidas dos dialectos ciganos da Europa. Taes são, p. ex., os casos de “ganjão” ao lado de “gajão”, e de “gajona”, ao lado de “gajin”.

Para terminar estas considerações acêrca dos femininos de “gajão”, notaremos, a titulo de curiosidade, a semelhança phonetica que ha entre “gajona” e “gachona”, fem. de “gachón”, regionalismo andaluz que já conhecemos, e que, ao que pensamos, tambem tem origem cigana.

*

* *

Algumas palavras sobre gaja ou gaje, termo da gíria portugueza, vão ser ditas para dar fecho a esta serie de confrontos feitos em torno de “gajão” e “gajin”.

Em “A GIRIA PORTUGUEZA”, A. Bessa regista:

“GAJA (fad.) — Qualquer mulher, mas mais particularmentê aquella com quem se faz vida em commum”.

No dicc. de C. de Fig. (4.^a ed.), vemos:

“GAJA, f. Chul. Qualquér mulhêr: não fales áquela gaja.”

“GAJE”. Em “OS CIGANOS DE PORTUGAL”, na parte intitulada “As fontes do calão”, A. Coelho inclue uma lista de termos pertencentes ao “calão ou algaravía dos malandros”, organizada por Silva Lopes, da qual consta, não gaja, mas a variante gaje, com o simples significado de mulher, fórmula feminina de gajo, homem, que tambem della consta.

Já que gaja e gaje, significando mulher, qualquer mulher, etc., conservam o sentido original da fórmula masc. gajo, homem, qualquer homem, etc., vamos estudar-as agora só sob o ponto de vista da evolução phonetica.

I — GAJA. Assim como estabelecemos a hypothese de gájo ser, na origem, o proprio masc. cig. “gajó”, com o simples recuo do accento tonico para a penultima syllaba, assim podemos estabelecer a hypothese de gája ser, por estranho que pareça, a modificação da fórmula cigana “gajá”, feminino plural de “gaji”, por ter-se dado o mesmo deslocamento do accento tonico da ultima para a penultima syllaba: “gajá”-gája.

Mas, perguntarão, si “gajá” é um plural que significa mulheres (estranhas á raça cigana), como poderia ter passado a ser, na gíria portugueza, um singular, significando mulher? A explicação é facil, mas para dal-a precisamos primeiramente recorrer á flexão numerica da lingua geral dos ciganos e depois ver até que ponto ella está conservada nos dialectos da peninsula iberica.

Restringindo, porém, a questão ao nosso caso, vemos que nessa lingua os femininos singulares terminados em *i* fazem geralmente o plural em *á*, *iá*, ou *eá*.

Para exemplificar, tomaremos por apoio principal o dialecto dos ciganos da Romenia, cujo systema flexivo ainda reflecte muito nitidamente o da lingua madre.

Eis, pois, alguns exemplos dados com palavras de tal dialecto e que já conhecemos:

Femininos singulares “*gadji*”, “*gaji*”, — “*romní*” (cigana mulher da tribu), — “*rani*” (princeza, etc.), — pluraes, respectivamente, “*gadjá*”, “*gajá*” (mulheres estranhas á raça), “*romniá*” (ciganas, mulheres da raça), “*raneá*” (princezas, etc.)

Pois bem: nos corrompidos dialectos ciganos da península ibérica, perdeu-se a noção de que taes terminações em *á* eram características de pluraes femininos e então muitos destes passaram a ser considerados como simples singulares.

Um exemplo frisante no cig. hespanhol é constituido pela palavra “*cachí*” ou “*cachιά*”, mulher.

A primeira fôrma é, sem duvida, uma alteração da fôrma do singular “*gachí*”, mulher, tendo apenas se reforçado a guttural branda *g* (*gh*) inicial desta ultima na guttural homorganica forte *c* (*k*) na primeira.

E “*cachιά*” estará por uma fôrma do plural **gachιά*, comparavel aos pluraes do cig. rumeno “*gadjá*” ou “*gajá*” (mulheres estranhas á raça).

Entretanto, “*cachιά*” é hoje considerado como um simples singular, cujo plural os gitanos fôrma com accrescimo de *s*, letra que, como sabemos, é formativa dos pluraes hespanhoes e portuguezes. Assim, “*cachιά*”, mulher, tem por plural, no dialecto dos gitanos, “*cachías*”, mulheres. (1)

Congruentemente, do pl. “*gajá*”, mulheres, os cigs. portuguezes deduziram, pela referida confusão, o singular “*gajá*”, mulher, o qual, após ter penetrado na gíria ou calão, passou a ser, em Portugal, termo popular ou familiar.

(1) Não só os pluraes femininos em *á*, da lingua geral dos ciganos, passaram a ser simples singulares nos dialectos da península ibérica, devido á obliteração que nelles se deu da flexão de numero primitiva.

Tambem alguns pluraes maseulinos que na lingua madre terminam egualmente em *á* se tornaram singulares.

Citaremos, como exemplo, o plural da propria palavra “*rom*” (cigano. homem, varão, marido, etc.), isto é, “*romá*”, que significando entre os ciganos da Romenia, da Turquia, etc., ciganos, machos, varões, maridos e como já vimos, usado pelos gitanos da Hespanha como um simples singular, significando, portanto, como “*rom*” (sing.), cigano, varão (casado), marido, esposo.

Quanto á forma gaje, pertencente ao calão dos malandros, colhido por Silva Lopes e incluída por A. Coelho em seu trabalho, evidentemente se trata duma leve alteração de gaja. Aliás, essa fôrma parece que é pouco vulgarizada, visto que a não encontrámos em outros vocabulários da gíria portuguesa.

*

* *

A` guisa do que fizemos com relação aos derivados das raízes ciganas K-L e R-M, inclusive os do cigano-brasileiro que pudemos obter, vamos agora reunir num quadro retrospectivo todos os derivados da raiz G-DJ ou G-J, inclusive “gajão”, “ganjão”, “gajín e “gajona”, usados pelos ciganos do Brasil.

“gajão” “ganjão”
“gajín” “gajona”

“gajão” “ganjão”

RAIZ "G-DJ"

(Origem indiana: sanscrito "gaya", casa, a gente de casa, etc.
"Gadjo", propriamente, um homem da casa (Pott. — Miklosich.
A. Coelho, obr. cit., pag. 156).

Radicaes: GADJ, GAJ, GATCH, CATCH

DISTRIBUIÇÃO SYSTEMÁTICA DAS PALAVRAS DERIVADAS CITADAS NESTE ESTUDO

Lingua geral dos ciganos da Europa: "gadjó", "gajó", todo e qualquer individuo estranho á raça cigana. Pl. "GADJÊ", "GAJÊ", os estrangeiros, os que não pertencem á raça ou á nação dos ciganos. Oppõe-se a "ROMA", os ciganos, os homens da raça, os varões, os maridos.

Dialectos:

Cig. romeno (g antes de i e e pronuncia-se dj): "gagió", "gajó", romeno, camponez, camponio, servo. Pl. "gagé", Fem. "gagi", "gaji", romena, camponeza, camponia.

Gíria romena "gagiu" (pron. gadju), patrão, amo, dono da casa, marido.

Cig. grego, "gadjo", estranho, não cigano, pessoa, homem.

Gíria dos delinquentes Italianos ("furbesco"), "gaggio", camponez, camponio; "gaggio tocco", individuo estranho á camorra que joga o "tocco" com os camorristas.

Cig. hesp. (ch soa tch): "gachó", individuo que não é cigano, cavalheiro, gentleman; "gaché", varão, mancebo, querido. Fem. "gachi", mulher que não é cigana; "cachí", "cachíá", mulher.

Lingua popular hespanhola: "gaché", homem.

Lingagem regional da Andaluzia: "gaché", amante, querido; "gachón", que tem graça e attractivos; menino muito mimado. Fem. "gachona", que tem graça e attractivos.

Cig. port.: "gajen", gajo.

Linguagem popular e gíria portugueza: gajo, homem, sujeito, libertino, espertalhão, — qualquer homem. Fem. gaja, qualquer mulher; gaja, mulher. Gafão, espertalhão, finório, velhaco; sabido.

Cig. brasil.: "gajão", "ganjão", brasileiro, individuo estranho á raça cigana, senhor. Fem. "gajin", "gajona", brasileira, mulher estranha á raça cigana, senhora.

RAIS - QD]

DISTRIBUIÇÃO SYSTEMÁTICA DAS PALAVRAS DERIVADAS CITADAS NESTE ESTUDO

seção II

(prim. ending). prefixo. am. base de deriv.

quadrado. Tem

o. a. m. "quadrado" m.

linhas m. de deriv. "quadrado" m.

região m. de deriv. "quadrado" m.

quadrado. Tem

o. a. m. "quadrado" m.

linhas m. de deriv. "quadrado" m.

quadrado. Tem

o. a. m. "quadrado" m.

linhas m. de deriv. "quadrado" m.

ORIGEM DA PALAVRA "CHIBE"

Dissemos no **Prefacio** que a palavra "chibe" de que usam os ciganos brasileiros, não só com a significação de lingua, t. de anat. (organ essencial da fala) como, por extensão, com os significados de lingua (linguagem), palavra, vocabulario, pertence ao stock basico da lingua madre ou primitiva, visto que corresponde a fórmas existentes em varios dialectos ciganos da Europa e mesmo em alguns idiomas neo-hindús.

E nestes proprios "Subsidios linguisticos" della já tratámos, pondo-a em confronto com as fórmas cognatas existentes no dialecto dos ciganos da Hespanha, isto é, com "chipí", "chipé", "chipe", lingua (anat.), isoladamente, ou na composição "chipe callí" e nas agglutições "chipicallí", "chipicalé".

E visto que promettemos que ainda havíamos de falar desenvolvidamente sobre o caso, vamos fazê-lo agora, num estudo etymologico que abrangerá tanto as fórmas correspondentes que ha em outros dialectos ciganos da Europa como as que encontramos no sanskritto, em alguns idiomas neo-arycos e mesmo em algumas linguas iranianas.

*

* *

Em sua obra "PRINCIPES DE L'ÉTUDE COMPARATIVE DES LANGUES", já citada quando tratámos da raiz K-L, o barão de Merian, estudando as palavras que em diversas linguas significam LINGUA, grupa, sob a raiz SB, as seguintes fórmas pertencentes á linguas indianas e iranianas:

"VI, Racine, SB."

Mahratte	Asie méridionale	djib
Tsingane	ou Bohémien	tchib
Sanskrit	Asie méridionale	djiva
Bengale	Asie méridionale	djib'h
Afghan	Asie	jiba
Persan	Asie occidentale	zibân
Kurde	Asie occidentale	zebân

E A. Coelho, em "OS CIGANOS DE PORTUGAL, tra-

tando, na parte intitulada “Relações do cigano com o calão”, das palavras ciganas que passaram para o calão ou gíria portuguesa, include entre ellas **chibalé**, sobre a qual diz:

“**CHIBALÉ**, adversario. (Cp. tsig. bohemio **tchibaló**, juiz; tsig. grego **tchibaló**, adj. fallador, palrador; **tchibanó**, s. albanez; essas palavras provêem de tsig. **tchip**, **tchib**, lingua. — Origem indiana; sanskrito **djihvâ**, pali **djivhâ**, hindustani **djîbh**. Miklosich, *Abhandl*, VII, 185).”

Vemos, pois, por essas citações que á lista de Merian podemos accrescentar mais duas fórmias cognatas pertencentes a idiomas neo-arycos: **djivhâ** do pali, e **djîbh**, do hindustani.

Falando agora do cigano, a que Merian chama “tsinganc” e A. Coelho tsigano, vemos que o primeiro regista a fórmula “**tchib**” e o segundo, não só regista esta como tambem “**tchip**”. E como ambos naturalmente se referem á lingua geral dos ciganos, é claro que “**tchib**” e “**tchip**” representam nessa lingua os typos primitivos ou originaes.

Nesse caso, vamos mencioniar em seguida algumas fórmias derivadas que conseguimos colher em diversos dialectos ciganos da Europa e ás quaes juntaremos a fórmula do cig. brasileiro.

LINGUA

Cig. romeno. “**tchib**”; cig. turco, “**tchibe**”; cig. hungaro, “**tchib**”; cig. hesp. “**chipe**”, “**chipé**”, “**chipi**”; cig. brasil. **chibe**”.

E’ provavel que em outros dialectos existam fórmias correspondentes, que não conhecemos devido á pobreza de nosso material lexicographico relativo á lingua de que tratamos. Mas as que atraz citámos são mais que sufficientes para provar o quanto a palavra tem sido conservada, e com grande pureza, pelos ciganos do Occidente.

Si fizermos agora uma recapitulação, na qual incluiremos as fórmias das linguas asiaticas, veremos que duma raiz indiana primitiva DJ-B ou TCH-B, encerrando a significação de LINGUA, se desenvolveram diversos radicaes, uns de primeira formação, como, talvez, DJIB e TCHIB, outros de segunda, como DJIV e TCHIP. Outros, enfim, como JIV, CHIV (XIV), etc., terão resultado de successivas modificações phoneticas dos primeiros e dos ultimos.

Foi, pois, desses radicaes que derivaram as numerosas fórmias que já conhecemos.

E agora, para maior clareza, vamos distribuil-as por grupos, e subordinar estes aos radicaes a que pertencem.

I — Radical DJIB — DJIBH: mahratta "djib", hindust "djibh", bengali "djib'h".

II — Radical DJIV — DJIHV: sanskrito "djiva", "jihvâ"; pali "djivhâ".

III — Radical TCHIB: Cigano (lingua geral) "tchib". Dialectos ciganos: romeno "tchib", turco "tchibe", hungaro "tchib".

IV — Radical TCHIP: cigano (lingua geral) "tchip". Dialecto dos cigs. hesps.: "tchipe", "tchipé", "tchipí".

V — Radical CHIB (XIB): dial. dos cigs. brasils. "chibe".

VI — Radical JIB: afghã "jiba".

VII — Radical ZIB-ZAB-ZEB; persa "zibân" (fórma dada por Merian) ou zabân (fórma com que Tisdall traduz o inglez "tongue", em seu trabalho "MODERN PERSIAN", Heidelberg, 1923); kurdo "zebân".

Falando agora particularmente da fórma do cig. brasil. "chibe", e aceitando-se como provavel, que os "calôns" davam ao *ch* inicial o som palatal que elle tem nas palavras portuguezas, *chibo*, *chibante*, *chibata*, deduzimos que ahí ha um abrandamento da articulação complexa *tch* inicial de "tchib", da lingua geral e das fórmas romena, turca e hungara. E como em "chibe" ha conservação do *b* final do radical TCHIB, deduzimos que a fórma brasileira está mais proxima do typo da lingua geral que as fórmas "chipe", "chipé", "chipí" do gitano, nas quaes, como vemos, o referido *b* se reforçou na homorganica forte *p*.

Quanto ao facto dos ciganos brasileiros darem a "chibe", além da significação original de lingua, "organ essencial da fala", as significações de "lingua, linguagem, idioma", trata-se, como sabemos, dum uso generalizado e que se observa em muitas linguas do mundo.

Aliás, elle tem exemplo em outros dialectos ciganos, pois, como já vimos, no cig. hesp. "chipe calli" ou "chipicalli" se traduz literalmente por lingua cigana.

E, segundo Pabanó, a pal. "chipí", mesmo empregada isoladamente, pôde significar "dialecto, lingua, lenguaje". E', por assim dizer, um emprego identico ao que os cigs. brasileiros dão a "chibe", no sentido de lingua (linguagem), palavra, vocabulario cigano.

Podemos, pois, suppôr que entre elles "falar na chibe" era o mesmo que "falar no dialecto calôn", isto é. empregando as palavras do vocabulario desse dialecto.

Um outro exemplo, e muito frisante: os ciganos da península balkanica designam a pura ou legitima lingua cigana por "LATCHÓ ROMANÓ TCHIBE", cuja traducção literal é "a boa cigana lingua".

E ahí temos a palavra “tchibe” visivelmente empregada no sentido de linguagem, idioma.

*

* *

Creemos, pois, que não só identificamos a pal. “chibe” do dialecto dos “calôns” brasileiros com varias fórmās dos dialectos irmãos da Europa como demonstrámos que seu etymo está na lingua proto-aryca, visto que delle tambem ha derivados nas linguas mais antigas da Índia, taes como o sanskrito (fórma “djiva”, “djihvâ”) e pali (fórma “djivhâ”).

E’ possivel que esse etymo tenha sido commum ás linguas do ramo indiano e ás do ramo iraniano.

Foi, talvez, nessa presumpção que Merian subordinou á raiz SB ás fórmās “jiba”, do afghã, “zibân”, do persa, e “zebân”, do kurdo.

E’ verdade que si o j (palatal) de “jiba”, fórma afghã, póde ser tomado como um abrandamento immediato da articulação complexa dj que vemos, p. ex., nas fórmās “djib”, do mahratta, e “djibh” do hindustani, o mesmo não se póde dizer do z que inicia as fórmās “zibân” e “zebân” das duas ultimas.

Neste caso havemos de admittir que tal z representa uma substituição de j de “jiba”. Trata-se, sem duvida, duma permuta rara, visto que essas articulações não são homorganicas, pois uma é palatal e outra sibilante, embora ambas sejam brandas.

Rara, na verdade, mas não sem exemplo em outros dominios linguisticos, como, p. ex., na dialectação arabe do norte da Africa.

Eis um caso: a palatal arabe jîm soa na Syria e em Tunis exactamente como o j portuguez.

Entretanto, na dialectação dessa ultima região não-lhe ás vezes o valor de z. Assim, a palavra arabe correspondente a camello é pronunciada “jamal” na Syria e “zamal” em Tunis.

Notaremos tambem que em algumas palavras arabes que passaram para o portuguez se observa o mesmo phenomeno phonetico. Ex.: do arabe “jîdûâr”, temos em port. zedoaria (hesp. “cedoaria”), herva cuja raiz é medicinal.

Cfr. mais: do arabe “junjuli” ou “jonjoli”, o port. gergelim ou zirgelim (hesp. “aljonjoli”), especie de sesamo.

ETYMOLOGIA DE VARIAS
PALAVRAS DO CIGANO-BRASILEIRO
CITADAS NESTE ESTUDO



ESTADO DE LA UNIÓN

GOBIERNO FEDERAL

CITADAS NESTE ESTUDO

ETYMOLOGIA DE VARIAS PALAVRAS DO CIGANO-BRASILEIRO CITADAS NESTE ESTUDO

Quando, no cap. IV dos "Subsidios historicos", tratámos dos ciganos no Estado da Bahia, promettemos, numa annotação, indicar os etymos das palavras "gajona", "cautana" (soldado), "momeli" (luz) e "gamadi" (namorada), apanhadas pelo reporter do "Diario da Bahia" da bocca dos ciganos pertencentes a um bando que appareceu na capital daquelle Estado e com os quaes o referido reporter esteve em contacto.

Mas, como já indicámos a de "gajona", vamos agora tratar das outras palavras.

"CAUTANA"

Um trecho do dialogo travado entre o reporter do "Diario da Bahia" e o ciganinho José Michlos: "... Nisso avistámos um policial e o cigano grita: um cautana!"

Nos vocabularios ciganos que temos á mão, não encontramos "cautana" nem fórma semelhante com a significação de policial (ou soldado), que lhe dão os ciganos brasileiros da familia Michlos, os quaes, conforme declararam ao reporter, antes de chegarem á Bahia, haviam percorrido o Estado de Minas Geraes durante 25 annos.

No vocabulario de M. Moraes, a palavra do cig. brasil. que corresponde a soldado é "jundunar", em tudo identica á fórma "jundunar" usada pelos cigs. hesps., e á qual corresponde o cig. port. "hundunal", tendo ambas tambem a significação de soldado. E os ciganos da Romenia, a julgarmos pelo vocabulario de Serboianu não têm uma palavra propria para designar soldado, tanto que adoptaram "soldáto", que é uma leve alteração de "soldat", fórma usada na lingua romena.

Curioso, porém, é que na lingua hungara a palavra "katoná" significa soldado; e neste caso, pelos motivos adeante expostos, poderemos suppôr que "cautana" é essa mesma palavra, já porque phoneticamente falando lhe é muito semelhante, já porque della guarda a significação (militar, soldado).

Queremos dizer, em outros termos, que “katona” teria sido adoptada pelos ciganos da Hungria, cujos bandos a trouxeram para o Brasil onde ella foi e ainda é conservada por seus descendentes.

E como, provavelmente, depois dos ciganos degredados pela Metropole, os primeiros ciganos que desembarcaram em nossos portos, talvez ha mais de cincoenta annos atraz, eram de nacionalidade hungara, pensamos que si fosse possivel a organização dum novo vocabulario do cigano-brasileiro, tendo por base o material colhido por Mello Moraes, deveriamos nelle incluir “cautana”, como elemento de origem hungara.

E então essa nova palavra seria um verdadeiro synonymo de “jundunar”, que já conhecemos.

Infelizmente não possuímos vocabulario desenvolvido do dialecto dos ciganos da Hungria para verificar si a palavra “katona” está ou não nelles registado.

Mas, num ou noutro caso, ha toda a probabilidade de ser ella corrente entre taes ciganos; pois, em caso contrario, os seus bandos a não teriam trazido, como presumimos, para as nossas plagas.

Como reforço dessa hypothese, citaremos o seguinte facto: a palavra hungara em questão passou para a lingua romena, na qual tomou a fórma “catana”, significando, segundo o dicc. romeno-francez de Saineanu (já cit. neste estudo), “soldat (spécialement dans l’armée austro-hungroise)”.

Entretanto não a adoptaram, como já sabemos, os ciganos da Romenia que, para designarem soldado ou militar, têm “soldáto”.

Neste caso, só aos ciganos da Hungria e não aos da Romenia ou de qualquer outro paiz balkanico podemos attribuir a existencia de “cautana” na linguagem dos bandos de ciganos que percorrem os nossos sertões.

Pensamos, pois, ter justificado a origem da palavra.

* * *

Não deve, porém, passar aqui em silencio um facto que talvez possa provar, ainda que indirectamente, que tambem os antigos ciganos do Rio de Janeiro usavam a palavra “catana” com a significação de soldado, militar.

E’ que Mello Moraes, falando das diversas familias descendentes de taes ciganos cita, entre ellas, os **Catanas** que, em sua opinião, descendiam dos Laços, Antonio Curto e Fragas, ciganos destemidos das tropilhas nomades.

Não teremos ahi uma alcunha dada a uma familia, cujo chefe foi “catana”, isto é, soldado ou militar ?

Ou mesmo dada a uma familia que forneceu ao exercito colonial diversos “catanas”, provindo desse facto o seu appellido ?

E’ possivel, tanto mais que o proprio Mello Moraes nos dá noticia da existencia de militares ciganos nesse exercito e alguns até de alta patente.

Tal é o caso por elle narrado e ao qual já nos referimos, dos premios concedidos a varios desses militares por D. João VI, como signal de agradecimento pela maneira galharda com que os da colonia se portaram durante os festejos que celebraram o consorcio de D. Pedro I com a princeza D. Leopoldina, archiduqueza da Austria: o sargento-mór Joaquim Antonio Rabello foi reformado no posto de tenente-coronel, e José Cardoso Rebello, Manuel Laço, Antonio Vaz Salgado e outros foram nomeados alferes.

E’ para notar a coincidencia de haver entre esses alferes um Laço, que talvez tenha sido um dos “catanas” que contribuíram para o appellido de familia.

Fóra disto, só poderíamos ver em tal appellido um emprego metonymico do homophono *catana*, palavra de origem japoneza e que, como sabemos, é o nome dum alfange asiatico.

Então, os *Catanas* seriam, por metonymia, os *Alfanges*, dando-se aos individuos o nome dum objecto por elles trazido (cfr. o emprego de *baionetas* por *soldados de infantaria*, na phrase — “o exercito atacante era composto de 10.000 *baionetas*”).

Entretanto, a origem cigana da palavra parece-nos mais accetavel.

E si tal origem fôr acceita, teremos que “*catana*” é com relação a “*cautana*” uma fôrma mais pura, visto que conserva intacto o a do etymo hungaro “*katona*”, o qual se diphthongou em *au* na segunda fôrma.

Mas, perguntarão, si os “*calôns*” do Rio de Janeiro descendem dos ciganos dos tempos coloniaes, como poderemos explicar a existencia em seu dialecto dum elemento do cigano-hungaro e que nós mesmo presumimos ser de adopção relativamente recente em nossos bandos de ciganos ?

A explicação é relativamente simples.

As hordas ciganas que penetraram na peninsula iberica e ás quaes pertenciam os bandos que foram deportados para o Brasil provinham das regiões balticas e tambem da Hungria, que eram então os principaes fôcos de irradiação desses nomades para a Europa occidental.

E a prova disso é a existencia de numerosos elementos d-

origem slava, romena, grega e mesmo hungara no vocabulário dos ciganos hespanhóes, portuguezes e naturalmente também no dos "calôns" brasileiros.

Esses elementos, comprehendendo-se, foram adoptados na lingua dos ciganos antes delles haverem deixado os referidos focos de irradiação.

Mas como os vocabularios conhecidos dos diversos dialectos ciganos são muito incompletos, já pela pouca attenção que elles têm merecido por parte dos philologos, já pelas difficuldades oppostas pelos próprios ciganos aos que têm tentado organizá-los, é claro que em taes vocabularios faltam innumerous termos, uns genuinamente ciganos e outros provenientes de linguas estrangeiras.

E quanto ao pequeno vocabulário "calôn" organizado por M. Moraes, escusado seria dizer que será dos mais incompletos.

Não nos admiramos, pois, que a palavra "catana", soldado, militar, tendo sido trazida da Hungria pelos ciganos que, passando pela Hespanha e por Portugal, vieram ao Brasil, aqui tenha sido usada por elles como um dos elementos peregrinos de seu dialecto.

"MOMELÍ"

Um outro trecho da reportagem do "Diário da Bahia".

"Começam a accender as luzes e o ciano exclamou: — momelí.

— Momeli é a luz — disse-nos sorridente o José Michlos". Essa palavra deve pertencer á lingua geral dos ciganos, pois a encontrámos pelo menos em dois de seus dialectos; um balkanico e outro iberico.

O primeiro é o cig. romeno, no qual "momeli" ou "mumeli" significa cirio, tocha, vela ("momeli khoiákere" — vela de cebo); e o segundo é o cig. hesp., no qual "momeli" significa luz, claridade.

E' para notar que neste ha também "mermeli" e "mermellín", que parecem ser alterações phoneticas de "mumeli", visto que significam, respectivamente, vela, candeia, e — tocha, archote.

Ora, apesar de "momeli" ou "mumeli" falar no deficiente vocabulário de M. Moraes, esse facto não exclue a hypothese dos "calôns" do Rio de Janeiro terem usado a palavra no tempo em que foi organizado tal vocabulário, a qual teria então escapado á collecta do autor.

Seja, porém, como fôr, o facto é que a palavra é actualmente empregada pelos bandos de ciganos que percorrem as nossas

terras, pois não é de supôr que seu uso seja restricto aos componentes do bando que, em 1935, esteve na Bahia.

E como, segundo pensamos, ella faz parte da lingua geral, difficil será determinar-se de que paiz ou região provieram os ciganos que a trouxeram para aqui, o que, aliás, pouco nos interessa saber.

*
* *

Ignoramos si qualquer ciganologo já fez investigações sobre a origem remota dessa palavra cigana.

De nossa parte, atinámos que ella procede do persa e que, curiosamente, é um cognato de mumia.

E' o que vamos demonstrar, sem que, todavia, alimentemos a pretensão de ter a prioridade na descoberta.

*
* *

A palavra persa "mûm", cera, passou para a lingua arabe com essa mesma forma e significação. E posteriormente os arabes della derivaram "mûmiyâ", nome duma especie de betume, e "mûmiya", mumia, cadaver embalsamado (mumia do Egypto).

Tambem para a lingua dos ciganos passou a palavra "mûm", naturalmente quando elles, vindos da India, estiveram na Persia.

Uma prova evidente é a sua existencia no dialecto dos ciganos da Romenia, em sua forma pura "mum" ou na levemente alterada "mom", com as significações primitivas de cera, cerumen e com as figuradas de cirio, tocha, vela, vela de cera.

Os ciganos, por sua vez, della derivaram, com accrescimo do suffixo "ji", formativo de nomes femininos, o novo substantivo "mumeli", "momeli", que, como já sabemos, tem só os tres ultimos significados de "mum", isto é, cirio, tocha, vela.

Por comprehensivel transferencia de sentido, "mumeli" passou no cig. hesp. a significar luz, claridade. Entretanto, o cigano da Bahia, quando exclamou "momeli!", deu-lhe, como os ciganos da Romenia, o sentido de vela (cfr. a significação de vela, cirio, etc., que nós tambem damos á palavra luz: accenda a luz, apague a luz, traga a luz).

Voltando agora aos pontos principaes da questão, cremos ter provado: a) que "momeli" é um dos elementos persas que passaram para a lingua geral dos ciganos; b) que "mumeli", "mumeli" é cognato do arabe "mûmiya", mumia, visto que ambos têm por base de formação o persa "mûm", cera.

“GAMADÍ”

Perguntando o reporter do “Diario da Bahia” ao ciganinho que lhe servia de guia como se chamava namorada na lingua cigana, elle immediatamente respondeu que era “gamadí”.

Si fôr aceita a etymologia que vamos propôr para essa palavra, veremos que ella é genuinamente cigana, visto que provem remotamente duma raiz indiana, constituida dos elementos K-M, a qual encerra as idéas principaes de amar, querer, desejar.

*

* *

Duma raiz K-M formou-se no sanskritto o verbo “kam”, que significa amar, cuidar de, olhar por, e o subs. “kâmas”, que significa paixão.

Da mesma raiz desenvolveu-se na lingua cigana o radical KAM, que nella é a base de formação de muitas palavras, cujas idéas principaes são tambem as de amor, affecto, affeição, desejo.

Para exemplificar, começaremos pelos seguintes verbos pertencentes a diversos dialectos ciganos da Europa, nos quaes o referido radical apparece ora representado por KAM ora por CAM, tal seja o systema graphico da lingua dos que o transcrevem figuradamente: cig. turco “kamava”, querer, amar; cig. ingl. “kamova”, amar; cig. hesp. “camelar”, querer, enamorar, amar; cig. port. “camelar”, querer, amar; cig. brasileiro “camelar”, aquiescer, desejar, querer, etc. (V. vocabul. de M. Moraes).

Falando agora do dialecto dos ciganos da Romenia, vemos que elle tambem possui uma fórma correspondente a essas, com a differença, porém, que nella o K-C inicial do radical commun KAM-CAM se reforça no chamado k aspirado (som de khi dos gregos ou de la jota dos hespanhóes), que figuraremos com o grupo kh.

Assim, temos em tal dialecto, o verbo “khamáva”, “khamáv” ou “khamáu”, que significa amar, querer, e que, segundo nos diz Serboianu, faz parte dos verbos ciganos primitivos, isto é, daquelles que são formados duma raiz indiana ou hindustanica.

Pois bem: é baseado na flxão desse verbo do cig. romeno que vamos, não só procurar identificar o radical GAM da palavra “gamadí” com o radical KAM, da lingua geral, como tambem explicar qual a origem da terminação “dí”, que nella vemos.

E si assim o fazemos é porque, como já foi dito por varias vezes, as unicas fontes de que dispomos para o conhecimento da grammatica da lingua cigana são as que ha na obra de Serboianu.

Além disso, como também já foi dito, o dialecto dos ciganos da Romenia, pelo facto de ainda conservar muitos dos processos grammaticaes da lingua madre, pode ser considerado como uma **pedra de toque**, tanto para provar-se a legitimidade de certas formas ciganas existentes nos dialectos irmãos, como para explicar-se o motivo do apparecimento de outras, cujas formações se afastam das regras da lingua geral.

*
* *
*

Entre as terminações características ou formativas dos participios passados dos verbos ciganos estão “ló” e “dí” que se juntam directamente aos radicaes dos verbos.

Assim, p. ex., si juntarmos “ló” ao rad. KHAM, do verbo “khamáu”, querer, amar, e “dó”, ao rad. KHER do verbo “kheráu”, fazer, teremos no cig. romeno, respectivamente, os parts. passados “khámló”, querido, amado, e “kherdó”, feito.

Ora, na lingua cigana, como em diversas outras linguas do mundo, inclusive a portugueza, os parts. passados são frequentemente empregados como adjs. e mesmo como substantivos, sendo, portanto, susceptiveis de flexão de genero; e nesse caso, substituindo-se o “ó” das terminações “ló” e “dó” por “í”, que é uma das terminações dos femininos ciganos, temos “khamlí”, querida, amada, e “kherdí”, feita (coisa feita, — sorte, sortilegio).

Eis alguns exemplos colhidos em diversos dialectos ciganos de formas, mais ou menos alteradas, correspondentes a “khámló” e que são empregadas como adjs. ou como substantivos: cig. ingl. “kamlo”, amavel; cig. hesp. “camelo”, namoro; cig. port. “camelo”, amor, amizade. Seja dito de passagem que o git. “camelo” passou para o hespanhol popular ou familiar com a significação de “galanteo” — “chasco”, “burla”, “pega”. E que no dicc. de C. de Fig. está registado, como brasileirismo, o termo **camélo**, com a significação de namoro, engano, ludibrio, o qual sem duvida podemos identificar com “camelo”, do cig. hesp. e do cig. portuguez.

Como vemos, todas essas formas reflectem o masc. do cig. romeno “khámló”, querido, amado.

Quanto ao fem. “khamlí”, querida, amada, encontrámos apenas os seguintes correspondentes que, pensamos, com elle podemos relacionar: no cig. port. “cameli”, subst., empregado com a significação de prima (V. Vocabul. de A. Coelho), mas que na origem talvez tenha significado também amada, querida, passando então, posteriormente, essa palavra de affecto a ser empregada para designar as primas; e no cig. brasileiro “kambulin” (subst.

e adj.), amor, amoroso, querido (Vocabul. de M. Moraes). e “kambalim”, subst., amor, paixão, pertencente á gíria cigana do Rio de Janeiro (V. “GERINGONÇA CARIOCA”).

Quanto a essas fórmãs do cig. brasil., é certo que ellas se desenvolveram de fórmãs primitivas, ou mais antigas, isto é, de *kamulí, *kamalí, através da evol. *kam’li, **kamb’li, ***kam-bulí, kambali e, finalmente, com nasalisação de i final, “kam-bu-lin”. “kambalim”.

Após estas longas considerações sobre o radical cigano KAM, cuja raiz, como vimos, é indiana, voltaremos a tratar de “gamadí”, que procuraremos enfiçar, como cognato, entre todos os derivados ciganos daquelle radical e que atraz foram mencionados.

Para fazê-lo, estabeleceremos duas hypotheses:

1.^a. O radical GAM, de “gamadí” é o mesmo radical KAM-CAM, KHAM (reforço de k ou kh), que vemos em “camelo”, “cameli”, “kambulin” (o b que ahi vemos é simplesmente epenthetico, não fazendo, portanto, parte do radical), “khamló”, “khamlí”, etc., tendo havido apenas abrandamento da guttural forte inicial K na homorganica branda G (GH).

2.^a. A terminação “dí”, de “gamadí” é a mesma terminação “dí” (fem. de “dó”), que, como “lí” (fem. de “ló”), é um dos elementos formativos dos parts. passados ciganos, conforme exemplificamos com “kherdí”, feita, fem. de “kherdó”, feito, ambos formados do verbo “kheráu”, fazer.

Mas, neste caso, é claro que havemos de admittir que a substituição excepcional de “lí” por “dí” nessa fórmula cigana, ou se deu por uma simples confusão ou constitue uma peculiaridade de qualquer dialecto de que não temos conhecimento.

Quanto á semantica, já sabemos que a idéa “de namorar”, que encerra “gamadí” — namorada, está expressamente contida no verbo do dialecto gitano “camelar”, que, entre outras significações, tem tambem a de namorar; e ainda no subst. do mesmo dialecto “camelo”, que significa namoro; e, por fim, no brasileiro camélo, citado por C. de Fig., e que, egualmente, significa namoro.

Este facto sem duvida vem ainda mais justificar o motivo por que incluímos a palavra entre os derivados do radical cigano KAM.

E quanto á origem indiana que remotamente tem esse radical, vamos, para dar fecho a esta longa série de investigações, citar um facto interessante

Como definição dada á palavra cigana “camelo”, que, como foi dito, passou para a lingua hespanhola, vemos no “DICCIONARIO DE LA REAL ACADEMIA ESPAÑOLA”, o seguinte:

"CAMELO. (Del gaél. camhail, amable, amoroso, amigo; en sanscrito kamala, que significa lo mismo) m. fam. Galanteo. — fam. chasco, burla."

E o mesmo dicionario regista:

"CAMELAR. (De camelo) a. fam. Galantear, requebrar. — fam. Seducir, enganar adulando."

E', pois, extraordinario que os etymologos desse conceituado dicionario tenham ido buscar a origem de "camelo" no gaelico "camhail" e, remotamente, no sanscrito "kamala", quando a palavra, já feita ou constituida, estava no dialecto dos proprios gitanos da Hespanha, do qual simplesmente havia passado para a lingua hespanhola popular ou familiar...

Da mesma forma, quando derivam "camelar" de "camelo" dão, implicitamente, a esse verbo origem gaelica!

Mais acertado andou Luis Besses que após registar em seu já referido "DICCIONARIO DE ARGOT ESPAÑOL" o verbo "camelar", como pertencente ao "caló" ou "gitano", com as significações de amar, namorar, querer, o regista como tendo passado para o hespanhol popular com as significações de cortejar, namorar, desejar.

Em todo o caso, os referidos etymologos nos deram a conhecer mais unia palavra do sanscrito, co-radical das palavras dessa lingua que já conhecemos, isto é, o verbo "kam", amar, etc., e o subst. "kâmos", paixão; essa palavra é "kamala", que significa amavel, amoroso, amigo.

Todos derivam da raiz indiana K-M, que encerra a idéa de amar, querer, e á qual pretendemos ligar tambem "gamadi". E si isto fôr acceito, explicado fica o motivo por que presumimos no começo deste estudo que essa palavra usada pelo bando de ciganos que passou pela Bahia é genuinamente cigana e tem origem genuinamente indiana.

*

* *

Tendo indicado os etymos das palavras do cigano-brasileiro, cujo conhecimento devemos ao reporter do "Diario da Bahia", (1) tambem indicámos, nesta parte do estudo, o de duas outras palavras pertencentes ao mesmo dialecto, isto é, o de "kambulin", amor, amoroso, querido (Vocabulario de M. Moraes) e "kambalim", amor, paixão ("GERIGONÇA CARIOCA").

A estes poderemos juntar, como cognatos, mais os seguintes collhidos por M. Moraes: "cambulon", amigo, afeiçoado (V. Vo-

(1) Conforme dissemos, os recórtes relativos á reportagem feita pelo "Diario da Bahia" junto aos ciganos que estiveram naquella cidade, foram nos remetidos pelo nosso dedicado collaborador dr. Mario Torres e, como se vê, elles foram excellentemente aproveitados neste trabalho.

“Cambulon” é evidentemente a fôrma masculina de “Kambulin”, traduzindo-se esta por *querida*, e não por *querido*, conforme, talvez por um lapso, traduziu o autor.

Pois como já sabemos, nas palavras do cig. brasil. a terminação nasal in está, por via de regra, por í, que é a característica da maior parte dos femininos ciganos.

E “kambulins” nada mais é que a fôrma pluralizada de “kambulin”, traduzindo-se esta por *amorosa* e não por *amoroso*, como se vê no Vocabulário de M. Moraes.

E então, a esse plural “kambulins” deu elle o sentido de *lyricas*, subtitendo-se *poesias*.

Um facto curioso é o de haverem os “calôns” brasileiros conservado intacto o radical KAM-CAM no verbo “camelar”, (acquiescer, desejar, etc.) ao passo que o desenvolveram em KAMB-CAMB nos cognatos “kambulon” e “kambulin”.

Esse facto, porém, resulta dum phenomeno phonetico que se observa em outros dominios linguisticos.

Trata-se da intercalação dum B euphonico entre M e L do grupo ML, quando este provem da syncope duma vogal que havia entre as duas consoantes: e dahi o apparecimento da combinação MBL.

Exs.: do lat. “SIMILARE”, *sim'lare, — hesp. “sembler”, fr. sembler; do lat. “SIMILANTE”, *sim'lante, — hesp. e port. semblante.

Do lat. “TREMULARE”, *trem'lare, o fr. “trembler” e o hesp. “temblar” (por tremblar).

Assim, pois, os ciganos brasileiros, tendo possuido uma forma primitiva *KAMLÓ, na qual já havia ML, intercalaram tambem um B euphonico entre M e L, donde a referida combinação MBL: *kamló, — **kambió e, por intercalação de u entre b e l (suara-

(1) Conforme dissemos, os recôrtes relativos á reportagem feita pelo “Diário da Bahia” junto aos ciganos que estiveram naquella cidade, foram-nos remettidos pelo nosso dedicado collaborador dr. Mario Torres e, como se vê, elles foram excellentemente aproveitados neste trabalho.

Não temos o prazer de conhecer pessoalmente o dr. Mario Torres e a correspondencia epistolar que com elle mantemos, devemô-la ao gentil intermédio da professora paulista, exma. sra. d. Anna Silveira Pedreira que, estando, em 1934, na Bahia, lhe transmittiu a nossa idéa da publicação deste livro, da qual elle immediatamente se tornou um entusiasta, tanto que passou a auxiliar-nos com numerosos informes relativos ao assumpto.

A professora d. Anna P. Silveira, que fez parte da representação paulista ao 1.º Congresso de Ensino Regional promovido pela Sociedade dos Amigos de Alberto Torres, na cidade de S. Salvador, devemos tambem os nossos agradecimentos por haver attendido ao pedido que lhe fizemos de obter de pessoas competentes daquella cidade informações sobre os ciganos que ainda percorrem as terras bahianas e outras do norte do paiz.

bacti), *** kambuló, kambulí; e por fim, "kambulon", "kambulin".

Seja, porém, como fôr, esse phenomeno phonetico pode ser levado á conta de mais uma particularidade do dialecto dos ciganos do Brasil.





APPENDICE

SITUAÇÃO ACTUAL DOS CIGANOS EXTRANGEIROS RESIDENTES NO BRASIL

O "Estado de S. Paulo", de 21 de fevereiro de 1936, publica o seguinte telegramma:

"Congresso extracrdinario dos ciganos"

VARSOVIA, 20 ("Estado") — Os representantes dos ciganos do mundo inteiro reúnem-se brevemente em Rowne, na Polónia, em congresso extraordinario.

Estarão presentes oito "reis", inclusive o dos ciganos brasileiros, Futulesco Kwiek, que assumirão a presidencia do congresso incumbido de escolher o "rei" dos "reis", isto é, o soberano de todos os ciganos.

O congresso examinará igualmente a possibilidade de escolha para os ciganos de um territorio em que pudessem estabelecer-se definitivamente."

Relativamente ao conteudo desse telegramma, o "Diario de Noticias", do Rio de Janeiro, fez diversos commentarios, os quaes foram transcriptos na "Folha da Manhã", de S. Paulo, de ... fevereiro de 1936, e são os seguintes:

"Em torno do "congresso internacional de ciganos" a realizar-se na Polónia:

"Divulgou-se na imprensa um saboroso telegramma de Varsovia, annunciando a proxima reunião, em Rowne, Polónia, de um "congresso internacional de ciganos".

Deverão comparecer ciganos do mundo inteiro. Nada menos que oito reis zingaros assumirão a presidencia do Congresso, contando-se entre elles um rei brasileiro, o cigano Fitulesco Kwick, que pelo nome é apenas rumaico.

Esse telegramma não nos pôde deixar indifferentes. Compareça ou não o rei cigano brasileiro, o Brasil está na obrigação de enviar para Rowne uma delegação luzida e succulenta.

Em poucos paizes do mundo, seguramente, o exercicio da ciganagem será tão amplo e rendoso, quanto neste antigo Pindorama. Basta attentar nas actividades da politica, para ver-se que a raça dos bohemios aventureiros constitue uma potencia indesejavel.

Nossos ciganos não vestem trapo, não andam e habitam em "roulotes", ou traquitanas toscas e immundas, muito menos são vagabundos andejos. Ao contrario, são individuos elegantes, saudaveis, bem installados na vida, sedentarios nos postos e proventos que lhes servem de eixo para as gordas transacções ciganescas.

Cantam a "buena-dicha" em cima do orçamento, são aventureiros sem nomadismo, fazem o seu negocio sem arredar pé da séde das pepineiras e, se alguma vez se deslocam, é para gozar as commissões polpudas que são ainda uma modalidade da sua ciganice.

Mas são authenticos, irrealizaveis ciganos.

Ora, o Brasil despacha representantes, missões, commissões, delegações para toda parte no exterior, a todo pretexto ou sem pretexto algum.

Seria, portanto, absurdo que não enviasse uma nutrida embaixada a esse congresso internacional de cingaros, em que só poderemos fazer uma figura admiravel, pelo prestigio e competencia dos nossos embaixadores.

E' preciso que uma vez ainda o mundo reconheça os prestimos da nossa terra e da nossa gente. E nada melhor, para isto, do que a representação da ciganada brasileira num congresso em que os ciganos de todo o orbe terraqueo serão apenas pintos dos nossos capões de pescoços pellados."

Aproveitando o ensejo, "A Noite", do Rio de Janeiro, discutiu e desenvolveu o caso numa noticia que pôde ser considerada como um rapido historico da situação actual dos ciganos estrangeiros no Brasil, principalmente dos que neste momento estancam na Capital Federal.

Pois nella ha, além de observações de ordem geral sobre o character e a indole desses nomades, alguns dados interessantes sobre seus paizes de origem, sua distribuição por diversos pontos do paiz, seus usos, costumes, profissões, etc.

Vamos, pois, transcrevê-la na integra, mas, é bom declarar-o, por intermedio d'"O Imparcial", da Bahia, que a estampou em seu numero de 24 de março de 1936.

Fil-a:

“UM REI PARA OS CIGANOS...

Vida nova para os zingaros do Brasil — A “buena-dicha”
terá fim — Progressistas e conservadores...

RIO, 21 (Para “O IMPARCIAL”) — “A Noite” publica a seguinte e interessante reportagem:

Ciganos!... Povo sem patria, sem credo e sem destino. Parias exilados de terras distantes vivendo á margem do mundo organizado, alheios ao ambiente e aos costumes de outras terras... Estejam onde estiverem, entre latinos ou saxões, entre islamitas ou mahometanos, guardam fielmente os habitos e as tradições de sua raça e de sua origem. Fazem da vida um conceito differente. Desconhecem o conforto e desprezam os encantos do “home sweet home”, que é, por assim dizer, a base fundamental de todas as civilizações. Vivem como o judeu errante, dispersos e sem aspirações, por esse mundo em fóra, em acampamentos provisórios. Hoje estão aqui, amanhã ninguém sabe aonde. — Sempre avante, — eis a imposição do destino. A familia vae se tornando internacional; o marido é da Bulgaria e a mulher da Albania. Os filhos, um é servio, outro é grego, outro é polonez, outro é yugoslavo... Mas não importa a nacionalidade, porque, ciganos é que são, nasçam aqui ou alhures...

A educação de cada um depende do proprio instincto. Nada é feito no sentido de se ampliar a sua cultura. Seus conhecimentos limitam-se ás coisas intuitivas e, por isso, a intelligencia do cigano nunca se desenvolve e permanece obscura tal como o diamante que não se lapida.

Os ciganos, enfim, integram uma collectividade de excentricos e são um povo completamente diverso dos demais, até pela indumentaria.

OS CIGANOS DO BRASIL

No Brasil os zingaros encontraram um paiz propicio ás suas actividades. Aqui se fixaram, em diversos Estados, os de todas as origens. Os da Yugoslavia habitam de preferencia Rio Grande do Sul, Bahia, Pará e Pernambuco; os da Rumania vivem em São Paulo; os da Grecia, nesta capital e no Estado do Rio. Porém, nos Estados mencionados e nos outros, de norte a sul, existem ainda numerosos nucleos que agrupam ciganos de varias procedencias, como sejam da Albania, da Servia, da Polonia, da Russia, da Bulgaria, da Hungria e etc.

Muitos nucleos se tornaram fixos enquanto que outros não permanecem por muito tempo num só lugar. Morando em barracas, armam-nas em terrenos baldios, quasi sempre afastados do

centro urbano. Quando a policia os incommoda, ou o local n'elles offerece os esperados resultados, mudam repentinamente, como um circo ambulante.

Em nossa capital, em virtude do serviço de qualificação recentemente creado pela policia, muitas colonias de ciganos se transferiram para o interior. Contudo, ainda existem alguns nucleos de zingaros da Grecia e da Yugoslavia que se reuniram no Meyer e na Cidade Nova.

OS QUE TRABALHAM E OS QUE NÃO TRABALHAM

Entre os agrupamentos localizados nesta capital existem sérias divergencias de habitos e tambem no modo de se conduzirem. Os da Yugoslavia, cujo quartel general é na rua Senador Pompeu, num botequim existente na esquina dessa rua com a rua Bento Ribeiro, nas proximidades da Central do Brasil, são ciganos que não trabalham.

Os homens passam o dia todo na maior ociosidade; quando não jogam cartas, dormem profundamente. As mulheres é que "trabalham", illudindo a bôa fé alheia e sustentando á custa da "buena-dicha" os barbados da familia

Os da Grecia, que vivem no Meyer, espalhados pelos bairros de Cachamby e José Bonifacio, são mais prestativos e obedecem a outros costumes. Os homens geralmente têm profissão e ganham a vida á custa das suas actividades como concertadores e estanhadores de caldeirões e panellas. Tornaram-se especialistas nesse serviço e são conhecidos em grande numero de restaurantes da cidade e mesmo em muitas repartições publicas. As mulheres, entretanto, não deixam de se occupar com a "leitura da sorte" dos incautos. Lêm a mão e ao mesmo tempo, com prodigios de habilidade, fazem desaparecer o dinheiro que lhes e entregue. Segundo é praxe, a predição do futuro varia conforme o valor da nota. A' proporção que esta augmenta aquella se aprofunda.

Si entre uns e outros differe o modo de vida, em compensação o "habitat" é o mesmo. Uma casa de ciganos é igual á de todos os ciganos. Não tem mobilia. Não existe mesa, nem cadeira, nem cama. Mas ha abundancia de tapetes velhos e imundos, pendendo pelas paredes. O assorlho é de côr indefinida, porque se esconde por debaixo de grossas camadas de sujeiras.

Dormem no chão, ou (no maximo e muito raramente), sobre um acolchoado. A roupa de uso se espalha em desordem por todos os recantos da casa.

Assim é a moradia dos ciganos, que residem em casa de pedra e tijolo.

Os ciganos da Grecia, entretanto, preferem passar o tempo nas barracas armadas no fundo do quintal. Trocam a casa pela tenda...

POLITICA

Os ciganos, sejam de que origem forem, vivem em todos os logares do mundo sob a orientação de um chefe. Na Polonia, Miguel II foi recentemente coroado Rei dos Ciganos e reconhecido oficialmente pelo governo daquelle paiz. No Brasil, no entanto, os zingaros não obedecem a ninguém. Cada qual faz e procede como entende.

Essa liberdade de acção, que data de longos annos, está ameaçada de uma transformação radical, pois cogita-se de nomear um chefe para os ciganos do Brasil. Mencionou-se até o nome do futuro "rei": Titulesco Kweck.

PROGRESSISTAS E CONSERVADORES

Foi apurando essa noticia que colligimos os detalhes descriptos nesta reportagem e que descobrimos, tambem, já existirem, embora não officialmente, dois ciganos mais ou menos tidos como chefes da sua "grey". A um cabe a "liderança" dos ciganos da Grecia e a outro a dos ciganos da Yugoslavia. Pelos motivos expostos são rivaes.

Definindo politicamente essa situação, poderemos denominar os ciganos da Grecia, que trabalham, de progressistas, e os da Yugoslavia, que vivem enraizados nas tradições do passado, de conservadores.

Sobre a questão que actualmente agita os ciganos do Brasil, ouvimos as duas facções e pudemos concluir que entre uma e outra não existe possibilidade de entendimento.

LOLA POPADOPULOS, PROGRESSISTA

E' o maioral dos ciganos gregos. Como os demais do respectivo nucleo, Popadopoulos é trabalhador. Na sua residencia, no Meyer, recebeu-nos gentilmente e offereceu-nos a unica cadeira que havia. Antes de tomar conhecimento da nossa missão, pensou que fôssemos da policia e exhibiu-nos mais de cincoenta documentos comprovando a sua qualidade de especialista na estanhagem de caldeirões. Entre estes havia innumeradas facturas do Ministerio da Guerra relativas a serviços prestados em quasi todas as unidades militares desta capital.

Vimos tambem facturas da Casa de Detenção e Correção e

de varios restaurantes de primeira ordem. Estavamos satisfeitos e desviámos depois a palestra para o ponto que nos interessava. Perguntámos a Lola Popadopulos o que sabia sobre a nomeação de um chefe para os seus patricios e se conhecia Titulesco Kweck.

— Não conheço esse nome — respondeu-nos. Aqui no Brasil pelo menos não existe nenhum cigano com esse nome. Com relação ao restante, devo esclarecer que não estou autorizado a falar.

Foi com difficuldade que vencemos o mutismo do nosso entrevistado. Depois de grande relutancia, resolveu contar-nos alguma coisa, dizendo-nos que de facto se falava nessa nomeação.

VASIL E SONIA KWECK

— Cogita-se é verdade de se nomear um chefe para os meus companheiros, mas não é Titulesco o nome do escolhido e sim Vasil Kweck, descendente directo de Miguel Kweck, actual Miguel II, Rei dos Ciganos da Polonia. Naturalmente, Vasil não será rei”, e, de accôrdo com as disposições constitucionaes deste paiz, será apenas um chefe. E’ casado com Sonia Kweck, também da realza cigana.

— E qual é a função desse chefe?

— Modificar completamente os habitos e os vicios da collectividade — respondeu-nos com energia Popadopulos. Cigano no Brasil deve proceder como todos os brasileiros, conduzir-se de accôrdo com o ambiente da terra que o acolheu, como geralmente são obrigados a fazer noutros paizes. Só aqui, pela falta de orientação, é que gozamos da fama que nos cerca. E’ preciso acabar-se com essa vagabundagem. Todo o cigano será obrigado a ter uma determinada profissão. Si eu tenho, os outros também poderão ter.

Nessa altura, Popadopulos nos mostra uma photographia do futuro soberano e nos esclarece estar ligado ao mesmo por laços de intimo parentesco.

— E’ meu irmão. O pae delle é meu padrasto...

Proseguindo, nos informa das rivalidades existentes entre os zingaros de origem grega e os de origem yugoslava, tudo porque estes preferem permanecer fieis aos habitos dos seus antepassados, vivendo á custa do trabalho das mulheres.

— Enfim — accentua Lola Popadopulos — si Vasil Kweck conseguir vencer haverá transformações radicaes na vida dos ciganos. Até a “buena-dicha” não poderá ser praticada nas ruas, e os nucleos fixos serão centralizados de tal forma que resultarão num verdadeiro centro de trabalho agricola, caso seja possível agrupar-os em terreno adquirido para tal fim.

— E os ambulantes?

— Estes continuarão na sua senda, obrigados, porém, a se comportarem devidamente com relação á organização legal da collectividade, sob pena de serem expulsos do paiz. Outra coisa: todo o filho de cigano terá que frequentar escola, e sendo brasileiro, cumprir todas as obrigações para com a sua patria, inclusive a de ser soldado ou reservista do Exercito.

MOYSÉS PETROWICK, CONSERVADOR

Moysés Petrowick é elemento de destaque entre os ciganos da Yugoslavia. Muito gordo e folgazão. Quando não está no botequim da rua Senador Pompeu, está na Brahma, bebendo chopps. A esposa sae de casa pela manhã e só volta á noite, lendo a "buena-dicha". Petrowick mora na rua de S. Pedro e tem quatro filhos, todos brasileiros. Quando o procurámos não estava em casa e sim na rua Senador Pompeu.

Indagámos do seu modo de ver as coisas. Falámos si sabia que os ciganos iriam ter um chefe.

— Não sei, ou por outra, não sabemos disto — declara-nos com firmeza. — Nem tão pouco nos interessa esse assumpto. Eu não pretendo obedecer nem ser obedecido, e esse caso da nomeação de alguém para nos chefiar é praticamente impossivel. Estamos no Brasil e emquanto aqui estivermos só obedeceremos a um "rei", que é a Policia. Ella é quem ordena e nos dirige. O resto é conversa fiada.

Petrowick estava apreciando um pedaço de melancia, junto a uma carrocinha de vendedor ambulante. Dá uma dentada na polpa vermelha da fructa e continua:

— Agora, si a policia nomear um cigano e fazel-o responsavel unico pelos nossos actos, isso é outra coisa. Nestas condições acceitaremos um chefe. De outra forma não tomamos conhecimento dessas novidades.

— Preferem então continuar como estão?

— Em parte sim e em parte não. Por exemplo, esse máo habito da "buena-dicha" nas ruas deve acabar. Reconhecemos que é um vicio das nossas mulheres, mas que poderá ser exercido dentro de casa. Não falta quem as vá procurar ou as chame a domicilio para ler a sorte.

Mais uma dentada na melancia e mastigando ainda, Petro-wick nos diz que os ciganos têm os seus defeitos, mas que, naturalmente, existem os bons e os máos.

— Em tudo é assim e os ciganos bons pagam pelo que fazem os ciganos máos. Contra estes nos insurgimos e estamos dispostos a cooperar com a policia no sentido de melhorar o nivel da

collectividade. Tenho 24 annos de Brasil e nunca fiz mal a ninguém. Nunca roubei nem pratiquei crime algum. Portanto, posso andar de cabeça erguida e tudo quanto eu disse é o pensar da maioria dos companheiros. Nada de “reis” nem de chefes. Apenas uma acção efficaz por parte da policia, porque, entre os ciganos a logica é a mesma e infallivel: pagam os justos pelos peccadores!

Dizendo isto, o gordo Petrowick atira fóra parte da meia-lua, enxuga as mãos com displicencia e nos pede encarecidamente: — Por favor não fale mal da gente!”

Ora, a julgarmos por essa interessante noticia que nos deu “A Noite”, deduzimos que já são relativamente muito numerosos os ciganos europeus que nos ultimos tempos têm desembarcado no Brasil.

E é mesmo para notar que, ao que parece, na cidade do Rio de Janeiro elles já vão formando pequenos nucleos sedentarios que, talvez, sejam periodicamente engrossados por grupos nomades que os visitam para depois retornarem ás terras interiores do paiz.

Aliás, no Cap. IV dos “Subsidios historicos”, ao tratarmos dos ciganos dessa cidade (V. titulo “RIO DE JANEIRO E NICTHEROY”), transcrevemos varias noticias que se relacionam com o assumpto, e, entre ellas, uma que foi dada pelo “Diario de São Paulo”, de 15 de novembro de 1935.

Trata-se do conteudo dum telegramma recebido do Rio por essa folha, segundo o qual a policia carioca ia tomar medidas repressivas contra os bandos de ciganos que se haviam installado nos suburbios e percorriam toda a Cidade e aos quaes se attribuiam alguns furtos e roubos, etc.

Seja, porém, dito de passagem que a propria policia confessava que sempre que ella tinha que intervir para a descoberta dos suppostos autores desses delictos resultavam inuteis as diligencias realizadas nos acampamentos dos ciganos, onde a impressão era “a do trabalho honesto”.

E isto até certo ponto está de accôrdo com as impressões collidas pelo reporter de “A Noite”, pelo menos quanto aos ciganos gregos, que são trabalhadores e progressistas, ao contrario dos yugoslavos, que são vadios e vivem á custa do “trabalho” das mulheres.

E já que falámos no “trabalho das ciganas”, que todo elle consiste na leitura da “buena-dicha”, sustaremos, por enquanto, os commentarios que pretendemos fazer sobre diversos topicos das noticias atraz transcriptas, para transcrever duas outras, desta vez dadas pel’ “A Nação”, do Rio de Janeiro, e que se referem exclusivamente a esse caso

Eis a primeira, que se vê no numero desse jornal, de 26 de marco, do anno corrente, e que tem por titulo "A POLICIA REINICIOU. HONTEM. A CAMPANHA CONTRA AS CIGANAS, AS CONHECIDAS LEDORAS DA BUENA-DICHA":

"Ha mezes, a secção de Toxicos e Mystificações, chefiada pelo commissario Lyrio Junior, a pedido da 1.^a delegacia auxiliar, fez importante campanha ás conhecidas mystificadoras que o povo chama de "ciganas". Durante varios dias, as salas da secção de Toxicos se encheram de dezenas de creaturas trajando as exoticas e multicolores vestimentas que compõem a indumentaria das populares ledoras da sorte, as prophetizas da "buena-dicha".

Com a forte repressão iniciada pelo dr. Democrito de Almeida, 1.^o delegado auxiliar e o commissario Lyrio Junior, o exodo das "ciganas" deixou, durante alguns dias, os principaes pontos da cidade onde as mystificadoras se localizam para dar o golpe nos incautos que dellas se acercam.

Foram identificadas dezenas de "ciganas", tendo grande numero dellas deixado a cidade, com receio do aperto que a policia vinha dando, procurando mesmo prender em flagrante as mystificadoras que ludibriavam a boa fé daquelles que vivem á cata de illusões, ebrios de esperança. Depois, tudo se acalmou e as "ciganas" voltaram a dominar a cidade.

REINICIANDO A CAMPANHA

Hontem á tarde, o commissario Lyrio Junior, tendo sciencia que as ciganas haviam installado o seu quartel general nas proximidades da E. F. Central do Brasil, destacou o sub-chefe Carlos Lopes e os investigadores Borba e Paulo, para deter todas as mystificadoras que encontrasse no exercicio da "buena-dicha". Dando uma batida na zona da Central, os investigadores da secção de Toxicos encontraram e detiveram no café da esquina das ruas Bento Ribeiro e Senador Pompeu as "ciganas" Carmen Yovanovitch, de 23 annos, casada, residente á rua Barão de São Felix n.^o 123; Olga Varsity, de 12 annos, filha de João Varsity, residente á rua Barão de São Felix n.^o 184; Maria Thereza, de 14 annos, filha de Magdalena Rosa, tambem residente no n.^o 184; Catharina Varsity, de 18 annos, filha de João e Maria Varsity, lambem moradora no n.^o 184 e Alayde Gaythe, de 22 annos, viuva, filha de Ivo Kepka Gaythe, moradora á rua A, n.^o 10, em Cascadura.

As "ciganas" detidas foram identificadas e, depois do "scr-mão" do commissario Lyrio, mandadas em paz."

Pouco adeantaram, porém, essas medidas tomadas pela policia carioca contra as ciganas porque ellas, em vez de se emendarem, persistiram em sua "profissão", e com vantagens, visto que passaram a exercê-la em suas residencias ou, pomposamente, em apartamentos.

Em outros termos: de **chiromantes baratas**, de ruas ou ambulantes, passaram a ser **chiromantes e cartomantes estabelecidas** e até com annuncios e reclames nos jornaes...

E, certamente, tambem seriam graphologas, si, na maioria, não fossem analphabetas.

E que o "progresso" foi rapido, prova o conteudo da seguinte noticia d'"A Noite", a que nos referimos e que foi publicada apenas dois mezes depois da publicação da primeira.

Vemôl-a no numero de 23 de maio, e é a seguinte:

"BURLANDO A ACÇÃO DA POLICIA"

As "ciganas" passaram a trabalhar em confortaveis apartamentos

— Uma medida que se impõe: Reprimir a audacia dos mystificadores da bôa fé alheia

"O leitor despreoccupado que, pela manhã, percorre com a vista o noticiario dos jornaes, encontra, nas secções de materia paga, uma longa série de annuncios de cartomantes, chiromantes e graphologas que, zombando da campanha da policia, annunciam audaciosamente os grandes milagres de suas sciencias occultas apregoando suas prophcias e afirmando resolver casos de vida encercada, negocios atrapalhados, amores contrariados, questões irresolviveis, facilitar a volta de alguem que abandonou outrem, bons casamentos, grandes amizades "y otras cositas más".

A secção de Toxicos e Mystificações a que está affecta a repressão aos que, criminosamente, attentam contra os artigos 156 e 157. da Consolidação das Leis Penaes, no entanto, nada pode fazer contra os que vivem audaciosamente zombando e explorando a boa fé do publico pagante que é sempre o sacrificado pelo grupo de audaciosos que, dia a dia, augmenta assustadoramente.

Actualmente, a secção encarregada de reprimir a voracidade dos mystificadores do povo nada pode fazer. E' que a nossa policia ainda não está aparelhada para arrostar a audacia de certos aventureiros, devido á deficiencia de pessoal tecnico para as diligencias necessarias para flagrantear os audaciosos exploradores, bem como falha de todos os recursos, os investigadores que alli trabalham não têm, actualmente, nem meios para se locomover.

O capitão Felinto Muller, chefe de Policia, que muito tem-se empenhado para reprimir a camarilha de estrangeiros audaciosos que aqui se infiltram em todos os meios para zombar de nossas leis e do nosso povo, bem podia pôr um cobro a essa situação mandando fornecer á 1.^a delegacia auxiliar os elementos necessarios para que o povo, de uma vez, fique livre dos audazes exploradores que procuram desmoralizar os nossos serviços de repressão.

RELEMBRANDO

Ha tempos, o dr. Democrito de Almeida, 1.^o delegado auxiliar, ordenou ao commissario Lyrio Junior, chefe da secção de Repressão aos Toxicos e Mystificações, séria campanha ás estrangeiras que, envergando escandalosas e multicores indumentarias carnavalescas, percorrem o centro e varios arrabaldes e suburbios da cidade, inbuindo a bôa fé do publico e commettendo pequenos delictos, desde a aggressão ao furto, o que motivou a grita das pessoas prejudicadas por taes bandos perigosos.

As ciganas, essas creaturas typicas de mystificação universal, em face da determinação do Dr. Democrito de Almeida, 1.^o delegado auxiliar passaram a ser perseguidas pelos investigadores da secção de Repressão aos Toxicos e Mystificações, chefiadas pelo sub-chefe Carlos Lopes e fiscal Tuiuty Batalha. Durante um mez os auxiliares da 1.^a delegacia auxiliar detiveram e identificaram quasi uma centena de "ciganas" de diversas nacionalidades, prohibindo rigorosamente o transito e o uso de suas indumentarias, bem como o exercicio de suas actividades prejudiciaes ao publico.

MUDANDO DE PROFISSÃO

Perseguidas pela policia, as "ciganas" industriadas pelos seus maridos e exploradores, abandonaram suas vestimentas multi-carnavalescas e installando-se em differentes bairros e arrabaldes da cidade, pomposamente, passaram a annunciar nos jornaes diarios seus grandes feitos e valores scientificos, procurando mascarar a sua actuação perniciosa e zombando da acção da policia.

Algumas, mais abastadas, procurando atrapalhar a acção da policia, com falsas informações de esbordoamento, detenção continuada, etc., requereram "habeas corpus" para exercer livremente sua profissão, queixando-se da perseguição e violencia que soffriam por parte da 1.^a delegacia auxiliar. E, escudadas nos "habeas corpus" concedidos, abandonaram o lenço e as medalhas

de suas indumentarias de “ciganas” para, installadas em mais confortaveis “mapples”, melhor explorarem....., perturbando a acção da policia, tripudiando sob a boa fé dos nossos juristas e espezinhando as nossas leis.

AS MYSTIFICADORAS DO POVO

Sem meios para reprimir a ganancia dos exploradores da credulidade alheia, a secção de Repressão aos Toxicos e Mystificações quasi não attinge ao coeffericiente necessario á estatistica de producção policial. E o povo que tudo observa vê, com assombro, todas as manhãs, o noticiario dos matutinos cheio de annuncios que apregoam o valores scientificos das embusteiros e mystificadoras do carioca.

Com “habeas corpus” ou sem elle, ahi estão no noticiario dos jornaes os reclames dos contraventores da bôa fé publica, os que incorrem nos artigos 156 e 157 da Consolidação das Leis Penaes, entre elles Mme. Carinen Armindo, á rua de São José n.º 70, 1.º andar; Mme. There Deslys, á rua Correia Dutra n.º 36, appartamento n.º 11; Mme. Maria Schimild, á rua General Polidoro n. 308-A, sobrado; Mme. Ammy Muzar, á avenida Mem de Sá, Hotel Mem de Sá, appartamento n.º 4; Mme. Zulma, á rua Benjamin Constant n.º 80; Mme. Oriental, (“née” Luiza Armindo), á rua Mariz e Barros n.º 353; professor Sakava, á rua São José n.º 19, 1.º andar e professor Florial, á avenida Passos n.º 33, 1.º andar.

A audacia desses mystificadores do povo está necessitando uma repressão séria, urgente e energica da policia. O capitão Felinto Muller bem podia pôr um cobro á audacia desses estrangeiros que zombam das nossas leis e das nossas autoridades.”

Pois bem: si passarmos agora do Rio a S. Paulo, veremos que tambem a policia paulista tem andado ás voltas com as ciganas que, com suas “subtilezas”, exploram a credence popular e a ingenuidade dos incautos, entre os quaes ás vezes se incluem muitas pessoas illustradas e até de... grande destaque social.

A esse respeito já dissemos alguma coisa no Cap. IV dos “Subsidios historicos” (V. “ESTADO DE S. PAULO”) e agora accrescentaremos mais algumas noticias publicadas em jornaes de S. Paulo, posteriormente á impressão daquelle Capitulo.

Da “Folha da Manhã, de 22 de janeiro de 1936:

“PRISÃO DE DUAS CIGANAS”

“A Delegacia de Costumes prendeu, hontem á tarde, quando

ham a "buena-dicha" no centro da cidade, as ciganas Maria Luiza Damião e Annita Petrovitch. Ambas são reincidentes."

Do referido jornal, em seu numero de 29 do mesmo mez:

"CIGANAS PRESAS"

"Ultimamente grupos de ciganas começaram a percorrer os bairros da cidade lendo a "buena-dicha" dos incautos que, momentos depois, davam pela falta de dinheiro. Dahi as queixas apresentadas á policia. A Delegacia de Costumes, que resolveu acabar com essa verdadeira praga, prendeu, hontem pela manhã, tres ciganas que são: Maria Jorge, Catharina Ivanovitch e Mafalda Marques."

D"A Gazeta", de 8 de março de 1936:

"MAIS UMA CIGANA QUE VAE SER EXPULSA DO TERRITÓRIO NACIONAL"

"Bandos de ciganas que vivem da rapina nos lares ou furtam carteiras de ingenuos que as deixam ler a "buena-dicha" continuam agindo na cidade.

Entre essas mulheres perigosas figura Maria Jorge Chevski, autora de numerosos furtos e que conta vinte prisões só nesta capital.

Essa mulher, ha dias, foi presa em flagrante de furto e levada á delegacia de Vadiagem, sendo processada.

No seu relatorio, historiou a autoridade a vida criminosa de Maria Jorge e por intermedio do Secretario da Segurança Pública, pediu ao Ministro da Justiça a sua expulsão do territorio nacional.

Maria Jorge aguardará na Cadeia Publica a decisão do Ministro."

Do "Diario da Noite", de 19 de maio de 1936:

"CONDEMNADA A DOIS ANNOS E MEIO DE PRISÃO, TEVE A PENA REDUZIDA A UM ANNO"

"SANTOS, 18 (Da succursal do "Diario da Noite") — Ha tempos, conforme noticiámos, a cigana Maria Jivanovics logrou embahir a bôa fé de Martyre Laselva, de quem conseguiu haver illicitamente a importancia de 1:000\$000, em duas notas de 500\$000, que a espertalhona pedira para fazer certas magias que visavam curar aquelle de uma enfermidade qualquer.

Por esse facto a cigana foi condemnada a dois annos e meio de prisão pelo juiz criminal desta comarca. Houve recurso dessa decisão e a Côrte de Appellação do Estado mandou Maria a novo julgamento, que se realizou, sendo então, por acto de hoje, aquella pena reduzida para a de um anno de prisão.”

Vemos, pois, que no Brasil, a despeito da prohibição policial e das penalidades que lhes são impostas pelas leis, as “romniá” ou mulheres ciganas continuam e, certo, continuarão a exercer a sua profissão predilecta, de “vrājitoarele”, ou feiticeiras, adivinhas, chiromantes e cartomantes, que dizem a sina. E isto para grande gaudio e descanço dos “romá”, varões ou maridos, que, em sua grande maioria, dellas esperam os recursos com que supprir as suas necessidades quotidianas.

Haverá, como é natural, excepções. Os ciganos gregos, p. ex., conforme verificou o reporter d’“A Noite”, têm profissões definidas e vivem á sua custa, sendo uns “caldarari”, isto é, caldeireiros, que fabricam tachos, panellas e baldes de ferro, e outros “costorari”, ou seja estanhadores de todo vasilhame de cobre ou lata.

Saindo da questão relativa ás profissões dos ciganos estrangeiros que estão espalhados por todo o paiz, vamos agora fazer alguns commentarios sobre suas differentes nacionalidades, aos quaes juntaremos outros de character ethnographico e philologico.

Pelas informações contidas na reportagem d’“A Noite”, sabemos que quasi todos esses ciganos procedem de paizes balkanicos: da Yugoslavia, da Albania, da Grecia, da Bulgaria e da Romenia. Outros, porém, terão vindo da Hungria, da Polonia e da Russia.

E já que em tal reportagem nada ha sobre seus caracteres physicos nem sobre seus dialectos, nós diremos que é provavel que uns e outros ainda deixem transparecer, com muita nitidez, a sua origem indiana. Pelo menos quanto aos ciganos balkanicos e aos húngaros, ha base para affirmar-o.

E isto porque já sabemos que a primeira região européa atingida por esses nomades foi a balkanica, onde elles, tomando pé, se multiplicaram de modo tal que, a despeito de terem muitos de seus bandos se deslocado em todos os tempos para os paizes da Europa central e occidental, até hoje elles ainda são muito numerosos na referida região, formando em alguns pontos verdadeiros nucleos nos quaes conservam com relativa pureza a sua raça, a sua lingua e os seus usos e costumes caracteristicos.

E como tudo isso já foi demonstrado em diversos pontos dos “Subsidios ethnographicos” e nos “Subsidios linguisticos”, fundamentada fica a nossa hypothese de serem ainda legitimos ci-

ganos os ciganos estrangeiros que vivem entre nós. Excluimos, porém, dessa hypothese, os ciganos polacos e russos porque de nossa parte não sabemos até que ponto elles têm conservado a sua raça e a lingua primitiva.

Para que se possa fazer uma idéa da importancia numerica que o elemento cigano já teve e ainda tem na Europa oriental, vamos dar em seguida alguns dados estatísticos a elles relativos, os quaes, como se pode calcular, são, na maioria, muito imperfeitos: exaggerados uns e aquem da realidade outros.

Vão organizados por paizes e regiões e comprehendem recenseamentos feitos antes e depois da Grande Guerra.

ROMENIA — Os ciganos que havia na Romenia, antes dos accrescimos territoriaes que lhe trouxe a Grande Guerra, eram calculados de 200 a 250.000 (calculo de Cora Guido, 1890-1895).

Já formavam elles, por esse tempo, o maior nucleo cigano da Europa.

E como depois daquella Guerra foram encorporados á Romenia a Transylvania, o Banato e a Bukovina, regiões em que se calculava existirem cerca de 150.000 ciganos, ahi temos uma outra cifra respeitavel a ser sommada aos que habitavam a Moldavia e a Valachia.

Entretanto, agora, a nos basearmos nos dados estatísticos que ha na "GRANDE ENCICLOPEDIA MONDADORI", impressa em 1927 (A. C. Mondadori, Milano — Copyright, 1927) devera haver na Romenia, depois de seus engrandecimentos territorial, cerca de um milhão de ciganos.

E' que, segundo taes dados, a população total desse paiz era, naquelle anno, de 17.500.000 habitantes, dos quaes 70 % eram romenos, 24 % eram de diversss nacionalidades e 6 %, ou seja, 1.050.000 eram ciganos.

E' certamente em numero muito elevado, cuja realidade não temos elementos nem para affirmar nem para negar.

HUNGRIA E TRANSYLVANIA. — Segundo um recenseamento feito em 1782, havia na Hungria 50.000 ciganos.

E Rienzi, posteriormente (talvez no primeiro quartel do sec. XIX), calculou seu numero em 54.000, e deu para a Transylvania uma população cigana de 104.000 individuos.

A esse respeito diz em seu Diccionario Geographico:

"D'après les renseignements les plus exacts, on en compte 54.000 en Hongrie. La Transylvanie est le pays qui en renferme le plus, car sur une population de 1.720.000 âmes il faut y compter 104.000 Tzengaris."

Colocci (1889) calculou para a Transylvania, o Banato e a Bukovina, regiões que, como já dissemos, estão hoje encorporadas á Romenia, 150.000 almas.

Entretanto, uma estatística feita em 1893 apurou que havia nos paizes transleithanos cerca de 275.000 ciganos, dos quaes só 91.000 falavam sua lingua original.

Mas a julgarmos por informações que nos dá A. Meillet em sua obra de publicação muito recente, intitulada "LES LANGUES DANS L'EUROPE NOUVELLE" (Payot, Paris 1928), os ciganos existentes no exiguo territorio a que actualmente esta reduzida a Hungria, não passavam, em 1928, de 7.310.

Isto porque os que habitavam os territorios perdidos e que constituíam a grande massa dos ciganos considerados politicamente húngaros, passaram, implicitamente, a ser considerados ciganos romenos.

YUGOSLAVIA. — Antes da Grande Guerra, os ciganos que habitavam os paizes e regiões que hoje constituem a Yugoslavia eram calculados de 50 a 60.000, assim distribuidos: na Servia, de 30 a 40.000; na Bosnia e Herzegovina, 18.000; no Montenegro, 500.

Depois de constituida a Yugoslavia, Meillet deu para todo o seu territorio 50.664 ciganos.

BULGARIA. — Cora Guido calculou em 50.000 os ciganos que habitavam a Bulgaria e a Rumelia Oriental.

Em 1905, segundo um recenseamento official publicado no "Almanach de Gotha" de 1910, o seu numero era 67.396; e em 1928 Meillet o reduziu a um pouco menos, isto é, a 65.154.

GRECIA. — O numero de ciganos gregos tem sido geralmente calculado em 10.000.

ALBANIA. — Meillet calculou em 11.509 os ciganos desse paiz.

TURQUIA. — Apesar do noticiaria d'"A Noite" não incluir ciganos turcos entre os ciganos estrangeiros que vivem entre nós, é possível que haja alguns e por isso julgamos interessante fornecer os seguintes dados estatísticos que sobre elles ha.

Calculo de Cora Guido, 67.000; dados fornecidos por Meillet, 15.000.

Esta sensível diminuição dos ciganos turcos é apparente e não real.

Sem duvida, Meillet se referiu só aos que habitam a pequena area geographica a que ficou reduzida a Turquia Européa depois da Grande Guerra. E neste caso os restantes, que habitavam as regiões desmembradas em virtude dessa Guerra, passaram, logicamente, a ser recenseados nos paizes em cujo proveito se deu tal desmembramento.

Ora, recapitulando, e mesmo que se ache exaggerado o numero de 1.050.000 ciganos que, segundo a "GRANDE ENCICLOPEDIA MONDADORI", haverá actualmente na Romenia,



havemos de acceitar que na península balkanica e na Hungria ainda vivem centenas de milhares desses nomades. Quantidade essa bem elevada e que, por certo, lhes garante, ainda por muito tempo, nessa região européa, a integridade racial e a conservação de sua lingua, concorrendo para isso a conhecida aversão que elles têm aos "GAJE", ou individuos estranhos á sua raça (mesmo áquelles dos paizes em que elles proprios nascem e vivem), com os quaes tenazmente evitam misturá e mesmo frequentes relações sociaes.

Pois bem: imbuídos dessa idéa fixa de "ciganismo", os ciganos estrangeiros, balkanicos e húngaros, que actualmente vivem no Brasil, procuram evidentemente conservar aqui, não só os seus usos e costumes como a organização social que mantêm nos paizes donde provieram.

Tal é, p. ex., volvendo á noticia d'"A Noite" e aos ciganos que residem no Rio de Janeiro, o caso da nomeação de chefes ou "leaders" de grupos e as rivalidades que entre estes já se vão esboçando, a despeito da inquebrantavel união que entre elles ha, quanto á "raça e... nacionalidade".

Quanto ao primeiro caso, são curiosos os informes que vamos dar em seguida e que colhemos em "LES TSIGANES", de Serboianu e em outras fontes.

Começaremos pela organização social dos diversos nucleos d' ciganos da Romenia, que, aliás, são os que melhor reflectem os usos e costumes primitivos da raça.

Eis, resumidamente, o que diz aquelle autor a respeito, na parte de sua obra em que elle estuda o poder das tradições na vida dos ciganos, e ainda em outros pontos que se relacionam com o assumpto.

* * *

Desde o começo do sec. XIX, os "tsigani de vatra", isto é, os ciganos sedentarios outrora pertencentes ao Estado eram divididos em "vatraxii" ou tribus administradas por um "vatafo de tsigani" ou inspector de ciganos.

Depois de sua emancipação politica e mesino actualmente, muitas de suas tribus, principalmente as dos "tsigani de xatra", isto é, ciganos de barraca ou nomades, embora submettidos ás leis do paiz, continuaram a ter intimamente um governo proprio e uma administração particular, sob a direcção dum "vatafo", eleito em cada acampamento, e em geral tirado dentre os mais ricos, mais fortes e mais activos em... negocios.

A autoridade desse chefe é absoluta, pois elle resolve, summariamente todas as contendas e, tal seja o caso, pune até com castigos corporaes os que se revoltam contra suas ordens. A's

vezes, porém, ha uma rebellião generalizada e o acampamento se divide em "clans", que sustentam seus pontos de vista e nomeiam os "vatafos" que querem.

Então travam-se violentas luctas e o "vatafo" vencedor obriga os vencidos, ou a se submeterem ás suas ordens ou a se retirarem do acampamento.

E' para notar que mesmo que os rebeldes se retirem, nem por isso deixam de ser mal recebidos pelos "vatafos" de outros acampamentos por elles procurados, os quaes já estão previamente avisados pelo "collega" desautorado e com o qual são solidarios...

Entretanto, por outro lado o "vatafo" tem obrigação de zelar pelo bem estar do seu acampamento, pondo-o a coberto de todas as necessidades e garantindo a subsistencia dos pobres.

Quando ha falta de dinheiro, elle contracta o trabalho periodico dos seus com os fazendeiros e proprietarios.

E assim, installados nas "xatre" (barracas ou tendas), os ciganos ficam nas propriedades até á conclusão dos serviços. A' importancia estipulada no contracto é recebida pelo "vatafo", que a distribue a seu criterio, sendo que cada familia do acampamento deve depois lhe pagar uma contribuição que lhe fica, particularmente, pertencendo.

Os "vatafos", por sua vez, pagam um imposto a um chefe districtal chamado "bulubaxa" ou "bulibaxa", o qual em alguns logares tambem têm o pomposo nome de "voievod", palavra romena de origem slava, que significa, principe, e que nós, em portuguez, alterámos em voivod.

Esses chefes, que em geral são ricos, moram nas cidades e são responsaveis por todas as tribus de seu districto, e tratam de seus interesses junto ás autoridades romenas.

Na Hungria tambem cada tribu cigana sempre teve seu capitão e seu "jude", pal. romena que significa juiz (na linguagem familiar significa — inspector dos ciganos), cujas funcções lembram mais as de chefes de tribu que as de juizes de paz. E na Transylvania têm um "voievod", eleito livremente entre as familias mais importantes, e ao qual pagam tributo.

Ora, comquanto não tenhamos encontrado informações detalhadas sobre a organização social e "politica" dos ciganos da Yugoslavia, da Grecia, da Bulgaria e da Albania, dos quaes, como já sabemos, ha no Brasil diversos bandos e mesmo pequenos grupos sedentarios, podemos suppôr que tal organização será, com pequenas modificações, a mesma dos ciganos da Romenia e da Hungria, pois uns e outros formam nesses paizes verdadeiros blocos ou nucleos, que mantêm constantes relações entre si, principalmente por intermedio dos bandos nomades.

Conservam, pois, as suas principaes tradições, os seus usos e costumes, e ainda são por assim dizer os legítimos representantes do ciganismo no mundo occidental.

Assim, pois, si é que os ciganos balkanicos e hungaros que vivem actualmente no Brasil já se organizaram de modo a terem seus chefes, é certo que estes estão investidos das funções de "vatafos", "bulibaxas" ou "voievods", tal seja a maior ou menor importancia dos nucleos. E estes, naturalmente, si não são ainda virão a ser os intermediarios entre a comunidade e o seu actual rei, que, segundo a expressão pitoresca do maioral yugoslavo Moysés Petrowick é... a Policia brasileira.

Tendo terminado nossos commentarios sobre o caso dos chefes ou "leaders" ciganos do Rio de Janeiro, passaremos agora a falar do outro caso a que nos referimos, isto é, das rivalidades que, segundo as observações feitas pelo reporter d'"A Noite", ha entre os ciganos gregos, progressistas e "trabalhadores" e os yugoslavos, conservadores e "vadios".

Como vamos ver, ainda aqui, essas rivalidades que começam haver entre os grupos ciganos dessa cidade, são a reprodução do que se dá entre os ciganos de outros paizes, sendo que ás vezes ellas degeneram em conflictos sangrentos, como vemos, p. ex., do conteudo do telegramma que vamos transcrever em seguida, referente aos gitanos e publicado no "Diario da Noite", de São Paulo (numero de 28 de fevereiro de 1936):

"Diversos feridos num conflicto entre ciganos, na Hespanha"

"MADRID, 27 (H) — Communicam de Valencia que em consequência de uma discussão travada entre dois grupos de ciganos, houve um conflicto, do qual sahiram varias pessoas feridas, achando-se 10 em estado grave.

A policia interveiu para apaziguar os animos".

Outras vezes, porém, tudo não passa duma luta de bocca, e então a victoria toca aos do grupo donde partiram as injurias mais extraordinarias e as maiores... obscenidades.

Com relação a este caso e aos ciganos da Romenia, em sua obr. cit. (V. "Trivialités"), diz Serboianu:

"Durant les querelles, le duel de grossièretés est écouté attentivement et fièvreusement par le campement tout entier.

La victoire appartient toujours à celui qui a proféré les injures les plus extraordinaires; qu'il soit homme ou femme, tout le campement le craint, il devient "quelqu'un" parmi eux".

C'est le campement des Tsiganes entier qui décide de quel côté a été la victoire".

E, por fim, na maior parte das vezes, as luctas terminam entre abraços e beijos.

E' ainda Serboianu que nôl-o conta, no trecho seguinte, que se vê na parte de sua obra intitulada "Armanea-Jurons":

"Dans la plupart des cas, toutes les disputes des Tsiganes sont suivies de batailles, dans lesquelles s'engagent tous les Tsiganes de la tribu: mais à la surprise de ceux qui ne connaissent pas leur caractère et leurs habitudes, on les voit, peu de temps après, beuvant et dansant tous ensemble comme si rien ne s'était produit".

Dahi, diz o A., o proverbio romeno que se applica ás pessoas que agem da mesma maneira: "Brigam, batem-se e reconciliam-se como os ciganos".

Aliás, não é de admirar que os ciganos, onde quer que estejam, conservem nesse particular os mesmos instinctos.

E' que elles são "romá", isto é, homens e, segundo a sua propria concepção, "homens por excellencia", e como taes, está visto que não podem ser excluidos da verdade contida no conhecido proverbio latino "Homo homini lupus".

Digamos, por fim, alguma coisa sobre o "Congresso Extraordinario dos Ciganos", a reunir-se em Rowne, na Polonia, e ao qual deverá comparecer o rei dos ciganos brasileiros, cuja personalidade, real ou hypothetica, pôz em alvoroço a "colonia" do Rio de Janeiro.

Preliminarmente, convem conhecermos o seguinte acontecimento que, embora passado ha trinta annos atraz, pode, "como agitação politica" observada entre a gente cigana, ser relacionado com o caso actual do projectado "Congresso de Rowne".

E' verdade que tal acontecimento se refere, restrictamente, aos ciganos da Bulgaria; mas, como vamos ver, é muito curioso e porisso convem registal-o aqui.

* * *

Em 1878, de accôrdo com tratado de Berlim, os ciganos bulgaros foram declarados cidadãos, gosando, portanto, de direitos politicos eguaes aos que foram concedidos aos bulgaros em geral.

Posteriormente, porém, por uma decisão arbitraria elles foram privados de tal regalia.

Mas, apesar do decorrer dos tempos, elles não se conformaram com essa decisão, tanto que em 1906, se reuniram em Sophia hum "Primeiro Congresso Cigano", no qual instavam pela concessão dos referidos direitos politicos, tendo sido enviado á Sobranye um pedido nesse sentido.

Esse Congresso, que foi presidido por Ramadan Alief, o "tzari-baxi" dos ciganos em Sophia, constitue um curioso epi-

sodio na historia dos ciganos da Europa, pois representa a primeira arrancada em que elles, após tantos seculos de oppressão, e embora representados por uma parcella, tentaram elevar o seu nivel social e politico.

* * *

Não sabemos si depois disso os ciganos têm tido, em qualquer outro paiz, iniciativas eguaes a essa.

Mas que elles, longe de perderem a consciencia de sua unidade racial, continuam a conserval-a, prova a idéa da convocação do "Congreso de Rowne", que será "internacional", pois a elle concorrerão nada menos de oito "soberanos", que se acham espalhados pelo mundo e que, embora não disponham de "domínios territoriaes", têm, cada um, sob sua orientação, pelo menos alguns milhares ou dezenas de milhares de subditos, tal seja a importancia da "circumscripção cigana".

Aliás, a existencia de reis entre os ciganos não representa uma criação dos ciganos modernos, pois como já vimos na "Introdução geral", elles têm-n'os tido desde os primeiros tempos de seu apparecimento na Europa, a começar pelo rei Zindelón ou Zindelo, que segundo Aventino, era o conductor dos primeiros ciganos que entraram na Transylvania e Hungria.

Lemos tambem algures que num periodo da idade média elles estavam sujeitos a um chefe mysterioso a quem chamavam "Rei de Thunes".

E' possivel que tenham tido outros, saídos então da "nobre linhagem" dos duques e condes cujos nomes já conhecemos, e entre elles o "duque André do Egypto", que, segundo Muratori, chefiava os que em 1422 passaram por Bologna, e Thomaz, "conde do Pequeno Egypto" que chefiava o bando que passou por Amiens e que, parece, era o mesmo bando que esteve em Paris, em 1427.

Realmente, Pasquier informa que entre os que estiveram nessa ultima cidade, havia um "duque" e um "conde".

Apesar de já conhecermos esses e outros informes sobre o interessante assumpto, vamos transcrever em seguida, na integra, alguns trechos que melhor o esclarece e que tirámos da parte intitulada "The habits, Occupations, and Polity of Continental Gypsies", que constitue a "Section III" da obra que, sob o titulo "A HISTORICAL SURVEY OF THE CUSTOMS, HABITS, & PRESENT STATE OF THE GYPSIES", por John Hoyland, foi publicada na Inglaterra no começo do sec. XIX (W. M. Alexander, York, 1816).



Eil-os:

"It has been stated, that when Gypsies first arrived in Europe, they had leaders and chiefs to conduct their various tribes in their migrations.

Grellmann says, this was necessary, not only to facilitate their progress through different countries and quarters of the globe; but to unite their force, if necessary, and thereby enable to make a more formidable resistance when opposed; and likewise, to carry any plan they might have formed, more regularly, into effect.

We accordingly find in old books, mention made of Knights, Counts, Dukes, and Kings, among this people. Crucius cites a Duke, Michael; Muratorio, a Duke, Andreas; and Arentinus records a King, Zindelo; not to speak of inscriptions on monuments erected in different places to the memories of Duke, Panuel; Count, Johannis; and a Knight, Petrus, in the fifteen century".

Ora, pela leitura desses trechos vemos que na opinião de Grellmann, os ciganos ao elegerem seus chefes e "leaders" tinham idéas bastante avançadas, as quaes, em absoluto, não estavam de accôrdo com o juizo que delles geralmente se fazia, isto é, de constituírem simples hordas compostas de individuos poltrões e desprezíveis.

Assim o fazendo, diz o grande ciganologo, elles desejavam tornar mais facil o seu progresso através dos paizes e regiões, bem como unir a sua força de modo a tornal-os capazes de oppôr uma "formidavel resistencia", caso fossem barrados ou contrariados na realização dum plano que teriam traçado e que desejavam levar a effeito...

Real ou imaginario, ahi fica registado esse plano "enigmatico" dos "mysteriosos" ciganos, e cuja "descoberta" devemos a Grellmann...

Quanto a alguns dos nomes dos chefes ciganos citados nos trechos em inglez, que atraz transcrevemos, podemos identificall-os com os que, embora com graphias differentes, vêm no mappa de Colocci a que nos referimos na Parte VI da "Introdução geral", a saber: Michael será o mesmo duque Mihali (nome que, por um descuido de revisão, saiu Mibali) e Andreas, o mesmo duque Andrash; Zindelo, o mesmo rei Zindelón; e, finalmente, Panuel, o mesmo duque cujo nome consta do mappa de Colocci.

Não encontrámos nos trabalhos que possuímos qualquer referencia ao conde Johannis e ao cavalheiro Petrus.

Hoyland, discordando da opinião expendida por Grellmann, diz que, embora esses antigos chefes ciganos tivessem tomado esses títulos e seus descendentes os tenham julgado gente de linha ou posição, o facto não passa duma ridícula imitação daquillo que elles tinham visto e talvez apreciado entre os povos civilizados.

Não obstante, o costume dos ciganos terem chefes ou "leaders" continuou até a data em que Hoyland escreveu a sua obra, ao menos na Hungria e na Transylvania e, diz elle, provavelmente tambem na Turquia e em outras regiões em que elles viviam em grande numero.

Em seguida nos conta que na Hungria esse chefe tinha o titulo de **voivod**, além de outras coisas que já conhecemos e que, portanto, não precisamos repetir aqui.

Pois apesar de decorridos 120 annos, desd'o tempo da impressão da obra em questão, os ciganos, fieis á tradiçã, ainda persistem na nomeação de seus chefes de tribus ou bandos e até na eleição de seus reis !

Na Inglaterra, segundo uma informação obtida de segunda mão por Hoyland, os primeiros ciganos que alli appareceram tinham um "leader" de nome "**Giles Hather**", a quem chamavam de rei; e uma mulher de nome "**Calot**" era por elles considerada rainha.

Borrow, porém, em sua obra cit., é de opinião que os ciganos inglezes nunca estiveram, como alguns suppõem, unidos sob um "**Rommany Kralis**", cuja traducção é **Rei dos Ciganos**.

Para esse ciganologo, elles sempre estiveram divididos em "clans" ou tribus, cada qual com um nome particular e tendo seu "sher-engro", isto é, o seu chefe ou cabeça.

Na Russia, esse cabeça de tribu tem, segundo informação de Borrow, o nome de "**Ziganskie Attaman**" ou capitão de ciganos.

Lemos num outro autor que os gitanos da Hespanha tambem tiveram seu "**crally**" (ou "**crayi**") ou rei por elles eleito e cuja residencia teria sido, por algum tempo, a cidade de Saragossa.

E os antigos "**calôns**" brasileiros tambem não teriam tido seus chefes e mesmo seu rei ? E os seus remanescentes tambem não os terão ?

Quanto aos chefes, é certo que sim porque até hoje os seus bandos são dirigidos por um "capitão" ou "major". Não sabemos, porém, si entre si elles usam ou não uma palavra cigana para designal-os.

E quanto aos reis, não podemos excluir a hypothese de os

terem também possuído, por aclamação, ao menos nos tempos em que aqui foram numerosos.

Em favor dessa hypothese milita o facto de constar do vocabulario organizado por M. Moraes a palavra "KRALIS", com a significação de imperador, monarcha, rei; a qual, aliás, sob a fórma "KRALI", está também registada na "GERINGONÇA CARIOCA", como pertencente á giria cigana e com a significação de chefe dos chefes. (1)

Além disso, em "Quadrilhas de Ciganos", M. Moraes faz referencia á palavra, quando, dizendo que os ciganos brasileiros descendem de velhos rebentos hespanhóes e portuguezes, observa "que isso, entretanto, não exclue que existam, entre nós, quadrilhas exóticas, tributarias de um chefe supremo (Kralis) com assistencia na Europa, funcionando estas sob a autoridade de um sub-chefe, de um padre, etc., que official e espiritualmente as governam".

Deduzimos, pois, que, no Brasil, os ciganos, sejam os nacionaes, remanescentes dos degregados dos tempos coloniaes, sejam os estrangeiros que, desde algumas dezenas de annos atraz, para aqui têm vindo, juntando-se uns áquelles e fazendo outros vida em separado, continuam a manter, de accôrdo com a tradicional tenacidade da raça, a sua organização social e politica que, embora rudimentar, é uma realidade.

E a prova de que elles já formam, "aos olhos do mundo cigano", um conjunto importante, está no proprio facto de possuirem um "kralis", que os vai representar no "Congresso de Rowne".

Não se julgue, porém, que os ciganos, acompanhando os progressos do seculo, procurem, com esse Congresso sui generis, elevar, internacionalmente, só o seu nivel politico.

(1) A palavra do cig. brasil. "kralis", rei, que corresponde ao cig. ingl. "krallis", ao cig. hesp. "erallis", "erally", "erayl" e ainda ao cig. port. "elalles", é de origem slava, e certamente deriva de "králi" (pronuncia-se kralh, com lh levemente palatalizado), palavra commum ao bulgaro e ao servio e que tem a mesma significação de rei (cfr. o tcheque "král", o polaco "król", e o russo "korolh").

É pois um dos muitos elementos slavs que penetraram na lingua cigana.

Curioso, porém, é que a palavra tendo sido adoptada pelos bandos que, saídos da península balkanica, se encaminharam para o occidente da Europa se tenha conservado em diversos dialectos que ahi ha, ao passo que, parece, ella não é usada pelos proprios ciganos que estanciam naquella península. Entre os cigs. da Romenia, p. ex., a palavra que corresponde a rei é "thagár" ou "thagaris" e entre os cigs. turcos é "dakar".

Não sabemos, porém, si em outros dialectos a palavra slava "kralh" foi ou não adoptada para significar rei.

Tambem sob o ponto de vista intellectual, elles acabam de fazer aquillo que por certo nunca se esperou que fizessem. E' que, mostrando ao mundo que entre elles tambem ha gente illustrada e com pendor para as letras, acabam de fundar em Belgrado um jornal diario, parte do qual é escripto em sua propria lingua, isto é, em "**romanó**". Assim é que num dos numeros do "**Diario Popular**", de S. Paulo, do anno de 1935, se vê a seguinte noticia:

"DIARIO DOS CIGANOS"

"A antiga "**Review of Reviews**", de New York, noticia que desde 1.º de Julho ultimo, está sendo editado em Belgrado, capital da Yugoslavia, o primeiro "**Diario Cigano**", conhecido na imprensa mundial, tendo como editor um academico cigano, de nome Svetslav Simitch.

A metade da materia editorial é composta em lingua cigana, com caracteres cyrillicos, e a outra, em lingua yugoslava, com caracteres latinos. Belgrado conta uma consideravel população de gitanos e como estes estão sempre em mudança, os distribuidores do novo diario têm uma ardua tarefa para bem desempenhar o cargo..."

E' provavel, pois, que os reporters e tachygraphos do "**Diario Cigano**" não faltem ás sessões do Congresso para colherem as suas decisões e as transmittirem aos seus esparsos e andejos leitores.

*

* *

O telegramma de Varsovia sobre o "**Congresso Extraordinario dos Ciganos**" deu ensejo para que o "**Diario de Noticias**" fizesse jocosos commentarios a respeito e para que "**A Noite**" publicasse a circunstanciada noticia sobre os gitanos do Rio de Janeiro.

E nós, compulsando tudo, resolvemos elaborar este "**Appendice**" sobre a situação actual dos ciganos estrangeiros residentes no Brasil, o qual, com estas linhas, damos por terminado.

*

* *

Difficil é saber-se o numero de ciganos, nacionaes ou adventicios, que ha no Brasil, porque a esse respeito não temos nenhuma documentação official.

Parece, porém, que elle se eleva a milhares.

Regulando a entrada de imigrantes no territorio nacional, o Departamento Nacional do Povoamento, em recente publicação, incluiu os ciganos ou nomades entre os que não podem desembarcar no paiz (V. VII, do n. 14).

Ora, mesmo que essa disposição legal não seja burlada pela astucia cigana, o certo é que os ciganos estrangeiros que aqui já estão constituem um contingente relativamente numeroso, e cuja procreação é sufficiente para formar, no futuro, uma nova camada de ciganos brasileiros, a qual será a terceira ou a quarta em relação á primeira, que se formou dos ciganos dos tempos coloniaes.

Realmente, não é provavel que os seus grupos ou bandos tentem retornar aos paizes donde provieram, já porque nelles o seu desembarque seria talvez impedido pelos proprios governos, já porque positivamente o ambiente brasileiro é-lhes, no mundo, um dos mais propicios e adequados ao seu genero de vida.

*

* *

Após dar fecho ao “APPENDICE II” — “OS CIGANOS DO BRASIL”, que em boa hora juntou á sua magistral obra “OS CIGANOS DE PORTUGAL”, Adolpho Coelho fez o seguinte appello: “Sendo provavel que o auctor do presente livro venha a completá-lo mais tarde com um supplemento, agradecerá muito todas as noticias que lhe sejam enviadas acerca dos tsiganos do Brasil, tanto os de origem portuguesa, como de outras proveniencias”.

Ao que pensamos, infelizmente, o grande philologo portuguez não chegou a publicar o supplemento a que faz allusão.

Pois bem: agora nós fazemos egual appello aos patricios estudiosos e que se interessem pelo assumpto, no sentido de nos enviarem toda e qualquer informação que possa ser util a um outro trabalho que estamos elaborando, de natureza exclusivamente philologica, e que diz respeito á influencia da lingua cigana no vocabulario do luso-brasileiro.

Esse segundo trabalho, que será um complemento d’“OS CIGANOS DO BRASIL”, comprehenderá um vocabulario etymologico dos elementos de origem cigana que passaram para a linguagem sertaneja, para a lingua popular propriamente dita e tambem para a gíria de nossos delinquentes.

Aliás, quanto ao contingente que penetrou nesta ultima, já publicámos, recentemente, na “REVISTA DO ARQUIVO MUNICIPAL DE SÃO PAULO”, sob o titulo “Elementos

ciganos na **gíria brasileira**", uma série de artigos nos quaes mostramos a clarividencia os etymos ciganos dos seguintes termos usados pelos gatunos do Rio de Janeiro e de São Paulo: "**pirar**" (Vol. II da "Revista"), **fugir**, **escapar** (hoje muito corrente na linguagem popular de S. Paulo, mas que certamente nella penetrou através da gíria dos gatunos) e co-radicaes "**pira**" e "**piro**" (na loc. "dar o piro" — fugir); "**chorro**", "**choarra**" (Vol. III), respectivamente, ladrão, e ponto de reunião de ladrões e gatunos; "**marar**" (Vol. V), matar; "**bari**" (Vols. VII e IX), **juiz**, **juiz instructor**, **magistrado**; "**panhi**" (Vol. XII), **agua**; "**marrôco**" (Vol. XIII), **pão**; "**graia**" (Vol. XIV), **cavallo** (gíria dos gats. de S. Paulo); "**jerô**" (Vol. XVI), cara, rosto; e "**man-gar**" (Vol. XVIII), pedir, mendigar, solicitar.

Já temos nessa lista uma prova da influencia cigana no luso-brasileiro, embora os termos de que ella se compõe pertençam a uma de suas gírias falada por um numero limitado de individuos, isto é, pelos gatunos e malfeteiros.

Reiterando, pois, o nosso appello, aguardamos dos que obsequiosamente quizerem nos auxiliar na elaboração do referido vocabulario etymologico as suas informações, que poderão constar de relações, por pequenas que sejam, de palavras apanhadas da bocca dos ciganos, brasileiros ou estrangeiros, acompanhadas dos possiveis esclarecimentos quanto ás zonas já percorridas pelos primeiros e á nacionalidade dos segundos.

Desejariamos tambem conhecer os termos correntes em limitadas regiões do paiz e cuja origem seja incerta ou duvidosa, afim de verificarmos si provêm ou não de etymos ciganos que, neste caso, teriam sido nellas deixados pelas hordas ciganas que, desd'os tempos coloniaes, cortam as nossas terras em todas as direcções.

JOSÉ B. D'OLIVEIRA CHINA
Rua Martinico Prado n. 451 — S. Paulo

circulos na Gita Brasileira", uma série de artigos nos quais em-
usados pelos estatutos do Rio de Janeiro e de São Paulo:
(A. J. da "Revista"), fugir, escapar (hoje muito corrente na
literatura de G. J. da "Revista")

uma de suas gitas talada por um número limitado de ind

estudo, e, em consequência, as suas dificuldades, que podem
constar de palavras, por palavras que se encontram na

Desse modo também conhecem os termos correntes em
muitas regiões do país e cuja origem seja incerta ou duvidosa,
ainda de verificarmos se provém ou não de termos co-
muns a todos os tempos, colinas, colinas, colinas em

JOSE B. D'OLIVEIRA, CMT /
Rua Martinico Prado n. 451

BIBLIOGRAPHIA



BIENOGRAPIA



BIBLIOGRAPHIA

Como fontes principaes, foram aproveitadas na elaboração deste trabalho as seguintes obras:

- JOHN HOYLAND. — "A historical survey of the customs, habits, & present state of the Gypsies; designed to develop the origin of this Singular People, and to promote the amelioration of their condition". York, 1816.
- GEORGE BORROW. — "Los Zíncali (Los gitanos de España)". "Traducción de Manoel Azaña". Madrid, 1932.
Nota. E' traducção da obra de Borrow intitulada "The Zincali; or an account of the Gypsies of Spain". Londres, 1843.
- C. J. POPP SERBOIANU (Professeur au Séminaire de Blaj-Roumanie). — "Les Tsiganes" — "Histoire — Ethnographie — Linguistique — Grammaire — Dictionnaire". Paris, 1930.
- F. M. PABANÓ. — "Historia y costumbres de los gitanos". "Diccionario español-gitano-germanesco". Barcelona, 1915.
- F. ADOLPHO COELHO. — "Os ciganos de Portugal (com um estudo sobre o calão)". "Memoria destinada á X sessão do Congresso Internacional dos Orientalistas", Lisboa, 1892.
- MELLO MORAES FILHO. — "Cancioneiro dos Ciganos" ("Poesia popular dos ciganos da Cidade Nova"). Rio de Janeiro, 1885.
- MELLO MORAES FILHO. — "Os ciganos no Brazil (Contribuição ethnographica)". Rio de Janeiro, 1886.
- MELLO MORAES FILHO. — "Factos e Memorias" (V. Parte III — "Quadrilhas de ciganos", e Parte IV — "Memorias do largo do Rocío"). Rio de Janeiro, 1904.

Obras que, apesar de não serem escriptas especialmente sobre os ciganos, trazem preciosas informações sobre elles:

RAFAEL SALILLAS. — “El delincuente español” — “Hampa (antropología picaresca)”. Madrid, 1898.

Nota: Toda a II Parte desse trabalho, a qual se intitula “Gitanos”, é constituída por um bem desenvolvido estudo que o autor faz sobre os ciganos em geral, conforme se depreheende de suas próprias divisões, que são: a) “Introducción”; b) “Bibliografía”; c) “Origen de los Zíngaros”; d) “Los gitanos en la novela picaresca”; e) “Los gitanos en la legislación”; f) “Psicología gitanesca”.

RAFAEL SALILLAS. — “El delincuente español” — “El lenguaje (estudo filológico, psicológico y sociológico), con dos vocabularios jergales”. Madrid, 1896.

Nota: Nesse trabalho, principalmente na parte intitulada “El caló jergal”, ha preciosos informes sobre os ciganos em geral e sobre os gitanos em particular. Além do que o A. nelle faz considerações e analyses etymologicas relativas a numerosas palavras pertencentes á lingua cigana e aos seus differentes dialectos.

As palavras ciganas pertencentes á lingua geral ou aos dialectos, que se vêm nos “Subsidios linguisticos” e em outras partes deste estudo, citadas seja isoladamente seja nos quadros comparativos, foram colhidas, umas nos dictionarios e vocabularios que ha nas obras atraz citadas e outras nos seguintes trabalhos:

TINEO DE REBOLLEDO. — “Diccionario gitano-español y español-gitano”. Barcelona, 1909.

LUIS BESSES. — “Diccionario de argot español ó lenguaje jergal gitano, delincuente profesional y popular”. Barcelona (sem a data da impressão).

LAZARE SAINÉAN. — “L'argot ancien (1455-1850)”. Paris, 1907.

Nota. Deste trabalho aproveitámos alguma coisa que ha em “Éléments non-romans — Bohémiens — Orientaux — Hébreux”. (V. III da “Deuxième Partie”).

Outras informações sobre os ciganos foram tiradas de obras e monographias já citadas no texto deste trabalho; e outras, que demos sem mencionar as fontes, foram colhidas em diversas encyclopedias e em varios dictionarios historicos, geographicos

e ethnographicos, escriptos em inglez, francez e hespanhol, nos quaes ellas são desenvolvidas, respectivamente, sob as rubricas "GYPSIES", — "BOHÉMIENS", — "GITANOS" e sob outras equivalentes a essas designações dadas na Europa aos ciganos.

Entre os trabalhos desse genero consultados, citaremos, como principaes, os seguintes: "The Encyclopaedia Britannica", "The New International Encyclopaedia" (New York), "The Century Dictionary and Cyclopaedia" (New York), "Nelson's Encyclopaedia" (New York), "Library of Universal Knowledge" (New York), — "Grand Dictionnaire Universel du XX siècle" (P. Larousse, 1867), "Grand Eucyclopédie" (Paris), "L. Grégoire — "Dictionnaire Encyclopédique d'Histoire, de Biographie, de Mythologie et de Géographie" (nova edição), "Encyclopédie Universelle — Dictionnaire des Dictionnaires" (publicado sob a direcção de Paul Guérin), "Dictionnaire de La Chatre" e — "Enciclopedia Universal Ilustrada Europea — Universal Espasa".

INDICE DAS FORMAS NOVAS E NO-
VOS NOMES TECHNICOS VINDOS A
LUME NA "REVISTA" E NAS OUTRAS
PUBLICAÇÕES DO MUSEU PAULIS-
TA DESDE SUA FUNDAÇÃO ATÉ JU-
NHO DE 1936

POR

CARLOS AMADEU DE CAMARGO-ANDRADE

INDICE DAS FORMAS NOVAS E NO-
VOS NOMES TECHNICOS VINDOS A
LUME NA "REVISTA" E NAS OUTRAS
PUBLICAÇÕES DO MUSEU PAULIS-
TA DESDE SUA FUNDAÇÃO ATÉ JU-
NHO DE 1938

POR

CARLOS AMABEU DE CAMARGO-ANDRADE

P R E F A C I O

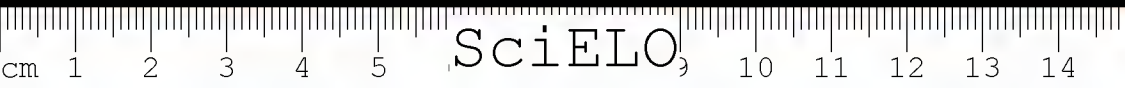
Aos familiarizados com as arduas questões da bibliographia e da nomenclatura desnecessario será encarecer o excellente serviço que o Snr. Carlos Amadeu de Camargo Andrade, com escrupulo e paciencia dignos de louvor, vem despretenciosamente prestar-nos com a elaboração do presente catalogo.

Não fossem as muitas outras razões que o tornam ainda prestadio, a fixação exacta das datas das varias centenas de novos nomes scientificos, vindos a lume nas paginas da Revista, bastaria, só por si, para recommendal-o á estima dos estudiosos da nossa Zoologia.

Para tal valeu-se o autor dos mais authenticos documentos, á frente dos quaes figuram, pelo menos no que respeita ao actual periodo administrativo, as pormenorizadas annotações constantes do livro de remessas postaes, existentes no Museu. No tocante aos primeiros volumes, do primeiro ao nono, o lançamento na pagina de rosto dos exemplares encadernados pertencentes á Bibliotheca, em manuscripto de H. Ihering, supprime qualquer duvida que pudesse suscitar sua data de distribuição.

Oxalá o exemplo encontrasse imitadores entre as nossas outras publicações congeneres, onde, á falta de indices bibliographicos, dormem ignoradas tantas contribuições uteis e tantos esforços esquecidos.

OLIVERIO PINTO.



P R E F A C I O

Aos familiarizados com as arduas questões da bibliographia e da nomenclatura, não seria serê encarar o excellente serviço que o Sr. Carlos Amadeu de Camargo Andrade, com despretenciosamente prestar-nos com a clabo-

Não fossem as muitas outras razões que o datar das varias centenas de novos nomes

vista, bastaria, só por si, para recomendar o a estima dos estudiosos da nossa Zoologia.

Para tal valeu-se o autor dos mais autênticos documentos, a frente dos quaes figuram pelo menos no que respeita ao actual período

entes no Museu. No tocante aos pri-

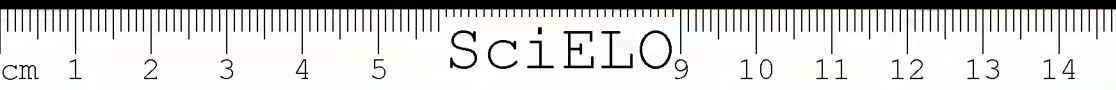
pagina de rosto dos exemplares encadernad

de H. Ihering, supprime qualquer duvida que

Oxala o exemplo encontrasse imitadores

onde, á falta de indices bibliographicos, dormem ignoradas tantas contribuições uteis e tant

OLIVIERIO PASTOR



INDICE SYSTEMATICO

ECHINODERMA

ameghinoi, Schizaster, H. von Ihering, Tomo II, p. 338 (28-XII-1897).

BRACHIOPODA

borbai, Spirifer, E. Kayser, Tomo IV, p. 305, Est. II, figs. 2, 3 (28-VII-1900).

iheringi, Spirifer, E. Kayser, Tomo IV, p. 303, Est. I, fig. 1, 2; Est. II, fig. 1 (28-VII-1900).

VERMES

NEMATHELMINTHES

NEMATODA

digitata, Thelazia, Lauro Travassus, Tomo X, p. 229, Est. II, figs. 5-9 (XII-1918).

iheringi, Thelazia (Th.), Lauro Travassus, Tomo X, p. 227, Est. 1, fig. 3; Est. II, fig. 12 (XII-1918).

lutzi, Thelazia (Th.), Lauro Travassus, Tomo X, p. 228, Est. 1, fig. 4; Est. II, fig. 8; Est. III, fig. 13 (XII-1918).

Schistorophinae, Lauro Travassus, Tomo X, p. 217 (XII-1918).

Thelaziella, Lauro Travassus, Tomo X, p. 218 (XII-1918).

PLATYHELMINTHES

TREMATODA

afranioi, Opisthogonimus, Clemente Pereira, Tomo XVI, p. 1000, figs. 11-14 (12-1-1929).

ANNELIDA

POLYCHAETA

acuta, Nereis (Leptonereis) A. L. Treadwell, Tomo XIII, p. 1227, pl. I, figs. 1-7 (29-XII-1922).

braziliensis, Spirographis, A. L. Treadwell, Tomo XVII, 2.^a, p. 993, figs. 15-19 (5-VII-1932).

decora, Nereis, A. L. Treadwell, Tomo XVII, 2.^a, p. 899, figs. 6-11 (5-VII-1932).

disparsetosa, Nereis, A. L. Treadwell, Tomo XVII, 2.^a, p. 897, figs. 1-5 (5-VII-1932).

oculata, Audouinea, A. L. Treadwell, Tomo XVII, 2.^a, p. 902, fig. 12-14 (5-VII-1932).

palpata, Nereis (Neanthes) A. L. Treadwell, Tomo XIII, p. 1229, pl. II, figs. 8-15 (29-XII-1922).

OLIGOCHAETA

HIRUDINEA

moorei, Glossosiphonia, Cezar Pinto, Tomo XIII, p. 912, N.º 7 (29-XII-1922).

MOLLUSCA

ANOMIIDAE

pazensis, Pododesmus, H. von Ihering, Notas preliminares, Vol. I, n.º 3, p. 28, Est. II, fig. 3 (8-XII-1914).

ARCIDAE

cuevensis, Pectunculus pulvinatus, H. von Ihering, Tomo II, p. 233, Est. VII, fig. 46; Est. VIII, fig. 59 (28-XII-1897).

dalii, Cucullaea, H. von Ihering, Tomo II, p. 241, Est. VII, fig. 47; Est. VIII, fig. 51 (28-XII-1897).

multicostata, Cucullaea, H. von Ihering, Tomo II, p. 240, Est. IV, fig. 29 Est. V, fig. 29 (28-XII-1897).

panensis, Arca, H. von Ihering, Notas preliminares Vol. I, N.º 3, p. 16, Est. II, fig. 1 (8-XII-1914).

patagonica, Arca, H. von Ihering, Tomo II, p. 235, Est. IV, fig. 23; Est. V, fig. 30 (28-XII-1897).

tridentata, Cucullaria, H. von Ihering, Tomo II, p. 237, Est. IV, fig. 22; Est. V, fig. 28 (28-XII-1897).

AVICULIDAE

quadrissulcata, Perna, H. von Ihering, Tomo II, p. 231, Est. IX, fig. 54 (28-XII-1897).

BUCCINIDAE

gelfonia, Cominella, H. von Ihering, Notas preliminares, Vol. I, N.º 3, p. 105, Est. III, fig. 15 (8-XII-1914).

BULIMULIDAE

pampa, *Bulimulus sporadicus*, H. von Ihering, *Notas preliminares*, Vol. I, N.º 3 p. 70 (8-XII-1914).

BULLIDAE

patagonica, *Bulla*, H. von Ihering, Tomo II, p. 271, fig. 8 (28-XII-1897).

CANCELLARIIDAE

gracilis, *Cancellaria*, H. von Ihering, Tomo II, p. 310, Est. III, fig. 11 (28-XII-1897).

ameghinoides, *Cancellaria*, H. von Ihering, Tomo II, p. 310, Est. III, fig. 12; Est. IV, fig. 15 (28-XII-1897).

CARDIIDAE

santacruzense, *Cardium*, H. von Ihering, *Notas preliminares*, Vol. I, N.º 3, p. 49, Est. 1, figs. 4, a, b. (8-XII-1914).

philippii, *Cardium*, H. von Ihering, Tomo II, p. 249, Est. VI, fig. 40 (28-XII-1897).

CERITHIIDAE

patagonensis, *Patamides*, H. von Ihering, Tomo II, p. 315, fig. 20 (28-XII-1897).

CHRYSDOMIDAE

matthewi, *Siphonalia*, H. von Ihering, *Notas preliminares*, Vol. 1, N.º 3, p. 102, Est. III, fig. 14. (8-XII-1914).

COLUMBELLIDAE

improvisa, *Columbella* (*Anachis*), H. von Ihering, *Notas preliminares*, Vol. 1, N.º 3, p. 106 (8-XII-1914).

CRASSATELLIDAE

longior, *Crassatella*, H. von Ihering, Tomo II, p. 247, Est. V, fig. 34; Est. VI, fig. 37 (28-XII-1897).

DENTALIDAE

octocostatum, *Dentalium*, H. von Ihering, Tomo II, p. 266. Est. IV, fig. 16 (28-XII-1897).

ENDODONTIDAE

compacta, *Pyramidula patagonica*, Henry Suter, Tomo IV, p. 334 (28-VII-1900).

patagonica, *Pyramidula*, Henry Suter, Tomo IV, p. 334, Est. III, figs. 6-6b (28-VII-1900).

schuppi, *Pyramidula*, Henry Suter, Tomo IV, p. 335, Est. III, figs. 7-7b (28-VII-1900).

FUSIDAE

stromeri, *Fusus*, H. von Ihering, Notas preliminares, Vol. 1, N.º 3, p. 104 (8-XII-1914).

GLYCIMERIDAE

quemadensis, *Glycimeris*, H. von Ihering, Tomo II, p. 264, fig. 4 (28-XII-1897).

HELICIDAE

juruaana, *Solaropsis rugifera*, H. von Ihering, Tomo VI, p. 456, N.º 2 (8-V-1905).

pilsbryi, *Solaropsis*, H. von Ihering, Tomo IV, p. 544, figs. 6-8 (28-VII-1900).

tachi, *Solaropsis*, H. von Ihering, Tomo IV, p. 545, fig. 9-10 (28-VII-1900).

derbyi, *Psadara*, H. von Ihering, Tomo IV, p. 546, figs. 11-12 (28-VII-1900).

MACTRIDAE

indistincta, *Mactra*, H. von Ihering, Tomo II, p. 262, fig. 3 (28-XII-1897).

jorgea, *Mactra*, H. von Ihering, Notas preliminares, Vol. 1.º, N.º 3, p. 60, Est. II, figs. 6a-b (8-XII-1914).

MARGINELLIDAE

quemadensis, *Marginella*, H. von Ihering, Tomo II, p. 307, Est. III, fig. 9 Est. IV, fig. 14 (28-XII-1897).

plicifera, *Marginella*, H. von Ihering, Tomo II, p. 308, fig. 19 (28-XII-1897).

gracilior, *Marginella*, H. von Ihering, Tomo II, p. 308 fig. 18 (28-XII-1897).

confinis, *Marginella*, H. von Ihering, Tomo II, p. 307, Est. III, fig. 8 (28-XII-1897).

MELANIIDAE

araguayana, *Hemisinus tenuilabris*, H. von Ihering. Tomo V, p. 669, fig. 5 (24-XII-1902).

schuppi, *Doryssa*, H. von Ihering, Tomo V, p. 659, fig. 1 (24-XII-1902).

rixosa, *Doryssa*, H. von Ihering, Tomo V, p. 662, figs. 2-3 (24-XII-1902).

MESODESMATIDAE

dalli *Caecella*, H. von Ihering, *Notas preliminares*, Vol. 1, N.º 3, p. 61, Est. 1, fig. 7 (8-XII-1914).

MURICIDAE

gradata, *Trophon varians*, H. von Ihering, Tomo II, p. 323 (28-XII-1897).

pyriformis, *Trophon*, H. von Ihering, Tomo II, p. 295, Est. III, fig. 5 (28-XII-1897).

santacruzensis, *Trophon laciniatus*, H. von Ihering, Tomo II, p. 294, Est. III, fig. 4 (28-XII-1897).

MYTILIDAE

ameghinói, *Modiola*, H. von Ihering, Tomo II, p. 233, Est. VI, fig. 43 (28-XII-1897).

martensi, *Modiola*, H. von Ihering, Tomo II, p. 104, fig. 6 (28-XII-1897).

NATICIDAE

consimilis, *Natica*, H. von Ihering, Tomo II, p. 283, fig. 12 (28-XII-1897).

subtenuis, *Natica*, H. von Ihering, Tomo II, p. 284, fig. 13 (28-XII-1897).

OSTREIDAE

percrassa, *Ostrea*, H. von Ihering, Tomo II, p. 221, Est. IX, fig. 53 (28-XII-1897).

pyrotheriorum, *Ostrea*, H. von Ihering, Tomo II, p. 315, fig. 21 (28-XII-1897).

tehuelcha, *Ostrea patagonica*, H. von Ihering, Tomo II, p. 322 (28-XII-1897).

PECTINIDAE

- deseadensis*, *Pecten paranensis*, H. von Ihering, Tomo II, p. 329 (28-XII-1897).
foyela, *Myochlamys*, H. von Ihering, Notas preliminares, Vol. 1.º, N.º 3, p. 33, Est. 1. fig. 3 (8-XII-1914).
nodosoplicatus, *Pecten*, H. von Ihering, Tomo II, p. 227, Est. V, fig. 36 (28-XII-1897).
praenunciatus, *Pecten*, H. von Ihering, Tomo II, p. 230 (28-XII-1897).
quemadensis, *Pecten*, H. von Ihering, Tomo II, p. 228, Est. VI, fig. 38 (28-XII-1897).

PHOLADIDAE

- paucispina*, *Pholas*, H. von Ihering, Tomo II, p. 265 (28-XII-1897).

PLEUROTOMIDAE

- cuevensis*, *Genota*, H. von Ihering, Tomo II, p. 313, Est. III, fig. 10 (28-XII-1897).
unifascialis, *Pleurotoma discors*, H. von Ihering, Tomo II, p. 312 (28-XII-1897).

PUPIDAE

- iheringi*, *Pupa*, Henry Suter, Tomo IV, p. 336, Est. III, fig. 8 e 8a (28-VII-1900).

PYRAMIDELLIDAE

- cuevensis*, *Turbonilla*, H. von Ihering, Tomo II, p. 276, fig. 11 (28-XII-1897).
subventricosa, *Eulima*, H. von Ihering, Tomo II, p. 274, fig. 9 (28-XII-1897).
suturalis, *Odostomia*, H. von Ihering, Tomo II, p. 275, fig. 10 (28-XII-1897).

SCALARIIDAE

- obsoleta*, *Scalaria rugulosa*, H. von Ihering, Tomo II, p. 323 (28-XII-1897).

SAXICAVIDAE

- elongata*, *Panopaea nucleus*, H. von Ihering, Notas preliminares, Vol. 1, N.º 3, p. 64 (8-XII-1914).
thomasi, *Panopaea*, H. von Ihering, Notas preliminares, Vol. 1, N.º 3, p. 63, Est. II, figs. 8-a e b (8-XII-1914).

STREPTAXIIDAE

interruptus, Streptaxis, Henry Suter, Tomo IV, p. 331, Est. III, figs. 5 (28-VII-1900).

tumescens, Streptaxis, Henry Suter, Tomo IV, p. 330, Est. III, figs. 4-b (28-VII-1900).

STRUTHIOLARIIDAE

ameghinoi, Struthiolaria, H. von Ihering, Tomo II, p. 289, figs. 14 (28-XII-1897).

densestriata, Struthiolaria ornata, H. von Ihering, Tomo II, p. 291, fig. 15 (28-XII-1897).

TELLINIDAE

jeguaensis, Tellina, H. von Ihering, Tomo II, p. 260, Est. V, fig. 33 (28-XII-1897).

patagonica, Tellina, H. von Ihering, Tomo II, p. 261, Est. V, fig. 35 (28-XII-1897).

perplana, Tellina, H. von Ihering, Tomo II, p. 259, Est. VI, fig. 39 (28-XII-1897).

TEREBRIDAE

quemadensis, Terebra costellata, H. von Ihering, Tomo II, p. 311 (28-XII-1897).

santacruzensis, Terebra costellata, H. von Ihering, Tomo III, p. 311 (28-XII-1897).

TRITONIDAE

dautzenbergi, Triton (Argobuccinum), H. von Ihering, Tomo II, p. 293, fig. 16 (28-XII-1897).

TROCHIDAE

dalli, Gibbula, H. von Ihering, Tomo II, p. 272, Est. III, fig. 1; Est. IV, fig. 13 (28-XII-1897).

deseadoense, Calliostoma, H. von Ihering, Notas preliminares, Vol. 1, N.º 3, p. 77, Est. III, fig. 12. (28-XII-1914).

fracta, Gibbula, H. von Ihering, Tomo II, p. 273, Est. III, fig. 2 (28-XII-1897).

osborni, Gibbula, H. von Ihering, Notas preliminares, Vol. 1, N.º 3, p. 75, Est. III, fig. 11 (8-XII-1914).

schucherti, Gibbula, H. von Ihering, Notas preliminares, vol. 1, N.º 3, p. 74, Est. III, fig. 10a-b (8-XII-1914).

TURRITELLIDAE

- argentina*, Turritella, H. von Ihering, Tomo II, p. 286 (28-XII-1897).
steinmanni, Turritella, H. von Ihering, Tomo II, p. 289 (28-XII-1897).
tricincta, Turritella, H. von Ihering, Tomo II, p. 287, Est. III, fig. 3 (28-XII-1897).

VENERIDAE

- argentina*, Venus volkmanni, H. von Ihering, Tomo II, p. 252, Est. VII, fig. 45 (28-XII-1897).
meridionalis, Dosinia, H. von Ihering, Tomo II, p. 256, Est. VI, fig. 41 (28-XII-1897).
rada Marcia, H. von Ihering, Notas preliminares, Vol. 1, N.º 3, p. 53, Est. 1, fig. 5 a e b (8-XII-1914).
splendida, Cytherea, H. von Ihering, Tomo II, p. 255, Est. VI, fig. 42 (28-XII-1897).
striatolamellata, Venus, H. von Ihering, Tomo II, p. 253, Est. VII, fig. 44 (28-XII-1897).
tehuelcha, Marcia scutata, H. von Ihering, Notas preliminares, Vol. 1, N.º 3, p. 53 (8-XII-1914).

VOLUTIDAE

- ameghinoi*, Voluta, H. von Ihering, Tomo II, p. 302, fig. 17 (28-XII-1897).
patagonica, Voluta, H. von Ihering, Tomo II, p. 306, Est. III, fig. 6 (28-XII-1897).
quemadensis, Voluta, H. von Ihering, Tomo II, p. 304, Est. III, fig. 7 (28-XII-1897).

BRACHIOPODA

- plicigera*, Rhynchonella, H. von Ihering, Tomo II, p. 270, fig. 7 (28-XII-1897).
zitteli, Bouchardia, H. von Ihering, Tomo II, p. 268, fig. 6 (28-XII-1897).

CRUSTACEA

- iheringi*, Palaemon, Arnold E. Ortmann, Tomo II, p. 211, Est. I, figs. 7-8 (28-XII-1897).
muelleri, Siphonostoma, H. von Ihering, Tomo II, p. 422 (28-XII-1897).
paulensis, Leander, Arnold E. Ortmann, Tomo II, p. 192, Est. I, fig. 14 (28-XII-1897).

ARACHNIDA

THERAPHOSOIDEAS

ACTINOPODIDAE

- Actinopodidae*, Mello Leitão, Tomo XIII, p. 16 (29-XII-1922).
dubiomaculatus, *Actinopus*, Mello Leitão, Tomo XIII, p. 20 (29-XII-1922).
fractus, *Actinopus*, Mello Leitão, Tomo XIII, p. 21 (29-XII-1922).
paranensis, *Actinopus*, Mello Leitão, Tomo XIII, p. 24 (29-XII-1922).

AVICULARIIDAE

- acanthognatha*, *Lasiadora*, Mello Leitão, Tomo XIII, p. 246, figs. 100, 146 (29-XII-1922).
ancylochyra, *Avicularia*, Mello Leitão, Tomo XIII, p. 330 (29-XII-1922).
anomalus, *Pamphobeteus*, Mello Leitão, Tomo XIII, p. 343 (29-XII-1922).
anomalus, *Proshapalopus*, Mello Leitão, Tomo XIII, p. 146, figs. 60, 62 (29-XII-1922).
bicegoi, *Avicularia*, Mello Leitão, Tomo XIII, p. 329, figs. 187, 189 (29-XII-1922).
Ceropelma, Mello Leitão, Tomo XIII, p. 175 (29-XII-1922).
cesteri *Pamphobeteus*, Mello Leitão, Tomo XIII, p. 236, (29-XII-1922).
chiracantha, *Acanthoscurria*, Mello Leitão, Tomo XIII, p. 288, figs. 81, 82, 89, 181 (29-XII-1922).
eristata, *Acanthoscurria*, Mello Leitão, Tomo XIII, p. 297 (29-XII-1922).
cryptostigma, *Lasiadora*, Mello Leitão, Tomo XIII, p. 250, figs. 97, 165 (29-XII-1922).
cucullatus, *Pamphobeteus*, Mello Leitão, Tomo XIII, p. 237 (29-XII-1922).
cunhae, *Acanthoscurria*, Mello Leitão, Tomo XIII, p. 282, figs. 55-59 e 168 (29-XII-1922).
Cyclothorax, Mello Leitão, Tomo XIII, p. 341, (29-XII-1922).
cyclothorax, *Cyclothorax*, Mello Leitão, Tomo XIII, p. 342, (29-XII-1922).
cytharacantha, *Lasiadora*, Mello Leitão, Tomo XIII, p. 251, figs. 171, 173 (29-XII-1922).
difficilis, *Lasiadora*, Mello Leitão, Tomo XIII, p. 257, figs. 91, 161 (29-XII-1922).

- dolichosterna*, *Lasiadora*, Mello Leitão, Tomo XIII, p. 264, figs. 172, 174 (29-XII-1922).
- dubium*, *Pterinopelma*, Mello Leitão, Tomo XIII, p. 188 (29-XII-1922).
- dulcicola*, *Lasiadora*, Mello Leitão, Tomo XIII, p. 248, figs. 94, 163 (29-XII-1922).
- erythrocihara*, *Lasiadora*, Mello Leitão, Tomo XIII, p. 260, figs. 106-107 (29-XII-1922).
- exsul*, *Pamphobeteus*, Mello Leitão, Tomo XIII, p. 240 (29-XII-1922).
- fallax*, *Sericopelma*, Mello Leitão, Tomo XIII, p. 224, (29-XII-1922).
- fasciata*, *Grammostola*, Mello Leitão, Tomo XIII, p. 210 (29-XII-1922).
- ferruginea*, *Grammostola*, Mello Leitão, Tomo XIII, p. 196, figs. 63-65 (29-XII-1922).
- fracta*, *Lasiadora*, Mello Leitão, Tomo XIII, p. 252, fig. 90 (29-XII-1922).
- garbei*, *Chaetorhombus*, Mello Leitão, Tomo XIII, p. 134 (29-XII-1922).
- gigantea*, *Grammostola*, Mello Leitão, Tomo XIII, p. 205, figs. 78-80 (29-XII-1922).
- gomesiana*, *Acanthoscurria*, Mello Leitão, Tomo XIII, p. 306, figs. 51-55, 167 (29-XII-1922).
- Grammostoleas*, Mello Leitão, Tomo XIII, p. 177 (29-XII-1922).
- holophoeus*, *Pamphobeteus*, Mello Leitão, Tomo XIII, p. 239 (29-XII-1922).
- insularis*, *Ceropelma*, Mello Leitão, Tomo XIII, p. 176, (29-XII-1922).
- insularis*, *Pamphobeteus*, Mello Leitão, Tomo XIII, p. 241 (29-XII-1922).
- itabunae*, *Lasiadora*, Mello Leitão, Tomo XIII, p. 266, figs. 96, 169 (29-XII-1922).
- juvuenicola*, *Acanthoscurria*, Mello Leitão, Tomo XIII, p. 294 (29-XII-1922).
- juvuenensis*, *Avicularia*, Mello Leitão, Tomo XIII, p. 321, figs. 156, 188 (29-XII-1922).
- longimana*, *Grammostola*, Mello Leitão, Tomo XIII, p. 214, figs. 107, 109 (29-XII-1922).
- mariannae*, *Lasiadora*, Mello Leitão, Tomo XIII, p. 249, figs. 93, 103, 164 (29-XII-1922).
- melanocephalus*, *Pamphobeteus*, Mello Leitão, Tomo XIII, p. 234 (29-XII-1922).
- melanotheria*, *Acanthoscurria*, Mello Leitão, Tomo XIII, p. 310 (29-XII-1922).
- montanus*, *Tmesiphantes*, Mello Leitão, Tomo XIII, p. 139, figs. 48-50 (29-XII-1922).

- morelrae*, Calopelma, Mello Leitão, Tomo XIII p. 149, (29-XII-1922).
nondescriptus, Hapalopus, Mello Leitão, Tomo XIV, p. 319, figs. 7-8 (10-1-1926).
parahybana, Acanthoscurria, Mello Leitão, Tomo XIV, p. 321 (10-1-1926).
paulensis, Acanthoscurria, Mello Leitão, Tomo XIII, p. 304, figs. 86-88, 178-179 (29-XII-1922).
pheopygus, Phormictopus, Mello Leitão, Tomo XIII, p. 273, figs. 150-152 (29-XII-1922).
physopus, Tmesiphantes, Mello Leitão, Tomo XIV, p. 318, figs. 6 (10-1-1926).
platyomma, Pamphobeteus, Mello Leitão, Tomo XIII, p. 228 (29-XII-1922).
pleoplectra, Lasiodora, Mello Leitão, Tomo XIII, p. 262, fig. 175 (29-XII-1922).
pococki, Typhlochloena, Mello Leitão, Tomo XIII, p. 333 (29-XII-1922).
Proshapalopus, Mello Leitão, Tomo XIII, p. 145 (29-XII-1922).
proximus, Hemiercus, Mello Leitão, Tomo XIII, p. 155 (29-XII-1922).
pulchra, Grammostola, Mello Leitão, Tomo XIII, p. 198, figs. 66-68 (29-XII-1922).
rectimanus, Hapalopus, Mello Leitão, Tomo XIII, p. 161 (29-XII-1922).
rhodothele, Acanthoscurria, Mello Leitão, Tomo XIII, p. 296, figs. 122, 140 (29-XII-1922).
ribeiroi, Phormictopus, Mello Leitão, Tomo XIII, p. 275, figs. 143, 176 (29-XII-1922).
rondoniae, Acanthoscurria, Mello Leitão, Tomo XIII, p. 287 (29-XII-1922).
rondoniensis, Pamphobeteus, Mello Leitão, Tomo XIII, p. 230 (29-XII-1922).
roquettei, Grammostola, Mello Leitão, Tomo XIII, p. 212, figs. 75-78, (29-XII-1922).
roseus, Pamphobeteus, Mello Leitão, Tomo XIII, p. 232 (29-XII-1922).
sorocabae, Pamphobeteus, Mello Leitão, Tomo XIII, p. 233 (29-XII-1922).
spinosissimus, Eupalaestrus, Mello Leitão, Tomo XIII, p. 221, figs. 104-105 (29-XII-1922).
sternalis, Metriopelma, Mello Leitão, Tomo XIII, p. 171, (29-XII-1922).
sub-canens, Lasiodora, Mello Leitão, Tomo XIII, p. 253, figs. 90, 101, 155 (29-XII-1922).
tetracanthus, Pamphobeteus, Mello Leitão, Tomo XIII, p. 238 (29-XII-1922).

- vellutinum*, *Pterinopelma*, Mello Leitão, Tomo XIII, p. 186, figs. 112-113 (29-XII-1922).
violacea, *Acanthoscurria*, Mello Leitão, Tomo XIII, p. 292, fig. 182 (29-XII-1922).
wacketi, *Pterinopelma*, Mello Leitão, Tomo XIII, p. 185, figs. 114-115 (29-XII-1922).
zorodes, *Cyrtopholis*, Mello Leitão, Tomo XIII, p. 143 (29-XII-1922).
zorodes, *Typhochlaena*, Mello Leitão, Tomo XIV, p. 322, figs. 9-10 (10-1-1926).

BARYCHELIDAE

- crassimanu*, *Psalistops*, Mello Leitão, Tomo XIII, p. 121 (29-XII-1922).
Dolichothele, Mello Leitão, Tomo XIII, p. 119 (29-XII-1922).
exilis, *Dolichothele*, Mello Leitão, Tomo XIII, p. 120, (29-XII-1922).
fluminensis, *Neodiplothele*, Mello Leitão, Tomo XIV, p. 316, fig. 5 (10-1-1926).
Goniodontium, Mello Leitão, Tomo XIII, p. 126 (29-XII-1922).
hastatus, *Diplotheleopsis*, Mello Leitão, Tomo XIII, p. 112, figs. 25-27 (29-XII-1922).
muticum, *Goniodontium*, Mello Leitão, Tomo XIII, p. 127 (29-XII-1922).

CTENIZIDAE

- bristowei*, *Prorachias*, Mello Leitão, Tomo XIV, p. 309 (10-1-1926).
catharinensis, *Pseudhermachura*, Mello Leitão, Tomo XV, p. 402 (20-1-1927).
Ctenochelus, Mello Leitão, Tomo XIII, p. 61 (29-XII-1922).
Hermachura, Mello Leitão, Tomo XIII, p. 70 (29-XII-1922).
iricolor, *Hermacha*, Mello Leitão, Tomo XIII, p. 67 (29-XII-1922).
itatiayae, *Hermacha*, Mello Leitão, Tomo XIII, p. 339 (29-XII-1922).
luederwaldti, *Hermachura*, Mello Leitão, Tomo XIII, p. 70, figs. 37-40 (29-XII-1922).
maculatus, *Ctenochelus*, Mello Leitão, Tomo XIII, p. 62, (29-XII-1922).
nilopolensis, *Idiops*, Mello Leitão, Tomo XIII, p. 47 (29-XII-1922).
odontochila, *Rachias*, Mello Leitão, Tomo XIII, p. 340 (29-XII-1922).
Prorachias, Mello Leitão, Tomo XIV, p. 309 (10-1-1926).
Pselligmeae, Mello Leitão, Tomo XIII, p. 58 (29-XII-1922).
Pseudhermachura, Mello Leitão, Tomo XV, p. 402 (20-1-1927).

DIPLURIDAE

- borgmeieri*, *Diplura*, Mello Leitão, Tomo XIV, p. 311 (10-1-1926).
Evagrella, Mello Leitão, Tomo XIII, p. 87 (29-XII-1922).

- fallax*, Diplura, Mello Leitão, Tomo XIV, p. 312 (10-1-1926).
garbei, Evagrella, Mello Leitão, Tomo XIII, p. 88, figs. 35, 36 (29-XII-1922).
minensis, Thalerothele, Mello Leitão, Tomo XIV, p. 314, figs. 1-3 (10-1-1926).
nigridorsi, Harmonicon, Mello Leitão, Tomo XIV, p. 315, fig. 4 (10-1-1926).
parallelus, Achetopus, Mello Leitão, Tomo XIII, p. 99, figs. 7-9 (29-XII-1922).
paulistana, Diplura, Mello Leitão, Tomo XIV p. 310 (10-1-1926).
Taunayella, Mello Leitão, Tomo XIII, p. 97 (29-XII-1922).
taunayi, Taunayella, Mello Leitão, Tomo XIII, p. 97, figs. 13-16, 23 (29-XII-1922).
Trechoninae, Mello Leitão, Tomo XIII, p. 88 (29-XII-1922).
uniformis, Thalerothele, Mello Leitão, Tomo XIII, p. 105, fig. 4 (29-XII-1922).

PARATROPIDIDAE

- Paratropididae*, Mello Leitão, Tomo XIII, p. 32 (29-XII-1922).
sanguinea, Paratropis, Mello Leitão, Tomo XIII, p. 36 (29-XII-1922).

EPEROIDEAS

AGELINIDAE

- simoni*, Hahnina, Mello Leitão, Tomo XI, p. 478, Nota N.º 5, Est. 7 (7-XII-1919).

ATTIDAE

- catharinensis*, Hypaeus, Mello Leitão, Tomo XV, p. 409, fig. 7 (20-1-1927).
dubius, Lyssomanes (Jelskia), Mello Leitão, Tomo XV, p. 407 (20-1-1927).
penicillatus, Lissomanes (Maroussa), Mello Leitão, Tomo XV, p. 407, fig. 3 (20-1-1927).
trifasciatus, Naubolus, Mello Leitão, Tomo XV, p. 408, figs. 4-6 (20-1-1927).

CLUBIONIDAE

- luederwaldti*, Mymecobius, Mello Leitão, Tomo XIII, p. 524 (29-XII-1922).
Myrmecobiinae, Mello Leitão, Tomo XIII, p. 523 (29-XII-1922).
Myrmecobius, Mello Leitão, Tomo XIII, p. 524 (29-XII-1922).

- discolor*, *Coryssocnemis*, Mello Leitão, Tomo X, p. 100 (XII-1918).
dubiomaculatus, *Pholcus*, Mello Leitão, Tomo X, p. 116, figs. 31-32 (XII-1918).
flumineasis, *Psilochoros*, Mello Leitão, Tomo X, p. 98, figs. 10-11 (XII-1918).
luivus, *Litoporus*, W. J. Moenklaus, Tomo III, p. 105, Est. V, fig. 4-4c (15-II-1899).
genitalis, *Litoporus*, W. J. Moenklaus, Tomo III, p. 107, Est. V, figs. 5-5d (15-II-1899).
iguassuensis, *Litoporus*, Mello Leitão, Tomo X, p. 94 (XII-1918).
lepidopterus, *Coryssocnemis*, Mello Leitão, Tomo X, p. 101 (XII-1918).
occultus, *Coryssocnemis*, Mello Leitão, Tomo X, p. 100 (XII-1918).
purpureus, *Smeringopus*, W. J. Moenklaus, Tomo III, p. 91, Est. V, figs. 1- 1b (15-II-1899).
simoni, *Blechnroscelis*, W. J. Moenklaus, Tomo III, p. 101, Est. V, figs. 3-3b (15-II-1899).
viridis, *Blechnroscelis*, Mello Leitão, Tomo X, p. 105, figs. 19-20 (XII-1918).

SELENOPIDAE

- melanurus*, *Selenops*, Mello Leitão, Tomo XIII, p. 516, N.º 4, figs. 1-4 (29-XII-1922).

SICARIIDAE

- campinensis*, *Scytodes*, Mello Leitão, Tomo X, p. 133, fig. 37, (XII-1918).
concolor, *Scytodes*, Mello Leitão, Tomo X, p. 132, fig. 36 (XII-1918).
discolor, *Scytodes*, Mello Leitão, Tomo X, p. 133 (XII-1918).
iguassuensis, *Scytodes*, Mello Leitão, Tomo X, p. 133 (XII-1918).
patagonicus, *Sicarius*, Mello Leitão, Tomo XI, p. 475, Nota n.º 2 (7-XII-1919).
similis, *Loxosceles*, W. J. Moenklaus, Tomo III, p. 79, Est. V, fig. 7 (15-II-1899).

THOMISIDAE

- misumenoides*, *Tmarus*, Mello Leitão, Tomo XV, p. 406 (20-I-1927).

OPILIONES

COSMETIDAE

- bella*, *Paecilaemula*, Mello Leitão, Tomo XVII, 2.ª, p. 443, fig. 4 (5-VII-1932).
pustulatus, *Melavonoides*, Mello Leitão, Tomo XVII, 2.ª, p. 62, n.º 36, fig. 28 (5-VII-1932).

serriperna, *Cynortula*, Mello Leitão, Tomo XVII, 2.^a p. 442, fig. 3 (5-VII-1932).

PHALANGODIDAE

bimaculatus, *Pseudophalangodes*, Mello Leitão, Tomo XVII, 2.^a, p. 44, N.º 23, (5-VII-1932).

fasciata, *Phalangodella*, Mello Leitão, Tomo XVII, 2.^a, p. 440 (5-VII-1932).

nigripes, *Tricommatus*, Mello Leitão, Tomo XVII, 2.^a, p. 41, N.º 19, Fig. 17 (5-VII-1932).

GONYLEPTIDAE

abscensa, *Weyhia*, Mello Leitão, Tomo XVII, 2.^a, p. 284, N.º 241, fig. 175 (5-VII-1932).

Acutisomelloides, Mello Leitão, Tomo XVII, 2.^a, p. 272 (5-VII-1932).

albiscryptum, *Goniosoma*, Mello Leitão, Tomo XVII, 2.^a, p. 268, N.º 224, fig. 144 (5-VII-1932).

altifrons, *Camposicola*, Mello Leitão, Tomo XIV, p. 373 (10-1-1926).

anthophila, *Ypiranga*, Mello Leitão, Tomo XIV, p. 370 (10-1-1926).

Apembolephaeninas, Mello Leitão, Tomo XVII, 2.^a, p. 416 (5-VII-1932).

auricola, *Paragonyleptes*, Mello Leitão, Tomo XIV, p. 377 (10-1-1926).

bahiensis, *Triaenosoma*, Mello Leitão, Tomo XIV, p. 376 (10-1-1926).

barbiellinii, *Gonyleptes*, Mello Leitão, Tomo XVII, 2.^a, p. 298, N.º 257, fig. 155 (5-VII-1932).

berlae, *Jacarepaguana*, Mello Leitão, Tomo XVII, 2.^a, p. 451, fig. 11 (5-VII-1932).

bimaculata, *Cezarella*, Mello Leitão, Tomo XVII, 2.^a, p. 214, N.º 175 (5-VII-1932).

borgmeyeri, *Gonyleptes*, Mello Leitão, Tomo XVII, 2.^a, p. 305, N.º 269, fig. 167 (5-VII-1932).

Bristoweia, Mello Leitão, Tomo XIV, p. 368. (10-1-1926).

Callearogyndes, Mello Leitão, Tomo XVII, 2.^a, p. 188, (5-VII-1932).

Camposicola, Mello Leitão, Tomo XIV, p. 373 (10-1-1926).

catharinensis, *Metagraphinotus*, Mello Leitão, Tomo XV, p. 412 (20-1-1927).

Cezarella, Mello Leitão, Tomo XVII, 2.^a, p. 214 (5-VII-1932).

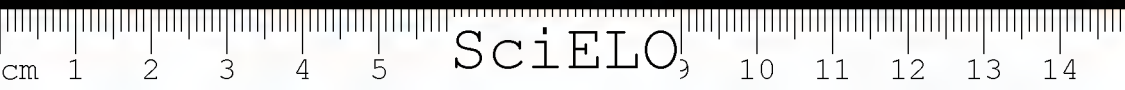
clavifemur, *Weyhia*, Mello Leitão, Tomo XV, p. 416, (20-1-1927).

crulsi, *Rhopalocranaus*, Mello Leitão, Tomo XVII, 2.^a, p. 119, N.º 83 (20-1-1927).

Crypturocytia, Mello Leitão, Tomo XVII, 2.^a, p. 236, (5-VII-1932).

- crypturocytia*, *Crypturocytia*, Mello Leitão, Tomo XVII, 2.^a, p. 236, N.º 187 (5-VII-1932).
- curvicornis*, *Gonyleptes*, Mello Leitão, Tomo XVII, 2.^a, p. 305, N.º 268, fig. 166 (5-VII-1932).
- curvispina*, *Triglochínura*, Mello Leitão, Tomo XIV, p. 368 (10-1-1926).
- decoratus*, *Promitobates*, Mello Leitão, Tomo XVII, 2.^a, p. 402, N.º 368, fig. 267 (5-VII-1932).
- Despiroides*, Mello Leitão, Tomo XVII, 2.^a, p. 225. (5-VII-1932).
- díamantinae*, *Bristoweia*, Mello Leitão, Tomo XIV p. 369, (10-1-1926).
- doriphorus*, *Enantiocentron*, Mello Leitão, Tomo XVII, 2.^a, p. 450, fig. 11, (5-VII-1932).
- dubius*, *Ancistrotellus*, Mello Leitão, Tomo XVII, 2.^a, p. 393, N.º 356, fig. 257 (5-VII-1932).
- dubius*, *Paragonyleptes*, Mello Leitão, Tomo XVII, 2.^a p. 322, N.º 287, fig. 191, (5-VII-1932).
- Eduardoius*, Mello Leitão, Tomo XVII, 2.^a, p. 343, (5-VII-1932).
- elaphus*, *Cyndoides*, Mello Leitão, Tomo XV, p. 413, (20-1-1927).
- Enantiocentron*, Mello Leitão, Tomo XVII, 2.^a p. 450, (5-VII-1932).
- fallax*, *Metagonyleptes*, Mello Leitão, Tomo XVII, 2.^a, p. 336, N.º 334, fig. 214, (5-VII-1932).
- fallax*, *Pachyloides*, Mello Leitão, Tomo XVII, 2.^a, p. 448, figs. 8-9 (5-VII-1932).
- tidelis*, *Eduardoius*, Mello Leitão, Tomo XVII, 2.^a, p. 344, N.º 312 (5-VII-1932).
- fragilis*, *Gonypernoides*, Mello Leitão, Tomo XVII, 2.^a, p. 465, (5-VII-1932).
- Giltaya*, Mello Leitão, Tomo XVII, 2.^a, p. 466. (5-VII-1932).
- Glyptogoniosoma*, Mello Leitão, Tomo XVII, 2.^a, p. 271, (5-VII-1932).
- Goniosomoides*, Mello Leitão, Tomo XVII, 2.^a, p. 460 (5-VII-1932).
- Gonypernoides*, Mello Leitão, Tomo XVII, 2.^a, p. 465 (5-VII-1932).
- granulosissimus*, *Promitobates*, Mello Leitão, Tomo XVII, 2.^a, p. 401, N.º 367 fig. 266, (5-VII-1932).
- granulosus*, *Eduardoius*, Mello Leitão, Tomo XVII, 2.^a, p. 344, N.º 312 (5-VII-1932).
- granulosus*, *Liarthrodes*, Mello Leitão, Tomo XVII, 2.^a, p. 357, N.º 319 (5-VII-1932).
- Gyndoides*, Mello Leitão, Tomo XV, p. 412 (20-1-1927).
- Heteropucrolia*, Mello Leitão, Tomo XVII, 2.^a, p. 452, (5-VII-1932).
- Ibarroides*, Mello Leitão, Tomo XVII, 2.^a, p. 223, (5-VII-1932).
- inferme*, *Acutísoma*, Mello Leitão, Tomo XV, p. 416 (20-1-1927).

- itaiayae*, *Gonyleptes*, Mello Leitão, Tomo XVII, 2.^a, p. 300, N.º 259, fig. 157 (5-VII-1932).
- Jacarepaguana*, Mello Leitão, Tomo XVII, 2.^a, p. 451, (5-VII-1932).
- lacrimesus*, *Gonyleptes*, Mello Leitão, Tomo XVII, 2.^a, p. 294, N.º 250, fig. 148, (5-VII-1932).
- Leptogonys*, Mello Leitão, Tomo XVII, 2.^a, p. 464 (5-VII-1932).
- Liogyndulus*, Mello Leitão, Tomo XVII, 2.^a, p. 140, (5-VII-1932).
- littoralis*, *Discoerytus*, Mello Leitão, Tomo XVII, 2.^a, p. 172, N.º 124, fig. 91 (5-VII-1932).
- Luederwaltia*, Mello Leitão, Tomo XIII, p. 518 (29-XII-1922).
- luteifemur*, *Liogyndulus*, Mello Leitão, Tomo XVII, 2.^a, p. 140, N.º 90, (5-VII-1932).
- luteispinis*, *Paragonyleptes*, Mello Leitão, Tomo XVII, 2.^a, p. 463, (5-VII-1932).
- Lygoniosoma*, Mello Leitão, Tomo XIV, p. 357, p. 379, (10-1-1926).
- marginatus*, *Heteropachyloidellus*, Mello Leitão, Tomo XVII, 2.^a, p. 150, N.º 101, (5-VII-1932).
- marmoratus*, *Leptogonys*, Mello Leitão, Tomo XVII, 2.^a, p. 464, (5-VII-1932).
- melacanthus*, *Ancistrotellus*, Mello Leitão, Tomo XVII, 2.^a, p. 395, N.º 359, fig. 269, (5-VII-1932).
- melanacanthus*, *Discoerytus*, Mello Leitão, Tomo XVII, 2.^a, p. 178, n.º 133, fig. 98 (5-VII-1932).
- meridionalis*, *Ilhaia*, Mello Leitão, Tomo XV, p. 417 (20-1-1927).
- Metagraphinotus*, Mello Leitão, Tomo XV, p. 411 (20-1-1927).
- metropolitanum*, *Metagoniosoma*, Mello Leitão, Tomo XVII, 2.^a, p. 310, N.º 274, fig. 169 (5-VII-1932).
- minense*, *Progoniosoma*, Mello Leitão, Tomo XVII, 2.^a, p. 265, N.º 220, fig. 140 (5-VII-1932).
- minensis*, *Eusarcus*, Mello Leitão, Tomo XVII, 2.^a, p. 158, N.º 109, fig. 82 (5-VII-1932).
- minutus*, *Ibarroides*, Mello Leitão, Tomo XVII, 2.^a, p. 223, N.º 179 (5-VII-1932).
- mutilata*, *Gonyperna*, Mello Leitão, Tomo XVII, 2.^a, p. 339, (5-VII-1932).
- Neosadocus*, Mello Leitão, Tomo XIV, p. 378 (10-1-1926).
- nigrimaculatus*, *Eusarcus*, Mello Leitão, Tomo XIV, p. 371 (10-1-1926).
- nigrosulcata*, *Heteropucroliia*, Mello Leitão, Tomo XVII, 2.^a, p. 452, fig. 12 (5-VII-1932).
- obscurus*, *Ancistrotellus*, Mello Leitão, Tomo XVII, 2.^a, p. 396, N.º 361, (5-VII-1932).



- Pachyleptes*, Mello Leitão, Tomo XVII, 2.^a, p. 459, (5-VII-1932).
paucigranulatus, *Gonyleptes*, Mello Leitão, Tomo XVII, 2.^a, p. 293, N.º 284, fig. 146 (5-VII-1932).
perfidus, *Discocyrtus*, Mello Leitão, Tomo XVII, 2.^a, p. 181, N.º 138, fig. 163 (5-VII-1932).
perlatus, *Ancistrotellus*, Mello Leitão, Tomo XVII, 2.^a, p. 392, N.º 354, fig. 255 (5-VII-1932).
pickeli, *Pickeliana*, Mello Leitão, Tomo XVII, 2.^a, p. 427, N.º 389, (5-VII-1932).
Pickeliana, Mello Leitão, Tomo XVII, 2.^a, p. 427 (5-VII-1932).
Proweyhia, Mello Leitão, Tomo XV, p. 414 (20-1-1927).
Pseudogyndes, Mello Leitão, Tomo XVII, 2.^a, p. 148 (5-VII-1932).
pugilator, *Gonyleptes*, Mello Leitão, Tomo XVII, 2.^a, p. 303, N.º 265, fig. 163 (5-VII-1932).
pulcher, *Despiroides*, Mello Leitão, Tomo XVII, 2.^a, p. 226, N.º 182 (5-VII-1932).
pygoplus, *Metagonyleptes*, Mello Leitão, Tomo XVII, 2.^a, p. 334, N.º 302, fig. 212 (5-VII-1932).
recentissimus, *Gonyleptes*, Mello Leitão, Tomo XVII, 2.^a, p. 304, N.º 267, fig. 163 (5-VII-1932).
semipartitus, *Discocyrtus*, Mello Leitão, Tomo XVII, 2.^a, p. 173, N.º 126 (5-VII-1932).
serripes, *Luederwaldtia*, Mello Leitão, Tomo XIII, p. 519, fig. 5 (29-XII-1922).
Soerensenia, Mello Leitão, Tomo XIV, p. 378, (10-1-1926).
solitaria, *Giltaya*, Mello Leitão, Tomo XVII, 2.^a, p. 467, fig. 17, (5-VII-1922).
Sphaleropachyus, Mello Leitão, Tomo XIV, p. 375 (10-1-1926).
spinimanu, *Eusarcus*, Mello Leitão, Tomo XVII, 2.^a, p. 159, N.º 110, fig. 83 (5-VII-1932).
tetracanthus, *Pachyleptes*, Mello Leitão, Tomo XVII, 2.^a, p. 459, fig. 13 (5-VII-1932).
tijucanus, *Gonyleptes*, Mello Leitão, Tomo XVII, 2.^a, p. 301, N.º 261, fig. 160 (5-VII-1932).
Triglochynura, Mello Leitão, Tomo XIV, p. 367 (10-1-1926).
una, *Proweyhia*, Mello Leitão, Tomo XV, p. 414 (20-1-1927).
unicolor, *Glyptogoniosoma*, Mello Leitão, Tomo XVII, 2.^a, p. 462 (5-VII-1932).
viridans, *Gonioscomoides*, Mello Leitão, Tomo XVII, 2.^a, p. 461, (5-VII-1932).

xanthophthalmus, Despiroides, Mello Leitão, Tomo XVII, 2.^a, p. 225, N.º 181, fig. 354 (5-VII-1932).

zorodes, Bristoweia, Mello Leitão, Tomo XIV, p. 370 (10-1-1926).

PHALANGIDAE

luteovariatus, Holcobunus, Mello Leitão, Tomo XVII, 2.^a, p. 438, fig. 2 (5-VII-1932).

MYRIOPODA

CRYPTODESMIDAE

pileolus, Cryptodesmus, H. W. Brolemann, Tomo VI, p. 85, figs. II, III, IV; Pl. 12-17 (8-V-1905).

politulus, Cryptodesmus, H. W. Brolemann, Tomo VI, p. 85, fig. 1 (8-V-1905).

CRYPTOPIDAE

amazonica, Newportia (Scolopendrides), H. W. Brolemann, Tomo VI, p. 69, Pl. I, figs. 3-4 (8-V-1905).

licei, Newportia (Scolopendrides), H. W. Brolemann, Tomo VI, p. 65, Pl. 1, figs. 1-2 (8-V-1905).

GEOPHILIDAE

grandis, Notiphilides, H. W. Brolemann, Tomo VI, p. 71, Pl. I, figs. 8-11 (8-V-1905).

iheringi, Cryptops, H. W. Brolemann, Tomo V, p. 42, Pl. 1, figs. 6-7 (24-XII-1902). Tomo VI, Est. II, fig. 7 (8-V-1905).

micronyx, Aphilodon, H. W. Brolemann, Tomo V, p. 46, Pl. 1, figs. 14-19 (24-XII-1902).

LEPTODESMIDAE

bidens, Leptodesmus, H. W. Brolemann, Tomo V, p. 66, Pl. III, figs. 45-49 (24-XII-1902).

cognatus, Leptodesmus, H. W. Brolemann, Tomo V, p. 73, Pl. III, figs. 50-60 (24-XII-1902).

corniger, Leptodesmus (Rachidomorpha) H. W. Brolemann, Tomo VI, p. 87, figs. X-XIV (8-V-1905).

cylindricus, Leptodesmus, H. W. Brolemann, Tomo V, p. 71, pl. III, 50-55 (24-XII-1902).

decipiens, Leptodesmus, H. W. Brolemann, Tomo V, p. 77, Pl. III-IV figs. 66-69. (24-XII-1902).

- deerrans*, *Leptodesmus*, H. W. Brolemann, Tomo V, p. 78, pl. IV, figs. 70-74 (24-XII-1902).
- elongatus*, *Euryurus*, H. W. Brolemann, Tomo VI, p. 77 (8-V-1905).
- forceps*, *Leptodesmus*, H. W. Brolemann, Tomo V, p. 61, pl. III, figs. 30-33 (24-XII-1902).
- furcilla*, *Leptodesmus*, H. W. Brolemann, Tomo V, p. 62, pl. II, figs. 34-40 (24-XII-1902).
- iheringi*, *Leptodesmus*, H. W. Brolemann, Tomo V, p. 84, pl. IV, figs. 82-89 (24-XII-1902).
- infaustus*, *Leptodesmus*, H. W. Brolemann, Tomo V, p. 69 (24-XII-1902).
- jucundus*, *Leptodesmus*, H. W. Brolemann, Tomo V, p. 64, pl. II-III, figs. 41-44 (24-XII-1902); *idem*, Tomo VI, Est. II, fig. 4 (8-V-1905).
- lamellosus*, *Leptodesmus*, H. W. Brolemann, Tomo V, p. 80, pl. IV, figs. 75-79 (24-XII-1902).
- octocentrus*, *Euryurus*, H. W. Brolemann, Tomo VI, p. 74, fig. V-VII, Pl. I figs. 18-20 (8-V-1905).
- ornithopus*, *Leptodesmus*, H. W. Brolemann, Tomo V, p. 87, pl. IV-V, figs. 90-92 (24-XII-1902).
- paulistus*, *Leptodesmus*, H. W. Brolemann, Tomo V, p. 59, pl. II, figs. 20-29 (24-XII-1902).
- Pseudoleptodesmus*, H. W. Brolemann, Tomo V, p. 88 (24-XII-1902).
- verrucula*, *Leptodesmus*, H. W. Brolemann, Tomo V, p. 83, pl. IV, figs. 80-81 (24-XII-1902).
- voluntatus*, *Leptodesmus*, H. W. Brolemann, Tomo V, p. 75, pl. III, figs. 61-65 (24-XII-1902). Errata a p. 9 Tomo VI manda ler *volutatus*.

PSEUDONANNOLENIDAE

- callipyge*, *Pseudonannolene*, H. W. Brolemann, Tomo V, p. 131, pl. VII, figs. 154-159 (24-XII-1902).
- exilio*, *Pseudonannolene*, H. W. Brolemann, Tomo VI, p. 78 (8-V-1905).
- gracilla*, *Pseudonannolene tricolor*, H. W. Brolemann, Tomo V, p. 125 (24-XII-1902).
- patagonica*, *Pseudonannolene*, H. W. Brolemann, Tomo V, p. 135, Est. VII, figs. 160-165 (24-XII-1902).
- paulista*, *Pseudonannolene*, H. W. Brolemann, Tomo V, p. 129, pl. VI, figs. 142-147 (24-XII-1902).
- sebastianus*, *Pseudonannolene longicornis*, H. W. Brolemann, Tomo V, p. 126, pl. VI figs. 128-133 (24-XII-1902).

scalaris, Pseudonannolene, H. W. Brolemann, Tomo V, p. 133, Est. VI e VII, figs. 148-153 (24-XII-1902); idem Tomo VI, Est. II, fig. 2 (8-V-1905).

tricolor, Pseudonannolene, H. W. Brolemann, Tomo V, p. 122, pl. VI, figs. 134-141 (24-XII-1902).

RHACODESMIDAE

bicolor, Rachidomorpha, H. W. Brolemann, Tomo V, p. 98, pl. V, figs. 111-112 (24-XII-1902).

brasiliae, Rachidomorpha, H. W. Brolemann, Tomo V, p. 95, pl. V, figs. 105-110 (24-XII-1902); idem Tomo VI, Est. II, fig. 5 (8-V-1905).

RHINOCRICIDAE

asper, Rhinocricus, H. W. Brolemann, Tomo V, p. 187, pl. IX, figs. 228-237 (24-XII-1902). O texto está sem título, veja p. 93, Tomo VI, nota; idem, Tomo VI, Est. II, fig. 2 (8-5-1905).

concinus, Rhinocricus, H. W. Brolemann, Tomo V, p. 198, pl. X, figs. 252-254 (24-XII-1902).

limbatus, Rhinocricus, H. W. Brolemann, Tomo V, p. 205, pl. X, figs. 267-271 (24-XII-1902).

moestus, Rhinocricus, H. W. Brolemann, Tomo V, p. 200, pl. X, figs. 255, 261 (24-XII-1902).

ochrurus, Rhinocricus pugio, H. W. Brolemann, Tomo V, p. 197 (24-XII-1902).

pugio, Rhinocricus, H. W. Brolemann, Tomo X, p. 194, pl. X, fig. 245-251 (24-XII-1902).

sericiventris, Rhinocricus, H. W. Brolemann, Tomo V, p. 202, pl. X, figs. 262-266 (24-XII-1902).

varians, Rhinocricus nattereri, H. W. Brolemann, Tomo V, p. 193, pl. X, figs. 243-244 (24-XII-1902).

SCHENDYLIDAE

imperfossa, Schendyla, H. W. Brolemann, Tomo V, p. 44, pl. 1, figs. 8-13 (24-XII-1902).

paulista, Schendyla, H. W. Brolemann, Tomo VI, p. 83, pl. 1, figs. 5-7 (8-V-1905).

SCOLOPENDRIDAE

caudatus, Otostigmus, H. W. Brolemann, Tomo V, p. 37, pl. 1, figs. 1-3 (24-XII-1902).

mitis, *Cupipes unguatus*, H. W. Brolemann, Tomo VI, p. 65 (8-V-1905).

tibialis, *Otostigmus*, H. W. Brolemann, Tomo V, p. 37, pl. 1, figs. 4-5 (24-XII-1902); idem, Tomo VI, Est. II, fig. 6 (8-V-1905).

SPIROBOLIDAE

Paraspirobolus, H. W. Brolemann, Tomo V, p. 183 (24-XII-1902).

paulistus, *Paraspirobolus*, H. W. Brolemann, Tomo V, p. 184, pl. IX, figs. 223, 227 (24-XII-1902).

SPIROSTREPTIDAE

angustifrons, *Spirostreptus* (*Cladostreptus*), H. W. Brolemann, Tomo V, p. 178 (24-XII-1902).

Cladostreptus, H. W. Brolemann, Tomo V, p. 166 (24-XII-1902).

dorsostriatus, *Spirostreptus* (*Cladostreptus*), H. W. Brolemann, Tomo V, p. 177, pl. VIII, fig. 204 (24-XII-1902).

filum, *Spirostreptus* (*Cladostreptus*), H. W. Brolemann, Tomo V, p. 175, pl. IX, figs. 221-222 (24-XII-1902).

flavofasciatus, *Spirostreptus* (*Cladostreptus*) H. W. Brolemann, Tomo V, p. 180, pl. VII, figs. 179-182, (24-XII-1902).

Gymnostreptus, H. W. Brolemann, Tomo V, p. 153, (24-XII-1902).

iheringi, *Spirostreptus* (*Gymnostreptus*), H. W. Brolemann, Tomo V, p. 160, pl. VIII, fig. 191-194 (24-XII-1902).

interruptus, *Spirostreptus* (*Cladostreptus*) H. W. Brolemann, Tomo V, p. 171, pl. VIII, figs. 205-208 (24-XII-1902).

levior, *Spirostreptus* (*Cladostreptus*) *perlucens*, H. W. Brolemann, Tomo V, p. 171 (24-XII-1902).

nitidior, *Spirostreptus* (*Gymnostreptus*) *subsericeus*, H. W. Brolemann, Tomo V, p. 165 (24-XII-1902).

perfidus, *Spirostreptus* (*Gymnostreptus*) H. W. Brolemann, Tomo V, p. 153, pl. VIII, figs. 183-185 (24-XII-1902), idem Tomo VI, Est. III, fig. 1, (8-V-1905).

perlucens, *Spirostreptus* (*Cladostreptus*), H. W. Brolemann, Tomo V, p. 168, pl. IX, figs. 212-215 (24-XII-1902).

princeps, *Spirostreptus* (*Alloporus*). H. W. Brolemann, Tomo V, p. 143, pl. VII, figs. 166-169 (24-XII-1902).

Scaphiostreptus, H. W. Brolemann, Tomo V, p. 150 (24-XII-1902).

sebastianus, *Spirostreptus* (*Cladostreptus*) H. W. Brolemann, Tomo V, p. 166, pl. VIII, figs. 209-211 (24-XII-1902).

semicinctus, *Spirostreptus* (*Cladostreptus*) H. W. Brolemann, Tomo V, p. 173, pl. IV, figs. 217-220 (24-XII-1902).

setiger, Spirostreptus (Alloporus) H. W. Brolemann, Tomo V, p. 146, pl. VII, figs. 170-178 (24-XII-1902).

subsericeus, Spirostreptus (Gymnostreptus) H. W. Brolemann, Tomo V, p. 163, pl. VIII, figs. 195-198 (24-XII-1902).

STRONGYLOSOMATIDAE

apex-galeae, Strongylosoma H. W. Brolemann, Tomo V, p. 101, pl. VI, figs. 115-124 (24-XII-1902).

nitidum, Strongylosoma, H. W. Brolemann, Tomo V, p. 105, pl. VI, figs. 125-127 (24-XII-1902).

INSECTA

COLEOPTERA

COCCINELLIDAE

delicatula Zenoria, J. Weise, Tomo VIII, p. 60, N.º 20 (10-V-1911).

iheringi, Hyperaspis (Cleothera), J. Weise, Tomo VIII, p. 57, N.º 12 (10-V-1911).

modesta, Hinda, J. Weise, Tomo VIII, p. 59, N.º 17 (10-V-1911).

tucumanensis, Brachyacantha, J. Weise, Tomo VIII, p. 58, N.º 13 (10-V-1911).

ELATERIDAE

luederwaldti, Loboederus, C. A. Camargo-Andrade, Tomo XIX, p. 441, figs. 2-a, b, c (25-X-1935).

NILIONIDAE

bouvieri, Nilio, Rodolpho von Ihering, Tomo IX, p. 290 (I-1914).

coffeatus, Nilio, Rodolpho von Ihering, Tomo IX, p. 289 (I-1914).

gounellei, Nilio, Rodolpho von Ihering, Tomo IX, p. 363 (I-1914).

lutzi, Nilio, Rodolpho von Ihering, Tomo IX, p. 289, Est. III, fig. 3 (I-1914).

paralanatus, Nilio, Rodolpho von Ihering, Tomo IX, p. 290, (I-1914).

varius, Nilio, Rodolpho von Ihering, Tomo IX p. 291, Est. III, fig. 2 (I-1914).

LUCANIDAE

bicolor, Leptinopterus, H. Luederwaldt, Tomo XVII, 1.^a, p. 423 (15-VII-1931).

bucki, Leptinopterus tibialis, H. Luederwaldt, Tomo XIX, p. 493 (25-X-1935).

catharinensis, Leptinopterus elegans, H. Luederwaldt, Tomo XIX, p. 490 (25-X-1935).

- genalis*, *Sclerostomus costatus*, H. Luederwaldt, Tomo XIX, p. 541, Est. IV, fig. 57 (25-X-1935).
- iridicolor*, *Aegognathus*, H. Luederwaldt, Tomo XIX, p. 518 (25-X-1935).
- luederwaldti*, *Leptinopterus*, José Elias de Moraes, Tomo XIX, p. 506 (25-X-1935).
- marginivillosus*, *Sclerostomus*, H. Luederwaldt, Tomo XIX, p. 535 (25-X-1935).
- nigrotibialis*, *Leptinopterus*, H. Luederwaldt, Tomo XIX, p. 506 (25-X-1935).
- ruficollis*, *Sclerognathus*, H. Luederwaldt, Tomo XVII, 1.^a, p. 425 (15-VII-1931).
- tristis*, *Sclerostomus cruentus*, H. Luederwaldt, Tomo XIX, p. 558 (25-X-1935).
- truncatus*, *Sclerostomus*, H. Luederwaldt, Tomo XIX, p. 551, Est. IV, fig. 61 (25-X-1935).
- unicolor*, *Leptinopterus polyodontus*, H. Luederwaldt, Tomo XIX, p. 503 (25-X-1935).

PASSALIDAE

- bucki*, *Passalus*, H. Luederwaldt, Tomo XVII, 1.^a, p. 182, fig. 28 (15-VII-1931).
- elfriedae*, *Passalus*, H. Luederwaldt, Tomo XVII, 1.^a, p. 183, fig. 30 (15-VII-1931).
- forsteri*, *Paxillus*, H. Luederwaldt, Tomo XVII, 1.^a, p. 205 (15-VII-1931). (Veja Bol. Nac. Rio Janeiro p. 38, 1929).
- libericornis*, *Publius*, H. Luederwaldt, Tomo XVIII, p. 15, N.º 3 (2-II-1935).
- pauloensis*, *Passalus anguliferus*, H. Luederwaldt, Tomo XVII, 1.^a, p. 108, N.º 13.^a; idem p. 204 (15-VII-1931).
- pentaphylloides*, *Paxillus*, H. Luederwaldt, Tomo XVII, 1.^a, p. 225 (15-VII-1931).
- riograndensis*, *Passalus punctiger*, H. Luederwaldt, Tomo XVII, 1.^a, p. 180 (15-VII-1931).
- taunayi*, *Passalus*, H. Luederwaldt, Tomo XVII, 1.^a, p. 86, fig. 29 (15-VII-1931).
- triangularifrons*, *Passalus morio*, H. Luederwaldt, Tomo XVII, 1.^a, p. 104, fig. 27 (15-VII-1931).

COPRIDAE

- aterrimus*, *Pinotus sericeus*, H. Luederwaldt, Tomo XVI, p. 685 (12-1-1929).

- compressicornis*, Ontherus, H. Luederwaldt, Tomo XVII, 1.^a, p. 400. (15-VII-1931).
- fonsecae*, Pinotus, H. Luederwaldt, Tomo XIV, p. 135 (10-1-1926).
- foveolatus*, Pinotus, H. Luederwaldt, Tomo XVII, 1.^a, p. 353, fig. 1 (15-VII-1931).
- gibbosus*, Pinotus, H. Luederwaldt, Tomo XVI, p. 739, N.º 1 (12-1-1929).
- grandis*, Ontherus, H. Luederwaldt, Tomo XVII, 1.^a, p. 419 (15-VII-1931).
- opacipennis*, Pinotus, H. Luederwaldt, Tomo XVII, 1.^a, p. 354, (15-VII-1931).
- mutillatus*, Pinotus, H. Luederwaldt, Tomo XX, p. 212 (31-1-1936).
- simulator*, Pinotus (Pinotus), H. Luederwaldt, Tomo XX, p. 209 (31-1-1936).
- spadiceus*, Pinotus, H. Luederwaldt, Tomo XVI, p. 740, N.º 3 (12-1-1929).
- spitzi*, Pinotus, H. Luederwaldt, Tomo XIV, p. 136 (10-1-1926).
- tarsalis*, Pinotus, H. Luederwaldt, Tomo XVII, 1.^a, p. 355, figs. 2-4-5 (15-VII-1931).
- transitus*, Pinotus, H. Luederwaldt, Tomo XVI, p. 740, N.º 2 (12-1-1929).

BRENTHIDAE

- avara*, Exopleura, R. Kleine, Tomo XV, p. 450 (20-I-1927).
- disjunctus*, Taphroderomimus, R. Kleine, Tomo XV, p. 455, fig. 30 (20-1-1927).
- disjunctus*, Acratus R. Kleine, Tomo XV, p. 466, figs. 36-37 (20-1-1927).
- doctus*, Taphroderes, R. Kleine, Tomo XV, p. 455, figs. 31-32-33 (20-1-1927).
- dolosus*, Nemocephalus, R. Kleine, Tomo XV, p. 456 (20-1-1927).
- dubitabilis*, Nemocephalinus, R. Kleine, Tomo XV, p. 459 (20-1-1927).
- durabilis*, Acratus, R. Kleine, Tomo XV, p. 468, fig. 38 (20-1-1927).
- certus*, Cyriodontus, R. Kleine, Tomo XV, p. 429, fig. 8 (20-1-1927).
- circumscripatus*, Cyriodontus, R. Kleine, Tomo XV, p. 430, fig. 9 (20-1-1927).
- efferratus*, Brenthus, R. Kleine, Tomo XV, p. 473, fig. 43 (20-1-1927).
- efferus*, Stereobatinus, R. Kleine, Tomo XV, p. 425, figs. 3-4 (20-1-1927).
- effrenatus*, Stereoderminus, R. Kleine, Tomo XV, p. 423, figs. 1-2 (20-1-1927).
- eletus*, Teramocerus, R. Kleine, Tomo XV, p. 446, fig. 25 (20-1-1927).

- emendatus*, *Proteramocerus*. R. Kleine, Tomo XV, p. 448, figs. 26-27 (20-1-1927).
- eminens*, *Proteramocerus*. R. Kleine, Tomo XV, p. 447 (20-1-1927).
- enervatus*, *Proteramocerus*. R. Kleine, Tomo XV, p. 449, fig. 28 (20-1-1927).
- enodis*, *Exopleura*. R. Kleine, Tomo XV, p. 451, fig. 29 (20-1-1927).
- enormis*, *Tinoteramocerus*. R. Kleine, Tomo XV, p. 445, figs. 22-23-24 (20-1-1927).
- erectus*, *Nemocephalus*. R. Kleine, Tomo XV, p. 457, fig. 34 (20-1-1927).
- errabundus*, *Acratus*. R. Kleine, Tomo XV, p. 472, fig. 42 (20-1-1927).
- erraticus*, *Cyriodontus*. R. Kleine, Tomo XV, p. 431, fig. 10 (20-1-1927).
- evanidus*, *Cyriodontus*. R. Kleine, Tomo XV, p. 433, fig. 12 (20-1-1927).
- evidens*, *Esternorrhinus*. R. Kleine, Tomo XV, p. 427, fig. 7 (20-1-1927).
- exactus*, *Cyriodontus*. R. Kleine, Tomo XV, p. 432, fig. 11 (20-1-1927).
- excellens*, *Raphirhynchus*. R. Kleine, Tomo XV, p. 440, fig. 18 (20-1-1927).
- excelsus*, *Raphirhynchus*. R. Kleine, Tomo XV, p. 437, fig. 15 (20-1-1927).
- eximus*, *Belopherus*. R. Kleine, Tomo XV, p. 442, fig. 21 (20-1-1927).
- excitatus*, *Raphirhynchidus*. R. Kleine, Tomo XV, p. 442, figs. 19, 20 (20-1-1927).
- exitialis*, *Thaumastopsis*. R. Kleine, Tomo XV, p. 462 (20-1-1927).
- exoptatus*, *Brenthus*. R. Kleine, Tomo XV, p. 477, fig. 46 (20-1-1927).
- exitialis*, *Thaumastopsis*. R. Kleine, Tomo XV, p. 462 (20-1-1927).
- expressus*, *Acratus*. R. Kleine, Tomo XV, p. 465 (20-1-1927).
- exquisitus*, *Acratus*. R. Kleine, Tomo XV, p. 465 (20-1-1927).
- expectatus*, *Acratus*. R. Kleine, Tomo XV, p. 469, fig. 39 (20-1-1927).
- extranea*, *Nemocoryna*. R. Kleine, Tomo XV, p. 460 (20-1-1927).
- extraordinarius*, *Acratus*. R. Kleine, Tomo XV, p. 472, figs. 40, 41 (20-1-1927).
- extrarius*, *Acratus*. R. Kleine, Tomo XV, p. 471 (20-1-1927).
- extrinsecus*, *Brenthus*. R. Kleine, Tomo XV, p. 476, fig. 45 (20-1-1927).
- facetis*, *Arrhenodes*. R. Kleine, Tomo XV, p. 426, figs. 5-6 (20-1-1927).
- factus*, *Hypospales*. R. Kleine, Tomo XV, p. 436, fig. 13 (20-1-1927).
- fallax*, *Acratus*. R. Kleine, Tomo XV, p. 463, fig. 35 (20-1-1927).
- faustus*, *Hemipsalis*. R. Kleine, Tomo XV, p. 436, fig. 14 (20-1-1927).

- favorabilis*, Rhaphirhynchus, R. Kleine, Tomo XV, p. 439, fig. 17 (20-1-1927).
fecundus, Rhaphirhynchus, R. Kleine, Tomo XV, p. 438, fig. 16 (20-1-1927).
fessus, Stereodermus, R. Kleine, Tomo XV, p. 425 (20-1-1927).
fidelis, Acratus, R. Kleine, Tomo XV, p. 469 (20-1-1927).
fidus, Proteramocerus, R. Kleine, Tomo XV, p. 447 (20-1-1927).
finitimus, Brenthus, R. Kleine, Tomo XV, p. 475, fig. 44 (20-1-1927).
firmus, Brenthus, R. Kleine, Tomo XV, p. 478, fig. 47 (20-1-1927).
Hyposphales, R. Kleine, Tomo XV, p. 434 (20-1-1927).
Nemocephalinus, R. Kleine, Tomo XV, p. 459 (20-1-1927).
Raphirhynchidus, R. Kleine, Tomo XV, p. 441 (20-1-1927).
Stereobatinus, R. Kleine, Tomo XV, p. 424 (20-1-1927).
Stereodermis, R. Kleine, Tomo XV, p. 422 (20-1-1927).
Taphroderomius, R. Kleine, Tomo XV, p. 453, fig. 30 (20-1-1927).
Tinoteramocerus, R. Kleine, Tomo XV, p. 444, fig. 22 (20-1-1927).

IPIDAE

- affinis*, Corthylus, José Pinto da Fonseca, Tomo XV, p. 586, figs. 1-6 (20-1-1927).
hagedorni, Xyleborus, Francisco Iglesias, Tomo IX, p. 128, figs. 1-2-3 (XI-1913).
iheringi, Xyleborus, Francisco Iglesias, Tomo IX, p. 129, figs. 4-5 (XI-1913).

CERAMBYCIDAE

- albitarsis*, Odontocera, Julius Melzer, Notas preliminares Vol. 2.º, p. 9 (20-V-1922).
amazonica, Eburodacrys, Julius Melzer, Tomo XV, p. 561 (20-1-1927).
ambiguus, Temnopsis, Julius Melzer, Tomo XV, p. 141 (20-1-1927).
anceps, Ommata, Julius Melzer, Tomo XV, p. 563 (20-1-1927).
apicalis, Aerenea, Julius Melzer, Notas preliminares, Vol. 2.º, fasc. 5, p. 5 (XI-1923).
Atelographus, Julius Melzer, Tomo XV, p. 578 (20-1-1927).
atrata, Coremia erythromera, Julius Melzer, Tomo X, p. 432 (XII-1918).
aurivillii, Nyssicostylus, Julius Melzer, Notas preliminares, Vol. II, fasc. 4, p. 6 (VIII-1923).
axillaris, Eriphosoma bipartitum, Julius Melzer, Notas preliminares, Vol. 2.º fasc. 2.º, p. 11, (20-V-1922).
barbiellini, Eriphosoma, Julius Melzer, Notas preliminares, Vol. 2.º fasc. 2.º, p. 11 (20-V-1922).
bella, Nyssodrys, Julius Melzer, Tomo XV, p. 576 (20-1-1927).
bondari, Hylettus, Julius Melzer, Tomo XV, p. 579, (20-1-1927).

- bondari*, Ibidion, Julius Melzer, Notas preliminares, Vol. 2.º, fasc. 4.º, p. 7 (VIII-1923).
- bondari*, Oncideres, Julius Melzer, Notas preliminares, Vol. 2.º, fasc. 5.º, p. 7 (XI-1923).
- boyi*, Stizocera, Julius Melzer, Tomo XV, p. 562, (20-1-1927).
- brasiliensis*, Callideriphus grossipes, Julius Melzer, Notas preliminares, Vol. 2.º fasc. 4.º, p. 10 (VIII-1923).
- brasiliensis*, Hephæstion, Julius Melzer, Notas preliminares, Vol. 2.º fasc. 4.º, p. 8 (VIII-1923).
- brasiliensis*, Pterichtya, Julius Melzer, Notas preliminares, Vol. 2.º, fasc. 5 (XI-1923).
- bruchii*, Neoclytus, Julius Melzer, Tomo XV, p. 570 (20-1-1927).
- Ceratoeme*, Julius Melzer, Tomo XII, 2.^a, p. 426 (5-XII-1920).
- denticollis*, Coleoxestia, Julius Melzer, Tomo XII, 2.^a, p. 430, Est. 1, fig. 1, (5-XII-1920).
- Eriphosoma*, Julius Melzer, Notas preliminares, Vol. 2.º, fasc. 2.º p. 10 (20-V-1922).
- fischeri*, Methia, Julius Melzer, Tomo XIII, p. 531, Est. 1 (29-XII-1922).
- flavipes*, Ommata (Eclipta), Julius Melzer, Notas preliminares, Vol. 2.º, fasc. 2.º, p. 6 (20-V-1922).
- flavolineata*, Aerenea, Julius Melzer, Notas preliminares, Vol. 2.º, fasc. 5.º (XI-1923).
- garbei*, Hamaticherus, Julius Melzer, Notas preliminares, Vol. 2.º, fasc. 2.º, p. 4 (20-V-1922).
- gracile*, Sinodicum, Julius Melzer, Notas preliminares, Vol. 2.º, fasc. 4.º p. 3 (VIII-1923).
- hagmanni*, Eupogonius, Julius Melzer, Tomo XV, p. 192, Est. VII, fig. 19 (20-1-1927).
- horni*, Stizocera, Julius Melzer, Notas preliminares, Vol. 2.º, fasc. 4.º, p. 6 (VIII-1923).
- irrorata*, Nyssodrys, Julius Melzer, Tomo XV, p. 577 (20-1-1927).
- joinvillei*, Callipogon, Paulo de Miranda-Ribeiro, Tomo XIX, p. 417, c/estampa (25-X-1935).
- laticornis*, Ommata, Julius Melzer, Notas preliminares, Vol. 2.º, fasc. 2.º, p. 7 (20-V-1922).
- luederwaldti*, Eburodacrys, Julius Melzer, Notas preliminares, Vol. 2.º, fasc. 2.º, p. 4 (20-V-1922).
- Lycodesmus*, Julius Melzer, Tomo XV, p. 581 (20-1-1927).
- Lygrecharis*, Julius Melzer, Tomo XV, p. 566 (20-1-1927).

- multifasciatus*, *Atrypanius*, Julius Melzer, Tomo XV, p. 572 (20-1-1927).
neivai *Lygrocharis*, Julius Melzer, Tomo XV, p. 567 (20-1-1927).
Nyssicostylus, Julius Melzer, Notas preliminares, Vol. 2.º, fasc. 4, p. 5 (VIII-1923).
notabilis, *Paromoeocerus*, Julius Melzer, Tomo X, p. 431 (XII-1918).
perplexa, *Odontocera gracilis*, Julius Melzer, Notas preliminares, Vol. 2.º, fasc. 2.º, p. 9 (20-V-1922).
picticornis, *Metopocoilus*, Julius Melzer, Notas preliminares, Vol. 2.º, fasc. 3.º, p. 9 (IV-1923).
quadrivittata, *Odontocera*, Julius Melzer, Notas preliminares, Vol. 2.º, fasc. 2.º, p. 9 (20-V-1922).
scabricollis, *Paromoeocerus*, Julius Melzer, Tomo XV, p. 568 (20-1-1927).
semipubescens, *Coleoxestia*, Julius Melzer, Notas preliminares, Vol. 2.º, fasc. 4, p. 4 (VIII-1923).
sexplagiatus, *Atelographus*, Julius Melzer, Tomo XV, p. 578 (20-1-1927).
signaticollis, *Ommata (Eclipta)* Julius Melzer, Notas preliminares, Vol. 2.º, fasc. 2.º p. 6 (20-V-1922).
signaticornis, *Temnopsis*, Julius Melzer, Tomo XII (2), p. 421, Est. 1, figs. 3, 4 (5-XII-1920).
signatipennis, *Coleoxestia elegans*, Julius Melzer, Notas preliminares, Vol. 2.º, fasc. 4, p. 5 (VIII-1923).
similis, *Coleoxestia*, Julius Melzer, Tomo XII, (2) p. 428, Est. 4, fig. 2 (5-XII-1920).
sobrina, *Coleoxestia*, Julius Melzer, Notas preliminares, Vol. 2.º, fasc. 4.º, p. 4 (VIII-1923).
sparsus, *Oscathres*, Julius Melzer, Tomo XV, p. 575 (20-1-1927).
subnuda, *Acrenea*, Julius Melzer, Notas preliminares, Vol. 2.º, fasc. 5.º, p. 6 (XI-1923).
superbus, *Lycodesmus*, Julius Melzer, Tomo XV, p. 581 (20-1-1927).
taunayi, *Atenizus*, Julius Melzer, Tomo XII, (2.ª), p. 426, Est. 2, figs. 5, 5a (5-XII-1920).
taunayi, *Cosmisoma*, Julius Melzer, Notas preliminares, Vol. 2.º, fasc. 3.º, p. 4 (IV-1923).
taunayi, *Rhathymoscelis*, Frederico Lane, Tomo XX, p. 758, figs. 1-3 (20-VI-1936).
testaceicornis, *Hamaticherus*, Julius Melzer, Notas preliminares, Vol. 2.º fasc. 3.º, p. 4 (IV-1923).
tritidis, *Ophistomis*, Julius Melzer, Notas preliminares, Vol. 2.º, fasc. 2.º p. 5 (20-V-1922).

- vagus, Dendrobias, Julius Melzer, Tomo XV, p. 571 (20-1-1927).
vicina, Ommata (Eclipta) Julius Melzer, Tomo XV, p. 564 (20-1-1927).
zikani, Cosmotoma, Julius Melzer, Tomo XV, p. 574 (20-1-1927).
zikani, Hephaestion, Julius Melzer, Notas preliminares, Vol. 2.º, fasc. 4.º, p. 7 (VIII-1923).
zikani, Meroscelisus, Julius Melzer, Tomo XI, p. 154, N.º 4 (7-XII-1919).
zikani, Neocorus, Julius Melzer, Tomo XII (2), p. 434, Est. II, fig. 6 (5-XII-1920).
zikani, Odontocera, Julius Melzer, Tomo XV, p. 565 (20-1-1927).
zikani, Ophistomis, Julius Melzer, Notas preliminares, Vol. 2.º, fasc. 2.º, p. 5 (20-X-1922).
zikani, Quercivir, Julius Melzer, Tomo XI, p. 141, N.º 3, Est. IX, figs. 23-25 (7-XII-1919).
zikani, Stethoperma, Julius Melzer, Notas preliminares, Vol. 2.º, fasc. 5, p. 8 (XI-1923).

HYMENOPTERA

ANDRENIDAE

- aphrodite, Augochlora (Augochloropsis), Curt Schrottky, Tomo V, p. 376, N.º 10 (24-XII-1902).
arenarius, Agapostemon, Curt Schrottky, Tomo V, p. 403, N.º 4 (24-XII-1902).
carioca, Augochloropsis, Curt Schrottky, Tomo VIII, p. 79, N.º 9 (10-V-1911).
castaneus, Agapostemon, Curt Schrottky, Tomo V, p. 403, N.º 3 (24-XII-1902).
circe, Augochlora (Augochloropsis), Curt Schrottky, Tomo V, p. 385, N.º 23 (24-XII-1902).
cleopatra, Augochlora (Augochloropsis), Curt Schrottky, Tomo V, p. 384, N.º 21 (24-XII-1902).
creusa, Tetrachlora, Curt Schrottky, Tomo VIII, p. 80, N.º 12 (10-V-1911).
cyanea, Augochlora, (Augochloropsis) Curt Schrottky, Tomo V, p. 381, N.º 16, Est. XII, fig. 6 (24-XII-1902).
cydippe, Odontochlora, Curt Schrottky, Tomo VIII, p. 72, N.º 2 (10-V-1911).
deianira, Tetrachlora, Curt Schrottky, Tomo VIII, p. 80, N.º 11 (10-V-1911).

- ephyra, *Oxystoglossa*, Curt Schrottky, Tomo VIII, p. 75, N.º 5 (10-V-1911).
- erinnys, *Augochlora* (*Pseudaugochloropsis*) Curt Schrottky, Tomo VIII, p. 81, N.º 13 (10-V-1911).
- francisca, *Augochlora* (*Augochlora*), Curt Schrottky, Tomo V, p. 391, N.º 32 (24-XII-1902).
- Halictomerpha*, Curt Schrottky, Tomo VIII, p. 81 (10-V-1911).
- hecuba, *Augochlora* (*Augochloropsis*) Curt Schrottky, Tomo V, p. 380, N.º 14 (24-XII-1902).
- heringi, *Anthrenoides*, Curt Schrottky, Tomo VIII, p. 83, N.º 17 (10-V-1911).
- incerta, *Augochlora* (*Augochloropsis*), Curt Schrottky, Tomo V, p. 386, N.º 24 (24-XII-1902).
- inornatum, *Temnosoma*, Curt Schrottky, Tomo V, p. 351, N.º 4 (24-XII-1902).
- iris, *Augochlora* (*Augochloropsis*), Curt Schrottky, Tomo V, p. 37º N.º 6, Est. XII, fig. 4 (24-XII-1902).
- jocasta, *Oxystoglossa*, Curt Schrottky, Tomo VIII, p. 74, N.º 3 (10-V-1911).
- nasua, *Pseudagapostemon*, Curt Schrottky, Tomo VIII, p. 83, N.º 16 (10-V-1911).
- pabulator, *Gastrohalictus*, Curt Schrottky, Tomo VIII, p. 84, N.º 18 (10-V-1911).
- paulista, *Pseudagapostemon*, Curt Schrottky, Tomo VIII, p. 82, N.º 15 (10-V-1911).
- pauloensis, *Oxystoglossa thalia*, Curt Schrottky, Tomo VIII, p. 78, N.º 8 (10-V-1911).
- phaedra, *Halictomorpha*, Curt Schrottky, Tomo VIII, p. 82, N.º 14 (10-V-1911).
- pyrgo, *Oxystoglossa*, Curt Schrottky, Tomo VIII, p. 75, N.º 4 (10-V-1911).
- santafecinus, *Pseudagapostemon*, Curt Schrottky, Tomo XII, 2.ª, p. 222 (5-XII-1920).
- semele, *Augochlora* (*Augochloropsis*) Curt Schrottky, Tomo V, p. 377, N.º 11 (24-XII-1902).
- semiramis, *Oxystoglossa*, Curt Schrottky, Tomo VIII, p. 78, N.º 7 (10-V-1911).
- theia, *Oxystoglossa*, Curt Schrottky, Tomo VIII, p. 77, N.º 8 (10-V-1911).
- thyias, *Tetrachlora*, Curt Schrottky, Tomo VIII, p. 79, N.º 10 (10-V-1911).

APIDAE

- basirufa*, Pasiphae, Curt Schrottky, Tomo XII, 2.^a, p. 226 (5-XII-1920).
fasciata, Pasiphae, Curt Schrottky, Tomo XII, 2.^a, p. 224 (5-XII-1920).
Neochelynia, Curt Schrottky, Tomo XII, 2.^a, p. 187 (5-XII-1920).
paulista, Neochelynia, Curt Schrottky, Tomo XII, 2.^a, p. 187 (5-XII-1920).

CERATINIDAE

- aspera*, Ceratina, Curt Schrottky, Tomo V, p. 484, N.º 11, Est. XII, fig. 10 (24-XII-1902).
cyanicollis, Ceratina, Curt Schrottky, Tomo V, p. 485, N.º 12, Est. XII, fig. 11 (24-XII-1902).
piracicabana, Ceratina oxalidis, Curt Schrottky, Tomo VIII, p. 86, N.º 21 (10-V-1911).
vernoniae, Ceratina, Curt Schrottky, Tomo XII, 2.^a, p. 211 (5-XII-1920).

COLLETIDAE

- obscura*, Megacilissa, Curt Schrottky, Tomo V, p. 412, N.º 5 (24-XII-1902).
ornatus, Colletes, Curt Schrottky, Tomo V, p. 345, N.º 2, Est. XII, fig. 2 (24-XII-1902).
punctatissimus, Colletes, Curt Schrottky, Tomo V, p. 347, N.º 3 (24-XII-1902).

FIGITIDAE

- coabasilensis*, Eucocle (Hexamerocera) Rodoipho v. Ihering, Tomo IX, p. 224 (XII-1913).

MEGACHILIDAE

- andromorpha*, Megachile, Curt Schrottky, Tomo IX, p. 174, N.º 32 (XII-1913).
anomala, Megachile, Curt Schrottky, Tomo V, p. 457, N.º 4 (24-XII-1902).
apicipennis, Megachile, Curt Schrottky, Tomo V, p. 442, N.º 12 (24-XII-1902).
atuhualpa, Megachile nudiventris, Curt Schrottky, Tomo IX, p. 156, N.º 4 (XII-1913).
aureiventris, Megachile, Curt Schrottky, Tomo V, p. 441, N.º 10 (24-XII-1902).
bernardina, Megachile, Curt Schrottky, Tomo IX, p. 209, N.º 81, fig. 9 h, k., p. 213 (XII-1913).

- bicegoi*, Megachile, Curt Schrottky, Tomo IX p. 186, N.º 49, fig. 4-II, p. 152 (XII-1913).
- botucatuna*, Megachile, Curt Schrottky, Tomo IX, p. 212, N.º 86, fig. 9, c. g. (XII-1913).
- cachoeirensis*, Megachile pulchra, Curt Schrottky, Tomo XII, 2.^a, p. 207 (5-XII-1920).
- capra*, Megachile, Curt Schrottky, Tomo IX, p. 214, N.º 49, fig. 9, a-b, p. 213 (XII-1913).
- chamacoco*, Megachile, Curt Schrottky, Tomo IX, p. 204, N.º 73, fig. 7 k-m (XII-1913).
- erythrocephala*, Anthidium, Curt Schrottky, Tomo V, p. 453, N.º 10, Est. XII, fig. 8 (24-XII-1902).
- flavofasciatum*, Anthidium, Curt Schrottky, Tomo V, p. 448, N.º 4 (24-XII-1902).
- framea*, Megachile, Curt Schrottky, Tomo IX, p. 211, N.º 33 (XII-1913).
- friesei*, Megachile, Curt Schrottky, Tomo V, p. 439, N.º 8, Est. XIII, fig. 1 (24-XII-1902).
- giraffa*, Megachile, Curt Schrottky, Tomo IX, p. 218, N.º 94 (XII-1913).
- gracilis*, Megachile, Curt Schrottky, Tomo V, p. 455, N.º 2 (24-XII-1902).
- guayaqui*, Megachile, Curt Schrottky, Tomo IX, p. 171, N.º 27 (XII-1913).
- helicitarsus*, Megachile, Curt Schrottky, Tomo IX, p. 206, N.º 76, fig. 8-a d (XII-1913).
- iheringi*, Megachile, Curt Schrottky, Tomo IX, p. 157, N.º 6 (XII-1913).
- inquirenda*, Megachile, Curt Schrottky, Tomo IX, p. 192, N.º 58 (XII-1913).
- itapuense*, Dianthidium, Curt Schrottky, Tomo XII, 2.^a, p. 210 (5-XII-1920).
- jundiana*, Megachile, Curt Schrottky, Tomo IX, p. 204, N.º 72, fig. 7 g-i (XII-1913).
- latum*, Anthidium, Curt Schrottky, Tomo V, p. 447, N.º 3 (24-XII-1902).
- levimarginata*, Megachile, Curt Schrottky, Tomo IX, p. 175, N.º 33 (XII-1913).
- limae*, Megachile, Curt Schrottky, Tomo IX, p. 176, N.º 35 (XII-1913).
- niederwaldti*, Megachile, Curt Schrottky, Tomo IX, p. 189, N.º 54, fig. 4, IV, p. 152 (XII-1913).
- manaosensis*, Megachile, Curt Schrottky, Tomo IX, p. 201, N.º 68, fig. 6 f-l (XII-1913).
- melochiae*, Megachile, Curt Schrottky, Tomo IX, p. 205, N.º 75, fig. 8 e-h p. 206 (XII-1913).

- minuscula*, Megachile, Curt Schrottky, Tomo IX, p. 219, N.º 96, fig. a
l-n, p. 213 (XII-1913).
- musciforme*, Anthidium, Curt Schrottky, Tomo V, p. 455, N.º 12 (24-
XII-1902).
- nectariniaides*, Anthidium, Curt Schrottky, Tomo V, p. 451, N.º 7 (24-
XII-1902).
- nigropilosa*, Megachile, Curt Schrottky, Tomo V, p. 435, N.º 1 (24-
XII-1902).
- orba*, Megachile, Curt Schrottky, Tomo IX, p. 214, N.º 88 (XII-1913).
- paranensis*, Megachile, Curt Schrottky, Tomo IX, p. 215 (XII-1913).
- parkinsoniae*, Megachile, Curt Schrottky, Tomo XII, 2.ª, p. 206 (5-XII-
1920).
- parsonsiaae*, Megachile, Curt Schrottky, Tomo IX, p. 197, N.º 63 (XII-
1913).
- paulistana*, Megachile, Curt Schrottky, Tomo V, p. 440, N.º 9 (24-XII-
1902).
- poçograndensis*, Megachile, Curt Schrottky, Tomo V, p. 438, N.º 6
(24-XII-1902).
- pseudocoelioxys*, Megachile, Curt Schrottky, Tomo XII, 2.ª, p. 204
(5-XII-1920).
- pseudopleuralis*, Megachile, Curt Schrottky, Tomo IX, p. 190, N.º 55,
Fig. 4, V, p. 152 (XII-1913).
- riojana*, Megachile, Curt Schrottky, Tomo XII, 2.ª, p. 203 (5-XII-1920).
- sancti-pauli*, Megachile, Curt Schrottky, Tomo IX, p. 205, N.º 74, fig. 8
i-l, p. 208 (XII-1913).
- separata*, Megachile, Curt Schrottky, Tomo IX, p. 185, N.º 48 (XII-1913).
- stenodesma*, Megachile, Curt Schrottky, Tomo IX, p. 182, N.º 40 (XII-
1913).
- subinfima*, Megachile, Curt Schrottky, Tomo XII, 2.ª, p. 209 (5-XII-
1920).
- tenuitarsis*, Megachile, Curt Schrottky, Tomo XII, 2.ª, p. 201 (5-XII-
1920).
- terrestris*, Megachile, Curt Schrottky, Tomo V, p. 441, N.º 11 (24-XII-
1902).
- thygaterella*, Megachile, Curt Schrottky, Tomo IX, p. 220, N.º 93
(XII-1913).
- trigonaspis*, Megachile, Curt Schrottky, Tomo IX, p. 191, N.º 57, fig. 4,
VI, p. 152 (XII-1913).
- tuberculifera*, Megachile, Curt Schrottky, Tomo IX, p. 188, N.º 52,
fig. 4, III, p. 152 (XII-1913).

tupinaquina, Megachile, Curt Schrottky, Tomo IX, N.º 70, Fig. 7 a-c p. 204 (XII-1913).

vernoniae, Megachile, Curt Schrottky, Tomo IX, p. 203, N.º 71, fig. 7 d-f, p. 204 (XII-1913).

xanthoptera, Megachile, Curt Schrottky, Tomo IX, p. 198, N.º 64 (XII-1913).

ypiranguensis, Megachile, Curt Schrottky, Tomo IX, p. 194, N.º 61 (XII-1913).

NOMADIDAE

beroni, Oxyneidys, Curt Schrottky, Tomo V, p. 492, N.º 1, Est. XII, fig 6 (24-XII-1902).

bertonii, Rhathymus, Curt Schrottky, Tomo XII, 2.ª, p. 212 (5-XII-1920).

bifasciatus, Leiopodus, Curt Schrottky, Tomo XII, 2.ª, p. 215 (5-XII-1920).

columbiana, Odyneropsis, Curt Schrottky, Tomo XII, 2.ª, p. 218 (5-XII-1920).

costaricensis, Nomada, Curt Schrottky, Tomo XII, 2.ª, p. 219 (5-XII-1920).

Cyphomelissa, Curt Schrottky, Tomo V, p. 493, Est. XIV, fig. 5a-d (24-XII-1920).

excellens, Acanthopus, Curt Schrottky, Tomo V, p. 506, N.º 3 (24-XII-1902).

holcsericea, Odyneropsis, Curt Schrottky, Tomo V, p. 433, N.º 1, Est. XII, fig. 14 (24-XII-1902).

Odyneropsis, Curt Schrottky, Tomo V, p. 432, N.º 2, Est. XIV, figs. 3a-d (24-XII-1902).

Oxyneidys, Curt Schrottky, Tomo V, p. 491, N.º 4, Est. XIV, fig. 4 a-d (24-XII-1902).

paraguayensis, Rhathymus, Curt Schrottky, Tomo XII, 2.ª, p. 218 (5-XII-1920).

pernigra, Cyphomelissa, Curt Schrottky, Tomo V, p. 494 (24-XII-1902).

simillima, Mesoplia, Curt Schrottky, Tomo XII, 2.ª, p. 229 (5-XII-1920).

PANURGIDAE

argentinus, Panurginus, Curt Schrottky, Tomo XII, 2.ª, p. 223 (5-XII-1920).

brasiliensis, Friesea, Curt Schrottky, Tomo V, p. 418, Est. XII, figs. 8-9 (24-XII-1902).

Friesea, Curt Schrottky, Tomo V, p. 418 (24-XII-1902).

PODALIRIDAE

- bimaculata*, *Tetrapaedia*, Curt Schrottky, Tomo V, p. 547, N.º 10 (24-XII-1902).
ehrharti, *Centris*, Curt Schrottky, Tomo V, p. 579, N.º 22, Est. 22, fig. 2 (24-XII-1902).
fuliginosa, *Tetrapaedia*, Curt Schrottky, Tomo V, p. 551, N.º 18 (24-XII-1902).
fulvohirta, *Epicharis cockerelli*, Curt Schrottky, Tomo V, p. 566, N.º 7a (24-XII-1902).
obsoleta, *Tetrapaedia*, Curt Schrottky, Tomo V, p. 547, N.º 11 (24-XII-1902).
perflava, *Centris xanthocnemis*, Curt Schrottky, Tomo V, p. 576, N.º 10a (24-XII-1902).
pernigra, *Tetrapaedia*, Curt Schrottky, Tomo XII, 2.^a, p. 212 (5-XII-1920).
poçograndensis, *Centris*, Curt Schrottky, Tomo V, p. 578, N.º 20, Est. XIII, fig. 3 (24-XII-1902).
pygmaea, *Tetrapaedia*, Curt Schrottky, Tomo V, p. 544, N.º 5, Est. XIII, fig. 9 (24-XII-1902).
tibialis, *Epicharis*, Curt Schrottky, Tomo V, p. 567, N.º 10, Est. XIII, fig. 7 (24-XII-1902).
ursina, *Exomalopsis*, Curt Schrottky, Tomo V, p. 529, N.º 4, Est. XIII, fig. 4 (24-XII-1902).

PROSOPIDIDAE

- exigua*, *Prosopis*, Curt Schrottky, Tomo V, p. 431, N.º 6 (24-XII-1902).
femoralis, *Prosopis*, Curt Schrottky, Tomo V, p. 339, N.º 2 (24-XII-1902).
gracillinea, *Prosopis*, Curt Schrottky, Tomo V, p. 340, N.º 4, Est. XII, fig. 1 (24-XII-1902).
ineringi, *Prosopis*, Curt Schrottky, Tomo VIII, p. 71, N.º 1 (10-V-1911).

PSAMMOCHARIDAE

- carinatellus*, *Salius*, Jean Bréthes, Tomo VIII, p. 68, N.º 5 (10-V-1911).
diffusus, *Salius*, Jean Bréthes, Tomo VIII, p. 67, N.º 4 (10-V-1911).
gracilicornis, *Salius*, Jean Bréthes, Tomo VIII, p. 66, N.º 3 (10-V-1911).
iheringi, *Pompilus*, Jean Bréthes, Tomo VIII, p. 65, N.º 2 (10-V-1911).
limbatus, *Salius*, Jean Bréthes, Tomo VIII, p. 69, N.º 6 (10-V-1911).
primarius, *Pompilus*, Jean Bréthes, Tomo VIII, p. 64, N.º 1 (10-V-1911).

SPHEGIDAE

semistriatus, *Priononyx*, Curt Schrottky, Tomo XII, 2.^a, p. 185 (5-XII-1920).

STELIDIDAE

aculeata, *Coelioxys*, Curt Schrottky, Tomo V, p. 429, N.º 11, Est. XII, fig. 15 (24-XII-1902).

amazonica, *Coelioxys*, Curt Schrottky, Tomo V, p. 426, N.º 7 (24-XII-1902).

heroni, *Coelioxys*, Curt Schrottky, Tomo V, p. 425, N.º 6 (24-XII-1902).

chrysocephala, *Coelioxys*, Curt Schrottky, Tomo V, p. 428, N.º 10 (24-XII-1902).

erythronotus, *Coelioxys quaerens*, Curt Schrottky, Tomo XII, 2.^a, p. 191 (5-XII-1920).

holmbergi, *Coelioxys* Curt Schrottky, Tomo XII, 2.^a, p. 190 (5-XII-1920).

mententomes, *Coelioxys*, Curt Schrottky, Tomo XII, 2.^a, p. 196, N.º 3 (5-XII-1920).

minor, *Coelioxys*, *holmbergi*, Curt Schrottky, Tomo XII, 2.^a, p. 191, N.º 4 (5-XII-1920).

paranensis, *Coelioxys*, Curt Schrottky, Tomo XII, 2.^a, p. 196, N.º 5 (5-XII-1920).

pygidialis, *Coelioxys*, Curt Schrottky, Tomo V, p. 426, N.º 8 (24-XII-1902).

scutellaris, *Coelioxys*, Curt Schrottky, Tomo V, p. 424, N.º 5 (24-XII-1902).

iabayensis, *Coelioxys*, Curt Schrottky, Tomo XII, 2.^a, p. 195, N.º 6 (5-XII-1920).

THYNNIDAE

wernerii, *Elaphroptera*, Curt Schrottky, Tomo XII, 2.^a, p. 182 (5-XII-1920).

TIPHIIDAE

assumptiones, *Elis*, Curt Schrottky, Tomo XII, 2.^a, p. 179 (5-XII-1920).

iheringi, *Pterombus*, Rodolpho v. Ihering, Tomo IX, p. 117, N.º 5, Est. III, fig. 5 (XI-1913).

papyriferae, *Elis*, Curt Schrottky, Tomo XII, 2.^a, p. 179 (5-XII-1920).

pauperata, *Elis papyriferae*, Curt Schrottky, Tomo XII, 2.^a, p. 181 (5-XII-1920).

XYLOCOPIDAE

Lombusae, *Xylocopa*, Curt Schrottky, Tomo V, p. 475, N.º 22 (24-XII-1902).

chrysopoda, *Xylocopa*, Curt Schrottky, Tomo V, p. 475, N.º 21, Est. XI, fig. 13 (24-XII-1902).

crotallariae, *Xylocopa*, Curt Schrottky, Tomo V, p. 472, N.º 15 (24-XII-1902).

VESPIDAE

bentobuenoi, *Parachartegus*, Rodolpho von Ihering, Tomo VI p. 129, N.º 1, Est. IV, fig. 7; Est. V, fig. 2 (ninho); Est. III, figs. 13-14 (8-V-1905).

bertonii, *Mischocyttarus injucundus*, Adolpho Ducke, Tomo X, p. 370, N.º 89 (XII-1918).

bruneoniger, *Discoelius*, Rodolpho von Ihering, Tomo VIII, p. 469 (10-V-1911).

Caba, Rodolpho von Ihering, Tomo VI, p. 105, N.º 1, Est. III, fig. 6-7 (8-V-1905).

díves, *Discoelius peculiaris*, Rodolpho von Ihering, Tomo VIII, p. 471 (10-V-1911).

explicatus, *Discoelius*, Rodolpho von Ihering, Tomo VIII, p. 475 (10-V-1911).

fasciata, *Caba bilineolata*, Rodolpho von Ihering, Tomo VI, p. 112, N.º 5a (8-V-1905).

furnaria, *Polybia*, Rodolpho von Ihering, Tomo VI, p. 217, N.º 65, Est. VII, fig. 13 (ninho) (8-V-1905).

guruana, *Polybia occidentalis*, Rodolpho von Ihering, Tomo VI, p. 198, N.º 34.^a (8-V-1905).

luederwaldi, *Discoelius*, Rodolpho von Ihering, Tomo VIII, p. 468 (10-V-1911).

meridionalis, *Polybia*, Rodolpho von Ihering, Tomo VI, p. 211, N.º 55, Est. VI, fig. 7 (ninho), (8-V-1905).

Parachartergus, Rodolpho von Ihering, Tomo VI p. 128, N.º 4 (8-V-1905).

pseudozethus, *Discoelius*, Rodolpho von Ihering, Tomo VIII, p. 466 (10-V-1911).

segmentalis, *Discoelius*, Rodolpho von Ihering, Tomo VIII, p. 472 (10-V-1911).

septentrionalis, *Polybia*, Rodolpho von Ihering, Tomo VI, p. 210, N.º 54, Est. VI, fig. 10 (ninho) (8-V-1905).

schrottkyaeus, Zethus, Rodolpho von Ihering, Tomo VIII, p. 465 (10-V-1911).

unilineata, *Polybia pediculata*, Rodolpho Von Ihering, Tomo VI, p. 184, N.º 12.^a (8-V-1905).

ypiranguensis, *Mischocyttarus*, José Pinto da Fonseca, Tomo XIV, p. 181, Est. 1, figs 1-2 (10-1-1926).

ypiranguensis, *Polybia*, Rodolpho von Ihering, Tomo VI, p. 188, N.º 19 (8-V-1905).

CHRYSIDIDAE

dubuyssoni, *Cleptes aurora*, Adolpho Ducke, Catalogos da fauna brasileira, Vol. IV, p. 29, N.º 8 a (1913).

mathani, *Chrysis*, Adolph Ducke, Catalogos da fauna brasileira, Vol. IV, p. 30, N.º 30 (1913).

minor, *Cleptes mutilloides*, Adolpho Ducke, Catalogos da fauna brasileira, Vol. IV, p. 29, N.º 7 (1913).

robustior, *Cleptes aurora*, Adolpho Ducke, Catalogos da fauna brasileira, Vol. IV, p. 30, N.º 8-c (1913).

FORMICIDAE

cajurensis, *Camponotus (Myrmothrix) rufipes*, H. Luederwaldt, Tomo X, p. 53 (XII-1918).

exagona, *Eciton (Acanathus) emeryi*, F. Santschi, Tomo XIII, p. 1261 (29-XII-1922).

fumata, *Anochetus altisquamis*, H. Luederwaldt, Tomo X, p. 53 (XII-1918).

germaini, *Rogeria*, F. Santschi, Tomo XIII, p. 1262 (29-XII-1922).

idelettae, *Ponera*, F. Santschi, Tomo XIII, p. 1258 (29-XII-1922).

matogrossensis, *Eciton hamatum*, H. Luederwaldt, Tomo XVI, 2.^a, p. 237 (5-XII-1920).

metanotalis, *Pachycondyla*, H. Luederwaldt, Tomo X, p. 54 (XII-1918).

moralus, *Eciton latidens*, F. Santschi, Tomo XIII, p. 1259 (29-XII-1922).

neglecta, *Ponera*, F. Santschi, Tomo XIII, p. 1257 (29-XII-1922).

reichenspergeri, *Ponera*, F. Santschi, Tomo XIII, p. 1255 (29-XII-1922).

reichenspergeri, *Rhopalothrix*, F. Santschi, Tomo XIII, p. 1263 (29-XII-1922).

schwebeli, *Acanthoponera dolo*, H. Luederwaldt, Tomo X, p. 54 (XII-1918).

LEPIDOPTERA

- ayuruoca*, *Ormiscodes*, José G. Foetterle, Tomo V, p. 647, Est. XVIII, fig. 3 (24-XII-1902).
- bonnighauseni*, *Epinephele*, José G. Foetterle, Tomo V, p. 632, Est. XVII, fig. 3 (24-XII-1902).
- Bradypophila*, Rodolpho von Ihering, Tomo IX, p. 123 (XI-1913).
- campeiro*, *Papilio*, José G. Foetterle, Tomo V, p. 622, Est. XV, fig. 2 (24-XII-1902).
- coffeeae*, *Proacrias*, Rodolpho von Ihering, Tomo IX, p. 97 (X-1913).
- coffeealae*, *Closteroceros*, Rodolpho von Ihering, Tomo IX, p. 95 (X-1913).
- delta*, *Ormiscodes*, José G. Foetterle, Tomo V, p. 644, Est. XVIII, fig. 2 (24-XII-1902).
- demaculata*, *Elysium cingulata*, Roberto Spitz, Tomo XVII, 1.^a, p. 462, Est. III, figs. 24-25 (15-VII-1931).
- favorita*, *Chlorippe sultana*, José G. Foetterle, Tomo V, p. 627, Est. XVI, fig. 1 (24-XII-1902).
- garbei*, *Bradypophila*, Rodolpho von Ihering, Tomo IX, p. 123, Est. III, fig. 2 (XI-1913).
- garbei*, *Castnia*, José G. Foetterle, Tomo V, p. 639, Est. XVI, fig. 9 (24-XII-1902).
- hayeki*, *Phassus*, José G. Foetterle, Tomo V, p. 649, Est. XVII, fig. 1 (24-XII-1902).
- hedae*, *Papilio*, José G. Foetterle, Tomo V, p. 620, Est. XV, fig. 1 (24-XII-1902).
- interrupta*, *Castania boisduvali*, Roberto Spitz, Tomo XVII, 1.^a, p. 461, Est. IV, fig. 31 (15-VII-1931).
- irregularis*, *Ormiscodes*, José G. Foetterle, Tomo V, p. 645, Est. XVIII, fig. 4 (24-XII-1902).
- itamaraty*, *Mimallo*, José G. Foetterle, Tomo V, p. 641, Est. XVII, fig. 2 (24-XII-1902).
- itatiayae*, *Pieris*, José G. Foetterle, Tomo V, p. 624, Est. XVI, fig. 5 (24-XII-1902).
- jaguarae*, *Papilio*, José G. Foetterle, Tomo V, p. 619, Est. XV, fig. 3 (24-XII-1902).
- latisfasciata*, *Systasea emorsa*, Roberto Spitz, Tomo XVII, 1.^a, p. 460, Est. I, figs. 5-6 (15-VII-1931).
- maravilha*, *Pyrrhopyge*, José G. Foetterle, Tomo V, p. 637, Est. XV, fig. 3 (24-XII-1902).

paucipunctata, Apodemia, Roberto Spitz, Tomo XVII, 1.^a, p. 459, Est. I, figs. 2-4 (15-VII-1931).

Proacrias, Rodolpho von Ihering, Tomo IX, p. 96 (X-1913).

schreineri, Pronophila, José G. Foetterle, Tomo V, p. 634, Est. XVI, fig. 3 (24-XII-1902).

sultana, Chlorippe, José G. Foetterle, Tomo V, p. 627, Est. XVI, fig. 4, fig. 2, typo (24-XII-1902).

NEUROPTERA + TRICHOPTERA + EPHEMEROPTERA + MEGALOPTERA

CALAMOCERIDAE

obliquus, Phylloicus, R. P. Longinos Navás, S. J., Tomo XVII, 1.^a, p. 458, fig. 12 (15-VII-1931).

CORYDALIDAE

arpi, Corydalis, R. P. Longinos Navás, S. J., Tomo XX, p. 723, N.º 63, fig. 14 (15-VI-1936).

CHRYSOPIDAE

burmeisteri, Chrysopa, R. P. Longinos Navás, S. J., Tomo XVI, p. 858, N.º 38, fig. 5 (12-1-1929).

ehrharti, Leucochrysa, R. P. Longinos Navás, S. J., Tomo XV, p. 862, N.º 49, fig. 9 (12-1-1929).

gemina, Nodita, R. P. Longinos Navás, S. J., Tomo XVI, p. 859, N.º 43, fig. 8 (12-1-1929).

luederwaldti, Chrysopa, R. P. Longinos Navás, S. J., Tomo XIII, p. 771 (29-XII-1922).

notatus, Gonzaga, R. P. Longinos Navás, S. J., Tomo XVI, p. 861, N.º 46, fig. 8 (12-1-1929).

*palliatu*s, Gonzaga, R. P. Longinos Navás, S. J., Tomo XVI, p. 860, N.º 45, fig. 7 (12-1-1927).

EPHEMERIDAE

dominans, Hexagenia, R. P. Longinos Navás, S. J., Tomo XX, p. 732, N.º 77, fig. 20 (15-VI-1936).

guntheri, Euthyplocia, R. P. Longinos Navás, S. J., Tomo XII, 2.^a, p. 414, fig. 1 (5-XII-1920).

- Actinodoria*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 272, N.º 541 (20-1-1927).
- Actinoprosopa*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 258, N.º 428 (20-1-1927).
- Actinotachina*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 278, N.º 584 (20-1-1927).
- affinis*, *Achaetoneuropsis*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 282 (20-1-1927).
- Alophorellopsis*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 209, N.º 30 (20-1-1927).
- amazonica*, *Egameigenia*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 303 (20-1-1927).
- Ametadoria*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 276, N.º 567 (20-1-1927).
- Amicrotrichomma*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 245, N.º 325 (20-1-1927).
- analis*, *Anazygosturmia*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 286 (20-1-1927).
- analis*, *Eubischofimiya*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 305 (20-1-1927).
- analis*, *Itacnephalia*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 319 (20-1-1927).
- analis*, *Sarcolydella*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 355 (20-1-1927).
- analis*, *Xanthobrachycoma*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 364 (20-1-1927).
- analis*, *Yahuarmayoia*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 367 (20-1-1927).
- Anaphorinia*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 266, N.º 490 (20-1-1927).
- Anazygosturmia*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 271, N.º 527 (20-1-1927).
- andina*, *Epicuphocera*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 304 (20-1-1927).
- andina*, *Metopoactia*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 329 (20-1-1927).
- andinensis*, *Alindopsis*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 339 (20-1-1927).
- angusta*, *Actinotachina*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 284 (20-1-1927).
- angusta*, *Catajurinia*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 294 (20-1-1927).
- angusta*, *Cataphorinia*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 294 (20-1-1927).
- angusta*, *Mayophorinia*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 326 (20-1-1927).

- angusta*, *Metarrhinomyia*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 329 (20-1-1927).
- angustipennis*, *Tinanemorilla*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 361 (20-1-1927).
- Anoxynops*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 274, N.º 553 (20-1-1927).
- antennalis*, *Italispidea*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 320 (20-1-1927).
- antennalis*, *Itaplectops*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 321 (20-1-1927).
- antennalis*, *Phyllophryno*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 347 (20-1-1927).
- antlerata*, *Ucayalimya*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 382 (20-1-1927).
- Aphriosphyria*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 238, N.º 270 (20-1-1927).
- Aplomyopsis*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 268, N.º 505 (20-1-1927).
- Archytoepalpus*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 255, N.º 404, (20-1-1927).
- arcuata*, *Sarcopromusca*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 355 (20-1-1927).
- argentescens*, *Neargyrophylax*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 332 (20-1-1927).
- Argyrodoria*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 265, N.º 486 (20-1-1927).
- aristalis*, *Ptilolydella*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 354 (20-1-1927).
- Arrhinactia*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 285, N.º 431 (20-1-1927).
- atra*, *Bischofimyia*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 290 (20-1-1927).
- atra*, *Euhuascaraya*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 307 (20-1-1927).
- atra*, *Opsoempheria*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 340 (20-1-1927).
- atra*, *Thelyphaenopsis*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 360 (20-1-1927).
- aurata*, *Anaphorinia*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 285 (20-1-1927).
- aurata*, *Discomyophora*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 302 (20-1-1927).
- aurata*, *Heliolydella*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 314 (20-1-1927).
- aurata*, *Leskiolydella*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 324 (20-1-1927).
- aurescens*, *Helicobiopsis*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 313 (20-1-1927).



- auricephala*, Eumachacraca, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 308 (20-1-1927).
- aurometallica*, Bolohoughia, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 291 (20-1-1927).
- auronigra*, Sturmioactia, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 358 (20-1-1927).
- aurulans*, Prophryno, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 353 (20-1-1927).
- australis*, Euboettcheria, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 306 (20-1-1927).
- avida*, Avibrissosturmia, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 289 (20-1-1927).
- Biohypostena*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 280, N.º 603 (20-1-1927).
- Bischofimyia*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 250, N.º 365 (20-1-1927).
- Bolodoria*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 262, N.º 461 (20-1-1927).
- Bolohoughia*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 275, N.º 560 (20-1-1927).
- Brachybelvosia*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 248, N.º 346 (20-1-1927).
- Brachynephalia*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 236, N.º 250 (20-1-1927).
- brasiliana*, Biohypostena, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 290 (20-1-1927).
- brasiliana*, Catocyptera, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 295 (20-1-1927).
- brasiliensis*, Aplomyopsis, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 287 (20-1-1927).
- brasiliensis*, Brachynephalia, C. H., T. Townsend, Tomo XV, p. 291 (20-1-1927).
- brasiliensis*, Belvosioipsis, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 289 (20-1-1927).
- brasiliensis*, Brachybelvosia, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 291 (20-1-1927).
- brasiliensis*, Ceromasiopsis, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 296 (20-1-1927).
- brasiliensis*, Euthelairopsis, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 309 (20-1-1927).
- brasiliensis*, Hemimasipoda, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 313 (20-1-1927).

- brasiliensis*, *Neacroglossa*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 332 (20-1-1927).
- brasiliensis*, *Ophirionopsis*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 340 (20-1-1927).
- brasiliensis*, *Oxyepalpus*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 343 (20-1-1927).
- brasiliensis*, *Oxynopsis*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 343 (20-1-1927).
- brasiliensis*, *Procarcelia*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 349 (20-1-1927).
- brasiliensis*, *Pseudoarchytopsis*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 354 (20-1-1927).
- brasiliensis*, *Pseudosarcophagula*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 354 (2-1-1927).
- brasiliensis*, *Xanthozonella*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 365 (20-1-1927).
- brasiliensis*, *Zonoepalpus*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 369 (20-1-1927).
- brevifrons*, *Caeniopsis*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 292 (20-1-1927).
- Caeniopsis*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 275, N.º 560 (20-1-1927).
- Caenisoma*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 269, N.º 511 (20-1-1927).
- Calocarcelia*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 266, N.º 497 (20-1-1927).
- Calolydella*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 278, N.º 589 (20-1-1927).
- Calothelaira*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 218, N.º 104 (20-1-1927).
- Camptophryno*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 277, N.º 583 (20-1-1927).
- capitata*, *Alophorellopsis*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 284 (20-1-1927).
- capitata*, *Gymnodoria*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 311 (20-1-1927).
- carcelioides*, *Hemisturmia*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 316 (20-1-1927).
- carinata*, *Melanocyptera*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 327 (20-1-1927).
- carinata*, *Tachinophytopsis*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 359 (20-1-1927).
- Catajurinia*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 245, N.º 324 (20-1-1927).



- Cetaphorinia*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 280, N.º 605 (20-1-1927).
- Catasarcophaga*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 220, N.º 119 (20-1-1927).
- Catheteronychia*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 230, N.º 201 (20-1-1927).
- Catocyptera*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 215, N.º 75 (20-1-1927).
- caudata*, *Urophylophila*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 363 (20-1-1927).
- Ceromastix*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 273, N.º 546 (20-1-1927).
- Chaetodoria*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 259, N.º 437 (20-1-1927).
- chaetosa*, *Catheteronychia*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 295 (20-1-1927).
- chaetosa*, *Minthomima*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 381, (20-1-1927).
- Chaquimayoia*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 235, N.º 240 (20-1-1927).
- charapensis*, *Caenisoma*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 292 (20-1-1927).
- charapensis*, *Epiprospherysa*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 305 (20-1-1927).
- charapensis*, *Siphoactia*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 357 (20-1-1927).
- Charapozelia*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 227, N.º 179 (20-1-1927).
- Chlorohystricia*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 244, N.º 313 (20-1-1927).
- Chrysoerigone*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 244, N.º 314 (20-1-1927).
- Chrysophryno*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 267, N.º 501 (20-1-1927).
- cincta*, *Croesoactia*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 300 (20-1-1927).
- clausa*, *Euthelyconychia*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 309 (20-1-1927).
- clausa*, *Lydella*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 324 (20-1-1927).
- Clythopsis*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 276, N.º 568 (20-1-1927).
- Clythoxynops*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 272, N.º 539 (20-1-1927).



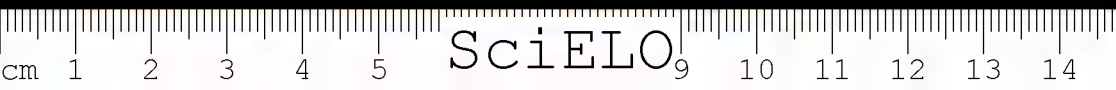
- coerulea*, Cyanogymnomma, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 301 (20-1-1927).
- communis*, Aphryosphyria, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 287 (20-1-1927).
- Conactia*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 257, N.º 417 (20-1-1927).
- confundens*, Clythopsis, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 298 (20-1-1927).
- conica*, Anoxynops, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 286 (20-1-1927).
- conica*, Chaetodoria, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 296 (20-1-1927).
- Cordillerodexia*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 226, N.º 169 (20-1-1927).
- Corpulentopalpus*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 249, N.º 355 (20-1-1927).
- corpulentum*, Tachinosoma, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 359 (20-1-1927).
- corpulentus*, Melanepalpellus, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 327 (20-1-1927).
- costalis*, Oedemamedina, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 337 (20-1-1927).
- costalis*, Melanorlopteryx, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 328 (20-1-1927).
- costalis*, Micronotochaeta, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 330 (20-1-1927).
- Croesoactia*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 269, N.º 512 (20-1-1927).
- cuprea*, Actinodoria, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 283 (20-1-1927).
- Cyanogymnomma*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 250, N.º 364 (20-1-1927).
- cylindrica*, Arrhinactia, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 288 (20-1-1927).
- Dactylodidyma*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 260, N.º 443 (20-1-1927).
- Dexomyophora*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 233, N.º 226 (20-1-1927).
- Didymops*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 262, N.º 462 (20-1-1927).
- discalis*, Empheremyops, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 303 (20-1-1927).
- discalis*, Myiodoria, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 331 (20-1-1927).
- Discomyophora*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 233, N.º 224 (20-1-1927).
- Dolichopalpellus*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 258, N.º 425 (20-1-1927).

- dubia*, Dactylodidyma, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 301 (20-1-1927).
- Egameigenia*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 278, N.º 587 (20-1-1927).
- egensis*, Chrysophryno, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 298 (20-1-1927).
- elegans*, Microtrichommodes, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 330 (20-1-1927).
- Empheremyiops*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 254, N.º 399 (20-1-1927).
- Epicuphocera*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 240, N.º 282 (20-1-1927).
- Epidolichostoma*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 238, N.º 267 (20-1-1927).
- Epiprospherysa*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 277, N.º 582 (20-1-1927).
- Eubischofimya*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 249, N.º 354 (20-1-1927).
- Euboettcheria*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 231, N.º 208 (20-1-1927).
- Eucelatoriopsis*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 276, N.º 572 (20-1-1927).
- Eulausicella*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 268, N.º 511 (20-1-1927).
- Euempheremyia*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 249, N.º 354 (20-1-1927).
- Euhemiargyra*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 260, N.º 441 (20-1-1927).
- Euhuascaraya*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 255, N.º 403 (20-1-1927).
- eulalia*, Euloewiodoria, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 308 (20-1-1927).
- Euloewiodoria*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 260, N.º 441 (20-1-1927).
- Eumachaeraea*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 263, N.º 466 (20-1-1927).
- Eumacrohoughia*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 275, N.º 562 (20-1-1927).
- Euthelairopsis*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 258, N.º 431 (20-1-1927).
- Euthelyconychia*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 279, N.º 593 (20-1-1927).
- Euzenillia*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 280, N.º 602 (20-1-1927).

- Exodexia*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 227, N.º 180 (20-1-1927).
Exoernestia, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 244, N.º 311 (20-1-1927).
exoristoides, *Verrugophryno*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 364 (20-1-1927).
facialis, *Actinoprosopa*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 283 (20-1-1927).
fascialis, *Dexomyophora*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 301 (20-1-1927).
fascialis, *Helioprosopa*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 314 (20-1-1927).
fascialis, *Nepophasmophaga*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 337 (20-1-1927).
fascialis, *Ollacheryphe*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 339 (20-1-1927).
fasciata, *Calocarcelia*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 293 (20-1-1927).
fasciata, *Hemilydella*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 315 (20-1-1927).
filipalpis, *Metamyobia*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 328 (20-1-1927).
flavotegulata, *Myiophasiopsis*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 382 (20-1-1927).
frontalis, *Hemiargyropsis*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 315 (20-1-1927).
fulva, *Nepocarcelia*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 336 (20-1-1927).
fulvescens, *Itabiomyia*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 319 (20-1-1927).
fulvipes, *Neommasicera*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 334 (20-1-1927).
fulvipes, *Oligolydella*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 338 (20-1-1927).
fulviventris, *Charapozelia*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 297 (20-1-1927).
fulvus, *Phosococephalops*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 347 (20-1-1927).
fumipennis, *Paraprospherysa*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 345 (20-1-1927).
gagatea, *Gymnomnopsis*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 312 (20-1-1927).



- gagateum*, Jurinosoma, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 323 (20-1-1927).
- geminata*, Calolydella, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 293 (20-1-1927).
- geminata*, Italydella, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 320 (20-1-1927).
- genalis*, Neocampylochaeta, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 332 (20-1-1927).
- Geneopsis*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 212, N.º 50 (20-1-1927).
- gracilis*, Medinophyto, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 326 (20-1-1927).
- gracilis*, Xanthophyllophila, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 365 (20-1-1927).
- grandis*, Itaxanthomelana, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 322 (20-1-1927).
- grisea*, Gymnosturmia, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 312 (20-1-1927).
- grisescens*, Gymnocamptops, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 311 (20-1-1927).
- Gymnocamptops*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 222, N.º 132 (20-1-1927).
- Gymnodoria*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 260, N.º 440 (20-1-1927).
- Gymnomopsis*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 255, N.º 402 (20-1-1927).
- Gymnosturmia*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 248, N.º 341 (20-1-1927).
- Harrisioopsis*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 247, N.º 338 (20-1-1927).
- hemiargyroides*, Argyrodoria, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 288 (20-1-1927).
- hemiargyropsis*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 260, N.º 442 (20-1-1927).
- Heliolydella*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 277, N.º 578 (20-1-1927).
- Helioprosota*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 239, N.º 277 (20-1-1927).
- hemiargyroides*, Argyrodoria, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 288 (20-1-1927).
- hemiargyrophylax*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 265, N.º 488 (20-1-1927).
- Hemiargyropsis*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 260, N.º 442 (20-1-1927).



- Hemilydella*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 278, N.º 587 (20-1-1927).
Hemimasipoda, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 267, N.º 499 (20-1-1927).
Hemisturmia, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 262, N.º 456 (20-1-1927).
hirta, *Proleskia*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 351 (20-1-1927).
Homohypochaeta, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 255, N.º 407 (20-1-1927).
Huascarayopsis, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 254, N.º 399 (20-1-1927).
hyphena, *Hypophorinia*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 318 (20-1-1927).
hypodermica, *Hypomyothyria*, C. H. T. Townsend Tomo XV, p. 318 (20-1-1927).
Hypodoria, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 274, N.º 554 (20-1-1927).
Hypohoughia, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 255, N.º 408 (20-1-1927).
Hypomyothyria, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 276, N.º 572 (20-1-1927).
Hypophorinia, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 279, N.º 596 (20-1-1927).
Hypoproxynops, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 276, N.º 598 (20-1-1927).
intermedia, *Itasturmia*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 322 (20-1-1927).
intermedia, *It euthelaira*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 323 (20-1-1927).
inca, *Acemeigenica*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 282 (20-1-1927).
Itabiomyia, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 280, N.º 605 (20-1-1927).
Itacnephalia, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 236, N.º 250 (20-1-1927).
Itacuphocera, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 238, N.º 269 (20-1-1927).
Italispidea, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 268, N.º 511 (20-1-1927).
Italydella, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 278, N.º 590 (20-1-1927).
Itamobia, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 224, N.º 152 (20-1-1927).
Itaplectops, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 265, N.º 486 (20-1-1927).
Itasaundersia, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 254, N.º 394 (20-1-1927).
Itasturmia, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 276, N.º 571 (20-1-1927).

- Itaxanthomelana*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 214, N.º 71 (20-1-1927).
- Iteuthelaira*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 264, N.º 472 (20-1-1927).
- Jurinosoma*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 255, N.º 404 (20-1-1927).
- lutea*, *Actinactia*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 283 (20-1-1927).
- Lydellactia*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 279, N.º 593 (20-1-1927).
- Lydellohoughia*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 280, N.º 602 (20-1-1927).
- Lydinolydella*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 278, N.º 590 (20-1-1927).
- Leskiolydella*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 269, N.º 518 (20-1-1927).
- macrocera*, *Melanactia*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 326 (20-1-1927).
- Macrohoughia*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 261, N.º 451 (20-1-1927).
- Macrohoughiopsis*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 261, N.º 451 (20-1-1927).
- major*, *Geneopsis*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 311 (20-1-1927).
- marmorata*, *Macrohoughia*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 325 (20-1-1927).
- Mayophorinia*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 263, N.º 463 (20-1-1927).
- Mayoschizocera*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 380 N.º 422A (20-1-1927).
- Medinophyto*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 219, N.º 112. (20-1-1927).
- Melanactia*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 258, N.º 428 (20-1-1927).
- Melanepalpellus*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 250, N.º 365 (20-1-1927).
- Melanocyptera*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 215, N.º 78 (20-1-1927).
- Melanodoria*, C. H. T. Townsend. Tomo XV, p. 280, N.º 602 (20-1-1927).
- Melanorlopteryx*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 273, N.º 549 (20-1-1927).
- Mesembrinellopsis*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 208, N.º 17 (20-1-1927).

- Metagonistylum*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 379, N.º 420-A (20-1-1927).
- metallica*, *Lydinolydella*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 325 (20-1-1927).
- Metamyobia*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 213, N.º 56 (20-1-1927).
- Metarrhinomyia*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 279, N.º 597 (20-1-1927).
- Metapoactia*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 268, N.º 508 (20-1-1927).
- Micronotochaeta*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 233, N.º 226 (20-1-1927).
- Microtrichommodes*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 245, N.º 325 (20-1-1927).
- mima*, *Mesembrinellopsis*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 328 (20-1-1927).
- minense*, *Metagonistylum*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 381 (20-1-1927).
- minor*, *Phrynotachina*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 347 (20-1-1927).
- Minthodexiopsis*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 221, N.º 127 (20-1-1927).
- Minthomima*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 380, N.º 427A (20-1-1927).
- mirabilis*, *Dolichopalpellus*, C. H. T. Townsend, p. 302 (20-1-1927).
- mixta*, *Myiosturnia*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 331 (20-1-1927).
- muconata*, *Olochactia*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 339 (20-1-1927).
- Myiodoria*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 276, N.º 601 (20-1-1927).
- Myiophasiopsis*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 378, N.º 125A (20-1-1927).
- Myiosturmia*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 272, N.º 535 (20-1-1927).
- Myioxynops*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 278, N.º 592 (20-1-1927).
- nana*, *Lydellohoughia*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 324 (20-1-1927).
- nana*, *Neocraspedothrix*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 333 (20-1-1927).
- nasuta*, *Neosolieria*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 336, (20-1-1927).
- Neacroglossa*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 238, N.º 265 (20-1-1927).
- Neargyrophylax*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 265, N.º 488 (20-1-1927).



- Neocampylochaeta*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 255, N.º 407 (20-1-1927).
- Neocraspedothrix*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 257, N.º 419 (20-1-1927).
- Neommasicera*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 275, N.º 566 (20-1-1927).
- Neophyllophila*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 235, N.º 241 (20-1-1927).
- Neopodomyia*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 241, N.º 293 (20-1-1927).
- Neoprosena*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 221, N.º 129 (20-1-1927).
- Neosarromyia*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 237, N.º 261 (20-1-1927).
- Neosolieria*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 211, N.º 43 (20-1-1927).
- Nepocarcelia*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 267, N.º 497 (20-1-1927).
- Nepophasmophaga*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 268, N.º 508 (20-1-1927).
- nepos*, *Neocuphocera*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 333 (20-1-1927).
- neotropica*, *Neophyllophila*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 334 (20-1-1927).
- neotropica*, *Neosarromyia*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 335 (20-1-1927).
- Neocuphocera*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 239, N.º 277 (20-1-1927).
- nigrisquamis*, *Melanodoria*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 327 (20-1-1927).
- nitens*, *Prophaenopsis*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 351 (20-1-1927).
- nuda*, *Eumacrohoughia*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 309 (20-1-1927).
- ocellaris*, *Itacuphocera*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 320 (20-1-1927).
- ocellaris*, *Orophorocera*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 342 (20-1-1927).
- ochracea*, *Tuberculocera*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 363 (20-1-1927).
- ochraceus*, *Ochroepalpus*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 337 (20-1-1927).

- Ochroepalpus*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 255, N.º 400 (20-1-1927).
- oculata*, *Xylocamptomina*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 366 (20-1-1927).
- Oedemamedina*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 269, N.º 515 (20-1-1927).
- Okeopsis*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 267, N.º 499 (20-1-1927).
- Oligolydella*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 275, N.º 562 (20-1-1927).
- Olindopsis*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 274, N.º 554 (20-1-1927).
- Ollachactia*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 262, N.º 459 (20-1-1927).
- Ollacheryphe*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 265, N.º 412 (20-1-1927).
- Ophirionopsis*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 217, N.º 96 (20-1-1927).
- Opsoempheria*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 249, N.º 355 (20-1-1927).
- Opsosturmia*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 277, N.º 576 (20-1-1927).
- oralis*, *Neupodomyia*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 334 (20-1-1927).
- orbitalis*, *Amicrotrichomma*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 285 (20-1-1927).
- orbitalis*, *Camptophryno*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 293 (20-1-1927).
- orbitalis*, *Clythoxynops*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 296 (20-1-1927).
- orbitalis*, *Hypedoria*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 317 (20-1-1927).
- orbitalis*, *Thelyoxynops*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 360 (20-1-1927).
- orbitalis*, *Verrugomyia*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 364 (20-1-1927).
- orientalis*, *Cordillerodexia*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 300 (20-1-1927).
- ornata*, *Chrysoerigone*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 298 (20-1-1927).
- ornata*, *Itamobia*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 321 (20-1-1927).
- ornata*, *Orobrachycoma*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 341 (20-1-1927).
- ornata*, *Orodexia*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 341 (20-1-1927).



- ornata*, Oromasiphya, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 342 (20-1-1927).
- ornata*, Orosarcophaga, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 342 (20-1-1927).
- Orobrachycoma*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 230, N.º 200 (20-1-1927).
- Orodexia*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 227, N.º 176 (20-1-1927).
- Oromasiphya*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 249, N.º 357 (20-1-1927).
- Orophorocera*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 267, N.º 501 (20-1-1927).
- Orosarcophaga*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 231, N.º 211 (20-1-1927).
- Oxyepalpus*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 253, N.º 390 (20-1-1927).
- Oxynopsis*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 270, N.º 522 (20-1-1927).
- Oxyophirion*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 270, N.º 522 (20-1-1927).
- palpalis*, Myoxynops, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 331 (20-1-1927).
- palpalis*, Okeopsis, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 338 (20-1-1927).
- palpalis*, Plectopsis, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 349 (20-1-1927).
- Palpolinnaemyia*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 238, N.º 267 (20-1-1927).
- Paranetia*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 277, N.º 577 (20-1-1927).
- Paraprospherysa*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 280, N.º 604 (20-1-1927).
- parva*, Euhermiargyra, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 307 (20-1-1927).
- Patelloapsis*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 263, N.º 469 (20-1-1927).
- patelloides*, Yahuarphryno, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 368 (20-1-1927).
- paulensis*, Euempheremyia, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 307 (20-1-1927).
- paulensis*, Huascarayopsis, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 317 (20-1-1927).
- paulensis*, Proepalpus, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 350 (20-1-1927).
- pendula*, Periopticochaeta, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 345 (20-1-1927).
- Periopticochaeta*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 245, N.º 324 (20-1-1927).

- perorbitalis*, Palpolinnaemyia, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 344 (20-1-1927).
- peruviana*, Plagiotachina, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 348 (20-1-1927).
- peruviana*, Prophrynopsis, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 353 (20-1-1927).
- peruviana*, Pygophorinia, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 355 (20-1-1927).
- Petrargyrops*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 275, N.º 561 (20-1-1927).
- Phosococephalops*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 237, N.º 263 (20-1-1927).
- Phrynotachina*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 263, N.º 470 (20-1-1927).
- Phyllophryno*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 263, N.º 467 (20-1-1927).
- Piximactia*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 279, N.º 596 (20-1-1927).
- Plagiotachina*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 261, N.º 450 (20-1-1927).
- Platyrrhinodexia*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 228, N.º 181 (20-1-1927).
- Plectopsis*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 257, N.º 422 (20-1-1927).
- plumbea*, Zygozenillia, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 369 (20-1-1927).
- plumosula*, Chaquimayoia, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 297 (20-1-1927).
- polita*, Prometopiops, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 351 (20-1-1927).
- polita*, Prophasiopsis, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 351 (20-1-1927).
- Procarcelia*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 267, N.º 503 (20-1-1927).
- Prodexodes*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 280, N.º 601 (20-1-1927).
- Proepalpus*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 255, N.º 400 (20-1-1927).
- Proleskia*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 211, N.º 42 (20-1-1927).
- proletaria*, Prophorinia, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 352, (20-1-1927).
- Promasiphya*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 379, N.º 359 (20-1-1927).



- Prometopiops*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 268, N.º 564 (20-1-1927).
- Prophaenopsis*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 273, N.º 543 (20-1-1927).
- Prophasiopsis*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 250, N.º 358 (20-1-1927).
- Prophorinia*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 277, N.º 584 (20-1-1927).
- Prophorostoma*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 227, N.º 173 (20-1-1927).
- Prophryno*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 262, N.º 456 (20-1-1927).
- Prophrynopsis*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 273, N.º 546 (20-1-1927).
- proximus*, *Proxynops*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 353 (20-1-1927).
- Proxynops*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 274, N.º 556 (20-1-1927).
- Pseudoarchytopsis*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 252, N.º 376 (20-1-1927).
- Pseudosarcophagula*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 220, N.º 112 (20-1-1927).
- Ptilolydella*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 278, N.º 586 (20-1-1927).
- pulchra*, *Prophorostoma*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 352 (20-1-1927).
- punctata*, *Paranetia*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 344 (20-1-1927).
- punctata*, *Phasiocyptera*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 346 (20-1-1927).
- punctiger*, *Petrargyrops*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 346 (20-1-1927).
- punctigerum*, *Oxyophrion*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 343 (20-1-1927).
- punctilucis*, *Hemiargyrophylax*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 314 (20-1-1927).
- punctulata*, *Platyrrhinodexia*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 349 (20-1-1927).
- purpurea*, *Chlorohystricia*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 297 (20-1-1927).
- pygmaea*, *Sisypomyia*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 357 (20-1-1927).
- Pygophorinia*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 274, N.º 554 (20-1-1927).
- ramata*, *Mayoschizocera*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 381, (20-1-1927).

- reclinata*, Canactia, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 299 (20-1-1927).
reclinata, Homohypochaeta, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 316 (20-1-1927).
reclinata, Hypohoughia, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 318 (20-1-1927).
robusta, Itasaundersia, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 321 (20-1-1927).
rufiventris, Archytoepalpus, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 288 (20-1-1927).
rufiventris, Hypoproxynops, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 319 (20-1-1927).
rufiventris, Prodexodes, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 350 (20-1-1927).
rufus, Corpulentoepalpus, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 300 (20-1-1927).
Sarcoiydella, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 272, N.º 537 (20-1-1927).
sarcophagina, Xylocampta, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 366 (20-1-1927).
Sarcopromusca, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 209, N.º 22 (20-1-1927).
Sarcoprosena, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 228, N.º 185 (20-1-1927).
Saundersiopmina, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 246, N.º 330 (20-1-1927).
scutellaris, Thysanosturmia, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 360 (20-1-1927).
similis, Macrohoughiopsis, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 325 (20-1-1927).
similis, Patelloapsis, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 345 (20-1-1927).
similis, Sisyrohoughia, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 357 (20-1-1927).
Siphoactia, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 212, N.º 52 (20-1-1927).
Sisymphomyia, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 257, N.º 422 (20-1-1927).
Sisyrohoughia, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 275, N.º 561 (20-1-1927).
spinosa, Harrisioipsis, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 313 (20-1-1927).



- spinosa*, Saundersiopmina, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 356 (20-1-1927).
- Stenosturmia*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 274, N.º 550 (20-1-1927).
- stricta*, *Stenosturmia*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 358 (20-1-1927).
- Sturmioactia*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 261, N.º 447 (20-1-1927).
- Tachinophytopsis*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 277, N.º 578 (20-1-1927).
- Tachinosoma*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 246, N.º 330 (20-1-1927).
- tarsalis*, *Opsosturmia*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 340 (20-1-1927).
- teffeensis*, *Eucelatoriopsis*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 306 (20-1-1927).
- teffeensis*, *Xilocamptopsis*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 367 (20-1-1927).
- Thelairodoria*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 266, N.º 489 (20-1-1927).
- Thelyoxynops*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 273, N.º 543 (20-1-1927).
- Thelyphaenopsis*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 262, N.º 459 (20-1-1927).
- thrix*, *Thelairodoria*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 359 (20-1-1927).
- Thysanosturmia*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 265, N.º 484 (20-1-1927).
- Tinalydella*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 265, N.º 484 (20-1-1927).
- Tinanemorilla*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 266, N.º 493 (20-1-1927).
- tinensis*, *Tinalydella*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 360 (20-1-1927).
- triangulifera*, *Sarcoprosena*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 356 (20-1-1927).
- Trichopyrrhosia*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 243, N.º 307 (20-1-1927).
- tridens*, *Triodontopyga*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 362 (20-1-1927).

- Triodontopyga*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 268, N.º 503 (20-1-1927).
- trivittata*, *Catasarcophaga*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 295 (20-1-1927).
- Tromodesiopsis*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 221, N.º 125 (20-1-1927).
- tropica*, *Tropidopsiomorpha*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 362 (20-1-1927).
- Tropidopsiomorpha*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 226, N.º 169 (20-1-1927).
- Tuberculocera*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 246, N.º 327 (20-1-1927).
- Ucayalimyia*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 378 (20-1-1927).
- unispinosa*, *Ametadoria*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 285 (20-1-1927).
- Urophyllophila*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 235, N.º 241 (20-1-1927).
- Uruactia*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 256, N.º 414 (20-1-1927).
- uruhuasi*, *Euclausicella*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 306 (20-1-1927).
- uruhuasi*, *Exodexia*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 310 (20-1-1927).
- uruhuasi*, *Exoernestia*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 310 (20-1-1927).
- uruhuasi*, *Piximactia*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 348 (20-1-1927).
- uruhuasi*, *Trichopyrrhosia*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 362 (20-1-1927).
- uruhuasi*, *Uruactia*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 364 (20-1-1927).
- Verrugomyia*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 217, N.º 95 (20-1-1927).
- Verrugophryno*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 262, N.º 455 (20-1-1927).
- Wulpia*, *Eggonia*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 271, N.º 530 (20-1-1927).
- Xanthobrachycoma*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 232, N.º 215 (20-1-1927).
- Xanthophyllophila*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 234, N.º 239 (20-1-1927).

- Xanthozonella*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 240, N.º 280 (20-1-1927).
- Xylocampa*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 235, N.º 223 (20-1-1927).
- Xylocamptomina*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 243, N.º 309 (20-1-1927).
- Xylocamptopsis*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 220, N.º 124 (20-1-1927).
- Xylocopodes*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 207, N.º 4 (20-1-1927).
- yahuarmayana*, *Bolodoria*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 290 (20-1-1927).
- yahuarmayana*, *Epiphyllaphila*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 304 (20-1-1927).
- yahuarmayensis*, *Didymops*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 302 (20-1-1927).
- yahuarphryno*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 263, N.º 468 (20-1-1927).
- yahuarphrynoides*, *Yahuartachina*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 368 (20-1-1927).
- yahuartackina*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 261, N.º 449 (20-1-1927).
- Zygozenilia*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 268, N.º 505 (20-1-1927).

HOMOPTERA

FULGORIDAE

- orthocephala*, *Laternaria*, José Pinto da Fonseca, Tomo XIV, p. 493, Est. VI, figs. 1-2 (10-1-1926).
- riograndensis*, *Laternaria servillei*, José Pinto da Fonseca, Tomo XIV, p. 486, Est. III, fig. 1 (10-1-1926).
- theresopolensis*, *Laternaria servillei*, José Pinto da Fonseca, Tomo XIV, p. 487, Est. III, fig. 2, (10-1-1926).

HEMIPTERA

ALEURODIDAE

- albescens*, *Aleyrodes*, Adolph Hempel, Tomo XIII, p. 1142 (29-XII-1922).
- Aleuromidus*, Adolph Hempel, *Notas preliminares*, Vol. 2.º, fasc. 1.º, p. 5 (15-III-1922).

- atratus*, Aleurothrachelus, Adolph Hempel, Notas preliminares, Vol. 2.º, fasc. 1.º, p. 3 (15-III-1922).
- bahienses*, Pseudaleurodicus, Adolph Hempel, Notas preliminares, Vol. 2.º, fasc. 1.º, p. 9 (15-III-1922).
- bonariensis*, Nealeyrodes, Adolph Hempel, Tomo XIII, p. 1.144 (29-XII-1922).
- Ceraleurodicus*, Adolph Hempel, Notas preliminares, Vol. 2.º, fasc. 1.º, p. 6 (15-III-1922).
- cockerelli*, Aleurodes, H. von Ihering, Tomo II, p. 593 c/ figura (28-XII-1897).
- depressus*, Pseudaleyrodes, Adolph Hempel, Tomo XIII, p. 1.141 (29-XII-1922).
- distinctus*, Aleurothrachelus, Adolph Hempel, Tomo XIII, p. 1.147 (29-XII-1922).
- eriosemae*, Luederwaldtiana, Adolph Hempel, Tomo XIII, p. 1.151 (29-XII-1922).
- fenestellae*, Aleurothrachelus, Adolph Hempel, Tomo XIII, p. 1.148, Est. II, fig. 3 (29-XII-1922).
- flavus*, Aleurodicus, Adolph Hempel, Notas preliminares, Vol. 2.º, fasc. 1, p. 4 (15-III-1922).
- flumineus*, Aleurodicus, Adolph Hempel, Tomo X, p. 211, 1 estampa, (XII-1918).
- induratus*, Aleuronudus, Adolph Hempel, Notas preliminares, Vol. 2.º, fasc. 1.º, p. 5 (15-III-1922).
- jaboticabae*, Pseudaleurolobus, Adolph Hempel, Tomo XIII, p. 1.156 (29-XII-1922).
- latus*, Aleurodes, Adolph Hempel, Tomo XIII, p. 1.143 (29-XII-1922).
- Luederwaldtiana*, Adolph Hempel, Tomo XIII, p. 1.151 (29-XII-1922).
- maritimus*, Aleurodicus, Adolph Hempel, Tomo XIII, p. 1.123, Est. 1, fig. 2 (29-XII-1922).
- marmoratus*, Aleurodicus, Adolph Hempel, Tomo XIII, p. 1.124, Est. II, fig. 1 (29-XII-1922).
- miconiae*, Aleurothrixus, Adolph Hempel, Tomo XIII, p. 1.154 (29-XII-1922).
- Nealeurodicus*, Adolph Hempel, Tomo XIII, p. 1.134 (29-XII-1922).
- Nealeyrodes*, Adolph Hempel, Tomo XIII, p. 1.144 (29-XII-1922).
- nitidus*, Octaleurodicus, Adolph Hempel, Notas preliminares, Vol. 2.º, fasc. 1.º, p. 8 (15-III-1922).
- Octaleurodicus*, Adolph Hempel, Notas preliminares, Vol. 2.º, fasc. 1, p. 7 (15-III-1922).

- paulistus*, Nealeurodicus, Adolph Hempel, Tomo XIII, p. 1.134 (29-XII-1922).
- poinsettiae*, Bemisia, Adolph Hempel, Tomo XIII, p. 1.139 (29-XII-1922).
- pseudaleurodicus*, Adolph Hempel, Notas preliminares, Vol. 2.º, fasc. 1, p. 9 (15-III-1922).
- Pseudaleurolobus*, Adolph Hempel, Tomo XIII, p. 1.155 (29-XII-1922).
- Pseudaleyrodes*, Adolph Hempel, Tomo XIII, p. 1.141 (29-XII-1922).
- splendidus*, Ceraleurodicus, Adolph Hempel, Notas preliminares, Vol. 2.º, fasc. 1.º, p. 7 (15-III-1922).
- stellatus*, Aleurotrachelus, Adolph Hempel, Notas preliminares, Vol. 2.º, fasc. 1.º p. 4 (15-III-1922).

COCCIDAE

- albata*, Tectopulvinaria, Adolph Hempel, Tomo IV, p. 483, N.º 19, Est. XI, fig. 4 (28-VII-1900).
- amazonicus*, Ceroplastes, Adolph Hempel, Tomo IV, p. 454, N.º 69 (28-VII-1900).
- Apiococcus*, Adolph Hempel, Tomo IV, p. 401, (28-VII-1900).
- argaformis*, Mesolecanium, Adolph Hempel, Tomo XII, 2.ª, p. 346 (5-XII-1920).
- argentata*, Lichtensia, Adolph Hempel, Tomo IV, p. 492, N.º 97, Est. XI, figs. 8-10 (28-VII-1900).
- argentata*, Pseudoparlatoria, Adolph Hempel, Catalogos da fauna brasileira, Vol. III, p. 60 (III-1912).
- argentatus*, Mytilaspis, T. D. A. Cockerell, Tomo III, p. 43, N.º 8 (15-II-1899).
- armatus*, Eriococcus, Adolph Hempel, Tomo IV, p. 383, N.º 9, Est. V, fig. 10 (28-VII-1900).
- asper*, Stigmacoccus, Adolph Hempel, Tomo IV, p. 400, N.º 22, Est. IX, figs. 5-6 (28-VII-1900).
- asperatus*, Apiococcus, Adolph Hempel, Tomo IV, p. 404, N.º 25 (28-VII-1900).
- attenuata*, Lichtensia, Adolph Hempel, Tomo IV, p. 494, N.º 98 (28-VII-1900).
- australis*, Diaspis, Adolph Hempel, Tomo IV, p. 521, N.º 130, Est. XII, fig. 4 (28-VII-1900).
- baccharidis*, Solenococcus, Adolph Hempel, Tomo IV, p. 392, N.º 16, Est. VI, fig. 4 (28-VII-1900).

- brasiliensis*, Cryptokermes, Adolph Hempel, p. 398, N.º 21, Est. VI, figs. 6-7 (28-VII-1900).
- brasiliensis*, Eriococcus, T. D. A. Cockerell, Tomo IV, p. 363 (28-VII-1900).
- brasiliensis*, Icerya, Adolph Hempel, Tomo IV, p. 370, N.º 1, Est. V, figs. 1-5 Est. IX, figs. 1-1B (28-VII-1900).
- brasiliensis*, Megasaissetia, Adolph Hempel, Catalogos da fauna brasileira, Vol. III, p. 60 (III-1912).
- brunfelsia*, Lecanium, Adolph Hempel, Tomo IV, p. 418, N.º 37, Est. VI, figs. 15-16 (28-VII-1900).
- campomanesiae*, Lecanium, Adolph Hempel, Tomo IV, p. 447, N.º 64, Est. VIII, fig. 9 (28-VII-1900).
- cecropiae*, Lachnodiella, Adolph Hempel, Tomo VIII, p. 52 (10-V-1911).
- chilensis*, Icerya, Adolph Hempel, Tomo XII, 2.^a, p. 333 (5-XII-1920).
- citriperda*, Icerya purchasi Adolph Hempel, Tomo XII, 2.^a, p. 337 (5-XII-1920).
- communis*, Ceroplastes, Adolph Hempel, Tomo IV, p. 459, N.º 72, Est. X, fig. 1 (28-VII-1900).
- convexa*, Protopulvinaria, Adolph Hempel, Tomo IV, p. 485, N.º 92 (28-VII-1900).
- coffeeae*, Eriococcus, Adolph Hempel, Tomo XI, p. 453 (7-XII-1919).
- Cryptokermes*, Adolph Hempel, Tomo IV, p. 398, (28-VII-1900).
- cryptus*, Pseudococcus, Adolph Hempel, Tomo X, p. 199, (XII-1918).
- cultus*, Ceroplastes, Adolph Hempel, Tomo IV, p. 470, N.º 81, Est. X, figs. 7-8 (28-VII-1900).
- cuneatus*, Ceroplastes, Adolph Hempel, Tomo IV, p. 471, N.º 82, Est. X, fig. 9 (28-VII-1900).
- cydoniae*, Tachardia, Adolph Hempel, Tomo IV, p. 410, N.º 32, Est. VI, fig. 10 (28-VII-1900).
- depressa*, Pulvinaria, Adolph Hempel, Tomo IV, p. 490, N.º 95 (28-VII-1900).
- Diaspidistis*, Adolph Hempel, Tomo IV, p. 522 (28-VII-1900).
- discoides*, Lecanium, Adolph Hempel, Tomo IV, p. 433, N.º 51, Est. VIII, fig. 2 (28-VII-1900).
- durum*, Lecanium, Adolph Hempel, Tomo IV, p. 427, N.º 47, Est. VII, fig. 6 (28-11-1900).
- erythrinae*, Lecanium, H. von Ihering, Tomo II, p. 407 (28-XII-1897).
- eugeniae*, Lecanium, Adolph Hempel, Tomo IV, p. 439, N.º 58, Est. VIII, fig. 4 (28-VII-1900).

- eugeniae*, Pulvinaria, Adolph Hempel, Tomo IV, p. 488, N.º 94, Est. XI, figs. 6-7 (28-VII-1900).
- excaecarie*, Ceroplastes, Adolph Hempel, Catalogos da fauna brasileira, Vol. III, p. 60 (III-1912).
- ferum*, Mesolecanium, Adolph Hempel, Tomo XII 2.^a, p. 350 (5-XII-1920).
- figus*, Pulvinaria, Adolph Hempel, Tomo IV, p. 486, N.º 93, Est. XI, fig. 5 (28-VII-1900).
- flava*, Diaspis, Adolpho Hempel, Tomo XI, p. 455 (7-XII-1919).
- flava*, Icerya, Adolph Hempel, Tomo XII, 2.^a, p. 334 (5-XII-1920).
- formicarius*, Ceroplastes, Adolph Hempel, Tomo IV, p. 472, N.º 83 (28-VII-1900).
- formosus*, Ceroplastes, Adolph Hempel, Tomo IV, p. 468, N.º 79 (28-VII-1900).
- genistae*, Icerya, Adolph Hempel, Catalogos da fauna brasileira, Vol. III, p. 55 (III-1912).
- glanubosum*, Lecanium, Adolph Hempel, Tomo IV, p. 428, N.º 48, Est. VII, figs. 7-9 (28-VI-1900).
- globosus*, Apiococcus, Adolph Hempel, Tomo IV, p. 405, N.º 26 (28-VII-1900).
- gracile*, Lecanium, Adolph Hempel, Tomo IV, p. 419, N.º 38, Est. VII, fig. 1 (28-VII-1900).
- grandis*, Ceroplastes, Adolph Hempel, Tomo IV, p. 455, N.º 70, Est. VIII, figs. 13-14 (28-VII-1900).
- grandis*, Dactylopius, Adolph Hempel, Tomo IV, p. 384, N.º 11, Est. V, fig. 11 (28-VII-1900).
- grandis*, Orthezia, Adolph Hempel, Tomo XII, 2.^a, p. 342 (5-XII-1920).
- grandis*, Pulvinaria, Adolph Hempel, Tomo IV, p. 491, N.º 96 (28-VII-1900).
- gregarius*, Apiococcus, Adolph Hempel, Tomo IV, p. 402 N.º 23, Est. VI, fig. 8 (28-VII-1900).
- illusorius*, Troctes, H. von Ihering, Tomo III, p. 46 (15-II-1899).
- infrequens*, Lecanium, Adolph Hempel, Tomo IV, p. 431, N.º 50, Est. VIII, fig. 1 (28-VII-1900).
- ingae*, Tachardia, Adolph Hempel, Tomo IV, p. 415, N.º 36, Est. IX, fig. 7 (28-VII-1900).
- insulans*, Icerya, Adolph Hempel, Tomo XIII, p. 510 (29-XII-1922).
- jaboticabae*, Aspidiotus, Adolph Hempel, Tomo X, p. 206 (XII-1918).

- jaboticabae*, Capulinia, H. von Ihering, Tomo III, p. 48 (15-II-1899).
- jaboticabae*, Lecanium, Adolph Hempel, Tomo IV, p. 443, N.º 60, Est. VIII, figs. 6-7 (28-VII-1900).
- ianeirensis*, Aspidiotus (Odonaspis), Adolpho Hempel, Tomo IV, p. 500, N.º 103 (28-VII-1900).
- Lachnodiella*, Adolph Hempel, Tomo VIII, p. 52 (10-V-1911).
- lanigerum*, Lecanium, Adolph Hempel, Tomo IV, p. 446, N.º 63 (28-VII-1900).
- linearis*, Pseudischnaspis, Adolph Hempel, Tomo IV, p. 506, N.º 110, Est. XII, figs. 1-3 (28-VII-1900).
- longipes*, Orthezia, Adolph Hempel, Tomo XII, 2.^a, p. 343 (5-XII-1920).
- lucida*, Saissetia, Adolph Hempel, Catalogos da fauna brasileira, Vol. III, p. 60 (III-1912).
- lucidum*, Mesolecanium, Adolph Hempel, Catalogos da fauna brasileira, Vol. III, p. 60 (III-1912).
- lucidus*, Ceroplastes, Adolph Hempel, Tomo IV, p. 465, N.º 77, Est. X, fig. 4 (28-VII-1900).
- luederwaldti*, Icerya, Adolph Hempel, Tomo X p. 197 (XII-1918).
- maculata*, Aulacaspis boisduvalii, T. D. A. Cockerell, Tomo III, p. 502, N.º 4 (15-II-1899).
- marmoratum*, Mesolecanium, Adolph Hempel, Tomo XII, 2.^a, p. 348 (5-XII-1920).
- mayteni*, Lecanium, Adolph Hempel, Tomo IV, p. 438, N.º 57, Est. VIII, fig. 3 (28-VII-1900).
- Megalecanium*, Adolph Hempel, Tomo XII, 2.^a, p. 352 (5-XII-1920).
- melzeri*, Eulecanium, Adolph Hempel, Tomo XII, 2.^a, p. 351 (5-XII-1920).
- minensis*, Diaspis, Adolph Hempel, Tomo X, p. 205 (XII-1918).
- multilobis*, Diaspidistis, Adolph Hempel, Tomo IV, p. 522, N.º 131, Est. XII, fig. 5 (28-VII-1900).
- nectandrae*, Megasaisselia, Adolph Hempel, Tomo X, p. 203 (XII-1918).
- niveus*, Monophlebus, Adolph Hempel, Tomo XII, 2.^a, p. 331 (5-XII-1920).
- noaki*, Pseudoparlatoria, T. D. A. Cockerell, Tomo III, p. 42, N.º 2 (15-II-1899).
- novaesi*, Cerosplastes, Adolph Hempel, Tomo IV, p. 457, N.º 71, Est. IX, figs. 8-9 (28-VII-1900).
- ornata*, Pulvinaria, Adolpho Hempel, Catalogos da fauna brasileira, Vol. III, p. 60 (III-1912).

- ornatum*, Lecanium, Adolph Hempel, Tomo IV, p. 421, N.º 39, Est. VII, figs. 2-3 (28-VII-1900).
- ovatus*, Tectococcus, Adolph Hempel, Tomo IV, p. 406, N.º 27, Est. VI, fig. 9 (28-VII-1900).
- parahybensis*, Cerococcus, Adolph Hempel, Tomo XV, p. 389, figs. 1-2 (20-1-1927).
- parva*, Tachardia, Adolph Hempel, Tomo IV, p. 413, N.º 34, Est. VI, fig. 12 (28-VII-1900).
- paulista*, Icerya, Adolph Hempel, Tomo XII, 2.^a, p. 336 (5-XII-1920).
- paulistus*, Aspidiotus (Chrysomphalus) Adolph Hempel, Tomo IV, p. 504, N.º 108, Est. XI, figs. 11-12 (28-VII-1900).
- pendens*, Pendularia, José Pinto da Fonseca, Tomo XVI, p. 849, figs. 1-2 (12-1-1929).
- perconvexum*, Lecanium, T. D. A. Cockerell, Tomo III, p. 41, N.º 1, (15-II-1899).
- perlonga*, Mytilaspis, T. D. A. Cockerell, Tomo III, p. 42, N.º 3 (15-II-1899).
- perplexus*, Eriococcus, Adolph Hempel, Tomo IV, p. 381, N.º 8, Est. V, figs. 7-9 (28-VII-1900).
- Pseudischnaspis*, Adolph Hempel, Tomo IV, p. 506, (28-VII-1900).
- purpureus*, Ceroplastes, Adolph Hempel, Tomo IV, p. 466, N.º 78, Est. X, fig. 5 (28-VII-1900).
- rarus*, Ceroplastes, Adolph Hempel, Tomo IV, p. 469, N.º 80, Est. X, fig. 6 (28-VII-1900).
- rhizophorae*, Ceroplastes, Adolph Hempel, Tomo X, p. 201, (XII-1918).
- rhizophorae*, Lecanium (Calymnatus) T. D. A. Cockerell, Tomo III, p. 501, N.º 3 (15-II-1899).
- rosae*, Tachardia, Adolph Hempel, Tomo IV, p. 414, N.º 35, Est. VI, figs. 13-14 (28-VII-1900).
- rotundus*, Ceroplastes, Adolph Hempel, Tomo IV, p. 473, N.º 84 (28-VII-1900).
- rubra*, Tachardia, Adolph Hempel, Tomo IV, p. 411, N.º 33, Est. VI, fig. 11 (28-VII-1900).
- rugosus*, Lecaniodiaspis, Adolph Hempel, Tomo IV, p. 407, N.º 28 (28-VII-1900).
- schrottkyi*, Icerya, Adolph Hempel, Tomo IV, p. 373, N.º 2, Est. IX, figs. 2-3 (28-VII-1900).
- secretus*, Dactylopius, Adolph Hempel, Tomo IV, p. 387, N.º 13, Est. VI, fig. 1 (28-VII-1900).
- retosus*, Dactylopius, Adolph Hempel, Tomo IV, p. 386, N.º 12, Est. V, fig. 12 (28-VII-1900).

- simplex*, Ceroplastes, Adolph Hempel, Tomo IV, p. 475, N.º 86, Est. X, fig. 10 (28-VII-1900).
- singularis*, Apiococcus, Adolph Hempel, Tomo IV, p. 403, N.º 24 (28-VII-1900).
- speciosus*, Ceroplastes, Adolph Hempel, Tomo IV, p. 464, N.º 76, Est. X, fig. 3 (28-VII-1900).
- spiriferus*, Phenacoccus, Adolph Hempel, Tomo IV, p. 389, N.º 14, Est. VI, fig. 2 (28-VII-1900).
- Stigmatococcus*, Adolph Hempel, Tomo IV, p. 399, (28-VII-1900).
- subterraneum*, Neolecanium, Adolph Hempel, Tomo X, p. 202 (XII-1918).
- taquarae*, Lachnodiella, Adolph Hempel, Tomo XII, 2.^a, p. 345 (5-XII-1920).
- taquare*, Ripersia, Adolph Hempel, Catalogos da fauna brasileira, Vol. III, p. 58 (III-1912).
- taunayi*, Icerya, Adolph Hempel, Tomo XII, 2.^a, p. 340 (5-XII-1920).
- Tectococcus*, Adolph Hempel, Tomo IV, p. 406 (28-VII-1900).
- Tectopulvinaria*, Adolph Hempel, Tomo IV, p. 482 (28-VII-1900).
- testudinis*, Megalecanium, Adolph Hempel, Tomo XII, 2.^a, p. 352 (5-XII-1920).
- tuberculus*, Solenococcus, Adolph Hempel, Tomo IV, p. 390, N.º 15, Est. VI, fig. 3 (28-VII-1900).
- uvicola*, Mesolecanium, Adolph Hempel, Tomo XII, 2.^a p. 349 (5-XII-1920).
- variegatus*, Ceroplastes, Adolph Hempel, Tomo IV, p. 462, N.º 75, Est. X, fig. 2 (28-VII-1900).
- zanthoxylum*, Lecanium, Adolph Hempel, Tomo IV, p. 430, N.º 49, Est. VIII, fig. 10 (28-VII-1900).

MALLOPHAGA

- Goniocotacanthus*, L. R. Guimarães, Tomo XX, p. 225 (31-1-1936).
- mattogrossensis*, *Goniocotacanthus*, L. R. Guimarães, Tomo XX, p. 226, Est. 1, fig. 2; Est. IV, figs. 8-9 (31-1-1936).
- Vernonia*, L. R. Guimarães, Tomo XX, p. 221 (31-1-1936).

ORTHOPTERA

BLATTIDAE

- hylaeceps*, *Parahormetica*, Paulo de Miranda-Ribeiro, Tomo XX, p. 218, fig. 2 (31-1-1936).

itatiayae, Hormetica, Paulo de Miranda-Ribeiro, Tomo XX, p. 217, fig. 1 (31-1-1936).

PISCES

TELEOSTEI

AGONIDAE

Paragonus, Alipio Miranda-Ribeiro, Tomo X, p. 787, (XII-1918).

sertorii, Paragonus, Alipio Miranda-Ribeiro, Tomo X, p. 788, c/ es-tampa (XII-1918).

CALLICHTHYIDAE

Aspidoras, Rodolpho von Ihering, Notas preliminares, Vol. 1, fasc. 1, p. 31 (9-X-1907).

eigenmanni, Corydoras, Rodolpho von Ihering, Notas preliminares, Vol. 1, fasc. 1, p. 35 (9-X-1907).

flaveolus, Corydoras, Rodolpho von Ihering, Tomo VIII, p. 386 (10-V-1911).

garbei, Corydoras, Rodolpho von Ihering, Tomo VIII, p. 382 (10-V-1911).

juquiaae, Corydoras, Rodolpho von Ihering, Notas preliminares, Vol. 1, fasc. 1, p. 37 (9-X-1907).

meridionalis, Corydoras, Rodolph von Ihering, Tomo VIII, p. 380 (10-V-1911).

rochai, Aspidoras, Rodolpho von Ihering, Notas preliminares, Vol. 1, fasc. 1, p. 31 (9-X-1907).

triseriatus, Corydoras nattereri, Rodolpho von Ihering, Tomo VIII, p. 386 (10-V-1911).

venezuelanus, Corydoras, Rodolpho von Ihering, Tomo VIII, p. 383 (10-V-1911).

CHARACINIDAE

acuminatus, Catabasis, Carl H. Eigenmann e Allen A. Norris, Tomo IV, p. 358 (28-VII-1900).

avus, Tetragonopterus, A. Smith Woodward F. L. S. Tomo III, p. 66, fig. 3 (15-II-1899).

Catabasis, Carl H. Heigenmann e Allen A. Norris, Tomo IV, p. 358 (28-VII-1900).

ligniticus, Tetragonopterus, A. Smith Woodward F. L. S., Tomo III, p. 67, figs 4-5 (15-II-1899).

multifasciatus, *Tetragonopterus*, Carl H. Eigenmann e Allen A. Norris, Tomo IV, p. 358 (28-VII-1900).

tiete, *Myletes*, Carl H. Eigenmann e Allen A. Norris, Tomo IV, p. 359 (28-VII-1900).

tortuosus, *Parodon*, Carl H. Eigenmann e Allen A. Norris, Tomo IV, p. 356 (28-VII-1900).

CICHLIDAE

biocellata, *Crenicichla*, Rodolpho von Ihering, Tomo IX, p. 333 (II-1914).

cyanopterus, *Gymnogeophagus*, Alipio Miranda-Ribeiro, Tomo X, p. 790 (XII-1918).

Gymnogeophagus, Alipio Miranda-Ribeiro, Tomo X, p. 790 (XII-1918).

mucuryna, *Crenicichla*, Rodolph von Ihering, Tomo IX, p. 335 (II-1914).

ELECTROPHORIDAE

nigriceps, *Gymnotus aequilabiatus*, Rodolph von Ihering, Tomo VII, p. 285 (12-IX-1908).

LORICARIIDAE

uncistroides, *Plecostomus*, Rodolph von Ihering, Tomo VIII, p. 396 (10-V-1911).

bahiensis, *Microlepidogaster*, Alipio Miranda-Ribeiro, Tomo X, p. 635 (XII-1918).

brevis, *Plecostomus*, J. Treadwell Nichols, Tomo XI, p. 413 (7-XII-1919).

butantanis, *Plecostomus margaritifer*, Rodolph von Ihering, Tomo V, p. 394 (10-V-1911).

depressicauda, *Otocinclus*, Alipio Miranda-Ribeiro, Tomo X, p. 635 (XII-1918).

depressinotus, *Microlepidogaster*, Alipio Miranda-Ribeiro, Tomo X, p. 633 (XII-1918).

doceanus, *Microlepidogaster*, Alipio Miranda-Ribeiro, Tomo X, p. 634 (XII-1918).

garbei, *Hemipsilichthys*, Rodolpho von Ihering, Tomo VIII, p. 399 (10-V-1911).

guntheri, *Microlepidogaster*, Alipio Miranda-Ribeiro, Tomo X, p. 634 (XII-1918).

henriquei, *Farlowella*, Alipio Miranda-Ribeiro, Tomo X, p. 636 (XII-1918).

- intermedius*, *Pseudotocinclus*, John Treadwell Nichols, Tomo XI, p. 534 (7-XII-1919).
- interruptus*, *Plecostomus*, Alipio Miranda-Ribeiro, Tomo X, p. 632 (XII-1918).
- lacerta*, *Plecostomus*, John Treadwell Nichols, Tomo XI, p. 414 (7-XII-1919).
- lexi*, *Plecostomus*, Rodolpho von Ihering, Tomo VIII, p. 387, (10-V-1911).
- luederwaldti*, *Pseudancistrus*, Alipio Miranda-Ribeiro, Tomo X, p. 632 (XII-1918).
- microps*, *Plecostomus*, (*Rhinelepis*) Rodolph von Ihering, *Notas preliminares*, Vol. 1, fasc. 1, p. 25 (9-X-1907).
- piracicabae*, *Loricaria*, Rodolpho von Ihering, *Notas preliminares*, Vol. 1, fasc. 1, p. 29 (9-X-1907).
- Pseudotocinclus*, John Treadwell Nichols, Tomo XI, p. 533 (7-XII-1919).
- scaphycephs*, *Plecostomus*, John Treadwell Nichols, Tomo XI, p. 416 (7-XII-1919).
- taunayi*, *Ancistrus*, Alipio Miranda-Ribeiro, Tomo X, p. 631 (XII-1918).
- tietensis*, *Otocinclus* (*Microlepidogaster*) Rodolpho von Ihering, *Notas preliminares*, Vol. 1, fasc. 1, p. 27 (9-X-1907).
- variipictus*, *Plecostomus*, Rodolph von Ihering, Tomo VIII, p. 390 (10-V-1911).

SERRANIDAE

- antiquus*, *Percichthys*, A. Smith Woodward, Tomo III, p. 68, fig. 6-7 (15-II-1899).

SILURIDAE

- Bergiella*, Carl H. Eigenmann e Allen A. Norris, Tomo IV, p. 355 (28-VII-1900).
- bifasciatus*, *Nannoglanis*, Carl H. Eigenmann e Allen A. Norris, Tomo IV, p. 350 (28-VII-1900).
- Ceratropheilus*, Alipio Miranda-Ribeiro, Tomo X, p. 644, (XII-1918).
- frenatus*, *Rhamdioglanis*, Rodolpho von Ihering, *Notas preliminares*, Vol. 1, fasc. 1, p. 16. (9-X-1907).
- garbei*, *Pimelodela*, Alipio Miranda Ribeiro, Tomo X, p. 639 (XII-1918).
- Goeldiella*, Carl H. Eigenmann e Allen A. Norris, Tomo IV, p. 353, (28-VII-1900).

- hydrostaticus**, Pleurophysus, Alipio Miranda Ribeiro, Tomo X, p. 636 (XII-1918).
- iheringi**, Arius, A. Smith Woodward F. L. S., Tomo III, p. 64, figs. 1-2 (15-II-1899).
- Iheringichthys**, Carl H. Eigenmann e Allen A. Norris, Tomo IV, p. 354 (28-VII-1900).
- Imparfinis**, Carl H. Eigenmann e Allen A. Norris, Tomo IV, p. 351 (28-VII-1900).
- marginata**, Taunayia, Alipio Miranda Ribeiro, Tomo X, p. 642 (XII-1918).
- megalura**, Pimelodella, Alipio Miranda Ribeiro, Tomo X, p. 638 (XII-1918).
- melanopterus**, Glanidium, Alipio Miranda Ribeiro, Tomo X, p. 643 (XII-1918).
- multiradiatus**, Heptapterus, Rodolpho von Ihering, Notas preliminares, Vol. 1, fasc. 1, p. 20 (9-X-1907).
- osteomystax**, Ceratocheilus, Alipio Miranda-Ribeiro, Tomo X, p. 644, fig. (XII-1918).
- Perugia**, Carl H. Eigenmann e Allen A. Norris, Tomo IV, p. 355 (28-VII-1900).
- piperatus**, Imparfinis, Carl H. Eigenmann e Allen A. Norris, Tomo IV, p. 352 (28-VII-1900).
- Pleurophysus**, Alipio Miranda-Ribeiro, Tomo X, p. 636 (XII-1918).
- Rhamdioglanis**, Rodolph von Ihering, Notas preliminares, V. 1.º, fasc. 1, p. 16 (9-X-1907).
- rudolphi**, Pimelodella, Alipio Miranda Ribeiro, Tomo X, p. 637 (XII-1918).
- scripta**, Steindachneria, Alipio Miranda Ribeiro, Tomo X, p. 640 (XII-1918).
- Taunayia**, Alipio Miranda Ribeiro, Tomo X, p. 642, (XII-1918).

AMPHIBIA

APODA

GYNMOPHIDAE

- insulanus**, Siphonops, Rodolph von Ihering, Tomo VIII, p. 109 (10-V-1911).

SALIENTIA

BRACHYCEPHALIDAE

- atro-luteus**, Atelopus, Alipio Miranda Ribeiro, Tomo XII, 2.^a, p. 308, pl. I, 2 figs. (5-XII-1920).

- bufonoides*, *Brachycephalus ephippium*, Alipio Miranda-Ribeiro, Tomo XII, 2.^a, p. 314 (5-XII-1920).
garbeana, *Brachycephalus ephippium*, Alipio Miranda-Ribeiro, Tomo XII, 2.^a, p. 314, pl. III, (5-XII-1920).
imitator, *Atelopus*, Alipio Miranda-Ribeiro, Tomo XII, 2.^a, p. 310 (5-XII-1920).
moreirae, *Atelopus*, Alipio Miranda-Ribeiro, Tomo XII, 2.^a, p. 307, pl. 1, 4 figs. (5-XII-1920).
pachyrhynus, *Atelopus*, Alipio Miranda-Ribeiro, Tomo XII, 2.^a, p. 309, Est. I, 2 figs. (5-XII-1920).

CERATOPHRYDIDAE

- lineata*, *Engystoma ovale*, Alipio Miranda-Ribeiro, Tomo XII, 2.^a, p. 284 (5-XII-1920).
Proceratophrys, Alipio Miranda-Ribeiro, Tomo XII, 2.^a, p. 301 (5-XII-1920).
renalis, *Ceratophrys*, Alipio Miranda-Ribeiro, Tomo XII, 2.^a, p. 296, pl. I; pl. II; pl. III (5-XII-1920).

ELOSIIDAE

- Magaelosia*, Alipio Miranda-Ribeiro, Tomo XIII, p. 819, N.^o 2 (29-XII-1922).

ENGYSTOMATIDAE

- bicegoi*, *Chiasmocleis*, Alipio Miranda-Ribeiro, Tomo XII, 2.^a, p. 286, figs. 1-3 (5-XII-1920).
cesarii, *Engystoma ovale*, Alipio Miranda-Ribeiro, Tomo XII, 2.^a, p. 283, pl. II, fig. 8 (ex Ihering manuscripto) (5-XII-1920).
Emydops, Alipio Miranda-Ribeiro, Tomo XII, 2.^a, p. 286 (5-XII-1920).
hypomelas, *Emydops*, Alipio Miranda-Ribeiro, Tomo XII, 2.^a, p. 287, pl. II, figs. 4-6 (5-XII-1920).
sub-nigrum, *Engystoma*, Alipio Miranda-Ribeiro, Tomo XII, 2.^a, p. 285, pl. I, 2 figs; pl. II, fig. 7 (5-XII-1920).

HYLIDAE

- apicalis*, *Corythomantis*, Alipio Miranda-Ribeiro, Tomo XII, 2.^a, p. 89, c/ pl. (5-XII-1920).
brunoi, *Aparasphenodon*, Alipio Miranda-Ribeiro, Tomo XII, 2.^a, p. 88, fig. 1 (5-XII-1920).
crnestoi, *Gastrotheca*, Alipio Miranda-Ribeiro, Tomo XII, 2.^a, p. 323 (5-XII-1920).

fissilis, *Coelonotus* (ex *Ihering*?) Alipio Miranda-Ribeiro, Tomo XII, 2.^a, p. 324 (5-XII-1920).

Holoaden, Alipio Miranda-Ribeiro, Tomo XII, 2.^a, p. 319, (5-XII-1920).

luederwaldti, *Holoaden*, Alipio Miranda-Ribeiro, Tomo XII, 2.^a, p. 319, pl. I, fig. a-f (5-XII-1920).

HYLODIDAE

Basanitia, Alipio Miranda-Ribeiro, Tomo XIII, p. 851 (29-XII-1922).

dubius, *Ilodiscus*, Alipio Miranda-Ribeiro, Tomo XII, 2.^a, p. 268, N.º 1, pl. I, 6 figs; pl. II, pl. III, 2 figs. (5-XII-1920).

eleutherodactylus, *Ilodiscus*, Alipio Miranda-Ribeiro, Tomo XII, 2.^a, p. 270, N.º 4, pl. V, 2 fig. (5-XII-1920).

Ilodiscus, Alipio Miranda-Ribeiro, Tomo XII, 2.^a, p. 267, (5-XII-1920).

lactea, *Basanitia*, Alipio Miranda-Ribeiro, Tomo XIII, p. 851, pl. I (29-XII-1922).

pinderi, *Ilodiscus*, Alipio Miranda-Ribeiro, Tomo XII, 2.^a, p. 269, N.º 2, pl. III, 1 fig.; pl. IV, a-d; pl. V, 2 figs. (5-XII-1920).

semipalmatus, *Ilodiscus*, Alipio Miranda-Ribeiro, Tomo XII, 2.^a p. 269, N.º 3, pl. III, 1 fig; pl. V, 1 fig.; pl. VI, 8 figs. (5-XII-1920).

LEPTODACTYLIDAE

macroblepharus, *Leptodactylus*, Alipio Miranda-Ribeiro, Tomo XV, p. 124, Est. II (20-1-1927).

macrosternus, *Leptodactylus ocellatus*, Alipio Miranda-Ribeiro, Tomo XV, p. 124, (20-1-1927).

pachyderma, *Leptodactylus*, Alipio Miranda-Ribeiro, Tomo XV, p. 123, Est. I (20-1-1927).

REPITILIA

DINOSAURIA

fiscyeri, *Scapyonyx*, A. Smith, Woodward, Tomo VII, p. 57, figs. I-IV (12-IX-1908).

Scapyonys, A. Smith- Woodward, Tomo VII, p. 57 (12-IX-1908).

TESTUDINES

CHELYIDAE

lutzi, *Hydraspis*, H. Luederwaldt, Tomo XIV, p. 440, fig. 31 (10-1-1926).

quadrisquamosa, *Platemys radiolata*, H. Luederwaldt, Tomo XIV, p. 438, fig. 337 (10-1-1926).

tuberculata, *Rhinemys*, H. Luederwaldt, Tomo XIV, p. 437, fig. 81 (10-1-1926).

SERPENTES

AMBLYCEPHALIDAE

neuwiedi, *Cochliophagus mikani*, Rodolpho von Ihering, Tomo VIII, p. 333 (10-V-1911).

CROTALIDAE

collilineatus, *Crotalus terrificus*, Afranio do Amaral, Tomo XV, p. 90, N.º 2 (20-1-1927).

collirhombeatus, *Crotalus terrificus*, Afranio do Amaral, Tomo XV, p. 90, N.º 1 (20-1-1927).

MICRURIDAE

corallinus, *Micrurus corallinus*, Afranio do Amaral, Tomo XV, p. 23, N.º 1 (20-1-1927).

dumerilii, *Micrurus corallinus*, Afranio do Amaral, Tomo XV, p. 24, N.º 3 (20-1-1927).

riesei, *Micrurus corallinus*, Afranio do Amaral, Tomo XV, p. 26, N.º 2 (20-1-1927).

AVES

ANSERIFORMES

ANATIDAE

sylvicola, *Sarkidiornis*, H. von Ihering e R. von Ihering, Catalogos da fauna brasileira, "Aves", Vol. 1.º, p. 72, N.º 227, (9-X-1907).

GALLIFORMES

CRACIDAE

sulcirostris, *Crax*, H. von Ihering, Tomo III, p. 409, N.º 519 (15-11-1899).

PSITTACIFORMES

PSITTACIDAE

Gymnopsittacus, Alipio Miranda Ribeiro, Tomo XII, 2.ª, p. 26 (5-XII-1920).

Hemipsittacus, Alipio Miranda-Ribeiro, Tomo XII, 2.^a, p. 16 (5-XII-1920).

Propyrrhura, ("Prophyrrhura" errore) Alipio Miranda Ribeiro, Tomo XII, 2.^a, p. 18 (5-XII-1920).

schmidtii, Chrysotis, H. von Ihering, Tomo III, p. 321, N.º 405 (15-II-1899).

CUCULIFORMES

CUCULIDAE

guarana, *Piaya cayana*, H. von Ihering, Tomo VI, p. 448, N.º 140 (8-V-1905).

PICIFORMES

BUCCONIDAE

itapurana, *Monasa nigrifrons*, H. von Ihering e R. von Ihering, *Catálogos da fauna brasileira "Aves"*, Vol. I, p. 413, N.º 641a (9-X-1907).

GALBULIDAE

innotatus, *Galbacyrhynchus leucotis*, H. von Ihering, Tomo VI, p. 445, N.º 118 (8-V-1905).

PICIDAE

corumbanus, *Picumnus lepidosus*, João Leonardo de Lima, Tomo XII, 2.^a, p. 94, Est. II, fig. II (5-XII-1920).

pusillus, *Picumnus*, O. M. Oliveira Pinto, Tomo XX, p. 234 (31-1-1936).

charpei, *Picumnus sagittatus*, H. von Ihering, Tomo V, p. 279 (24-XII-1902).

PASSERIFORMES

CONOPOPHAGIDAE

hellmayri, *Conopophaga lineata*, O. M. Oliveira Pinto, Tomo XX, p. 81 (31-1-1936).

DENDROCOLAPTIDAE

belmontensis, *Xiphocolaptes albicollis*, J. L. Lima, Tomo XII, 2.^a, p. 102, Est. I, fig. II (5-XII-1920).

goyana, *Cranioleuca semicinerea*, O. M. Oliveira Pinto, Tomo XX, p. 91 (31-1-1936).

intermedius, *Campylorhamphus trochilirostris*, J. L. Lima, Tomo XII, 2.^a, Est. II (5-XII-1920).

jaraguana, *Synallaxis brachiura*, O. M. Oliveira Pinto, Tomo XX, p. 89 (31-1-1936).

juruana, *Dendroornis ocellata*, H. von Ihering, Tomo VI, p. 436, N.º 60 (8-V-1905).

juruanus, *Dendrocolaptes*, H. von Ihering, Tomo VI, p. 437, N.º 65 (8-V-1905).

tardus, *Dendrocolaptes plagosus*, H. von Ihering e Rodolpho von Ihering, *Catalogos da fauna brasileira "Aves"*, Vol. I, p. 255, N.º 981a, (9-X-1907).

villanovae, *Xiphocolaptes albicollis*, ("villadenovae" errore). J. L. Lima, Tomo XII, 2.ª, p. 104, Est. I, fig. I, (5-XII-1920).

FORMICARIIDAE

amazonica, *Myrmotherula pyrrhonota*, H. von Ihering, Tomo VI, p. 440, N.º 76 (8-V-1905).

garbei, *Myrmotherula*, H. von Ihering, Tomo VI, p. 441, N.º 81 (8-V-1905).

juruana, *Drymophila*, H. von Ihering, Tomo VI, p. 442, N.º 86 (8-V-1905).

juruana, *Myrmotherula brevicauda*, H. von Ihering, Tomo VI, p. 440, N.º 78 (8-V-1905).

juruanus, *Thamnophilus*, H. von Ihering, Tomo VI, p. 439, N.º 70 (8-V-1905).

novus, *Thamnophilus doliatus*, O. M. Oliveira Pinto, Tomo XVII, 2.ª, p. 753 (5-VII-1932).

TYRANIDAE

difficilis, *Guracava*, H. von Ihering e R. von Ihering, *Catalogos da fauna brasileira "Aves"*, Vol. I p. 271, N.º 1041 (9-X-1907).

Guracava, H. von Ihering e R. von Ihering, *Catalogos da fauna brasileira "Aves"*, Vol. I, p. 271 (9-X-1907).

juruanum, *Ornithion pusillum*, H. von Ihering, Tomo VI, p. 434, N.º 34 (8-V-1905).

paulista, *Phylloscartes*, H. von Ihering e R. von Ihering, *Catalogos da fauna brasileira, "Aves"*, Vol. I, p. 272, N.º 1044 (9-X-1907).

berlepschi, *Myiornis auricularis*, O. M. Oliveira Pinto, Tomo XIX, p. 207 (25-X-1935).

pallidiventris, *Myiozetetes similis*, O. M. Oliveira Pinto, Tomo XIX, p. 212 (25-X-1935).

paulistus, *Tyranniscus bolivianus*, H. von Ihering, Tomo V, p. 272 (24-XII-1902).

COTINGIDAE

hellmayri, *Attila rufus*, O. M. Oliveira Pinto, Tomo XIX, p. 231 (25-X-1935).

TROGLODYTIDAE

juruanus, *Thryothorus genibarbis*, H. von Ihering, Tomo VI, p. 431, N.º 4 (8-V-1905).

TANAGRIDAE

subulirostris, *Tachyphonus rufus*, O. M. Oliveira Pinto, Tomo XIX, p. 268 (25-X-1935).

FRINGILLIDAE

itarareus, *Emberizoides macrourus*, H. von Ihering e R. von Ihering, Catalogos da fauna brasileira, "Aves", Vol. I, p. 389, N.º 1497b (9-X-1907).

sertanicola, *Sporophila*, J. L. Lima, Tomo XII, 2.^a, p. 105, Est. II, fig. III (5-XII-1920).

spiranganus, *Emberizoides macrourus*, H. von Ihering, R. von Ihering, Catalogos da fauna brasileira "Aves", vol. 1, p. 390, N.º 1497c (9-X-1907).

ICTERIDAE

australis, *Ostinops decumanus*, O. M. Oliveira Pinto, Tomo XX, p. 149 (31-I-1936).

valencio-buenoi, *Icterus cayanensis*, H. von Ihering, Tomo V, p. 268 (24-XII-1902).

MAMMALIA

PRIMATA

CEBIDAE

guariba, *Alouata fusca*, H. von Ihering, Tomo IX, p. 284, fig. 2 (I-1914).

HAPALIDAE

juruanus, *Midas pileatus*, H. von Ihering, Tomo VI, p. 416, N.º 16 (8-V-1905).

CHEIROPTERA

VESPERTILIONIDAE

enslenii, *Lasiurus*, João Leonardo de Lima, Tomo XIV, p. 113 (10-I-1926).

CARNIVORA

CANIDAE

wingei, *Speothos*, H. von Ihering, Tomo VIII, p. 222 (10-V-1911).

PROCYONIDAE

brasilensis, *Procyon cancrivorus*, H. von Ihering, Tomo VIII, p. 228 (10-V-1911).

RODENTIA

OCTODONTIDAE

thomasi, *Mesomys*, H. von Ihering, Tomo II, p. 171, (28-XII-1897).

SCIURIDAE

garbei, *Guerlinguetus Aestuans*, O. M. Oliveira Pinto, Tomo XVII, 1.^a, p. 294, Est. III, fig. 3.501; Est. IX, fig. 2.244 (15-VII-1931).

nigratus, *Urosciurus*, O. M. Oliveira Pinto, Tomo XVII, 1.^a, p. 309, Est. IV, fig. 715; Est. XII, fig. 715 (15-VII-1931).

MARSUPIALIA

DIDELPHYIDAE

blaseri, *Marmosa*, Alipio de Miranda-Ribeiro, Tomo XX, p. 373, N.º 12 (4-II-1936).

hemiura, *Mallodelphis lanigera*, Alipio de Miranda-Ribeiro, Tomo XX, p. 353, N.º 6-c (4-II-1936).

herhardti, *Marmosa*, Alipio de Miranda-Ribeiro, Tomo XX, p. 382, N.º 19 (4-II-1936).

meridionalis, *Marmosa*, Alipio de Miranda-Ribeiro, Tomo XX, p. 371, N.º 10 (4-II-1936).

modesta, *Mallodelphis lanigera*, Alipio de Miranda-Ribeiro, Tomo XX, p. 356, N.º 6-f (4-II-1936).

moreirae, *Marmosa*, Alipio de Miranda-Ribeiro, Tomo XX, p. 380, N.º 17 (4-II-1936).

personatus, *Metachirus nudicaudatus*, Alipio de Miranda-Ribeiro, Tomo XX, p. 351, N.º 5-c (4-II-1936).

roundeni, *Thylamys*, Alipio de Miranda-Ribeiro, Tomo XX, p. 387 (4-II-1936).

stolleyi, *Marmosa*, Alipio de Miranda-Ribeiro, Tomo XX, p. 372, N.º 11 (4-II-1936).

travassosi, *Lutreolina crassicaudata*, Alipio de Miranda-Ribeiro, Tomo XX, p. 402, N.º 25-f (4-II-1936).

umbristriata, *Minuania*, Alipio de Miranda-Ribeiro, Tomo XX, p. 422, N.º 38 (4-II-1936).

vitalina, *Mallodelphis lanigera*, Alipio de Miranda-Ribeiro, Tomo XX, p. 455, N.º 6-d (4-II-1936).

BOTANICA

AMARYLLIDACEAE

butantanensis, *Alstroemeria*, F. C. Hoehne, Tomo XI, p. 485, Pl. 1, figs 1-12 (7-XII-1919).

CAESALPINIOIDEAE

ignorata, *Cassia*, F. C. Hoehne, Tomo X., p. 661, Tab. 8 (XII-1918).

loefgreniana, *Cassia*, F. C. Hoehne, Tomo X, p. 660, Tab. 7 (XII-1918).

CAPPARIDACEAE

matigrossensis, *Capparis*, Pilger, Tomo XIII, p. 1250, (29-XII-1922).

CONVOLVULACEAE

minor, *Aniseia*, Pilger, Tomo XIII, p. 1252 (29-XII-1922).

GRAMINEAE

scaber, *Anthropogon*, Kuhlmann e Pilger, Tomo XIII, p. 1248 (29-XII-1922).

MIMOSOIDEAE

delicatula, *Mimosa*, F. C. Hoehne, Tomo X, p. 658 (XII-1918).

desmanthoides, *Mimosa*, F. C. Hoehne, Tomo X, p. 656, Tab. 3 (XII-1918).

erriophylloides, *Mimosa*, F. C. Hoehne, Tomo X, p. 659, Tab. 5 (XII-1918).

insidiosoides, *Mimosa*, F. C. Hoehne, Tomo X, p. 657 Tab. 4 (XII-1918).

lanosa, *Mimosa erriophylloides*, F. C. Hoehne, Tomo X, p. 660, Tab. 6 (XII-1918).

loefgreniana, *Piptadenia*, F. C. Hoehne, Tomo X, p. 654 (XII-1918).

novaesii, *Calliandra*, F. C. Hoehne, Tomo X, p. 654, Tab. 2 (XII-1918).

subpaniculata, Acacia, F. C. Hoehne, Tomo X, p. 653, Tab. 1 (XII-1918).

tatuhyensis, Desmanthus, F. C. Hoehne, Tomo X, p. 655, (XII-1918).

MYRTACEAE

Ciposia, Alvaro da Silveira, Tomo X, p. 155 (XII-1918).

mandapuça, *Ciposia*, Alvaro da Silveira, Tomo X, p. 156, Est. (XII-1918).

ORCHIDACEAE

lutantanensis, *Spiranthes*, F. C. Hoehne, Tomo X, p. 443, Tab. 1, fig. 2-a 2-i (XII-1918).

eligantha, *Spiranthes*, F. C. Hoehne, Tomo X, p. 442, Tab. 1, fig. 1.^a 1h (XII-1918).

ROSACEAE

hoehnei, *Hirtella*, Pilger, Tomo XIII, p. 1251, pl. II, (29-XII-1922).

juruenensis, *Hirtella*, Pilger, Tomo XIII, p. 1250, pl. I (29-XII-1922).

INDICE ALPHABETICO

A

- abnormalis*, *Culex* (*Microculex*), João Lane, Tomo XX, p. 189, Est. I, figs. 2, a-b; Est. II, figs. 6a, 6b (31-1-1936).
- absconsa*, Weyhia, Mello Leitão, Tomo XVII, 2.^a, p. 284, N.º 241, fig. 175 (5-VII-1932).
- acanthognatha*, *Lasiadora*, Mello Leitão, Tomo XIII, p. 246, figs. 100, 146 (29-XII-1922).
- Acemeigenia*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 241, N.º 292 (20-1-1927).
- Achaetoneuropsis*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 272, N.º 535 (20-1-1927).
- Actinactia*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 248, N.º 348 (20-1-1927).
- Actinodoria*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 272, N.º 541 (20-1-1927).
- Actinopodidae*, Mello Leitão, Tomo XIII, p. 16 (29-XII-1922).
- Actinoprosopa*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 258, N.º 428 (20-1-1927).
- Actinotachina*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 278, N.º 584 (20-1-1927).
- aculeata*, *Coelioxys*, Curt Schrottky, Tomo V, p. 429, N.º 11, Est. XII, fig. 15 (24-XII-1902).
- acuminatus*, *Catabasis*, Carl H. Eigenmann e Allen A. Norris, Tomo IV, p. 353 (28-VII-1900).
- acuta*, *Nereis* (*Leptonereis*) A. L. Treadwell, Tomo XIII, p. 1227, pl. I, figs. 1-7 (29-XII-1922).
- Acutisomelloides*, Mello Leitão, Tomo XVII, 2.^a, p. 272 (5-VII-1932).
- affinis*, *Achaetoneuropsis*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 282 (20-1-1927).
- affinis*, *Corthylus*, José Pinto da Fonseca, Tomo XV, p. 586, figs. 1-6 (20-1-1927).
- afranioi*, *Opisthognimus*, Clemente Pereira, Tomo XVI, p. 1000, figs. 11-14 (12-1-1929).

- albata*, Tectopulvinaria, Adolph Hempel, Tomo IV, p. 483, N.º 19, Est. XI, fig. 4 (28-VII-1900).
- albescens*, Aleyrodes, Adolph Hempel, Tomo XIII, p. 1142 (29-XII-1922).
- albiscriptum*, Goniosoma, Mello Leitão, Tomo XVII, 2.^a, p. 268, N.º 224, fig. 144 (5-VII-1932).
- albitarsis*, Odontocera, Julius Melzer, Notas preliminares Vol. 2.º, p. 9 (20-V-1922).
- Aleuromidus*, Adolph Hempel, Notas preliminares, Vol. 2.º, fasc. 1.º, p. 5 (15-III-1922).
- Alophorellopsis*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 209, N.º 30 (20-1-1927).
- altifrons*, Camposicola, Mello Leitão, Tomo XIV, p. 373 (10-1-1926).
- amazonicus*, Ceroplastes, Adolph Hempel, Tomo IV, p. 454, N.º 69 (28-VII-1900).
- amazonica*, Coelioxys, Curt Schrottky, Tomo V, p. 426, N.º 7 (24-XII-1902).
- amazonica*, Eburodaecrys, Julius Melzer, Tomo XV, p. 561 (20-1-1927).
- amazonica*, Egameigenia, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 303 (20-1-1927).
- amazonica*, Myrmotherula pyrrhonota, H. von Ihering, Tomo VI, p. 440, N.º 76 (8-V-1905).
- amazonica*, Newportia (Scolopendrides), H. W. Brolemann, Tomo VI, p. 69, Pl. I, figs. 3-4 (8-V-1905).
- amazonica*, Peucetia, Mello Leitão, Tomo XVI, p. 525, figs. 45-46, 50 (12-1-1929).
- ambiguus*, Temnopsis, Julius Melzer, Tomo XV, p. 141 (20-1-1927).
- ameghinoides*, Cancellaria, H. von Ihering, Tomo II, p. 310, Est. III, fig. 12; Est. IV, fig. 15 (28-XII-1897).
- ameghinoides*, Modiola, H. von Ihering, Tomo II, p. 233, Est. VI, fig. 43 (28-XII-1897).
- ameghinoides*, Schizaster, H. von Ihering, Tomo II, p. 338 (28-XII-1897).
- ameghinoides*, Struthiolaria, H. von Ihering, Tomo II, p. 289, figs. 14 (28-XII-1897).
- ameghinoides*, Voluta, H. von Ihering, Tomo II, p. 302, fig. 17 (28-XII-1897).
- Ametadoria*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 276, N.º 567 (20-1-1927).
- Amicrotrichomma*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 245, N.º 325 (20-1-1927).
- analis*, Anazygosturnia, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 286 (20-1-1927).

- analis**, Eubischofimiya, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 305 (20-1-1927).
- analis**, Itacnephalia, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 319 (20-1-1927).
- analis**, Sarcolydella, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 355 (20-1-1927).
- analis**, Xanthobrachycoma, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 364 (20-1-1927).
- analis**, Yahuarmayoia, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 367 (20-1-1927).
- Anaphorinia**, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 266, N.º 490 (20-1-1927).
- Anazygosturmia**, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 271, N.º 527 (20-1-1927).
- anceps**, Ommata, Julius Melzer, Tomo XV, p. 563 (20-1-1927).
- ancistroides**, Plecostomus, Rodolph von Ihering, Tomo VIII, p. 396 (10-V-1911).
- ancylochyra**, Avicularia, Mello Leitão, Tomo XIII, p. 330 (29-XII-1922).
- andina**, Epicuphocera, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 304 (20-1-1927).
- andina**, Metopoactia, C. H. T. Townsend, Tomo XV p. 329 (20-1-1927).
- andinensis**, Alindopsis, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 339 (20-1-1927).
- andromorpha**, Megachile, Curt Schrottky, Tomo IX, p. 174, N.º 32 (XII-1913).
- angusta**, Actinotachina, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 284 (20-1-1927).
- angusta**, Catajurinia, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 294 (20-1-1927).
- angusta**, Cataphorinia, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 294 (20-1-1927).
- angusta**, Mayophorinia, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 326 (20-1-1927).
- angusta**, Metarrhinomyia, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 329 (20-1-1927).
- angustifrons**, Spirostreptus (Cladostreptus), H. W. Brolmann, Tomo V, p. 178 (24-XII-1902).
- angustipennis**, Tinanemorilla, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 361 (20-1-1927).
- antennalis**, Italispipea, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 320 (20-1-1927).

- anomala*, Megachile, Curt Schrottky, Tomo V, p. 437, N.º 4 (24-XII-1902).
- anomalus*, Pamphobeteus, Mello Leitão, Tomo XIII, p. 343 (29-XII-1922).
- anomalus*, Pholeus, Mello Leitão, Tomo X, p. 118, (XII-1918).
- anomalus*, Prochapalopus, Mello Leitão, Tomo XIII, p. 146, figs. 60, 62 (29-XII-1922).
- Anoxynops*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 274, N.º 553 (20-1-1927).
- antennalis*, Haplectops, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 321 (20-1-1927).
- antennalis*, Phyllophryno, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 347 (20-1-1927).
- anthophila*, Ypiranga, Mello Leitão, Tomo XIV, p. 370 (10-1-1926).
- antiquus*, Percichthys, A. Smith Woodward, Tomo III, p. 68, fig. 6-7 (15-II-1899).
- antlerata*, Ucayalimyia, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 382 (20-1-1927).
- Apembolephaeninas*, Mello Leitão, Tomo XVII, 2.^a, p. 416 (5-VII-1932).
- apex-galeae*, Strongylosoma H. W. Brolemann, Tomo V, p. 101, pl. VI, figs. 115-124 (24-XII-1902).
- Aphriosphyria*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 238, N.º 270 (20-1-1927).
- aphrodite*, Augochlora (Augochloropsis), Curt Schrottky, Tomo V, p. 376, N.º 10 (24-XII-1902).
- apicalis*, Acrenea, Julius Melzer, Notas preliminares, Vol. 2.º, fasc. 5, p. 5 (XI-1923).
- apicalis*, Corythomantis, Alipio Miranda Ribeiro, Tomo XII, 2.^a, p. 89, c/ pl. (5-XII-1920).
- apicipennis*, Megachile, Curt Schrottky, Tomo V, p. 442, N.º 12 (24-XII-1902).
- Aplococcus*, Adolph Hempel, Tomo IV, p. 401, (28-VII-1900).
- Apomyopsis*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 268, N.º 505 (20-1-1927).
- araguayana*, Hemisus tenuilabris, H. von Ihering, Tomo V, p. 669, fig. 5 (24-XII-1902).
- Archytospalpus*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 255, N.º 404, (20-1-1927).
- areolata*, Sarcopromusca, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 355 (20-1-1927).
- arenarius*, Agapostemon, Curt Schrottky, Tomo V, p. 403, N.º 4 (24-XII-1902).

- argaformis*, Mesolecanium, Adolph Hempel, Tomo XII, 2.^a, p. 346 (5-XII-1920).
- argentata*, Lichtensia, Adolph Hempel, Tomo IV, p. 492, N.º 97, Est. XI, figs. 8-10 (28-VII-1900).
- argentata*, Pseudoparlatoria, Adolph Hempel, Catalogos da fauna brasileira, Vol. III, p. 60 (III-1912).
- argentatus*, Mytilaspis, T. D. A. Cockerell, Tomo III, p. 43, N.º 8 (15-II-1899).
- argentescens*, Neargyrophylax, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 332 (20-1-1927).
- argentina*, Turritella, H. von Ihering, Tomo II, p. 286 (28-XII-1897).
- argentina*, Venus volkmanni, H. von Ihering, Tomo II, p. 252, Est. VII, fig. 45 (28-XII-1897).
- argentinus*, Panurginus, Curt Schrottky, Tomo XII, 2.^a, p. 223 (5-XII-1920).
- argyrescens*, Hamataliva, Mello Leitão, Tomo XVI, p. 517, fig. 32 (12-1-1929).
- Argyroderia*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 265, N.º 486 (20-1-1927).
- argyrotrichius*, Oxyopes, Mello Leitão, Tomo XVI, p. 502, fig. 9 (12-1-1929).
- aristalis*, Ptilolydella, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 354 (20-1-1927).
- armatus*, Eriococcus, Adolph Hempel, Tomo IV, p. 383, N.º 9, Est. V, fig. 10 (28-VII-1900).
- arpi*, Corydalus, R. P. Longinos Navás, S. J., Tomo XX, p. 723, N.º 63, fig. 14 (15-VI-1936).
- Arrhinactia*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 285, N.º 431 (20-1-1927).
- asper*, Rhinocricus, H. W. Brolemann, Tomo V, p. 187, pl. IX, figs. 228-237 (24-XII-1902). O texto está sem título, veja p. 93, Tomo VI, nota; idem, Tomo VI, Est. II, fig. 2 (8-5-1905).
- asper*, Stigmaecoccus, Adolph Hempel, Tomo IV, p. 400, N.º 22, Est. IX, figs. 5-6 (28-VII-1900).
- aspera*, Ceratina, Curt Schrottky, Tomo V, p. 484, N.º 11, Est. XII, fig. 10 (24-XII-1902).
- asperatus*, Apiococcus, Adolph Hempel, Tomo IV, p. 404, N.º 25 (28-VII-1900).
- Aspidoras*, Rodolpho von Ihering, Notas preliminares, Vol. 1, fasc. 1, p. 31 (9-X-1907).
- assumptiones*, Elis, Curt Schrottky, Tomo XII, 2.^a, p. 179 (5-XII-1920).

- Atelographus*, Julius Melzer, Tomo XV, p. 578 (20-1-1927).
- aterrimus*, *Pinotus sericeus*, H. Luederwaldt, Tomo XVI, p. 685 (12-1-1929).
- atra*, *Bischofimyia*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 290 (20-1-1927).
- atrata*, *Coremia erythromera*, Julius Melzer, Tomo X, p. 432 (XII-1918).
- atra*, *Euhuascaraya*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 307 (20-1-1927).
- atra*, *Opsoempheria*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 340 (20-1-1927).
- atra*, *Thelyphaenopsis*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 360 (20-1-1927).
- atratus*, *Aleurothrachelus*, Adolph Hempel, *Notas preliminares*, Vol. 2.º, fasc. 1.º, p. 3 (15-III-1922).
- atro-luteus*, *Atelopus*, Alipio Miranda Ribeiro, Tomo XII, 2.ª, p. 308, pl. I, 2 figs. (5-XII-1920).
- attenuata*, *Lichtensia*, Adolph Hempel, Tomo IV, p. 494, N.º 98 (28-VII-1900).
- atuhualpa*, *Megachile nudiventris*, Curt Schrottky, Tomo IX, p. 156, N.º 4 (XII-1913).
- aurata*, *Anaphorinia*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 285 (20-1-1927).
- aurata*, *Discomyophora*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 302 (20-1-1927).
- aurata*, *Heliolydella*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 314 (20-1-1927).
- aurata*, *Leskiolydella*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 324 (20-1-1927).
- aureiventris*, *Megachile*, Curt Schrottky, Tomo V, p. 441, N.º 10 (24-XII-1902).
- aurescens*, *Helicobiopsis*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 313 (20-1-1927).
- auricephala*, *Eumachaeraea*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 308 (20-1-1927).
- auricola*, *Paragonyleptes*, Mello Leitão, Tomo XIV, p. 377 (10-1-1926).
- aurivillii*, *Nyssicostylus*, Julius Melzer, *Notas preliminares*, Vol. II, fasc. 4, p. 6 (VIII-1923).
- aurometallica*, *Bolohoughia*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 291 (20-1-1927).
- auronigra*, *Sturmioactia*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 358 (20-1-1927).
- aurulaans*, *Prophryno*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 353 (20-1-1927).
- australis*, *Diaspis*, Adolph Hempel, Tomo IV, p. 521, N.º 130, Est. XII, fig. 4 (28-VII-1900).

- australis*, Euboettcheria, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 306 (20-1-1927).
- australis*, Ostinops decumanus, O. M. Oliveira Pinto, Tomo XX, p. 149 (31-1-1936).
- avara*, Exopleura, R. Kleine, Tomo XV, p. 450 (20-I-1927).
- avida*, Avibrissosturmia, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 289 (20-1-1927).
- avus*, Tetragonopterus, A. Smith Woodward F. L. S. Tomo III, p. 66, fig. 3 (15-II-1899).
- axillaris*, Eriphosoma bipartitum, Julius Melzer, Notas preliminares, Vol. 2.^o fasc. 2.^o, p. 11, (20-V-1922).
- ayuruoca*, Ormiscodes, José G. Foetterle, Tomo V, p. 647, Est. XVIII, fig. 3 (24-XII-1902).

B

- baccharidis*, Solenococcus, Adolph Hempel, Tomo IV, p. 392, N.^o 16, Est. VI, fig. 4 (28-VII-1900).
- bachi*, Solaeopsis, H. von Ihering, Tomo IV, p. 545, fig. 9-10 (28-VII-1900).
- bahiensis*, Microlepidogaster, Alipio Miranda-Ribeiro, Tomo X, p. 635 (XII-1918).
- bahienses*, Pseudaleurodicus, Adolph Hempel, Notas preliminares, Vol. 2.^o, fasc. 1.^o, p. 9 (15-III-1922).
- bahiensis*, Triaenosoma, Mello Leitão, Tomo XIV, p. 376 (10-1-1926).
- banksi*, Coryssoenemus, W. J. Moenklaus, Tomo III, p. 96, Est. V, figs. 2-2d (15-II-1899).
- barbiellini*, Eriphosoma, Julius Melzer, Notas preliminares, Vol. 2.^o, fasc. 2.^o, p. 11 (20-V-1922).
- barbiellinii*, Gonyleptes, Mello Leitão, Tomo XVII, 2.^a, p. 298, N.^o 257, fig. 155 (5-VII-1932).
- barbiellina*, Remartinia, R. P. Longinos Navás, S J., Tomo VIII, p. 480, N.^o 3, fig. 3 (10-V-1911).
- Basenitia*, Alipio Miranda-Ribeiro, Tomo XIII, p. 851 (29-XII-1922).
- basirufa*, Pasiphae, Curt Schrottky, Tomo XII, 2.^a, p. 226 (5-XII-1920).
- bella*, Nyssodrys, Julius Melzer, Tomo XV, p. 576 (20-1-1927).
- bella*, Paecilaemula, Mello Leitão, Tomo XVII, 2.^a, p. 443, fig. 4 (5-VII-1932).
- belmontensis*, Xiphocolaptes albicollis, J. L. Lima, Tomo XII, 2.^a, p. 102, Est. I, fig. II (5-XII-1920).

- bentobuenoi**, Parachartegus, Rodolpho von Ihering, Tomo VI p. 129, N.º 1, Est. IV, fig. 7; Est. V, fig. 2 (ninho); Est. III, figs. 13-14 (8-V-1905).
- Bergiella**, Carl H. Eigenmann e Allen A. Norris, Tomo IV, p. 355 (28-VII-1900).
- berlae**, Jacarepaguana, Mello Leitão, Tomo XVII, 2.^a, p. 451, fig. 11 (5-VII-1932).
- berlepschi**, Myiornis auricularis, O. M. Oliveira Pinto, Tomo XIX, p. 207 (25-X-1935).
- bernardina**, Megachile, Curt Schrottky, Tomo IX, p. 209, N.º 81, fig. 7 h, k., p. 213 (XII-1913).
- beroni**, Coelioxys, Curt Schrottky, Tomo V, p. 425, N.º 6 (24-XII-1902).
- beroni**, Oxynedys, Curt Schrottky, Tomo V, p. 492, N.º 1, Est. XII, fig. 6 (24-XII-1902).
- bertonii**, Mischocyttarus injucundus, Adolpho Ducke, Tomo X, p. 370, N.º 89 (XII-1918).
- bertonii**, Rhathymus, Curt Schrottky, Tomo XII, 2.^a, p. 212 (5-XII-1920).
- bicegoi**, Avicularia, Mello Leitão, Tomo XIII, p. 329, figs. 187, 189 (29-XII-1922).
- bicegoi**, Chiasmocleis, Alipio Miranda-Ribeiro, Tomo XII, 2.^a, p. 286, figs. 1-3 (5-XII-1920).
- bicegoi**, Megachile, Curt Schrottky, Tomo IX p. 186, N.º 49, fig. 4-II, p. 152 (XII-1913).
- bicegoi**, Newportia (Scolopendrides), H. W. Brolemann, Tomo VI, p. 65, Pl. I, figs. 1-2 (8-V-1905).
- bicolor**, Leptinopterus, H. Luederwaldt, Tomo XVII, 1.^a, p. 423 (15-VII-1931).
- bicolor**, Oxyopeidon, Mello Leitão, Tomo XVI, p. 507, fig. 19 (12-1-1929).
- bicolor**, Rachidomorpha, H. W. Brolemann, Tomo V, p. 98, pl. V, figs. 111-112 (24-XII-1902).
- bidens**, Leptodesmus, H. W. Brolemann, Tomo V, p. 66, Pl. III, figs. 45-49 (24-XII-1902).
- bifasciatus**, Leiopodus, Curt Schrottky, Tomo XII, 2.^a, p. 215 (5-XII-1920).
- bifasciatus**, Nannoglanis, Carl H. Eigenmann e Allen A. Norris, Tomo IV, p. 350 (28-VII-1900).
- bimaculata**, Cezarella, Mello Leitão, Tomo XVII, 2.^a, p. 214, N.º 175 (5-VII-1932).

- bimaculatus*, *Pseudophalangodes*, Mello Leitão, Tomo XVII, 2.^a, p. 44, N.º 23, (5-VII-1932).
- bimaculata*, *Tetrapaedia*, Curt Schrottky, Tomo V, p. 547, N.º 10 (24-XII-1902).
- biocellata*, *Crenicichla*, Rodolpho von Ihering, Tomo IX, p. 333 (II-1914).
- Biohypostena*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 280, N.º 603 (20-1-1927).
- Bischofimyia*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 250, N.º 365 (20-1-1927).
- bituberculatum*, *Oxyopeidon*, Mello Leitão, Tomo XVI, p. 511, fig. 24 (12-1-1929).
- blaseri*, *Marmosa*, Alipio de Miranda-Ribeiro, Tomo XX, p. 373, N.º 12 (4-II-1936).
- blumenauensis*, *Odo*, Mello Leitão, Tomo XV, p. 405, figs. 1-2 (20-1-1927).
- Bolodoria*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 262, N.º 461 (20-1-1927).
- Bolohoughia*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 275, N.º 560 (20-1-1927).
- bombusae*, *Xylocopa*, Curt Schrottky, Tomo V, p. 475, N.º 22 (24-XII-1902).
- bonariensis*, *Nealeyrodes*, Adolph Hempel, Tomo XIII, p. 1.144 (29-XII-1922).
- bondari*, *Hylettus*, Julius Melzer, Tomo XV, p. 579, (20-1-1927).
- bondari*, *Ibidion*, Julius Melzer, *Notas preliminares*, Vol. 2.º, fasc. 4.º, p. 7 (VIII-1923).
- bondari*, *Oncideres*, Julius Melzer, *Notas preliminares*, Vol. 2.º, fasc. 5.º, p. 7 (XI-1923).
- bonnighauseni*, *Epinephele*, José G. Foetterle, Tomo V, p. 632, Est. XVII, fig. 3 (24-XII-1902).
- borbai*, *Spirifer*, E. Kayser, Tomo IV, p. 305, Est. II, figs. 2, 3 (28-VII-1900).
- borgmeieri*, *Diplura*, Mello Leitão, Tomo XIV, p. 311 (10-1-1926).
- borgmeyeri*, *Gonyleptes*, Mello Leitão, Tomo XVII, 2.^a, p. 305, N.º 269, fig. 167 (5-VII-1932).
- botucatuna*, *Megachile*, Curt Schrottky, Tomo IX, p. 212, N.º 86, fig. 9, c. g. (XII-1913).
- bouvieri*, *Nilio*, Rodolpho von Ihering, Tomo IX, p. 290 (I-1914).
- boyi*, *Stizocera*, Julius Melzer, Tomo XV, p. 562, (20-1-1927).
- Brachybelvosia*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 248, N.º 346 (20-1-1927).

- Brachynephalia*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 236, N.º 250 (20-1-1927).
- Bradypophila*, Rodolpho von Ihering, Tomo IX, p. 123 (XI-1913).
- brasiliae*, *Rachidomorpha*, H. W. Brolemann, Tomo V, p. 95, pl. V, figs. 105-110 (24-XII-1902); idem Tomo VI, Est. II, fig. 5 (8-V-1905).
- brasiliana*, *Biohypostena*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 290 (20-1-1927).
- brasiliana*, *Catocyptera*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 295 (20-1-1927).
- brasiliensis*, *Aplomyopsis*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 287 (20-1-1927).
- brasiliensis*, *Belvosiopsis*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 289 (20-1-1927).
- brasiliensis*, *Brachybelvosia*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 291 (20-1-1927).
- brasiliensis*, *Brachynephalia*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 291 (20-1-1927).
- brasiliensis*, *Callideriphus grossipes*, Julius Melzer, *Notas preliminares*, Vol. 2.º fasc. 4.º, p. 10 (VIII-1923).
- brasiliensis*, *Ceromasiopsis*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 296 (20-1-1927).
- brasiliensis*, *Cryptokermes*, Adolph Hempel, p. 398, N.º 21, Est. VI, figs. 6-7 (28-VII-1900).
- brasiliensis*, *Eriococcus*, T. D. A. Cockerell, Tomo IV, p. 363 (28-VII-1900).
- brasiliensis*, *Euthelairopsis*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 309 (20-1-1927).
- brasiliensis*, *Friesea*, Curt Schrottky, Tomo V, p. 418, Est. XII, figs. 8-9 (24-XII-1902).
- brasiliensis*, *Glenurus*, R. P. Longinos Navás, S. J., Tomo XII, 2.ª, p. 416, fig. 2 (5-XII-1920).
- brasiliensis*, *Heminasipoda*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 313 (20-1-1927).
- brasiliensis*, *Hephaestion*, Julius Melzer, *Notas preliminares*, Vol. 2.º fasc. 4.º, p. 8 (VIII-1923).
- brasiliensis*, *Icerya*, Adolph Hempel, Tomo IV, p. 370, N.º 1, Est. V, figs. 1-5 Est. IX, figs. 1-1B (28-VII-1900).
- brasiliensis*, *Litoporus*, W. J. Moenklaus, Tomo III, p. 110, Est. V, figs. 6-6c (15-II-1899).

- brasiliensis*, Megasaissetia, Adolph Hempel, Catalogos da fauna brasileira, Vol. III, p. 60 (III-1912).
- brasiliensis*, Neacroglossa, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 332 (20-1-1927).
- brasiliensis*, Ophirionopsis, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 340 (20-1-1927).
- brasiliensis*, Oxyepalpus, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 343 (20-1-1927).
- brasiliensis*, Oxynopsis, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 343 (20-1-1927).
- brasiliensis*, Procarcelia, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 349 (20-1-1927).
- brasiliensis*, Procyon cancrivorus, H. von Ihering, Tomo VIII, p. 228 (10-V-1911).
- brasiliensis*, Protosialis, R. P. Longinos Navás, S. J., Tomo XX, p. 725, N.º 64, fig. 15 (15-VI-1936).
- brasiliensis*, Pseudoarchytopsis, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 354 (20-1-1927).
- brasiliensis*, Pseudosarcophagula, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 354 (2-1-1927).
- brasiliensis*, Pterichtya, Julius Melzer, Notas preliminares, Vol. 2.º, fasc. 5 (XI-1923).
- brasiliensis*, Xanthozonella, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 365 (20-1-1927).
- brasiliensis*, Zonoepalpus, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 369 (20-1-1927).
- brevifrons*, Caeniopsis, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 292 (20-1-1927).
- brevis*, Plecostomus, J. Treadwell Nichols, Tomo XI, p. 413 (7-XII-1919).
- bristowei*, Prorachias, Mello Leitão, Tomo XIV, p. 309 (10-1-1926).
- Bristoweia*, Mello Leitão, Tomo XIV, p. 368, (10-1-1926).
- bruchii*, Neoclytus, Julius Melzer, Tomo XV, p. 570 (20-1-1927).
- bruneoniger*, Discoelius, Rodolpho von Ihering, Tomo VIII, p. 469 (10-V-1911).
- brunfelsia*, Lecanium, Adolph Hempel, Tomo IV, p. 418, N.º 37, Est. VI, figs. 15-16 (28-VII-1900).
- brunoi*, Aparasphenodon, Alipio Miranda-Ribeiro, Tomo XII, 2.ª, p. 88, fig. 1 (5-XII-1920).
- braziliensis*, Spirographis, A. L. Treadwell, Tomo XVII, 2.ª, p. 903, figs. 15-19 (5-VII-1932).

- bucki*, *Leptinopterus tibialis*, H. Luederwaldt, Tomo XIX, p. 493 (25-X-1935).
- bucki*, *Passalus*, H. Luederwaldt, Tomo XVII, 1.^a, p. 182, fig. 28 (15-VII-1931).
- bufonoides*, *Brachycephalus ephippium*, Alipio Miranda-Ribeiro, Tomo XII, 2.^a, p. 314 (5-XII-1920).
- burmeisteri*, *Chrysopa*, R. P. Longinos Navás, S. J., Tomo XVI, p. 858, N.º 38, fig. 5 (12-1-1929).
- butantanensis*, *Alstroemeria*, F. C. Hoehne, Tomo XI, p. 485, Pl. 1, figs. 1-12 (7-XII-1919).
- butantanensis*, *Spiranthes*, F. C. Hoehne, Tomo X, p. 443, Tab. 1, fig. 2-a 2-i (XII-1918).
- butantanis*, *Picostomus margaritifer*, Rodolph von Ihering, Tomo V, p. 394 (10-V-1911).

C

- Caba*, Rodolpho von Ihering, Tomo VI, p. 105, N.º 1, Est. III, fig. 6-7 (8-V-1905).
- cachoeirensis*, *Megachile pulchra*, Curt Schrottky, Tomo XII, 2.^a, p. 207 (5-XII-1920).
- Caeniopsis*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 275, N.º 560 (20-1-1927).
- Caenisoma*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 269, N.º 511 (20-1-1927).
- cajurensis*, *Camponotus* (*Myrmothrix*) *rufipes*, H. Luederwaldt, Tomo X, p. 53 (XII-1918).
- Callearogyndes*, Mello Leitão, Tomo XVII, 2.^a, p. 188, (5-VII-1932).
- callipyge*, *Pseudonannolene*, H. W. Brolemann, Tomo V, p. 131, pl. VII, figs. 154-159 (24-XII-1902).
- Calocarcelia*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 266, N.º 497 (20-1-1927).
- Calolydella*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 278, N.º 589 (20-1-1927).
- Calotheiaria*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 218, N.º 104 (20-1-1927).
- campomanesiae*, *Lecanium*, Adolph Hempel, Tomo IV, p. 447, N.º 64, Est. VIII, fig. 9 (28-VII-1900).
- capitata*, *Alophorellopsis*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 284 (20-1-1927).
- capitata*, *Gymnodoria*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 311 (20-1-1927).

- capra*, Megachile, Curt Schrottky, Tomo IX, p. 214, N.º 49, fig. 9, a-b. p. 213 (XII-1913).
- campeiro*, Papilio, José G. Foetterle, Tomo V, p. 622, Est. XV, fig. 2 (24-XII-1902).
- campinensis*, Scytodes, Mello Leitão, Tomo X, p. 133, fig. 37, (XII-1918).
- camposicola*, Mello Leitão, Tomo XIV, p. 373 (10-1-1926).
- Camptophryno*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 277, N.º 583 (20-1-1927).
- carcelioides*, Hemisturmia, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 316 (20-1-1927).
- carinata*, Melanocyptera, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 327 (20-1-1927).
- carinata*, Tachinophytopsis, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 359 (20-1-1927).
- carinatellus*, Salix, Jean Bréthes, Tomo VIII, p. 68, N.º 5 (10-V-1911).
- carioca*, Augochloropsis, Curt Schrottky, Tomo VIII, p. 79, N.º 9 (10-V-1911).
- castaneus*, Agapostemon, Curt Schrottky, Tomo V, p. 403, N.º 3 (24-XII-1902).
- Catabasis*, Carl H. Heigenmann e Allen A. Norris, Tomo IV, p. 358 (28-VII-1900).
- Catajurinia*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 245, N.º 324 (20-1-1927).
- Cataphorinia*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 280, N.º 605 (20-1-1927).
- catharinensis*, Hypaeus, Mello Leitão, Tomo XV, p. 409, fig. 7 (20-1-1927).
- catharinensis*, Leptinopterus elegans, H. Luederwaldt, Tomo XIX, p. 490 (25-X-1935).
- catharinensis*, Metagraphinotus, Mello Leitão, Tomo XV, p. 412 (20-1-1927).
- catharinensis*, Pseudhermachura, Mello Leitão, Tomo XV, p. 402 (20-1-1927).
- Catasarcophaga*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 220, N.º 119 (20-1-1927).
- Catheteronychia*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 230, N.º 201 (20-1-1927).
- Catocyptera*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 215, N.º 75 (20-1-1927).
- caudata*, Hamataliiva, Mello Leitão, Tomo XVI, p. 516, fig. 31 (12-1-1929).

- caudatus*, Otostigmus, H. W. Brolemann, Tomo V, p. 37, pl. 1, figs. 1-3 (24-XII-1902).
- caudata*, Urophyllophila, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 363 (20-1-1927).
- cecropiae*, Lachnodiella, Adolph Hempel, Tomo VIII, p. 52 (10-V-1911).
- Ceraleurodicus*, Adolph Hempel, Notas preliminares, Vol. 2.º, fasc. 1.º, p. 6 (15-III-1922).
- Ceratoeme*, Julius Melzer, Tomo XII, 2.ª, p. 426 (5-XII-1920).
- Ceratrocheilus*, Alipio Miranda-Ribeiro, Tomo X, p. 644, (XII-1918).
- Ceromasiopsis*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 273, N.º 546 (20-1-1927).
- Ceropelma*, Mello Leitão, Tomo XIII, p. 175 (29-XII-1922).
- certus*, Cyriodontus, R. Kleine, Tomo XV, p. 429, fig. 8 (20-1-1927).
- cesarii*, Engystoma ovale, Alipio Miranda-Ribeiro, Tomo XII, 2.ª p. 283, pl. II, fig. 8 (ex Ihering manuscripto) (5-XII-1920).
- cesteri* Pamphobeteus, Mello Leitão, Tomo XIII, p. 236, (29-XII-1922).
- Cezarella*, Mello Leitão, Tomo XVII, 2.ª, p. 214 (5-VII-1932).
- Chaetodoria*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 259, N.º 437 (20-1-1927).
- chaetosa*, Catheteronychia, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 295 (20-1-1927).
- chaetosa*, Minthomima, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 381, (20-1-1927).
- chamacoco*, Megachile, Curt Schrottky, Tomo IX, p. 204, N.º 73, fig. 7 k-m (XII-1913).
- Chaquimayoia*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 235, N.º 240 (20-1-1927).
- charapensis*, Caenisoma, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 292 (20-1-1927).
- charapensis*, Epiprospherysa, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 305 (20-1-1927).
- charapensis*, Siphaoetia, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 357 (20-1-1927).
- Charapozelia*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 227, N.º 179 (20-1-1927).
- chilensis*, Icerya, Adolph Hempel, Tomo XII, 2.ª, p. 333 (5-XII-1920).
- chiracantha*, Acanthoscurria, Mello Leitão, Tomo XIII, p. 288, figs. 81, 82, 89, 181 (29-XII-1922).
- Chlorohystricia*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 244, N.º 313 (20-1-1927).

- chrysocephala*, *Coelioxys*, Curt Schrottky, Tomo V, p. 428, N.º 10 (24-XII-1902).
- Chrysoerigone*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 244, N.º 314 (20-1-1927).
- Chrysophryno*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 267, N.º 501 (20-1-1927).
- chrysopoda*, *Xylocopa*, Curt Schrottky, Tomo V, p. 475, N.º 21, Est. XI, fig. 13 (24-XII-1902).
- cincta*, *Croesoactia*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 300 (20-1-1927).
- Ciposia*, Alvaro da Silveira, Tomo X, p. 155 (XII-1918).
- circe*, *Augochlora* (*Augochloropsis*), Curt Schrottky, Tomo V, p. 385, N.º 23 (24-XII-1902).
- circumscriptus*, *Cyriodontus*, R. Kleine, Tomo XV, p. 430, fig. 9 (20-1-1927).
- citriperda*, *Icerya purchasi*, Adolph Hempel, Tomo XII, 2.^a, p. 337 (5-XII-1920).
- Cladostreptus*, H. W. Brolemann, Tomo V, p. 166 (24-XII-1902).
- clausa*, *Euthelyconychia*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 309 (20-1-1927).
- clausa*, *Lydellactia*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 324 (20-1-1927).
- clavifemur*, *Weyhia*, Mello Leitão, Tomo XV, p. 416, (20-1-1927).
- cleopatra*, *Augochlora* (*Augochloropsis*), Curt Schrottky, Tomo V, p. 384, N.º 21 (24-XII-1902).
- Clythopsis*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 276, N.º 568 (20-1-1927).
- Clythoxynops*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 272, N.º 539 (20-1-1927).
- cockerelli*, *Aleurodes*, H. von Ihering, Tomo II, p. 393 c/ figura (28-XII-1897).
- Cœloperla*, R. P. Longinos Navás, S. J., Tomo XX, p. 727, N.º 70 (15-VI-1936).
- coffea*, *Eriococcus*, Adolph Hempel, Tomo XI, p. 453 (7-XII-1919).
- coffea*, *Proacrias*, Rodolpho von Ihering, Tomo IX, p. 97 (X-1913).
- coffea*, *Nilio*, Rodolpho von Ihering, Tomo IX, p. 289 (I-1914).
- coffea*, *Closteroceros*, Rodolpho von Ihering, Tomo IX, p. 95 (X-1913).
- cognatus*, *Leptodesmus*, H. W. Brolemann, Tomo V, p. 73, Pl. III, figs. 50-60 (24-XII-1902).
- collilineatus*, *Crotalus terrificus*, Afranio do Amaral, Tomo XV, p. 90, N.º 2 (20-1-1927).

- collirkhembeatus*, *Crotalus terrificus*, Afranio do Amaral, Tomo XV, p. 90, N.º 1 (20-1-1927).
- columbiana*, *Odyneropsis*, Curt Schrottiky, Tomo XII, 2.ª, p. 218 (5-XII-1920).
- communis*, *Aphrysophyria*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 287 (20-1-1927).
- communis*, *Ceroplastes*, Adolph Hempel, Tomo IV, p. 459, N.º 72, Est. X, fig. 1 (28-VII-1900).
- compacta*, *Pyramidula patagonica*, Henry Suter, Tomo IV, p. 334 (28-VII-1900).
- compressicornis*, *Ontherus*, H. Luederwaldt, Tomo XVII, 1.ª, p. 400. (15-VII-1931).
- Conactia*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 257, N.º 417 (20-1-1927).
- coerulea*, *Cyanogymnomma*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 301 (20-1-1927).
- concinus*, *Rhinoericus*, H. W. Brolemann, Tomo V, p. 198, pl. X, figs. 252-254 (24-XII-1902).
- concolor*, *Scytodes*, Mello Leitão Tomo X, p. 132, fig. 36 (XII-1918).
- confinis*, *Marginella*, H. von Ihering, Tomo II, p. 307, Est. III, fig. 8 (28-XII-1897).
- confundens*, *Clythopsis*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 298 (20-1-1927).
- conica*, *Anoxynops*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 286 (20-1-1927).
- conica*, *Charlethoria*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 296 (20-1-1927).
- convexa*, *Protopulvinaria*, Adolph Hempel, Tomo IV, p. 485, N.º 92 (28-VII-1900).
- corallinus*, *Micrurus corallinus*, Afranio do Amaral, Tomo XV, p. 23, N.º 1 (20-1-1927).
- Cordillerodexia*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 226, N.º 169 (20-1-1927).
- corniger*, *Leptodesmus* (*Rachidomorpha*) H. W. Brolemann, Tomo VI, p. 87, figs. X-XIV (8-V-1905).
- Corpulentoepalpus*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 249, N.º 355 (20-1-1927).
- corpulentum*, *Tachinosoma*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 359 (20-1-1927).
- corpulentus*, *Melanepalpellus*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 327 (20-1-1927).
- corumbanus*, *Picunus lepidosus*, João Leonardo de Lima, Tomo XII, 2.ª, p. 94, Est. II, fig. II (5-XII-1920).

- costalis*, *Melanorlopteryx*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 328 (20-1-1927).
- costalis*, *Micronotochaeta*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 330 (20-1-1927).
- costalis*, *Oedemamedina*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 337 (20-1-1927).
- costaricensis*, *Nomada*, Curt Schrottky, Tomo XII, 2.^a, p. 219 (5-XII-1920).
- crassimanu*, *Psalistops*, Mello Leitão, Tomo XIII, p. 121 (29-XII-1922).
- creusa*, *Tetrachlora*, Curt Schrottky, Tomo VIII, p. 80, N.º 12 (10-V-1911).
- eristata*, *Acanthoscurria*, Mello Leitão, Tomo XIII, p. 297 (29-XII-1922).
- Croesoactia*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 269, N.º 512 (20-1-1927).
- crotallariae*, *Xylocopa*, Curt Schrottky, Tomo V, p. 472, N.º 15 (24-XII-1902).
- crulsi*, *Rhopalocranaus*, Mello Leitão, Tomo XVII, 2.^a, p. 119, N.º 83 (20-1-1927).
- Cryptokermes*, Adolph Hempel, Tomo IV, p. 398, (28-VII-1900).
- cryptostigma*, *Lasiadora*, Mello Leitão, Tomo XIII, p. 250, figs. 97, 165 (29-XII-1922).
- crypturocytia*, *Crypturocytia*, Mello Leitão, Tomo XVII, 2.^a, p. 236, N.º 187 (5-VII-1932).
- Crypturocytia*, Mello Leitão, Tomo XVII, 2.^a, p. 236, (5-VII-1932).
- cryptus*, *Pseudococcus*, Adolph Hempel, Tomo X, p. 199, (XII-1918).
- Ctenochelus*, Mello Leitão, Tomo XIII, p. 61 (29-XII-1922).
- cucullatus*, *Pamphobeteus*, Mello Leitão, Tomo XIII, p. 237 (29-XII-1922).
- cuevensis*, *Genota*, H. von Ihering, Tomo II, p. 313, Est. III, fig. 10 (28-XII-1897).
- cuevensis*, *Pectunculus pulvinatus*, H. von Ihering, Tomo II, p. 238, Est. VII, fig. 46; Est. VIII, fig. 50 (28-XII-1897).
- cuevensis*, *Turbonilla*, H. von Ihering, Tomo II, p. 276, fig. 11 (28-XII-1897).
- cultus*, *Ceroplastes*, Adolph Hempel, Tomo IV, p. 470, N.º 81, Est. X, figs. 7-8 (28-VII-1900).
- cuneatus*, *Ceroplastes*, Adolph Hempel, Tomo IV, p. 471, N.º 82, Est. X, fig. 9 (28-VII-1900).
- cunhae*, *Acanthoscurria*, Mello Leitão, Tomo XIII, p. 282, figs. 55-59 e 168 (29-XII-1922).
- cuprea*, *Actinodoria*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 283 (20-1-1927).

- curvicornis*, *Gonyleptes*, Mello Leitão, Tomo XVII, 2.^a, p. 305, N.º 268, fig. 166 (5-VII-1932).
- curvispina*, *Triglochinura*, Mello Leitão, Tomo XIV, p. 368 (10-1-1926).
- curvispinosa*, *Dohnniphora*, Thomaz Borgmeier, O. F. M., Tomo XIII, p. 1215, pl. 1 (29-XII-1922).
- cyanea*, *Augochlora*, (*Augochloropsis*) Curt Schrottky, Tomo V, p. 381, N.º 16, Est. XII, fig. 6 (24-XII-1902).
- cyanicollis*, *Ceratina*, Curt Schrottky, Tomo V, p. 485, N.º 12, Est. XII, fig. 11 (24-XII-1902).
- Cyanogymnomma*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 250, N.º 364 (20-1-1927).
- cyanopterus*, *Gymnogeophagus*, Alípio Miranda-Ribeiro, Tomo X, p. 790 (XII-1918).
- cyclothorax*, *Cyclothorax*, Mello Leitão, Tomo XIII, p. 342, (29-XII-1922).
- Cyclothorax*, Mello Leitão, Tomo XIII, p. 341, (29-XII-1922).
- cydippe*, *Odontochlora*, Curt Schrottky, Tomo VIII, p. 72, N.º 2 (10-V-1911).
- cydoniae*, *Tachardia*, Adolph Hempel, Tomo IV, p. 410, N.º 32, Est. VI, fig. 10 (28-VII-1900).
- cylindrica*, *Arrhinactia*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 288 (20-1-1927).
- cylindricus*, *Leptodesmus*, H. W. Brolemann, Tomo V, p. 71, pl. III, 50-55 (24-XII-1902).
- Cyphomelissa*, Curt Schrottky, Tomo V, p. 493, Est. XIV, fig. 5a-d (24-XII-1920).
- cytharacantha*, *Lasiadora*, Mello Leitão, Tomo XIII, p. 251, figs. 171, 173 (29-XII-1922).

D

- Dactylodidyma*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 260, N.º 443 (20-1-1927).
- dalli*, *Caecella*, H. von Ihering, *Notas preliminares*, Vol. 1, N.º 3, p. 61, Est. 1, fig. 7 (8-XII-1914).
- dalli*, *Cucullaea*, H. von Ihering, Tomo II, p. 241, Est. VII, fig. 47; Est. VIII, fig. 51 (28-XII-1897).
- dalli*, *Gibbula*, H. von Ihering, Tomo II, p. 272, Est. III, fig. 1; Est. IV, fig. 13 (28-XII-1897).

- dautzenbergi**, Triton (*Argobuccinum*), H. von Ihering, Tomo II, p. 293, fig. 16 (28-XII-1897).
- decipiens**, *Leptodesmus*, H. W. Brolemann, Tomo V, p. 77, Pl. III-IV figs. 66-69. (24-XII-1902).
- decora**, *Nereis*, A. L. Treadwell, Tomo XVII, 2.^a, p. 899, figs. 6-11 (5-VII-1932).
- decoratus**, *Promitobates*, Mello Leitão. Tomo XVII, 2.^a, p. 402, N.º 368, fig. 267 (5-VII-1932).
- deerrans**, *Leptodesmus*, H. W. Brolemann, Tomo V, p. 78, pl. IV, figs. 70-74 (24-XII-1902).
- deianira**, *Tetrachlora*, Curt Schrottky, Tomo VIII, p. 80, N.º 11. (10-V-1911).
- delicatula**, *Mimosa*, F. C. Hoehne, Tomo X, p. 658 (XII-1918).
- delicatula**, *Zenoria*, J. Weise, Tomo VIII, p. 60, N.º 20 (10-V-1911).
- delta**, *Ormiscodes*, José G. Foetterle, Tomo V, p. 644, Est. XVIII, fig. 2 (24-XII-1902).
- demaculata**, *Elysium cingulata*, Roberto Spitz, Tomo XVII, 1.^a, p. 462, Est. III, figs. 24-25 (15-VII-1931).
- densestriata**, *Struthiolaria ornata*, H. von Ihering, Tomo II, p. 291, fig. 15 (28-XII-1897).
- denticollis**, *Coleoxestia*, Julius Melzer, Tomo XII, 2.^a, p. 430, Est. 1, fig. 1, (5-XII-1920).
- depressa**, *Pulvinaria*, Adolph Hempel, Tomo IV, p. 490, N.º 95 (28-VII-1900).
- depressicauda**, *Otocinclus*, Alipio Miranda-Ribeiro, Tomo X, p. 635 (XII-1918).
- depressinotus**, *Microlipidogaster*, Alipio Miranda-Ribeiro, Tomo X, p. 633 (XII-1918).
- depressus**, *Pseudaleyrodes*, Adolph Hempel, Tomo XIII, p. 1.141 (29-XII-1922).
- derbyi**, *Psadara*, H. von Ihering, Tomo IV, p. 546, figs. 11-12 (28-VII-1900).
- deseadensis**, *Pecten paranensis*, H. von Ihering, Tomo II, p. 329 (28-XII-1897).
- deseadoense**, *Calliostoma*, H. von Ihering, Notas preliminares, Vol. 1, N.º 3, p. 77, Est. III, fig. 12. (28-XII-1914).
- desmanthoides**, *Mimosa*, F. C. Hoehne, Tomo X, p. 656, Tab. 3 (XII-1918).
- Despiroides**, Mello Leitão, Tomo XVII, 2.^a, p. 225. (5-VII-1932).
- Dexomyophora**, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 233, N.º 226 (20-1-1927).

- diamantinae, Bristoweia, Mello Leitão, Tomo XIV p. 369, (10-1-1926).
- Diaspidistis, Adolph Hempel, Tomo IV, p. 522 (28-VII-1900).
- Didymops, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 262, N.º 462 (20-1-1927).
- difficilis, Guracava, H. von Ihering e R. von Ihering, Catalogos da fauna brasileira "Aves", Vol. I p. 271, N.º 1041 (9-X-1907).
- difficilis, Lasiodora, Mello Leitão, Tomo XIII, p. 257, figs. 91, 161 (29-XII-1922).
- difficile, Physocyclus, Mello Leitão, Tomo X, p. 112, figs. 28-29 (XII-1918).
- diffusus, Salius, Jean Brèthes, Tomo VIII, p. 67, N.º 4 (10-V-1911).
- digitata, Thelazia, Lauro Travassus, Tomo X, p. 229, Est. II, figs. 5-9 (XII-1918).
- Diperla, R. P. Longinos Navás, S. J., Tomo XX, p. 729, N.º 72 (15-VI-1936).
- discalis, Empheremyiops, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 303 (20-1-1927).
- discalis, Myiodoria, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 331 (20-1-1927).
- discoides, Lecanium, Adolph Hempel, Tomo IV, p. 433, N.º 51, Est. VIII, fig. 2 (28-VII-1900).
- discolor, Coryssocnemis, Mello Leitão, Tomo X, p. 100 (XII-1918).
- discolor, Seytodes, Mello Leitão, Tomo X, p. 133 (XII-1918).
- Discomyophora, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 233, N.º 224 (20-1-1927).
- disjectus, Taphroderominus, R. Kleine, Tomo XV, p. 455, fig. 30 (20-1-1927).
- disjunctus, Acratus R. Kleine, Tomo XV, p. 466, figs. 36-37 (20-1-1927).
- disparsetosa, Nereis, A. L. Treadwell, Tomo XVII, 2.ª, p. 897, figs. 1-5 (5-VII-1932).
- distinctus, Aleurotrachelus, Adolph Hempel, Tomo XIII, p. 1.147 (29-XII-1922).
- dives, Discoelius peculiaris, Rodolpho von Ihering, Tomo VIII, p. 471 (10-V-1911).
- doceanus, Microlepidogaster, Alipio Miranda-Ribeiro, Tomo X, p. 634 (XII-1918).
- doctus, Taphroderes, R. Kleine, Tomo XV, p. 455, figs. 31-32-33 (20-1-1927).
- Delichopalpellus, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 258, N.º 425 (20-1-1927).
- dolichosterna, Lasiodora, Mello Leitão, Tomo XIII, p. 264, figs. 172, 174 (29-XII-1922).

- Dolichothele*, Mello Leitão, Tomo XIII, p. 119 (29-XII-1922).
- doiosus*, *Nemocephalus*, R. Kleine, Tomo XV, p. 456 (20-1-1927).
- dominans*, *Hexagenia*, R. P. Longinos Navás, S. J., Tomo XX, p. 732, N.º 77, fig. 20 (15-VI-1936).
- doriphorus*, *Enantiocentron*, Mello Leitão, Tomo XVII, 2.^a, p. 450, fig. 11, (5-VII-1932).
- dorsostriatus*, *Spirostreptus* (*Cladostreptus*), H. W. Brolemann, Tomo V, p. 177, pl. VIII, fig. 204 (24-XII-1902).
- dubia*, *Dactylodidyma*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 301 (20-1-1927).
- dubiomaculatus*, *Actinopus*, Mello Leitão, Tomo XIII, p. 20 (29-XII-1922).
- dubiomaculatus*, *Pholcus*, Mello Leitão, Tomo X, p. 116, figs. 31-32 (XII-1918).
- dubitabilis*, *Nemocephalinus*, R. Kleine, Tomo XV, p. 459 (20-1-1927).
- dubium*, *Oxyopeidon*, Mello Leitão, Tomo XVI, p. 510, fig. 22 (12-1-1929).
- dubium*, *Pterinopelma*, Mello Leitão, Tomo XIII, p. 183 (29-XII-1922).
- dubius*, *Ancistrotellus*, Mello Leitão, Tomo XVII, 2.^a, p. 393, N.º 356, fig. 257 (5-VII-1932).
- dubius*, *Ilhodiscos*, Alipio Miranda-Ribeiro, Tomo XII, 2.^a, p. 268, N.º 1, pl. I, 6 figs; pl. II, pl. III, 2 figs. (5-XII-1920).
- dubius*, *Lyssomanes* (*Jelskia*), Mello Leitão, Tomo XV, p. 407 (20-1-1927).
- dubius*, *Paragonyleptes*, Mello Leitão, Tomo XVII, 2.^a p. 322, N.º 287, fig. 191, (5-VII-1932).
- dubuyssoni*, *Cleptes aurora*, Adolpho Ducke, *Catalogos da fauna brasileira*, Vol. IV, p. 29, N.º 8 a (1913).
- dulcicola*, *Lasiadora*, Mello Leitão, Tomo XIII, p. 248, figs. 94, 163 (29-XII-1922).
- dumerilii*, *Micrurus corallinus*, Afranio do Amaral, Tomo XV, p. 24, N.º 3 (20-1-1927).
- dupuyi*, *Hapoglenius*, R. P. Longinos Navás, Tomo XIII, p. 773, fig. 3 (29-XII-1922).
- durabilis*, *Acratus*, R. Kleine, Tomo XV, p. 468, fig. 38 (20-1-1927).
- durum*, *Lecanium*, Adolph Hempel, Tomo IV, p. 427, N.º 47, Est. VII, fig. 6 (28-11-1900).

E

- Eduardoius*, Mello Leitão. Tomo XVII, 2.^a, p. 343, (5-VII-1932).
- efferratus*, Brenthius. R. Kleine, Tomo XV, p. 473, fig. 43 (20-1-1927).
- efferus*, Stereobatinus. R. Kleine, Tomo XV, p. 425, figs. 3-4 (20-1-1927).
- effrenatus*, Stereoderminus. R. Kleine, Tomo XV, p. 423, figs. 1-2 (20-1-1927).
- Egameigenia*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 278, N.º 587 (20-1-1927).
- egensis*, Chrysophryno, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 298 (20-1-1927).
- ehrharti*, Centris, Curt Schrottky, Tomo V, p. 579, N.º 22, Est. 22, fig. 2 (24-XII-1902).
- ehrharti*, Leucochrysa, R. P. Longinos Navás, S. J., Tomo XV, p. 862, N.º 49, fig. 9 (12-1-1929).
- eigenmanni*, Corydoras, Rodolpho von Ihering, Notas preliminares, Vol. 1, fasc. 1, p. 35 (9-X-1907).
- elaphus*, Cyndoides, Mello Leitão, Tomo XV, p. 413, (20-1-1927).
- elegans*, Microtrichommodes, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 330 (20-1-1927).
- eletus*, Teramocerus, R. Kleine, Tomo XV, p. 446, fig. 25 (20-1-1927).
- eleutherodactylus*, Iliodiscus, Alipio Miranda-Ribeiro, Tomo XII, 2.^a, p. 270, N.º 4, pl. V, 2 fig. (5-XII-1920).
- elfriedae*, Passalus, H. Luederwaldt, Tomo XVII, 1.^a, p. 183, fig. 30 (15-VII-1931).
- elongata*, Panopaea nucleus, H. von Ihering, Notas preliminares, Vol. 1, N.º 3, p. 64 (8-XII-1914).
- elongatus*, Euryurus, H. W. Brolemann, Tomo VI, p. 77 (8-V-1905).
- emendatus*, Proteramocerus, R. Kleine, Tomo XV, p. 448, figs. 26-27 (20-1-1927).
- eminens*, Proteramocerus. R. Kleine, Tomo XV, p. 447 (20-1-1927).
- Empheremyiops*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 254, N.º 399 (20-1-1927).
- Emydops*, Alipio Miranda-Ribeiro, Tomo XII, 2.^a, p. 286 (5-XII-1920).
- Enantiocentron*, Mello Leitão. Tomo XVII, 2.^a p. 450, (5-VII-1932).
- enervatus*, Proteramocerus. R. Kleine, Tomo XV, p. 449, fig. 28 (20-1-1927).
- enodis*, Exopleura. R. Kleine, Tomo XV, p. 451, fig. 29 (20-1-1927).
- enormis*, Tinoteramocerus. R. Kleine, Tomo XV, p. 445, figs. 22-23-24 (20-1-1927).

- enslenii*, Lasiurus, João Leonardo de Lima, Tomo XIV, p. 113 (10-1-1926).
- eoabrasiliensis*, Eucoela (Hexamerocera) Rodolpho v. Ihering, Tomo IX, p. 224 (XII 1913).
- ephyra*, Oxystoglossa, Curt Schrottky, Tomo VIII, p. 75, N.º 5 (10-V-1911).
- Epicuphocera*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 240, N.º 282 (20-1-1927).
- Epidolichostoma*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 238, N.º 267 (20-1-1927).
- Epiprospherysa*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 277, N.º 582 (20-1-1927).
- erectus*, Nemocephalus. R. Kleine. Tomo XV, p. 457, fig. 34 (20-1-1927).
- erinnys*, Augochlora (Pseudaugochloropsis) Curt Schrottky, Tomo VIII, p. 81, N.º 13 (10-V-1911).
- eriophylloides*, Mimosa, F. C. Hoehne, Tomo X, p. 659, Tab. 5 (XII-1918).
- eriosemae*, Luederwaldtiana, Adolph Hempel, Tomo XIII, p. 1.151 (29-XII-1922).
- Eriphosoma*, Julius Melzer, Notas preliminares, Vol. 2.º, fasc. 2.º p. 10 (20-V-1922).
- ernestoi*, Gastrotheca, Alipio Miranda-Ribeiro, Tomo XII, 2.ª, p. 323 (5-XII-1920).
- errabundus*, Acratus. R. Kleine. Tomo XV, p. 472, fig. 42 (20-1-1927).
- erraticus*, Cyriodontus. R. Kleine. Tomo XV, p. 431, fig. 10 (20-1-1927).
- erythrinae*, Lecanium, H. von Ihering, Tomo II, p. 407 (28-XII-1897).
- erythrocephala*, Anthidium, Curt Schrottky, Tomo V, p. 453, N.º 10, Est. XII, fig. 8 (24-XII-1902).
- erythroctithara*, Lasiodora, Mello Leitão, Tomo XIII, p. 260, figs. 106-107 (29-XII-1922).
- erythronotus*, Coelioxys quaerens, Curt Schrottky, Tomo XII, 2.ª, p. 191 (5-XII-1920).
- Eubischofimyia*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 249, N.º 354 (20-1-1927).
- Euboettcheria*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 231, N.º 208 (20-1-1927).
- Eucelatoriopsis*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 276, N.º 572 (20-1-1927).

- Euempheremyia*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 249, N.º 354 (20-1-1927).
- eugeniae*, *Lecanium*, Adolph Hempel, Tomo IV, p. 439, N.º 58, Est. VIII, fig. 4 (28-VII-1900).
- eugeniae*, *Pulvinaria*, Adolph Hempel, Tomo IV, p. 488, N.º 94, Est. XI, figs. 6-7 (28-VII-1900).
- Euhemiargyra*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 260, N.º 441 (20-1-1927).
- Euhuascaraya*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 255, N.º 403 (20-1-1927).
- eulalia*, *Euloewiodoria*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 308 (20-1-1927).
- Eulausicella*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 268, N.º 511 (20-1-1927).
- Euloewiodoria*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 260, N.º 441 (20-1-1927).
- Eumachaeraea*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 263, N.º 466 (20-1-1927).
- Eumacrohoughia*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 275, N.º 562 (20-1-1927).
- Euthelairopsis*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 258, N.º 431 (20-1-1927).
- Euthelyconychia*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 279, N.º 593 (20-1-1927).
- Euzenillia*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 280, N.º 602 (20-1-1927).
- Evagrella*, Mello Leitão, Tomo XIII, p. 87 (29-XII-1922).
- evanidus*, *Cyriodontus*, R. Kleine, Tomo XV, p. 433, fig. 12 (20-1-1927).
- evidens*, *Esternorrhinus*, R. Kleine, Tomo XV, p. 427, fig. 7 (20-1-1927).
- exactus*, *Cyriodontus*, R. Kleine, Tomo XV, p. 432, fig. 11 (20-1-1927).
- exagona*, *Eciton* (*Acamathus*) *emeryi*, F. Santschi, Tomo XIII, p. 1261 (29-XII-1922).
- excaecarie*, *Ceroplastes*, Adolph Hempel, Catalogos da fauna brasileira, Vol. III, p. 60 (III-1912).
- excellens*, *Acanthopus*, Curt Schrottky, Tomo V, p. 506, N.º 3 (24-XII-1902).
- excellens*, *Raphirhynchus*, R. Kleine, Tomo XV, p. 440, fig. 18 (20-1-1927).
- excelsus*, *Raphirhynchus*, R. Kleine, Tomo XV, p. 437, fig. 15 (20-1-1927).
- excitatus*, *Raphirhynchidus*, R. Kleine, Tomo XV, p. 442, figs. 19. 20- (20-1-1927).

- exigua*, Prosopis, Curt Schrottky, Tomo V, p. 431, N.º 6 (24-XII-1902).
exilio, Pseudonannolene, H. W. Brolemann, Tomo VI, p. 78 (8-V-1905).
exilis, Dolichothele, Mello Leitão, Tomo XIII, p. 120, (29-XII-1922).
eximus, Belopherus, R. Kleine, Tomo XV, p. 442, fig. 21 (20-1-1927).
exitialis, Thaumastopsis, R. Kleine, Tomo XV, p. 462 (20-1-1927).
Exodexia, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 227, N.º 180 (20-1-1927).
Exoernestia, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 244, N.º 311 (20-1-1927).
exoptatus, Brenthus, R. Kleine, Tomo XV, p. 477, fig. 46 (20-1-1927).
exoristoides, Verrugophryno, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 364 (20-1-1927).
expressus, Acratus, R. Kleine, Tomo XV, p. 465 (20-1-1927).
explicatus, Discoelius, Rodolpho von Ihering, Tomo VIII, p. 475 (10-V-1911).
exquisitus, Acratus, R. Kleine, Tomo XV, p. 465 (20-1-1927).
expectatus, Acratus, R. Kleine, Tomo XV, p. 469, fig. 39 (20-1-1927).
exsul, Pamphobeteus, Mello Leitão, Tomo XIII, p. 240 (29-XII-1922).
extranea, Nemocoryna, R. Kleine, Tomo XV, p. 460 (20-1-1927).
extraordinarius, Acratus, R. Kleine, Tomo XV, p. 472, figs. 40, 41 (20-1-1927).
extrarius, Acratus, R. Kleine, Tomo XV, p. 471 (20-1-1927).
extrinsecus, Brenthus, R. Kleine, Tomo XV, p. 476, fig. 45 (20-1-1927).

F

- facetus*, Arrhenodes, R. Kleine, Tomo XV, p. 426, figs. 5-6 (20-1-1927).
factus, Hyospales, R. Kleine, Tomo XV, p. 436, fig. 13 (20-1-1927).
fallax, Acratus, R. Kleine, Tomo XV, p. 463, fig. 35 (20-1-1927).
fallax, Diplura, Mello Leitão, Tomo XIV, p. 312 (10-1-1926).
fallax, Metagonyleptes, Mello Leitão, Tomo XVII, 2.ª, p. 336, N.º 334, fig. 214, (5-VII-1932).
fallax, Pachyloides, Mello Leitão, Tomo XVII, 2.ª, p. 448, figs. 8-9 (5-VII-1932).
fallax, Sericopelma, Mello Leitão, Tomo XIII, p. 224, (29-XII-1922).
facialis, Actinoprosopa, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 283 (20-1-1927).
fascialis, Dexomyophora, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 301 (20-1-1927).

- fascialis*, *Helioprosopa*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 314 (20-1-1927).
- fascialis*, *Nepophasmophaga*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 337 (20-1-1927).
- fascialis*, *Ollacheryphe*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 339 (20-1-1927).
- fasciata*, *Caba bilineolata*, Rodolpho von Ihering, Tomo VI, p. 112, N.º 5a (8-V-1905).
- fasciata*, *Calocarcelia*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 293 (20-1-1927).
- fasciata*, *Grammostola*, Mello Leitão, Tomo XIII, p. 210 (29-XII-1922).
- fasciata*, *Hemilydella*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 315 (20-1-1927).
- fasciata*, *Pasiphae*, Curt Schrottky, Tomo XII, 2.ª, p. 224 (5-XII-1920).
- fasciata*, *Phalangodella*, Mello Leitão, Tomo XVII, 2.ª, p. 440 (5-VII-1932).
- faustus*, *Hemipsalis*, R. Kleine, Tomo XV, p. 436, fig. 14 (20-1-1927).
- favorabilis*, *Rhaphirhynchus*, R. Kleine, Tomo XV, p. 439, fig. 17 (20-1-1927).
- favorita*, *Chlorippe sultana*, José G. Foetterle, Tomo V, p. 627, Est. XVI, fig. 1 (24-XII-1920).
- fecundus*, *Rhaphirhynchus*, R. Kleine, Tomo XV, p. 438, fig. 16 (20-1-1927).
- femoralis*, *Prosopis*, Curt Schrottky, Tomo V, p. 339, N.º 2 (24-XII-1902).
- fenestellae*, *Aleurotrachelus*, Adolph Hempel, Tomo XIII, p. 1.148, Est. II, fig. 3 (29-XII-1922).
- ferruginea*, *Grammostola*, Mello Leitão, Tomo XIII, p. 196, figs. 63-65 (29-XII-1922).
- ferum*, *Mesolecanium*, Adolph Hempel, Tomo XII 2.ª, p. 350 (5-XII-1920).
- fessus*, *Stereodermus*, R. Kleine, Tomo XV, p. 425 (20-1-1927).
- ficus*, *Pulvinaria*, Adolph Hempel, Tomo IV, p. 486, N.º 93, Est. XI, fig. 5 (28-VII-1900).
- fidelis*, *Acratus*, R. Kleine, Tomo XV, p. 469 (20-1-1927).
- fidelis*, *Eduardoius*, Mello Leitão, Tomo XVII, 2.ª, p. 344, N.º 312 (5-VII-1932).
- fidus*, *Proteramocerus*, R. Kleine, Tomo XV, p. 447 (20-1-1927).
- filipalpis*, *Metamyobia*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 328 (20-1-1927).

- filum*, Spirostreptus (Cladostreptus), H. W. Brolemann, Tomo V, p. 175, pl. IX, figs. 221-222 (24-XII-1902).
- finitimus*, Brenthus, R. Kleine, Tomo XV, p. 475, fig. 44 (20-1-1927).
- firmus*, Brenthus, R. Kleine, Tomo XV, p. 478, fig. 47 (20-1-1927).
- fischeri*, Melthia, Julius Melzer, Tomo XIII, p. 531, Est. 1 (29-XII-1922).
- fiscyeri*, Scapyonyx, A. Smith, Woodward, Tomo VII, p. 57, figs. I-IV (12-IX-1908).
- fissilis*, Coelonotus (ex Ihering?) Alipio Miranda-Ribeiro, Tomo XII, 2.^a, p. 324 (5-XII-1920).
- flava*, Diaspis, Adolpho Hempel, Tomo XI, p. 455 (7-XII-1919).
- flava*, Icerya, Adolph Hempel, Tomo XII, 2.^a, p. 334 (5-XII-1920).
- flaveolus*, Corydoras, Rodolpho von Ihering, Tomo VIII, p. 386 (10-V-1911).
- flavipes*, Ommata (Eclipta), Julius Melzer, Notas preliminares, Vol. 2.^o, fasc. 2.^o, p. 6 (20-V-1922).
- flavofasciatum*, Anthidium, Curt Schrottky, Tomo V, p. 448, N.^o 4 (24-XII-1902).
- flavofasciatus*, Spirostreptus (Cladostreptus) H. W. Brolemann, Tomo V, p. 180, pl. VII, figs. 179-182, (24-XII-1902).
- flavolineata*, Aerenea, Julius Melzer, Notas preliminares, Vol. 2.^o, fasc. 5.^o (XI-1923).
- flavotegulata*, Myiophasiopsis, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 382 (20-1-1927).
- flavus*, Aleurodicus, Adolph Hempel, Notas preliminares, Vol. 2.^o, fasc. 1, p. 4 (15-III-1922).
- fluminensis*, Neodiplothele, Mello Leitão, Tomo XIV, p. 316, fig. 5 (10-1-1926).
- fluminensis*, Oxyopes, Mello Leitão, Tomo XVI, p. 503, fig. 8 (12-1-1929).
- flumineasis*, Psilochoros, Mello Leitão, Tomo X, p. 98, figs. 10-11 (XII-1918).
- flumineus*, Aleurodicus, Adolph Hempel, Tomo X, p. 211, 1 estampa, (XII-1913).
- fonsecae*, Pinotus, H. Luederwaldt, Tomo XIV, p. 135 (10-1-1926).
- forceps*, Leptodesmus, H. W. Brolemann, Tomo V, p. 61, pl. III, figs. 30-33 (24-XII-1902).
- formicarius*, Ceroplastes, Adolph Hempel, Tomo IV, p. 472, N.^o 83 (28-VII-1900).
- formosus*, Ceroplastes, Adolph Hempel, Tomo IV, p. 468, N.^o 79 (28-VII-1900).

- försteri*, Paxillus, H. Luederwaldt, Tomo XVII, 1.^a, p. 205 (15-VII-1931).
(Veja Bol. Nac. Rio Janeiro p. 38, 1929).
- foveolatus*, Pinotus, H. Luederwaldt, Tomo XVII, 1.^a, p. 353, fig. 1
(15-VII-1931).
- foyela*, Myochlamys, H. von Ihering, Notas preliminares, Vol. 1.^o, N.^o 3,
p. 33, Est. 1. fig. 3 (8-XII-1914).
- fracta*, Gibbula, H. von Ihering, Tomo II, p. 273, Est. III, fig. 2
(28-XII-1897).
- fracta*, Lasiodora, Mello Leitão, Tomo XIII, p. 252, fig. 90 (29-XII-
1922).
- fractus*, Actinopus, Mello Leitão, Tomo XIII, p. 21 (29-XII-1922).
- fragilis*, Gonypernoides, Mello Leitão, Tomo XVII, 2.^a, p. 465. (5-VII-
1932).
- framea*, Megachile, Curt Schrottky, Tomo IX, p. 211, N.^o 53 (XII-1913)
- francisca*, Augochlora (Augochlora), Curt Schrottky, Tomo V, p. 391,
N.^o 32 (24-XII-1902).
- frenatus*, Rhamdioglanis, Rodolpho von Ihering, Notas preliminares,
Vol. 1, fasc. 1, p. 16, (9-X-1907).
- Friesea*, Curt Schrottky, Tomo V, p. 418 (24-XII-1902).
- friesei*, Megachile, Curt Schrottky, Tomo V, p. 439, N.^o 8, Est. XIII,
fig. 1 (24-XII-1902).
- frontalis*, Hemiargyropsis, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 315
(20-1-1927).
- fuliginosa*, Tetrapaedia, Curt Schrottky, Tomo V, p. 551, N.^o 18 (24-
XII-1902).
- fumata*, Anochetus altisquamis, H. Luederwaldt, Tomo X, p. 53 (XII-
1918).
- fumipennis*, Paraprospherysa, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 345
(20-1-1927).
- fulvescens*, Itabiomyia, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 319 (20-1-
1927).
- fulvipes*, Neommasicera, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 334 (20-1-
1927).
- fulvipes*, Oligolydella, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 338 (20-1-
1927).
- furcilla*, Leptodesmus, H. W. Brolemann, Tomo V, p. 62, pl. II, figs.
34-40 (24-XII-1902).
- furnaria*, Polybia, Rodolpho von Ihering, Tomo VI, p. 217, N.^o 65,
Est. VII, fig. 13 (ninho) (8-V-1905).
- fulviventris*, Charapozelia, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 297
(20-1-1927).

- fulvohirta*, *Epicharis cockerelli*, Curt Schrottky, Tomo V, p. 566, N.º 7a (24-XII-1902).
- fulva*, *Nepocarcelia*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 336 (20-1-1927).
- fulvus*, *Litoporus*, W. J. Moenklaus, Tomo III, p. 105, Est. V, fig. 4-4c (15-II-1899).
- fulvus*, *Phosococephalops*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 347 (20-1-1927).

G

- gagatea*, *Gymnommopsis*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 312 (20-1-1927).
- gagateum*, *Jurinosoma*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 323 (20-1-1927).
- garbeana*, *Brachycephalus ephippium*, Alipio Miranda-Ribeiro, Tomo XII, 2.^a, p. 314, pl. III, (5-XII-1920).
- garbei*, *Bradypophila*, Rodolpho von Ihering, Tomo IX, p. 123, Est. III, fig. 2 (XI-1913).
- garbei*, *Castnia*, José G. Foetterle, Tomo V, p. 639, Est. XVI, fig. 9 (24-XII-1902).
- garbei*, *Chaetorrhombus*, Mello Leitão, Tomo XIII, p. 134 (29-XII-1922).
- garbei*, *Corydoras*, Rodolpho von Ihering, Tomo VIII, p. 382 (10-V-1911).
- garbei*, *Evagrella*, Mello Leitão, Tomo XIII, p. 88, figs. 35, 36 (29-XII-1922).
- garbei*, *Griopteryx*, R. P. Longinos Navás, S. J., Tomo XX, p. 731, N.º 75, fig. 19 (15-VI-1936).
- garbei*, *Guerlinguetus*, *Aestuans*, O. M. Oliveira Pinto, Tomo XVII, 1.^a, p. 294, Est. III, fig. 3.501; Est. IX, fig. 2.244 (15-VII-1931).
- garbei*, *Hamaticherus*, Julius Melzer, *Notas preliminares*, Vol. 2.^o, fasc. 2.^o, p. 4 (20-V-1922).
- garbei*, *Hemipsilichthys*, Rodolpho von Ihering, Tomo VIII, p. 399 (10-V-1911).
- garbei*, *Myrmotherula*, H. von Ihering, Tomo VI, p. 441, N.º 81 (8-V-1905).
- garbei*, *Pimelodela*, Alipio Miranda Ribeiro, Tomo X, p. 639 (XII-1918).
- gemina*, *Nodita*, R. P. Longinos Navás, S. J. Tomo XVI, p. 859, N.º 43, fig. 8 (12-1-1929).

- geminata*, Calolydella, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 293 (20-1-1927).
- geminata*, Italydella, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 320 (20-1-1927).
- genalis*, Neocampylochaeta, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 332 (20-1-1927).
- genalis*, Sclerostomus costatus, H. Luederwaldt, Tomo XIX, p. 541, Est. IV, fig. 57 (25-X-1935).
- Geneopsis*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 212, N.º 50 (20-1-1927).
- genistae*, Icerya, Adolph Hempel, Catalogos da fauna brasileira, Vol. III, p. 55 (III-1912).
- genitalis*, Litoporus, W. J. Moenklaus, Tomo III, p. 107, Est. V, figs. 5-5d (15-II-1899).
- germaini*, Rogeria, F. Santschi, Tomo XIII, p. 1262 (29-XII-1922).
- gibbosus*, Pinotus, H. Luederwaldt, Tomo XVI, p. 739, N.º 1 (12-1-1929).
- gigantea*, Grammostola, Mello Leitão, Tomo XIII, p. 205, figs. 78-80 (29-XII-1922).
- Giltaya*, Mello Leitão, Tomo XVII, 2.^a, p. 466. (5-VII-1932).
- glanubosum*, Lecanium, Adolph Hempel, Tomo IV, p. 428, N.º 48, Est. VII, figs. 7-9 (28-VI-1900).
- globosus*, Apiococcus, Adolph Hempel, Tomo IV, p. 405, N.º 26 (28-VII-1900).
- Glyptogeniosoma*, Mello Leitão, Tomo XVII, 2.^a, p. 271, (5-VII-1932).
- Goeldiella*, Carl H. Eigenmann e Allen A. Norris, Tomo IV, p. 353, (28-VII-190).
- golfonia*, Cominella, H. von Ihering, Notas preliminares, Vol. 1, N.º 3, p. 105, Est. III, fig. 15 (8-XII-1914).
- gomesiana*, Acanthoscurria, Mello Leitão, Tomo XIII, p. 306, figs. 51-55, 167 (29-XII-1922).
- Goniocotacanthus*, L. R. Guimarães, Tomo XX, p. 225 (31-1-1936).
- Goniodontium*, Mello Leitão, Tomo XIII, p. 126 (29-XII-1922).
- Goniosomoides*, Meilo Leitão, Tomo XVII, 2.^a, p. 460 (5-VII-1932).
- Gonypernoides*, Mello Leitão, Tomo XVII, 2.^a, p. 465 (5-VII-1932).
- gounellei*, Nilio, Rodolpho von Ihering, Tomo IX, p. 363 (I-1914).
- goyana*, Cranioleuca semicinerea, O. M. Oliveira Pinto, Tomo XX, p. 91 (31-1-1936).
- giraffa*, Megachile, Curt Schrottky, Tomo IX, p. 218, N.º 94 (XII-1913).
- gracile*, Lecanium, Adolph Hempel, Tomo IV, p. 419, N.º 38, Est. VII, fig. 1 (28-VII-1900).

- gracile*, Smodicum, Julius Meizer, Notas preliminares, Vol. 2.^o, fasc. 4.^o
p. 3 (VIII-1923).
- gracilicornis*, Salius, Jean Bréthes, Tomo VIII, p. 66, N.^o 3 (10-V-1911).
- gracilior*, Marginella, H. von Ihering, Tomo II, p. 308 fig. 18 (28-XII-1897).
- gracilis*, Cancellaria, H. von Ihering, Tomo II, p. 310, Est. III, fig. 11 (28-XII-1897).
- gracilis*, Medinophyto, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 326 (20-1-1927).
- gracilis*, Megachile, Curt Schrottky, Tomo V, p. 435, N.^o 2 (24-XII-1902).
- gracilis*, Pseudonannolene tricolor, H. W. Brolemann, Tomo V, p. 125 (24-XII-1902).
- gracilis*, Xanthophyllophila, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 365 (20-1-1927).
- gracillinea*, Prosopis, Curt Schrottky, Tomo V, p. 340, N.^o 4, Est. XII, fig. 1 (24-XII-1902).
- gradata*, Trophon varians, H. von Ihering, Tomo II, p. 323 (28-XII-1897).
- Grammostoleas*, Mello Leitão, Tomo XIII, p. 177 (29-XII-1922).
- grandis*, Ceroplastes, Adolph Hempel, Tomo IV, p. 455, N.^o 70, Est. VIII, figs. 13-14 (28-VII-1900).
- grandis*, Dactylopius, Adolph Hempel, Tomo IV, p. 384, N.^o 11, Est. V, fig. 11 (28-VII-1900).
- grandis*, Itaxanthomelana, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 322 (20-1-1927).
- grandis*, Notiphilides, H. W. Brolemann, Tomo VI, p. 71, Pl. I, figs. 8-11 (8-V-1905).
- grandis*, Ontherus, H. Luederwaldt, Tomo XVII, 1.^a, p. 419 (15-VII-1931).
- grandis*, Orthezia, Adolph Hempel, Tomo XII, 2.^a, p. 342 (5-XII-1920).
- grandis*, Pulvinaria, Adolph Hempel, Tomo IV, p. 491, N.^o 96 (28-VII-1900).
- granulosissimus*, Promitobates, Mello Leitão, Tomo XVII, 2.^a, p. 401, N.^o 367 fig. 266, (5-VII-1932).
- granulosus*, Eduardoius, Mello Leitão, Tomo XVII, 2.^a, p. 344, N.^o 312 (5-VII-1932).
- granulosus*, Liarthrodes, Mello Leitão, Tomo XVII, 2.^a, p. 357, N.^o 319 (5-VII-1932).
- gregarius*, Apiococcus, Adolph Hempel, Tomo IV, p. 402 N.^o 23, Est. VI, fig. 8 (28-VII-1900).

- grisea*, *Gymnosturmia*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 312 (20-1-1927).
- grisescens*, *Gymnocamptops*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 311 (20-1-1927).
- guarana*, *Piaya cayana*, H. von Ihering, Tomo VI, p. 448, N.º 140 (8-V-1905).
- guariba*, *Alouata fusca*, H. von Ihering, Tomo IX, p. 284, fig. 2 (I-1914).
- guayaqui*, *Megachile*, Curt Schrottky, Tomo IX, p. 171, N.º 27 (XII-1913).
- guntheri*, *Euthyplocia*, R. P. Longinos Navás, S. J., Tomo XII, 2.ª, p. 414, fig. 1 (5-XII-1920).
- guntheri*, *Microlepidogaster*, Alipio Miranda-Ribeiro, Tomo X, p. 634 (XII-1918).
- Guracava*, H. von Ihering e R. von Ihering, Catalogos da fauna brasileira "Aves", Vol. I, p. 271 (9-X-1907).
- Gymnocamptops*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 222, N.º 132 (20-1-1927).
- Gymnodoria*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 260, N.º 440 (20-1-1927).
- Gymnogeophagus*, Alipio Miranda-Ribeiro, Tomo X, p. 790 (XII-1918).
- Gymnommopsis*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 255, N.º 402 (20-1-1927).
- Gymnopsittacus*, Alipio Miranda Ribeiro, Tomo XII, 2.ª, p. 26 (5-XII-1920).
- Gymnostreptus*, H. W. Brolemann, Tomo V, p. 153, (24-XII-1902).
- Gymnosturmia*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 248, N.º 341 (20-1-1927).
- Gyndoides*, Mello Leitão, Tomo XV, p. 412 (20-1-1927).

H

- hagedorni*, *Xyleborus*, Francisco Iglesias, Tomo IX, p. 128, figs. 1-2-3 (XI-1913).
- hagmanni*, *Eupogonius*, Julius Melzer, Tomo XV, p. 192, Est. VII, fig. 19 (20-1-1927).
- Haliectomorpha*, Curt Schrottky, Tomo VIII, p. 81 (10-V-1911).
- Harrisiopsis*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 247, N.º 338 (20-1-1927).
- hastatus*, *Diplotheopsis*, Mello Leitão, Tomo XIII, p. 112, figs. 25-27 (29-XII-1922).

- haustellata, Neuprosema, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 247, n. 338, (20-1-1927).
- hayeki, Phassus, José G. Foetterle, Tomo V, p. 649, Est. XVII, fig. 1. (24-XII-1902).
- hecuba, Augochlora (Augochloropsis) Curt Schrottky, Tomo V, p. 380, N.º 14 (24-XII-1902).
- hedae, Papilio, José G. Foetterle, Tomo V, p. 620, Est. XV, fig. 1 (24-XII-1902).
- helicitarsus, Megachile, Curt Schrottky, Tomo IX, p. 206, N.º 76, fig. 8-a d (XII-1913).
- Helicobiopsis, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 230, n. 202 (20-1-1927).
- Heliolydella, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 277, N.º 578 (20-1-1927).
- Helioprosota, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 239, N.º 277 (20-1-1927).
- hellmayri, Attila rufus, O. M. Oliveira Pinto, Tomo XIX, p. 231 (25-X-1935).
- hellmayri, Conopoyhaga lineata, O. M. Oliveira Pinto, Tomo XX, p. 81 (31-1-1936).
- hemiargyroides, Argyrodonia, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 288 (20-1-1927).
- hemiargyrophylax, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 265, N.º 488 (20-1-1927).
- hemiargyropsis, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 260, N.º 442 (20-1-1927).
- Hemilydella, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 278, N.º 587 (20-1-1927).
- Hemimasipoda, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 267, N.º 499 (20-1-1927).
- hemiphaea, Neoperla, R. P. Longinos Navás, S. J., Tomo XX, p. 727, N.º 68 (15-VI-1936).
- Hemipsittacus, Alipio Miranda-Ribeiro, Tomo XII, 2.ª, p. 16 (5-XII-1920).
- Hemisturmia, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 262, N.º 456 (20-1-1927).
- hemisura, Mallodelphis lanigera, Alipio de Miranda-Ribeiro, Tomo XX, p. 353, N.º 6-c (4-II-1936).
- hemorrhous, Oxyopes, Mello Leitão, Tomo XVI, p. 504, figs. 2-18 (12-1-1929).
- henriquei, Farlowella, Alipio Miranda-Ribeiro, Tomo X, p. 636 (XII-1918).

- herhardti**, Marmosa, Alipio de Miranda-Ribeiro, Tomo XX, p. 382, N.º 19 (4-II-1936).
- Hermachura**, Mello Leitão, Tomo XIII, p. 70 (29-XII-1922).
- Heteropucroli**, Mello Leitão, Tomo XVII, 2.ª, p. 452, (5-VII-1932).
- hieroglyphicus**, Mimetus, Mello Leitão, Tomo XVI, p. 545, fig. 7 (12-1-1929).
- hirta**, Proleskia, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 351 (20-1-1927).
- hoehnei**, Hirtella, Pilger, Tomo XIII, p. 1251, pl. II, (29-XII-1922).
- holmbergi**, Coelioxys Curt Schrottky, Tomo XII, 2.ª, p. 190 (5-XII-1920).
- Holoaden**, Alipio Miranda-Ribeiro, Tomo XII, 2.ª, p. 319, (5-XII-1920).
- holophoeus**, Pamphobeteus, Mello Leitão, Tomo XIII, p. 239 (29-XII-1922).
- holosericea**, Odyneropsis, Curt Schrottky, Tomo V, p. 433, N.º 1. Est. XII, fig. 14 (24-XII-1902).
- Homohypochaeta**, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 255, N.º 407 (20-1-1927).
- horni**, Stizocera, Julius Melzer, Notas preliminares, Vol. 2.º, fasc. 4.º, p. 6 (VIII-1923).
- Huascarayopsis**, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 254, N.º 399 (20-1-1927).
- hydrostaticus**, Pleurophysus, Alipio Miranda Ribeiro, Tomo X, p. 636 (XII-1918).
- hylaeceps**, Parahormetica, Paulo de Miranda-Ribeiro, Tomo XX, p. 218, fig. 2 (31-1-1936).
- hyphena**, Hypophorinia, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 318 (20-1-1927).
- Hypodermica**, Hypomyothyria, C. H. T. Townsend Tomo XV, p. 318 (20-1-1927).
- Hypodoria**, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 274, N.º 554 (20-1-1927).
- Hypohoughia**, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 255, N.º 408 (20-1-1927).
- hypomelas**, Emydops, Alipio Miranda-Ribeiro, Tomo XII, 2.ª, p. 287, pl. II, figs. 4-6 (5-XII-1920).
- Hypomyothyria**, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 276, N.º 572 (20-1-1927).
- Hypophorinia**, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 279, N.º 596 (20-1-1927).
- Hypoproxylops**, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 276, N.º 598 (20-1-1927).
- Hypospheles**, R. Kleine, Tomo XV, p. 434 (20-1-1927).

I

- Ibarroides*, Mello Leitão, Tomo XVII, 2.^a, p. 223, (5-VII-1932).
- idelettae*, Ponera, F. Santschi, Tomo XIII, p. 1258 (29-XII-1922).
- ignorata*, Cassia, F. C. Hoehne, Tomo X, p. 661, Tab. 8 (XII-1918).
- iguassuensis*, Litoporus, Mello Leitão, Tomo X, p. 94 (XII-1918).
- iguassuensis*, Scytodes, Mello Leitão, Tomo X, p. 133 (XII-1918).
- iheringi*, Anthrenoides, Curt Schrottky, Tomo VIII, p. 83, N.º 17 (10-V-1911).
- iheringi*, Arius, A. Smith Woodward F. L. S., Tomo iII, p. 64, figs. 1-2 (15-II-1899).
- iheringi*, Cryptops, H. W. Brolemann, Tomo V, p. 42, Pl. 1, figs. 6-7 (24-XII-1902). Tomo VI, Est. II, fig. 7 (8-V-1905).
- iheringi*, Hyperaspis (Cleothera), J. Weise, Tomo VIII, p. 57, N.º 12 (10-V-1911).
- iheringi*, Leptodesmus, H. W. Brolemann, Tomo V, p. 84, pl. IV, figs. 82-89 (24-XII-1902).
- iheringi*, Megachile, Curt Schrottky, Tomo IX, p. 157, N.º 6 (XII-1913).
- iheringi*, Palaemon, Arnold E. Ortmann, Tomo II, p. 211, Est. I, figs. 7-8 (28-XII-1897).
- iheringi*, Pompilus, Jean Bréthes, Tomo VIII, p. 65, N.º 2 (10-V-1911).
- iheringi*, Prosopis, Curt Schrottky, Tomo VIII, p. 71, N.º 1 (10-V-1911).
- iheringi*, Pterombus, Rodolpho v. Ihering, Tomo IX, p. 117, N.º 5, Est. III, fig. 5 (XI-1913).
- iheringi*, Pupa, Henry Suter, Tomo IV, p. 336, Est. III, fig. 8 e 8a (28-VII-1900).
- iheringi*, Spirifer, E. Kayser, Tomo IV, p. 303, Est. I, fig. 1, 2; Est. II, fig. 1 (28-VII-1900).
- iheringi*, Spirostreptus (Gymnostreptus), H. W. Brolemann, Tomo V, p. 160, pl. VIII, fig. 191-194 (24-XII-1902).
- iheringi*, Thelazia (Th.), Lauro Travassus, Tomo X, p. 227, Est. 1, fig. 3; Est. II, fig. 12 (XII-1918).
- iheringi*, Xyleborus, Francisco Iglesias, Tomo IX, p. 129, figs. 4-5 (XI-1913).
- iheringichthys*, Carl H. Eigenmann e Allen A. Norris, Tomo IV, p. 354 (28-VII-1900).
- Ilhodiscus*, Alipio Miranda-Ribeiro, Tomo XII, 2.^a, p. 267, (5-XII-1920).
- illusorius*, Troctes, H. von Ihering, Tomo III, p. 46 (15-II-1899).
- imitator*, Atelopus, Alipio Miranda-Ribeiro, Tomo XII, 2.^a, p. 310 (5-XII-1920).

- imparfinis*, Carl H. Eigenmann e Allen A. Norris, Tomo IV, p. 351 (28-VII-1900).
- imperfossa*, Schendyla, H. W. Brolemann, Tomo V, p. 44, pl. 1, figs. 8-13 (24-XII-1902).
- improvisa*, Columbella (Anachis), H. von Ihering, Notas preliminares, Vol. 1, N.º 3, p. 106 (8-XII-1914).
- inca*, Acemeigenica, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 282 (20-1-1927).
- incerta*, Augochlora (Augochloropsis), Curt Schrottky, Tomo V, p. 386, N.º 24 (24-XII-1902).
- incertus*, Oxyopes, Mello Leitão, Tomo XVI, p. 499, figs. 6-14 (12-1-1929).
- indistincta*, Mactra, H. von Ihering, Tomo II, p. 262, fig. 3 (28-XII-1897).
- induratus*, Aleuronodus, Adolph Hempel, Notas preliminares, Vol. 2.º, fasc. 1.º, p. 5 (15-III-1922).
- infaustus*, Leptodesmus, H. W. Brolemann, Tomo V, p. 69 (24-XII-1902).
- inferme*, Acutisoma, Mello Leitão, Tomo XV, p. 416 (20-1-1927).
- infrequens*, Lecanium, Adolph Hempel, Tomo IV, p. 431, N.º 50, Est. VIII, fig. 1 (28-VII-1900).
- ingae*, Tachardia, Adolph Hempel, Tomo IV, p. 415, N.º 36, Est. IX, fig. 7 (28-VII-1900).
- innotatus*, Galbacyrhynchus leucotis, H. von Ihering, Tomo VI, p. 445, N.º 118 (8-V-1905).
- inornatum*, Temnosoma, Curt Schrottky, Tomo V, p. 351, N.º 4 (24-XII-1902).
- inquirenda*, Megachile, Curt Schrottky, Tomo IX, p. 192, N.º 58 (XII-1913).
- insidiosoides*, Mimosa, F. C. Hoehne, Tomo X, p. 657 Tab. 4 (XII-1918).
- insulans*, Icerya, Adolph Hempel, Tomo XIII, p. 510 (29-XII-1922).
- insulanus*, Siphonops, Rodolph von Ihering, Tomo VIII, p. 109 (10-V-1911).
- insularis*, Ceropelma, Mello Leitão, Tomo XIII, p. 176, (29-XII-1922).
- insularis*, Gelanor, Mello Leitão, Tomo XVI, p. 562, fig. 24 (12-1-1929).
- insularis*, Pamphobeteus, Mello Leitão, Tomo XIII, p. 241 (29-XII-1922).
- intermedia*, Ilasturmia, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 322 (20-1-1927).
- intermedia*, Iteuthelaira, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 323 (20-1-1927).
- intermedius*, Campylorhamphus trochilirostris, J. L. Lima, Tomo XII, 2.ª, Est. II (5-XII-1920).

- intermedius*, *Pseudotocinclus*, John Treadwell Nichols, Tomo XI, p. 534 (7-XII-1919).
- interrupta*, *Castania boisduvali*, Roberto Spitz, Tomo XVII, 1.^a, p. 461, Est. IV, fig. 31 (15-VII-1931).
- interruptus*, *Plecostomus*, Alipio Miranda-Ribeiro, Tomo X, p. 632 (XII-1918).
- interruptus*, *Spirostreptus* (*Cladostreptus*) H. W. Brolemann, Tomo V, p. 171, pl. VIII, figs. 205-208 (24-XII-1902).
- interruptus*, *Streptaxis*, Henry Suter, Tomo IV, p. 331, Est. III, figs. 5 (28-VII-1900).
- iricolor*, *Hermacha*, Mello Leitão, Tomo XIII, p. 67 (29-XII-1922).
- iridicolor*, *Aegognathus*, H. Luederwaldt, Tomo XIX, p. 518 (25-X-1935).
- iris*, *Augochlora* (*Augochloropsis*), Curt Schrottky, Tomo V, p. 37^o N.^o 6, Est. XII, fig. 4 (24-XII-1902).
- irregularis*, *Ormiscodes*, José G. Foetterle, Tomo V, p. 645, Est. XVIII, fig. 4 (24-XII-1902).
- irrorata*, *Nyssodrys*, Julius Melzer, Tomo XV, p. 577 (20-1-1927).
- Itabiomyia*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 280, N.^o 605 (20-1-1927).
- itabunae*, *Lasiadora*, Mello Leitão, Tomo XIII, p. 266, figs. 96, 169 (29-XII-1922).
- Itacnephalia*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 236, N.^o 250 (20-1-1927).
- Itacuphocera*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 238, N.^o 269 (20-1-1927).
- Italispidea*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 268, N.^o 511 (20-1-1927).
- Italydella*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 278, N.^o 590 (20-1-1927).
- Itamaraty*, Mimallo, José G. Foetterle, Tomo V, p. 641, Est. XVII, fig. 2 (24-XII-1902).
- Itamobia*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 224, N.^o 152 (20-1-1927).
- Itaplectops*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 265, N.^o 486 (20-1-1927).
- itapuense*, *Dianthidium*, Curt Schrottky, Tomo XII, 2.^a, p. 210 (5-XII-1920).
- itapurana*, *Monasa nigrifrons*, H. von Ihering e R. von Ihering, *Catalogos da fauna brasileira "Aves"*, Vol. I, p. 413, N.^o 641a (9-X-1907).
- itarareus*, *Emberizoides macrourus*, H. von Ihering e R. von Ihering, *Catalogos da fauna brasileira, "Aves"*, Vol. I, p. 389, N.^o 1497b (9-X-1907).
- Itasaundersia*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 254, N.^o 394 (20-1-1927).

- Itasturmia*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 276, N.º 571 (20-1-1927).
Itatiayae, *Gonyleptes*, Mello Leitão, Tomo XVII, 2.^a, p. 300, N.º 259, fig. 157 (5-VII-1932).
itatiayae, *Hermacha*, Mello Leitão, Tomo XIII, p. 339 (29-XII-1922).
itatiayae, *Hormetica*, Paulo de Miranda-Ribeiro, Tomo XX, p. 217, fig. 1 (31-1-1936).
itatiayae, *Pieris*, José G. Foetterle, Tomo V, p. 624, Est. XVI, fig. 5 (24-XII-1902).
Itaxanthomelana, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 214, N.º 71 (20-1-1927).
Ituthelaira, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 264, N.º 472 (20-1-1927).

J

- jaboticabae*, *Aspidiotus*, Adolph Hempel, Tomo X, p. 206 (XII-1918).
jaboticabae, *Capulinia*, H. von Ihering, Tomo III, p. 48 (15-II-1899).
jaboticabae, *Lecanium*, Adolph Hempel, Tomo IV, p. 443, N.º 60, Est. VIII, figs. 6-7 (28-VII-1900).
jaboticabae, *Pseudaleurolobus*, Adolph Hempel, Tomo XIII, p. 1.156 (29-XII-1922).
Jacarepaguana, Mello Leitão, Tomo XVII, 2.^a, p. 451, (5-VII-1932).
jaguarae, *Papilio*, José G. Foetterle, Tomo V, p. 619, Est. XV, fig. 3 (24-XII-1902).
janeirensis, *Aspidiotus* (*Odonaspis*), Adolpho Hempel, Tomo IV, p. 500, N.º 103 (28-VII-1900).
januaria, *Entatoneura*, R. P. Longinos Navás, S. J., Tomo XX, p. 721, N.º 61 (15-VI-1936).
jaraguana, *Synallaxis brachiura*, O. M. Oliveira Pinto, Tomo XX, p. 89 (31-1-1936).
jeguaensis, *Tellina*, H. von Ihering, Tomo II, p. 260, Est. V, fig. 33 (28-XII-1897).
jocasta, *Oxystoglossa*, Curt Schrottky, Tomo VIII, p. 74, N.º 3 (10-V-1911).
joinvillei, *Callipogon*, Paulo de Miranda-Ribeiro, Tomo XIX, p. 417, c/estampa (25-X-1935).
jorgea, *Mactra*, H. von Ihering, *Notas preliminares*, Vol. 1.º, N.º 3, p. 60, Est. II, figs. 6a-b (8-XII-1914).
jucundus, *Leptodesmus*, H. W. Brolemann, Tomo V, p. 64, pl. II-III, figs. 41-44 (24-XII-1902); *idem*, Tomo VI, Est. II, fig. 4 (8-V-1905).

- jundiana*, Megachile, Curt Schrottky, Tomo IX, p. 204, N.º 72, fig. 7 g-i (XII-1913).
- juquiaze*, Corydoras, Rodolpho von Ihering, Notas preliminares, Vol. 1, fasc. 1, p. 37 (9-X-1907).
- Jurinosoma*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 255, N.º 404 (20-1-1927).
- juruana*, Dendroornis ocellata, H. von Ihering, Tomo VI, p. 436, N.º 60 (8-V-1905).
- juruana*, Drymophila, H. von Ihering, Tomo VI, p. 442, N.º 86 (8-V-1905).
- juruana*, Myrmotherula brevicauda, H. von Ihering, Tomo VI, p. 440, N.º 78 (8-V-1905).
- juruana*, Polybia occidentalis, Rodolpho von Ihering, Tomo VI, p. 198, N.º 34.^a (8-V-1905).
- juruana*, Solaropsis rugifera, H. von Ihering, Tomo VI, p. 456, N.º 2 (8-V-1905).
- juruanum*, Ornithion pusillum, H. von Ihering, Tomo VI, p. 434, N.º 34 (8-V-1905).
- juruanus*, Dendrocolaptes, H. von Ihering, Tomo VI, p. 437, N.º 65 (8-V-1905).
- juruanus*, Midas pileatus, H. von Ihering, Tomo VI, p. 416, N.º 16 (8-V-1905).
- juruanus*, Thamnophilus, H. von Ihering, Tomo VI, p. 439, N.º 70 (8-V-1905).
- juruanus*, Thryothorus genibarbis, H. von Ihering, Tomo VI, p. 431, N.º 4 (8-V-1905).
- juruenensis*, Hirtella, Pilger, Tomo XIII, p. 1250, pl. I (29-XII-1922).
- juruenicola*, Acanthoscurria, Mello Leitão, Tomo XIII, p. 294 (29-XII-1922).
- juruenensis*, Avicularia, Mello Leitão, Tomo XIII, p. 321, figs. 156, 188 (29-XII-1922).

K

- keyserlingi*, Mimetus, Mello Leitão, Tomo XVI, p. 546, fig. 9 (12-1-1929).

L

- lacerta*, Plecostomus, John Treadwell Nichols, Tomo XI, p. 414 (7-XII-1919).

- Lachnodiella**, Adolph Hempel, Tomo VIII, p. 52 (10-V-1911).
- lacrimosus**, Gonyleptes, Mello Leitão, Tomo XVII, 2.^a, p. 294, N.º 250, fig. 148, (5-VII-1932).
- lactea**, Basanitia, Alipio Miranda-Ribeiro, Tomo XIII, p. 851, pl. 1 (29-XII-1922).
- lamellosus**, Leptodesmus, H. W. Brolemann, Tomo V, p. 80, pl. IV, figs. 75-79 (24-XII-1902).
- lanigerum**, Lecanium, Adolph Hempel, Tomo IV, p. 446, N.º 63 (28-VII-1900).
- lanosa**, Mimosa eriophylloides, F. C. Hoehne, Tomo X, p. 660, Tab. 6 (XII-1918).
- laticornis**, Ommata, Julius Melzer, Notas preliminares, Vol. 2.º, fasc. 2.º, p. 7 (20-V-1922).
- latisfasciata**, Systasea emorsa, Roberto Spitz, Tomo XVII, 1.^a, p. 460, Est. I, figs. 5-6 (15-VII-1931).
- latum**, Anthidium, Curt Schrottky, Tomo V, p. 447, N.º 3 (24-XII-1902).
- latus**, Aleyrodes, Adolph Hempel, Tomo XIII, p. 1.143 (29-XII-1922).
- lepidopterus**, Coryssocnemis, Mello Leitão, Tomo X, p. 101 (XII-1918).
- Leptogonys**, Mello Leitão, Tomo XVII, 2.^a, p. 464 (5-VII-1932).
- Leskiolydella**, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 269, N.º 518 (20-1-1927).
- leucochlorus**, Schenicoscelis, Mello Leitão, Tomo XVI, p. 533, figs. 58-59 (12-1-1929).
- levimarginata**, Megachile, Curt Schrottky, Tomo IX, p. 175, N.º 33 (XII-1913).
- levior**, Spirostreptus (Cladostreptus) perlucens, H. W. Brolemann, Tomo V, p. 171 (24-XII-1902).
- lexi**, Plecostomus, Rodolpho von Ihering, Tomo VIII, p. 387, (10-V-1911).
- libericornis**, Publius, H. Luederwaldt, Tomo XVIII, p. 15, N.º 3 (2-II-1935).
- ligniticus**, Tetragonopterus, A. Smith Woodward F. L. S., Tomo III, p. 67, figs 4-5 (15-II-1899).
- limae**, Megachile, Curt Schrottky, Tomo IX, p. 176, N.º 35 (XII-1913).
- limbatus**, Rhinoericus, H. W. Brolemann, Tomo V, p. 205, pl. X, figs 267-271 (24-XII-1902).
- limbatus**, Salus, Jean Bréthes, Tomo VIII, p. 69, N.º 6 (10-V-1911).

- limbatus*, Thraulodes, R. P. Longinos Navás, S. J., Tomo XX, p. 733, N.º 78, fig. 21 (15-VI-1936).
- linearis*, Pseudischnaspis, Adolph Hempel, Tomo IV, p. 506, N.º 110, Est. XII, figs. 1-3 (28-VII-1900).
- lineata*, Engystoma ovale, Alipio Miranda-Ribeiro, Tomo XII, 2.^a, p. 284 (5-XII-1920).
- Liogyndulus*, Mello Leitão, Tomo XVII, 2.^a, p. 140, (5-VII-1932).
- litigatrix*, Aeschna, R. P. Longinos Navás, S. J., Tomo VIII, p. 476, N.º 1, fig. 1 (10-V-1911).
- littoralis*, Discocyrtus, Mello Leitão, Tomo XVII, 2.^a, p. 172, N.º 124, fig. 91 (5-VII-1932).
- loefgreniana*, Cassia, F. C. Hoehne, Tomo X, p. 660, Tab. 7 (XII-1918).
- loefgreniana*, Piptadenia, F. C. Hoehne, Tomo X, p. 654 (XII-1918).
- longicauda*, Compsurus, R. P. Longinos Navás, S. J., Tomo XVII, 1.^a, p. 455, fig. 10-a-b (15-VII-1931).
- longimana*, Grammostola, Mello Leitão, Tomo XIII, p. 214, figs. 107, 109 (29-XII-1922).
- longior*, Crassatella, H. von Ihering, Tomo II, p. 247, Est. V, fig. 34; Est. VI, fig. 37 (28-XII-1897).
- longipes*, Orthezia, Adolph Hempel, Tomo XII, 2.^a, p. 343 (5-XII-1920).
- lucida*, Saissetia, Adolph Hempel, Catalogos da fauna brasileira, Vol. III, p. 60 (III-1912).
- lucidus*, Ceroplastes, Adolph Hempel, Tomo IV, p. 465, N.º 77, Est. X, fig. 4 (28-VII-1900).
- lucidum*, Mesolecanium, Adolph Hempel, Catalogos da fauna brasileira, Vol. III, p. 60 (III-1912).
- Luederwaltia*, Mello Leitão, Tomo XIII, p. 518 (29-XII-1922).
- Luederwaldtiana*, Adolph Hempel, Tomo XIII, p. 1.151 (29-XII-1922).
- luederwaldti*, Chrysopa, R. P. Longinos Navás, S. J., Tomo XIII, p. 771 (29-XII-1922).
- luederwaldti*, Ctenus, Mello Leitão, Tomo XV, p. 403 (20-I-1927).
- luederwaldti*, Discoelius, Rodolpho von Ihering, Tomo VIII, p. 468 (10-V-1911).
- luederwaldti*, Eburodacrys, Julius Melzer, Notas preliminares, Vol. 2.º, fasc. 2.º, p. 4 (20-V-1922).
- luederwaldti*, Hermachura, Mello Leitão, Tomo XIII, p. 70, figs. 37-40 (29-XII-1922).
- luederwaldti*, Holoaden, Alipio Miranda-Ribeiro, Tomo XII, 2.^a, p. 319, pl. I, fig. a-f (5-XII-1920).
- luederwaldti*, Icerya, Adolph Hempel, Tomo X p. 197 (XII-1918).

- luederwaldti*, *Leptinopterus*, José Elias de Moraes, Tomo XIX, p. 506 (25-X-1935).
- luederwaldti*, *Loboederus*, C. A. Camargo-Andrade, Tomo XIX, p. 441, figs. 2-a, b, c (25-X-1935).
- luederwaldti*, *Megachile*, Curt Schrotky, Tomo IX, p. 189, N.º 54, fig. 4, IV, p. 152 (XII-1913).
- luederwaldti*, *Mymecobius*, Mello Leitão, Tomo XIII, p. 524 (29-XII-1922).
- luederwaldti*, *Pseudancistrus*, Alipio Miranda-Ribeiro, Tomo X, p. 632 (XII-1918).
- lutea*, *Actinactia*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 283 (20-1-1927).
- luteifemur*, *Liogynulus*, Mello Leitão, Tomo XVII, 2.ª, p. 140, N.º 90, (5-VII-1932).
- luteispinis*, *Paragonyleptes*, Mello Leitão, Tomo XVII, 2.ª, p. 463, (5-VII-1932).
- luteolus*, *Schenicoscelis*, Mello Leitão, Tomo XVI, p. 532, figs. 56-57 (12-1-1929).
- luteovariatus*, *Holcobunus*, Mello Leitão, Tomo XVII, 2.ª, p. 438, fig. 2 (5-VII-1932).
- lutzi*, *Hydraspis*, H. Luederwaldt, Tomo XIV, p. 440, fig. 31 (10-1-1926).
- lutzi*, *Nilio*, Rodolpho von Ihering, Tomo IX, p. 289, Est. III, fig. 3 (I-1914).
- lutzi*, *Thelazia* (Th.), Lauro Travassus, Tomo X, p. 228, Est. 1, fig. 4; Est. II, fig. 8; Est. III, fig. 13 (XII-1918).
- Lycodesmus*, Julius Melzer, Tomo XV, p. 581 (20-1-1927).
- Lydella*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 279, N.º 593 (20-1-1927).
- Lydella*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 280, N.º 602 (20-1-1927).
- Lydinolydella*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 278, N.º 590 (20-1-1927).
- Lygrocharis*, Julius Melzer, Tomo XV, p. 566 (20-1-1927).
- Lygoniosoma*, Mello Leitão, Tomo XIV, p. 357, p. 379, (10-1-1926).

M

- macroblepharus*, *Leptodactylus*, Alipio Miranda-Ribeiro, Tomo XV, p. 124, Est. II (20-1-1927).
- macrocera*, *Melanactia*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 326 (20-1-1927).

- macroglossa**, Pleucetia, Mello Leitão, Tomo XVI, p. 527, fig. 49 (12-1-1929).
- Macrohoughia**, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 261, N.º 451 (20-1-1927).
- Macrohoughiopsis**, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 261, N.º 451 (20-1-1927).
- macroscelides**, Oxyopedes, Mello Leitão, Tomo XVI, p. 498, figs. 5-13 (12-1-1929).
- maculata**, Aulacaspis boisduvalii, T. D. A. Cockerell, Tomo III, p. 502, N.º 4 (15-II-1899).
- maculatus**, Ctenochelus, Mello Leitão, Tomo XIII, p. 62, (29-XII-1922).
- Magaelosia**, Alipio Miranda-Ribeiro, Tomo XIII, p. 819, N.º 2 (29-XII-1922).
- maravilha**, Pyrrhopyge, José G. Foetterle, Tomo V, p. 637, Est. XV, fig. 3 (24-XII-1902).
- macrosternus**, Leptodactylus ocellatus, Alipio Miranda-Ribeiro, Tomo XV, p. 124, (20-1-1927).
- major**, Geneopsis, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 311 (20-1-1927).
- manacensis**, Megachile, Curt Schrottky, Tomo IX, p. 201, N.º 68, fig. 6 f-l (XII-1913).
- mandapuça**, Ciposia, Alvaro da Silveira, Tomo X, p. 156, Est. (XII-1918).
- marginata**, Taunayia, Alipio Miranda Ribeiro, Tomo X, p. 642 (XII-1918).
- marginatus**, Heteropachyloidellus, Mello Leitão, Tomo XVII, 2.^a, p. 150, N.º 101, (5-VII-1932).
- marginivillosus**, Sclerostomus, H. Luederwaldt, Tomo XIX, p. 535 (25-X-1935).
- mariannae**, Lasiodora, Mello Leitão, Tomo XIII, p. 249, figs. 93, 103, 164 (29-XII-1922).
- maritimus**, Aleurodicus, Adolph Hempel, Tomo XIII, p. 1.123, Est. 1, fig. 2 (29-XII-1922).
- marmorata**, Macrohoughia, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 325 (20-1-1927).
- marmoratum**, Mesolecanium, Adolph Hempel, Tomo XII, 2.^a, p. 348 (5-XII-1920).
- marmoratus**, Aleurodicus, Adolph Hempel, Tomo XIII, p. 1.124, Est. II, fig. 1 (29-XII-1922).
- marmoratus**, Leptogonys, Mello Leitão, Tomo XVII, 2.^a, p. 464, (5-VII-1932).

- martensi*, Modiola, H. von Ihering, Tomo II, p. 104, fig. 6 (28-XII-1897).
- martini*, Gynacantha, R. P. Longinos Navás, S. J., Tomo VIII, p. 478, N.º 2 (10-V-1911).
- mathani*, Chrysis, Adolph Ducke, Catalogos da fauna brasileira, Vol. IV, p. 36, N.º 30 (1913).
- matthewi*, Siphonalia, H. von Ihering, Notas preliminares, Vol. 1, N.º 3, p. 102, Est. III, fig. 14. (8-XII-1914).
- mattogrossensis*, Capparis, Pilger, Tomo XIII, p. 1250, (29-XII-1922).
- mattogrossensis*, Eciton hamatum, H. Luederwaldt, Tomo XVI, 2.^a, p. 237 (5-XII-1920).
- mattogrossensis*, Goniocotacanthus, L. R. Guimarães, Tomo XX, p. 226, Est. 1, fig. 2; Est. IV, figs. 8-9 (31-1-1936).
- Mayophorinia*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 263, N.º 463 (20-1-1927).
- Mayoschizocera*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 380 N.º 422A (20-1-1927).
- mayteni*, Lecanium, Adolph Hempel, Tomo IV, p. 438, N.º 57, Est. VIII, fig. 3 (28-VII-1900).
- Medinophyto*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 219, N.º 112. (20-1-1927).
- Megalecanium*, Adolph Hempel, Tomo XII, 2.^a, p. 352 (5-XII-1920).
- megalura*, Pimelodella, Alipio Miranda Ribeiro, Tomo X, p. 638 (XII-1918).
- melacanthus*, Ancistrotellus, Mello Leitão, Tomo XVII, 2.^a, p. 395, N.º 359, fig. 269, (5-VII-1932).
- melanacanthus*, Discocyrtus, Mello Leitão, Tomo XVII, 2.^a, p. 178, n.º 133, fig. 98 (5-VII-1932).
- Melanactia*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 258, N.º 428 (20-1-1927).
- Melanepalpellus*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 250, N.º 365 (20-1-1927).
- melanocephalus*, Pamphobeteus, Mello Leitão, Tomo XIII, p. 234 (29-XII-1922).
- Melanocyptera*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 215, N.º 78 (20-1-1927).
- Melanodoria*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 280, N.º 602 (20-1-1927).
- melanoleucus*, Mimetus, Mello Leitão, Tomo XVI, p. 547, fig. 11 (12-1-1929).
- melanopterum*, Glanidium, Alipio Miranda Ribeiro, Tomo X, p. 643 (XII-1918).

- Melanorlopteryx*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 273, N.º 549 (20-1-1927).
- melanostoma*, Ero, Mello Leitão, Tomo XVI, p. 555, figs. 19-20 (12-1-1929).
- melanotheria*, Acanthoscurria, Mello Leitão, Tomo XIII, p. 310 (29-XII-1922).
- melanurus*, Selenops, Mello Leitão, Tomo XIII, p. 516, N.º 4, figs. 1-4 (29-XII-1922).
- melochiae*, Megachile, Curt Schrottky, Tomo IX, p. 205, N.º 75, fig. 8 e-h p. 206 (XII-1913).
- Meloideae* (Sect.) Rodolph v. Ihering, Tomo IX, p. 288, nota 1-1914.
- melzeri*, Eulecanium, Adolph Hempel, Tomo XII, 2.^a, p. 351 (5-XII-1920).
- mententomes*, Coelioxys, Curt Schrottky, Tomo XII, 2.^a, p. 196, N.º 3 (5-XII-1920).
- meridionalis*, Corydoras, Rodolph von Ihering, Tomo VIII, p. 389 (10-V-1911).
- meridionalis*, Dosinia, H. von Ihering, Tomo II, p. 256, Est. VI, fig. 41 (28-XII-1897).
- meridionalis*, Ilhaia, Mello Leitão, Tomo XV, p. 417 (20-1-1927).
- meridionalis*, Marmosa, Alipio de Miranda-Ribeiro, Tomo XX, p. 371, N.º 10 (4-II-1936).
- meridionalis*, Peucetia, Mello Leitão, Tomo XVI, p. 524, fig. 43-44 (12-1-1929).
- meridionalis*, Polybia, Rodolpho von Ihering, Tomo VI, p. 211, N.º 55, Est. VI, fig. 7 (ninho), (8-V-1905).
- Mesembrinellopsis*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 208, N.º 17 (20-1-1927).
- Metagonistylum*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 379, N.º 420-A (20-1-1927).
- Metagraphinotus*, Mello Leitão, Tomo XV, p. 411 (20-1-1927).
- metallica*, Lydinolydella, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 325 (20-1-1927).
- Metamyobia*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 213, N.º 56 (20-1-1927).
- metanotalis*, Pachycondyla, H. Luederwaldt, Tomo X, p. 54 (XII-1918).
- Metapoactia*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 268, N.º 508 (20-1-1927).
- Metarrhinomyia*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 279, N.º 597 (20-1-1927).
- metropolitanum*, Metagoniosoma, Mello Leitão, Tomo XVII, 2.^a, p. 310, N.º 274, fig. 169 (5-VII-1932).

- miconiae**, Aleurothrixus, Adolph Hempel, Tomo XIII, p. 1.154 (29-XII-1922).
- Micronotochaeta**, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 233, N.º 226 (20-1-1927).
- micronyx**, Aphilodon, H. W. Brolemann, Tomo V, p. 46, Pl. 1, figs. 14-19 (24-XII-1902).
- microps**, Plecostomus, (Rhinelepis) Rodolph von Ihering, Notas preliminares, Vol. 1, fasc. 1, p. 25 (9-X-1907).
- Microtrichomodes**, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 245, N.º 325 (20-1-1927).
- mima**, Mesembrinellopsis, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 328 (20-1-1927).
- minensis**, Diaspis, Adolph Hempel, Tomo X, p. 205 (XII-1918).
- minense**, Metagonistylum, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 381 (20-1-1927).
- minense**, Progoniosoma, Mello Leitão, Tomo XVII, 2.^a, p. 265, N.º 220, fig. 140 (5-VII-1932).
- minensis**, Thalerothele, Mello Leitão, Tomo XIV, p. 314, figs. 1-3 (10-1-1926).
- minensis**, Eusarcus, Mello Leitão, Tomo XVII, 2.^a, p. 158, N.º 109, fig. 82 (5-VII-1932).
- minor**, Aniseia, Pilger, Tomo XIII, p. 1252 (29-XII-1922).
- minor**, Cleptes mutiloides, Adolpho Ducke, Catalogos da fauna brasileira, Vol. IV, p. 29, N.º 7 (1913).
- minor**, Coelixys, holmbergi, Curt Schrottky, Tomo XII, 2.^a, p. 191, N.º 4 (5-XII-1920).
- minor**, Phrynotachina, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 347 (20-1-1927).
- minuseula**, Megachile, Curt Schrottky, Tomo IX, p. 219, N.º 96, fig. 1-n, p. 213 (XII-1913).
- minutus**, Ibarroides, Mello Leitão, Tomo XVII, 2.^a, p. 223, N.º 179 (5-VII-1932).
- Minthodexiopsis**, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 221, N.º 127 (20-1-1927).
- Minthomima**, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 380, N.º 427A (20-1-1927).
- mirabilis**, Dolichopalpellus, C. H. T. Townsend, p. 302 (20-1-1927).
- misumenoides**, Tmarus, Mello Leitão, Tomo XV, p. 406 (20-1-1927).
- mitis**, Cupipes ungulatus, H. W. Brolemann, Tomo VI, p. 65 (8-V-1905).
- mixta**, Myiosturnia, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 331 (20-1-1927).

- modesta*, Hinda, J. Weise, Tomo VIII, p. 59, N.º 17 (10-V-1911).
- modesta*, Mallodelphis lanigera, Alipio de Miranda-Ribeiro, Tomo XX, p. 356, N.º 6-f (4-II-1936).
- moestus*, Rhinocricus, H. W. Brolemann, Tomo V, p. 200, pl. X, figs. 255, 261 (24-XII-1902).
- montanus*, Tmesiphantes, Mello Leitão, Tomo XIII, p. 139, figs. 48-50 (29-XII-1922).
- moorei*, Glossosiphonia, Cezar Pinto, Tomo XIII, p. 912, N.º 7 (29-XII-1922).
- moralus*, Eciton latidens, F. Santschi, Tomo XIII, p. 1259 (29-XII-1922).
- moreirae*, Atelopus, Alipio Miranda-Ribeiro, Tomo XII, 2.^a, p. 307, pl. 1, 4 figs. (5-XII-1920).
- moreirae*, Calopelma, Mello Leitão, Tomo XIII p. 149, (29-XII-1922).
- moreirae*, Marmosa, Alipio de Miranda-Ribeiro, Tomo XX, p. 380, N.º 17 (4-II-1936).
- mucronata*, Ollochactia, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 339 (20-1-1927).
- mucuryna*, Crenicichla, Rodolph von Ihering, Tomo IX, p. 335 (II-1914).
- muelleri*, Siphonostoma, H. von Ihering, Tomo II, p. 422 (28-XII-1897).
- multicostata*, Cucullaea, H. von Ihering, Tomo II, p. 240, Est. IV, fig. 20 Est. V, fig. 29 (28-XII-1897).
- multifasciatus*, Atrypanius, Julius Melzer, Tomo XV, p. 572 (20-1-1927).
- multifasciatus*, Tetragnopterus, Carl H. Eigenmann e Allen A. Norris, Tomo IV, p. 358 (28-VII-1900).
- multilobis*, Diaspidistis, Adolph Hempel, Tomo IV, p. 522, N.º 131, Est. XII, fig. 5 (28-VII-1900).
- multiradiatus*, Heptapterus, Rodolpho von Ihering, Notas preliminares, Vol. 1, fasc. 1, p. 20 (9-X-1907).
- musciforme*, Anthidium, Curt Schrottky; Tomo V, p. 455, N.º 12 (24-XII-1902).
- muticum*, Goniodontium, Mello Leitão, Tomo XIII, p. 127 (29-XII-1922).
- mutilata*, Gonyperna, Mello Leitão, Tomo XVII, 2.^a, p. 339, (5-VII-1932).
- mutillatus*, Pinotus, H. Luederwaldt, Tomo XX, p. 212 (31-I-1936).
- Myiodoria*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 276, N.º 601 (20-1-1927).
- Myiophasiopsis*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 378, N.º 125A (20-1-1927).
- Myiosturmia*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 272, N.º 535 (20-1-1927).

- Myioxynops*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 278, N.º 592 (20-1-1927).
Myrmecobiinae, Mello Leitão, Tomo XIII, p. 523 (29-XII-1922).
Myrmecobius, Mello Leitão, Tomo XIII, p. 524 (29-XII-1922).

N

- nana*, *Lydellohoughia*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 324 (20-1-1927).
nana, *Neocraspedothrix*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 333 (20-1-1927).
nasua, *Pseudagapostemon*, Curt Schrottky, Tomo VIII, p. 83, N.º 16 (10-V-1911).
nasuta, *Neosolieria*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 336, (20-1-1927).
Neacroglossa, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 238, N.º 265 (20-1-1927).
Nealeurodicus, Adolph Hempel, Tomo XIII, p. 1.134 (29-XII-1922).
Nealeyrodes, Adolph Hempel, Tomo XIII, p. 1.144 (29-XII-1922).
Neargyrophylax, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 265, N.º 488 (20-1-1927).
nectandrae, *Megasaissetia*, Adolph Hempel, Tomo X, p. 203 (XII-1918).
nectariniaides, *Anthidium*, Curt Schrottky, Tomo V, p. 451, N.º 7 (24-XII-1902).
neglecta, Ponere, F. Santschi, Tomo XIII, p. 1257 (29-XII-1922).
neivai *Lygrocharis*, Julius Melzer, Tomo XV, p. 567 (20-1-1927).
Nemocephalinus, R. Kleine, Tomo XV, p. 459 (20-1-1927).
Neocampylochaeta, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 255, N.º 407 (20-1-1927).
Neochelynia, Curt Schrottky, Tomo XII, 2.^a, p. 187 (5-XII-1920).
Neocraspedothrix, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 257, N.º 419 (20-1-1927).
Neocuphocera, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 239, N.º 277 (20-1-1927).
Neommasicera, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 275, N.º 566 (20-1-1927).
Neophyllophila, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 235, N.º 241 (20-1-1927).
Neopodomyia, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 241, N.º 293 (20-1-1927).
Neoprosena, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 221, N.º 129 (20-1-1927).
Neosarromyia, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 237, N.º 261 (20-1-1927).

- neotropica*, *Neophyllophila*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 334 (20-1-1927).
- neotropica*, *Neosarromyia*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 335 (20-1-1927).
- Nepocarcelia*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 267, N.º 497 (20-1-1927).
- Nepophasmophaga*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 268, N.º 508 (20-1-1927).
- nepes*, *Neocuphocera*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 333 (20-1-1927).
- Neosadocus*, Mello Leitão, Tomo XIV, p. 378 (10-1-1926).
- Neosolieria*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 211, N.º 43 (20-1-1927).
- Neureclipsa*, R. P. Longinos Navás, S. J., Tomo VIII, p. 478, (Nota) (10-V-1911).
- neuwiedi*, *Cochliophagus mikani*, Rodolpho von Ihering, Tomo VIII, p. 333 (10-V-1911).
- nigratus*, *Urosciurus*, O. M. Oliveira Pinto, Tomo XVII, 1.^a, p. 309, Est. IV, fig. 715; Est. XII, fig. 715 (15-VII-1931).
- nigrescens*, *Hamataliva*, Mello Leitão, Tomo XVI, p. 517, fig. 33 (12-1-1929).
- nigriceps*, *Gymnotus aequilabiat*, Rodolph von Ihering, Tomo VII, p. 285 (12-IX-1908).
- nigridorsi*, *Harmonicon*, Mello Leitão, Tomo XIV, p. 315, fig. 4 (10-1-1926).
- nigrimaeculatus*, *Eusarcus*, Mello Leitão, Tomo XIV, p. 371 (10-1-1926).
- nigripes*, *Tricommat*, Mello Leitão, Tomo XVII, 2.^a, p. 41, N.º 19, Fig. 17 (5-VII-1932).
- nigrisquamis*, *Melanodoria*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 327. (20-1-1927).
- nigriventris*, *Oxyopeidon*, Mello Leitão, Tomo XVI, p. 509, fig. 21 (12-1-1929).
- nigropileosa*, *Megachille*, Curt Schrottky, Tomo V, p. 435, N.º 1 (24-XII-1902).
- nigrosulcata*, *Heteropucroli*, Mello Leitão, Tomo XVII, 2.^a, p. 452, fig. 12 (5-VII-1932).
- nigrotibialis*, *Leptinopterus*, H. Luederwaldt, Tomo XIX, p. 506 (25-X-1935).
- nilopolensis*, *Idiops*, Mello Leitão, Tomo XIII, p. 47 (29-XII-1922).
- nitens*, *Prophaenopsis*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 351 (20-1-1927).

- nitidior**, *Spirostreptus* (*Gymnostreptus*) *subsericeus*, H. W. Brolemann, Tomo V, p. 165 (24-XII-1902).
- nitidum**, *Strongylosoma*, H. W. Brolemann, Tomo V, p. 105, pl. VI, figs. 125-127 (24-XII-1902).
- nitidus**, *Octaleurodicus*, Adolph Hempel, *Notas preliminares*, Vol. 2.º, fasc. 1.º, p. 8 (15-III-1922).
- niveus**, *Monophlebus*, Adolph Hempel, Tomo XII, 2.ª, p. 331 (5-XII-1920).
- noaki**, *Pseudoparlatoria*, T. D. A. Cockerell, Tomo III, p. 42, N.º 2 (15-II-1899).
- nodosoplicatus**, *Pecten*, H. von Ihering, Tomo II, p. 227, Est. V, fig. 36 (28-XII-1897).
- nondescriptus**, *Hapalopus*, Mello Leitão, Tomo XIV, p. 319, figs. 7-8 (10-1-1926).
- notabilis**, *Paromoeocerus*, Julius Melzer, Tomo X, p. 431 (XII-1918).
- notatus**, Gonzaga, R. P. Longinos Navás, S. J., Tomo XVI, p. 861, N.º 46, fig. 8 (12-1-1929).
- novaesii**, *Calliandra*, F. C. Hoehne, Tomo X, p. 654, Tab. 2 (XII-1918).
- novaesii**, *Cerosplastes*, Adolph Hempel, Tomo IV, p. 457, N.º 71, Est. IX, figs. 8-9 (28-VII-1900).
- novus**, *Thamnochilus doliiatus*, O. M. Oliveira Pinto, Tomo XVII, 2.ª, p. 753 (5-VII-1932).
- nuda**, *Eumacrophobia*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 309 (20-1-1927).
- Nyssicostylus**, Julius Melzer, *Notas preliminares*, Vol. 2.º, fasc. 4, p. 5 (VIII-1923).

O

- obliquus**, *Phylloicus*, R. P. Longinos Navás, S. J., Tomo XVII, 1.ª, p. 458, fig. 12 (15-VII-1931).
- obscura**, *Megacilissa*, Curt Schrottky, Tomo V, p. 412, N.º 5 (24-XII-1902).
- obscurus**, *Ancistrotellus*, Mello Leitão, Tomo XVII, 2.ª, p. 396, N.º 361, (5-VII-1932).
- obscurus**, *Gelanor*, Mello Leitão, Tomo XVI, p. 563, fig. 32 (12-1-1929).
- obsoleta**, *Scalaria rugulosa*, H. von Ihering, Tomo II, p. 323 (28-XII-1897).
- obsoleta**, *Tetrapaedia*, Curt Schrottky, Tomo V, p. 547, N.º 11 (24-XII-1902).
- occultus**, *Coryssocnemis*, Mello Leitão, Tomo X, p. 100 (XII-1918).

- ocellaris*, Itacuphocera, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 320 (20-1-1927).
- ocellaris*, Orophorocera, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 342 (20-1-1927).
- ochracea*, Tuberculocera, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 363 (20-1-1927).
- ochraceus*, Ochroepalpus, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 337 (20-1-1927).
- Ochroepalpus*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 255, N.º 400 (20-1-1927).
- ochrurus*, Rhinocricus pugio, H. W. Brolemann, Tomo V, p. 197 (24-XII-1902).
- Octaleurodicus*, Adolph Hempel, Notas preliminares, Vol. 2.º, fasc. 1, p. 7 (15-III-1922).
- octocostatum*, Dentalium, H. von Ihering, Tomo II, p. 266, Est. IV, fig. 16 (28-XII-1897).
- octocentrus*, Euryurus, H. W. Brolemann, Tomo VI, p. 74, fig. V-VII, Pl. 1 figs. 18-20 (8-V-1905).
- oculata*, Audouinea, A. L. Treadwell, Tomo XVII, 2.ª, p. 902, fig. 12-14 (5-VII-1932).
- oculata*, Xylocamptomima, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 366 (20-1-1927).
- odontochila*, Rachias, Mello Leitão, Tomo XIII, p. 340 (29-XII-1922).
- Odyneropsis*, Curt Schrottky, Tomo V, p. 432, N.º 2, Est. XIV, figs. 3a-d (24-XII-1902).
- Oedemamedina*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 269, N.º 515 (20-1-1927).
- Okeopsis*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 267, N.º 499 (20-1-1927).
- oligantha*, Spiranthus, F. C. Hoehe, Tomo X, p. 442, Tab. 1, fig. 1.ª 1h (XII-1918).
- Oligolydella*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 275, N.º 562 (20-1-1927).
- Olindopsis*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 274, N.º 554 (20-1-1927).
- Ollachactia*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 262, N.º 459 (20-1-1927).
- Ollacheryphe*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 265, N.º 412 (20-1-1927).
- opacipennis*, Pinotus, H. Luederwaldt, Tomo XVII, 1.ª, p. 354, (15-VII-1931).
- Ophirionopsis*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 217, N.º 96 (20-1-1927).



- Opsoempheria*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 249, N.º 355 (20-1-1927).
- Opsosturmia*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 277, N.º 576 (20-1-1927).
- oralis*, *Neupodomyia*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 334 (20-1-1927).
- orba*, *Megachile*, Curt Schrottky, Tomo IX, p. 214 N.º 88 (XII-1913).
- orbitalis*, *Amicrotrichomma*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 285 (20-1-1927).
- orbitalis*, *Camptophryno*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 293 (20-1-1927).
- orbitalis*, *Clythoxynops*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 296 (20-1-1927).
- orbitalis*, *Hypedoria*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 317 (20-1-1927).
- orbitalis*, *Thelyoxynops*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 360 (20-1-1927).
- orbitalis*, *Verrugomyia*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 364 (20-1-1927).
- orientalis*, *Cordillerodexia*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 300 (20-1-1927).
- ornata*, *Chrysoerigone*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 298 (20-1-1927).
- ornata*, *Orobrachycoma*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 341 (20-1-1927).
- ornata*, *Orodexia*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 341 (20-1-1927).
- ornata*, *Oromasiphya*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 342 (20-1-1927).
- ornata*, *Orosarcophaga*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 342 (20-1-1927).
- ornata*, *Pulvinaria*, Adolpho Hempel, Catalogos da fauna brasileira, Vol. III, p. 60 (III-1912).
- ornata*, *Itamobia*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 321 (20-1-1927).
- ornatum*, *Lecanium*, Adolph Hempel, Tomo IV, p. 421, N.º 39, Est. VII, figs. 2-3 (28-VII-1900).
- ornatus*, *Colletes*, Curt Schrottky, Tomo V, p. 345, N.º 2, Est. XII, fig. 2 (24-XII-1902).
- ornithopus*, *Leptodesmus*, H. W. Brolemann, Tomo V, p. 87, pl. IV-V, figs. 90-92 (24-XII-1902).
- Orobrachycoma*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 230, N.º 200 (20-1-1927).

- Orodexia*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 227, N.º 176 (20-1-1927).
Oromasiphya, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 249, N.º 357 (20-1-1927).
Orophorocera, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 267, N.º 501 (20-1-1927).
Grosarcophaga, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 231, N.º 211 (20-1-1927).
orthocephala, Laternaria, José Pinto da Fonseca, Tomo XIV, p. 493, Est. VI, figs. 1-2 (10-1-1926).
osborni, Gibbula, H. von Ihering, Notas preliminares, Vol. 1, N.º 3, p. 75, Est. III, fig. 11 (8-XII-1914).
osteomystax, Ceratocheilus, Alipio Miranda-Ribeiro, Tomo X, p. 644, fig. (XII-1918).
ovatus, Tectococcus, Adolph Hempel, Tomo IV, p. 406, N.º 27, Est. VI, fig. 9 (28-VII-1900).
Oxyepalpus, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 253, N.º 390 (20-1-1927).
Oxynedys, Curt Schrottky, Tomo V, p. 491, N.º 4, Est. XIV, fig. 4 a-d (24-XII-1902).
Oxynopsis, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 270, N.º 522 (20-1-1927).
Oxyophirion, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 270, N.º 522 (20-1-1927).

P

- pabulator*, Gastrohalictus, Curt Schrottky, Tomo VIII, p. 84, N.º 18 (10-V-1911).
pachyderma, Leptodactylus, Alipio Miranda-Ribeiro, Tomo XV, p. 123, Est. I (20-1-1927).
Pachyleptes, Mello Leitão, Tomo XVII, 2.ª, p. 459, (5-VII-1932).
pachyrhynus, Atelopus, Alipio Miranda-Ribeiro, Tomo XII, 2.ª, p. 309, Est. I, 2 figs. (5-XII-1920).
palliatius, Gonzaga, R. P. Longinos Navás, S. J., Tomo XVI, p. 860, N.º 45, fig. 7 (12-1-1927).
pallidiventris, Myiozetetes similis, O. M. Oliveira Pinto, Tomo XIX, p. 212 (25-X-1935).
palpalis, Myoxynops, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 331 (20-1-1927).
palpalis, Okeopsis, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 338 (20-1-1927).
palpalis, Plectopsis, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 349 (20-1-1927).
palpata, Nereis (Neanthes) A. L. Treadwell, Tomo XIII, p. 1229, pl. II, figs. 8-15 (29-XII-1922).

- Palpolinnaemyia**, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 238, N.º 267 (20-1-1927).
- pampa**, *Bulimulus sporadicus*, H. von Ihering, Notas preliminares, Vol. I, N.º 3 p. 70 (8-XII-1914).
- panensis**, Arca, H. von Ihering, Notas preliminares Vol. 1, N.º 3, p. 16. Est. II, fig. 1 (8-XII-1914).
- papyriferae**, Elis, Curt Schrottky, Tomo XII, 2.^a, p. 179 (5-XII-1920).
- Parachartergus**, Rodolpho von Ihering, Tomo VI p. 128, N.º 4 (8-V-1905).
- Paragonus**, Alipio Miranda-Ribeiro, Tomo X, p. 787, (XII-1918).
- parahybana**, *Acanthoscurria*, Mello Leitão, Tomo XIV, p. 321 (10-1-1926).
- parahybensis**, *Cerococcus*, Adolph Hempel, Tomo XV, p. 389, figs. 1-2 (20-1-1927).
- paraguayensis**, *Rhathymus*, Curt Schrottky, Tomo XII, 2.^a, p. 218 (5-XII-1920).
- paralanatus**, Nilio, Rodolpho von Ihering, Tomo IX, p. 290, (I-1914).
- parallelus**, *Achetopus*, Mello Leitão, Tomo XIII, p. 99, figs. 7-9 (29-XII-1922).
- paranensis**, *Actinopus*, Mello Leitão, Tomo XIII, p. 24 (29-XII-1922).
- paranensis**, *Coelioxys*, Curt Schrottky, Tomo XII, 2.^a, p. 196, N.º 5 (5-XII-1920).
- paranensis**, *Megachile*, Curt Schrottky, Tomo IX, p. 215 (XII-1913).
- Paranetia**, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 277, N.º 577 (20-1-1927).
- Paraprospherysa**, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 280, N.º 604 (20-1-1927).
- Paraspirobolus**, H. W. Brolemann, Tomo V, p. 183 (24-XII-1902).
- Paratropididae**, Mello Leitão, Tomo XIII, p. 32 (29-XII-1922).
- pardina**, *Gripopteryx*, R. P. Longinos Navás, S. J., Tomo XX, p. 730, N.º 74, fig. 18 (15-VI-1936).
- parkinsoniae**, *Megachile*, Curt Schrottky, Tomo XII, 2.^a, p. 206 (5-XII-1920).
- parsensiae**, *Megachile*, Curt Schrottky, Tomo IX, p. 197, N.º 63 (XII-1913).
- parva**, *Euherniargyra*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 307 (20-1-1927).
- parva**, *Tachardia*, Adolph Hempel, Tomo IV, p. 413, N.º 34, Est. VI, fig. 12 (28-VII-1900).
- patagonensis**, *Potamides*, H. von Ihering, Tomo II, p. 315, fig. 20 (28-XII-1897).

- patagonica*, Arca, H. von Ihering, Tomo II, p. 235, Est. IV, fig. 23; Est. V, fig. 30 (28-XII-1897).
- patagonica*, Bulla, H. von Ihering, Tomo II, p. 271, fig. 8 (28-XII-1897).
- patagonica*, Pseudonannolene, H. W. Brolemann, Tomo V, p. 135, Est. VII, figs. 160-165 (24-XII-1902).
- patagonica*, Pyramidula, Henry Suter, Tomo IV, p. 334, Est. III, figs. 6-6b (28-VII-1900).
- patagonica*, Voluta, H. von Ihering, Tomo II, p. 306, Est. III, fig. 6 (28-XII-1897).
- patagonicus*, Sicarius, Mello Leitão, Tomo XI, p. 475, Nota n.º 2 (7-XII-1919).
- patagonica*, Tellina, H. von Ihering, Tomo II, p. 261, Est. V, fig. 35 (28-XII-1897).
- Patelloapsis*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 263, N.º 469 (20-1-1927).
- patelloides*, Yahuarphryno, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 368 (20-1-1927).
- paucigranulatus*, Gonyleptes, Mello Leitão, Tomo XVII, 2.ª, p. 293, N.º 284, fig. 146 (5-VII-1932).
- paucipunctata*, Apodemia, Roberto Spitz, Tomo XVII, 1.ª, p. 459, Est. I, figs. 2-4 (15-VII-1931).
- paucispina*, Pholas, H. von Ihering, Tomo II, p. 265 (28-XII-1897).
- paulensis*, Acanthoscurria, Mello Leitão, Tomo XIII, p. 304, figs. 86-88, 178-179 (29-XII-1922).
- paulensis*, Euempheremyia, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 307 (20-1-1927).
- paulensis*, Huascarayopsis, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 317 (20-1-1927).
- paulensis*, Leander, Arnold E. Ortmann, Tomo II, p. 192, Est. I, fig. 14 (28-XII-1897).
- paulensis*, Procpalpus, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 350 (20-1-1927).
- paulina*, Coeloperla, R. P. Longinos Navás, S. J. Tomo XX, p. 728, N.º 71, fig. 16 (15-VI-1936).
- paulista*, Icerya, Adolph Hempel, Tomo XII, 2.ª, p. 336 (5-XII-1920).
- paulista*, Neochelynia, Curt Schrottky, Tomo XII, 2.ª, p. 187 (5-XII-1920).
- paulista*, Phylloscartes, H. von Ihering e R. von Ihering, Catalogos da fauna brasileira, "Aves", Vol. 1, p. 272, N.º 1044 (9-X-1907).
- paulista*, Pseudagapostemon, Curt Schrottky, Tomo VIII, p. 82, N.º 15 (10-V-1911).

- paulista**, *Pseudonannolene*, H. W. Brolemann, Tomo V, p. 129, pl. VI, figs. 142-147 (24-XII-1902).
- paulista**, *Schendyla*, H. W. Brolemann, Tomo VI, p. 83, pl. 1, figs. 5-7 (8-V-1905).
- paulistana**, *Diplura*, Mello Leitão, Tomo XIV p. 310 (10-1-1926).
- paulistana**, *Megachile*, Curt Schrottky, Tomo V, p. 440, N.º 9 (24-XII-1902).
- paulistus**, *Aspidiotus* (*Chrysomphalus*) Adolph Hempel, Tomo IV, p. 504, N.º 108, Est. XI, figs. 11-12 (28-VII-1900).
- paulistus**, *Leptodesmus*, H. W. Brolemann, Tomo V, p. 59, pl. II, figs. 20-29 (24-XII-1902).
- paulistus**, *Nealeurodicus*, Adolph Hempel, Tomo XIII, p. 1.134 (29-XII-1922).
- paulistus**, *Paraspirobolus*, H. W. Brolemann, Tomo V, p. 184, pl. IX, figs. 223, 227 (24-XII-1902).
- paulistus**, *Tyamiscus bolivianus*, H. von Ihering, Tomo V, p. 272 (24-XII-1902).
- pauloensis**, *Oxystoglossa thalia*, Curt Schrottky, Tomo VIII, p. 78, N.º 8 (10-V-1911).
- pauloensis**, *Passalus anguliferus*, H. Luederwaldt, Tomo XVII, 1.ª, p. 108, N.º 13.ª; idem p. 204 (15-VII-1931).
- pauperata**, *Elis papyriferae*, Curt Schrottky, Tomo XII, 2.ª, p. 181 (5-XII-1920).
- pazensis**, *Pododesmus*, H. von Ihering, Notas preliminares, Vol. I, n.º 3, p. 28, Est. II, fig. 3 (8-XII-1914).
- pendens**, *Pendularia*, José Pinto da Fonseca, Tomo XVI, p. 849, figs. 1-2 (12-1-1929).
- pendula**, *Periopticochaeta*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 345 (20-1-1927).
- pentaphylloides**, *Paxillus*, H. Luederwaldt, Tomo XVII, 1.ª, p. 225 (15-VII-1931).
- penicillatus**, *Lissomanes* (*Maroussa*), Mello Leitão, Tomo XV, p. 407, fig. 3 (20-1-1927).
- penicillatus**, *Mimetus*, Mello Leitão, Tomo XVI, p. 548, figs. 5, 12, 36, 37 (12-1-1929).
- percrassa**, *Ostrea*, H. von Ihering, Tomo II, p. 221, Est. IX, fig 53 (28-XII-1897).
- perconvexum**, *Lecanium*, T. D. A. Cockerell, Tomo III, p. 41, N.º 1, (15-II-1899).
- perdita**, *Hamataliva*, Mello Leitão, Tomo XVI, p. 515, fig. 36. (12-1-1929).

- perfidus*, Discocyrtus, Mello Leitão, Tomo XVII, 2.^a, p. 181, N.º 138, fig. 103 (5-VII-1932).
- perfidus*, Spirostreptus (Gymnostreptus) H. W. Brolemann, Tomo V, p. 153, pl. VIII, figs. 183-185 (24-XII-1902), idem Tomo VI, Est. III, fig. 1, (8-V-1905).
- perflava*, Centris xanthocnemis, Curt Schrottky, Tomo V, p. 576, N.º 10a (24-XII-1902).
- Periopticochaeta*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 245, N.º 324 (20-1-1927).
- perlatus*, Ancistrotellus, Mello Leitão, Tomo XVII, 2.^a, p. 392, N.º 354, fig. 255 (5-VII-1932).
- perlonga*, Mytilaspis, T. D. A. Cockerell, Tomo III, p. 42, N.º 3 (15-II-1899).
- perlucens*, Spirostreptus (Cladostreptus), H. W. Brolemann, Tomo V, p. 168, pl. IX, figs. 212-215 (24-XII-1902).
- pernigra*, Cyphomelissa, Curt Schrottky, Tomo V, p. 494 (24-XII-1902).
- pernigra*, Tetrapaedia, Curt Schrottky, Tomo XII, 2.^a, p. 212 (5-XII-1920).
- perorbitalis*, Palpolinnaemyia, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 344 (20-1-1927).
- perplana*, Tellina; H. von Ihering, Tomo II, p. 259, Est. VI, fig. 39 (28-XII-1897).
- perplexa*, Odontocera gracilis, Julius Melzer, Notas preliminares. Vol 2º, fasc. 2º, p. 9 (20-V-1922).
- perplexus*, Eriococcus, Adolph Hempel, Tomo IV, p. 381, N.º 8, Est. V, figs. 7-9 (28-VII-1900).
- personatus*, Metachirus nudicaudatus, Alipio de Miranda-Ribeiro, Tomo XX, p. 351, N.º 5-c (4-II-1936).
- Perugia*, Carl H. Eigenmann e Allen A. Norris, Tomo IV, p. 355 (28-VII-1900).
- peruviana*, Plagiotachina, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 348 (20-1-1927).
- peruviana*, Prophrynopsis, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 353 (20-1-1927).
- peruviana*, Pygophorinia, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 355 (20-1-1927).
- Petrargyrops*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 275, N.º 561 (20-1-1927).
- pfeifferi*, Compsurus, R. P. Longinos Navás, S. J., Tomo XVII, 1.^a, p. 457, fig. 11 a-b (15-VII-1931).

- phaedra*, *Halictomorpha*, Curt Schrottky, Tomo VIII, p. 82, N.º 14 (10-V-1911).
- pheopygus*, *Phormictopus*, Mello Leitão, Tomo XIII, p. 273, figs. 150-152 (29-XII-1922).
- philippii*, *Cardium*, H. von Ihering, Tomo II, p. 249, Est. VI, fig. 40 (28-XII-1897).
- Phosococephalops*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 237, N.º 263 (20-1-1927).
- Phrynotachina*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 263, N.º 470 (20-1-1927).
- Phyllophryno*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 263, N.º 467 (20-1-1927).
- physopus*, *Tmesiphantes*, Mello Leitão, Tomo XIV, p. 318, figs. 6 (10-1-1926).
- pickeli*, *Pickeliana*, Mello Leitão, Tomo XVII, 2.^a, p. 427, N.º 389, (5-VII-1932).
- Pickeliana*, Mello Leitão, Tomo XVII, 2.^a, p. 427 (5-VII-1932).
- picticornis*, *Metopocoilus*, Julius Melzer, Notas preliminares, Vol. 2.º, fasc. 3.º, p. 9 (IV-1923).
- pileolus*, *Cryptodesmus*, H. W. Brolemann, Tomo VI, p. 85, figs. II, III, IV; Pl. 12-17 (8-V-1905).
- pilsbryi*, *Solaropsis*, H. von Ihering, Tomo IV, p. 544, figs. 6-8 (28-VII-1900).
- pinderi*, *Ilidiscus*, Alipio Miranda-Ribeiro, Tomo XII, 2.^a, p. 269, N.º 2, pl. III, 1 fig.; pl. IV, a-d; pl. V, 2 figs. (5-XII-1920).
- piperatus*, *Imparfinis*, Carl H. Eigenmann e Allen A. Norris, Tomo IV, p. 352 (28-VII-1900).
- piracicabae*, *Loricaria*, Rodolpho von Ihering, Notas preliminares, Vol. 1, fasc. 1, p. 29 (9-X-1907).
- piracicabana*, *Ceratina oxalidis*, Curt Schrottky, Tomo VIII, p. 86, N.º 21 (10-V-1911).
- Piximactia*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 279, N.º 596 (20-1-1927).
- Plagiotachina*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 261, N.º 450 (20-1-1927).
- platyomma*, *Plamphobeteus*, Mello Leitão, Tomo XIII, p. 228 (29-XII-1922).
- Platyrhinodexia*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 228, N.º 181 (20-1-1927).
- Plectopsis*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 257, N.º 422 (20-1-1927).
- pleoplectra*, *Lasiadora*, Mello Leitão, Tomo XIII, p. 262, fig. 175 (29-XII-1922).
- Pleurophysus*, Alipio Miranda-Ribeiro, Tomo X, p. 636 (XII-1918).

- plicifera*, Marginella, H. von Ihering, Tomo II, p. 308, fig. 19 (28-XII-1897).
- plicigera*, Rhynchonella, H. von Ihering, Tomo II, p. 270, fig. 7 (28-XII-1897).
- plumbea*, Zygozenillia, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 369 (20-1-1927).
- plumosula*, Chaquimayoia, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 297 (20-1-1927).
- pococki*, Typhochloena, Mello Leitão, Tomo XIII, p. 333 (29-XII-1922).
- poçograndensis*, Centris, Curt Schrottky, Tomo V, p. 578, N.º 20, Est. XIII, fig. 3 (24-XII-1902).
- poçograndensis*, Megachile, Curt Schrottky, Tomo V, p. 438, N.º 6 (24-XII-1902).
- poinsettiae*, Bemisia, Adolph Hempel, Tomo XIII, p. 1.139 (29-XII-1922).
- polita*, Prometopiops, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 351 (20-1-1927).
- polita*, Prophasiopsis, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 351 (20-1-1927).
- politulus*, Cryptodesmus, H. W. Brolemann, Tomo VI, p. 85, fig. 1 (8-V-1905).
- praenuncius*, Peeten, H. von Ihering, Tomo II, p. 230 (28-XII-1897).
- primarius*, Pompilus, Jean Brèthes, Tomo VIII, p. 64, N.º 1 (10-V-1911).
- princeps*, Spirostreptus (Alloporus), H. W. Brolemann, Tomo V, p. 143, pl. VII, figs. 166-169 (24-XII-1902).
- Proacrias*, Rodolpho von Ihering, Tomo IX, p. 96 (X-1913).
- Procarcelia*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 267, N.º 503 (20-1-1927).
- Proceratophrys*, Alipio Miranda-Ribeiro, Tomo XII, 2.ª, p. 301 (5-XII-1920).
- Prodexodes*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 280, N.º 601 (20-1-1927).
- Proepalpus*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 255, N.º 400 (20-1-1927).
- Proleskia*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 211, N.º 42 (20-1-1927).
- proletaria*, Prophorinia, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 352, (20-1-1927).
- Promasiphya*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 379, N.º 359 (20-1-1927).
- Prometopiops*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 268, N.º 504 (20-1-1927).

- Prophaenopsis*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 273, N.º 543 (20-1-1927).
- Prophasiepsis*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 250, N.º 358 (20-1-1927).
- Prephorinia*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 277, N.º 584 (20-1-1927).
- Prophorostoma*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 227, N.º 173 (20-1-1927).
- Prophryno*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 262, N.º 456 (20-1-1927).
- Prophrynopsis*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 273, N.º 546 (20-1-1927).
- Propyrrhura*, ("Prophyrrhura" errore) Alipio Miranda Ribeiro, Tomo XII, 2.^a, p. 18 (5-XII-1920).
- Prorachias*, Mello Leitão, Tomo XIV, p. 309 (10-1-1926).
- Proshapalopus*, Mello Leitão, Tomo XIII, p. 145 (29-XII-1922).
- Proweyhia*, Mello Leitão, Tomo XV, p. 414 (20-1-1927).
- proximus*, Gelanor, Mello Leitão, Tomo XVI, p. 565, fig. 33 (12-1-1929).
- proximus*, Hemiercus, Mello Leitão, Tomo XIII, p. 155 (29-XII-1922).
- proximus*, Proxynops, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 353 (20-1-1927).
- Proxynops*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 274, N.º 556 (20-1-1927).
- Pselligmeae*, Mello Leitão, Tomo XIII, p. 58 (29-XII-1922).
- Pseudaleurodicus*, Adolph Hempel, Notas preliminares, Vol. 2.º, fasc. 1, p. 9 (15-III-1922).
- Pseudaleurolobus*, Adolph Hempel, Tomo XIII, p. 1.155 (29-XII-1922).
- Pseudaleyrodes*, Adolph Hempel, Tomo XIII, p. 1.141 (29-XII-1922).
- Pseudischnaspis*, Adolph Hempel, Tomo IV, p. 506, (28-VII-1900).
- Pseudoarchytopsis*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 252, N.º 376 (20-1-1927).
- Pseudhermachura*, Mello Leitão, Tomo XV, p. 402 (20-1-1927).
- pseudocoelioxys*, Megachile, Curt Schrottky, Tomo XII, 2.^a, p. 204 (5-XII-1920).
- Pseudogyndes*, Mello Leitão, Tomo XVII, 2.^a, p. 148 (5-VII-1932).
- Pseudoleptodesmus*, H. W. Brolemann, Tomo V, p. 88 (24-XII-1902).
- pseudopleuralis*, Megachile, Curt Schrottky, Tomo IX, p. 190, N.º 55, Fig. 4, V, p. 152 (XII-1913).
- Pseudosarcophagula*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 220, N.º 112 (20-1-1927).
- Pseudotocinclus*, John Treadwell Nichols, Tomo XI, p. 533 (7-XII-1919).

- pseudozethus*, Discoelius, Rodolpho von Ihering, Tomo VIII, p. 466 (10-V-1911).
- Ptilolydella*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 278, N.º 586 (20-1-1927).
- pugilator*, Gonyleptes, Mello Leitão, Tomo XVII, 2.^a, p. 303, N.º 265, fig. 163 (5-VII-1932).
- pugilator*, Oxyopes, Mello Leitão, Tomo XVI, p. 500, figs. 3-16 (12-1-1929).
- pugio*, Rhinoericius, H. W. Brolemann, Tomo X, p. 194, pl. X, fig. 245-251 (24-XII-1902).
- pulcher*, Despiroides, Mello Leitão, Tomo XVII, 2.^a, p. 226, N.º 182 (5-VII-1932).
- pulchra*, Grammostola, Mello Leitão, Tomo XIII, p. 198, figs. 66-68 (29-XII-1922).
- pulchra*, Prophorostoma, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 352 (20-1-1927).
- punctata*, Paranetia, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 344 (20-1-1927).
- punctata*, Phasiocyptera, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 346 (20-1-1927).
- punctatissimus*, Colletes, Curt Schrottky, Tomo V, p. 347, N.º 5 (24-XII-1902).
- punctiger*, Petrargyrops, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 346 (20-1-1927)..
- punctigerum*, Oxyophirion, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 343 (20-1-1927).
- punctilucis*, Hemiargyrophylax, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 314 (20-1-1927).
- punctulata*, Platyrhinodexia, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 349 (20-1-1927).
- purpurea*, Chlorohystricia, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 297 (20-1-1927).
- purpureus*, Ceroplastes, Adolph Hempel, Tomo IV, p. 466, N.º 78, Est. X, fig. 5 (28-VII-1900).
- purpureus*, Smeringopus, W. J. Moenklaus, Tomo III, p. 91, Est. V, figs. 1- 1b (15-II-1899).
- pusillus*, Picumnus, O. M. Oliveira Pinto, Tomo XX, p. 234 (31-1-1936).
- pustuiatus*, Metavonoides, Mello Leitão, Tomo XVII, 2.^a, p. 62, n.º 36, fig. 28 (5-VII-1932).
- pygidialis*, Coelioxys, Curt Schrottky, Tomo V, p. 426, N.º 8 (24-XII-1902).
- pygmaea*, Sisypomyia, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 357 (20-1-1927).



- pygmaea*, *Tetrapaedia*, Curt Schrottky, Tomo V, p. 544, N.º 5, Est. XIII, fig. 9 (24-XII-1902).
- Pygophorinia*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 274, N.º 554 (20-1-1927).
- pygoplus*, *Metagonyleptes*, Mello Leitão, Tomo XVII, 2.ª, p. 334, N.º 302, fig. 212 (5-VII-1932).
- pyrgo*, *Oxystoglossa*, Curt Schrottky, Tomo VIII, p. 75, N.º 4 (10-V-1911).
- pyriformis*, Trophon, H. von Ihering, Tomo II, p. 295, Est. III, fig. 5 (28-XII-1897).
- pyrotheriorum*, *Ostrea*, H. von Ihering, Tomo II, p. 315, fig. 21 (28-XII-1897).

Q

- quadrимaculatum*, *Oxyopeidon*, Mello Leitão, Tomo XVI, p. 512, fig. 25 (12-1-1929).
- quadrisquamosa*, *Platemys radiolata*, H. Luederwaldt, Tomo XIV, p. 438, fig. 337 (10-1-1926).
- quadrisulcata*, *Perna*, H. von Ihering, Tomo II, p. 231, Est. IX, fig. 54 (28-XII-1897).
- quadrivittata*, *Odontocera*, Julius Melzer, *Notas preliminares*, Vol. 2.º, fasc. 2.º, p. 9 (20-V-1922).
- quemadensis*, *Glycimeris*, H. von Ihering, Tomo II, p. 264, fig. 4 (28-XII-1897).
- quemadensis*, *Marginella*, H. von Ihering, Tomo II, p. 307, Est. III, fig. 9 Est. IV, fig. 14 (28-XII-1897).
- quemadensis*, *Pecten*, H. von Ihering, Tomo II, p. 228, Est. VI, fig. 38 (28-XII-1897).
- quemadensis*, *Terebra costellata*, H. von Ihering, Tomo II, p. 311 (28-XII-1897).
- quemadensis*, *Voluta*, H. von Ihering, Tomo II, p. 304, Est. III, fig. 7 (28-XII-1897).

R

- rada Marcia*, H. von Ihering, *Notas preliminares*, Vol. 1, N.º 3, p. 53, Est. 1, fig. 5 a e b (8-XII-1914).

- ramata*, Mayoschizocera, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 381, (20-1-1927).
- Raphirhynchidus*, R. Kleine, Tomo XV, p. 441 (20-1-1927).
- rarus*, Ceroplastes, Adolph Hempel, Tomo IV, p. 469, N.º 80, Est. X, fig. 6 (28-VII-1900).
- recentissimus*, Gonyfepes, Mello Leitão, Tomo XVII, 2.^a, p. 304, N.º 267, fig. 163 (5-VII-1932).
- reclinata*, Conactia, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 299 (20-1-1927).
- reclinata*, Homohypochaeta, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 316 (20-1-1927).
- reclinata*, Hypohoughia, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 318 (20-1-1927).
- rectimanus*, Hapalopus, Mello Leitão, Tomo XIII, p. 161 (29-XII-1922).
- reichenspergeri*, Ponera, F. Santschi, Tomo XIII, p. 1255 (29-XII-1922).
- reichenspergeri*, Rhopalothrix, F. Santschi, Tomo XIII, p. 1263 (29-XII-1922).
- Remartinia*, R. P. Longinos Navás, S. J., Tomo VIII, p. 479 (10-V-1911).
- renalis*, Ceratophrys, Alipio Miranda- Ribeiro, Tomo XII, 2.^a, p. 296, pl. I; pl. II; pl. III (5-XII-1920).
- Rhamdioglanis*, Rodolph von Ihering, Notas preliminares, V. 1.º, fasc. 1, p. 16 (9-X-1907).
- rhodothele*, Acanthoscurria, Mello Leitão, Tomo XIII, p. 296, figs. 122, 140 (29-XII-1922).
- riesei*, Micrurus corallinus, Afranio do Amaral, Tomo XV, p. 26, N.º 2 (20-1-1927).
- rhizophorae*, Ceroplastes, Adolph Hempel, Tomo X, p. 201, (XII-1918).
- rhizophorae*, Lecanium (Calymnatus) T. D. A. Cockrell, Tomo III, p. 501, N.º 3 (15-II-1899).
- ribeiroi*, Phormictopus, Mello Leitão, Tomo XIII, p. 275, figs. 143, 176 (29-XII-1922).
- riograndensis*, Laternaria servillei, José Pinto da Fonseca, Tomo XIV, p. 486, Est. III, fig. 1 (10-1-1926).
- riograndensis*, Passalus punctiger, H. Luederwaldt, Tomo XVII, 1.^a, p. 180 (15-VII-1931).
- riojana*, Megachile, Curt Schrottky, Tomo XII, 2.^a, p. 203 (5-XII-1920).
- rixosa*, Doryssa, H. von Ihering, Tomo V, p. 662, figs. 2-3 (24-XII-1902).
- robusta*, Itasaundersia, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 321 (20-1-1927).

- robustior*, *Cleptes aurora*, Adolpho Ducke, *Catalogos da fauna brasileira*, Vol. IV, p. 30, N.º 8-c (1913).
- rochai*, *Aspidoras*, Rodolpho von Ihering, *Notas preliminares*, Vol. 1, fasc. 1, p. 31 (9-X-1907).
- rondoni*, *Thylamys*, Alipio de Miranda Ribeiro, Tomo XX, p. 387 (4-II-1936).
- rondoniae*, *Acanthoscurria*, Mello Leitão, Tomo XIII, p. 287 (29-XII-1922).
- rondoniensis*, *Pamphobeteus*, Mello Leitão, Tomo XIII, p. 230 (29-XII-1922).
- roquettei*, *Grammostola*, Mello Leitão, Tomo XIII, p. 212, figs. 75-78, (29-XII-1922).
- rosae*, *Tachardia*, Adolph Hempel, Tomo IV, p. 414, N.º 35, Est. VI, figs. 13-14 (28-VII-1900).
- roseus*, *Pamphobeteus*, Mello Leitão, Tomo XIII, p. 232 (29-XII-1922).
- rotundus*, *Ceroplastes*, Adolph Hempel, Tomo IV, p. 473, N.º 84 (28-VII-1900).
- rubra*, *Tachardia*, Adolph Hempel, Tomo IV, p. 411, N.º 33, Est. VI, fig. 11 (28-VII-1900).
- rubrigastra*, *Pleucetia*, Mello Leitão, Tomo XVI, p. 528, figs. 60-62 (12-1-1929).
- rudolphi*, *Pimelodella*, Alipio Miranda Ribeiro, Tomo X, p. 637 (XII-1918).
- ruficollis*, *Sclerognathus*, H. Luederwaldt, Tomo XVII, 1.^a, p. 425 (15-VII-1931).
- rufiventris*, *Archytoepalpus*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 288 (20-1-1927).
- rufiventris*, *Hypoproxynops*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 319 (20-1-1927).
- rufiventris*, *Prodexodes*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 350 (20-1-1927).
- rufus*, *Corpulentoepalpus*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 300 (20-1-1927).
- rugosus*, *Lecaniodiaspis*, Adolph Hempel, Tomo IV, p. 407, N.º 28 (28-VII-1900).

S

- sancti-pauli*, *Megachile*, Curt Schrottky, Tomo IX, p. 205, N.º 74, fig. 8 i-l, p. 208 (XII-1913).
- sanguinea*, *Paratropis*, Mello Leitão, Tomo XIII, p. 36 (29-XII-1922).

- santacruzensis*, *Terebra costellata*, H. von Ihering, Tomo III, p. 311 (28-XII-1897).
- santacruzensis*, *Trophon laciniatus*, H. von Ihering, Tomo II, p. 294, Est. III, fig. 4 (28-XII-1897).
- santafecinus*, *Pseudagapostemon*, Curt Schrottky, Tomo XII, 2.^a, p. 222 (5-XII-1920).
- Sarco lydella*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 272, N.º 537 (20-1-1927).
- sarcophagina*, *Xylocampta*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 366 (20-1-1927).
- Sarcopromusca*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 209, N.º 22 (20-1-1927).
- Sarcoprosena*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 228, N.º 185 (20-1-1927).
- Saundersiopmina*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 246, N.º 330 (20-1-1927).
- scaber*, *Anthropogon*, Kuhlmann e Pilger, Tomo XIII, p. 1248 (29-XII-1922).
- scabricollis*, *Paromoeocerus*, Julius Melzer, Tomo XV, p. 568 (20-1-1927).
- scalaris*, *Pseudonannolene*, H. W. Brolemann, Tomo V, p. 133, Est. VI e VII, figs. 148-153 (24-XII-1902); idem Tomo VI, Est. II, fig. 2 (8-V-1905).
- Scaphiostreptus*, H. W. Brolemann, Tomo V, p. 150 (24-XII-1902).
- scaphyceps*, *Plecostomus*, John Treadwell Nichols, Tomo XI, p. 416 (7-XII-1919).
- Scapyonys*, A. Smith- Woodward, Tomo VII, p. 57 (12-IX-1908).
- Schistorophinae*, Lauro Travassus, Tomo X, p. 217 (XII-1918).
- schmidtii*, *Chrysotis*, H. von Ihering, Tomo III, p. 321, N.º 405 (15-II-1899).
- schreineri*, *Pronophila*, José G. Foetterle, Tomo V, p. 634, Est. XVI, fig. 3 (24-XII-1902).
- schrottkyanus*, *Zethus*, Rodolpho von Ihering, Tomo VIII, p. 465 (10-V-1911).
- schrottkyi*, *Icerya*, Adolph Hempel, Tomo IV, p. 373, N.º 2, Est. IX, figs. 2-3 (28-VII-1900).
- schucherti*, *Gibbula*, H. von Ihering, Notas preliminares, vol. 1, N.º 3, p. 74, Est. III, fig. 10a-b (8-XII-1914).
- schuppi*, *Doryssa*, H. von Ihering, Tomo V, p. 659, fig. 1 (24-XII-1902).
- schuppi*, *Pyramidula*, Henry Suter, Tomo IV, p. 335, Est. III, figs. 7-7b (28-VII-1900).

- schwebeli*, *Acanthoponera dolo*, H. Luederwaldt, Tomo X, p. 54 (XII-1918).
- scripta*, *Steindachneria*, Alipio Miranda Ribeiro, Tomo X, p. 640 (XII-1918).
- scutellaris*, *Coelioxys*, Curt Schrottky, Tomo V, p. 424, N.º 5 (24-XII-1902).
- scutellaris*, *Thysanosturmia*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 360 (20-1-1927).
- sebastianus*, *Pseudonannolene longicornis*, H. W. Brolemann, Tomo V, p. 126, pl. VI figs. 128-133 (24-XII-1902).
- sebastianus*, *Spirostreptus* (*Cladostreptus*) H. W. Brolemann, Tomo V, p. 166, pl. VIII, figs. 209-211 (24-XII-1902).
- secretus*, *Dactylopius*, Adolph Hempel, Tomo IV, p. 387, N.º 13, Est. VI, fig. 1 (28-VII-1900).
- sectus*, *Oxyopes*, Mello Leitão, Tomo XVI, p. 500, fig. 15 (12-1-1929).
- segmentalis*, *Discoelius*, Rodolpho von Ihering, Tomo VIII, p. 472 (10-V-1911).
- semele*, *Augochlora* (*Augochloropsis*) Curt Schrottky, Tomo V, p. 377, N.º 11 (24-XII-1902).
- semicinctus*, *Spirostreptus* (*Cladostreptus*) H. W. Brolemann, Tomo V, p. 173, pl. IV, figs. 217-220 (24-XII-1902).
- semipalmatus*, *Ilidiscus*, Alipio Miranda-Ribeiro, Tomo XII, 2.^a p. 269, N.º 3, pl. III, 1 fig.; pl. V, 1 fig.; pl. VI, 8 figs. (5-XII-1920).
- semipartitus*, *Discoecyrtus*, Mello Leitão, Tomo XVII, 2.^a, p. 173, N.º 126 (5-VII-1932).
- semipubescens*, *Coleoxestia*, Julius Melzer, *Notas preliminares*, Vol. 2.º, fasc. 4, p. 4 (VIII-1923).
- semiramis*, *Oxystoglossa*, Curt Schrottky, Tomo VIII, p. 78, N.º 7 (10-V-1911).
- semistriatus*, *Priononyx*, Curt Schrottky, Tomo XII, 2.^a, p. 185 (5-XII-1920).
- separata* *Megachile*, Curt Schrottky, Tomo IX, p. 185, N.º 48 (XII-1913).
- septentrionalis*, *Polybia*, Rodolpho von Ihering, Tomo VI, p. 210, N.º 54, Est. VI, fig. 10 (ninho) (8-V-1905).
- sericiventris*, *Rhinocricus*, H. W. Brolemann, Tomo V, p. 202, pl. X, figs. 262-266 (24-XII-1902).
- serrana*, *Diperla*, R. P. Longinos Navás, S. J., Tomo XX, p. 729, N.º 73, fig. 17 (15-VI-1936).
- serriperna*, *Cynortula*, Mello Leitão, Tomo XVII, 2.^a p. 442, fig. 3 (5-VII-1932).

- serripes*, *Luederwaldtia*, Mello Leitão, Tomo XIII, p. 519, fig. 5 (29-XII-1922).
- sertanicola*, *Sporophila*, J. L. Lima, Tomo XII, 2.^a, p. 105, Est. II, fig. III (5-XII-1920).
- sertorii*, *Paragonus*, Alipio Miranda-Ribeiro, Tomo X, p. 788, c/ estampa (XII-1918).
- setiger*, *Spirostreptus* (*Alloporus*) H. W. Brolemann, Tomo V, p. 146, pl. VII, figs. 170-178 (24-XII-1902).
- setosus*, *Dactylopius*, Adolph Hempel, Tomo IV, p. 386, N.º 12, Est. V, fig. 12 (28-VII-1900).
- sexmaculatus*, *Oxyopes*, Mello Leitão, Tomo XVI, p. 502, fig. 10 (12-1-1929).
- sexplagiatus*, *Atelographus*, Julius Melzer, Tomo XV, p. 578 (20-1-1927).
- sharpei*, *Picumnus sagittatus*, H. von Ihering, Tomo V, p. 279 (24-XII-1902).
- signaticollis*, *Ommata* (*Eclipta*) Julius Melzer, Notas preliminares, Vol. 2.^o, fasc. 2.^o p. 6 (20-V-1922).
- signaticornis*, *Temnopsis*, Julius Melzer, Tomo XII (2), p. 421, Est. 1, figs. 3, 4 (5-XII-1920).
- signatipennis*, *Coleoxestia elegans*, Julius Melzer, Notas preliminares, Vol. 2.^o, fasc. 4, p. 5 (VIII-1923).
- similis*, *Coleoxestia*, Julius Melzer, Tomo XII, (2) p. 428, Est. 1, fig. 2 (5-XII-1920).
- similis*, *Loxosceles*, W. J. Moenklaus, Tomo III, p. 79, Est. V, fig. 7 (15-II-1899).
- similis*, *Macrohoughiopsis*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 325 (20-1-1927).
- similis*, *Patelloopsis*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 345 (20-1-1927).
- similis*, *Sisyrohoughia*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 357 (20-1-1927).
- simillima*, *Mesoplia*, Curt Schrottky, Tomo XII, 2.^a, p. 220 (5-XII-1920).
- simoni*, *Blechnoscelis*, W. J. Moenklaus, Tomo III, p. 101, Est. V, figs. 3-3b (15-II-1899).
- simoni*, *Hahnia*, Mello Leitão, Tomo XI, p. 478, Nota N.º 5, Est. 7 (7-XII-1919).
- simplex*, *Ceroplastes*, Adolph Hempel, Tomo IV, p. 475, N.º 86, Est. X, fig. 10 (28-VII-1900).
- simulator*, *Pinotus* (*Pinotus*), H. Luederwaldt, Tomo XX, p. 209 (31-1-1936).

- singularis*, *Apiococcus*, Adolph Hempel, Tomo IV, p. 403, N.º 24 (23-VII-1900).
- Siphoactia* C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 212, N.º 52 (20-1-1927).
- Sisypomyia*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 257, N.º 422 (20-1-1927).
- Sisyrohaughia*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 275, N.º 561 (20-1-1927).
- sobrina*, *Coleoxestia*, Julius Melzer, Notas preliminares, Vol. 2.º, fasc. 4.º, p. 4 (VIII-1923).
- Soerensenia*, Mello Leitão, Tomo XIV, p. 378, (10-1-1926).
- solitaria*, Giltaya, Mello Leitão, Tomo XVII, 2.ª, p. 467, fig. 17, (5-VII-1922).
- sorocabae*, *Pamphobeteus*, Mello Leitão, Tomo XIII, p. 233 (29-XII-1922).
- spadiceus*, Pinotus, H. Luederwaldt, Tomo XVI, p. 740, N.º 3 (12-1-1929).
- sparsus*, *Oscathres*, Julius Melzer, Tomo XV, p. 575 (20-1-1927).
- speciosus*, *Ceroplastes*, Adolph Hempel, Tomo IV, p. 464, N.º 76, Est. X, fig. 3 (28-VII-1900).
- Sphaleropachyius*, Mello Leitão, Tomo XIV, p. 375 (10-1-1926).
- spinifrons*, Iero, Mello Leitão, Tomo XVI, p. 556, figs. 21-38 (12-1-1929).
- spinimanu*, *Eusarcus*, Mello Leitão, Tomo XVII, 2.ª, p. 159, N.º 110, fig. 83 (5-VII-1932).
- spinosa*, *Harrisioopsis* C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 313 (20-1-1927).
- spinosa*, *Saundersiopmina*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 356 (20-1-1927).
- spinosissimus*, *Eupalaestrus*, Mello Leitão, Tomo XIII, p. 221, figs. 104-105 (29-XII-1922).
- spiriferus*, *Phenacoccus*, Adolph Hempel, Tomo IV, p. 389, N.º 14, Est. VI, fig. 2 (28-VII-1900).
- spitzi*, Pinotus, H. Luederwaldt, Tomo XIV, p. 136 (10-1-1926).
- splendida*, *Cytherca*, H. von Ihering, Tomo II, p. 255, Est. VI, fig. 42 (28-XII-1897).
- splendidus*, *Ceraleurodicus*, Adolph Hempel, Notas preliminares, Vol. 2.º, fasc. 1.º, p. 7 (15-III-1922).
- steinmanni*, *Turritella*, H. von Ihering, Tomo II, p. 289 (28-XII-1897).
- stellatus*, *Aleurotrachelus*, Adolph Hempel, Notas preliminares, Vol. 2.º, fasc. 1.º p. 4 (15-III-1922).

- stenodesma*, Megachile, Curt Schrottky, Tomo IX, p. 182, N.º 40 (XII-1913).
- Stenosturmia*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 274, N.º 550 (20-1-1927).
- Stereobatinus*, R. Kleine, Tomo XV, p. 424 (20-1-1927).
- Stereodermis*, R. Kleine, Tomo XV, p. 422 (20-1-1927).
- sternalis*, Metriopelma, Mello Leitão, Tomo XIII, p. 171, (29-XII-1922).
- stephanurus*, Oxyopes, Mello Leitão, Tomo XVI, p. 501, fig. 4 (12-1-1929).
- Stigmacoccus*, Adolph Hempel, Tomo IV, p. 399, (28-VII-1900).
- stolleyi*, Marmosa, Alipio de Miranda-Ribeiro, Tomo XX, p. 372, N.º 11 (4-II-1936).
- striatolamellata*, Venus, H. von Ihering, Tomo II, p. 253, Est. VII, fig. 44 (28-XII-1897).
- Sturmioactia*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 261, N.º 447 (20-1-1927).
- stricta*, Stenosturmia, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 358 (20-1-1927).
- stromeri*, Fusus, H. von Ihering, Notas preliminares, Vol. 1, N.º 3, p. 104 (8-XII-1914).
- sub-canens*, Lasiodora, Mello Leitão, Tomo XIII, p. 253, figs. 90, 101, 155 (29-XII-1922).
- subinfima*, Megachile, Curt Schrottky, Tomo XII, 2.ª, p. 209 (5-XII-1920).
- sub-nigrum*, Engystoma, Alipio Miranda-Ribeiro, Tomo XII, 2.ª, p. 285, pl. I, 2 figs; pl. II, fig. 7 (5-XII-1920).
- subnuda*, Aerenca, Julius Melzer, Notas preliminares, Vol. 2.º, fasc. 5.º, p. 6 (XI-1923).
- subpaniculata*, Acacia, F. C. Hochne, Tomo X, p. 653, Tab. 1 (XII-1918).
- subsericeus*, Spirostreptus (Gymnostreptus) H. W. Brolemann, Tomo V, p. 163, pl. VIII, figs. 195-198 (24-XII-1902).
- subteuuis*, Natica, H. von Ihering, Tomo II, p. 284, fig. 13 (28-XII-1897).
- subterraneum*, Neolecanium, Adolph Hempel, Tomo X, p. 202 (XII-1918).
- subulirostris*, Tachyphonusrufus, O. M. Oliveira Pinto, Tomo XIX, p. 268 (25-X-1935).
- subventricosa*, Eulima, H. von Ihering, Tomo II, p. 274, fig. 9 (28-XII-1897).
- sulcirostris*, Crax, H. von Ihering, Tomo III, p. 409, N.º 519 (15-11-1899).

- sultana, Chlorippe, José G. Foetterle, Tomo V, p. 627, Est. XVI, fig. 4, fig. 2, typo (24-XII-1902).
- superbus, Lycodesmus, Julius Melzer, Tomo XV, p. 581 (20-1-1927).
- suturalis, Odostomia, H. von Ihering, Tomo II, p. 275, fig. 10 (28-XII-1897).
- sylvicola, Sarkidiornis, H. von Ihering e R. von Ihering, Catalogos da fauna brasileira, "Aves", Vol. 1.^o, p. 72, N.^o 227, (9-X-1907).

T

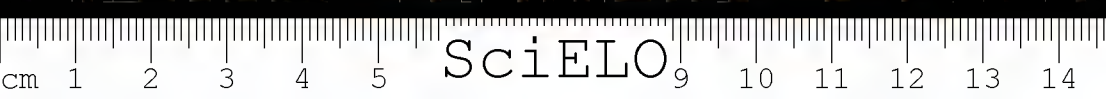
- tabayensis, Coelioxys, Curt Schrottky, Tomo XII, 2.^a, p. 195, N.^o 6 (5-XII-1920).
- Tachinophytopsis, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 277, N.^o 578 (20-1-1927).
- Tachinosoma, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 246, N.^o 330 (20-1-1927).
- Taphroderomius, R. Kleine, Tomo XV, p. 453, fig. 30 (20-1-1927).
- taquarae, Lachnodiella, Adolph Hempel, Tomo XII, 2.^a, p. 345 (5-XII-1920).
- taquare, Ripersia, Adolph Hempel, Catalogos da fauna brasileira, Vol. III, p. 58 (III-1912).
- tardus, Dendrocolaptes plagosus, H. von Ihering e Rodolpho von Ihering, Catalogos da fauna brasileira "Aves", Vol. I, p. 255, N.^o 981a, (9-X-1907).
- tarsalis, Opsosturmia, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 340 (20-1-1927).
- tarsalis, Pinotus, H. Luederwaldt, Tomo XVII, 1.^a, p. 355, figs. 2-4-5 (15-VII-1931).
- tatuihyensis, Desmanthus, F. C. Hoehne, Tomo X, p. 655, (XII-1918).
- Taunayella, Mello Leitão, Tomo XIII, p. 97 (29-XII-1922).
- taunayi, Ancistrus, Alipio Miranda-Ribeiro, Tomo X, p. 631 (XII-1918).
- Taunayia, Alipio Miranda Ribeiro, Tomo X, p. 642, (XII-1918).
- taunayi, Atenizus, Julius Melzer, Tomo XII, (2.^a), p. 426, Est. 2, figs. 5, 5a (5-XII-1920).
- taunayi, Cosmisoma, Julius Melzer, Notas preliminares, Vol. 2.^o, fasc. 3.^o, p. 4 (IV-1923).
- taunayi, Icerya, Adolph Hempel, Tomo XII, 2.^a, p. 340 (5-XII-1920).
- taunayi, Passalus, H. Luederwaldt, Tomo XVII, 1.^a, p. 86, fig. 29 (15-VII-1931).
- taunayi, Perla, R. P. Longinos Navás, S. J., Tomo XX, p. 726, N.^o 65 (15-VI-1936).

- taunayi*, Rhathymoscelis, Frederico Lane, Tomo XX, p. 758, figs. 1-3 (20-VI-1936).
- taunayi*, Taunayella, Mello Leitão, Tomo XIII, p. 97, figs. 13-16, 23 (29-XII-1922).
- Tectococcus*, Adolph Hempel, Tomo IV, p. 406 (28-VII-1900).
- Tectopulvinaria*, Adolph Hempel, Tomo IV, p. 482 (28-VII-1900).
- teffeensis*, Eucelatoriopsis, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 306 (20-1-1927).
- teffeensis*, Xilocamptopsis, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 367 (20-1-1927).
- tehuelcha*, Marcia scutata, H. von Ihering, Notas preliminares, Vol. 1, N.º 3, p. 53 (8-XII-1914).
- tehuelcha*, Ostrea patagonica, H. von Ihering, Tomo II, p. 322 (28-XII-1897).
- Tenebrioideae* (Secc.) Rodolpho von Ihering, Tomo IX, p. 289, nota 1-1914.
- tenuitarsis*, Megachile, Curt Schrottky, Tomo XII, 2.^a, p. 201 (5-XII-1920).
- terrestris*, Megachile, Curt Schrottky, Tomo V, p. 441, N.º 11 (24-XII-1902).
- testaceicornis*, Hamaticherus, Julius Melzer, Notas preliminares, Vol. 2.º fasc. 3.º, p. 4 (IV-1923).
- testudinis*, Megalecanium, Adolph Hempel, Tomo XII, 2.^a, p. 352 (5-XII-1920).
- tetracanthus*, Pachyleptes, Mello Leitão, Tomo XVII, 2.^a, p. 459, fig. 13 (5-VII-1932).
- tetracanthus*, Pamphobeteus, Mello Leitão, Tomo XIII, p. 238 (29-XII-1922).
- theia*, Oxystoglossa, Curt Schrottky, Tomo VIII, p. 77, N.º 8 (10-V-1911).
- Thelziella*, Lauro Travassus, Tomo X, p. 218 (XII-1918).
- Thelyoxynops*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 273, N.º 543 (20-1-1927).
- thomasi*, Mesomys, H. von Ihering, Tomo II, p. 171, (28-XII-1897).
- thomasi*, Panopaea, H. von Ihering, Notas preliminares, Vol. 1, N.º 3, p. 63, Est. II, figs. 8-a e b (8-XII-1914).
- Thelairodoria*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 266, N.º 489 (20-1-1927).
- Thelyphaenopsis*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 262, N.º 459 (20-1-1927).
- theresopolensis*, Laternaria servillei, José Pinto da Fonseca, Tomo XIV, p. 487, Est. III, fig. 2, (10-1-1926).



- thrix*, Thelairodoria, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 359 (20-1-1927).
- thygaterella*, Megachile, Curt Schrottky, Tomo IX, p. 220, N.º 98 (XII-1913).
- thyias*, Tetrachlora, Curt Schrottky, Tomo VIII, p. 79, N.º 10 (10-V-1911).
- Thysanosturmia*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 265, N.º 484 (20-1-1927).
- tibialis*, Epicharis, Curt Schrottky, Tomo V, p. 567, N.º 10, Est. XIII, fig. 7 (24-XII-1902).
- tibialis*, Otostigmus, H. W. Brolemann, Tomo V, p. 37, pl. 1, figs. 4-5 (24-XII-1902); idem, Tomo VI, Est. II, fig. 6 (8-V-1905).
- tiete*, Myletes, Carl H. Eigenmann e Allen A. Norris, Tomo IV, p. 359 (28-VII-1900).
- tietensis*, Otocinelus (Microlepidogaster) Rodolpho von Ihering, Notas preliminares, Vol. 1, fasc. 1, p. 27 (9-X-1907).
- tijucanus*, Gonylepes, Mello Leitão, Tomo XVII, 2.ª, p. 301, N.º 261, fig. 160 (5-VII-1932).
- Tinalydella*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 265, N.º 484 (20-1-1927).
- Tinanemorilla*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 266, N.º 493 (20-1-1927).
- tinensis*, Tinalydella, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 360 (20-1-1927).
- Tinoteramocerus*, R. Kleine, Tomo XV, p. 444, fig. 22 (20-1-1927).
- tortuosus*, Parodon, Carl H. Eigenmann e Allen A. Norris, Tomo IV, p. 356 (28-VII-1900).
- transitus*, Pinotus, H. Luederwaldt, Tomo XVI, p. 740, N.º 2 (12-1-1929).
- travassosi*, Lutreolina crassicaudata, Alipio de Miranda-Ribeiro, Tomo XX, p. 402, N.º 25-f (4-II-1936).
- Trechoninae*, Mello Leitão, Tomo XIII, p. 88 (29-XII-1922).
- triangularifrons*, Passalus morio, H. Luederwaldt, Tomo XVII, 1.ª, p. 104, fig. 27 (15-VII-1931).
- triangulifera*, Sarcoprosena, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 356 (20-1-1927).
- Trichopyrrhosia*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 243, N.º 307 (20-1-1927).
- tricincta*, Turritella, H. von Ihering, Tomo II, p. 287, Est. III, fig. 3 (28-XII-1897).

- tricolor*, Pseudonannolene, H. W. Brolemann, Tomo V, p. 122, pl. VI, figs. 134-141 (24-XII-1902).
- tridentata*, Cucullaria, H. von Ihering, Tomo II, p. 237, Est. IV, fig. 22; Est. V, fig. 28 (28-XII-1897).
- tridens*, Triodontopyga, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 362 (20-1-1927).
- Triglochinura*, Mello Leitão, Tomo XIV, p. 367 (10-1-1926).
- trifasciatus*, Naubolus, Mello Leitão, Tomo XV, p. 408, figs. 4-6 (20-1-1927).
- trigonaspis*, Megachile, Curt Schrottky, Tomo IX, p. 191, N.º 57, fig. 4, VI, p. 152 (XII-1913).
- Triodontopyga*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 268, N.º 503 (20-1-1927).
- triseriatus*, Corydoras nattereri, Rodolpho von Ihering, Tomo VIII, p. 386 (10-V-1911).
- tritis*, Ophistomis, Julius Melzer, Notas preliminares, Vol. 2.º, fasc. 2.º p. 5 (20-V-1922).
- tristis*, Sclerostomus cruentus, H. Luederwaldt, Tomo XIX, p. 558 (25-X-1935).
- trivittata*, Catasarcophaga, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 295 (20-1-1927).
- Tromodesiopsis*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 221, N.º 125 (20-1-1927).
- tropica*, Tropidopsiomorpha, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 362 (20-1-1927).
- Tropidopsiomorpha*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 226, N.º 169 (20-1-1927).
- truncatus*, Sclerostomus, H. Luederwaldt, Tomo XIX, p. 551, Est. IV, fig. 61 (25-X-1935).
- tuberculata*, Rhinemys, H. Luederwaldt, Tomo XIV, p. 437, fig. 81 (10-1-1926).
- tuberculifera*, Megachile, Curt Schrottky, Tomo IX, p. 188, N.º 52, fig. 4, III, p. 152 (XII-1913).
- Tuberculocera*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 246, N.º 327 (20-1-1927).
- tuberculus*, Solenococcus, Adolph Hempel, Tomo IV, p. 390, N.º 15, Est. VI, fig. 3 (28-VII-1900).
- tucumanensis*, Brachyacantha, J. Weise, Tomo VIII, p. 58, N.º 13 (10-V-1911).
- tumescens*, Streptaxis, Henry Suter, Tomo IV, p. 330, Est. III, figs. 4-b (28-VII-1900).



tupinaquina, Megachile, Curt Schrottky, Tomo IX, N.º 70, Fig. 7 a-c
p. 204 (XII-1913).

U

Ucayalimyia, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 378 (20-1-1927).

umbristriata, Minuana, Alípio de Miranda-Ribeiro, Tomo XX, p. 422,
N.º 38 (4-II-1936).

una, Proweyhia, Mello Leitão, Tomo XV, p. 414 (20-1-1927).

unicolor, Glyptogoniosoma, Mello Leitão, Tomo XVII, 2.ª, p. 462 (5-
VII-1932).

unicolor, Leptinopterus polyodontus, H. Luederwaldt, Tomo XIX, p. 503
(25-X-1935).

unifascialis, Pleurotoma discors, H. von Ihering, Tomo II, p. 312
(28-XII-1897).

uniformis, Thalerothele, Mello Leitão, Tomo XIII, p. 105, fig. 4 (29-
XII-1922).

unilineata, Polybia pediculata, Rodolpho Von Ihering, Tomo VI, p. 184,
N.º 12.ª (8-V-1905).

unispinosa, Ametadoria, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 285 (20-1-
1927).

Urophyllophila, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 235, N.º 241 (20-
1-1927).

ursina, Exomalopsis, Curt Schrottky, Tomo V, p. 529, N.º 4, Est XIII
fig. 4 (24-XII-1902).

Uruactia, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 256, N.º 414 (20-1-1927).

uruhuasi, Euclausicella, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 306 (20-1-
1927).

uruhuasi, Exodexia, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 310 (20-1-
1927).

uruhuasi, Exoernestia, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 310 (20-1-
1927).

uruhuasi, Piximactia, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 348 (20-1-
1927).

uruhuasi, Trichopyrrhosia, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 362
(20-1-1927).

uruhuasi, Uruactia, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 364 (20-1-1927).

uvicola, Mesolecanium, Adolph Hempel, Tomo XII, 2.ª p. 349 (5-XII-
1920).

V

- vagus*, Dendrobias, Julius Melzer, Tomo XV, p. 571 (20-1-1927).
- valencio-buenoi*, Icterus cayanensis, H. von Ihering, Tomo V, p. 268
- varians*, Rhinocricus nattereri, H. W. Brolemann, Tomo V, p. 193, pl. X, figs. 243-244 (24-XII-1902).
- variegatus*, Ceroplastes, Adolph Hempel, Tomo IV, p. 462, N.º 75, Est. X, fig. 2 (28-VII-1900).
- variipictus*, Plecostomus, Rodolph von Ihering, Tomo VIII, p. 390 (10-V-1911).
- varius*, Nilio, Rodolpho von Ihering, Tomo IX p. 291, Est. III, fig. 2 (I-1914).
- vellutinum*, Pterinopelma, Mello Leitão, Tomo XIII, p. 186, figs. 112-113 (29-XII-1922).
- venezuelanus*, Corydoras, Rodolpho von Ihering, Tomo VIII, p. 383 (10-V-1911).
- Vernonia*, L. R. Guimarães, Tomo XX, p. 221 (31-1-1936).
- vernoniae*, Ceratina, Curt Schrottky, Tomo XII, 2.ª, p. 211 (5-XII-1920).
- vernoniae*, Megachile, Curt Schrottky, Tomo IX, p. 203, N.º 71, fig. 7 d-f, p. 204 (XII-1913).
- verrucula*, Leptodesmus, H. W. Brolemann, Tomo V, p. 83, pl. IV, figs. 80-81 (24-XII-1902).
- Verrugomyia*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 217, N.º 95 (20-1-1927).
- Verrugophryno*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 262, N.º 455 (20-1-1927).
- vicina*, Ommata (Eclipta) Julius Melzer, Tomo XV, p. 564 (20-1-1927).
- villanovae*, Xiphocolaptes albicollis, ("villadenovae" errore), J. L. Lima, Tomo XII, 2.ª, p. 104, Est. I, fig. 1, (5-XII-1920).
- villosa*, Peucetia, Mello Leitão, Tomo XVI, p. 523, fig. 41 (12-1-1929).
- violacea*, Acanthoscurria, Mello Leitão, Tomo XIII, p. 292, fig. 182 (29-XII-1922).
- viridans*, Goniosomoides, Mello Leitão, Tomo XVII, 2.ª, p. 461, (5-VII-1932).
- viridis*, Blechroscelis, Mello Leitão, Tomo X, p. 105, figs. 19-20 (XII-1918).
- viridis*, Schenicoşcelis, Mello Leitão, Tomo XV, p. 410, fig. 8 (20-1-1927).
- vitalina*, Mallodelphis lanigera, Alipio de Miranda-Ribeiro, Tomo XX, p. 455, N.º 6-d (4-II-1936).

voluntatus, *Leptodesmus*, H. W. Brolemann, Tomo V, p. 75, pl. III. figs. 61-65 (24-XII-1902). Errata a p. 9 Tomo VI manda ler *volutatus*.

W

wacketi, *Pterinopelma*, Mello Leitão, Tomo XIII, p. 185, figs. 114-115 (29-XII-1922).

wernerii, *Elaphroptera*, Curt Schrottky, Tomo XII, 2.^a, p. 182 (5-XII-1920).

wingei, *Speothos*, H. von Ihering, Tomo VIII, p. 222 (10-V-1911).

Wulpia, *Eggonia*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 271, N.º 530 (20-1-1927).

X

Xanthobrachycoma, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 232, N.º 215 (20-1-1927).

Xanthophyllophila, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 234, N.º 239 (20-1-1927).

xanthoptera, *Megachile*, Curt Schrottky, Tomo IX, p. 198, N.º 64 (XII-1913).

xanthophthalmus, *Despiroides*, Mello Leitão, Tomo XVII, 2.^a, p. 225, N.º 181, fig. 354 (5-VII-1932).

Xanthozonella, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 240, N.º 280 (20-1-1927).

Xylocampta, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 235, N.º 223 (20-1-1927).

Xylocamptomina, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 243, N.º 309 (20-1-1927).

Xylocamptopsis, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 220, N.º 124 (20-1-1927).

Xylocopodes, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 207, N.º 4 (20-1-1927).

Y

yahuarmayana, *Bolodoria*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 290 (20-1-1927).

yahuarmayana, *Epiphylllophila*, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 304 (20-1-1927).

- yahuarmayensis, Didymops, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 302 (20-1-1927).
- yahuarphryno, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 263, N.º 468 (20-1-1927).
- yahuarphrynoides, Yahuartachina, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 368 (20-1-1927).
- Yahuartachina, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 261, N.º 449 (20-1-1927).
- ypiranganus, Emberizoides macrourus, H. von Ihering, R. von Ihering. Catalogos da fauna brasileira "Aves", vol. 1, p. 390, N.º 1497c (9-X-1907).
- ypiranguensis, Megachile, Curt Schrottky, Tomo IX, p. 194, N.º 61 (XII-1913).
- ypiranguensis, Mischocyttarus, José Pinto da Fonseca, Tomo XIV, p. 181, Est. 1, figs 1-2 (10-1-1926).
- ypiranguensis, Polybia, Rodolpho von Ihering, Tomo VI, p. 188, N.º 19 (8-V-1905).

Z

- zanthoxylum, Lecanium, Adolph Hempel, Tomo IV, p. 430, N.º 49, Est. VIII, fig. 10 (28-VII-1900).
- zikani, Cosmotoma, Julius Melzer, Tomo XV, p. 574 (20-1-1927).
- zikani, Hephæstion, Julius Melzer, Notas preliminares, Vol. 2.º, fasc. 4.º, p. 7 (VIII-1923).
- zikani, Meroscelisus, Julius Melzer, Tomo XI, p. 154, N.º 4 (7-XII-1919).
- zikani, Neocorus, Julius Melzer, Tomo XII (2), p. 434, Est. II, fig. 6 (5-XII-1920).
- zikani, Odontocera, Julius Melzer, Tomo XV, p. 565 (20-1-1927).
- zikani, Ophistomis, Julius Melzer, Notas preliminares, Vol. 2.º, fasc. 2.º, p. 5 (20-X-1922).
- zikani, Plega, R. P. Longinos Navás, S. J., Tomo XX, p. 722, N.º 62, fig. 13 (15-VI-1936).
- zikani, Quercivir, Julius Melzer, Tomo XI, p. 141, N.º 3, Est. IX, figs. 23-25 (7-XII-1919).
- zikani, Stethoperma, Julius Melzer, Notas preliminares, Vol. 2.º, fasc. 5 p. 8 (XI-1923).
- zitteli, Bouchardia, H. von Ihering, Tomo II, p. 268, fig. 6 (28-XII-1897).

- zorodes, Bristoweia, Mello Leitão, Tomo XIV, p. 370 (10-1-1926).
zoredes, Cyrtopholis, Mello Leitão, Tomo XIII, p. 143 (29-XII-1922).
zorodes, Typhochlaena, Mello Leitão, Tomo XIV, p. 322, figs. 9-10
(10-1-1926).
Zygózenilia, C. H. T. Townsend, Tomo XV, p. 268, N.º 505 (20-1-1927).

SOBRE ALGUNS PARATYPOS DE *SARCOPHAGIDAE*,
CONSERVADOS NO MUSEU PAULISTA. (DIPT.)

(com 13 figuras)

H. DE SOUZA LOPES

(Instituto de Biologia Vegetal — Rio de Janeiro)





O presente trabalho é o resultado do exame de Paratypos de especies brasileiras do Dr. C. H. T. Towns end offerecidos pelo autor em 1926 ao Museu Paulista. São especies descriptas em "Synopsis dos generos muscoideos da região humida tropical da America, com generos e especies novas, Revista do Museu Paulista, vol. 15, p. 205-385, 4 pls.

Redescrevo 4 especies sendo 3 pertencentes á subfamilia *Sarcophaginae* e 1 (*Ibamobia ornata* Towns.) representante de *Miltogramminae*.

Deixo assignalados os meus agradecimentos ao Dr. A. de E. Taunay pela facilidade que me proporcionou no exame do material.

The present paper deals with the result of an examination of the Paratypes of brazilian species of Dr. C. H. T. Towns end, offered by the author to the "Museu Paulista", in 1926. Thes species were describesh in the "Synopsis dos genros muscoideos da região humida tropical da America, com generos e especies novas, Revista do Museu Paulista, Vol. 15, p. 205-385, 4 pls."

I redescribe 4 species, 3 belonging to the sub-family *Sarcophaginae* and 1 (*Ibamobia ornata* Towns.) to the *Miltogramminae*.

de espécies brasileiras de Dr. C. H. T. Lowman e outros
de espécies brasileiras de Dr. C. H. T. Lowman e outros
de espécies brasileiras de Dr. C. H. T. Lowman e outros

descrevo 4 espécies sendo 3 pertencentes
Sarcophaga nas 1 Hamodia ornata
Milton

de espécies brasileiras de Dr. C. H. T. Lowman e outros
de espécies brasileiras de Dr. C. H. T. Lowman e outros
de espécies brasileiras de Dr. C. H. T. Lowman e outros

de espécies brasileiras de Dr. C. H. T. Lowman e outros
de espécies brasileiras de Dr. C. H. T. Lowman e outros

Genero **HELICOBIA** Coquillet

Coquillet, 1895, Proc. Acad. Nat. Sci. Phil., 317

A validade deste genero é bastante discutida. Tenho na collecção 3 exemplares da especie typo *Helicobia rapax* Walker devidos á gentileza do Dr. C. H. Curran de New York.

Aldrich em 1916 (*Sarcophaga* and allies, p. 9) não considera valido o genero, que, segundo Coquillet, abrange as especies de *Sarcophagidae* que têm a primeira veia longitudinal com cerdas, pela inconstancia deste caracter nas especies palearcticas. Enderlein em 1928 (*Arch. Klass. Phyl. Ent.* vol. 1, p. 50) considera *Helicobia* Coq. synonymo de *Bercaea* Rob.-Desv. Hall em 1933 (*Bull. Amer. Mus. Nat. Hist.* vol. 66, art. 2, p. 266) incluye *H. rapax* Walk. entre as especies do genero *Sarcophaga*.

E' evidente que *H. rapax* Walk., *H. aurescens* Towns. e *H. morionella* Ald. são especies extremamente proximas. Todas ellas têm cerdas em r_1 , 3 cerdas dorsocentraes posteriores, segundo segmento genital com cerdas fortes e irregularmente dispostas e grande alongamento das cerdas lateraes do escutello. Entretanto *Sarcophaga ampullula* Engel 1931 (*Konowia* 10, p. 142, fig.), tambem muito semelhante pelas cerdas em r_1 , 3 dorsocentraes e alongamento das cerdas escutellares, não tem cerdas fortes e irregulares no 2.^o segmento genital e os machos apresentam a cerda vertical externa muito desenvolvida (o que não ocorre nas especies primeiro referidas).

Sarcophaga stimulans Walk. é tambem uma pequena especie com cerdas em r_1 mas é mais robusta que as especies citadas e tem 4 cerdas dorso-centraes postsuturales em vez de trez. Está no mesmo caso *Catasarcophaga trivittata* Towns. que é uma especie muito affim de *stimulans* Walk.

Considerando esta gradação de um conjunto de caracteres, e ainda mais, verificando que ha especies outras que têm cerdas em r_1 como *Sarcophaga frenata* Pand., *S. larvivora* Lop., *S. iheringi* Lopes, etc. que não apresentam affinidades entre

si nem com as especies consideradas como *Helicobia*, surge uma séria duvida sobre a validade do genero em questão. O mais acertado será procurar um maior conhecimento das especies descriptas e procurar descrever as muitas especies ainda inteiramente desconhecidas, para estabelecer uma classificação generica sobre bases mais solidas.

Helicobia aurescens (Townsend, 1927)

(Fig. 1 e 2)

Helicobiopsis aurescens Townsend. 1927, Rev. Mus. Paulista, vol. 15, p. 230 e 313; 1935, Man. of Myiology vol. 2, p. 186 (macho) e 192 (femea).

Esta especie é extremamente proxima de *H. rapax* Walker, typo do genero *Helicobia* Coq. e quando se examinam os caracteres differenciaes dados por Townsend nas chaves dos seus 2 trabalhos, verifica-se que nenhum delles pode ser mantido.

Em 1927 Townsend descreve o genero *Helicobiopsis* separando-o de *Helicobia* Coq. pelos seguintes caracteres:

Bch (genas) quasi $1/3$ do *co* (comprimento maximo do olho); *ar* (arista) *pl* (plumosa) nos $2/3$ *b* (basaes) até nos $3/4$ *b*; *fco* (cerda facioorbital) 1 grossa; machos com unhas compridas. *Helicobiopsis* TT. gn. (Gt. *H. aurescens* TT. spn.).

Bch quando muito apenas $1/4$ do *co*; *ar pl* na $1/2$ *b*; *fco* quando muito só pêlos; machos com unhas compridas *Helicobia* Cq.

A gena em *H. aurescens* Townsend, nos 2 sexos, mede cerca de $1/5$ do comprimento do olho nos exemplares paratypes. Num exemplar macho que possui de São José dos Campos (Est. de S. Paulo) essa relação é $1/7$. Em *H. rapax* Walk. a gena mede $1/7$ do comprimento do olho. Aliás Townsend em 1925 chama *Bch* de gena e creio que se refere ao que actualmente (Manual of Myology) chama "cheeks" e que define "Portion of genae between eyes and peristomalia". Em Manual of Myology o autor abandona a abreviatura *Bch* e define *Genae* como "Paracephala or plair of orbits comprising postgenae, cheeks, parafacialia, parafrontalia and paracranialia".

Este caracter (relação entre a gena e o comprimento do olho) não pode ser considerado como caracter generico, nem mesmo deve ser tomado em consideração na separação das especies, quando isolado, dada a sua variabilidade.

Quanto á parte plumosa da arista, tanto *H. aurescens* Towns. como *H. rapax* Walk. apresentam os 2/3 apicaes plumosos.

As cerdas faciorbitaes são bastante desenvolvidas nas 2 especies. A especie de Walker apresenta mais de 1 destas cerdas ao passo que *H. aurescens* tem geralmente 1 grande cerda junto de outras menores.

Em Manual of Myiology Townsend distingue os 2 generos pelos seguintes caracteres:

Machos: Prostermum bare, no Fco (fasciorbital bristles), claws short *Helicobia* Cq.

Prosternum finely bristled, 1 strong Fco, claws long *Helicobiopsis* TT.

Nos paratypos de Townsend não consigo ver pêlinhos no prosterno, mas possuo exemplares desta especie de varias proceencias onde a metade posterior deste esclerito apresenta pêlos muito finos. Os exemplares de *H. rapax* Walk, têm pêlinhos no prosterno. O 2.º caracter já foi examinado a proposito da primeira chave.

As unhas em ambas as especies medem cerca de 1/3 do comprimento do metatarso correspondente. Apesar disso as unhas são relativamente mais alongadas em exemplares do mesmo tamanho. Ha um certo alongamento das patas em *H. aurescens* Towns.

Na chave para a separação das femeas temos:

No FCO, arista plumose 1/2 way ... *Helicobia* Cq.

FCO present, arista plumose 3/4 way *Helicobiopsis* Towns.

Tambem para as femeas não ha a differença que Townsend assignala.

Helicobiopsis aurescens Towns.

(Redescrição dos paratypos)

Macho — Cabeça amarello-dourada, fronte 0,25 da largura da cabeça, cerdas ocellares desenvolvidas, a vitta frontal mede cerca de 0,4 da largura da fronte ao nivel da cerda frontal superior. Antennas pardo escurcidas, o 3.º articulo mede cerca de 2 e 1/2 vezes o comprimento do 2.º. Arista plumosa

nos 2/3 basaes. Parafacialia tão larga quanto os 0,3 da distancia entre as grandes vibrissas, que se acham immediatamente acima da margem oral. Ha 3 séries de cerdas pretas postoculares.

Thorax cinzento amarellado. Ha 3 cerdas postsuturales dorsocentraes e 2 presuturales; 3 humeraes, 1 posthumeral, 3 supralares postsuturales (sendo a mediana muito grande) e 1 presutural. Ha 2 grandes cerdas notopleuraes e 2 outras tão pequenas que são do tamanho das microchetas do dorso. **Escutello** com 2 pares de cerdas lateraes, 1 preapical reduzido e um par apical cujas cerdas se cruzam.

Abdomen cinzento amarellado, a margem posterior do 5.^o tergito, numa pequena extensão, é avermelhada. Tergitos 2 e 3 sómente com cerdas lateraes, 4.^o com 3 cerdas lateraes e 1 par mediano, 5.^o com uma série de cerca de 10 cerdas. Toda a parte ventral do abdomen apresenta pêlos muito longos e muito finos, especialmente na parte apical. Esternitos 1 a 4 com pêlos finos, pequenos e esparsos; 5.^o esternito profundamente fendido e com as margens internas desta fenda cobertas de pêlos tão longos quanto os descriptos na face ventral do abdomen.

O 1.^o segmento genital no exemplar paratypo é castanho escuro, mas ha exemplares desta especie com este tergito amarello claro. Ha sempre 2 cerdas fortes na margem posterior. O 2.^o segmento é sempre intensamente vermelho e tem numerosas cerdas dorsaes, pretas e fortes, dispostas irregularmente e cercadas de pêlos pretos, pequenos e esparsos. **Forceps** robustos, arqueados fortemente, não divergentes no apice, pretos e de coloração avermelhada na base. Peça accessoria pequena, arredondada, pêluda e de cor castanha clara. Pinças internas pretas, a posterior tem um longo pêlo proximo á base.

O **femur anterior** apresenta, além das habituaes fileiras de cerdas das faces dorsal e ventral, 2 outras fileiras na face anterior. O **femur médio** tem 3 a 4 fortes cerdas medianas na face anterior; a face ventral tem uma forte cerda mediana isolada e 1 série de pequenas cerdas no quarto apical. O **femur posterior** tem na face dorsal uma série de longas cerdas em todo o seu comprimento; a face anterior tem cerdas longas no centro; a face ventral tem 2 fileiras de cerdas. 1 junto ao bordo anterior e outra junto ao bordo posterior. A **tibia anterior** tem 2 cerdas proximas á base na face anterior e 1 cerda na metade basal da face posterior. A **tibia média** tem na face anterior 2 cerdas medianas, das quaes a mais proxima do apice é extraordinariamente desenvolvida; na face posterior ha tambem 2 cerdas medianas e na face uma cerda

na metade apical. A tibia posterior tem cerdas equivalentes ás da tibia media, não havendo entretanto uma grande differença de tamanho da cerda da face anterior.

A z a s hyalinas, r_1 com cerdas até a metade; r_{4-5} com cerdas até as proximidades da veia transversa.

Femea. — Semelhante ao macho, fronte 0,37 da largura da cabeça, vitta frontal cerca de 0,33 da largura da fronte ao nível da cerda frontal superior, vertical externa cerca de metade do comprimento da vertical interna.

O f e m u r anterior só apresenta, na face anterior, a fileira superior de cerdas. U n h a s mais curtas que no macho.

Paratypo: macho rotulado, Itq. 24.VIII — On foliage; dadaiva Townsend 1926, n.º 22084 (collecção do Museu Paulista) Femea: Itq. 13.II.

Localidade do typo: Itaquaquetuba, Est. de São Paulo.

Genero LEPIDODEXIA Brauer et Berg.

Lepidodexia Brauer und Bergestamm, 1891 Zweifl. Kais. Mus. pt. 5, p. 373, 379; 1893, pt. 6, p. 133. — Townsend, 1927, Rev. Mus. Paulista vol. 15, p. 229. — Aldrich, 1929, Proc. U. S. Nat. Mus. vol. 74, art. 19, p. 31, fig. 2. — Townsend, 1935, Man. of Myiology vol. 2, p. 256. (Typo: *L. tetraptera* Brauer u. Berg., 1891 — Venezuela).

Raimondia Townsend, 1917, Proc. Biol. Soc. Wash. vol. 30, p. 47. — Aldrich, 1929, Proc. U. S. Nat. Mus. vol. 74, art. 19, p. 31. — Townsend, 1935, Man. of Myiology, vol. 2, p. 256. (Typo: *R. uruhuasi* Town., 1917.

Xylocampta Townsend, 1927, Rev. Mus. Paulista vol. 15, p. 233. — 1935, Man. of Myiology vol. 2, p. 256.

A d r i c h (1929) tendo examinado o typo de *L. tetraptera* Brauer u. Berg. acha que esta especie é muito proxima de *Raimondia uruhuasi* e tendo comparado as genitalias das duas especies conclue: "It may yet prove that *uruhuasi* is merely a subspecies of *tetraptera*."

Considero *Xylocampta sarcophagina* Town. como uma especie de *Lepidodexia*.

Lepidodexia tetraptera Brauer et Berg.

Brauer und Bergestamm, 1891, Zweifl. Kais. Mus. pt. 5, p. 379. 1893, pt. 6, p. 133. — Aldrich, 1929 Proc. U. S. Nat. Mus. vol. 74, art. 19, p. 31.

Tenho um exemplar desta especie proveniente de Choachi (Colombia) Rev. P. Apolinar Maria leg. VII.1916.

Lepidodexia sarcophagina (Townsend).

(Figs. 3 a 7)

Xylocampta sarcophagina Townsend, 1927 Rev. Mus. Paulista vol. 15, p. 366.

Difere de *L. tetraptera* Brauer u. Berg. por apresentar carena facial menos saliente, aza infuscada nas nervuras transversas, duas cerdas esternopleuraes e conformação differente da genitalia do macho. O forceps desta especie é extraordinariamente coberto de pêlos muito longos dirigidos para o lado e para baixo.

Mach o (Paratypo) — Comprimento total: 12 mm.

F r o n t e cinzenta, fracamente amarellada, medindo cerca de 0.21 da largura da cabeça. Cerdas ocellares bem desenvolvidas. A vitta frontal mede cerca de 0.56 da largura da cabeça ao nível da cerda frontal superior. Com 11 cerdas frontaes, a ultima alcançando o nível do terço basal do segundo articulo antenna. Antennas escurecidas, e segundo articulo medindo 0.65 do comprimento do terceiro. Arista plumosa nos 3/4 basaes. Facialia com cerdas pequenas no terço inferior. Facialia quasi tão largos quanto a distancia entre as duas vibrissas. Genas muito largas, cerca de 0.43 do comprimento do olho.

T h o r a x cinzento claro. As linhas longitudinaes do mesonotum são castanhas e interrompidas na sutura transversa. A linha mediana é dividida longitudinalmente, havendo exemplares em que esta faixa se divide em 3 faixas delgadas, que se unem na margem posterior da sutura. O mesonotum é quasi que inteiramente despido de cerdas pequenas (microchaetas). Ha 3 cerdas dorsocentraes presuturaes, e 3 postsuturaes, 1 prescutellar, 2 humeraes, 1 posthumeral, 1 supralar presutural e 2 postsuturaes, 2 intralares e notopleuraes. Escutello com 2 pares de cerdas marginaes e 1 par preapical. Ha 2 cerdas esternopleuraes. Propleura e proesterno com pequenos pêlos.

A b d o m e n com cerdas lateraes nos tergitos 2 a 4; 1 par mediano marginal no 4.^o tergito e 5.^o com cerca de 16 cerdas em toda a margem. Esternitos 1 a 4 alongados com numerosos pêlos pequenos e esparsos e com algumas cerdas mais fortes situadas lateralmente na margem posterior. Quinto esternito profundamente fendido e com numerosos pêlos nas margens internas desta fenda.

Primeiro segmento genital com poucos pêlos e somente na metade posterior, tendo uma série de cerdas na margem posterior. Segundo segmento genital reduzido, cinzento e com pêlos muito finos e longos. **Forceps** largo com a extremidade avermelhada e nua e com numerosos pêlos negros muito longos e dirigidos principalmente para os lados. Pinças internas vermelhas, a posterior possui uma longa cerda implantada na metade basal. Penis dorsalmente preto, muito chitinizado e com um lobo anterior membranoso.

Coxas e femures cinzentos, **tíbias** amarellas e **tarsos** pretos. O **femur anterior** apresenta nas faces dorsal e ventral junto ao bordo posterior, uma série de longas cerdas dispostas distanciadamente. O **femur médio** tem 2 cerdas isoladas no centro da face anterior e 2 cerdas apicais na face posterior; a face ventral tem uma serie de cerdas junto ao bordo inferior e 2 cerdas na metade basal da face anterior. O **Femur posterior** tem uma serie de cerdas na face dorsal; 2 cerdas preapicais na face posterior e 2 séries na face ventral. A **tíbia anterior** tem 3 cerdas na metade basal da face anterior e uma mediana na face posterior. A **tíbia média** tem 1 cerda mediana na face anterior, 2 cerdas na face posterior e uma outra na metade apical da face ventral. A **tíbia posterior** tem 2 ou 3 cerdas nas faces anterior e posterior e 1 outra na metade basal da face ventral.

Azas mais ou menos infuscadas, sendo fortemente manchadas em *r-m*, *m₁* e *m-m*. Primeira nervura radial (*r₁*) sem cerdas, *r₄₋₅* com 4 cerdas na base. Calypteros amarellados sendo o inferior muito longo.

Fêmea (Paratipo) — Semelhante ao macho. Comprimento total 7 mm.

Fronte cerca de 0.3 da largura da cabeça. A **vitta frontal** mede cerca de 0.53 da largura da fronte ao nível da cerda frontal superior. Ha 2 cerdas frontaes reclinadas e a cerda vertical externa mede cerca de 0.5 da vertical interna. O 4.º segmento abdominal possui cerdas em toda a margem posterior como o 5.º tergito, mas a distancia entre estas cerdas é muito maior do que entre as cerdas do tergito seguinte. Colloração das patas como no macho. As cerdas da face ventral dos femures medio e posterior são muito reduzidas em numero.

Paratipos: 1 macho rotulado, Itq. 7. IX. Tree Trunk.; 1 fêmea 22. VII, On Foliage; dadaiva Townsend n.º 22084 (Museu Paulista).

Localidade do tipo: Itaquapecetuba, Est. de S. Paulo.

Possuo mais 3 exemplares machos desta especie. A coloração geral pode variar, sendo em um delles cinzenta clara sem a tonalidade amarella, com calypteros de um branco leitoso e aza muito hyalina tendo manchas nas nervuras transversas. Outro exemplar tambem de 12 millimetros de comprimento tem o corpo intensamente amarellado lembrando o exemplar de *L. tetraptera* que me referi no começo do trabalho. Um terceiro exemplar de coloração semelhante ao Paratypo tem apenas 8 millimetros de comprimento total.

1 macho do Horto da Cantareira (S. Paulo), Prof. L. Travassos leg. 7.1935; 1 macho da Serra da Cantareira L. Travassos Filho leg. 7.IX.1934.

Genero **ORODEXIA** Townsend.

Orodexia Townsend, 1927, Mus. Paulista vol. 15, p. 227; 1935, Manual of Myiology vol. 2, p. 185.

Aldrich (1930) quando redescreve *Sarcophaga opima* Wied. diz: "It differs from the genus *Sarcophaga*, and I would place it provisionally in *Notochaeta*, although it lacks the hairs on the propleura which occur in the type species. The parafacials are bare, and the notopleura lacks the small bristles which alternate with the two large ones in *Sarcophaga*".

A falta de cerdas nas parafaciais e o grande tamanho dos olhos differenciam sufficientemente este genero de *Notochaeta* Aldrich.

Orodexia opima Wiedemann

(Fig. 8 e 9)

Wiedemann, Auss. Zweifl. Insect. vol. 2, p. 364. — Aldrich, 1930, Proc. U. S. Nat. Mus. vol. 78, art. 12, p. 9, pl. 3, f. 2.

Orodexia ornata Townsend, 1927, Rev. Mus. Paulista, vol. 15, p. 341.

Aldrich (1930) viu o typo de *opima* Wiedemann que descreveu detalhadamente publicando desenho da genitalia.

O paratypo de *ornata* Townsend concorda com a descripção, notando-se apenas que o 3.º articulo antenal mede quasi 3 vezes o comprimento do 2.º ao passo que Aldrich diz para *O. opima* (Wied.) "Third joint a little over twice the second".

Dou um desenho detalhado da extremidade do Penis do paratypo de *O. ornata* Towns. Tenho na collecção 25 exemplares desta interessante especie, 15 machos e 3 femeas do Rio de

Janeiro. Maio a Outubro; 3 machos de Angra dos Reis, Novembro de 1934; 2 machos de Miguel Pereira, Est. do Rio, Maio de 1933; 1 macho de Petropolis, R. U e t e r l e g. e 1 macho do Alto da Serra, S. Paulo.

O exemplar paratype de *ornata* concorda com a descrição dada por Aldrich, ao passo que nos restantes exemplares encontro variações bem notáveis. Frequentemente a propleura possui pêlinhos claros que por vezes a cobrem inteiramente; as cerdas da r_{2-3} são mais numerosas. Occupando cerca de $2/3$ da distancia da base desta nervura até a transversa. O penis é, em quasi todos os exemplares, muito mais globuloso que no paratype de *ornata* Townsend e no desenho publicado por Aldrich. No entanto a sua constituição geral é a mesma. O comprimento total varia de 5 a 8 mm.

A femea é muito semelhante ao macho, tem 2 fortes cerdas proclinadas na frente.

Itamobia ornata Townsend.

(Fig. 10 a 13)

Townsend; 1927, Rev. Mus. Paulista, vol. 15, p. 224 e 321; 1935, Manual of Myiology, vol. 2, p. 214.

Fem e a : — Comprimento total: 6 mm.

Cabeça amarello-dourada. Fronte cerca de 0.27 da largura da cabeça. As cerdas frontaes terminam um pouco antes da base das antenas, as anteriores são bem desenvolvidas ao passo que as superiores são reduzidas em tamanho. Ha 1 cerda fronto-orbital reclinada e 2 proclinadas. A fronte tem numerosos pêlinhos. Cerdas ocellares fortes. Vitta frontal preta, mate, medindo 0.6 da largura da fronte ao nivel da cerda fronto-orbital reclinada. As antenas são pardo-escurecidas e medem cerca de 0.4 da distancia de sua base até a margem oral. O 3.º articulo mede cerca de 0.83 do comprimento do 2.º. Parafacialia tão largos quanto a distancia entre as grandes vibrissas que são situadas acima da margem oral cerca do comprimento do 3.º articulo antennal. Facialia com cerdas no terço inferior cranialia nús. Postgena coberta de pêlos pretos irregularmente dispostos.

Mesonotum cinzento amarellado com 3 faixas longitudinaes sendo as 2 lateraes muito pretas e a mediana apenas escurecida e mal delimitada. Escutello cinzento sem tonalidade amarella escurecido lateralmente.

A linha mediana do mesonotum não se continua no escutello. Ha ainda pequenas faixas enegrecidas na região das cerdas supralares.

Pleuras cinzentas com excepção dos 2/3 posteriores da mesopleura que são amarelos inferiormente tendo uma mancha superior escura. Ha cerdas dorsocentraes postsuturales bem desenvolvidas intercaladas com outras menores; 3 presuturales dorsocentraes; 2 pares de acrostichaes post-suturales; 2 cerdas supralares postsuturales e uma presutural; 2 intralares; 2 humeraes e 1 posthumeral. Ha 2 cerdas notopleuraes acompanhadas de pêlos pequenos de 1 lado e apenas 1 notopleural do outro. No escutello ha 2 pares de cerdas marginaes 1 forte par apical e 1 pequeno par preapical. Ha 2 cerdas esternopleuraes.

Abdomen castanho escuro, 2.^o tergito com 2 manchas cinzentas medianas e cerdas lateraes. Tergitos 3-5 com 2 manchas medianas e 2 lateraes que começam na margem anterior, ventralmente todo o esclerito é cinzento com excepção de pequena faixa em toda a margem posterior. Ha somente cerdas lateraes no 3.^o tergito; 4.^o e 5.^o com uma série de cerdas em toda a margem posterior. Esternito 1-5 com pêlos na margem posterior. Esternito 2.^o muito desenvolvido, os demais reduzidos.

Segmentos genitales cinzentos, sternotheca fortemente chitinizada preta, brilhante e terminando em ponta. Patas cinzentas. Femur anterior com 1 série de cerdas na face dorsal, uma série na face ventral e uma outra na face posterior. Face anterior do femur médio com 2 séries de cerdas medianas na metade basal; 2 séries na face inferior sendo as cerdas basaes muito mais desenvolvidas do que as da metade apical. Face posterior com 2 cerdas preapicaes. Femur posterior com 2 cerdas preapicaes na face dorsal; 1 série superior na face anterior e 2 séries de cerdas na face ventral. Tibia anterior com 2 cerdas na metade apical da face posterior além das cerdas apicaes da tibia. Tibia média com 2 cerdas medianas na face anterior; 2 também medianas na face posterior e 1 longa na metade apical da face ventral. Tibia posterior com 3 cerdas nas faces posterior e anterior e uma na metade apical da face ventral.

Azas ligeiramente infuscadas. 1.^o segmento costal quasi tão longo quanto a somma dos segmentos 2 e 4; 2.^o segmento cerca do comprimento do 4.^o. O 5.^o segmento mede cerca de 1/5 do 4.^o segmento. Nervura r_{4-5} com 2 ou 3 pêlos na base.

Paratypo: 1 fêmea rotulado Itq. 19.1; em flores de *Baccharis*; dadaiva Townsend, Museu Paulista, n.^o 22.084.

...
...
...
...

...

...
...

...
...

...

8
9
10
11
12
13
14

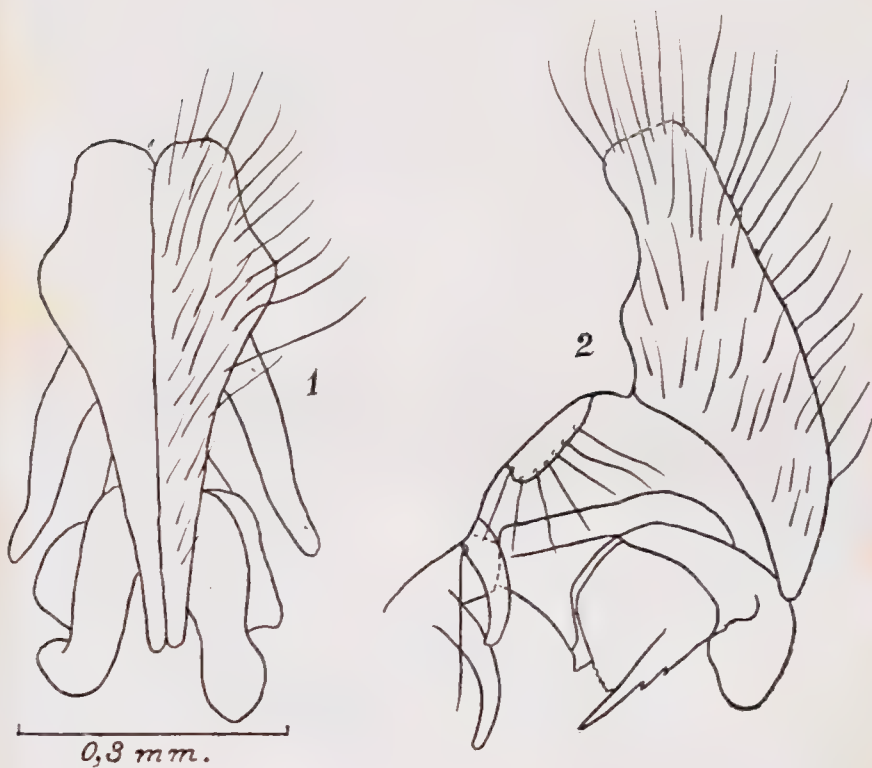


H. DE SOUZA LOPES

Revista do Museu Paulista

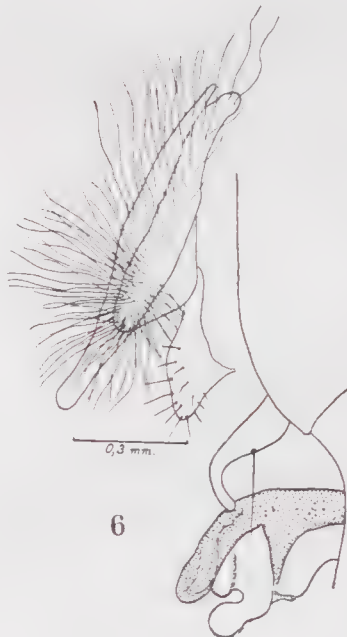
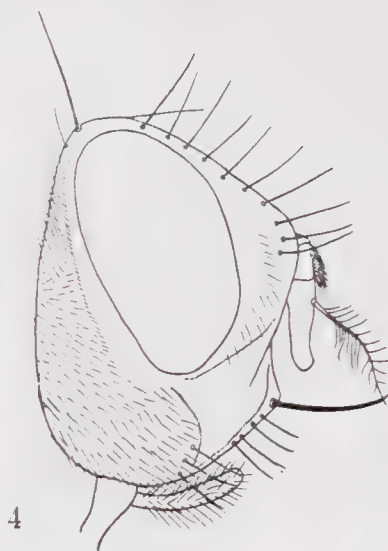
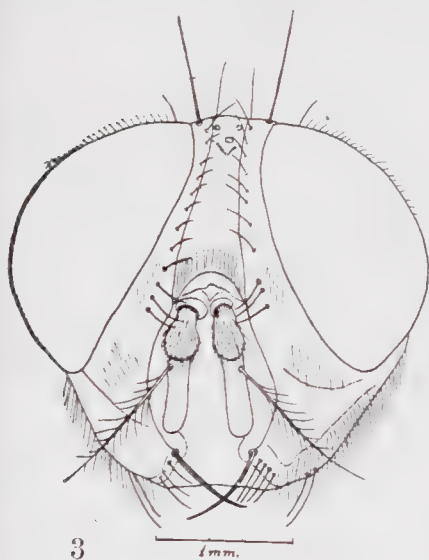
Sobre alguns paratipos de *Sarcophagiidae*
conservados no Museu Paulista (Dipt.)

TOMO XXI — EST. I



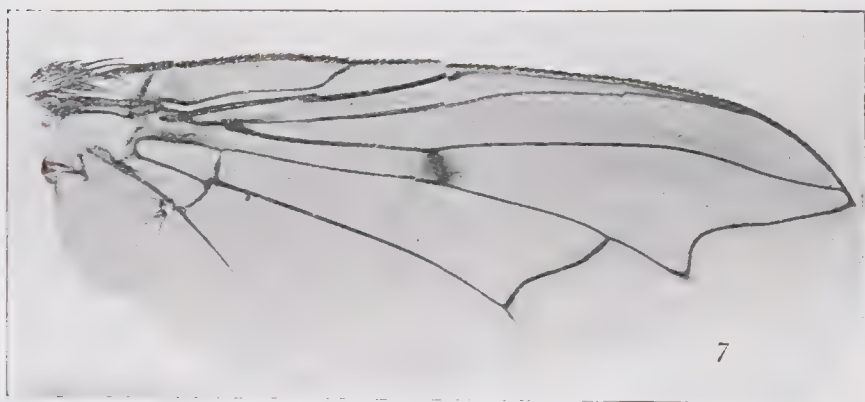


SciELO





SciELO

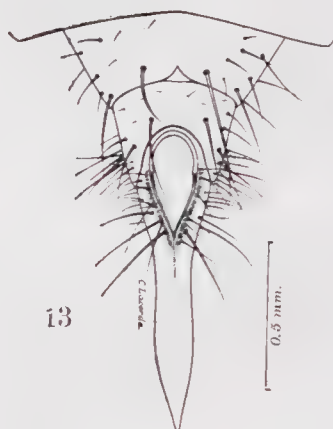
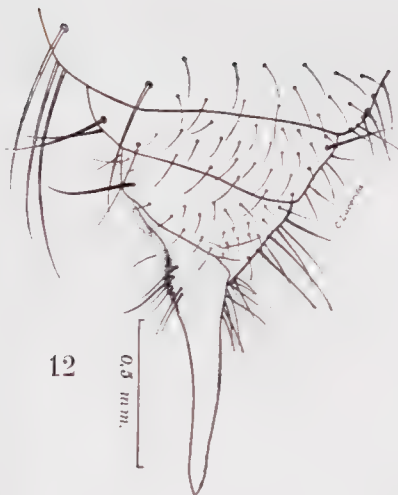
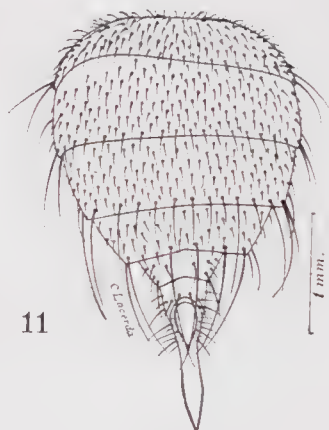
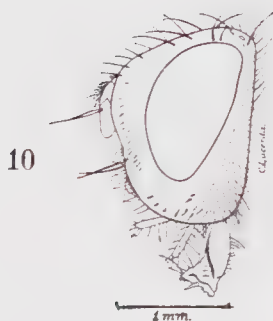




SciELO

Soore alguns paratipos de *Sarcophagidae*
conservados no Museu Paulista (Dipt.)

TOMO XXI — EST. IV





SciELO

GUILHERME, BARÃO DE ESCHWEGE

DIARIO DE UMA VIAGEM DO RIO DE JANEIRO A VILLA
RICA, NA CAPITANIA DE MINAS GERAES, NO ANNO DE 1811

TRADUÇÃO DA EXMA. SNRA. D. LUCIA
FURQUIM LAHMEYER, BIBLIOTHECARIA
DO INSTITUTO HISTÓRICO BRASILEIRO

GUILHERME BARÃO DE ESCHWEGE

DIÁRIO DE UMA VIAGEM DO RIO DE JANEIRO A ALTA
MICA, NA CAPITANIA DE MINAS GERAIS, NO ANO DE 1811

TRADUÇÃO DA EXMA. SRA. D. LUCIA
FERROUIM LAHMEYER, BIBLIOTHECARIA



Quanto é destituído de importancia o historico de uma viagem no Brasil, só se verifica ao folhear o diario depois della realizada, o espirito não se prende a ponto algum deveras interessante; chega-se a duvidar se o que se observa tem bastante valor para ser apresentado ao publico.

Entrementes cria-se coragem, pois muita gente acha interessante a descripção de viagem de **Mawe** quando esta afinal gira em torno de tantas ninharias que nada dizem, e o consolo é que pelo menos nada de peor se escreveu. Publico pois o meu desataviado diario de viagem tal qual foi, sendo redigido dia a dia e peço desculpas se não corresponde ás esperanças nelle depositadas.

Raiou o tão desejado dia da minha primeira viagem ao interior do Brasil e, a 5 de Julho, embarquei com os meus homens numa barca para o **Porto da Estrella**, para onde havia mandado, á frente, os meus animaes, alguns dias antes.

Diariamente saem barcas do Rio de Janeiro, do cães chamado dos **Mineiros** que se podem fretar para o **Porto da Estrella**, assim como para diversos outrós logares escaladós pela costa da grande bahia (da Guanabara). Em geral partem por volta de meio dia, quando começa a viração do mar regressando ao entardecer, conforme favorece o vento. Com tempo bom é muito agradável a viagem.

A **Ilha das Cobras**, do **Governador**, a **Ilha d'Agua** e da **Bôa Viagem**, a cidade do Rio, as muitas nuvens encastelladas, o alto **Pão de Asucar**, offerecem aspectos variados e agradaveis. Por outro lado é perigosa a viagem, com mau tempo, pois se está á mercê da ignorancia dos tres negros que são os mestres da barca. As velas desta tem descomunal tamanho de modo que, soprando vento rijo, muitas vezes a força dos pretos consegue colher a vela, mas a embarcação oscilla correndo o risco de virar.

Ainda mais perigosa é a viagem de volta de **Porto da Estrella** para o **Rio** por ser feita á noite com o terral que sopra a noite toda. Ao amanhecer costuma-se ali chegar.

Junto de pobre vendinha, conhecida pelo nome de **Buona-parte**, chega-se á foz do rio **Inhomirim** que póde ter uns 50 a 70 pés de largura.

Dahi para o interior serpeia o rio por sobre solo negro, lodoso onde crescem arbustos palustres em torno de monticulos e collinas, razão pela qual nem sempre se faz uso das velas; empregam-se então, para proseguir a jornada, dois immensos remos disformes, ou tambem varejões que impellem tanto mais ligeiramente quanto a maré cheia chega até a aldeia de **Inhomirim**, tres leguas portanto, acima, correndo o rio, assim, muito lentamente. As suas aguas tem côr de café escuro devido em parte ao solo negro, lodoso, e tambem em parte a particulas de plantas decompostas, assim como á vizinhança de turfeiras. Nessas aguas devem habitar muitos jacarés.

A' direita e esquerda do rio erguem-se muitas fazendolas, grande parte das quaes parece pouco conhecida. Assucar e mandioca eis os unicos artigos de cultivo que se consegue avistar embora o solo se preste a produzir muitos outros.

Os morretes e montes baixos e collinas consistem em grande parte de granito de granulação fina que ás vezes faz transição para gneiss. O humus parece em geral proceder dessa formação; tambem se encontra solo vermelho, barrento, e, mais profundamente, uma jazida de argilla, com a qual, em muitas das propriedades vizinhas, se fazem telhas e tijolos dando tal industria bastante lucro. Vendia-se naquella época o milheiro de telhas de 36\$000 a 40\$000 e o de tijolos a 12\$800.

O rio **Inhumirim** está em comunicação com o rio do **Pilar** por muitos canaes naturaes e facilita assim as comunicações de um lugar para o outro; tambem o pequeno rio **Cangulo** tambem apresenta um trecho navegavel.

Porto da **Estrella** é um povoado cuja subsistencia decorre da hospedagem dos **tropeiros** (tangedores de burros que trazem e levam mercadorias). Estes homens transportam os seus generos, em geral queijos, toucinho ou algodão, por mar, ao **Rio** e, dentro de poucos dias, voltam com carga de retorno. Neste interim ficam no pasto os seus animaes, ás vezes 50 de cada tropeiro.

Durante a viagem são as mulas distribuidas em lotes, de cinco até oito e cada lote tem o seu tocador que o guia por meio de brados e assovios, pois os animaes andam soltos, não se ajudando uns aos outros. Carregam de 6 a 12 arrobas, e o frete vulgar do **Rio** a **Villa Rica** importa em mil réis a arroba. E

o frete de **Villa Rica** ao **Rio** em geral 800 réis apenas por não ser tão procurado, pois alli a exportação é pouca.

No **Porto da Estrella**, encontrei uma hospedaria supportavel, quanto se pôde esperar dos costumes da terra, onde se tem pelo menos, por dinheiro a vista o que comer e beber. E tambem alguns quartos fechados, sem cama. Classifico as pousadas aqui, neste paiz, deste modo: as que dão de comer e de beber, onde ha quarto fechado e cama, considero-as boas ou muito boas, segundo o gráu de asseio. Outras ha em que se come e se bebe, mas não se dispõe de leito nem de quarto. E ainda outras existem onde ha quarto para dormir sem cama, e onde não se dá comida mas fornecem-se bebidas. Estas eu qualifico de soffríveis e tambem ruins. Afinal ainda ha outro genero de pousadas que nada fornecem, tendo apenas tecto e em espaço aberto, a estas costumo chamar pessimas.

Aqui me encontrei com o tropeiro que havia ajustado no **Rio de Janeiro** para transportar minha bagagem, e seguí viagem em sua companhia. Já ia ao dia alto quando partimos a 16 de julho, mas ainda com bastante tempo para alcançar **Fragoso**, fazenda a tres leguas a diante. O caminho segue constantemente por uma planicie afóra, acompanhado á direita e á esquerda por collinas e montanhas espaçadas, que se vão tornando tanto mais altas e mais unidas quanto mais se approximam da alta **Serra dos Orgãos**.

O valle ou baixada é ora pantanoso, ora arenoso e muitos pontos do caminho estão inundados de modo que com as chuvas continuadas mal se pode passar.

A legua e meia do **Porto da Estrella** chega-se ao povoado de **Inhomirim** ao qual deu o nome o rio que se atravessa por meio de pessima ponte. O numero de casas pôde ser equiparado ao de **Porto da Estrella**; tambem aqui se acha a séde da parochia de toda a região, nada apresentando digno de menção. Encantadora é a posição da fazenda de **Paulo Moreira**, no meio de um campo, no topo arredondado de collina, á direita da estrada habitações ruraes sobre elevações e como é costume caídas de branco, por fóra, seu aspecto é bonito embora o interior não corresponda a esta alvura.

A fazenda **Fragoso**, onde pernoitamos parecia pertencer a algum proprietario fallido; o tropeiro e uns outros viajantes alojaram-se num telheiro aberto, aqui chamado **rancho**; eu e minha gente achamos pouso numa casa prestes a cahir. Collocaram-nos na sala de entrada de tal casa; na sala principal

estava um preto morto, fallecido algumas horas antes. Na vinda da vizinhança preparavam-nos o jantar. Embora já calhesse a noite, veio muita gente dos arredores, homens e mulheres, para nos ver. Um homem alto gordo, que parecia o pae da familia trazia em vez de bengala formidavel espada enferrujada, sem bainha e tinha os pés mettidos em tamancos. Nada acostumados ao modo de viajar no Brasil, tivemos que marchar adiante, o dia seguinte sem almoço, para subir com a fresca a **Serra da Estrella**, que faz parte da **Serra dos Orgãos**.

Esta ultima deve o nome ás pontas dentadas de rochas que parecem canudos de orgãos, assim como se quiz comparar as montanhas do outro lado da subida da estrada á **Serra da Estrella** em Portugal.

Um quarto de hora mais tarde continua o caminho ainda pela planicie até a fazenda da Cordoeira situada numa bella campina, e além até **Mandioca** onde de novo se atravessa o **Inhumirim**. Ahi se começa a subir por uma estrada em verdade bem projectada. Devido ao seu calçamento de pedras largas e o grande abaulamento, que faz as mulas escorregarem para os lados é extremamente incommoda. E traçada além disto em zig-zag e sem ter os necessarios pontos de descanso nos logares mais ingremes indo dar na encosta de uma garganta. Até o cume gasta o viajante bem duas boas horas sem muito descanso.

Desta garganta segue a estrada mais uns cem passos e vae dar num despenhadeiro. A' esquerda dahi serpeia uma picada pedregosa pela qual, com mau tempo, só correndo risco de quebrar as pernas dos animaes se pôde passar.

Os verdadeiros motivos porque não se continuou tal estrada tão necessaria não os ousou mencionar. Diz o povo que os interesses particulâres de alguns fazendeiros da região impediram o proseguimento das obras.

A **Serra dos Orgãos** é uma das mais altas cadeias de montanhas desta região e prende-se á grande serra que corre do Norte ao Sul ao longo da costa e conhecida em geral pelo nome de **Serra do Mar**. O principal espigão, que se eleva acima das outras montanhas pôde ter umas tres leguas de comprimento, termina por um lado, como já se disse, por agulhas e picos, por outro desce em suave declive em continuação da cadeia mais baixa. Consiste o sopé de um granito de granulação fina, azulado, côr que lhe dá a mica. Feldspatho e quartzo são de côr branca acinzentada. Perto da montanha o granito faz transição para o gneiss, que por vezes aflora muito desagregado.

Desde o fim da estrada calçada até a fazenda do **Corrego Secco**, que é uma propriedade isolada, e não um povoado, como disse **Mawe**, a caminhada é de um quarto de hora; está situada um tanto mais baixo do que o mais alto ponto da estrada e ali fiz ás 11 horas da manhã, as seguintes observações com dois barometros:

Barometro n.º 1 — 27",488" "

Barometro n.º 2 — 27",656" "

Thermometro Fahr. —66°.

Hygrom de Luc. 71°

Essas attitudes barometricas comparadas as altitudes medias observadas no Rio de Janeiro, e de facto feitas no quarto de minha moradia, situado 20 pés acima do nivel do mar, logar onde verifiquei no barometro, n.º 1, em 144 observações por espaço de 8 mezes o nivel medio do mercurio a 30",091 e no barometro n.º 2, 30",275 em 76 observações no espaço de 4 mezes, dão segundo a tabella de calcular alturas de Cavallo uma altitude vertical de 2,045 pés inglezes para **Corrego Secco**. Pela medição trigonometrica havia eu antes já achado que o mais elevado da **Serra dos Orgãos** é mais alto 1/3 do que o mais alto ponto pelo qual a estrada passa. A maior altitude vertical da serra monta por conseguinte a 3,607 pés, podendo eu facilmente supphor que **Corrego Secco**, está a 300 pés mais abaixo do que o mais alto ponto da estrada. (Sirvo-me sempre das tabellas de Cavallo, nos logares para onde não se póde conseguir escrupuloso calculo).

Estavamos estafados ao chegar ao **Corrego Secco**, e nada ali havia para nos restaurar senão carne de porco salgada e linguiça igualmente conservadas. Logo que descansamos um pouco, cavalgamos ainda por mais 3 leguas adiante até **Olaria** sempre seguindo o declive do rio **Piabanha** que **Mawe** baptisou de **Piabuna**.

As fazendas **Itamaraty**, **Samambaia** e **Padre Corrêa** estão á beira da estrada. Em **Samambaia** avista-se uma casa assejada, bastante grande e pintada de varias côres, que se destaca extraordinariamente no fundo das selvas da vizinhança.

Plantações não se vêem em parte alguma da estrada, senão na fazenda do **Padre Corrêa**. Parece ser activo este homem e, gostar da ordem. A bella varzea onde se acha sua casa, em bonita collocação, com muitas dependencias, é bem cultivada, sobretudo com fructeiras, taes como cerejeiras, macieiras, videiras, figueiras, etc., fructos bem nordicos que prosperam excellentemente nessa altitude.

Não raro gêa aqui no tempo de São João; as bananeiras, a canna de assucar e outras plantas de climas quentes cretam-se então. As formações orogenicas que divisei foram constantemente granito e gneiss. O granito era frequentemente atravessado por conglomerados de feldspatho e ao gneiss estavam misturadas granadas esparsas. Assim também nos riachos vindos das montanhas não se encontram outros seixos rolados senão o dessa orogenia.

Em Olaria vimo-nos pela primeira vez forçados a preparar o nosso jantar, incommodo que muitas vezes supportamos porque os moradores da estrada raro dão hospedagem, pois quem viaja nesta terra para se transportar de um lado para outro sem grande despesa, leva comsigo generos e trem de cozinha.

Dahi a razão porque não se encontram hospedarias propriamente ditas pois o hospedeiro nada ganharia. Mandioca, fubá, feijão preto ruim, aguardente num ou noutro lugar, milho para os animaes é tudo o que se acha para comprar nas fazendas; o que passar desses fornecimentos, ou ha de se trazer ou obtem-se aqui e acolá, por grande favor e muito dinheiro. Este é o habito e sómente na estrada do Rio para Villa Rica, em outras se é tratado, em quasi todos os logares, com a maxima hospitalidade.

De Olaria fizemos curta viagem de duas horas pela fazenda de Magé a Sumidouro onde encontramos o nosso tropeiro da tropa principal. Ficámos ali para preparar, com mais conforto, a nossa viagem, mas particularmente para melhor distribuir a bagagem conforme as forças de cada mula. O tropeiro dispunha de 30 animaes carregados na maioria com sal em surrões cozidos de couro, contendo cada um 2 1/2 até 5 arrobas e é um artigo de grande commercio no interior do paiz. Em Villa Rica vende-se um sacco de 5 arrobas por 4\$000 réis.

Daqui em diante nada nos faltou; tinhamos tudo o que necessitavamos; trem de cozinha, toucinho, sal, pimenta do reino, feijão preto e farinha com o que nos restaurassemos. E dilatando-se a viagem sempre iammos comprando novas provisões. Assegurava o tropeiro que nunca tinha vivido com tanta fartura; todavia para quem está habituado á cozinha européa, tal abundancia parecerá singular a exigir muitas renunciias. Causava-me arrepios comer feijão preto logo pela manhã cedo, entretanto sabendo o viajante o que pôde levar comsigo facilmente remediaria este mal.

Criamos poder seguir viagem o dia seguinte, mas dois dos meus animaes se tinham extraviado no pasto, foi preciso nos

resignarmos. E' uma circumstancia que muito frequentemente ocorre, e atraza a viagem, sobretudo quando são muitos os animaes.

O modo pelo qual os tocadores manejam as mulas é o seguinte: Logo que chegam ao pouso, são ellas descarregadas com toda a promptidão, levantam-se as cangalhas e deixam-se assim ficar uns minutos para refrescar, depois retiram-se, e o pó e suor dos animaes são raspados a facão, o qual é trazido pelos tocadores numa bainha de couro, atraz, no cinturão. Depois soltam-se as bestas para que possam espojar-se, o que lhes parece fazer grande bem; essa distensão dos membros como que as reanima; dá-se-lhes em seguida um pouco de sal.

Na vizinhança do pouso ficam então as mulas a pastar até anoitecer, entrementes pensam-se os ferimentos de algumas, são outras ferradas, concertam-se as cangalhas que não se adaptam bem, corta-se lenha para a cozinha e tambem se batem os pregos soltos das ferraduras. Com estas incessantes occupaões vem chegando a noite; tocam-se as mulas para reunil-as, pendura-se-lhes á cabeça o sacco com a ração de milho e quando acabam de comer, são enxotadas para um ponto onde haja bom pasto.

Os melhores pastos nas regiões de mattas são aquelles onde depois de roçado cresce a Capoeira com arvoredos novo e tanto melhor quanto mais novo. A's vezes a capoeira é muito alta, frequentemente tem sahidas e ainda com mais frequencia são de grande extensão de sorte que os animaes ali se escondem e se perdem e quem tiver pressa de caminhar abandona a mula. Muito cedo, no dia seguinte, são de novo tocadas para reunir, de novo raspadas a facão os embornaes adaptam-se as cabeças e enquanto comem, collocam-lhes as cangalhas e depois a carga.

A estada no **Sumidouro** deu-me bastante vagar para passeios á região vizinha de mattas. Ali se encontram sobretudo macacos da especie dos grandes a que chamam monos, bichos que soltam roncões terriveis. Reunem-se em grande numero nas mais altas arvores e urram de conjuncto, o que de longe dá ideia de uma escola de judeus. Um começa e o côro todo ronca.

Disseram-me que em geral esse ajuntamento se faz quando ameaça chuva e que só um macho está no meio de grande bando de femeas. A côr do pello é branco sujo, mais ou menos como a da lã dos carneiros não lavada; têm o tamanho de um cão de caça grande. Portanto são bem diversos daquelles que Latreille na sua **Histoire Naturelle** inclue entre os chamados monos.

A formação que por toda a parte afflora, e pela qual o rio Piabanha cava o leito, e forma grandes buracos hemisphericos, consiste em gneiss de côr cinzenta esbranquiçada, ás vezes bastante desaggregado, visto o feldspatho constituir a parte preponderante, a mica do mesmo é preta.

Nota-se aqui uma estratificação que declina para Noroeste num angulo de 20°. Os seixos rolados no Piabanha provam tambem a simplicidade das montanhas proximas; além de granito e de gneiss consistem em quartzo feldspatho e algum pouco amphibolio. O feldspatho faz ás vezes transição para pedra lunar.

As observações barometricas deram-me o seguinte resultado:

Barom. n.º 1 — 27",960" "

Barom. n.º 2 — 28",156" "

Therm. — 70°

Hygrom. 66°

Altitude media de Sumidouro 1,805 pés.

Como os animaes não quizessem apparecer, tomou o tropeiro a imagem de Santo Antonio, e amarrou-a com uma corteia a um dos postes da porta, e assegurou que assim o Santo os faria vir. De facto antes do anoitecer, appareceu a minha gente com as mulas. Foi o Santo desamarrado e recebeu em recompensa um cobre de vintem.

A 20 de Julho prosseguimos a viagem. Calcula-se em 2 leguas a distancia de Sumidouro a Bôa Vista; nella gastámos tres horas. Em Antonio Luiz deixa-se a margem do Piabanha que corre para Nordeste, no passo que a estrada se volve para Noroeste.

Almeida, Engenho do Secretario, Fagundes e Pampulha são, as fazendas pelas quaes se passa; a não ser o Engenho do Secretario, as outras pareceram-me sem importancia. Em Fagundes corta-se um riacho do mesmo nome sobre ponte extremamente perigosa, em baixo da qual espuma o rio, entre rochas. Dahi se sobe morro muito ingreme, e a estrada bem mereceria a attenção do inspector.

Em Antonio Luiz, ocorre uma camada amphibolitica que afflora em grandes fragmentos esphericos. Esses fragmentos são, em parte, desaggregados e apresentam fracturas concentricas intercaladas; provavelmente essa camada repousa sobre gneiss que se encontra tambem afflorando na vizinhança e em particular no topo da montanha em Fagundes. A orientação de suas camadas ali revela a inclinação para Leste.

Bôa Vista da Pampulha está situada numa altura acima da povoação de Pampulha que dispõe de 4 a 5 casas, espalhadas num pequeno vale, e que se descortina de Bôa Vista.

Em volta das casas encontra-se aqui pelo menos quintaes plantados de couves; afóra isso a matta tudo circumda, sem vestigio de cultivo, de modo que o viajante, ignorando que em geral se faz a roçada do matto a grande distancia da estrada, como descrevi em outros logares, não comprehende como essa gente vive.

O lavrador desta região emprega toda a actividade especulativa num grande telheiro aberto para os tropeiros, onde se está abrigado da chuva mas não do vento, e debaixo do qual se descarrega a bagagem assim como em geral se trata de negocios. Póde então contar o fazendeiro com a venda de seus productos pois só excepcionalmente são transportados ao Rio de Janeiro. O lucro do lavrador cresce quanto mais escravos possue, e mesmo que sua fazenda tenha leguas de extensão sem os escravos nada vale, pois ha grande falta de homens que trabalhem a jornal.

Como ventava demais no rancho, cedeu-me o fazendeiro um quartinho escuro só occupado para dormir. O resto do dia empreguei-o em percorrer as mattas proximas. Encontrei aqui muito melhores pastos de que nas regiões já percorridas também asseguraram-me que as vaccas aqui dão leite bem melhor do que em qualquer outro lugar e também em maior quantidade. Uma vacca commum costuma dar mais leite do que uma cabra ruim na Europa. O mal daqui reside unicamente na falta de cuidado, pois nunca se alimentam os animaes de forragem escolhida mas só do que acham ao acaso da vida solta.

Quando se quer mungir as vaccas o que se costuma fazer uma vez por dia, recolhem-se os bezerros á noite. De manhã cedo vem as vaccas, por si mesmas, amamentar as crias; são encadadas então para um terreiro fechado deixa-se primeiro o bezerro mamar um pouco de outro modo as vaccas escondem o leite, e em seguida amarra-se a cabeça do bezerro junto a perna da mãe que socega e deixa-se mungir.

Fiz no rancho as seguintes observações:

Barom. n.º 1 — 28",012

Barom. n.º 2 — 28",190

Therm. 68°

Hygrom. 70°

Isto deu uma elevação de 1.975 pés.

milho para os animaes; tambem não se arranjou comida para os homens que seguiram viagem no dia seguinte em jejum.

Todos os passageiros queixam-se constantemente da penuria e carestia entre os dois rios Parahyba e Parahybuna, razão pela qual tratam tambem de sahir depressa dessa apertura.

De manhã, ás 9 horas, fiz as seguintes observações á margem do rio:

Barom. n.º 1 — 29",450

Barom. n.º 2 — 29",644

Thermom. — 62º

Hygrom. 72º

Isto deu uma altitude vertical de 610 pés acima do nivel do mar.

O rio que ainda corre 30 leguas antes de se lançar ao mar, poderia facilmente ser navegado. Didivindo essa altura pelo espaço de 30 leguas, tem-se para cada legua 20 pés de queda, com o que se produz moderado movimento das aguas. Disseram-me que ninguem ainda fez a experiencia de navegar o rio todo, em parte por causa das rochas que nelle surgem e formam cachoeiras, em parte tambem por causa da vizinhança de uma tribu selvagem muito temível.

A estrada de Parahyba a Parahybuna é pessima passa constantemente morro acima, morro abaixo, em centenas de curvas por vezes de tal modo dispostas que se julga estar voltando para traz. Além disto deixa-se crescer o matto tão fechado em ambos os lados da estrada que os raios do sol alli não penetram, e não podem seccar os lugares empantânados. Farinha e Paiol são as unicas duas fazendas que se encontram nesse caminho o qual tomado em linha recta mal póde chegar a 3 leguas.

A quina brasileira encontra-se abundante nesta região; distingue-se principalmente pelas folhas grandes singelas, ovaes, pecioladas, todas marginadas, cruzadas duas a duas super-postas. E' alta sempre virente essa arvore da matta, cuja espessura mede 2 a 3 palmos de diametro.

A madeira é amarella pardacenta no cerne, os circulos exteriores branco-avermelhado para a arvore cortada de fresco. A cortiça é vermelho-sanguinea no interior; quando secca torna-se parda.

A superficie é cinzenta no sentido do comprimento irregularmente gretada. Em corte transversal forma anneis. Logo sob a casca exterior, o annel interior é vermelho sanguineo.

Cresce recta a arvore e arredondada os galhos estendidos na copa, são cruzados. Como madeira de construcção é empregada em gamelas nas casas. Precisa de boa terra. Descortica-se a casca nos mezes de Setembro a Outubro com a seiva ascendente. é posta ao sol para seccar e assim é despachada para os hospitaes em Portugal. O uso dessa casca na febre intermittente parece tornar-se sempre mais generalizado entretanto ainda é regeitada por muitos medicos e só para certas doenças receitada em clysteres.

Um pouco mais tarde partimos de Parahyba e por isso não seguimos além de Farinha, fazenda situada na maior altitude, num pequeno valle entre os dois rios, em plena matta. Obtivemos aqui, por dinheiro e boas palavras jantar constando de galinha com arroz; o que já desde muitos dias não nos acontecia. Tambem nos cederam uma alcova pouco esburacada. As casas aqui são rebocadas e logo em pouco tempo cae o reboco, esfarelado. Notei em geral que as casas do Engenho do Governo tinham peor aspecto e quasi todas eram cobertas com sapé.

Diz Mawe que de Parahyba para Parahybuna se passa por sete grandes e altas montanhas de granito.

Se são justamente sete não posso affirmar-o nem o negar, entretanto nego que essas montanhas consistam de granito.

Aum quarto de hora de distancia de Parahyba encontra-se primeiro uma quantidade de fragmentos de diorito da mesma especie como a que descrevi da margem direita do rio e até Farinha não apparece rocha nem pedra. Tudo é coberto por espesso humo barrento que segundo todas as probabilidades recobre o gneiss, o qual ocorre no ribeirão em Farinha e encontra-se diversas vezes além. Sómente em Paiol, lugar situado em profundo valle, aflora granito que alli mesmo atravessa um veeiro de quartzo. E' de granulação fina e com muito pouca mica e feldspatho desagregados. Dahi até Parahybuna diversas vezes ocorre de novo gneiss em direcção das camadas na 6.^a hora uma inclinação para o sul de cerca de 25 grãos. Aqui elle forma montanhas altas e escarpadas.

O rio Parahybuna não é de todo tão largo como o Parahyba, tem forte correnteza e acarreta ouro. Em barco igual ao do Parahyba passa-se á outra margem. A' margem esquerda está o segundo grande posto de guarda ou Registro, e á margem direita alguns ranchos e uma fazenda na qual os viajantes acham pousada. Em ambas as margens existem umas 30 casas espalhadas de aspecto bastante pittoresco.

Atravessamos o rio para a margem esquerda para não ter mais demora no dia seguinte.

Um official e 16 soldados, na maioria invalidos de diversos regimentos, destacados do Rio de Janeiro estacionam aqui. Além delles acham-se ainda empregados publicos para a percepção de diversos impostos provedor, escrivão, thesoureiro etc.

Aqui são examinados os passaportes com muito maior rigor do que na Parahyba. Para obter-se o passaporte paga-se 640 réis, que se não me engano é o rendimento dos empregados. Sem passe ou portaria ninguem atravessa e pessoas suspeitas são presas e levadas ao Rio de Janeiro.

Diz Mawe que aqui são revistadas e pesadas todas as cargas e segundo o peso pagam um tanto por cento. Isto é patente inverdade nunca se cobra aqui imposto de bagagem. Paga-se simplesmente o imposto de calçamento da estrada em construção na Serra da Estrella e da passagem em ambos os rios, o que monta a 480 réis por cavallo e 50 réis por pessoa; tambem cada negro novo que se leva paga 5\$400 réis.

O imposto de travessia em ambos os rios vae directamente para o Thesouro real no Rio de Janeiro. no anno de 1810 importou em cerca de 17 contos de réis o tributo pelos escravos novos rendeu perto de 20 contos. Essa cobrança já é muito consideravel e provavelmente de anno para anno irá crescendo.

Segundo as observações barometricas que fiz de manhã ás 8 horas com nevoeiro, deu maior elevação para Parahybuna do que para Parahyba.

O barom. n.º 1 — 29",144

O barom. n.º 2 — 29",310

Termom. — 57°

Hygrom. 75°

Por conseguinte a altitude vertical acima do mar importa em 910 pés. Portanto é mais alta de 300 pés a queda deste rio. Elle reune-se ao Parahyba a uma distancia de 6 leguas dalli.

Dado que o Parahyba tenha igual declive de 20 pés por legua, o que importa em 120 pés até a confluencia com o Parahybuna, deveria assim o Parahybuna, até aquelle lugar já montar em 420 pés, o que dá 70 pés por legua. Portanto corre este rio com 3,1/2 vezes mais impetuosidade do que o Parahyba, do que se deprehende facilmente a difficuldade da sua navegabilidade.

Não distante do Registro, bem junto á margem, encontra-se sobre o gneiss uma camada espessa, mescla de quartzo, feldspa-

tho e actinoto (?) Parece ser o quartzo a parte preponderante e é como o feldspatho de um branco niveo, o actinoto tem côr verde suja.

Não devo, entretanto, esquecer de mencionar que o Parahybuna é aqui a divisa das Capitanias de Minas e Rio de Janeiro. Todos os viajantes que vêm de Minas são por isto rigorosamente revistados para saber se levam ouro em pó ou brilhantes, mas é raro achar-se contrabando. Também as barras de ouro exportadas são revistadas; obtem-se então uma guia afim de entregal-a na Casa da Moeda do Rio de Janeiro, e dalli se traz quitação de outro modo se é tido por contrabandista.

Quanto é insufficiente esta lei todos sabem, pois em todos os paquetes e todos os navios que vão á India, grande porção de barras de ouro são despachadas, as quaes se trocam quasi publicamente a 8 ou 10 por cento. Se a Casa da Moeda fosse em Villa Rica e não no Rio de Janeiro, esses prejuizos da Corôa seriam facilmente evitados.

De Parahybuna fizemos apenas uma jornada de leguas até a fazenda da Vargem. Rocinha da Negra e Tres Irmãos estão neste caminho. Se não me engano tem a primeira um engenho de assucar, as ultimas são pobres palhoças, a estrada é em extremo montanhosa e incommoda.

Quando de Parahybuna se chega ao cume do morro, encontram-se fragmentos que consistem da mesma mescla da que encontrei em baixo na margem sobre a jazida citada. Não pude verificar a sua procedencia; provavelmente vem de ponto mais alto.

Dahi a Tres Irmãos a formação orogenica recobre-se de espessa camada de humo barrento, porém mais baixo afflora gneiss com a direcção de suas camadas orientadas na 4.^a hora. Também se encontram depois muitos seixos rolados de quartzo; o quartzo faz por vezes transição para crystal de rocha.

Em Vargem verifiquei mudança na formação da rocha; o gneiss faz completa transição para um quartzo, granuloso que é muito friavel e desagregado, tendo, aqui e acolá, intrusões de terra barrenta. E muito frequentemente é atravessado por limonito em ninhos e veeiros. As suas camadas são na maioria verticaes com orientação na 2.^a hora.

Pela terceira vez nesta viagem aconteceu faltarem algumas mulas, e por essa razão tivemos que parar um dia. Tratei então das minhas investigações mineralogicas, mas perdi o tempo, pois o humo tudo recobria. Caçar macacos foi a unica destricção ao



meu alcance. Existem nesta região muitos dos simios pretos da especie dos Barbados, assim chamados devido ás suas grandes e compridas barbas. Reunem-se em bandos de centenas nas roças de milho e causam grande devastação. Na matta pou-sam de preferencia nas arvores altas e nos cerrados; quando ati-rados e não morrem logo, esses macacos se agarram a um galho com a comprida cauda e ali morrem sem cahir.

Matamos uma femea que levava a cria ás costas, mas ella escapuliu e o filho ficou pendurado no arvoredo baixo. Tive curiosidade de lhe provar a carne por me assegurarem ser muito gostosa, mas era muito, novo demais, julgaram-no enjoativo para comer, assim como neste paiz se tem repugnancia de co-mer crias muito novas de cabra, de carneiro e vitellos. Antes da chegada em Vargem tive a desdita de quebrar o meu barometro n.º 1, além do thermometro devido a uma quéda da mula; perda irreparavel nestas paragens; vi-me pois na contingencia de fazer todas as minhas subsequentes observações com o barometro n.º 2. Aqui, numa bello campina circumdada de mattas a 26 de Junho marcava o barometro 28",720.

O thermom. 61º

O Hygrom. 74º

O que dá uma altura vertical de 1.470 pés.

Sahindo da Vargem vae-se por uma estrada muito bonita e agradável em um quarto de hora a Rocinha de Simão Pereira; situada em estreito valle. Ali como guarnição existe um desta-camento da cavallaria de Minas um official com nove homens cuja obrigação é patrulhar a estrada e revistar os viajantes para o Rio de Janeiro por causa do pó de ouro e dos brilhantes (5).

Raro é encontrarem alguma coisa, a não ser por delação tambem é impossivel revistar todos os homens e todas as ba-gagens, tal rigor seria ainda mais desvantajoso do que já é para o commercio. Pessoas de quem se desconfia são perseguidas ás vezes dias seguidos. De improviso apparecem os fiscaes no meio dellas, de surpresa, na estrada e fazem descarregar a ba-gagem.

Arrombam-se as caixas, parte-se a cangalha pelo meio, ar-rancam-se mesmos os tacões das botas e comtudo na maioria das vezes nada se encontra. O pobre tropeiro que assiste mudo a scena e muita vez soffre com isto grande prejuizo, não procurará resarcir, elevando o preço das mercadorias? E' questão maxima saber qual será maior prejuizo para a Corôa se embarçar o commercio na estrada com essas disposições ou deixar-se rôubar em algumas arrobas de ouro em pó.

Brilhantes no tacão das botas ou em bengalas ôcas, coronhas de fuzil e outros que taes; ouro em pó escondido na cangalha das mulas e nos grandes fardos de algodão, tudo isso se tem descoberto por delação; foi mesmo denunciado um boiadeiro que levava ouro em pó dentro de saquinhos amarrados na ponta da cauda dos bois. Agora os contrabandistas recorrem a processos secretos para embaraçar os guardas e sempre os seus ardis têm bom exito e passam sem correr risco.

O castigo de quem pratica o contrabando é o confisco do ouro e ainda mais o pagamento do dobro do valor apprehendido. O ouro em pó é do Rei e o mais fica para os soldados que descobrem a tramola. Quando se trata de brilhantes o caso é mais serio, o contrabandista além de perder as pedras preciosas soffre o confisco de toda a fortuna e ainda o degredo por 10 annos para Angola, em Africa. Os soldados que acham os brilhantes recebem o premio de 4\$000 por oitava (128 oitavas — 1 libra).

Na jornada de hoje topamos com um ermitão que montava bello cavallo branco e tinha a sua frente uma imagem de Santo. Aqui chamam-se ermitas aquelles que por livre vontade se constituem guardas ou esmoleres de qualquer capella, em geral por expiação de peccados. Vestem-se com uma especie de habito de frade, deixam crescer a barba, trazem muitos o cabello desgrehado, nunca lhe passando o pente, e vagam pelas estradas com o padroeiro da capella numa caixa de vidro, offerecendo-o a beijar. Recebem por isto dinheiro e tambem outros donativos.

Muitos fazem votos para a vida inteira a maioria, porém, só exerce esse encargo por determinado tempo. O que veio ao nosso encontro apeiou e apresentou a imagem ao osculo. Como em muitos casos, tambem nesse ha abusos, pois alguns desses ermitões levam tal genero de vida para viverem á custa de outrem, comendo ou bebendo o dinheiro na primeira venda sortida que encontram. Succede-lhes por vezes, apesar da protecção do Santo serem roubados e esta é a razão pela qual andam bem armados. Poucas semanas antes havia mesmo sido morto um delles nas visinhanças de Villa Rica.

Depois que se passa pela Rocinha, de Simão Pereira e se alcança o cume do morro, encontra-se minerio de ferro contendo manganez, mas em seguida gneiss que parece entretanto, ser de muito mais recente formação. Nelle corre este minerio de ferro, contendo manganez, parallelamente, as camadas da montanha e uma orientação na segunda hora além de queda para Leste em 70°

Mais adiante passa-se por uns pobres casebres, a esquerda, e chega-se, logo depois, a Simão Pereira, grande fazenda não dis-



tante do rio Parahybuna. Ali está o centro de toda a região e a séde da parochia.

Um gneiss de granulação mais grossa com grandes fragmentos de feldspatho aqui afflora com orientação das suas camadas identicas á precedente. Mais adiante encontra-se assentado sobre elle diorito em massas arredondadas.

O caminho, seguindo dahi, passa acima, a Oeste do rio Parahybuna até Mathias Barbosa, terceiro Registo e Alfandega onde se paga um imposto por todas as mercadorias levadas á capitania de Minas Geraes.

E de facto cada arroba de peso, sejam objectos de luxo ou de primeira necessidade, paga 1\$125 assim como um sacco cheio de sal 750 réis, do que resulta annualmente uma renda de 90 a 100 contos de réis, que fazem parte da receita da capitania.

Cada negro novo importado paga aqui, um tributo de 7\$000. Portaram-se aqui commigo de modo mais razoavel do que em Parahybuna, pois viram perfeitamente que um official viajante em serviço, por equidade nada deve pagar pelos escravos que o servem. Contentaram-se portanto só em apparentar dizendo que pagaríamos depois o tributo no caso que eu vendesse os meus negros.

A' pergunta do official da Alfandega se eu tambem levava mercadorias, foi-me tão inesperada quanto offensiva; entretanto quando se conhecem, de mais perto, os costumes do paiz, quando se vê quantos officiaes além do serviço militar se immiscuem nos negocios civis quando dahi ha qualquer coisa a ganhar, não vale a pena que uma pessoa se amofine com uma pergunta destas.

De Mathias Barbosa em diante a estrada faz extraordinarias curvas até Ribeirão que parece ser uma fazenda importante; por vezes anda-se mesmo para traz. Demais não é máo o caminho.

Encontram-se, ora aqui, ora ali, grandes massas de gneiss com orientação na 3.^a hora e diante da fazenda do Ribeirão fragmentos arredondados de diorito.

Já anoitecia quando por aqui passamos. Não obstante tocámos além, ainda meia hora até Rocinha do Medeiros.

Encontrámos aqui os ranchos todos occupados de sorte que, pela primeira vez, tivemos de passar a noite ao relento. Com os saccos de sal, canastras e cangalhas formámos diversas repartições, cobrindo-as com couros de boi e dest'arte nos protegemos contra sereno abundante.

No dia seguinte, antes de partirmos, appareceu casualmente um dos soldados destacados em Mathias Barbosa, e notei que o meu tropeiro parecia altamente perturbado.

Em outras occasiões, já havia observado este homem sem poder atinar com a causa desta perturbação. Mais tarde tudo se aclarou: levava o gajo uma porção de notas falsas trazidas do Rio de Janeiro, que queria passar em Minas, como verdadeiras.

Em Mathias Barbosa quiz pagar os direitos com tal dinheiro; mas como já se sabia que estava em circulação muito dinheiro falso, no Registo não se acceitou papel-moeda. Seguiram ao encalço do Tropeiro; parte de seus bens foi confiscada, outra coube aos credores, e elle proprio ficou preso um anno na cadeia de Villa Rica e em seguida remettido para o Rio de Janeiro onde pouco depois o soltaram. Voltou, porém, a Minas.

Meia hora distante de Medeiros avistam-se pedaços de rocha que realmente consistem em mescla de granito Parecem fazer transição para um quartzo granuloso.

Daqui se sóbe a uma muito alta montanha abrupta toda coberta por uma camada de humo argiloso. Chamam-lhe Morro do Medeiros. Já com bom tempo secco as bestas a custo o galgam quanto mais com chuva! No seu mais alto cume encontram-se muitas centenas de cruces, grandes e pequenas, que a superstição dos tropeiros faz ali plantar ainda diariamente, em voto por haverem vencido as difficuldades da subida. Ingreme é também o caminho, morro abaixo, sobre o gneiss desagregado, que se encontra sob a fórma de camadas espessas de quartzo nas encostas adiante, por cima de rocha.

Gasta-se uma boa hora de caminhada, daqui, até se chegar ao Rancho de Marmello. Não distante dali se vence um monte abrupto de rocha; o caminho é apenas uma estreita picada que colleia por entre grandes massas de granito. Uma antiga estrada calçada que vae até ao cume está completamente estragada e intransitavel para os cargueiros.

A' esquerda, em baixo, num profundo precipicio, corre espumando o Parahybuna, por cima e por entre rochas graníticas, qualquer desvio.

Sahindo de Juiz de Fóra e após 3 1/2 leguas de marcha, alcança-se a fazenda de Antonio Moreira; a estrada até aqui é em extremo penosa por causa de muitos morros, uns sete ou oito que se têm de galgar e descer e não deixam de ser consideraveis. Por entre esses morros estão, á beira da estrada, as

fazendas do Alcaide-Mór, Rocinha do Alcaide-Mór e Entre Morros, banhadas por diversos ribeirões.

Na primeira legua percorre-se sólo muito arenoso que nos annos de secca forma uma poeira incommoda para o viajante.

A formação orogenica consiste em grande parte de gneiss. Em Alcaide-Mór reponta um schisto quartzoso com inclinação vertical e a orientação das suas camadas finas é no n.º 1.

O humus em Rocinha do Alcaide-Mór é arenoso e ferruginoso e originá-se de desagregação do gres ferruginoso que é a formação da montanha logo proxima. Esse grés tem partes graníticas em geral arredondadas; mostra por vezes textura chistosa de sorte que não se examinando com rigor póde ser tomado por gneiss.

Tem as suas camadas a direcção da 2.ª hora. Pareceu-me ser a mais alta montanha desta região, de onde se goza de muito vasto panorama. Para o occidente avista-se o mais alto espinhaço da Serra da Mantiqueira, muito mais elevado do que o logar onde eu estava, e que sem muito me enganar avalei nuns 3.000 pés. O tempo não me permittiu aqui fazer observações rigorosas.

No valle de Entre Morros despontam bancos de gneiss, mas no cume, perto do moinho chamado Cachoeira, consiste a orogenia de sienita, suas partes componentes são amphibolo negro, pouco quartzão branco e feldspato. Jaz aquí em grandes massas e em extremo compacta, as suas grandes lages resoam ao toque. Além, adiante, sobre alguns cumes de morretes encontra-se de novo o grés ferruginoso, vermelho e quartzoso e em Antonio Moreira fragmentos de sienita. Provavelmente é o sienita que constitue a formação orogenica desta região.

Não devo esquecer uma grande quêda perto de Cachoeira onde um ribeirão se despenha sobre rocha de sienita, em baixo, no valle; pena é estar escondido pela matta tão bello espectáculo.

Antonio Moreira está situado num vallesinho pantanoso de campo, ali se achia numa venda, aguardente e tambem uns quartinhos escuros, péssimos, esburacados. Pagando-se bem prepara o hospedeiro uma gallinha com arroz.

A' noite fiz as seguintes observações:

Barometro — 28",020.

Thermometro 65°.

Hygrometro 71°.



O que dá a altura perpendicular de 2.135 pés. A estrada segue acima até aqui sempre em pequena distancia, ora de 1/4 de legua, ora de 1/2 legua do rio Parahybuna, e frequentemente approxima-se tanto das suas margens que nas regiões baixas, com as chuvas continuadas fica inundada como, por exemplo, em Queiroz, e não obstante o tempo secco, a caminho ali tem pontos tão empantanados que os animaes mal podem transportaes atoleiros.

A pedra que apparece nesta região deixa o observador em duvida, se deve consideral-a granito, gneiss ou sienita. Por causa da preponderancia do feldspato, mostra-se a pedra em grande efflorescencia muito pouco quartzo lhe está misturado, e o amphibolo e a mica estão igualmente em tão pequena quantidade e além disso desagregados que não se distinguem um do outro.

Duvidosa tambem me appareceu a pedra da Rocinha do Queiroz que aparenta ser grés mas provavelmente é sienita desagregada, ou talvez sienita regenerada pois essa é a formação orogenica predominante na região. Em Estiva ocorre identica rocha, e parece fazer transição para o diorito. Este ocorre abundante em fragmentos esphericos na estrada e meio desagregados com o que toma côr avermelhada e é menos compacto.

Rocinha do Queiroz está em situação aprazivel, e não menos feia a da fazenda da Estiva, se ovalle, não pouco consideravel, banhado por lindo ribeirão, fosse animado por plantações europeas, e cereaes diversos occupassem o grande brejo sobre o qual ha elevada passagem calçada de paus. De Antonio Moreira a esta ultima, a caminhada é de uma e meia leguas de facto "pequenas".

A terra vegetal desta região é na maior parte argila unctuosa e ferruginosa, empregada em muitos logares para telhas e tijolos. Como é muito espessa a camada, não se toma o trabalho de construir forno para cozer as telhas. Cava-se na encosta de uma collina nessa terra unctuosa a forma de um forno, que possa conter duas mil telhas e ali são ellas cozidas. Com a continuação das cocções esse forno vae tomando pouco a pouco tal solidez como se fosse feito de ladrilho; sómente precisa ser preservado da humidade.

Da Estiva segue a estrada para Rocinha da Estiva. Azevedo, Rocinha do Sobradinho, Rocinha do Chapéo d'Uvas e finalmente para Chapéo d'Uvas a freguezia da região e nosso pouso para a noite.

Sienita parece ser a principal formação orogenica desta região. Em Azevedo ocorre como grande rocha no meio da estrada, assim como em Rocinha de Chapéo d'Uvas, e é muito compacta, nella se nota uma estractificação. Quando menos amphibolo e mais feldspatho lhe estão misturados, apresenta-se então em estado meio desagregada, e com extractos delgados como se póde ver em Chapéo d'Uvas.

A direcção da camada ali se orienta para a 12.^a hora com inclinação de cerca de 15° para Leste. Por vezes encontra-se esta rocha atravessada por veeiros de quartzo e ninhos; parece então fazer transição para gneiss. Em Rocinha de Chapéo d'Uvas existe um grés ferruginoso acamado sobre elle, com orientação de suas camadas verticaes na 11.^a hora.

As poucas casas de Chapéo d'Uvas, afóra a moradia do fazendeiro, a do Vigario e uma venda, estão no mais lastimavel estado que se possa imaginar; assim me pareceram ao menos; entretanto talvez fosse o desejo não satisfeito de comer alguma coisa melhor do que feijão preto a causa desta má impressão. No rancho aberto, exposto, a todos os ventos, aquartelámos.

Todas as tentativas para comprar qualquer coisa mais do que couves duras por meio de dinheiro e boas palavras, falharam completamente. Até mesmo um furto de gallinha que ensaiámos foi mal succedido. Parecia tudo se reunir para me tornar odioso este lugar, pois nem mesmo á noite tivemos socego; um grande boi não se deixou absolutamente demover de ficar no nosso pouso para lambar os saccoes de sal ameaçando atropellar a gente deitada; tambem não descansamos enquanto não o fizemos sahir, mancando, com um tiro de chumbo miúdo nas costellas.

Na tarde de 30 de Julho registramos:

Barometro — 27",940.

Thermometro — 61°.

Hygrometro — 71°.

Resulta dali uma altitude de 2,210 pés para Chapéo d'Uvas. Na estrada de Chapéo d'Uvas para Carvões ocorre um gneiss com orientação em n. 3 e quéda das camadas para Sudeste, com uma inclinação de cerca de 30° á esquerda ao lado desta região se vê sienita com a mesma inclinação.

Os grandes ninhos de termitas conicos e cheios de excrecencias, que se encontram, em maior ou menor quantidade, na maioria das regiões do Brasil, são neste districto surpreherdentes, sobretudo para o viajante que ainda não os conhece,

pois têm aqui de 12 a 16 pés de altura, sendo chamados casas de cupim, nome dos seus habitantes.

Como se sabe são as formigas brancas ou termitas que constroem essas moradas. Para julgar o seu modo de vida, creio, é preciso dividir esses termitideos em duas especies, os que assolam as casas e os que vivem nas mattas e campos.

Os primeiros são, com razão, chamados *Fatalis*, pois em pouco tempo destroem a roupa branca, os tecidos de seda e os livros. Nas paredes das casas constroem conductos de barros até o local onde podem agir. Para destruil-os o melhor meio é para ali levar formigas pretas. São muito menores que o cupim do campo mais activas e de côr branca acinzentada.

O cupim do campo tem a parte posterior grande e é absolutamente inoffensivo. A ninhada é branca de neve, quasi gelatinosa: crescendo o bichinho torna-se-lhe a cabeça amarello-avermelhada e o corpo volumoso, disforme e sobre o comprido.

Tambem os seus mais acirrados inimigos são as formigas pretas, o tatu' e o tamanduá, os destruidores das suas casas grandes. Sua construcção é extraordinariamente solida, sobretudo quando a terra é argilosa, e parece como os ninhos de andorinha, ser argamassada por cimento tão forte que até as chuvas mais violentas não penetram na camada de fóra que tem apenas a espessura de um dedo, e logo abaixo passam as galerias labyrinthicas.

Só depois de muitos annos de trabalho chegam estas casas a tão colossal tamanho, segundo vae augmentando a criação.

O novo acrescimo annual é feito sempre da parte exterior e em geral para cima, raro na parte inferior, e parece-me conforme o numero das familias, pois numa casa ás vezes se vêm tres e tambem até quatro novos accrescimos que pelo menos não estão em contacto immediato.

Com essa peça contigua o todo toma aspecto giboso, bulboso, e tem em geral em cima maior diametro do que em baixo.

A peça principal no interior está sempre de accôrdo com o tamanho de toda a construcção cujas tecto e paredes lateraes com as galerias apresentam uma espessura de 8 a 10 pollegadas. As camadas lembram as de um cortiço de abelhas cheias de um tecido cellular finamente laminado, em fiadas horizontaes.

A massa é negra, e parece igualmente de terra mas ligada com substancia mais viscosa. Se por acaso a chuva penetrar através da espessa parede exterior a ninhada nova está comtudo perfeitamente garantida pelas fiadas dispostas horizontalmente.

As entradas são em baixo. Muitos destes montículos acham-se abandonados, e a disposição interna destruída pelos já citados inimigos; mostram-se então ocios e tornam-se moradia de pequenos tatús, mas sobretudo de lagartos e cobras. Na vizinhança das habitações essas casas de cupim são frequentemente usadas como fornos, mistér ao qual se adaptam bem.

Nesta oportunidade também devo mencionar mais uma outra espécie de formigas grandes que costumam instalar-se no solo arenoso vermelho e causam extraordinários estragos no arvoredo e nas plantinhas, das quaes cortam todas as folhas, carregando-as para os formigueiros. Especialmente ás laranjeiras são essas formigas nefastas.

Muitas regiões são de tal modo invadidas por ellas que se inutilizam todas as plantações; chegam mesmo estes insectos a serem perigosos para as casas quando cavam o subsolo.

São pardo-avermelhadas e tem a cabeça disforme, parecendo pelo tamanho dos olhos dividida em duas metades. Com o par de mandíbulas afiadas a modo de serra, tudo cortam, transportando para os olheiros a grande carga que lhes pesa. As maiores são as fêmeas, e quando adultas ficam do tamanho das maiores vespas da Allemanha, as suas costas apresentam-se armadas de 6 agulhões, 4 grandes e 2 pequenos, mas esses se se veem nas operarias pequenas e não nas fêmeas grandes.

Cavam o formigueiro a 6 ou 12 pés de profundidade no solo, a terra tirada ellas a amassam em bolinhas para facilitar o transporte.

O espaço que essa terra retirada occupava, chega, ás vezes, a ter mais de 150 pés quadrados e é disposto em galerias afuniladas circumdadas por pequenos espaços planos. Estão em continua actividade armazenando folhas verdes e flores. Tomam-nas entre as mandíbulas e com a carga caminham uma atrás da outra offerecendo interessante espectáculo. Parecem que são folhas e flores que caminham pois o bichinho fica sumido sob a grande carga.

Ao começar o tempo mais quente do anno, isto é, em Outubro, apparecem com azas as formigas grandes que julgo serem as fêmeas, reúnem-se então aos milhares á entrada do formigueiro e dali voam em exame; entretanto esse estado alado não dura muito, assim cahe uma após outra do bando e espalham-se por toda a região.

Cada uma desde que perde as azas logo trata de cavar a toca, põe os ovos e estabelece o novo formigueiro. Na capitania de S.

Paulo chamam Tanajuras taes formigas. Costuma-se comer as grandes, separar a parte posterior e assalas na frigideira com toucinho, não sendo mau o seu paladar.

E' extremamente penoso enxotar esses insectos tão prejudiciaes á lavoura, ou exterminal-os. Alguns lavradores cercam as roças com regos de agua, que precisam entretanto ser profundos e largos senão ellas cavam caminho subterraneo, ou então tambem constroem pontes de pausinhos. O melhor meio para as exterminar é sempre desenterral-as e matal-as com vapor de enxofre e agua.

Na marcha de hoje passámos pelas fazendas de Carvões, Luiz Ferreira, Bom Retiro, Tejuco, Rocinha do Tejuco, Pedro Alves e finalmente João Gomes, nosso pouso, distando 3 boas leguas de Chapeo d'Uvas.

Em Carvões é a formação identica á de Chapéo d'Uvas e em Bom Retiro ocorre sienita na totalidade. Está essa fazenda no meio do encontro de cinco valles que se reúnem aqui muito regularmente em forma de estrella.

Os morros são mais baixos e arredondados, tambem os homens parecem mais activos e abastados, as casas já se apresentam com melhor aspecto e grande parte dellas são caiadas de branco; vêm-se muitos laranjaes e bananaes; sómente os primeiros não dão boas laranjas e os ultimos soffrem muito com as geadas particularmente em Pedro Alves, ondê muitos outros arbustos se achavam tostados pelo frio.

Assim como os morros se tornam mais, baixos, o terreno se vae elevando em geral e dahi a razão das geadas.

O albergue de João Gomes consiste de pobre casa esburacada, com muitos quartos sujos, a modo de baias. Está porém contigua á venda o que para o viajante sempre dá um certo consolo na esperança de não seguir viagem sem comer nem beber.

A noite foi bastante fria, e de manhã, ás 8 horas, dia 1.º de Agosto, fiz as seguintes observações:

Barometro — 27",472.

Resulta uma altitude approximada de 2.670 pés acima do mar.

Indicava o Barometro — 37",472.

Hygrometro — 78°.

Thermometro — 51°.

Como todas as mulas estivessem sobrecarregadas e por isso só podiam fazer muito curtas jornadas, o tropeiro despachou, á frente, um dos homens para mandar vir mais cargueiros, os quaes com-

comnosco se encontravam no pouso de hoje. Por volta das 10 horas puzemo-nos em marcha passando por Corrego, Cabeça Branca, Pinho Novo e Mantiqueira, até 1,1/2 leguas adiante, onde armámos acampamento no meio da matta.

Em Corrego vi um grés ferruginoso em camadas compactas de quartzo num e noutro ponto. O mesmo grés tambem se encontra em Cabeça Branca, onde as suas camadas são lamelliformes. Na vizinhança de Pinho Velho, situado á margem do rio do mesmo nome, esse grés assenta sobre sienita finamente estratificada sendo a sienita muito desagregada; igualmente em Pinho Novo aflora o dito grés.

Não distante da fazenda da Mantiqueira ergue-se, na estrada, grande cruz de madeira, em memoria de tantos viajantes assassinados nesta região ha perto de uns vinte annos.

A estrada que foi construida depois, passava da fazenda da Mantiqueira, justamente sobre alta montanha por estreita garganta onde ninguem podia evitar um encontro.. Este local havia sido escolhido por um bando de salteadores para praticarem os seus crimes.

Constava o bando de vadios e libertinos, na maioria rapazes de Villa de Barbacena, e tinha parceiros em Villa Rica, Sabará e outros logares. Assim eram os bandidos sempre avisados quando ia passar qualquer viajante levando ouro; punham-se de emboscada na matta solitaria, cahiam sobre elle, arrastando-o para a espessura da matta, trucidavam-no e aos companheiros e enterravam os corpos; todavia ainda agiam com certa compaixão, deixando a victima escolher o genero de morte, se preferia que lhe abrissem as veias ou uma punhalada no coração.

Tambem consentiam que fizesse oração. Durante annos essa associação entregou-se a estas nefandas praticas; desappareceram muitos e mesmo pessoas de posição, na viagem para o Rio, sem que se lhes soubesse o paradeiro, até que afinal um dos comparsas adoeceu gravemente na Villa de Barbacena e quiz confessar-se. Descobriu nas ansias do sofrimento o trama, e para indicar o local dos horrores, fez-se carregar até lá. Indicou os tumulos dos assassinados e denunciou grande parte dos cumplices, muitos dos quaes foram encarcerados e enforcados.

Logo abaixo da cruz estão grandes blocos de amphibolio assentados sobre sienita friavel, como se pode verificar perfeitamente no Ribeirão da Mantiqueira. Asienita faz frequentemente transição para o gneíss.

A nova estrada que se construiu para evitar a montanha íngreme e pavorosa, faz de facto rodeios. Serpeia depois sempre num

valle ao longo de um correjo acima até Engenho da Mantiqueira ou da Viuva, mas é boa. Encontram-se neste valle depositos de seixos rolados de alluvião de quartzo e de sienita.

Alcançamos um lugar conveniente, perto de um correjo, bem a tempo para construir, antes do anoitecer, uma cabana de folhagem que nos protegesse da forte cerração costumeira nessa época do anno nas regiões altas montanhosas. A friagem humida fez-se sentir logo cedo; accendemos grandes fogueiras, cozeu-se e assouse o que se havia trazido, tambem as camas de campanha foram em breve armadas e teriamos passado boa noite de somno se não nos accordassem tantas vezes os ruídos insolitos de animaes rondando por alli. Sobretudo os macacos perturbaram o nosso descanso da madrugada.

A manhã de 2 de Agosto era de intenso frio quando nos puzemos a caminho, muito lentamente, pois uma das minhas melhores mulas tinha a anca machucada e a custo pode ser levada a meia hora dali á Fazenda do Engenho; foi preciso deixal-a ficar, e embora recommendada aos cuidados, o animal morreu a mingua por negligencia.

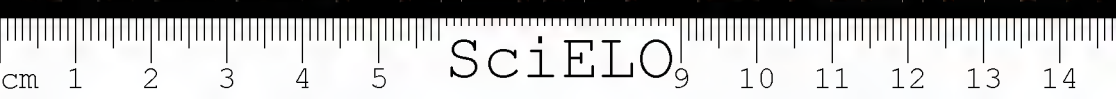
As mulas de pernas altas, fogosas, mais as femeas do que os machos, estão sujeitas a essa doença que se attribue a inflamação e com isso grande fadiga na anca. O tolhimento abrange até a junta inferior do pé. Calhem e não mais se podem por de pé. Quando é muito forte a manqueira, suspende-se a parte trazeira, abraza-se com aguardente forte a anca, tambem se fricciona com toucinho superaquecido, applica-se um emplastro para puxar e quanto ao mais o tempo encarrega-se de completar a cura. Quando se trata de egua, verifica-se que nesse estado mais rapidamente se restabelece quando della se faz approximar um garanhão; porém nunca mais recuperam as forças de antes. Descadeirada, diz-se da mula que contráe essa doença muito commum nos animaes cargueiros.

Da Fazenda do Engenho em diante elevam-se as mais altas partes da Serra da Mantiqueira, pela qual passa a estrada. No mais alto ponto do caminho fiz de manhã, ás 10 horas, com o céu nublado, as seguintes observações:

O Barometro indicava 26",960.

O Thermometro indicava 54°. do que se depreheende uma altitude de 3.160 pés, todavia á direita e á esquerda viam-se montanhas com mais 400 ou 600 pés.

Ao sopé da serra encontra-se sienita friavel com muito amphibolio; no alto da montanha afflora gneiss de granulação fina,



o que torna a estrada muito pedregosa e incommoda. Nos afloramentos mais profundos vê-se por vezes solo turfoso.

Chegando-se em cima, parece estar-se num mundo novo: depois da estrada de 50 leguas, no meio de mattas escuras, os olhos não habituados, senão a restrictos pontos de referencia, contemplam regiões abertas e campos.

A matta, pouco a pouco, desapparece para os lados e até onde alcança a vista só se vêem extensas elevações despidas a que chamam Campos. A elles já me referi no primeiro fasciculo.

Junto do casebre, chamado Batalha, começam os campos; o capim estava secco nesta época do anno. Tambem os arbustos rachiticos chamuscados pelo fogo. No caminho para Confisco a região vae se abrindo sempre mais e perto das casas estava tão lindo o trigo em flor como só se vê na Europa. Costuma-se aqui plantal-o de muda e não de semente.

Um gneiss branco no qual ha muito pouca mica de mistura, identico ao que encontrei no mais alto cume da Serra da Mantiqueira, aqui occorre com direcção na 3.^a hora e inclinação de cerca de 15°, para Sudéste.

De Confisco até a Fazenda da Borda do Campo acha-se uma jazida de pedra olar, aqui empregada não só como material de construcção, mas tambem para o fabrico de toda a sorte de vasilhas, sobretudo panellas. Poderia vir a ser consideravel artigo de commercio se a obra do torneiro fosse cuidadosa e se este lhe procurasse dar-lhe formato artístico.

De um lindo valle, em forma de bacia, em Borda do Campo, vae-se subindo a Rancho Novo, de onde se descortina o mais aprazivel panorama. E logo perto eleva-se uma collina mais alta, de cujo cume se patenteia aos olhos um dos mais vastos horizontes. Avista-se daqui a Villa de Barbacena no mesmo nivel que importa em 3.570 pés acima da superficie do mar. Soprando vento Sudeste, estava a barometro, ás 2 horas da tarde a 26",592, e o thermometro marcava 65°.

Devo ainda aqui notar que a Serra da Mantiqueira despeinha as aguas ali nascentes parte para Léste, parte para Oéste. As de Léste desaguum no Rio Parahyba e Rio Doce, as de Oéste no Rio Grande, cujo curso se dirige para o Rio da Prata.

Na época secca e fria do anno estas terras altas estão expostas a ventos cortantes e desagradaveis. Por esta razão cuidaram os fazendeiros de ao menos levantar paredes nos ranchos affim que os viajantes, já privados de todo o conforto, sejam protegidos, á noite, dos ventos gelados. Rancho Novo foi o primei-

ro que assim encontrei. A mim deram um quarto muito asseado na casa do fazendeiro. Dois filhos adultos eram alfaiates e além disto aprendiam o officio de peão com o pae que era, ao que parece, o melhor domador de Minas. Possuia seis bellos cavallos, alguns dos quaes, já bem adestrados.

A equitação é ademais a paixão dos mineiros e raro é estar-se numa fazenda onde alguém não saiba amansar cavallos. O pequeno custo do animal, o seu sustento modico, as enormes distancias de um logar a outro, as festas da Igreja, durante as quaes quasi sempre são organizadas cavalhadas ou corridas, tudo concorre para que os homens, e mesmo as mulheres, aprendam a montar desde a infancia, e saibam lidar com cavallos. E as cavalhadas estimulam a bem montar para brilhar.

Um grande erro dos cavalleiros, aqui, é, em geral, descuidarem-se da parte trazeira do cavallo. Esforçam-se sómente por elevar a parte dianteira e dar boa posição á cabeça, de sorte que visto de lado nada se tem que dizer, porém pouco se preoccupam pela elevação da parte dianteira, a anca abaixa-se devido a correspondente flexão da junta da perna, trazeira e como o cavallo chucro não está preparado para essa curvatura da junta, procura o animal escarranchado as pernas trazeiras evitar este constrangimento e com esse lastimoso costume se vê então a parte trazeira descahida, em seguida á bella parte dianteira elevada.

A maior arte do cavalleiro consiste em ensinar ao cavallo um passo elegante e a andadura hespanhola. Quanto mais alto o cavallo inçar as pernas, tanto mais valor adquire. E alguns tão alto as atiram que as ferraduras tocam nos estribos, pois aqui o cavalleiro usa estribos compridos. Este exaggerado levantamento das pernas obtem-se com o emprego de ferraduras pesadissimas, com argolas de pau que se apertam sob a junta e uma vez montado o cavalleiro dando-lhe com o chicote na canella. Tambem se deixa crescer disformemente o casco, o que parece dar bom resultado.

Costuma-se em geral montar os garanhões que são muito menos vivos que os nossos europeus; tambem não aguentam viagem demorada, effeito provavelmente da constante alimentação de capim anno após anno. Todavia chegam a bastante idade quando devidamente tratados e pouco montados; entretanto a idade usual a que chega o cavallo no Rio de Janeiro, diariamente montado, só raramente alcança de dez a doze annos.

De Rancho Novo até Barbacena avalia-se em 3 leguas a distancia, mas em leguas pequenas. Registro Velho e Luiz Ferreira são fazendas á margem da estrada. A primeira onde se

atravessa um correjo, pertencente a abastado ecclesiastico que ali montou, elle proprio, pequena fabrica de panno e algodão, na qual, dizem, trabalham 10 teares. Por ser curto o tempo não tive occasião de a examinar.

Sienita occorre aqui por toda a parte e frequentemente se encontram fragmentos de quartzo cobrindo toda a superficie do sólo. Ficou-lhe o nome de Registro, porque o de Mathias Barbosa era antigamente aqui, e depois foi para lá mudado.

Passamos por Barbacena até o outro lado da villa e fomos acampar no Rancho chamado das Caveiras, situado numa elevação. Parece estar no mesmo nivel da Matriz de Barbacena. A' 1 hora da tarde com forte vento Sudéste fiz as seguintes observações:

Indicava o Barometro 26",626.

O Thermometro — 58°.

O que dá a altitude de 3.530 pés para Barbacena. A pouca distancia de Barbacena, antes de se chegar a Luiz Ferreira, encontra-se grande quantidade de seixos de minerio de ferro e em Rancho das Caveiras nota-se, bem distinctamente transição de schisto sienítico para ferro argiloso compacto.

Tambem se encontra nestas regiões um quartzo de granulação fina, ferruginoso, mas em geral occorrem transições taes e tão duvidosas formações que nem se sabe como as qualificar; comtudo pareceram-me todas ser propriamente uma formação secundaria de schisto argiloso ligado a muito oxydo de ferro.

De Barbacena se avista dilatadamente e em distancia de muitas leguas, vasto planalto cortado em todas as direcções de valles e gargantas de sorte que se vêem morros limpos cobertos de capim, porém todos sem plantação alguma. Na epoca secca do anno quando o capim está reseccado; em parte queimado, tomam estas regiões pelladas aspecto desolador; só alguns valles, mais profundos e humidos, revestem-se de arvoredos.

Não comprehendo como Mawe poude dizer que Barbacena está situada na mais fertil região. E' justamente o contrario o que se vê, um matto, pedregoso occupa por toda a parte este territorio, e os ventos frios cortantes, que aqui sopram, ainda mais prejudicam a vegetação.

Chamava-se Barbacena outrora Arraial da Igreja Nova, foi porém elevada a villa em 1781 e tomou o nome do fundador o Visconde de Barbacena, então governador de Minas. Faz parte da Comarca do Rio das Mortes, da qual tem o Ouvidor a sua séde em São João del Rey, e não em Barbacena como narra Mawe.

Além da matriz de Nossa Senhora da Piedade possui a villa ainda alguns outros templos, bem conservados, e mais ou menos uma duzia de casas de sobrado, bem construidas, as demais em numero de 350 a 400 são baixas, as da rua principal caiadas de branco dão-lhe alegre aspecto. A' villa rege um Senado que nas causas de jurisdição e policia julga em primeira instancia tal qual existe em todas as villas, sómente ao aqui preside um Juiz ordinario e não um juiz de fóra como nas outras villas importantes.

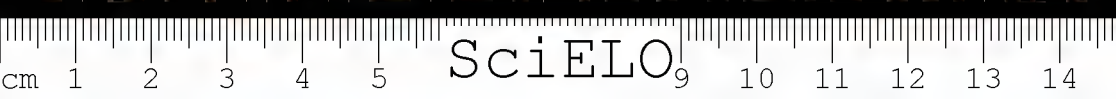
Algum commercio e em particular o grande transito de viajantes de todas as regiões, até de Goyaz, que nestes lados não dispõe de outra estrada para ir ao Rio de Janeiro, faz prosperar o lugar. Aqui se encontram todas as mercadorias europeas, vinho e cerveja, paguei uma garrafa desta ultima a \$900 réis ou 1 Reichstaler e 12 Groschen.

A classe mais pobre, os pretos e mulatos, parece viver na miseria faltando-lhe qualquer prestimo. Muitos destes miseraveis andam esmolando nas ruas; não se pôde entretanto por fim a esse estado de cousas; pois essa especie de gente prefere viver indigente e ociosa a trabalhar e possuir bens.

Na estrada de Barbacena a Alberto Dias, a pequena distancia de Rancho das Caveiras, ocorre schisto talcoso, assim como mais adiante. a meia hora de caminho, com orientação de suas camadas na 8.^a hora e com inclinação de 70° para o Norte. Quartzo em fragmentos, e em ninhos, afflora, abundante acima do mesmo. Por vezes, nestas regiões, verifica-se a transição do schisto argiloso para o schisto talcoso. Uma legua distante de Alberto Dias, no cume da montanha, apparece, no meio da estrada, uma camada de manganez ferruginoso e antes de se chegar á fazenda da Ressaquinha (Saquinho) banhada por um correjo, desponta granito em um feldspato especial muito desagregado. A sua superficie toma aspecto carcomido pela decomposição do feldspato e como não resta senão quartzo, á primeira vista se poderia tomar-o por quartzo granulado.

Descansamos algumas horas á beira de um regato, e com o luar proseguimos viagem por mais duas leguas até Gama, fazenda onde Mawe desfructou tão agradável convivio com as filhas da casa e cuja descripção muito divertiu particularmente os que conhecem tal local.

Completamente gelados alcançámos, tarde, á noite, o Rancho esburacado, e como, então ignorava que por dinheiro se era acolhido por bellas pessoas da casa, passamos uma noite bastante incommoda.



O frio pôz-nos de pé muito cedo e ás 8 horas da manhã com um vento Sudéste cortante, fiz no dia 5 de Agosto as seguintes observações: estava o Barometro a 26",626.

o Thermometro a 42° e o Hygrometro a 76°.

Portanto acha-se Gama ao nível de Barbacena ou a 2,530 pés acima do mar.

Pela baixa do thermometro, o vento gelido e com isso a grande humidade da atmosphaera pode-se avaliar o frio que fazia. Posso mesmo dizer que outros tantos grãos abaixo do ponto de congelação, como aqui os acima desse ponto, não me produziram tanta impressão de frialdade.

A' meia hora de Gama está á esquerda da estrada, uma fazendola, creio que a chamam de Rocinha do Gama, em cuja visinhança de novo afflora pequena camada de manganez ferruginoso não longe dalli se vê grande cova desmoronada com deposito de terra turfosa negra.

Carandahy, Fazenda das Pedras, Taipas e Engenho são propriedades ruraes pelas quaes passámos. Na ultima armámos pouso nocturno. Pareceram-me todas em abandono e não merecem menção a não ser a ultima, onde se faz bastante criação de gado bovino. Alli mesmo se fabricam muitos queijos.

A' altura de Carandahy encontra-se uma quantidade de petrificações incrustadas em terra vegetal muito silico-argilosa e muito ferruginosa. As petrificações consistem em concreções em forma de cylindros, de tubos ôcos mettidos nessa massa de humo. Na maioria jazem espalhados tambem frequentemente amontoados na terra e são de uma pollegada de cumprimento; muitas estão conglomeradas e não raro umas enredadas em outras, como se no seu estado primitivo tivessem sido cipós. Occupam uma area de cerca de cem pés quadrados.

Está Carandaley situada á margem do riacho do mesmo nome qual com as chuvas continuadas cresce muito e torna em extremo perigosa a passagem sobre a ponte, em pessimo estado. O solo é aqui em geral argiloso e misturado com areia; abaixo ocorre, não longe da fazenda, um schisto argiloso muito friavel já mais argila schitosa, com orientação de suas camadas na 3.^a hora. Jazidas de quartzo e fragmentos do mesmo encontram-se por toda a parte nos morros reseccados e estereis. Um grés cinzento esverdeado, de granulação muito fina, com liga argilosa, desponha perto da Fazenda das Pedras, e um pouco adiante, onde a estrada faz uma curva rapida, acha-se consideravel jazida de quartzo contendo manganez ferruginoso e pyrolusita.

A' direita da Fazenda das Taipas eleva-se alta montanha de granito que forma de um lado um paredão abrupto, de rocha. No outro porém a selva cresce alta. Tambem desponta granito na estrada mas em geral muito desagregado; frequentemente esconde-se sob grés sobreposto tambem sob rocha de um branco leitoso, o qual é de muito fina granulação, chegando a ser compacta, mostrando fractura escamosa, translucida e muito dura nas bordas; tambem se encontra ferruginosa, e com superficie porosa, parecendo-me intermedia ao jaspe e ao feldspatho.

Depois de galgar a montanha de Taipas, a estrada segue pelo dorso de alta montanha dirigindo-se de Lés-te para Oeste. Vertem as aguas da encosta meridional para o Rio Grande e as da septentrional para o Rio de São Francisco, portanto constitue uma das principaes elevações em Minas Geraes. Continuam até a Capitania de Goyaz onde então se perde na serra principal que corre do Norte ao Sul, e termina com a serra do Desemboque, ramificação da grande Serra da Matta da Corda.

Granito de granulação grossa é tambem a rocha fundamental desta elevação. Daqui se desfructa magnifica vista sobre uma bacia fechada de um lado pela Serra de Deus te Livre e do outro pela Serra que vem de Sabará e onde sobresahe o espigão da Serra de Itabira a formar angulo recto com a primeira. Muito rica formação aurifera atravessa esta superficie baixa com collinas até Congonhas do Campo.

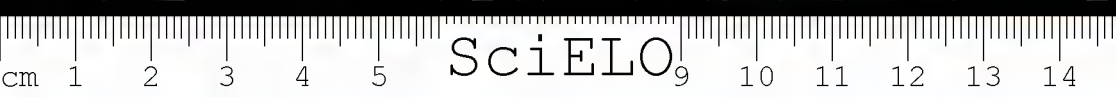
Perto do Engenho se desce pela encosta septentrional da montanha sobre uma rocha de um verde sujo, ora approximando-se de schisto argiloso contendo ferro, ora de schisto chlorítico. Ora ainda apresenta essa rocha textura schistosa e é muito friavel ou se apresenta em massas compactas perdendo a estrutura schistosa a formar ora diorito ora amphibolio. As transições são tão imperceptiveis que não se sabe estabelecer limite de uma para outra.

A marcha de hoje correspondeu a boas 3,1/2 leguas. Fomos aqui hospedados, na casa da fazenda e bem tratados, o que muito apreciamos pois, desde alguns dias, andavamos mal alimentados. A fazenda está num valle; tem boas pastagens e bastantes mattas. A' tarde cerca de 4 horas, com alternativas de sol, fiz as seguintes observações:

Indicava o Barometro — 27",050.

O Thermometro 61°.

O que dá altitude vertical de 3,070 pés.



A 5 de Agosto prosseguimos viagem adiante, por Rocinha do Engenho e Paraopeba, e ahi desviamos da estrada commun, á direita, para a Fazenda da Bôa Vista, que pertencia ao nosso tropeiro; aqui descansamos alguns dias. Perto de Paraopeba ocorre gneiss, ademais, parece ser a principal orogenia da região uma formação recente schisto-argilosa na qual se encontra, aqui e alli, camadas de manganez ferruginoso e negro, particularmente no caminho para a Villa de Queluz, pelo qual passamos no dia seguinte.

Queluz recebeu fôros de villa na época em que Barbacena foi igualmente elevada a villa, e pertence á comarca do Rio das Mortes; tem diversas casas bem construidas e aspecto aprazivel; Todavia parece perecer devido á decadencia sempre maior da mineração de ouro na vizinhança. Mawe, nas suas **Noticias geographicas**, menciona um grande povoado Louza que provavelmente deve ser Queluz. Não se comprehende como haja deturpado o nome assim, pois se não entendia a falla dos homens pelo menos nos mappas de que se gaba ter recebido dos archivos, não dacharia lugar algum intitulado Louza.

Passamos pela cidade sem parar, deixamos a estrada principal que vae a Villa Rica, e viramos para a esquerda, até um ribeirão, junto do qual acampamos para pernoitar e de novo dormimos entre sacos de sal e cangalhas mal cheirosas. Cahia sereno tão abundante que ficamos inteiramente encharcados.

Na manhã seguinte travei conhecimento com o dono da fazenda em cuja casa vi, pela primeira vez, ouro bruto de lavagem; Era um pedaço grande arredondado, aqui chamado folheta, que devia pesar 8 onças.

A 7 de Agosto atravessámos o Arraial Redondo e depois Congonhas do Campo. A supracitada formação schisto-argilosa despontou aqui tambem por toda a parte, só algumas vezes occorreu-nos o granito e tambem lardita.

Redondo é uma povoação bastante grande, com casebres muito mal construidos de pau a pique, tendo em volta plantações de bananeiras, que parecem ser o principal objecto da alimentação do povo.

Congonhas dista uma legua de Redondo e a estrada é boa até lá.

Chega-se primeiro a uma elevação, acima de Congonhas, onde está a igreja de Nossa Senhora de Mattosinhos, afamada por toda a parte, pela sua milagrosa imagem da Virgem.

Com os presentes, votos e esmolos que alli affluem, é a igreja muito rica, de modo que se empregam grandes quantias em

sua ornamentação. E' simples e bem conservada, tem a escadaria para a entrada principal guarnecida com estatuas de santos, de tamanho natural, esculpidas em pedra, cercada por um adro de cantaria. Nos fundos da igreja vê-se um jardim igualmente ornado com estatuas e repuchos e altíssimas euphorbias.

Junto da igreja estende-se um predio destinado aos devotos que aqui se reúnem aos pés de Nossa Senhora; tambem no dia da festa os administradores da igreja dão alli grande banquete.

As estatuas são todas esculpidas em lardita que desponta em grande camada na vizinhança. O mais habil esculptor que aqui se tem distinguido é um homem estropiado de mãos aleijadas, amarram-lhe o cinzel com que executa as obras artisticas, mas nem sempre são proporcionadas e de bom gosto as suas figuras e accessorios: Não se deve aliás menoscar o bello talento do homem que se formou por si mesmo e nada viu.

Um ribeirão de aguas turvas pela lavagem do ouro corta Congonhas de Mattosinhos pelo meio; passa-lhe por cima uma ponte "quebra-ossos". Tambem consta este arraial de casebres pobres por entre casas em ruínas.

Percebem-se ainda entretanto vestigios da antiga opulencia, que a mineração do ouro até certo ponto lhe proporcionou. Mas essa época aurea se desvaneceu em curto prazo. A superficie em torno do povoado ficou toda révolvida e despojada não sabendo os mineradores aprofundar o solo. Actualmente tem a região o solo todo esburacado; estas ruínas da mineração estendem-se até os pobres casebres dos habitantes, fazendo estranho contraste com o esplendor do tempo de Mattosinhos. Não se póde fugir á reflexão de que os moradores voluntariamente se entregam a miseria e não querem apparecer, só para destacar a sumptuosidade de Mattosinhos.

Pernoitámos em Congonhas na casa de nosso tropeiro, por quem fomos recebidos com amavel hospedagem e no dia seguinte, muito cedo, segui viagem, com os meus negros e um guia, para, mais rapidamente alcançar Villa Rica.

Impenetravel nevocero cobria toda a região e só de muito perto pude reconhecer, junto a mim, o abysmo escancarado.

Só ás 10 horas começou a clarear; achava-me perto do ingreme Morro de Deus te Livre, tambem chamado Serra do Ouro Branco, a qual consiste de grés e de schisto chloritico; depois passei por um riacho que termina essa montanha e dahi para Rodeio. O valle do riacho estava cheio de seixos rolados, na

maior parte de magnetito restantes da lavra de ouro; dahi galguei a alta montanha do Chiqueiro e cheguei a Capão do Lana.

Parecia de ser de schisto argiloso a principal formação orogenica que, num e noutro ponto, faz transição para o schisto chloritico. Fôrma até o minerio morretes, frequentemente muito desagregado e ferruginoso e decompõe-se então em greda e é então a matriz do topasio amarello nelle abundante em ninhos com lithomarga e crystal de rocha.

Perto de Capão acha-se a séde da principal riqueza. Todos os topasios ali achados têm a particularidade de serem quebrados, não se encontra um só crystal inteiro que tenha crescido em qualquer outra pedra, tambem o crystal que apparece com elle geminado apresenta-se igualmente partido, por vezes encontra-se a elle unido um topasio.

Tanto o topasio como o crystal de rocha apresentam na superficie da fractura grande frescura, como se houvesse sido partido no momento e jazem estas pedras desordenadas em ninhos envoltos em lithomarga.

Extremamente difficil é estabelecer uma hypothese de como despontaram nas camadas regulares do schisto chloritico; para augmentar ainda mais a confusão de idéas precisa-se propôr a questão; onde estaria a pedra matriz da qual se soltaram, qual poderia ser a força que assim rompeu a pedra matriz e a elles proprios, de modo que nenhuma pedrinha ficou ligada a outra e cada qual apparece isolada? Se se desagregaram de outro lugar e aqui de novo de ajuntaram, como é que o lithomarga lhes preparou igualmente cama na qual se assentaram como na primitiva jazida?

Em Capão encontra-se bem boa hospedaria ao modo daqui; muito perto desponha muito abundante o itabirito. Ali jantei e prosegui então a marcha por João Correia, Boa Vista, Tres Cruzes e Tripuhy até Villa Rica, caminhada de 3 leguas.

A estrada é extremamente montanhosa e mal conservada e de todo intransitavel na época das chuvas, pois as mulas afundam quasi até a barriga no schisto chloritico escorregadio, barrento dissolvido.

Perto de Bôa Vista acham-se tambem topazios e, em Tres Cruzes, de novo se vê uma montanha de itabirito, a qual com camadas de saibro quartzoso está muito espalhado nesta região.

Em caminho para Tripuhy já se presente a vizinhança de centro populoso; pareceu-me este vallesinho bem cultivado dever ser a horta de Villa Rica, e, com o tempo, verifiquei não me

haver enganado. A meia hora da villa passa-se pela ultima montanha e descortina-se então vista surpreendente sobre as antigas e tão ricas lavras de onde o nome de Villa Rica que ainda conserva a sua lembrança. Casas grandes logo á entrada da primeira rua, deram-me boa idéa. Ao cair da tarde ali cheguei, alojei-me numa das casas grandes que era um hotel, e ainda, na mesma tarde, communiquei-me com o Conde da Palma, então governador da Capitania.

A minha tropa chegou, tambem, no dia seguinte, occupei a casa para mim preparada e assim puz termo á viagem extremamente penosa de 23 dias de aturadas canseiras; jornada que se poderia fazer com mais commodidade em 12 a 14 dias se fosse devidamente organizada.

Notas do Diario da Viagem do Rio de Janeiro a Villa Rica no anno de 1811.

(1) Mawe — que se gaba de ter tido a licença de examinar nos archivos todos os manuscriptos e mappas e copial-os, chama o rio Inhumiri mde Momirim, o Parahyba de Parahybuna e o Parahybuna de Parahyba; tambem em Minas, cita no seu mappa uma Villa de São Sebastião e um lugar Louza que não existem, e outras inexactidões. Ou não teve a licença de que se gaba ou della não soube utilizar-se, de outro modo não commetteria taes equívocos.

(2) A curiosidade que leva a gente a se embasbacar diante de estrangeiros mesmo quando sejam portuguezes, é facto que se nota em todo o Brasil; miram a pessoa não para achar nella singularidades, ou por consideral-os bichos raros, como cria Mawe, mas simplesmente por madraçaria para passar o tempo. Attribuia Mawe essa curiosidade sómente á fama de seu povo, assim como se esforçava por dar aos inglezes a honra de ser a primeira nação que na sua pessoa havia galgado as montanhas costeiras e penetrado no interior. Estava certamente convencido do contrario; pois seguramente conheceu em Minas alguns allemães, italianos, francezes e tambem um inglez ali empregados quer como militares, quer na mineração do ouro, desde muitos annos.

(3) Actualmente muito mais se tem diffundido o cultivo de fructas, só de cerejas que se vendem no Rio de Janeiro o Padre Corrêa ganha annualmente alguns mil cruzados.

(4) No anno 1811 importou o dinheiro da passagem do Parahyba em mais de 24 contos portanto mais um quarto e os impostos de escravos levados a Minas em mais de 22 contos. Devo lembrar que o de escravos para Minas tambem é cobrado no Rio de Janeiro.

(5) O destacamento do registro já desde alguns annos foi transferido para Paiol entre os rios Parahyba e Parahybuna.

(6) Por causa do imposto que tive que pagar por meus escravos em Parahybuna fiz uma exposição ao então Ministro da Guerra, pedindo exempção. Tambem requeri uma portaria pela qual seria dispensado (o inglez Mawe obteve-a. A resposta a ambas as supplicas foi negativa; para evitar precedentes não se podia para mim abrir excepção.

(7) Mawe escreveu erradamente madeiras (em vez de Madeiros).

(8) A Capitania de Minas Geraes é a unica de todo o Brasil onde tem curso o papel moeda. Foi introduzido, ha cerca de 8 ou 9 annos, na occasião em que se prohibiu o curso do pó de ouro no commercio.

Para que opobre mineiro pudesse então trocar logo o seu ouro, estabeleceram-se Casas de Permuta. Cada uma dellas recebe, em determinadas épocas, certa quantidade de pequenas notas impressas na Casa Real de Fundição, do valor de 34,12 réis (1 vintem de ouro) a 1200 réis. Conservam até agora absoluto credito porque se pode trocal-as de novo por ouro nas casas de Fundição. Entretanto as muitas notas falsas que já estão em curso precisam ser pouco a pouco diminuidas de valor e expondo o governo a grande prejuizo pois muitas não se podem differenciar das verdadeiras. Em substancia esta troca parece ser erradamente calculada, do que dá prova inilludivel o facto de ter perdido o governo de 1809 a 1814 uns 24 contos de réis.

Tambem no districto dos Diamantes de Serro Frio a administração diamantina põe em circulação quando o dinheiro contado não basta, notas de curso forçado e das quaes as mais velhas são sempre resgatadas. Taes notas tanto se multiplicaram, porém, e o seu resgate é tão raro que perderam o credito e só se acceitam com 30 a 30 % de abatimento.

DR. ERNST MARCUS

DA FACULDADE DE PHILOSOFIA, SCIENCIAS
E LETRAS DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

UM ONYCHOPHORO NOVO

Peripatus (Epiperipatus), evelinae

spc. nov. de Goyaz



ALPHABETICAL INDEX

OF THE

PROCEEDINGS OF THE

AMERICAN MEDICAL ASSOCIATION

FOR THE YEAR 1908

CHICAGO, ILL., 1909

PUBLISHED BY THE ASSOCIATION

535 N. Dearborn St., Chicago, Ill.

Price, 50 Cents

Entered as Second-Class Matter, May 2, 1879.

Postage paid at Chicago, Ill., and at additional mailing offices.

Acceptance for mailing at special rate of postage provided for in

Postoffice Department Notice of April 23, 1909.

Postage paid by addressee.

Copyright, 1909, by American Medical Association.

Printed by the American Medical Association.

Chicago, Ill., U.S.A.

ALL RIGHTS RESERVED

NO. 1008

MADE IN U.S.A.

U.S. PATENT OFFICE

REGISTERED

TRADE MARK

MADE IN U.S.A.

U.S. PATENT OFFICE

REGISTERED

TRADE MARK

MADE IN U.S.A.

U.S. PATENT OFFICE

REGISTERED

TRADE MARK



Um Onychophoro novo, *Peripatus (Epiperipatus), evelinae*
spec. nov. de Goyaz

Por ERNST MARCUS, Dep. de
Zoologia, Faculdade de Philoso-
phia, Sciencias e Letras da Uni-
versidade de São Paulo.

Proporcionadamente ao numero total de Onychophoros conhecidos da America do Sul e Central, especialmente da região neotropical, sómente poucos, a saber cinco, do Brasil foram até hoje descriptos. Causou-me, por isso, muito prazer entregar-me o meu collaborador Dr. PAULO SAWAYA, logo á minha chegada em São Paulo, dois exemplares de *Onychophoros* existentes numa grande collecção de varios animaes pertencentes ao Departamento de Zoologia, a qual foi adquirida graças ao meu antecessor Prof. BRESSLAU, pelo Governo do Estado de São Paulo. Como se podia esperar, em virtude da distribuição geographica geralmente muito limitada das especies de Onychophoros (*Bouvier 1905, p. 79*). demonstrou-se como novo para a sciencia o material de Goyaz, região na qual antes nunca foram colleccionados esses animaes. Seria muito desejavel que todos interessados no enriquecimento dos conhecimentos sobre a fauna brasileira, colhessem Onychophoros. E' admissivel que em localidades convenientes, p. ex. entre folhas cahidas, sob páo apodrecido, portanto em lugares humidos e escuros, tambem em cavernas, haja ainda muitas especies novas nas partes centraes e septentrionaes do Brasil. Para classificar qualquer material que seria naturalmente logo devolvido, estará sempre á disposição o Instituto de Zoologia de São Paulo (Caixa Postal 2926). Recommenda-se a conservação dos especimens em pequenos frascos com alcool, acompanhados duma nota indicando a procedencia e a côr do animal vivente.

São as seguintes as especies dos Onychophoros, constata-das no Brasil: 1) *Oroperipatus eiseni* M. Wheeler. Um exemplar desta especie proveniente do Rio Purús, Amazonas foi

remettido por Goeldi para Fuhrmann (1914, p. 190), cuja classificação correcta é fóra de duvida, se bem que fôsse achada a especie pela primeira vez numa região muito distante, a saber no Mexico, perto de Tepic, á altura de cerca de 1.300 metros. Pertence aos Peripatinios chamados andicolos, hoje reunidos no genero *Oroperipatus* Cockerell. 2) *Peripatus (Macroperipatus) ohausi* E.-L. Bouvier, até agora encontrado sómente nos arredores do Rio de Janeiro, em Petropolis, unico representante, da segunda secção dos Peripatinios chamados caraibas no Brasil, portanto do subgenero *Macroperipatus* Clark (1913, p. 17). As outras tres especies verdadeiramente brasileiras como tambem a nova, pertencem á quarta e maior secção dos Peripatinios caraibas portanto ao subgenero *Epiperipatus* Clark. 3) *Peripatus brasiliensis* E.-L. Bouvier foi apanhado em Santarém, Pará, e talvez mereça seja incluído tambem material colligido em Amazonas cuja proveniencia exacta se ignora. (Moseley 1879, p. 265). Além disso, habita a especie verosimilmente o Isthmo de Panamá, tendo visto Bouvier (1905, p. 270) um exemplar de San Pablo. 4) *Peripatus edwardsi* E. Blanchard. Foi colleccionada esta especie no Brasil por Garbe, o celebre naturalista viajante do Museu Paulista, que a encontrou em Porto Cachoeiro, Rio Doce, em Espirito Santo (Bouvier 1906, p. 268). Aliás conhece-se a especie da Guayana franceza e hollandeza, da Venezuela, da região do Rio Carare, na Colombia, e até o Sul de Panamá, Darien. E' duvidoso se habita tambem a ilha de Trinidad (Bouvier 1905, p. 315; Clarck 1915, p. 23); é em todo caso a sua distribuição geographica extraordinariamente vasta. 5) *Peripatus simoni* E.-L. Bouvier. Foi encontrado dentro das fronteiras brasileiras em Breves na ilha de Marajó, Pará, e no estrangeiro na Venezuela. Talvez seja licito ajuntar á synopse dos Onychophoros brasileiros o *Oroperipatus bluntschlii* Fuhrmann (1915) procedente da região do Rio Samiria, affluente do curso superior do Amazonas no districto da fronteira brasileira e peruana, colleccionado sem duvida em territorio peruano.

6) *Peripatus (Epiperipatus) evelinae*, spec. nov.

O material consiste em dois exemplares femininos que provêm do espaço entre Canna Brava e Nova Roma, portanto do districto da fronteira de Goyaz e Minas Geraes, onde foram capturados por Blaser, 8 de Outubro de 1932.

As medidas são as seguintes: longura do exemplar I (Fig. I) 60 mm, do exemplar II (Fig. II) 44 mm, largura I: 5 mm. — II: 4 mm; altura I que é muito turgesciente: 4 mm, — II: 3 mm.

E' minimo e quasi symetrico para as duas pontas o afinamento do corpo; elle mesmo começa mais ou menos anteriormente ao nivel do 7.^o par de patas e posteriormente a partir do 22.^o ou 24.^o par.

São differentemente coloridos os dois exemplares, ambos conservados em alcool. A femea maior tem côr fundamental pardo-fusca com leve tinta ferruginea no dorso, nas pernas e allusivamente numa linha mediana do lado ventral, extinguindo-se a ultima para diante e para trás. E' cinzenta a côr fundamental da femea menor, cujo dorso se mostra mais pardo com uma linha mediana e duas lateraes escuras, sendo a barriga cinzento-branca, sem linha medial. Pôde-se reconhecer a linha clara (Fig. IV, V, 1), ao longo das costas, ao passo que não se percebe nada dos orgãos claros no animal total, cuja dissecção não foi realisada afim de conservar intactos os dois animaes de aspecto tão differente e por bastarem os caracteres externos para a diagnose differencial.

Da base das papillas que são mais escuras que a côr geral do dorso erguem-se as elevações cylindricas, terminando numa cerda fina (Fig. VI). Correspondentes ao typo do quarto grupo, dos *Peripatus* caraíbas (Bouvier 1905, p. 160) todas as papillas principaes assemelham-se e estão dispostas em series onduladas, mais ou menos regulares (Fig. V). Com Fuhrmann (1912, p. 185) consideram-se aqui papillas principaes sómente aquellas cujas bases e terminações são nitidamente differentes, sendo denominadas secundarias todas as outras, sem relação com o seu tamanho. Destas ultimas ha 2 a 7 entre as papillas principaes; ás vezes estão duas papillas secundarias uma ao lado da outra, mas em geral formam uma só serie.

Ordinariamente varia pouco a grossura das papillas secundarias, mas raras vezes occorrem tão grandes que seria difficil differencial-as das principaes, sem o criterio adoptado por Fuhrmann.

Entre as 12 rugas transversaes de cada segmento ha algumas incompletas, a saber na parte anterior da femea I, — uma antes e outra atraz das extremidades. No terço posterior do mesmo exemplar tornam-se mais raras e menos regulares as rugas incompletas e na femea menor são na longura inteira raras e irregularmente distribuidas.

Adelgaçam-se as antenas para as pontas; as papillas oraes e os olhos mostram o aspecto usual. Orgãos frontaes faltam. A bocca está cercada por seis pares de lobulos cerdosos, cobrindo uma proeminencia com cristas a parte anterior do atrio,

i. é da entrada da bocca. Não apresenta nada de singular a abertura genital, situada entre as penultimas extremidades.

A femea maior possúe 34, a menor 32 pares de extremidades, dos quaes o penultimo e o ultimo, especialmente o ultimo, são menores que os precedentes. No especimen I os pares 1 até 4, no exemplar II os pares 1 e 2 também são um pouco menores que os outros. As pernas mostram a fenda coxal usual não se evaginando as bexigas coxae. A sola consiste em 4 arcos (Fig. VII). O pé possúe as saliencias cerdosas basaes e terminaes e as tres papillas principaes, duas no lado anterior, uma no posterior, todas ellas typicas para os *Peripatus* caraíbas. O tuberculo excretorio (Fig. VII) na quarta e quinta perna está em contacto com o 3.º arco da sóla, e provoca um angulo profundo do 4.º arco. Nos 2 exemplares disponiveis, portanto nas 8 pernas em questão. o quarto arco é uma vez bipartido pelo tuberculo excretorio.

Abstendo-me da dissecção do material sufficientemente definido pelos caracteres exteriores, não foram tomados em consideração as mandibulas e os órgãos internos.

Possuindo a nova especie bases arredondadas das papillas principaes da pelle e sendo estas papillas todas do mesmo typo (Fig. V), é necessario uma confrontação da nova especie com algumas antes descriptas da quarta secção dos *Peripatus* caraíbas (Bouvier 1905, pg. 161-162), portanto do subgenero *Epiperipatus* Clark (1913, p. 17). Dentro deste subgenero as unicas especies que possúem 30 pares de extremidades ou mais, e além disso o tuberculo excretorio ligado ao 3.º arco da sola, são *edwardsi* e *simoni*, ambas especies já verificadas no Brasil. No primeiro ha uma chanfradura do 3.º arco causada pelo tuberculo excretorio. No segundo a descripção como também as figuras das papillas dermaes não correspondem á esculptura da especie nova; sendo principalmente as papillas accessorias pouco numerosas no *P. simoni*. Verifica-se o mesmo, de modo mais pronunciado ainda, no *P. brasiliensis*, cujo tuberculo excretorio, é, além disso, completamente livre do 3.º arco. De resto, não attingem nem nos *P. edwardsi* e *P. simoni* nem no *P. brasiliensis* as patas numero tão elevado como na nova especie que dedico á minha cara esposa Evelina du Bois-Reymond Marcus.

A B S T R A C T

The author gives a list of all brasilian species of *Onychophores* and describes a new one from the region between Canna Brava and Nova Roma, the boundary district between Goyaz and

Minas Geraes. The two females of the new species, which belongs to the subgenus *Epiperipatus*, have 34 one and 32 pairs of legs the other; the first number is not attained by any other species in the corresponding fourth group of caribbean *Peripatus* in Bouvier's monography. The figures show the uniform principal papils, between which appear 2-7 secondary ones. The latter are generally of uniform size. They are disposed in one row, rarely two small ones occur one beside the other; and off and on big secondary papils are to be found. Incomplete folds are rare; only in the anterior part of the bigger female they are distributed somewhat regularly, one before and one behind the legs. The excretory tubercle is united with the third arch of the sole and produces a very distinct angle in the fourth. Among other peculiarities this last character separates the new species from *P. simoni* and *P. brasiliensis*. These both and also *P. edwardsi* have less secondary papils than the new species.

BIBLIOGRAPHIA

- Bouvier, E.-L. 1905** — Monographie des Onychophores (1). Ann. sci. nat. (Zool.) sér. 9, vol. 2, p. 1-383, tab. 1-13, Paris.
- Bouvier, E.-L. 1906** — Observation biologique. Le *Peripatus Edwardsi* au Brésil. Bull. soc. ent. France, p. 268, Paris.
- Clark, A. H. 1913** — A revision of the american species of *Peripatus*. Proc. biol. Soc. vol. 26, p. 15-20. Washington 1914.
- Clark, A. H. 1915** — The present distribution of the Onychophora etc. Smithson. Misc. Collections vol. 65, n.º 1, p. 1-25. Washington 1916.
- Fuhrmann, O. 1914** — Quelques nouveaux Péripates américains. Voy. d'expl. scient. Colomb., Mém. soc. neuchât. scienc. nat. vol. 5, p. 176-192. Neuchâtel.
- Fuhrmann, O. 1915** — Ueber eine neue *Peripatus*-Art vom Oberlauf des Amazonas. Abhd. Senckenb. Ges. vol. 36, Heft 2, p. 277-283, tab. 20, Frankfurt a. M.
- Moseley, H. N. 1879** — Notes on the species of *Peripatus* and especially those of Cayenne. Ann Mag. Nat. Hist. ser. 5 vol. 3, p. 263-267. London.

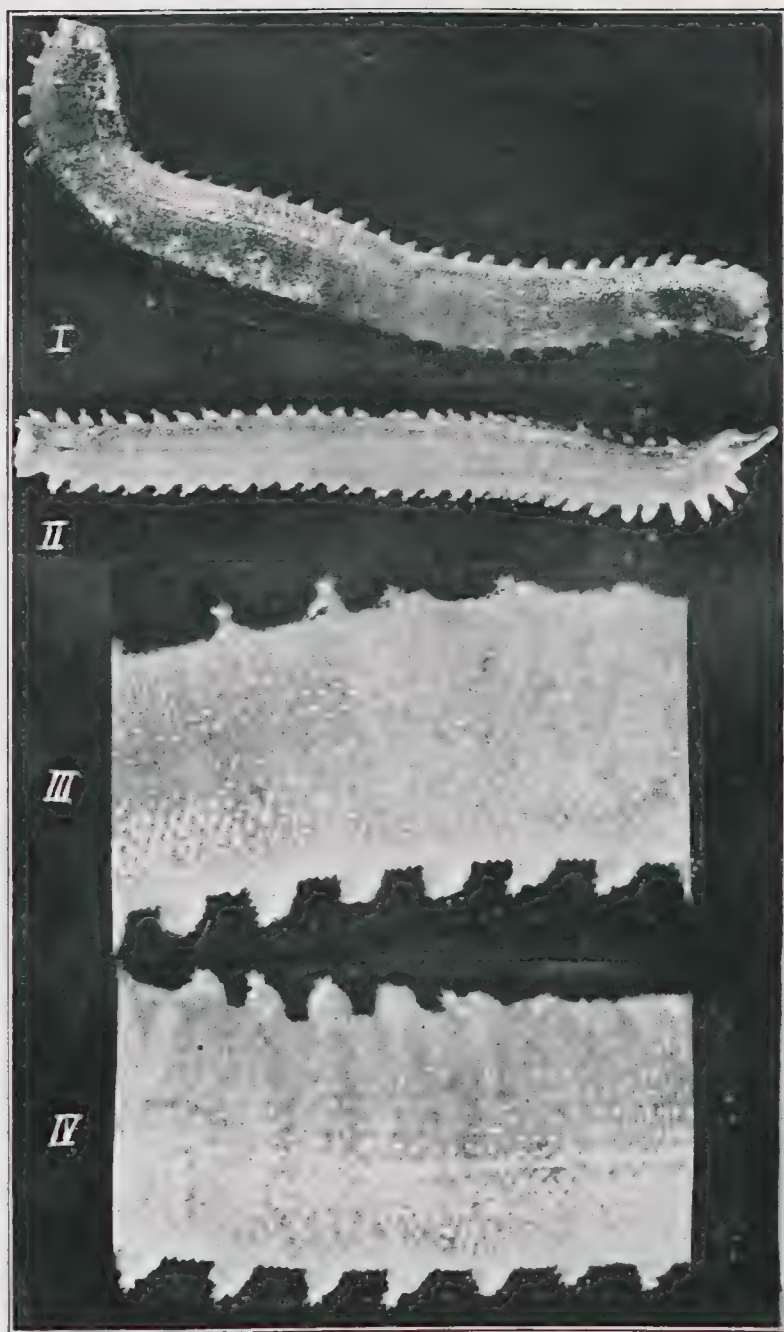
Explicação das Estampas:

Estampa I

- Fig. I. *Peripatus (Epiperipatus) evelinae* spec. nov., fêmea maior $\times 2$.
" II. Fêmea menor da mesma espécie. $\times 2,2$.
" III. Pelle dorsal da fêmea maior. $\times 7$.
" IV. Pelle dorsal do mesmo espécimen com a linha clara. $\times 7$.

Estampa II

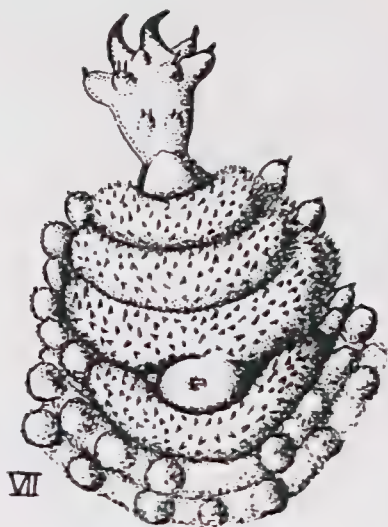
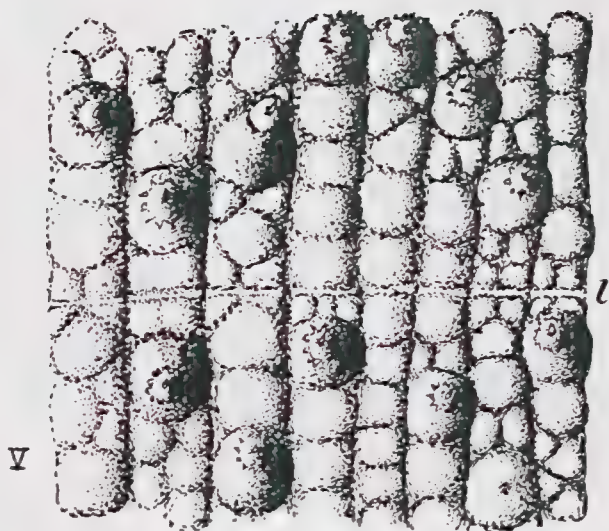
- Fig. V. Papillas principais e secundarias da fêmea maior; 1 linha clara. $\times 64$.
" VI. Papilla principal, vista do lado. $\times 100$.
" VII. 4.^a pata direita, aspecto ventral. $\times 40$.



Estampa I



SciELO



Estampa II



SciELO

AFFONSO DE E. TAUNAY

MONSTROS E MONSTRENGOS DO BRASIL

(Ensaio sobre a zoologia fantastica
brasileira nos seculos XVII e XVIII)



REVISTA DE ECONOMIA

ANEXO A LA REVISTA DE ECONOMIA

ANEXO A LA REVISTA DE ECONOMIA

Publicamos em 1934, em edição da Companhia Melhoramentos de São Paulo, a primeira serie destes despretenciosos ensaios condensando informes respigados em nossos velhos chronistas. Subordinamo-los ao titulo de *Zoologia phantastica do Brasil*.

Suggestira-nos tal ideia estudos similares realizados na Argentina pelo erudito Dr. Annibal Cardoso. Muito incompleto se apresenta o nosso tentamen; apenas explorámos os volumes mais conhecidos da bibliographia brasileira. Ha muito ainda em que aprofundar tal assumpto. O que ahi fica feito servirá quiçá de incitamento a trabalhadores mais persistentes desta mesma seára curiosa e pittoresca.

São Paulo 12 de outubro de 1936.

Affonso de E. Taunay.



na pelo sentido Dr. Amílcar Cardoso. Muito incompleto se

Alfonso de E.



Os Dialogos das Grandezas do Brasil
Erudita e trabalhosa exegese

Grande benemerencia a de Afranio Peixoto! quanto lhe não deve o tradicionalismo brasileiro!

Quem ignora o que representa esta já magnifica collecção; a *Bibliotheca de Cultura Nacional da Academia Brasileira*, tão justamente chrismada *Collecção Afranio Peixoto*, por proposta de alguém que a julgou á moda dos juizes de Berlim: Fernando Magalhães?

Mais de uma dezena de volumes soberbos se alinham nesta estante brasilica de inestimavel valor.

A ella vamos recorrer haurindo subsidios para o estudo á *vol d'oiseau* sobre a *Zoologia phantastica* do Brasil que iniciámos descuidosamente e hoje nos coage a ir muito mais longe do que esperavamos, receioso agora de não realizar obra por demais incompleta.

Tambem *nul plaisir sans peine*... o assumpto é pittoresco. Recorramos neste momento aos mysteriosos *Dialogos das grandezas do Brasil* que o incansavel Afranio offereceu ao nosso publico, pela primeira vez reunidos em livro. E precedidos e acompanhados de introducção magistral e notas magistraes.

Prefaciador: Capistrano; annotador: Rodolpho Garcia. Será preciso accrescentar o que quer que seja?

Tres seculos esperaram os *Dialogos* pela resurreição livresca *De profundis* clamava o seu ignoto autor por esta justiça e ao seu clamor se juntaram o de Varnhagen e o de Capistrano.

De deu em deu andaram os seus originaes que em 1848 vieram "ao lume da imprensa" — como se diria em estylo do chro-

nista — no *Iris* de José Feliciano de Castilho. Reappareceram no *Jornal de Recife*, em 1877, graças a Varnhagen. E afinal surgiram na inachavel "*Revista do Instituto Archeologico Pernambucano*, aos pedaços, aos pedacinhos, de 1883 a 1887!

Publicação rara e inacessivel esta *Revista!* seria no entanto tão facil reeditar-lhe os numeros da primeira serie: minusculos fasciculos em geral! Foi o que levou Capistrano em 1900 a reproduzir no *Diario Official* da União os *Dialogos*.

Vinte e sete annos debalde esperou-lhes o mestre cearense a edição em volume. Colheu-o a morte antes que a Academia Brasileira publicasse o seu bello volume, impresso em 1930.

Explica-o Afranio Peixoto:

"Quando em 1923, a Academia Brasileira intentou as suas publicações, entendemos não nos contentar com os academicos e recorrer a sabios collaboradores de fóra, tambem interessados nessa obra. Capistrano foi o primeiro lembrado e os "*Dialogos*" logo por elle indicados á nossa diligencia offerecendo-nos o texto reunido e o segundo dos seus artigos, por prefacio.

Como para o *Tratado* e a *Historia de Gandavo*, e os *Tratados* de Cardim, ficariam os "*Dialogos*", por indicação sua, a cargo de Rodolpho Garcia, seu prestante e assiduo collaborador, e o mais amado dos seus discipulos.

Cumpre-se agora, inteira, a vontade de Capistrano. Cumpre-se o longo desejo de Varnhagen. O discipulo e indicado collaborador, dos dois, deu-nos collaboração de mestre, em notas exemplares. Uma trindade benemerita de nossa historiographia — Varnhagen' Capistrano, Garcia — apraz-nos repetir — uma vez ainda, e não será a ultima — se reune nestas paginas que bem servem á nossa cultura".

O prefacio do mestre cearense é daquelles quadros que nos encantam pela riqueza e variedade, profundez e acuidade. Allega os esforços inuteis para o levantamento do anonymato autoral dos *Dialogos*. Não deve quem os compoz ter sahido das terras de Pernambuco e Parahyba capitánias onde tudo faz crer que habitasse.

E os dialogantes quem seriam?

“Quem eram Alviano e Brandonio? Por que foram escolhidos estes nomes? Conterão algum anagrama? Nem uma resposta se pôde formular.

Parecem antes personagens symbolicos: um representa o reinol vindo de pouco, impressionado apenas pela falta de commodidade da terra; o segundo é o povoador, que desde 1583, immigrou, e com as interrupções de varias viagens além-mar, ainda aqui estava em 1618, data da composição do livro. Tão abstractos os personagens que ás vezes saem dos labios de um palavras que melhor condiriam nos do outro.

A conversação irrompe sem preparo, á vista de uma lanugem de monguba, passa aos motivos por que a terra é descurada, e após varios incidentes termina com a descripção summaria das diversas capitánias, desde o rio Amazonas até São Vicente; tal o objectivo do primeiro dialogo. O segundo começa por uma discussão mais erudita que interessante sobre a zona torrida e sua inhabitabilidade affirmada pelos antigos philosophos, desmentida pela experiencia; explica porque apesar de negros e americanos morarem nas mesmas latitudes aquelles têm a pelle negra e o cabelo carapinhado, ao contrario destes, cuja epiderme é baça e cuja cabelleira é lisa; explora a origem dos americanos, exalta as excellencias do clima, enumera as poucas molestias vigentes do Brasil.

O terceiro, estuda as quatro fontes de riquezas do Brasil: lavoura de assucar, mercancia em geral, o trato do pau-Brasil em particular, os algodões e madeiras. O quarto expõe a riqueza que se pôde angariar com o commercio de mantimentos e fala do mel, do vinho, do azeite, da tinta contida nas arvores indigenas e descreve ligeiros quadros da vida vegetal.

O quinto enumera os animaes, subordinados aos tres elementos em que vivem: ar, agua e terra; do elemento mais levantado, do fogo não trata, diz Brandonio, “porque de todo o tenho por esteril, que a salamandra que se diz criar nelle entendendo ser fabulosa, porque quando as houvera, nas fornalhas dos engenhos de fazer assucares do Brasil, que sempre ardem em fogo vivo, se deverão de achar”.

O ultimo dialogo refere no principio os costumes dos Portuguezes, porém a maior parte é consagrada á descripção dos indios, com que termina a obra.

Refutando uma hypothese de Varnhagen expõe Capistrano as suas razões para suppor o autor portuguez, oriundo do Reino. Devia além de tudo ser homem de elevada instrucção para o seu tempo.

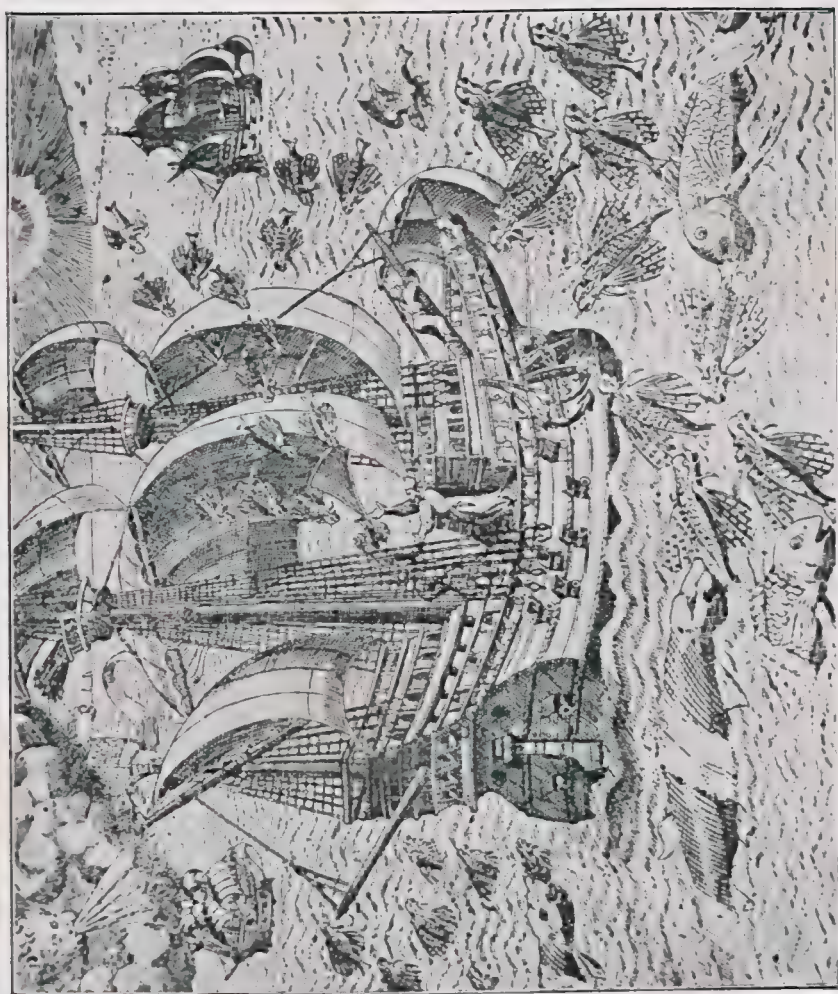
“Não era um espirito simplesmente contemplativo, occupava-o o lado pratico, a applicação possivel. A larga navegabilidade do Amazonas suscita a idéa de aproveitá-la para as communicações com o Perú; a existencia de aves rapineiras lembra, a caça de alenaria; mesmo a secreção mephitica da jaguatataca antolha-se aproveitavel na ordem militar; fazia ou mandava fazer experiencia por conta propria, preparou anil para mostrar que a terra podia dar do melhor, fez examinar em Portugal uma especie de madeira, que lhe pareceu propria ao preparo da tinta de escrever.

Como seus contemporaneos, tinha uma veia de credulidade, fala em palavras fortes de encantamento; avisa que os pagés dos Indios não são legitimos feiticeiros; sobre certos animaes e mariscos, adianta affirmações bem singulares; mas era um espirito aberto aos factos novos; nas ultimas paginas ainda apresenta um facto a favor da origem vegetal do ambar, geralmente contestada naquelle tempo: a credulidade para elle era o principio da critica e da sabedoria.

Era finalmente um escriptor colorido, energico, vehemente, capaz de attingir á eloquencia: a frase sahe ás vezes retorcida para acompanhar o vibrante da sensação; a força vegetativa do novo mundo sobretudo agitava-o vivamente”.

Esplendida a synopse da vida quinhentista brasileira que os *Dialogos* nos inculcam, allega Capistrano com a maior propriedade e profundeza de analyse.

E ao terminar inculca dois rastros novos para o levantamento do anonymato do autor. Não fôra elle o fixador da mysteriosa figura de Antonil.



Nau do século XVI cercada por peixes monstruosos



SciELO

Aventa a hypothese de ser o autor dos *Dialogos* um dos escrivães de Bento Dias de Santiago residente no Brasil desde 1565. contractador dos dizimos de assucar, em Pernambuco, sete vezes, de 1576 a 1585, e recorda que pode muito bem ter sido certo Ambrosio Ferreira Brandão a quem se refere Frei Vicente do Salvador e o texto de uma sesmaria descoberta por Irineu Joffily.

Veiu Garcia comprovar com uma indicação das *Denunciaçãoes do Santo Officio* o que era a perspicacia do mestre autor dos Capitulos de *Historia Colonial*.

“Que Ambrosio Fernandes Brandão foi, como previu Capistrano, um dos feitores ou escrivães de Bento Dias de Santiago — veiu confirmar a denunciação do Padre Francisco Pinto Dóutel, vigario de São Lourenço perante a mesa do Santo Officio, na Bahia, a 3 de Outubro de 1591, em que, como tal, foi qualificado.

Outro foi Nuno Alvares, incluído na mesma denunciação. Eram ambos christãos-novos, ambos accusados de frequentarem a esnoga de Camaragibe, blasphemos e hereges, que trabalhavam e faziam trabalhar aos domingos e dias santos. Eram, portanto, correligionarios, exerciam cargos identicos e deviam ser amigos.

Assim se Ambrosio Fernandes Brandão é o interlocutor *Brandonio*, como está admittido, o intelligente leitor destas linhas será levado a concluir sem maior esforço que o outro interlocutor, *Alviano*, bem póde ser Nuno Alvares”.

Ao *Dialogo quinto*, consagrado á zoologia brasilica, acompanham (como aos demais capitulos) as notas magnificas de Garcia.

Respinguemos nos *Dialogos* o que póde servir de achegas ao nosso escopo.

Assim se exprime um dos interlocutores sobre a riqueza da fauna brasileira:

Determinava alçar-me com a menagem de não cumprir a palavra, que vos tinha dado de vos relatar todas as grandezas do Brasil, porque, imaginando que tinha já saltado o maior barranco, com haver tratado da abundancia dos fructos, como por elles se

faziam os moradores desta terra, ricos, examinei a memoria para decorar o que havia mais que dizer, e achei que fôra o salto curto, e que tinha ainda por diante outros barrancos maiores e mais difficultosos a perder de vista, que são os que o dia de hoje tenho entre as mãos para haver de tratar; porque, se me representam tantas aves de diversas qualidades, tantos incognitos pescados, differentes na natureza e fôrma, desconhecidos do mundo, tantas silvestres feras, estranhas nas figuras e inclinações, que requeriam grandes volumes para se haver de tratar de todas ellas.

Estas coisas me faziam grande carranca para me haver de retirar do promettido; mas, vendo que o não podia fazer sem ficar mal reputado, arrazei-me a passar avante, com discorrer por aquellas coisas que os elementos que rodeiam a terra do Brasil encerram dentro de si, sem tratar do mais alevantado delles, que é o fogo, porque de todo, o tenho por esteril, que a salamandra, que se diz criar-se nelle, entendo por fabulosa; porque, quando as houvera, nas fornalhas dos engenhos de fazer assucares do Brasil, que sempre ardem em fogo vivo, se deveram de achar. E como o seu consorte mais vizinho é o ar, quero começar por elle o que pretendo, que será tratar das aves, assim domesticas como agrestes, que se acham por todo este terreno.”

Depois de se referir aos jacús, mutuns, inhambús, urús e collocar os jaburús e acauans entre os gallinaceos (!) relata o nosso anonymo uma novidade de alto viso sobre os sympathicos e equipaticos anús.

Passaros sem sangue! sem uma só gotta de sangue! Pasmosa ave!

Assim affirma o nosso Brandonio:

“Acham-se tambem pelos campos uns passaros a que chamam *anuns* de uma qualidade estranha, que, além do seu canto semelhar a choro, não tem nenhum modo de sangue, nem nunca se lhes achou e são de uma côr preta tristonha.”

A Brandonio, observa Alviano:

“Nova coisa é para mim a natureza desse passaro; porque nunca ouvi de outro que carecesse totalmente de sangue.”

Depois de se referir a numerosas aves, algumas muito nossas conhecidas e outras inidentificaveis pela synonymia vulgar da época, acceita o autor a versão corrente, desde seculos, da existencia de papagaios de plumagem artificial, circumstancia fabulosa, no dizer do amigo e douto psittacologo Prof. Dr. Sergio Meira.

Diz Alviano:

“Tenho visto em Portugal alguns papagaios, que se levaram de cá, de cores diferentes, mas tão compassadas que davam mostra de serem feitas á mão”.

Responde-lhe Brandonio:

“Assim o são; porque, para se haver de dar essas côres aos taes papagaios, os despem das pennas, e na carne que, ao tirar dellas, lhe fica envolta em sangue, lhe accommodam, pelas partes que querem, certas pelles de rãs, que têm propriedade de lhe communicar as taes cores”.

Entende Mello Leitão que este caso não é invenção de Brandonio. No Norte do Brasil geralmente todos sabem o que significa *papagaio contrafeito* (de que as pennas verdes são arrancadas em certas regiões do corpo nascendo, em vez dellas, outras amarellas).

E recorda-nos o que se lê em Boulenger, o famoso herpetologo a proposito do *Dendrobates tinctorius* cujo nome provem do emprego da secreção summamente venenosa de certas das suas glandulas epitheliaes.

“Este toxico affirma Boulenger é largamente usado para tingir os papagaios verdes *Amazona*. Assim se procede: as pennas verdes e azues da cabeça e do pescoço ou de outras partes, segundo o gosto do operador são arrancadas e os lugares de onde sahem untados com o veneno e frequentemente com o proprio sapo vivo”.

Refere, depois, Brandonio, um caso interessante de luta entre o nosso grande gavião, o *Spizaetus ornatus*, o urutaurana, e um gato em que o rapineiro levou a melhor, o felino, “nelle engarrafando as unhas que a pouco espaço, abrindo o gato, as mãos

Reedita Brandonio uma affirmação perfeitamente rebatida em seu tempo, annota Rodolpho Garcia.

Cousa que nos parece de verdade discutivel é o que affirma o autor dos *Dialogos* acerca de certas ostras do Brasil, dignas do paiz gulliveriano de Brobdinhak “pois seu miolo precisava ser partido ás talhadas com faca para se haver de comer”.

Observa-nos Mello Leitão que alguns exemplares da nossa *ostrea parasitica* cujas conchas são muito avantajadas tem de ser cortadas, senão ás talhadas pelo menos em alguns bocados para serem comidas.

Falando do saramahy conta-nos Brandonio interessantissima particularidade deste mollusco: era menstruado absolutamente como as mulheres.

Assim se refere especialmente a este marisco de “calidade extranha.”

Differente da que tem todos os mais, porque se acha nelle sangue, na forma que o tem os pescados, sem embargo de estar encerrado na sua concha, cousa de que todo outro semelhante marisco carece, e sobretudo o que mais espanta é que, nas conjuncções das luas, lhe acóde o menstruo, como costuma a vir ás mulheres.

Entende Alviano que o amigo pretendia enganar-o e observa-lhe: “Não ousarei eu contar isto em Portugal”.

Agastado com esta falta de confiança na sua veracidade inatacavel appela Brandonio para a opinião publica brasileira.

“Pois aqui vos poderei dar em prova da verdade que trato todos os moradores deste Estado; porque não o perguntareis a nenhum dos antigos da terra, que vos não asselle o que tenho dito por verdadeiro”.

Sceptico objecta Alviano:

“Não duvido que seja assim, mas eu não me quero obrigar a buscar essas provas”.

E o interlocutor encerra o incidente peremptorio e magistral:

“Ninguem vos póde obrigar a que creaes senão o que quizerdes; mas no que digo não ha duvida”.

Depois de referir o caso curioso das migrações de innumera-
veis caranguejos na época do cio, como se fossem correições de
formigas, trata o nosso autor das feras agrestes e domesticas
(sic!).

Dessas ultimas a primeira descripta é o “neptunino ligeiro
e bellicoso cavallo” cujas manadas soffriam immensa devastação
por parte dos africanos, os escravos de Guiné “que os mata-
vam sem reparo, para os haverem de comer, em qualquer parte
que os achavam e ainda aos regalados e de muito preço, furta-
vam das estrebarias onde estavam, para o mesmo effeito”.

Gaba Brandonio a resistencia pasmosa dos nossos caprinos,
“vinte mezes maior do que a dos seus congenes da Hespanha” a
sobriedade, a fineza, etc.

Interessante é o caso por elle referido de um hybrido de
carneiro e cabra proprio do Brasil:

“Deste gado, ovelhum e cabrum, se forma tambem outra
especie da qual eu já tive e muito: a qual é uns mestiços, filhos
de ovelhas e de cabrão, que representando a feição de ambos os
paes tomam de um uma cousa e de outro a outra, com que se
forma case outro animal differente na composição e são excellen-
tes para se comerem”.

Attonito, observa Alviano:

“Nunca ouvi tratar dessa nova casta de animal, nascido de
semelhante mistura”.

Dissipa-lhe Brandonio a duvida;

— Pois aqui no Brasil os ha, e tive já muitos delles, como
tenho dito pelo que não vos fique disso nenhum escrupulo.

Esta affirmação categorica do nosso Brandonio nos levaria a
cancellar-lhe a praça no regimento a que commandaria Epami-
nondas não fôra a affirmação positiva da veracidade do relato
por autores do maior peso, segundo nos informa Mello Leitão.

Lembra-nos o douto zoologo brasileiro que estes hybridos
de cuja existencia duvidava o bom Alviano já eram conhecidos
dos Romanos. Em França tal hybridação era commun e o pro-
ducto da cruz era chamado *chabin*.

Chabin ou *chabris* informa-nos o dictionario encyclopedico de Larousse onde o articulista que trata do caso pende para crer que a fecundação da ovelha ou da cabra pelo bode e o carneiro seja muito rara embora theoricamente nada tenha de impossivel”.

Affirma ainda que o *chabin* passava por bem abundante na America, sobretudo em Cuba, S. Domingos e no Mexico.

Raillet, informa Mello Leitão, encontrou muitos *chabins* no Chile onde eram objecto de exploração industrial devido a certas qualidades de seu couro.

Deixando as feras domesticas passa o nosso homeni, criador de hybridos, ás agrestes depois de sobre ellas chamar toda a attenção do interlocutor. “E se quereis ouvir das naturezas e calidades das alimarias, que ha na terra natural de cá, dae-me attenção e póde ser que vos faça arcar as sobranceiras de espantado”.

Tem o leitor decepção ao ler as notas biologicas e ecologicas de Brandonio, muito aquem do reclamo que lhes é feita:

Repete o escriptor dos Dialogos varias abusões de outros autores como o caso do umbigo ás costas dos nossos suideos selvagens, etc.

Do modo pelo qual as varas de porcos monteizes se aniquilavam por completo é que nos conta singular historia.

“Vae o caçador á parte aonde já tem feito certo o bando delles e ali antes de se amostrar, escolhe uma arvore que lhe fique mais accommodada para poder subir nella, quando lhe fôr necessario, e como a tem preparada, mostra-se ao bando dos porcos com dar alguns brados, os quaes, tanto que o sentem arremetem a elle como leões, para o espedaçarem. O prevenido cacador se acolhe logo á arvore, aonde espera que o bando dos porcos chegue a elle, que incontinente o fazem, roendo-lhe as raizes e troncos, por não poderem chegar ao que se acolheu em cima; mas o prompto caçador como os vê envoltos naquella braveza, não faz mais que com agudo dardo que leva nas mãos picar um dos porcos, de modo que lhe tire sangue, donde os outros em lhe vendo correr arrematam a morder ao que está



THEVET — Singularidades da França Antartica



SciELO

sangrado, e elle por se defender, morde, tambem aos que o perseguem”.

E assim se vão dessangrando uns aos outros enganados com o cevo do sangue, que cada um de si derrama, até que travam todos uma cruel batalha, na qual se vão espedaçando com os dentes até cahirem mortos, estando a tudo isto o caçador segurissimo assentado sobre a arvore, donde com muito gosto espera o fim da contenda para colher o despojo, o que faz de muitos porcos, que no mesmo lugar ficam mortos, os quaes faz levar para sua casa, donde ordena delles o que lhe parece, por ser carne de maravilhoso comer”.

Enthusiasmado com a descripção desta scena de colectivo suicidio porcino, suicidio suicidio poderíamos appellidal-o exclama o bom Alviano:

“Aprazível e deleitosa caça, deve ser essa! Por se fazer presa de tão pouco custo. Tomara eu occupar-me sempre de semelhante exercicio”.



II

Ainda os Dialogos das Grandezas do Brasil. Os prestimos bellicos do cangambá. Frei Vicente do Salvador

Do cangambá e sua fetidez largamente trata Brandonio com um exaggero que attinge as raias do munchausianismo, pois afirma que "um homem ou cavallo attingido pela sua ventusidade perde os sentidos por tres ou quatro horas! ficando arvoado sem dar accordo de si".

Leiamos porém o complemento deste trecho saboroso relativo ao *Conepatus chilensis, ex Mephytis suffocans* (?) Oh a systematica! E ha quem fale das brigas dos grammaticos!

"Os vestidos, sella, estribos, ou a colleira do cachorro, a que alcança o ruim cheiro da ventosidade, nunca mais aproveita para nada, e se deve de entregar ao fogo para que o consuma. E não basta ao homem, a quem isto succedeu, lavar-se uma, dez, nem vinte vezes dentro nagua para effeito de perder aquelle ruim cheiro. antes prevalece nelle por espaço de oito ou dez dias, até que, com o tempo, se vae gastando.

E a mim me succedeu, estando um dia vendo pesar assucar, e entrar na casa de um homem, ao qual havia mais de sete dias que havia tocado a ventosidade do animal, e com vir já lavado muitas vezes, cabello e barba feita, e outro vestido tanto foi o mau cheiro, que de si lançou que nos obrigou, aos que ali estavamos a desamparar a casa e sahir fugindo pera fora com ignorarmos o caso até que elle proprio contou o que lhe havia succedido".

Pasma-se Alviano do que acaba de ouvir e acode-lhe maravilhosa idéa; a da utilização de bandos domesticados de cangambás para fins bellicos.

“Coisa estupenda é essa, e certamente indigna de se poder crer pela sua extranheza e raridade; assim aconselhara eu aos reis e príncipes que buscassem modo de industria para criarem semelhantes animaes domesticos, em forma que não soltassem a ventosidade senão quando lhes fosse mandado; porque com isso venceriam grandes exercitos sem arriscarem espada”.

E por que não? Acaso não era o cavallo admiravel arma de guerra de todos os tempos e o elephante não o fôra outrora? Não o era ainda no Oriente? E o camello e o dromedario? Quanto delles se não utilisavam mouros?

Não empregara Annibal enorme boiada com fachos aos cornos para romper o cerco das legiões do Cunctator? Não mandara fabricar projecteis de barro cheios de serpes venenosas com que bombardeara a esquadra romana, no dizer de douto e imaginoso autor?

Assim tivesse o genial carthaginez á sua disposição algumas centenas de cangambás brasileiros! Havia de os disciplinar e arregimentar. E depois de os levar a carga em “cerrado e luzido esquadrão”, tal qual Pyrrho, ordenara aos conductores dos seus elephantes, dos seus “bois da Lucania”, destroçadores das legiões do Consul Levino em Heracléa.

Tivesse o filho genial de Asdrubal Barca o brasileiro bichinho á sua disposição, que certamente delle se teria utilizado como genialmente o soubera fazer com bois e cobras.

E a face do mundo teria mudado naquella tremenda refrega de Zama Regia em que os elephantes da republica africana tão inefficientes se mostraram.

Onde o pachyderme africano falhara, e tão lamentavelmente, quicá, triumphara o pequenino ophiophago americano! Tudo para maior fama de engenho sublimado do grande cabo de guerra, cujo nome passara a ser um symbolo de perigo immenso e imminente na lingua daquelles inimigos a quem tão pavorosamente sovara no Trasimeno e em Cannas.

Certamente teria o immortal expugnador de Sagunto acceito a suggestão do nosso imaginoso Alviano, homem de largas



e ferteis idéas, acaso fosse possível este contacto do seu grande engenho com o não menos notavel do interlocutor de Brandonio.

Util e original collaboração! E assim se perdera o ensejo de uma suggestão magnifica ao genial zarolho, transpositor dos “Alpes homicidas” e objecto da admiração, sem limites, de Napoleão. Mas como poderia Annibal arregimentar as nossas maritacas bombardeiras do mestre Alviano, mil e setecentos annos antes de Pedro Alvares Cabral, mil e oitocentos antes do talentoso interlocutor de Brandonio?

Não seria o caso de se applicar aqui uma historieta classica dos fastos theatraes sul-americanos a do auto peruano de *Marco Antonio e Cleopatra*? em que o triumviro inebriado de erotismo apostrophá a famosa rainha suicida, da aspide do Nilo:

— Para te possuir, ó mulher frigida, como os gelos da Moscovia, percorrerei, se para tanto preciso fôr, Europa, Asia e Africa!

— E por que não America? reponta-lhe a nariguda filha dos Lagidas

— Porque não foi descoberta ainda! brada-lhe desesperado e sobre elle debruçado o “*ardent imperator*” do famoso verso herediano.

Supponhamos que “ao impetuoso Maharbal” ou a qualquer outro dos logares tenentes do grande Barca houvesse acudido a genial idéa de Alviano. Não haveria então na fauna africana maritacas? Zorrilhos occorrem no afro continente, no Sudão, no Senegal, na Gambia...

Que bella occasião perdida para uma veriravolta completa nos destinos da nossa pobre Humanidade!

Ah! a Alviano á sua admiravel suggestão não se applica certamente aquella estrophe que o meu conhecimento notavel dos *Lusiadas* (abençoado *Diccionario* de Afranio Peixoto e Pedro A. Pinto!) immediatamente me evoca:

“De Phormião, philosopho elegante,

Vereis como Annibal escarnecia

Quando das artes bellicas diante

Delle com larga voz tratava e lia.



Com certeza jámais repararia o vencedor de Cannas ao nosso dialogante das grandezas do Brasil; a criticar-lhe a idéa da utilização da perfumosa maritacaca como animal de guerra.

— *A disciplina militar prestante*
Não se aprende, Senhor, na fantasia,
Sonhando, imaginando, ou estudando
Senão vendo, tratando, e pelejando.

Demos porem de barato este commentario singelo as lições da Historia Universal e tratemos de o applicar as coisas dos nossos reinos e senhorios de Portugal e suas Conquistas.

Oh fôra Portugal garra por não ter sabido utilizar-se da maravilhosa arma de guerra que o Brasil poderia fornecer-lhe. Não sabia valer-se do que era seu! Dahi a sua ruina! Porque não se lembrara o nosso heroico Jorge de Albuquerque de levar a El Rey D. Sebastião uma cohorte de cangambás domesticados, industriados e militarizados. Ahi uns mil destes bichinhos, portadores de gazes asphixiantes naturaes, de repente soltos e intromettendo-se nos esquadrões da mourisma em Alcarcekibir! Não iria a monarchia de Affonso Henriques á perdição dos sessenta annos de captiveiro!

Um apito de commando e aquellas mil vesiculas espalhariam os seus famosos pertumes. Que espectáculo indescriptivel o empinar e revolutear dos bellos cavallos arabes, o arrazamento dos albornozes e dos turbantes, a prostração das cimitarras, dos altanges, dos alcandjares pendentes dos braços inertes dos servidores do Propheta! Que tunda no Crescente e que victoria da Cruz!

E a catalepsia collectiva de homens e cavallos permittiria o triumpho facilimo das armas do rei lusitano!

Mas fora melhor, para o pittoresco da tradição, que do cangambá brasilico se não utilisasse a tactica lusitana. Assim nós outros, avidos do pittoresco da Historia, não teriamos aquella serie de coisas interessantissimas do desastre de Alcacerkibir, do Rei Encoberto da Ilha de São Borondon, das aventuras do Prior, dos quatro reis impostores, da literatura messianica do sebastianismo, dos commentarios as trovas do Bandarra, etc., etc.

E até com isto perdera o nosso minguido folklore desaparecendo a lenda paulista de que é a primeira segunda-feira de Agosto o dia, por excellencia, presago, de todo o anno.

Em todo o caso ao espirito atilado de Alviano cabe a gloria da suggestão do emprego do novo meio de victoria facilmente fornecivel pelo Brasil.

E saudemos portanto este alto engenho que propunha a ar-regimentação destes animaes de guerra que só soltariam a sua "ventosidade quando lhes fosse mandado; porque com isso venceriam os senhores reis grandes exercitos sem arriscarem espaldas"!?

Sisuda e reflectidamente empolgado por tão grande descoberta objecta-lhe Brandonio em coincidencia perfeita de pontos de vista:

— Pois não o tenhaes por graça, porque dessa maneira succederia, quando fôra coisa que se poderá pôr em effeito.

Da nossa pequena *cotiamirim* affirma o conhecedor das coisas do paiz que se *camuflava* inteiramente graças a cauda que, em certa posição, podia envolver-lhe por completo o corpo! O mesmo fazia o *tamandoaçu*.

Da irara é que Brandonio inculca notas biologicas totalmente falsas, confundindo o gosto dos tamanduás pela myrmecophagia com o da feroz e solitaria *galera barbara*, ex *galictis*. Rigos da systematica!

Do nosso lagarto sinimbú affirma que podia passar por grande jejum porque sobretudo se alimentava de vento.

Tratando dos simios do Brasil relata que os nossos guaribas quando invadiam as roças de milho e eram surpreendidos pelos homens matavam as sentinellas do bando por não lhes haverem dado signal da approximação do perigo.

Refere ainda a historieta de Fernão Cardim sobre os bugios que se barbeavam, accrescentando-lhe novidade curiosa.

"Estes guaribas costumam a fazer-se a barba uns aos outros, quando as tem crescidas, ajudando-se para isso de certas pedras agudas, unhas e dentes; e quando se lhes tiram com algumas frechas e dellas são ligeiramente feridos, tornam com muita

brevidade a tiral-a logo do corpo; e, com accendida colera, a arremessam contra o que lha tirou intentando fazer o mesmo que lhes fizeram, e a ferida curam depois com facilidade applicando-lhe certas hervas só delles conhecidas. E quando succede serem feridos de ferida penetrante e mortal, conhecendo seu mal antes de se entregarem a morrer, se dependuram na arvore em que estão, liando na rama della o rabo, de sorte que morrem ali dependurados, sem cahirem pera baixo, tanto aborrecem o serem presos de seus matadores.”

Sobre os nossos ophidios pouco se estendem os *Dialogos*, que reproduzem a historia idiota da caçada do homem e dos animaes por meio da empalação a moda turca.

“Outra sorte ha tambem de cobra, muito mais grande, a que chamam *boaçu*, e nós cobra de veado, porque comem, engulindo um inteiro, quando o tomam. Caçam dependuradas sobre arvores, e de salto fazem a sua presa; e succedeu, arremessarem-se a homens que mataram, com lhes metterem a rabo pelo sesso, por ser parte aonde logo acodem com elle. E destas semelhantes cobras vi eu uma tão grande que tenho temor de dizer a sua grandeza, temendo de não ser crido, e se affirma tambem dellas uma coisa assás extranha, a qual é que, depois de mortas e comidas dos bichos, tornam a renascer como a Phenix formando novamente sobre o espinhaço carne e espirito.”

Retruca Alviano a Brandonio muito surpreso e a invocar o illogismo e o innaturalismo da asserção.

“Isso tenho eu por coisa indigna de se poder pôr em pratica porque não mostra nenhuma apparencia de poder ser verdade. por encontrar ás leis da natureza.”

Mas Brandonio positiva, a reiterar-lhe:

“Já vos disse que eu não o vi, mas ainda me atrevo a vos mostrar pessoas, que vos affirmem haver experimentado o caso assim como volo tenho relatado.”

Como terá visto o leitor não é das maiores a contribuição dos *Dialogos das grandezas do Brasil* para o nosso escopo especialisado. Mas tambem não deixa de fornecer algumas achegas curiosas e utilizaveis.



THEVET — Singularidades da França Antartica



SciELO

Quem dentre brasileiros não conhece a encantadora *Historia do Brasil* de Frei Vicente de Salvador? Só mesmo quem a respeito das coisas patrias entende demonstrar supina ignorancia. O bom, o ingenuo franciscano perpetuou-se até no sub-consciente da alma nacional. Não ha quem tendo meia duzia de letras não haja, pelo menos, ouvido referencias á famosa imagem dos carangueijos a arranhar as areias de nossa costa, nascida de sua inventiva.

Desta obra capital de nossas letras sabem todos que a resurreição procede de Capistrano.

Esteve no seu codice original, da Torre do Tombo, em mãos do segredista Varnhagen que bem poderia com elle fazer o que realisou em relação á obra de Gabriel Soares. Mas entendeu agir diversamente, deixando a Capistrano, filho dilecta de Clio, como diria um “academico do numero” dos Renascidos, o soberbo presente que o Destino lhe reservava.

O texto de Vicente Rodrigues Palha, seraphicamente passado a Frei Vicente do Salvador, conseguiu Capistrano — depois de diversos avatares complicados, nascidos da restricção malfazeja do desinteresse e da incultura de governantes — vel-o impresso em 1889, graças a Teixeira de Mello, e nos *Annaes da Bibliotheca Nacional*.

Nem esqueçamos — o que seria da maior injustiça — como foi incorporado ao acervo de nossa grande livraria nacional o codice esquivo, quasi mythico, de Frei Vicente do Salvador.

Cahiu em 1881, por inexplicavel acaso ás mãos do velho e conhecidissimo alfarrabista portuguez do Rio de Janeiro João Martins Ribeiro, que, num rasgo de generosidade, fez á Bibliotheca Nacional uma doação da maior relevancia.

Quaes os antecedentes desta copia do texto do franciscano Capistrano os desvendou e quem se interessar pelo caso leia a sua *nota preliminar* á segunda edição da *Historia do Brasil*.

Dos originaes de Frei Vicente perderam-se muitos capitulos onde talvez poudessemos encontrar, para o nosso escopo achegas mais valiosas do que as colhidas nesses cinco livros de tão agra-

davel leitura a que hoje precedem outras tantas series de *prolegomenos* da lavra do mestre cearense.

Delles, e com a maior exacção, disse Rodolpho Garcia (aliás enriquecedor do livro em sua terceira edição, graças a uma serie de valiosissimos addendos) “por si só constituem a mais lucida synthese da Historia do Brasil que jámais se escreveu”.

Com a maior propriedade de conceitos lamenta Capistrano a triste sorte que condemnou o livro do franciscano da Bahia a viver ignorado annos e annos;

“Imaginemos que a Historia de Frei Vicente, em vez de ficar enterrada e perdida tantos annos, viesse logo á luz; as consequencias podiam ter sido consideraveis: serviria de modelo.

Os archivos estavam completos e teriam sido consultados com as limitações impostas pelo tempo. As entradas sertanejas teriam attrahido a attenção e o conhecimento dellas, não ficaria em nomes escoteiros, sem indicações biographicas, sem aciegas geographicas, meros “sujeitos sem predicados”.

Muitas anedotas teriam sido colhidas, quebrando a monotonia pedestre ou solenne com que os Rocha Pitta, os Berredos, os Jaboatões affrontaram a publicidade.

Frei Vicente ultimou a “Historia do Brasil” em 1627; só um seculo mais tarde sahiu Sebastião da Rocha Pitta com uma *Historia... da America portugueza.*”

No livro primeiro da *Historia* dois capitulos se consagram á nossa fauna. Annota Capistrano:

“Perderam-se neste livro as estampas do Brasil (p. 19) do cajú e do ananaz (p. 33), do monstro marinho de São Vicente (p. 47).

Os capitulos têm numeração seguida, mas não parecem intactos. Pagina 103, diz o autor já ter tratado da banana de S. Thomé a que não se encontra referencia neste; do trigo de S. Paulo trata no cap. 8.º, não no 9.º como affirma a pagina 51; no 10, depois de tocar de leve nas aves, passa bruscamente aos peixes que não constam do titulo; dos Aymorés trata no cap. 13, não no 15, como affirma no livro IV, p. 377.”

E' bem deficiente a resenha zoologica do franciscano. A dos *Dialogos* lhe leva singular vantagem.

Assevera Fr. Vicente a historia dos porcos monteizes com o umbigo ás costas, mas reduz muito as proporções da matança-suicidio-collectivo dos nossos queixadas e catetos de que tão tragicamente se occupam os *Dialogos*.

E' aliás plausivel este engano dos autores antigos quanto ao caso do umbigo dorsal dos nossos javalis, observa Mello Leitão.

Tal ideia provem da presença no dorso destes suideos da glandula de almiscar cuja abertura ao nivel dos rins dava-lhes a ideia de cicatriz umbilical.

Do tamanduá é que conta a seguinte e pittoresca historieta de aspectos munchausianos:

“E quando se quer esconder aos caçadores, lança o rabo sobre si e se cobre todo com suas sedas, de modo que não se lhe vêem os pés, nem cabeça, nem parte alguma do corpo, e o mesmo faz quando dorme, gozando debaixo daquelle pavilhão um somno, tão quieto que, ainda que disparem junto uma bombarda, ou caia uma arvore com grande estrepido, não desperta, se não é sómente com um assobio que, por pequeno que seja, o ouve logo e se levanta. A carne deste animal comem os indios velhos e não os mancebos, por suas superstições e agouros.”

Dos guaribas affirma que se barbeavam mutuamente ás dentadas. E acerca das cobras que se putrefazião e depois renovavam as carnes, admite o facto como incontestavel, adduzindo a tal respeito novo argumento abonador da verdade do facto.

“Ha tambem muitas cobras, e algumas que engolem um veado inteiro, e dizem os indios naturaes da terra que depois de fartas rebentam e corruta a carne se gera outra do espinhaço, porque já aconteceu achar-se alguma presa com um vime que tinha em si incorporado.

O que não podia ser, senão que ficou junto ao vime quando rebentou e se lhe corrompeu a carne e depois, criando outra de novo, o colheu de dentro e incorporou em si, porém, não se ha de dizer que morrem (como os indios cuidam), senão que com a

carne corruta ficam ainda vivas, e assim não resuscitam mas saram, e algumas se viram já de sessenta palmos de comprimento.

Em Pernambuco se enrolou uma destas em um homem que ia caminhando, de tal sorte que, se não levara um cão comsigo que mordendo-a muitas vezes a fez largar, sem falta o matava: e ainda assim o deixou tal que nunca mais tornou ás suas cores e forças passadas.”

Parece ainda acreditar na fabula das cobras que mamavam em mulheres.

No capitulo das aves ha grandes lacunas e nelle, assim como está, nada encontramos que nos sirva.

No dos peixes, tambem muito mutilado, repete o caso classico do hippupiara de São Vicente, divulgado por Gandavo, e traz novos elementos para que se firme a crença na existencia dos homens marinhos.

“Ha tambem homens marinhos, que já foram vistos sahir fora de apóz os indios, e nella hão morto alguns que andavam pescando, mas não lhes comem mais que os olhos e nariz, por onde se conhece que não foram tubarões, porque tambem ha muitos neste mar, que comem pernas e braços e toda a carne.”

E falando da baleia repete as crendices a respeito da procedencia do ambar.

“Ha muitas mui grandes baleias, que no meio do inverno vem a parir nas bahias e rios fundos desta costa, e ás vezes lançam a ella muito ambar do que do fundo do mar arrancam quando comem e conhecido na praia porque aves, caranguejos e quantas coisas vivas ha acodem a comelo.”

Como vemos, é bem minguido o que Frei Vicente pode fornecer á nossa revista summaria da velha bibliographia brasilica.

III

Claudio d'Abbeville e Ivo d'Evreux

Duas contribuições exóticas e valiosíssimas são por assim dizer contemporaneas da *Historia do Brasil* de Frei Vicente do Salvador os relatos maranhenses dos dois capuchinhos Frei Claudio de Abbeville e Frei Ivo d'Evreux.

A' primeira destas obras celebres de nossa bibliographia prefaciou Capistrano, quando ao volume mandou Paulo Prado reimprimir incluindo-o na sua bella *Collecção Eduardo Prado*, que já diversos outros documentos de inestimavel valia conta, como é ocioso lembral-o.

Pena foi que delles se fizesse tão restricta tiragem.

Diz o mestre cearense:

A "Histoire de la mission des Pères Capucins en l'Isle de Maragnan", escripta por Frei Claudio d'Abbeville, passou por duas edições em 1614 e nunca mais se reimprimiu. Sua raridade levou-a a preços inacessiveis á maioria dos estudiosos.

Entre nós, possuiue um exemplar o erudito Ribeiro do Amaral, no Maranhão; dois, o Instituto Historico, doados por A. Henrique Leal, o zeloso Plutarco maranhense, e Manoel Barata, o dedicado cultor da historia do Pará; mais de um a Bibliotheca Nacional, merecendo especial menção o da collecção Benedicto Ottoni, formada por J. C. Rodrigues; um a Secretaria do Exterior procedente do espolio de Rio Branco; um Paulo Prado, comprado na bibliotheca de Eduardo e aproveitado para a presente reproducção. Não deve estar perdido o exemplar do benemerito Candido Mendes.

Em 1874, Cesar Augusto Marques traduziu a obra, servindo-

se do exemplar emprestado por H. Leal. A maior parte dos que a conhecem leram-na atravez da traducção que, feita na provincia, longe de todos os recursos, proporciona leitura amena, mas não dispensa o original para o estudo. Estudal-o quasi exclusivamente se podia nesta cidade; agora descentraliza-se, liberta-se e torna-se possivel em qualquer parte do territorio o exame deste precioso chronista.

A “Histoire de la mission” pode dividir-se em tres partes: os dez primeiros e os oito ultimos capitulos narram a vinda ao Maranhão e a volta á França; os capitulos 35 a 53 interessam a chorographia e a historia natural; nos outros predomina a ethnographia.

Demorando apenas quatro mezes, Claude d'Abbeville achou tempo de observar muita coisa, e revela-se bom observador; naturalmente não conseguiu aprender a lingua da terra e teve de soccorrer-se dos excellentes interpretes que encontrou, de Des Vaux, mais tarde empregado por Alexandre de Moura na empresa do Pará, e David Migan, morto na batalha de Guaxinduba.

A obra de Claude d'Abbeville seguiu-se a de seu confrade Yves d'Evreux, impressa, não publicada, em 1615. Antes de exposta á venda, a edição foi destruida, salvando-se apenas um ou outro exemplar mutilado. Pelo da Bibliotheca Nacional de Pariz fez Ferdinand Denis a impressão, que a salvou do esquecimento. A mais de um respeito Yves d'Evreux completa o antecessor; seu cabedal linguistico é muito mais abundante e instructivo, pois sua assistencia na ilha durou mais tempo, mas a observação sabia-lhe menos que a introspecção, e muita, vezes os factos afogam-se em considerações theologicas e mysticas, que nos revelam sua psychologia sem alargar os horizontes.”

A esta reedição da *Historia* de Frei Claudio se appõe um “glossario das palavras e frases da lingua tupy nella contidas”; obra de exegese em que Rodolpho Garcia dá-nos nova demonstração do que é o cabedal maravilhoso de seus conhecimentos brasilicos.

Monographia excellente existe hoje em nossa historia reli-



giosa a dos reverendos Padres Frei Fidelis Motta de Primerio, e Frei Modesto Rezende, de Taubaté, que tivemos a honra de prefaciar: *os Missionarios capuchinhos no Brasil*.

“São as chaves de Pedro as da Idade Media” proclamou notavel historiador papal a enunciar a mais profunda verdade. Em relação á historia antiga do **Brasil** o mesmo brocardo se poderá enunciar com exacção *identica*.

Assim pondo de parte qualquer interesse pelo conhecimento da historia da Igreja Catholica no Brasil, uma obra como “Os Missionarios Capuchinhos no Brasil” é digna de attenção de quantos se occupam de assumptos nacionaes.

Representa uma achega de real valia para a melhor ventilação dos factos de nossos annaes. Aos catholicos, escusado é lembrar-o, rememora os serviços immensos prestados por esta ordem de abnegados evangelisadores em quasi já tres seculos de assistencia ás terras do Brasil, que é a dos Menores Capuchinhos.

Para a confecção deste livro coube a seus autores muito pesada tarefa. Material vultoso revolveram que se achava esparso em mil e um pontos; consultaram volumosa bibliographia, recorreram a grande documentação inedita dos archivos ecclesiasticos do Brasil e do Exterior e especialmente de sua Ordem. Foi trabalho tão longo quanto consciencioso.

Delle podemos dar testemunho pessoal por verificar a lealdade dos processos de composição de um dos autores, o Rev. Frei Fidelis Motta, que durante largo lapso, constantemente, frequentou a bibliotheca do Museu Paulista, della haurindo a maior contribuição possivel para o enriquecimento dos dados basicos de sua monographia.

E’ livro, pois, composto segundo o espirito da invocação com que Montaigne epigraphou os seus “Ensaaios”, libro da boa fé, resultante da honesta investigação das fontes.

Para a historia das missões no Brasil, compendia magnifico acervo de dados os mais variados. E de passagem fornece muito pormenor curioso, senão frequentemente precioso, para os narradores de episodios que de perto se relacionam com os fastos missionarios.

A bibliographia brasileiro-capuchinha, que tão justamente se póde orgulhar de obras notaveis — algumas dellas essenciaes — como as de Claudio de Abbeville, Yvo d'Evreux, Martim de Nantes, Bernardo de Nantes, Cocchia de Cesinale, Castro Valva, Mansueto de Val Floriania, Sabino de Rimini, Palazzolo, etc., accresce-se agora de mais um numero de real valor com este bello trabalho realizado sob o titulo franciscanamente modesto de "Os Missionarios Capuchinhos no Brasil".

Sobre os do Maranhão, escrevem Frei Fidelis Motta e Frei Modesto de Rezende depois de referir os primordios da tentativa de occupação franceza:

"Os annos iam passando, e La Ravardiére, desenganado de obter a intervenção official do governo francez, associou-se em 1611, com dois riquissimos fidalgos, Nicolau de Harlay — senhor de Sancy, Barão de Molle et de Gros Bois — e o Almirante Francisco de Razilly, e vieram os tres para o Brasil.

Antes de partirem, Razily, que era muito religioso, foi ter com a Rainha Maria de Medicis, a regente, pedindo-lhe que escrevesse uma carta ao superior dos Capuchinhos a ver se conseguia levar consigo alguns missionarios dessa Ordem para o Brasil. Ficaria contente com quatro religiosos, que no Maranhão construissem um convento.

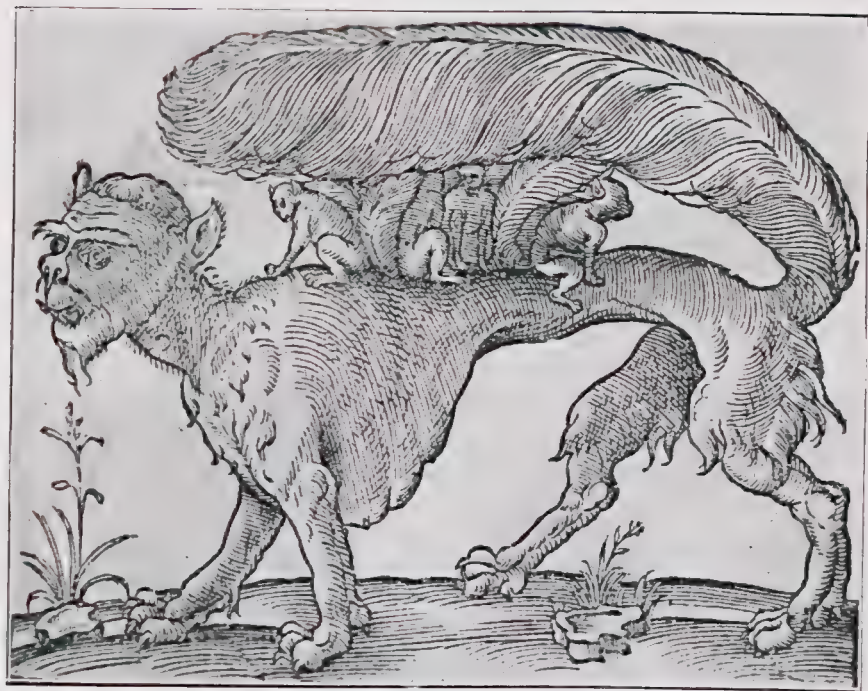
A Rainha, muito de boamente, escreveu neste sentido ao P. Frei Leonardo, provincial dos Capuchinhos, de Paris, o qual, por sua vez, communicou ao seu Superior Maior o desejo da Rainha.

Este respondeu logo ao Provincial conferindo-lhe plena faculdade para agir, como entendesse sobre o caso.

Em vista disso Frei Leonardo consultou os seus frades sobre se queriam, ou não, acceitar a missão.

Todos acceitaram a proposta do Padre Provincial. Mais de cincoenta religiosos se offereceram para a viagem; porém, o Provincial só quiz quatro, atado aos termos da carta da Rainha.

Escolheu os padres: Frei Ivo d'Evreux, que viria como superior, Frei Claudio d'Abbeville, Frei Arsenio de Paris, e Frei Ambrosio d'Amiens.



THEVET — Singularidades da França Antartica



SciELO

Aos 27 de Agosto de 1611, o P. Provincial de Paris enviava ao P. Frei Ivo e aos seus companheiros a “carta obediencia” que os constituia missionarios do Maranhão, no Brasil.

No dia seguinte, 28 de Agosto, dirigiram-se todos para o porto de Cancale, onde estava fundeada a flotilha que os devia transportar para o Brasil. Devido, porém, á demora do apparelhamento da expedição e á necessidade de esperar ventos favoraveis, só aos 10 de Março de 1612 é que a flotilha poude deixar o porto.”

Biographam os dois autores brasileiros os seus illustres irmãos de habito.

“O P. Frei Ivo d'Evreux. Antes de entrar na Ordem Capuchinha chamava-se Simon Michellet, que era tambem o nome de seu pae. Descendia de familia abastada e culta.

Nasceu na parochia de Normaville do bispado d'Evreux.

Fez o noviciado no convento de Rouen. Era muito instruido; conhecia com perfeição o grego, o latim e a lingua hebraica. Na França fora superior do convento d'Auxerre, e depois, guardião do convento de Montfort l'Amaury.

Os seus contemporaneos não souberam admirar nelle os bellos dotes que possuia, como bom escriptor.

Deixou algumas obras de grande valor como: “Suite des choses plus mémorables advenues en Maragnon les années 1613 et 1614” — publicada em 1612 por François Huby.

Essa obra foi destruida por ordem regia, afim de não despertar as desconfianças da Hespanha e de Portugal.

Ferdinand Denis reimprimiu-a, servindo-se de um exemplar já em mau estado, que encontrou na Bibliotheca Nacional de Paris, e que suppunha ser o unico existente. Mas o notavel americanista Gabriel Marcel, menciona outros exemplares, um dos quaes vendido em Paris no anno de 1884 por 1.600 francos!

Em 1618 o mesmo François Huby publicou outro trabalho do distincto capuchinho, intitulado: “*Supplément nécessaire á l'écrit que le capucin Yves, prédicateur a Saint Eloi, a fait imprimer touchant les conférences entre lui et Jean Maximilien Délange, ministre a Quevilly.*”

Esse livro alarmou o publico. Taes foram as queixas e reclamações suscitadas por essa publicação, que o Parlamento da Normandia, em Abril de 1620, condemnou o referido editor ao pagamento de uma multa de cincoenta libras.

O P. Frei Claudio d'Abbeville — nasceu em Abbeville na segunda metade do seculo XVI; e seu nome no mundo era Firmino Foullon. Recebeu o habito dos Capuchinhos no dia 14 de Julho de 1601. Foi o primeiro guardião do convento **construido** pelos seus esforços em Abbeville, cuja pedra fundamental fôra collocada aos 7 de Agosto de 1600.

Era um sacerdote muito illustrado. Escreveu a “Histoire de Maragnon”, da qual sahiram duas edições em 1614, não sendo mais reimpressa, de forma que os poucos exemplares conhecidos foram adquiridos por sommas muito elevadas.

Falleceu o P. Frei Claudio de Abbeville, em 1616, na cidade de Rouen.”

Descrevendo a fauna maranhense nota Claudio d'Abbeville quanto se devia considerar que sempre influíam os animaes ou signos celestes sobre o reino animal das diversas zonas.

Dentre os astrônomos e philosophos alguns havia que pensavam ser o Sol — situado no meio do mundo — quasi como que a Alma do Universo. “Luminosissimo, fonte unica de luz, quente e mediocrementemente secco — era a origem e causa do calor vital, origem de tudo quanto nasce sobre a terra”.

Outros porém de tal opinião divergiam, o grande moderador da vida era a seu ver, o planeta Jupiter.

Espirito conciliador acreditava o nosso bom capucho na influencia conjuncta destes dois bellos planetas (o Sol e Jupiter: sic.).

E explica-o:

Sua orbita está dentro dos limites do Zodiaco; portanto e perfeitamente acceitavel que ambos communiquem suas virtudes áquelle ambito “onde naturalmente tem muito maior influencia do que sobre outros de que se acham notavelmente afastados”.

Dahi o facto de ser o Maranhão como que o jardim zoológico de Jupiter e dos animaes celestes (ou do Zodiaco) e espe-

cialmente do Sol. Assim se explicava a espantosa riqueza da fauna maranhense, composta de animaes innumeros e maravilhosos.

Desta tão plausivel astrologica e astronomica explicação passa o bom franciscano a tratar dos animaes do Maranhão. Começa pelos habitantes do ar, para depois passar aos que se alimentam das aguas e termina pelos que vivem sobre e sob a terra”.

Não o acompanharemos senão no que diz respeito ao nosso escopo. Neste particular a contribuição de Frei Claudio é limitada embora comece bem pois do nosso grande rapineiro o *ouyra-ouassou* (o uirassú, a grande harpyria de Linneu, hoje rara) pretende que é tão possante e tão forte que suspende aos ares um carneiro e com a maior facilidade derruba um homem.

Voracissima, póde comtudo passar quinze a vinte dias sem alimento. Bichinho do prol da famosa ave roca!

Depois de avultada resenha ornithologica de toda a especie, conta-nos o capucho singular historia dos nossos sabiás frequentadores das palmeiras immortalisadas pela obsessão patriotica de Gonçalves Dias:

Grandes comedores de pimenta do reino, era pelos seus escrementos que se fazia a propagação da piperacea exotica, de modo que os indios cuidadosamente lhes recolhiam os dejectos!

“Eis ahi a utilidade deste passarinho que faz o officio de jardineiro, semeando a pimenta do reino pelos bosques. E’ por isso que os selvagens dizem habitualmente que o sabiá é uma ave boa, pois que suas dejecções os habilita a ter foices, machado e outras ferramentas de que precisam.”

Que haverá de acreditavel neste depoimento de tão exquisitos factos?

De varias dezenas é a resenha dos mais salientes membros da avifauna maranhense feita por Fr. Claudio, Neste capitulo se consagram algumas linhas aos maleficios de diversos destes passaros notaveis pela hematophagia: os morcegos. (sic.)

Ha no seu relato um pormenor inacreditavel a saber: é que os vampiros maranhenses se mostravam tão habéis sugadores e

cirurgiões, que ás vezes amputavam o artelho grande de suas victimas adormecidas sem que estas despertassem!

Facto interessante: parece o missionario ter sido bom *gourmet*. Muito o preocupa o gosto da carne das aves maranhenses: optimo, delicioso, excellente, eis os adjectivos gustativos que a cada momento se inscrevem em seus periodos.

Passando aos peixes, refere-nos a existencia de muitas especies maranhenses e neste capitulo ichtyologico inclue o peixe boi, os jacarés, os lagartos e até as capivaras!

A unica extravagancia ahi inscripta é a que diz respeito aos poraquês peixes a que não fazem a menor mossas as mais violentas cutiladas, tanto lhes são molles e gelatinosos os tecidos! Impossivel se torna traspassal-o. Passando aos mamíferos reedita F. Claudio a velha historia de que os nossos suideos têm uma especie de valvula no centro da columna vertebral “por onde exhalam suavissimo odor”. Ainda bem.

Nada encontramos de interessante para o fim que nos occupa no capitulo dos animaes terrestres. O que Frei Claudio fala do tatú e do tamanduá, dos macacos e dos felideos é sobremodo restricto e sem curiosidade alguma.

Tratando das cobras occupa-se com a cascavel a que chama *boyetê*, contando-nos que além de terriveis quatro prezas dispõe de outro apparelho pavoroso de morte: dois dardos, ou agulhões, na lingua, perfurantes como lancetas com os quaes pica maravilhosamente como aliás tambem pode fazer com a cauda!

No capitulo dos *animaes imperfeitos* não ha muito tambem o que respigar.

A tal respeito nota o nosso chronista que o Maranhão não podia exceptuar-se ao resto do Universo; em que paiz deixavam de occorrer animaes imperfeitos daquelles que alguns chamavam *Insectos* e outros *Annulosa* ou *Annulata*?

Pois não havia em França moscas e borboletas, vespas e lagartas, escorpiões e viboras?

De todos os animaes imperfeitos maranhenses os que mais preocuparam Fr. Claudio foram os bichos de pés e os gusanos. Nada de interessante porem relata a seu respeito.

Como vemos em materia de zoologia fantastica brasileira pouco nos fornece o bom franciscano o que aliás é um titulo a favor da sua intelligencia e da veracidade de seus informes, pois com certeza muitas e muitas coisas estramboticas lhe inculcaram os indios e outros depoentes das particularidades do Brasil.

Vejamos agora alguma coisa do que o seu famoso compa-
nheiro de missão escreveu sobre as particularidades mais dignas
de nota da zologia brasileira.

Após os capitulos consagrados aos “Astros e ao Sol” aos
“Ventos, Chuvas, Raios e Relampagos do Maranhão” e logares
vizinhos onde ha muita coisa pittoresca, pois ahi condensa o
nosso autor suas idéas scientificas sobre os phenomenos da astro-
nomia e da meteorologia, apresenta-se-nos o que o bom Frei Ivo
deixou da botanica brasileira em suas paginas “*Des singularitez
de quelques arbres de Maragnan*”, onde a biologia dos varios
vegetaes é exposta a seu modo não menos engraçadamente.

A zoologia brasileira attrahiu muito mais a attenção do pie-
doso capuchinho. Oito capitulos lhe consagra começando por tra-
tar dos “Peixes, Aves e Lagartos (sic) que neste paiz se encon-
tram”.

A primeira coisa que o surpreendeu no Maranhão foram os
peixes de geração espontanea ali viventes, coisa aliás desde mui-
to já assignalada por Alberto Magno quando desvendara a exis-
tencia de certos specimens ichtyologicos que vira surgir no meio
de grande bloco de marmore arrancado de sua pedreira e fendido
ao meio.

No Maranhão verificara Frei Ivo a veracidade do pheno-
meno; em certos ribeiros torrencias ficavam os leitos comple-
tamente seccos, ao tempo da estiagem. Pois bem, era recomença-
rem as chuvas, voltavam as torrentes a correr e logo reappare-
ciam grandes e bellos peixes, semelhantes, em tamanho e colo-
rido, a outras especies existentes nos rios de aguas perennes!
Nasciam, cresciam e morriam com a queda, o accrescimo e a
secca de aguas!

Pois então? geravam-se de que estes animaes? onde as ovas
de que provinham como os outros alias?

A explicação para o nosso autor era uma só; a força e a influencia dos planetas predominantes em Janeiro e Fevereiro (mezes em que nasciam taes peixes) Conjugadas á humidade, ao calor e á disposição do solo provocavam o apparecimento destas especies aqui e acolá.

Melhor prova de tal asserção não podia haver do que a diversidade dos generos ichthyologicos segundo a natureza dos rios em cujas aguas viviam! Nada mais simples... nem mais simplista.

Outra anomalia notavel da natureza no Maranhão: a que ali occorria a um pernalta do genero do *Courlis* de França, o maçarico de Portugal, o nosso bello guará rubro pelo que se deprende da narrativa.

Adulto, tinha pennas e carne vermelhas. Mas nem sempre assim iôra. Nascera com pennugem branca e assim vivera até começar a voar. Ahí passara a ficar negro, persistindo esta côr até certa phase em que virara cinzento para depois acabar escarlate.

Nada mais explicavel commenta o franciscano em curiosa dissertação.

“Decorre tudo isto de razões profundas da Natureza: as cores do pello e da plumagem são funcção da qualidade e disposição do succo do alimento de que se nutre o vivente. Não dizem os philosophos que um e outro, pello e plumagem, crescem e alimentam-se da superfluidade dos alimentos?”

Ora a côr branca da avezinha presuppunha uma alimentação suave e delicada: apenas sahido do ovo, jazendo no berço de seu ninho, vivia o bichinho de moscas e *maringuins* (mosquitos) sustentada por tão debil alimentação a pennugem tinha-lhe fatalmente de se mostrar branca.”

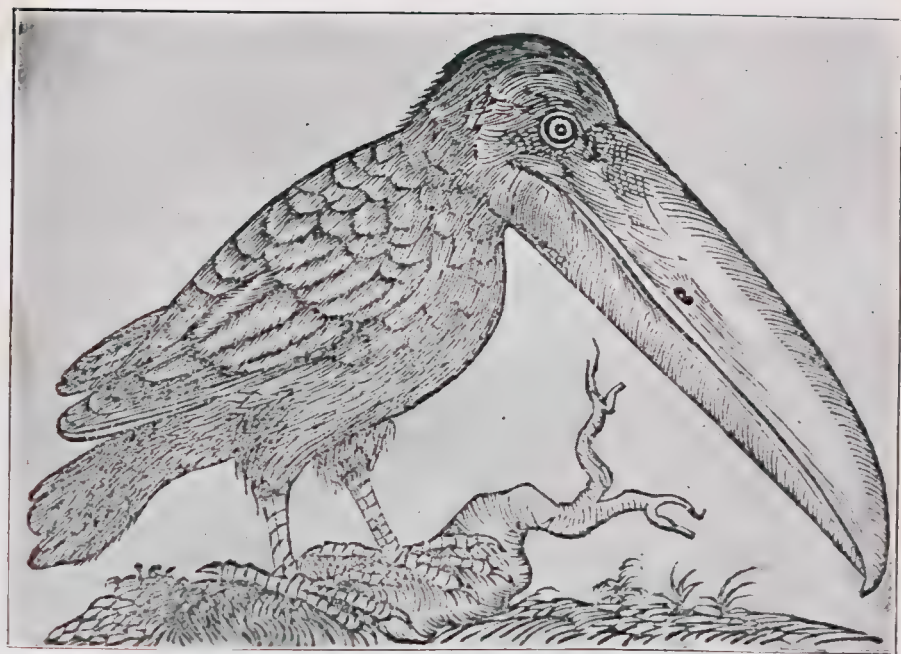
Mas logo depois a vivacidade do calor natural abria-lhe o appetite trazendo-lhe a abundancia e superfluidade de alimento.

Reflectia-se isto pela observação da extrema voracidade da ave que nesta phase comia sem parar ao passo que a plumagem se lhe ia escurecendo até ficar inteiramente negra.

Ahi novo metabolismo com novos resultados chromaticos exteriores: "A cor cinzenta e avermelhada é a consequencia da temperatura desta excessiva avidéz alimentar, uma tendencia á escolha natural de viandas proprias e especiaes a que o animal se sente submettido. Notei que nesta phase o animal tem preferencias por alimentação toda especial, pelos caranguejos que recolhidos ao seu estomago resolvem-se num chylo escarlata que passa a tingir o figado do pernalta e desta viscera conservando sempre o mesmo matiz passa ás veias e ás carnes e destas ainda ás pernas, tornando todo o corpo tão homoganeo e perfeitamente vermelho que se pozerdes a cozer um destes passaros numa panella direis que ali deitastes um punhado de vermelhão."

Que pitoresco introito para uma monographia sobre os nossos lindos guarás, esta pagina singelo e ingenua do bom capucho!





Thevet — Singularidades de França Antartica



SciELO

IV

Ainda Ivo d'Evreux

Continuemos porém a respigar nas paginas ingenuas da *Suite de l'histoire des choses plus mémorables advenues en Maragnan es années 1613 et 1914*.

E antes de o fazer mais uma vez lembremos que a divulgação de tão valiosa obra proveio dos esforços de um amigo notavel do Brasil, sincero, despretencioso, desinteressado quando póde um homem ser e a quem deve a nossa terra relevantissimos serviços; o bom Ferdinand Denis.

Singularidade, e do maior vulto, da fauna maranhense provinha de certo bicho "muito monstruoso", que em si concentrava as tres espheras entre as quaes se repartem todos os animaes deste mundo.

Vivia nos rios e mares como os peixes seus comparticipes do Elemento Agua; compartilhava com os homens e quadrupedes do Elemento Terra e como tambem fosse arboricola repousava e nidificava sobre as arvores como os seus companheiros do Elemento Ar: os passaros.

Faltava-lhe pois apenas o salamandrismo, para se dizer que pertencia tambem ao Elemento Fogo e poder intitular-se o animal dos quatro elementos. Maravilhoso bicho...

"Parecia que os Astros, da cabeça até a extremidade da causa lhe haviam concedido a representação de seus raios e fulgurações."

Na bella cinta de seu dorso viam-se as radiações do Sol e das Estrellas semelhantes ás que os nossos pintores pintam em torno do Globo do Sol e das Estrellas. Quanto á sua pelle mostrava-se ella esmaltada de matizes argentinos e azulados como verdadeiro lambrins do Céu".

Nada mais interessante do que a ecologia deste bicho curiosissimo: A força do sol arrastava-o fora do seio do mar. Subia então ás arvores da praia; escolhendo um galho grosso, deitava-se a descansar. Era ali que desovava. Incubados pelo Sol surgiam os lagartinhos, que acompanhavam os paes de maneira admiravel pastando no mar, no solo e sobre as arvores.

A explicação deste modo de viver era tambem simples. "Quanto mais humido tambem mais somnolento, é um animal. Ora, entre todos os bichos nenhum ha mais humido e frio do que este lagarto do Maranhão. Por conseguinte nenhuma especie existia mais sujeita a dormir do que ella.

E depois, quem não sabe que quanto mais dispõe um organismo da homogeneidade de temperatura tanto mais agradável se lhe torna o somno? Eis ahi porque o lagarto se punha ao sol, sabiamente, evitando os desequilibrios thermicos.

E o instincto lhe inculcava que o gelido corpo não lhe permittia chocar os ovos. Eis porque tratava de os expor ao sol sobre a galhada das arvores.

Do capitulo XLI da obra de Frei Ivo, *De la pesche de Pery*, quasi nada se aproveita para o assumpto do nosso estudo. Falamos estas paginas de pescarias de peixes e jacarés pelos tupinambás.

Dois topicos comtudo nos parecem mais curiosos do que os outros: a affirmação de que os excrementos dos crocodillos serviam de base excellente para o fabrico dos unguentos com que se pintavam as fidalgas e mulheres de jerarchia! Assim tambem um balsamo corrente entre os indios maranhenses e empregado contra as inflamações de ouvidos era composto de sangue de tartaruga e leite humano.

No capitulo consagrado á "caçada dos ratos, formigas e lagartos", exquisita associação! a parte referente aos murideos cubiçados pelos selvagens pouco interesse nos causa. Apenas nos conta Frei Ivo que os tupinambás apreciavam muito mais a carne dos pequenos roedores sylvestres do que a dos suideos e cervideos, e a das pacas e cotias.

Tinham também enorme preferencia pelas formigas; quando na época da cria appareciam as rainhas destes hymenopteros alvorotavam-se as aldeias.

Iam as indias sentar-se em frente aos olhos dos formigueiros e punham-se a entoar singular melopéa: “venha, amigo, venha ver uma belleza que a você dará avelãs”!

Começavam então as tanajuras a sahir e eram immediatamente capturadas. Quebravam-lhe as mulheres as azas e as pernas e atiravam-n’as dentro de potes, onde seriam fritas. Delicioso regalo aquelle!

Caso curioso da biologia de formigas maranhenses vinha a ser o seguinte: num mesmo formigueiro criavam-se duas castas diversas de insectos: os individuos de uma dellas viviam em paz com os da congenere até attingir o desenvolvimento completo. Uma vez perfeitamente criadas sahiam do formigueiro e transformavam-se em verdadeiros bandidos. Emboscavam-se na vizinhança do ninho á espreita dos antigos irmãos a que inexoravelmente trucidavam.

Approximação piedosa trouxe ao nosso capuchinho esta singularidade: o caso do bastardo Abimelech, filho de Gedeão, que assassinou os setenta irmãos legitimos sobre a pedra de Ephra.

Tratando dos lagartos conta-nos o bom franciscano alguns casos dignos de nota. Assim refere que os casaes se ajuntavam em circulo de modo a ficar a ponta da cauda do macho á altura da cabeça da femea e vice-versa.

Perseguiam-nos inexoravelmente certas grandes cobras roxas e outras versicolores de que tinham pavor.

Havia Fr. Ivo assistido a morte de um destes repteis, cujos pedaços ainda tinham vivido vinte e quatro horas, procurando pertinazmente soldar-se uns aos outros.

Facto interessante succedido aos lagartos brasileiros: ennegrecia-se-lhes a cauda com a velhice, tornava-se fragil como vidro e subitamente cahia.

Horrivel alimaria certa caranguejeira maranhense, do tamanho de uma mão fechada! Temiam-na immenso os selvagens. Vivia da corrupção do ar.

Largamente se occupa o nosso Frei Ivo das aranhas, suas teias, suas caçadas e presas predilectas, entre as quaes figuravam as lagartixas. Muitas dellas achavam delicioso o sangue dos ophidios. Diziam os indios que a picada de uma destas aranhas nutridas de cobra era perigosissima; trazia a demencia immediata e a morte, em curto prazo.

Terra como o Maranhão, abundante de cigarras, não havia! Faziam estes orthopteros pavorosa algazarra. Do phenomeno acustico de sua cantoria dá-nos Frei Ivo curiosa explicação e de duvidoso scientificismo, é bom que o lembremos. Viviam estes insectos sobretudo de orvalho...

Da infernal mosquitaria existente no litoral maranhense relata-nos Frei Ivo que os brasis chamavam a estes insupportaveis sugadores de sangue *Maringoins*, de que havia "diversos typos divergentes em grandeza e volume, mas não em forma nem em propriedade".

Curiosa a sua procedencia; nasciam de um humor acriminoso e por isso procuravam os sabores acres e agudos e não os adocicados.

Dahi o facto das praias estarem cheias de tal praga, durante as chuvas: "imundicie nascida do humor do mar e seus vapores". Procuravam no homem o humor salgado entre a pelle e as carnes.

Os grilos no Maranhão eram absolutamente innumeraveis, os indios lhes chamavam *Cuyú*. Ao nosso franciscano estes orthopteros, roedores por excellencia, forneceram nova e esplendida demonstração de que existe a geração espontanea.

Nada mais evidente aliás: fizesse alguém no Brasil uma choupana coberta de folhas de palmeira recentemente cortadas. Em pouco surgiam no tecto da cabana "milhões e bilhões" de *cuyús*.

De onde proviriam? dos matos circumvizinhos? Evidentemente não porque se a casa tivesse o tecto feito com folhas velhas o numero dos grillos se mostrava incomparavelmente menor!

Verificou o facto o proprio Fr. Ivo, que viu, ao cabo de dois ou tres dias, apparecerem as folhas de palmeira literalmente

cobertas de larvas brancas de grillos. Qual a conclusão? Uma unica se impunha: nascera toda aquella cevandija da fermentação das folhas frescas provocada pelo calor solar.

Assim era gerada pelos humores das palmas e não só por este fluido. Do das favas e ervilhas tambem nascia.

Verdade é que igualmente se originava “de pae e mae”, como os demais bichos.

Do cameleão ensina-nos Fr. Ivo algumas particularidades maravilhosas. Ninguém jámais o vira trepar em arvores fructíferas. Assim procedendo obedecia a inspiração da propria Natureza. Tinha este bicho tão frio organismo que se acaso o seu corpo se puzesse em contacto com algum fructo este ficaria logo envenenado.

Era esta a causa que o protegia do assalto e da voracidade dos carnivoros. Receiavam estes morrer intoxicados pela carne gelida do cameleão.

“Assim ninguem encontra este lagarto senão sobre arvores cujo ramos podem servir para lenha. Affirma-se que se este animal fôr atirado a uma fogueira difficilmente será queimado. Acaso estejam pessoas presentes ficarão infeccionadas pela fumaça”.

Realizou Frei Ivo uma experiencia comprobatoria com outro animal pequeno e não muito diverso das virtudes frias, proprias do cameleão.

Atirou-o ao brazeiro mantendo-se, porém, por prudencia afastado. Movia-se furiosamente o bicho no fogo e afinal acabou morrendo, mas conservando a forma e o pello!

Dos vagalumes maranhenses explica o capucho que a luminosidade lhes provinha do humedecimento de uma pellicula diaphana que os recobria.

As abelhas do Maranhão eram como as demais congeneres do Universo: tinham geração original como da *apis mellifera*, já declarara Santo Ambrosio *omnibus originatus integritas corporis*. Cada individuo sem conjuncção com qualquer outro produzia geração.

Um dos mais interessantes capitulos de Frei Ivo vem a ser

o XLVI *Des onces et des guenons qui sont au Brésil*. Depois de narrar que *la plus furieuse beste du Brésil est l'once*, dá-nos uma serie de curiosas notas sobre esta fera sobretudo a respeito da sua predilecção pela carne dos cães e dos macacos.

A este proposito reproduz uma historia da carochinha dos nossos indios a saber que o nosso gatarrão finge-se morto e deita-se immovel á espera da passagem de um bando de simios.

“La premiere guenon qui passe en ce lieu s'arreste et appelle les autres qui viennent incontinent e descendent le plus bas qu'elles peuvent se defians toujours pour tant à fin de contempler et considerer asseurement si leur ennemie est morte, grinçans les dents et marmotans un ramage de congratulations à sa mort: mais elles sont bien estonnées que la trepassée resuscite à leur voix, montant plus viste qu'elles au feste des arbres, ou elles changent leur vie en mort non simullée, ains en verité.”

Depois desta historia relata-nos gravemente que a raça oncina estava condemnada fatalmente á extinção porque cada femea só dava uma cria em toda a vida: Isto pelo facto de que o filhote rasgava o utero materno ao nascer!

Animal monstruoso maranhense vinha a ser a onça marinha, cuja parte anterior era como a do jaguar e a posterior a de um grande peixe. Feroz, como a sua congenere terrestre, precipitava-se fóra dagua para atacar os inimigos.

Refere-nos ainda Frei Ivo que os bugios do Maranhão quando podiam violentavam as indias encontradas indefesas na matta. As suas demais notas ecologicas sobre os simios da região não têm relação com o escopo do nosso estudo e podem passar por exactas ou pelo menos verosimeis.

O ultimo dos capitulos consagrados á fauna maranhense trata “*Des aigles et grands oyseaux et d'autres petits oyseaux qui sont en ces Pays lá*”.

As aguias do Brasil talvez não fossem tão grandes quanto as européas, mas muito mais “furiosas” ousadas e fortes se mostravam”.

Assim, por exemplo, na aldeia de Ouyrapiram um casal destes rapineiros “maravilhosamente furiosos”, quebrava galhos de

árvores mais grossas que uma cova de homem, afim de nidificarem num manguezal, em ponto por onde ninguém ousava passar.

Certo dia estas aves assaltaram dois índios tupinambás, matando-os com a maior facilidade. A tribo dos assassinados, revoltada, reagira matando também o macho e os aguiluchos do ninho. Só escapara a fêmea porque fugira.

Facto extraordinario o seguinte: a furia carnívora de taes aguias tão terrível era que até nos seus despojos persistia. Assim se por acaso se puzessem as suas pennas misturadas com as de outras aves, como por exemplo, as das araras, appareciam as plumas dos psittacideos roídas e até devoradas. Tanto disto sabiam os índios que a mesma flecha nunca as empennavam com as remigias das aguias e de outras aves sob pena da destruição das ultimas.

Era um caso como o que Raspe no seculo seguinte averbára em suas *Aventuras do Barão de Munchausen*: o do sobretudo do verídico barão atirado a um cão hydrophobo, por este mordido e depois inadvertidamente guardado no armario de seu dono onde estraçalhara gibões e casacas!

Outro grande rapineiro maranhense era o *Urassú*, quasi tão grande quanto a avestruz africana! mais alto talvez mas não tão volumoso! Os groues europeus perto destes gaviões americanos pareciam do tamanho de pardaes! Sua glotoneria mostrava-se simplesmente prodigiosa.

Terríveis devastadores da *gens simiesca*, pagava esta, annualmente, á voracidade do memorável e insaciável uirassú, “um tributo de milhões de seu povo”.

Ah se a macacada pudesse persuadir aos selvagens a extincção de semelhante raça haveria de fazel-o gostosamente!

Na avifauna marítima maranhense outra maravilha occorria: uma ave que os francezes haviam baptisado *navalha* ou *canivete de cabo* (jambette). Isto por causa do bico que se dobrava como as facas de mola. Dest’arte taes bicos lhes eram perfeitamente inúteis á subsistencia. Por isso se affirmava que estas aves viviam de vento, exclusivamente, e que os bicos cortantes sô lhes serviam de pretexto para passa tempo.

Assim quando passavam pelas praias iam-se divertindo a acutillar os peixes encontrados o que faziam com a maior destreza, picando-os em dois pedaços. E com isto se contentavam!

Como acabamos de ver a contribuição do bom capucho Frei Ivo d'Evreux foi abundante e farta para estas notas desvaliosas sobre a zoologia fantasiosa do Brasil.





Fauna do Brasil segundo Nieuhof (meados do século XVII)



SciELO

Ricardo Flecknoe — Simão de Vasconcellos

Em 1648 estive no Rio de Janeiro por alguns mezes o jesuita irlandez Ricardo Flecknoe cujo livrinho *Relação de dez annos de viagem na Europa, Asia, Africa e America, tudo por meio de cartas occasionalmente escriptas de logar em logar, a diversas peronalidades fidalgas*, constitue, pela raridade dos exemplares uma das maiores preciosidades da nossa bibliographia.

Não pela valia dos informes, que esta é por assim dizer insignificante. O que Flecknoe disse de nosso paiz em nada lhe abona os meritos de observador, tão despicienda a sua contribuição á nossa xenobibliographia.

Ha no emtanto, no seu texto, algumas notas curiosas, aproveitaveis para o nosso escopo.

Depois de contar que o Brasil é maior que a Europa, afirma o ignacino que em toda esta enorme possessão portugueza apenas havia dois grandes rios e quatro ou cinco portos accessiveis, num littoral "tornado impraticavel pelos rochedos e a floresta densa".

As suas noticias sobre as nossas plantas, os nossos indios, são de pasmosa insignificancia, e a descripção do Rio de Janeiro, unico ponto do paiz que visitou, de desoladora inopia.

Tem o leitor o direito de indagar surpreso: que enxergou este homem em seis mezes de permanência no Brasil? A que ponto chegaria a sua incapacidade receptiva ante o espectaculo de uma natureza tão prodigiosamente diversa daquella a que se habituara até a idade madura?

Leiamos porém o que nos conta da zoologia fantastica do Brasil.

Chegado o seu navio ás aguas da Guanabara viu Flecknoe os marujos pescarem abundantemente uns peixes exquisitos que lhes lembraram a principio os “peixes cabras” das aguas européas.

Tinham os ventres brancos e xadrezados, inflando como bexigas cheias de vento ao serem lançados ao convez. Alguns portuguezes presentes á pescaria preveniram logo que ninguem comesse de taes bichos, cuja carne era venenosissima.

Abundavam nas aguas do Rio de Janeiro, onde tambem viam muito mais especies ichthyologicas summamente toxicas.

Alguns dias mais tarde o nosso Flecknoe, verificava a veracidade desta affirmacão por uma experiencia *in anima nobili*, por meio de um caso pessoal.

Arriscou-se a um banho de mar e sahiu do “salso elemento” vertiginoso e muito mal disposto. Em todos os demais mares tal ablução lhe fora sempre a mais favoravel. Era a presença de enormes cardumes de baiacús que envenenavam as aguas cariocas com as suas emanações letaes a causa de tão positivo mal estar.

Os animaes brasileiros selvagens differiam inteiramente, dos representantes da fauna européa.

Além das onças, leopardos e tigres (sic) alguns eram dignos de nota sobretudo a *pigritas* (sic), animal de movimentos sobremodo morosos, coberto de escamas como o rhinoceronte e flexivel como a serpente: “O proprio Demonio não seria tão feio”, quanto o nosso bradypodideo e “não poderia ser pintado mais assustador”. Caminhava tão vagarosamente, que apenas progredia um passo diariamente.

Da macacada do Brasil o mais notavel era o *Buggus* (sic), que exhalava suave odor.

Numa excursão feita nos arredores do Rio por uma floresta virgem viu Flecknoe as arvores apinhadas de macacos e papagaios cujo alarido vinha a ser tal que impedia a conversa dos

viandantes “a ponto de não ouvirem sequer as nossas proprias vozes”.

Interessante o modo pelo qual os simios procuravam apanhar os papagaios.

Seja como for, o bom Flecknoe, apesar da rudimentariedade de seus informes, não deixou de contribuir com pequenina mas pittoresca achega para o avolumamento deste capitulo curioso que é o da nossa zoologia imaginosa.

Pouco interesse parece ter lhe causado o Brasil, tão deficientes as suas informações. Se acaso nelle houvesse pendor á invencionice, poderia certamente ter avolumado, e muito, as suas paginas com as noticias innumeras e maravilhosas que certamente ouviu acerca de nossa fauna, nossa flora e sobretudo dos nossos selvicolas.

Era mais ou menos ao tempo em que o bom padre provincial Simão de Vasconcellos nos relatava coisas espantosas sobre guayazis e matuyús e coruqueamas, tão esplendidamente cantados pelo estro zurzidor de Bilac.

No seculo XVII, embora ainda muito numerosos, os tratados sobre a fauna fantastica, nota-se que a iconographia é menos ingenua. Ha visiveis signaes de forçamento para os fins de se impressionar um publico menos credulo porque, menos ignaro.

E' o que por exemplo acontece com um livro que aliás teve o seu tempo de aura: a *Specula physico-mathematico-historica notabilium sciendorum et mundi mirabilis aconomia*, grosso tratado de tres volumes infolio, impresso em Nuremberg, no anno de 1696, obra de João Zahn, prior do convento premonstratense de Niederzell.

E' preciso lembrar porém quanto as narrativas mentirosas exaggeradas, ou credulas, dos viajantes, contribuíram para entreter uma atmosphaera de credices, por vezes grosseirissimas, em torno dos assumptos da historia natural.

Nem sempre seriam desleaes os informantes dos tratadistas, frequentemente até conduzidos pela propria tendencia da boa fé universal em acreditar nos depoimentos de informantes boças e selvagens, suggestionados pelas superstições.

Dahi essa enorme massa de escriptores, sobre as terras recentemente descobertas, onde formigam as mais extravagantes babozeiras. Foram elles que forneceram tão copioso contingente á obra colossal de Aldrovando, um dos paes das Sciencias Naturaes modernas como geralmente se sabe.

E' autor de immensa encyclopedia, colossal compilação no genero da do *Plinio da Allemanha*, Conrado Gessner, o prodigioso trabalhador e formidavel compilador de Zurich que, em apenas 49 annos de existencia, soube reunir immenso cabedal util, onde figuram a mina inesgotavel da *Bibliotheca Universalis* o *Catalogus plantorum* e a *Historia animalium*, alicerce primeiro da zologia moderna, no dizer de Cuvier.

Aldrovando este seguindo as pégadas de Gessner começou a publicar, em 1599, o primeiro tomo de suas compilações immensas de que só poude imprimir os quatro volumes iniciaes.

Era esta collectanea muito indigesta, referta de fabulas da antiguidade, abusões contemporaneas, allegorias, apologos zologicos e sobretudo digressões interminaveis.

Tão volumosa que, no dizer de Buffon, se poderia reduzir a um decimo do que é se della se fizesse a ablação das inutilidades alheias ao seu assumpto.

A iconographia de Aldrovando representa precioso cabedal. A fracção aproveitavel de seus escriptos muito serviu para o avanço dos estudos sobre historia natural.

E quanto ao resto valeu immenso para os mythologos antiquarios e eruditos, affirmam os biographos com toda a justeza.

E apesar da publicação posthuma da maior parte de seu acervo, ainda em fins do seculo XIX, possuia a cidade de Bolonha, berço do encyclopedista, muita cousa inedita de tão copioso material.

Dos escriptos de Simão de Vasconcellos, provincial da provincia do Brasil, tratou Varnhagen com real dureza. E bastante injustiça, mesmo, Merito têm, apesar do espirito parcial, da credulidade de seu honesto autor a quem, mais do que outra inspira, frequentemente, a ingenuidade.

Mas que bello repositório se encerra em suas paginas! quanto subsidio da mais alta importancia subministra este informante que, no Brasil, viveu dezenas de annos e dispoz dos archivos intactos dos Collegios de todo o paiz. Vindo para a Bahia aos 19 annos falleceu no Rio de Janeiro aos 74, pouco se tendo ausentado da America portugueza a não ser quando da sua viagem a Roma com Antonio Vieira.

A sua *Chronica da Companhia de Jesus no Estado do Brasil* constitue copiosissimo manancial de noticias sobre o periodo épico da catechese. Raridade de primeira ordem esta obra assim como as *Vidas* de Anchieta e do Padre João de Almeida que se mercam por altissimo preço! São das mais bellas peças dos nossos cimelios.

Um dos tratados mais conhecidos de Simão de Vasconcellos intitula-se *Noticias curiosas e necessarias das cousas do Brasil*.

Nellas se mostra o Padre Provincial perfeitamente ao par da bibliographia geral do seu tempo, sobre o nosso paiz, inclusive a hollandeza citando frequentemente Marcgraff e Piso.

Quem, com isenção de animo, percorrer-lhe as paginas terá a Vasconcellos por menos credulo do que a maioria dos autores do seu tempo.

Referindo-se ao lago de Eupana escreve o Provincial:

“Contão os Indios versados no sertão, que bem no meio delle são vistos darem-se as mãos estes dous rios, (s. c. Amazonas e Prata) em hum alagoa famosa, ou lago profundo, de agoas que se ajuntão das vertentes das grandes serras do Chili, e Perú, e demora sobre as cabeceiras do rio que chamão S. Francisco, que vem desembocar ao mar em altura de dez graos e um quarto.

E que desta grande alagoa se formão os braços daquelles grossos corpos; o direito, ao das Amazonas pera a banda do Norte; o esquerdo ao da Prata pera a banda do Sul; e que com estes abarcão e torneão todo o sertão do Brasil; e com o mais grosso do peito, pescoço, e boca, presidem ao mar.

Verdade he, que com mais larga volta, se avistão mais ao interior da terra, encontrando-se não agoas com agoas, mas avis-



tando-se tanto ao perto, que distão sómente duas pequenas legoas; donde com facilidade os que navegação corrente acima de hum destes rios levando as canoas ás costas aquella distancia entreposta, tornão a navegar corrente abaixo do outro; e esta he a volta, com que abarcão estes dous grandes rios duas mil legoas de circuito”.

E’ em Simão de Vasconcellos que se encontram as referentes aos monstros humanos, habitantes da selva brasileira, os famosos curinqueans, matuyús e guayazis, hoje, tão populares graças ao estro de Bilac como já lembrámos.

Referindo depoimentos de indios escreve o biographo de Anchieta:

“Dizião, que entre as nações sobreditas, moravão algumas monstruosas. Huma he de anãos, de estatura tão pequena, que parecem afronta dos homens, chamados Goazis.

Outra he de casta de gente, que nasce com os pés ás avessas: de maneira, que quem houver de seguir seu caminho, ha de andar ao revés do que vão mostrando as pisadas: chamão-se estes Matuyús. Outra nação he de gigantes, de dezeseis palmos de alto, valentissimos, adornados de pedaços de ouro por beiços e narizes, aos quaes todos os outros pagão respeito: tem por nome Curinqueans.

Finalmente que ha outra nação de mulheres tambem monstruosas no modo de viver (são as que hoje chamamos Almazonas semelhantes ás da antiguidade, e de que tomou o nome o rio) porque são mulheres guerreiras, que vivem per si sós, sem commercio de homens; habitão grandes povoações de huma Provincia inteira, cultivando as terras sustentando-se de seus proprios trabalhos.

Vivem entre grandes montanhas: são mulheres de valor conhecido, que sempre se hão conservado sem consorcio ordinario de varões: e ainda quando, por concerto que tem entre si, vem estes certo tempo do anno a suas terras, são recebidos delias com as armas nas mãos, que são arco e flechas; até que certificadas virem de paz, deixando elles primeiro as armas, aco-dem ellas a suas canoas, e tomando cada qual a rede, ou cama do que lhe parece melhor, a leva a sua casa, e com ella

recebe o hospede, aquelles breves dias, que ha de assistir; depois dos quaes, infallivelmente se tornão, até outro tempo semelhante do anno seguinte, em que fazem o mesmo. Crião entre si só as femeas deste ajuntamento; os machos matão, ou os entregão as mais piedosas aos pais que os levem”.

Reforçando o depoimento de Gandavo e de Gabriel Soares de Souza a proposito do hipupiara e dos monstros marinhos anthropoides affirma Vasconcellos ter-lhes visto os esqueletos quasi perfeitamente humanos!

“Monstros marinhos têm sahido á costa, de cuja especie, nem antes, nem depois sabemos que houvesse noticia em outra alguma parte do mundo. Aquelles descobridores do Brasil, virão o primeiro (de que já fallámos) nas praias do Porto Seguro e depois delles forão tão varios os que se virão, e de tão monstruosas especies, que requerem hum tratado mui grande.

Dos peixes homens, e peixes mulheres vi grandes lapas junto ao mar cheas de ossadas dos mortos; e vi suas caveiras, que não tinham mais differença de homem ou mulher, que hum buraco no toutiço por onde dizem que respirão”.

no ano de 1950, com o intuito de estabelecer um ponto de referência para os estudos de

Re quando o desempenho de G. A. de 1950, com o intuito de estabelecer um ponto de referência para os estudos de

Re quando o desempenho de G. A. de 1950, com o intuito de estabelecer um ponto de referência para os estudos de

Re quando o desempenho de G. A. de 1950, com o intuito de estabelecer um ponto de referência para os estudos de

Re quando o desempenho de G. A. de 1950, com o intuito de estabelecer um ponto de referência para os estudos de



Fauna do Brasil segundo Nieuhof (meados do século XVII)



SciELO

VI

Coreal. Dampier. Informes variados e mais verosimeis

Um dos enigmas da Bibliographia franceza é o que se refere ás *Viagens* de Francisco Coréal. Serão realmente obra de autor que existiu ou contrafacção habilmente obtida por meio de certidura das relações de diferentes viajantes? E' o que até hoje não se desvendou.

Já entre nós estudou o caso o erudito e sempre tão interessante Alfredo de Carvalho, com aquelle enorme cabedal, tão seu, de conhecimento dos autores estrangeiros que escreveram sobre o Brasil.

Lembra o eminente escriptor pernambucano que as *Voyages de François Corréal aux Indes Occidentales* tiveram, em 1722, a sua edição *princeps* em 3 vols. *in-12* e a declaração de traduzidas do hespanhol.

O editor era um livreiro amsterdamez, J. Frédéric Bernard, e foi o livro reimpresso em Paris no anno de 1728, em Amsterdam e em Paris respectivamente, ainda em 1736 e 1778. Possue a bibliotheca do Museu Paulista um exemplar tambem de 1722, em 2 vols., *in-12*, edição de André Caileau, em Paris, na Praça da Sorbonne.

Trata-se, pois, de nova edição da obra de Coréal, e não Coreal, traduzida do hespanhol, diz-lhe a folha do rosto. Serrano y Sansy na sua obra exhaustiva, da *Bibliographia castellana, Autobiographias y Memorias*, não cita o livro que deve ter servido de original ás diversas traducções francezas.

Póde ser, aventa Alfredo de Carvalho, que a versão haja sido feita de manuscripto que se conservou inedito; é muito

provavel, porém, que se trate de algum caso de perfeita apocryphia, destes tão frequentemente lançados á circulação pelos prelhos hollandezes seiscentistas e setecentistas.

Seja como fôr, contrafeito ou não, no livro ha coisas curiosas sobre o Brasil, especialmente sobre S. Paulo e Bahia.

Dizendo-se nascido em Carthagena, no anno de 1648, partiu o mestre Coréal para as suas longas viagens aos dezoito annos de idade apenas. Em 1666, sahiu de Cadiz, visitou as pequenas Antilhas, Cuba e Jamaica, S. Domingos, e, em 1669, percorreu a Florida, de cujos indios conta uma serie de coisas bastante suspeitas. Estava em 1671 no Mexico. Passou depois á America Central e á Nova Granada. Descreve estas diversas regiões americanas e occupa-se em lhes pintar os costumes.

Tem-se a impressão de que era de temperamento absolutamente erotico. Muito o preoccupou sempre a questão sexual nos differentes povos de que fala quer trate de indios, quer de colonos hespanhóes ou portuguezes. Diz horrores dos costumes do clero latino-americano, a que attribue a maior libidinagem.

Ao leitor, de todo, não occorre a idéa de que seja um hespanhol quem haja escripto as paginas sobre “as causas da decadencia dos Hespanhóes nas Indias Occidentaes” ou sobre “os costumes e a religião dos Hespanhóes e dos crioulos das Indias”.

Não é uma mentalidade castelhana que dita taes conceitos sobre assumptos castelhanos. Não ha ahi frase que não esteja a trahir o calvinista, reparador acerbo das instituições de um povo, a quem detesta e despreza. Nem jámais se apontaria, em escriptor algum ibero, portuguez ou hespanhol, quem ousasse, nos principios do seculo XVIII, dizer das coisas de sua gente o que o pseudo carthagense enuncia com o maior desabrimento de opiniões e palavras.

Pretende Francisco Coréal que, depois de haver vivido algum tempo com os inglezes flibusteiros, foi á Inglaterra e de lá passou á cidade natal. Os paes já lhe haviam morrido, os amigos e collegas cada qual tomara o seu rumo. A ninguem mais conhecia em seu berço.

Assim, liquidando a pequena herança patrimonial, resolveu proseguir na vida errante. Partindo para Lisboa, ali se embarcou para a Bahia, onde chegou a 31 de Outubro de 1685.

D'O Salvador, de Santos e dos Paulistas dizem-se coisas curiosas no livro de Coréal. Seja-nos permittido, porém, apresentar alguns argumentos acerca da apocryphia mais que presumivel da tal relação de viagens do pretenso carthagenense.

Já nem falemos mais na impressão inconfundivel deixada pela mentalidade que inspirou o livro: não é de todo hespanhola. Nelle occorre o mais grosseiro estropeamento das mais comeginhas palavras castelhanas: *hilyo* por *hijo*; *diabolo* por *diablo*; *di* por *de capo* por *cabo*, e uma serie de outros vocabulos a que empresta aspecto fortemente italiano. Nem falemos ainda nas denominações geographicas, que estas o autor as deforma do modo mais grosseiro, escrevendo — o que é inadmissivel para um hespanhol: *Cordoua* em logar de *Cordoba*; *Pueblo Veio* em vez de *P. Viejo*; *Terra Fierma* (*sic.*), *Rio Dolce* (*sic.*), etc., etc.

Nada mais errado do que algumas frases castelhanas reproduzidas no texto: *Valghame Dios! estas son heregas luthernas!* etc.

Tratando do Brasil, ainda mais deturpadas vêm as palavras portuguezas: surgem-nos *Christian veio* por christão velho. Pernambuco apparece metamorphoseado em *Pharnambuq.* E no entanto era, de toda a nossa nomenclatura geographica, a palavra mais popular na Europa.

Não pretendemos, de todo, estar a descobrir a falsidade do imaginario viajante: a tal respeito são unanimes os dictionarios encyclopedicos. E' o nosso fito apenas reforçar, por meio de detido exame, a argumentação de taes informantes. Assim, em 1889, diz *La Grande Encyclopedie*: se a obra de Coréal alcançou algum apreço e teve varias edições, não é menos exacto “que sejam muito pouco provaveis a existencia de Francisco Coréal e a realidade de suas viagens”.

Já assignalara o *Grand Dictionnaire Universel du XIX siècle*: varios escriptores tinham por certo que “alguem tomara o nome de Coréal para publicar sobre a America uma collectanea

de documentos extrahidos de diversos autores”, opinião esta reproduzida no excellenté *Nouveau Larousse Illustré*.

Quanto ao *The Century Dictionary and Cyclopaedia*, obra não menos apreciável, entende que “tal livro é geralmente tido como fictício” e que os nomes Francisco Coréal a elle se annexam como com quaesquer outros se faria.

Dizem os dictionarios que a edição *princeps* das *Viagens* é de 1722 e Amsterdam. O exemplar pertencente ao Museu Paulista, provém de Paris e é de 1722 também. A's *Viagens de Francisco Coréal*, propriamente ditas, ajuntou o editor André Cailleau, da Praça da Sorbonne, a relação das jornadas de Sir Walter Raleigh á Guyana, a de Narborough ao Mar do Sul pelo estreito de Magalhães outra de Tasman, cartas de missionarios, etc.

Sahiriam, pois, a lume ao mesmo tempo? Serviu-se Alfredo de Carvalho para o seu “*Um globe-trotter do seculo XVII*” publicado na *Revista do Instituto Brasileiro* (tomo 72, parte 2.^a) da edição de Amsterdam, onde ha topicos que se não encontram na parisiense. Nesta, além de tudo, lê-se a transcrição de um aviso régio, dando o privilegio literario, sobre a obra, ao editor Cailleau, para a França naturalmente.

Não conhecemos a edição hollandeza, mas nella é o autor chamado Correal, segundo Alfredo de Carvalho, ao passo que a parisiense e todos os dictionarios encyclopedicos lhe chamam Coréal.

Todas estas divergencias e a coincidencia das datas da primeira tiragem são, ainda a nosso ver, outras tantas demonstrações da flagrante apocryphia das *Viagens*. Varios capitulos consagra Coréal á nossa Historia natural e ethnographica: *Dos brasileiros indigenas e sua maneira de viver; Dos animaes do Brasil; Das arvores, frutos e outras plantas do Brasil; Da guerra dos brasileiros indigenas e do modo pelo qual procedem em relação aos seus inimigos; Da religião dos selvagens do Brasil; Dos casamentos dos brasileiros e varios usos destes selvagens*.

O que ahi se lê nada de muito interessante revela; é a serzidura das informações de muitos autores quanto á Botanica e á Zoologia. Percebe-se que o homem consultou a valer a

obra de Maregraf: quanto aos costumes, o velho Hans Staden. Com a salacidade habitual demora-se, detidamente, nos paragraphos referentes á vida sexual dos nossos selvagens.

Do *Tayussú*, o javali do Brasil, diz Coréal que vivia magro e escanifrado porque espumava continua e extraordinariamente Feio e disforme, o que o tornava exquisito, era o buraco das costas por onde respirava “como os porcos marinhos”.

Veado exquisito era o *Aguty*, de unhas caprinas, cauda curta e orelhas como as das lebres européas.

Pobre cutia transformada em veado!

Bicho de cabeça horrenda, mas de bellissimo couro, o pag ou *pagua* preto e branco (?)

Quanto ao *jacará (sic)*, era elle um grande lagarto domestico com que brincavam, impunemente, os meninos brasileiros.

Entre as feras brasileiras uma havia, odiada pelos indios: a *ianowara*, que lembrava os galgos europeus pela altura a gracilidade das pernas e a velocidade da carreira.

Bicho de pelle mosqueada, o que o tornava de aspecto feroz eram as longas e cerradas barbaças. Terrivel devastador de animaes e homens, delle se vingavam os brasileiros quando o podiam surpreender em seu covil: faziam-no então morrer a fogo lento, com requintes chinezes de suppliciamiento.

Tambem! quem o inandava ser tão máu!

O Hay, do tamanho de um cão, com cara simiesca e ventre com enormes mammas pendentes, cauda e unhas longas, era muito temido pelos indios, sobretudo por causa das garras immensas.

Ninguém jámais o vira comer nem beber. Vivia de ar!

O coaty, no dizer de Coréal, tem a boca tão pequena que nella não cabe sequer o dedo minimo. Quando apanhado, põe-se a rolar embolado de uma banda para a outra e era inutil tentar-se, pela força, querer desembolal-o. Mas, se lhe apresentavam formigas ou outros insectos, este bichinho, guloso como raros, immediatamente se desenrolava. Virava peixe para morrer pela boca.

Na ornis brasileira um dos mais curiosos especimens vinha a ser o colibri, cuja voz se apresentava estentorica! Cantava alto e melodiosamente como o rouxinol.

Os nossos morcegos é que tinham o tamanho e o volume das gralhas.

São estas as principaes singularidades que o impostor Coréal narra e uteis ao nosso escopo.

Apesar de amortecida pelo decurso de longos annos, ainda se conserva vivida nos fastos da armada britannica a memoria de William Dampier, ousado maritimo, que, nascido em 1652, começou a navegar desde menino e foi verdadeira celebridade em sua patria, nos principios do seculo XVII. Orphão e muito pobre, tivera, ao começar a vida, de trocar a escola primaria pelo convés de um navio de pesca, na Terra Nova.

Navegou longamente no Atlantico Norte, no Golfo do Mexico e Mar das Antilhas; adquiriu enorme pratica desses mares, foi administrador de fazenda na Jamaica, fez-se flibusteiro, andou a piratear pelas costas do Perú, voltou á Inglaterra, engajou-se na expedição do Capitão Cork, que pretendia saquear as cidades hespanholas do Pacifico. Assistiu aos assaltos infructiferos de Guayaquil e da esquadra da prata peruana, e, depois, agindo por conta propria, assaltou as povoações do norte do Mexico.

Tendo soffrido seria revez resolveu converter a sua jornada de flibustice em viagem circumnavegatoria. Cruzando pelas Ilhas Nicobar, quiz ali permanecer para montar uma feitoria, destinada ao commercio do ambar. Teve muitas aventuras perigosas, em que, por diversas vezes, escapou de perder a vida, e, afinal, conseguiu ir para a India, onde visitou numerosas cidades. Em 1691, estava de novo na terra natal, julgando-se que conseguia entrar para a Marinha Real.

Em 1698 deram-lhe o commando do "Roebuck", navio de 12 canhões e cincoenta tripulantes, incumbindo-o de empreender longa viagem de descoberta. Era o coroamento de ardentes desejos. Sahido da Inglaterra, em Janeiro de 1699, tocou na Bahia e dahi singrou para a Australia. Após haver visitado Timor e a Papuasias, attingiu a costa occidental australiana, na bahia que

denominou dos Cães Marinhos. Já nesta época verificara que a Nova Guiné é uma ilha.

Pensava proseguir nas descobertas pela Oceania, mas precisou voltar á Europa, não só porque já perdera muita gente de seu reduzido effectivo, como porque aos sobreviventes da longa navegação não conseguia mais impôr a disciplina, exaustos como se achavam e exasperados.

De volta á Inglaterra, teve de abandonar o navio na ilha da Ascensão, tão avariado estava. Repatriado, não conseguiu conter-se. Sabe-se que em 1705 estava de novo no Pacifico e de 1708 a 1711 serviu na esquadra de Woodes Rogers, que fazia uma viagem circumnavigatoria. Foi quem pilotou a divisão ingleza no assalto a Guayaquil, desta vez tomada e saqueada, sendo-lhe neste ataque confiado o commando da artilharia. Dahi em diante não se ouve mais falar de Dampier. Ignora-se mesmo onde e quando morreu.

Escreveu muito e largamente sobre a auto-biographia. Tiveram suas obras numerosas edições, sobretudo a "Viagem a volta do globo", a "Viagem á Nova Hollanda" e "Tratado sobre os ventos".

Nestes livros havia muito que aprender, na época de sua apparição. Cheios de observações curiosas e importantes, redigiu-os em estilo attrahente, revelador da energia e virilidade características da sua personalidade.

As observações nauticas trazem notaveis conhecimentos profissionais. Homem de real intelligencia, muito se interessava pelas coisas da Historia natural, mostrando quanto conhecia do avanço das sciencias em seu tempo, muito embora não as cultivasse.

Da sua estadia na Bahia restam-nos algumas paginas curiosas onde numerosos e variados pormenores se lêem, muitos delles realmente saborosos, sobre os nossos costumes coloniaes e a vida seiscentista da capital brasileira.

Intelligente e instruido como era Dampier, reservou nada menos de dezeseis paginas do relato de sua viagem ás terras austraes para um apanhado da flora e fauna bahianas.



Sómente grapha nomes de plantas e animaes por vezes de modo impagavel e irreconhecivel. Escutando-os em portuguez com um ouvido mal habituado, quiz dar-lhes como era natural, a equivalencia das vozes britannicas.

Assim vemos citados entre os especimens caracteristicos da flora da Bahia: "Sepiera", o "Vermiatico", o "Comesserie", o "Serrie", o "Fustich" e a "Guittaba", madeiras de lei. A "Sepiera" optima para tesouras; o "Vermiatico", para canóas. O "Comesserie" e a "Guittaba", para obras navaes, tão apreciadas quanto o carvalho na Inglaterra e mais duras que o robre: o "Serrie", muito semelhante ao olmo.

O "Vermiatico" do illustre marítimo deve ser o nosso vinhatico; não ha muita perspicacia em advinhal-o, mas aos outros lenhos é que se torna duro identificar. Muito interessante o que se conta da fibra da copa de um coqueiro, preto e semelhante á crina dos cavallos, fortissima, imputrescível e a que os portuguezes chamavam "tressábo" (sic). Por esta transformação da nossa piassava avalie-se o que vae pelos outros nomes, coisa de "surmenagear" aos mais resistentes cerebros de etymologistas, destes que conseguem affiliar "alfana a equus", segundo a conhecida pilheria franceza.

Falando dos algodoeiros do Brasil, refere Dampier uma especie nova, que attingia dimensões colossaes, dando uma penugem admiravel para almofadas e travesseiros. Infelizmente tão curta a fibra que era intecível, se nos permitem os leitores este neologismo quiçá necessario. A paína, não deve ser outra, não attribue Dampier nome portuguez.

Falando das boas fructas do Brasil, lembra as laranjas, deliciosas (as de certa qualidade então, maravilhosas), as limas e limões doces romãs, ameixas (na Bahia chamadas "Muncherons"), as uvas selvagens, as mangas, importadas da India, as nozes verdadeiras do cacau, as "bonanos", "guavas", os "mamuns", os "cachius" e os "jennipos", "arisás", "pitangos" e "mericasás", fruto delicioso de gosto picante e muito saudavel, "pitumbos", "mungarús", "musterans de ova", "otis", "inguas",



Fauna do Brasil segundo Nieuhof (meados do século XVII)



SciELO

“muquixós”, “dendis”, “mendibis” (sic, sic, sic!) e outras frutas a que ainda annexa até a mamona ali chamada “carrepat”!

Destas diversas frutas (?) fala-nos o navegador com alguma pormenorização: gaba a doçura do caldo dos “cachiús” o gosto picante dos “jenipopós, o sabor agradável dos “arisás”; o paladar excelente dos “pitangos”, a rudeza dos “pitambós”. Os “Mangarús” (?) grandes como as cerejas, vermelhos e brancos, não os provou, mas “os muquixós” (?) (“muchisaw”) do tamanho das maçãs selvagens, estes tinham bom gosto.

Do “ingua” (?) (talvez ingá) nada refere a não ser que provinha de grandes arvores. O “otis” passava por muito bom.

Quanto ao “musteran-de-ova”, redondo, do tamanho de uma avellã, negrusco, comia-se inteiro. Refere aliás o nosso viajante que descrevia taes frutas sob a informação de um irlandez, residente na Bahia.

Do “dendie” se fazia azeite: achou-o desagradável este elemento primordial da cozinha vatapasica :quanto aos *mendibis* comiam-se torrados, assim como as sementes de mamona!

Muita hortaliça e boa encontrou na Bahia, e drogas como a “raiz de cobra”. Tomou a precaução de trazer dentro de livros muitas folhas seccas da flora brasileira.

Tendo feito excursões no Reconcavo annotou o nosso viajante quanto a terra lhe pareceu fértil com os seus prados admiravelmente vestidos e as suas plantações de canna, adgôdão, fumo, anil, milho, tuberculos comestiveis, de permeio com pomares opulentos e vastos.

Passando a tratar da fauna bahiana lembra Dampier a grande quantidade de aves selvagens as “yemmas”, os “macaws” (araras) ali chamadas jacús (sic), “grandes papagaios, mais raros que os demais”, os “cogrecos”, “jeneties”, “boubys”, “noddys”, “galdens”, “currecons”, “currecos”, “maokeras”, e os “só bico” (o tucano). É difficil a identificação destes passaros, cujos nomes têm assonancias tão pouco lusitâneas. É tudo isto além de uma infinidade de pombos, cegonhas, patos gallinaceos pernaltas, de beira mar... etc. Avestruzes só no sul da Bahia, e sobretudo na extremidade meridional da America do Sul. Como aves do-

mesticas havia duas especies de gallinhas: os exemplares de uma dellas levavam muito tempo a emplumar-se e attingiam grande desenvolvimento, ao dobro do volume de uma gallinha européa. Apreciadissimas, vinham do campo esqueleticas, para serem engordadas na cidade, valendo até 30 e 36 vintens cada uma! Preço enorme.

Como mammiferos, lembra Dampier, “os cavallos, gado grande e pequeno, cabras, coelhos, porcos”. Do bichinho pouco amado de Moysés e Mafoma passa ao leopardo (continuando pelos tigres, raposas, macacos, javalis (chamados “picas” (sic), tatús, crocodilos, “guanos” chamados no Brasil “quitis”), lagartos, cobras, sapos e rãs, “além de uma especie de criatura amphibia a que os Portuguezes davam o nome esturdio, e sem significação, “*de cachorra de agua*” (sic), ao passo que os Ingleses, muito mais intelligentes, simples e apropriadamente appellidavam “cachorro d’agua” (waterdog)! prova incontestavel da superioridade cultural britannica diria de si para si o nosso navegante e flibusteiro.

Tigres e leopardos, grandes e muito bravios, não chegavam mais á costa, rechassados que haviam sido para o interior das terras. Macacos havia-os, muito grandes uns, minuculos outros, estes horrendos e fedorentissimos.

Muita cobra venenosa, como a cascavel, e uma, sobremodo perigosa, pequena serpente verde, de 18 pollegadas de comprimento, a “cipó”, calumniada aliás, como outra tambem, a que chamavam os Portuguezes “cobra de dos cabeças”, animal vivendo á moda das toupeiras e de mordedura incuravel!

Falando da “serpente dagua”, a nossa sucury, bicho de 30 pés de comprimento, refere Dampier um processo curiosissimo de apreensão das presas pelo gigantesco ophidio.

Eis uma nota a ser conservada pelos zoologos, que tão pouca coisa ainda conhecem da biologia da monstruosa “Eunectes”.

No dizer do nosso informante, mergulhava a sucury a cabeça apenas via apparecer á superficie das aguas alguma refeição em perspectiva, homens ou animaes, pois tinha o monstro uma capacidade formidavel de deglutição. Escondida a cabeça,

punha o bicharoco dez a doze pés de cauda fóra da tona, que zurzia horizontalmente varrendo a superficie das aguas e a margem dos alagadiços com tanta violencia, que nada lhe resistia. A presa agarrada era sufocada no fundo da agua. Era o caso de se perguntar se Archimedes, na defesa de Syracusa, com o seu famoso cabo ou calabrote mecanico que derrubava os pelotões romanos não se inspirara na manobra, quiçá conhecida sua, de algum minhocão africano congenere do nosso e parente da famosa serpe immensa que se bateu com o exercito de Regulo, segundo Tito Livio.

“Ha pessoas dignas de fé, conta-nos Dampier, que affirmam projectarem taes cobras a cauda na direcção em que percebem a sombra de um homem ou animal sobre a agua, conseguindo os seus intentos frequentemente. As pessoas que precisam aproximar-se de seus esconderijos disparam as espingardas de vez em quando para as assustarem. Assim se escondem aterrorisadas. Um irlandez relatou-me que, dias antes de minha chegada, quasi lhe fóra o sogro enlaçado pela cauda de um destes animaes, que errara o bote de uma ou duas varas”. Operação esta que causara enorme pavor ao redivivo velhote, o que aliás sem a minima difficuldade se comprehende. “Diz-se que taes cobras têm uma caleta grande e bons dentes, do comprimento de seis pollegadas”.

Com receio de que o accusassem de contar casos mais tarde tidos como dignos do famoso barão germanico, e do fidalgo francez, seu emulo, de nome gascão, resalva o navegante: “Não vi, aliás, a mór parte destas criaturas de que acabo de falar, mas de pessoas de bom senso e dignas de fé, habitantes da Bahia e entre ellas algumas que comprehendiam o inglez, tive estas informações”.

E ainda para que não se duvidasse da authenticidade da graphia de tantos nomes exóticos que acabara de traçar, ajuntou: “E bom avisar que eu escrevo todos estes nomes estrangeiros segundo o modo pelo qual a gente da terra os pronuncia”!

VII

Os holandeses no Brasil. Nieuhof.

Não tardaria no século XVII, que de nova procedencia, além da portugueza, viessem contribuições enriquecer a bibliotheca zoologica brasileira. A occupação hollandeza no Nordeste provocaria o apparecimento, como tanto é sabido, de numerosos trabalhos sobre a nova colonia batava que a Companhia das Indias Occidentaes pretendia implantar no Brasil.

E quem conhece um pouco menos superficialmente, as nossas coisas, de sobra sabe o que representa uma serie de nomes illustres ou reputados como os de Marcgraf, Piso, Barlaeus, Laet, Montañus, Nieuhof, Moreau, Linschoot para só citarmos os mais conhecidos.

Dentre estes autores um dos mais universalmente espalhados é João Nieuhof, allemão westphaliano, agente diplomatico e commercial da Companhia das Indias, cuja vida politica quasi toda se escoou no Oriente longinquo.

E com effeito, nascido em 1630 e entrando para o serviço da Companhia como *sobrecarga* (officio cujo nome é hoje assaz desueto e tinha por attribuições o contracto da negociação dos navios mercantes) passou em 1654 a residir em Batavia.

Tanto se distinguuiu que, no anno immediato, mandaram-no servir na embaixada especial encarregada de obter do governo do Filho do Céu a abertura dos portos da China ao commercio hollandez.

Mallogrou-se esta, graças a actuação dos missionarios jesuitas que, então, tinham grande influencia na côrte do Imperador Chun-Tchi da casa dos Tai-Tsing, a dynastia Mandchú recente-

mente imposta ao Imperio do Meio pelos tartaros. Foi então Nieuhof mandado a Amsterdam explicar aos directores da Companhia o mallogro de taes negociações.

Voltando, logo depois, ao Oriente, inspeccionou as feitorias neerlandezas do Indo China e foi governador de Ceylão de 1662 a 1667. Occupou-se então em organizar feitorias e depositos em diversos pontos, tendo em vista o trafico.

Em 1672, visitando as costas de Madagascar, desembarcou certa vez e internando-se desapareceu. Debalde o esperaram os companheiros: jámais reapareceu. Suppõe-se que haja sido assassinado numa emboscada dos malgachos.

Deixou Nieuhof relações de viagem sobremodo apreciadas no seu tempo: lograram numerosas edições e traducções.

Além da narrativa de sua infeliz embaixada, citam-se diversos trabalhos deste autor batavo-germanico.

Posthumamente se imprimiu, em Amsterdam, e em 1682, a sua *Viagem pittoresca ao Brasil, maritima e terrestre* ou na lingua original *Gedenkweerdige Brasiliaense Zee en Lant Reize*, profusamente illustrada e de que ha assaz vulgar traducção ingleza. Nesta se intercala a iconographia da tiragem hollandeza.

Nas pranchas zoologicas de Nieuhof occorrem reproducções de animaes nossos absolutamente impagaveis, como, por exemplo, os altamente fantasiosos *mieren-eeter*, mixto de raposa e tamanduá: *schildverken*, hybrido de queixada, e tatú *hooyschrenkel*, producto de gafanhoto e libellula, com face humana, o *vliegende draekye*, especie de lagarto alado ornamentado de magnifico bocio, etc.

Vejamos, porém, alguns factos interessantes relatados por Nieuhof sobre a zoologia brasilica.

O camaleão, ou salamandra indiana tambem chamado Gekko, não occorria sómente no Brasil e sim tambem na Ilha de Java.

Gecko era-lhe o nome onomatopaico. Berrava este camaleão insupportavel e longamente.

Bicho de um pé de comprimento e de dentes tão fortes que até se gravavam em placas de aço tinha o sangue tão venenoso que de uma mordida sua só escapavam os miseros humanos que

incontinentemente lhe applicassem o ferro em braza ou fossem logo ás de cabo amputando o membro attingido! O sangue do gekko, gelido já pelo aspecto, dava signaes de sua lethalidade terrivel.

Em Java para envenenarem as flechas assim procediam os indigenas, penduravam o demonio da salamandra de cabeça para baixo. Começava a babar e o liquido que della sahia era recolhido em pequenos potes e posto a evaporar-se ao sol.

Durante mezes mantinham os javanezes o batrachio-lacertilio alimentado nesta posição de summa commodidade. E assim se obtinha “o mais forte dos venenos do Universo”.

A urina do Gekko esta era tão terrivel que não só empolava a pelle como tornava a carne negra, causando gangrena immediata!

Elle, Nieuhof, vira no Recife fazer-se enorme buraco numa parede onde se entocava um gekko, cuja vizinhança alarmava a todos.

Entre as cobras innumeradas do Brasil cita o nosso autor, uma serie de serpes de nomes pittorescos Boiguacú ou Siboya, Arabo, Bioby, Boitrapo, Amorepinima, Kakaboya, Jakapekoaja, Bapeba, Gurinipaijaguara, Vona, Kurukakutinga.

Algumas destas serpes elle as baptisa de modo menos estrophiado como *Kurukukú*.

E algumas vêm designadas pelos nomes reaes como Boicinga, Jararak, Kaninana.

Enumerando estes ophidios, começa Nieuhof por descrever o que os indigenas chamavam Boicinga, ou Boicinga ou ainda Boisuirá, e os Portuguezes Kaskaveda (sic!) ou *tangedor*.

Um guizo de cascavel collocado no recto era causa de morte instantanea do paciente! muito mais lentamente agia o dardo da serpe.

Bom remedio contra os accidentes ophidicos era o que se usava no Brasil: cortava-se a cabeça da cobra e esmigalhava-se-a num pilão até se obter uma cataplasma, a ser applicada sobre a parte offendida. Muito mais efficaz se tornava o emplastro quando recebia a contribuição da saliva de um homem em jejum.

Quando o veneno affectava as partes nobres do corpo usava-se a *Piproka* como cordeal acompanhada de fortes suadouros.

A cobra *Guaku* ou *Siboya*, o gigante dos ophidios era chamada pelos portuguezes *Kobre dehado* (sic). Não tinha lá esses venenos. Nem de longe se comparava, portanto, á cobra *vaga* ou *cobra de das cabeças* (sic).

São estas, quer nos parecer, as mais interessantes particularidades que sobre a zoologia fantasiosa do Brasil ministra aos seus leitores o autor allemão, a serviço dos batavos, inventor do café com leite segundo reza a tradição dos fastos da rubiacea *Brasiliae fulcrum*.



Indio da tribu dos Iwaipanoma, exis-
tente na Amazonia segundo mappas
hollandezes do seculo XVIII



SciELO

VIII

Pedro Aucourt e Padilha e suas "Raridades"

Valor desta obra como padrão de cultura. Curiosidades e mais curiosidades

Bem pouco se conhece de Pedro Norberto de Aucourt e Padilha, fidalgo da Casa Real Portuguesa, Cavalleiro da Ordem de Christo, Secretario da Mesa do Desembargo do Paço. Nasceu em Lisboa e em 1704 ainda em 1759 vivia.

Não conseguiu o admiravel Innocencio, quasi sempre informadissimo, fixar-lhe o millesimo do desaparecimento do mundo.

Como é lacunosa e deficiente a bibliographia luso-brasileira! Mais merecia o nosso Padilha do que as pequenas referencias a seu respeito divulgadas.

Basta lembrar que, de sua autoria, corre o primeiro livro portuguez narrando a viagem terrestre de Lisboa a Paris, "obra escripta com muita curiosidade, dando noticias historicas e politicas ainda hoje dignas de leitura com algum interesse, pelas particularidades que encerram".

Depois desta descripção, de uma jornada, naquelle tempo longa e trabalhosa, publicação de 1746, com mais de 350 paginas in 4.º, ainda apparece como biographo da "serenissima senhora D. Isabel Luiza Josepha, jurada princeza destes reinos de Portugal e Algarve", calhamaço volumoso e raro.

O terremoto tremendo do dia de Todos os Santos, que arrazou a capital de D. José I, levou-o a entregar aos prelos os curiosos *Effeitos raros e formidaveis dos quatro elementos, dedicados ao infante Dom Manoel*, obra escripta para confortar os animos dos que se achavam aterrados pelos horrores da catas-

trophe. E logo depois ainda lhe ajuntou uma *Carta em que se mostra falsa a prophecia do terremoto de Primeiro de Novembro de 1755*.

Desde o momento em que se viu levado a tratar dos grandes phenomenos telluricos descambou Aucourt e Padilha para o estudo das coisas maravilhosas; dahi a composição do seu volume das *Raridades da Natureza e da Arte, divididas pelos quatro elementos, escriptos e dedicados á magestade d'El Nosso Senhor D. Joseph I* (Lisboa, na officina de Francisco Luiz Ameno, 1759, 4.º de 504 pags).

Entende Innocencio, de cuja maravilhosa sciencia das coisas portuguezas nos valemos que tal obra é “livro de muita curiosidade e recreação, para o tempo em que seu autor o publicou.”

Para nós a obra de Aucourt e Padilha possui inestimavel valor por causa de um de seus topicos, aliás brevissimo, aquelle em que relata a ascensão, em presença de D. João V, do apparelho de papelão construido por Bartholomeu de Gusmão.

Isto elle o imprimiu em 1759, *vinete e quatro annos antes das primeiras experiencias dos Montgolfier*.

E' a primeira obra impressa em lingua portugueza, quer nos parecer, em que se haja relatado a subida da *Passarola*.

No mais as *Raridades* têm real valor, mas unicamente como documento das credices e abusões correntes no publico portuguez de seu tempo.

Traduzem a ingenuidade, a boa fé, a credulidade de um homem, fidalgo da Casa Real, Cavalleiro da Ordem de Christo, Secretario da Mesa do Desembargo do Paço e não portanto nenhum quidam. Pela sua mentalidade se aferia certamente a de muitos dos principaes portuguezes seus contemporaneos.

Este “Tratado das raridades da Arte e da Natureza que se podem descobrir na divisão dos quatro elementos” dedicou-o Aucourt e Padilha, como vimos, á majestade fidelissima do Sr. Dom José I rei de Portugal e dos Algarves, etc., etc.

E tal offerta, sobretudo para se enquadrar em sua época não podia deixar de ser laudatoria.

Assim discorrendo sobre os quatro principios imaginados pela Escola Aristotelica como base da constituição do Mundo queria lembrar a Sua Majestade as palavras do Conde de Cervellon a Carlos II da Hespanha: “occupara o Ar com seus applausos, a Terra com os seus exercitos, a Agua com os seus navios, deixando o Fogo para os corações dos Vassallos!

Mas isto que hyperbole fôra em Castella, podia-se com verdade proclamar em Portugal, sobretudo porque o Fogo que purificava as proprias chammas no generoso espirito de Sua Magestade, não procurara outro centro para illustrar as suas luzes!

No prologo explica o nosso Padilha o que o levara a compor o seu volume: o combate á ociosidade e a obediencia ás inclinações literarias. Era a recreação dos livros heroica industria para poder alguém ser feliz sem depender da fortuna.

Acabava Lisboa de ser arrasada pelo tremendo terremoto de primeiro de Novembro. Não só arruinara o autor do novo tratado, e sepultara innumeras vidas como as officinas da sabedoria pela perda das bibliothecas.

Assim se tornara preciso recommençar a reunir novos elementos de cultura e civilisação sob pena de grave retrocesso da Nação Portugueza.

Tinha o mestre Aucourt seus receios, das severidades da critica acaso reservada ás suas lucubrações philosophicas e encyclopedicas. Mostrava-se temeroso da censura “nascida da vil malevolencia da vontade”.

Verdadeira peste da Republica das Letras, atrevidamente cruel, essa critica “da petulancia não respeitava a graduação dos sujeitos”. Que o dissessem Platão e Cicero! Que se ouvissem a tal proposito as queixas amargas até de um São Jeronymo!

Por este motivo respondera o grande Antonio Vieira com um simples sorriso aos commentarios aggressivos de uma freira “porque o desprezo era o mais proprio castigo para a soberba”.

O doutissimo oratoriano Manuel Monteiro recusara ler as satyras feitas contra o seu *Novo Methodo* “reputando tão grave peccado perder o tempo em lel-as como em forjal-as”. Feijó, este, categorico, declarava em seu prologo que jámais tomaria

conhecimento do que contra elle dissessem “pretendendo instruir ao publico e não responder a ignorantes”.

Citando outros graves e doutos autores passa o nosso homem forte descalçadeira “aos zoilos e phaetontes da critica, aos sapateiros reparadores de Apelles”.

Termina por estas candidas palavras reveladoras de sua summa modestia.

“Bem sei que todas estas ponderações devião intimidar-me a não expor-me como Autor á face do mundo, porém só como as obras sublimes vejo arguidas estou seguro de que as minhas não sejam censuradas.

Se não obstante o forem, pouco importa que os criticos de má boca as não possam tragar, padeceu maior injuria a Iliada de Homero em ser engolida por um jumento, que não só a despedaçou mas tambem a comeu.

Em fim soffrel-as-ei como se soffrem as cevandijas do Estio que supposto inquietam não causam outro damno”.

Assim como vê o leitor sangrava-se em saude o hom do homem que applicava á *Iliada* o restrictivo autoral a seu ver indispensavel.

Escriptas as *Raridades*, que Francisco Luiz Ameno ia imprimir na sua *Officina Patriarchal*, era preciso fazel-as passar pelas forcas caudinas das Licenças, do Santo Officio, do Ordinario e do Desembargo do Paço.

Pela inquisição falaram seus qualificadores D. Thomaz Caetano de Bem e Fr. Francisco de S. Luiz. O primeiro desembarcou o livro por nelle nada encontrar contra a Religião Catholica. “Estudo deleitavel, e util constituia um painel da Omnipotencia Divina”.

Seu collega muito menos longo foi: qualificando o livro de volume de proveitosa leitura constituia até como que uma encyclopedia de conhecimentos geraes. Admiravel que um homem occupado com os negocios do Primeiro Tribunal da Côrte ainda achasse tempo para compor tão proveitosas paginas!

Prestigiosissima a approvação que se segue á dos dois qualificadores. Assigna-a o nome illustre de Diogo Barbosa Ma-

chado. E em que termos! “Para immortal credito do sublime talento, e erudita instrucção dos seus patricios nunca cessa a penna, sempre elegante, do autor deste livro na laboriosa producção de diversas obras, succedendo umas ás outras com mais copiosa abundancia, do que aquelle com que o fingimento poetico orna a arvore plantada no jardim das Hesperides coroada de successivas frutas tão estimaveis pela materia como pela fecundidade”.

Terminava este foguetorio por formidavel gyrandola: “Eterniza-se nos Fastos da Republica literaria o nome do autor acretor dos applausos da Fama”.

Pelo Desembargo do Paço falou, dando o *placet*, o oratoriano João Chevalier. Lembrou ao Rei que aquelle livro era verdadeira encyclopedia de conhecimentos scientificos, acompanhada de bem fundados discursos, solidas reflexões, discreta e inedita critica, nascida de uma erudição vasta e de raro engenho”.

Assim apadrinhado entrou o volume do nosso Aucourt e Padilha no mundo da bibliotheca lusitana.

Vamos a ver se os seus ensinamentos realmente correspondem aos elogios dos que lhe permittiram o transito pelas livrarias. Distribue-se o alfarrabio por dez secções correspondentes aos quatro elementos aristotelicos e a magia natural e artificial; intercalando-se-lhes uma parte intitulada: Introducção sobre a Arte.

Consagra-se a primeira secção, como era de esperar á Terra englobando numerosos e variados capitulos, sobre animaes e plantas raras, natureza rara da terra e petrificações, vegetação de metaes, isto de envolta com gigantes e anões, satyros e centauros, partos monstruosos e hermaphroditas, individuos viventes que não bebem, nem comem, etc. etc. Como vê o leitor é o programma variado e largo.

Tratando da grave e debatida questão da sympathia e da anthipathia lembra o autor que os naturalistas “attribuindo á sympathia ou á antipathia os effeitos raros da Natureza, deixa-

ram na mesma escuridão os seus milagres sem explicarem alguma causa destes effeitos porque davam este nome a tudo o que não entendiam”.

Sympathia era no entanto o parentesco do coração e do genio. Por este motivo o elephante se domesticava á vista do carneiro e a vinha tinha horror á couve!

Já o grande Agrippa notara a ogerisa extraordinaria do crocodilo pelo escorpião, do leão pelo gato, da doninha pelo sapo. Parecia menos exacta a pretensa má vontade do lobo pela ovelha. Cremos que a “antipathia irreconciliavel” por nosso autor assinalada não é a archiconhecida *La raison du plus fort est toujours la meilleure*

Na especie humana as questões de sympathia se mostravam curiosissimas.

Por exemplo, em Bruxellas, havendo certo sujeito rico perdido, em uma rixa, o nariz, comprou o de um pobre diabo a quem o cirurgião amputou o appendice transferindo-o ao rosto do desfigurado rixento. Pois bem, ia tudo ás mil maravilhas quando, passados treze mezes, começou o tal nariz comprado a apodrecer, cahindo logo depois. Porque? porque o desnarigado que o vendera havia morrido!

Coisa muitissimo sabida: os picados da tarantula só ficavam curados quando os arachnideos aggressores morriam!

Tambem coisa incontestavel: os pós sympathicos deitados á urina de um enfermo e mettidos em uma garrafa, bem tapada e coberta de cinza quente, faziam o doente transpirar apenas se aquecia o liquido. E o cirurgião mór, Dr. Torres, afiançava que “os effeitos de taes effluvios eram tão poderosos que se faziam sentir até a uma legua de distancia!”

Mas simplesmente pasmoso vem a ser o que o cavalleiro professo na Ordem de Christo, e Fidalgo da Casa Real, relata do caso de uma criança castigada, de certa e pouco olosa travessura, por meio de sympathia.

Ouçamos-lhe as proprias e interessantes palavras, neste relato em que pessoalmente figura: “Pouco tempo ha que no jardim de minha quinta, achando-se entre as murtas, hum asque-

roso deposito, muy opposto á fragancia das flôres, lhe deitarão um pouco de brazido para castigar o author dessa immunda travessura; e não passarão dous dias, que huma criança que confessou tella comettido não estivesse com a parte inferior tão queimada, que fazia lastima vela e foy necessario curralla” (sic!).

Para justificar este e outros casos espantosos lembra o nosso autor o que dizia o Padre Estacio de Almeida, oratoriano de finissimo juizo: “os philosophos modernos fôgem de falar nos phenomenos de Electricidade porque talvez lhes desmanche as regras em que nos explicam os outros”.

Ahi estavam os antigos e as mais notaveis autoridades a relatar factos na apparencia extraordinarios. Não lembrava Plutarco magnifico remedio para reduzir o touro mais feroz á mais completa mansidão? Bastava amarral-o a uma estaca de figueira. Uma cauda de lobo posta numa cavallariça não era sufficiente para enfastiar os solípedes completamente, a ponto de os fazer emmagrecer e muito?

As questões de sympathia entre os homens se verificavam sobretudo com os gêmeos. Conhecidissimo, em França, o caso do Presidente de Bauquemar. Tinha este magistrado um irmão militar que em combate recebera mortal ferida. Pois bem! á hora de sua desgraça o irmão sentado em seu gabinete, sentiu os mesmos effeitos, morrendo poucos dias depois!

Por estes, e outros motivos, recommendavam os naturalistas a acção therapeutica dos frutos e plantas cujas formas lembravam as dos órgãos humanos na cura das enfermidades destes.

Eis ahi porque em S. Paulo ao morrer o veneravel Belchior de Pontes, lhe deram a comer buxo de ema torrado, com a esperanza de que pudesse moer os grandes calculos vesicaes que lhe causavam horriveis dôres, relata-nos o bom Padre Manoel da Fonseca, em sua vida do illustre ignacino paulista.

O caso da applicação da carne de rato torrada e do pello de cão á cura das mordidas do roedor e do canideo derivava da mesma ordem de idéas. Affiançava Aucourt e Padilha que para a picada da vibora sô valia a applicação, sobre a ferida, da cabeça esmagada da serpe; para a do crocodillo a górdura do mesmo saurio.

Como explicar semelhantes prodigios? comparando-os ao caso dos instrumentos musicaes em que a vibração de uma corda punha tambem em movimento as demais.

A Natureza cheia de prodigios, não offerecia folhas das quaes uma das paginas provocava chaga e a outra curava?

A' affinidade da sympathia contrapunha-se a repulsão das antipathias.

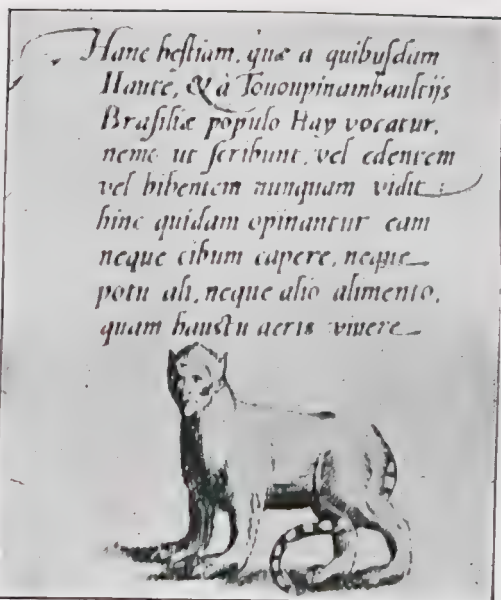
Seria impossivel fazer medrar em contiguidade carvalhos e oliveiras, vinhas e loureiros! As andorinhas odeiavam as rãs e igualmente as ovelhas; assim tambem os veados ás cobras, o elephante ao sapo e ao porco. Por que razão o gallo se assustava vendo o milhafre? seria por medo? não! nunca! Se elle não tinha o minimo receio do leão! Referiam-no uma serie dos mais prestigiosos nomes como os de Plinio, Scaligero, Oppiano e muitos mais.

Segundo Santo Isidoro de Sevilha qual o melhor meio de curar a borrachos chronicos de seu vicio? dar-lhes a beber vinho em que enguias fossem afogadas. No entanto um amigo do autor, pessoa de toda a respeitabilidade, fizera varias vezes tal experiencia e sem resultado algum!

Mas o mais curioso é que existiam "iguaes raridades no amor e no odio". Tal o odio da aguia ao pobre do pato que as suas pennas postas em contacto com as do palmipede a estas destruiam muito mais rapidamente do que ás de outras aves!

Como a vibora temesse o carangueijo graves medicos recomendavam muito aos picados pela serpe que comessem crustaceos abundantemente. Era bem sabido o odio entre o leão e o lobo cervical. Pois bem, os sangues dos dois carnivoros, postos no mesmo vaso não se misturavam tal qual se dava com a agua e azeite. Até entre os homens taes phenomenos occorriam. Quem desconhecia o caso da incineração dos cadaveres dos dois irmãos, filhos de Edipo, os famosos e irreconciliaveis inimigos Eteocles e Polynice? As chammas que lhes consumiram os corpos se separaram mostrando, pela ultima vez o tremendo rancor que os agitara a vida toda.

De antipathias celebres refere o nosso Padilha muitos casos:



O HAY — animal monstruoso figurando
em numerosas cartas da America do Sul
e do Brasil no seculo XVII



SciELO

tal a do principe de Schwartzemberg que tão grande asco tinha aos ratos que bastava a passagem de um murideo, por perto de si, para fazel-o ter febre! O rei D. Pedro II, de Portugal, já-mais tomara vinho nem azeite, liquidos que lhe causavam a mais absoluta repulsão.

Taes effeitos se communicavam até aos objectos inanimados. Se perto de um tambor de pelle de cordeiro faziam rufar outro de couro de lobo o primeiro enrouquecia!

Diante de tal affirmacão, observamos nós, quem recusará acreditar na historia da hydrophobia do casaco do barão de Munchausen de que resultou o espedaçamento de toda a rouparia do fidalgo, estraçalhada pelo paletó mordido?

Abundavam os mais curiosos resultados das antipathias.

“Quantas vezes a dous enfermos em huma casa fazia mayor effeito a purga ao que a não tomara do que áquelle que a bebera?

Os mordidos das aranhas da Albania, morriam, uns rindo inextinguivelmente e os outros chorando interminavelmente.

Era isto o que explicava o caso singular da virtude do toque de algumas pessoas.

A's vezes procediam as sympathias de virtudes conferidas sobrenaturalmente, como se dava com os Reis de França cuja imposição de mãos curava as alporcas.

Frequentemente, porém, outras causas explicavam estas singularidades.

Tal o caso relatado pelos doutor Ludovico Bartema e Odoardo Barbosa. Certo rei de Cambaya, criado desde pequeno com veneno, era tão pestilento, em seus humores, que tudo quanto tocava deixava apestado. Bastava cuspir em uma pessoa para a matar"! Nenhuma de suas mulheres chegou a ter mais vida que a noite de seu noivado"!

Assim Sua Majestade de Cambaya se mostrava mil vezes mais mortifero do que o Barba Azul que praticava a infancia da arte da polygamia com o seu famoso gabinete de mulheres des-sangradas.

Aos phenomenos da sympathia se prendiam os casos inti-

tulados de vistas perniciosas. Enquadrava-se ali aquelle a que se referiam notaveis autores como Plinio e Solino: a da cabra Catolesa, da fauna lybica, cujo bafo envenenava o ar e fazia morrer os viventes que a ella se chegavam. Não havia muito, toda a França se admirara do caso relatado pelo *Journal de Verdun* em Novembro de 1735, verdadeiramente prodigioso. O do sujeito que pondo-se a fitar um sapo fazia com que o animal, dentro em pouco, cahisse em convulsões e logo depois morresse. Mas de repente, um bello dia, se soubera, que repetindo a experiencia com certo sapo, puzera-se o batrachio a olhal-o com tal arrogancia, que o fizera cahir, desmaiado a ponto de todos o imaginarem morto”.

Os romanos, segundo Plinio, sabiam da existencia na Scythia, de mulheres que tinham as meninas dos olhos dobradas fazendo morrer todas as pessoas a quem fitavam.

Ainda em 1710 a Academia das Sciencias da França abraçava a opinião de que dos ovos de gallinha, sem gemmas gerava-se o basilisco, o pestifero lagarto de tão perigosos olhares.

Em Napoles, queimara-se, em praça publica, um sujeito que prostrava morta qualquer pessoa, com a simples vista. Ao começar, o supplicio confessara que dest'arte trucidara um bispo!

Mas não faltava quem objectasse: porque então não matava os juizes que o haviam condemnado?

Esta questão da acuidade da visão, que podia ser benefica ou malefica, documentavam-na os doutos. Neste numero estava o Dr. Willes. Conhecera este sabio certo sujeito cujo cerebro tinha temperamento tão calido que depois de ter o homem bebido abundantemente vinho espirituoso, podia ver distintamente nas trevas”.

Parece, accrescenta o nosso Aucourt, que esta faculdade se havia tambem de communicar a quem estivesse perto d'elle.

A respeito dos phenomenos humanos largamente se espraia o cavalheiro de Christo.

E de passagem relata que D. Manuel o Venturoso tambem devia ser alcunhado *longimano* como o persa Artaxerxes pois, estando erecto, podia com as mãos tocar os joelhos.

Do Papa Urbano VIII não se contava que o embalsamamento lhe revelara a presença de um osso atravessando-lhe o coração?

E Bayle, autoridade de tão grande prestigio, conhecera certa dama franceza que á cabeça trazia “aquelle ornato que nos varões casados seria discredito e nos solteiros agouro”.

Bartholino, o grande physiologista e anatomista o homem das glandulas salivares não attestava que certo frade de S. Justiniano, em Padua, tinha os mesmos pennachos á cabeça e remoia o comer como um boi?

Doenças extravagantes relata-nos Aucourt em barda, citando a de certo pastor francez, homem alto e rijo, a quem em tempo os ossos lhe amoleceram a ponto de poder dobral-os! A sua estatura minguara acabando o pobre por ficar do tamanho de um menino de tres annos.

Quanto aos gigantes o seu caso era controverso. Varios doutos os admittiam e outros lhes negavam a existencia.

Falava Plinio do arabe Gabbara homem de mais de tres metros. Golias tinha mais de cinco e Og rei de Basan, perto de sete. Monsieur Henrion, academico da Academia de França das Bellas Letras, chegara por meio de sabias deducções a descobrir que Adão devia ter 36 metros de alto e Eva 35,4! Já Moysés só contava cinco! De seu tempo para cá andava o *homo sapiens* a ficar nanico!

Sabios inglezes haviam averiguado que o homem deitado espichava porque o curso dos espiritos o dilatava sobretudo quando dormia.

Continuando a sua resenha de factos extraordinarios lembra Aucourt e Padilha, a proposito da relação entre a sobriedade e a duração da vida, o caso espantoso de certo frade trino, Fr. Luiz Salazar que pereceu no terremoto de Lisboa.

Com cem annos de idade comia e bebia por cem homens, toda a castã de manjares, e diversidade de bebidas, “apesar da pasmosa raridade de que jamais descomia sem o intervallo de quinze ou vinte dias: A não se empenhar toda a terra no golpe de sepultal-o parece que elle e o mundo verião ao mesmo tempo o seu fim”.

Nos capitulos sobre “pessoas decrepitas que tiverão sucessão e outras que tiveram grande numero de filhos”, lemos cousas interessantissimas. Assim ahi se narra o caso, averiguado, indementivel, de Mechtilde, condessa de Hollanda que com um só parto augmentou o numero dos batavos de trezentos e sessenta e seis unidades, de ambos os sexos!

Nas paginas sobre a antecipação do entendimento recolhe o facto espantoso do menino de Lubeck Christiano Herecken, nascido em 1721. Aos treze mezes sabia as Escripturas sagradas de cór e salteado! Aos dois annos e meio estava senhor da geographia e da historia e falava latim e francez perfeitamente. Aos tres annos era insigne genealogista e aos quatro morrerra na Dinamarca onde fora cumprimentar o Rei desse paiz.

Duvidassem os criticos de tal prodigio! quando uma serie de autores doutissimos os abonavam. Elle Aucourt e Padilha lhes responderia esmagando-os com os conceitos do grande Feijó! “Nuestro grossero modo de discurrir la posibilidad al estrechissimo ambito de la experiencia. aquello, que nunca vemos imaginamos repugnante. Como si lo poco que Dios haze presente á nuestra vida fuesse el ultimo esfuerzo de la Omnipotencia. Poner raya a lo possible es poner-se-la al Todo Poderoso”.

Continuando a sua resenha passa o mestre Padilha a tratar das crianças de extraordinaria vida uterina. Assim nos conta da Duqueza de Verdade de quem falava o douto autor Alberto Gratz: “pejada durante dois annos tivera um rapaz que não só andara logo depois de nascer como falava perfeitamente tudo!”

IX

Anomalias, prodigios, curiosidades phenomenaes do mundo zoologico

No capitulo consagrado ás monstruosidades vemos coisas de summa curiosidade. Em 1759 um autor abeberado em Plinio e Santo Isidoro de Sevilha, Aulo Gellio e Diodoro de Sicilia, fala-nos de homens habitantes das paragens reconditas do mundo. Uns com quatro olhos e outros com um só, outros sem cabeça tendo as feições da cara perto do peito, outros sem nariz, outros com o beijo superior tão comprido que lhes podia cobrir o rosto, outros quasi sem boca outros ainda com os pés tão grandes que lhes serviam de barraca ao se deitarem, outros mais ainda, com pés de boi e não menos de oito dedos em cada pé e mão.

Ainda acódião outros os *Panosiemos*, o que queria dizer todo orelhas, por as terem tamanhas os ditos appendices que nellas se embuçavam como em capote, outros com duas linguas, rasgadas até as guelhas, filhos da Taprobana, outros cobertos de penas, da India.

Os taes de duas linguas falavam dois idiomas simultaneamente! Nada mais natural! Para que então teriam duas linguas? Meio assarapantado, no meio de tantos prodigios, annota o nosso Aucourt, um tanto em duvida ainda, pois, "alguns viajantes, investigadores de todas as partes e nações do mundo, davam muitas destas noticias por fabulosas."

Se havia gigantes (o que era incontestavel!) porque não existiriam anões?

Assim se sabia que o poeta grego Philitas fôra tão pequeno

Além destes notáveis casos de temperança outros havia não menos notáveis como os dos lugares em que ninguém morria! factos abonados por autores da competencia de Giraldo (??) e do cosmographo Abraham Ortelio, famoso cartographo. Na ilha Momonia os que iam pagar o tributo da condição humana punham-se a agonizar, a estertorar, infundavelmente. Eram então transportados para outra ilha onde logo expiravam!

Commentario gravibundo do nosso fidalgo: "Cuidava eu que estes autores apontavam lugar em que a morte se esquecia dos viventes porque seria mais visitado que os Santos Logares; porém padecer as angustias sem acabar é morrer duas vezes".

O capitulo seguinte consagra-se a um caso brasileiro realmente digno de todo o estudo, relatado ao nosso autor pelo oratoriano Padre Estacio de Almeida "sujeito tão verdadeiro como erudito".

Haviam sahido dois jesuitas e viajar pelos sertões do Brasil. Certo dia, depois do jantar um rapaz de sua comitiva apanhara no chão um pausinho e delle se servira como palito. Pois immediatamente lhe saltaram das gengivas varios dentes! Merencorio lá se fôra o joven desdentado relatar o facto aos dois ignacinos, que haviam partido á frente. E estes, com o maior interesse voltaram ao lugar onde se operara a maravilhosa extracção, fazendo grande diligencia por encontrar o lenho de "hum arbusto tão especial e util". Não lhes fôra possível porém achal-o naquelles logares desertos e tão pouco transitados.

Aliás é preciso dizer que o moço se reendantara logo. Como voltasse com os dentes cahidos um negro do sequito dos padres lhos collocara no maxillar expremendo-lhes, á volta, o summo de certa herba. "E com isto lhe ficaram arraigados".

Passando a discorrer sobre "virtudes attractivas recordava o nosso autor a existencia de imans mineraes e vegetaes. Em Benguela conhecia-se uma graminea que attrahia pedaços de madeira como o iman ao ferro.

Certos gaviões do Oriente, no sabio dizer de Elliano, gozavam de tal propriedade nas patas, mas só em relação ao ouro. E quem ignorava que o melhor desimantador da pedra de cevar era o

diamante? bastava a vizinhança deste “carbonato” para acabar com a imantação de uma agulha.

Em Jafanaputan, Ceylão, um jesuita vira dois cinghalezes, cada qual armado de certo páu, forcejando para se afastarem e inflexivelmente aproximados pela força do iman vegetal.

Na secção consagrada ao raciocínio dos brutos varias historietas sobre a intelligencia dos animaes nos são narradas, sem grande relevo aliás. Ha porém casos dignos de reporte: assim a affirmação do immenso Feijó de que “o aborrecido insecto que se chama a traça tem o primeiro lugar entre os brutos de mayor raciocínio”.

E isto porque sabia abrigar o corpo contra as injurias do tempo, “fabricando o vestido que vestia como pudera fazer hum alfayate”.

Aliás era sabidissimo que o homem aprendera muita medicina observando os animaes. A sangria elle a conheceu do hippopotamo. “Sentindo-se repleto serve-se de huma cana aguda para abrir huma veia da perna, que depois de lhe correr bastante sangue veda com limos”.

O leão, sentindo-se indigesto, tratava de arranjar logo o unico purgante que lhe convinha, procurando apanhar um desses “animaes de tregeitos delirantes” segundo o definição do bom Padre Bacellar: o bugio.

A cegonha só ingeria animaes venenosos quando tinha ao alcance do bico o contraveneno do oregão.

Já Aristoteles percebera (e Alberto Magno o confirmava) que a tartaruga só comia cobras quando tambem dispunha do oregão.

A pharmacopea se enriquecera largamente com os ensinamentos humildes dos nossos irmãos animaes.

A celidonia, optima para collyrios, devemos-a á andorinha o dictamo, esplendida para as feridas, viera do veado.

Mas o maior bemfeitor de nossa especie ignara ainda era o leão. Fôra o monarcha da selva africana quem ensinára as virtudes do quinine! Era com o alcaloide peruano que curava as suas febres terças e quartãs!

E com esta novidade notavel sobre a distribuição geographica do genero Leo encerra Pedro Norberto de Aucourt e Padilha, fidalgo da Casa Real de Sua Majestade o Sr. Dom José I de Portugal e dos Algarves, o seu tratado sobre as Raridades da Natureza, referentes á terra primeiro dos elementos aristotelicos.

Antes de revistar as Raridades da Arte entendeu endereçar aos leitores uma introdução philosophica.

Do valor destas lucubrações cremos que para ellas dar idea bastará enunciar-lhes o introito: “A grande disputa de qual seja mais perfeita se a Arte, se a Natureza, ainda que para resolvê-la não considerassemos a differença que vae do contrafeito ao natural, bastaria ter objecto imitar se a segunda para conhecermos que a não póde exceder a primeira, pois só procura igualal-a”.

Convinha aliás lembrar que quasi todas as artes se haviam descoberto mais pelo acaso que pelas sciencias”.

Myles, rei de Esparta, ignorava a geometria e no emtanto inventara os moinhos. Eram os oculos devidos a um rustico e tambem obra do acaso.

Treze capitulos eruditos se consagram ás raridades da Arte, tratando de obras maravilhosas, as sete maravilhas do mundo antigo, montanhas talladas em estatuas e edificios portentosos, magnificencias pasmosas, espectaculos romanos, delicia e grandeza das estradas de Roma, esculptura, pintura. Nelles não ha muito o que se prenda ao nosso escopo especial e sim apenas a narrativa muito conhecida de cousas da mythologia historico-geographico-artistica. De permeio apparece um capitulo sobre a seda das aranhas e outro sobre sympathias artificiaes que ao leitor causam justa surpresa.

Neste ultimo, por exemplo, quer o nosso Aucourt inculcar que o homem tambem fabrica imans artificiaes, assim como o unguento sympathico curava as feridas posto no ferro que as causara! Apezar das grandes contradicções que refutavam tal asserção, aliás confirmada pela autoridade elevada do inglez Digby, o caso parecia positivo. As pedras Trochite e Astrecte,

postas em cima do vinagre, disparavam a correr. A tinta sympathica não só atravessava uma resma de papel como uma grossa muralha.

Mas o mais notavel era o caso da lampada sympathica que, segundo o sabio Johnston, alimentava-se de sangue como combustivel. Apagava-se instantaneamente quando morria o ex-proprietario do seu alimentador!

Expondo os artificios com que a Natureza produz raridades, affirma Padilha, que se alguem pintar ovos em um panno de diversas cores verá nascerem pintos com os mesmos matizes "porque de ajudar a imaginação nos brutos se fazem raros prodigios". Era assim que segundo Santo Agostinho conseguiam os egypcios fabricar os bois Apis.

Dos "adulterios" das plantas provinham iguaes assombros.

E se Luiz XIV formara os dilatados bosques de Versalhes transportando grandes arvores é que o seu coração excedia nas obras á Natureza (sic!).

Porque se a arte imitava a Natureza parecia ás vezes excedel-a. Vira-se em Lisboa um cavallo e um urso dançarem juntos! E ficara na cõrte de Portugal a tradição do cachorrinho da rainha D. Catharina, mulher de D. João III que cantava ao som de um manicordio. Não proferia palavras mas era muito entoado.

A Imperatriz Rainha, infanta portugueza, ganhara um cão que emittia perfeitamente a palavra *Chocolate*. Mas em 1715 vira-se em Paris coisa muito mais notavel o cão phenomenal, de que se occupára a Academia de Sciencias de França. Repetia trinta palavras entre ellas chá, café e chocolate.

Depois de numerosas historias sobre habilidades de animaes domesticados, e no mesmo capitulo, explica o nosso autor o que havia de mais recente sobre o processo que permittia aos homens mudar de sangue como de camisa, com a tentativa de Ricardo Lower, medico inglez de Oxford, em 1665.

Deixando o mundo terraqueo pelo aquoso explica Aucourt que a causa das marés provinha, segundo parece, do "olho marinho do Oceano" nos limites do Septentrião. Naquelle medonho sorvedouro recolhiam-se e espraíavam-se as ondas das ultimas

raias oceanicas como haviam descoberto os scientistas allemães de Phrysa (?).

Muita gente de alto criterio ligava as horas das marés ás da defuncção humana. Não, se morria senão ao tempo da maré. Mas já o caso liquidado fôra por ordem da Academia de França, achando-se ser falsa esta opinião outr'ora tão recebida, porque se morre a todas as horas.

Aguas havia optimas para reforçar a memoria dos seus ingestores e outras pelo contrario, desmemoriadoras terriveis. Uma fonte perto de Chevreu era perigosissima. Os sujeitos que della se servissem arriscavam-se a ficar desdentados mas sem fluxo nem dôr. Num rio da Asia fazia a agua arrebentar qualquer recipiente em que fosse deitada, excepto se o vaso fosse feito de casco de mulas.

Na Irlanda existia um lago de tão exquisitas virtudes que cravando-se-lhe uma estaca ao fundo a parte enterrada se transformava em pedra e a banhada em ferro! A que se achava fôra d'agua continuava madeira. Provavelmente haveria ali uma cuba gigantesca de galvanoplastia... Feijó que não discutia o caso mas lhe admittia a veracidade affirmava que na Polonia fontes existiam capazes de transformar o ferro em cobre.

Tambem havia arvores que distillavam chuva como no caso de immenso madeiro da Ilha do Ferro que se achava sempre coberto de uma nuvem e em vinte e quatro horas fornecia dois grandes tanques d'agua, coisa a respeito da qual o insigne Feijó se mostrava sceptico.

Da existencia de pessoas que se sustentavam de agua, exclusivamente, ninguem podia duvidar á vista de tantas testemunhas corroborantes. Quem tambem se atreveria a contestar uma legião de doutos quando todos concordes admittiam a existencia de homens e mulheres marinhos?

Que se desse de barato a autoridade de grandes vultos das sciencias naturaes como Plinio, Eliano, Pausanias. Bastava a documentação moderna.

Em 1671, a uma legua da Martinica, muitos francezes haviam visto um tritão legitimo, perfeita figura de homem, da cintura

para cima, de cabellos brancos e bem penteados, rosto cheio, barba preta, nariz chato, tez branca, cutis delicada. Da cintura para baixo era perfeito peixe, acabado por grossa causa bifida.

Em 1725, apparecera no porto de Brest outro tritão que trinta e duas pessoas haviam visto, inclusive o capitão Olivier Morin, perfeitamente proporcionado, mas de mãos e pés palmados.

As *Memorias de Trévoux* relatavam que este monstro vendo a figura feminina de proa de uma embarcação fizera diligencia para a abraçar.

Correra o contramestre do navio a buscar uma espingarda para matar o bruto mas desistira do intento a imaginar que elle poderia ser a reencarnação de um suicida official de bordo.

A proposito deste abantesma lembrava Feijó a seguinte circumstancia: fazendo escarneo da gente do navio, "voltara-lhe o monstro ás costas e levantando alguma coisa da agua exonerara o ventre á vista de todos".

O Padre Antonio de Faria, oratoriano, varão cheio de virtudes, e incapaz de mentir, achando-se sobre uma montanha, de onde se avistava o mar, vira um monstro marinho, semi-homem, de cabellos verdes, que ao avistal-o mergulhara.

E quem contestava o caso daquelles conselheiros do Rei da Dinamarca, que, em 1619, haviam capturado, no Skager Rack, um homem marinho. Posto a bordo do navio, em que Suas Excelencias viajavam, puzera-se a berrar tão descompassadamente, e a proferir taes ameaças, se o não libertassem logo, que a maruja, gente supersticiosa, resolvera logo soltal-o.

"Este he o unico exemplo de homem marinho que fallasse, commenta o nosso Aucourt e Padilha". Mas se ainda dos Centauros — coisa abonada por doutos e santos — se duvidava de tal propriedade como a podiam attribuir a este monstro? o unico autor que delle tratava era aliás, João Avelino no seu *Tratado da Europa*.

Na Noruega sabia-se de muitos casos de homens marinhos. Em Portugal apanhara-se um no Algarve que o Marquez de Niza mandara mostrar ao Rei D. Pedro II. Este era perfeitamente homem mas jámais, falara.

Em 1560, haviam uns pescadores da Ceylão, mostrado a jesuitas portuguezes o producto de umas de suas redadas, em que figuravam sete homens marinhos e nove mulheres. Nada menos! Em Pariz conservava-se uma mão de sereia. Emfim! não valia a pena discutir. Bastava reiterar os conceitos do grande Feijó: *En los Tritones y Nereideas ay poquissimo de purgar de la fabula al verdadero!*

“Isto diz dum da esphera de Feijó! — adverte o nosso escriptão autor, severamente. O que ouço aos criterios modernos, quando se falla nesta materia, he hum sorriso, com que se querem mostrar doutos em lhe não dar credito. Deixo ao juizo do leitor decidir a quem he que se deve dar; lembrando-lhe que já o Padre Vieira disse que era muy commum o sorriso nas respostas arduas”.

E’ verdade que se sabia de anomalias notaveis succedidas a diversos homens. Monsieur Vinslow e Monsieur Bruhier contavam de uma suissa que passara tres dias debaixo dagua e no emtanto não morrera! E quem duvidaria da palavra de sabios como Monsieur Vinslow e Monsieur Bruhier?

Mas casos ainda mais extraordinarios relatava outro scienista illustre! Paulo Zaquias! Paulo Zaquias!!

O sapientissimo Marquez de Saint Aubin achara a mais natural das explicações para estes factos: Alguns humanos tinham tal disposição preternatural que lhes era prolongada a faculdade da respiração fetal! Nada mais simples! E realmente nada mais simples!

No capitulo dos peixes monstruosos vemos novas novidades de vulto o caso do pescado de Peniche, em 1575, com quarenta covados de comprido (26,m40). E não era baleia! Quem dizia que o fosse? Contaram-lhe 16 dentes com palmo e meio de diametro e cada qual separado dos seguintes de um palmo!

Outro ainda em Peniche apparecera e em 1616. Um medico do lugar o descrevera em sua *Peixeologia* que infelizmente não se imprimira, com grave detrimento para o avanço das sciencias.

Passando ás raridades da arte em materia aquatica cita-nos Padilha os artificios admiraveis das fontes do palacio de Saint

Germain e os portentos da marinha, citando os prodigios do genio de Archimedes lançando ao mar o immenso navio de Hieron, rei de Saragoça (sic) que ninguem conseguia fazer navegar, as maravilhas do grande galeão portuguez *S. João Baptista* da esquadra de Carlos V e outras coisas colossaes da construcção naval, do seu tempo.

Recorrendo á antiguidade classica descreve-nos os prodigios de Semiramis e de Nitocris em materia de construcção hydraulica, os aqueductos maravilhosos, os espectaculos navaes, as obras feitas de gelo, etc.

Mas o que a seu ver, mais se devia commentar era a arte de domesticar os peixes como se dera por diversas vezes com golfinhos, amigos sinceros do homem, e com o peixe *reverso* ou falcão do mar, amestrado pelos hindús, como os cães de caça, os falcões e os furões. O “falcão do mar”, amestrado pela gente hindostanica, ia ao fundo do mar capturar outros peixes que trazia ao amo. “razão porque lhe chamavam *reverso* porque depois de se ver solto, tornava com a preza para o poder de quem o sustentava e afagava”.

As raridades da natureza em materia aerea deram azo ao nosso autor para que largamente demonstrasse os bellos conhecimentos da erudição.

Em primeiro logar era sabido o que vinha a ser a influencia dos meteoros gazosos sobre o temperamento, o genio, as qualidades physicas, etc.

Quem ignorava o que se dizia, desde muito, das femeas que concebiam do vento como as eguas de certos logares, as lebre de outros, etc. Já porém Santo Agostinho repellira semelhante abuso e os naturalistas modernos, estes então, eram categoricos em desmentil-a. Parecia incontestavel porém que a variedade das côres de cameleão se devia á diversidade do ar.

Quanto ás figuras que os ares frequentemente apresentavam eram ellas tão numerosas, desde longinquos seculos, quanto, por vezes, extraordinarias. Ainda, em 1514, todo o exercito de Prospero Colonna vira, durante nada menos de tres horas, dois soldados armados esgrimirem nas nuvens um contra o outro.

Já por diversas vezes tinham apparecido no horizonte tres sóes simultaneos e tres luas! como em Roma, no tempo do Imperador Claudio. Um autor honesto, como Mezeray, não se atrevia a mentir e, no entanto, em sua historia de França, se relata que, em certa occasião, um exercito francez vira na atmosphera companhias de soldados, vestidos de branco, caminhando no ar, junto á terra, em que se identificavam as figuras dos officiaes e dos tambores.

Facto incontestavel o seguinte: nas altas camadas atmosphericas, criavam-se animaes.

No Imperio de Carlos IV desabara certa vez verdadeiro diluvio de bichinhos que devastara provincias inteiras. Nas regiões aquilonares nada raro era verificar-se uma chuva de ratões.

Na Noruega segundo Escaligero e o bispo Upsalense “muy frequentemente choviam animaes ali chamados *Linmeres*, mais prejudiciaes que as lagartas e maiores do que ratos”.

Explicando estes casos dizia Bonamigo que estes bichos todos se formavam com a saraiva.

E Nierenberg affirmava da ave Menocodiato, vivente de ar e de orvalho, que o macho tinha ás costas uma cova onde a fema fazia ninhos e incubava.

Professavam os menocodiatos a mais extraordinaria fidelidade a seu rei. Se, acaso, a este matavam, preferiam todos morrer a desmparar o monarcha.

Chuvas prodigiosas tambem figuravam entre os mais celebres phenomenos aereos: como as de cabellos nas cidades de Jacai e Uzaca no Japão em 1596, de leite, sangue, carne e ferrò, e até de ladrilhos cozidos! como attestavam os mais celebres autores romanos!

Em Portugal, a 8 de Junho de 1757 em Gondemar Tarouca e Lalim, comarca de Lamego, desabara forte saraiva de pedrinhas não de gelo e sim de açúcar! Era pelo menos o que ao nosso autor informara o respeitavel Capitão Mór do Tabaco, pessoa, pelo seu nascimento e honra, incapaz de mentir!”



A FERA DE CHAVES — Seculo XVIII



SciELO

*Novas maravilhas. A phenix e a aguia bicephala.
Prodigios e mais prodigios.*

No anno da graça de Nosso Senhor Jesus Christo, de mil e setecentos e cincoenta e nove, Pedro Norberto de Aucourt e Padilha, Cavalleiro professo na Ordem de Christo, Fidalgo da Casa Real e Escrivão da Camara de Sua Majestade Fidelissima, na Mesa do Desembargo do Paço, consagrou cinco paginas de sua obra capital com se occupar das aves que renascem, reservando tres a Phenix"! assumpto de tantos Authores graves, vasta materia da poesia e até mencionada pelas sagradas letras!"

Refere-nos as opiniões de Tertuliano, Santo Ambrosio e Lampridio e acaba por nos relatar o que a tal respeito escrevera o douto Monster em sua *Cosmographia*!

Da phenix passa ao *Cincon*, avesinha mexicana de extrema pequenez e vistossissimas côres vivendo de orvalho, e fragancias floraes. E depois a outro passaro, indiano, do tamanho de uma abelha e hibernante como o *cincon*.

Mas o caso da phenix continuando a preoccupal-o, e seriamente, voltou o nosso Padilha a carga, procurando justifica-lo por meio do exemplo da giboiussú brasileira, de carnes putrefactas e renovaveis "facto mais digno de admiração do que o da mesma phenix e tão constante que o deviam saber a multidão de gente passada áquella conquista ultra-marinha".

Gaba-se o nosso escriptor de ser o primeiro a revelar ao publico tão notavel novidade.

"Parece-me que sou eu o primeiro que d'elle faço menção que posso dizer como Feijó que supposto não quero ser fiador da Phenix o podia ser com este argumento de sua possibilidade."

Santa ignorancia da bibliographia brasileira! Novidade nova de quasi dois seculos!

Ave rara a aguia bicephala, da America hespanhola! Havia muita gente que lhe desmentia a existencia mas elle proprio, Aucourt, a vira no Escurial. Se alguns scepticos imaginavam deitar suspeição ao caso, que lessem o magistral Feijó. Inteiramente ficariam persuadidos da verdade desta noticia!

Nieremberg, com a sua enorme autoridade, abonava o caso da ave "extremamente magra" que só tinha pelle e pennas sobre os ossos.

Quando a matavam achavam-lhe os figados cheios de bichos.

Depois de tantas provas de pertinaz credulidade dadas pelo nosso autor extranhará o leitor que elle ache extravagante "a moderna opinião de hum inglez, exarada num numero do *Mercurio*, de outubro de 1737, a saber que todas as aves de arribação, quando desaparecem, se retiram ao globo da Lua"?

Pois bem assim mesmo o nosso Padilha revela certo receio da responsabilidade de uma denegação categorica.

"Não posso negar as engenhosas razões, e apparentes provas, com que quer confirmar o referido, porém acho mais solidos os argumentos com que outros Authores refutam esta opinião (sic)."

Passando a tratar das "raridades da Arte" no ar começa o nosso escrivão-philosopho a discorrer sobre a musica contando numerosos casos das virtudes therapeuticas da arte euterpica. São porém em geral alheios ao nosso escopo de modo que delles não nos occuparemos.

Apenas referiremos (segundo, sempre, meia duzia de graves autores como Pedro Hispano, Amaro Lusitano e Alexandre Napolitano) quanto era positivo que o melhor meio de salvar os picados da Tarantula vinha a ser applicar-lhes doses successivas de musica, conforme affirmava o douto Metioro.

A enumeração dessas "graves autoridades", identificadas pelos seus gentilicos é cousa que realmente nos edifica.. *Sancta ingenuitas* de quem ouvia como a Evangelho estas opiniões de

um Hispano, de um Lusitano e de um Napolitano abonadas por um Metioro!

Tratando das “obras suspendidas no ar” demonstra o illustre Padilha um scepticismo que não estamos habituados a ver-lhe.

Assim revela não crer muito no que affirmam os taes autores graves de sua consulta habitual. Chega a suspeitar de Santo Agostinho, na *Cidade de Deus*, e de Santo Isidoro quando estes famosos doutores falam de certa estatua de um templo de Serapis “suspendida no ar entre os imans de tecto e do pavimento”.

O tumulto de Mafoma, fluctuante no ar, segundo depoimento de viajantes da reputação de Bernier e Thevenot “hera cousa de riso”.

Uma grande pedra iman, na qual se via attrahida grande lua de ouro e de pedras preciosas, com um grosso prego no meio da Lua, era o que sustinha em equilibrio o sarcophago do Propheta.

Apontando a incongruencia de taes balelas insistia Padilha em declarar “que lhe escapara ao assumpto da obra dilatar-se nas razões refutadoras dessas noticias.

“Moralmente bastaria qualquer aura para fazer perder o equilibrio de que se suspendesse no ar, sem o qual era impossivel que se conservasse nelle”.

Agora, o que com que visos de razão corria, era o seguinte: se se esvasiasse completamente um ovo por um buraquinho e se se o enchesse de orvalho, uma vez posta a casca ao sol se levantaria da terra ao ar.

Em todo o caso, antes de deixar o capitulo sobre as raridades da Arte relativas ao ar, lavrou Pedro Norberto de Aucourt e Padilha magnifico tento lembrando, no capitulo das tentativas de voar, o caso do nosso *Padre Voador*, primeira affirmção impressa das experiencias da *Passarola*, e depoimento de alta valia pois data de 1759, vinte e quatro annos antes da primeira ascensão da *montgolfière*.

Depois de lembrar os inevitaveis Dedalo e Icaro e o sujeito que voou á vista de Nero esborrachando-se no solo junto ao

Cesar, recorda os ensaios de João Baptista Dante, de Perugia que tentara voar e partira uma perna.

E accrescenta: "O Padre Bartholomeu Lourenço de Gusmão trabalhou no mesmo projecto e com effeito em huma maquina de papelão se elevou na presença do Senhor Rei Dom João V". Bastam estas cinco linhas para dar imperecível relevo ao livro de Padilha, obumbrando o ror de extravagancias e necessidades que por vezes lhe obstruem paginas e paginas.

Ao tratar das *Raridades da Natureza* no que diz respeito ao fogo começa Aucourt e Padilha por explicar aos leitores o que vem a ser realmente tal elemento. "Este luminoso corpo invisivelmente está na composição de todos os corpos naturaes, dando calor e vida a toda a Natureza".

Como prova de tal presença dissimulada refere o caso de certos autochthonos das ilhas oceanicas que viviam ignorantes da arte de acender lume.

Fogos havia-os, e de muitas naturezas, uns errantes, outros nascendo em caniçaes, e em corpos de animaes, como em gatos e cavallos, que andavam á noite, em tempo chuvoso, e até em entes humanos.

Assim se dava com aquella mulher de Verona, em cuja testa havia sempre uma labareda pequena como o attestava o douto Pedro de Castro, em seu tratado *Ignis labens*. Fogos havia que por si mesmos se accendiam e fogos de muito exquisita especie. Assim, o fogo do vulcão islandez do Hecla consumia a agua, mas não a estopa! A pedra *Galatias* não se deixava vencer do fogo no meio das chammas e conservava-se fria. O fogo do Etna não derretia as neves de seu pico! Na Lycia sabia-se de um fogo que não queimava as mãos!

Em compensação a pedra Petites apertada na mão queimava como brazza ardente! E os dentes do javali, logo depois de morto o selvatico suideo, tinham tanto fogo que queimavam cabellos e outras substancias facilmente inflammaveis. Coisa extranhissima o que se dava no Delphinado; ali havia certa fonte "que em se lhe chegando huma vela apagada acendia e estando accessa se apagava".

A propria Academia de Sciencias de França no anno de 1699, proclamara a novidade desta fonte que representava a expressão hydro-dynamica, do espirito de contradicção, ao que parece.

Quem seria capaz de negar a existencia de pessoas cujos corpos exhalavam fogo? Uma reunião de graves e doutos autores ahi estava para lhe rebater tal pretensão. O Padre Theodorico, de si proprio, affirmava tal prodigio, sempre que se friccionava. Dois personagens, Antonio Ciancio e Maximo Aquilano, estes, quando esfregados, pareciam fuzis batidos por pederneira!

E o grande Feijó contava de Madama Cassandra Buri, senhora italiana, que era muito mais incendiavel do que os seus patricios acima citados. Quando se esfregava com um lenço não só lhe sahiam faiscas, como labaredas!

Outra italiana, a nobre Condessa Cornelia Bandi, fôra achada reduzida a cinzas no proprio leito. Extraordinario, porém, este caso: ficara-lhe a roupa da cama absolutamente intacta! O colossal Feijó explicava este successo estranhissimo do modo mais plausivel: é que a digna fidalga fôra consumida pelas exhalacões que ella propria evaporava.

Aliás, se sabia, desde a mais remota antiguidade, que Alexandre Magno ganhara uma de suas grandes batalhas porque os inimigos, os indianos, fugiram espavoridos ao perceber que o Macedonio exhalava faiscas!

De individuos alcoolatras, que deitavam chammas, ninguem duvidava. O nosso Aucourt cita diversos destes casos. O mais pittoresco é o do sujeito que conseguira debellar um principio de incendio em si, mas como este fosse na garganta, isto lhe valera a perda da voz!

Na America do Sul era bem conhecido, geralmente, que percorrer as cumiadas dos Andes expunha os viajores a grande perigo: como o ar muito fino se inflammava, deitavam os homens chammas pela boca.

Entidades luminosas havia-as em differentes pontos da terra. Assim, no Novo Mundo, vivia uma ave tão illuminante, que della se serviam os americanos de lanterna, para lerem á noite. Já Isidoro de Sevilha, em seu tempo antigo, assignalara passaros

destes, nas terras da Allemanha. Era de suppôr porém que ali se houvesse extinto tão util especie! E a da nossa America? Que pena ter tambem desaparecido!

Deviam estes fogos aliás filiar-se a outro genero de lumes, os perpetuos como esses que os arabes acharam ardendo, nos subterraneos de Memphis, desde seculos e seculos.

Em 1401, certo camponez romano achara uma lampada votiva de Pallas Athene accesa. Pela inscripção se verificara que tal se dava havia dois mil annos. Como numa experiencia fizessem com que nella penetrasse o ar immediatamente se apagara!

O Padre Kirker (*sic*) construiu uma lampada com torcida de amiantho, que durante dois annos queimara. Perdera-a num desastre, o que muito o agastara, pois julgava-a inconsutil, perpetuamente.

Curioso, porém, que não tratasse de a recompôr, lhe objectaria o nosso autor, acaso um pouco mais malicioso fosse. O formidavel Feijó, commentando o facto, diminuiria o prazo da illuminação para um anno apenas. Mas isto era lá do seu bestunto!

Muitos autores modernos, aliás, explicavam este caso da illuminação inextinguivel, de modo muito razoavel: o que deitava luminosidade era simples massa phosphorea. Não podia haver chamma eterna!

Citando Alexandre Pen, jurisconsulto napolitano, e outros escriptores illustres, que tudo isto desprezavam, mostrando a impossibilidade de haver fogo que continuamente arda, sem se consumir, expende grave e scientificamente o nosso bom Aucourt e Padilha: “Eu só digo que mais difficultoso seria provar a arte de extrahir fogo de um corpo humano, na machina electrica. E sem embargo disto he certo, que vemos, em nossos tempos, este prodigio, que não chegaram a ver, nem a imaginar os antigos. Na mesma forma poderia então haver aquelle, que a sós nos parece hoje fabuloso”.

Bella e austera lição ministrada a estes scepticos irreductiveis!

Assim como o amiantho era substancia incombustivel tambem neste particular occorriam prodigios na especie humana.



Ahi estava Plutarco a nos relatar o caso da incombustibilidade do pollegar de certo rei do Epiro quando lhe queimaram o cadaver, e Tacito o mesmo facto em relação ao coração de Germanico.

Plutarco e Tacito! Quem destes grandes homens poderia descrever?

E entre os judeus, ensinavam os rabbinos, ninguem duvidava do seguinte: todos os entes humanos têm, no fim do espinhaço, um osso que não pode o fogo consumir, nem força alguma quebrar. Nelle se conserva a base da resurreição da carne.

Por que razão vivia a salamandra indemne das chammas que a envolviam? Por causa da sua natureza não fria mas frigidissima! O *Journal des Sçavans* (seria bom não esquecer-o: o *Journal des Sçavans*!) ainda em Abril de 1667 espalhara com a sua grande autoridade a noticia das experiencias do cavalheiro Corvini com salamandras indianas.

Percebera a razão da indifferença ao fogo do fantastico batracio é que vomitava uma gosma lembrando a clara dos ovos de gallinha, tão gelida que neutralizava as brazas! Durara a experiencia duas horas completas e o bicho ainda vivera nove mezes depois della.

Verdade é que o mesmo *Journal des Sçavans*, sessenta e tres annos mais tarde, relatara novas series de experiencias do mesmo genero, com salamandras e pessimos resultados. Haviam umas morrido logo e outras ficado pavorosamente queimadas!

Commentando este caso extranho a Academia de Sciencias de França delle dera racional explicação: a salamandra provinha da neve; procurava envolver-se num elemento salino que provocava exsudação viscosa. Era este que a preservava do fogo. Podia-se repetir a experiencia que trazia, comtudo, fatal desfecho. Morria o bicho dentro em tres dias logo após uma ablução removedora da camada salina.

Os grandes mestres das sciencias naturaes na Antiguidade, como Aristoteles, Plinio Eliano, Agricola, abonavam a existencia das moscas de fogo, as *Pyraustas*, que morriam instantaneamente, ao deixarem o elemento igneo.

Mas era preciso lembrar que o caso devia ser admittido com

scepticismo porque o fogo vinha a ser ambiente incompativel com a propagação das especies animaes, não admittindo a geração.

Se ninguem, comtudo, podia duvidar da existencia dos generos de insectos que viviam, exclusivamente, de roer pedra, como negar, por mero preconceito, a possibilidade de viverem salamandras no elemento igneo? Tornava-se necessario recorrer ás palavras de algum grande commentador dos phenomenos da Natureza. E nesta categoria quem melhor se achava em condições de falar do que Feijó, o illustre, o doutissimo Feijó? Assim elle, Aucourt e Padilha, discipulo respeitoso de tão grande mestre, repetia-lhe os conceitos: "Os homens, sem razão alguma, e contra toda a razão, estreitam a omnipotencia Divina segundo o limitado das suas experimentaes idéas. Não ha repugnancias em que Deus crie alguma especie que se conserve no fogo".

Mas disto não se tratava, objectariam os scepticos. O que se tornava preciso demonstrar era a existencia de tães ignícolas.

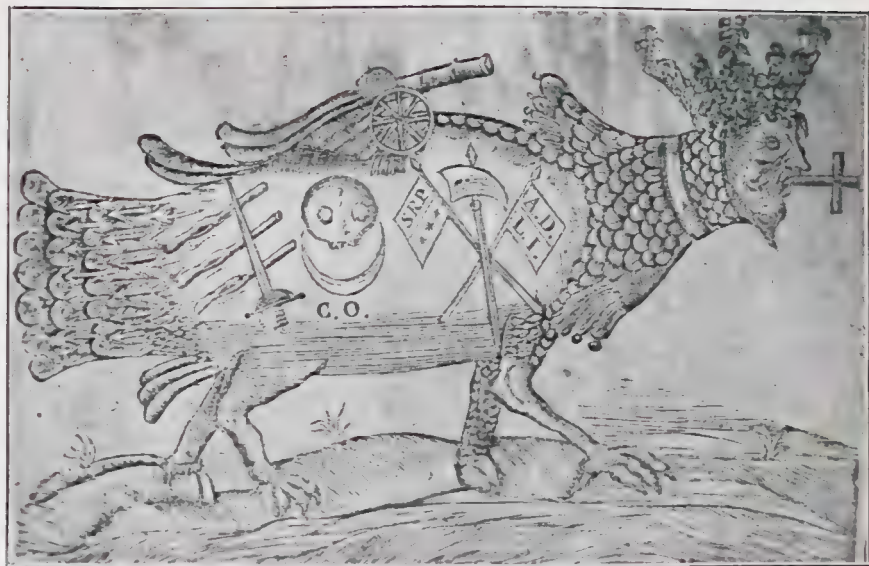
"Assim fala um homem como Feijó — termina o nosso l'c-dro Norberto, com este ultimo argumento decisivo — sem embargo que não abraça o que se diz da salamandra e dos espelhos ustorios".

Singular aproximação! a salamandra e os espelhos ustorios! "Apesar da ardente impressão do fogo" a arte a ella sabia resistir "com leves e faceis remedios. De tal dera o grande Ambrosio Paré os mais notaveis exemplos como em sua celebre experiencia das cebolas.

Untava as mãos com o summo do bolbo querido da gente de Israel saudosa da terra dos Pharaós e depois sobre ellas, e sem dor alguma, derramava o toucinho derretido de uma pá afogueada.

"Artificios de fogo" havia-os innumeros, muitos delles maravilhosos até como os que, se obtinham com o phosphoro da Allemanha, tambem chamado de Monsieur Kurcler, que estava sempre prompto a arder desde que o tirassem do vidro com agua em que devia ficar bem guardado.

Que mania incendiaria! E interessante caso: esta subs-



A FERA DA PERSIA — Seculo XVIII



SciELO

zancia, que parecia cera, provinha da distillação da ourina, segundo descobrira certo alchimico allemão, que, durante toda a vida, trabalhara na pesquisa da pedra philosophal.

A chimica ou antes a alchimia do nosso Padilha, andava, pelo que vemos, por este panno de amostra, atrazadota. Mas a sua physica nem de longe corria parelhas com a sciencia que já era aliás a de Lavoisier e Cavendish, Priestley e Scheele.

“Por hum acaso achou hum rustico que dous vidros de oculos attrahiam os objectos distantes. E este foy o principio que ensinou de fazer oculos de ver ao longe. E semelhante foy o do barometro em 1643 (sic!)”.

Acerca, dos espelho ustorios parecia Padilha mais informadio. Se Descartes os fizera passar por imaginarios a Academia de Sciencias de França lhes demonstrara a exequibilidade

E advertindo os scepticos lusitanos: severamente arguia o nosso autor: “os senhores criticos modernos fazem zombaria desta noticia ou, como elles dizem, deste patranha, porém, aquelle scientissimo congresso da Academia de Sciencias de França, antes que approve ou refute as coisas, sabe pesal-as maduramente ao juizo e examinal-as na experiencia”.

Depois de um capitulo semsaborão sobre a camara clara, ou olho artificial, como lhe chama, e de outro, insignificante, sobre o invento da polvora, termina Aucourt e Padilha o seu tratado por uma digressão sobre a machina electrica onde um phenomeno novo “abysmo de maravilhas jamais visto nem imaginado faz duvidar de tudo que antes estava como certo”.

Nada mais certo havia do que a mofa da Natureza e Philosophia. Desde tempos immemoriaes andavam os homens inquirindo as causas dos effeitos naturaes e muitos seculos havia que a Natureza se obstinava em lhes revelar os effeitos, apenas, escondendo-lhes as causas.

Aos philosophos desenganava Bacon. Emquanto teimassem em encerrar-se no campo de ideias abstractas e metaphysicas nada conseguiriam. Era preciso “applicarem-se ao exame do mecanismo”.

Que demonstração mais evidente do que já forneciam as extraordinarias experiencias de electricidade? Quem dos anti-

gos imaginaria que este phenomeno lançasse luz e tirasse fogo de todos os corpos! O grande Feijó attribuia a materia electri positiva identidade com a do raio por serem ambas sulfureo-nitrosas. Uma tirava faiscas barulhentas dos corpos e o nitro tambem crepitava estrepitosamente.

Existiam raios benignos e malignos; por exemplo os dois que tinham attingido Mithridates, ambos haviam apenas chamuscado o famoso rei immunisado ao arsenico. Outras vezes, as mais das vezes, como tanto se sabia, os raios determinavam "impetos terriveis". Que o dissessem os dois famosos physicos Monsieur Muschenbroek, de Hollanda; e Monsieur Réaumur, de Paris! Quasi victimas de sua temeridade em pretender arrebatat o raio aos céos! antecipando-se a Benjamin Franklin sem contudo se republicanisarem como quer o celebre *sceptrumque tyrannis*.

Receioso de se aventurar em terreno tão difficil, sob o ponto de vista scientifico, concluia modestamente o nosso autor: "Estes phenomenos assim como produzem huma grande admiração em todos os espectadores assim he justo que nelles suspendamos a penna, para que o assombro possa ser a melhor clausula desta obra".

Aos seus oito tratados, tão scientificos quanto profundos, como acabamos de ver, encerrou o fidalgo cavalleiro da Ordem de Christo por um discurso, sobre a *Magia natural e artificial*, complemento muito natural dos assumptos ventilados nas 481 paginas das suas *Raridades*.

E isto porque as duas especies de magia encerravam as maiores raridades da Natureza e da Arte. Relata numerosos casos de credices e abusões antigas, como as que se referiam ás hervas fabulosas dos persas, gregos e romanos.

Recorda factos vulgares de philtros e feitiços. No pequeno tratado sobre a Magia artificial ennumera as obras do homem que pareciam superar as forças da Natureza, como os casos do pombo voador de Architas de Tarento, as aves canoras do Imperador Leão, a caveira falante de Alberto Magno.

Passa depois a tratar dos talismans o que lhe dá o ensejo de escrever um chorrilho de necedades. Assim por exemplo, narra espantosas coisas da actuação de um magico diabolico que ap-

parecera na corte de Wenceslau, o famoso rei da Bohemia supplicador de S. João Nepomuceno.

A tal proposito, aliás, commete Padilha um anachronismo de um seculo. Podia tal bruxo transformar as mãos humanas em cascos cavallares, fazer brotar galhadas ás cabeças das suas victimas, etc. Afinal o proprio demonio liquidara com este seu servidor e o monarcha aterrado cessara de assistir a praticas de tão criminosa natureza.

Termina o volume por uma serie de paginas consagradas aos vampiros a que o nosso autor chama *Vampires*. Eram os factos recentes e haviam impressionado immenso a Europa toda.

Assim haviam occorrido, os successos de Gradisch, na Esclavonia, os de diversas localidades da Hungria e afinal os de Belgrado em 1736. Tanto haviam dado que falar de si que Luiz XV ordenara ao seu embaixador em Vienna, o Duque de Richelieu, que o informasse da veracidade daquellas horriveis historias relativas aos abantemas sugadores de sangue.

A resposta do diplomata não lograra, porém, a aprovação dos muitos e judiciosos criticos que em Paris viviam. Assim, novamente ordenara o Rei Christianissimo que Richelieu melhor syndicasse dos factos e a segunda informação viera muito diversa da primeira. Triumphára o chefe dos scepticos, o famoso sabio benedictino Dom Calmet, “tudo hera terror panico, ajudado de alguns embusteiros”.

Na sua opinião, concluia Padilha, *Vampires* de Hungria. *Brucolacos* da Polonia. *Revenants* de França e *Bruxas* de Portugal, eram uma e unica coisa. Muita patranha se espalhara sobre estes casos sobrenaturaes em cujo fundo de real só havia manifestações do diabolismo.

Terminando, escreve Aucourt uns topicos bastante obscuros: os que se referem á necessidade de se cortarem as cabeças aos cadaveres de hespanhões e portuguezes que sem esta precaução voltariam á vida! conselho ministrado aos povos ignorantes da *Colonia* (?) Colonia do Sacramento?

Emfim esta historia de vampirismo provocara em Paris a impressão de dois tratados recentes a *Dissertação* de Dom Cal-

met sobre as apparições e a de Monsieur Ranft: *De masticatione mortuorum*.

A tal proposito commentava, maliciosa e scepticamente, o nosso, em geral, tão credulo autor:

"Dizem que o famoso territorio de Touchai abunda em vampiros. E eu digo que ainda são mais as sanguesugas que chupam o, seu delicioso licor que tambem he sangue de Christo".

A ultima pagina das *Raridades* mostra-se digno remate deste volume de "eternas luminarias". Merece transcripto este fecho aureo.

"A Magica Artificial, ou Mathematica, seria tão innocente como a natural se huma ou outra fosse isenta de toda a superstição.

Grande ideia de virtudes excitaram os numeros na veneração dos Egyptios e discipulos de Pythagoras, e sobre elles não discorreram pouco as mais elevadas penas da Sabedoria e da Santidade".

Mas era tal materia tão diffusa quanto delicada". Assim para dar ideia aos leitores de uma das mais notaveis magicas naturaes da mathematica da Antiguidade elle, autor só queria citar um exemplo: certa disposição dos nove primeiros numeros, em tres carreiras horizontaes 4—9—2; 3—5—7—; 8—1—6.

Sommando estes numeros, horizontal, vertical e diagonalmente, produziam a constante 15! Fantastica magia artificial!

Emfim, seja como fôr! o livro de Pedro Norberto de Aucourt e Padilha é precioso reflexo de opiniões e conhecimentos de seu ambiente na época de sua publicação. E opiniões dos cultos senão dos eruditos, porque, para o compôr, cercou-se o autor das mais reputadas autoridades de seu tempo, em materia de historia natural, geographia, cosmographia, physica, alchimia, etc.

XI

As aventuras prodigiosas de John Brown, artilheiro passado de Santa Helena á costa do Brasil.

Ha na literatura xeno-brasileira colonial grande numero de opusculos e livrecos, hoje sobremodo raros, geralmente ignorados do grande publico e a que, frequentemente, são alheios, os especialistas minudentes das coisas do nosso passado.

Nas paginas de taes obrinhas occorrem muitas vezes, informes sobremaneira interessantes senão mesmo saborosos. E nenhum delles se mostra inteiramente inutil ao melhor conhecimento do nosso passado, por menor que seja a sua contribuição.

Como sabem todos a melhor bibliographia informativa sobre o Brasil ainda é a da autoria de Valle Cabral, Ramiz Galvão e Capistrano, aquelle magnifico *Catalogo da Exposição de Historia do Brasil* inserto no tomo IX dos *Annaes da Bibliotheca Nacional*. Resenha enorme utilissima, de obras e opusculos de toda a especie.

Mas não podia deixar de ser lacunosa, muito lacunosa até. Suas falhas suprem-n'as, em numerosos casos as bibliographias de Rodrigues, Garraux, para os autores francezes, Canstadt para os allemães, etc. Mas ainda assim ha enorme numero de omissões a preencher.

Num livrinho daquelles, tão raro quanto curioso, ha paginas curiosas referentes á Bahia de 1799. Vem a ser a *Narrativa impressionadora das extraordinarias aventuras e soffrimentos de seis desertores da artilharia da guarnição de S. Helena, no anno de 1799, realizada sob juramento perante um Conselho de Inves-*

tigação reunido em Santa Helena, a 12 de Dezembro de 1801, por John Browne, um dos sobreviventes.

Trata-se de fascículo in 16 de 44 paginas apenas, impresso em Londres no anno de 1802, “por J. Smeeton para J. Lee, proprietario da obra”, a que vendia R. S. Kerby.

Adquiriu-o, para a sua já muito rica e finamente escolhida brasiliana, o prezado amigo João Fernando (Yan) de Almeida Prado, joven erudito cuja paixão pelos assumptos brasileiros dia a dia cresce e autor de bella autoridade com o seu optimo livro *Os primeiros povoadores*.

Lemol-o com summo interesse e curiosidade e francamente não sabemos o que pensar dessas paginas do artilheiro John Browne. Nellas ha bastante de veridico, bastante de forçado, é, ainda mais, do mais legitimo munchausianismo. Mente ás vezes, John Browne ou alguem por elle do modo mais descarado. Chega o leitor a crer que os soffrimentos realmente indescritiveis por que passou lhe tiraram a razão.

Mas para nós o caso é outro: Voltando'á Inglaterra depois das terriveis peripecias por que passou aconselharam-no a que descrevesse taes aventuras e as imprimisse. Seria o meio de ganhar uns vintens.

Assim fez o pobre diabo que leu a trama da historia a um editor, ganancioso. Tratou o mercador de apresentar o livreco sob melhor aspecto afim de engodar o publico e alcançar boa vendagem.

Dahi a inserção de uma serie de paginas dignas do grande barão bavaro (?) biographado pelo erudito Raspe e a cujas façanhas illustrou o lapis de Gustavo Doré. A tudo isto reforça a collocação de uma estampa fronteira á folha de rosto, simplesmente deliciosa. Sobretudo, para nós outros brasileiros, pois affirmar retratar uma scena passada a poucas dezenas de milhas da Bahia de 1799.

E' figura digna de emparelhar com a da geographia quinhentista do nosso velho Gandavo — onde se vê o monstruoso *hippupiar*, monstro que dava “Hurros tan feios” — ou com aquellas figuras de que se acham cheios os nossos vetustos map-

pas quinhentistas, os gigantes sem cabeça ou de pés para traz e os anões de uma perna só, o ferocissimo *hay* animal que vivia só de ar, a monstruosa *simia vulpina* e quejandos abantesmas.

E não nos esqueçamos que se imprimiu o livresco em terras dos autores de Gulliver e Robinson.

Para o apresentar recorreram os honrados editores Mr. J. Lee, de Whych Street, numero onze, e Mr. J. S. Kerby, de Paternoster Row, numero quinze, ao lapis anonymo de um desenhista fraquinho, encommendando-lhe illustração de grande effeito para um dos episodios do livro no Brasil.

E como a nossa boa terra já houvesse deixado de ser a *Terra papagallorum* dos velhos cosmographos, arranjou-se qualquer coisa de vistoso em que figura uma sucurijuba, um minhocão formidavel, formidanda, formidolosa, formidolosissima, cobrinha junto da qual a famosa *Shueyebatuescha* do verídico Ulrico Schmidel passava a ser misera minhoquinha.

Brasilia: serpentum terra era o titulo que se lhe devia ter proposto.

E assim os padecimentos e a boçalidade provavel de John Browne, artilheiro desertor da guarnição de Santa Helena, unida á esperteza de Lee e Kerby, editores certos da incommensuravel ingenuidade tola do publico, valeram á bibliographia xeno-brasileira uma obrinha que bem merece a consagração das boas libras esterlinas, por ella dada pelo amigo Almeida Prado, generoso bibliophilo cujos livros não são os prisioneiros perpetuos de tantos colleccionadores mesquinhos.

Começa o nosso John Browne a narrar, depois de assaz longo prefacio muito atoleimado, pretencioso e “chaparrudo”, obra de anonymo que provavelmente foi Mr. Lee ou Mr. Kerby.

E’ tendencioso, visa os pence ou o shilling do respeitavel e enrolavel leitor. Lembra que os factos narrados eram do conhecimento geral do publico, já tendo apparecido na imprensa. Mas aquella “maravilhosa demonstração da humana miseria” cahiria fatalmente no olvido se continuasse a jazer nas ephemeris publicações do jornalismo.

Era preciso resuscital-a sob a forma do livro para que o publico por elle poudesse avaliar o que consegue a resistencia

humana. Fôra este o unico fito da publicação do opúsculo, a rememoração de actos dignos de eterno louvor, titulos de gloria da especie bimana-bipedica.

E descaminhando para o terreno da ternura, accrescenta o prefaciador piegas.

“Ao mesmo tempo será esta narrativa certamente tida como consoladora, attingindo o amago da sensibilidade. Muito embora se apresente geralmente desoladora e lugubre, por vezes a illuminam, embora instantaneamente, os jactos solares emquanto surgem as manchas verdes e isoladas da verdura, a embellezar as paizagens.

“E’ bem exacto que nella explodem as mais violentas paixões da natura humana: o terror, a ira e o ciume! e sob os mais tremendos aspectos! Mas tambem o leitor alli encontrará aquelle visitante celestial: o *Amor* derramando o balsamo da consolação aos desesperados fugitivos”.

Termina o nosso homenzinho o seu palanfrorio com uma tirada patriotica:

“Comparando as modas e feitios, virtudes e vicios das nações, entre as quaes os nossos aventureiros foram obrigados a permanceer, ficamos em condições de avaliar por seu justo valor as benções especiaes de que gozam os que vivem cercados pela segurança e o conforto, nas bemaventuradas terras da velha Inglaterra”.

Resumamos porém a *Narrativa impressionadora de John Browne*.

Era este personagem, em 1799, soldado da guarnição de Santa Helena. Vivia maldizendo o rigor da sorte iniqua, entediadissimo com a permanencia na ilha africana obscura ainda não napoleonica. O Commandante de um baleeiro americano propoz-lhe então, e a mais cinco camaradas, leval-os, clandestinamente, aos Estados Unidos.

Acceitaram jubilosos o convite occultaram-se nuns rochedos onde haviam escondido um escaler e fizeram-se ao alto mar. Mas o americano não se sabe porque, “roeu-lhes a corda” ou delles se extraviou. Viram-se pois os seis desertores em pleno oceano,

com 25 libras de pão e sessenta litros d'água, em materia de provisões. E como ouvissem o troar do canhão ficaram certos de que sua fuga fôra descoberta.

E assim convictos de que, apanhados, pereceriam sob o calabrote, o sibilante *cat of nine tails*, arriscaram-se á mais prodigiosa façanha. Tentaram atravessar o Atlantico em seu miseravel barco!

Partindo a 10 de Junho de 1799 acharam-se em pleno Oceano a primeiro de Julho e reduzidos ao mais terrivel esfomeamento. A esta altura conseguiram matar pequeno golfinho que lhes serviu de refeição durante quatro dias tudo devorando ao prestimoso cetaceo, legendariamente philanthropico, até os ossos... No dia 5 resolveram que seria um delles fugitivos designado para alimentar os outros cinco. Recorrendo á sorte coube a um tal Mac Kinnon servir de repasto aos companheiros. Pediu o misero que o deixassem suicidar-se e estoicamente morreu.

Tres dias mais tarde era o bote atirado a uma praia do sul da Bahia, perto de Belmonte, cahindo os transfugas numa aldeia de indios semi-civilizados que aliás os trataram muito bem.

Dali conseguiram ir á cidade d'O Salvador onde o Vice-Rei Dom Antonio Ferrajez (sic). Conde dos Arcos (sic) e a alta sociedade bahiana os receberam com grande caridade.

Por um dos refugiados, um tal Parr, apaixonou-se perdidamente a bella Olympia filha do riquissimo negociante Alvarez. Oppoz-se terminantemente porém o inflexivel mercador a este projectado consorcio luso-britannico.

Mas o confessor da donzella, um tal Frei Domingos, casou os dois namorados á noitinha e clandestinamente, em seu convento, onde lhes preparara até a camara nupcial (sic!).

Realizado o matrimonio secreto apavorou-se o joven par, receioso da vindicta alvaresca, fugindo da cidade para o Reconcavo. Acompanhava-a terna e volcanica Olympia a india *Rolla*, sua ama que pretendia guiar os protegidos ao refugio seguro da taba de sua gente.

Dando o velho Alvarez por falta da filha, fez infernal alarido e poz a Bahia toda em enorme reboliço. As buscas mais

severas se realizaram para a captura dos pombinhos! Mas qual! não houve quem lhes tivesse divisado o rasto.

Pelas ruas escutava John Browne, a cada passo, as mais indignadas exprobrações: Inglezes ingratos! perfidos amigos! E isto ainda era o que de mais suave lhes vinha aos ouvidos. Chegou a revolta popular a tal ponto, que tanto elle como os companheiros de travessia acharam melhor não arredar mais o pé de casa.

A ausencia de Rolla fora porém um indicio de pista. Como a sua tribu vivesse a umas cincoenta milhas no interior imaginou logo a policia que lá deveria estar o casal fugitivo

Uma bella manhã, partiu ao seu encalço uma diligencia de trinta soldados de cavallaria, armados de carabinas e sabres. Browne acompanhava a escolta e ouviu do Governador, ao official commandante severas recommendações. "O Sr. sabe que os valentes inglezes são os nossos melhores amigos e aliados. Desde seculos nos têm validos sempre contra os inimigos de Portugal. Não devemos, pois, ser crueis para com um filho da Inglaterra, mesmo quando como no caso presente haja sido tão ingrato!

Guiada por dois indios da tribu de Rolla caminhou rapidamente a escolta até meio dia. Era esta hora perigosissima não só por causa dos enormes carnivoros, pumas e jaquares (sic), como pela presença de numerosas cascaveis.

Mas o perigo maior, o perigo terrivel, era o do possivel encontro com a "monstruosa e fatal Ibibaboka."

Os bravos dragões comtudo não se mostravam intimidados. Depois do descanço de uma hora para o almoço penetrou a tropa no tremendo labyrintho daquela "selva escurissima".

Não haviam exaggerado os indios de todo. Começaram a apparecer as cascaveis pelo trilho, mas fugiam, velocissimas (!) apenas viam os homens. O mesmo se deu com "aquellas hediondas bestas feras pumas e jaquares" que a cada passo surgiam, saltando atraz dos troncos das arvores.

Caminhou a escolta até quasi a hora do poente. Attingira o cume de uma montanha onde deveria, a conselho dos guias, passar a noite quando de repente ouviram-se os mais lancinantes brados de pedido de soccorro.



Guiados pela voz dos que clamavam, galoparam Browne e os soldados. Qual não foi o horror e pasmo quando se lhes defrontou “a feroz e venenosissima Ibibaboka, enlaçada ao tronco de majestosissima palmeira”.

Tres entes humanos, perseguidos atrozmente pelo minhocão, ali estavam refugiados, na copa da arvore. Avalie-se o estarrecimento de Browne, quando nelles reconheceu o amigo, sua joven esposa e Rolla!

Acossados pela sucury descommunal, haviam de ter revelado, naturalmente, qualidades até agora desconhecidas e insuspeitadas de inequalaveis gymnastas. Não fôra assim como teriam podido subir ás grimpas da palmeira? com uma agilidade de caxinguelê ou de coaty? Muito pôde o amor ao pello...

Verdade é que o nosso narrador não explica como se haviam dado estes prodigios acrobaticos.

Os cavallarianos, de espadas desembainhadas, achavam-se contudo atrapalhadissimos para avançar. Os cavallo espavoridos, empinavam e saltavam como se camurças fossem.

E enquanto isto o tremendo bicharoco colleando-se ao tronco da palmeira, lentamente alteava a monstruosa cabeça escancarando as immensas fauces e os olhos, vulcanicamente chammejantes, para as desgraçadas presas.

Foi então que Browne se decidiu! Impassivel! heroico! sublime! descavalgou, ergueu a carabina e apontou...

Ante tão prodigiosa demonstração de animo, varios soldados o imitaram. Ainda não fixara bem o heroe a pontaria, quando a situação se complicou ainda mais e attingiu a culminancia daquella scena que na selva brasileira repetia o caso laocoontico.

Conseguira o monstro appreender a barra da saia de Olympia! (a que as brisas agitavam) e soltando então pavoroso urro, tentava arrancar a pobre rapariga aos braços do terno e amado esposo! Aqui só faltava o *horresco referens*.

Desorientados mostravam-se os soldados, que ao som terrivel haviam escutado. Ao peito as carabinas apertavam, em vez de as apontar..... Viu Browne a misera mocinha, victima do seu amor, desaparecer na guela, necessariamente hiante, do sucuriju'.

Parr a ella atracado, puxava-a com todas as forcas e sentia-se disposto a fazer de propheta Jonas. Nunca abandonaria quem por elle, por seu amor, ia morrer. Pediria a scena hoje o acompanhamento da musica do ultimo acto da Aida... *Morir si pura e bella...*

Uma nuvem perpassou pelos olhos de Browne. Sentiu mesmo ligeiro desmaio. Mas qual! veio logo a reacção áquelle homem de nervos de aço.

Não havia um unico segundo a perder. Firmou a pontaria e... fogo! Prodigiosa pontaria! digna de patricio do inequalavel archeiro Robin Hood!

Foi a bala, certa, apanhar o bulbo do minhocão. E tal a felicidade dos dois amantes que a cabeça do monstro, depois de oscillação gigantesca pendeu para o lado opposto áquelle em que estavam! "Porque senão a pestifera influencia de seu halito lhes teria sido fatal á vida".

Desabou a monstruosa serpe de modo fragoroso e ahi a solidadesca, criando animo, cahiu-lhe de espada em cima. Dentro em breve expirava. Tinha vinte e sete pés, mais de nove metros de comprimento.

Bem diz o nosso velho adagio, que é bem mais facil apanhar aos que faltam á verdade do que aos coxos... Attribue o Sr. Browne á cobrinha nove metros de comprimento: pois bem! apenas lhe concede uma circumferencia de cincoenta e cinco centimetros ou um diametro de pouco mais de dezeseis centimetros! inadmissivel, por mais elasticidade que se queira admittir aos tecidos da sympathica *Ibibaboka*.

Afim de reforçar os credits da narrativa, publicou o nosso desertor uma gravura, que é a principal peça de seu summario de culpa contra a verdade. Difficil será, com effeito, encontrar-se estampa mais ridicula e idiota.

A palmeira em que se encarapitam os perseguidos do minhocão esgalha-se abundantemente, a partir de uns dez metros do sólo, numa fronde que pode ser a de todos os typos vegetaes, mas nunca a dos individuos da familia das palmaceas.

Os fugitivos, alcandorados em possantes galhos, só á custa

de prodigiosa acrobacia devem ter podido lá guindar-se e engrimpar-se. Ainda bem para o inglez marinheiro e para a india. Mas a bella Olympia? como poderia esta mimosa criatura izar-se por aquelle fuste alto, grosso e roliço, a cuja base se enrodilha a serpe, cujo diametro a figura nos mostra ser o dobro da cinta do galante e dedicado Parr. Então teria o nosso britannico apenas oito centimetros de diametro!

Pintou-se o nosso Browne em heroica attitude, arma ao rosto, visando o monstro, cuja cabeça se alça ao nivel dos pés de suas victimas, e cuja lingua, indefectivelmente bifida, devia ter, pelas dimensões da estampa, ahí uns setenta centimetros de comprido!

A soldadesca esparramada fórma o fundo do quadro tentando dominar as suas alimarias espavoridas. Apenas dois homens descalvagados acompanham o heroico enfrentador do bicharoco, mas numa attitude tal que parecem estar apresentando armas em continencia á *Ibibaboka*.

Olympia, envolta em enorme manto, que toma ares de trajos de baile, apoia-se ao robusto peito do amado. Estão ambos installados num galho da palmeira (!) que devia ter tido, pelo menos, meio metro de largo. A india Rolla (?) esta se acha atracada a outro galho e assentada em sua bifurcação.

— Com esta estampasinha está feito o nosso negocinho, devem ter pensado os Srs. Lee e R. S. Kerby, honestos editores londrinos. Não haverá quem não nos compre a “terrivel narrativa, de John Browne!

E assim se enriqueceu a literatura xeno-brasileira, anglo-brasileira, com este elemento pittoresco e referto de informações veridicas, dignas do immortal grego beotarcha que nem por brincadeira se deixava arrastar ao deslize da mais insignificante peta.

Calculem-se as effusões de conhecimento dos “pombinhos” escapos ás fauces e ao halito da hedionda *Ibibabofa*! Ainda assim lhes restava um ultimo sobresalto. Que planos seriam os da escolta a seu respeito?

Browne tranquillizou-os, assegurou-lhes a protecção da força armada, cuja missão fora apenas reconduzir os fugitivos “ao

gremio da sociedade culta a que pertenciam". Bellas, nobres e inesqueciveis **palavras!**

A pobre Rolla não queria largar o seu possante "galho de palmeira!" Coitada! bem sabia que sempre pagam os pequenos as asneiras dos grandes. Só desceu quando o official, commandante da escolta lhe garantiu o perdão.

Cahira a noite. Compartilharam os fugitivos do rancho da tropa e receberam, de seus salvadores, sobretudos, dormindo enrolados em taes capotes.

No dia seguinte a entrada do cortejo na Bahia, foi a mais vexatoria para a pobre Olympia. A cidade em peso, devorada pela curiosidade, estava na rua. Immensa multidão estacionava em frente ao palacio governamental.

Dom Antonio Ferrajez recebeu os fugitivos com a habitual brandura. Movido por particular delicadeza fez pequeno *speech* de censura á bella escapa ao patrio poder do respeitavel Alvarez. Eloquentes, profundo psychologo dos recessos do coração feminino assim a interpellou o bondoso homem: "Senhora! Eu me atreveria a-lhe verberar o imprudente procedimento se não soubesse que procede do amor e da gratidão"!

A phrase era arriscada em relação aos sentimentos basicos da constituição familiar da época. Assim Dom Antonio Ferrajez entendeu dever mitigar-a por uma restricção: "Muito embora o reconhecimento filial devesse prevenir-vos que ieis commetter grave falta para com vosso pae, o homem que vos salvou a vida era certamente digno de vosso affecto, mas tambem passivel de censura por vos ter obtido a mão em matrimonio clandestino!

Como se vê o nosso Dom Antonio cultivava o genero dos que simultaneamente malham em cravos e ferraduras.

Dirigindo-se depois ao joven inglez, apostrophou-o o digno governador em tom de grave e merencoria advertencia.

— Realmente não sei o que vos diga Sr. Parr! Sois evidentemente fidalgo e homem de boas rodas, como tanto transparece do vosso saber e maneiras. Como, portanto, vos deixastes arrastar ao rapto desta joven e innocente senhora, da casa paterna? e a convencestes da necessidade da permanencia entre barbaros indios, onde vos teria sido impossivel a felicidade?

Parr se oppuzera, entre parenthesis, e com todas as forças, á romantica escapula ideada por sua mulher. Mas d'elle diz o nosso artilheiro "perfeito cavalheiro como era, prefiria mil mortes a accusar a sua bem amada". Foi ahi que esta interveio. Em palavras entrecortadas pelos fundos soluços, confessou que toda a culpa lhe cabia, nessa proeza que quasi lhe custara a vida, e ao marido adoradissimo.

O bom Dom Antonio, enternecido ao ultimo ponto, resolveu servir de juiz de paz, promovendo a reconciliação geral dos culpados com seu pae e sogro. Emquanto isso convidou o par fugitivo a elegante jantar preparado em palacio, repasto de que participou Browne, o novo Hercules matador de pythões.

A' sobremesa appareceu, seguido do velho Alvarez. Quando Olympia se avistou com o pae, tal choque sentiu que desmaiou. Mas o negociante, sob a influencia do excellente Ferrajez, estava com os sentimentos modificados.

Assegurou o perdão á desatinada filha e pela attitude cordial tranquillizou-a e ao genro.

Retirou-se Parr da Bahia, receioso da vingança do antigo namorado da bella Olympia um tal Lorenzo Tagusio (sic!) cujos capangas certa noite quasi lhe haviam dado cabo da pelle.

Quanto ao heroico John Bowne passou elle por novos e alanceados transes. Foi na Bahia recrutado e mettido a bordo de um navio de guerra de sua propria nação que á Australia levava presidiarios.

Conseguiu disfarçar-se sendo, depois de visitar o Cabo da Boa Esperança transferido para bordo de outro navio de guerra.

No verão de 1801 viu-se engajado para o cruzeiro do *Duke of Clarence*, que patrulhava o Atlantico Sul. Nesta campanha assistiu á captura de dois navios francezes, piratas. Como o *Duke of Clarence* aportasse a Santa Helena, achou o nosso homem prudente apresentar-se e recitar o seu *confiteor*.

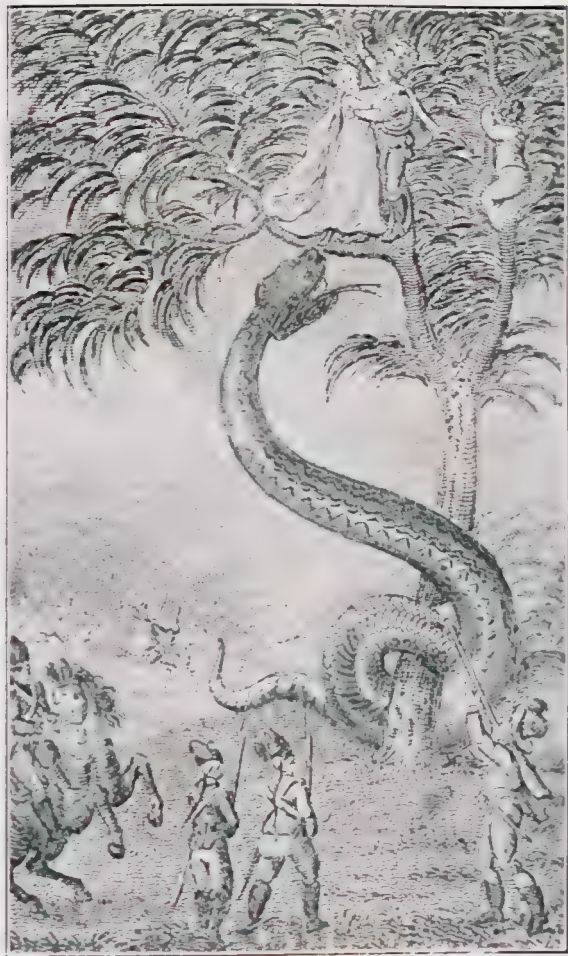
Reunido o conselho de guerra, que devia julgal-o, pretende ter sido tratado com muita brandura. Generosamente esqueceu a junta a falta, attendendo a que os horrores da travessia já o haviam castigado sufficientemente. E accrescia ainda a circums-

tancia de que o seu estado de saúde continuava precário. Tão indulgente se mostrou, mesmo, que até lhe permittiu voltar logo á terra natal.

Tambem exclama o grato absolvido: “espero que minhas desastrosas aventuras e a triste sorte de meus companheiros de soffrimento hão de sempre impedir os homens da guarnição de Santa Helena de se empenhar em tão allucinada empreza quanto a minha”.

Que haverá de verdadeiro em tudo quanto escreveu mestre Browne? indagamos, novamente.

O caso da Ibibaboka deixa-nos positivamente sceptico. Terá existido a bella Olympia? E Dom Ferrajez? E os mais da sua roda? Rolla & C.? Terá acaso, realmente, vivido John Brown, artilheiro que no anno da graça de 1799, appareceu na Bahia, fugido de Santa Helena?



A serpente Ibibaboka



Novas historias de monstros e monstrengos maritimos e terrestres

Já, assaz extensamente, demos noticia das innumerables crendices e abusões muitas dellas grosseiras, e grosseirissimas até, reinantes no publico luso-brasileiro setecentista. E no emtanto arrancando os maiores encomios geraes como ocorreu por exemplo com as séries de estapafurdias patranhas transcriptas, e invocadas em 1759, por Pedro Norberto de Aucourt e Padilha.

Largamente floresceu até principios do seculo decimo nono, a literatura sobre os monstros, sempre apreciada por avultado publico, curioso por conhecer pormenores sobre os especimens teratologicos que lhe eram apontados.

Verdadeira revivescencia de recordações da Humanidade das cavernas ás voltas com uma série de animaes apavorantes — de especies hoje extinctas e incomparavelmente mais fortes do que os nossos mesquinhos ancestrs — estas impulsões atavicas explodiam periodicamente sob a forma de noticias estarrecentes.

Uma das mais curiosas, e das ultimas, de taes atoardas foi a fabula setecentista da famosa *Bête du Gévaudan* que toda a França conhece.

E filha da allucinação collectiva.

Este monstro pavoroso que, em 1765, aterrorisou uma provincia inteira da França central e sobre o qual se escreveram milhares de paginas, em prosa e verso, illustradas e não illustradas, não passava no emtanto de um lynce, verdade é que agigantado.

Em Portugal a "literatura monstruosa", se assim lhe po-

demos chamar, é assaz vultosa, como aliás em toda a Europa. Ora se occupa de elementos reínoes ora, e sobretudo, da zoologia teratologica das possessões lusitanas.

Um dos numeros dessa bibliographia, ingenuamente toleirona, vem a ser a *Relaçam do monstruoso peixe que nas prayas do Tejo appareceu em 16 de maio deste presente anno de 1748, offerecida ao publico por Manuel da Conceição livreiro morador na rua do Loreto.*

Principia tal moxinifada pelos seguintes e desfrutaveis concitos:

“Prodigiosa é a natureza na creação de seus individuos, assim terrestres como aquaticos, sendo tantas as variedades delles que por mais que os autores se desvelaram com referillas nunca foi possivel numerallas.

Porque dos quatro elementos, que a omnipotencia divina criou para theatro, em que o homem representasse a Tragicomedia de sua vida, a tres povoou de irracionaes, que como subditos lhe obedecessem e como alimentos o sustentassem.

E dando-lhe a investidura de Rei, quiz provar se cumpria com as obrigações de majestade, se já não foi, que como lhe pretendia dar corôa, era justo que a merecesse na campanha.

Rebelou-se o homem contra Deus, e rebelaram-se as outras criaturas contra o homem e sendo dantes temido, ao depois veyo a ser tímido. Antes lhe davam obediencia, ao depois lhe causaram molestia. E apenas, de tantas especies, ha uma que lhe não seja trahidora.

Na terra, que males não recebe o homem do Leão, do Javalv, do Elephante e da onça?

A quantos não tem tragado os lobos sendo de todos estes os mais covardes?

Quantas ciladas lhe não armam as serpentes?

Finalmente até uns viventes atomos o afflijem: no ar parece que estudam as aves o modo como o hão de perseguir, e quando não podem na pessoa, o fazer nas herdades.

Entre todos me parece que são os peixes os que mais ao homem desobedecem e os que em sua especie maiores gigan-

tes conservam, pois nenhuma comparação tem na terra. Elephantive castello animal da montanha como a Balea, cuja grandeza he igual, e me atrevo a dizer, que excede á maior nau que sulca as perigosas derrotas do Brasil e Indias. Por esta monstruosa machina padecem muitos navegantes excessivos trabalhos”.

Passa o douto autor a relatar que uma vez viajando para a Bahia, vira-se perseguido por baleia de descommunal tamanho! Escapara felizmente, graças a uma traça bem conhecida da gente maruja: derramar azeite á superficie das aguas. Isto fizera, com que o monstro se detivesse a beber o liquido oleaginoso dando tempo ao navio de fugir a tão grave perigo.

Descreve o autor a seu modo, a pesca da baleia na Bahia um dos raros pontos das costas de possessões portuguezas onde tal caçada se effectuava quer lhe parecer. Não tem interesse maior excepto quanto a um reparo: exprime quanto, a seu ver, “seria melhor que os caçadores do cetaceo se empregassem em destruir os infieis”.

Refere depois aneddotas sobre os tubarões e a sua ferocidade mas tambem sem maior valia.

Passando ao principal assumpto de seu communicado scientifico (!) explica o digno Manuel da Conceição que o seu peixe tinha 32 palmos de comprimento (7m.04) e dez de largura (2m.20) dispondo de uma bocca dentro da qual se aninharia um homem da mais alta estatura.

A cauda com sete e meio palmos de largura (1m.54) era em leque e como que correspondia a monstruosa espinha. Quanto á anatomia de tal bicharoco o que nella havia de mais interessante vinha a ser o seguinte: o monstro não tinha intestino e apenas um figado immenso!

Antes porém da *Bête du Gévaudan* andou Portugal ás voltas com a tremenda “féra de Chaves” assumpto da noticia impressa que sobre ella fez correr, e com todas as licenças necessarias. Joseph Felipe, editor.

Manifestou-se o Santo Officio, no sentido de deixar circular semelhante chorrilho de imbecilidades que obteve a approvação até do bispo titular de Lacedemonia.

Trata-se de opusculo de dezeseis paginas cuja folha de rosto traz a seguinte epigraphia Relação |verdadeira| de espantosa FERA,| que ha tempos a esta parte| tem apparecido em as vizinhan|ças de Chaves| os estragos que tem feito| E diligencias que se fazem para a apanharem: se|gundo as noticias participadas por car|tas de pessoas fidedignas da|quella Provincia. |Lisboa| Na officina de Joseph Philippe |Anno 1760| com todas as licenças necessarias.

Como introito expende o autor uma série de considerandos filha de uma philosophia tão valiosa quanto a de seu antecessor o homem do peixe monstro.

“Prodigiosa é a natureza na criação de seus individuos, assim terrestres como aquaticos, sendo tanta a sua variedade que por mais que os naturalistas se empenharam na sua descripção, foi esta materia, muito superior ás suas forças; nós porém que habitamos em o jardim da Europa qual é na opinião de muitos a nossa Hespanha, admiramos os que muito tem por natural”.

Na Africa não costumam os naturaes sahir das Cidades. Villas, ou Logares, sem a escolta sufficiente para a defensa de monstruosas Féras, que criadas nos incultos matos são estrago geral de quantos encontram; A Asia não menos é abundante de animaes ferocissimos, a America bem sabido é que na sua vastidão se criam as maiores Serpentes.

Ali se vê o Jacareu nas aguas, com tanto atrevimento como fortaleza, virar, uma canôa carregada, e fazer pasto da sua fereza a quantos pôde colher com suas unhas; a Cobra, a que chamam Sucurú (*sic*) que atravessada nos rios faz horrorosa a sua passagem, a esta chamam os naturaes Cobra de Veado; é de tanta grandeza que engolindo um Boi só as armas lhe impedem a que de um trago o não recolha logo. As suas forças são tantas que em certa occasião pretendendo os habitantes das margens de um rio livrar-se do “onus”, que lhe causava a assistencia deste animal aquatico, lhe armaram com uma Cabra atada a uma corda de bastante grossura tendo preparada uma junta de Bois para a puxarem a terra, tanto que ella fizesse no ani-

mal presa, porém era tanta a força que a Cobra fazia que se viram obrigados a conduzir outra junta para que aquella, que tinham não fosse pasto da mesma a que queriam fazer presa.

Foi tirada em fim para terra, não sem algum perigo dos que assistiam á sua conducção. Não ha em todo o Brasil animal maior que este, não deixa com tudo de os haver ferocissimos; como é a Onça, a que coisa viva não escapa, outra Cobra, cujo veneno é tão pestifero, que apenas se liga com o sangue é inevitavel a morte, é tão frequente nas terras da America que nas Aldeas, e Logares menos populosos se viam os habitantes muitas vezes enroscadas com as camas.

Estes são os animaes que mais se dão a conhecer pela frequencia, que ha do seu genero: além destes se tem encontrado alguns muitos raros, já pacificos, já ferozes: desta quantidade é o de que trataremos na presente Relação”.

Estava felizmente a península iberica indene de semelhantes monstros. Ou pelo menos passara por tal até o apparecimento da horrenda fera que enchia de terror a comarca de Chaves e quasi toda a provincia de Tras-os-Montes e adjacencias castelhanas.

Victimas de sua ferocidade já se contavam mais de cem!

E todas ellas lamentaveis, por serem as mais do sexo feminino! “Ao principio ficavam livres da sua ferocidade as pessoas adultas, ou fosse na Féra temor, ou displicencia, agora porém a tudo investe com tanto furor, que não ha pessoa a quem ao perto veja que de sua ferocidade não fuja.”

“Estas crueldades accrescentava o nosso informante tem posto a terra em uma grande confusão, e espanto, e querendo livrar-se de tão grande inimigo, se tem ajuntado por tres vezes as Ordenanças, e Auxiliares daquelles povos a fazer varias montarias, levando em sua companhia alguns soldados de cavallo, porém infelizmente succede que quando estas prevenções se fazem com as quaes se imagina vencer um mal tão grande, e colher, ou morta, ou viva uma Féra tão horrivel:

Ella em semelhantes tempos se occulta de fórma que nos mesmos lugares que antes tinha frequentado não apparece nem

ria esta ao cavallo em que era seguida, se arrebentando os loros não receasse este valoroso homem precipitar-se do cavallo; por cujo motivo desistio da empresa”.

Eclypsou-se o monstro fatal á comarca de Chaves e outras, mas já reapparecera pimpão.

“A Féra depois deste accommettimento por muitos tempos não foi vista, passado o qual termo tornou a apparecer dando signal de si com duas mortes.

Apareceu por alguns tempos em um sitio longe, e com tanto descanso que deu occasião a que um curioso lhe tirasse do modo possivel o presente retrato”.

O “presente retrato” é simplesmente impagavel: Uma cara bem bovina de larga face enrugada de pensador, nariz correcto, grande beiçola, adornada de bigodeira a Humberto Primo, dentuça magnifica em que sobresaem incisivos immensos, digno de algum babirussa paleontologico. Corpo de escamas embricadas como se fosse o de um tatú encascado de ferro e cauda recordando uma folha de samambaia terminada por um espanador de pennas. Tal o retrato verdadeiro da espantosa féra de Chaves.

Contra ella se mobilizaram tropas! O General Veiga pensara em mandar o filho á testa de sessenta cavalleiros e duzentos infantes, afim de ver se dava cabo do canastro de semelhante bicharoco.

“Permitta o céo possa effectuar-se esta diligencia!” concluia o nosso homenzinho, o esperto Joseph Filippe que com certeza apanhou uns bons tostões, senão umas boas patacas dos papalvos a quem impressionara com a *Relação Verdadeira* E ria-se dos seus tosqueados, a bom rir...



O monstro do Caminho do Mar



SciELO

XIII

O monstro do Caminho do Mar

A America, continente mysterioso, de impenetravel floresta, apresentou immenso campo ao delirio da imaginação européa em materia de sêres monstruosos, habitantes de sua selva. No nosso Brasil florestal collocaram os viajantes e os geographos os monstros horrendos como os anthropomorphos *coruqueans*, *guayazis* e *matuyús*, as fêras temerosas da ordem da *simiavulpina* e do *hay*, as serpentes immensas como a *shueyebatuescha*, etc.

Mas de outro monstro assolador de terras paulistas não tinhamos noticia documental, até que graças ao eminente e erudito amigo Alberto Lamego, descobrimos um, novo e interessantissimo, porque se refere á mais illustre estrada de nosso paiz: o Caminho do Mar.

E delle tomamos conhecimento, graças a rarissimo opusculo, hoje verdadeiramente notavel como raridade. Refere-se a uma serie de boatos correntes em Lisboa em principios do seculo XIX e consubstanciados num livreco a que acompanha uma estampa a cores.

Diz a sua folha de rosto: Historia | do | Bicho | ou | Monstro | que dizem fôra trazido da | America para esta capital | Lisboa | na Impressão Regia | Anno 1807 | com licença de Sua Alteza | Real | Vende se por 240 réis na Loja da Gazeta, e na Impres | são Regia | com hum Estampa | illuminada.

A este annuncio correspondem umas poucas paginas sandias.

Explica o autor que deseja explicar o significado de uma estampa muito divulgada na capital portugueza, havia pouco. Mas claramente transparece que procurava auferir lucro do mo-

vimento da curiosidade publica nascida da contemplação do retrato de tal monstro.

“A noticia, meu amado, Silvio, que se principiou a espalhar nessa Provincia, a respeito do Monstro trazido dos bosques da America a esta capital, correo aqui muito tempo como huma cousa infallivel; assim he provavel que se communicasse a todo o Reino, e até os Paizes Estrangeiros, como hum facto positivo, e fora de toda a duvida.

Ha perto de hum mez que apparece aqui, a pintura de hum Monstro humano, representando hum Gigante de doze Palmos de altura; com quatro de largura nas espadoas, e todas as mais partes do corpo proporcionaes a estas dimensões.

Este imaginario Gigante he representado todo cuberto de pello como hum urso, com o embigo e os olhos vermelhos, e unhas crescidas e curvas como as garras de leão e dentes de javali.”

O interessante era que tal abantesma ou cousa que valha procedia dos recessos da selva paulista. E a sua historia de anthropophago se relatava pavorosa.

“Dizem que este Monstro apparecera entre São Paulo e Santos, devorando dous homens, que tiverão a desgraça de o encontrar, andando elles á caça.

Eis aqui em poucas palavras a sua historia: Oito caçadores daquelles sitios sahirão a caçar pelos mattos divididos dous a dous tendo ajustado entre si de se ajuntarem a certa hora em hum lugar que assignalarão.

Tres destes quatro pares, depois de vagarem muito tempo pelo matto forão dar ao lugar assignalado para se ajuntarem e não achando alli os outros dous companheiros, esperaram por elles; mas observando por fim que tardavam já demasiadamente, forão procurados pela parte por onde se concordara que tomarão a sua derrota.

Os seis caçadores depois de andarem hum espaço consideravel de terreno, virão o tal Monstro devorando hum dos seus companheiros, tendo já morto o outro, que se achava estendido por terra junto delle.

Estes seis caçadores ficarão atterados á vista do espectáculo horrivel, que lhes offerecia o carnívoro Monstro, devorando os seus infelizes companheiros. Posto que se achassem armados de espingardas, polvora, balas, e punhaes dos que elles costumão trazer nas digressões que fazem pelos bosques não se atreverão a investillo.”

Não tardou porém que os escapos ao medonho bicharoco procurassem vingar os miseros companheiros:

“Passados os primeiros momentos de terror, que lhes enfundio tão lamentavel espectáculo, consultarão entre si sobre a resolução que tomarão em lance tão critico, e resolverão unanimemente ir chamar gente armada para poderem atacar o Monstro, sem o perigo de se exporem a ser igualmente victimas da sua voracidade.

Em consequencia desta resolução correrão apressadamente a hum logar pouco distante dalli, e trouxeram consigo muitos homens armados com espingardas, polvora e balas; e achando que o Monstro continuava devorando tranquillamente a preza, sem se assustar com a presença da muita gente que viu, atirarão-lhe muitos tiros com balas, admirando-se muito de verem que o não ferião pelo não penetrarem as balas.”

Mas fatalmente deveria o pavoroso bicharoco ter o classico “tendão de Achilles”. Mas este não era nos membros inferiores.

“Não se desanimarão inteiramente com isto: e continuando a atirar-lhe, acertarão-lhe uma bala no embigo, a qual penetrando no interior do corpo o matou, fazendo-o cahir por terra”.

Explicava depois o bom autor que a sua historia admittia diversas versões.

“Esta historia conta-se com muitas variantes, algumas das quaes o descrevem cuberto de conchas pela parte da barriga; e as copias que se tem tirado da pintura deste Monstro, vão-se igualmente variando pintando-o cada copista mais ou menos hediondo segundo a maneira com que ouve descrever.”

E nada mais idiota quanto as considerações sobre a provavel familia ou tribu a que devia pertencer o gigante do Caminho do

Mar, que possivelmente poderia ter vindo de região a mais longinqua.

“A existencia de hum Gigante, como este suppõe necessariamente a de outros mais, porque não só ha de ter pae, mãe e avós mas ha toda a probabilidade de que tenha irmãos e sobretudo parentes errantes nos bosques ou habitando algum Paiz a maior ou menor distancia do sitio onde foi encontrado.

Fazem-se já algumas reflexões a este respeito, suppondo algumas pessoas que o tal Monstro seja algum Selvagem vindo do Paiz dos Patagões, onde os homens, segundo as descripções de viajantes acreditados, são com pouca differença da corpulencia do que faz o objecto deste escripto.”

Fazia-se então a applicação do caso ao ambiente paulista com o desvendamento de uma novidade que certamente deixará surpresos os nossos leitores:

“Em São Paulo em outras partes da America Meridional ha huma antiga tradição de que se achão naquelles Sertões Tribus de Povos selvagens da grandeza de Gigantes cubertos pela maior parte de cabellos e carnivoros.

Estes homens são conhecidos pelo nome de Caipiras (sic) que quer dizer Selvagens dos bosques, porque *Cai* na lingua do paiz significa bravo e *pira* arvore (sic!!) e como alli ha hum uso de fazerem os adjectivos substantivos, designão o homem bravo que vive entre as arvores, com o nome de Caipira.

Outras pessoas dizem que *Cai* significa macaco, e que Caipiras são macacos grandes que vivem no interior dos bosques; e assegurão, que em São Paulo se põe medo ás crianças com *Caipira*, como entre nós com o Papão.

Eu mesmo ouvi dizer a hum sojeito condecorado, natural daquelle Paiz, que a existencia dos Caipiras era hum facto bem averiguado, e que haverá pouco mais de trinta annos, que os caçadores das vizinhanças de São Paulo tinham morto hum.”

Eis um punhado de bellas novidades para brasileiros e sobretudo paulistas. Continua o douto autor com a sua dissertação erudita que logo depois envolve questão da maior relevancia no nosso folk-lore indiatico.

“Tambem se diz, que outros Selvagens conhecidos pelo nome de Caiporas, de estatura baixa, mas que se não tem visto nunca mais de que hum só por cada vez (montado em hum porco bravo, que serve de guia a hum rebanho inteiro de porcos.

Os taes caiporas, segundo a opinião de alguns habitantes daquellas Terras, são os filhos dos Caipiras (sic!!) porque como estes são carnivoros domesticam os porcos bravos e põe em cada rebanho hum dos seus filhos para conduzir estes animaes.”

Explanada esta questão que envolve um dos mais curiosos mythos amerindios avêta o nosso desvendador de mysterios mais uma hypothese. Diz respeito a caso da maior relevancia na esphera da zoologia. Simios anthropoides na America: no Brasil! em São Paulo!

“Algumas pessoas suppõem que o Monstro de que se trata he hum ourangoutang, de estatura gigantesca; e como estes animaes andão de pé como os homens, podião os caçadores de São Paulo tomal-o por hum Caipira, suppondo-se a origem desta historia verdadeira.”

Ao terminar narra o sabio anonymo as diversas peripecias do caso do seu monstro, contando quanto em Lisboa causara elle verdadeiro e mallogrado movimento da curiosidade popular.

“Ha cinco ou seis mezes, que ella principiou a espalhar-se no Rio de Janeiro, fazendo o objecto das conversações, como faz actualmente ás desta capital, onde algumas pessoas das que têm obrigação de ponderar o que dizem, affirmão a verdade desta historia, asseverando que o tal Monstro veio embalsamado do Rio de Janeiro para esta cidade.

Isto fez engrossar tanto o boato publico que determinou muita gente a ir de proposito ao Museu de Belém para ver o tal Monstro, por se dizer que se achava já ali depositado; mas o seu trabalho foi perdido nesta parte, porque com effeito não existia este objecto da sua curiosidade.

Um movimento de probidade scientifica levava, porém o nosso articulista a expor o que sabia de mais exacto sobre tão extraordinario acontecimento.

“Informando-me miudamente com differentes pessoas che-

gadas agora do Rio de Janeiro, cheguei a saber com toda a certeza que se não vio alli o Monstro de que se trata; o que posso segurar aos meus leitores porque consultei pessoas fidedignas de muita probidade e algumas das que devião saber isto de officio.”

E afinal, como remate, surgiam umas linhas que não deixavam de ser tranquilizadoras para aquelles que pretendessem, nas terras de São Paulo, sahir á busca da arvore das patacas, planta typica da flora brasiliense.

“Não falta quem attribua a origem desta historia a humas caricaturas a que os espiritos satiricos costumão recorrer para se vingarem dos seus inimigos, quando não o podem fazer por outro modo”.

Seja como for a historia do bicho monstro é pittoresca achega para os fastos anecdotarios do nosso glorioso Caminho do Mar, que já se podia ufanar do seu formidavel jagueretê, do seu “man-cater” de 1655, devorador insaciavel de viandantes.

Já lhe appareceu um lobishomem authenticico, só lhe falta agora que dos archivos saia alguma nova narrativa, bem cabel-luda, das façanhas, hoje obliteradas pelo tempo, de um Luigi Vampa eventual.

Agora como ultima noticia: *last but not least* (este inglez apesar de estafado é comodo) está o *Monstro do Caminho do Mar* em exposição permanente no Museu Paulista, derradeiro ambiente de suas façanhas — verdadeiras.

INDICE



INDICE

I

- Os Dialogos das Grandezas do Brasil. Erudita e trabalhosa exegese 915 — 5

II

- Ainda os Dialogos das Grandezas do Brasil, os prestimos bellicos do cangambá, Frei Vicente do Salvador 929 — 19

III

- Claudio d'Abbeville e Ivo d'Evreux 939 — 29

IV

- Ainda Ivo d'Evreux 951 — 41

V

- Ricardo Flecknoe — Simão de Vasconcellos 959 — 49

VI

- Coreal Dampier. Informes variados e mais verosimeis 967 — 57

VII

- Os hollandezes no Brasil — Nieuhof 979 — 69

VIII

- Pedro Aucourt e Padilha e suas "Raridades". Valor desta obra como padrão de cultura. Curiosidades e mais curiosidades 983 — 73

IX

Anomalias, prodigios, curiosidades phenomenaes do mundo zoologico	995 — 85
---	----------

X

Novas maravilhas. A phenix e a aguia bicephala. Prodigios e mais prodigios	1007 — 97
--	-----------

XI

Aventuras prodigiosas de John Brown, artilheiro passado da Ilha de Santa Helena á costa do Brasil	1019 — 109
---	------------

XII

Novas historias de monstros e monstrenghos maritimos e terrestres	1031 — 121
---	------------

XIII

O monstro do Caminho do Mar	1039 — 129
-----------------------------------	------------

NOTA -- A numeração lateral corresponde á das paginas de separata.

UM AMIGO DO MUSEU PAULISTA
DR. ALBERTO PENTEADO
(1872-1934)





SciELO



Dr. Alberto Penteado

* Campinas — 21 de Agosto de 1872

† São Paulo — 4 de Abril de 1934





UM AMIGO DO MUSEU PAULISTA:

DR. ALBERTO PENTEADO

Personalidade sobremodo distinta pela intelligencia, a instrucção e o amor á tradição e á cultura consagrava o saudoso amigo.

Dr. Alberto Penteado o maior interesse ás grandes instituições de sua terra natal. Ao Museu Paulista particularmente. A' bibliotheca do nosso instituto fez valiosa doação de parte de sua rica livraria historica e juridica: largo acervo de volumes a que impuzemos o nome de *Collecção Alberto Penteado*. Encerra assaz larga brasiliana e lusitana em que avulta sobretudo vultosa collecção facticia de leis, decretos, provisões e alvarás etc., abrangendo cinco seculos de legislação portugueza e brasileira até 1822, acervo este sobremodo precioso.

Em obediencia a elementar sentimento de gratidão transcrevemos para as nossas paginas um artigo necrologico assaz completo, do amigo presadissimo em que se fez justiça aos meritos do tão prestante paulista de cuja amizade muito nos desvaneciamos e cuja memoria recordamos com a mais viva saudade.

Subscrevemol-o muito gratamente.

S. Paulo, 20 de novembro de 1936.

Affonso de E. Taunay.

ALBERTO PENTEADO

ALBERTO PENTEADO

ALBERTO PENTEADO

ALBERTO PENTEADO

ALBERTO PENTEADO

ALBERTO PENTEADO

ALBERTO PENTEADO

DR. ALBERTO PENTEADO

(1872-1934)

Nascido em Campinas, Estado de S. Paulo, aos 21 de agosto de 1872, filho legitimo de Diogo Leite de Camargo Penteado e de D. Maria da Annuniação Campos Salles, neto paterno de Domingos Penteado e D. Maria da Rocha Camargo, e materno de José de Campos Salles e D. Maria Barbosa de Camargo, fundadores de grandes lavouras de café na zona da Cia. Paulista e especialmente em Jahú, Banharão e Pederneiras, onde possuíam grandes glebas de terras, embora desde muito radicados em Campinas, procedia o Dr. Alberto Penteado pelos seus remotos ascendentes dos povoadores quinhentistas vicentinos.

Fez os primeiros estudos de humanidades na propriedade agrícola de seus paes, a Fazenda *Exílio*, no Banharão, com preceptores contractados para sua Família, os Profs. Bricquet, Fannelli e Galvão, matriculando-se mais tarde em Campinas, no historico *Collegio Culto á Sciencia*, donde se transferiu para S. Paulo, em cuja Faculdade de Direito ingressou.

Revelando-se estudante notavel, especialmente apaixonado do Direito Romano, e republicano convicto, alistou-se durante a Revolta da Armada em 1893-1894 no Batalhão Academico seguindo para o Rio de Janeiro, onde foi servir na Praia Vermelha.

Diplomando-se em Sciencias Juridicas e Sociaes, a 15 de maio de 1894, contrahiou nupcias, no mesmo dia, com a Exma. Snra. D. Julia de Almeida Prado Penteado, filha de Carlos de Vasconcellos de Almeida Prado e da Exma. Snra. D. Olympia Fonseca de Almeida Prado de cujo matrimonio houve cinco filhos e tres filhas.

Em 22 de agosto de 1897, foi nomeado por Decreto do Governo Federal, Procurador Geral da Republica no Estado de S. Paulo, cargo que com brilho occupou até 1899, quando voltando as vistas para a lavoura cafeeira, seguiu a cultivar suas terras em Pederneiras, onde fundou a Fazenda *Ypiranga*, ao mesmo tempo em que como Prefeito dirigia a municipalidade local.

Regressando, annos após, a S. Paulo, occupou um dos cargos de Director da Cia. Mogyana de Estradas de Ferro, superintendendo os seus escriptorios em S. Paulo. Em 1913, após longa excursão pela Europa, deixou tal commissão para, logo em seguida, e em companhia de Albuquerque Lins e Gonzaga de Azevedo exercer o lugar de director do Banco de S. Paulo. Nelle permaneceu até 1921, quando passou a dedicar-se exclusivamente a seus interesses particulares, e entre elles a advocacia.

Dedicou-se, intensamente ao estudo da Historia Americana e Patria especialmente a Paulista, collaborando, ao mesmo tempo, em varios empreendimentos artisticos. Assim foi um dos directores da Sociedade de Concertos Classicos de S. Paulo e dos organisadores da conhecida "Semana de Arte Moderna" no theatro Municipal de S. Paulo conjuntamente com Paulo Prado, Graça Aranha, René Thiollier, Guilherme de Almeida, Oswaldo de Andrade, Mario de Andrade Menotti del Picchia, Tarsila Amaral e outros intellectuaes.

Preoccupando-se, sempre com o bem estar de seu Paiz, durante a Revolução Militar de 1924 em S. Paulo, á vista da pretensão de alguns industriaes estrangeiros de se prevalecerem das occurrencias de então para obrigarem, por via diplomatica ao Governo Federal a indemnisal-os, dentro de criterio unilateral, assumiu, pelas columnas do "Diario Popular" attitude de franca defeza do patrimonio nacional, publicando brilhante serie de artigos de character profundamente juridico, relativamente á responsabilidade civil do Estado em face dos movimentos reaccionarios e sediciosos. Provou então de fórma irrefutavel a irresponsabilidade da Nação Brasileira, e do Estado de S. Paulo, em relação aos damnos supervenientes áquelle movimento militar, these esposada, sempre e posteriormente, por numerosos juristas de relevo, quando chamados ás lides dos Tribunaes do Paiz.

Socio Benemerito do Instituto Historico e Geographico de S. Paulo, dedicou-se á formação de seu patrimonio, enriquecendo a sua Bibliotheca social com numerosos donativos de livros de grande valia historica e geographica. Assim tambem procedeu em relação ao Museu Paulista a quem doou valiosas e numerosas obras de Historia do Brasil e America, por elle proprio trazidas da Europa, durante sua viagem em 1929. Offertou-as por intermedio do dr. Affonso de E. Taunay e nos termos mais generosos ao Governo do Estado de S. Paulo.

Colleccionador apaixonado de objectos de Arte, possuia excellente collecção de pinturas e esculpturas e peças de cera-

mica destacando-se em sua galeria telas de diversos artistas de renome como, Tschaggeni, pintor flamengo; Aiwazowsky pintor marinhista russo; Gaston Ricard, retratista francez; Tournemine, Gilbert, Renoir, de Hingre, francezes, além de Pedro Alexandrino, dē quem foi amigo particular e outros artistas nacionaes de alto relevo.

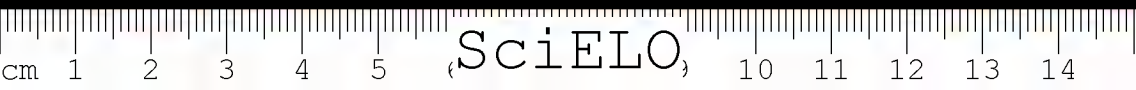
Durante a campanha constitucionalista de 1932, apesar da saude já bem precaria prestou activa collaboração a S. Paulo offerecendo generosos donativos ás tropas em operação e ao Governo Paulista.

Falleceu em S. Paulo, a 4 de abril de 1934, aos 61 annos de idade, provocando o seu desapparecimento verdadeiro pezar de quantos conheceram tão prestante paulista, tão distincto intellectual e cavalheiro



JOÃO LEONARDO DE LIMA
NATURALISTA DO MUSEU PAULISTA
(1874-1936)





SciELO



João Leonardo Lima

* Itatiba — 10 de agosto de 1874

† São Paulo — 15 de outubro de 1936



JOÃO LEONARDO DE LIMA

Nota da Redacção

Biographia singela a deste modesto e prestante servidor do Museu Paulista, cuja vida se escôou empolgada pelo cumprimento do dever e o ardente desejo de concorrer do melhor modo para o engrandecimento da instituição a que pertenceu durante varios decennios. Naturalista apaixonado de sua profissão serviu João Leonardo de Lima longamente ao nosso Instituto. Assim é de toda justiça que na *Revista do Museu Paulista*, a cujo corpo de collaboradores pertenceu, se transcreva o pequeno e exacto necrologio que aqui segue, rememorando a carreira de um digno *self made man*.

Recorda-nos bondosa figura cuja memoria vive entre os seus antigos companheiros de trabalho.

S. Paulo, 12 de dezembro de 1936.

Affonso de E Taunay.



JOÃO LEONARDO DE LIMA

(1874-1936)

Nascido a 10 de agosto de 1874 em Bairro dos Pedrosos, município de Itatiba, Estado de S. Paulo, filho de Joaquim Leonardo de Lima e de D. Maria Luzia do Carmo Lima, naturaes do mesmo bairro e cidade, iniciou João Leonardo de Lima sua vida trabalhosa ainda muito criança entrando para a fazenda do dr. José Machado Pinheiro Lima, mais tarde Ministro do Tribunal de Justiça de S. Paulo. Contava nesta época dez annos apenas. Trabalhou até a idade de 14 annos nesta fazenda de Itatiba, passando a viver em outra tambem de propriedade do dr. Pinheiro Lima, de quem era pupillo, pois precisara deixar, por necessidade, a companhia de sua mãe, já viuva, para acompanhar aquelle magistrado com quem esteve até aos 18 annos.

Nesta idade resolveu ir residir em S. Paulo. Graças ainda ao seu tutor, ingressou na Secretaria do Interior como servente, interinamente. Foi transferido para o Museu a 5 de setembro de 1895, dois dias antes da inauguração deste, tendo neste Instituto feito toda a sua carreira. Em 1896 por acto de 13 de março foi nomeado primeiro servente e em 1897 continuo cargo em que permaneceu até 1905. Enquanto o occupou fez diversas excursões, collectando e preparando material para o Museu.

A 28 de dezembro de 1905 teve nova nomeação, agora para o cargo de preparador, e como demonstrasse grande pendor pela taxidermia e a vida das selvas, foi pelos directores do Museu por diversas vezes incumbido de viajar, afim de collectar material zoologico o que lhe satisfazia plenamente as instigações de naturalista. Percorreu longamente as Serras do Mar, Mantiqueira e muitos districtos dos arredores de São Paulo.

Em 1925 com o passamento do snr. Ernesto Garbe, então naturalista colleccionador do Museu foi, a 8 de julho, nomeado para o cargo vago, realisando então d'ahi em diante larga serie de excursões por S. Paulo e outros Estados.

Já em 1912, tomara parte na comitiva norte americana de naturalistas que percorreu S. Paulo e o Rio Grande do Sul.

Fez diversas viagens pelo littoral e divisas de S. Paulo com Matto Grosso, percorrendo os portos e postos indigenas da Noroeste e tomou parte em dilatadas excursões organisadas por caçadores, medicos e scientistas como as que chefiaram os drs. Miguel Coutinho, Bayma e outros.

Em 1929 realisou uma excursão á Serra de Paranapiacaba com os drs. Oliverio Mario de Oliveira Pinto, M. Allen e seu filho José Leonardo de Lima, em busca de material para o Museu Paulista e o de Havard.

Em 1930 rumou para o Estado de Matto Grosso levando como auxiliar seu filho José Lima, explorando os arredores de Campo Grande, Coxim, a barranca do Rio Piquiry, Miranda e Porto Esperança.

Em 1931 voltou novamente a Matto Grosso, com os srs. dr. Oliverio M. O. Pinto, Assistente do Museu e o preparador snr. José Lima, tendo percorrido as zonas de Valparaíso na Noroeste de S. Paulo, Tres Lagoas, Sant'Anna do Paranahyba e Aquidauana.

Foi esta a sua ultima excursão. Devido ao seu estado de saúde e á idade algo avançada (desde 1927 aliás soffria de uma lesão cardiaca) pediu justa aposentadoria e obteve-a por acto de 31 de outubro de 1931. Veio a fallecer em S. Paulo, decorridos alguns annos de saúde sempre precaria, a 15 de outubro de 1936, no meio da desolação da familia de quem fora sempre o mais extremoso chefe e o mais exemplar.

De sua bibliographia constam os seguintes itens todos da *Revista do Museu Paulista*: "*Aves colligidas no Estado de S. Paulo, Matto Grosso e Bahia*" com algumas formas novas (vol. XII, 2.^a parte, pag. 93-106 com 2 estampas), "*Os morcegos da collecção do Museu Paulista*" vol. XIV, pp. 43-217.





SciELO



SciELO





SciELO



